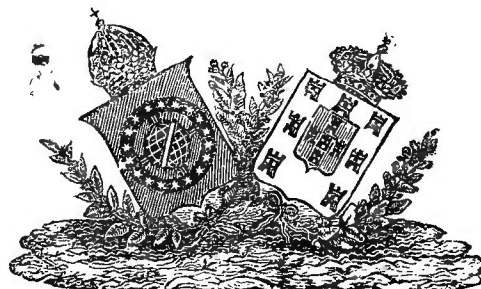


PUBLICAÇÃO LITTERARIA E INSTRUCTIVA
INSTITUIDA PELO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ
PRIMEIRO SEMESTRE.



RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA DE FORTUNATO ANTONIO DE ALMEIDA
RUA DA VALLA N. 441.

1856

DIRECTOR GERAL.

Bernardino Pinheiro.

REDACTORES.

Constantino J. de Azevedo Lemos;

J. J. de Oliveira.

Antonio Leite Machado.

Manoel Leite Machado.

Antonio Xavier Rodrigues Pinto.

Bento Serzedello.

INDICE.

A. M. S. BANDEIRA.

A Philoscopia e a Religião, pags. 4 — 10—17—26.
A queda de Cápua, pags.—34—45—51—60—67—74—
82—91—98—109—114—123—139—145—156—
163—174—178—186—195.
O amor da vida, pag. 59.
Desespéro, (Poesia) pag. 88.
A Felicidade, pag. 107.
O Amor proprio, pag. 119.
Ficção, pag. 133.
Vôo extravagante da imaginação, pag. 141 — 147.
Paris, pag. 149.

ANTONIO LEITE MACHADO.

O Mosteiro de Rofojos de Bastos, pag. 154.

A. SILVA FERREIRA.

Amor, pag. 18.
A' memoravel coroação do novo Rei Lusitano, (Poesia)
pag. 64.
Supplica, (Poesia) pag. 79.
Sem Título, (Poesia) pag. 111.

ANTONIO THOMAZ AQUINO.

Anhelos d'uma viuva, pag. 119.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Ao Gremio Litterario Portuguez, pag. 14.
Litteratura e Civilisação, pags. 17 — 26—35—42—50.
S. Damaso Papa, pag. 37—44—50.
Physiologia do casamento, pags.—53—58—66—75—
83—90—101—105—114—129—137—148—155—
166—171.
Um Drama de Provincia, pags. 116—131.
Um autor de 15 annos, pag. 153.
A Religião e a Sociedade, pag. 161.
O Proscripto, pag. 180.
O Seductor, (Romance) pags. 185—193—201.
O amor de um camponez, pag. 187.
A Ella, (Poesia) pag. 191.
A uma rosa, (Poesia) pag. 192.
A Bernardino Pinheiro, pag 206.

AVELINO MOREIRA DE F. P.

A Fealdade phisica, pag. 146.
A Religião, pag., 157.

BERNARDINO PINHEIRO.

A vinda de Christo á Terra, pag. 2.
Sabina, (Poesia) pag. 6.
O Barqueiro de Napoles, pag. 11.
Virgo Mater Dei, (Poesia) pag. 15.

A Escrava, (Poesia) pag. 23.
O Rapto, (Poesia) pag. 24.
Uma pagina da Historia Portugueza, pags. 25 — 33
41 — 52—57—65—73—81—89—97.
A' memoria de João Dias da Costa, (Poesia) pag. 32.
Versos á menina, (Poesia) pag. 47.
O Conde e a Pastora, (Poesia) pag. 69.
A adúltera, (Poesia) pag. 80.
O amor e encanto, (Poesia) pag. 103.
A donzella e a borboleta, (Poesia) pag. 102.
O emigrado, (Poesia) pag. 120.
Fragmentos das noutes do Presbyterio, pag. 121.
Poesia, pag. 125.

BERNARDES.

Maria Santíssima, pag. 205.
O Riso, pag. 205.
Consolação, pag. 206.

BENTO SERZEDELLO.

Saudade, (Poesia) pag. 199.

BRESSARE E BOCAGE, pag. 22. (Ext.)

CASAL.

* * * (Poesia) pag. 168.

C. J. M.

Preceitos ácerca do dormir, pag. 139.

CONSTANTINO JOAQUIM D'AZEVEDO LEMOS.

A' sumptuosa inauguração do reinado do Sr. D. Pedro V, pag. 134.
D. Pedro V, pag. 49.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

As margens de meu Douro, (Poesia) pag. 30.
A Religião, pag. 118.

DUQUE DE LA RECHEFOUCAULD. (Ext.)

Reflexões moraes, pags. 8—40—72—104—120—152
160.

DELPHIM AUGUSTO MACIEL DO AMARAL.

Considerações sobre o suicídio, pags. 164—169.
A mulher, pags. 195—203.

ECHO ELISIO.

Religião, pags. 77 — 93—99—108—115—129—137
—145—157.
Depois da leitura de um livro, (Poesia) pag. 95.
A Bernardino Pinheiro, pag. 209.

EUGENIO ARNALDO DE BARROS RIBEIRO.

A violeta da serra, (Poesia) pag. 144.
 As flores do meu jardim, (Poesia) pag. 24.
 A Rosa, (Poesia) pag. 40.
 A Philomela, (Poesia) pag. 56.
 O meu sonho (Poesia) pag. 55.
 A morte, (Poesia) pag. 72.
 Rosa murcha, (Poesia) pag. 78.
 Um beijo, (Poesia) pag. 80.
 O Plebeu e a Fidalga, (Poesia) pag. 94.
 Pedro Sem, (Poesia) pag. 104.
 O inverno, (Poesia) pag. 111.
 Tenho saudades do passado tempo, (Poesia) pag. 136.
 Ainda a amo, (Poesia) pag. 143.
 O Cravo, (Poesia) pag. 152.
 Ao meu Amigo o Sr. José Galvão Mexia, (Poesia) pag. 159.
 A Rosa, (Poesia) pag. 160.
 Melancolia, (Poesia) pag. 180.
 Corre meu bote formoso, (Poesia) pag. 182.
 D. Ramiro, (Poesia) pag. 189.

F. J. A.

Ao Sr. José Antonio de Miranda, pag. 206.

F. GOMES DA SILVA.

Rosa abandonada, pag. 79.

F. M. CORDEIRO.

Cuba, Descrição da cidade de Havana (Traducção)
 pags. 20—28—37—43.
 Fragmento da Litteratura classica, pag. 5.

J. B.

O Beija-flor e o jasmim, (Poesia) pag. 48.

J. A. DE LYRA.

Ciume, (Poesia) pag. 38.
 O pobre cego, (Poesia) pag. 71.
 O Castellão e a pastora, (Poesia) pag. 184.

J. AUGUSTO.

Os olhos, pag. 174.

J. C. LOUSADA.

A Pá d'Aljubarrota, (Poesia) pag. 39.
 A Lua, (Poesia) pag. 46.

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

Recordação, (Poesia) pag. 62.
 Que fizeste ? (Poesia) pag. 86.
 Nossa estrella (Poesia) pag. 102.
 Nactus est Jesus, (Poesia) pag. 174.
 A um anjo brasileiro, (Poesia) pag. 198.
 A solidão, pag. 210.

JOÃO A. P. SANTIAGO.

Esperança, (Poesia) pag. 182.

J. J. D' OLIVEIRA.

O Suicida, (Romance) pags. 19—26.
 A um consorcio, (Poesia) pag. 39.—
 Ao meu amigo P. S., (Poesia) pag. 54.

JOÃO MIGUEL DIAS LEITÃO.

A Poesia da Religião Christã, pag. 9.
 Meditação sobre Poesia, pag. 124.

JOSE' MIGUEL DIAS FERREIRA.

Os Religiosos do Monte S. Bernardo, pag. 69.
 As prisões, pag. 140.
 Fragmento de viagens, pag. 177.

JOSE' MORAES E SILVA.

Tentativa, (Poesia) pag. 64.
 A' mulher, (Poesia) pag. 71.
 Amanhã, (Poesia) pag. 120.
 Advinhação, (Poesia) pag. 176.
 Amor perfeito, pag. 200.

L. DE F.

Primavera e o Outono, (Poesia) pag. 127.
 A virgem Cantabrica, (Poesia) pag. 128.

LUSITANO.

Commercio e prosperidade, pag. 91.

LUSO.

Civilização do seculo actual, pag. 109.

MANOEL JOSE' D'OLIVEIRA E SILVA.

Recordação, (Poesia) pag. 96.

M. L. MACHADO.

Saudades, (Poesia) pag. 23.
 Fragmentos de Mithologia. pags. 30—35—43—49—61
 —68—77—85—94—102—105—113.
 O meu sonho, (Poesia) pag. 55.
 A escrava de Hibráhim, (Poesia) pag. 87.
 O caminhante, (Poesia) pag. 110.
 A Rôla, (Poesia) pag. 136.
 As Tres victimas do amor, (Poesia) pags. 151—158—
 166.
 O Natal, (Poesia) pag. 175.
 Gemidos de Amor, (Poesia) pag. 190.
 Um adeus, (Poesia) pag. 192.
 A canção de Leonor, pag. 200.
 A minha lyra, pag. 207.
 Saudade, pag. 208.

NICOLAU TOLENTINO E BOCAGE, pag. 36. (Ext.)

SERPA P.

Ausencia, (Poesia) pag. 160.
 A perda de um Anjo, (Poesia) pag. 176.
 A minha bella Leonor, (Poesia) pag. 191.

P. C. J. R.

A capella de Milides, pag. 197.

VIEIRA.

Democrito e Hippocrates, pag. 188.
 A nossa decadencia na India, pag. 206.

Sem nome.

Imitação, pag. 112.

Aos nossos assignantes pag. 208.



A SAUDADE

Publicação Litteraria e Instructiva.

PROLOGO.



o nosso primeiro poeta, Bernardim Ribeiro, a quem Camões chamava o seu Enio, escreveu um livro de suas saudades; Garrett, o grande poeta da epocha, sobre quem a lousa do sepulcro acabava de cahir aos acordes gemedores das harpas de todos os barços das duas nações, invocou a Saudade, o *delicioso pun-gir de acerbo espinho que lhe repassava o intimo do peito*; invocou-a para emprehender aquelle mavioso e encantado poema Camões, que rivalisa com o Jacelin de Lamartine, com os poemas orientaes de Byron, e que é o maior padrão de nossa litteratura moderna; é que estes dous grandes homens, o primeiro, que fundou a nossa poesia, o segundo que acabou de a aperfeiçoar, conhecerão quanto é doce esta melodiosa palavra — *Saudade*, a mais suave de toda a nossa lingua, a que melhor exprime um sentir, ao mesmo tempo doce e amargo, que constante agita o peito do homem.

Todos, todos no intimo do coração sentem saudades; saudades pela sua patria, quando ausente, não gosa o refrigerante e suave bafejo da brisa natalicia, não vê os prados matisados de flores, ou os agrestes alcantis, onde passou os primeiros annos do desabrochar na vida; saudades pelos entes queridos de quem está distante: por um pai muito affectuoso, por uma terna mãe que com tanto estremecimento nos amava, por nossos irmãos, por nossos amigos, por uma amante, por uma esposa; sentem todos saudades por uma vida mais feliz que a presente de cada um e esse sentir é o que mais prova a existencia da alma, sentem como um desejar constante, um ambicionar continuo de uma vida mais ditosa,

N.º 1 — Domingo 5 de Agosto de 1855.

e são saudades que a alma experimenta pela Bemaventurança, essa unica e verdadeira sua patria.

E' pois a Saudade um incessante anhelio, um sentir mysterioso de todos os corações, e assim o nosso periodico se deno-minou — A Saudade, porque sobre tudo será escripto do coração, porque sobre tudo sentimos vivaz desejo de nos tornarmos uteis á nossa patria, e ao paiz onde habitamos.

Amantes como somos da Civilisação, reconhecendo-a como o primeiro motor da felicidade dos povos, fizemos, despidos de todo-o interesse, que o preço do nosso periodico fosse tão diminuto, que as mais pobres classes da sociedade podessem instruir e deleitar-se com a sua leitura.

Conhecemos quanto é ousada a empreza que vamos encetar; redigir uma folha na presente epocha, e perante duas nações Brazil e Portugal; na America e na Europa, é na verdade uma temeridade mui grande, mas é esta grandeza que nos attrahe, talvez como a luz á borboleta, que depois queima, como a serpente á avesinha, que depois devora; a empreza é grande; mas o nosso desejo, a nossa vontade ainda é maior; carecem-nos as forças, nós mui bem o conhecemos, mas sobejamos a tenacidade, a paciencia e a constancia. E não contamos só comnosco, esperamos que os homens de saber levados pela philantropia propria das grandes almas, pelo amor á humanidade toda, a seus concidadãos, pelo menos, nos cooperem com sua muita força n'esta grande empreza; para elles será toda a gloria, para nós só queremos a satisfação de termos sido os fundadores.

Vinde, historiadores, juristas, medicos, mathematicos, poetas e artistas, discipulos de Herodoto e Bossuet, de Moysés e Machiavello, de Hippocrates e Vesale, de Thales e Newton, de Homero e Camões, de Dédalo e Miguel Angelo, que todos haveis uma missão a cumprir, uma missão santa e divina, que Deos fez pezar sobre vós, a de tornar util á humanidade o talento e o saber com que a Providencia vos dotou; vinde derramar vossas luzes entre o povo, illuminar-lhe o espirito e en-

sinando-lhe mil cousas, que lhe sejam uteis, encaminhando-o pela estrada que conduz á felicidade, que é a da moral e a da virtude.

Palavras de dous grandes poetas, contemporaneos e amigos um do outro, nos servirão para divisa; se os homens da sciencia quizerem, pela nossa folha, tornarem-se uteis á humanidade serão de Francisco Manoel de Nascimento, o restaurador da nossa lingua, um dos maiores litterarios d'este seculo:

Eis que de seu regaço os bons auctores
Vos emborca a impressão. Lede e relede:
Que os moldes engraçados da facundia
Assejada e nobre e rica nelles jazem.

E se não quizerem honrar-nos com a sua colaboração, não aproveitando este meio de tornar uteis seus talentos á sociedade, nós possuidos de um grande desejo de fazermos alguma coisa a prol do povo, mas baldos da experiencia e do saber, que só pelo correr dos annos se adquire, tomaremos para divisa as modestas palavras de Manoel Maria Barboza de Bocage, um dos mais harmoniosos e dos maiores estros que tem fallado a nossa lingua:

Incultas produções da mocidade
Exponho a vossos olhos! ó leitores,
Vede-as com magua, vede-as com piedade
Que ellas buscão piedade e não louvores.

A vinda de Christo á Terra.

FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE.

O espirito das trevas, o anjo decahido havia se apossado da terra e com suas legiões satanicas a percorria de um ao outro pólo. A raça humana cahida na idolatria era sua escrava. Venus a prostituta, tinha seus templos de devassidão mais frequentados do que nunca. Os Romanos que então absorvião o mundo, cansados de o conquistar, entretinham-se em orgias que apenas se podem crer; os nobres em vez de cultivar as terras e curar da prosperidade da patria, como no tempo da Republica tinham por unica occupação os divertimentos e os que mais os delectavão, erão os que mais hoje horrorisão o mundo; era o circo, onde centenaes de servos morrião despedaçados por animaes ferozes trazidos das mais longiquas regiões.

Trevas profundas de ignorante e infame idolatria cobrião a terra.

Eis que uma estrella apparece no oriente.... nem os sabios pastores da Chaldea, nem os magos do Egypto, nem os philosophos da Grecia a tinham ainda visto; era uma estrella nova, que fallava aos povos gentios uma linguagem ainda mysteriosa.

Tres principes, a quem sua luz divina penetrou no coração, descerão de seus thonos de ouro e de pedras preciosas do oriente e transpõem climas abrasadores da Asia, vierão á cidade de David (*) e adorarão, cheios de respeito e de fé, um menino recém-nascido deitado nas palhas d'uma mangedoura.

Alguns dias antes, quando os pastores no campo adormecidos sobre a relva, illuminados pela luz fagueira da lua, tinham cerrados os olhos e dormião em socego, cercados de seus rebanhos, uma luz mais forte que a do astro da noite ferio suas palpebras delicadas: acordarão penetrados de temor, virão-se rodeados d'uma claridade divina e um anjo lhes annunciou o Salvador do Mundo, que n'aquelle momento havia nascido n'um dos mais pobres albergues da cidade do Rei Poeta.

Quando este menino era levado por seus Pais ao templo de Jerusalem, para ser consagrado ao Senhor, como Moysés ordenara, um ancião de cabeça calva e de compridas barbas brancas, um dos justos de Israel veio a elles, e tomando em seus braços, deveis pelo correr dos annos, o menino predestinado, levantou os olhos ao Céu dizendo:

« Agora posso morrer em paz, meu Deos, que como me haveis promettido, já vi o Salvador do Mundo. » (**)

Quem é pois este menino a quem tantas maravilhas adornão o nascimento?

E' aquelle a quem Isaias chamou o Deos forte, o Pai do seculo futuro, e o Autor da paz; é Jesus filho da Virgem; é Christo filho de Deos; é o Messias annunciado por todos os Prophetas.

Sua vida passou na terra rapida, como o momentaneo scintillar do fanal em noite escura, que mostra ao nauta perdido no pelago das ondas embravecidas, a praia da salvação; extinguiu-se na terra como se extingue na folha da rosa, com os raios do sol, o fecundo orvalho do alvorecer.

(*) Bethlém edificada por David.

(**) Evangelho segundo S. Lucas. Cap. 2.

Divagou de provincia em provincia na Palestina esparzindo beneficios tão multiplicados como o maná que o Deos de Israel fazia chover no deserto.

Suas palavras meigas instruíam o moço e o velho, o ignorante e o sabio.

Suas mãos celestes afagavam os meninos tão ternamente, como a joven mãe os conchega a seu peito maternal; os doentes tocavam seus vestidos e ficavam sãos, os infelizes chegavam-se a Elle e ficavam consolados.

Sua voz potente acalmava as tempestades e afugentava os espiritos infernaes.

No dia de sua morte, quando na Cruz exhalou o ultimo suspiro, a terra se abalou com estampido medonho; nuvens tenebrosas, negras, como o marmore negro dos tumulos, cobrirão a terra; e o véo que occultava a Arca mysteriosa no *Santo dos Santos* do Templo de Deos se rasgou de meio a meio.

Mas tres dias depois, seu tumulo estava aberto e quando tres mulheres piedosas, que a Igreja santifica vinhão esparzir n'elle perfumes de saudade, encontrarão-o guardado por dous Anjos de rosto brilhante, como a luz do dia, vestidos de roupas brancas, como a neve; tranzidas de temor e com os olhos baixos ficarão silenciosas contemplando o sepulcro vazio; então os Anjos lhes disserão: « Para que procurais entre os mortos Aquelle que está vivo? Já não está aqui, resuscitou. » (*)

Seculos e seculos tinham corrido antes de Christo, dezenas de seculos percorrerão e percorrerão, talvez, depois d'elle e jámais se tinha visto e jámais se verá complexo tão perfeito de virtudes.

A Fé, a Esperança e a Caridade erão as que Elle mais ensinava, que são as que mais consolam os infelizes.

Eu vos saúdo oh Filhas queridas do Salvador do Mundo!

Fé, virgem celeste, medianeira entre o Céu e a Terra, quem do coração te possui, pôde sem temor tudo tentar, tudo emprehender. Possuido de fé é que Affonso Henriques á frente d'um punhado de Portuguezes desbaratou, no campo de Ourique, um exercito tamanho de Mahometanos, que cem d'elles tinham por inimigo um soldado Luso. Cheio de fé o infeliz Camões executa

seus cantos immortaes, que são o unico padrão de nossas passadas victorias.

Fé celeste, Fé consoladora, eu te saúdo, que és o unico refrigerio de minha vida de pezares.

Virtude admiravel, quando os Discipulos maravilhados dos milagres do Mestre o olhavam cheios da pasmo, Elle lhes dizia: tende Fé e fareis o que eu faço, dareis vida aos mortos, fareis mover as montanhas e acalmareis o mar.

Esperança, unica companheira do homem na adversidade, unica que sustenta o baixel fragil da vida humana, que passa na terra em tormenta continua. Eu te saúdo oh terna companheira da minha vida; que docemente me levas direito ao phanal querido, que no meu horizonte vejo a scintillar!

Padroeira do nauta, que no oceano entre as nuvens e as ondas divaga solitario; consoladora do preso infeliz, que geme no carcere miserando entre os grilhões que o retém. Eu te saúdo oh viração benefica, que refrigeras o peito humano quando a chamma da desolação o devora.

Companheira e irman da Fé, de mãos dadas passais por entre os homens, derramando flores odorificas em seus corações.

A Fé, com o rosto meigo e os olhos divinos, mostra aos homens mysterios infinitos, logares de bemaventuranças e de desgraça, o Céu e o Inferno, Deos e Satanaz, e lhe diz: — crê.

E a Esperança com um doce sorriso nos labios entreabre com sua mão breve e diáphana o mysterioso véo, que occulta a manção feliz, o viver dos Anjos, e lhe diz: — espera.

Filhos de Christo e da sua Igreja, dimanação santa de uma Religião divina!.... ah! só o Filho de Deos, vindo á terra, faria um dever do que mais feliz torna o homem.

E tu, Caridade, meiga e risónha filha de Jesus, és doce, como os mais delectaveis favos de mel, que as abelhas fabricão das delicadas flores do jardim, paciente como o cordeirinho que se apascenta no prado, bemfazeja, como para o Egypto as inundações do Nilo.

Quando cheio de Fé podesse levantar as montanhas, transitar sem batel nas ondas encapelladas, quando alimentado pela esperança me embalsasse em seus gosos delectaveis, sem Caridade nada d'isto me serviria.

Quando distribuisse todos os meus bens pelos pobres e entregasse meu corpo ao fogo em sacrificio senão tivesse Caridade nada d'isto me serviria. Caridade, tudo supportas, tudo crês,

(*) Evangelho segundo S. Lucas. Cap. 24 ver. 5, 6.

tudo esperas, tudo soffres. Tua existencia é eterna, eu te saúdo ! (*)

Eis aqui, pois as tres maiores virtudes, que em si revelão a fonte santa d'onde dimanarão.

Dizei-me, se algum legislador, que conheceis, soube ensinar aos povos ; dizei-me, se na India ou no Egypto, se na Grecia ou em Roma, quando mesmo mais florecião, conhecerão estas virtudes sublimes refrigério do desgraçado.

Dizei-me se Confucios, se Zoroastro, se Minos, se Solon, se Licurgo, se Pithagoras, se Platão, legisladores sabios mas humanos, conhecerão estas virtudes divinas que excedem tanto as que ensinarão, como Deos excede ao homem.

Só Jesus, o Filho de Deos, o Filho da Virgem as podia revelar.

Só aquelle, que veio do Céu á Terra libertar os homens, podia trazer consigo estas tres filhas do Christianismo. BERNARDINO PINHEIRO.

Lisboa, no inverno de 1854.

Philosophia e a Religião.

Vaga entre o povo a opinião de que a Philosophia é inimiga da Religião, o que traz consigo um prejuizo inconcebivel. Esta ideia foi lançada com habilidade, no tempo em que dominava o fanatismo, e a autoridade ecclesiastica. Era necessario arredar a luz dos olhos do povo, era necessario que elle vivesse nas trevas, para não se erguer impavido contra aquelles, que o trazião subjugado. Todas as luzes pois nesse tempo de acerbos memorias, forão abafadas, e o grande pharol da Philosophia que era imposivel abafar, foi combatido por todos os meios que estavam ao alcance desses, a quem convinha, que o divino phanal da intelligencia humana, deixasse de alumiar. O fanatismo imperava, e delle partindo a ideia de que fallamos, foi a maior arma de que se pôde servir para combater aquella sciencia.

Infelizmente esses preconceitos, mais ou menos arraigados, fazem, que inda vejamos vagar entre o povo a mesma opinião.

Os luminosos progressos do seculo presente, que na sua marcha radiante, parece querer attingir á perfeição, que os homens tanto ambicionão, e a que não podem chegar ; não tem sido bastantes, com tristura o dizemos, para banir dos espiritos, não diremos apoucados, mas por demais credulos, esse prejuizo, á tanto tempo lançado á multidão, e já tão denodadamente combatido.

E' com nossa fraca voz que trataremos agora de ajudar a destruir esse phantasma, e para o fazermos, lançaremos mão dos mais bellos trechos philosophicos, que abonão nossa opinião diametralmente opposta áquella.

Fazendo-os lêr por todos aquelles que preciso esclarecer-se, levaremos por este meio alguns lampejos de luz, a seus corações duvidosos, e desconfiados ; ficarão convencidos do erro em que laboravão, e nós repletos de prazer, teremos a principio, a esperança, e depois a certeza, de termos feito um beneficio á humanidade e de ter chegado finalmente com o nosso grãosinho de arêa ao templo da gloria litteraria, e scientifica.

Penalisa-nos ver como se embuirão no espirito popular ideias a respeito da Philosophia, tão falsas, tão quimericas, e mesmo pueris ! Penalisa-nos ver que aquella ideia, traga após si outra d'igual estofa a respeito dos philosophos. Julgam que philosopho é todo o homem que traja mal, que anda sujo, que despreza todas as convenções sociaes, e que sei eu ? Chegam a chamar philosophos aos idiotas, mentecaptos, ou loucos ! Esta ideia não deixou de ter uma origem, mas foi justamente por haver um pequeno motivo em que se podiam fundar aquelles, que a todo trance querião dominar, que elles acharam razões forçadamente sophisticas para convencer de que prégavão a verdade. Alguns antigos philosophos, tão profundamente se davão ao estudo espirital, que esquecendo-se completamente de si, isto é, de seu corpo, andavão apenas com alguns andrajos para cobrir a nudez ; d'aqui tirarão, segundo nos parece, o costume, de chamar philosopho a quem traja mal, ou é desleixado no vestir, e no tratar de seu corpo, e como os philosophos profundos, communmente, abstractos, deixão de prestar attenção ao que os rodeia, absorvidos por suas ideias quicá divinas ; comparão-nos com os loucos !... Com quanto estejamos um pouco afastados do nosso fim principal, permitir-nos-hão ainda uma breve digressão, que não deixa de ter muita connexão com o que diziamos, e inda temos a dizer.

A definição da palavra philosopho é tão sabida, que quasi nos parece superfluo, dal-a aqui, com tudo, como suppuzemos escrever para aquelles que inda ignorão, diremos que essa definição só por si, dá a conhecer quem é o philosopho, e é sufficiente para esclarecer aos que pensão erradamente a seu respeito. Na sua acceção é o

(*) 1.ª Epistola de S. Paulo aos Corinthos. Cap. 13.

homem amante da sabedoria. O homem amante de saber, usa das faculdades intellectuaes que lhe foram dotadas por Deos, e fazendo-as reflectir sobre si mesmas, de alguma maneira as considera. Desenvolve suas ideias, e chega á de Deos, e da immortalidade da alma, esforça-se para conhecer a verdade, e só a encontra em Deos. Reconhecendo a sua impossibilidade de chegar á perfeição, curva-se perante a barreira omnipotente que lhe prohibe passar além, contenta-se com a analyse intellectual de sua alma, para a coordenação de suas ideias, sem as quaes não pôde ser concebida a intelligencia humana, considera depois quaes os costumes mais consentaneos com a razão para levar-nos á felicidade a que aspiramos, e ultimamente eleva seus pensamentos ao mesmo Deos para admirar-o, e adorar-o em seus attributos infinitos, em sua bondade, em sua sabedoria, em sua omnipotencia, e é disto que faz o completo fastigio de suas lucubrações; eis como pensamos que é o philosopho.

A' vista desta incontestavel definição é indubitavelmente crasso, o erro que combatemos, e que estamos certos ficar destruido entre aquelles que tendo-o por momentos acreditado, chegarem a ver estas linhas.

Voltamos ao primeiro ponto. Estando as sciencias principalmente a de que tratamos, em embrião, ou principiando, por assim dizer, a desabrochar em raios scintillantes da intelligencia humana, houve uma diversidade de opiniões, que chocando-se produzirão ideias que erão systematisadas de variado modo, e com afincos sustentadas por seus innovadores: Foi no meio dos athletas do desenvolvimento intellectual que apparecerão os scepticos, os atheos, os materialistas, os sensualistas, etc., etc., com quanto aquellas primeiras doutrinas, a do scepticismo, e atheismo fossem sempre vacilantes, dellas tiraram partido os inimigos das luzes, para vendarem o povo, e eis ahi firmada a oppinião de que fallamos, e que, com quanto já esteja muito abalada, repetimos, inda germina no meio das luzes do seculo como uma estriga de amiantho no meio das chammas.

Ultimamente foi com alguma cousa do que escreverão Voltaire, Volney, e Talleyrand, que acabarão de firmar no espirito dos incautos, o dominio dessa oppinião absurda.

E' com Voltaire que principiaremos desde já. Vejamos o que diz este sublime escriptor n'um

trecho de suas melhores poesias, querendo provar a existencia de Deos:

Consulte-se a Minos e Solon
Zoroastro e Socrates e Cicero
E veremos q' todos, sabios, grandes,
Adorarão um Senhor, Juiz e Pai:
He sublime systema necessario,
He sagrado nó q' os homens liga,
Da santa equidade he fundamento,
He do justo a esp'rança, e ao scelerado
He freio que o contém em seus erros.
Se um Deos o Céu deixasse de mostrar-nos
Com augustos signaes que não s'extinguem;
Se finalmente Deos não existisse
Aos homens invental-o, era preciso.
Que o sabio o annuncie, e o grande o tema.
Tyrannos que opprimis ao innocente,
Desdenhando-lhe o pranto que causaes;
Tremei, que quem nos vinga está no Céu.

A. M. S. BANDEIRA.

Continúa.

Fragmentos da Litteratura classica.

Já que no prologo fallamos de Francisco Manoel e de Bocage apresentaremos, como primeiro fragmento de litteratura classica, a ode sublime que Philinto em 1804 dirigio a Elmano quando este lhe enviou para Paris os tres volumes de poesias que acabava de publicar:

Lendo os teus versos, numerozo Elmano,
E o não vulgar conceito, e a feliz phrase,
Disse entre mim: — Depõe, Philinto, a lyra,
Já velha, já cançada;
Que este mancebo vem tomar-te os louros
Ganhados com teu canto na aurea quadra,
Em que ao bom Coridon, a Elpino, a Alfeno
Applaudia Ulysséa.—
Rouca hoje, e sem alento, a minha Clio
Não trôa sons altivos, arrojados:
Vai pedestre soltando em frouxo metro
Desleixadas cantigas.
Desceu Apollo, e o côro das donzellas
A' morada de Elmano; e esse que outr'ora,
Canto nos-dava nome, o poz na boca
Do novo amado Cysne.

A reputação de Francisco Manoel era neste tempo elevada ao maior auge, dizem, que Bocage ficou arrebatado de prazer, a triumpho algum dera tanto apreço e foi verdadeiramente inspirado que respondeu a Philinto com a ode seguinte:

Zoilos, estremecei, rugi, mordei-vos:
Philinto, o grão cantor, presou meus versos!
Sôbre a margem feliz do rio ovante,
D'onde, arrancando omnipotencia aos fados,

Universal terror vibrando em raios,
Impoz tropel de heroes silencio ao globo,
O immortal coripeu dos cisnes lusos
Na voz da lyra eterna alçou meu nome.

Adejae, versos meus, ao Sena ufano,
De altos, fastosos, marciaes portentos,
E, ganhando amplo vôo apoz Philinto,
Pousae na eternidade, em torno a Jove.

Eis os templos, a inveja, a morte, o Lethes,
Da mente, que os temeu, desaparecem.
Fadou-me o grão Philinto, um vate, um nune,
Zoilos ! Tremei. Posteridade ! E's minha.

Tanto na primeira de Philinto como n'esta
segunda de Elmano todos os versos são soberbos ;
mas o ultimo com que Bocage termina a sua ode
é de uma arrogancia sublime, é o que conheço de
mais magnifico n'este genero :

Zoilos ! Tremei. Posteridade ! E's minha.

Bocage tão inconstante e vario nas suas ami-
zades guardou fielmente a de Philinto, e levou
seu nome a uma especie de culto, desde então já
o não comparou sómente a Poetas, elevou-o em
seu estro, quasi sempre arrebatado, a par das di-
vidades mythologicas, como n'este verso :

Charo a Phebo, a Philinto, á Lysia, á Fama.

SABINA.

RIMANCE.

Que fazes,
Donzella,
Tam bella
A scismar ?

Que fazes
Sentada
Calada
A pensar ?
São acaso
Tristezas,
Ferezas
De dor ?
Ou antes
Desejos,
Bafejos
D'amor ?

Alta a noute
Vai serena,
Muito amena
De luar ;
E o Mondego
Sussurrante
Vai constante
A murmurar.
Lindo barco
Na corrente,
Docemente
Resvalou ;

E mui larga
Branca vela
D'alva tela
Desdobrou.

Um moço á pópa,
Com melodia,
Ledo tangia
Seu bandolim,
De prata fina,
Que scintillava
E onde brilhava
Rico rubim ;
Mui brandamente,
Lá nos salgueiros.
Os sons fagueiros
Hião ter fim,
E o bello joven
Com voz maviosa,
Canção saudosa
Cantava assim.

« Quizera acordado,
« Ou mesmo sonhando
« Nos anjos pensando,
« Um anjo avistar ;
« De alta roupagem,
« De muita candura,
« Da mor formosura,
« De placido olhar ;
« Nas horas tristonhas
« De vago tormento
« O meu pensamento.
« Viria alegrar ;
« E quando chorasse,
« Dos olhos meu pranto
« Com magico encanto
« Viria enchugar.

Do joven o canto meigo
A' linda e alva dama
Co'ardente e viva chamma
O peito incendiou ;
Sobre a agua debruçada,
Com a razão perdida,
E a voz meia sumida
Ao mancebo chamou.
Virou de rumo o barco,
Levado pela aragem
Nas sombras da ramagem
Com pressa s'occultou.
E entre triste e risonho,
Destemido e receoso
O joven pressuroso
Sobre a margem saltou.

« Verdade será meu sonho ?
« Sois algum anjo, Senhora,
« Que do céu em boa hora
« O alto Deos mandasse aqui ?
« Do céu não vindes. — Qu'importa
« Se nascesteis já fadada,
« Se a vós a missão foi dada
« De viverdes junto a mi ;

« Vinde commigo em meu barco,
 « Do mar vos farei ranha,
 « Sereis a senhora minha
 « E de meu bom bergantí,
 « Ireis ver Veneza e Nap'les
 « Sobre as vagas debruçadas,
 « E as cidades encantadas
 « De Smyrna e Tripoli.

E o joven famoso pirata,
 Com gesto de muita ternura,
 Lhe trava da estreita cintura
 E a leva a seu barco gentil ;
 A vela mui larga desdobra
 E meiga lhe falla d'amores :
 Da Grecia lhe conta os primores,
 Do Adriatico as ondas d'anil,
 Das fadãs do mar as magias,
 Que as vezes encantão o nauta,
 E o meigo trinado da flauta
 Nas placidas noutes d'Abril ;
 Do joven a voz mui fagueira
 Qual vago e symphatico canto
 Lhe esparze um morbido encanto
 Que a embala em sonhos aos mil.

Mui ligeiro o batel vai descendo
 Na corrente do lindo Mondego,
 E da noute no meigo socego
 Só se escuta o murmurio do rio ;
 E o cantar no convento das freiras,
 E do zephíro o sopro fagueiro,
 Entre as folhas do verde salgueiro
 E a ramagem do alamo esguio ;
 Lá na popa do barco sentada,
 Vai Sabina de branco vestida
 E a coitada em mil sonhos perdida
 Leva a mente em vivaz desvario ;
 Das estrellas os lumes brilhantes
 Se reflectem nas aguas de prata,
 E nas vagas a lua retrata
 A sua face formosa d'estio.

Que nuvem alvacenta além deviso
 Das vagas no negrume branquejando ?
 E' lindo bergantim que bordejando
 A' toa vaga além no alto mar.
 Encontrou-se com o barco do Mondego,
 E apenas os manéobos dous subirão,
 O largo panno ao bergantim desfrirão
 E as vagas forão rapidos sulcar.
 Forão além de Ceuta e de Gibraltar,
 O mar Mediterraneo percorrendo,
 Em partes mil, mil prezas commettendo,
 Levando seu feroz piratear.
 Hespanha e França, Italia, Grecia e tudo
 Tremião ao nome do feroz pirata
 E seu pendão mui largo de escarlata
 Terror causava em todo salso mar.

Filhos da guerra, os horridos corsarios
 A toda a parte o sangue e a morte levão,
 Do mar as prezas mil inda os não cevão
 Mostrão nas praias de sangue o seu pendão ;

Se uma cidade mercantil e rica,
 Não cercada de bellicas muralhas,
 Não habitada dos filhos das batalhas,
 De burguezes felizes só manção,
 Se descuidada dorme em noute escura ;
 Acorda cheia de espanto ao brado horrendo
 Que ao atacar os piratas dão tremendo,
 Toda em chammas, em morte, em confusão
 Depois fogem os feros salteadores
 Levando cem donzellas prisioneiras
 Que vão vender da escravidão nas feiras
 Que levam p'ra Serralho do sultão.

Reclinada em cochins de velludo
 Entre aroinas de mirra e incenso
 Rodeada d'um circulo immenso
 De carinho desvelo e amor
 A formosa Sabina vivia
 Entre os braços do joven pirata
 Que do imo do peito a idolatra
 Com loucura e frenetico ardor,
 Dez escravas prevendo em seus olhos
 Os desejos que á mente lhe vinhão
 Já o minimo em pratica tinhão
 Antes mesmo de ella os expor ;
 Umaz vezes as jovens Cretenses
 Lhe bailavão suas danças insanas,
 Outras vezes as lindas Romanas
 Lhe cantavão com muito primor.

Nas tardes fagueiras d'estio ;
 Em parte d'aquí mui distante,
 Nas vagas do mar do Levante,
 Fundeada no porto Jaffá ;
 Lugar onde outr'ora as armadas
 Do Libano os cedros trazião
 Com que o templo santo fazião
 As tribus da terra Judá ;
 Sabina sentada na popa
 De seu bergantim mui temido,
 Trajando agareno vestido,
 Qual filha mimosa d'Allah ;
 Dourado alaude vibrando
 Um canto saudoso suspira,
 Que a mente ao pirata delira
 E ao peito saudades lhe dá.

« Amo nas noutes serenas,
 « Sentada no tombadilho,
 « Ver da lua o meigo brilho
 « Reflectindo-se no mar ;
 « Ver lindas ilhas de Jonia,
 « As costas da Palestina,
 « A cidade Bizantina,
 « E a bella raça d'Agar ;
 « Mas antes quizera á noute,
 « Na hora de mais socego
 « Ver as aguas do Mondego
 « Mansamente a murrurar ;
 « Ver os meus verdes salgueiros,
 « Do chorão curva ramagem
 « E sentir a branda aragem
 « Que meu berço ia embalar.

Tinhão certa magia
 As fallas de Sabina
 Sua voz meiga e divina
 Tocava o coração :
 E o moço audaz pirata
 Sentia tormento mago
 A seu cantar tão vago,
 De tão suave impressão ;
 Sentia vivas saudades,
 Lembranças de sua terra,
 Dos gelos frios da serra
 Onde houvera criação ;
 E occorria-lhe á mente
 Voltar á patria qu'rida,
 E ir viver doce vida
 A par de seu irmão.

Um dia o mancebo
 Ficou tão saudoso
 Co'o canto mimoso,
 Que a joven cantou :
 Lembrando o Mondego,
 Lembrando os seus lares,
 Adeus disse aos mares,
 E o rumo virou.
 O vento soprava
 Em cheio nas velas ;
 E largas e bellas
 Ao sopro as soltou :
 E em noite sem lua
 De muito socego
 A foz do Mondego
 Pacato elle entrou.

« Terras da patria,
 « Verdes campinas,
 « Tenras boninas,
 « A vós voltei ;
 « Gigantes robles,
 « Nobres loureiros,
 « Gentis salgueiros,
 « Em vós pensei ;
 « Quando distante
 « Em longes mares
 « Vivos pezares
 « Por lá passei ;
 « Oh patria Lysia,
 « Oh patrio céo,
 « Oh berço meu,
 « A vós voltei.

Rio acima,
 Quasi a sorte,
 Vai o bote
 A navegar ;
 E os dous jovens
 S'entre olhando,
 Vão cantando
 Este cantar.
 E onde acharão
 Mais ramagem,
 Sobre a margem
 Mais primor,

Os mancebos
 Abordaram
 Hi occultaram
 Seu amor.

Oh musa,
 Sorriso
 Mui liso
 Sorri,
 E alegre
 Cantando
 Voando
 Fugi :
 Deixai-os
 Bondosos,
 Ditosos
 Gosar ;
 E occulta
 Segredos
 Mui ledos
 Do lar.

Rio, Março de 1855.

BERNARDINO PINHEIRO.



Reflexões moraes.

I.

O que algumas vezes se toma por virtude, não é mais que um complexo de diversas acções e de diversos interesses, que a fortuna, ou a nossa industria sabe arranjar ; e nem sempre é por valentia, ou por pudor, que os homens são destemidos e as mulheres castas.

II.

O amor proprio é o maior dos lisongeiros.

III.

Por mais descobertas que se fação no paiz do amor proprio sempre lá ficão terras por descobrir.

IV.

O amor proprio é mais habil que o homem mais habil do mundo.

V.

Depende tanto de nós a duração de nossas paixões, como a da nossa vida.

VI.

As paixões podem tornar um louco em sabio e um sabio em louco.

DUQUE DE LA ROCHEFOUCAULD.

Typ. de F. A. DE ALMEIDA, rua da Valla n.º 141.

A Poesia da Religião Christã.

Meu querido amigo.



Muito regosijo me causou a tua carta por ver nella a tua amizade para comigo, e a consideração em que tu me tens, filha de certo da sympathia toda ideal e fantastica que tive a dita de te inspirar, quando uma tarde passando atravez dos bosques do passeio publico, procurava fugir ao bulicio da gente que me perturba a imaginação. Colligiste tu d'ahi, que eu sou poeta, talvez por veres que procurava a solidão; não te enganaste, meu querido amigo: eu amo a poesia como tu a amas, possuo-a como tu a possues, embora não tenha a maneira eloquente de a expressar; fujo das multidões de gente, que me distrahem o pensamento; e busco as scenas da natureza, onde se bebe poesia a mais pura; ora me retiro para o meio de um bosque, ora para o recinto de um templo; ali ouço a maviosa harmonia da natureza, aqui a da revelação, da crença e da fé; e em ambas as partes se me revela a mais pura religião fonte mais abundante de toda a minha poesia.

Sinto em mim poesia quando nas horas mortas da noite, como agora, ouço a musica da natureza, o murmurio das fontes, o sussurro das arvores, o stridor das ondas ao longe, o piar dos moxos, o sibilar dos ventos; e esta poesia é toda inspirada e surge d'entre a meditação das scenas da natureza no ponto em que a razão se perde no abysmo do incomprehensivel. Sinto poesia quando me contemplo a mim mesmo encerrado n'uma triste choupana, n'um de cujos angulos está a pobre enxerga em que o corpo descansa das fadigas diurnas em quanto a alma parece que por um pouco vae visitar as suas regiões nataes; e esta poesia é filha da contemplação do que o homem é n'este mundo, e do que elle deve ser no outro. Sinto poesia quando no meio desta solidão contemplo minha vida, e pretendo rasgar o véo do futuro, e parece que ouço uma voz intima que me diz — *Caminha*, — como aquella que bradava ao judeu errante quando elle pedia a morte; e esta poesia é filha da tristeza de que me deixo possuir

N.º 2 — Domingo 12 de Agosto de 1855.

quando em mim imagino um porvir cheio de tormentos, sujeito á força violenta das más paixões, e quem sabe se desabando no abysmo do erro. Sinto finalmente poesia quando ao entrar n'um templo, onde reina o mais profundo silencio, vejo no pinaculo de um throno brilhante o proprio Deos e quando prostrado em adoração sinto tanger o órgão melodioso, que retumba pelas sagradas abobadas e leva minha alma ás regiões do sobre-natural, deixando a razão offuscada labutar no estreito espaço que lhe é concedido: sinto poesia quando contemplo em Deos que está sobre o throno, e quando considero auctor da religião que professo; quando elle se me figura como homem cá na terra unindo o mundo real ao fantastico, derramando sangue que servio para união da terra com o Céu e estabelecendo como um dos fundamentos de sua religião a esperança, essa fiel companheira da vida, que nos doura os ultimos momentos da existencia e que nos acompanha até ás bordas da sepultura; e finalmente deitando por terra o Capitolio da soberba Roma, e estabelecendo sobre suas ruinas a sua santa igreja, e substituindo á riquissima estatua de Jupiter toda feita de ouro e crivada de safiras, o tosco lenho da cruz! E é esta poesia a verdadeira poesia, pois que dimana da fonte principal, e é inspirada pela contemplação de um Ente que derramando sobre nós tantos beneficios, muitas vezes nos concede um vislumbre de sua sabedoria; é esta poesia, meu amigo, que eu sinto como tu a sentes, mas que não sei fazer sentir como tu sabes; e é quando o homem está affectado d'esta poesia, que elle dá a conhecer o seu coração, sua indole e o seu character. O amor tem poesia mas esta poesia é quasi sempre acompanhada do ciúme da ambição e muitas vezes de uma especie de odio, a poesia da religião é pelo contrario pura, livre do ciúme e da ambição; e tem por timbre principal a amizade para com todos, pois é este o fundamento da verdadeira religião — *Ama ao teu proximo como a ti mesmo*.

Lisboa, 4 de Maio de 1854.

Teu amigo

JOÃO VICENTE LEITÃO.

Se, a duas mil leguas, te chegar á mão o presente numero da nossa *Saudade* desculpa, meu caro amigo, ter publicado este fragmento da intima correspondencia, que ahi tivemos; mas como, de quando em quando, me deleito a ler as tuas cartas, não pude hoje resistir ao desejo de mimosear os assignantes da nossa folha com estas tuas breves, mas tão delicadas linhas. B PINHEIRO.

A Philosophia e a Religião.

(Continuação do numero antecedente.)

O mesmo Voltaire, em outro lugar diz, querendo mostrar a essencia de Deos:

Entre os raios de um fogo, puro, infundo,
Seu trono collocou, Deos ab eterno.
A seus pés tem o Céu, e ao universo
O curso d'astros mil, o annuncia.
O poder, o amor, e a intelligencia
Sua essencia compõe de varios modos.
Da paz eterna, os Santos, na doçura
P'ra sempre embevecidos de prazeres,
Penetrados de tal gloria, e d'elle mesmo,
Esmerão-se a adorar-lhe a magestade.
Diante de si tem, seraphims, deuses,
Do universo aos destinos incumbidos.
Tudo mudão na terra, á sua voz,
E dos grandes a raça, humilhão, trocão:
Entretanto joguetes vis do erro
Queremos accusar os seus decretos.

Finalmente vejamos o que elle diz, respeito ao atheismo:

Tirai aos homens a opinião de um Deos remunerador, e vingador, e vereis: Sylla e Marius que se banhão com delicias, no sangue de seus concidadãos; Augusto, Antonio, e Lepido, que sobrepujão os furores de Sylla; e Nero que ordena de sangue frio, o assassinio de sua Mãe: a doutrina de um Deos vingador, não existia então entre os Romanos.

O atheo, embusteiro, ingrato, calumniador, salteador, e sanguinario, raciocina, e obra consequentemente e está seguro da impunidade por parte dos homens; porque, se não ha Deos, esse monstro é o Deos de si mesmo, immola a si tudo o que deseja, ou tudo que lhe serve de obstaculo; os mais ternos rogos, os melhores raciocínios não tem sobre elle mais poder que sobre um lobo esfaimado.

Uma sociedade particular d'atheos, que nada se disputem, e que percam docemente seus dias em divertimentos voluptuosos, póde durar algum tempo sem desordem; mas se o mundo fosse governado por atheos, era o mesmo que estar sob o jugo, desses seres informes, que se nos pintão encarniçados contra suas victimas.

Diz J. J. Rousseau, que tambem tem sido accusado de anti-religioso:

« Quanto mais me considero, quanto mais me consulto, mais eu leio estas palavras escriptas em minha alma — Sede justo, e sereis feliz. — »

Quanto aos escriptos de Volney, como os consideramos mais politicos que philosophicos, evi-

taremos analysal-os, o que não nos faz quebra alguma no proposito que temos de provar, que a philosophia, em nada é opposta á Religião, e a respeito do que escreveu Taleyrand em seus desvarios, acreditamos ser bastante dizer: que elle nas proximidades da morte, cantou espontaneamente a palinodia, pedindo piamente, todos os consoladores soccorros espirituaes, que a Religião Evangelica, a sublime, e philosophica religião de Christo nos offerece nessa tremenda hora do passamento.

Achamos nas obras de Bernardin de Saint Pierre em seus estudos da natureza, um trecho que muito nos agradou, e que prova como temos philosophica, e naturalmente o sentimento da Divindade. Diz elle:

« Com o sentimento da Divindade tudo é grande, nobre e invencível na vida a mais apertada; sem elle, tudo é fraco, desagradavel, e amargo mesmo no seio das grandezas. Foi elle que deu o imperio a Sparta, e a Roma mostrando a seus habitantes virtuosos e pobres, os Deoses por protectores e concidadãos. Foi a sua destruição, que os entregou ricos e viciosos á escravidão, assim que não virão outros Deoses no universo senão o ouro, e as voluptuosidades. Bem póde o homem rodear-se dos bens da fortuna desde que esse sentimento desaparece de seu coração, o tédio toma d'elle conta. Se sua ausencia se prolonga, cahê na tristeza, depois, em uma negra melancolia, finalmente no desespero. Se este estado de anciedade se fixa, e é constante, segue-se-lhe o suicidio. O homem é o unico ser sensivel, que se destrõe, em estado de liberdade. A vida humana com suas pompas e suas delicias, deixa de parecer-lhe uma vida, quando cessa de parecer-lhe immortal e divina.

« Qualquer que seja a desordem de nossas sociedades, este instincto celeste se occupa sempre com as produções humanas. Inspira aos homens de genio mostrando-se-lhes rodeado d'attributos eternos. Apresenta ao geometra as progressões innelaveis do infinito; ao musico harmonias encantadoras; e ao historiador as sombras immortaes dos homens virtuosos. Erige um Parnazo ao poeta, e um Olympo ao heroe. Alumia os dias infortunados do povo. Faz suspirar ao pobre habitante da Saboia, no meio do luxo de Paris, pelas camadas santas da neve de suas montanhas. Erra sobre os mares, e chama dos dôces climas da India, o marinheiro europeu, ás plagas tempestuosas do Occidente. Dá uma patria aos

desgraçados, e saudades a quem nada perden. Cobre nossos berços dos eneantos da innocencia, e os tumulos de nossos pais das esperanças da immortalidade. Repousa, no centro das cidades tumultuosas; sobre os palacios dos grandes reis, e sobre os templos augustos da Religião.

« Muitas vezes, nos desertos, atrahe os respeitos do universo para os rochedos. E' assim que cobrio de magestade as ruínas da Grecia, e de Roma, e a vós tambem, mysteriosas pyramides do Egypto! E' por elle que sem cessar procuramos no meio de nossas occupações inquietas; mas, desde que se nos mostra em qualquer acto inopinado de virtude, ou em qualquer desses acontecimentos a que chamamos mandatos do Céu, ou em qualquer dessas emoções sublimes e indefiniveis, que se chamão por excellencia rasgos de sentimento, o seu primeiro effeito é produzir em nós um movimento vivissimo de alegria, e faz-nos depois derramar lagrimas repassadas de doçura. Nossa alma, tocada por essa luz divina, a um tempo, regosija-se por entrever a celeste patria, e afflige-se por estar della exilada. »

Falta-nos o tempo, e por isso limitar-nos-hemos por hoje a este pequeno trabalho, que muito agradável para nós, esperamos tambem que agrade a nossos leitores.

(Continúa.)

A. M. S. BANDEIRA.

O Barqueiro de Napoles.

O Presbytero, continuando a narração de sua vida, proseguio:

« Um dia quasi ao anoutece, passeava sobre o convez do meu navio, que revendo-se nas aguas do Mediterraneo, estava fundeado no meio do Golfo de Napoles; via á direita, elevando-se na praia s.berbamente, o Vesuvio coroado por uma nuvem de fumo negro, e quasi ainda no terreno esteril e abrasado, em perigosa posição branquejava a Eremitagem, onde um santo padre constantemente se expõem para annunciar as erupções; no sob-pé do monte divisava as ruínas das duas cidades novamente desenterradas, Pompeia e Herculanium, que havia muitos seculos o volcão cobrira de cinzas, causando a morte a Plinio, o Naturalista; depois Portici com suas lindas casas; e no fundo do Golfo reclinada indolentemente sobre uma collina, estava Napoles

a patria de Sannazaro; com palacios magnificos, Igrejas sumptuosas, Castellos, que Carlos V edificou, e suas casas terminando em plataforma onde os habitantes gosão a viração refrigerante nas tardes de estio; á esquerda a povoação Averno, escondendo o lago do mesmo nome, cantado por Virgilio; e ao occidente as tres ilhas, Ischia, Capri e Procida, deixando antever a immensidade do mar, onde havia pouco, o sol com todo o seu brilho se tinha mergulhado.

« Eu passeava da proa á popa no convez, e via aqui e ali nas margens começarem a apparecer as luzes das casas e dos palacios, poucas, que a claridade mysteriosa do crepusculo illuminava ainda, com seu magico esplendor, o solo da Italia. Passou então perto do navio um pequeno bote levado por um só barqueiro. Enfastiava-me a bordo, chamei-o, e descendo a escada de um dos portalós fui sentar-me no banco de ré. — Para a cidade, disse eu ao barqueiro; e elle para lá dirigio o barco.

« Era um homem moço de compridos cabellos anelados, que lhe cahião sobre os hombros, seus olhos vivos e fogosos, sua tez bella e delicada, e as mãos que com força manejavão os remos erão brancas e compridas como se não fossem empregadas em officio rude, admirei-me dos modos nobres do barqueiro; era triste o seu semblante e tinha os olhos sempre fixos n'um ponto da praia, ainda que desejava interrogal-o, acanhava-me de o distrahir de seu meditar.

— « Sois de Napoles? lhe disse eu por fim.

— « Não, Senhor, respondeu elle, sou de Veniza.

— « Ainda lá não fui, mas dizem-me que é mui linda.

— « Linda, como ha poucas cidades.

— « Perdoai a minha curiosidade; mas para que viesteis para aqui? E' lá segundo dizem, tão encantadora a vida do gondoleiro, contão-se tão estranhas e enamoradas aventuras?...

« — Ah! Sr., eu aqui sou barqueiro e ganho o pão n'este officio, em Veniza não o poderia ter sido e morreria de fome.

« O modo constrangido do mancebo como de quem quer guardar segredo, poz fim ás minhas interrogações e o silencio restabeleceu-se no barco.

« Quanto é bello sentado voluptuosamente n'um bote, sentil-o resvalar do manso sobre as vagas d'anil e prata, que começam a reflectir milhaes de estrellas, que vão apparecendo no firmamento.

e de mais no Golfo de Napoles, sobre o Céu de Italia, que todos dizem o mais bello do mundo, sob aquelle Céu que vio nascer Tasso, Rafael e Rossini.

« D'um lado, ora passava ligeiramente um barco que conduzia um alegre rancho de artistas francezes que fallavão do Palais-Royal e dos Boulevards de Paris, que cantavão as canções do seu Béranger, o poeta lyrico, que então tinha mais nomeada em França; ora algum fleugmático inglez a quem todas as bellezas de tão encantador panorama não podião commover, pois que estragado pela fumaça de Londres sentia no peito um, *spleen* devorador, que muito em segredo lhe fallava na bella e arredondada boca de uma pistolla.

« Por fim passou por nós um pequeno bote navegando preguiçosamente onde um pobre mancebo, membro talvez d'alguma sociedade de Carbonarios, cantava com sua dulcissima voz italiana aquelle republicano verso de Manzoni:

Siam fratelli, siam stretti ad un patto.

« Somos irmãos, somos ligados por um pacto inviolavel.

« Já decorrerão tantos annos depois d'aquella noute! e contudo lembrão-me ainda os seus mais pequenos acontecimentos, echoa-me na imaginação o verso do poeta italiano cantado com tanto enthusiasmo por o mancebo de Napoles, que talvez nas lutas pela liberdade, que a Italia tem pelcujado viesse a morrer ao lado de Garibaldi, que depois de haver entrado nas guerras generosas do seu paiz foi metter-se na interminavel contenda civil, que destroe Montevideo.

« Perdoae minha pequena digressão, sempre quando fallo da Italia me arrebató; saudade constante do homem de intelligencia, que a visitou, desejo continuo de a ver, que occupa a mente do artista, que inda lá não foi.

« O barqueiro continuava á remar, sempre com os olhos fixos na praia, na direcção em que olhava havia uma pequena e linda aldêa, e n'uma casa uma luz que parecia atrahir o olhar do joven.

« De repente a luz extinguiu-se, e o barqueiro estremeceu. Com movimento todo inspirado por alguma sensação intima, seou de um lado e remando do outro apontou a proa direita á aldêa onde se tinha extinguido o seu fanal. Depois lembrando-se de mim, disse com voz desalentada e quasi inintelligivel — « E' preciso primeiro le-

val-o á cidade. » E outra vez hia dirigir a proa para Napoles.

— « Não, meu amigo, se quereis vamos para ali, eu enfastiava-me a bordo e vim passear para me distrahir, pouco me importa o lugar, vamos para onde quizerdes.

— « Oh! muito obrigado, exclamou elle com voz commovida, e com força febril começou a dar aos remos, que julguei, que os partia.

« Em breve chegamos á praia, junto a uma deliciosa aldêa, entre Napoles e Portici, o barqueiro deu ainda duas fortes remadas e o barco encalhou; elle esquecendo-se de mim, saltou na praia, deitou a correr na direcção de uma pequena casa, abriu a porta, e desapareceu.

— « Coitado, disse eu commigo, alguma cousa que muito o affligé o chama; até do dinheiro se esqueceu.

« E comecei do melhor modo que pude a metter os remos entre uma corrente de ferro feita para aquelle fim e que um cadeado fechava, tirei a chave e dirigi-me para a casa, que alvejava nas sombras já espessas da noute.

« Cheguei á porta, hia para bater mas como a achei aberta entrei, subi a escada e no patamar parei, parecendo-me ouvir um soluçar suffocado; entreabri uma porta, que ficava á esquerda, e vi uma pequena sala fracamente allumiada, junto a uma janella, que tendo as portas cerradas sumira a luz que se via no mar, estava um pequeno berço, á direita de joelhos era o barqueiro, que nem se quer respirava, inclinado sobre o pequenino leito, e á esquerda tambem de joelhos estava uma mulher d'uma belleza singular; parecia ter vinte tres, ou vinte quatro annos, seus negros cabellos ondeados e lusidios crão desleixadamente cahidos, terminando em tranças sobre as costas e ligados na cabeça por uma estreita fita de velludo, que destacava de sua eburnea testa, tinha um vestido preto, todo liso, apertado na cintura por um cinto de seda, seus braços alvos e formosos destacavão do vestido e nas mãos pequeninas sustinha um lenço com que occultava o rosto; o peito arquejava-lhe afflictivamente e meia dobrada sobre o berço parecia a estatua da dor produzida por um artista divino.

« Fiquei pasmado no limiar da porta ao ver aquelle quadro sublime; a mulher soltava de quando em quando um suspiro doloroso, que me retalhava o coração, e o barqueiro parecia petrificado, nem um só movimento!

« De repente um gemido, sumido e fraco sahio

do berço, e o homem tomando uma das mãos da mulher exclamou, cahindo para o lado: — « Morreu! » A menina gritou: — « Ah! » e sem sentidos cahio como morta no sobrado. Dei, então, um passo para os soccorrer; mas como se o grito da mulher tivesse animado o homem, o barqueiro levantou-se e pegando carinhosamente pela cintura da pobre menina a foi deitar n'um canapé, ajoelhou junto a ella sustentando-lhe a cabeça, e exclamou com uma voz entrecortada de suspiros:

« Maria, minha alma, e minha vida, torna a ti, pelo Deos do Céu te peço... já me não co-nheces? o teu corpo esfria?... Ah! Meu Deos, se ella morresse!... Protejei-a, dai-lhe forças para poder resistir a tão duro golpe, á morte de nosso filho.

E beijando-a apaixonadamente na fronte, lhe inundoou o rosto de lagrimas.

Ella, como se o pranto a animasse, começou a dar signaes de vida e em poucos momentos tornou a si; levantou-se um pouco e pegando nas mãos do mancebo, que com amor levou aos labios, disse com uma voz doce e mui triste:

— « Paulo, meu querido, morreu o nosso filho, que me havia custado tantas dôres e tantos prazeres, eu amava-o muito, por que era o nosso filho, porque se parecia muito contigo, e quando tu estavas ausente a ganhares o nosso pão, (e curvando-se beijou a testa do homem que chorava,) quando morria de saudade por não te ter junto a mim, apertava-o d'encontro ao peito e dizia commigo, mitigando minha dor: « ah! é o seu filho, o fructo da nossa affeição, inundava suas facesinhas com minhas lagrimas, e aliviava meu peito magoado; e depois quando de joelhos o contemplava dormindo no berço e sorrindo-se como se visse algum anjo do céu, eu julgava ver-te a ti, com quem elle tanto se parecia, e beijando suas pequenas mãosinhas delirava de amor; e agora morreu... elle, o meu filho, que era minha única consolação, quando não estavas junto a mim. Ah! como hei de agora passar os dias tão tristes sem ti elle, quando tu estás ausente!... »

« E abraçando a cabeça do marido a occultou no seio, beijando ternamente seus cabellos anelados. Por algum tempo estiverão assim, não se ouvindo mais, que o chorar doloroso dos dous pais e dos dous amantes. Por fim ella levantou a cabeça e casualmente olhando para a porta, vio-me e gritou assustada: — « Ah! »

— « O que é? gritou o barqueiro levantando-se e vendo-me exclamou: — « O viajante! »

« Dei então dous passos para diante e disse: — Perdoai, meus amigos, a minha indiscrição, mas venho trazer-vos a chave dos remos.

« Ah! muito obrigado, tornou Paulo, tinha-me esquecido e se m'os roubassem, amanhã morreria de fome. Entrai e sentai-vos, senhor.

— « Perdoai, meus amigos, mas como já aqui estou á muito tempo, vi morrer o vosso filho, e assim pedia-vos um grande favor, com que muito me obsequiarias.

— « O que é? disseram elles ambos ao mesmo tempo.

— « Tratar do seu enterro; deixai tudo por minha conta.

« Ah! Senhor, tornou o barqueiro, com maior gosto vos diria, que não, do que agora aceito reconhecido o vosso favor, porque como haveis de ter percebido, nada tenho de meu.

« Não vos afflijais, meus amigos, eu cuidarei em tudo.

— « Ah! quanto vos agradeço, senhor; exclamou a joven.

— « Não tendes que me agradecer; cumpro um dos preceitos da minha Religião.

« A senhora tornou a sentar-se e encostando-se com nobreza a um dos braços do canapé, occultou com um lenço o rosto e começou a chorar.

— « Sentai-vos, senhor, me disse o joven, quero contar-vos minha vida, quero ser franco para convosco, como vós sois bom para comigo.

« Eu sentei-me, e elle tambem junto a mim.

— « Nasci em Venesa, disse, e sou filho de uma d'essas familias que se retirarão de Pisa, quando a sua Republica foi subjugada pela de Florença. Um dia entrando n'uma Igreja, vi pela primeira vez Maria, como Petrarca tinha visto Laura; amamo-nos com uma paixão cega; meu pai e o d'ella perseguirão nossos amores, odiavam-se mutuamente, não sei por que. Como eu não podia viver sem Maria, e ella definha-va-se cada vez mais por não nos podermos ver, combinamos em fugir ambos. Sabidos e fomos ter com um padre, meu conhecido, a uma pequena capella, um pouco retirada de Venesa, pedi-lhe para nos casar, duvidou primeiro, mas como lhe disse, que se não quizesse

« santificar a nossa união nós nos uniríamos illi-
« citamente, não duvidou mais e casou-nos.

« Embarcamos n'um navio que partia para
« Napoles, e aqui chegando aluguei esta casa,
« mas como o meu dinheiro era mui pouco, com
« a passagem e esta mobilia de todo se gastou;
« aluguei aquelle barco em que viesteis, e pa-
« gando um tanto por mez ao dono, ganho com
« elle o pão que apenas chega para nos alimen-
« tar, estamos aqui ha dous annos e ha um que
« minha mulhier deu á luz o menino, que ali está
« morto. » Disse apontando para o berço e oc-
cultando com as mãos o rosto começou a chorar.

— « Não vos afflijais, meu amigo, tornei eu,
Deos jámais desampara as suas creaturas: eu sou
rico, mas não posso dispor da minha fortuna,
que deixei na Patria, comtudo melhorarei a vossa
sorte o mais que me for possivel.

« Abracci o barqueiro, cortegei a senhora e
sahi.

« Contentissimo por ter accazião de fazer bem,
eu que ainda sentia remorsos de ter feito mal,
corri á casa do padre d'aquella aldêa e dei-lhe o
necessario para fazer o enterro da creança e para
mandar construir um tumolosinho de que lhe
fiz o desenho; era uma limitada lapa assom-
breada por uma pequena cruz, debaixo de um
chorão, que me mostrou da janella, junto á en-
costa de um oiteiro.

« A casa em que os dous esposos habitavão
era do padre, comprei-lh'a e tambem o barco a
um negociante de Napoles que era o dono. Dei-
xei uma pequena somma e os contractos de
compra ao padre para dar aos dous pobres
amantes.

« E para me esquivar a seus agradecimentos
embarquei-me, e no outro dia fiz-me de vela para
o Egypto.

Lisboa, inverno de 1854.

(*Fragmento das — Noutes no Presbyterio, —
obra inedita.*)

BERNARDINO PINHEIRO.



Ao Gremio Litterario Portuguez.

O Periodico a *Saudade* vae apparecer! —
Assim o dizem os prospectos distribuidos aqui e
ali; assim o disse o *Gremio Litterario* nos tres
Jornaes diarios da côrte. — Bem vindo sejas! —
Pensamento nobre e sublime foi este! — Hoje,

que uma phalange de escriptores de talento e
mancebos adornados da aureola da intelligencia,
escondidos sob o véo da obscuridade, hoje que
tem um Periodico em que possam escrever suas
inspirações, fazer-se conhecidos do publico,
ganhar com seus escriptos a coroa de louro, que
cabe ao poeta; hoje que o gosto das letras se
arraigou no espirito daquelles que pensão, — nós
esperamos; a *Saudade* será o livro d'alma em
que todos irão gravar seus mais intimos e occul-
tos pensamentos. — Nós os acompanharemos. O
progresso das letras, o gosto da poesia vae to-
mando incremento. — Hoje escreve-se o que se
sente, confessa-se o que se sentio outr'ora e pa-
rece que se lê no porvir! As luzes do seculo
derramando seu brillhan'e disco no espirito do
todos fazem-lhe ver que a poesia é o amor das le-
tras, são os melhores dons de que a natureza póde
dotar o homem! — O reccio, essa oppressão de
idéas -- desapareceu! Nem se quer resta hoje
um fraco vestigio das trevas em que os ho-
mens se achavão sepultados outr'ora. — O povo,
que tem mais crenças, conheceu, se bem que
tarde, que a sua emancipação começava a decla-
rar-se neste seculo, e que existe em seu germen
aquillo que o póde tornar livre, feliz e respei-
tado! — E quem melhor do que esses mancebos
poderá sustentar essa nova crença, e destruir
uma pequena impressão de passados choques? !...
Bem vi da sejas, pois, oh! *Saudade!* — Oxalá
que o teu nascimento produza o effeito que deve
desejar o homem de sentimentos nobres e eleva-
dos! Oxalá que em breve, a luz que hajas
derramado arrebate ás trevas e á ignorancia quel-
les que tem o *Bezerro de Ouro* por uma divi-
dade, e que repellem toda e qualquer idéa de
civilisação!...

Não somos poeta! — Deos não nos dotou deste
tão santo e sublime predico! Amamos a poesia
e tudo quanto é nobre e magnanimo. Recebemos
com enthusiasmo qualquer idéa de regeneração
social, e acompanhamos passo a passo, o pro-
gresso das letras, e da civilisação! Não somos
poeta, mas sentimos e gozamos; respeito, pois,
aquelles que o são!... Vamos tomar parte nessa
phalange de jovens escriptores! Ambicionamos
o lugar mais modesto, porque o nosso nome, por
de mais obscuro, nada deve ambicionar tambem.
Desse *cantinho*, escondido das vistas curiosas e
indiscretas, seguiremos suas pisadas.

Não promettemos muito, porque nada, ou
quasi nada, poderemos dar; comtudo, estamos

certos que o *Gremio Litterario* acolherá bem nossas limidas e obscuras produções, e a exemplos de outros, ir-nos-hemos aperfeiçoando. A publicação desta carta, no primeiro, ou segundo numero da *Saudade*, instruir-nos-ha de que nos concedem o *cantinho* que ambicionamos...

A. XAVIER R. PINTO.

Virgo Mater Dei.

I.

Minha lyra adeja, adeja,
Voemos ambos ao Céu,
Quero á Virgem bemfazeja,
Bella estrella da Igreja,
Do christão á meiga luz,
Cantar um canto que seja
Qual a fé que em mim reluz;
Dizer ao povo de agora,
Não cousas feitas outr'ora,
Mas cousas da eternidade,
Dizer-lhe a summa bondade
O immenso e vivo amor
Da Virgem de alta heldade,
Virgem Mai do Redemptor.

II.

Quando reina a tempestade
Revolvendo as turvas ondas,
E do sul a potestade
As eleva quaes montanhas
A tocar no negro Céu;
Vindo desabar tamanhas
Em horrisono escarcéo
Sobre o baixel assustado,
Que quasi está sepultado
No fundo do bravo mar;
Quando já o mastro estala,
E o convez todo se abala
Das vagas com o fragor,
Tudo ali da morte falla
Tudo diz horror! horror!
E' então que o pobre nauta
De joelhos no convez,
Do fundo do peito clama
Fervoroso a Virgem chama
P'ra o livrar da negra sorte,
Onde afflicto vê a morte
Com tão palido semblante.

III.

E a Virgem Mai dos afflictos
Ao appello da agonia,
Do nauta aos turbidos gritos,
Sente agitar-se-lhe o peito,
E desprendendo um sorriso
O mar torna manso e liso,

Como as aguas crystallinas
Do lago de Galiléa:
Quando de Christo ao mandado
A tempestade acalmou,
E o furacão rijo soprou
Em branda aragem tornou.

IV.

Quando em triste e defumada,
De colmo pobro choupana,
Em dura cama deitada
Jáz sosinha enferma velha,
Que apenas um filho tem;
O qual em rude trabalho,
Mancia a enchada ou o malho
Para sustentar sua mãe;
A pobre velha coitada
Passa o dia ao desamparo,
De todo o soccorro humano,
Em sua alma maguada
Soffre do destino avaro
Partilha do mal insano,
Que lhe vai gastando a vida;
E o unico allivio seu
E' a linda imagem querida
Da Santa Virgem do Céu,
A qual em pobre oratorio,
Entre rosas desmaiadas,
Se mostra risonha e bella,
Qual a scintillante estrella,
Que brilha apóz a tormenta;
Tremem os labios da velha
Murmurando uma oração;
Que subindo qual centelha
A aventureira mansão,
Supplica á Virgem Santa
Sua santa protecção.

V.

E a alta Virgem Maria,
Nas regiões celestiaes,
Ondê echoa a melodia,
Com angelica harmonia
Dos canticos divinaes;
Ouve o brado da miseria,
Que sobe á manção etheria,
Qual saudoso perfume;
Ouve a sublime oração,
Que juntamente resume
Da casta Virgem a gloria
E do humano a petição:
Como á velha sem alento
A vida já é tormento,
Purgatorio o seu viver,
A Virgem compadecida
Do corpo desprende, pobre
A alma celeste e nobre,
Pela dôr engrandecida,
Que abrindo as candidas azas
Vai subindo para o Céu.

VI.

Quando a donzella suspira
 Doces suspiros de amor,
 Quando a mente lhe delira
 E vivaz lhe arqueja o seio,
 Sentindo no peito enleio,
 Sentindo secreta dor;
 Quando entre sorrisos chora,
 Quando entre choros sorri;
 E em vaga melancolia
 Do sol posto a doce hora
 Vagando no seu jardim,
 Ora busca a violeta
 Por entre a verde folhagem,
 Ora colhe a fresca rosa
 E o sympathico jasmim,
 Ora segue a borboleta
 Que a acoutar-se foi morosa,
 Ora fica pensativa
 Junto a margem do ribeiro,
 Occulta por bastas folhas
 Do mui frondente olmeiro;
 Conhece então que precisa
 Santos soccorros do Céu,
 E na sua face lisa
 Uma lagrima deslisa,
 Corao per'la em branco véo;
 Ajoelha sobre a relva,
 E cruzando as mãos no peito,
 Faz á Virgem Mãe de Christo
 Fervorosa uma oração,
 Que o seu bom anjo da guarda
 Leva á celeste manção.

VII.

E a alta Rainha das Virgens
 Escutando aquelle rogo
 A paz concede á donzella,
 Que finando a prece bella
 Sente no ímo do peito
 Mais brando o ardente fogo.

VIII.

E' de todo o que navega
 N'este mar torvo da vida
 O seguro e calmo porto:
 Dá allivio, dá conforto
 A' mãe viuva e sem arrimo,
 A' mesquinha e pobre cega;
 Dá carinhoso abrigo
 Ao innocente desvalido,
 Que á pouco a terra descido
 Se vê só, se vê perdido
 No mundo vil e fallaz;
 Dá ao bardo, que suspira,
 Que enlouquece, que delira,
 Dá-lhe a meiga a doce paz;
 Ao infeliz desterrado

Outorga suave esperança
 De vir a ser sepultado
 Sob a terra onde nasceo,
 E á frouxa alma que se cança
 De tam duros soffrimentos,
 Dos terreos e vis tormentos
 A chama bondosa ao Céu.

IX.

Vós sois pois, oh! alta Diva,
 Brilhante e celeste estrella,
 Que esparzis a luz mui viva
 Com que a alma perigrina
 N'este mundo se illumina
 E supporta o negro dó;
 Sois mais bella e mais formosa
 Do que a balsamica rosa
 Dos jardins de Jericó;
 Sois refulgente de gloria
 De innocencia e de candura,
 Que alcançastes a victoria
 Contra o immundo Satanaz,
 Que nacestes livre e pura
 Do primitivo peccado
 Que o vosso Filho sagrado
 Deu ao mundo a doce paz;
 Sois mais bella e mais brilhante
 Do que a estrella matutina,
 Que annuncia o arrebol,
 Do que o brilho scintillante
 De viva cor purpurina
 Que de tarde mostra o sol;
 E lá na etherea morada,
 De rutilantes estrellas
 Tendes a fronte cr'oada,
 Sois envolta em casto véo,
 De candura as almas bellas
 Das virgens e dos archanjos,
 Dos seraphins e dos anjos
 Vos rodeam lá no Céu.

X.

Ante vós aqui prostrado,
 Com a fé no coração,
 Eu invoco oh Virgem Santa
 Vossa Santa protecção;
 Peço-vos do fundo da alma,
 Pelos Deos que ao mundo destes,
 Da paz a doce calma
 Da ventura ditas mil
 Para as minhas patrias qu'ridas
 A natalicia e a adoptiva
 Portugal e o Brasil.

Rio, Maio de 1855.

BERNARDINO PINHEIRO.

Typ. de F. A. DE ALMEIDA, rua da Valla n.º 141.

A Philosophia e a Religião.

(Continuação de n.º antecedente.)



ODERIAMOS ainda muito mais escrever de uma infinidade de philosophos, se ainda quizessemos reforçar mais a nossa opinião; porém, para que não pareça este artigo uma serie de compilações, contentar-nos-hemos, com o remate do nosso argumento. Já dissemos o que é philosophia, agora diremos: é a Religião, a forma por que os homens julgáram necessario que elles e seus correligionarios offere-

cessem a Deos a prova de sua crença e de sua adoração. Todas as religiões seguem seus systemas, e a nossa, a de Christo, a que nós professamos, tão intimamente convencidos de ser a melhor, e mais santa, é sujeita também ás fórmãs, e systema que com o correr do tempo, se foi modificando, partindo, e não se afastando, da senda prescripta pelo Divino Mestre. Vulgarmente chamamos, ou tomamos a religião unicamente pela forma, isto é, o culto externo; mas é justamente nisto que está o erro de muitos em considerar a religião. E' no culto, que se tem dado immensos abusos, e são estes a causa de ter havido quem se lembrasse de culpar a quem os stigmatiza. Todos os que mais se tem occupado desta aspera tarefa, sustentão uma dignidade propria verdadeiramente dos Apostolos, pois não fazem mais que chamar a todos ao caminho da verdade.

A Religião pois, apparentemente é o que acima dizemos; mas em fundo, tem um fim unico e santo. Adorar, e reconhecer a Deos devidamente, e amar a nosso proximo como a nós mesmo: é o que pregou Jesus Christo, como dogma fundamental de nossa religião. Sendo esta a religião propriamente dita, está claro que tudo quanto os philosophos escreverão sobre a existencia de Deos, sobre a immortalidade da alma, e sobre a morigeração dos homens, são escriptos philosophicos, mas puramente religiosos, que em lugar de fazel-os suppôr inimigos ou

contrarios, antes mostrão com côres mais vivas, com maior nota de esclarecimentos intellectuaes, a sublimidade da religião. Todos os ministros do altar tem obrigação d'estudar philosophia, e se isso se dêsse, se todos o fizessem, de certo que a religião muito mais floresceria, e se engrandeceria pois estamos convencidos que melhor cuidarião de suas obrigações, por que dellas tratarião voluntariamente, com a alma cheia de prazer, animados pela Fé, Esperança e Caridade que os philosophos melhor que ninguem conhecem, e deixarião de usar o culto como por officio, o que faz com que a nossa tão santa religião se veja muitas vezes aviltada; estarião isentos das criticas, das satyras, e dos apodos, e ultimamente não haverião necessidade de evasivas imbuindo no povo credulo, ideias mentirosas contra uma sciencia que melhor poderia ser o seu sustentaculo, do que a sua inimiga.

Fallamos a verdade, e por isso estamos certos que ninguem negará que temos razão. Sendo assim, só esperamos com o que escrevemos, que se realice nosso desejo, patenteado no principio deste escripto, e é, que os homens por de mais credulos, deixem de parte, o prejuizo em que acreditavão, e á vista do que escrevem os philosophos cujos trechos compilamos, digão unisonos comnosco, que não ha religião sem philosophia, e viceversa.

A. M. S. BANDEIRA.

Litteratura e Civilisação.

O seculo dezoito estava prestes a findar, e com elle uma multidão de loucos e absurdos preconceitos. Idéas novas e como clarões brilhantes hião surgir ao seu occaso; e os povos que até ali tinhão vivido mais ou menos ignorantes, accordavão ao ribombar dos canhões dos exercitos da Republica Franceza! Os males que a revolução havia originado, os horrores a que derão causa alguns dos seus mais sanguinarios representantes, esquecião-se, com a esperança no porvir grandioso e feliz sonhado por estes que tinhão sacrificado na guilhotina o melhor dos reis, e a mais terna e devotada das mãis! A França dava então um terrivel exemplo de que esse povo desprezado até ali, é mais forte que a vontade poderosa dos grandes, e que, semelhante ao oceano, pôde em um momento levantar-se irado, e deixar por toda a parte vestigios indeleveis da sua força, e

do seu poder! Ha sempre n'essas tormentas populares um ou outro que ennodôa com o sangue de uma victima innocente a, ás vezes, nobre causa que abraçarão! ha um ou outro que desprezando todos os principios sagrados, e esquivando os direitos e a inviolabilidade do homem escolhido para representar a authoridade dimanada de Deos; ha sempre um, dizemos, que acaba amaldiçoado pelos seus, depois de ter sacrificado milhões de victimas, e sempre convencido de que cumprio á risca com a missão de que as circumstancias o encarregarão! Nero, Caligula, Catilina, e outros, são d'esses que apontamos verdadeiros flagellos da humanidade. Robspierre, e Marat, um sacrificado na guilhotina, instrumento das suas barbaridades, e outro perecendo sob o punhal de Carlota Corday, poderião proseguir na obra que emprehenderão, se a ambição e o desejo de sangue os não tivesse affastado da senda que promettião seguir, que era a completa e inteira regeneração dos povos! Vãos desejos! loucas pretensões! Não sabião, vindo ao mundo adornados da auréola do saber e da intelligencia que muitos seculos antes Archimedes sonhára essa revolução social, e não sabião tambem que, como áquelle lhes faltava a alavanca, e o ponto d'apoio? ... Luiz 14.º, no meio dos grandes divertimentos, e das idéas de gloria que jámais o abandonarão, reunia em torno de si uma multidão de pequenos sóes, que brilharião mais que o *grande astro*, se os cortesãos, que o rodevão, não se entregassem tanto á devassidão e aos prazeres sem fim que lhes offerecião a magestosa Versailles, e o imponente Louvre! Molliere, Rocini, La Fontaine, Fénelon, Bossuet e muitos outros, davão um testemunho grandioso e não equivoco de que nunca povo nenhum, nem rei reunira em torno de si mais brilhantes ornamentos que o filho d'Anna d'Austria! Mas seus escriptos, esquecidos então, parecião dizer ao mundo inteiro que a posteridade os vingaria d'essa frieza e indifferentismo, e que os homens de um seculo mais tarde havião, de frente erguida e com o prazer estampado no rosto, depor sobre a lousa que os occultava votos de admiração e reconhecimento.

Não somos authoridade competente para avaliar o resultado da revolução de 1789; nem é intenção nossa analizar as consequencias que d'ella se poderião seguir; mas é de nossa convicção que a civilisação ganhou bastante com ella, e a litteratura tambem. Longe de nós a idéa de que estas palavras poderão revelar alguma sympathia

aos principios apregoados pelos authores d'ella e pela doutrina que pretendião propagar; queremos com esta especie de introdução insinuar ao leitor o thema que escolhemos para dizermos alguma cousa sobre as duas palavras que servem de epigraphé a este artigo. Proseguiremos, pois.

O seculo XVII, tão fecundo em genios e grandiosos escriptos, resentia-se de uma certa frieza com que erão acolhidas as produções raras e immortaes d'aquelles que tinham os restos mortaes d'esses poderosos genios, os testemunhos de respeito, e admiração que os seus contemporaneos não souberão prodigalisar.

(Continúa)

Rio, 7 de Agosto de 1855.

A. XAVIER R. PINTO.

Amor.

Amor! enlevo d'alma, arroubo, encanto
Desta existencia misera, onde existes?

(G. DIAS.)

Eis o objecto que só podia animar-me a apresentar em publico o primeiro raio de minha intelligencia, tão limitada. Amor! a quem do amago de meu peito presto obediencia, e adoro a imagem immorredoura! Amor! que corroboras minhas timidas e frageis inspirações, como um nectar delicioso, tu és o nó que prendendo meu curto idear, desprendes á tua vontade meus pensamentos. E's como uma arvore cujas raizes profundamente arreigadas em meu peito, vegeta com liberdade, por que encontros dentro em mim, os mais dôces e propicios elementos. Eu te adoro, por que sigo tuas doutrinas, por que és o meu Nume; és um brado que repercute constantemente teus echos no fundo de minha alma, és uma visão que me persegue por toda a parte, e que traz o meu afflicto peito em continua preocupação. Haverá quem comprehenda, como eu, quanto é frenetico este sentir que ao mesmo tempo amargo, parece saboroso favo, que sensibilisa, e domina nosso alvedrio? Haverá quem comprehenda, como eu, quanto é casta, sublime, santa e celeste a sua emanação? Sim, ha quem conheça esse nectar magico, que nos domina, como um balsamo suave e consolador; esse nó que prende as ideas, e muito mais os corações com cadeias indestructiveis, essa arvore que se nutre em humanos peitos, e cujos fructos são tão dôces; esse Nume enfim que impondo-nos a

lei não temos força bastante para resistir-lhe, e que achamos tão benigno, tão docil, e tão prodigo em ministrar-nos a felicidade; mas parece-me que eu, e só quem possuir um coração sensível como o meu poderá sentir como eu sinto, vêr como eu vejo aclarearem-se minhas ideias, e ter momentos ineffáveis de satisfação que não trocará por seculos d'existencia. Eu te contemplo, oh! Nume, como a minha Divindade especial e imperante, eu te adoro, e obedeço a tuas leis invisíveis e irrevogáveis.

Eu sinto que não posso exprimir, com toda a força que desejo, os pensamentos que o amor m'inspira, e que infiltra em minhas ideias visões sublimes, ethereas, fantasticas, e inexplicáveis.

Os louros immurchaveis que ornarão a fronte de Camões, e suas divinas inspirações, serão obras deste Nume que sempre o alentava, sustentando-lhe no mavortino peito o amor de Catharina, o amor de seus concidadãos, e o amor da patria, e convencido desta verdade é que sempre em meu peito, e em minha alma encontrará, dedicação, e vassallagem fiel.

S. FERREIRA.

O SUICIDA.

Romance.

I.

Era noute! Mas uma noute tempestuosa!

As abobadas celestes parecião querer-se despenhar sobre a terra.

O ribombar da trovoada amedrontava os mais scepticos corações.

Os relâmpagos, que de instante a instante fuzilavão, parecião querer tornar de fogo a atmosphera.

A chuva que desabava das nuvens era em tanta quantidade, que dir-se-hia, um segundo diluvio; deixava inundadas as ruas da capital do Imperio nascente, que mais parecião pégos, que ruas de uma cidade habitada.

As torrentes que dos telhados se lançavão furiosas sobre as mais aguas, assemelhavão-se no rugido ao bramir do oceano.

O vento sibilava por entre as frestas das portas e janellas com uma força descommunal.

Era em fim uma noute de tempestade furiosa. Na torre da capella Imperial acabava de soar doze pancadas, que, qual o echo que no monte repercute, se fizerão ouvir.

A' fraca claridade, que os lampeões de si expargião, via-se que atravessava o largo do Paço um homem embuçado em um capote.

Não se importava com a chuva que calia, pois que se lançava sobre as aguas como se andasse por um ameno passeio.

Chegando ao cáes do Pharoux, lançou um olhar em torno de si e apoz exclamou — José! José!

— Prompto; respondeu um outro homem que se achava junto de uma porta da casa do Hotel apparecendo logo.

— Não faltaste, disse o primeiro, reconheço que tens palavra. A sorte parece querer favorecer-me; partamos.

Mas vendo que o outro não se movia disse: hesitas? tens medo?

— Não, Senhor; por mim não, pois que nunca soube o que era temer; mas...

— Mas o que?

— Tenho mulher e filhos, que sem mim definirão á mingoa.

— Tudo preveni; tua mulher e teus filhos ficarão abrigados das insidias humanas; fiz-lhe doação de todos os meus bens. Partamos.

José, porém, ficou immovel.

— Que temos mais? disse o embuçado.

— As ondas encapelão-se com tanta furia: n'um fragil baixel de certo seremos tragados por ellas.

— Tens medo de morrer?

— A vida é tão boa...

O embuçado soltou uma gargalhada de desespero e retorquiu.

— A vida é uma quimera com que nos embalamos; uma illusão fantastica que nada significa; os dous dias, que habitamos neste val de tormentos não é mais que um sonho cuja realidade é a sepultura. O ente que tem amor á vida é um ente desprezível, que não tem inteiro conhecimento de si mesmo. Vês esses potentados que se curvão servilmente a seus menores desejos, vivendo n'uma indolencia propria do fausto e das grandezas que os rodeião, desprezando todos aquelles que a tyrânica fortuna lançou no lodaçal da miseria, julgando-se melhor e superiores a todos os outros homens, deslembrando-se dos deveres para que Deos os lançou na terra? Vês esse soberbo avaro a quem o amor ás riquezas faz esquecer todos os prazeres deste mundo, que não descança, que não dorme e quando o faz, por momentos, não vê em sonho se não cofres recheados de ouro e medita no meio de amontoa-lo, seja embora á

custa da ruína de viúvas e de innocentes orphãos, que depois esmolão pelas portas um pedaço de pão para mitigar sua fome? pois um dia, a morte com suas faces descarnadas hade descarregar-lhe a foice sem dó nem piedade e então adeos criados, adeos palacios, adeos ouro e adeos sonhos mentirosos.

— Assim será, mas eu prézo muito a vida.

— Se tinhas medo para que viestes? para que me illudiste com teu animo de fanfarrão? Queres dinheiro? teras quanto farte tua cobiça. Se escapares ficarás vivendo na opulencia e se finares tua familia gosará as delicias desta vida, que tanto prézas. Ves este punhal? e abrindo o capote mostrou-lhe um punhal, que reflectio á baça luz dos candieiros; com elle aqui te deixarei morto. Escolhe: ou a vida no seio da abundancia, ou a morte neste mesmo lugar.

José reflectio um momento, depois disse: partamos.

— Não era só receio que tinha por mim, receava tambem alguma cousa por vós; mas enfim vamos.

Dizendo o que, aproximou-se das escadas e desatando um cabo, a que estava preso um bote introduzirão-se dentro com bastante difficuldade.

— Para onde quereis hir? perguntou José.

— Para S. Domingos.

E partirão.

(Continúa.)

J. J. D'OLIVEIRA.

CUBA.

Descripção da cidade de Havana.

POR CHARLES OLLIFFE.

*Jamais ces champs d'azur semés de tant de flammes;
Jamais ces sables d'or où vont mourir les lames.
Ces monts dont les sommets tremblent au fond des cieux.
Ces golfes couronnés de bois silencieux,
Ces lueurs sur la côte, et ces chants sur les vagues,
N'avaient ému les sens de voluptés si vagues.*

(LAMARTINE — GRAZIELLA.)

O porto da Havana é o mais bello dos que visitei no Novo Mundo, exceptuando a incomparavel bahia da Cidade Imperial (New-York). O termo *Havana* com que se designa, é perfeitamente applicado: significa, em antiga lingua hespanhola *porto por excellencia*. A sua entrada é pouco mais vasta que a do porto de Marselha, mas alarga-se gradualmente; então apparece

como um lago immenso, que, na distancia d'uma legua do canal da entrada, se curva para o Sud-Oest; tanto que a cidade, vista de repente, parece edificada graciosamente sobre uma ilha, ou pelo menos sobre uma península. A' entrada vemos na extremidade esquerda da bahia a grande fortaleza do *Moro*, que merecia a denominação de inexpugnavel, pois que por mais diminuta que seja a sua guarnição, não seriam precisos menos de sessenta mil homens, segundo se diz, para a tomar de assalto.

E' olhando para o lado direito, que os passageiros do alto do tombadilho, avistão mais agradável perspectiva. Apenas se dobra o pharol, na ponta do molhe, que a real cidade da Havana se lhes antolha, semelhante ao quadro deliciosamente animado de alguma região encantada.

Antes mesmo de desembarcar todos exclamão: « Quanto é digna de ser a cidade principal da ilha de Cuba, a que se tem prodigalisado tantos epithetos d'admiração, taes como: — A rainha das Antilhas, — A perola dos mares americanos, — A joia mais bella da corôa das Hespanhas! » Independente da floresta de mastros ornados de bandeiras e flamulas, que denotão a existencia, no meio do porto, d'uma multidão de navios de todas as nações, admira-se o aspecto d'um grande numero de elegantes escaleres, cobertos com toldos de seda verde ou carmezim, que semelhantes ás gondolas de Veneza, sulcão rapidamente em todos os sentidos a superficie da agua.

Tive a occasião mais favoravel para observar minuciosamente o todo deste bello espectáculo: Tinhamos deixado ás quatro horas da tarde o golfo do Mexico para entrar no porto da Havana e nunca tinhamos visto um dia mais bello.

Uma cidade tão esplendida como Havana, merece que o viajante, para gosar do prazer de a contemplar, lute contra os obstaculos, que são de natureza a impedi-lo de o fazer. Refiro-me ás minuciosas pesquisas a que estão expostas as pessoas que chegam dos Estados-Unidos ás costas de Cuba.

Assim que o nosso navio ancorou, recebemos a visita de um aguazil ou policial acompanhado d'um interprete. Depois de se ter assegurado que os passaportes estavam perfeitamente em regra, este funcionario deu a cada passageiro uma licença do desembarque, a qual não comprehende a bagagem. E' preciso pois tomar uma gondola afim de ir buscar á alfandega uma nova

licença para as bagagens. Ahi, apresenta-se o bilhete que se recebeu do aguazil a tres veneraveis personagens assentados diante das suas ca toiras separadas; cada um destes senhores escreveu á pressa um signal hieroglyphico o que é de rigor; depois volta-se a bordo. Vendo os signaes cabalísticos escriptos na alfandega sobre o bilhete, o aguazil não hesita em permittir que se leve a bagagem. Alem da demora que resulta destas passadas, é preciso ainda resignarmos-nos ao preço soffrivelmente elevado que custão estas tres corridas em gondolas.

A Havana, assim como a região vizinha, ornada da sua vegetação tropical, mostra-se áquelle que vem das costas da America do Norte, debaixo de um aspecto tão differente do que se tem visto de mais bello mesmo nas provincias meridionaes dos Estados Unidos, que se julgaria transportado aos antipodas da grande Republica Americana. Mas antes mesmo de nos entregarmos ao prazer da vista no momento do desembarque admiramo-nos da subtilidade com que o odorato usurpa os direitos da vista.

Apenas se anda alguns passos na cidade que se fica como embriagado, tanto as ruas estão restrictamente embalsemadas por essencias extremamente suaves. Esta atmospheria aromatisada é devida em parte ás emanações das especiarias cheirosas da zona intertropical, dos quaes a Havana é o vasto imporium; mas é produzida especialmente pela quinta essencia d'alguma maneira virginal, do tabaco. Em parte alguma, segundo affirmão os conhecedores, se póde apreciar como na ilha de Cuba o verdadeiro perfume deste narcotico tão universalmente popular. Basta transportal-o atravez do golfo do Mexico ou da Florida até aos Estados Unidos, para perder uma parte de seu perfume ethereo, por mais precauções que se tomem. Depois das raras propriedades de que o tabaco de Cuba gosa como acabamos de vêr, não é de admirar que grande numero de damas e meninas havanesas fumem não o charuto propriamente dito, mas pequenos cigarros compostos de renovos ou folliculos provenientes da qualidade mais fina da planta: que são para o tabaco o que são as flores de pekaé para o cha! Os famosos charutos, ditos *rigalia*, são fabricados nas lojas da cidade, e como as portas estão sempre abertas por causa do grande calor, as emanações suaves de que fallamos espalhão-se sem obstaculos pelas ruas.

No caso que o leitor visite um dia a Havana,

não será máo saber que os charutos de qualidade mais perfeita fabricão-se em casa do senhor Garcia, na «Calle de l'Obispo» em frente do palacio do capitão-general.

O estrangeiro nota desde o começo dos seus passeios na cidade que as ruas são bastante estreitas mas mui limpas. Repara em seguida na elevação pouco consideravel das casas, que não passão ordinariamente de dois andares: é segundo me parece uma util precaução contra os effeitos dos terremotos e dos furacões de que a Havana, assim como as outras localidades tem sido victimas mais de uma vez. A maior parte das fachadas das habitações, são pintadas d'azul escuro, côr produzida pelo *lapis lazuli* e pela mistura de certos saes de cobre e de cobalto. Algumas são igualmente pintadas de amarello claro por meio d'uma preparação de chromm e d'oxydo de prata.

A opulenta cidade da Havana se apresenta debaixo de phases diversas, segundo a hora do dia em que se estuda: julgo notar cada dia tres periodos bem distinctos. Desde o romper do dia até ás dez horas da manhã, reina nas ruas uma animação extraordinaria. Uma longa fila de carretas correm a levar ao mercado fructas e flores. Aqui e ali uma multidão de obreiros negros vai para os seus trabalhos; é curioso vêr com que cuidado elles se embução em capotes pesados, na estação mais quente, afim de que a frescura da manhã não faça recolher a transpiração que experimentão durante a noute nas suas pequenas habitações.

A' medida que o dia se adianta um grande numero de negociantes, vestidos de branco e com chapeo de palha-Panama, se dirigem a passo apressado, uns para os seus escriptorios, outros para bordo d'algum navio que os interessa. Pelas onze horas, ou antes, cessa completamente a brisa do mar, produzida pelos ventos geraes, que tornão na Havana as manhãs frescas em todas as estações. Desde aquella hora até ás quatro ou cinco da tarde, a cidade fica mergulhada n'uma especie de languidez. Não se encontra na rua se não escravos trabalhadores, rolando pipas ou carretas cheias de mercadorias ou algum aguadeiro cujo pregão é refrigerante para os ouvidos n'esta circumstancia: Eis aqui, diz elle, *agua mais fria que la nieve*. De tempos a tempos, vê-se um fazendeiro ou algum caixeiro caminhando isoladamente ao longo do passeio e procurando aproveitar-se o mais possivel

da sombra projectada por uma das filas de casas. Quando o sol cessa de dardejear verticalmente seus raios, a scena muda maravilhosamente. Os negociantes e commerciantes brancos, que são *rarinantes* pelo meio do dia enchem de novo todas as ruas e caes. Mas a decoração mais agradável deste terceiro acto consiste em um enxame d'elegantes carros chamados *volantes* que começam a percorrer a cidade em todas as direcções. E' nestes carrinhos que as mulheres e filhas dos mais nobres fidalgos sahem para fazer suas visitas e compras. A caixa d'uma *volante* tem, até um certo ponto a mesma forma que um grande cabriolet parisiense; mas as molas que a suspendem, são muito volumosas, e as duas rodas, que são quasi tão altas como a *volante* são collocadas atraz da caixa. Atravez de uma larga abertura praticada, por causa do calor, na parte posterior destes carros, e que se pode fechar á vontade, observa-se distinctamente os bustos graciosos das damas, quasi sempre em numero de tres, que as *volantes* conduzem; a encantadora mantilha hespanhola de seda escura cobre uma porção de seus cabellos d'ebano, substitue o chapéo que as Havanesas raras vezes usam e este véo exquisito cahe-lhes negligentemente sobre as espaduas. O cocheiro d'uma *volante* vai montado em uma das mulas que a puxão; o seu vestuario é dos mais pittorescos. Sabe-se a que ponto os negros amão as cores alegres e brilhantes: o nosso postilhão adorna-se pois de muitos galões de ouro e prata e não deixa de procurar magnificas esporas d' aço brilhante. De resto, estes cocheiros conhecem perfeitamente seu officio. Ainda que a maior parte das ruas sejam muito estreitas para dar passagem a duas *volantes* de frente, quasi nunca acontece accidente mesmo ao voltar das esquinas. Quando dois destes carros se encontrão, um d'elles pára logo, por complacencia ou por constrangimento. Aqui assim como nas circunstancias la vida as mais graves, a lei do mais forte é que prevalece.

Algumas vezes ouve-se a voz argentina da senhora ordenar ao seu automedon de tomar cuidado em não ceder o caminho ao seu rival.

(Traducção de F. M. Cordeiro de Sousa.)

(Continúa.)

Bressane e Bocage.

O talento improvisador e epigrammatico de Bocage é a admiração de todos, doutos e indoutos, ninguem deixa de saber de cór uma meia duzia de repentes poeticos de Elmano; mas desconhecem muitos, quanto alguns dos amigos de Bocage erão felizes n'este genero de litteratura. José Bressane não era dos menos chitosos, eis aqui uma prova extrahida da — Livraria Classica Portugueza — dos Senhores Castilhos:

« Indo um dia *Bocage* visitar *José Bressane*, com os seus calções novos de sêda preta, atirou-se para um canapé, que se desfazia de caruncho, e tendo além d'isso um traçoeiro preguinho, que, logo ao primeiro movimento, de alto a baixo lhe rompeu os calções. Levantou-se *Bocage* desesperado, e perfilando-se com o decrepito canapé, começou a dar-lhe uma grande descompostura.

— Não tens vergonha — interrompeu *Bressane*, — de insultar aquelle velhusco em prosa vil! Ha quanto tempo cuidas tu que eu tenho aquillo?

Fugio do incendio de Troya,
Lá d'esse incendio voraz,
Eneas co'o pae as costas,
E o moço co'aquillo atraz.

— impostura! — redargue *Bocage* — quer fazer este diabo só da edade de Troya!

Lá que Deos formou o mundo
Em seis dias é de fé;
E ao septimo descansou
Aqui n'este canapé.

— O mundo! o mundo! pois isto é lá do principio do mundo! — interrompeu *Bressane*:

Inda antes de existir mundo.
E inda antes de haver Adões.
Já eu tinha este preguinho
Com que rompia calções.

— Por consequencia, desenganemo-nos — torna *Bocage*:

Quando a velha Eternidade
Por esta casa passou,
Disse a este canapé:
« Sua benção, meu avô! »

Ainda continuarão n'este riquissimo tirocío, mas não se conserva mais.

Saudades.

Amemos, donzella,
A nosso contento ;
Que importa que o vento
Nos leve os queixumes
De amor os perfumes
Nos sirvão d'alento.

De teu gesto lindo
Quem ha-de fugir,
Depois que sentir
Poder da magia,
Que ao céo nos envia
N'um doce sorrir !...

A vida é mui triste
Despida de amor,
Que nem trovador
Cantar pôde emfim,
No seu bandolin
Com ledo primor.

Quem busca banir
O mago condão,
E doce illusão
Que amor só dilata ;
Do céo arrebatá
O seu coração.

Os nescios não amão
De amor se vão rindo,
Qual loucos fugindo,
Não gosão ventura
De ver em ternura
Uns labios sorrindo.

Eu hontem pensando
Em ti todo dia,
No peito sentia,
De amor viva chamma ;
Feliz de quem ama
Commigo dizia !

Depois delirante
Por ti suspirava,
E aos céos levantava
Os olhos pisados,
Que ja desseccados
O pranto banhava.

Tu amas, donzella,
O teu amador,
Teu joven cantor,
Que tem por direito
Trazer em seu peito
As chammass d'amor.

O fado que importa
Nos vá separar,
Não pôde levar
Os castos amores,
Que tão bellas flores
Não podem murchar.

A' face dos anjos
Seremos unidos,
Se aqui perseguidos
Então fugiremos ;
E ao céo nos iremos
Do mundo esquecidos.

Julho de 1855.

M. LEITE MACHADO.

A escrava.

— « Linda grega, eu quero um beijo
« Um beijo de muito amor,
« Quero sentir o bafejo
« De teus labios, e desejo
« Abraçar-te com ardor.

— « Senhor meu, eu sou d'Athenas
« Minha crença é a christan ;
« E vós mataes ás centenas
« Meus irmãos só quando apenas
« Não querem a lei d'Islan.

— « Tu sabes, pobre louquinha
« Que posso tudo mandar ;
« Que uma só palavra minha
« Te envolve em manta mesquinha
« E te lança ao fundo mar ?

— « Sentis acaso loucura,
« Senhor meu, e meu Sultão,
« Nesta minha sorte dura
« A morte não é ventura
« Que nos quebra a servidão ?

E Mahmoud sahio irado,
Sem nem mais palavra dar ;
A grega preveu seu fado
No semblante turvado,
Do Sultão no turvo olhar.

A pobre escrava coitada
O azul do ceo olhou,
A' ferrea grade encostada,
Com voz triste e magoada,
Brandamente assim cantou :

« Linda nuvem caminhanto
« Vai á minha Grecia vai,
« Vai á minha patria amante
« Dizer que morri constante
« Ao sepulchro de meu pai.

A' noute veio rolando
Negro vulto sobre o mar ;
E dizem que um ai mui brando
Da pobre Grecia fallando
Echoara pelo ar.
Rio, 2 de Abril de 1855.

BERNARDINO PINHEIRO.

As flores do meu jardim.

Inconstante mariposa,
Tão formosa,
Que fazes neste jardim ?
Andas buscando a rosa,
Tão viçosa,
Andas buscando o jasmim ?
Leve, gentil mariposa,
Nem o jasmim, nem a rosa
Neste jardim has-de achar !
Só suspiros e martyrios
Rosas, violetas e lirios
Tu hasde aqui encontrar !

Mariposa tão contente,
Diligente,
Que buscas ao pé de mim ?
Buscas cravos, açucenas,
Tão amenas,
Ou a cecem, côr de marfim ?
Mostra a rosa a formosura,
Mostra a açucena a candura
D'uma virgem que eu amei !
Morreu... não quero mais vel-as,
E só saudades singellas,
No meu jardim conservei...

N'outros jardins, mariposa,
Vai mimosa
Tenras flores procurar :
Aqui não tenho verdores,
Mas só flores
Que retratão meu penar.

E a leve mariposa,
Tão gentil, tão pressurosa
Vou... para longe de mim :
E eu fiquei triste e sosinho,
Escutando o murmurinho
Da fonte do meu jardim.

Rio de Janeiro, 13 de Agosto de 1855.

EUGENIO ARNALDO DE BARROS RIBEIRO.

O Rapto.

Alta noute quando a lua
Não se mostrava no ar,
Dizem que um barco no lago,
Junto aos muros do castello,
Vinha constante pairar.

Que trovador namorado,
Tangendo seu bandolim
Olhando saudoso e triste
Uma certa gelosia
Mimoso cantava assim :

« Senhora, nobre donzellã,
« Só de uma vez que vos vi,
« Entre as damas n'um torneio,
« Fiquei tam enamorado,
« Que d'amor enlouqueci.

« Desde então até agora
« Vago triste a suspirar,
« De dia habito nas selvas
« E á noute venho no lago
« Estas endeixas cantar.

« Nem os afagos da brisa,
« Nem da rola os meigos ais,
« Nem o murmurio do rio
« Me encantão, como encanta
« A doce voz que fallais.

« Quando vago entré os olmeiros
« Da gazella ao perpassar,
« O peito vivaz me arqueja,
« Julgo sentir o ruido,
« Que vós farieis a andar.

« Donzella, vinde commigo
« Vamos nos bosques viver,
« Que n'uma linda choupana,
« Entre os platanos frondosos,
« Branda vida haveis de ter.

« Deixai sallas de castello,
« Onde o sorriso é fallaz,
« Seremos nos bosques livres,
« E o nosso amor gosando
« Sentiremos doce paz.

Assim cantava no bote
Alta noute o trovador,
E na gelosia que olhava
Um vulto branco e formoso
Ouvia os cantos d'amor.

Até que alfin uma noute
Pelos muros se escoou,
A tal sombra delicada,
Que do trovador no barco
Toda tremula saltou.

Largou a vela o mancebo,
Toda vela á viração
Não se vio mais a donzella,
Filha do soberbo conde,
Nem se ouviu mais a canção.

Rio, 15 de Junho de 1855.

BERNARDINO PINHEIRO.

Typ. de F. A. DE ALMEIDA, rua da Valla n.º 141.

UMA PAGINA DA HISTORIA PORTUGUEZA.

**A morte do Principe D. Affonso
filho de El-Rei D. João II.**

I.



O POETA como o escultor; a este dão-lhe o marmore, elle mette-lhe o escopro, faz o vulto, e depois pouco a pouco a imagem apparece. a personagem ou o grupo que lhe derão por modelo, ou que elle creou na fantasia, é figurado tão ao natural naquelle pedaço de granito, que apenas lhe falta o movimento, apenas dos olhos não scintilla o brilho, dos labios não se escuta um som, no cerebro não se

debatem os pensamentos e no peito não lhe palpita o coração. Ao poeta, o chronista diz duas palavras sobre um facto, e elle anima-o, adornando-o com as flores da poesia, veste a verdade com ricas pedrarias, com nobres roupagens de velludo e de seda, e assim instrue o povo, instrue a nação deleitando-a.

Quem fallaria hoje da guerra de Troya, da bella Hellena, do rigido Ullisses, do valente Encas, do aventureiro Telemaco, se Homero, Virgilio e Fenélon não escrevessem seus poemas? Quem lembraria Goudeffredo de Bouillon, se Tasso não tivesse cantado a primeira Cruzada? E os Portuguezes sem a sua epopeia, que fará sua memoria tão longa como a duração do mundo, seriam já hoje esquecidos dos outros povos se o echo dos cantos de Camões não vibrasse tão gloriosamente aos ouvidos dos sabios de todas as nações do Universo.

Mas em quanto a mim, não é nenhum d'esses immensos poemas, que vou emprehender, d'esses poemas que immortalizão o autor e de quem fallão; é apenas um facto simples da historia de minha patria, todo repassado de dôr e de agonia; uma morte sem gloria, sem estrondo, a não ser pelo lucto com que ennegreceu o coração do povo Portuguez, pelas affeições tão puras e santas, que cruelmente interrompen.

N.º 4 — Domingo 26 de Agosto de 1855.

Foi o meu coração, que fez a escolha do assumpto e será elle quem dictará, que os meus conhecimentos são communs a muitos outros, em quanto que o meu coração não o é se não a mim.

Poderia ter preferido um acontecimento cheio de gloria e de arruido, de que é bem fertil a historia de Portugal, d'esse reinosinho de noventa leguas; mas a minha imaginação guia-se mais pela de Jeremias, que pela de Salomão... Sinto-me mais apto para escrever a dôr do que a alegria, a morte do que a vida... Hei visto morrer tantos entes, que me erão caros, e separado de outros, que me não são menos, julgo poder dizer alguma cousa do pesar o mais vivo, da magua a mais intensa.

Percorrerei parte do grande circulo de affeições: o amor de esposo, o amor filial, o amor paternal e este sentimento que um homem tem por outro, a amizade, que eu tambem chamo amor.

« A mulher é do homem o osso de seu osso, a carne de sua carne, e por ella, elle deixará seu pai e sua mãe (*) » como o disse Moysés, o primeiro e mais sabio poeta, historiador e legislador do mundo; e Milton, esse genio immenso e tão ardente da fria e nublosa Albion, quando entoa seu hymno arrebatador ao hymeneo começa: « Salve, amor conjugal, lei mysteriosa, origem da posteridade. » O amor filial e paternal, quanto é grande e delectavel! Quando a mãe conchega o filho ao peito, quando o embala no berço, quando solta, para chamar o somno, aquella doce cantilena, que só as mães sabem; aquelle crescer sobre os joelhos do pai, aquelle aprender a raciocinar pelos raciocinios delle!...

E a amizade, esse sentimento, quanto é nobre e terno, quanto deleita o coração o desabafar nossos pezares no peito de um amigo!... Mas deste não fallo, que é tão raro, que se vai deixando de o comprehender.

« E' singular condição, diz o Sr. Garrett, dos mais bellos factos e dos mais bellos caracteres, que ornão os fastos portuguezes, serem tantos delles, quasi todos delles, de uma extrema e estreme simplicidade. »

Este não é excepção, que nem sei se excepção haverá, e assim eu não farei mais do que narrar-o com toda a ingenuidade de meu coração e com toda a simplicidade delle.

(Continúa.)

BERNARDINO PINHEIRO.

(*) Gens. cap. 2, vers. 23 e 24.

Litteratura e Civilisação.

(Continuação do n.º antecedente.)

Os homens do seculo XVII, tão fecundo em genios e grandiosos escriptos, acolhião com certa frieza e desdem as producções raras e immortaes desses gigantes da civilisação Européa. Deos, escrevendo sobre a fronte destes a palavra *genio*, parecia impor-lhes ao mesmo tempo uma bem triste peregrinação na terra! Em vida, odios, a inveja, mil privações e necessidades, eis a compensação desses heroicos esforços. Vinha a morte, uma modesta mortalha, e mão, esposa ou irmão sobrevivia para testemunhar esse desprezo, não lhe sendo talvez dado chorar aquelle que havião perdido! Se a litteratura e a civilisação lucravão tanto com o apparecimento desses homens, que importava que sua morte fosse tão obscura e desprezada? Sempre assim foi. Pouco mais de um seculo antes, Camões, Tasso, Dante e Petrarca levantavão padrões de gloria ás suas respectivas patrias, e acabavão no olvido! Não os comprehendião então. Estes poderosos genios surgião sempre quando as nações envolvidas em guerras continuas, empregavão seus paternaes cuidados com aquillo que julgavão tornar-as felizes e grandiosas. Os povos, sujeitos então aos caprichos e fantasias dos grandes, sustentavão sem queixar-se esse jugo e oppressão, e o pequeno ruido dessas producções suffocava-se sob a ignorancia daquelles que, mais independentes, poderião compensar os muitos dissabores e decepções porque passavão esses filhos queridos das Muzas... (*)

Os elementos de civilisação popular principiãrão a germinar, quando depois de tantos acontecimentos nefandos, o povo não podia acolher com entusiasmo essas idéas de regeneração social, sonhadas mais tarde. O edificio grandioso que esses genios levantavão no silencio e olvido, deveria desmoronar-se bem depressa, sem que os seus mais habéis constructores podessem subtrahir-se ás suas ruinas. E a morte arrebatava-os muito antes de verem coroados seus heroicos e magnanimos esforços — as trevas continuavão. Porém os successos hião predispondo os animos para uma completa revolução social, a cujo nascimento deverião surgir novos elementos de pros-

(*) Por ter sido publicado com algumas inexactidões este periodo, reproduzim'o-lo de novo.

DO AUTOR.

peridade, novos genios poderosos, que conseguirião seus fins, ainda que a abstracção das idéas lavrasse entre aquelles que procuravão emancipar.

Depois, sobre as ruinas desse vasto edificio, levantar-se-hia outro que fosse a personalisação da palavra Civilisação, e sobre o tumulto de seus primitivos fundadores escrever-se-hia Litteratura, e os que tivessem sobrevivido hirião tambem derramar sobre esse tumulto o pranto amargo da saudade!... Portugal, poderoso então, acompanhava passo a passo as outras nações. Seus descobrimentos, suas conquistas, e o genio emprehendedor de D. João II e D. Manoel tudo contribuiam para que Portugal occupasse um dos primeiros lugares entre os estados Europeos.

Vasco da Gama levava a civilisação ás mais remotas terras, e a descoberta da India abria vastos horisontes, cuja exploração offercia um manancial de riquezas, que engrandecião esse pedaço de terra, donde brotavão tantos e tão poderosos genios!...

Foi no reinado de D. João I, que a litteratura Portugueza teve seu primeiro periodo de gloria, e se a guerra occupava então esse monarcha, as letras não erão esquecidas. E' que a gloria ganha pelas armas, é mais pesada e custosa, que a alcançada pelas letras.

Segundo o testemunho de um autor Portuguez da actualidade, a quem mui o prezamos pela sua intelligencia e vasta erudição, o XVI seculo foi para Portugal o que para Roma foi o de Augusto, e para França o de Luiz XIV.

(Continúa.)

A. XAVIER R. PINTO.

O SUICIDA.

Romance.

(Continuação do n.º antecedente.)

II.

As ondas na bahia erguião-se furiosas, os dous temerarios lutavão com grande difficuldade. Ora o baixel se erguia a uma altura immensa, ora se lançava com uma rapidez desmedida n'um abysmo profundo; uma após outra não lhe davão tempo para respirar, uma vaga o inundava de agua, outra, com o movimento que lhe dava, a lançava fóra. Assim caminhando mil vezes se julgarão submergidos, mas a hora destes homens ainda não

tinha soado, a ampolheta que marcava a duração de sua vida não estava ainda exausta.

A vida do homem está traçada no grande livro do destino, por mais que procurem a morte ella não lhe apparece se seus instantes não estiverem contados. Se este baixel fosse lançado nestes transe por uma fatalidade a sua perda era inevitavel ; mas como ousados se lançarão n'um perigo, que a allucinação de um fazia desconhecer, e o servilismo do outro fazia arrostar, nada lhe succedeu. Chegarão á praia de S. Domingos ; o bote encalhou. O embuçado saltou em terra, e disse para José :

— Espera-me aqui.

A tempestade tinha amainado um pouco.

A chuva já não cahia com tanta abundancia.

A trovada tinha seguido caminho de seu destino, era já longe.

O embuçado seguiu pela rua que lhe estava em frente, atravessou mais outras ruas do formoso S. Domingos, e chegando ante um portão, que precedia a uma casa de bella apparencia, parou. Tirou de baixo do capote duas chaves, com uma abriu o portão que deixou entre-aberto, e encaminhando-se para a porta abriu-a com a outra chave, e pé ante pé, chegou á porta da sala.

Seus olhos cravarão-se em dous vultos que se achavão sentados no canapé.

A sala era allumiada apenas pela fraca luz de um candieiro.

Os dous vultos que se achavão na sala erão um homem e uma mulher que, embebidos em amor como estavam, não derão pela presença de um terceiro.

No momento em que entrava o embuçado acábavão de dar um beijo, do qual o som repercutio na sala e chegou até aos ouvidos do embuçado, que exclamou :

— Infames !

A mulher soltou um grito e cahio sem sentidos para traz ; o homem estremeceu e pondo-se em pé retorquiu :

— Quem sois vós ?

— Aquelle que vem desafrontar a sua honra ultrajada, disse o embuçado, e deixando cahir o capote mostrou-se ante seu adversario. Era um homem pouco mais ou menos de trinta annos, barba preta e serrada, côr rosada, e boa presença. O outro vendo-o exclamou :

— O Barão de *** ! !

— Sim, eu mesmo... não me esperavas ver agora aqui, não é assim ? O outro não respondeu,

deixou cahir o rosto sobre o peito. O Barão continuou :

— Immudeces, infame e vil seductor ! homem ingrato que te esqueceste de quem te fez bem, ergue essa fronte e altivo olha a minha. Julgastes que nunca serias descoberto ? como te enganastes. Não sabias que o homem que préza sua honra procura meios de descobrir as ciladas daquelles que a ultrajão ? Não sabias ? responde. E encruzou os braços.

O outro esteve ainda alguns momentos calado ; mas fazendo um esforço sobre si levantou o rosto e ousado respondeu :

— Sei tudo isso, mas tambem devies saber, senhor Barão, que quando se intenta destas empresas não se anda só, alguém o acompanha. E mostrou-lhe um punhal.

— Mas os maridos zelosos são mais prudentes, retorquiu o Barão, e n'um rapido movimento enterrou-lhe o punhal no peito. Aquelle apenas pode dizer :

— Ai que me matou. E cahio morto.

O Barão aproximou-se do canapé, lançou a mão no braço da mulher e puxando-a bruscamente disse :

— Agora nós, Senhora !

A mulher como se fosse tocada pela maquina electrica estremeceu, e sabindo do letargo em que jazia exclamou com voz sumida :

— Piedade !...

— Piedade... piedade para ti ? julgas acaso que a possa ter ? ! Vês ali aquelle cadaver sangrento ? foste tu que lhe destes a morte, foste tu que o arrojaste no caminho da sedução ! eu tudo sei... Uma mão occulta tudo me ha revelado. Tu porém não sobreviverás por muito tempo a teu amante.

— Perdão, Senhor, perdão ! disse ella arrojando-se aos pés do Barão.

— Não, não heide perdoar-te. Não sabias que eras metade de minha alma ? não te tinha dado provas inabalaveis da minha amizade ! para que manchaste o melhor de todos os meus bens — a honra ?

— Fui illudida...

— Não acredito ! a mulher não se deixa illudir. A mulher é um ente fragil mas de uma fragilidade diabolica. O seu coração é um sacrario aonde se occultão todas as perversidades, dessa fragilidade tira todo o seu poder ; ella não se deixa illudir ; mas sim perverter-se por que quer. E tu, mulher, não te lembraste do homem que te tirou do pó,

da miseria em que jazias junto com tua familia, que muitas vezes tragaste pão bem amargo por não teres outro para mitigar tua fome. Tudo esqueceste! Perseutis-te que teu marido estava ausente e aproveitaste este ensejo para perpetrar teus infames designios! Não sabias que o coração de um marido zeloso tudo adivinha? Tudo isto sabes, mas não quizes desmentir a inconstancia que envolve teu sexo.

— Piedade!... tornou ella a repetir.

— Tiveste-a tu da minha honra? não te recordaste que me lançavas na frente uma nodoa que jámais se apagaria? Pois essa nodoa vai ser lavada, mas com sangue! Morre, indigna mulher, ludibrio do teu sexo desleal. E com o punhal, tinto ainda do sangue da outra victima, deu a morte a mais esta que agonisante só pôde soltar um — Ai! — com que deu fim á vida.

— Está completo o meu intento... disse elle. Meu Deos, meu Deos! velai pelas almas destes dous infelizes.

Tomou o capote, embuçou-se, sahio da casa e seguindo o mesmo caminho apresentou-se aonde o estava esperando José!

Tornou a metter-se no bote.

— Para Boa Viagem, disse.

III.

O bote partio: chegados que forão, o Barão saltou em terra.

Erão três horas da madrugada.

— Na sala de minha casa em São Domingos, disse o Barão, estão dous cadáveres, vá lá e levá-os para uma val a que está na *chacara* ao pé de uma mangueira: lança-os dentro, cobre-os de terra de forma que se não perceba: depois disto feito, segue para a cidade; na *gaveta* de minha commoda acharás o meu testamento, n'elle te deixo por meu herdeiro universal. Arranja tudo de maneira que a justiça nada perceba. Se não guardares segredo estás perdido. Vai, vai gozar a vida que tanto ambicionas e sê ditoso. Parte, adeos.

— E vós, senhor?

— Não tenhas cuidado commigo, adeos.

José aterrado com a ameaça da justiça, partio.

O Barão despio-se, enrolou a roupa que o podia fazer conhecido, em uma pedra e a lançou ao mar. Deixou ficar alguma para que se podesse colligir, que tinha sido affogado no momento de banhar-se; depois de feito tudo isto, ajoelhou-se, resou por algum tempo, levantou-se depois e exclamou:

— Já que só tormentos e angustias soffri neste

mundo, quero ver se ao menos no outro goso algum socego... A vida para mim era pesadello, que não podia por mais tempo suportar... Vou morrer e a minha sepultura será sob as ondas do mar! não quero ser pesado á terra, o meu corpo em breve será pasto dos peixes, em breve nada existirá que atteste a minha falta ou a minha vinda a este mundo.

Eia!! Adeos mundo, adeos!!

E atirou-se ao mar.

IV.

Tres dias depois os jornaes annunciavão:

« Foi arrojado pelo mar á praia das Flechas o cadaver de um homem branco, já em estado de putrefacção; e na Boa Viagem appareceu uma porção de roupa, que demonstra ser de pessoa decente. Colligi-se que morrêra no acto de banhar-se.»

Seria o Barão de ***? Talvez!

Agosto de 1855.

J. J. de OLIVEIRA.



CUBA.

Descripção da cidade de Havana.

POR CHARLES OLLIFFE.

(Continuação.)

Uma vez feitas as visitas e mais passeios no interior da cidade, grande numero de *volantes* se dirigem ao *Paseo*. Este é situado extra-muros, e faz lembrar pela animação que apresenta nas horas de affluencia a *Cascina* de Florença ainda que a sua extensão seja inferior á d'esta ultima. Raras vezes ahi se veem como lá mancebos montando cavallos fogosos: estes senhores tem ordinariamente por costume de passear, de charuto na boca, o mais perto possivel das *volantes*. Se, por acaso, um delles exclama, como acontece muitas vezes, mostrando ao seu companheiro alguma belleza que passa por pé d'elles: « ah! que bella creatura! » os costumes autorisao a dama se o ouve, a responder: « agradeço-vos, Senhor » — O Codigo das conveniencias havanesas vai ainda mais longe; no caso, que por exemplo: uma dama de Cuba, a quem um cavalheiro do seu conhecimento cumprimenta com esta phrase usual: « Senhora, estou a vossos pés, » pôde e deve responder-lhe: « E eu, Senhor, beijo-vos as mãos. » Estas

poucas palavras são proferidas com aquella graça e dignidade que erão o apanagio das mulheres Castelhanas do tempo da Cavallaria.

O jantar na sociedade aristocrata havanesa tem lugar ordinariamente ao anoitecer que como todos sabem, nas latitudes tropicaes é muito mais cedo, mesmo no verão, do que nos paizes mais proximos do polo. Depois de jantar, vai-se ao espectaculo, e o do theatro Tacon não é certamente para desprezar. Uma Companhia italiana mui distincta (cujas primas donas erão a Stefanonio e a Bosio, e cujos tenor e baixo Salvo e Marini) estava contractada desde o governo do penultimo Capitão general, para a Opera da Cidade. Durante os quatro mezes de calor excessivo, os theatros feixão-se necessariamente, tanto mais, que todas as notabilidades vão respirar livremente o ar embalsamado dos jardins de suas quintas. N'este intervallo a companhia italiana dá um passeio lucrativo a Philadelphia, New-York, Boston, etc., e ás vezes até á Capital do Mexico,

A Opera da Havana, collocada extra-muros é um theatro mui bello no interior: a sala é grande, perfeitamente ventilada, e ornada com um gosto que muitos theatros grandes da Europa não farião mal de imitar. O publico havanez tem a pretensão de ser conhecedor consumado em musica, e portanto acolheu com frieza a philomela sueca, Jenny Lind.

Durante as bellas noites, um genero interessante de espectaculo ao ar livre, partilha, até a um certo ponto da voga do theatro Tacon (ou a Opera.)

Fallamos do aspecto encantador que toma a *Plaza de las Armas*, na occasião do concerto militar. Debaixo d'um grupo de soberbas palmeiras da especie chamada Real, que se elevão no centro d'esta magnifica praça, uma orchestra escolhida executa, durante duas horas, as peças mais exquisitas dos repertorios europeus. Mas a parte essencial d'este espectaculo, é a multidão immensa de elegantes de ambos os sexos, que não cessão de circular ao longo dos quatro lados d'este vasto quadrado verdejante. N'esta occasião os homens estão vestidos de casaca preta e colete branco, e tem mudado igualmente o chapéo de palha Panamá pelo de feltro preto de França ou de Inglaterra.

Pelo que diz respeito ás damas, estão vestidas tão ricamente como se fossem para um baile da corte: quasi todas estão decotadas, e resplandecentes de ouro, perolas, e diamantes. A's vezes

algumas das mais requestadas, entremeião nos cabellos que se assemelhão a setim preto, um certo numero d'estes insectos-brilhantes que só se encontrão debaixo dos tropicos, e cujo brilho iguala o da saphira, do rubim e da esmeralda.

O vestido que faz parte d'este *toilette* de noite é quasi composto exclusivamente de rendas brancas, ou de rica seda amarella ou côr de rosa; sobre este vestido é deitada e disposta a mantilha preta com esta graça, de que se diria, só as Hespanholas tem o segredo. Nas occasiões de maior calor, muitas, d'estas houris, conservão-se nas suas *volantes*, que formão uma rica guarnição á roda da praça; nunca deixão em descanso o leque que tem na mão. Engaja-se frequentemente uma conversação entre ellas e algum cavalleiro, que se destaca d'um grupo de passeantes para lhes apresentar os seus cumprimentos. Se alguma cousa se podia ajuntar ao prestigio da scena elysia, que offerece a Praça das Armas durante o concerto, seria a claridade resplandecente das estrellas que scintillão ás myriadas por cima dos espectadores.

Os Cubanos não exaggerão muito, quando dizem que cada uma das suas estrellas tropicaes brilha como a lua, a lua como o sol, e que o sol luz como um firmamento abrasado.

Quando o concerto acaba o capitão general e sua familia recolhem-se das janellas para o interior do palacio, que occupa um dos lados desta bella praça « das Armas; » as *volantes* conduzem, com uma rapidez quasi electrica, as damas á casa ou a algum baile, se é estação propria. Quanto aos homens os que não querem acompanhar as suas mulheres e filhas, vão-se reunir no café da « Dominica, » celebre não só por ser o primeiro da cidade, mas em razão da quantidade de jelca de goiaba, que ahi se fabrica e que se exporta para os lugares mais distantes da terra. Desde a manhã, até uma hora bastante adiantada da noite, a fabricação d'este doce está sem cessar em actividade; assim, os que voltão o angulo das duas ruas que forma « la Dominica » respirão os vapores embalsamados que sahem continuamente pelas portas e janellas abertas. Até á meia noite, e mesmo até mais tarde, a Havana conserva o exterior d'uma alegria ruidosa. Em quanto admirais passeando o brilho do gaz que illumina as ruas, e as lojas, vedes muitas vezes uma assemblea de Senhoras assentadas ou antes embalando-se em *butacas*, especie de cadeira de braços americana, chamadas tambem *rocking-chair*.

Goza-se de algum modo quasi sem se querer desta agradavel vista, porque n'uma grande parte das casas, as salas, mesmo aquellas aonde tem lugar as *tertulias* ou recepções, são collocadas no andar terreo, de tal maneira, que o passeante vê da rua tudo o que ahi se passa, atravez das enormes janellas de grades sem vidraças. Na occasião de se retirarem, fechão-se estas *puertas-ventanas* por meio de dobradiças sómente. O observador poderá, além disso, ver de fóra uma magnífica *volante* dourada ou prateada, que, cousa estranha, faz parte integrante da mobilia de mais de um salão do andar terreo, e, o que é ainda mais singular, a dona da casa ahi se installa algumas vezes á hora em que espera visitas. Affastando-vos deste ultimo ponto de observação para vos recolherdes ao *hotel*, haveis de ouvir por varias vezes a melodia de uma guitarra acompanhada da voz de algum amante apaixonado, que exhala sua alma por baixo da janella daquella que adora.

(Traducção de F. M. Cordeiro de Sousa.)
(Continúa.)



Fragmentos de Mithologia.

A Mithologia, tão querida, e cultivada entre os Gregos e Romanos, envolvida em seus triumphos, subio ao maior auge. Homéro, o primeiro poeta da Grecia, foi sobre ella que fundou sua maior gloria. Virgilio, não menos eloquente, fez brilhar em sua Eneida esse ornamento poetico. Ovidio igualmente nos sorprehende a cada passo nas suas soberbas Metarmórphoses com rasgos de sublimidade. E não forão sómente os antigos que se servirão della para embellezar seus escriptos; mas entre os modernos o nosso memoravel Camões, que mais do que ninguém conheceu quanto era necessaria em uma Epopea como a sua. Emfim é um jardim aonde todos os artistas pôdem hir colher um raminho de suas flores: principiaremos pela amizade.

Os antigos povos da Grecia, a tomarão por uma divindade. Depois, os Romanos não menos amantes das bellas artes, namorados certamente dos dotes desta deosa, a representarão com muito esmero, debaixo de um emblema no qual se nos transmittio a descripção. Figurão-na uma pessoa moça vestida com uma tunica, por baixo de cuja franja se lião estas palavras: A morte, e a vida. Na testa tambem se lião as seguintes: O verão e o inverno. A figura tinha o peito descoberto até

ao coração, para o qual apontava com o dêdo, e nelle mais as seguintes palavras: de perto e de longe. Nestes seis enigmas se reune toda a sua grandeza. Defeito, esta pintura nada deixa a desejar! Entremos a examinal-a com attenção para melhor a podermos avaliar. Uma pessoa moça, é porque a amizade é cheia de vigor; a pessoa a quem a consagramos, se assenhorea della na vida, e a leva depois de sua morte porque lhe pertence por um direito individual.

O verão, é aquella formosa estação em que se dá ou se recebe a amizade; tanto é elle aprazível e vestido de poesia, que vale o mesmo que dizermos: deu-se, ou recebeu-se a amizade, quando um sentimento radiante se transmittia de uma pessoa para outra. Vem depois o inverno, muito menos poetico que o verão, e aquelle sublime e radiante sentimento que inda a pouco se balançava, qual borboleta, por cima da mimosa flor, desapareceu! Porém ficou-nos a amizade, essa sim, é tão firme e tão duradoura, que não a pôde levar estação alguma. Tem o peito descoberto até ao coração porque sendo tão casta, e tão innocente, de occultal-o se envergonhara. De perto e de longe: é nestas duas frases que se reune o que ha de mais bello e grandioso nesta deosa!

O amor, não é mais muitas vezes que uma centelha, que se atêa com rapidez, e se não chega em seu auxilio a amizade, essa deosa cheia de virtudes, torna-se a extinguir com a mesma velocidade: mas se é protegido por ella, remonta-se em marmoreo pedestal, que jámais pôde ser destruido; porque sua protectora o ampara, e vela sobre elle de perto, e de longe. Eis ahi como a amizade se nos mostra cheia de simplicidade; porém sua fronte de rainha se eleva por cima de tudo quanto ha grande sobre a terra! E em cada uma de suas feições, parece estarmos lendo estas palavras: Mortaes, crêde-me, procurai-me que me encontrareis, e commigo valereis muito.

(Continúa.)

M. LEITE MACHADO.



As margens do meu Douro.

OFFERECIDAS AO JOVEN POETA PORTUGUEZ

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Vou tanger as frageis cordas
De meu plectro peregrino,
Saudar as margens tão ternas
De meu Douro chrystalino,

Erguer-lhes saudoso canto,
Vou envolto em triste pranto
Procripto dellas á tanto
Tempo, pelo agraz destino.

Vou recordar os lugares,
As plagas onde nasci ;
Esses retiros tão caros
Mui felizes para mim ;
Essas margens tão formosas,
Onde em éras mui ditosas
Agradaveis, deleitosas,
Venturoso me sorri.

Essas margens que sem conto
Tem ferteis, viçosos prados,
Pelos fluxos de meu Douro
Mui brandamente banhados ;
Lindas arvores singellas,
Onde em frondentes capellas
As mimosas philomellas
Desfitão seus gergeados.

Tem as margens de meu Douro
Pitorescos parreirões,
Singellas choças de colmo
E palacios sem rivaes ;
Tem florestas estendidas,
Silvados, mil avenidas,
Onde em horas esquecidas
Ergue o môcho os tristes ais.

Tem castanheiros frondosos
Sem nunca mais acabar,
Onde canta o melro preto
De ramo em ramo a pular ;
Onde o pintasilgo grada
Sobre um raminho parado,
No seu risonho trinado
Nos ensina, terno amor.

Tem solitarios desertos,
E páramos descampados ;
Campos pingues de verdura
Por mil salgueiros cercados ;

Puras limphas chrystalinas,
Serras, alpestres, colinas,
Ond'em horas matutinas
Solta o pisco os pipilados.

Tem campinas, onde alegre
Folga, brinca, sem sessar
O Zagal, quando contente,
Leva o rebanho a pastar ;
Onde trabalha entretido
O lavrador embebido
Em seu labor aguerrido
Té a noite se aproximar.

Tem vergeis de lindas flores,
Numerosos laranjaes :
Tem de cedros um sem fim
Espaciosos olivaes ;
Tem cabeços elevados,
Penhascos alcantilados,
Largos montes encrespados,
Altaneiros pinheiraes.

Tem varzeas sempre floridas
Pela relva verdejante,
Grato adorno da natura,
Mostrando a vista incessante.
Tem boscagens d'espessura
Onde em seus hymnos tão pura
Com singelleza e ternura
Geme a rolinha constante.

Tem cercas de murta e buxo,
Empinadas carvalheiras,
Perdidas pelas ribadas
Das amenas cordilheiras,
Tem boninas multicores,
Saudades, cravos, amores,
Camellias com seus primores,
Violetas e trepadeiras.

Tem enfim tudo qu'è bello
Caras margens de meu Douro,
Tem arcanos de poesia,
C'roas e ramos de louro ;

Tem regatos e ribeiras,
Mui viçosas amoreiras
E mil frondentes nogueiras
De grandezas um thesouro.

E choro distante agora
De tanta belleza assim!...
Choro exilado esses climas
Que m'encantarão a mim.
Choro sem ter desditoso,
Quem a meu lado saudoso
Verta pranto caudaloso
Que chore commigo alfim.

A ti pois, que amas, poeta,
Proscripto tambem como eu,
A minha patria qu'adoras,
Tambem caro berço teu,
Qu'em tua lyra, divinos
Ergues aos céos castos hymnos.
Eu offerto estes mofinos,
Toscos sons do peito meu.

Aceita-os; são sem fluidez,
Sem metro, sem harmonia;
Mas gerados em minh'alma
Entre a dor entre a agonia.
São de saudade e amargura
Recordações de ventura,
Não são cheios de ternura
Como os teus e melodia.

DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

A' MEMORIA

DE

José Dias da Costa.

TYPOGRAPHO.

Chora, Tejo, saudoso mais um filho,
Morto longe de ti, cá n'estas plagas,
Que com murmúrio suave as claras ondas

Do rico Guanabara mansas regam.
Elle te amava muito, qu'rido Tejo!
Nascido em tuas verdejantes ribas,
Contemplára-te as vagas crystalinas;
N'ellas bebeu o amor á liberdade,
O qual em peito veramente luso
D'envolta cresce com o amor da patria;
Ausentou-se de ti saudoso e triste,
Quando no fim das guerras intestinas,
Que inda á pouco tuas margens assolaram,
Se achou sem pão, sem liberdade ao monos,
E veio habitar a terra amiga,
Da liberdade amiga mais que todas,
Hospitaleira sempre e sempre qu'rida
Ao forasteiro que lhe pede abrigo;
Era artista, viveu de seu trabalho:
Não foi pezado ao paiz onde habitára,
Como o não foi jámais á sua patria:
Da vida sua nos derradeiros tempos,
Quando applicar-se mais não pôde á arte
Que do grão Guttemberg ha tido invento,
Que sua era e extremoso cultivára;
Habitando a manção de amigo velho,
Portuguez ainda, dos antigos tempos,
Eu era só o derradeiro amigo,
Que visitava assiduo a pobre casa,
Onde enfermo jazia quasi morto.
Morreste, amigo, e que te importa a morte,
Tu que a virtude amaste aqui na terra?
Quem prantos deve derramar agora
Sou eu que perco amigo vero e caro.
Da vida tua devota e piedosa
Já Deos no Céu te ha dado o premio d'ella;
Mas quem resta na terra e que te amava
E' que tem de chorar por largo tempo
Amigo candido que em ti perdera.

Aceita, pois, de minha lyra o canto
Humilde, mas que nunca foi vibrado
A' porta ferrea de senhor soberbo,
Que nunca exaltou o rico ou o nobre,
Tyranno vil que o ouro dá em troca
Ao trovador infame e aviltado.

Rio, 29 de Maio de 1855.

BERNARDINO PINHEIRO.

Typ. de F. A. DE ALMEIDA, rua da Valla n.º 141.

UMA PAGINA DA HISTORIA PORTUGUEZA.

**A morte do Principe D. Affonso
filho de El-Rei D. João II.**

(Continuação do n.º antecedente.)

II.



PORRIA o segundo anno da ultima dezena do seculo quinze (1491); e se compararmos as vicissitudes dos imperios a uma das brochas da roda, que caminha, a qual ora se eleva ora se arrasta; este seculo e o seguinte foi o tempo que a estrella lusitana, como o prego da roda, levou a descrever o arco superior do circulo immenso da vida das nações.

A batalha de Aljubarrota, nos ultimos annos do seculo anterior, tinha feito assignar a Castellá, nos primeiros annos d'este, o tractado de paz com Portugal; e segura a nossa independencia tratou-se da nossa gloria.

O primeiro feito d'armas foi a tomada de Ceuta, a que se seguiu, no meio do seculo, a de Alcacer-Ceguer e depois a de Arzilla e de Tanger.

Mas acções muito mais importantes illustrarão neste seculo e no seguinte, os Portuguezes; acções uteis á Religião, ás sciencias, á agricultura, ás artes e ao commercio de todo o mundo: forão as descobertas, em que, acima de todos os povos da terra os Portuguezes se avantajarão.

Enumeral-as, seria em demasia longo; e para que? Tomai uma carta geographica, uma carta que vos mostre o globo terrestre, e percorrei a vista desde o porto de Lisboa, desde a costa occidental de Portugal, descrevendo uma longa curva, até a costa oriental da Asia. Isto é: esparzi a vista pelo oceano Atlantico, costeei todo o occidente da Africa, descei até ao cabo Tormentoso ou de Boa Esperança, e subi até ao Indostão, até á China, até ao Imperio Japonês; e dissei com vosco: conheço mais regiões do que todos esses sabios da Chaldea, do Egypto e da Grecia. Mas

N.º 5 — Domingo 2 de Setembro de 1855.

esperai. Percorrei as grandes ilhas da Oceania: (*) vede a grande e a pequena Java, a rica Sumatra, Burnéo a maior ilha do mundo depois de Java a grande, a Terra dos Papuas e mil outras, mas se ainda quereis mais, passai todas essas ilhas, coroadas de vulcões, transpõe a immensidade do mar Pacifico, navegai o estreito de Magalhães, dobrai o cabo das Onze mil Virgens, subi ainda um pouco e ali tendes a formosa e vastissima terra de Santa Cruz, quasi tamanha como a Europa e banhada pelo Amazonas, o rio maior do mundo.

E dissei com ufania, se sois Portuguez ou descendente seu, foi ao genio dos lusitanos que se deve o conhecimento d'estes immensos mares e d'estes novos mundos.

Mas se pensais que roubo gloria a alguma nação partilhai-a então com o resto da Hespanha e podeis dizer, com a consciencia tranquilla e á face do mundo todo: Foi a Peninsula Iberica, foi essa porção da Europa, que do todo separão os Pyreneos, quem descobriu as ferteis ilhas do Atlantico, parte da Africa, um caminho maritimo para a India, as innumeradas ilhas da Oceania e as vastas regiões da America.

Em 1493, por uma authorisação do Papa, Portugal e Castella dividião o mundo entre si, á vista das mais nações da Europa, que tomadas de pasmo e maravilha estavam estupefactas.

Deitadas, prostradas hoje em seu leito de morte, entre o Mediterraneo e o Atlantico, soffrem affrontas das outras nações, a quem já dictarão leis!... Ah! mas se um dia unidas e fortes se levantarem ambas, será o despertar de um gigante temivel aquem insultarão durante o somno.

O successor de D. João II hia ser o rei quasi da terra, hia ser um monarca maior, do que

(*) Tenho, apenas á mão, em cartas geographicas sobre as descobertas, um pequeno mappa francez denominado *Carte de l'état du monde vers la fin du XV siècle avec le tracé de Principales Expéditions maritimes des Scandinaves, des Portugais et des Espagnols, jusque vers le milieu du XVI siècle*, por Delamarche; o qual mappa é uma das 37 cartas de um bello Atlas muito seguido em Lisboa. Tem escripto, no espaço que occupa o continente da nova Australia: *A grande Java, depois-nova Hollanda, visitada pelos Portuguezes, nas costas septentrionaes pelos annos de 1530 a 1540. Na grande ilha que fica ao norte tem: Terras dos Papuas descoberta por Menezes em 1527. E atravez das Philippinas e de todo o mar do Pacifico ve-se o traço da immensa derrota de Magalhães. Fallo aqui apenas da Oceania pois que alguns creem serem os Hollandezes e Inglezes os principaes descobridores, das outras navegações não apresento provas, por que julgo que ninguem as duvida.*

depois forão, Carlós V e Luiz XIV; e nada faltava para illustrar o seu reinado, nem generaes, nem poetas, nem ouro para edificar, nem artistas para erigir monumentos; tudo o levava a ser um rei, que a posteridade não esqueceria mais, pois não ha homem celebre sem o seu pedestal de occasiões, e ao que fosse successor de D. João II ellas devião sobrar.

Foi esta immortalidade que obteve D. Manoel e foi o que perdeu pela sua prematura morte o Principe D. Affonso filho de D. João II.

(*Continúa.*)

BERNARDINO PINHEIRO.



A queda de Cápua.

O passado é a escola do presente,
e o espelho do futuro.

I.

Segundo o testemunho de todos os historiadores da antiguidade, Cápua era considerada, no tempo da segunda guerra punica, a primeira cidade depois de Roma; se esta a excedia em circuito e população, por outro lado Cápua, a eclipsava por suas riquezas, pela magnificência de seus edificios, e a fertilidade de seu territorio; a natureza tinha-se esmerado em seu favor: um clima temperado, a vizinhança de um mar benigno, e favora el á navegação, um sitio delicioso, tudo estava reunido para procurar a seus habitantes os prazeres e as commodidades da vida; a agricultura levada ao mais alto gráo de perfeição, ajudava em tudo a natureza, e augmentava seus beneficios.

A situação politica de um povo influe sempre sobre seu caracter, e sobre seus costumes. Os habitantes da Campania, e mais ainda os de Cápua, erão frouxos, e voluptuosos, insolentes na prosperidade, sem coragem nos revezes; cheios de confiança em suas forças, em quanto as não experimentavão, mas timoratos á vista do perigo. Tinhão pretensões a uma grandeza que não sabião sustentar; erão levianos, inconstantes, sempre ávidos de mudanças nas quaes tihão tudo a perder e nada a ganhar.

A liberdade não podia portanto ser a partilha de um tal povo. Vivia á mais de um seculo debaixo do jugo de Roma, e de todos aquelles que experimentavão a mesma sorte, era o unico que nada tinha a queixar-se da legitimidade de seus direitos. Não tinha sido o azar da guerra, nem a lei do mais forte, mas sim uma submissão vo-

luntaria, que tinha sujeitado aos Romanos os habitantes da Campania. Longe de se opporem a suas primeiras incursões, tihão-nos recebido como protectores, e tal era sua fraqueza, que os Romanos os tihão salvado, conquistando-os.

Para se conceber a origem, e julgar dos acontecimentos que se seguirão, é necessario lançar uma vista d'olhos, sobre o que a historia nos refere dos primeiros tempos da Cidade de Cápua.

II.

Os historiadores attribuem aos Etruscos a fundação de Cápua debaixo do nome de Vulturnus. Enfraquecidos por numerosas guerras, receberam dentro de seus muros um grande numero de Samnitas refugiados, distribuindo-lhes terras para os attrahir, mas bem depressa encontrão sua ruina nas novas forças que elles pensavão ter adquirido. Estes traidores, aproveitarão-se de uma festa publica, em que os seus bemfeitores se entregavão com seguridade á alegria; atacarão-nos, usando de armas que trazião occultas, matarão uma grande parte, dispersarão o resto, e tomarão tudo áquelles que pouco antes, os tihão presenteado com parte do que possuião.

Foi desde então, segundo diz Tito Livio, que Cápua tomou este nome. E' impossivel determinar se é devido a *Capys*, chefe dos Samnitas, ou á palavra *Campus*, que significava, as campinas fertéis de que era cercada, ou a seu título de *Capul*, Capital da Campania.

Uma posição adquirida pela traição, foi perdida pela indolencia, e frouxidão. Este povo guerreiro até então, enervado pela abundancia, deixou corromper seus costumes, e sua coragem desvaneceu-se; esqueceu o uso de suas armas, desde que deixou de servir-se dellas. Não lhe restava senão o orgulho d'uma grandeza passada, e a confiança em forças apparentes. Não reconheceu finalmente sua fraqueza, se não quando appareceu o perigo.

Os Sidicios andavão em guerra com os Samnitas; os Capuanos tomarão sem necessidade, parte nessa guerra, e enviarão numeroso exercito contra os Samnitas, e estes se resentirão vivamente desta offensa da parte de um povo descendente de sua nação. Abandonarão logo, seus primeiros inimigos, e voltarão suas armas contra a Campania, que lhes offerecia mais ricos despojos, e uma victoria mais facil.

Não se enganarão. Vencedores em duas san-

guinolentas batalhas, forão occupar as alturas de Tifate, montanha que dominava a planície de Cápua, e se preparavão a atacar a cidade mesma. Então não se vio mais que temor e desespero. Um momento a tinha precipitado dos fastos da grandeza ás bordas do abysmo. A flôr dos mancebos tinha sido morta; a campanha estava devastada, as povoações queimadas, e esses campos anteriormente tão férteis, offerecião agora á vista um quadro cruel de estragos e destruição.

Um inimigo tão atrevido em suas empresas, como cruel em sua vingança, avançava até ás portas da cidade, e punha tudo a sangue e a fogo. Os Capuanos, não encontravão em torno de si soccorro algum, e não sentião em si mais força alguma. Os alliados, pelos quaes se tinham exposto a um tão grande perigo, satisfeitos de ter escapado áquelle que os havia ameaçado, evitavão, neutros, de suscitar-o de novo. Abandonarão á sua sorte os desgraçados Capuanos, que, fóra de seus muros, encontravão o ferro do inimigo, reinando dentro horrivel fome.

Nesta extremidade não lhes restava, senão um ultimo soccorro, uma ultima esperanza, a protecção de Roma. Enviarão-lhe embaixadores,

(*Continúa.*)

Tradução de A. M. S. BANDEIRA.

Litteratura e Civilisação.

(*Continuação.*)

Não queremos acompanhar a Litteratura Portuguesa desde o reinado de D. Diniz, em que ella começou a brilhar, até os nossos dias, porque a tarefa é demasiado ardua. Nossos fracos recursos intellectuaes nos impedem de pintar ao vivo as diversas phases porque ella passou, e relatar como algumas produções excepcionaes conduzião o povo o crer em um novo e mais bello porvir.

Voltaremos, pois, aos fins do seculo passado. Já o dissemos, e de novo o repetimos, que o volcão revolucionario que rebentou em França, e se transmittio a toda a Europa, despertou os povos d'essa ignorancia ingenua, permitta-se-nos a expressão, em que o feudalismo os envolvera. Se bem que o poder dos nobres se tivesse edificado como por encanto, as classes infimas da sociedade obedecião ás doutrinas observadas por seus maiores, e erão estas crenças e tradições que os impedião de tomarem a iniciativa, promovendo entre si aquillo que é um dos mais poderosos in-

centivos para a sua felicidade... Napoleão, semelhante a um meteóro brilhante, que se precipita no espaço, até se extinguir no infinito, lançava os alicerces de uma sociedade que deveria tornar-se notavel, procurando de per si a emancipação geral que até aquelle tempo era exclusiva dos grandes. As bellas artes, a litteratura e a poesia, tinham sua parte da gloria que esse gigante das batalhas, conquistava com a espada! Alguns annos depois da sua morte, a primeira e mais notavel descoberta da epocha realisaria essa sociedade, julgado outr'ora chimerica, e os incredulos reconhecião então que com o genio nada é impossivel ao homem.

Estas idéas, que alimentamos com todo o nosso fogo de vinte annos, parecerão a alguns absurdas e impraticaveis. E porque? Porque longe de nós esses principios severos de passados tempos; longe de nós as idéas neutras das eras de superstição e dominio feudal.

Digão muito embora alguns visionarios que este seculo de innovações, esta sociedade brilhante e independente ama de coração todos os prazeres, digão elles muito embora que nada hoje é digno de imitar-se e seguir-se, procuraremos sustentar o contrario, e com esse enthu-siasmo nascido do coração acompanharemos aquillo, que poder consolidar, sob bases solidas, o porvir grandioso e feliz, que nos annuncião a civilisação e luzes do seculo. Continuemos pois, envidando todos os esforços para que tenhamos a melhor parte da gloria que parece presagiar a realisação desse complexo de cousas, e nossos filhos abençoar-nos-hão...

(*Continúa.*)

A. XAVIER R. PINTO.

Fragmentos de Mithologia.

(*Continuação do n.º antecedente.*)

A VIRTUDE.

A Virtude é filha da Verdade. Representa-se na figura de uma mulher ao natural, toda vestida de branco e assentada com elegancia em cima de uma pedra quadrada. Vestida de branco esta mensageira do Céu, nos mostra o triumpho da sua innocencia. A pedra quadrada em que se assenta, nos revella a sua igualdade na pratica de fazer o bem. A Virtude, as mais das vezes anda só, e por caminhos quasi desertos; já se vê pois, que esta

divindade ama com estremo a solidão; desprezando os festins do templo, vai assentar-se modestamente sobre uma pedra, que todo o seu luxo artistico é a igualdade! O' Virtude, eu te contemplo como a melhor dadiua do Céu. Podesse eu acompanhar-te sempre por esse aprazivel caminho da solidão: podesse eu obter para sempre a tua desejada companhia; sem a qual jamais poderei adoçar estes meus dias amargurados, nem ver raiar uma paz consoladora em minha alma. Oxalá que todos busquem o teu caminho, e depois de constantemente o terem trilhado, uma inodesta pedra para seu descanso.

A INVEJA.

A Inveja, representa-se com olhos espantados, e sumidos; côr palida, e o rosto muito enrugado, toucada de cobras, tendo em uma das mãos tres serpentes, e na outra uma hydra com sete cabeças, e uma serpente roendo-lhe o peito. A Inveja é um dos maiores flagellos da humanidade; a fiel pintura que della nos transmittirão os gregos e os latinos, vem ligeiramente infundir-nos um terror panico. Ao contemplarmos seus olhos sumidos e a serpente roendo-lhe o peito, vem-nos á idéa mil pensamentos máos, devemos teme-la, e com todas as nossas forças repelli-la para bem longe; porque se della nos aproximarmos, com magoa veremos faltar-nos os recursos para nos livrar de seu tiranno poder, seremos condemnados por ella a puxar máo grado nosso o seu carro triumphal! Os nossos olhos ficarão sumidos virão as cobras e a hydra e tomarão o seu lugar; finalmente veremos de improviso surgir com uma soberba espantosa a satanica serpente; que depois de nos medir da terra ao peito nos cinge com toda a sua dâmnada furia, para mais a sua vontade devorar nossas entranhas! O' Inveja, eu te abomino do fundo de meu coração; e tanto fugirei de ti, que nem mesmo a tua ironica pintura possa no volver da fragil vida perturbar a minha imaginação.

(Continúa.)

M. LEITE MACHADO.

Nicolau Tolentino e Bocage. (*)

Ambos poetas — contemporaneos — residindo na mesma cidade — e até fallecidos com

(*) Extraído da Livraria Classica Portuguesa dos Srs. Castilhos.

pouco intervallo — e enterrados ao pé um do outro — nem *Bocage* falla uma só vez nas suas obras de *Tolentino*, nem *Tolentino* de *Bocage*!

Consultando sôbre esta singularidade alguns amigos do poeta, foi-nos dito por *Assentiz* e o Sr. *D. Gastão* (os quaes muito conversarão ambos os autores) que não só tinham feito a mesma observação, quanto ás obras, mas notado que, nas suas conversações, nem *Tolentino* nem *Bocage* fallavão nunca um do outro, em bem nem em mal, levando este cuidado a ponto de affectação, pois quando de tal objecto se tratava, calavão-se elles!

Uma Dama porém, de altissima intelligencia, que a ambos os poetas conheceu, asseverou-nos que elles tiverão relações estreitas, contando-nos, por essa occasião, esta anecdotia.

Estava *Bocage* encostado ao umbral da porta de uma loja, do Rocio, appareentemente pensativo e absorto, quando *Tolentino*, chegando-se-lhe ao ouvido, pergunta:

Elmano, a lyra divina
Porque razão emmudece?

ao que logo *Bocage* respondeu:

Porque mais cala no mundo
Quem mais o mundo conhece.

Tornou *Tolentino*:

Que tens achado no mundo
Que mais assombro te-faça?

Diz *Bocage* sem hesitar:

Um poeta com ventura,
Um toleirão com desgraça.

Dentro em poucos minutos, estavam os improvisadores rodeados de centenaes de ouvintes; e, influidos pela emulação, continuarão longo tempo, sem ceder nem fraquejar, n'este formoso *echo*, em que já vimos ter tambem *Bressane* sido eminente.

O Sr. *Banha*, parente de *Bocage*, deu-nos conta de outro *echo* entre ambos. Tanto um como outro tinham pés monstruosos, que mutuamente epigrammarão. Só se conservão porém os seguintes versos de *Bocage*:

Se o Padre Sancto tivesse
Um pé tão longo e tão máu,
Podéra mesmo de Roma
Dar beja-pé em Macão.

Tolentino fez-lhe este (inedito):

Eram tres juntas de bois,
E d'aquelles mais selectos
A puxar pelos sapatos . . .
E os sapatos quietos !

CUBA.

Descripção da cidade de Havana.

POR CHARLES OLLIFFE.

(Continuação)

Quando entramos pela primeira vez no quarto de dormir, apressamo-nos (o que tambem me aconteceu) a chamar o *cameriere*, e de lhe arguir ter esquecido trazer uma cama; mas o negro ou negra que entra mostra as duas ordens de dentes de marfim, rindo admirado, quando de novo, se pede um colção. Effectivamente os leitos havanezes, tanto nos hoteis como nas casas particulares, não contém colção, lençoes, nem colchas. Nada mais do que um travesseiro e uma coberta para os pés, dispostos sobre um pedaço d'estofo forte, pregado solidamente ás travessas horizontaes do leito. Da cupola pende um mosqueteiro de tecido fino, o que deve ser prejudicial á saude, attendendo a que impede a circulação conveniente do ar puro á roda do individuo deitado n'esta cama singular.

Ha sem duvida uma especie de graduação na qualidade dos leitos: o do cubano pobre, é de linhagem crúa, e as travessas sem pintura nem verniz. No leito do rico burguez, o pano é perfeitamente branco e o leito d'acajú ou palmeira envernizada. Emfim o nobre fidalgo deita-se n'um estofo rico, de setim fino ou de brocado d'ouro ou de prata, e o madeiramento do leito é de pau rosa ou de cedro bem pintado e trabalhado.

Acontece muitas vezes, que ao momento de nos deitarmos achamos um escorpião mettido entre a colcha dos pés e o pano que serve de colção.

Comtudo deve ser raro, pois que durante a minha estada na Havana não vi um só escorpião no interior das casas, ainda que examinava cuidadosamente o meu leito todas as noites, por causa d'um aviso que me tinham dado. Não se pode dizer o mesmo d'uma grande aranha preta, semelhante á tarantula de Napoles, que se vê muitas vezes arrastando-se pelas paredes e tectos dos quartos.

Esqueça-se promptamente a presença dos in-

sectos venenosos e dos reptis, quando ao entrar e a casa, se dá com os olhos nas *alcarazas*, que tem em reserva, mesmo durante os maiores calores do verão, uma provisão d'agua o mais fresca que se póde desejar. A *alcaraza* é um vaso de barro, louça ou porcelana, sem verniz algum vidrado. A sua porosidade, ainda que quasi invisivel á vista dá-lhe a propriedade de refrescar todos os liquidos, por uma evaporação analogá á que conserva o sangue humano em uma temperatura comparativamente baixa, nas latitudes mais ardentes da zona torrida. Emprega-se tambem a *alcaraza* todos os dias para refrescar o vinho.

Não se observa d'um anno ao outro, augmento notavel na população da Havana. O numero actual, comprehendendo o arrabalde de Regla, situado no lado opposto da bahia, calcula-se em 220 mil almas. Neste numero entra uma porção consideravel de crioulos.

Observão-se n'algumas familias destes ultimos no que diz respeito aos usos da vida, certos costumes que apenas se notão em hespanhoes de sangue puro. Assim por exemplo, que na classe mais elevada dos crioulos, todos se levantão da meza no fim do segundo serviço, ou pelo menos no fim d'aquelle em que se tem consumido os ultimos pratos d'assados e legumes; depois de passearem por 20 minutos a conversar, n'uma galeria aberta, situada em outro lado da casa, voltão para a sala de jantar. Os convidados não podem acreditar que estão na mesma sala: não só não sentem o menor cheiro das comidas, mas aspirão os perfumes mais exquisitos, graças á variedade infinita de flores e de fructos deliciosos que cobrem a meza. Entre estes acha-se sempre a *guayava* celebre pelo doce que se faz d'ella, a *tuna* do tamanho d'um ananaz, que dizem ser muito saudavel; a *zapitalla* suave especie de maça brava d'um gosto mui agradável; emfim o *mamey*, cujo sabor é tão delicioso, que os naturaes de S. Domingos, aonde cresce em abundancia, dizem que é o sustento das almas bemaventuradas no outro mundo. (Continúa.)

Tradução de F. M. CORDEIRO DE SOUSA.

S. Damaso Papa.

Vamos adornar a *Saudade* com um ramalhete de flores odoríferas, cingir suas paginas de uma grinalda mais bella que nenhuma das outras, porque é de um santo Portuguez que nos vamos

occupar. Possão estas toscas e simples linhas despertar no espirito de todos a admiração e o respeito que devemos a tudo aquillo que foi magnanimo e sublime !

Quando estamos longe da Patria e dessas doces e enebriantes affeições, que nos rodêão na infancia, é um tributo que pagamos registrando em qualquer *jornal* as saudades pungentes que sentimos pelo torrão natal, os desejos que alimentamos por seus progressos, e a satisfação intima e consoladora que nos move a avivar passadas reminiscencias. E' certamente tudo isto que nos animou a emprehender uma breve resenha da vida e acções do primeiro e ultimo Pontifice Portuguez, que o mundo admirou, e a Igreja recebeu como um dos seus mais fortes sustentáculos !

Enthusiasta da gloria e ornamentos patricos, admirador respeitoso desses genios inimitaveis, que marcão uma pagina dourada na Historia de qualquer nação ; orgulhosos de pertencer a uma que conta tantos desses ornamentos brilhantes, — estamos certos que seremos desculpados por não espargirmos n'esta resenha as flores aromaticas e raras que encerra o objecto d'ella...

S. Damaso 1.º, e trigesimo oitavo na serie dos Pontifices, nasceu na antiga e nobre villa de Guimarães. (*) As memorias do tempo não dizem com precisão o anno em que veio ao mundo este Santo varão, nem quaes erão seus ascendentes, e d'onde provinhão. Sabe-se que bem moço passou com Antonio, seu pai, a Roma, então no seu maior esplendor. Dedicando-se á Igreja, forão taes os seus progressos e suas virtudes, poderão tanto sobre os principes da Curia Romana, e com especialidade no Pontifice Liberio, que sendo este desterrado para Tracia, por ordem do Imperador Constantino, o deixou por seu vigario, governando em seu nome a Igreja e convencido de que S. Damaso occuparia em pouco tempo a magna cadeira, que o forçavão a deixar. Em quanto interino, e apesar da opposição que encontrou no Presbytero Faustino, o qual pertencia á seita de Luceferiano, reconciliou alguns Bispos com a Igreja Romana, que, por temor ou ignorancia, apoiarão e subscreverão nas actas do Concilio de Rimini. A 24 de Setembro do anno de 366, falleceu o Pontifice Liberio; S. Damaso succedeu-lhe, contando já 60 annos de idade ; e foi sagrado na Basilica de Lucina: (**) Poucos dias

depois da sua exaltação á cadeira pontificia, armou-se contra o novo Papa, Ursicino, Diacono, que ajudado de uma multidão de sediciosos, queria chamar a si o anel Pontifical, persuadindo para esse fim a Paulo, Bispo de Tivoli que o sagrasse Bispo de Roma, o que com effeito fez na Basilica de Liberio. (*)

Para attenuar as graves consequencias que se poderião originar do scisma levantado em Roma, Juvencio, prefeito desta cidade, e Julianno Commissario Geral dos mantimentos, ordenarão que fosse desterrado o anti-Papa Ursicino, com os Diaconos Amancio e Lopo, seus complices principaes. Ursicino refugiou-se, com grande numero de gente armada, na Basilica de Liberio. Os que tinham concorrido para a eleição do verdadeiro Pontifice, não podendo superar a cholera que os assaltára ao saberem esta nova, valerão-se do ferro e do fogo para escalarem o lugar que servia d'asylo aos scismaticos.

(Continúa.)

A. XAVIER R. PINTO.

Rio, 10 d'Agosto de 1855.

Cluene.

Que fazes ali sentada
Tão tristemente a pensar,
Diz-me, donzella querida,
Vem teus segredos fallar.

Meigo rosto e formosura
De rubro pejo corou,
Seus lindos olhos levanta
Nestes termos me fallou :

« Trago dentro do meu peito
« Um fogo devorador,
« Soffro muito, mas agrada
« O soffrer de puro amor.

« Quizera ser invisivel
« Quizera com elle estar.
« Quizera ver só a elle,
« Pois só elle quero amar.

« Rompe o dia escuras trevas,
« E mil vezes se sumio ;
« Rompe o sol do horizonte

(*) Hoje cidade.

(**) Posteriormente de S. Lourenço.

(*) Hoje de Santa Maria Maior.

« Veio o sol e nós fugio
 « E o amor que aqui trago,
 « Jámais daqui se esparzio.

« Já viste amor como este
 « Eni coração como o meu?...
 « Eu dei-lhe meu coração
 « Elle em troca deu-me o seu,
 « Desde esse dia até hoje
 « De prazer meu peito encheu.

« Mas aquelle ingrato, hoje
 « Quer-se de mim ausentar,
 « P'ra talvez em braços d'outra
 « Novos carinhos gozar!
 « E en, donzella infeliz,
 « Fico mirrada a chorar!...

« Uma ideia tive agora
 « Que meu soffrer abrandou,
 « Heide seguir-lhe as passadas,
 « Heide andar onde elle andou;
 « Heide provar-lhe os affectos
 « De quem sempre o adorou.

Do peito da linda joven
 Forte suspiro s'escoou;
 E de repente o seu rosto
 De lagrimas se inundou.

Silenciosa levantou-se
 P'ra choupana caminhou,
 E só de espaço em espaço
 Um nome se lhe escapou.

Lauro... Lauro... eu soffro muito
 E este soffrer é por ti,
 Vem dizer-me que me amas,
 Que me amas só a mi.

J. A. DE LYRA.



A um consorcio.

O Deos tão supremo, que a tudo dá vida,
 Da etherea manção elle tudo prevê,
 Maldades dos homens, venturas terrestres
 Castiga, promoe — de tudo dá fé.

Grandezas não valem se não ha virtude,
 Caminha a villoza a par da luxuria;
 Os dotes d'uma alma, que já fôra nobre
 Recahem famintos na tibia moluria.

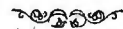
Mas vós, quo hoje vindes aos pés do ministro
 Do Deos potentoso jurar união,
 Caminho da honra, prestar lealdade,
 Formar n'nma só elo ditoso condão:

Só tendes virtude, porisso o bom Deos
 Contento premeia tão bello hymeneu;
 A alegria se mostra no céu radiante
 Do dia benino que elle hoje nos deu.

O' par tão ditoso, recebe os embóras
 Leaes e sinceros de meu coração,
 Que o tempo que corta tão breve o espaço
 Só traga alegria p'ra vossa união.

J. J. d' OLIVEIRA.

28 de Julho.



A pé d'Aljubarrota.

Por S. Jorge a vez primeira
 O lusitano bradou;
 E a trombeta guerreira
 N'Aljubarrota echoou.
 D'inimigos trons as balas (*)
 Rareando nossas alas,
 Davão-lhes maior valor...
 Que não farião soldados
 Fortes já, ainda animados
 Pela crença e pátrio amor? (**)

O sangue tingia a terra,
 O fumo toldava o ar,
 E gritava á guerra! á guerra!
 A trombeta sem cessar.
 De Castella o rei em vista,
 Só tinha a facil conquista
 Do meu pequeno paiz;
 Que são lusos esquecia
 Esses valentes, que guia
 D. João, Mestre d'Aviz.

(*) Peças d'artilhariã a primeira vez empregadas
 Portugal nesta batalha.

(**) Os castelhanos erão scismaticos.

Mas assim que os mais ufanos
Começão a recuar,
E', que sete castelhanos
Com a pá pôde prostrar.
Brites d'Almeida, a primeira
Que tornou arma guerreira,
Uma pá na sua mão,
E ninguém melhor do qu'ella
Ao orgulho de Castella
Dando tão boa lição...

Lembrou-lhe — ja era tarde
E só tinha a escolher,
Ou fugir como covarde,
Ou como bravo morrer.
Fugio... porque já bem via
Que o amor da patria podia
Mais que todo poder seu.
E, fugindo, lhe lembrava
A vergonha que ganhava,
E a honra que perdeu.

Em signal do vencimento
D. João Primeiro quiz
Que s'erguesse um monumento, (*)
Gloria de nosso paiz,
E ainda hoje se nota
Na villa d'Aljubarrota,
Essa pá que tanta vez,
Depois de centenas d'annos,
Faz corar os castelhanos
E sorrir o portuguez!

J. C. LOUSADA.

S. Paulo, 1853.



A rosa.

Rompia a manhã apenas,
E suas luzes serenas
Inundavão meu jardim,
Quando sahi, p'ra gozar
Das aves o gorgear
Nas arvores ao pé de mim.

N'uma roseira, inclinada,
Vi uma rosa banhada
De orvalho reparador;

(*) Convento da batalha.

Vendo-a triste o pendente,
Julguei que uma dôr pungente
Opprimia a triste flor.

« Perque choras, bella rosa,
« Tu tão linda, tão formosa,
« Quem pôde affligir-te assim?
« És por todos estimada,
« És com cuidado regada,
« E reinas neste jardim.

« A's delicias consagrada,
« Se do tronco és afastada,
« Vais das bellas para o seio,
« Ali gozas, invejada,
« Uma dita aos mais vedada,
« Sem temor e sem receio.

« Tens para todos encanto...
Querendo enxugar-lhe o pranto,
O seu calix sacudi...
Mas suas folhas, molhadas,
Cahirão p'ra o chão pesadas,
Dispersas aqui e ali.

O que deseja, indiscreto,
Consolar pezar secreto,
Causa assim um mal peor;
Afflige a sua piedade,
Augmenta a triste saudade,
Torna sempre a dôr maior.

Rio, 20 de Agosto de 1855.

EUGENIO ARNALDO DE BARROS RIBEIRO.



Reflexões moraes.

As grandes e brilhantes acções, que mais nos
maravilhão, e que os politicos representão, como
effeitos de planos fundamente delineados, não
são mais ordinariamente, do que o resultado
das paixões humanas. Por exemplo a guerra
de Augusto e de Antonio, que em geral se
attribue á ambição que tinham de se tornarem
senhores do mundo, não é talvez mais que pro-
veniente da inveja.

DUQUE DE LA ROCHEFOUCAULD.

Typ. de F. A. DE ALMEIDA, rua da Valla n.º 141.

UMA PAGINA DA HISTORIA PORTUGUEZA.

**A morte do Principe D. Affonso
filho de El-Rei D. João II.**

(Continuação do n.º antecedente.)

III.



Em uma tarde
do mez de ju-
lho, o sol já
cansado de ta-
to brilhar, hia
declinando no

horizonte; as avesinhas,
que desde o seu nascer o
tinham saudado com doces
hymnos, em sua marcha
gloriosa, aninhavão-se so-
bre os ramos das arvores,
e o rouxinol tonando o cui-
dado de só por si substituir
aquella orchestra, que se
calava, hia empoleirar-se
na haste do chorão ou do
salgueiro junto ao rio, no

ramo do choupo ao pé da fresca fonte, ou na fron-
dosa ramagem dos platanos do jardim, e ouvião
seus ternos gorgeios: no rio o pescador, deitando
indolente a sua rêde; na fonte, enchendo o can-
taro, a escrava moura, e no jardim passeando
entre a murta e os jasmineiros, a melancolica
donzella a lêr algum romance de cavallaria ou a
seismar em seus amores.

Santarém parecia ter sahido dos montes, que
lhe ficão contiguos, e olhava fixamente as ondas
douradas do Tejo, querendo, talvez, descobrir no
fundo do rio o encantado tumulo, que os anjos do
Senhor edificarão á martyr Santa Iria, de quem
deriva o nome santo, que ora tem, trocado pelo
romano — Presidio Julio — e pelo godo — Sca-
labis. —

Sentados juntos a uma das goticas janellas dos
paços reaes, respirando o ar puro da tarde, e de-
leitando-se com a fraca brisa, que tendo passado
entre as flôres, vinha toda perfumada e voluptuosa
estavão uma joven da mais aristocratica bel-
leza, e um mancebo muito formoso; este tinha
entre as suas mãos as da menina e familiarmente
lhe dizia:

N.º 6 — Domingo 9 de Setembro de 1855.

— Quando hontem monteava junto a Almei-
rim não estava tão alegre, como hoje que hei pas-
sado todo o dia ao pé de ti, minha Izabel.

— Então ficarás toda a semana commigo?...
hoje já é terça feira. . . .

— Pois sim. Eu convidei o pagem da escre-
vaninha de meu pai. . . .

— Garcia de Rezende?

— Sim, convidei-o, para vir amanhã passar
commosco o dia, e com suas praticas nos entre-
teremos.

— Pedir-lhe-hei que me escreva aquellas tro-
vas tão lindas, que hontem lhe ouvi recitar.

— Quaes?

— Aquellas á morte de D. Ignez, que começo
assim:

Senhoras, se algum senhor
Vos quizer bem ou servir,
Quem tomar tal servidor,
Eu lhe quero descobrir
O galardão do amor.

— Ah! são as mais lindas que hei visto, sabes
tu para diante? quando a infeliz Castro diz:

Conheceu-me! conheci-o!
Quiz-me bem! e eu a elle!
Perdeu-me! tambem perdi-o!
Nunca té morte foi frio
O bem que, triste, puz n'elle!

— Não, não sei, só me lembra quando ella
mais adiante diz:

Estando mui devagar,
Bem fóra de tal cuidar
Em Coimbra da socêgo,
Pelos campos do Mondego
Cavalleiros vi somar.

« Coitada da infeliz, logo um negro presenti-
mento lhe annunciou sua desgraça; que o diz Re-
zende na sua outra estrophe, que me não lembra.

— Ali vem tambem cavalleiros, minha Ignez
de Castro!

— Ai! Affonso, não brinques, que quando
senti o galopar dos cavallos nas lages da calçada,
estremeceu-me o coração.

— Ora, é meu pai, que vai passear, banhar-se
ali abaixo no Tejo, convidou-me para o acompa-
nhar, mas estou cansado das correrias de hontem
e quero antes ficar contigo.

Era effectivamente D. João II, montado com
galhardia em seu ginete, que com alguns fidalgos
e cavalleiros da sua côrte, se hia ao Tejo a tomar
banho, que calmoso havia estado o tempo.

Ao sahir do paço tinha dito para alguns cavalleiros : — O principe D. Affonso diz que está cansado da montaria, que hontem fizemos em Almeirim, vamos á casa da sua princeza, não esteja elle doente.

Sem se desmontar chegou á porta do edificio e perguntou á guarda pelo principe ; o cabo hia responder, quando D. Affonso, que da janella o vira, tendo apressadamente descido, appareceu todo risonho, vindo respeitoso beijar a mão ao pai que sempre a cavallo, lhe disse :

— Então, Affonso, não queres vir nadar connosco ?

— Desculpe-me Vossa Alteza, (respondeu o principe,) mas as correrias d'hontem me fatigarão um pouco e desejo antes ficar em casa.

— Faze o que te aprouver ; (lhe tornou o rei,) A tua princeza Izabel está hoje muito linda ? esorrio-se :)

D. Affonso corou muito, havia tão pouco tempo que elle amava, que ainda não tinha o sangue frio de marido, e o rei continuou.

— Vai para junto della, meu querido Affonso, faze-lhe muitos cumprimentos da minha parte, e adeus, até á noite, que quero hoje vir cear em tua casa,

D. João II voltou o cavallo, e reunindo-se aos fidalgos, que tinham estado um pouco afastados, continuarão todos a galopar.

O principe voltou para a janella junto da princeza, e o rei ao prepassar, tirando o gorro, os cumprimentou garbosamente, ao que elles corresponderão com muitas e attenciosas cortezias.

A cavalgada continuou seu caminho, e D. Affonso disse para a esposa :

— Izabel, mal me está parecendo, el-rei meu pai tanto instar commigo para que o acompanhasse e eu ficar aqui.

— Já que lhe dissesstes que ficavas, fica, eu vou pedir meu alaiúde, e cantar-te-hei umas trovas muito lindas em castelhano.

O principe depois d'alguns momentos de silencio respondeu :

— Não, não, minha Izabel, desculpa, que eu vou alcança-lo ; não tomarei banho, mas acompanharei a cavalgada.

— Não vás, Affonso, experimentei tal estremecer, quando ouvi ao longe retinir as ferraduras dos cavallos, e quando vi apparecer os primeiros cavalleiros....

— Ora, minha princeza, tambem crês em agouros ? disse o principe, despiendo apressado um

chambre, que vestia e tomando um gibão de veludo preto, das mãos de um pagemzinho, que ouvindo as primeiras palavras de D. Affonso tinha prevenido a sua ordem.

— Não vás, Affonso, (disse a princeza tomando-lhe uma das mãos,) não vás que um presentimento fatal me ennegrece o coração.

O principe com a mão, que conservava livre, acenou ao pagem, que comprehendendo a sua vontade, lhe lançou aos hombros um manto de velludo preto com bordaduras de prata.

A princeza, vendo-o assim resolvido, pregou-lhe o manto, em quanto o pagem que lhe trouxe o chapeo e um cinto, d'onde pendia uma curta espada, lho acolchetava na cintura ; o principe alisou com a mão os seus cabellos louros e compridos, e tomando o chapeo, estreitou com ternura d'encontro ao peito a joven esposa, e dizendo-lhe com sua voz suave : — Até logo, minha querida Izabel ; sahio apressadamente da camara e a correr desceu ás estrebarias a procurar o seu cavallo.

(Continúa.)

BERNARDINO PINHEIRO.



Litteratura e Civilisação.

(Conclusão.)

A esse cahos immenso, originario da França, succedeu o que, quasi sempre, se segue a tempestade a bonança. Os espiritos agitados e indecisos procurarão reunir n'um ponto fixo as vastas idéas que tornavão os homens em principio ebrios de sangue, e depois da gloria ; e tudo parecia contribuir para essa reunião. Era impossivel por mais tempo esse empregar continuo de inauditos esforços, que, como era d'esperar trazião consigo resultados mais ou menos apreciaveis... A imprensa levantára o collo ousado, e offerecia-se para alimentar um milhão dos seus mais predilectos filhos, que, até ali, dispersos e perseguidos mendigavão um parco e mesquinho sustento.

Em Portugal extinguiu-se este tribunal de censura que apenas approvava os livros que não ião d'encontro a seus fins, tolhendo d'esta sorte as melhores inspirações dos homens de genio e de intelligencia. O povo principiava a receber essa educação elemental que o impediria de crer n'essas chimeras propagadas por aquelles que desejavão e trabalhavão para a sua continua ignorancia. Mais tarde uma revolução arrancava a

esses visionários e supresticiosos o domínio e a influencia que exercião sobre o povo, e novas instituições trarião após si bens e immensos benefícios que redundarião em proveito seu. O pensamento era livre, as idéas acolhidas, a emulação reinava entre aquelles que possuíam o don da palavra e da intelligencia; que mais se precisava. Não é uma felicidade e uma consolação para o homem que volta de noute á casa, depois de um trabalho insano durante o dia, achar em torno do lar a familia, os filhos queridos, e ter entre elles um que recebera parte d'esses estudos elementares, o qual, a um convite seu lhe lê aquillo que lhe era extranho e para que olharão sempre com indifferença? Não fará essa leitura esquecer as decepções e difficuldades com que luta a todo o momento? E em que tempo poderíamos nós dizer outro tanto? Para que reprovão, pois, esse visionarios a leitura dos livros que no seu inculto pensar nada encerrão digno d'aproveitar-se? Não diz um autor que o mais ruim livro se torna bom, porque hade conter alguma cousa que ignoravamos?...

Deixemos estas questões estereis, e vamos acabar; demasiado temos dito a este respeito, e continuaremos se á isso formos impellido. Unamó-nos, pois, para rematar a obra que nossos maiores começaram, e caber-nos-ha parte da gloria que a posteridade lhes reserva.

A. XAVIER R. PINTO.



Fragmentos de Mythologia.

(Continuação.)

A MORTE.

A Morte é filha do Somno, e da Noute, representa-se na figura de um esqueleto, com um vestido negro, semeado de estrellas, e azas nos pés, tendo uma fouce na mão direita. De todas as divindades, é esta a mais implacavel; sua pintura se nos entranha pelo pensamento com uma facilidade immensa. Um esqueleto vestido de negro, com uma fouce na mão, é por demais assombroso. Bom fóra que esta medonha pintura nunca se apartasse de nossa imaginação; e que a todos os momentos se nos figurasse receber o corte de sua afiada fouce. Pois é ella que de um momento para outro nos póde ceifar a vida quando mais segura a julga-

vamos. E por esta mesma razão, é que todos devemos andar prevenidos, trazendo justas as contas do passado, e depois com muita fé enviarmos todas as esperanças para o futuro.

A ALEGRIA.

A Alegria é uma divindade mysteriosa. Não vos canceis em procura-la nos festins da corte por que será baldada vosso esforço; toda essa folia dos banquetes não é mais do que sua sombra. Ella ama extremosamente a solidão dos campos; de rosto prazenteiro, entra pela modesta habitação dos lavradores, onde assiste as mais das vezes aos singelos passatempos, na cultivacão das searas. Na cidade demora-se algumas vezes em casa do pobre: pára defronte da porta do rico, e se entra em casa de algum é um caso raro! Olha para o palacio do Rei onde hesita entrar, e se alguma vez o faz é por momentos. Sua morada é no reino da innocencia, seus moradores mais visinhos são a Virtude e a Caridade. A sua fronte mostra á primeira vista um ar melancolico mas ao contemplar-se por algum tempo com attenção facilmente reconhecemos que essa melancolia que lhe notamos é doce e prazenteira. O festim aonde ella encontra lenitivo é nas suas lagrimas, saudas com tanta ternura, como descidas do Céc.

(Continua.)

M. LEITE MACHADO.



CUBA.

Descripção da cidade de Havana.

POR CHARLES OLLIFFE.

(Conclusão.)

Para a dama crioula é indispensavel o pagem, quando vai á igreja; pois que este leva além do volumoso *devocionario*, um tapete para estender sobre o soalho. A maior parte das damas estão durante a missa ajoalhadas nos seus tapetes; ás vezes o pagem leva tambem uma almofada, que em caso de cansaço serve para a senhora se assentar.

Uma das maiores igrejas da Havana a de S. Francisco, foi a poucos annos, annexa á alfandega como armazem supplementar. O seu estado de ruina suggerio esta idéa á municipalidade, tanto mais que os outros edificios religiosos, dispersos pela cidade, são mui numerosos e vastos para o numero dos fieis que os frequentão.

Dizer-se-hia que a devoção dos habitantes é affectada de languidez e que se ressentem dos effeitos do clima. Seja como fôr este juizo temerario, a maior parte da população não cessa de gritar contra a expropriação da sua igreja. R clamou-a por motivos baseados n'uma suprestição piedosa.

« S. Francisco, dizem elles, é o patrono das « tempestades ; senão se der ao culto a igreja « que lhe era dedicada, o santo retirará a sua « protecção, e seremos todos, qualquer dia, ex- « terminados pelos elementos ! » Ora, á doze annos a esta parte, que mais de um terrivel furacão, de que ainda se vêem os traços, tem atacado com um furor espantoso a Havana e seus arredores.

Os bons habitantes tem pois alguma razão para temer que mais cedo ou mais tarde, a bella capital da rainha das Antilhas seja destruida ou arrasada por um destes violentos terremotos que já ahí tem manifestado a sua presença.

Mas a cathedral devia indemnisa-los amplamente da perda do outro templo ; contém o mausoléo d'aquelle que á quasi quatro seculos descobrio esta ilha encantadora. Não é um simples cenotaphio que os felizes havanezes tem constantemente ante os olhos, pois que as cinzas de Christovão Colombo ahí repousão realmente.

O illustre na egante morreu em Valladolid, como todos sabem a 20 de Maio de 1506. Seu corpo ahí ficou depositado até 1526, época em que foi transferido para o seu tumulo de familia em Sevilla. Dez annos depois, este precioso despojo foi transportado á ilha de Hispaniola, que o almirante tanto amou em vida.

Ahi se conservou religiosamente até 1795, em que esta ilha foi cedida á França pelos hespanhóes.

No principio do mez de Janeiro de 1796, os restos mortaes de Colombo fizerão a sua entrada solemne na Havana.

Assim que se avistou ao largo a esquadra que os trazia a seu bordo, não cessou a artilheria de troar, até dobrar o *Moro* para entrar no porto. Apenas desembarcado o caixão que era de chumbo dourado, foi entregue ao governador geral de Cuba, que o esperava no cáes, rodeado de um brilhante estado maior. Um esplendido cortejo, tendo á frente o bispo e clero, se dirigiu á cathedral.

Hoje não é em um caixão, que estão depositados os restos mortaes do almirante, mas em uma urna de marmore branco collocada n'um nicho ao lado direito do altar-mór. Sobre um pedestal, a pouca distancia, diante d'esta urna, vê-se um

busto que dizem estar mui parecido e por baixo este epitaphio em hespanhol : « *As cinzas e a imagem do grande Colombo ! Possão elles conservar-se n'esta urna por milhares de seculos !* » Se algum dia a Havana se vir despojada d'esta quantidade de epithetos gloriosos, que se podem resumir no de « Rainha das Antilhas, » e que todos derivão da sua opulencia commercial, proveniente da posição topographica tão emminantemente privilegiada, continuará ainda a merecer uma designação ácima de qualquer titulo real, emquanto fôr depositaria de thesouros que a sua basilica possui. Certamente, este monumento do genio apparece de longe aos olhos do estrangeiro com uma magestade brilhante, como a antiga columna de Pompeu nas praias d'Alexandria.

Traducção de F. M. CORDEIRO DE SOUZA.



S. Damaso Papa.

(Continuação do n.º antecedente.)

Um furioso combate se travou, e a morte de cento e trinta pessoas d'ambos os sexos, foi a consequencia d'esta louca pretensão. Com o des-terro de Ursicino para as Gallias, serenou a borrasca que ameaçava trazer em continuo conflicto a capital do mundo christão. O Concórdio, e Calixto, sequez de Ursicino, accusarão-no d'adulterio.

Para se justificar d'esta calumnia convocou o Santo Padre um concilio de quarenta bispos, em presença dos quaes mostrou a sua innocencia. Em outro concilio celebrado na mesma cidade, forão condemnados Ursicino de Singidon, e Valente de Meurse, bispos da Illyzia, observadores do arianismo, e inimigos do grande Athanasio, principal columna da religião christã. Por uma carta dirigida a este, participava S. Damaso o que tinha feito em prol da religião ; e no concilio d'Alexandria, celebrado em 371, a que assistirão noventa bispos do Egypto e da Lyria, foi o summo pontifice congratulado pela condemnação de Ursicino e Valente. Comtudo quem particularmente soffreu a levesidade de tal condemnação foi Anxencio, que se simulára catholico, publicando para esse fim uma confissão de fé, contra os decretos do concilio de Nissenó ; e porque além de verdadeiro Ariano usurpára a mytra de Milão.

Para profundar esta apostaria e sacrilégio, veio

Para profunder esta apostasia e sacrilegio veio a Milão Santo Hilario bispo do Poitou, o qual tão sublime nas sciencias como nas virtudes, obrigou o imperador Valentiano, a sahir da cidade, como um dos principaes inimigos da tranquillidade publica. Uma grande parte do estado de Milão, e provincias circunvisinhas, tinham sido invadidas da terrivel heresia. S. Damaso temendo que se propagasse o mal, e desejando attenua-lo, convocou de novo outro concilio de noventa e tres bispos, no qual foi condemnado por unanimidade de votos Auxencio, confirmados os decretos do concilio de Nissenó, e annullado o de Rimini. Animado do espirito da propagação da religião christã, que n'elle era uma segunda natureza, acabou de uma vez com os representantes e com as seitas de que aquella cidade era *uma segunda mãe*. Debellando os Luceferianos, Manicheos, e Donatistas, que tinham espalhado seus erros em uma grande parte d'Africa, fez condemnar em outro concilio celebrado em Roma, no anno de 375, Apolinario e seus discipulos Thimoteo e Vital; fulminando os erros d'Arrio, Sabelio, Eunomio e Fotino. Protegido do grande imperador Theodosio, mandou congregar em Constantinopla um concilio Ecomeno, a que assistirão cento e cincoenta padres, distinguindo-se entre elles S. Gregorio Naziazeno, S. Gregorio Nissenó, e Milecio Antiocheno. N'este concilio se lançou o anathema sobre Macedonio, que negava a Divindade do Espirito Santo. Finalmente em outro concilio celebrado em Roma no anno de 382, para que forão convocados Santo Ambrosio de Milão, S. Valerio d'Aquilea, e S. Ascolo da Thessalonia, se derão fim ás discordias do povo d'Anthiochia, que, divididos em diversas facções, reconheciam uns como seu bispo a Milecio, e outros a Flaviano. Sustentaculo forte da religião catholica, perseguidor acerrimo d'elles que a impugnava; mereceu o titulo de *Diamante da Fé*, que lhe concedeu o concilio Constantino politano, reunido por S. Agatho.

(Continúa.)

A. XAVIER R. PINTO.

A queda de Cápuia.

(Continuação.)

III.

A republica romana tão temida depois, estava ainda longe de attingir ao maior auge de sua grandeza, e de alcançar o titulo de senhora da

Italia. A pesar de todas as suas guerras com os povos visinhos, não obstante suas numerosas victorias, suas conquistas inda não passavam além de cinco marchas da cidade, e seu territorio em sua maior largura não excedia por toda a parte as invenciveis legiões de Roma, o orgulho dos cidadãos, e a firmeza do senado. Tinha-se visto com admiração, esses Romanos vencidos pelos Gaulezes renascer de suas cinzas, vencer por sua vez, e triumphar de todos os povos que parecia quererem aproveitar-se de sua aparente fraqueza. As mais longinquas nações procuravam sua alliança, e já sua reputação se estendia além dos mares.

Cápuia não podia fazer melhor escolha nesta occasião de angustia. Mas uma circumstancia diminuia a esperança de successo. Uma estreita alliança de ha muito unia os Samnitas, entretanto que tratado algum até então os ligava aos Campanienses. Para que romper com um amigo antigo e solido, por novo e tão incerto? Para que offender um alliado cuja bravura era conhecida, para proteger um fraco, do qual a existencia, ou a ruína não offereciam senão um mui pequeno interesse?

O Senado de Cápuia tinha pesado estes obstaculos, e tinha tomado todas as medidas a seu alcance para vencel-os. A embaixada enviada a Roma, era numerosa e composta de tudo quanto tinham de mais consideravel na cidade. Suas instrucções tinham sido por longo tempo reflectidas: Não havia uma só palavra em seus discursos, cujo effeito não estivesse previsto. A embaixada foi introduzida no senado, o orador confessou, que a necessidade levava os Campanienses a procurar a alliança dos Romanos; « mas, diz elle, uma « alliança que se forma de baixo de semelhantes « auspícios, deverá ser muito mais solida, pois « que o reconhecimento se acha d'envolta com « o interesse. A que une os Samnitas a Roma « é sem duvida mais antiga, mas não pode ser « exclusiva, e quanto á utilidade, a alliança dos « Campanienses offerece incontestavelmente mais « aos Romanos. Os Equos, e os Volcos, « esses eternos inimigos de Roma, encontrarão « sempre em Cápuia, uma primeira trincheira, « ou para melhor dizer, as fronteiras de Roma « se estenderão até as fronteiras das Campania. « Se pelo contrario um paiz tão rico, e tão cheio « de recursos cahisse em poder dos Samnitas, « não adquirirão estes um poder espantoso? « Cápuia offerece, da raiva irreconciliavel desta

« nação, um bom exemplo: uma victoria do-
« brada, a desolação, e a devastação de seu ter-
« ritorio, não forão inda sufficientes para os acal-
« mar. Declaração, que não deporão as armas se-
« não depois da ruina total desta cidade, e sem
« duvida, depois de assassinar todos seus habi-
« tantes. Quem diz aos Romanos que depois
« deste augmento de poder, elles não lhes voltão
« as armas?... A ambição, conhece por ventura,
« limites? Não muda os sentimentos, e as dis-
« posições?... Roma pelo contrario, com uma
« palavra, pode promover aos Capuanos, uma
« paz que os salva e delles fazer amigos para
« sempre devotados.

« Romanos, exclama o orador acabando, é
« para vós sobre tudo que serão cultivadas as
« magnificas planicies da Campania, e que os
« muros de Cápua se encherão de habitantes; nós
« vos contemplaremos e vos honraremos como
« nossos fundadores, nossos pais, e nossos pro-
« tectores; daremos a todas vossas colonias o
« exemplo da fidelidade e obediencia. Ah! que
« não podesseis vêr a multidão que nos cer-
« cava á nossa partida! As lagrimas, e os ge-
« midos, com os quaes o povo pedia aos deoses
« o bom resultado desta empreza! Se soubesseis
« a agonia e a mistura de receio, e desespero com
« que o senado e o povo, nossas mulheres e
« nossos filhos nos inspirão! A vida ou a morte,
« a escravidão ou a liberdade... Eis o que de-
« pende de vós conceder-nos. Se vos recusaes,
« em dois dias seremos presa d'um vencedor
« desapiedado e cruel, e esteis que vos fallão hoje,
« e aquelles em nome de quem fallão, não exis-
« tirão mais; é tal a nossa situação que não ha-
« vemos recurso entre a vossa alliança, e a nossa
« completa destruição.

IV.

Assim que os Embaixadores se retirárão, e
que o consul poz a questão á votos, fez-se notar,
incerteza, e duvida no animo do Senado.

Não somente a assemblea inteira pareceu to-
cada da extremidade a que estavam reduzidos os
Capuanos, como tambem não podia desconhecer
a grande vantagem que adquiria Roma tendo por
aliada a Cidade mais consideravel da Italia, e
por armazem o mais fertil territorio.

Não obstante tudo isto, vio-se triumphar a hon-
ra, e a boa fé. Chamados novamente os Embai-
xadores, eis a resposta que receberão.

« O Senado dos Romanos, aprecia os Campa-

« nienses, dignos da amizade e da alliança da
« nação que elle representa; mas, não podem ser
« quebrados os laços que já tinha. Os Samnitas
« são á longo tempo nossos alliados, e não temos
« nada a reprovar-lhe por ora. Tomar as armas
« contra elles seria offender os deoses, e ao
« mesmo tempo, os homens. Entretanto, enviar-
« lhe-hemos embaixadores, e esperamos que
« nossa intervenção será sufficiente para preve-
« nir a má sorte que vós temeis.

Esta resposta era generosa, mas estava longe
de satisfazer os Capuanos: que illusão; a media-
ção dos Romanos ser bastante para acalmar os
Samnitas, e para lhe fazer abandonar uma presa
que contavão segura! Antes mesmo da chegada
desses Embaixadores não podião tomar a cidade
de assalto?

O Senado de Cápua tinha tudo previsto. Auto-
risado por seus poderes, o orador, tomou a pa-
lavra;

« Pois bem, exclamou, já que não annuis a
« garantir contra a injustiça e a violencia, um
« povo que se lança em vossos braços, ao menos,
« sabereis defender as vossas propriedades. Re-
« presentantes d'uma nação poderosa! nós de-
« positamos em vosso poder as ferteis planicies
« da Campania, as muralhas da soberba cidade
« de Cápua, nossos templos, nossas riquezas,
« tudo o que pertence aos homens, e tudo o que
« é consagrado aos deoses. Compete-vos decidir
« de nossa sorte, e só a vós, pois que nós decla-
« ramos vossos vassallos.

A estas palavras os Embaixadores cahirão de
joelhos, estenderão ao senado suas mãos suppli-
cantes, e exprimirão inda mais por suas lagrimas,
o horror de sua situação.

(Continúa.)

Traducção de A. M. S. BANDEIRA.



A' Lua.

La vem da noute a rainha,
Por corôa raios tem;
Silenciosa caminha
Detraz dos montes d'alem.
E com a face inflammada,
Como Diana irritada
Quando foi no banho achada,
E' Diana que lá vem!

Mas já a deusa caçadora
 Não causa aos mortaes terror.
 As frechas que traz agora
 São meigos raios d'amor.
 Amor a que não resiste
 Quem a saudade faz triste
 E para quem só consiste
 Toda a ventura na dôr !

O amor que das a todos
 Quem t'o poderá negar ?
 Ninguém — que por mil modos
 No peito o fazes brotar.
 Ninguém haverá tão fero
 Que se te mostre severo
 Se até Nero, (*) o proprio Nero,
 O' lua, te quiz amar !

Salve, ó lua ; eu te bemdigo
 Tão triste, assim como sou,
 O condão que tens comigo
 Minha tristeza abrandou ;
 Com torrentes de ternura,
 Essa dôr que tem doçura,
 A afeição talvez mais pura
 Só com te ver se avivou.

Aceita pois os meus cantos
 Qu'inspirarão raios teus,
 Devidos aos teus encantos
 Ouve-os, se podés, nos céos,
 Nesse puro azul que trilhas
 D'onde sobre a terra brilhas
 Augmentando maravilhas
 A's maravilhas de Deos.

S. Paulo, 1853.

J. C. LOUSADA.

Versos á Menina

L. E. T. L.

Donzella, linda flôr de minha vida,
 Meu candido fanal, bondoso guia,
 Celeste virgem de minha alma qu'rida,
 Meu unico prazer, minha alegria,

(*) Nero, por extravagância, namorava a lua — Ao menos não lhe era infiel.

Separado de ti por largos mares,
 Distante do paiz onde hei nascido,
 Da America no solo tão flôrido,
 Vivendo solitario em seus palmares ;

Tu és o meu constante pensamento,
 No peito hei gravada a tua imagem,
 E sinto de teus labios a bafagem
 De sonho doce e casto no momento.

Quando divago na soidão do prado,
 Tão fresco, tão ameno e verdejante,
 Eu recordo, donzella, o teu semblante
 E só penso nos tempos que hão passado.

Recordo nosso amor desde o primeiro
 Momento, que em minha alma foi sentido,
 Quando teu rosto vi lindo e fagueiro,
 Pelos males de doença enfraquecido.

Era um dia de Julho, e o sol mui quente
 Dardejava seus raios sobre o Tejo ;
 Mas do zephro placido bafejo
 Acalmava do sol o ardor fervente.

E eu a ti vi então sentada triste
 Entre os festões de breve gelosia ;
 Tu olhaste-me e não sei porque sorriste,
 E eu jamais esqueci aquelle dia.

Amei-te com amor tão vivo e santo,
 Como mulher alguma foi amada,
 Nem a Heloise ou a Laura memorada
 Lhe votaram amor tão puro e tanto.

Nós tínhamos fronteiras as janellas
 Ambas deitavam p'ra jardim viçoso,
 Onde camélias lindas, rosas bellas,
 Cresciam ao lado do jasmim minoso.

Durante o dia nos viamos incessante,
 E no espaço, que ao repouso é dado,
 Sonhava, que tu eras a meu lado,
 Teu rosto via na mente delirante.

Outro dia, dia feliz da minha vida ...
 Como na mente eu lembro incessante
 Dias do nosso amor, oh minha qu'rida,
 Dias em que d'amor te vi radiante !

Tu dêste-me sympathica e singela,
 Linda flôrzinha, que se diz de cêra,
 Era linda, como é linda quem ma dêra,
 Candida como candida és, donzella.

E eu beijei-a no extremoso e enamorado,
E occultei-a no recondito do seio,
Foi assim o amor nosso declarado
Apezar do infantil commum enleio.

D'esde então cartas mil foram trocadas :
As minhas escrevias de amor chorando
E ao ler das tuas, co' o peito arquejando
Beijava louco as letras adoiadas.

Que frases tam sentidas, tam saudosas,
Repassadas de pranto e de ternura,
Eram singellas, doces e mimosas,
Eram notas d'amor e de ventura.

Fogoso e ardente como então eu era
Meu louco coração vivaz ardia
Em fogos mil de amor, de poesia,
De enthusiasmo, de paixão mui vera.

Agora solitario divagando
Do mundo novo nos vergeis flôridos,
Melancolico em ti eu vou pensando
E sinto fallecerem-me os sentidos ;

Sinto que minha vida se fenece,
Longe de ti seu unico alento,
Como a luz a qual balda de sustento
Na alampada do templo se esmorece.

Exhausto caio á sombra da palmeira,
E a lyra que cantava nos amores
Pende triste da arv're hospitaleira
Cançada de soffrer amargas dores.

Separada de mim lá tão distante,
Assidua lembras do cantor a chamma,
Do pallido cantor, que tanto te ama
Ao seu amor vivaz tu és constante.

Eu sei como divagas pensativa
Nas verdes margens do dourado Tejo,
Como pisas incauta a sensitiva,
Como olvidas da brisa o doce beijo.

Sei quando sob o olmeiro vais sentar-te
No fim da tarde ao fenecer do dia,
E o que a terna, a saudosa melodia
Da meigã philomela vem lembrar-te.

Sei quaes de noute os sonhos, que te embalam,
Os desejos, que na alma tens a medo,
Os pensamentos, que de mim te fallam
E as lagrimas, que choras em segredo.

E por ti, meu amor, eu rogo ao Céu
Ou que sejas feliz cá n'esta vida
Junto de mim amada e muito qu'rida
Amada cára paixão do peito meu ;

Ou então ... (eu o rogo fervoroso,
Bem do fundo, do fundo de meu peito,)
Que nossas almas em abraço estreito
Voem juntas ao feliz e ethereo pouso.

Rio de Janeiro, Junho de 1855.

BERNARDINO PINHEIRO.



O beija-flôr e o jasmim.

Encantado a avezinha,
Dos jardins filha mimosa,
Tu que mil flôres percorres,
A saudade, o lirio, a roza,
Sem que alguma possa ser-te
Macia cama cheirosa,

Paira um instante, eu vou dar-te
Uma flôrsinha engraçada ;
Tem dos anjos a innocência
Em sua fronte estampada ;
Tem da donzella o pudor,
Tem o rir da minha amada,

Bello matiz orna as pennas
De teu corpinho subtil ;
Tens a aurea côr do Sol,
Tens a côr de um céu de Abril,
Tens emfim as vivas cores
Que adornão o meu Brasil :

Mas como o jasmim não tens
Côr tão suave e tão bella,
Côr que encanta por ser pura
Que agrada por ser singella ;
Para herdar essa pureza
Vai pousar no seio d'ella.

G. B.

Typ. de F. A. DE ALMEIDA, rua da Valla n.º 111.

D. PEDRO V.



HOJE o 18.º anniversario natalicio de S. M. F. El-Rei D. Pedro V.

E' hoje tambem que o joven rei é declarado maior e que empunha o sceptro Portuguez.

Se os lusos fizerão re-tumbar com jubilo o inspirado grito de — Viva a liberdade! — com que entusiasmo não acclamarão o joven monarcha, se elle a personifica e é o descendente de quem a

plantou?

Portugal, minha querida patria, outr'ora os teus filhos forão os predestinados por Deos para levar a sua santa religião aos mais longinquos confins do universo, e lhes permittio que as quinas portuguezas tremulásem sempre triumphantes em todo o globo; eis-vos agora prostrado, abatido e ludibriado por aquellas nações que em outro tempo tributando-vos homenagem, vos olhávão como o espelho d'ellas, desejando seguir-vos passo a passo na vereda de honra e de gloria, que sempre soubestes orgulhosamente sustentar.

Mas, apenas fruíis os immarcesciveis louros, ganhos nos campos de batalha, em que só impedidos pelo amor á gloria e em pród da christandade, algumas dezenas de portuguezes desbaratavão milhares de inimigos implacaveis.

Porém tudo tem o seu fim.

Portugal arquejando, pedia em ardentes preces ao Altissimo a sua compaixão. Deos compadecendo-se do paiz humilhado, ahi fez brotar da mulher piedosa, um filho, destinado a acordar do entorpecimento em que jazia a patria de Affonso Henriques e eleva-la ao maior auge de prosperidade.

N.º 7 — Domingo 16 de Setembro de 1855.

E' pois esta a missão do Sr. D. Pedro V. Nelle a patria descança, e tem a firme esperança de que hade ser monarcha justiceiro e extremoso pai dos Portuguezes.

Assim pois, os nossos vaticinios se realizarão, porque o neto do immortal D. Pedro IV, filho da virtuosa D. Maria II, de saudosa memoria, illustrado como é, e rodeado de homens de reconhecimento patriotismo, e que se entreguem devotadamente a fazer germinar no nosso Portugal o verdadeiro progresso, veremos então aquelle cantinho occidental, transformado em um paraizo europeu.

Portanto quem duvidará, que a nossa querida patria, d'entro em pouco, occupará um lugar distincto, no meio das outras nações, se nós temos á testa d'ella, o homem amante e amado dos Portuguezes, que na sua excursão pelos paizes estrangeiros foi admirado por monarchas notaveis, que encontrarão nelle conhecimentos não vulgares?

Finalmente desejamos, e assim o esperamos, que no reinado do Sr. D. Pedro V, a nossa marinha tornará ao seu antigo esplendor, o nosso exercito aguerrido como outr'ora, e as artes, a industria, a agricultura e o commercio terão cada vez maior incremento, e assim nos equipararemos em tudo ás nações mais civilizadas, e Portugal tocará o alvo que todos os bons portuguezes desejão.

CONSTANTINO J. D'A. LEMOS.



Fragmentos de Mythologia.

(Continuação.)

O SOMNO.

O Somno é filho do Erevo, e da Noute. Tem seu palacio em uma cova retirada e desconhecida onde nunca penetrarão os raios do Sol. A entrada segundo dizem, ha infinidade de dormideiras, eervas soporíferas. O rio do esquecimento corre pela frente do dito palacio, e nelle não se escuta outro ruido, mais que o brando murmurio das

aguas. O Somno descança em uma sala, sobre um leito de pennas cercado de cortinas pretas. Os Sonhos o rodeião, e Morphêo seu principal ministro se conserva acordado vigiando que se não faça algum motim. Representa-se reclinado sobre um leito com um corno em uma mão, e um dente de elephante na outra.

O Somno inda que muitas vezes o contemplamos como a imagem da morte, é sem duvida um dos mais preciosos sustentáculos do corpo. Se passarmos alguns dias e noutes sem elle o corpo procurará dobrar-se, e os olhos pouco a pouco se hirão fechando. Quantas vezes não vamos nelle esquecer tantos soffrimentos da vida, e recordar momentos tão doces e tão do Céu! Ora vemo-nos rodeados de grandezas; ora estarmos trocando expressões amorosas com uma pessoa que nos é sumamente cara, e que nunca acordados o podemos conseguir. Somno, eu te saúdo alegremente do fundo de meu coração; tantas vezes tens feito sorrir em torno de mim a felicidade!... Bem vindo sejas entre os mortaes, por que lhe trazes o descanso desejado ao corpo; e quando tu os desamparaes, seus dias estarão prehenchidos.

(*Continúa.*)

M. LEITE MACHADO.

S. Damaso Papa.

(*Conclusão.*)

Reformador do corpo mystico da Igreja e acabando com os vicios que se hião introduzindo insensivelmente; semeou por toda a parte as virtudes que tanto o distinguirão. Elegeu para seu secretario ao Doutor maximo da Igreja S. Jeronimo, de cuja elegante penna dependião a solução das questões mais intrincadas, que, como chefe supremo da Igreja, lhe erão submettidas. Ordenou que universalmente se cantassem alternados os choros dos psalmos, costume que até ali era particular. Decretou tambem que cada psalmo terminasse com o verso de *Gloria Patri*, etc., etc., e que se dissesse *alleluia* em todo o anno, o que era de uso fazer-se apenas durante a Paschoa. Foi o primeiro que nas Bullas Apostolicas se intitulou *Servus servorum Dei*; exemplo que foi seguido por S. Gregorio Magno, e seus successores. Edificou duas Basilicas, uma junta do thea-

tro de Pompeyo, dedicada a S. Lourenço (*) as quaes enriqueceu com preciosos donativos. Fundou proximo a ella um Collegio de Conegos para celebrarem os Offícios Divinos e na outra, edificada na Via Ardeatina, mandou depositar os restos mortaes de sua irmã Irene, que morreu virgem na curta idade de 20 annos. Aperfeiçoou a Basilica de Santa Rufina e Secunda, situada na Silvea Candida fóra de Roma, cuja obra, começada por Julio I, ficára imperfeita. Adornou de preciosos marmores as catacumbas em que jazião os corpos dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo; renovou, emfim, os aquedutos da fonte do Baptisterio, junto do Vaticano, arruinados pela violencia do tempo; tudo em beneficio do povo Romano.

São Damaso falleceu a 11 de Dezembro de 384, na avançada idade de 80 annos, tendo governado a Igreja pelo espaço de 18 annos, 2 mezes e 10 dias. Foi sepultado na Basilica que edificára na Via Ardeatina, d'onde foi transportado para a de S. Lourenço. O Cardeal Francisco Barberia, protector d'esta Basilica, e Vice-chancellor da Igreja Romana, o trasladou em 30 de Setembro de 1645, anniversario da dedicação d'esta Basilica, de uma urna de madeira, em que descansavão seus restos mortaes para outra de bronze, primorosamente trabalhada, e em qual mandou gravar uma elegante inscripção.

Profundo em todas as sciencias, S. Damaso se distinguio com especialidade na poesia. Pelo epithaphio que se segue, composto por elle para ser gravado em sua sepultura, os leitores entendidos melhor poderão avaliar. Eil-o:

*Qui gradiens pelagi fluctus compressit Andros
Vivere qui præstat morientis semina vitæ,
Soluere qui potuit Lasaro sua vincula mortis
Post tenebras, fratrem, post tertia lumina solis
Ad superos iterum Mariæ donare sorori
Post cineres Damasum faciet, quia surgere credo.*

A. XAVIER RODRIGO PINTO.

(*) Foi chamada depois — S. Damaso.

A queda de Cápuia.

(Continuação.)

V.

Roma ainda não tinha visto um espectáculo desta natureza. Sem duvida, muitos povos haviam já, por muitas vezes apparecido no mesmo recinto, para solitar a paz, e sujeitar-se ao jugo do vencedor; mas que uma nação livre, que nunca havia tido guerra com os Romanos, viesse reconhecer o seu poder e submeter-se a suas leis, e que esta fosse a cidade da Italia, a mais bella e rica, esses mesmos capuanos acostumados a prestar soccorros, antes, do que a pedir-os, e cuja altivez os fazia tomar como offensa, qualquer comparação com os Romanos, de certo uma tal instabilidade nas cousas humanas devia comover tanto, como espantar.

Essa vista, produziu o effeito desejado, no senado de Roma. O abandono a que se offerecia os capuanos foi accedido. Foi resolvido, enviar-se immediatamente embaixadores aos Samnitas para exigir que retirassem seu exercito d'um paiz que se tinha tornado territorio de Roma, e que recorrerião á força, se não quizessem ceder a esta representação.

A primeira destas medidas era conforme com a equidade, mas a resposta dos Samnitas era facil de prever. Elles igualavão os Romanos em coragem e sobrepujavão-nos em temeridade. A deliberação dos campanienses longe de chamal-os a disposições pacíficas, devia parecer-lhes uma nova offensa, e com effeito a resposta de seu senado foi, que não somente continuarião a guerra contra os Campanienses, mas que a levarião sobre todos aquelles que tentassem protegê-los.

VI.

Tal foi o acontecimento que provocou essa guerra memoravel, esse fogo sempre renascente, que ao fim de 70 annos ardia ainda, e que se não apagou senão com ondas de sangue, e por meio de uma serie de revoluções. A força, a coragem, a tactica que os Samnitas desenvolverão, os reveses, e os bons resultados que houverão de um lado, e outro, as crueldades sem numero que forão exercidas por ambas as partes, os esforços innauditos a que forão obrigados os Romanos, a vergonha mesmo, de que muitas vezes se cobrirão... Tudo isso occupa uma pagina

muito notavel na historia de Roma, e prova quanto pagou caro uma aquisição que parecia dever custar-lhe tão pouco.

Desde o começo da guerra Roma enviou dois exercitos, um sob o commando do consul M. Valerius, destinado a atacar os Samnitas, e outro, sob o de seu collega Cornelius Cossus, teve ordem de levar a guerra, e ataca-los em seu proprio paiz. Derão-se batalhas sanguinolentas; os Romanos forão vencedores por toda a parte; os Capuanos com quanto fossem salvos, estavam longe de se fiar em suas proprias forças; pedirão uma guarnição romana, a qual lhe foi concedida.

Os guerreiros Romanos acostumados a uma vida dura e grosseira, á temperança e ás privações, bem depressa esquecerão sua patria, na abundancia que lhes offerecia a Campania. A inveja e a avareza se unirão á voluptuosidade, e desde o primeiro quartel d'inverno, conjurarão a perda dos Capuanos, da mesma maneira que os predecessores destes tinham causado a dos Etruscos.

Ao abrir-se a campanha seguinte, tendo chegado um novo consul á Campania para reunir as tropas, notou algumas centelhas de fermentação, sentio-lhe o perigo, e prevenio-o fazendo espalhar o boato, de que a guarnição de Cápuia viria no inverno seguinte, ter ahi os seus quartéis. Isto acalmou os espiritos por um momento, mas bem depressa os conjurados se aperceberão de que estavam descobertos, e o sentimento de sua força augmentou a sua audácia. Declarou-se a revolta; recusarão-se a obedecer ás ordens do consul, e Roma mesmo foi ameaçada. Seu exercito engrossou-se a ponto de não lhe faltar senão um chefe; souberão procural-o.

F. Quincius, patricio, fatigado de uma guerra, em que se tinha coberto de gloria, e pouco sensivel ás honras, vivia no campo, longe do tumulto da cidade, e das armas.

Os descontentes vierão busca-l-o, pedirão-lhe que fosse seu chefe, e não lhe deixarão escolha senão entre o aceitar, ou morrer.

Quincius fingio declarar-se contra sua patria com a intenção de salva-la. O exercito pediu para marchar sobre Roma, e bem depressa vio-se a duas milhas de distancia, sem terem encontrado opposição alguma. Um dictador appareceu a frente de numerosas legiões; os dois exercitos achavão-se em presença, parecia inevitavel o ataque, e ja a guerra civil ameaçava Roma por causa de Cápuia, mas os chefes dos dois exercitos,

temião, tanto um como outro o derramamento de sangue.

Um discurso do dictador, apoiado por seu illustre adversario, obrou fortemente sobre os corações. A vergonha, e o patriotismo, reconduzirão os espiritos desvairados, e estes antigos companheiros d'armas, unindo-se de novo, só pedião para concorrer á mesma gloria, e a marchar contra o inimigo commum.

(*Continúa.*)

Traducção de A. M. S. BANDEIRA.



UMA PAGINA DA HISTORIA PORTUGUEZA.

A morte do Principe D. Affonso filho de El-Rei D. João II.

(*Continuação do n.º antecedente.*)

IV.

Os bons habitantes de Santarém com pressa e susto se afastavão para o lado, e tirando depois os chapéos, saudavão com amavel benevolencia um cavalleiro, que sobre um fogoso palafrem, corria na calçada por onde tinha desaparecido D. João II e os seus fidalgos. Das pedras saltavão centelhas de fogo ao rapido contacto das ferraduras do cavallo. Se os vestidos do cavalleiro não fossem de tão extremada elegancia, e se elle não fosse na villa tão conhecido, te-lo-hião julgado mensageiro de Satanaz, que sob formas humanas, levava alguma missão infernal a qualquer infeliz lugar. Os judeos á pouco estabelecidos em Santarém, os mouros já antigos habitantes, e finalmente os bons portuguezes admirados de tal arruido sabião á pressa de traz dos balcões de seus bazares e vinhão á porta, cheios de pasmo, admirar o cavalleiro, que como uma sombra tinha passado ante suas portas.

— E' o principe D. Affonso, que quer alcançar el-rei seu pai. Disse para um gordo commerciante portuguez, uma mulher, que tendo levantado um pouco a rotula de uma janella baixa, mostrou seu rosto ainda bello.

— Por minha fé, respondeu o commerciante, nunca vi tão rapida carreira.

— Allah permitta que não vá despedaçar sua fronte bella, como a de uma Huri, de encontro

a alguma esquina. Disse um bom e velho mouro que estava sentado no liminar da porta.

— Mão pensamento tivestes ! (respondeu passando um pobre judeu, que com um cabazinho na mão, vendia mil ninharias.) Mão pensamento tiveste ! Jehovah lhe dê uma longa vida ! tão moço ainda, e já tão attencioso para comnosco sempre quando em alguma festa, de longe, o vejo, se me inundão os olhos d'agua ; n'elle, no bom principe, que ali vai tão loucamente, está a tranquillidade da minha raça ; não seja eu propheta de desventuras, mas bastantes prevejo o futuro. E sempre resmungando, o isrealita continuou seu caminho a pensar, por algum fatal presentimento, na perseguição, que elle e seus irmãos havião de soffrer depois, no reinado seguinte.

O principe, depois de sahir da camara, onde estivera com sua esposa, e de ter descido as escadas, entrara na estrebaria, e como a mula, em que costumava montar, não estivesse ajaez, cavalgou no mais fogoso ginete, que o seu estribeiro-mór andava ensinando.

O corcel estava aparelhado, não se sabe por que fatal acaso sinistramente : o chairel era de sêda preta, guarnecido com franjas da mesma côr, a sella de sêda tambem preta, as redeas de cordões pretos ainda, e o vestuario do principe preto todo.

Não foi D. Affonso quem reparou n'isto, que alegre e mui apressado, como vimos transpoz o espaço que el-rei já tinha percorrido.

Em breve encontrou D. João II que ihui alegre o recebeu ; a cavalgada hia vagarosamente descendo para a margem do rio e todos conversavão ; a chegada do principe interrompeu a pratica, mas passados alguns momentos de alegria, que todos sinceramente testemunharão á vista de D. Affonso, os discursos atarão de novo o cortado fio, e a pratica continuou.

A cavalgada hia dividida em tres grupos : o detraz compunha-se de pagens e escudeiros, estes silenciosos, sendo pela maior parte veteranos, aquelles rindo muito, que erão todos mancebos e de curta idade ; o do centro de varios fidalgos e cavalleiros, uns velhos e outros moços, uns que fallavão de Arzilla, de Tanger e da batalha de Toro e outros d'amores e das ultimas festas, dadas pelo casamento do principe, que jámais em Portugal se tinhão visto tão brilhantes ; o ultimo grupo, da frente, aquelle a que o principe D. Affonso se reunira, era o mais pequeno, mas o mais nobre.

e tambem o mais grave: era constituido por D. João II; D. Pedro da Silva, Commendador-mór d'Aviz; D. Diogo d'Almeida, Prior de Crato; e o marquez de Villa-Real. Quem fallava era o Commendador-mór d'Aviz, homem de idade madura, d'um valor a toda a prova, versado em historia, sciencias e amante da poesia como o — Cancioneiro Geral — nos mostra.

— «Os meus infelizes irmãos Templarios, (disse elle) tendo sido feitos prisioneiros n'um combate temerario, que tinham dado nas terras de Soure, guarnecião as masmorras d'esta bella Santarém, arrastavão ferros, e carregavão terra para altear as muralhas; elles proprios, bem contra seus desejos, tinham feito a cidade quasi inexpugnavel.

«Auzecheri, era o alcaide, o seu vencedor e o seu tiranno. Um dia, os desgraçados estavam prostrados nas trevas da sua prisão, que o unico alivio que minorava a sua dôr, era estarem todos reunidos em um estreito e abafado carcere, quando a porta se abriu e em lingua portugueza, n'essa lingua tanto de sua estima, elles forão cumprimentados com uma saudação amiga, todos estremecerão de alegria e se levantarão cheios de contentamento, mas logo se deixarão cahir, lembrando-se seria mais algum infeliz que vinha partilhar suas desgraças. Mas alfim o céu tinha resolvido termina-las, e em vez de um infeliz, era um nuncio de boa nova o que franqueava o liminar da masmorra. Men Rodrigues, honrado cavalleiro de Affonso Henriques vinha, como peregrino, annunciar-lhes sua proxima liberdade, examinar as fortificações da praça, e procurar communicação com algumas das vigias. O alvoroço dos Templarios foi grande, lagrimas de prazer lhe correrão pelas macilantas faces; mas a esperança em suas almas estava quasi extincta, e quando virão desaparecer de novo Men Rodrigues, seus males lhes parecerão ainda maiores, com aquelle fanal de salvação que tinham visto luzir ao longe, e de que a luz se finou em seus peitos com a bronzada porta que de novo se aferrolhava ante elles: as fortificações em que tinham trabalhado erão tão alterosas, a guarnição tão aguerrida, os abastecimentos tantos e os soccorros, em caso de perigo, tão proximos, que para elles, homens praticos na arte da guerra, a empresa era impossivel e louca. Continuarão por algum tempo aquelles altos fidalgos seus trabalhos de escravidão, quando um dia, ao alvorecer, Santarém pareceu abalarem-se seus funda-

mentos, gritos de guerra e de horror retinirão por toda a parte; estremeceu o coração dos Templarios e maquinalmente levarão a mão ao lado esquerdo procurando sua nobre espada; mas não acharão mais, que a corrêa vil d'onde pendia a ferrea corrente do escravo, então um suor frio lhe correu pelas faces e os infelizes inactivos, quando em roda d'elles fervia a peleja, ajoelharão e fervorosas preces dirigirão ao céu pela prosperidade das armas de Affonso, que alguns já crião desbaratadas. . . A porta do carcere abriu-se e os captivos julgarão ou que seus algozes vinhão degola-los, ou que uma cohorte de presoneiros vinha engrossar seu numero; mas em vez do alfange mourisco, em vez de cem captivos arrastando correntes, o pendão de Christo, trazido por um nobre portuguez, franqueou-lhes a porta do carcere e lhes deu a liberdade. Santarém já era christã, a meia lua rojava-se aos pés da Cruz, e Auzecheri fugia ante a gigantesca espada de Affonso Henriques. »

(Continúa.)

BERNARDINO PINHEIRO.

Phisiologia do Casamento

AMOR, CONVENIENCIA E DINHEIRO

AMOR.

Pensamentos ao vôo da penna :

A mulher é um problema; resolve-l'ò seria loucura. (Nós.)

O casamento é uma loteria em que poucas vezes se tira o premio grande. (Nós.)

Une femme mariée a plusieurs amours propres. (Balzac.)

Un mari doit toujours savoir se qu'a sa femme, car elle sait toujours ce qu'elle n'a pas. (Mesmo.)

Les femmes sachant toujours bien expliquer leurs grandeurs; c'est leurs petitesse qu'elles nous laissant deviner. (Mesmo.)

Tout ménage á sa cour de Cassation (Mesmo.)

— Henrique? — Meu pai. — Caso-te em dous mezes. — Como?! exclamei, dando um salto na cadeira como se uma vibora me houvesse mordido. — Parece que me expliquei bem; caso-te em dous

mezes. — E com quem, se vos aprás? perguntei eu já um tanto socegado da primeira impressão. — Com Luiza da Fonseca. — Jamais, Sr. ! — Porque? meu *senhorsinho*; redarguiu o velho sor. então uma pitada de puro Lisboa. — Porque não gosto d'ella. — E' uma razão, mas nada prova. Luiza tem 18 annos, é bonita, bem educada, sabe *Francez* e canta em *Italiano*; e... tem *cincoenta contos* de dote; além do que hade pertencer-lhe por morte de sua tia. — Nada d'isso póde extinguir a antipathia que sinto por ella. Uma moça toda cheia de preconceitos, nervosa, e por consequencia facil de impressionar-se; uma moça que córa ao mais simples gracejo; quando ás occultas lê talvez *Faublas*... nada meu pai, não é tal mulher que me convem. Além d'isso tenho horror ao casamento. — Já disse, protestei casar-te, heide levar ávante o meu intento. — Mas nunca com Luiza. — Veremos. — Um momento, meu pai, disse eu, levantando-me e obrigando-o a parar, porque elle hia a retirar-se; uma vez que desejas ver-me entrar no *bom caminho*, podemos conciliar tudo, sem que perca a vossa estima e affeição duas cousas que mais preso no mundo; muito bem, casar-me-hei, mas não com Luiza!... — Perdão, Sr. esse casamento, a effectuar-se, fará a minha e sua desgraça. A differença dos genios, esse perfume de fingida innocencia em que Luiza se acha continuamente envolvida, seus gostos excentricos, a sua predilecção pelos costumes Francezes, *seus faniquitos*, em fim; tudo contribuirá para que vosso filho vomite todas as suas iras contra o casamento e... contra todas as jovens que *fallem Francez, e cantem em Italiano*; porque, meu pai o estado de solteiro é tão bello e aprazivel... Mas sacrifique-se essa independencia, ás vontades de um pai!... casar-me-hei, porem deixai-me escolher a mulher que tem de ligar-se a mim para sempre. Vou hoje mesmo tratar d'isso,

Sou joven e rico; dizem que tenho uma agradável presença, sei pisar em um salão; por isso, Sr., eu vos juro que em dous mezes terei um lugar no calendario dos martyres do matrimonio. — Pois bem, respondeu meu pai, franzindo o sobre'olho; consinto n'isso, e deixarei de insistir, mas toma sentido, concedo-te dois mezes para tudo isso.

Sou casado! Em menos de dois mezes conquistei o coração de uma joven que me pareceu adornada de tudo que é precioso para tornar esse estado agradável e precioso.

Minha mulher é moça, bonita, simples em seus gostos nada exigente, e diz que me ama. Tudo me induz a crer que fiz optima escolha.

Ha cinco mezes que entrei no *bom caminho*, e Carolina, de fronte baixa e com o rubor nas faces, entra no meu quarto, e sopra-me ao ouvido com voz terna e apaixonada — sou mãe! Dei tres pullos de contente, e corri a abraçar minha mulher.

A lua de mel recommçou para nós Sou muito feliz!

Rio, 1 de Setembro de 1855

ANTONIO XAVIER R. PINTO.

(Continúa.)



Ao meu amigo P. S.

Ainda nas orlas da vida,
Inda na idade infantil,
Deixaste a patria querida
Portugal lindo e gentil!
Deixaste seus verdes prados,
Rochedos alcantilados;
E fontes a murmurar;
Deixaste o Minho correndo,
No seu leito s'estendendo
Suas margens a banhar.

Deixaste teus camaradas
Companheiros da folgança,
Deixaste as festas sagradas,
Deixaste um céu de bonança,
Tudo, tudo, tu deixaste,
Tudo que na infancia amaste
Que te dava algum prazer!
Trocastes affagos paternos
Pelas sombras dos infernos
Que te querem perverter.

E vieste em terra estranha
Comer pão da caridade!
E soffrer a dura sanha
Da fatal perversidade!
Mas a cerviz levantaste,
E nobremente quebraste
Os laços que te prendião;
Os zoilos estremecerão
Porque alfim reconhecerão
Teus dotes quanto valião.

E sentiste em tua frente
Arder fogo abrasador ;
E um archanjo contente
Vir-’e dizer — és cantor !
Desde então foste poeta,
Sentiste no peito a setta
Que Erato te fulminou.
Não manches, pois, tua lyra,
Pois um archanjo te inspira,
Um archanjo que te fadou.

Eu tambem na luza terra
Deixei vida e coração,
Tambem soffro dura guerra,
Tambem cômô amargo pão ;
A sorte fez-nos iguaes,
Deu-nos destinos fataes,
Deu-nos sómente aggressão ;
Seguimos o mesmo trilho,
Destituído de brilho,
Porém franco o coração.

E dia propicio virá bonançoso
Que cinjas a fronte com verde lourel ;
Venturas fruindo, no centro de affagos
Ao fado dirás : — sumiu-se, o cruel !

J. J. DE OLIVEIRA.

● meu sonho.

EPISTOLA

I.

Anarda, oh minha Anarda, quem te impede !
Ao teu amante prestes corre, vôa
Fazer-lhe a perpetua felicidade.
Abandona o temor que te rodeia,
Que importa que de nós o mundo falle
E nos arroje turbilhões de pragas,
Se o sagrado hymenêo por Deos prescripto
Póde tão facilmente n’um momento
No silencio profundo confundil-o ?
Mas tu, Anarda, immovel permaneces,
Acaso temerás que o triste amante
Olvidasse seu santo juramento ?
Aquelle que por ti perdera a vida,
E de rojo a teus pés. . . porém, que vejo !
Pavorosa illusão — e será crível

Que te apartes de mim horrosisada ? ! . .
Agora pesaroso te comprehendo,
Té deixaste talvez a teu máo grado
Illudir por razões que tem por fim
Apartar-te do amante o pensamento,
Destruir sagrada chamma de teu peito
D’um amor que tão casto concebemos ! —
Anarda, sombra adorada de meus sonhos,
Mimosa gentil flôr, vem a meus braços,
Deixa o mundo fallar a seu contento.
Ah ! . . . podesse de ti aproximar-me,
Ir ao menos gozar dôce ventura,
De com ternura ao teu unir meu collo,
Tocarmos com brandura nossos labios,
Logo depois por terra m’arrojando,
Pedir-te por amor de minha Mãe,
Que sem temor os passos meus seguisse ;
Porém, que cruel distancia nos separa ! ! . .
Eu vejo tuas feições, teus movimentos
Sem que de ti me possa aproximar !
Que infernaes cadêas te agrilhoão,
Ou que funesta causa te embaraça,
Dos destinos seguir do teu amante ?
Ah ! não crêas nesses homens sem virtude
Que mal dizem do amor d’um pobre bardo
Quando a triste ignorancia a tal obriga.

II.

Minha Anarda, minha querida Anarda,
Inda não bastão todas estas preces,
P’ra do sitio fatal fazer mover-te ! —
Essa perturbação eu vejo sempre
Estampada no alvôr de teu semblante,
Sem que possam mudar os teus destinos !
Se romper eu podesse o vèlo que encobre
A teus olhos a minha desventura,
Mostrarte os dolorosos sentimentos
Que se vem reunir ao triste peito ;
Que vivo só por ti, por ti sómente ;
Que sem ti aborreço a existencia.
Porém que ! . . . tú choras, teu pranto corre !
Oh dita minha ! convenceu-se emfim
Aos rogos que lhe fez o triste amante !
Ah ! momentos do céu. . . minha ventura,
Despido jaz o receio ; suas lagrimas,
Me annuncião os puros sentimentos,
Eis que a palida fronte vai erguendo,
Lá soltou um ternissimo suspiro ;

Seus olhos sobre mim agora lança,
Sua mão vai declinar-se sobre o peito,
Assim... assim... deixai que possa ao menos
Gozar esses tão dōces movimentos!...
E ousei, oh Deos, conceber receio...
Mil perdões, mil perdões lhe vou pedir,
Corro a prostrar-me aos pés da Santa Virgem
Rogar-lhe pelo seu e meu futuro;
Emfim posso dizer, é minha esposa,
Ternissima imagem de meus sonhos,
Mimosa e bella flôr que Deos lançou
Nos incultos jardins deste hemispherio! ..

III.

Céos!.... que vulto medonho se aproxima!
Seu horrivel aspecto bem demonstra
O triste miserando mal dizente
Do tão celeste amor dos pobres bardos:
Sim, sim não é illusão, o deshumano
M'a leva para sempre de meus olhos!
O' minha boa e gentil Anarda, agora,
Em vão te chamarei por esses valles,
E tanto correrão as minhas lagrimas
Até humedecer as pedras duras!...
Oh desespero!. minha desventura!
Levarão-me do peito o coração!...
Agora, meu bom Deos, que sois piedoso,
Lá recebei tambem minha alma triste;
E tú, ó sepultura, este meu corpo
Que para ti se curva inanimado.
Mundo.... mundo.... adeus, para sempre adeus....

Agosto, de 1855.

M. LEITE MACHADO.

A Philomela.

E' noute, as auras serenas
Girando no bosque, amenas
Agitar as folhas vem,
Lá ao longe vem sahindo
Puro astro, branco e lindo,
D'aquelles montes d'além.

Lá se afasta do horizonte,
Parece trazer na fronte
Dōce sorriso d'amor;

Com seu clarão, ás estrellas
Que esplandecião tão bellas
Tirou o brilho, o fulgor.

A Philoméla saudosa,
Já entôa maviosa,
Os seus cantos com primor;
Com os seus magos acentos
Mostra d'amor os tormentos,
Mostra os enlevos d'amor.

« Philoméla harmoniosa,
« Que cantas tão descuidosa,
« Os teus felices amores;
« Tuas penas olvidaste?
« Porventura deslembreste,
« As tuas passadas dôres?

« Se assim é linda cantora,
« Tão gentil e tão sonora,
« Quanto invejo a tua sorte!
« Eu jámais esquecerei
« Aquella virgem que amei
« E que me roubou a morte.

« Os seus olhos, côr do céu,
« Cobrio-os da morte o véo,
« Nunca mais me hão de sorrir;
« Não quero mais, Philoméla,
« Ouvirte a canção tão bella,
« Alegres cantos ouvir.

« A essa acácia frondosa,
« Onde cantas maviosa,
« Prefiro o triste cypreste,
« Aos teus sons tão acordés
« Prefiro as vozes discordes,
« O piar do môcho agreste.

« Ao pé de mim, Philoméla,
« Emmudece a voz tão bella,
« Ou canta triste canção;
« Teus sons festivos augmentão
« Minha dôr, e atormentão
« Meu afflicto coração,

EUGENIO ARNALDO BARROS RIBEIRO.

UMA PAGINA DA HISTORIA PORTUGUEZA.

**A morte do Principe D. Affonso
filho de El-Rei D. João II.**

(Continuação do n.º antecedente.)

V.



CAVALGADA chegou á margem do rio, El-Rei parou, todos o imitarão, depois desmontarão-se, e divididos em maior numero de grupos, começaram a conversar passeando brandamente para descansar da marcha.

O sol hia mergulhando-se na agua e esparzia seus raios de tal modo, que o rio parecia um lençol immenso de fios de ouro, que agitando-se brilhava a offuscar a vista.

Um pequeno barco preto com a vella larga, descia o rio, o barqueiro sentado na pôpa hia a cantar; e alguns dos cavalleiros escutarão o seu rimance, que dizia assim:

As aguas do Tejo mui triste murmurão
Previendo, a tormenta, que a noute conduz,
Correndo, correndo, tristonhas sussurrão,
Que acerbas desgraças as tristes futurão
Ao vêr fenecendo do sol meiga luz.

Tormenta de morte vão ellas pensando,
Tormenta que agite a tranquilla nação,
Tormenta cruel que na terra passando,
O bafo da morte feroz exhalando,
Derrube o fraquinho real borbotão.

Pois sabem as tristes, as vagas do rio,
Que quando findar todo o brilho do sol,
Do sol que tão vivo, esta tarde de estio
Dourou linda folha ao salgueiro esguio
A morte virá a um Infante Hespanhol. (*)

(*) Sobre esta palavra *hespanhol*, designando o habitante da Peninsula Eberica, como já por vezes tenho N.º 8 — Domingo, 23 de Setembro de 1855.

O barco foi descendo o rio, a distancia e o murmurio das vagas não deixarão perceber mais o canto do barqueiro. A voz era cava e profunda, se melodia tinha, era uma melodia que assustava o coração como a de um cantico fúnebre.

O Rei preparou-se para tomar banho e alguns fidalgos o acompanhárão, outros ficarão na praia com o Principe que não quiz metter-se na agua.

— D. João de Menezes, (disse o Principe a um fidalgo ainda moço de maneiras nobres e gentis) montemos nossos ginetes e corramos n'este campo para nos entretermos.

D. Affonso e o cavalleiro imitados por alguns outros fidalgos montarão os cavallos.

— E' quasi noute, disse D. João, apenas uma hora teremos de dia, caminhemos a passo, que a correr cançar-vos-ha.

— Olha, D. João, disse o Principe, este corcel como tão airosamente deita a cabeça, creio que é o mais formoso cavallo, que tem nascido nestes campos do Tejo. Dizendo isso sopeava o freio e o cavallo encarocollava com graça a cabeça.

— Ainda não está bem ensinado; vosso Estribeiro mór já o deixou? perguntou D. João.

— Não, montei-o porque foi o primeiro que vi, disse o Principe.

— Talvez que tenhaes feito mal! tem umas sombras sanguineas no branco dos olhos, que revelão a sua ferocidade,

— Ora, D. João, pensaes que comecei hontem a montar a cavallo? vêde: e o Principe, com a maior gentileza, fez trotar o ginete e obrigou-o a descrever muitos circulos como poderia fazer o

empregado, eis o que diz Garret n'uma nota do seu poema — Camões — edição do Rio de Janeiro de 1838:

« Nenhuma vez se achara em nossos escriptores a palavra hespanhol designando exclusivamente o habitante da Peninsula, não portuguez. Emquanto Castella esteve separada de Aragão, e já muito depois de unida a Leão, etc., nós, e outras nações das Hespanhas, Arago-nezes, Granadiz, Castelhanos, Portuguezes e todos eramos por extranhos, e domesticos commumente chamados *hespanhoes*; assim como ainda hoje chamamos alemão indistinctamente ao prussiano, saxonio, hanoveriano, austriaco; assim como o napolitano, e o milanez, o venesiano, e o piomontez indiscriminadamente recebem o nome de italianos. A fatal perda da nossa independencia politica depois da batalha Alca-cerquivir, deu o titulo de reis das Hespanhas aos de Castella e Aragão; que conservarão ainda depois da gloriosa restauração de 1640. Mas hespanhoes somos, de hespanhoes nos devemos presar: castelhanos nunca. E que vis que são esses sonhadores de infames *reunhões*!... »

mais habil picador. Os fidalgos tinham parado pela maior parte, para admirarem o Principe, que por fim cheio de alegria parou ante D. João de Menezes e o Commendador-Mór d'Aviz, que tambem não quizeram tomar banho.

— Então o que vos parece? disse D. Affonso aos dous fidalgos. Já visteis ginete hespanhol mais gentil?

— Não, por minha vida, respondeu o Commendador-Mór e senão fosse tão corpulento dil-o-hia creado nos desertos da Arabia.

— D. Pedro da Silva, os cavallos arabes não tem tão gentil a cabeça, tem pernas mais esguias e delgadas, disse D. Affonso.

— Assim é, Principe, mas tambem são muito mais corredores e muito mais sobrios, apenas comem e bebem uma vez ao dia, nenhuns mais proprios para os combates de surpresa e para as longas marchas no deserto.

— Vós que tudo sabeis, D. Pedro da Silva, digei-me qual a melhor raça d'esses cavallos, e como têm podido esses cães mahometanos criá-los assim.

— Ha entre os Arabes, respondeu o Commendador-Mór, uma tradição, que diz que os seus mais nobres ginetes descendem dos da cavallarie do Rei Salomão; e geralmente os melhores cavallos trazem ao pescoço uma pequena bolsinha de seda ou de velludo bordada ricamente, onde têm encerrados os seus manuscriptos de nobreza, e alguns têm ascendentes que vem da mais remota origem.

— Se não conhecesse a vossa gravidade, disse D. Affonso, diria que gracejaes, meu bom Commendador-Mór d'Aviz; mas digei-me como fazem elles para que os seus cavallos tenham umas pernas d'aço e mais velozes que as do veado.

— Quando acampão pelo deserto, ainda mesmo em algum oasis, os seus cavallos sempre ficão ao ardor do sol, cravão na terra quatro estacas, e amarrão a ellas as quatro pernas do cavallo; cevada e agua apenas lhe dão, uma vez ao dia, é por isso que elles são rijos e sobrios.

— Com os demonios; mas então esses barba-ros não têm amor algum á sua maior riqueza?

— Bem pelo contrario! o coração do arabe partilha-se entre a sua amante e o seu cavallo, e d'estes dous entes, não sei a quem elle amára mais: se sob a tenda aberta nos braços com muito amor a sua amante, no deserto beija

com a maior ternura o focinho do seu cavallo, este jamais o atraiçoa, e a outra algumas vezes.

Estavão de novo á borda do rio, e como o Rei ainda estivesse nadando a distancia de um tiro de fuzil, o Principe se desmontou e pegou nas redeas de uma mula para cavalgal-a, mas pondo o pé sob o estribo partio um dos loros; com gesto de impaciencia saltou de novo sobre a sella do seu ginete e disse para D. João de Menezes.

— Vamos, D. João, agora não vos faças remisso!... a não queredes que eu aqui morra de enfado e aborrecimento, dai-me a vossa mão e corramos n'esta praia a todo o galope.

— D. Affonso, são fragosas estas praias e cheias de pedregulhos.

— Ora vamos! tereis medo, cavalleiro?

— Oh! não, não; disse o fidalgo corando até ao branco dos olhos.

— Pois bem, então vamos, D. João.

E ambos a cavallo derão as mãos um a outro e cravando as esporas partirão a toda a brida.

Um palido crepusculo illuminava o Tejo; e o sol acabava de se esconder por traz do cume alcantilado de um monte. (Continúa.)

BERNARDINO PINHEIRO.



Phisiologia do Casamento

AMOR, CONVENIENCIA E DINEHIRO.

AMOR.

Achava-me casado á tão pouco tempo, tinha encontrado uma mulher tão meiga e carinhosa, que um resto de resentimento que conservava do tempo de solteiro, ia-se pouco a pouco dissipando. Nada havia, pois que me forçasse a exprobrar a resolução que tomára a instancias de meu pai; entretanto, vede quanto somos egoistas, eu comparava o tempo em que era independente, rindo-me dos outros, com o actual, sujeito ás malditas conveniencias, e expondo-me a que esses mesmos se rissem de mim.

Meu pai, com quem eu fallava regularmente, não advertia certas theorias, por que entendia que o casamento é uma *especulação mercantil*! A sua *logica* pervertida entre ligações temporaes e meramente de phantasia, sorprehendia-me ao mais alto ponto, e quando procurava batel-o de frente, elle com habil manobra subtrahia-se aos meus argumentos persuasivos, e era eu que ficava

batido. Compreende-se que eu affastava Carolina do vasto circulo das relações em que meu pai se entretinha—semeando a sua *tocante moral*. A sociedade, não sei porque recebe com frieza certas revelações de virtude que tendem a explicar a variedade dos typos que representa. Com quanto eu soubesse tudo isto por experiencia, e conhecesse o meio proficuo de que poderia lançar mão para conservar a minha mulher certo pudor e virgindade que torna este sexo tão interessante; eu temia, e um certo presentimento me fazia crer, que abertas a Carolina as portas d'esses *admiraveis sanctuarios*, a fragrancia das flôres que os *embellezão*, tornal-a-hia ébria, despertando-lhe desejos que até ali, em sua tocante simplicidade, ignorava. Não pretendo dizer com isto que fosse um tyranno para Carolina, longe d'isso; eu concedia-lhe ampla e inteira liberdade, e jamais tinha contrariado o menor de seus desejos. Porém, como o disse já, Carolina é d'aquellas que pensão que a mulher, seja qual flôr, a sua condição é toda de seu marido e de seus filhos, sem que para isso fosse mister insinuar-lhe a leitura do *codigo civil Francez*. As nossas relações reduzião-se a duas ou tres familias; cujos chefes educavão seus filhos sob os mesmos principípios com que Carolina era educada, porisso não havia perigo em enterter taes relações.

Eu tinha por mais d'uma vez pedido a minha mulher que esquecesse por algum tempo as delicias do lar domestico, e que me acompanhasse a algumas reuniões que pela sua simplicidade, não offerecião inconveniente algum. Recusava-se sempre sob pretexto de não ter a devida coragem para receber os olhares de certas pessoas que julgão possuir o *diploma de bom gosto*, e a *sans façon* proverbial da sociedade. — Não frequentaste essas reuniões em solteira? perguntei-lhe um dia em que ella insistira mais em seus rigidos principípios. — Poucas vezes, essas mesmas esforcada, só para agradar a meu pai. — E não notaste a maneira porque se conduzião as outras nas tuas circunstancias? — Oh! se notei, e muito; sorprehendia-me de ver como ha mulheres que esqueção a tal ponto a dignidade e os deveres inherentes ao seu sexo. — Mas ignoras que isso são as consequencias dos costumes livres que reinão hoje na sociedade? — Embora sejam, estou por isso, porém não simpatisó nada com elles. E' muito bonito que uma mulher seja o alvo de todos os olhares, porque a sua

louca vaidade lhe dizem segredo que pôde imperar entre as outras, e tornar-se excepcional? Na verdade estes principípios depõem muito em favor dos pais de familia!

— Que remedio têm elles senão sujeitar-se á *moda* e á regra geral! Elogio e admiro o teu bom senso, Carolina, estimarei que não mudes de pensar, mas quizerá ver-te menos severa, e mais indulgente. — Não posso, Henrique, porque desde a infancia estou habituada a seguir estes principípios; e quanto agradeço a minha terna-mãe por ter me educado com elles! Deixa, meu amigo, deixa que outras brilhem pelas suas graças e espirito, deixa-as engolphar-se n'esses prazeres imaginarios, mas tão nocivos; o que me convem, o que desejo é a paz domestica, o teu amor, e as caricias e sorrisos dos filhinhos que Deos, em sua bondade, se dignar conceder-nos. Não quero que essa sociedade, não achando que exprobrar-me, invente as calumnias que lhe sugerem o seu máu espirito e desejos... Somos tão felizes assim!...

(*Continúa*)

ANTONIO XAVIER R. PINTO.



o amor da vida.

E' a posse da vida, como a posse de qualquer bem material, entre os homens.

E' como a posse de riquezas nas mãos de libertinos, de circunspectos, e avaros. Em quanto somos jovens, desperdiçamos o tempo sem reflexão de qualidade alguma, tal e qual o libertino gasta o dinheiro que lhe cabe nas mãos; na idade media, o poupamos mais, já por nos occuparmos de negocios mais serios, já por nos lembrarmos do passado, e da incerteza do futuro; e na velhice fazemos como os avaros, que só gastão o dinheiro na ultima necessidade e com intenso pesar; assim os velhos, creando um amor á vida extremamente forte, desejarião não gastar della o minimo instante, como o avaro não desejaria gastar um ceutil.

Se consideramos em tempo estas verdades, não veriamos tantas vidas ceifadas prematuramente, não veriamos immensas pessoas entregues a continuas devassidões, não veriamos rarear cada vez a mais os casos de longevidade que antigamente era tão commum. Com a civilização temos creado tantas necessidades que sacrificamos a nossa existencia constantemente a con-

veniências mesquinhas da sociedade em quanto moços sommos governados pela opinião do seculo, dominados pelo luxo, pela moda, e por tudo quanto de futil os homens tem creado; assim que chegamos á velhice, que infelizmente nos apparece rapidamente, é que desejamos certas commodidades, certas prevenções que já tardias dão em resultado não o verdadeiro fim a que nos propomos, pois que não temos mais tempo sufficiente, nem tão pouco podemos remediar os males que nos acarretamos incautamente no tempo de vigor, e de desperdicio.

São pois as necessidades creadas pelo homem, a causa primordial de sua debilidade, de sua degeneração, e apenas temos a compensação de encontrarmos mais força no espirito, geralmente fallando, pois segundo nos parece vemos o desenvolvimento intellectual tambem prematuro, comparativamente a épocas mais remotas, e nisso parece que o dedo da Providencia, de algum modo quer nos compensar do estrago que fazemos á materia, fazendo-nos gozar das faculdades com precoce liberdade. Dir-nos-hão que antes menos vida, com mais animação; mas reflectiremos, que seria muito mais vantajoso unir uma a outra cousa; como aconteceu em outro tempo aos que cultivarão as artes e sciencias, e que julgamos terem sido muito mais felizes do que nós.

Vê-se pois o espirito de destruição em tudo quanto fazemos, nos alimentos, que temos levado ao requinte mais sensual, no vestuario que temos levado ao mais ridiculo que é possivel imaginar, no trabalho, que a ambição occasionada, por aquellas primeiras circumstancias faz ser excessivo, ou nocivo, importando-nos unicamente com o resultado, e finalmente nos usos publicos e particulares da vida que seria muito longo se quizessemos de tudo fallar.

Não somos regressistas, mas para bem da humanidade julgamos que os usos antigos erão melhores, comidas mais simples, os vestuarios mais commodos, os habitos mais adequados com a hygiene que hoje tanto dá que fazer pelo nada resultar!...

O amor que temos á vida é tão grande e ao mesmo tempo tão natural, que parece incrível como nos esquecemos de todos os preceitos que nos poderião conduzir a uma longevidade que deveria ser o nosso desejo, á vista do natural amor de viver; entretanto é uma verdadeira e continua anomalia, o que vemos praticar-se. E temos sempre nos labios, o eterno, se Deos quizesse!...

Infelizmente queremos que Deos queira o que nós queremos e não queremos aquillo, verdadeiramente, que devemos pensar que elle quer. Somos punidos. Se temos pesar de ter curta a vida, mais curta se torna, pelo mal que a conduzimos; e Deos é justo.

A. M. S. BANDEIRA.



A queda de Cápua.

(Continuação.)

VII.

Este acontecimento é memoravel, e mostra quanto era seductor o encanto que Cápua continha dentro de seus muros. Mais notavel é ainda o caracter desse povo, que pelo effeito de sua vida mole e affeminada encontrou em suas riquezas o escolho onde quebrou todas as virtudes, e uma fonte continua de infortunios.

Os Capuanos haviam promettido aos Romanos uma fidelidade inviolavel no momento de sua decadencia; apenas passou o perigo, que tudo, até o seu reconhecimento, se esvaeceu.

Muitos tratados de paz, tantas vezes formulados? como rôtos, prolongarão a guerra com os Samnitas; finalmente vencidos, submeterão-se, sem deixar de murmurar sob o jugo. A paz parecia segura, e resolverão retornar a sua antiga guerra com os Sedicios: representarão aos Romanos as injurias que tinham recebido, e pedirão que lhes fosse permittido vingal-as, pois que esses povos não erão nem vassallos, nem alliados de Roma.

O seu pedido era justo, e lhe foi concedido. Os Samnitas entrarão em campanha. Mas, quem o acreditará! os primeiros inimigos que elles encontrão são esses mesmos Campanienses, que sem ser offendidos, sem ser mesmo chamados, lhes disputão o terreno! Este povo que pouco antes, com grande trabalho tinha escapado á sua total ruina, parecia tel-o esquecido; desafiava agora um inimigo, que o tinha vencido, e que a propria Roma custou muito a vencer.

Sua perfidia não se limita só a isto. Os Samnitas fazendo chegar seccas queixas aos Romanos, estes ordenarão a seus novos vassallos, que depuzessem as armas. Hesitarão! Nesta occasião, tendo-se declarado os Latinos, contra Roma, o odio se elleva sobre o reconhecimento, e os Capuanos se ligarão com elles.

Vio-se então ficarem 1800 cavalleiros Campanienses, fieis a seus compromissos combater com distincção debaixo dos bandeiras Romanas, e provar de quanto sua nação teria sido capaz se tivesse sido disciplinada.

Não tardou muito a ser punida de sua má fé. Os latinos, batidos, forão forçados a fazer a paz, e Cápua perdeu uma consideravel parte de suas possessões. Todo o territorio de Falerno, que se estendia até ao rio Volturnus, afamado por sua fertilidade, e particularmente pela excellencia de seu vinho, foi partilha dos Romanos. Os 1800 cavalleiros que se conservarão fieis, receberão o titulo de cidadãos de Roma; uma medalha foi cunhada em memoria de seus serviços, e sua patria foi obrigada a assegurar-lhes uma pensão.

VIII.

Cápua esteve por mais de um anno debaixo do jugo Romano sem procurar saccudil-o. Sua fidelidade pareceu bastantes vezes titubeante, durante as novas guerras com os Samnitas; mas o Senado, ora por condescendencias, ora por força, soube manter sua autoridade, e conter os descontentes.

O direito de cidadão dado aos 1800 cavalleiros, foi ostensivo a todos os Campanienses; derão-lhe um governador, e uma guarnição a suas ordens, o que não impedia, que conservassem suas antigas leis. Tinham seu Senado, suas assembléas populares, e todos os signaes exteriores de liberdade, admiravel exemplo da sabia politica de seus senhores.

Estabelecêrão-se colonias Romanas sobre todas as fronteiras da Campania, que servião de guardas avançadas á metropoli. Os nobres de Cápua se ligarão aos patricios de Roma; desta maneira seus filhos, e suas filhas, tornarão-se insensivelmente outros tantos refens, e o partido dos Romanos tornou-seo mais numeroso em seu Senado.

Quanto á classe do povo, que rapidamente esquece os beneficios, e nunca as offensas, um odio secreto subsistio sempre em seu coração; mas a grandeza de Roma que crescia cada vez mais, o tornava sem effeito. Como desconhecer um poder que avançava a passos de gigante para a soberania do mundo? Que já imperava desde o fundo da Italia até ao golfo da Sicilia, que depois de ter combatido, e vencendo um Pyrrho, o maior e mais terrivel dos reis, estendia alem dos mares um braço victorioso, e forçava depois de 20

annos de guerra, Carthago, essa soberba senhora do mediterraneo, a despojar-se de sua grandeza, e a pedir-lhe a paz? Sem duvida, a altivez d'uma cidade isolada, devia curvar-se diante de um tal colosso, e por mais insuportaveis que podessem ser suas leis era mister obedecer-lhe. Entretanto deve fazer-se justiça, á sabedoria, e moderação dos Romanos. N'unca o seu jugo foi pesado aos Capuanos, em quanto que rodeados de inimigos, se esforçavão para vencel-os, não exigião delles soccorro algum ruinoso, e muitas vezes Cápua nadava em delicias, e Roma, cercada de privações. Entretanto, que os Romanos passavão sua vida nos acampamentos, entretanto, que suas virtudes guerreiras, os fazião o exemplo, e a admiração de seus visinhos, um costume barbaro, e que depois teve muitos imitadores, começou entre os Capuanos. Forão elles, para sua vergonha, e da humanidade, que inaugurarão, fazer apparecer em publico, prisioneiros ou escravos e forçal-os a bater-se até á morte. Este espectáculo se lhes tornou tão familiar, que era uso, depois dos banquetes, e em todas as festas, vêr estes desgraçados, vestidos, e armados á maneira dos Samnitas entregarem-se a combates sanguinolentos, e satisfazer, degollando-se mutuamente, as vistas avidas da multidão.

Os Romanos mesmo, gostarão ao depois, destes terriveis espectáculos, e os introduzirão entre si.

(*Continúa.*)

Tradução de A. M. S. BANDEIRA.

Fragmentos de Mythologia.

(*Continuação.*)

A FORTUNA.

A Fortuna é uma divindade que preside ao bem e ao mal.

Representa-se com os olhos vendados e azas em ambos os pés, posto um sobre uma roda que gira velozmente, e o outro no ar. Esta divindade não encontra lugar commodo onde repousar; como tem os olhos vendados anda errante sem atinar com o verdadeiro caminho. Sua ambição é insaciavel, poderemos compara-la a um individuo que juntou certa quantia, mas que se não dando por satisfeito vai de novo emprega-la.

Elle vê cresce-la a par de sua cubica, e sua vida fugindo a passos accelerados para a métá predes-

tinada sem dar treguas entre a vida e morte, de quem se aproxima !... Tal se nos pinta a Fortuna, longe de vêr o fatal precipício, não deseja mais do que ter sobeja velocidade para alcançar de Pluto as desejadas moedas de prata e ouro que são seu idolo de tentação.

O TRABALHO.

O Trabalho representa-se na figura de um robusto camponês, com uma enchada na mão em ar natural.

Todos devemos amar o trabalho, por que nos vigora o corpo e conserva a saúde. Com elle muitas vezes nos distrahimos de nossas tristonhas meditações, outras vezes nos parece que o tempo se passa mais ligeiro e mais suavemente. Quanto não é poetico ver o pacifico lavrador rodeado de todos os seus domesticos na cultivacão de suas searas ! Acostumados desde a infancia tomão-lhe uma affeição que jámais a podem perder.

Quem ha ahi que possa estar muito tempo em ociosidade sem perder a paz do seu espirito ? Pensamos que ninguem. A mesma ociosidade lhe levará toda a sua tranquillidade.

Ao contrario se se entregar ao trabalho com dedicacão viverá mais satisfeito de si e passará sua vida mais dôce e aprazivel.

(*Continúa.*)

M. LEITE MACHADO.



Recordação.

OFFERECIDA EM RESPOSTA A' POESIA QUE SE DIGNOU DEDICAR-ME O SR. DEOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

Poeta, que dôce encanto
A minh'alma extasiou !
Ao vêr-te recordar tanto,
O berço que nos creou.
Eu que só triste no exilio,
Pensei soffrendo o martyrio,
Longe da patria a gemer ;
Ao escutar tua lyra,
Recordações que respira
Afogou-me almo prazer.

Sósinho té qui julguei-me
Pela patria a suspirar ;
Mas reconheço, enganei-me,
Irmão tenho no penar.

Julguei ninguem mais houvesse,
Que igual a mim concebesse
Tão pura patria amisade ;
Mas achei um peito amante
Qu'assim como eu tão constante
Verte pranto de saudade.

E's tú poeta que assim
Recordando o Douro teu,
Vieste avivar em mim
A saudade de Vez meu.
Tú recordando as grotescas
Margens do teu gigantescas
Tão dignas de se cantar,
Fizestes as do meu virentes
Recordar meigas fluentes
Com o pranto a deslizar.

Avivaste-me á lembrança,
A infancia que sempre amei,
Essa éra em que d'esperança
Gratamente m'embalei !
Sem por momentos pensar
D'algum dia lamentar
O rigor de meu destino
E foi, pois, mas d'uma vez,
Que ás margens do rio Vez,
Eu folguei inda menino.

Poeta pois que distante
Recordas a patria assim,
Já que della és terno amante
Anda p'ra junto de mim,
Tú que recordas com pranto
Tão grato, puro e tao santo
A terna infancia querida,
Vem que eu tambem triste choro
A mesma infancia que adoro,
Unir tua á minha vida.

Vem sim já que companheiro
E's de meu turbo soffrer,
A mim corre anda ligeiro
Contigo quero viver !
Vem não tardes caro amigo
Que quero chorar contigo
Nos imos da solidão,
E sejam só dous abraços
Que prendão com fórtes laços
O meu a teu coração.

Serás só tú a quem possa
Minhas magoas confiar,
Quanto amo a patria nossa
A ti só quero contar,
Só a ti que confristado,
Como eu infeliz exilado
Soffres da sorte o rigor,
Quero sim na soledade,
Dizer-te minh'anciedade,
Martyrio, pesar e dôr.

Tú sentirás lenitivo,
Vendo-me infausto a carpir,
E o pranto teu afflictivo
Far-me-ha menos sentir :
Seremos dous desditosos
Suportando mui saudosos
Um e sempre o mesmo mal ;
Jámais separar-nos-hemos,
Unidos carpir havemos
Saudades de Portugal.

O teu plectro é fino ouro,
O meu é tosco metal,
O teu é rico thezouro,
Mas o meu de nada val :
De nosso berço os encantos
Em dôces melig'nos cantos
Sabes, chorando, elevar ;
Mas no meu intrestecido
Sei tão sómente morbido
Pranto por elle soltar.

Não é pois a lyra minha
Qual a exaltaste, não,
Uma corda, essa mesquinha
Tem só, que é a do coração ;
Não tem meu éstro harmonia ;
De ternura e melodia
Seus hymnos gratos não são ;
Cysne apenas gemebundo
Solta do peito profundo
Delirios sem connexão.

Mas olvidemos, poeta,
Um pouco que já lá vai
Ponhamos por pouco a meta
A nosse pranto, que cai :

Da memoria suspendamos
Tudo quanto desfructamos
Em nossa infancia fagueira,
E ternamente saudemos
Esta plaga onde vivemos
Tão risonha e hospitaleira .

Saudemo-la, sim, que digna
Ella sempre se ha mostrado
Acolhendo mui benigna
Dentro em seu seio o exilado,
Abrindo tão grata os braços
A todo o que em seus espaços
Asylo procurar vem,
Feliz seja, aventurado,
Ou mesmo o triste cravado
D'espinhos que o fado tem.

Saudemos reconhecidos,
Pois, o solo onde aportamos,
Nossos suspiros sentidos
Amargamente exalamos ;
Onde do fado mil queixas,
Em moribundas endeixas
Nos deixão de dôr soltar :
N'um olmeiro após frondente
Corramos a concernede
O nossso pranto ligar .

Lá escutando o trinado
Do sabiá mavioso
Far-nos-ha mais recordado
O cantar melodioso
Na quadra da primavera
Em nessa saudosa terra,
Do festivo rouxinol
Pulando ridente e ledô
Pelos ramos do arvovedo
Nas horas do pôr do sol.

Serão os mestos gorgeios
Da solitaria araponga
Bem magestosos enleios
P'ra nossa pena tão longa !
Fazendo que por momentos
De nossos acres tormentos
S'esvaia a negra amargura,
Co'o pensamento engolfado
Nesse saudoso passado,
Nessa passada ventura .

Momentos bem passageiros
Serão esses d'acalento ;
Mas inda assim prasenteiro
P'ra padecer tão sedento,
Passados porém, perdidos,
Esses instantes queridos
D'extasi, meiga emoção,
Nos braços lançar-nos-hemos
A' nossas penas daremos
Então mais longa expansão.

JOÃO DANTAS DE SOUZA.



A' memoravel coroação do novo Rei Lusitano.

A honra do Throno de seus descendentes !

Lá rompe a aurora nas praias da Lísia
Trêmula nas torres o Luso pendão
Lá brada o clarim — ás armas, oh Lusos....
Lá brada estridente o ferreo canhão!...

Entoem-se hymnos, oh Lusos valentes,
Dissipe-se da idéa destino fatal,
Saudai vosso Rei.... o vosso monarcha
O Rei, quinto Pedro do meu Portugal !

E vós, oh soldados, contentes marchai,
Ao campo da honra depressa correi,
Saudai este dia tão fausto aos Lusos
Prostrai-vos ao joven que hoje é Rei !

Jurai-lhe sinceros filial amizade ;
Amai com carinho o pingue torrão
Fecundo e tão fertil em altos heróes !
A patria querida de meu coração !

Se á poucos vestistes as roupas de luto
E o pranto vertestes d'amarga tristura
Deixai as funebres idéas d'outr'ora,
Coroai vosso Rei gentil creatura,

E vede no joven Monarcha fiel
Uma alma creada de fructos ingentes
A honra da patria, a honra dos Lusos
A honra do throno de seus descendentes !

16 de Setembro de 1855.

A. DA SILVA FERREIRA

Tentativa.

Oh ! quantos riscos

*Não atropella
Quem cego arrasta
Grilhões de amor.*

(MARILIA DE DIREITO)

Eu tinha o fogo de joven,
Ella d'esse fogo a luz ;
Eu amava como louco,
Com esse amor que seduz.

Ella amava com modestia,
Com franqueza bem diria ;
Inda attendia á razão,
Inda seus votos ouvia.

Uma noute a sua janella
Percebi que estava aberta,
N'um desejo, amena idéa
Meu ardente amor disperta.

N'uma esperança tão cara
Fôra doce perecer ;
Gozando a minha ventura
Só me restára morrer.

Emmudece o pensamento,
Só fica em mim a vontade ;
A razão se modifica
Si vê voluptuosidade.

Eis-me prostrado a seu lado
Lendo mil presagios sabios. . . .
Meus olhos nos olhos d'ella,
E meus beijos nos seus labios.

Amor produz-lhe um incubo,
Amor que em meu peito arde ;
Acorda, e de espanto grita. . .
Sou eu, donzella ! . . . Era tarde.

Si ora lembramos tal noute,
A chamo a sorrir : — medrosa ;
Seus olhos volve a modestia,
Muda, — fica como a rosa.

JOSE' DE MORAES SILVA.

Typ. de F. A. DE ALMEIDA, rua da Valla n.º 144.

UMA PAGINA DA HISTORIA PORTUGUEZA.

**A morte do Principe D. Affonso
filho de El-Rei D. João II.***(Continuação do n.º antecedente.)*

VI.



UAL o alado e fogoso cavallo Pégaso, montado por Mercurio, o rápido mensageiro dos deuses, transpunha as regiões ethereas com a maravilhosa ligeireza, que Jupiter lhe concedera.... (assim diria um poeta da defunta e enterrada Arcadia, que do seu gremio proscreeu Boccage, que, aqui para nós, cahio tambem na sensaboria, de, no seculo dezenove, fallar constantemente em Joves e em Cupidos.)

Ou então, como diria um poeta de hoje, qual o rapido cahir do raio que fendendo as nuvens vem abraçar a terra, assim os dous cavallos montados pelo principe D. Affonso e por D. João de Menezes, corrião temerariamente nas margens do Tejo.

Os outros fidalgos vião cheios de pasmo aquella nuvem de poeira, que n'um rapido momento, se tinha levantado, desde o lugar onde estavam até a uma distancia immensa, que senão podia calcular, pois cada vez hia crescendo mais, como se um furacão horrivel a impellisse.

Os pastores, que descião as encostas, e os pescadores, que vinhão desembarcando na praia, emmudecião cheios de pasmo, vendo passar, quaes phantasmas, os dous loucos cavalleiros.

E estes, arrebatados, sem força para reter os cavallos, sempre de mãos dadas, tocando de quando em quando com os joelhos um no outro, recommendavão-se á Santa Virgem, que bem conhecião o perigo em que estavam.

Ao partir, o ginete de D. Affonso correrá mais rapido, e como o principe não largasse por capricho a mão ao cavalleiro este tinha cravado em cheio na barriga do cavallo os seus agudos

acicates; o ginete, incitado pela dôr e pelo brio, correrá espantosamente e o principe temendo que seu cavallo não resfriasse a corrida tinha-lhe tambem cravado as rosetas das esporas.

O cavallo que não estava acostumado enlouquecera de dôr e de raiva e redobrou com horriavel furor a terrivel carreira; por assim dizer um ginete levava o outro; força alguma os poderia reter, e se encontrassem ante si uma parede, ou uma rocha esmigalhar-se-hião todos, cavallos e cavalleiros tudo ficaria em pedaços.

Um ruido espantoso se tinha levantado em toda a planice, as ferraduras dos cavallos, deixando a pôs si um rasto de fogo, fazião saltar a distancia de braças, mil seixos, mil pedras, que se partião em innumeraveis bocados.

De repente cavalleiros, pastores, e pescadores soltarão um grito de afflicção e de pasmo, que foi repetido com sinistro estridor pelos échos das montanhas, a nuvem tinha parado repentinamente, e o pó em vez de continuar a percorrer a margem levantava-se para o céu.

Por certo, alguma fatalidade acabava de reter os dous infelizes mancebos. . . .

O cavallo que o principe montava, encontrou uma pedra maior do que as outras, cego na rapidez da carreira, tropeçou e cahio de joelhos, o principe com aquelle balanço tão vivo e inesperado sahio pela sella fóra, ficando-lhe a bota presa no estribo, foi bater com o peito e a cabeça em um penedo, e perdeu os sentidos; o cavallo levantou-se de novo e arrastou-o debaixo dos pés; D. João de Menezes com a força da desesperação fez parar o seu cavallo, desmontou-se, agarrou pelo freio no do principe e pôde tirar este debaixo das patas do animal.

Os cavalleiros chegarão todos e rodeiarão o principe moribundo.

O Commendador-Mór d'Aviz, tomou-o nos braços e ajudado por alguns cavalleiros o levarão para a choupana de um pescador, que ficava a pouca distancia.

Os cincoenta passos que afastavão a cabana, forão caminhados vagarosos e tristemente; os fidalgos tomados de dôr marchavão, chorando alguns; e todos estavam tristes; os pescadores e a gente do campo hião murmurando em voz baixa censuras contra o cavalleiro, que tinha corrido com o principe. D. João de Menezes ficou prostrado de dôr, e quando os fidalgos lhe tirarão dos braços o principe, por algum tempo ficou como petreficado, pallido, correndo-lhe pelas faces um

suor frio ; pensou quanto a sua presença ali seria intempestiva, e assim montou de novo no seu cavallo, e cabisbaixo, pegando com mão tremula nas redeas, foi caminho de suas terras ; d'onde, só passados annos, voltou chamado por D. João II, e veio depois a ser o primeiro capitão que houve em Azamor, posto em que morreu.

(*Continúa.*)

BERNARDINO PINHEIRO.



Phisiologia do Casamento

AMOR, CONVENIENCIA E DINEHIRO.

(*Continuação do n.º antecedente.*)

AMOR.

Estas pequenas e amigaveis questões rematavão sempre por um abraço tão terno, que bem recordava os primeiros dias da nossa união. Era a melhor maneira de responder aos desejos de minha mulher ; era uma declaração tacita de que approvava e admirava a sua vida obscura e laboriosa, digna a todos os respeitos de ser imitada por essas jovens que recebem a educação faustosa desregrada dos grandes salões. Será crença minha, mas estes *originaes* são pouco susceptiveis de segunda *edição*. Eu começava a adoptar o casamento como a melhor e mais apreciavel das consequencias d'este val de lagrimas chamado mundo . . . Luiza da Fonseca, essa joven, que meu pai me destinára para mulher, casára-se tambem.

Seu marido era um desses homens de *bôa sociedade*, que acceitão os principios sem reflexão, indo d'olhos fechados ao seu desenlace. Para elle o casamento não era uma *especulação mercantil*, mas sim uma empresa formada sob bases solidas e mutuas, nascendo d'esta reciprocidade de fundos a melhor harmonia entre os dous socios.

Luiza admittia todas as transacções, mas tinha a liberdade de escolher aquellas que offerecião maiores lucros. Com tal marido a mulher pôde obrar a seu bello prazer. Era o que Luiza fazia, lançando-se n'esse immenso turbilhão de distracções que a joven formosa e rica encontra sob mil formas differentes. Os desejos de brilhar e torna-se notavel a forçavão algumas vezes a es-

quecer certas conveniencias que os mais scepticos mesmo acatão e respeitão, mas como o disse já, a sociedade é indulgente com aquillo que o não merece . . . Eu deixava minha mulher entregue ao palpitante prazer de receber as caricias infantis de seu filho, e frequentava essas reuniões em que as horas passam despercebidas, e se esquece tudo que não diga respeito dellas. Era ahi que Luiza adornada da aureola da belleza e do espirito pedia a admiração dos homens e desprezava a inveja das mulheres. Era n'essas reuniões que esta mulher produzia o effeito que ambicionava, era n'esses salões emfim que todos se curvavão á sua passagem, os homens com respeito, e as mulheres de fronte baixa por não poderem affrontar seus olhares magneticos e prenhes d'uma attracção irresistivel. Luiza não ignorava as particularidades que apresentára como recusa á sua mão, porque meu pai, por uma especie de represalia, lh'as tinha revelado. Facil será, pois, reconhecer o despeito e a frieza com que ella acolhia os meus respeitosos, mas forçados cumprimentos. Esse respeito, que ella nunca tentou encobrir, offendia o meu amor proprio, porque não é nada agradável a ironia sarcastica da mulher bonita, e de mais a mais espirituosa. Um dia em que ella tinha, por mais de uma vez, deixado escapar certas expressões offensivas, expondo-me d'esta sorte aos olhares curiosos das outras jovens, aproximei-me de Luiza, e em tom respeitoso disse-lhe :

—Eu julgava que as conveniencias de bôa sociedade a impedirião de tornar-se tão severa com uma pessoa que não conhece, e que pelas suas eminentes qualidades tem todo o direito á estima e respeito do publico.

Alludia á minha mulher. — Enganou-se, senhor, me respondeu ella com ironia ; tenho a fortuna de conhecer sua mulher, mas prescindindo d'esta circumstancia ninguem ignora a vida *freiratica* a que ella se impoz voluntariamente. — Mas minha senhora, creio que nada d'isso lhe dá o direito de occupar-se d'ella. — Julga isso, meu senhor ? engana-se, outra vez lh'o digo. Algumas senhoras se aproximárão de nós, e esperavão attentas o desfecho d'esta questão.

—Explique-se melhor, redargui, eu. — Uma vez que consente e pede ...

—Exijo-o, minha senhora. — Pois bem, disse ella, ellegando a voz ; a repugnancia que tem sua mulher em frequentar a sociedade, o protesto tacito e solemne de que reprova certos costumes que

essa sociedade admitte como dignos da civilização actual, dão-me o direito, assim como ás outras mulheres, de protestarmos por nossa parte contra esse pronunciamento *selvagem*! O ataque era tão directo e tão novo para mim, que não pude responder-lhe.

As outras senhoras derão signaes evidentes de que esse ataque fora mais *selvagem* e absurdo que os defeitos de Carolina. Eis aqui ao que vulgarmente se chama espirito! Eis aqui uma theoria digna dos costumes francezes!

Eis aqui, emfim, as consequencias inevitaveis d'essas educações livres e excepcionaes!... — Senhora, tornei eu pallido de colera, o lugar não é proprio para continuar uma discussão que, em sua louca vaidade, começou sob tão máos auspícios; comtudo, antes de retirar-me, continuei, ellegando por minha vez a voz, comsinto que repilla a affronta que me lançou em rosto perante testemunhas. Eu respeito as conveniências como o não fará nenhum d'esses que aspira o aroma de que a senhora se acha impregnada; mas á face d'essas testemunhas dir-lhe-hei que acaba de descer tão baixo como o farião os *cortezãos* do tempo de Luiz 14 e da Regencia!!....

(Continúa.)

ANTONIO XAVIER R. PINTO.



A queda de Cápuia

(Continuação)

IX.

Neste mesmo tempo, uma terrivel tempestade se formava contra Roma. E' aqui que começa uma guerra á qual nenhuma das precedentes se póde comparar. Aproxima-se o momento em que vai ser abalada a grandeza de Roma em seus fundamentos, em que o Capitolio, tremendo, sente aproximar-se sua ruina, e em que a futura senhora do mundo, deverá sua salvação á perca de um dia.

Os dois estados mais poderosos da Europa, e da Africa, estavam á muito em guerra, mas parecia que apenas tinham andado a ensaiar suas forças; entretanto cada uma, tinha conjurado a perca de sua inimiga; a animosidade tinha se ellegado a ponto de parecer incompativel sua existencia mutua. Roma devia destruir Carthago, ou Carthago devia anniquilar Roma.

Os Romanos, altivos com suas precedentes victorias tratavão os cartagineses como a vencidos, e emnada poupavão o orgulho d'um povo, ao qual algumas perdas momentaneas não tinham feito perder o sentimento de suas proprias forças; eis o escolho da sabedoria. Roma acostumada a vencer se tinha persuadido que venceria sempre, não via que uma potencia tão temivel por suas forças reaes, e com um odio implacavel a ameaçava de arruinal-a mesmo no seio da victoria e da paz.

Carthago tinha perdido a Sicilia e a Sardenha, mas tinha adquirido a Hespanha; suas armas aguerridas estavam aptas a disputar com as de Roma; só faltava um homem para fazer pender a balança, e este homem foi Annibal. Este heroe, o espanto de seu seculo e a admiração da posteridade, era filho de Amilcar Barca, um dos mais celebres generaes Cartagineses; tinha herdado ao mesmo tempo a coragem e a prudencia de seu pai, e o seu rancór pelos Romanos. Nascido no meio das tendas, educado entre as armas, juntava, assim que chegou a maioridade, todas as virtudes do soldado, ás do general. Nunca seu corpo se deixou abater pela fadiga, sua coragem, pelo perigo, nem sua alma pelos revezes; todos os incommodos da guerra parecião ser-lhe familiares. Nunca, deslumbrado pela pompa, nunca seduzido pela ambição, sem orgulho na victoria, sem descoragem na adversidade; sempre o primeiro, e o ultimo no combate, feliz ou infeliz, sempre frio e calmo, sempre igual a si mesmo; era amado dos soldados, como um companheiro d'armas e respeitado como seu chefe. O proprio exercito foi, que o ellevou a este gráo; o senado de Carthago só confirmou a sua escolha. Desde esse dia a guerra contra Roma foi resolvida e declarada. Amilcar tinha feito jurar a seu filho um odio eterno aos oppressores de sua patria, e foi em Roma mesmo que Annibal resolveu, a provar, que era fiel a seu juramento.

Foi elle o primeiro que concebeu o vasto e espantoso projecto de levar a guerra ao seio da Italia, de ir atacar seu inimigo no centro mesmo de todo o seu poder. Juntou um exercito numeroso, atravessou os Pyrinneos, e as Galias, combatendo; e fez dos povos vencidos, outros tantos alliados; com uma temeridade sem exemplo, depois de fadigas, trabalhos e esforços inconcebiveis, transpoz os Alpes, essa muralha da Italia

A sua appareição devia surprehender os Romanos, o que se seguiu foi mais espantoso ainda

Em um paiz, em que a lingua, os costumes, o clima, as localidades, tudo, lhe era estranho, onde se via sempre, obrigado a guiar-se pelas relações infieis de guias, espiões, ou pessoas do paiz, estava exposto a continuados erros, e foi nesta situação, que sem recuar ao aspecto de alguma difficuldade marchou contra o inimigo.

Bem depressa o encontrou. Os dois exercitos surpresos de se avistar, derão-se muitos combates, que só parecião ter por fim o sondar mutuamente suas forças. Com tudo, por mais pequenos que fossem os resultados desses combates, o genio de Annibal, fez sentir aos generaes Romanos tudo quanto tinham a temer de semelhante rival.

Bem se concebe qual devia ser o genio d'um chefe, cujo exercito, composto d'Africanos, de Gaulezes, d'Hespanhoes, de nações separadas de interesses e inclinações, sem idéa de patriotismo, sem outro laço, que a esperança da pilhagem, obedecia entretanto com a mesma submissão, com a mesma disciplina, como se fosse formado de vassallos d'uma mesma patria, e todos reunidos para sua defeza.

Sem armazens, sem fortes, sem outros recursos, mais que elle mesmo, Annibal tudo soube procurar, entreter a confiança em seu exercito, inspirar-lhe uma dedicação invencivel, e no espaço de alguns mezes, os Romanos vencidos nas batalhas do Tesino, da Trebia, e do lago de Trasymene, depois de ter perdido o seu Consul Flaminius, e metade de seu exercito, deixarão ao vencedor a Italia aberta, e a mesma Roma em perigo.

(Continúa.)

Tradução de A. M. S. BANDEIRA.



Fragmentos de Mithologia.

(Continuação.)

ABUNDANCIA.

Esta divindade representa-se na figura de uma donzella cercada de todo o genero de bens, bem nutrida e com vivas côres, tendo em uma das mãos um corno cheio de flôres, e fructas; muitas pessoas acreditarão que este corno fosse o de Acheloo, ou da cabra Amalthea. Abundancia é a divindade mais querida de todos os mortaes; quantas e quantas vezes passam a maior parte

delles toda a sua vida em procura-la, e chegam finalmente cheios de sacrificios ao seu fim sem a poderem alcançar! Vêmos que está rodeada de bens; mas quanto mal sabe ella repartil-os?... sua mão que tão escassa se mostra para uns, se abre com toda a franqueza para outros!... Muitos se contentarião sómente com algumas fructas que pendem de seu celebre corno, mas infelizes delles que nem ao menos lhe podem obter uma de suas mais simples flôres!...

A FELICIDADE.

Esta divindade foi tão querida dos Romanos que lhe erguerão um templo magnifico. Representa-se na figura de uma rainha assentada em seu throno, com um caduceu em uma das mãos, e na outra o corno da Abundancia; os melhores philosophos da antiguidade disputarão entre si qual delles teria entrado no seu verdadeiro conhecimento; de todos é a opinião de Socrates que mais nos agrada; no seu entender a felicidade não se obtem a poder de ouro, mas pela tranquillidade de nossa alma, e de nosso espirito. Desde a nossa mais terna infancia devemos acostumar-nos á virtude, que é a base unica em que se funda a felicidade.

Vejamos o que diz Socrates a este respeito:

« A educação, base fundamental de remediar
« nossas imperfeições, é o unico meio de qual-
« quer poder aprender a reprimir, e refrear o
« seu humor.

E' por de mais conhecido, que na educação, que recebemos de nossos pais está o nosso bom ou máo futuro; muitos dos pais, que pensarão ter dado uma excellente educação a seus filhos, muito longe estiverão de o fazer, se em lugar de lhes deixar uma immensa fortuna lhes tivessem deixado uma perfeita educação, terião acertado melhor.

A felicidade de um povo não consiste sómente nas suas opulencias, mas sim, na forma do seu governo. E' mister que não conceba idéas ambiciosas, porém que seja modesto, e virtuoso; sem que com isso possa deixar de defender bravamente os seus direitos. E' assim que nós entendemos a felicidade, inda que sejamos insufficientes para dicidir tão delicada materia, todavia saudamos esta divindade como rainha da paz e da abundancia.

(Continúa.)

M. LEITE MACHADO.

Os Religiosos do Monte S. Bernardo.

No fim do mez de abril de 1755 eu fui a Piemonte pelo caminho do grande S. Bernardo.

Per'o das quatro horas da tarde, a pequena caravana com a qual eu tinha subido esse perigoso caminho, chegou ao cume do monte, e depois de ter reparado suas forças, no hospicio, elevado no meio desse deserto; tornou-se a pôr a caminho para ir n'essa mesma tarde, pernoitar no valle de Aost.

Já o sol tinha perdido a força, e mesmo o céu sua serenidade.

As nuvens começavam a ajuntar-se nas cavidades estreitas destas solidões. No cume dos Alpes uma tarde nublada faz perder a coragem.

Eu me decidi a passar a noute com os religiosos, que tomavam parte nos meus presentimentos. Elles não nos enganarão. As seis horas esse terreno gelado foi quasi mergulhado nas trevas; as nuvens lançadas por um vento nor-deste como a rapidez d'um flecha, se amontoavam ao redor dos rochedos; já retinia o ruido longiquo das *avalanches* (*) e os áthomos de neve serrada; divididos como o pó, quer deslocando-se das montanhas, quer cahindo do céu, interceptavam a fraca luz, e fazião desaparecer todos os objectos ao redor.

Em quanto que ao pé d'um bom fogo eu interrogava o superior do convento sobre a continuação da tempestade.

Os religiosos hospitaleiros, tinham ido preencher seus deveres de circumstancias, ou antes exercer suas virtudes de todos os dias; cada um tinha tomado seu posto de dedicação nessas Thermopylas geladas; não para ir repellir inimigos, porém para estender sua mão em soccorro aos viajantes perdidos de toda a classe, de toda a nação, de todo o culto, e mesmo aos animaes carregados com sua bagagem. Alguns desses sublimes religiosos, trepavam pelas pyramides de granito que sulcava seu caminho; para ahi descobrir um comboi em afflicção; e para responder aos gritos de soccorro; outros resvalão nos atalhos enterrados debaixo da neve cahida de fresco, para abrir caminho, com risco de perder-se a si mesmos, nos precipicios; todos suportando o frio, as *avalanches*, o perigo de se afastar; quasi cegos pelos

(*) Avalanches. Massas enormes de gelo que rolão das montanhas, levando tudo diante de si.

turbilhões de neve e prestando um ouvido attento, ao menor barulho, que lhes lembrasse, a voz humana. Sua intrepidez iguala a sua vigilância, nenhum desgraçado os chamão em vão, elles o carregão em seus braços, em quanto que seus pés andão sobre o gelo, ou mergulhados na neve.

A noute, o dia, eis-ahi seu ministerio. Sua piedosa solicitude vella sobre a humanidade, nesses lugares malditos da natureza onde elles apresentão o espetaculo habitual d'um heroismo que não será nunca celebrado por nossos lisongeiros. Depois d'uma hora inteira cinco religiosos, e seus creados, estavam sobre os rastos dos viajantes, logo que o latido dos cães nos annunciou sua volta.

Companheiros intelligentes dos caminhos de seus senhores; esses cães bemfeitores vão no alcance dos desgraçados; elles passam adiante dos guias, e o são elles mesmos. Ao latido desses fieis auxiliares, o viajante perdido, recobra esperança e segue seus vestigios sempre seguros. Logo que as áthomos de neve tão rapidos, como o relampago submergem um passageiro, os cães de S. Bernardo, o descobrem debaixo do abismo, e para ahi conduzem os religiosos; afastão o cadaver, e muitas vezes ainda lhes dão vida. Bem depressa o hospicio abrio-se a dez pessoas tolhidas de frio.

Seus conductores, esquecerão suas proprias fadigas; e desde o vinho o mais fino, até os licores os mais corroborantes; tudo o que a hospitalidade a mais attenciosa póde offerecer de soccorros; tudo o que não se ajuntaria, senão á força de dinheiro nas estalagens de nossas cidades, apromptou-se em um instante, distribuido sem distincção, e empregado, com tanto ardor como sensibilidade.

Mallet du Pan.

Tradução de JOSE' MIGUEL DIAS FERREIRA.



O conde e a pastora.

- « Que fazes ahi, pastora,
- « Tam gentil e seductora
- « Divagando no rosal;
- « A mais linda d'essas rosas
- « Não tem côres mais formosas,
- « Que teus labios de coral.

« São negros teus olhos bellos
 « E teus compridos cabellos
 « Brilham mais de que o setim ;
 « Tens a têt mimosa e pura,
 « E de tuas faces na alvura
 « Leves tintas de carmim.

« Espinhos d'essas roseiras
 « A's tuas mãos feiticeiras
 « Pódem muito mal causar,
 « Deixa, pois, estas campinas
 « E vem leda entre as boninas
 « De meus jardins habitar.

« Rico homem d'esta terra,
 « Sou senhor de toda a serra,
 « Tenho pagens e infanções ;
 « Tenho torres e castellos,
 « Onde fluctuam mui bellos,
 « Os meus guerreiros pendões.

« Não troco minha grandeza,
 « Não troco minha nobreza,
 « Nem mesmo pela d'El-Rei ;
 « Sam escravos meus vassallos,
 « Posso á vontade enforca-los,
 « Que minha vontade é lei.

« Sou o conde D. Rodrigo ,
 « Vem pastora vem commigo,
 « Que condessa tú serás ;
 « Deixa os trages da montanha
 « Essas roupas d'estamania
 « Que ouro e sêda, tú hav'rás

« Vem commigo tam formosa,
 « Tam gentil e tam airosa,
 « Pastorinha de Monsão ;
 « Que por teu amor mimoso
 « Dar-te-hei o anel d'esposo,
 « Dar-te-hei meu coração.

—« Senhor conde, eu sou pastora,
 « E na côrte enganadora
 « Não sab'rei nunca habitar ;
 « Fazeis-me douda a cabeça
 « De camponeza condessa ! ...
 « Quem poderia em tal pensar ?

« Amo do campo a rudeza,
 « Da cabana a singeleza
 « As rêzes do meu redil ;
 « E desprezo das cidades
 « Aquellas loucas vaidades,
 « Aquelle luxo tam vil.

« Amo na encosta do outeiro
 « Da flauta do pegureiro
 « Os meigos sons escutar ;
 « E é grato a meu ouvido
 « Da ovelha o dôce ballido,
 « Na montanha a éccoar.

« Desprezo os vossos castellos,
 « E vossos jardins mui bellos,
 « E o vosso altivo pendão ;
 « E desprezo o vosso povo,
 « Que sob um dominio torvo
 « Supporta a escravidão.

« Sou livre aqui como a brisa,
 « Que docemente deslisa
 « Do rio sobre ondas mil ;
 « Quando bem não sou no prado,
 « Eu subo ao mais elevado,
 « Ao mais agreste alcantil.

« No campo, aqui, sou rainha,
 « Na côrte escrava mesquinha
 « Me faria a condição ;
 « De castellos a grandeza,
 « De condessa alta nobreza,
 « Não quero, senhor conde, não.

Mais ligeira que a gasella
 Fugio a linda donzella
 E embrenhou-se no rosal ;
 O conde áquella recusa,
 Com a alma triste e confusa,
 Caminhando foi no val ;
 E cumprindo a negra sina
 Morreu lá na Palestina,
 Longe da terra natal.

Rio, Agosto de 1855.

BERNARDINO PINHEIRO.

A mulher.

« Mulher pura e fiel não ha, nem houve. »
(CIUME DO BARDO—A. F. de C.)

E eu jurei não amar mais na terra
Quem fizesse o meu peito gemer,
Egoista seguir meus caprichos,
Sem á mesma razão attender,
Não chamar a mulher mais de Anjo,
Pois que sempre esse Anjo é mulher !

A mulher não conhece ternura,
Só ao oiro se póde render,
Si a conhece que mente na jura,
Si nos ama não quer responder :
Si lhe damos o nome de Anjo
Sempre mostra não ser que mulher !

A moral não lhe move candura,
Só belleza a podéra mover,
Quer um joven de physico esbelto,
Si lhe é digno que importa saber ?
Sem moral esse Anjo é do inferno.
Que na terra se chama — mulher !

Chore embora o mancebo que ama,
Mostre embora por ella morrer,
Que lhe importa, si é orphão e pobre
Que succumba na terra a soffrer ?
Esse Anjo não deve ser Anjo,
E' mulher, eu a chamo — mulher !

JOSÉ DE MORAES SILVA

O pobre cégo.

Junto ao marco da estrada
De seus males a gemer ;
Estende a mão a quem passa
Dando ais que faz tremer ;
« Esmola a um desgraçado,
« Que vive abandonado,
« Sem jámais alivio ter.

« Senhor?... eu tinha uma filha
« Era um anjo de candura,
« Tinha tambem uma esposa,
« Que fazia minha ventura,

« Mas, coitada, ella morreu
« E meu coração soffreu
« A mais afflicta tristura ;

« Restava-me a filha qu'rida
« Era a minha felicidade,
« Mas dali a pouco tempo
« Lá foi p'ra eternidade !...
« Que me resta n'este mundo
« Com padecer tão profundo
« Que me priva a liberdade ;

« Perdi um olho, e depois
« Perdi o outro tambem,
« Vi-me muito desgraçado.
« Sem ter de meu um vintem,
« Estendo a mão ao bemfazejo
« E rezo com muito ensejo
« Sem o mínimo desdem.

Levei a mão algibeira
Uma triste esmola dei.
« Senhor !... Senhor por piedade
« Se vos enganastes não sei
« Mas eis aqui dous pápeis,
« Parecem-me dous mil réis
« Não vos enganaste ? — dissei.

As fallas d'aquelle cégo
Tocarão-me o coração
Olhei em roda de mim,
Se tinha algum espião,
— « Amigo dai-me um abraço
« Quero aqui neste espaço
« Dar-vos minha gratidão

— « Donde sois, senhor, dizei-me
« Alegrei meu coração
— « Sou de terras longe destas
« Terras da minha feição,
« E sinto muitas saudades
« A saudade e a afflicção.

« Nasci nas lindas campinas
« Lá do lindo Portugal,
« Tenho por elle saudade,
« Que me causa dôr fatal...
« Se eu ainda visse um dia
« A minha terra natal !

— « Eu também sou d'essa terra
 « D'essas colinas sem fim
 « Lindos Vales deleitosos
 « Com perfumes de jasmim,
 « Lindas choupanas campestres
 « Da linda côr do marfim.

« Adeus, senhor, aqui fico
 « Sempre por vós a rezar
 « Hei-de pedir sempre a Deos,
 « Pelo vosso bem estar
 « Tendes nobre o coração
 « Dotado de compaixão,
 « Deos vos ha de premiar

J. A. DE LYRA



Amo-te.

Amo-te, linda donzella,
 Que tão bella
 Te mostraste a meu olhar,
 N'essa tarde venturosa,
 Que ditosa
 Meu amor viu começar.

Vi-te á janella sentada,
 Encostada
 A fronte na branca mão,
 Estavas triste pensando
 E olhando
 Da lua o frouxo clarão.

Teus bellos olhos errantes,
 Tão brilhantes,
 Se estendião pelo céu,
 Aura ligeira afagava,
 Refrescava
 Teu lindo rosto sem véo.

Vi-te e logo o meu peito
 Não affeito
 Das paixões ao vivo ardôr,
 Palpitou por ti vencido
 E rendido
 Consagrou-te um puro amor.

Diz-me, donzella tão pura,
 Por ventura
 Já sabes o que é paixão ?

O teu peito já se agita,
 Já palpita
 Com força o teu coração ?
 Quando, á noute, entre os salgueiros
 Vão fagueiros
 Raios da lua brincar,
 Que fazes ali errante,
 Divagante
 E tão triste a suspirar ?

Se ainda tens livre o peito,
 Não sujeito
 A ardente chamma d'amor,
 Deixa-me esp'rar, oh donzella,
 Pura e bella
 Que approvarás meu ardôr.

Porém, se já concedeste,
 Se já déste
 A outrem teu coração,
 Não me digas a verdade
 Por piedade
 Não me tires a illusão.

Rio, 2 de Setembro de 1855.

E. A. BARROS RIBEIRO.



Reflexões moraes.

VIII.

As paixões são os unicos oradores que sempre convencem ; iguaes a uma arte da natureza cujas regras são infalliveis ; o homem o menos douto, possuido da paixão, persuade melhor, que o mais eloquente orador.

IX.

As paixões tem um pró e um contra, que as torna perigosas para se seguirem, e de que devemos desconfiar quando mesmo nos pareçam judiciosas.

X.

Ha no coração humano uma continua geração de paixões, de maneira que, a extincção de uma é quasi sempre o nascimento de outra.

DUQUE DE LA RACHEFOUCAULD.

Typ. de F. A. DE ALMEIDA, rua da Valla n.º 141.

UMA PAGINA DA HISTORIA PORTUGUEZA.

**A morte do Principe D. Affonso
filho de El-Rei D. João II.**

(Continuação do n.º antecedente.)

VII.



LUA tinha, apenas o sol fenecera, offuscado com seu brilho os fracos restos do crepusculo, e derramado suavemente seus raios sobre as ondas tranquillas do Tejo; as quaes erão como um

immenso e limpido espelho, e ião susurrando mansamente; as folhas dos salgueiros estavam prateadas e murmuravão ao sopro de uma fraca brisa, seu eterno hymno ao creador; e aqui e ali o grasnar de uma rã, o longiquo gemer do cuco pela encosta do monte, e os dôces

e melancolicos gorgeios do rouxinol tornavão completa a harmonia da noute.

Na margem do Tejo, tocando as vagas, n'um pequeno lugar chamado Nalfange, erão edificadas, com rustica singelesa, algumas barracas de pobres pescadores; no interior d'uma, que estava n'um dos extremos, rodeando um pequeno fogo, uma familia contemplava a simples caldeira do que estavam cozinhando; junto ás paredes da cabana havia alguns remos, ainda humidos, croquis, um mastro com uma véla enrolado, físgas, canas de pescar, pequenas rêdes penduradas, cabos e outros utensilios d'aquelle officio.

A familia era pequena, de quatro pessoas apenas, o pescador homem probo e jovial, sua mulher moça e linda com os trajos pitorescos de *gandareza* e dous filhinhos sempre sorrindo com innocencia. A caldeirada estava quasi prompta e exalava um cheiro apetitoso, já mesmo uma grande colher de páo corra o pequeno circulo, e déra a provar do gostoso molho á boa familia, o pai sorriera cheio de satisfação, a joven mãi ficára contente de vêr contente o marido, e os dous pequeninos tinhão lambido os beiços depois de engolir o caldo.

N.º 10 — Domingo 7 de Outubro de 1855.

De repente, um grande ruido de vozes os fez estremecer, levantarão-se e forão á porta, erão os fidalgos que trazião nos braços o principe moribundo.

— Bom homem, disse D. Pedro da Silva ao pescador, tendes uma cama aonde deitar o senhor principe D. Affonso?

O pobre pescador, ao vêr esgotando sangue e todo pisado o joven principe, a quem o povo idolatrava, não pôde pronunciar palavra e cahio de joelhos, indicando com a mão um pobre leito que estava a um canto.

Os fidalgos deitarão n'este o principe.

El-rei D. João II appareceu então á porta, o seu aspecto era verdadeiramente real, mais alto do que baixo, trajava, com gentileza, o rosto claro e comprido, a barba preta e alinhada, o cabello castanho e corrediços, olhos pretos e quasi sempre graciosos, tinhão á noticia do fatal acontecimento tornado os ferozes e temidos, umas veias de sangue se desenhavão no branco d'elles.

Os fidalgos conhecendo a expressão feroz de seu rosto se afastarão todos para os lados.

El-rei sem dizer palavra caminhou com tanta gravidade para o leito aonde estava o principe, como em sessão real caminharia para o throno.

— Affonso! disse elle, junto ao leito com voz grave. O principe não deu signal algum de sentimento.

D. Diogo d'Almeida, Prior de Crato, tomou das mãos d'um pagem uma tocha accesa e aproximou-a do leito; a claridade do facho illuminou o rosto do principe, e o rei vendo sua lividez e manchas de sangue pisado que o ennegrecião, empalideceu, as veias sanguineas que tinha nos olhos forão lavadas por duas lagrimas, que brotando silenciosas vierão deslisando-se-lhe pelas faces; tomou uma das mãos do filho e contemplou em silencio o pobre principe; seu coração era terno e uma torrente de lagrimas lhe cahio dos olhos, a dôr lhe impedira a falla, por largo tempo não pôde exhalar um suspiro, pronunciar uma palavra.

Até que alfin a entrada dos physicos veio interromper o silencio profundo, que havia alguns minutos, reinava na choupana; quando chegarão junto ao leito é que El-rei os vio, passou pelo rosto a mão alva e bella para limpar as lagrimas, e esforçando-se por fallar lhe disse com voz alterada:

— Vêde, senhores, vêde, salvai-o se podeis.

Os homens de sciencia, depois de examinarem

por algum tempo o moribundo, abanarão a cabeça.

— Morre ? perguntou o Rei com anciedade.

— Mandai, real senhor, abrir os templos e fazer preces geraes, que apenas em Deus tenho a esperança; respondeu o mais pratico dos physicos.

O rei voltou-se e acenou a quatro fidalgos, que tendo ouvido o que o physico dissera, partirão apressados.

D. Pedro da Silva, Commendador-Mór d'Aviz, ajoelhou-se junto ao leito, e tomando uma das mãos do principe, exclamou com voz solemne:

— Prometto hir em peregrinação visitar o Santo Sepulchro de Jesu-Christo, se Deus vos melhorar meu querido senhor principe D. Affonso. E beijando a mão do principe levantou-se banhado em lagrimas.

Os physicos começaram a operar, lavarão o rosto e o peito ao ferido e applicarão todos os medicamentos que a sciencia lhes ensinava. Mas a cura era impossivel, a arca do peito estava partida, e uma pedra offendera muito o cerebro.

(Continúa.)

BERNARDINO PINHEIRO.



A queda de Cápuia

(Continuação)

X.

Lavrava o fogo da guerra sobre toda a superficie da Italia; Annibal ameaçava ao mesmo tempo os Latinos, os Samnitas, e os Campanienses. Estes povos que por tanto tempo tinham resistido ao jugo dos Romanos e que o não acceitáram sem ter feito correr ondas de sangue, vião agora seus vencedores, atacados por uma nação vinda de uma outra parte do mundo, e que os convidava a se unir a ella contra o inimigo commum.

Depois de cada victoria Annibal fazia vir diante de si todos os prisioneiros, dava a liberdade a tudo que não era Romano, e a estes punha em ferros. « Não tinha vindo, dizia elle, para subjugar mas sim para libertar a Italia, era contra Roma só que guerreava. Todo e qualquer que o ajudasse a derribar o tyranno, receberia com a liberdade, sua parte nos immensos despojos. »

Por mais brilhantes que fossem estes offerecimentos, sempre punhão estes povos em uma cruel

alternativa. Annibal os ameaçava de uma ruina proxima, se os regeitassem, e os Romanos, d'uma vingança terrivel, se ousassem acceitá-los. E' verdade que um perigo estava mais proximo que o outro, entretanto os Latinos, e os Samnitas fôrão innabalaveis, durante algum tempo.

Não se creia que fosse a sua affeição a Roma que lhes inspirou esta fidelidade, era antes o seu odio pelos Africanos, e mais ainda pelos Gaulezes seus auxiliares. Além disso a boa fé dos Carthaginezes era tão suspeita que se tinha tornado um proverbio injurioso. Não esperavão pois senão mudança de escravidão, e sentia-se bem que neste caso não haveria nada a ganhar.

E' assim que pensáram estes dois povos. Quanto aos Capuanos tinham muito pouca solidez para resistir ao prestigio das apparencias.

Não somente o repouso como se disse, tinha afeminado seus costumes, como tambem feito nascer o espirito de partido, a mais cruel molestia d'um corpo politico.

Como a maior parte do senado era composto de creaturas Romanas, e por consequencia, inteiramente devotadas aos interesses de seus superiores o povo que odiava estes, devia tambem odiar o senado.

Em toda a parte, onde se encontrão riquezas, vê-se tambem a pobreza, e onde a nobreza ostenta um luxo orgulhoso, adquire a inveja da multidão: d'aqui vinha, que uma cidade cheia de thesouros immensos, e afamada por seus prazeres, continha uma grande quantidade de descontentes, que suspirando por uma occasião de mudança, estavam sempre promptos para favorecer a.

A exacta vigilancia que até ahi Roma tinha exercido sobre Cápuia, devia necessariamente afrouxar desde o momento em que ella propria era obrigada á sua propria defeza. A guarnição foi diminuida, o exercito Romano augmentou-se com recrutas feitas na Campania, e sobre tudo entre seus adherentes. Desta maneira o partido de Roma diminuiu, e o de seus inimigos não teve levantar a cabeça.

Tal era a disposição dos Capuanos, e a situação das cousas, quando Annibal se aproximou de seus muros. Depois da victoria de Transymene, chegarão ao seu acampamento tres enviados dos Campanienses para pedir-lhe que marchasse immediatamente sobre Cápuia, com a promessa de que lh'a entregariam.

Estavão sem duvida, autorizados a fazer esta proposição, mas Annibal era muito prudente para se aventurar sem certeza. Acostumado a reunir a astúcia á força, elle temeu para si os laços que estava acostumado a armar e por isso no momento recusou o convite dos Capuanos. Finalmente á força de renovarem o mesmo pedido obtiverão que elle marchasse sobre a cidade. Elle quiz começar, por occupar os fortes e as passagens de Cassina, mas apesar da vastidão de seu plano uma circumstancia o desconcertou.

E' verosimil que Annibal conhecesse a lingua do paiz, mas tambem é possivel que houvesse palavras latinas, que na boca d'um Carthagi ez offerecessem um sentido diverso. Isto aconteceu sem duvida logo que Annibal deu suas ordens aos seus guias, para a direcção que elle deveria tomar: provavelmente aquelles entenderão Casilino, em lugar de Casino, e em lugar de guiar o exercito para leste o fizêrão para oeste. Só quando chegado aos valles rodeados de montanhas, de rios e cheios de passagens perigosas, é que Annibal conheceu o erro. Punio severamente os guias, e póde ser que elle só fosse o culpado.

Já o exercito Romano sob as ordens do dictador Fabius, avançava na sua retaguarda; já tinha occupado os desfiladeiros, que lhe poderiam servir para a retirada. Annibal parecia não ter mais esperança de salvação, quando se escapou do aperto por meio dessa estrategia tão memoravel. Fez juntar durante a noute uma grande quantidade de bois, fez que lhes amarrassem na cabeça pequenos fachos de sarmento e depois de fazel-os accender, ordenou que os tocassem arremessando-os contra as guardas avançadas Romanas; estas pensarão ser o exercito todo inteiro, e retirárão-se. Fabius temendo alguma surpresa, não ousou sahir de seu acampamento, e o exercito Carthaginez retirou-se desta maneira d'uma posição, onde devia perecer.

(Continúa.)

Tradução de A. M. S. BANDEIRA.

Physiologia do Casamento AMOR, CONVENIENCIA E DINEHIRO.

(Continuação do n.º antecedente.)

AMOR.

As pessoas que não ignorão o papel degradante que representarão essas cortesãs, cujo procedi-

mento eu applicára a Luiza, farão uma idéa aproximada do effeito que taes palavras produzirão sobre ella, que jamais fôra offendida. O insulto era directo, e na mulher qualquer pequena insinuação é a *cabeça de Medusa*. Eu conheci o effeito, e um secreto prazer se pintou em meu rosto; as outras senhoras que o notarão, levantárão-se, e alguns olhares lançados a furto me convencerão que acabava de ferir Luiza no coração. Ella levantou-se tambem. Eu tenho encarado com sangue frio a aproximação do perigo, e arrasto-o quando commigo, mas d'esta vez tive medo e tremi.

Um olhar de Luiza produziu em mim o effeito do raio! Ah! é por que esse olhar revelava o odio nascente, um d'esses odios profundos que só a mulher, *como a melhor da criação*, sabe acalantar! Revelava a vingança lenta e insuportavel, que só a mulher comprehende e sabe escolher! Impossivel me é descrever o estado em que regressei a casa.

Carolina leu em meu rosto vestigios da revolução porque passára, e com essa terna sollicitude d'esposa amante, perguntou-me o que tinha succedido. Occultei-lhe tudo, desculpando-me o melhor que pude, porque receiava as consequencias de uma tal confidencia Ah! em breve a existencia feliz que eu gosava ao lado da melhor das consortes, hia ser envenenada pelo halito impuro de um demonio que se atravessára em meu caminho! A venda cabio-me dos olhos, as illusões dissipárão-se, e eu comeei de novo a julgar a mulher como no tempo de solteiro. A sociedade tornava-se-me odiosa, e a mulher d'espirito era p'ra mim um anjo máo.

E' a vós, meu pai, que eu devo os atrozes soffrimentos porque passei na idade em que a vida se nos torna mais cára, é a vós que devo o conhecimento d'uma mulher que possuía instincto do mal, seryindõ-se d'elle sem reflexão. Oh! para que não fugi eu ao bulicio nocivo da cidade e aos seus prazeres ephemeros! Para que não procurei um lugar em que livre e sem cuidados me podesse entregar todo ao bem da familia, recebendo sem testemunhas as caricias da esposa amada, e da filha querida! Mas a vaidade, e as seducções d'esse mundo apparente e máu, são, para os espiritos fracos, o mesmo que o iman é para o metal. A attracção d'aquelle, longe de ser gradual, é decisiva e repentina, e a embriaguez dos sentidos torna o homem ainda mais fraco. Eu passára a minha infancia no

campo. Era a primavera surgindo sempre radiante de flôres e fructos; era o verdor das campinas que enebriava meu coração; dir-se-hia que as suas bellezas, as suas graças e louçania, moravão com elle. Era a primavera considerada ao crepusculo matutino, e quando os zephyros, brincando no prado, trazião em magicas ondulações o perfume das flôres selvagens, que nasceu e morreu com ella! Era a primavera considerada ao descambar da tarde, quando o sol escondendo-se atrás dos montes, projecta seus raios avermelhados por esses immensos plainos de verdura em que mais tarde canta o grillo e a cigarra. Era o socego dos campos, a ingenuidade de seus habitantes, a simplicidade dos seus costumes; era tudo isto em fim que eu deveria ter trocado pelos prazeres ruidosos da cidade em que, de continuo, reina a mentira, a intriga e a odiosidade.... Deos não o quiz assim, e eu tinha de passar por bem duras provas

Carolina, a tua vida n'estes ultimos mezes da nossa terna união, foi um continuo penar.

Tuas faces rosadas outr'ora, tingirão-se d'essa pallidez medonha que revela um padecer occulto e atroz!

Resignada como a virgem, que n'outro tempo, esperava o supplicio; hias definhado pouco a pouco. A ar ore, outr'ora altiva e frondosa, hia-se curvando, curvando, e suas folhas cahião seccas pela influencia do mal. Uma mulher, o teu anjo máu, despertava em teu coração uma idéa longiqua, e que não admittias, porque eras bôa, Carolina.

O ciume apoderou-se d'elle tão intenso e repentino, como o mal se apodera do germen da planta mimosa, até fazel-a cahir! Eu ignorava tudo, porque a perversão não existia ainda como existio mais tarde.

As minhas caricias e as de nossa filha, nada poderão sobre ti; soffrias, e choravas em silencio....

.. Mas um dia o teu anjo máu impellio-te para o mal, e tornaste-me desgraçado!

A nossa união até ali santificada na paz domestica, e no amor de ambos, tornou-se insupportavel. Quizeste brilhar; as portas d'esse mundo, desconhecido para ti, abrirão-se de par em par. Entraste n'elle de frente altiva e orgulhosa, e em breve te achaste rodeada de tantos adoradores quantos erão os olhares que lançavas por esse circulo immenso, que aspiravas com ancia e prazer! Os meus rogos, o meu pranto e o de

tua filha, nada te commoveu! Eu amava-te sempre, e p'ra que negal-o?!... Oh! quantas vezes, n um d'esses momentos d'allucinação em que o ruido scintillante dos prazeres, chegava até mim, eu te amaldiçoei, Carolina! E' porque calcavas aos pés os mais sagrados direitos, d'esposa e de mãe; é porque eu te via como meu pai pintára a mulher!.... Um dia quiz matar-te, mas Deos illuminou-me, e pensei que levantar a mão sobre uma mulher, era um crime cobarde e infame!... Dirige-me a teu pai.... nem as cans d'um velho poderão nada sobre ti!

E a sociedade olhava-nos, seguia-nos; tinha sorrisos para ti, e desprezo para mim.... para mim que te amava tanto, Carolina!... Outro dia em que te achavas n'um salão, adornado de mil brilhantes luzes, e aonde, como rainha, recebias as homenagens de teus vassallos; atravessei de frente baixa essa multidão, que me deu passagem, porque receiavão o meu contacto; aproximei-me de ti, e como o condemnado que ouve a leitura da sua sentença, esperei.... Nada... contemplei-te; que me disseste? Levantas-te a tua frente de rainha, e por tua vez esperaste tambem.... Carolina! exclamei eu do intimo d'alma!... Voltaste-me as costas, e déste uma gargalhada diabolica! Duzentas testemunhas te imitarão!... Fugi, porque receiava enlouquecer!

Soffri mais esta affronta, e duas lagrimas... duas, só se escoarão lentamente por minhas faces pallidas e cadavericas!

Uma mulher me seguio, obrigou-me a parar na extremidade da sala; olhei-a, era o teu anjo máu, Carolina! Soube vingar-me, Senhor, me disse ella; eis-aqui sua mulher cortezã tambem... Oh! era a melhor das esposas, e a mais terna das mães, desprezava a sociedade brilhante porque ignorava os attractivos que ella contem; perguntai-lhe agora pela Carolina d'outr'ora....

Adeos, Senhor, foi na escola de *Faublas* que sua mulher aprendeu a ser cortezã, e fui eu que lhe insinei a leitura d'esse livro; adeos senhor!

(*Continúa.*)

ANTONIO XAVIER R. PINTO.



Fragmentos de Mithologia.(*Continuação.*)**A POBREZA.**

A Pobreza representa-se na figura de uma pessoa em ar supplicante com as mãos erguidas para Pluto, Deos da riqueza, que a repelle com orgulho !

O' pobreza, quanto digna és de compaixão !... Quantas vezes banhada em amargurado pranto, desesperas no meio dos teus soffrimentos ? Sobreja razão tens tú ; pois enquanto Pluto desperdiça o superfluo vês-te definhar á mingua !...

Homem rico e opulento,
Quando á vossa manção fôr a pobreza,
Sêde compadecido,
Dai-lhe ao menos do pão da vossa mesa.

Porque esses thesouros que amontôas, não te darão paz no espirito, nem te livrarão da morte quando tua hora tiver soado. Quanto é doce dar uma esmola ao mendigo que nos estende sua mão ! ... Dizei-o vós, ó almas piedosas. exprimi esse puro sentimento. Devemos todos procurar fazer bem ao nosso proximo, que é um dos nossos primeiros deveres ; e Deos em troca nos dará uma vida calma e matizada de rosas celestias, e no fim nos dirá cheio de satisfação : vinde, vinde meus amados filhos, que de vós é que eu fôrmo o reino do Céu.

PLUTO DEOS DA RIQUEZA.

Esta divindade representa-se cega com asas nos pés, e uma corôa na cabeça, e em uma das mãos o cornu da abundancia ; vai semeando moedas de prata e de ouro, porém como é cega não pôde saber se as semeia em boa ou má terra ; bom fôr que visse o logar onde as esparze ; quão mal as reparte ella !... A fortuna abre as asas e vôa em seu alcance, enquanto que a pobreza mal a segue de longe com tristonhas vistas.

Então já esmorecida vendo alongar-se o espaço, elleva seus pisados olhos ao Céu, e continúa seu caminho lentamente ! Pluto sem que tudo isto lhe cause o menor abalo, continúa na sua má distribuição sem se compadecer dos gemidos da infeliz pobreza ! Mas ai d'elle que um dia virá, em que hade despertar de seu lethargo, os seus olhos se abrirão, e já será tarde. No auge da desesperação, verá todo o seu orgulho arrasa-

do pelo chão, cheio de remorsos irá partilhar a sorte daquella que por varias vezes ouviu tranquillamente o écho de sua infelicidade.

(*Continúa.*)**M. LEITE MACHADO.****Religião.****I**

O cholera, esse homem errante, esse flagello da humanidade, que incessante caminha, deixando após si um rasto de maldição, luto, e pranto ; que entra tanto nas grandes cidades, como nas mais humildes aldêas ; que não escolhe classe para desfeichar seu raio fulminante ; que faz parar tudo no meio de seus folguedos ; e os habitantes do universo fogem espavoridos de seu fulminante olhar. Pois bem !

Esse homem amaldiçoado pelo filho de Jehova mora actualmente entre nós.... E nós o vemos e não lhe podemos dizer — Vai-te ! — porque tememos o seu contacto.

N'esta quadra de horror, não achamos fóra de proposito expender algumas idéas que tendão a corrigir abusos, que as luzes do seculo e o correr do tempo tem introduzido em nossa religião.

Não somos supresticiosos, mas attendendo ao que nos legarão os nossos maiores, quasi acreditamos, que em parte esta molestia que crusa entre nós e nas mais provincias do imperio, é um castigo que nosso Deos nos manda, para nos fazer sentir que não se menos-presão em vão as suas leis.

A febre amarella em 1850 e 1851, hoje o cholera-morbus, são argumentos assaz fortes para solidarem esta idéa. Debáixo deste ponto iremos dando succintamente um artigo sobre religião. Com quanto o nosso engenho não seja assaz sufficiente para tratar de um assumpto de tanta extensão, envidaremos nossas forças e faremos aquilloque estiver a nosso alcance.

Se nada conseguirmos a bem da religião que nos ensinarão nossos pais, ficar-nos-ha o prazer de termos lançado uma pedra no edificio gigantesco que outras mãos mais habeis edificarão com mais fructo. Principiaremos pelas festas religiosas.

As festas religiosas forão creadas para commemorar a vida do Redemptor do mundo, de sua immaculada Mãe, d'aquelles santos varões que morrerão, uns martyres do paganismo, outros porque suas obras forão taes que merecerão ser

levadas ao vasto império da immortalidade, e enfim para ser lembrado tudo quanto foi vistoso. Para a commemoração d'estes actos verdadeiramente religiosos, convidavão-se todos os fieis, que trajando as suas melhores véstes, contrictos hião render graças aos pés do Creador, por ter lançado no mundo uma obra verdadeiramente sua. N'estes actos só presidia fé íntima.

Os fieis vião no fumo que exhalava o turbuloso suas almas radiantes, como que subirem aos céos d'envolta com elle, e lá então rendião graças ao orago.

O órgão e os canticos dos sacerdotes erão os unicos *alegros* que presidião a estas festas.

Mas que de sublimé poesia não se esparzia n'estes dous canticos! Um que o artificio humano tinha inventado, outro que a natureza fazia reflectir. N'estes dous motores consistia toda a festa da igreja!

Quão bello não seria o côro das freiras com o som melodioso do órgão! Mas quanto este côro era verdadeiramente religioso!... Com o correr dos tempos o órgão foi perdendo o seu imperio; hoje se conserva nas igrejas para attestar o que outr'ora fôra, por méro luxo, ou para entoar na Missa do meio dia algum sólo, do Barbeiro de Sevilha, ou de Anna Bolena. A's melodias do órgão succederão os instrumentos de corda e sopro que contentes aclamão-se soberanos do sacro e do profano. Aos canticos do sacerdote succederão as notas agudas das comicas, e fizerão dos templos sagrados, das casas do Senhor u n theatro aonde vão procurar louros. As comicas, como todos sabem, em geral, são as mulheres as mais pervertidas da sociedade, e são ellas as que chamão hoje aos templos o maior concurso. Conservemo-nos um pouco n'este ponto.

Quando se pretende fazer alguma festa em honra d'este, ou d'aquella Santa, annuncia-se oito dias antes pelos jornaes.—A festa do Santo... é tal dia, cantão ao Evangelho esta e aquella celebridade, (feminina ou masculina) do theatro lyrico. Então o concurso é immenso!

Mas esse povo em vez de ir ouvir as palavras santas, em vez de contrictos irem pedir a Deos a remissão de seus peccados quotidianos, vão applaudir a milagrosa garganta de uma, ou de um profano, extasiar-se com essa musica que foi composta para um fim diverso. Mal cessa de cantar a celebridade, a igreja cheia, fica quasi vazia, e aquelles que ficão não se retirão, uns para não darem que fallar, outros para imporem um prin-

cipio religioso que não tem, e outros para dizerem que virão tudo. Una festa religiosa elaborada como mandão os nossos dogmas, não tem merecimento algum, as *candeias* do seculo tem allumiado tudo, graças a ellas! Mudarão-se pois as scenas fazendo dos templos sagrados theatros, e os theatros forão transformados em templos onde são menos-presadas as leis de nossa religião. (*)

Além d'estes casos, ainda outros mais ridiculos fazem perder a fé áquelles genios duvidosos da melhor das instituições do mundo, e são um insentivo para aquelles que não trepidão em a desacreditar.

As lutas mesas recheadas de manjares que em dia de festa estão expostas nas sacristias dos templos, é outro abuso intoleravel. Póde conceber-se que do templo, aonde só se deve ir para orar a Deos, se faça um domicilio de deboches? Póde conceber-se que n'aquella casa tenha entrada Bacco para toldar o espirito dos devotos? Não o fará afugentar a cruz em que foi crucificado aquelle que no Gólgota nos remio, e que nas aras está exposta para attestar a veracidade d'este facto, e para que todo o christão veja a sua imagem? E' que as crenças religiosas estão degeneradas.

Estes insentivos (dizem elles) são para chamar ao seio da nossa confraria mais irmãos, como se isto fosse bastante para allucinar o craneo de quem vive em erro. E' que a ignorancia tomou conta dos templos e é essa ignorancia que dará quédá na nossa religião, se uma mão poderosa como a de Sansão não sustentar essas columnas que ameação a ruina da sociedade!...

continua
ECCO ELISIO.

Rosa murcha.

— Viste já singella rosa,
Pelo orvalho rociada,
Desbotar-se?
Ainda á pouco tão formosa,
Agora tão demudada
Inclinar-se?

(*) Por exemplo no drama D. João de Marana erigise um altar que é velipendiado, uma freira aos pés de um sacerdote mostrar-se arrependida, mas elle depois de a ouvir em confissão foge e a deixa sem absolvição, e por fim o demonio tambem vence ao anjo!... Miséria!

— Viste como, a pouco e pouco,
A infeliz se desfolhava
Tristemente ?
Como o arroio, em giro louco,
Suas petlas levava
Na corrente ? —

— E' que impuro verme entrára,
No calix da linda rosa,
Imprudente ;
E que impiedoso cortára,
Sua corolla formosa,
Cruelmente.

Assim succede á donzella,
Pelo amante abandonada,
Já perdida ;
Ainda é gentil e bella,
Mas tem no peito, coitada,
Cruel friça.

E sempre triste gemendo,
Com o pêso da desgraça,
Vai mirrar-se ;
E, pouco e pouco, perdendo
Seus attrativos e graça,
Vai finar-se.

Talvez que, tambem no crime.
Vá a pobre malfadada
Despenhar-se . . .

E da cruel dôr, que a opprime,
Busque em vida depravada,
Deslembrar-se . .

Rio, 29 de Setembro de 1855.

EUGENIO ARNALDO DE BARROS RIBEIRO.

Supplica.

Dize donzella quem amas ?
P'ra quem votas teu amor ?
Da calma que me devora
Já te dei casto penhor !
P'ra que queres n'um peito joven
Estampar vivo rancor ! . . .
Quando te vejo a meu lado
Sem me dares o desengano
Do amor que m'inspiraste
Estalla do peito o arcano ;
Amo-te, mas teu desdem
Mostra-me assáz o engano !

Eu julgava ser ditoso
Quando te vi tão gentil
Julgava só vêr encantos
Em teu peito senhoril ;
Mas agora me não amas,
Meus afagos desprezaste,
Que frases d'um amor puro
Que no meu peito inspiras-te ?

A. S. FERREIRA.

Rosa abandonada.

Branca rosa desfolhada,
Quem te deixou neste chão,
Neste lugar tão deserto,
Nesta triste solidão ?

Entregue aos ventos da noute.
Sem protecção de ninguem,
Aos caprichos da estação,
Talvez pisada de alguém ? !

Quem foi que te abandonou,
Linda flôr, meiga, tão pura,
Orphãa deixada no mundo,
Sem esp'rança e sem ventura ?

Seria acaso uma ingrata,
Que te illudindo co'amor,
Colhesse meigos carinhos,
Que lhe fizesses, oh ! flôr !

E talvez na negra trança,
Te trazendo flôr mimosa,
Avistasse um mal-me-quer
Esquecesse a pobre rosa ?

E depois te abandonando
Da vida no turbilhão,
Te deixasse aqui sósinha
Nesta triste solidão ?

Não desanimes, oh ! rosa !
Não desanimes, oh ! flôr ;
Que aqui tens um peito firme,
Que sabe guardar amor.

Serás minha companheira ;
Vivirás commigo unida ;
Me contarás tua sorte,
Eu te direi minha vida.

Rio, 5 de Setembro de 1855.

F. GOMES DA SILVA.

A adultera.

N'uma noute muito escura,
 Não havia no céu estrella
 E da lua a face pura,
 Das nuvens entre o negrume,
 Não se via risonha e bella;
 No lar da choupana o lume
 A' muito era apagado,
 No fundo do val, o rio
 Por entre as pedras e a relva,
 Por entre os seixos e as flôres,
 Resvalava socegado,
 Fallando de seus amores;
 E a mansa brisa d'estio
 Não murmurava na selva,
 Nem agitava fagueira
 As folhas do choupo esguio.
 Foi pois aquella hora morta,
 Que se abriu escusa porta
 Da flôresta do castello;
 E sahio um vulto negro
 De villão, ou cavalleiro,
 Que se confundio ligeiro,
 D'um bosque entre a ramagem,
 Então detraz da parede,
 Não sei que sopro d'aragem,
 Me trouxe o som de um suspiro.
 Trepei acima do muro,
 E entre a verde folhagem,
 Vi caminhar receiosa,
 Em direcção do castello,
 Uma sombra vaporosa
 De porte gentil e bello.
 Parava a cada momento,
 Como a quem faltava alento
 De deixar um sitio qu'rido;
 Ou como a quem o remorso
 Turba a pureza da alma
 E afugenta a dôce calma
 Do peito envilecido;
 Ia a sumir entre os ramos,
 Quando eis que de novo pára,
 Voltou-se — e d'entre as nuvens
 A lua, n'aquelle instante
 Sahio formosa e brilhante
 E com luz mui viva e clara
 Lhe illumina o semblante.

Chegai-vos mais perto, amigo,
 E jurai-me aqui segredo,
 Que senão guardo commigo
 O nome d'aquella dama;
 Pois tenho quasi algum medo
 De contar o caso torvo
 Que tam alto brada e clama,
 Que estes que se dizem nobres
 Sam mais infames que o povo.
 — A dama de rosto lindo
 E' a mulher do velho conde,
 E o homem que vai fugindo,
 Ou é barão, ou visconde.
 Amanhã se eu fôr nas sallas
 Relatar a acção dolosa,
 Que presenciei esta noute
 Hade haver quem lá se afoute
 A dizer com voz infame:
 « Ora! o conde é já tam velho. »

Rio, 6 de Junho de 1855.

BERNARDINO PINHEIRO.

Um beijo.

Donzella, vem a meus braços,
 E, com sentidos abraços,
 Recompensa o meu amor;
 Quero vêr teu lindo rosto,
 Que é de graças um composto,
 E beija-lo com ardor.

Em teus labios corralinos,
 Quero beber os divinos
 Gozos que só ha no céu....
 Quero sentir mui gostoso,
 Palpar teu peito ancioso
 Bem perto do peito meu.

Mas que vejo?... tú te esquivas,
 Teu rosto de côres vivas
 De repente se cobriu....
 Baixas os olhos com pejo
 Só porque um ardente beijo
 Em teus labios retinju....

Se tú souberas, donzella,
 Tú que és innocente e bella,
 O amor que eu te votei!
 Com amor vieras pagar-me,
 E não havias de accusar-me
 Por um beijo que eu te dei....

Rio, 3 de Outubro de 1855.

EUGENIO ARNALDO DE BARROS RIBEIRO.

Typ. de F. A. DE ALMEIDA, rua da Valla n.º 141.

UMA PAGINA DA HISTORIA PORTUGUEZA.

**A morte do Principe D. Affonso
filho de El-Rei D. João II.***(Continuação do n.º antecedente.)*

VIII.



s más noticias espalhão-se com espantosa rapidez; a nova do fatal acontecimento bem depressa foi levada á Rainha D. Leonor e á Princeza D. Izabel, isto é, á mãe e á esposa do joven D. Affonso.

Estavão ambas n'uma camara do paço com o infante D. Jorge, filho natural de El-rei, e apenas um fidalgo lhes deu a terrivel noticia, fóra de si levantarão-se e tomando apenas seus mantos, que por acaso estavam ali, sahirão acompanhadas de D. Jorge; no pateo encontrarão algumas mulas ajaezadas, e sem mais pensar saltarão sobre ellas; a dôr e a anciedade lhes dava forças e agilidade que o sexo e a classe não concedem vulgarmente.

A largo trote transpозerão as ruas de Santarém e bem depressa se acharão no campo; a noticia do fatal acontecimento tinha-se já de tal maneira divulgado que de toda a parte vinhão galopando apressadamente muitos cavalleiros acompanhados uns de pequena comitiva, sósinhos outros, que a pressa não deixára reunir pagens e escudeiros.

Tinha alguma cousa de sinistro o vêr correr silenciosamente aquellas sombras negras, que affluindo de todos os lados, se dirigião para o mesmo ponto, que era no fundo do valle, junto ao rio onde a luz de alguns archotes allumiava os rostos tristes e luctuosos de uma multidão que se augmentava a cada momento....

A porta da cabana estava guardada por um grupo de cavalleiros, que se hia engrossando a todos os instantes, pois tinha sido vedada a entrada por causa da falta de ar, que a multidão causaria na pequena choça.

N.º 11 — Domingo 14 de Outubro de 1855.

Os lavradores, os pastores e os pescadores se apinhavão em roda dos cavalleiros; uns attenciosos choravão o desastre do Principe; outros discutião com o visinho, em voz sumida, com palavras de afflicção e de dôr, o resultado daquella desgraça; pois n'aquelle tempo de tanta gloria para os Portuguezes, o Rei era o maior amigo, o melhor defensor do povo, protegia-o contra os nobres e contra o clero, o nome de Rei queria dizer pai, queria dizer, que era o primeiro na peleja e no perigo, por isso o bom do povo amava com extremo os seus Reis.

Quando algum enviado sahia apressado da choupana, mil perguntas o assaltavão, com rapidas palavras respondia aos cavalleiros, e aos encontrões replicava ao povo; este ficava murmurando e olhava de revez para o fidalgo, que sem se embaraçar com aquellas iras de peguimeos hia apressado executar as ordens que recebera.

A Rainha, a Princeza e D. Jorge aproximarmo-se, por fim, á choupana, durante o transito mil suspiros tinhão sahido de seus peitos, ao chegarem junto á multidão D. Jorge clamou:

— Passagem a suas Altezas Reaes. E immediatamente, como por encanto, aquella massa compacta, se apartou, e um largo caminho se abriu até á porta da choupana. Os cavalleiros sem pronunciar palavra ajudarão a desmontarem-se as duas damas, e estas arrebatadamente entrarão na choupana.

O interior da cabana tinha um aspecto, ainda maistriste e luctuoso do que o exterior; junto do leito os physicos applicavão toda sua sciencia em remedios ao moribundo, o Rei lastimava-se com palavras de afflicção que a todos fazião chorar! D. Diogo d'Almeida com um facho na mão allumiava os physicos; D. Pedro da Silva Comendador-Mór d'Aviz reiterava lá no seu coração a promessa de ir a Jerusalém; o marquez de Villa-Real chorava, que seu amor pelo Principe era como de pai para filho; dous cavalleiros de Aviz, com o abbade de Alcobaça preparavão ataduras, fios e os mais medicamentos; dous fidalgos conservavão-se no meio da choupana com tochas accesas, e junto á porta outros dous de espada em punho defendião a entrada. Havia ainda um pequeno grupo por traz do leito, composto por alguns fidalgos da maior nobreza.

A Rainha e a Princeza entrarão correndo, e forão cahir de joelhos junto ao leito do Principe, clamando com immensa dôr:

— Affonso! Affonso!

As suas vozes erão despedaçadoras, que os fidalgos acostumados ás pelejas e aos combates, vivendo entre os gemidos dos moribundos nos campos da batalha, sentirão retalhar-se de dôr o coração, e um pranto geral rebentou na cabana, que repetido fóra pela multidão foi echoar até ás fronteiras do Reino.

— Affonso, disse a Rainha beijando a mão do Príncipe, meu filho, olha ainda uma vez para mim, eu que te amava com tanto estremecimento, com tanta ternura, ver-te agora assim, prestado neste pobre leito, sem sentidos, sem conheceres quem te falla, sem conheceres tua mãe. E a nobre dama occultou no manto do Príncipe, que estava pendente, seu rosto inundado de lagrimas. A Princeza inclinou-se então sobre o moribundo, e pensando que fallando tão perto elle responderia, disse-lhe em voz baixinha e entrecortada de soluços:

— Affonso, meu esposo, minha vida!... responde-me ainda uma vez, dize-me ainda uma palavra de amor, daquellas que tu á poucas horas, tantas me dizias.... O que serei eu sem ti? que és o meu marido! o meu esposo! E abaixando ainda mais a voz, continuou com maior dor: Não sentir mais teu coração, não sentir mais teus labios com tanto amor se unirem com os meus.... ai! Affonso! Affonso! vive ou quando não eu morrerei também!

Os physicos um pouco afastados conversavão em segredo com El-Rei.

— Que vos parece? tinha dito D. João II ao que mais perto lhe ficava.

— Ai! meu senhor, só um milagre de Deus! a nossa sciencia está exhausta! respondêra o physico.

— Quanto é pouco o ser Rei! Ter um unico filho, vel-o morrer e não poder dar-lhe a vida! murmurou D. João II.

— Senhor, lhe respondeu o Commendador-Mor d'Aviz, o Príncipe era um anjo de formosura e de bondade, e não pertencia a este mundo, é Deus que o chama para si. O Rei depois de um momento de silencio respondeu:

— D. Pedro da Silva, se alguma cousa mitiga a dor que sinto de ver meu filho quasi a morrer, é lembrar-me, que Deus, quer chamando-o a si, favorecer este Reino, pois os Portuguezes precisão de um Rei de bronze para os governar e o Príncipe era inclinado ás delicias.

(Continúa.)

BERNARDINO PINHEIRO.

A queda de Cápua

(Continuação)

A empresa d'Annibal, quanto a Cápua tinha falhado; mas o povo iuda se tornou por erro, mais irritado contra seu senado, e contra Roma. Já se tramavão os conluios mais sinistros, já uma multidão desenfreada se preparava a assoalhar esta desgraçada cidade com o sangue de seus principaes cidadãos, quando a prudencia d'um só, suspendeu o furor de todos.

Pacuvius Calavius era descendente de uma das primeiras familias de Cápua, e alliado aos mais distinctos de Roma; não deixava comtudo de se ter conservado fiel ao partido do povo, que o recompensava com uma afeição e confiança sem limites. Não havia cargo honroso no estado de que elle não houvesse sido provido. Na época do combate de Trasimene, era elle o que chamavão em Cápua Medixtuticos, presidente do senado.

Em breve, elle notou a fermentação que havia entre o povo. Inimigo, no fundo do seu coração, da autoridade Romana, seguro da dedicação de seus concidadãos, não sómente esperava ser poupado em uma insurreição, como até ser elle-vado ao timão do Estado: desde então encarou o futuro, não como demagogo mas sim como um homem que conhece o espirito do povo, e sobre tudo, o da nação. Sabia que uma multidão que por si mesmo rompe suas cadeias, toma sempre a liberdade para pretexto da licença, e sacrifica logo os chefes, aquelles mesmos que mais reverenciou; que todo o Estado, assás imprudente, que derriba em um instante o edificio de sua constituição, destroe com o mesmo golpe a sua existencia politica, e que não a recobra senão depois de um sem numero de convulsões e desgraças accumuladas. Penetrado destas verdades, Pacuvius formou o projecto de conservar o senado de Cápua, e de fazel-o para o futuro, por meio de regulamentos sabios, mais respeitavel, e mais amado.

Com estas vistas elle convocou subitamente o senado: dirigio-se á assembléa com esse ar, com essa eloquencia imponente, que imprime respeito e captiva a attenção: descreve a situação critica do estado; condemna a segurança d'aquelles que parecem dormir á borda do abysmo; protesta, que ninguem mais do que elle está disposto a se separar de Roma, á qual se vê

ligado por laços de amizade, e de sangue; mas declara que considera tudo perdido, se no mesmo instante não se tomão medidas extremas, e decisivas:

« O mais terrivel trama se urde, diz elle; « um povo irritado jurou a vossa perda, e só « delibera sobre os meios de operal-a; assassi- « nar o senado e entregar a cidade a Annibal, « eis o que está prestes a executar; tudo está « prompto para a explosão, e é muito tarde para « que força alguma lhe possa ser opposta. »

A está asserção, ajuntou provas irrevocaveis. O senado impallideceu á vista do perigo; o espanto, e a consternação se augmentavão, em proporção de sua falta de seguridade.

Ninguém tendo previsto o perigo, nenhum sabia que remedio applicar-lhe. Pacuvius, depois de ter deixado algum tempo a assembléa na incerteza, retomou assim apalavra:

« Quereis vós esquecer todo o espirito de « partido? Quereis, vos louvar em mim? Que- « reis vos entregar a mim?... Eu tenho um « meio de salvar-vos. »

Todos temendo o conjurário para que indicasse esse meio. « Eu vou fingir, respondeu « elle, que tomo parte no conluio, e declarar-me « chefe, e reter-vos a todos prisioneiros; vossa « vida estará desde esse momento nas minhas « mãos, e é assim que conseguirei arrancal-a « ao furor de vossos inimigos. »

E' verosimil que este projecto achasse a principio poucos partidarios, e que muitos mesmo duvidassem da boa fé de Pacuvius; mas tomados de um terror panico, companheiro fiel do orgulho e da fraqueza, entregáráo-se depois de ter exigido delle um juramento solemne, como penhor de suas intenções. Elle fez entrar logo uma guarda que de antemão tinha prompta, e cercou a casa do conselho. Deu ordem de não deixarem sahír ninguém, feixa elle mesmo a porta, e convoca logo uma assembléa do povo.

Toda a cidade ficou espantada; todos se reunem e rodeião Pacuvius, todos o interrogão e todos esperão com impaciencia que elle se explique.

« Cidadãos de Cápua! exclama, chegou o « momento da vingança, eis a occasião que « esperaveis a tanto tempo, de derribar um se- « nado indigno da nação que governa, e de o « punirdos crimes de que é culpado. Não tendes « mais necessidade de cercar successivamente « a casa de cada senador, e de expor a vossa « vida contra a multidão de seus escravos e

« de seus clientes. Encerrados no mesmo « senado, prisioneiros e sem armas, eu os en- « trego todos em vossas mãos; mas para que « a precipitação não vos torne imprudentes nem « injustos; a fim de que o innocente não seja « confundido com o culpado, eu os faço appare- « cer diante de vós individualmente; eu quero « que cada um delles receba de vós sua con- « demnação, e a punição que merecer; mas eu « vos conjuro, a que a colera não tenha parte « alguma em vossos julgamentos; escutai menos « o sentimento de vosso odio, que o de vossa « salvação, e de vosso interesse; não é ao sena- « do, é aos senadores que deveis odiar. Como « vos falta um governo, e como este repousa no « senado, em expulsando este é necessario no- « mear outro. Cada um dos senadores vai « apparecer diante de vós, e então pronun- « ciareis se elle deve viver, ou morrer; porém « vossa sentença não será executada senão quan- « do no lugar do culpado tiverdes nomeado um « cidadão digno de vos governar, e que reuna o « suffragio geral.

(Continúa.)

Tradução de A. M. S. BANDEIRA.

Physiologia do Casamento

AMOR, CONVENIENCIA E DINHEIRO.

(Continuação do n.º antecedente.)

AMOR.

Luiza estava vingada, oh! e bem vingada! Se eu não pensasse que o *silencio é a violação da mais santa das leis Divinas que regem a humanidade*, teria dado fim a esta vida de continuo e atroz soffrimento! A minha dôr acalmou-se um pouco em presença de minha filha, que me olhava admirada, porque eu abraçára-a muitas e repetidas vezes.

Se eu tivera então uma mãe.... minha mãe que me amava tanto!...

A essa dôr moral, que me não julgo com forças de pintar, succedeu uma especie de lethargia, e senti-me alliviado. No dia seguinte tomei uma resolução desesperada, consequencia immediata d'essa dôr, e d'affronta porque passára no anterior. Procurei meu pai, não para pedir-lhe consolações, porque era sceptico e egoista, mas para

vêr o effeito que os meus recentes desgostos tinham feito sobre elle.

— Henrique, me disse ; és muito joven ainda. As mais crueis decepções d'esta vida perseguem-nos, mais tarde, na idade em que temos mais coragem para arrosta-las. A dôr que te opprime não é d'aquellas que deixa profundos traços da sua passagem na phisionomia do homem. Naturezas fracas como a tua cedem sem resistencia ás zombarias do accaso, que são consequencias necessárias e uteis á humanidade. São ellas que nos tornão fortes ou resignados ; sem ellas seremos plantas estereis e nocivas. Esquece tudo, Henrique ; o que te acontece é o que eu previ. Não acreditaste que a mulher jámais pôde dar o que a natureza lhe não deu. Chamão-me sceptico e materialista, porque não creio n'essas affeições profundas e inalteraveis com que sonhaes na idade das illusões. Um amor como o concebeis, só existe em algumas mãis ; tudo o mais é apparencia e brilho falso, que o tempo destroe. Acreditaes no amor da mulher como os Apostolos acreditavão em Jesus Christo. Sacrificaes tudo por ellas, e não sei onde achaes a compensação. Olha, Henrique, o amor é uma palavra que existe apenas nos romances, para os quaes foi expressamente feita. Tive um amigo que dizia : essa palavra deve ser empregada por todos os homens como effectivamente é ; todos repetem em côro : *eu amo o dinheiro, tu amas o dinheiro, elle ama o dinheiro, etc. etc.*, e o meu amigo não era usurario nem avaro.... Vós, representantes da mocidade brilhante e intelligente, zombaes dos velhos porque dizem que no seu tempo não se fazião casamentos d'amor. Tua mãe vio-me pela primeira vez oito dias antes da nossa união, e nem por isso deixou de ser boa esposa e boa mãe. Quando nos casamos tinha eu 30 annos e ella 25. Vós procuraes mulheres de 12 até 18 ; d'ahi para cima chamaes-lhe *tias*. As primeiras são boas donas de casa, submissas, e contentão-se com tudo ; as outras transformão o lar domestico em um armazem de *bonecas e quinquilharias* ; sobre tudo são exigentes, presumidas e vaidosas. Admitto que hajão excepções, mas estas são mui raras. Quizestes casar por amor ; julgaste que se poderia plantar a arvore e colher o fructo no curto espaço de dous mezes. E' verdade que tal phenomeno teve lugar, mas o fructo, longe de estar maduro, amargava como fel. E' agora que começou a influencia d'esse sabor acre ; has de libar o calix até ás fezes, e muito tempo de-

pois d'esgotado sentirás os seus effeitos. Trata-te-me mal quando te fiz vêr a possibilidade de uma transicção rapida no character de Carolina ; aconselhei-te para que a intruisses das innumerables futilidades e etiquetas de que se compõe a sociedade ; respondes-te-me que Carolina era um anjo, e que os anjos não devião atravessar esses circulos impregnados de peste. Ao que tu chamavas moral e virtude, chamo eu loucura.

A virtude é tambem uma das palavras que tem um uso natural e expresso nos dictionarios ; se existio foi nos primitivos tempos. Ainda assim duvido. A primeira mulher peccou, o que equivale dizer-se que todas hão de peccar ; com a differença de que ha *peccadinhos*, isto é, peccados pequenos e grandes. Mais philosophia, meu Henrique. E's joven, a vida apresenta-se sempre sob um aspecto risonho e brilhante quando não ha remorsos de consciencia. Não os tens ; esquece pois todas as mulheres jovens e bonitas. A flôr mimosa é a mais susceptivel de murchar. Depois a sociedade das *velhas* é agradável ; estas tomão rapé, fallão nos *gatinhos* e no *tótó*, no *defunto*, nos seus *flatos*, nas aventuras da sua mocidade, o que é divertido. As moças fallão em *bailes, enfeites, nas modas, em espectaculos, em danças, namoros*, etc. etc., o que além de ser enfadonho é immoral. As mulheres velhas d'espirito empregão-no a tempo, e sem offender ; perdoão qualquer pequena zombaria, e riem sempre. As jovens, loucas e inconsequentes, dão ao espirito um uso continuo, mas despido de toda a graça, e sempre offensivo. Não perdoão facilmente, porque se julgão invulneraveis. *Desengana-te, Henrique, a mulher que existe na tua imaginação é um problema difficil de resolvêr, e tão difficil d'achar-se como a pedra philosophal, o moto continuo e a alavanca de Archimedes. Diogenes* e a sua lanterna procurarão um homem ; não se lembrou elle da mulher porque sabia que não existia ; e *Diogenes* era philosopho ; imita-o um pouco !... Queres separar-te de tua mulher judicialmente ? Para que ? Darás lugar a que effectivamente se creia nos boatos que circulão por ahi a teu respeito. Não se diz que és a origem do desregramento de tua mulher, porque além de a tratares mal, tinhas ciumes d'ella ?

A sociedade é assim. Os officiosos correm aos pares para consolarem o infeliz, as mulheres rodeião-no, acaricião-no, e chamão-o verdadeiro *martyr*, tyranno, malvado, e outros nomes feios. Porisso aconselho-te que não sollicites tal sepa-

ração. Queres vêr como d'aquí a dous mezes terás Carolina a teus pés, arrependida e submissa como jámais ? ! Paga desprezo com desprezo. Não te digo que o faças na sociedade, porque augmentaria o seu resentimento, e o de suas amigas e tributarios. Começa desde já. Tua mulher vai hoje ao espectáculo ; hade pedir-te que a acompanhes recusa sob qualquer pretexto, e fica em casa. Manda fazer a cama em separado, e deita-te. Quando ella regressar é provavel que te pergunte a causa de tal mudança. Responde-lhe como o deve fazer um homem. No dia seguinte repete o mesmo, e assim por diante. A' mesa serve-te propriamente, e não te affastes do sim ou não. Haverão scenas desagradaveis ; ouve e cala. Tens força de character bastante para impedires que ella levante a mão sobre ti, o que não é d'espantar. No fim de oito dias conhecerás notavel differença no character de Carolina. O desprezo calculado é filho de um continuo estudo, operará uma completa revolução no espirito de tua mulher. Não te comovão algumas lagrimas vertidas a furto, nem a expressão de um certo olhar que admiro nas *dancarinas* e *cantoras*.

Essas lagrimas serão de raiva e despeito. Começará depois por despende comtigo certas caricias que já vem da nossa mãe *Eva*. Repelle-as. Hade chorar de novo, mas então serão lagrimas sentidas e verdadeiras. Alcançado este resultado, toma conta de tua filha, e vai para a quinta. D'ali escreve a Carolina, mas defende-a de te procurar. Caso o faça não lhe dêes ouvidos. Em pouco tempo receberás uma carta sua escripta em um estilo romantico e apaixonado, regada de lagrimas, e contendo essas expressões que a mulher sabe tão bem empregar. Não lhe respondas. Eu te juro que a terás á porta da quinta uma hora depois ! Permite-lhe o ingresso e pergunta-lhe o que pretende d'ali, mas com uma entoação de voz de tyranno de comedia. O perdão, responder-te-ha ella. Se lh'o debes conceder, não o sei, consulta a tua consciencia, e obra segundo o que ella te dictar. Segue estas instrucções á risca, e te juro de novo que terás para sempre a Carolina d'outr'ora. Se ha em tudo isto o scepticismo de que me accusão ; então melhor será que os homens mudem de trage e vistão *saia*, o que fará, na verdade, um bonito effeito.

Meu pai tinha razão ; ainda hoje sou reconhecido ao muito que fez por mim. As suas conje-

cturas realisarão-se, e bem depressa. Minha mulher appareceu-me um dia, mas infeliz ! bem mudada !... Os remorsos e desgostos impressos em seu pallido e poetico semblante, exigião um balsamo consolador ; e só eu é que podia fazer-lhe adquirir as rosadas côres d'outr'ora, e a alegria e socego do coração. — Henrique, me disse ella, banhada em lagrimas, se ha perdão para a mulher transviada, eu venho implora-lo. Antes que m'o outorgues, consente que te jure, por minha mãe que jámais terá d'exprobar-se-me a menor falta.

Fui louca, quiz divertir-me, e vingar-me d'aquillo que nunca existio em teu coração. Deus castigou-me. Tenho crueis remorsos do muito que te fiz soffrer, e já perdooi áquella que me impellio para o mundo. Perdoa-me tambem, Henrique ; de hoje em diante terás em mim uma escrava submissa, prompta a tudo dar, e a nada querer em compensação. A teu lado e ao de minha filha serei feliz ; abençoar-vos-hei a ambos, a ti porque perdoaste, a ella porque hade ser a minha alegria na mocidade e na velhice. Os teus sorrisos e as caricias de Henriqueta, dissiparão as negras nuvens que começavão a toldar o horizonte da minha vida....

— Vem, disse eu, abrindo-lhe os braços, e repete commigo : *Se algum ha entre vós isempto do peccado, que se lhe atire a primeira pedra !...*

(*Continúa.*)

ANTONIO XAVIER R. PINTO.

Fragmentos de Mythologia.

(*Continuação.*)

A HONRA.

A Honra representa-se corôada de louros com um escudo na mão, no qual estão debuxados dous templos ; que são o da Gloria e o da Virtude. Não poderêmos entrar no templo da Honra, sem primeiro transpormos o da Virtude. O escudo mostra-nos a precisão de estar sempre em defeza contra os malevolos intrigantes. Os louros que lhe cingem a lisa fronte nos annuncião os triumphos que tem ganhado sobre seus adversarios. A pessoa expulsa de seu templo é qual a mimosa e delicada flor que sendo tocada pelo dente da serpe venenosa cahe no pó arrojada pelo sopro da mais leve viração.

A JUSTIÇA.

A Justiça retirou-se para o céu juntamente com sua mãe logo depois que a idade de ferro succedeu á de ouro. Representa-se na figura de uma donzella tendo em uma das mãos uma balança de ambas as partes iguaes e na outra uma espada nua. Dizem que está sempre prompta a prescrever penas para o vicio, e recompensas para a virtude ; o seu nome é invocado fervorosamente por todos os opprimidos, porém ella já de á muito não sem mágoa, os abandonou.

Nessa tão celebre idade de ouro, era ella querida e respeitada ; todos adoravão como sua estrella de salvação !... mas bem depressa pervertidos se entregárão á devassidão, procurando assim esquecer aquella que outr'ora tanto prezárão !... Ah ! insensatos, que não previsteis vossa infalivel ruina com o abandono desta estimavel divindade ! em vão procurareis remediar esta falta tão irreflectidamente commettida ! por que quando vós a chamardes, já será tarde, sim, já será muito tarde !... ella não poderá mais ouvir vossas fervorosas preces !...

(Continúa.)

M. LEITE MACHADO.

Que fizeste !

Casta diva, que fizeste !
Esta flôr que tú me deste,
Diz-me : onde a foste buscar ?
Acaso foste, ó Arminda,
Ao pé ceifa-la mui linda,
Quando ainda
Estava a desabrochar ?

Para que tu, feiticeira,
Foste tirar á roseira
Esta tão bonita flôr ?
Sabias, tú, se esta rosa,
Não tinha tambem ditosa,
Melindrosa,
O seu ardente amador ?

Ella, gentil, na roseira,
Ostentava-se fagueira,
Com encanto e formosura ;
Porém, agora, a lindinha,

Viver não póde sósinha,
E definha,
Oppressa pela amargura !

Não vês, como, abandonado,
D'onde nasci desterrado
Tétrico vou definhando ?
Pois, assim esta honina
Tirada ao pé pequenina,
Mui divina,
Vai pouco a pouco finando.

Olha, vê-la marcescendo ?
Vão suas pet'las cahindo,
E perdendo todo o olôr !
Coitadinha, sem alento,
Como eu, sem ter acalento,
N'um momento,
Perde todo o seu primor !

Qual a sultana, orgulhosa,
Reclinada mui vaidosa
No voluptuoso coxim,
Assim a rosa ostentada,
Em seu pésinho embalada,
Namorada,
Mostrava a côr de carmim.

Mas, agora, qual donzella,
Que meiga, pura, singella
Violou as leis do pudor,
E depois, pranto vertendo,
Vai seus encantos perdendo,
Feneceendo,
Assim fenece esta flôr !

Assim, perde a primasia,
Belleza e galanteria
Com que léda se afagava !
Todo o verdor e frescura,
Ingenuidade e candura
Com que pura,
Ella n'aste se mostrava !

E, tu, és a causadora
D'ella tão encantadora
Todo o seu brilho perder,
De perder de todo a vida,
Quando já era querida,
Tão garrida,
N'aurora de seu viver.

Mas, bem sei, virgem fagueira,
Qual a origem verdadeira
Que te fez assim obrar :
Vis-te bocejar, donosa,
Esta flôr tão magestosa,
Anciosa,
Tu m'a quizeste offertar.

Porém, olha, eu t'agradeço
Esta offerta reconheço,
Cada vez mais, teu amor ;
Mas, não qu'ria minha cara
Fosses assim tão avara
P'ra tão rara,
Gentil, engraçada flôr.

Porém que vejo !... descendo
Por tuas faces correndo
Linda per'la prateada !
Não chores, não, vida minha !
Tens pena já da flôrinha,
Que definha,
Mas é tarde, minha amada.

Agora, que vale o pranto !
Com elle, tu, meu encanto,
Não podes vida lhe dar !
Em recompensã amorosa,
A teu vergel, d'uma rosa
Mui viçosa
Vamos a planta regar.

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

A Escrava d'Hibrahim.

RIMANCE.

Hibrahim entristecido
De amores quasi perdido
No divan se reclinou.
Logo á escrava portugueza
Contemplando sua belleza
Nestes termos lhe fallou :

« Até quando, linda dama,
« Esta ardente e viva chama
« Soffrerá meu coração ? ...

« Meditai, senhora minha,
« Que mais valle ser rainha
« Do que escrava d'um sultão.

« Eu sei bem, que são pungentes
« Essas saudades que sentes
« Do teu paiz ;
« Porém aqui serás c'rôada,
« Mais querida e respeitada,
« Mais feliz.

Mas a escrava tão formosa
Se levanta respeitosa
E crava os olhos no chão ;
E depois de um suspiro
Ter a custo desprendido,
Ao senhor responde então :

ESCRAVA.

« Respeito muito, senhor,
« Essa tão pungente dôr,
« Que te abrasa o coração ;
« Mas não posso-a mitigar
« Sem do tumulto bradar
« De meus pais a maldição.

« O teu throno não almejo,
« Nem a filha do Além-Tejo
« Tremerá ao teu poder ;
« Para ser rainha impura,
« Ser renegada e perjura,
« Eu desejo antes morrer.

HIBRAHIM.

— « Linda dama portugueza,
« Tu recusas ser princeza
« Na Turquia ?
« Eu podera n'um momento
« Castigar-te o atrevimento
« E ousadia.

« Porém quero confundir-te
« E segunda vez ouvir-te
« Temeraria decisão ;
« Que a paixão que me domina
« Pouco a pouco me arruina
« O meu pobre coração.

E a infeliz escravasinha,
Que no chão os olhos tinha
Magoada os levantou;
E com brilho claro e brando
Em Hibrahim os flectando
Altivamente fallou :

— « O teu throno não almejo
« Nem a filha do Além-Tejo
« Tremerá ao teu poder ;
« Para ser rainha impura,
« Ser renegada e perjura,
« Eu desejo antes morrer.

E logo mui diligente
Arranca o punhal luzente
Da cintura de Hibrahim,
E a seu peito logo aponta —
— « Meu soberano, essa affronta —
Lhe diz — Finda junto a mim.

De todo desenganado
O sultão já perturbado
Com espanto a contemplou ;
Fez um gesto de ternura
Que lhe promettia ventura,
E em seguida lhe fallou :

HIBRAHIM.

— « Linda filha do occidente
« Voltarás alegremente
« Ao teu paiz ;
« Pois aqui desconsolada
« Tu viverias malfadada
« E infeliz.

« Dar-te-hei meu bergantim,
« Que todo de ouro e marfim
« E' embutido ;
« E oxalá que nunca possa
« Eu ser da lembrança vossa
« Esquecido.

ESCRAVA (dando-lhe o punhal.)

— « Ah ! senhor, tanta grandeza,
« Tão rara delicadeza
« Inda não pude encontrar ;

« Em qualquer parte que fôr
« Com o mais lédo primor
« Tua virtude heide lembrar.

Um bergantim no outro dia
Barra em fóra se partia
Cortando o mar dôcemente ;
N'elle a escrava do sultão,
E toda a sua guarnição,
A cantar alegremente.

Agosto de 1855.

M. LEITE MACHADO.

Desespero.

*Caprixosa mulher, tu nunca sabes
Calcando um peito amante quanto perdes!*

Uma chaga me abriste no peito
Que não póde jámais se curar,
E, coitado de mim, sem ventura
Sinto a vida querer-se finar.

Foste louca em me dar juramentos
Que jámais tu podias cumprir,
Foi tormento que tu m'engendraste
Para agora eu viver a carpir.

E eu credulo, pensando, feliz,
Que era amado por ti, bella ingrata....
Só achei p'ra meu mal um tormento
Que enlouquece, que fere, e que mata.

Já refugio não acho na vida,
Sou ludibrio de magna profunda,
Só encontro, existindo, pesares,
Minha vida em pesares s'innunda.

Esperança feliz que animava
Esta alma tão cheia de amor
Acabar-se já sinto, e só resta,
Pela morte esperar sem terror.

A. M. S. B.

Typ. de F. A. DE ALMEIDA, rua da Valla n.º 141.

UMA PAGINA DA HISTORIA PORTUGUEZA.

**A morte do Principe D. Affonso
filho de El-Rei D. João II.***(Continuação do n.º antecedente.)*

IX.



noticia, do paço passou aos Templos e dos Templos ao povo.

As quinze igrejas conventuaes de Santarém abrirão escancaradas suas portas, que os frades sahindo de suas cellas áquelle

appello real, e fazendo repetir os echos dos claustros o som de seus passos apressados, tinham illuminado os altares, aberto as portas, e occupando seus lugares no côro entoarão com tristonho psalmejar funebres preces pela vida do Principe, ás Igrejas parochiaes e

as capellas se abrirão tambem e a multidão do povo inundou os Templos.

Era uma bella noute de luar; a natureza, ou se alegrava da catastrophe, ou era indifferente; alegrava-se e sorria, revelando, como a donzella revela no rosto o pensamento da alma, o pensamento de Deos; que um anjo de pureza e de bondade hia voar para junto do Eterno.

A claridade da lua entrando pelas gelosias das Igrejas offuscava a luz das velas dos altares e dava um aspecto melancolico aos templos, edificados com aquella architectura pesada e sombria, que hoje contemplamos com pasmo.

Alguns dos raios da lua vindo obliquamente dar sobre a estatua de marmore branco, lavrada n'um tumulto alumiava-lhe o rosto livido, e o espirito timorato do villão, que a furto olhava o mausoleo, julgava ver uma certa animação no granito, e assustado e cheio de terror chegava-se quanto podia para junto do altar e da luz das velas.

Naquelles tempos a devoção do povo era muita, e não foi dos tempos peores para nós, hoje, á nossa tão grande illustração, pareceria ridiculo os

N.º 12 — Domingo 21 de Outubro de 1855.

actos de piedade que n'esta noute se praticarão.

A mim, que já por duas vezes, na minha tão curta vida, contemplei a morte sem temor, quasi com alegria, aquellas devoções, tão justas em calamidade publica, seriam então mal empregadas, pela morte d'uma creança, se jámais, o que eu não creio, a oração é mal empregada quando se implora a misericordia de Deos.

A morte do Principe era uma alegria para os anjos e para o Céu; mas era uma tristeza para os homens e para a terra: os anjos hião augmentar o seu numero, hião receber em suas fileiras divinas aquella alma que, havia tão pouco tempo ainda, tinha dimanado de Deos; mas que sentia já saudades pela manção d'onde partira; e os homens, os bons dos Portuguezes, tinham saudades daquelle Principe, filho de um Rei tão querido, daquelle Principe que era tão gentil, e tão bondoso.

Porisso os Portuguezes vestidos de borel e de estamenna, roupagens de dó, e todos descalços fazião mil penitencias, mil promessas de romarias aos Santos mais milagrosos.

Os tres corpos do estado se reunirão; a nobreza com seus pendões, mas que então não erão estandartes ensanguentados na guerra, mas sim paineis, onde estavam representadas passagens piedosas da Escriptura, execuções gloriosas de Martyres, e retratos da Santa Virgem, o andores levando estatuas de Santos, que elles, como nobres, tinha o direito de carregar em seus hombros; o clero com as cruzes alçadas, com os thuribulos na mão, e levando sob o palio o crucifixo do mais santo relicario; e o povo, com o resto do clero e dos nobres levavão tochas e cilícios, com umas tornavão mais sumptuoso o prestito, com os outros se martyrisavão.

As mulheres descalças hião caminhando com seus pés mimosos pelas calçadas rudes e frias. A procissão percorria todas as ruas e visitava todos os Templos; a tristeza e as lagrimas vião-se em todos os rostos, pois, dos homens de idade madura e dos anciãos o Principe era amado como se fosse filho, e dos mancebos elle era estimado como irmão muito querido.

Um clamor geral echoava em toda a Santarém, um clamor que infundia tristeza e terror; toda a população suspendendo os soluços gritava de momento em momento:

— Senhor Deos, tende misericordia de nós!

E depois rompião os choros, era um dia de

geral tristeza, era um desses dias de immensa afflicção que paixão sinistramente sobre um povo.

(*Continúa.*)

BERNARDINO PINHEIRO.



Phisiologia do Casamento AMOR, CONVENIENCIA E DINHEIRO.

(*Continuação do n.º antecedente.*)

CONVENIENCIA.

— O casamento é util e agradável quando se acha uma mulher que comprehende perfeitamente as obrigações e deveres que lhe impõe o seu estado ; quando porém ella esquece as primeiras, e calca aos pés os segundos, mais vale ao homem fazer-se *eremita*, ou lançar-se a afo-
(*Nós.*)

— O incenso que se queima com a mulher vaidosa e soberba, tinha melhor applicação para avivar as chammas de algum *novo auto* de fé, de que ella fosse o *ornamento principal*.
(*Nós.*)

— As lagrimas da mulher offendida, são como as ondas encapelladas do Oceano. Porque será que o homens, tratando-se das primeiras, tomão por perolas aquillo que nada mais é que a tempestade que essa ondas presagião ao nauta?
(*Nós.*)

— O casamento não é mais do que uma associação de conveniencias ; é uma fraternidade de interesses, e não de sentimentos ; é uma impostura espirital para dar garantias á sociedade. O casamento é uma ficção engenhosa, que os mesmos maridos não acreditão, porque sabem que a fidelidade é impossivel.

(*Tradução do Francez.*)

Les femmes sont :
Ou chastes,
Ou vaniteuses,
Ou simplement orgueilleuses.

(BALZAC)

Meu querido Barão.

. . . . 25 de Maio de 1846.

Tenho desejos de escrever-te uma longa carta, e não sei de que hei-de fallar-te. As minhas idéas andão a vapor (está visto que no seculo dos vapores e de caminhos de ferro, os homens devem acompanhar o progresso com idéas, palavras ou obras) depois que resolvi enterrar-me

em vida, tudo trouxe após de mim. Até as recordações dos dias de completa *folgança*, passados contigo, me perseguem aqui... N'estes desagradaveis lugares em que o maldito *splen* é um phantasma ameaçador ! O peor de tudo isto é o assumpto que escolhi para escrever-te. Parece-me que se esta carta te for ás mãos, lança-a-has no fogo, á vista do pouco lisongeiro *introito*. Tem paciencia, meu querido Barão ; uma vez que estou isempto das seducções capitaes d'essa *Babylonia* em ponto pequeno, quero ver se me recordo d'alguns pontos de *logica* e *moral*, que na risonha infancia, um Padre me quiz *embutir*. Não te surpreendão tambem as expressões que vou empregando ; ellas participão da simplicidade destes *rusticos*, e da linguagem *classica*, que se falla por aqui !

Mas, *per Baccho*, como dizem os Italianos, o que hei-de escrever que tenha alguns visos de carta ? ! Ah ! se eu estivesse apaixonado de qualquer *nimpha*, d'estas que vão á fonte com a *cantarinha* á cabeça, e o vestido pelo joelho, eu te diria se a minha carta não era o melhor titulo de admissão em algumas das modernas *Academias*, destas Academias a vapor tambem !

Taes *nimphas* porem, longe de inspirarem amor, ou cousa que o valha, fazem olvidar ao homem de que deve os melhores olhares, as melhores attensões ao sexo amavel ! Não porque deixe de haver aqui d'essas bellezas que encantão ; mas a *virtude toda campestre* destas raparigas, e a sua ingenuidade, deixão *desappon-tado* o homem mais philosopho e indifferente que encontrar se possa (*) ! Aconselho-te que venhas á Provincia para testemunhares d'essas scenas patriarchaes e *druydicas*, de que as velhas chronicas se achão pejadas. E depois as *dryadas* offerecem-te materia para vastos estudos ; e como habil observador que és, tirarás resultados que não imaginas. Para tudo isto porém, é preciso que venhas despido de todos os preconceitos

(*) Os leitores não me farão a injustiça de crer que sejam estas as minhas idéas ! Longe d'isso. Quando me propuz a escrever estes artigos, foi na intenção de sensurar certos costumes, certos preconceitos de classes e condições, que desafião a satyra. Seja dito de passagem que não peço desculpa, porque não personaliso. Se ao bello sexo que, com especialidade, se dirigem estes artigos, não me devem querer mal por isso. Os românticos e apaixonados que o deffendão. Como não sou uma cousa nem outra, usarei de uma linguagem franca e independente.

O AUTOR.

e toleimas aristocraticas, porque aqui ao mesmo tempo que sabem respeitar a nobreza de *pergaminhos* ou de *dinheiro*, conhecem o segredo de rematar uma conversação de prompto, segredo de que não quero conhecer os effeitos, porque a *esgrima* é uma sciencia. E depois, adeus titulos e pergaminhos !

(*Continúa.*)

ANTONIO XAVIER R. PINTO.

A queda de Cápua

(*Continuação*)

Pacuvius tendo acabado de fallar, assentou-se com dignidade em seu tribunal, e esperou a decisão do povo. Não se ouvirão de todos os lados senão acclamações, e elogios; sua proposição foi geralmente acceita.

Os nomes dos senadores forão confundidos em uma urna. Pacuvius fez comparecer o primeiro designado pela sorte. Apenas appareceu, acabrunharão-no com invectivas, e declararão, que merecia mil vezes a morte.

Está pronunciado o seu julgamento, exclamou Pacuvius, agora escolhereis um cidadão que mereça occupar o seu lugar. Um subito silencio exprimio o embaraço do povo; ninguém sabia a quem propozesse; consultárão-se por longo tempo, a final uma voz se elevou, e nomeou um individuo. No mesmo instante um murmurio geral se ouviu, e gritos de desapprovação partirão de todos os pontos; uns reprovarão seu nascimento, outros, seus vícios, outros sua incapacidade; foi impossivel consiliar as opiniões. O tumulto augmentou-se ao apparecimento do segundo, do terceiro, e de todos os outros senadores.

Todas as vozes se reunirão para declarar a totalidade culpavel porém nunca, para suplantar um só; cada proposta, era um novo motivo de questão, e divisão. Reconhecêrão enfim que não havia meio de chegar a um accordo.

Pacuvius tinha previsto um tal resultado, a sabedoria de sua conducta, sua moderação, e a grande consideração de que gosava, impedirão que o povo não chegasse a vias de facto. Desde que apercebeu a multidão mais calma, e que começava a diminuir, é muitos exprinião até, que um mal conhecido e menos perigoso que o incognito, aproveitou-se do primeiro momento

dessa disposição pacifica, e tendo dito algumas palavras a favor dos culpados, obteve que o senado fosse posto em liberdade, e que continuaria provisoriamente suas funcções.

Esta lição produziu o seu effeito.

Cada senador, conhecendo que não tinha escapado ao furor do povo, senão pela actividade de Pacuvius, sentio que a conservação de sua vida era inseparavel da felicidade da nação. Este senado pouco antes tão altivo por sua posição, por seus bens, e seu nascimento, despojou-se, ao menos na apparencia, do seu orgulho. Pacuvius foi posto á sua testa, e vio-se desaparecer com a oppressão o descontentamento.

(*Continúa.*)

Tradução de A. M. S. BANDEIRA.

Commercio e Prosperidade.

PRIMEIRO ARTIGO.

A presente tarefa que hoje ericetamos nas columnas da *Saudade*, não é obra que venha em busca de louros para cingirmos a fronte, nem tão pouco ostentação de fecunda imagem de sublimes idéas; é apenas o tenuissimo fructo das poucas horas de repouso, que venho repartir com os jovens da ardua tarefa do commercio.

A historia do commercio, tão util á classe proficional deste importante ramo de riqueza universal, ainda pouco estudada, e ignorada por muitos, é que moveu-me effectuar estas considerações, e como em tudo tenhamos de seguir a verdade, de já prevemos que estimular-se-hão muitos; mas como nosso alvo são bases solidarias seguiremos independentes de parcialidades controversistas que se nos apresentem.

Hoje, que as luzes do progresso tem incendia-do na classe do commercio, não poucos fachos de intelligencia consummada; hoje que o funcionario do commercio hombrea sem rebuço na boa sociedade da civilisação e da distincção, necessario se faz consolidar seus conhecimentos, nas bases fundamentaes, de onde se erige o grandioso edificio, de que são verdadeiros sustentaculos, para que no aperfeiçoamento o caracterisem com a intelligencia de que o progresso tanto os faculta, e para que seus successores bemdigão dos homens que aperfeiçoarão a obra material de seus ante-passados, que inda mesmo na escassez de

auxílios que hoje nos sobraão, muita e importante riqueza tróuxerão a seus paizes, nas immensas frotas que expedirão para todo o universo, expostas a mil riscos e de contrários ventos, *nas inconstantes costas das longiquas regiões demandantes*. Hoje, o vapor avassallando mares e cortando montes, estreita os longos espaços que separão opulentas praças commerciaes do universo, dos differentes idiomas, que se ligão pelos interesses reciprocos dos povos: verdadeiros effeitos do progresso social e commercial.

E' pois, necessario a mocidade estudar o meio proficuo para alcançar a posição digna do importante commercio, e para que mereção a apreciação dos povos estrangeiros com que vivem relacionados.

A Geographia, a Historia antiga e moderna, a Arithmetica, o calculo mercantil e a Philosophia, são as bases solidarias dos conhecimentos indispensaveis, aos jovens que cursão a pratica generica do commercio, pois na mingoa de taes estudos, limitar-se-hião ao imperfeito conhecimento do proprio objecto que faz seu usual commercio, e por tal forçados a occupar um segundo lugar toda a vez que necessitem resolver um principio, aliás simples em toda a plenitude.

Os idiomas inglez e francez, tornão-se tambem de urgente conhecimento, pela necessidade que tem de estarem relacionados, nesses paizes manufactureiros de quasi todas as mercadorias que commercião, e uma vez habilitados, as directas transacções trazem não poucas vantagens, ao augmento de seus capitães, e sobre tudo a independencia, a elles tão necessaria, desses importadores por cujos serviços lhes sobre-carregão as mercadorias, com estimulantes porcentagens e fabulosas despesas de transportes de seus paizes.

O famoso escriptor inglez *Jusuá Childe*, em seus escriptos sobre o commercio, apresenta a mais solida doutrina que o negociante deve restrictamente seguir, não só no caso de prosperidade, como no de declinação de seus capitães, pois se rapidamente cresce o numero de seus amigos a par da sua prosperidade, tambem em sua declinação, esquivão-se dando-lhe a estranhesa e reprobó.

Transcendentes exemplos de assás importancia nos offerece, para bem regular o commum da posição commercial e social, para que no excedente que abraçamos, não venha o futuro molestar-nos, como aconteceu, segundo descreve *Jules Sandeau*, na *Rochella* com o exemplo que o

seculo XII apresentou na pessoa do celebre armador Aufredi.

Na presença do referido progresso do seculo XIX, é intoleravel a oppressão em que se tem embalado a mocidade, nos detestavies costumes que nos transmittirão essas capacidades do commercio, dessas épocas, para elles, de tão escasas luzes, e que permanecem ainda partes desse fanatismo enraizado, digno só dessas crenças commerciaes da usura de insaciaveis riquezas! Ainda hoje, esses homens octogenarios querem pregar suas aborrecidas idéas, como unico fim de nossa salvação; não lhe damos attenção; somos libertinos, dizem elles encolerisados em sua brutal negação.

O incessante esforço que a mocidade teem envidado o melhoramento de todas as cousas, tem conseguido irem parcialmente tomando o progresso, e muito tem adiantado, pois para desentraizar entranhados costumes de muitos seculos, tem immensos inconvenientes a vencer, porque a despir-lhes de uma só vez os habitos grosseiros desses corpos chagados pela incuria dos tempos; só a estranhesa do clima seria bastante para lhes augmentar as torturas, que já bastante tem feito soffrer á humanidade.

O irreligioso abuso das casas de negocio commerciaes nos dias sanctificados, inda conserva seu imperio de mãos dadas com o paganismo. Tem chamado a attenção dos negociantes para este peccado cumular o sacerdocio da tribuna universal; mas quasi improficuo tem sido, pelo unanime accordo de muitos ambiciosos, que achão ainda pequena a semana, para estafar seus famulos e caixeiros nos pesados e brutaes serviços dos arranjos de seus negocios, as mais das vezes muito superior aos limites de cinco ou seis caixeiros, e que a aferrada ambição, a quer preencher com tres a quatro pessoas, inclusivi um ou dous praticantes, pelo pouco despendio que lhes é dado fazer. Esses negociantes não entendem por religião guardar os domingos e os poucos dias sanctificados que nos deixarão, entendem só e unicamente que devem esmagar seus subordinados ao peso de suas ambições mais proprias de atheistas que de homens que se ligão nas conveniencias catholicas, e que gosão da reputação de negociantes.

A mocidade rebustada nos conhecimentos que suas capacidades intellectuaes permittirem, devem decididamente continuar a envidar os meios efficazes para quebrarem esses ultimos ellos de ferro.

que opprimem a mais util de todas as clases dos paizes civilisados, e então regenerados na fé, moral, e civilisação, seguirão felizes a ampla estrada em que os conduz o progresso das artes e das sciencias, que cada vez no aperfeiçoamento, novos inventos parece apontar-lhes o dedo Omnipotencial.

Rio, 7 de Outubro de 1855.

EUSITANO.



A Religião.

(Continuação.)

II.

DAS PROCISSÕES EM GERAL.

Reformar uma seita quando ella está enraizada no coração dos povos, é dar uma queda na sociedade, é o mesmo que o furacão faz ás arvores annosas, que embora entranhadas na mãe fecunda, as derruba. D'essas reformas de religião tem resultado muitos scismas, que bem fataes tem sido aos Estados. Os vícios introduzem-se com a maior facilidade, e vão ganhando pouco a pouco um cunho de verdade que depois se tornão realidades consumadas; e quando se pretende reprimir esses vícios, é taxado de sedicio aquelle que o tenta fazer.

Dada pois a hypothese que nos venhão declamar no deserto, n'esse deserto sempre hade haver um bafejo da brisa que leve nossas vozes ao coração d'alguem.

A Procissão é um dos actos mais sollemnes de nossa religião; ahi se apresentão os tormentos que por nossa causa padeceu o Redemptor do mundo, ahi se mostra a humildade d'aquelle que com um só dedo podia lançar no pó do nada todo essa cohorte de verdugos vis.

Devem ser representadas com todos os preceitos que as tradições nos recordão. Augmentar é uma impiedade, diminuir é uma incoherencia; neste caso, quando a irmandade não tenha forças é melhor que se esqueça disso, ou que junte as forças d'um anno com as de outro, e então fará alguma cousa digna de se vêr.

Augmentar, principalmente quando é por ostentação é idéa inadmissivel.

Como estamos em um tempo que tudo se faz por ostentação, não nos admira que tambem

no culto ella tenha entrada com passos agigantados.

Se meditarmos um pouco n'essas procissões que transitão nossas ruas acharemos um sacrilegio feito á nossa religião.

As procissões de quaresma são aquellas que devem infundir mais respeito, as que devem ser apresentadas sem exageração; mas o que vemos nós? Com dôr o dizemos. O Paganismo ostentando-se ante a imagem crucificada de Jesus Christo! Cupidos no centro da cohorte de anjos! Crianças que a ignorancia crassa faz vestir para apresentarem uma pompa irrisoria; arreigando assim n'aquelles corações juvenis, idéas que quando crescerem as fará descrentes dos principios com que forão educados. Alem dos inconvenientes que resultão d'estes abusos, tornão ridiculos estes actos que devem ser os mais religiosos possiveis.

A grande pompa com que se apresentão estas procissões não é nada identico para o fim que querem attinguir; ellas devem ser feitas com toda a humildade.

A humildade foi uma das primeiras virtudes de Christo; não a queiramos nós agora lançar no desprezo, não queiramos nós agora com o pé da religião perdê-la para sempre. As procissões de Resurreição e Corpus-Christe, tambem tem perdido a modestia que d'antes as distinguia. Hoje vemos procissões de Resurreição querendo imitar as da quaresma. Os anjos n'estas procissões não se podem admittir. Não podemos comprehendêr como o Sr. Bispo consente estes abusos. Anjos e Cupidos n'estas procissões é um anathema? Devem ser abolidos estes erros.

A supressão das procissões de penitencia é uma das providencias a nosso ver que merece louvores.

Não é bastante o receio em que vive o povo, vendo bater-lhe á porta a todos os instantes esse fantasma envolvido no manto da maldade? Que de inutilidades trazião ellas! A molestia occasionada pelos excessos; o susto que despertava naquelles que vião este prestito lugubre, e medonho, que embora tivessem um inflexivel coração, sentião-se como possuidos de um temor panico, que os deixavão atordidos, e incutia-lhe o medo ainda peor que a própria molestia: enfim, a immoralidade que d'ahi resultava, por que muitos desses que se apresentavão, uns descalços, outros com correntes, etc., etc., não o fazião por devoção, mas sim para se tornarem

fallados; alguns conhecemos nós, que no outro dia bastante blasfemarão, e dizião que se lá forão era para se mostrarem.

Emanada a ordem da supressão de quem quer que fosse, deve ser louvada; é uma medida que abona a recta justiça de quem a determinou.

Finalisaremos aqui este artigo, pedindo ao Sr. Bispo que não consinta ser velipendiada a nossa religião nos actos os mais sollemnes, e que não deixe ao arbitrio de qualquer capacidade pratical-os.

Continúa.

ECHO ELISIO.



Fragmentos de Mithologia.

(*Continuação.*)

A LEI.

Esta divindade representa-se corôada, tendo em uma das mão o sceptro e nivel que governa; e na outra o livro em que estão escriptos os preceitos que nos cumpre observar. Bem desejamos que nos abrisse uma só pagina aonde se encerra o nosso futuro; porém ella occultano-lo com grande mysterio! E todavia nos é forçoso caminhar na incerteza do mysterio, por que elle nos garante a melhor parte de nossa felicidade.

A VERDADE.

A Verdade é filha do Tempo e mãe da Virtude. Representa-se na figura de uma donzella em ar magestoso, vestida com simplicidade, tendo na mão um espelho no qual se vêem representadas todas as boas e más acções dos homens. Esta divindade é a protectora dos infelizes opprimidos da calumnia, que só póde esta permanecer em quanto não apparece a verdade. Que viver asiago não seria o nosso sem o auxilio desta deosa? sofreríamos talvez que nos lançassem na frente mil infamias para d ste modo nos confundir perante os nossos semelhantes; e vermo-nos assim reduzidos a um abatimento profundo, sem podermos justificar aos olhos de todos a nossa innocencia!...

Mas não ac ntece assim, por que esta portentosa divindade nunca abandona os opprimidos no meio da sua afflicção; de vizeira cabida a lidadora do campo da honra, se aproxima dos

oppressores e ahi na sua presença levanta-a e fica iminovel; elles a reconhecem, e tomados do maior assombro, se curvão vergonhosamente ao seu poder inabalavel!... Bem vinda sejas, ó Verdade, para com teu braço de bronze fazer curvar a mentira com sua fronte pela terra.

(*Continúa.*)

M. LEITE MACHADO.



O Plebeu e a Fidalga.

— « Donzella, que me encantaste,
« Que com teus olhos tiraste
« A paz ao meu coração,
« Donzella, diz, por ventura
« Dar-me-has uma fé pura?
« Diz-me sim — ou diz-me não.

« Donzella, que és tão formosa
« Qual lindo botão de rosa,
« Podes pagar meu amor?
« Podes sentir em teu peito
« Amor como o meu perfeito,
« Ardor como o meu ardor?

« Diz-me, donzella, tu amas?
« Já d'amor as vivas chammas
« Tens no peito virginal?
« Já sentiste no teu seio,
« Agitado c'o receio,
« Das paixões o vendaval?

« Queres tornar-me ditoso?
« Aceitar-me por esposo
« Queres tu, donzella?... diz:
« Não sou de linhagem nobre,
« Mas ainda humilde e pobre,
« Nunca baixe a serviz.

« Não tenho ricos thesouros...
« De soldado tenho os louros,
« Que em campo já combati,
« E com denodo á victoria,
« Que a patria cobrio de gloria,
« Com meu sangue contribui.

« Donzella, que me encantaste,
 « Que com teus olhos tiraste
 « A paz ao meu coração,
 « Donzella, diz, por ventura
 « Dar-me-has uma fé pura ?
 « Diz-me sim — ou diz-me não. » —

— « Mancebo, não quero amar-te,
 « Nem a mão d'esposa dar-te,
 « Nem o teu amor pagar....
 « E's na terra humilde e pobre,
 « Eu não posso, que sou nobre,
 « O teu amor partilhar. » —

Junto a um lago sócagado,
 Está de torres cercado
 Nobre castello feudal ;
 Seu dono é conde, e na terra
 E' senhor do prado e serra,
 Das campinas e do val.

E' sua filha Leonora
 A joven mais seductora
 Das damas que o mundo tem ;
 Cercada d'adoradores,
 Respondia a seus favores
 Com soberano desdem.

Mas agora sempre triste,
 Todo o seu prazer consiste
 Em sósinha passear ;
 Antigamente tão viva,
 Agora ás festas se esquivava,
 Vaga sempre a suspirar.

Sob os platanos frondosos
 De seus jardins espaçosos,
 Vai de noute divagar ;
 Passa horas esquecidas
 Por aquellas avenidas,
 Muitas vezes a chorar.

Ninguém sabe no castello
 Por que foi que o rosto bello
 De Leonora se mudou ;
 Todos sabem que a viveza,
 Dando lugar á tristeza,
 Pouco e pouco a abandonou.

Viera um dia ao castello,
 Mancebo gentil e bello,
 Conde de nobre brasão ;
 Vio Leonora, amou-a logo,
 E de repente esse fogo
 Tornou-se forte paixão.

Leonora, a tão altiva,
 Uma inclinação mui viva
 Por elle em pouco sentiu :
 Cedeu á amor, e um momento
 De delirio, o seu tormento
 Para sempre produziu.

Partira o conde, e deixára
 A infeliz que desflorára
 Com promessa de voltar ;
 Passarão dias e mezes....
 A misera até ás fezes
 Vai seu calix esgotar.

Uma houte escura e fria,
 Nem uma estrella luzia,
 Uma sombra a passear,
 Dando suspiros de magoa,
 Do lago mirando a agoa
 Que o castello vem banhar.

De repente a sombra encára
 Com o turvo lago, e pára
 Junto á beira a que chegou,
 E sorrindo tristemente,
 Com sorriso de demente,
 Ao abismo se arrojou.

Rio de Janeiro, 8 de Outubro de 1855.

EUGENIO ARNALDO DE BARROS RIBEIRO.



Depois da leitura de um livro.

Fecha-te livro maldito !
 Não mais te torno a abrir !
 Eu quiz ler em teu escripto
 Mystério p'ra meu sentir !
 Mas só achei o contrario
 Do que pede o meu ardor...
 Eu procurava tristeza
 Sómente tinhas — amor !...

Amor!... que som furibundo
 A minha mente toldou!
 Quem foi que tão injucundo!
 Esse som pronunciou?!
 Foste tu livro maldito!
 Foi de ti qu'isso ouvi!
 Acaso, julgas, tyranno,
 Que algum p'ra mim se sorri?!...

Não tens visto o vandalismo
 Altivo, o seu vô erguer?!
 Não tens visto o servilismo
 Querendo ganhar poder?!
 Não tens visto como a infamia
 Põe o tempo corrector?!
 Inda vens livro maldito
 Fallar-me fallas de amor?!!

Olha a pura lealdade
 De rojo no chão cahida?
 Não achas que a humanidade
 Vive na dor opprimida?
 Oh! se vive! e eu quizera
 Rehaver seu pundonôr...
 Mas não posso... e tu maldito
 Inda me fallas de amor?!!

Não vistes como tyranna
 Leonida os laços quebrou
 E como louca, insana
 N'outros braços se entregou?!
 Não a vês toda orgulhosa
 Da moda no alto rigor?!
 E tu maldito, inda agora
 Vens-me fallar de amor?!!

Que valerão tantas juras
 Qu'essas tyranas me fez!!
 A sua bôca era impura
 Tinha em si só malvadez?
 E' uma serpe tão ferina
 Qual a serpe em seu furor!
 E tu perverso! maldito!
 Inda me fallas de amor?!!

Eu procurava em ti ler
 Somente melancolia,

Um som terno p'ra poder
 Casar com minha agonia...
 Um canto só inspirado
 De tristeza, e sem fulgor...
 Mas maldito eu só achei
 Róucas palavras de amor!!

Só amor... amor sómente...
 Só trovas cantando amor...
 Nem uma que docemente
 Mitigasse a minha dôr
 Vai-te maldito! não mais
 Tuas folhas abrirei!
 Uma phrase, uma se quer
 De tuas paginas lerei!

ECHO ELISIO.



Recordação.

Elisa não mais! não mais recordemos
 O tempo passado de tanto amor,
 Choremos agora, ditoses instantes
 Que juntos gosamos, de ameno favor.

Em prantos banhados meus olhos só tenho
 A vida me escapa, de tanto scismar,
 Um fogo que tenho, bem dentro do peito
 Me abafa, me escalda, me faz transtornar.

São vivas saudades que causão meu mal
 De não poder vêr o teu rosto gentil,
 Teus olhos tão bellos, tão lindos, tão meigos,
 Teu negro cabello, teu porte infantil.

Foi bello esse tempo, foi muito ditoso,
 Elisa, escuta, elle hade voltar
 Um dia unidos á face dos anjos
 Os anjos alegres, nos hão de saudar.

Rio 16 de Setembro de 1855.

MANOEL JOSÉ D'OLIVEIRA SILVA

Typ. de F. A. DE ALMEIDA, rua da Valla n.º 141.

UMA PAGINA DA HISTORIA PORTUGUEZA.

**A morte do Principe D. Affonso
filho de El-Rei D. João II.***(Continuação do n.º antecedente.)*

X.



A cabana do pescador, a magua, a afflicção era muito maior ainda; lá fóra erão amigos que choravão, aqui erão parentes muito queridos, lá fóra era o povo que pranteava o seu joven Principe a quem muito amava, aqui erão os paes e esposa, uns que choravão o filho, outra que chorava o seu noivo, o seu esposo, o seu marido.

Aquelle Principe tão formoso, tão joven, e tão querido, fenecia ao sópro da morte, como o botão de rosa quando vae a desabrochar é derrubado pela

tempestade, que repentina sobrevem n'uma tarde de maio; era uma desgraça muito grande para não ser chorada do fundo do coração, do intimo d'alma... aquella Principe a quem se apresentava um futuro mais brilhante, do que o que deixára Felipe de Macedonia a seu filho Alexandre, jazia ali moribundo sobre um pobre leito de um dos mais pobres dos seus subditos, a morte hia seifar aquella vida, aquella cabeça que horas antes parecia destinada a dar leis ao mundo.

Algumas damas da Rainha e da Princeza tinham vindo para a cabana. O pranto e o soluçar era a voz de todos em torno do leito do pobre mancebo; apenas um conversar sumido, entre os phisicos e o Rei, era tudo o que se ouvia.

A Rainha estava sentada em um banco junto á cabeceira do Principe, tendo em suas mãos as de Affonso e de Isabel, que estava de joelhos sobre o manto de um fidalgo junto ao leito.

Nada de mais terno e tocante ao coração do que a vista daquelle grupo: por entre o peito da Rainha e a cabeça da Princeza via-se a fronte livida mas bella de D. Affonso, com seus cabellos louros e anelados, que de quando em quando a

N.º 13 — Domingo 28 de Outubro de 1855.

mãe lhe afastava do rosto para onde cahião; a Rainha ainda joven e formosa com seu ar grave e triste tinha no rosto pintada toda a afflicção, toda a anciedade de uma mãe que vê o filho moribundo, e a Princeza de joelhos encostada ao leito, com os cotovellos apoiados nos joelhos da Rainha e com suas mãos escondidas nas do Principe que a Rainha segurava entre as suas, olhava constantemente para D. Affonso esperando a cada momento, que este voltasse a si daquelle desmaio eterno. seu rosto exprimia mil sentimentos todos afflictivos, a desesperação de ver seu esposo a morrer, a duvida como de quem não acredita em tanta desgraça, a incerteza e o vago do futuro ficando viuva n'uma terra que não era a sua, onde em seu esposo morrendo seria uma estrangeira! Causava muita dôr e afflicção vêr aquelle grupo real, as damas choravão em altos prantos sentadas no chão junto da Rainha e da Princeza, os cavalleiros mudos e estaticos tinham em seu rosto pintada a afflicção; de quando em quando uma lagrima silenciosa brotando-lhe nos olhos vinha correndo nas faces queimadas pelo sol da Africa, ou pelos inhospitos climas em longas navegações.

Assim havia corrido metade da noute, os phisicos tendo applicado quantos medicamentos a sciencia lhes offerecia e vendo a vida do Principe ir-lhe fugindo pouco a pouco, sabendo que apenas teria uma hora de vida, pedião a El-Rei que se fosse e levasse a Rainha e a Princeza. O Rei conheceu a necessidade de retirar d'ali as duas afflictas senhoras e revestindo-se de todas as forças que pôde, que bem poucas erão então, pois que o Principe era como a luz de seus olhos, chegou-se junto ás duas damas.

Era quasi uma hora da noute.

Separou vagarosamente aquella terna cadeia de mãos, que ligava uma esposa a seu marido, uma mãe a seu filho, as lagrimas lhes cahião dos olhos e banhavão os dedos tão queridos daquellas creaturas; abençoou o Principe e beijou-o, tomou pelas mãos as duas damas e puchando-as docemente disse com voz suffocada:

— Vinde, vinde.

As duas senhoras levantarão-se e lançarão-se sobre o leito do Principe escondendo nos seus peitos o rosto deste; então os prantos redobrarão na choupana, fidalgos e damas tudo chorou em altos gritos.

Finalmente o Rei conseguiu levantar a Rainha e a Princeza do leito do moribundo e levando-as

pelas mãos se encaminhou para fora da choupana, ao sahir da porta voltou-se e com voz quasi imperceptivel cortada de pranto disse para os fidalgos:

— Ah! vos fica o Principe meu filho! E sem pronunciar mais palavra sahio apressadamente.

As duas senhoras perderão os sentidos apenas chegarão fora da porta, e como mortas foram transportadas sobre mulas sustidas por cintos e mantos que as seguravão ás sellas, á casa de Vasco Palha situada ali perto.

Ao sahir da familia real o desespero na choupana subio ao seu auge, os fidalgos arrancavão os cabellos da barba e as damas arrepelavão suas compridas tranças; os soldados, os cortesãos, os padres, os phisicos e as damas todas choravão em altos prantos; jámais se vio em côrte alguma uma dôr assim; era como se o Principe fosse filho unico e muito estremecido de cada um.

De repente levantou-se fora um ruido que veio echorar até ao leito do moribundo.

D. Manoel, Duque de Beja e irmão da Rainha tendo-lhe chegado a fatal noticia á sua villa de Thomar correra com os seus fidalgos a assistir ao passamento daquelle, que hindo gosar a gloria celeste lhe deixava a gloria terreal.

D. Manoel tinha então vinte e quatro annos, estimava o Principe, não como seu sobrinho, mas como seu irmão; tinham crescido juntos, partilhando os mesmos exercicios, os mesmos folguedos e jogos, o mesmo leito, a idade de D. Manoel era compensada pela gravidade do Principe, e assim elles erão amigos, como os que o são verdadeiramente.

Apesar da morte do Principe fazer herdeiro da corôa a D. Manoel, este sentia tal dôr que difficil é descrevel-a; nem uma palavra só pronuncíara desde que sahira de Thomar, esporeava o seu ginete, e apertava o coração no peito, que tão forte palpitava, que parecia saltar fóra; ao entrar na cabana correu junto ao leito, e ajoelhando tomou uma das mãos de D. Affonso, uma torrente de lagrimas lhe inundou o rosto, apenas podia crer em tamanho desastre; aquelle que depois havia de ser Rei de metade do mundo, prostrou-se ante o anjo que voando ao Céu lhe punha na cabeça a coroa Portuguesa.

A dôr suffoca a voz de meu coração; pensando no desespero de um pae, de uma mãe, e de uma

esposa, altera-se-me de tal modo o peito que mais não posso narrar como até aqui, as lagrimas me ofuscão a vista, a dôr me parte a alma. Quero antes tomar agora o estilo frio da Chronica que aponta simplesmente os factos, deixando a quem lê o poder tornar-se historiador.

Às duas horas da noute depois da ultima União o Principe expirou, era quarta feira treze de Julho de 1491, e D. Affonso tinha de idade dezeseis annos e vinte dias, e de casado sete mezes e vinte e dous dias. D. Pedro da Silva Commendador Mór d'Aviz sempre partio para Jerusalem. O Marquez de Villa Real com toda a nobreza, depois de feitas as exequias acompanhou o enterro do Principe, que foi sepultado na casa do Capitulo do Convento da Batalha junto a de seu avô D. Affonso V.

O Rei e a familia Real cortarão os cabellos, e todo o povo, durante um anno, trajou o mais rigoroso lucto que se vio em Portugal. (*)

Rio de Janeiro, Dezembro de 1854.

BERNARDINO PINHEIRO.



A queda de Cápua

(Continuação)

XIII.

A fórma do governo de Cápua foi toda mudada; porém nada se fez que pôdesse ser desagradavel, ou suspeito aos Romanos; nunca seus direitos foram desconhecidos, devido aos habes cuidados de Pacuvius, que conhecia bem, não ser chegado o momento proprio. Annibal estava longe de Cápua, a inconstante fortuna parecia, á algum tempo não lhe ser mais, tão favoravel, entretanto que ia sorrindo de novo a seus antigos favoritos.

O dictador Fabius Maximus, general cheio de prudencia e de sagacidade tinha vindo oppôr-se ao progresso dos Carthaginezes; mas, apesar de que sempre elle evitasse cuidadosamente o combate, observava todos os movimentos de Annibal, e punha-lhes obstaculos sem combater; cobria sempre Roma por meio de habes manobras, e

(*) Todos os factos que hei narrado estão escriptos na *Chronica dos valorosos e insignes feitos d'El-rei D. João II, de gloriosa memoria, por Garcia de Resende*—Lisboa—Officina de Manoel da Silva—1752—Um vol. in fol.

sustentava, sem cessar um campo bem fortificado entre elle e o inimigo. D'esta maneira Fabius desconcertava todos os projectos d'Annibal; aproveitava-se das menores vantagens, e jámais arriscava o todo. Annibal fez e que estava a seu alcance para obrigar-o a acceitar uma batalha, porém nunca o pôde arredar de seu plano. Esta prudencia salvou Roma, mas faltou pouco para perder o dictador; a impaciencia de seus concidadãos lhe offerecião mais obstáculos ainda, do que todos os esforços do inimigo.

Annibal havia sem duvida tido a felicidade de escapar do perigo de Casilino, e ouvindo-o, disse-lhe que os Romanos amedrontados temião medir-se com elle; mas em fundo, reconhecia Annibal, a extenção da habilidade do dictador. Poz-se a saquear as cidades, incendiar os campos, a espalhar noticias ultrajantes, para excitar no inimigo o desejo da vingança; tudo foi inutil: a constancia de Fabius jámais pôde ser abalada. Finalmente o exercito Carthaginez perdendo sempre, sem nunca receber reforços, se limitava, como tinha sido previsto. O vencedor pensava já na retirada, e não se demorava senão retido pela vergonha de fugir sem combater.

Longe de reconhecer a sabia politica de Fabius, um grito publico se fazia ouvir em Roma contra elle: uns o accusavão de fraqueza, outros d'incapacidade, e todos pretendião que o inimigo deveria de á muito, ter sido expulso da Italia. Nestas disposições, elegêrão para consul Terentius-Varro, aquelle que mais se tinha alterado contra a inacção do dictador. Era activo, atrevido, opinático, e inimigo declarado de toda contemporisação, cheio de ambição, e de confiança em si, impondo á multidão por meio dessa segurança que não permite duvidar de cousa alguma, e de resto, possuindo inui poucos meios, realmente solidos. Annibal não podia desejar um melhor adversario, e mais favoravel a seus vastos projectos.

Em vão advertio Fabius ao novo consul do perigo que elle ia correr; em vão seu collega Emilius-Paulus se oppoz a seus temerarios desígnios, Varro partio de Roma, com a segurança de terminar a guerra em um só dia.

O mancebo Cartaginez não tardou a conhecer com que homem tinha de haver-se e soube bem aproveitar-se. Teve habilidade de adular sua vaidade, com algumas primeiras vantagens, fortificar sua confiança com apparencias de retirada,

excitar sua impetuosidade por meio de ataques simulados. Varro não duvidava mais do successo, só lhe faltava, segundo pensava, uma batalha decisiva, ella teve lugar perto da pequena cidade de Cannas.

Todos conhecem o fim, e as consequencias deste memoravel dia. Sabe-se que depois da derrota dos Romanos Maharbal disse ao general Carthaginez: « Dai-me um corpo de cavallaria, e permittê que eu marche direito a Roma: « a noticia de minha chegada chegará aqui « mais depressa do que a de minha partida. « Em cinco dias me comprometto a vos fazer « ceiar no Capitolio. »

Pela primeira vez Annibal duvidou de sua felicidade, e por um excesso de prudencia, privou-se do fructo de sua victoria.

Essa batalha foi sem duvida a mais sanguinolenta que os Romanos derão, e que perderão. Annibal era o unico na Italia que duvidava que ella necessariamente acarretaria a queda de Roma.

Figurem-se dois exercitos destroçados, o consul Emilius Paulus, morto, Roma sem defeza, sem chefe, sem provisões, e sem esperanza de soccorro; a juventude patricia disposta a emigrar da Italia, por mar, desespero, e a laxidão invadindo uma cidade, pouco antes tão orgulhosa, e que tinha em seus ferros todos os povos visinhos; que tal era o estado a que se achava reduzida. Taes são os caprixos da fortuna.

Esta noticia fez em Cápuia a mais viva sensação. Não se ouviu senão um grito, o do anniquilamento da autoridade Romana. O proprio senado pareceu consentir em que sacudissem o jugo. Foi resolvido, que se mandassem embaixadores ao consul Varro, retirado em Verona, que na apparencia devião ir offerecer-lhe soccorros, mas em verdade devião ir reconhecer a situação das cousas. (Continúa.)

Traducção de A. M. S. BANDEIRA.



A Religião.

(Continuação.)

III.

O SANTISSIMO SACRAMENTO AOS ENFERMOS.

Na sagrada particula, o Remidor do mundo na sua alta bondade quiz dar um exemplo de quanto

presava a vida e a salvação dos errantes da terra, sagrando aquella porção de trigo, elle disse a seus discipulos: — tomai, comei, isto é meu corpo — os povos crerão neste conceito porque lhe foi ministrado pela sua propria boca; identificados com elles depois de se terem confessado pedem a communhão para mostrarem que seus peccados forão relatados com toda a verdade.

E de facto, quando nos levantamos dos pés do ministro, quando nosso corpo é tocado pela fracção desse trigo beatizado, sentimo-nos como aliviados d'um peso que constante nos incommodava, e nosso corpo torna-se mais feliz, e como disposto para arrostar os maiores perigos. Veja-se o exemplo nesses antigos guerreiros que pelejavão pela cruz, antes de entrarem em acção communhão e depois tornavão-se invencíveis.

E' pois na hora em que julgamos ter soado a trombeta, chamando-nos ao mundo real, que nos lembramos com mais afan de quem nos deu o ser; é nesse momento solemne que o avarento conhece a nenhuma efficacia de seus amontoados thesouros; que o potentado avista na amplitude o negrume de seus crimes; que o intrigante conhece o maleficio de suas intrigas; que o pobre acha lenitivo ás suas magoas; que o escravo vê um fim a seus tormentos; é nesse instante que se lembrão de que nada somos, e que nossa vida é o mesmo que um fio d'uma teia d'aranha, que ao mais pequeno sopro de aragem se desprende.

Quando o sacerdote se abalança a sahir fóra com o SS. Sacramento, é porque o fio dessa teia está breve a ser despregado, elle então vai levar o consolo áquelle corpo agonizante.

N'uma populosa cidade como esta, e em que os animos estão decabindo para o scepticismo, não achamos proprio que Nosso Pai saia em procissão; por quanto faz que atraz d'elle se junte cantando o Bemdito, principalmente sendo de noite, uma sucia da mais baixa classe da sociedade. Ora esta gente, de envolta com as palavras sacras proferem quantos nomes indecentes a sua estonteada imaginação lhes dita, fazendo assim uma algazarra que se torna ridiculo; além desta algazarra intoleravel, brincão, jogão capoeira, e por entre a manga da jaqueta mostrão uma lamina luzidia, aproveitando-se deste ensejo para saciar o odio que lhe ferve no peito. Isto são factos que temos presenciado, e que estão ao alcance de todos examinal-os e conhecer a veracidade delles.

Além destes ainda outros casos mais revoltantes se tornão salientes. Os pretos que vão fazer despejos, fazem côro com aquelles vadios, e é bello ver-se atraz do SS. Sacramento um regimento de finas e barris exhalando um cheiro pestifero! Além da immoralidade traz isto bastantes resultados; por quanto os senhores destes pretos que esperão em casa pelos seus serviços, vendo que se demorão castigão-nos, o que se poderia evitar se alguém que póde attendesse para isso. Quasi todas as Irmandades tem segos, não seria melhor que o sacerdote apenas com o ajudante fossem nessa sege occultando-se o mais possivel ás vistas dos profanos, e mesmo dos religiosos? Que de vantagens não trarião estes actos sem aparato! Examinemos. Indo occulto (mesmo sem ser precedido da já rachada campainha *) não trazia o inconveniente de se juntar essa aluvião de vagabundos, que vão despertando tudo com seus medonhos gritos, os quaes as mais das vezes chegão aos ouvidos do moribundo e o aterrão de tal fórma, que antes do sacerdote chegar-se ao leito, já elle tem expirado. O toque agudo da campainha produz igual resultado. Indo occulto e apresentando-se sem ser esperado pelo enfermo, elle o tomaria como uma emanção do céo, como uma sombra que lhe enviava o Creador para o salvar, não lhe causaria tamanha impressão, pois é problema resolvido, que quando se falla a qualquer doente para tomar Nosso Pai, elle conhece o perigo em que está, esmorece, scisma com a morte, e o mais das vezes ella o vem surprehender.

Por isso entendemos que a autoridade ecclesiastica compete meditar no que expendemos, e talvez nos conceda uma pouca da sua santissima graça.

(Continuação)
ECHO ELISIO.

(*) Uma das freguezias tem uma campainha de que se serve para estes actos, em estado tal de rouquidão que parece que um defluxo constante a persegue. Ha dinheiro para pagar a cantoras em dias de festa, e ainda o não houve para comprarem uma campainha... Que pobreza!...

Physiologia do Casamento**AMOR, CONVENIENCIA E DINHEIRO.**

(Continuação do n.º antecedente.)

CONVENIENCIA. (*)

Não te formalises com estas idéas, já o disse e repito, que ellas participão do lugar e das circumstancias. Estou quasi resolvido a fazer-me *campino*; agrada-me este socego, gosto de tudo que tem relação com elle, e admiro a simplicidade dos meus companheiros de solidão. Vou moralisando, não é assim? Abjurei completamente d'aquillo que disser respeito ao ruído das grandes cidades, e não sei como explicar esta metamorphose.

Se houvessem conventos fazia-me frade. Mas onde vou eu com estas digressões?! Carta tão enfadonha jamais terás recebido. Contenta-te e soffre.

Em tudo deve haver compensação, sirva esta carta de *antidoto* ás elegantes e aromaticas misérias que o velhaco de teu creado te apresentava todos os dias... Hei de proposito insistido em não tocar no mais essencial da minha carta, porque acho a idéa, ou por outra, tão absurda a noticia, que receio fallar n'ella. Com tudo, como essa noticia me dá um bonito assumpto, vou entrar em materia pedindo-te d'ante mão toda a indulgencia para o gracejo se é que tal gracejo póde ter desculpa...

Temos aqui uma velha Viscondessa, verdadeira representante do seculo passado, e em companhia da qual passo algumas horas de innocente distracção. Ha dias estava eu em sua casa, a companhia era numerosa, e fallava-se sobre casamentos.—Então, Sr. Paulo, disse ella voltando-se para mim; o seu amigo Barão sempre se resolveu a entrar nas *fileiras*...

Vê se eu podia advinhar a que genero pertencião as fileiras em que a Viscondessa me fallava.—Ignoro, minha senhora respondi, mas creio que Alberto não é dos mais apaixonados pela carreira das armas.

A caustica e espirituosa velha deu uma risadinha secca e ironica, fitou em mim seus pequenos, mas vivos olhinhos, e redarguiu:—Não é

nas fileiras d'algun batalhão, que o seu amigo vae entrar. Julgava-o mais espirituoso e prespicaz, Sr. Paulo; fallo-lhe no casamento de seu amigo.

Por minha vez dei uma gargalhada tão sonora e stridente, que a minha interlocutora olhou-me surpresa.—As mulheres d'espirito, e mormente nas circumstancias de V. Ex., tornei eu inclinando-me, escolhem os seus gracejos tanto a proposito...—Mas, Sr., atalhou ella em tom serio, não gracejo, e a prova eil-a aqui. E apresentava-me uma carta que tirou da algibeira de seu vestido de nobresa preta. Li a carta, a duvida não me era mais permittida, e com um gesto de vencido, dei-lh'a.—Minha Sra., consinta que lhe diga; não será essa carta que me levará a crer n'um tal milagre. Tenho um tão perfeito conhecimento de meu amigo, que nada poderá destruir a idéa que emitti em primeiro lugar, o Barão de... jamais se casará.—Engana-se, tornou ella com convicção, o seu amigo casa-se, e mais despressa que eu esperava. Tenho disso tal certeza que d'esde já o convido a deixar este lugar para assistir á cerimonia.—Eu assistir á cerimonia, eu testemunhar a desgraça do meu amigo? nunca, minha senhora!

—Oh! oh! exclamárão algumas pessoas em torno de mim.—Muito bem, Sr. Paulo, disse a Viscondessa com ironia; o Sr. protesta de tal maneira contra o casamento, não sei, mas parece-me que algum motivo occulto o impelle a essa declaração de guerra.

—Nenhuma, minha Senhora.—Uma, recusa, suppunhamos, uma infidelidade de....—Nada disso ha para fundar a minha repugnancia a esse estado, mas alguns exemplos, scenas que hei presenciado me forçao a mandar ao diabo todo o homem que me falle em casar-se! Desculpe-me se o meu arrebatamento deu causa a exceder os limites da boa educação. Todos me rodearão, pedirão-me algumas explicações; não quiz dal-as.

Peguei no chapeo, e disse á Viscondessa:—Vou escrever ao Barão, hei-de pintar-lhe o casamento com tão medonhas côres, que ao findar a leitura da minha carta, irá ter com a noiva e pedir-lhe-ha que vá esconder as suas lagrimas em algum canto da provincia, ou no convento mais sombrio do reino!...

(Continúa.)

ANTONIO XAVIER R. PINTO.

(*) No n.º 11, e no principio do artigo *Amor* houve um erro que desfigura o sentido da oração. Em lugar de — se eu não considerasse o *silencio*, etc., etc., deve ler-se, se eu não pensasse que o *suicidio*, etc., etc.

Fragmentos de Mithologia.

(Continuação.)

O DESTINO.

Esta divindade representa-se com o globo da terra debaixo dos pés, e nas mãos uma urna, dentro da qual está a sorte dos homens. Os seus decretos se crião irrevogáveis, e tanto o seu poder, que todos os outros Deoses lhe erão subordinados. O Destino esse mentor de todos os nossos cuidados, se considerarmos que o globo gira debaixo de seus pés, facil nos será conhecer que todos os homens o devem temer. Elle obriga-nos a seguir por dous caminhos, um que nos conduz ao bem, e outro ao mal; o do bem todos o deviamos seguir, porém elle se oppõe com seus decretos irrevogáveis!... Todavia um meio ha de nos poder levar ao bem, isto é tornarmos-nos merecedores delle pelas nossas acções, pois que ellas a meu vêr são o mesmo destino.

O AMOR.

O amor representa-se com o arco e aljava em uma das mãos, e na outra um facho vivissimo; está rodeado de todos os prazeres. O amor é uma davelha do Céu cujo valor não saberemos jámais dar apreço; é um elo misterioso que une a grande sociedade, é uma bandeira finalmente, debaixo da qual se vão alistar de bõamente todos os povos do universo. O poder dos homens se curva ao seu; e quem se atreverá a duvidal-o? O guerreiro com a fronte enramada de louros, vem depositar a espada a seus pés!...

Desde o mais nobre fidalgo ao mais rustico campones, vem render-lhe homenagem! O mancebo que repousou por algum tempo á sombra desta bella e augusta bandeira, torna-se intrepido em todas as suas cousas, capaz de vencer as maiores difficuldades que se lhe apresentarem. Se é mister que vá combater os inimigos da patria, sua espada torna-se invencivel aos olhos de todos, e por fim grava em seu bom elmo em letras de fogo a magica palavra—amor!—E para justificar o que deixamos dito basta-nos o grande e immortal Camões, que já com a penna, já com a espada, ostentou de sobra os effeitos de um coração incendiado pelo luzente facho de amor!.. Ao lermos os magnificos cantos de Petrarca, ficamos extasiados por vermos da maneira porque elle se entregou ao seu divino incendio. Tasso

esse radiante astro Italiano, que se immortalisou a si, immortalisando ao grande Goudoffredo, não pôdemos sem muito pesar e lagrimas, registrar a pagina de seus encantados amores!.. Se elle não fosse impellido por um amor tão eminente estamos bem certos que jámais levaria ao cabo uma idéa tão sublime como a Epopéa de Jerusalem libertada.

O nome da sua querida Leonor que a todos os momentos lhe escapava a furto dos labios, foi uma esperança consoladora que o alentou em todas as suas adversidades. Gonzaga esse poeta tão infeliz quanto sublime, que sonhadas venturas não forão as suas?!.. que eloquentes pensamentos o illustrarão inda no meio dos seus tormentos!.. Que o digão as paredes de um carcere americano, se lhe não servirão de papel, para ahi com a cinza preta de um carvão, e com o peito opprimido pela dor, escrever o nome da sua idolatrada Marillia!.. Basta que já de sobra temos dado razões para demonstrarmos o que deixamos dito. Quem não reconhecerá o amor, como um rei absoluto que manda e é obde-cido?!..

Amor... eu te saúdo como aos primeiros raios do Sol ao despontar de um bello dia! Vinde pois confortar-me na confusão desta vida que já na idade infantil tributario me fez do teu imperio.

(Continúa.)

M. LEITE MACHADO.

**Nossa Estrella.**

— Repara, Julia, repara!

Olha aqui; vês lá defronte

Uma estrellinha tão linda

Refulgindo no horisonte?

Tão fagueira que se mostra!

De vez em quanto escurece;

Quasi de todo s'esconde;

Mas, meiga logo apparece!

— Não vejo, Jonio, não vejo...

— Pois não vês? chega-te amim;

Olha nesta direitura...

Ja vejo, meu Jonio, ah! sim!

Mas fugiu, oh! que tão bella!
 Meu Jonio, lá se esconden.
 — Espera, Julia... lá torna:
 Vês agora anginho meu?

Como linda ella sorri-se!
 Meu anjo, sorri p'ra nós
 Que tão casto amor juramos
 Aqui n'um retiro a sós!

Tu não sentes mais com força,
 Julia, teu peito bater
 Neste silencio nocturno
 Esse fulgido a rever!

— Sinto, sim, como qu'o peito
 Em chamma tenho abraçado;
 Ah! Jonio, quanto eu não dera
 P'ra não mais hir de teu lado!

— Tambem eu, ah! Julia, Julia!
 Que doce prazer que sinto!
 Quizerá não mais sahir
 Comtigo deste recinto...

Porem, querida, é forçoso,
 Tristes, que nos separemos;
 Até que bem para sempre
 Nosso futuro liguemos.

Essa estrellinha mimosa
 Mostrando tanto esplendor
 B' testemunha aos protestos
 De nosso tão casto amor.

Espessas nuvens que cobrem
 Todas as outras, sosinha,
 Esta as rompe fulgurando
 P'ra nos saudar Julia minha!

Ella assim tão feiticeira
 Em seus sorrisos nos diz
 O quanto hade a ventura
 Nos proteger, mui feliz.

E não temas, pois, que mais
 Nunca se hade desdizer:
 A' manhã, assim risonha
 Havemos tornal-a a ver.

JÓÃO DANTAS DE SOUZA.

O amor é encanto.

O amor é encanto, que as fadas d'outr'ora
 Deixaram por cá,
 Que este sentir, tam fervente, do peito
 Só encanto será.

Hei tido uma avó, que nas noutes d'inverno,
 Sentada no lar,
 As cousas famosas do amor e das fadas
 Sabia contar.

Eu era creança e amava as historias,
 Narradas então,
 E ouvindo-as sentia suave deleite
 No meu coração.

O conto mais lindo, que a velha contava,
 Fallava d'amor;
 Chamava-lhe a historia da moça, da fada,
 Do bom trovador.

Agora narral-a? Talvez a não saiba,
 Que á muito a ouvi,
 E lembra-me apenas ter sido passada,
 Ao pé de Chaci. (*)

Que a joven era dona de um nobre castello
 E pobre o jogral;
 Que pobres tem sido os mais altos poetas
 Do meu Portugal.

Um dia vagavam nas sombras de um bosque,
 Um dia de Abril,
 Brincando mui ledos por entre a ramagem,
 Em brinco infantil.

Sentaram-se juntos, ao pé de um regato
 E a fada passou,
 E ao vel-os tam bellos, gentis e formosos
 Co'a vara os tocou.

Não sei que desejo em seu peito sentiram,
 Não mais infantil;
 E uniram seus labios n'um beijo ardente,
 N'um beijo febril.

(*) Chacim é uma villa da Provincia de Traz-os-Montes, do districto de Bragança, cabeça de concelho e de 5,120 habitantes.

Com magico véo occultou os mancebos
A fada Sidei;
E o que elles fizeram, e o que elles sentiram
Contal-o não sei.

D'ahi em diante, tormentos e gosos
De viva paixão
Constante sentio a dona formosa
No seu coração.

E endeixas saudosas, fagueiros queixumes,
Enlevos d'amor,
Não mais se calaram na lira maviosa
Do bom trovador.

E' pois o amor um encanto que as fadas
Deixaram por cá,
Que este sentir, tam fervente, de peito
Só encanto será.

Rio, 18 de Julho de 1855.

BERNARDINO PINHEIRO.



Pedro Sem.

Estava um velho, cansado
De muito andar, assentado
Sobre o duro, e frio chão,
Pedindo aos caminhanes;
Com palavras supplicantes,
Um vintem por compaixão.

« Uma esmola, por piedade,
« Já corri toda a cidade
« E não achei um vintem.
Dizia o pobre chorando
A um homem que ia passando
Em um lindo e novo trem.

O homem olhou irado
P'ra o pobre velho, coitado,
Sem nem um ceitil lhe dar,
E seu caminho seguindo,
Lá se foi, do pobre rindo,
Que ficou triste a chorar.

Quem é o homem vaidoso,
Que passou tão orgulhoso,

Em soberbo e rico trem?
Que olhou p'ra o indigente
Com esse modo insolente?
— É o judeo Pedro Sem.

E' mui rico e poderoso,
Mas soberbo e orgulhoso
Nunca o pobre soccorreu;
Mas, por castigo, a riqueza
Que juntára com torpeza
Toda n'um dia perdeu.

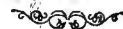
Viu seus navios entrando
A foz do Douro, soprando
Leve aragem lá do mar:
« Ainda que Deos quizerá,
« Disse elle, jamais podera
« Fazer-me pobre ficar. »

Taes palavras disse apenas
E já as vagas serenas
Se encapellavão no mar;
Pedro Sem vio seus navios
Dando naquelles baixios
Todos, todos se afundar.

Agora ali está chorando
Dizendo de quando em quando;
« Dai esmola a Pedro Sem,
« Que foi rico e poderoso,
« Que por ser muito orgulhoso
« Já teve e agora não tem. »

Rio, 17 de Setembro de 1855,

EUGENIO ARNALDO DE BARROS RIBEIRO



Reflexões moraes.

XI.

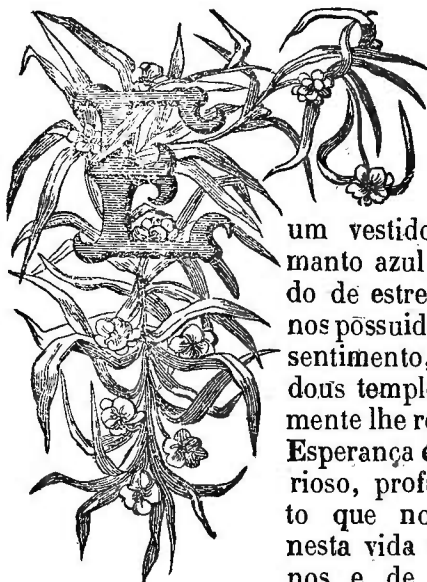
As paixões produzem em geral outras, que
lhes são inteiramente contrarias: a avareza dá
algumas vezes em prodigalidade, e esta em ava-
reza; ha occasiões em que se é firme por fra-
queza e audaz por timidez.

DUQUE DE LA ROCHEFOUCAULD,

Typ. de F. A. DE ALMEIDA, rua da Valla n.º 141.

Fragmentos de Mithologia.

(Continuação.)

A ESPERANÇA.

ESTA divindade representa-se na figura de uma donzella toucada de flores, trajando um vestido verde, e um manto azul celeste semeado de estrellas. Os romanos possuidos de um nobre sentimento, lhe edificáramos templos e constantemente lhe rendião culto. A Esperança é aquelle mysterioso, profundo sentimento que nos vem alentar nesta vida cheia de enganos e de illusões. Des-

graçado daquelle que deixando-se alucinar e possuir de um falso instincto se aparta della; porque não saberá jámais conservar uma vida regulada e virtuosa; mas entregando-se aos máos costumes, se verá bem depressa dominado por elles mesmos. O desespero tomará o seu quinhão, e malfadada hora em que elle o arrastar por seu poder absoluto, a um suicidio; acto este tão cobarde e vergonhoso, e que os homens inda não poderão até hoje pôr-lhe cobro com os seus sabios preceitos! Abençoado seja todo aquelle que contempla a sua esperança como o nauta a sua bôa estrella, que o deve levar ao porto de salvamento. Abençoado seja ainda todo aquelle que morre unido a ella, e que o horrorisa a idéa de pôr termo á vida que lhe é tão cara e que lhe cumpre defender até ao ultimo suspiro. (*)

A vida, esse mimo do céo, que não sabemos dar apreço, deveríamos só arrisca-la por um dever da nossa consciencia. Que bem nos poderá vir de um suicidio? Um prazer para nossos inimigos, um opprobrio de todos os nossos amigos, e a perdição da nossa alma; porque Deos não

(*) A historia moderna tem-se enlutado com frequentes acontecimentos do suicidio; é por isso que ouvimos levantar nossa fragil voz, e oxalá que de alguém possa ser ouvida.

quererá recebe-la tão peccadora e tão coberta de infamia, por violarmos um direito que nos elle prohibio. Ao passo que um soffrimento resignado, todos o ollhão com piedade, e nossos mesmos inimigos admirão nossa virtude. Acabe de uma vez o flagello, imploremos todos com muita fé ao summo Deos que nos afaste da mente tão funesto pensamento. Muito embora surjão mil tormentos, fome, peste e guerra; devemos soffrer tudo com a maior resignação, mas nunca abandonarmos a Esperança; porque depois dos tormentos virá a bemaventurança, depois da fome a abundancia, depois da peste virá uma athmosphera limpida e saudavel; finalmente depois da guerra virá a victoria que nos recompensará com ricos despojos e uma paz duradoura. Por isso nunca devemos abandonar a Esperança, por ser ella que nos brada com voz firme e segura ao commettermos algum desatino: Espera, espera.... que o futuro inda te póde salvar.

(Continúa.)

M. LEITE MACHADO.

Phisiologia do Casamento**AMOR, CONVENIENCIA E DINHEIRO.**

(Continuação do n.º antecedente.)

CONVENIENCIA.

Eis-aqui, pois, meu querido barão, o motivo porque acharás a minha carta tão extensa, e tão cheia de pensamentos moraes e philosophicos. Ouve-me então até ao fim. Não tenho a felicidade de conhecer a mulher que escolhetes, ou que te escolherão, mas em assumpto tão delicado é util qualquer observação. Dir-te-hei porque sou e serei sempre um apologista acerrimo do celibato serei inflexivel e severo com as educações que na moderna sociedade dão ao sexo feminino, e se achares por fim que a minha carta nada encerra que possa servir para os fins a que me propuz, queima-a, meu amigo, e esquece-me para jámais.... A educação feminina, os principios em que ella se basêa são tão fracos, e teem tão pouca estabilidade, que não me sorprehende o testemunho das variadas phases porque vêmos passar a mulher d'esde a idade de 12 annos até aos 30. Até aos 12 annos a mulher não vê senão por um

prisma. E' verdade que esse prisma-deixa ante-ver ao longe uma multidão de cousas que encantão e fascinão. A mulher começa então a identificar-se com esses prazeres até ali desconhecidos por ella, e um vehemente desejo de gosa-los se declara após isso. Era então que convinha uma sujeição paterna, e quasi despotica que a fôrçasse a esquecer o panorama brilhante e variado que vio por entre esse prisma. As difficuldades serão immensas, estou certo d'isso; mas a volubilidade da mulher, como o seu principal defeito, contribuiria para alcançar-se o grão que se pretendia attingir, e em pouco tempo ver-se-hia essa mulher estranha e esquecida das seducções que a tinham despertado das suas illusões de menina. Infelizmente, e não sei porque occultas occorrencias, é n'essa idade que as portas do mundo se abrem para a mulher, é n'essa idade que ella começa a sentir e a pensar no papel a que foi destinada pela natureza, e em pouco tempo mil ovações, mil galanterias, e sobre tudo o incenso que se queima em sua honra, tudo lhe diz que deve franquear todos os obstaculos, quebrar todas as difficuldades para ir sentar-se altiva no throno que levantarão para ella, á sua entrada n'esse mundo elegante!... Nada ha mais ridiculo do que ver-se uma menina de 12 ou 15 annos occupar o lugar d'uma mulher de 30, disputando com calor as homenagens e respeitos que são devidos á segunda. Tambem não me admira que a sociedade brilhante da época seja formada de *bonecas* enfeitadas, um armazem de *marchandises* de toda a especie, uma *botica* aromatica d'espiritos, extractos e flôres. Esta qualidade de *bonecas* move-m-se, não por arames, o que seria enfadonho e demorado, mas sim sob a pressão de uma mola forte e occulta, o que é mais rapido e agradável. Qualquer pequeno toque as impele para longe, deixando após de si o aroma das flôres e dos espiritos que levão consigo. Depois ha uma cousa a unica que me sorprehe, é ver o *papai* e a *mamãe* que olhão com orgulho para as evoluções sem fim que, do cantinho vêem fazer a *filhasinha*, um sorriso de prazer se desliza então pelos labios dos felizes conjuges, que se olhão estaticos, e dizendo tacitamente: *nossa filha é uma perola*; e isto acompanhado de um suspiro que revela a boa vontade que elles tem de imitar essa perola. Mas.... infelizes! estão no *regresso*, e o lugar de honra é só devido aos do *progresso*! Que importa que esse progresso traga consigo consequencias funestas e resultados pouco lisongeiros?..

E' talvez n'esta sociedade de *bonecas* que escolheste a mulher que vai em pouco tempo ligar-se a ti para sempre; e comquanto a tua fortuna, a tua posição te chame a terminar esse casamento a mutuo contento, não é ali, meu amigo, que acharás o que pretendes. Poder-me-has tachar de deinasiado severo e exigente, mas em quanto não vir a sociedade purgada dos vicios que reinão n'ella, jámais deixarei de censura-la, exprobrando-lhe a sua leviandade, e o pouco caso que faz d'algumas flôres raras que desabrochão entre os espinhos.... Casa-te, se assim o quizeres, mas não procures uma mulher que comprehenda melhor os ditos lisongeiros e espirituosos dos grandes salões, do que o arranjo domestico. Com as idéas da sociedade brilhante transformar-te-ha a casa em uma sala de dança, e se por desgraça tiveres filhos, esquecel-os-ha para se envolver no turbilhão suffocante d'esses grandes salões. Menos espirito e mais bom senso; e com isto terás tudo. Deixemos, por emquanto, o lado serio e vamos ao burlesco. A noiva é moça, bonita e espirituosa? E' provavel que seja tudo. Seria offender o teu bom gosto se pensasse que escolheste alguma mulher entre os quarenta, isto é no outono da vida, e irmã mais moça das tres *parcas*. Supponhamos, pois, que pertence á primeira pergunta. Supponhamos mais que os traços da sua phisionomia são perfeitos, e que o observador mais exigente nada acharia que notar. Supponhamos ainda que tem um defeito, e que este defeito lhe dá um certo arsinho de graça. Supponhamos enfim que este defeito seja o de ter o nariz *arrebicado*, oh! então foge d'ella, meu amigo, porque este defeito feminino, o que me parece escapou a *Lavater*, traduz e revela um genio com visos de d'abolico, e que promette trazer em continuo conflicto o interior da casa. Será um prejuizo meu, mas nunca sympathisei com a mulher de nariz *arrebicado*. Fecha os olhos a qualquer outro defeito phisico, mas a este conserva-os bem abertos.... E' forçoso acabar; estou cansado, minhas palpebras cedem ao somno e vou aproveitar os momentos que me restão para dizer-te em conclusão que a maior asneira que o homem nas tuas circumstancias póde fazer, é a de tomar estado (modernas phrases.) Não vou assistir á cerimonia, porque receio ir mais longe do que deveria, e depois tenho convicção de que ia presenciar uma scena que na actualidade se eucara como um divertimento, olvidando-se que é uma das doutrinas mais solemnes e respeitaveis.

que a igreja nos podia transmittir !... Estimarei que nenhuma das minhas crenças se realice, e que encontres na mulher que vai em breve ser tua, o que devem ser todas as mulheres casadas : esposa amante e submissa, mãe terna e devotada, mulher boa e carinhosa.

Teu Amigo

PAULO DE C.

(*Continúa.*)

ANTONIO XAVIER R. PINTO.

A felicidade.

ADEJO EXCERPTO DO PENSAMENTO.

No mundo felicidade não conheço ;
Execravel por isso ; eu te aborreço !

O que é a felicidade neste mundo ? Temos feito á nossa consciencia mil vezes esta pergunta e inda não podemos obter uma resposta que satisfizesse nossa razão. E' variadissimo o modo porque os homens considerão a felicidade, e em resumo vê-se palpavelmente, que nenhum se considera feliz ! Este julga, pelo grande amor que concebeu ás riquezas, que a felicidade consiste em possui-las, envida todos seus esforços, acaba-brunha-se de milhares de trabalhos, estraga e arruina sua saude, para alcança-las, e quando o chega a conseguir é mais infeliz do que era d'antes, já pela grande accumulção de cuidados que a mesma riqueza traz após de si, já pela falta da saude que deteriorou. Est'outro julga, que ella consistê em amar, e ser amado por uma donzella que ideou, procura, lida, e a final encontra ao que parece, o encantador imán que o atrahia, e que fa-lo-lhia feliz. Triste decepção ! Em pouco fica desenganado, conhecendo que fôra ludibrio de atroz hypocrisia, ou pelo menos que não era de longa duração esse amor que lhe parecia ter inspirado. Outro julga, que consiste a felicidade em distinguir-se na sociedade, fazendo-se nomear, e apontar por qualquer titulo ; se se empenha por alcança esta felicidade, por meios licitos, e honrosos, não o alcança, senão rarissimas vezes, e a final é victima de mil aleivosias que lhe envenenam a existencia, e que lhe provão não ter alcançado a almejada felicidade que queria conseguir,

e o que não procura senão o fim a que se propõe, sem escolher o meio, chegando a alcança alguma cousa, então sua consciencia é seu proprio carasco, e não pôde portanto ser feliz ; acha-se iludido. Aquelle, julga que a virtude é o unico caminho para a felicidade ; não o asseveramos, mas unindo nossos pensamentos aos de muitos sabios, já antigos, já modernos, acreditamos que são os que melhor pensão ; entretanto qual é a felicidade que o virtuoso encontra neste mundo ? Nenhuma. Estamos inteiramente convencidos, que este tem de atravessar por cima de maiores desgostos que qualquer outro, e como diz La Rochefoucauld, acarreta sobre sua cabeça mais odiosidades com as virtudes que pratica, de que se fosse um malvado. Este resultado deve causar desgosto, e por consequente, não pôde ser feliz. Um outro vê a verdadeira felicidade no lar domestico, e ahi encontra mil dissabores que o infelicitão ; outro olha para a gloria mundana como a unica felicidade que o homem possa ter neste mundo ; oh ! esse é um dos mais loucos ; se chega a alcança-la não gosa nada, porque é costume mais que sabido, exaltar-se a gloria de qualquer só depois que a morte o eliminou do numero dos viventes. Imaginemos um homem que alcança tudo quanto apontamos, que é rico, que é amado, que é distincto, que é virtuoso, e que tem juz á gloria, acreditaes que é feliz ? Enganai-vos. Este bebe n'uma só taça os variados venenos que os outros tragão separadamente, e sua existencia é uma cadêa infinita de decepções. Quantas vezes, ao passar do Monarcha, cercado de faustoso luxo, cercado de creados dilligentes, e de cortezaões assiduos, muitos dizem, pensando dizer uma verdade : oh ! como é feliz ! E elles se engañão, pois é bem facil que na mesma occasião, o Monarcha olhando de travez o camponez, ou o peão, que o contempla estupfacto, diga em o mais intimo de sua consciencia ; eu te invejo, porque tu és feliz ; estamos convencidos que ambos se enganavão, e o que concluimos é que no mundo é impossivel alcança-se verdadeira felicidade. O desejo insaciavel que temos de ser felizes, e as provas evidentissimas de que aqui o não podemos ser, nos capacitão, nos fazem ter certeza, que se existe verdadeira felicidade não é aqui, e que para a termos em outro lugar somos levados á infalivel crença da immortalidade da alma, que só gosará de uma felicidade que tão ambiciosamente desejamos, e nem ao menos podemos conceber. Com pesar diremos, finalmen-

te, que só na crassa ignorancia se póde divisar algum raio de felicidade mundana; se ella, se embala no berço da religião, tem uma esperança arraigada no fundo do coração que lhe mostra uma vida futura cheia de delicias, e vive neste mundo limitando seus desejos á satisfação de suas necessidades, puramente materiaes, não vê mais nada, e considera-se feliz. E' por isso que dizia Camões com muita razão:

Ditosa condição, ditosa gente.

A. M. S. B.



A Religião.

(Continuação.)

CASAMENTOS.

IV.

Quando Adão foi lançado no mundo pedio a Jehova uma companhia, elle accedendo a seus desejos arrancou uma das costellas de Adão e formou a mulher. Tiverão filhos, os quaes juntando-se uns com os outros tiverão mais filhos; e assim o mundo se foi povoando, unindo-se pois irmãos com irmãs. Tios com sobrinhas, etc., e no emtanto elles vivião seculos, o que não acontece em nossos dias. Assim tambem Noé ficou só no mundo com sua familia, novamente o mundo foi povoado e os parentes é quem o povoarão.

A conclusão que tiramos disto é que ali presidia a lei da necessidade, solidaria de tudo quanto é principio, e não deixamos de conhecer que a união de parentes não é prejudicial ao genero humano, muito embora contra estas ideias se revolte alguém. Os legisladores porém conhecerão a necessidade de regenerar a sociedade, prohibirão a união de parentes; não é da nossa alçada prescrutar se foi ou não esta lei util. Todavia deixarão elles n'esse código uma aberta para os casos em que a prudencia aconselha a união; d'essa aberta fazem hoje as nossas authoridades ecclesiasticas o seu ponto d'apoio.

Desde que a ambição tomou posse de todos os animos, desde que a idade de ouro se apoderou

do septro do universo, tudo quanto foi lei se curvou a tão poderoso motor, cada excepção foi um mimo, foi uma mina em que procurando sempre se achá a veia desejada.

Vejamos porque meio hoje se consegue o — poder casar — dados pelas authoridades ecclesiasticas.

Por conveniencia propria, por amizade, ou por outro qualquer motivo desejo casar com uma minha prima, peço concessão para isso, perguntase-me: Traz tantos centos de mil réis? Não! respondendo eu. Então não póde casar; o mesmo succede áquelles que desejão com promptidão seus papeis, senão levão o imã que faz atrahir tudo, tem de cançar-se de subir a immaculada ladeira. O que resulta d'ahi? Concubino-me com ella, os outros fazem o mesmo, e que importa que se erga a voz terrivel do povo, senão se conseguiu authorisação para uma união legal? A moral e a religião perdem muito com isto de sua força phisica, as authoridades ecclesiasticas bem o sabem, mas os interesses fallão mais alto.

Quanto mais chegado é o parentesco mais centos de mil réis é preciso dar, como se o ouro podesse appacar as iras de Deos, ou livrar dos peccados commettidos; se assim fosse, felizes dos milionarios que em vez de chuva, vento, etc., no dia de sua morte, terião um dia risonho e cheio de encantos! Vamos citar um facto acontecido á alguns annos: Um homem tencionou casar com uma moça que era cunhada, sobrinha e afilhada, pedio concessão aos Srs. Bispo, Arcebispo e até ao Papa, não a pôde obter, concubinou-se com ella e assim viveu alguns annos. Achou-se enfermo, mandou chamar um sacerdote que os casou; mas a hora desse homem ainda não tinha chegado. Viveu. Teve em resultado a título de indennisção de dar oito contos de réis que de boamente fez. Assim como estes quotidianamente succedem muitos, que se encobrem com a capa da religião. Os resultados são consequentemente funestos.

Não vemos nós a cada passo celibatarios entrando no seio das familias, e commettendo os mais diabolicos attentados contra a honra das virgens que tinhão sido creadas com tanto amor? Não vemos a cada canto as uniões illegaes ostentando-se radiantes, balouçando-se como as arvores tocadas pela viração?

Pois tudo isso é effeito da pouca moral que existe na nossa sociedade, e a mais das vezes

quem concorre para isso são aquelles mesmos que a devião sustentar.

Paramos aqui; em outro artigo seremos mais explicitos.

(Continúa.)
ECHO ELISIO.

A queda de Cápua

(Continuação)

XIV

Os embaixadores voltarão bem depressa; e as noticias que trouxerão, fôrão como dezejava a maior parte. Tinhaõ encontrado o consul, somente acompanhado de alguns fugitivos, e tão inconsequente em suas palavras, como em suas acções. Na descripção que fazia de suas perdas mais as exagerava de que diminuia. Tinha confessado, sem hesitar, que infantaria, cavalaria, armas, bagagens, tendas, equipagens, e até a caixa militar, tudo se tinha perdido, que não somente Roma tinha necessidade do soccorro de seus alliados, mas que até elle exigia que se encarregassem inteiramente da guerra; que Cápua em particular, devia neste momento se lembrar, que Roma a tinha salvado das mãos dos Samnitas, e que era indispensavel que a Campania fornecesse logo, trinta mil homens de pé, e quatro mil cavallos, se querião resistir aos esforços d'Annibal.

De certo que não era esta a linguagem que convinha apresentar a semelhantes alliados. Vibius Virius chefe da embaixada, della parecia irritado, e no discurso, em que dava conta de sua commissão, terminou assim: « Eis-aqui o momento em que Cápua deve recobrar não só o territorio de Falerno, como sua primitiva grandeza que a tornava a primeira cidade da Italia; ella deve levantar-se sobre as ruínas de sua rival. Não duvideis que Annibal deixe de se prestar a concluir uma alliança sob estas condições, e que elle não abandone aos Campanienses o governo da Italia, logo que concluida a guerra voltar para Africa. »

Um applauso geral exprimio, que taes erão as esperanças, e o voto da nação. Em vão alguns dos velhos senadores quizerão oppôr seu dique á torrente; foi decidido que os mesmos embaixadores, enviados a Varro, irião immediatamente ter com Annibal.

Uma parte do que tinha predito Virius se realizou. O general Carthaginez os recebeu com a maior distincção, encheu-os de honras, e acceitou

todas as condições que lhe propozerão. As principaes forão; que Cápua seria governada por suas proprias leis e não teria outros magistrados senão os proprios cidadãos. Que nenhum comandante Carthaginez exerceria a menor autoridade civil, e que nunca os Campanienses serião forçados a tomar parte na guerra. Annibal por seu lado exigio uma unica condição, e foi, que Cápua receberia uma guarnição africana. Bem se concebe que esta bastava para tornar vãs todas as precedentes; assegurava-lhe toda a vantagem do presente, e não offerecia aos Capuanos, senão um futuro incerto.

(Continúa.)

Traducção de A. M. S. BANDEIRA.

Civilisação do seculo actual.

Quia prodest mundanis proficere doctrinis, et inaspecere in Divinis? Caduca sequi figmenta, et celestia fastidire mysteria? Havendi igitur sunt tales libri, et propter amorem sanctaram scripturarum vitandi; gentilia dicta exterius verborum eloquentia nitent interius vacua virtutis sapientia manent. Eloqui autem sacra exterius inempta verbis apparent intrinsecus autem mysteriorum sapientia fulgent. Unde, et Apostulus: Habemus inquit, thesaurum in vasis fictilibus.

(S. Isidorus lib. 3, de summo bono cap. 13.)

De que serve fazer um grande progresso nas letras humanas, e estar falto de noticia das Divinas? Aplicar a umas ficções caducas, e ter fastio aos celestiacs mysterios? Haja pois cautela em prohibir a lição de semelhantes livros, para que se tome amor ás santas escripturas. As razões dos gentios são exteriormente formosas na eloquencia das palavras, mas na substancia estão vasias da virtude da sabedoria: porém os espiritos sagrados mostram na apparencia menos alinhno de razões, resplandecem intrinsecamente na sabedoria dos mysterios. D'aqui veio o dizer o Apostolo S. Paulo: « Temos um thesouro em vasos grosseiros. »

(S. Isidoro, livro 3.º do summo bem cap. 13.)

E' arrimado a Santo Isidoro, que vamos traçar os desalinhos da nossa idéa, sobre a civilisação

do *seculo actual*, a ver se d'est'arte ficamos acoberto dos apódos e diatribes de tantos escriptores, que em unisono cõro applaudem os progressos do seculo: quando nós dizemos: que a desmoralisação cresce, e se aproxima a barbaria, e o embrutecimento dos povos.

Todos esses jovens, que com tanto desdem ostentão conhecimentos superficiaes, adquiridos na perniciosa leitura de novellas, e nas não menos prejudiciaes obras de Voltaire, Volney, Talleirand e outros atheus do mesmo jaez, fallão em reforma do clero, principiando pela extincção dos frades; afim de extorquir-se-lhes alguma cousa, que elles possuem. Não entendem, que tal reforma deve fazer-se, obrigando os ordenandos a adquirir as sciencias necessarias: para que comprehendendo os seus deveres, venham a ser o *sal da terra e a luz do mundo*. Fallão em religião, mas querem uma religião absurda, que não tenha os preceitos de confessar-se, ouvir missa e outros deveres da nossa religião, cada qual mais salutar.

A razão é obvia. Se á maneira, que a mocidade se vai adiantando na instrucção primaria, fosse igualmente tomando conhecimento da instrucção religiosa, indispensavel para constituir uma bõa sociedade; o povo ao facto da efficacia das doutrinas religiosas; e da superioridade da nossa religião a todas outras, não menos presaria assim os preceitos da igreja.

Porém nada d'isto me admira ao ver em que mãos está entregue a instrucção primaria. A pouco foram chamados a exame os professores dos collegios; e creio que quasi ninguém compareceu. No entanto ainda continuão no exercicio de suas funcções. Ora em vista de uma razão tão significativa, como estão proclamando todos os dias: que a civilisação caminha a passos agigantados, e condemnão idéas que a experiencia tem demonstrado quanto valem?

Ainda á pouco li em um jornal d'esta cõrte: que a arvore da civilisação tinha florescido regada com o sangue de Luiz XVI, de Marat, Robspierre e outros; uns que como o virtuoso rei perecerão victimas da sua bondade e do seu patriotismo; outros que como Marat, Robspierre tiveram justo castigo de suas iniquidades; quando Thiers affirma que as letras se tinham resentido, e que os escriptores da epocha ião buscar inspirações em Bossuet, Racine e outros, que tanto illustrarão a França, emquanto um go-

verno mais benevolo seguia os destinos do seu paiz.

Pelo que fica expellido poderá alguém deprehender; que somos inimigos do progresso, contra o que solememente protestamos. Sempre desejamos que as nações se adiantem em sciencias artes mas o que não podemos applaudir são progressos de bota abaixo, reformas de camartello.

(*Continúa.*)

Luso.

O caminhante.

*Por Eulina o terno Elmano
Suspira, e morre d'amor,
Só ella o canto lhe inspira,
Só por ella é trovador.*

D.

Attendei-me, ó caminhante,
Que cantando vós tão lêdo,
Pelo meio do extenso bosque
De tão expesso arvoredó.

Se encontrares minha Eulina
Conta-lhe meu triste fado;
E conta-lhe a minha dôr
De um soffrer amargurado.

Dize-lhe que triste vivo
Em funda imaginação;
Do captiveiro captivo
Sem achar consolação.

Que sempre a mesma incerteza
Se conserva em minha mente;
Sem poder despedaçar
Aquelle véo transparente.

Ide pois, bom caminhante,
Sêde commigo piedoso;
Permitta Deos, que não sejas
Assim como eu desditoso.

Março de 1854.

M. LEITE MACHADO.

O inverno.

Ruge o Euro enfurecido
Com sopro destruidor ;
Já o bosque está despido
Das madeixas de verdor ;
Já não ha flôres no prado,
E o gentil cantor alado
Está nas selvas-calado,
Não trina canções d'amor.

Bastas folhas amarellas
Alastrão, cobrem o chão,
Das arv'zes, ha pouco-bellas
Os tristes despojos são ;
Erão do bosque ornamento,
Mas agora, n'um momento,
Ao menor sopro do vento
Pelo ar correndo vão.

O arroio que ia ha pouco
Pela relva a murmurar,
E correndo, em giro luco,
Ia as boninas banhar,
A sua mansa corrente
Mudou agora em torrente,
E vai mui rapidamente
Murchas flôres arrancar.

Sob as arvores despidas
Divaga joven pastor,
Olha as folhas resequidas
Dos tufões pelo rigor ;
E no bosque caminhando,
Aos pés as vai pisando,
Comsigo só murmurando
Estas palavras d'amor :

— « Eu q'ria que a primavera
« Podesse cedo voltar,
« Que então ao prado viêra
« Formosa Elisa folgar ;
« E eu teceria das flôres
« De mais suaves odores
« Linda corôa d'amores
« Para a fronte lhe adornar.

« Eu queria, quando a lua
« Está no céu a luzir
« E a formosa fronte sua

« Nas aguas a reflectir ;
« Ir com ella entre os salgueiros
« Sentir os sopros ligeiros
« Do vento, beijar fagueiros
« Seu lindo rosto a sorrir.

« E ali, entre os seus braços
« Gozar venturas do céu,
« Unir com fortes abraços
« O seu lindo corpo ao meu ;
« E no extasi jocundo
« De nosso amor tão profundo
« Esquecer-me ali do mundo
« E de todo o folgar seu.

« Mas ainda a primavera
« Não vem a terra alegrar,
« Só nas paredes a hera
« Se vê triste a verdejar ;
« As selvas não tem cantores,
« E no prado não ha flôres
« De balsamicos odores,
« Para grinaldas trançar. » —

Mais não disse ; n'um momento,
Para a floresta fugio ;
Depois, só do frio vento
O triste silvar se ouviu ;
E esses immensos prados,
De verde relva privados
Breve forão branqueados
Pela neve que cahiu.

Rio de Janeiro, 27 de Outubro de 1855.

EUGENIO ARNALDO DE BARROS RIBEIRO.

Sem titulo.

DEDICADOS AO MEU AMIGO ELMANO.

*Ainda nas orlas da vida
Inda na idade infantil
Deixaste a patria querida !*

OLIVEIRA.

Não podem meus versos arroubos sem arte
Teus dotes, ó joven, não podem mostrar !
Só podem dizer que do canto és Nume
Que tanges na lyra canções d'encantar !

Os prados, as relvas, as praias do mar,
O sol lusitano fadou-te cantor....
Consente, Poeta, que eu ponha a teus pés....
Minha liarpa sem cordas eu quero depôr.

Avante, ó Elmano, prosegue o teu vôo
Não deixes finar o teu nobre condão,
Eu quero nos évos teu nome gravado
Para sempre brilhando o—Rei da canção !

Avante, meu joven, que um céu t'enamora,
Um mundo brilhante eu ousou fadar-te
Nas asas d'um anjo já vejo os tropheus
De sublime cantor, que vem offertar-te !

Não podem meus versos, arroubos sem arte,
Teus dotes, Elmano, não podem mostrar,
Só podem dizer que do canto és Nume,
Que tanges na lyra canções d'encantar !
Nitheroy, Maio de 1855.

A. DA SILVA FERREIRA.

A donzella e a borboleta.

Fugaz mariposa,
Tam linda e formosa,
Ciumes da rosa,
Do branco jasmim ;
Tu és qual donzella,
Que em tarde mui bella,
Vem alva e singella
Vagar no jardim.

Gentil, feiticeira
Esvoaças ligeira,
E á flôr mais fagueira
Um beijo lhe dás ;
A virgem divaga,
E a flôr que ella afaga
E' aquella, que maga
Saudade lhe traz.

Narciso c'lorido
Co'oroma subido
Te encanta o sentido,

Tu pousas na flôr ;
Gentil philomela
A voz ergue bella
E encanta a donzella,
Que pára d'amor.

Se um facho crepita
A chama te excita,
Tu vais, pobresita,
Vais n'ella morrer ;
E a virgem coitada,
No amor, desvairada,
Vai louca e turbada
Verdor fenecer.

Virgem, borboleta,
Sois ambas formosas,
Sois ambas vaidosas,
Sois ambas gentis ;
Mas sempre inconstantes
Em vago delirio,
Do fogo o martyrio
Vós ambas sentis.

Rio, 18 de Junho de 1855.

BERNARDINO PINHEIRO.

Imitação.

Quando deitado eu fui durante a noite,
Adormecido em souhos talvez tristes,
Vem de leve passar junto a meu leito
E que eu sinta teu candido bafejo.

Que de teus olhos raio scintillante
Penetre té ao fundo de minha alma,
E o sonho negro que opprimir meu peito
Tingir-se-ha de ledó c'lorido.

Sobre meus labios onde brilha a chamma,
Raio d'amor por Deos purificado,
Um beijo pousa, e em jubilo minha alma
Para o céu julgará ser transportada.

Typ. de F. A. DE ALMEIDA, rua da Valla n.º 141.

Fragmentos de Mythologia.

(Conclusão.)

A LIBERDADE.



LIBERDADE representa-se na figura de uma donzella vestida de branco, com uma lança em punho, tendo á sua dextra um jugo quebrado. Esta divindade foi excessivamente querida dos Romanos. O seu nome é a expressão mais doce que pôde ouvir o condemnado; e que o escravo gemebundo arrastando os ferros do captiveiro, jámais lhe pode fugir da idéa! Tem um certo poder esta divindade, que ao proclamar-se o seu nome, estremecem todos os corações de um povo opprimido pelo jugo do inimigo estrangeiro!... E nunca poderemos vêr o verdadeiro valor desse mesmo povo, senão na occasião de a defender.

Entre as nações antigas temos esclarecidos exemplos, taes como o dos Troianos, que tiveram o valor e constancia de soffrer o cerco dos Gregos por espaço de dez annos, suportando as maiores privações, sem dar o menor signal de abatimento; antes pelo contrario se vião morrer cobertos de gloria, com o nome da patria nos labios, e as armas na mão!... E se não fosse o ardil tão estudado a que se abalançarão alguns destemidos Gregos, talvez que o famoso Homero não tivesse tido a dita de cantar a inercia de Agamenon, nem as façanhas do aventureiro Ulysses. Sem irmos mais longe, temos na nossa historia tambem rasgos de valor brilhantissimos; assim como o do incomparavel Viriato, que não contente de defender o seu abençoado e querido torrão, rechaçando as phalanges do terrivel Galba, chegou por varias vezes a ameaçar a propria Roma!... Os filhos de Lacio que orgulhosos vião o Capitolio rodeado de soberbos trophéos, conquistados com gloria no Euphrates, no Rheno, e outras muitas partes longinquas tremerão e titubiarão perante um diminuto numero de soldados Lusos commandados por seu distincto chefe!... E reflectirão o quanto era cus-

N.º 15 — Domingo 11 de Novembro de 1855,

toso, usurpar a liberdade a um povo aguerrido. Se elles tiverão os Scipiões, Brutos, Camillos e os Cesares, nós tivemos Viriato que pôde escurecer a sua memoria; porque as aguias romanas tendo vencido e avassallado muitos povos, aspirando o dominio universal, recuarão vergonhosamente, diante desse memorado Lusitano!... Poderemos inda demonstrar em factos mais modernos: a batalha dos Atoleiros é um dos quadros mais heroicos que nos apresenta a historia: uma força maior de trinta mil hespanhoes se batem contra seis mil Portuguezes! E depois de um renhido combate, e disputada victoria, os hespanhoes tendo obtido tanta vantagem no numero, perderão-na no esforço, porque abandonarão o campo ficando derrotados completamente!... E as sempre respeitosas quinas lusitanas tremularão em breve, soberbas e arrogantes por cima de todas as fortalezas, como signal de um triumpho que acabava de assegurar a Liberdade do povo Portuguez!... A Liberdade, tornamos a dizer, é o unico conforto dos infelizes dominados pela despotica lei de um senhor absoluto. E' bem penoso contemplar alguns insensatos e loucos, que pretendem escravisar a seus semelhantes por meio de sua vantajosa posição!... O povo geralmente ama a Liberdade, e os seus direitos; e muitas vezes se a não reclama, é porque a tyrannia tendo alçado seu gigantesco imperio, abafa-lhe a voz já cansada e rouca; mas ai da hora tremenda em que elle se erguer em massa para derrubar o colosso que o pretende sufocar, porque perecerá todo em torno d'elle, ou então o derrubará com as cadéas que lhe restavão para o agrilhoar. Que expressões tão decisivas não forão aquellas com que o povo Luso nas côrtes de Lamego se dirigio ao seu rei Affonso Henriques quando os Leoneses pretendião que lhes pagassem tributo!... — Somos livres, nosso rei é livre, e ao nosso valor devemos a nossa Liberdade! E o grande monarcha vendo nelles a ancia da Liberdade, e do patriotismo, os saudou por bons vassallos cheio de contentamento!... Finalisamos aqui a nossa succinta mas talvez enfadonha tarefa, dizendo, que todo o bom filho amante da sua patria, não porá duvida em derramar o seu sangue, para liberta-la da escravidão; e que bem vinda seja a ditosa Liberdade, inspirando sempre valor a todos os povos que della houverem necessidade.

M. LEITE MACHADO.



A queda de Cápua

(Continuação)

XV.

Esta noticia foi recebida em Cápua com uma alegria desordenada. A crueldade que acompanhava sempre o triumpho d'um partido, produziu o mais horrivel dos attentados; todos os Romanos que ahi se achavão, tanto civis como militares, forão agarrados, maltratados, arrastados pelas ruas, e sob o pretexto de os fazer servir de refens, postos nas galés, onde bein depressa alguns forão suffocados pelo calor, e outros perecerão de miseria.

Taes horrores, não devem jámais ser attribuidos a uma nação, sempre respeitavel quando ella se sustenta em seu estado normal, mas a uma populaça que em toda a parte é semelhante, e que os antigos chamavão com razão. um monstro com muitas cabeças.

Os melhores cidadãos mesmo, testemunhas desta barbaridade, temião oppôr-se a uma multidão que não tinha mais freio; só um homem ousou elevar a voz.

Este temerario chamava-se Decius-Magius. Era elle ha muito tempo um dos mais distinctos d'entre os senadores; tinha-se sempre opposto á separação de Roma; tinha censurado a embaixada enviada a Annibal, e assim que veio a noticia da guarnição carthagineza, tinha predito a seus concidadãos, que elles se ião tornar escravos d'um estrangeiro, e que seriam tratados como os de Trento forão tratados por Pyrrho. Foi mais longe, queria ou que se fechassem as portas á guarnição, ou que depois de tel-a admittido, a assassinassem, como um sacrificio expiatorio do attentado commettido contra os Romanos.

Todos os ouvidos em Cápua forão surdos a estas proposições, mas chegarão aos de Annibal, elle temia com razão que, um orador tão ousado não conseguisse fazer impressão sobre uma nação, tão leviana, e citou Magius perante seu tribunal; o qual respondeu que segundo o tratado, Annibal não tinha direito algum sobre um cidadão, e recusou-se a comparecer. O altivo Carthaginez devia offender-se de tal resposta; porém muito prudente para ouvir o sentimento d'uma vingança prompta, espaçou-a para occasião mais opportuna, e resolveu ir em pessoa a Cápua.

Uma nova alegria echoou na cidade, quando souberão da chegada do general. Os Capuanos

crêrão em seu orgulho, vêr nisso uma prova da consideração em que erão tidos por elle, e do grande apreço que dava a sua alliança. Logo que o pretôr, dirigindo-se ao povo, o exhortou a ir ao seu encontro, jámais se vio conselho melhor seguido, e mais inutil. Jovens e velhos, patricios e plebeus, tudo sahio da cidade para saudar um vencedor, um heroe, tal, como a Italia não tinha ainda visto.

Decius-Magius deixou de ir. Muito firme em sua opinião para se entregar á hypocrisia e muito altivo para se ir metter em casa, passeava tranquillamente com seu filho, e alguns amigos, na praça publica, entretanto que Annibal entrava na cidade com a pompa de um triumphador.

Rapido na execução de seus designios, e aváro d'um tempo sempre util, o general Carthaginez foi apenas chegado, e logo convocou uma assembléa do senado. Os principaes d'entre os Capuanos, acostumados a nunca se occupar de negocios serios nos dias destinados ao prazer, o supplicarão, de que não pensasse senão em partilhar a alegria d'este, e o convidarão para um banquete onde em lugar da frugalidade de Carthago, se achava apparatosa, toda a delicadeza, e sumptuosidade de Cápua.

(Continúa.)

Traducção de A. M. S. BANDEIRA.

Physiologia do Casamento.

AMOR, CONVENIENCIA E DINHEIRO.

(Continuação do n.º antecedente.)

CONVENIENCIA.

Por esta carta estão os leitores ao facto da maneira porque contrahi um casamento de *conveniencia*. e vêem tambem sob que auspicios elle era formado. Paylo, meu amigo da infancia, condemnou-o nessa carta, pretextando a pouca garantia nas educações femininas de hoje. Outro motivo porém o impelia a declarar-se contra a minha resolução, era a repugnancia que sempre mostrou por uma ligação seria e duradoura. Habitado á independencia do homem solteiro, senhor de tudo para comprar por diminuto preço os *quês* d'essa independencia, elle phantasiava resultados imprevisíveis, consequências inevitáveis, que se reduzião a uma só cousa, combater por todos os modos qualquer idéa de casamento.

Este resultado seria obvio, se alguns precedentes o não authorisassem, mas não sei porque Paulo desprezava esses precedentes apresentando-se fiado na sua crença. Com quanto eu achasse essa crença demasiado exagerada, algumas reflexões feitas ao acaso me forçarão a admitir a possibilidade de que qualquer das asserções do meu amigo se podião realisar. Estes combates reduzião-se com a mesma facilidade que se formavão, e sem o querer voltava ás minhas idéas de casamento. Não pretendo negar que a opposição de Paulo fosse formada sob principios, pelo contrario, eu achava razão n'esses principios, e a mim mesmo perguntava como se podia dar tal transacção. Eu tinha 25 annos, a liberdade de que gozava, fortuna bastante para fazer calar certos prejuizos, e sobre tudo as minhas relações, me offerecião uma variedade de cousas que não erão para desprezar. Confesso-o, nunca o fiz, e aproveitava-me sem reflexão d'aquillo a que minhas vantagens pessoasas tinham direito. Compreendese que no meio d'esta variedade de cousas eu devia lutar algumas vezes com mil pequenos obstaculos, que a minha vontade de ferro não podia vencer. Estas contrariedades, algumas insinuações de meu pai, e a attenção que os circulos que eu frequentava se *dignavão* conceder-me, tudo isto me induzio a acabar com esses prazeres ephemeros, momentaneos e pouco deleitaveis. — Meu pai, disse-lhe eu no dia seguinte áquelle em que de todo resolvera subtrair-me a esses combates; quero casar-me, estou aborrecido da vida de rapaz, durante a qual hei tido bons e máos dias; tenha a bondade, pois, d'escolher-me uma mulher que faça esquecer o passado, offerecendo alguma esperanza no porvir. Meu pai que jámais pensára que eu podesse fazer-lhe um pedido d'estes, o'hou-me admirado, e respondeu:—Isso é um capricho de momento, ou uma resolução maduramente reflectida? — Não é capricho, é uma resolução tomada á oito dias, tempo bastante para pensar nas consequencias; quero casar, e o mais cedo que fôr possível. — Muito bem, tornou elle, em tres dias te darei a resposta. Expirado o praso, meu pai apresentou-me á filha do conselheiro D....—agradou-me.

Então, perguntou-me aquelle quando regressarmos á casa: Convem-te Emilia? — Conheço-a á pouco tempo, mas creio que a escolha recai em uma mulher que póde dar-me o pouco que peço. Não obstante isto, quiz vêr o que pensava Emilia a meu respeito, por isso dirigi-me a sua casa. O

meu principal defeito é uma franqueza a toda á prova, assim não usei de subterfugios com Emilia. — Tem conhecimento do pedido que meu pai fez á senhora? perguntei-lhe eu. — Sim, senhor. — E concorda com esse pedido? — O dever de uma bôa filha é obedecer á seu pai. — Perdão, minha senhora, quando resolvi interroga-la foi na intenção de pedir-lhe com antecedencia que retribuísse franqueza por franqueza, diga-me pois se o sim que deu não foi forçado, e se esse sim não sacrifica qualquer outro sentimento anterior. — Pela minha parte, respondeu ella, nada ha que embarace essa união, sou livre, e se o meu coração deve amar alguém, será o seu o primeiro que o fará sentir amor. — Agrada-me essa franqueza, senhora, e pela minha parte envidarei todos os esforços para alcançar essa felicidade.

(*Continúa.*)

ANTONIO XAVIER R. PINTO.



A Religião.

(*Continuação.*)

CASAMENTOS.

O casamento é indubitavelmente o melhor sustentaculo da sociedade, porquanto os parentes formão um paradeiro ás consequencias que póde arrastar após si quando a desavença se apresenta entre os conjuges. Essas desavenças as mais das vezes por cousas pueris, principalmente se se unirão com os laços d'amizade, os parentes as despedação, diariamente vêmos d'estes exemplos; mas se infelizmente forão unidos pelo interesse, pela vivaz apparencia do metal, confessamos, os parentes se despedação como as vagas sobre um rochedo, e são infructiferos seus trabalhos. Já que tocamos n'este ponto, permitta-se-nos que divaguemos um pouco sobre elle.

Uma menina de quinze annos e ducada com os preceitos que a nossa religião nos prescreve, temente a Deos, a seus pais, e que mal conhece os enganos e perfidias d'este mundo, que só ouve o que lhe patenteia sua mãe, e só vê o que ella lhe permite vêr, que enfim é candida como as virgens celestiaes; se lhe apresentaes para esposo um homem rico, opulento, mas a quem o imbrutecimento e a ignorancia (virtudes essenciaes para se adquirir a riqueza) se dão as mãos, ella naturalmente aceita, porque lhe pintão com as côres as mais vivas os *predicados* d'essa monta-

nha de ouro, e o tornão aos olhos d'ella um Diogenes, ou um Horacio do nosso seculo; perguntamos, poderá essa menina achar a felicidade n'esse consorcio quando conhecer o engano, e tudo lhe sahir ao contrario?

Uma menina de quinze annos a quem os pais forçao a casar contra vontade, com um homem a quem a mão do tempo tem impresso em seu enrugado rosto cincoenta Janeiros, poderá ella ser bõa esposa, poderá cumprir os juramentos que prestou perante a Imagem de Christo? Duvidamos! Os casamentos por conveniencia trazem sempre comsigo os mais funestos resultados. Os desgostos, o adulterio, são consequencias produzidas por elle. Ponhamos os olhos em nossa sociedade, veja-se os divorcios quotidianos, as separações mesmo sem divorcio legal; pois tudo ou quasi tudo é occasionado pelos casamentos de interesse.

Assim como as authoridades ecclesiasticas se curvao ao ouro, assim tambem os pais se fascinao por elle. Loucos! Que não procurao a felicidade de suas filhas, deixando-lhes liberdade de escolher aquelle que vai ser — os ossos de seus ossos, a carne de sua carne.— Ignorantes! Que não vêem o caminho errado que trilhão, e assim entregão aquelle pedaço de sua alma a quem o mais das vezes só lhe serve de brinco á suas barbaridades, porque ella não lhe pôde dar um carinho de esposa terna, porque elle não é merecedor. Como dissemos o casamento é um sustentaculo da sociedade, é o nó que prende uns aos outros, precisa pois, que aquelles a quem foi confiada a sua organização não se deixem levar por visos d'interesse, e olhem com mais humanidade para este assumpto.

As nossas tradições nos prescrevem que antes de se effectuar o casamento seja apregoado no templo na hora de mais concurrencia por espaço de tres vezes, ou uma cada domingo. Ora quem não quer que seu nome seja apregoado, ou que tem pressa de se casar, paga e é aliviado d'esse *vexame*; alguém que reflectir nisto, e em outras cousas identicas a estas dirá: — a nossa religião é uma burla. A S. Exa. Rv. rogamos mais uma pouca de vigilancia com estes factos, e com todos os da igreja, que attenda que todos os erros praticados pelos seus subalternos recabem sobre sua cabeça, e que nossa religião tem decahido de sua alta preponderancia, e que o mal sahe d'onde não deveria sahir.

(Continúa.)

ECHO ELISIO.

Um Drama de Provincia.

Quando em 1850 visitei a minha terra natal e meus pais, ignorava, taes erão as illusões que me alimentavão então, que no centro de uma provincia aonde a sociedade não chegou a esse grão de civilização *exemplar*, que testemunhamos nas grandes cidades, ignorava, digo, que se podesse dar na primeira uma scena tão tragica como aquella que vou relatar-vos, meus leitores. Muito tempo a hei religiosamente conservado, receiando que a sua publicação ferisse a susceptibilidade de alguns dos leitores; porém como os factos são passados a duas mil e tantas legoas desta cidade, e como tambem pessoa alguma existe sobre quem a publicação destas linhas possa produzir o effeito de raio; vou descrever-vos esse acontecimento, de que, em parte, fui testemunha. Analisai-o.

A 15 d'Agosto de 1850, pela volta das dez horas da noute, achava-me com meu pai em uma casa da minha terra, em que todos os dias e d'esde muitos annos, meu pai ia passar algumas horas de distracção. Eu tinha chegado do Porto á poucos dias, por isso aproveitava-me tambem da liberdade que os donos d'essa casa concedião a meu pai, e com elle lá ia todas as noutes. Até aos doze annos frequentei sempre essa casa. Residia mais tempo n'ella do que na de minha familia. Se as pessoas que a habitavão erão tão boas e affaveis para mim! Se ellas acolhião-me com tanta bondade! E' bem natural que eu continuasse á aproveitar-me do favor que me outhorgavão, e mesmo porque então podia fazer com que a minha presença se tornasse mais agradável porque além de alguma experiencia do mundo, havia adquirido alguns conhecimentos. Erão como disse dez horas. N'essa noute pertencia-me o principal papel. Recem-chegado de uma terra, d'onde os donos d'essa casa são naturaes e da qual forão forçados a retirar-se por causa das commoções politicas que n'estes ultimos annos hão abalado o meu paiz; era muito natural que as perguntas se succedessem umas após outras, por que desejamos sempre saber da terra em que nascemos. No mais interessante da conversação, fomos interrompidos por violentas argoladas na porta principal d'essa casa. A maneira porque batião era tão desusual e inesperada, que por um movimento subito levantei-me e aproximei-me d'uma janella que ficava por cima d'essa porta. Quem bate? perguntei eu.— Acabão de certifi-

car-me que podia encontrar aqui o cirurgião F... é isto verdade, senhor? posso fallar-lhe? A resposta era dada com tal impetuosidade e afflicção que suppuz logo ser objecto grave e de circumstancia, por isso apressei-me em replicar: — E' com effeito verdade; a pessoa que procura está aqui.—Que felicidade! encontra-lo, e a esta hora! exclamou o desconhecido com effusão. N'este meio tempo meu pai, que era o cirurgião procurado, chegava á janella tambem. — Que manda, senhor? perguntou elle. — Venho encarregado pelo Sr. D.... de conduzi-lo n'este momento á quinta do *Corgo*, porque a Sra. D. Francisca foi accommettida á uma hora das dôres de parto, e como o Sr. D.... receia que elle seja trabalhoso manda-lhe pedir com instancia que me acompanhe sem demora. Tenho aqui uma cavalgada prompta, e poderemos partir já. — Immediatamente, disse meu pai voltando-se para dentro, e pegando no chapéo. — Vens commigo, Antonio? Pois não, meu pai, estimo bastante este passeio, a noute está muito bonita, e além disso nunca vi o Sr. D.... fallão-me tanto das suas excentricidades e gostos, que se me despertou o desejo de conhece-lo. Despedimo-nos das pessoas presentes e sahimos. A pessoa portadora do recado, esperava-nos com impaciencia, segundo advinhei por seus gestos. Deu-nos as boas noutes, ao que correspondemos. Como poderemos nós accommodar isto? disse meu pai para o desconhecido. Eu desejo que meu filho me acompanhe, não póde ir a pé por isso temos d'esperar que elle vá em casa sellar o meu cavallo. — E' inutil Sr. F.... respondeu aquelle; o tempo urge, toda a demora ser-nos-hia prejudicial, por conseguinte peço-lhe que se utilise do animal em que vim. Eu irei a pé.

Não esperei segundo convite, e repimpei-me em cima de um bonito e pequeno cavallo, mais bonito ainda pela mansidão. Já vêem os leitores que eu não era dos melhores na arte de equitação.

Partimos. A quinta de D.... é a meia legoa da minha casa. Está situada no declive de uma pequena montanha. O lugar é medonho, e confesso que se fosse em noute mais escura eu não me animaria a atravessar um bosque no qual os raios da lua a custo penetravão; passar um pequeno rio, subir uma ladeira bastante ingrime que domina esse rio, descer por fim uma encosta para chegar á casa em questão. Apesar do caminho ser de transito difficil, o creado de D.... tinha

tal pressa em chegar que nos levava sempre a dianteira. Tres quartos de hora depois de nossa sahida da casa de A.... batemos á porta da casa de D.... Logo que entramos conheci que a pintura que fazião da pessoa que a habitava não era desfigurada. Contavão-se tantas cousas d'este homem, a sua vida era tão extranha e mysteriosa, que todos lhe fugião, como se receiassem o seu contacto. A primeira salla em que penetramos, era, segundo as velhas tradições, um retrato vivo das da *Santa Inquisição*. Entrado que se fosse n'ella parecia que se respirava o ar empestado de que o dono da casa se achava corroido. Meu pai indifferente ás impressões que eu sentia então, acompanhava o creado, sem lançar se quer um olhar para as paredes sombrias d'essa salla, para seus moveis antigos e severos, e para tres ou quatro creados, que, sentados a uma das extremidades, não se dignarão dar as boas noutes. Entramos em outra salla á esquerda de um corredor, allumida apenas por um enfumaçado lampião, que lhe dava um aspecto lugubre. A' nossa entrada n'essa salla, uma pessoa que se achava n'ella, e que não tinhamos podido distinguir, levantou-se, e veio ao encontro de meu pai, comprimendo-o em seguida com um metal de voz que ainda estou em duvida se pertenceria a este mundo. Meu pai com um rapido olhar me disse que aquella era a pessoa que eu tinha desejos de conhecer. Olhei-a. Entrementes elle dava por mim, e interrogou meu pai com outro olhar. — E' meu filho, Sr. D...., chegou á dias do Porto, e deve partir em breve para a mesma cidade d'onde embarcará em destino ao Rio de Janeiro.—E' seu filho, heim? respondeu o Sr. D.... aproximando-se de mim, e pondo-me a mão sobre o hombro, cujo contacto me fez estremecer. — Então, Sr. F.... não o quer dedicar á medicina?

Não, senhor, respondeu meu pai; é tarde para isso, e depois, segundo me tem dito, não gosta da profissão de medico.—Pois admira que elle prefira uma carreira que apresenta mais inconvenientes e difficuldades em seguirl-a que a de medico, de que, quasi sempre se colhem bons resultados, mórmente quando ha intelligencia. — Não ha duvida Sr. D...., porém não quero forçar a vontade de meus filhos, aquillo que poder fazer por elles, fa-lo-hei com prazer; e com quanto repugne em deixa-lo partir, elle o pede com instancia, faça-se-lhe a vontade. — Póde ser que seja feliz, respondeu D.... sorrindo-se; tenho um irmão no Rio de Janeiro, e poderá fazer alguma

cousa por elle ; amanhã mandar-lhe-hei uma carta recommendando-o a meu irmão. -- Aceitarei de bom grado, e d'esde já lhe agradeço. Gemidos de dôr, e pouco depois um grito penetrante avisava meu pai de que não tinha vindo ali para conversar, por isso deu-se pressa em entrar para um quarto ao lado esquerdo, cuja porta aberta, permittia distinguir-se parte de uma cama e cortinados de cassa branca. Fiquei na salla ; não me era concedida a entrada n'esse quarto, nem o desejava ; era de sobra o que tinha visto.

Agora, leitores, vou dizer-vos a razão porque estremei ao contacto da mão de D.... no meu hombro. Além dos boatos sinistros que corrião a seu respeito, elle era dotado de uma phisionomia tão repugnante, que não me admirei do abandono em que jazia este homem. D.... tinha de 35 a 38 annos. De estatura alta, magro, pallido, cabellos e barba preta e espessa, nariz aquilino, sobranseiras arqueadas, mas sempre baixas, e olhos que parecião querer sahir das orbitas, tal era a maneira porque os fechava.

Rio, 3 d'Agosto de 1854.

(*Continúa.*)

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.



A Religião.

E' despertado pelo prazer que nos inspira quatro artigos, que, sob este titulo, temos lido nas columnas desta folha, nas quaes vemos pôr a descoberto os immensos abusos infelizmente tão arraigados entre nós, para com a religião de nossos pais, e que de dia em dia vão em augmento, não podemos esquivar-nos de louvar o seu author, pela digna tarefa a que promete dedicar algumas horas de locubração, do que, principalmente na época critica em que nos achamos, mui favoraveis resultados poderá obter a nossa sociedade, já tão dominada pela corrupção e pelo vicio, e que, a passos agigantados vemos caminhar em labyrintho para um insundado abismo de males, no qual, não precisarão seculos para que irremediavelmente a vejamos perdida se como até aqui não houver um freio que de veras se opponha á sua desregrada carreira ; e ai ! de nós, todos, então ; mas, principalmente desses

em cujas mãos estiver o terem podido obstar tantas desgraças ; ai ! de nossos prelados, que não chamão ao dever que impõe a religião os seus rebanhos deixando germinar n'elles o atheismo ; e que muitas vezes são os primeiros a dar os mais abominaveis exemplos ; porque a colera de Deos será infallivel !

Temos, entre nós, a peste ceifando innumeradas existencias ; a fome estamos já vendo o seu principio, e quem sabe o horror que bem proximo nos espera ; a guerra tambem existe, longe de nós, por ora, sem duvida ; mas quasi todo o mundo está sentindo os seus effeitos, pouco mais ou menos : e não podemos mesmo dizer que seremos livres della ! A' vista pois, destes tres tão terribes cancores, quem poderá negar, que isto, seja um castigo que sobre nós pesa desse Deos que desceu á terra, para, á custa de seu precioso sangue, romindo-nos do peccado original, abrir as portas do Paraíso e que, em recompensa de tudo isso estamos olvidando os seus mais sagrados preceitos ? Ninguem, por certo Lo-lo poderá negar ! O domingo que elle nos deu para descanso moral, para a pratica, a penas, das obras espirituaes em que deveriamos ir aos pés da cruz, em que foi cruelmente martyrisado, implorar perdão das culpas commettidas, durante os seis dias antecedentes ; e quando a pós do ouro vil, os empregamos em trabalhos profanos, as vezes as mais arduas ; é quando procuramos os mais torpes passatempos ; é emfim, quando mais as ignominiosas culpas commetemos sem que, ao menos, ao passar pelo portico de um templo, nos lembre tirar o chapéo !

Se, porém, entrarmos n'esse templo : o que vemos ? O maior desrespeito que póde haver n'um lugar d'esses e perante Imagens tão augustas como as que o adornão ahi veremos ao lado um ou mais grupos de jovens, distrahiendo com sardonicos sorrisos de vez em quando os devotos ou devotas ; e muitas vezes oh ! miseria ! No momento mais respeitoso do sacrificio da missa ; ei-los advogando qual das damas que ahi se achão é mais bella ; tratando das orgias em que devemos figurar n'esse dia ; abocanhando um honrado pai de familia, difamando a donzella que não cedeu a seus desejos infames, etc., etc.

Ah ! quanto tivemos mais para dizer, mas trememos de horror, nossa mão desfallece e a penua nos cahe !

Terminaremos este mal redigido artigo sau-

dando esse novo campeão da imprensa e que Deos, por quem pugna, o ajude na carreira que tão bem sabe encetar.

Rio de Janeiro, 5 de Novembro de 1855.

DEOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

O Amor Proprio.

O amor proprio é o mais docil, o mais flexivel e o mais engenhoso dos proteus, intromette-se, e liga-se, com tudo, e com todos; tira de tudo partido, tudo aproveita, e de nada desdenha. Companheiro da infancia, cresce com o homem, mas não envelhece com elle, porque sobrevive a suas paixões, e parece herdar os seus gostos. Na juventude, seu thema favorito é a graça, na idade madura, é a razão, e na velhice a experiencia. Com elle, o homem mediocre pretende ser sabio, o de espirito, pretende ser um genio, e o homem superior, universal. Assim que as qualidades fallão, assim que não ha verdadeiro merito, procura fazer troca com os defeitos; chama á avariza, economia, á profusão, generosidade, á colera, veracidade, ao arrebatamento, e quasi brutalidade, franqueza. Aquelle que algum tempo tinha vaidade de suas forças, e de sua saúde, hoje vos entretém, como para levar-vos á compaixão, com a sua delicadeza, e mesmo com seus soffrimentos e procura convencer-vos que a causa é facil de achar-se em sua sensibilidade. Finalmente o amor proprio é tão variavel, e tão cheio de peripecias, que faz na idade de 30 a 40 annos, diminui-la para se parecer joven, e quando se chega aos 80, augmentão-la para fazer admirar a longevidade.

E' portanto o amor proprio mui proximo parente da hypocrisia, e se esta é descendente, é sobre maneira degenerada, e em tal caso a termos de preferir, quereríamos aquelle, porque parece um sentimento que tende a encobrir a nós mesmo, nossas miserias; enquanto a outra tende a enganar o proximo encobrendo-as a alheias vistas, sem ser-nos estranhas, querendo dellas tirar partido, em prejuizo de outrem.

A. M. S. B.

Anhelos d'uma viuva.

Da Santa Virgem do Carmo
Ante a Imagem ajoelhada
Estava triste viuva
D'amargo pranto banhada.

Os olhos na Imagem fitos
Ella tinha as mãos unidas,
Estas palavras dizia
Por soluços interrompidas :

« Vêde, minha Santa Virgem,
« Um crime cheio d'horror !!!
« Da morte de meu marido
« Um monstro foi causador !

« Um monstro por amor d'ouro,
« Seu credito quiz denegrir,
« E c'o punhal do desgosto
« Pôde seu peito ferir.

« Mas permittireis, Senhora,
« Que o algoz de meu marido,
« Que esse monstro deshumano
« Pelo céu seja punido.

« Que esse vil escravo d'ouro
« De meu marido assassino,
« Zombando das leis humanas
« Não zombe do Juiz-Divino.

« Venha pois o seu castigo
« Das justas mãos do Senhor,
« Seja elle breve punido
« D'esse seu crime d'horror !

« Que com esse mesmo ferro.
« Que ferio a meu marido,
« Segundo a sagrada lei
« Seja elle tambem ferido.

Então a triste viuva
Pelo seu marido orou,
E sua alma á Santa Virgem
Com fé pura encommendou.

Depois d'esta scena triste,
Um anno havia passado,
Os jornaes annunciarão
Um homem suicidado.

Era o mesmo que á viuva
Causára a perda fatal
Porém como seu marido
Tivera uma morte igual.

Teve pois o justo premio
Do crime de que era réo
Zombou da justiça humana
Mas não zombou da do céo.

ANTONIO THOMAZ D'AQUINO.

Amanhã.

*De tormentos me dar não cessa a sorte!...
Quer, que em quanto eu exista sobre a terra
Sem que morra, constante dar-me a morte!!*

(M. A. F. DA S.)

Amanhã, dia infausto e terrível
Vão-me os risos dos labios fugir,
Os prazeres que tenho fruido
E então hão de deixar de existir;
E occulta uma dôr em meu peito
Far-me-ha mil tormentos sentir.

Amanhã heide a lyra tangendo
Fracos threnos só d'ella extrahir,
E meus olhos volvendo á natura
A natura não hade existir;
E uma dôr em meu peito gravada
Me fará mil pezares sentir.

Amanhã heide vê-la qual Anjo
A meus olhos risonha fugir....
Iracundo quizera hoje mesmo
A minha alma do seio expellir!
Inda o dia eu verei de amanhã
A fazer-me mil magoas sentir!?

Amanhã dia triste e asiago,
Ficarei e ella hade partir,
E não sei outra vez quando os risos
Em meus labios poisar hão de vir;
Pois sómente quando Ella voltar
Heide novos prazeres sentir.

JOSE' DE MORAES SILVA.



O emigrado.

Minha irman, como é triste esta vida,
Tão distante da terra natal;
Não te lembrás dos dias passados,
Lá nas varzeas do bom Portugal.

Não te lembrás da nossa montanha,
Do ballido da ovelha gentil,
Quando á sombra do velho carvalho,
As manhães se passavam d'Abril?

Não te lembrás do lago sereno,
Onde um cysne se vinha banhar,
Com que os ledos meninos da aldêa
Vinhão todos na margem brincar?

Minha irman, não te lembrás d'amiga,
Companheira de nós, infantil,
De Lucinda de louros cabellos,
Com seus olhos celestes d'anil?

De Lucinda, a formosa, a ingenua,
De Lucinda de meu coração,
Que o bom padre da nossa igriginha
Queria dar-me em sagrada união.

Minha irman, minha irman, quem me dera
A montanha e o carvalho real,
E Lucinda por minha esposada,
Lá nas terras do meu Portugal.

Rio, 20 de Agosto de 1855.

B. P.

Reflexões moraes.

Por mais cuidado que haja em encobrir as
paixões com apparencias de piedade e de honra,
ellas se mostrarão sempre atravez destes véos.

— Custa mais ao nosso amor proprio a soffrer
a contrariedade de nossos gostos, que a de nos-
sas opiniões.

D. DE LA ROCHEFOUCAULD.

Typ. de F. A. DE ALMEIDA, rua da Valla n.º 141.

Fragmento

DAS NOUTES NO PRESEYTERIO (OBRA INEDITA).

O padre narra como, n'uma noute, em que viajava no Mediterraneo, se resolveu seguir a vida ecclesiastica, e ir á Palestina.



A seguinte noute quando já as estrellas seineadas escassamente no firmamento,

esparzião todo o seu brilho atravez das sombras, que naquella noute erão mais densas, o padre com sua voz grave e maviosa continuou :

« Um dia, por estas horas, em que viajava pelo Mediterraneo, quando já as costas da Italia tinham desaparecido, e as da Grecia ainda se não avistavão, o tempo estava bonançoso, e o navio, reflectindo-se na agua, navegava pacificamente. Tudo estava em silencio no convez, que eu tinha mandado a gente do quarto para a coberta, apenas ao leme um velho marinheiro, olhando ora a bussulla, ora o velame, dirigia cuidadosamente o rumo. Fui sentar-me á proa, e levado por um ataque de melancolia, que ás vezes me affectava desde que sahira da patria, tristamente me puz a meditar. Nem uma véla, nem um fanal luzindo ao longe se divisava no horisonte ; maga solidão na immensidade do mar por toda a parte me rodeava, e havia doçura e melancolia no ermo panorama.... mas ermo não, que mil estrellas no firmamento scintilavão fazendo reflectir seu brilho nas verdeadas ondas, e a lua maviosa esparzindo sua luz suave nas vagas, que ternamente umas ás outras se beijavão, passava melancolica entre as nuvens aniladas.

« Nada fallava dos homens, e qualquer os teria esquecido; ali, tudo era grandioso e immenso, no homem, tudo é pequeno e vil, a não ser a alma ; olvidava-se a terra e a sua miséria, e pensava-se em Deos e na sua sapiencia.

« Esqueci completamente esses monumentos, que tinha visto entre os humanos, e não pensei mais que nas grandiosas maravilhas que se me

patenteavão. O firmamento cravejado de estrellas dizia-me : a Omnipotencia de Deos é incomprehenivel, estas maravilhas que aqui se apresentam são provas irrecusaveis de sua grandeza. E o mar com suas ondas innumeraveis, agora em calma, deixando-me passar livremente, mas que logo se agitarião promptas a tragar-me, dizião-me : Deos é infinitamente justo, e assim castiga o mal e premia o bem.

« Tudo fallava de Deos e da Eternidade ; tanto a lua sempre regular em sua marcha nas ethereas regiões, como a vaga que constante se rolava de uma á outra extremidade do horisonte ; tanto as estrellas fulguerosas, como as ondas verdeadas ; tanto a amplitude do firmamento que circularmente se apresentava, como a vastidão do mar que parecia servir-lhe de base.

« Eu pensava na outra vida, e dizia comigo : — Lá serei feliz, feliz, como agora o não posso imaginar ; que valem pois, todas as minhas tribulações na terra comparadas com a paz no Céu ? que vale o meu soffrer de alguns annos para uma felicidade eterna, que valem os prazeres deste mundo para a bemaven'urança do outro... — Ah ! corra depressa meus dias na terra, que quero gosar a eternidade no Céu !... — Mas serei digno della ? (dizia eu desanimado) poderei entrar na morada feliz dos anjos e dos justos, eu o desviado da vereda do bem ?

« E depois de joelhos, com os olhos inundados de lagrimas, com as mãos levantadas ao Céu, implorei a misericordia de Deos, implorei-lhe com todas as minhas forças um reflexo de sua graça. Pouco a pouco meu coração se foi acalmando, que a Providencia havia me escutado, e senti um inefavel goso em minha alma ; recordei-me de toda a minha vida passada : de meus amores quando estudante, de minhas devassidões quando sahi da Universidade, da carta de meu pai, de minha conversão no Templo, da visita á portaria do convento, onde ella morreu. então empalideci e com as mãos tremulas estreitei d'encontro ao coração sua negra trança, que tinha junto ao peito ; mas depressa a Religião venceu o amor, e pedindo perdão a Deos de haver interrompido minha intima confissão, continuei a recordar meus pensamentos e acções desde a sahida da minha patria ; balanciei minhas culpas e meu arrependimento, e prostrado inteiramente sobre a proa, com a alma compungida e cheia de fé implorei a absolvição de Deos ; fiquei assim por algum tempo esperando que

alguma coisa me revelasse a vontade Suprema, até que alfim pareceu-me ouvir uma voz que no interior me dizia : --- Segue a esteira do bem e Deos te perdoa. --- Então levantei-me satisfeito, a absolvição de Deos havia-me totalmente socego

« Só uma coisa me agitava ainda, era que vida mais agradaria ao Senhor.

« Eu era rico, podia fazer a felicidade de uma mulher, educar meus filhos tornando-os tementes a Deos e serviços á patria.. Mas *ella*, a donzella que havia morrido, e que tanto me amava !... possuia ainda de tal maneira meu coração, que eu conheci mui difficil me seria amar outra mulher. E assim resolvi entrar na vida ecclesiastica; a minha familia já não serão só os meus parentes, serão todos os infelizes, todos os desgraçados. A igreja seria a minha esposa, e meus filhos serão todos os Christãos, toda a humanidade.

« O peso era mui grande, só ajudado com a misericordia de Deos me resolvi a tamanha empresa.

« Representar a Christo na terra era alem de mim, mas resolvi votar todos os meus pensamentos aos infelizes, todas as forças de minha alma aos desgraçados. Desmaei, mesmo, lembrando-me das contas que depois teria de dar a Deos; do que em seu nome, do que, como sacerdote seu tivesse praticado; mas confiei inteiramente em sua graça, em sua protecção. Compreendi que o dever de um padre não era só officiar na igreja, glorificar a Deos na ara do Templo; compreendi, que por santa obrigação, elle devia, ainda mais, visitar a morada do infeliz, e levar ahi a esperança e a fé, do que o Templo onde vai o crente e o feliz, onde o padre é apenas um ministro que testemunha a Deos a glorificação que lhe rendem os homens.

« Resolvi quando fosse padre levar minha vida unicamente a dar consolações aos infelizes, a praticar o bem para chegar a ser uma leve sombra de Jesus Christo. Compreendi que devia acarinhlar os pobres, como a ave acarinha os filhos, que devia dar-lhes o pão que quasi me fosse preciso, como o pelicano dá aos filhos o seu sangue. Compreendi que o ser padre não era um modo de subsistencia para si, mas sim, para a dar aos outros; que de todos os homens na sociedade quem mais deveres tinha a cumprir era o padre, quem mais exemplo de fé, de esperança e de caridade tinha a dar era elle; que a sua

habitação devia ser a habitação do infeliz; que por onde elle passasse fosse como uma chuva benéfica, um esparzir de esmollas e de consolações.

« Bem firmada esta resolução em minha mente, fiado na misericordia divina, e pensando que esta seria a vida que mais agradaria a Deos, resolvi, antes de o representar, passar á Palestina e contemplar os Lugares Santos onde passou o Salvador do Mundo.

« O Céu favorecia minha viagem, um vento do Oeste nos levou ligeiramente sobre as aguas do Mediterraneo: avistamos ao longe o cabo de Matapan na costa meridional da Grecia, passamos ao sul da ultima das Jonias (*), nas quaes o pavilhão da velha Albion tremula com ar de enfática protecção, vimos ao longe a pequena Nio onde fica o tumulo de Homero, passamos ao norte da celebrada Creta outr'ora, e da Candia hoje, que os sectarios de Mafoma conquistarão a Venesa, e lá muito em cima, ao norte, perdida entre as pequenas ilhas, que cobrem aquellas paragens, fica Pathemos, onde o Apostolo S. João desterrado por Domiciano, que para se entreter atirava á frecha sobre seus escravos, escreveu o Apocalypse. Deixamos ao sul Scarpanto com seu solo montanhoso e fertil, e fomos refrescar a Rhodes, onde a custo entrou o meu navio por esse porto onde outr'ora na antiguidade campeava o espantoso colosso de bronze, que em pedaços 900 camelos levarão para a Alexandria; ali habitarão os Cavalleiros de S. João de Jerusalem, sustentando cercos dos quaes um durou cinco annos, até que por fim, depois de um em que os Turcos perderão cem mil homens, Solimão tomou a ilha, e os Cavalleiros fugirão para Malta, que o Imperador Carlos V lhes cedeu. Ah! é mais doce fallar do passado do que do presente desta ilha, agora está pobre e abandonada. De Rhodes fui a Chypre, onde tambem os Cavalleiros estiverão por dezoito annos. Chypre, outr'ora rica e poderosa, jaz tambem em abandono. S. Paulo por muito tempo ali apostolou. Demorei-me apenas algumas horas e fizemos de véla para a Palestina.

Lisboa, inverno de 1854.

BERNARDINO PINHEIRO.



(*) Ilha Cerigo.

A queda de Cápuia

(Continuação)

XVI.

Deu-se o banquete na casa d'um rico particular da cidade; Annibal estava rodeado pelos principaes senadores, que se esforçavam, por exprimir-lhe em nome do povo, seu reconhecimento e sua dedicação. Era porém, nesta occasião, em que o general com toda a seguridade s'entregava á confiança que taes disposições o fazião experimentar, que sua cabeça estava ameaçada de um perigo maior do que todos os que correu em Cannas, Trasymene, na passagem dos Alpes, e do Apennino.

Do pequeno numero dos partidarios de Decius-Magius era um mancebo de nome Perolla, que só se distinguia por ser filho do famoso Pacuvius. Tinha-se sempre declarado, abertamente pelo partido de Roma; nem a consideração de que seu pai gosava, nem a torrente da opinião publica, tinhão podido faze-lo variar: estava constantemente em companhia de Magius. Com muito trabalho, Pacuvius, o arrancou de lá, e máo grado seu, o apresentou a Annibal e confessando o erro de seu filho, sollicitou o perdão. O general concedeu-o sem hesitar, a um velho d'um tal merito, prometeu ao mancebo de o recompensar, se se votasse a seus interesses, e para lhe dar um primeiro testemunho de sua benevolencia o convidou á ceia que lhe davão. Perolla ouviu tudo em silencio, e não ousou contradizer seu pai, mas por mais esforços que Annibal fizesse, obstinou-se em nada comer.

Ao pôr do sol, tendo Pacuvius se alongado por um momento, o filho seguindo-o, levou-o a um jardim, e disse-lhe no tom da mais intrepida firmeza: « Meu pai, vós me deshonrastes, e en-
« ganastes Annibal. Acreditaes, vós, que jámais
« eu possa abraçar o partido d'um homem que
« sob a apparencia da liberdade vem pôr-nos a
« ferros? Acreditaes vós que eu partilhe a ce-
« gueira d'um povo infrene, que corre á sua
« ruina?! A patria está perdida se não correr-
« mos em seu soccorro. Eu não vejo senão um
« homem que o possa fazer, e senão um meio a
« empregar. Este homem sou eu, e o meio
« eil-o. » A estas palavras abriu seu roupão e mostrando um punhal preso á cinta. « E' este
« punhal, accrescer-tou, que deve restituir á Cá-
« puia a honra que perdeu, é elle que deve re-

« conciliar-nos com Roma; é o sangue d'Anni-
« bal que deve expiar nossa horrivel perfidia.
« Mas eu prevejo muito bem as consequencias
« que deve ter um tal acontecimento, para não
« sentir o perigo que vós podeis correr: assim
« pois, meu pai, fugi, fugi, o mais depressa que
« poderdes e ponde-vos em segurança.

O velho tremiu: a ingenuidade de seu filho o espanta, e sua coragem o encanta, mas sua resolução o horrorisa. « Oh! meu filho! exclamou, será pois pelo mais negro attentado que
« teu braço fará um primeiro serviço á tua patria? Fostes tu que concebestes esse horrivel
« projecto, ou és só o culpavel instrumento?
« Se sómente estás cego, abre os olhos, olha ao
« redor de ti, e diz, que vantagem póde resultar
« de uma tal empresa. Vede essa multidão de
« partidistas e d'escravos que rodeião Annibal;
« vede quantos olhos estão fixos sobre elle, quan-
« tos braços se movem ás suas menores ordens,
« e tu quererias atravez dessa turba ir atacar,
« só, aquelle diante do qual tremem exercitos
« inteiros, e que faz tremer a propria Roma?
« Que terrivel vingança não deveria esperar uma
« cidade, onde se tivesse commettido um tal at-
« tentado?! E acreditas tu ter salvado tua patria
« fazendo perecer até os ultimos de teus conci-
« dadãos? Ha outros motivos tambem sagrados,
« esse tratado que acabamos de concluir, esses
« juramentos dos quaes tomamos os Deuses por
« testemunhas, os inviolaveis direitos da hosi-
« talidade, e essa confiança com que Annibal se
« atirou entre nós, tudo isto não basta? Olha
« teu pai, emprega nelle o ferro e o assassinio
« para salvar esta mesma patria cuja tu desco-
« nheces os verdadeiros interesses! Deveria elle
« esperar de vêr o assassino em seu proprio
« filho?! Se meu exemplo, se minha ternura,
« se tudo quanto ha de mais santo não póde te
« abrandar, vem, joven insensato, emprehende
« atravessar o coração d'um heroe que acabou
« de perdoar-te, ainda á pouco, mas seja atra-
« vez do corpo de teu pai, que lhe servirá d'es-
« cudo. »

A estas palavras elle fixou sobre seu filho um olhar desses que um pai nunca usa em vão. Viu seu coração commovido, e seus olhos arrazados de lagrimas. Tomou-o nos braços, apertou-o com ternura, e o mancebo ficou desarmado. Perolla tomando o punhal o arrojou longe de si: « E'
« ao meu amor por meu pai, que eu sacrifico o
« amor de minha patria, exclamou. Mas só vós

« sereis capaz de o obter de mim, vós sois tam-
 « bem o unico responsavel da desgraça que nos
 « ameaça. Guardai, meu pai, guardai esse ferro
 « que devia livrar-nos d'um tyranno, possaes vós
 « um dia não vos accusar de nossa escravidão ! »
 Fallando assim, voltou á salla onde se dava o
 banquete, e retomou tranquillamente o seu lugar.
 Sem a mediação paternal, os annos da Italia teri-
 rião de registrar o assassinato mais memoravel, e
 o joven Perolla teria figurado na historia a par de
 Mutius Scevola.

(*Continúa.*)

Traducção de A. M. S. BANDEIRA.



Meditação sobre Poesia.

O que é a poesia, senão esse meio que Deos
 concede ao homem de expressar as paixões que
 lhe fervem no centro d'alma ? senão o transborde
 d'essas paixões que se dilatão na alma, quando
 o sol da razão começa a raiar no oriente da vida ?
 senão a filha das mesmas paixões quando dila-
 tadas a um ponto excessivo não cabem no pe-
 queno vacuo da alma humana ? E á vista disto
 dirá alguém que não existe poesia em todas as
 creaturas igualmente ? Seria o mesmo que dizer
 que o ignorante, que o rustico, e mesmo que o
 stulto são insensíveis ao amor, á amizade, á ad-
 miração, ao odio e a todas as paixões que domi-
 nã o homem na carreira da vida. E na verdade,
 que homem haverá ahí que não tenha sentido
 seu espirito tão elevado, sua alma tão arrebatada
 por qualquer paixão, que não sinta ao mesmo
 tempo o desejo insaciavel de comunicar aos
 outros aquelle sentimento que o domina ? E se-
 nã o communicasse estalaria de pena, porque o
 vacuo da alma é mais pequeno que a paixão que
 nelle pullulla ; mais uma prova que o homem foi
 creado para viver em sociedade. E qual é a lin-
 guagem que o homem procura, quando pretende
 exprimir a paixão que o agita ? Será essa lin-
 guagem fria e inerte que elle aprendeu no berço
 e que usa a cada passo para exprimir pensamen-
 tos e idéas triviaes ? Não ; elle vai buscar uma
 linguagem tão elevada, como a paixão que quer
 exprimir ; tão forte e tão energica, que grave no
 coração de seu semelhante a mesma impressã, que
 elle tem gravada no seu.

Mas acaso o rustico, e aquelle a quem a rhe-
 torica não ensinou suas figuras, e seus embelle-

zamentos estará impossibilitado de exprimir com
 tanta eloquencia a paixão que lhe ferve n'alma ?
 Que digão os Homeros, os Virgílios, e outros he-
 roes, que já erã magníficos pintores da nature-
 za, antes que a arte lhes sugerisse suas regras.
 Quem ensinaria aos primeiros poetas do mundo
 as regras da arte para elles exprimirem a admi-
 ração que lhes causavã as maravilhas da natu-
 reza ? Acaso a natureza depende da arte ? ou
 será a arte que procede da natureza ?

E quantos homens a quem a arte ensinou to-
 das as suas regras, a quem a rhetorica ensinou
 a cultivar todas as suas flores, lhes falta a ma-
 neira eloquente de expressar os affectos da alma ?
 Quantas vezes vemos um mendigo que se cança
 pintando-nos com palavras uma miseria excessi-
 va que o persegue, e nada somos tocados de
 seus ditos, ao passo que outros com um mero
 gesto nos excita a compaixão e lhe damos a
 bolsa ? Quem nos disse que este necessitava mais
 que aquelle ? Quem nos ensinou a desprezar
 toda a arte, e industria do primeiro, e atten-
 dermos a um gesto natural do segundo ?

Vemos por tanto que o homem abraça em tu-
 do a natureza, e que a arte occupa um lugar se-
 cundario. A natureza é obra de Deos ; a arte
 obra dos homens ; por tanto esta menos perfeita
 que aquella, e aquella mais agradavel ao espirito
 do que esta.

E com taes exemplos haverá quem diga que
 só é poeta o homem, que sabe exprimir um pen-
 samento com certo numero de palavras sujeitas a
 terminarem de uma certa maneira, e tendo certo
 numero de syllabas, se tudo isto são pês ao pen-
 samento, que é vago e não admite restricções ?

O homem nasce neste mundo, vive na infan-
 cia como se não vivêra, não contempla as mara-
 vilhas da natureza, por que a razão ainda lhe
 não começou a dirigir os pensamentos, vai cam-
 inhando atravez da senda da vida sem saber
 qual é o ponto a que se dirige, nem os barrancos
 que encontrará no caminho ; não reflecte na jor-
 nada e sómente anda por um instincto que Deos
 n'elle gravou : mas quando no meio da jornada
 a luz da razão lhe começa a allumiar o entendi-
 mento, começa elle tambem a ver no futuro a
 doçura da esperanza, começa a formar certos
 designios, e a tomar um rumo não tão vago ;
 mas a luz das paixões é mais forte, seu resplen-
 dor deslumbra o entendimento e offusca a razão ;
 vem o amor com um brilho offuscante, com um
 calor que abrasa, vem raiar na estrada ao via-

jante, que já andára metade d'ella, fal-o mudar de rumo, e muitas vezes pelo caminho do erro, e elle lá vai cego sem ver o despenhadeiro onde vai precipitar-se, porém confessa-se vencido por aquella paixão forte, e sente logo em si um desejo immenso de derramar na alma dos outros aquelle sentimento que já não cabe na sua. E como derramará elle uma paixão que julga, e que é na realidade, inspirada por um Ente sobrenatural, senão com uma linguagem que pareça também inspirada e sobrenatural? E o que será essa linguagem senão poesia? Como representará elle o seu amor a esse ente, que lh'o infundio senão com uma linguagem terna e amorosa? E o que é essa linguagem senão poesia?

O náuta que se viu n'um perigo immenso no meio do oceano prestes a ver seu navio devorado pelas vagas, qual será o seu primeiro cuidado quando chega a terra, senão o communicar aos outros o perigo em que se viu? Acaso não sente elle em si uma força sobrenatural, que o obriga a representar aos outros o que elle mesmo sentio? E o que é essa força senão a poesia filha do terror que transborda em sua alma? E acaso deixará elle de se expressar quando não tiver aprendido as regras da metrificacão? não, que a natureza não espera pela arte; e se esse homem for pouco eloquente, embora tenha toda a arte que lhe é necessaria, jamais conseguirá o fim de affectar os outros da mesma paixão que elle sente.

Um homem, que nascesse e fosse creado até certa idade no meio de um deserto, e que na idade da razão fosse levado a uma capital, onde visse um monumento d'esses, que são contados entre as maravilhas do mundo, de certo elle sentiria em si a admiração levada ao seu auge; e como a paixão seria maior que o vacuo de sua alma elle não se poderia conter sem ao menos dizer « Oh! » E não terá esta palavra simples e natural uma eloquencia bastante para mostrar aos outros a paixão que elle sente? Depois quando chegasse ao seio de sua familia elle sentiria o desejo de contar: e como se expressaria senão com palavras onomatopicas articuladas com um tom magestoso? não usaria elle de gestos arrogantes? e não procuraria um semblante cheio de magnanimidade? não usaria de repetidas interjeições, e de uma linguagem subida e cheia de figuras? E quem lhe ensinou as figuras de que elle usa? Quem lhe disse que ellas se deviam empregar em tal assumpto? Foi a gram-

matica? não que elle nunca a vio. E a grammatica, não tiraria ella suas regras da natureza, que a cada passo se vê em taes exemplos? sem duvida.

Por consequencia deve todo o homem nunca perder de vista taes reflexões; deve-se lembrar que as mais naturaes producções dos poetas são as primeiras, quando elles ainda não conhecem compendios de metrificacão nem regras de oratoria; então o pensamento está solto, nada tem que o prenda, vòta, eleva-se ás nuvens e chega a toda a parte, e se o poeta tem talento verdadeiramente poetico, zomba da arte e sua producção é sublime porque é toda natural, e se tem alguma arte, é propriamente sua, e filha das observações da natureza.

Camões compoz varias obras em poesia. E qual é a que mais nos agrada? Os Lusíadas, porque ainda que ali ha arte, comtudo a natureza a excede, e o poeta nos seus episodios zomba das regras da arte para apresentar a natureza tal qual lhe foi inspirada. Não custaria muito mais ao grande poeta umas insipidas sextinas, que imitou de um poeta toscano, que nos causão tedio a ponto de as deixarmos no meio, do que qualquer dos episodios do grande poema, que nos extasião e nos magnetisão? sem duvida. E merecerá esse poeta toscano o nome de poeta, quando foi elle quem edificou mais uma barreira ao pensamento? Que credito merecerá esse homem, quando é elle quem nos limita a expressarmos o pensamento já sujeito a todas as regras da antiga metrificacão; e de mais a mais condemnado a usar de certas e determinadas palavras, repetidas mil vezes de diferentes maneiras, e mesmo essas repetições sujeitas a regras? O poeta portuguez compol-as, mas de certo foi somente para mostrar engenho; e se a historia nos não dissesse que erão suas, mal o acreditaríamos.

Lisboa, 14 de Fevereiro de 1854.

JOÃO VICENTE LEITÃO.

Poesias.

I

O POETA.

O Poeta é um ente mysterioso que Deos envia á terra; a sua alma é uma porção mais querida da Divindade, mais infeliz no mundo que os outros homens por que em seu peito mais saudades alimenta da celeste patria.

Dante e Byron tem o vôo da aguia, elevão-se ao céu, como querendo para lá voar e afrontão os raios do sol. Jeremias e Milton chorão, lamentão como o pelycano lamentaria os seus filhos, um as ruínas de Jerusalem, outro a perda do Paraíso.

O Poeta é o ente mais infeliz da terra, que jamais encontra quem possa comprehende-lo; a sua vida é arida, como os plainos enchofrados da terra maldita, e é risonha e verdejante como os jardins floridos que os primeiros pais habitarão.

Ama um ente desconhecido, que nem seus cantos sabem definir, nem seu coração comprehender, a uns se lhes apresenta sob a forma de uma mulher de rosto e de figura angelica, a outros é um ente fantastico que crião na imaginação.

A solidão é o lugar mais querido do infeliz que teve por partilha o genio, ahí, falla com as aves e com as flores, com as correntes e com as plantas, ouve e comprehende na sua alma o rugido longinquo do leão e o gorgueio suave do rouxinol.

Alguns homens chegão a encontrar a felicidade, o descanso, a tranquillidade na terra, o Poeta só depois, de ter deixado seu corpo no sepulcro, é que a vai encontrar no céu.

II

O QUE EU MAIS AMO.

Eu amo, nas noutes do estio, ir sentar-me n'um serro junto ao mar, e vendo a lua e as estrellas reflectirem-se nas vagas, pensar nas horas afagadas pelo amor, que passei na minha patria.

Amo, encostado ao tronco esguio da palmeira, ouvir o melodioso canto do sabiá, que se balança no ramo extremo d'uma frondente mangueira, e ouvir o susurro suave da fonte que derramando suas aguas pelo valle o enche de frescura e amenidade.

Amo, nas horas em que o sol se vai mergulhando no oceano, repetir com ternura e saudade as apaixonadas rimas que Petrarca eudereçou a Laura, os idyllos saudosos e mestriosos dos pastores do Tejo cantados por Bernardin.

Amo, perdido na profundidade das florestas, adormecer n'um berço de relva, e ser no dia seguinte acordado pelos raios suaves da estrella d'alva, e pelos sons distantes do sino do presbyterio que chama o christão á missa santa que precede a lida.

Porém o que mais amo, é ao cahir da noute depois de um afadigado dia, entrar na cabana do desgraçado, do infeliz e levar-lhe alivios, consolações, e pão, então minha alma se deleita e adormecida nas azas brancas da Caridade passa a noute embalada por fagueiros e innocentes sonhos.

III

O CANTO DO BARQUEIRO.

Incha minha véla, oh vento do norte, e leva-me rapido sobre as vagas, que a noite já baixa e eu quero ir sentar-me no meu lar.

A última onda que saltou no meu batel molhou-me as vestes, esfriou-me o rosto, sopra, vento do norte, que quero ir aquecer-me na minha cabana.

Que vida incerta esta vida de barqueiro; o lago está calmo e tranquillo apenas o agita os pésinhos da ave que pousa na onda.

Apenas o agita o pequeno peixe que vem á superficie da agua, pois nem sopra brisa e são os remos que fazem mover o barco.

E de repente dos confins do horisonte o furacão sopra horrivel, enredomoinha as vagas e o lago é um pelago espatoso, um abismo infernal.

Umaz vezes o pobre barqueiro não pôde alcançar a praia e sossobra no meio do lago, outras o furacão o lança sobre um rochedo em naufragio horrivel.

Mas agora o vento me é fagueiro e amigo, elle incha minha véla, e em breve chegarei, para descansar de mil fadigas, á cabana de colmo.

Apertarei minha esposa e meus filhos em meus braços e em mil beijos que lhes darei a innocencia e a paz da sua alma se derramará na minha.

IV

O MEU TUMULO.

Quando a morte me vier cortar a vida, minha alma voará ao céu, mas meu corpo ficará na terra, e para elle eu quizera um tumulo.

Se alguém existir que me dedique amor, ou amizade, respeito, ou compaixão, eu lhe peço do intimo da alma que mande cavar meu sepulcro.

Eu quero-o na encosta de um monte, quasi nas abas, junto ao valle, longe das estradas e onde o sol lhe não vá bater de chapa com seus tão vivos raios.

Uma pedra raza onde mandareis gravar uma lyra encostada a uma cruz, e plantareis á direita da lousa um chorão e á outra um cypreste.

De dia o solitario, ou o poeta, procurando a solidão hão-de ir encontrar meu tumulo e um presentimento lhe dirá na alma: — foi bem rapida a sua vida.

E á noite o rouxinol virá pousar-se u'uma das hastes do chorão, e entoará uma melodia mui triste que contará em seus gorgeios os soffrimentos de minha vida.

BERNARDINO PINHEIRO.

As tres seguintes poesias de tão esmerada dicção são obra de um mancebo de mui poucos annos ainda ; mas que n'ellas mostra o profundo conhecimento que já tem da nossa lingua ; forão-nos por elle enviadas de Lisboa, pelo ultimo paquete, e apenas cedendo a suas vivas instancias deixamos com muito sentimento de publicar o seu nome.

A Primavera e o Outomno.

O tempo chega , em que o dourado Bromio
Do camponez alegre affaga os olhos ,
Entre os virentes pampanos brincando :
Os troncos vão perdendo o verde ornato .
Que abrilhantava outr'ora as espessuras.

Aos amantes, já pobres, inda off'recem,
Annosos freixos corpulenta sombra ;
Não morres, oh verdura, ainda de todo
Co' o sol d'outomno tão risonho e doce !
Não morres, mas imprimes a saudade
Da meiga primavera, alma dos campos.

Com teu doce calor, oh pae dos fructos,
Nos refrescas das furias estivaes ;
A primavera lembra coroadas
Das rubicundas flôres, que rebentão
De seu halito suave ao meigo influxo.

A Primavera ! Com seu nume habita
Agora os campos do Arancane affonto,
Do Colorado as ribas, da selvagem
Australia as solidões d'extensas brenhas :
Sob esse fertil céu agora a vida
Se renova por toda a natureza.

Felizes povos entoai em córos
Louvor á diva, que co'a prenhe dextra
De cumulados dons vos abençoá :
Regozijai-vos, prados fortuneiros,
Co'a nova toga de botões ridentes.

Vós, oh moças, chegai-vos ; vinde aos bosques
Com danças festejar a primavera ;
Vinde render tributo á mãe do anno,
Que felizes tambem vos torna, ardendo
Em vossos peitos com fecundo lume,
Cumprindo sacra lei da natureza.

Que suspiros nos ares se derramão
Dos corações dos fervidos mancebos !

Que agudas settas de certo gume,
No fogo d'olhos pretos incendiado,
Aligeros cupidos vão lançando !

Que fadigas o moço não suporta,
Em cujo peito o amor agora impera !
Para elle a amante é tudo ; e tudo falla .
A seus ouvidos da formosa joven :
Feliz, se em laço estreito a recompensa
Recebe alfim do seu leal affecto !

Feliz, se linda moça achou tão meiga,
Que de rosas os dias só lhe teça ;
Feliz, oh sobre todos, não lhe importa
Que a vida crús azares lhe acobertem !
Na consorte, outra elle, acha o refugio !

Permitte, oh Primavera, que me arrede
Desses campos floridos, que ora habitas,
Onde, em mente, gostoso te hei seguido :
Deixa que agora volva á minha Europa,
Que o Outomno visita dadivoso ;
Deixa que gratos cantos lhe offereça.

Agora o lavrador á vinha corre,
A' seara, ao pomar, que verga ao peso
Dos bem creados, multi-côres fructos :
Ao céu eleva os olhos, bem-dizendo
O braço, que as fadigas lhe compensa.

Quanto é doce vagar na rôxa aurora
Pelas varzeas, e vinhas empinadas !
Ouvir o canto alegre dos vinheiros,
Que ao lagar vão levando os dôces bagos,
Sob a rosca appremados, té que esgotem
De louro mosto a derradeira gotta.

Com que jubilo, oh Bacho, te contempla,
Favoraveis futuros agourando,
O lavrador dos filhos rodeado ;
Vendo a loura corrente, que borbota,
E o paladar convida, a vista encanta !

E á noute, ao recolher á casa humilde,
Gostoso abraça a esposa, que os trabalhos
Lhe mitiga do meio-dia fadigoso :
Em roda da fogueira os filhos saltão,
Descuidosos trocando alegres risos ;
E aos pais distrahem co'a infantil bonança.

Dos prazeres do campo gozai ledos,
Vós, amadores dos naturaes festejos ;
E ao lavrador, que a esp'rança em ti só põe
De a vida supportar, tu, oh Outomno,
Generoso os teus dons prodigalisa.

ODE.

A VENUS.

Entre os perfumes da fagueira noute,
Quando raia nos campos Phebe casta,
Dá-me que ouvi-la possa em meigo sonho
De namorado enlêvo !

Dá-me que ouvi-la possa murmurando
Gratas vozes, d'amor leal transumpto ;
Sua face de rubor tingida beije...
Dôce illusão sublime !

Oh Venus ! — E em meu peito recostados
O fogo amores brandos entretenhão,
Que, vida d'alma, vigorosa seiva,
Me nutre co'a esperança.

E se ella geme ao encarar a vaga,
Que ao luar desenrola o branco dorso ;
Na dextra a face encosta, e a ti se queixa
Na solidão da noute ;

Com teu sopro suave a alenta e anima ;
Co'a fé que o coração me occupa inteira
Socega suas noutes trepidantes,
Oh bem-fazeja diva.



A Virgem Cantabrica.

Abandonava o sol os céos em fogo ;
De parda tinta os campos se cobrião ;
Os rebanhos balando caminhavão
Para o redil ao som da agra flauta
Do pastor de Cantabria, que discorre
Desassombrado os solitários campos.
De folha em folha o Zephyro vagando,
Acarretava o som dos rouxinoes,
Que as suas meigas canções preludiavão
Por entre o chilriar dos passarinhos,
Que a tarefa diurna vão largando,

A acolher-se a seus ninhos tão queridos ;
Echôa um murmurio, qual manda a avena
Aos leves ares, quando recostado
Em variegada varzea, seus amores
Singelo pastor diz, magoas que sente.
Junto d'alpestres, cavas penedias,
Sob um frondoso pinho corpulento,
Donzella de Cantabria, ao vento dados
Os formosos cabellos côr da noite,
Sobre negro alaúde adextra os dedos,
Acompanhando a voz os triste echos
Do instrumento, que no ar faz retinir
Triste som que os redóres annuvêa :
« Ouvi-me, oh selvas, vós, oh penedias,
« Escarpadas montanhas escutae-me ;
« Brandos echos concedei a meus discantes,
« Que callar vão nas sensitivas almas,
« Que o socego vem buscar entre estes ermos :
« Fazei soar meus infortunios, premio
« De rendidas finezas mal acceites ;
« Dizei que amor constante, casta mente,
« Coração terno e firme, não sujeito
« Aos pesados grilhões dé vil int'resse,
« Tudo ludibrio foi de um monstro vil,
« Que a impuros cabedades ousou pospôr-me....
« Mas, oh ! o que a lingua diz, renega a mente !
« Não culpes, infeliz, esse mancebo,
« Que obscura sorte junto a ti teria,
« Se a côrte abandonasse, e.... Mas, oh furia !
« Para que mentir cruel á aldeã simples,
« Que em suas promessas só amor suppunha ?
« E pode esse impio (quando eu morro e choro)
« Rindo nos braços da proterva amante,
« Desdenhoso encarar o meu martyrio !
« Cruel ! Não mofes ; que este peito irado
« Do céu abaterá vingança horrivel !
Callou-se a joven, e um pragueio mocho,
Que ao longe muito havia que pairava,
Pez remate a seus cantos lastimosos,
Piando horrivelmente nas devezas.
Qual lyrio que o sol murcha, a bella joven
Esvae o rubôr da face, escorregando
Para o frigido solo desmaiada :
As estrellas da noite allumiárão
Esse corpo abandonado, que tão duro
Thalamo achou, apoz finezas tantas.

L. DE F.

Typ. de F. A. DE ALMEIDA, rua da Valla n.º 141.

A Religião.

(Continuação do n. 15.)

O CASAMENTO.

AVERSÃO ao estado de casado que se alimenta em nossa sociedade, é devida aos acontecimentos que n'ella se vê. O celibatario julga-se feliz em sua vida de enganos e ciladas; tem medo de ligar-se para sempre a uma mulher que as mais das vezes mal conhece, tem pena de perder os doces encantos que encontra nos braços da prostituição nefanda, que em abundancia existe nesta cidade, e tão fataes consequências tem acarretado após si. Fazellido perder o brio e a honra aquelles genios inexperientes que se recostão descuidados em suas macias almofadas.

Não sabemos se será effeito do seculo dos *gâzes*, ou filha da ignorancia esta tendencia que ha para o celibatario, o caso é que um receio se apodera dos corações dos moços, e os torna por assim dizer rebeldes ao casamento. A moral que actualmente subsiste, é uma moral sem principios, uma moral viciosa, que despedaça todos os laços sociaes. A educação que actualmente recebem a maior parte das meninas concorre bastante para que seja essa moral perniciosa. Que vemos nós? Meninas que apenas sabem pronunciar o nome de mãe, se vêm passar na rua um janota não deixão de lhe lançar um olhar tão terno a que o janota insensivelmente corresponde.

Perguntai á maior parte d'essas moças que se esmerão no penteado, que se vestem caprichosamente espalhando-se tanto que até lhes priva de andar, que na salla do baile, nesse entretenimento que devia ser banido de nossos costumes em consequencia da immoralidade que acarreta, dá e recebe agradados, e se balança orgulhosa nos braços do amante como o catavento na grimpã de uma torre. Pois bem, perguntai a essas moças se sabem uma das orações mais usuaes, e obtereis em resposta um — não —. Os culpados d'isto são os pais que se deixão illudir por apparencias e

N.º 17 — Domingo 25 de Novembro de 1855

desculpão tudo com o frequente epitheto de—que menina espirituosa!— esquecendo-se dos deveres de pais, tornando-se por assim dizer cúmplices dos erros praticados pelas filhas. Algumas mãis conhecemos que são as primeiras a incitar as filhas; ellas as penteião frizando-lhes o cabello para que lhe caia pelo rosto abaixo em caixos; ellas as admoestão para que toquem bein piano, e para que garganteem excellentemente; e para que se aperfeiçoem na arte de pular, sabendo estes dois predicados estão satisfeitas, e ufanas exclamão: minha filha é uma perfeita moça de salla! Perguntai-lhe se se lhe ensinou o governo de uma casa, se lhe ensinou como se administra uma cozinha, se lhe ensinou ser morigerada, temente a Deos, a seus pais, e a respeitar aquelles que por sua idade são dignos de respeito, e responder-vos-ha: minha filha não precisa d'isso. E' como está instituida a nossa sociedade.

Os homens racionão, e achamos-lhe razão, que em vez de levar para casa um anjo, que lhe ajude a pisar este caminho espinhoso, para que depois possam andar desempeidamente, ellas os amontoão de mais espinhos, elles fogem do casamento, e quando ás vezes cahem no laço arrependem-se dias depois.

Paremos aqui, para outro numero nos explicaremos mais.

(Continúa.)

ECHO ELISIO.

Phisiologia do Casamento.**AMOR, CONVENIENCIA E DINHEIRO.**

(Continuação do n.º 15.)

Eis aqui a primeira e ultima conversação séria que tive com Emilia antes da nossa união. Era pouco para duas pessoas que ião liguar-se para sempre, porém ha casamentos que se decidem com menos palavras. Emilia tinha 20 annos. Sem possuir essa belleza que impressiona, ella reunia em si aquellas futeis e pequeninas cousas que os poetas elevão ás mais subidas regiões do seu talento, e que podem seduzir ainda o homem mais exigente. Pelo lado phisico iamso bem, quanto ao moral era um tanto abstracto, porque não é em oito dias que se póde conhecer o caracter de uma mulher, estudal-a, e advinhal-a, se possivel fôr.

Eu cedia ás boas informações que encontrava por toda a parte a seu respeito.

Eis o que me disse um velho celibatario, inti-

mamente ligado ao Conselheiro D...., o qual pela sua experiencia do mundo podia melhor ajuizar da mulher: Emilia é docil como uma criança quando lhe fallão em *balas*, e timida como uma donzella que *nunca frequentou bailes*. Era um retrato pintado com dois simples traços do pincel, mas cujo fundo permittia distinguir-se o resto. O futuro me provou que nem sempre devemos acreditar na experiencia dos velhos. Como quer que seja o casamento fez-se, e boa ou má Emilia pertencia-me. Acho fastidioso descrever as minhas impressões durante os primeiros mezes do meu casamento; limitar-me hei aos factos mais importantes dessa parte da minha vida, e da qual conservo sempre bem penosas recordações. Eu tinha resolvido acabar com todas as relações que frequentara em quanto solteiro, e que havião testemunhado mais ou menos as minhas boas ou ruins fortunas. Dos amigos de então apenas conservei Paulo, que ausente sempre não se esquecia de me escrever de tempo em tempo uma carta no estillo daquella que conheceis já.

Passarei, pois, em silencio os primeiros seis mezes do meu casamento. Nenhuma das apprehensões de Paulo se realisára até então, e com quanto elle me dissesse que não era tarde, e que a mulher não se revela de prompto, eu respondia-lhe tachando-o de visinario. Emilia não era expansiva conmigo, nem despendia esses affagos e caricias que traduzem uma verdadeira e pura afeição. Algumas vezes até tornava-se fria e reservada, como porém eu não fosse dos mais exigentes, e conhecesse que me era dado pedir pouco, desculpava-lhe essa frieza, e viviamos na melhor harmonia....

Eis a primeira questão que tive com Emilia, e a qual produziu no futuro pessimos resultados. Isto passava-se um anno depois da nossa união. -- Francisco, me disse ella um dia, a primavera está a acabar, a vida da cidade aborrece-me, por que não iremos nós passar alguns mezes no campo? -- Não haveria inconveniente nesse teu desejo, respondi eu, se o campo offerecesse distracções; mas por infelicidade o lugar em que reside minha tia é tão triste e insipido como um dia de denso nevoeiro. Além disso, minha querida, ir-te-has relacionar com pessoas que começarão por fazer-te uma recepção lisongeira, acabando por inventar mil absurdos burlescos a teu e meu respeito. A gente do campo, talvez pela sua simplicidade, é muito curiosa, pretendem que só elles tem direito

para sahirem daquillo que não póde revelar-se. Se elles fossem discretos concedo, mas ao contrario propalão qualquer confidencia meia hora depois de feita, e isto acompanhado de commentarios pouco lisongeiros, e insinuações offensivas. Por isso, Emilia, desculpa-me por não poder concordar com o teu desejo.

Minha mulher nada respondeu, e pela minha parte pensei que a tinha convencido. Enganei-me, porque no dia seguinte tornou a insistir, e desta vez em termos imperiosos, pretextando uma visita que tinha a fazer a uma das suas amigas de pensão que foi por um acaso habitar proxima á quinta de minha tia. *Estas amigas de pensão* são as maiores adversarias dos maridos, desculpão tudo á sua *amiguinha*, e dizem *as cousas mais feias dos maridos*. Escreve á tua amiga, e desculpa o melhor que puderes, respondi eu acendendo o charuto. O *charuto* póde encobrir um violento accesso de máo humor. -- Parece-me que has feito proposito de contrariar-me em tudo, tornou ella despeitada. -- E' o que não tenho feito. -- A tua recusa desmente essa asserção. -- Poderás interpretar assim, mas estou convencido de que tenho razão. -- Vós outros homens achais sempre esusas a dar, como mais fortes que nós quereis indicar a todo o momento que vos é devido o primeiro lugar. -- Enganas-te, Emilia, a experiencia ha mostrado que o teu sexo tem uma excepcionalidade, que seria ridicula no homem. Esquece esse capricho, minha querida, amanhã pensarás em outro, e como estou sempre disposto a satisfazel-os, ficarás contente. Ainda desta vez Emilia deixou de insistir, comtudo certos movimentos seus, aquelle enfado tão proprio ás mulheres, me convenceu de que a tempestade se formava na cabecinha de Emilia, que resistira até ali ás tentações estranhas do *anjo máo das mulheres*. -- Francisco, me disse meu pai naquelle mesmo dia, toma sentido, tua mulher conspira contra ti, e os effeitos dessa conspiração tel-ohas mais cedo do que suppões. Eu conheço o que querem dizer aquellas *rugaszinhas* da testa; e o franzido dos labios, precursor infallivel da tempestade que receio. Se é um caprixo seu a que não cedeste, apressa-te a satisfazel-o em quanto é tempo. -- Não, meu pai, tenho o defeito de ser inabalavel nas minhas resoluções, e bem poucas vezes hei cedido á influencia alguma propria ou estranha. -- Faz o que te aprouver, na certeza de que dessa resolução nascerá talvez a discordia. Eu quero conservar-vos um para o outro

o que tendes sido até aqui. Devemos tudo á sociedade de que fazemos parte, e ás conveniências ; assim faz da tua parte diligencias para que não tenhamos de mandar ao diabo a sociedade, e as suas conveniências. Como sempre pensei que o pedido de Emilia era uma dessas mil phantasias *mulheris*, não dei grande importancia ás observações de meu pai, e principiei estudando minha mulher. Se o seu desejo era um caprixo elle tomou em pouco tempo collossaes proporções, porque durante quatro ou cinco longos dias não me dirigio a palavra mais que duas vezes. E o meu silencio, e a frieza com que acolhia seu despeito, mais a irritava, e tornara-se intoleravel.

As flores do lar domestico principiavão a murchar, dellas brotavão espinhos, e as apreensões de Paulo ião se realisando. Felizmente que Emilia não me tornára pai, porque talvez succumbiria se aos seus pedidos se juntassem as caricias de um filho.—Sr., me disse ella no fim desses cinco dias (este tratamento é infligido como um castigo, quando o marido diz á mulher que é homem antes de tudo), Sr., estou resolvida a partir para o campo ; recebi hoje uma carta da minha amiga de pensão, em que insiste sobre o pedido que me fez á oito dias ; por isso espero que desta vez não haverão difficuldades. — Já tive a honra de dizer-lhe, respondi eu com ironia, que não sympathiso cousa alguma com a vida campestre que me quer impor. — E porque o Sr. não gosta do campo devo eu deixar de gostar ? — Os gostos são relativos, como dizem os negociantes nos armazens de modas, maxima que a Sra. não deve ignorar, porque tem tido tempo de ouvil-a um milhão de vezes ; assim quero que goste do campo, e até que tenha por elle uma sympathia que ainda não concedeu a seu marido, mas o que não quero nem desejo é acompanhál-a lá porque não ha de partir só. — Talvez, Sr.!... — Ah! ah! exclamei dando uma garghada, acaba de pronunciar essas duas palavrinhas com uma entoação de voz que a melhor actriz invejaria. Como isto é bonito ! tenho pena de que não hajão aqui mil espectadores porque teria estrepitosos bravos. — Não zombe, Sr., parece-me que lhe não tenho concedido o direito de zombar de mim. — Cada vez melhor, continue, continue, afianço-lhe um immenso successo. — Quer ou não acompanhá-me ao campo ? — Não, não e mil vezes não ! — Maria, gritou minha mulher chamando a sua creada grave. Esta appareceu. Diz a João que ponha o carro ; parto já para o campo. A creada

não se moveu. — Não me ouviste ? — Porém, Sra., essas ordens costumão ser dadas pelo Sr. Barão, e...—E que sou eu aqui ?!...—Uma mulher que jurou perante o altar obediencia ao homem a que se ligou voluntariamente ! respondi eu em tom de ameaça. Retira-te, Maria, continuei não me importando com a impressão que estas palavras tinham produzido sobre Emilia, obedece á Sra. naquillo que pertencer ao seu serviço particular ; quanto ao resto diz-me respeito....

(Continúa.)

ANTONIO XAVIER R. PINTO.



Um Drama de Provincia.

(Conclusão.)

A sua phisionomia, mal pintada por mim offereceria aos olhares prespicazes do observador entendido, um composto de cousas estranhas e terríveis, que uma mascara hypocrita pretendia encobrir. Era um rosto repulsivo, e quasi nojento, permittia-se-nos a expressão. O seu tom de voz, como o disse já, semelhava-se ao sibillar longinquo da cabra, tom a que elle dava diferentes gradações, sem com tudo sabir de uma escala estudada e sempre infallivel. Tudo isto, na imaginação de uma creança, devia produzir seu effeito ; assim aconteceu, eu temia o cavalheiro D.... e respeitava-o como se á muito vivesse com elle, e estivesse habituado a testemunhar os combates que se davão naquelle cerebro excepcional. Outra cousa me admirou assás, foi o sangue frio e a indiferença com que D.... fallára a meu pai, quando a alguns passos d'elle sua esposa gemia em leito de dôres, entregue á crise mais grave e difficil a que uma mulher póde chegar ! eu continuava a ouvir os gemidos plangentes que soltava a infeliz senhora, e não sei porque, senti-me commovido até ás lagrimas. Meu pai habituado d'esde muito a estes e outros espectaculos de dôr não abandonava o leito da doente, e tinha-se prevenido.

D.... passeava no quarto. De repente um grito agudo e penetrante se fez ouvir, e conheci que o momento terrivel tinha chegado. Nada vi mais porque a porta do quarto fechou-se, e eu fiquei só na salla. Poucos minutos depois o choro de uma criança veio até mim, e tudo ficou silencio. D.... assomou á porta. Pintar-vos a expressão de seu rosto, seria impossivel ! Pouco conhecimento tinha então dos sentimentos que se podem

exprimir na physionomia de qualquer pessoa, mas a de D.... n'este momento revelava uma resolução terrivel, e que a borrasca se formava n'aquelle cerebro que até ali ninguem profundamente! Meu pai sahio do quarto; vinha triste. D.... sentára-se quasi em frente da porta, e assobiava com todo o socego um estribilho popular, que se usava n'aquelles lugares! — Dou-lhe os parabens, Sr. D..., disse meu pai; o parto não foi tão difficil quanto esperava. Retiro-me, deixo em cima da mesa uma receita que deve mandar n'este momento á botica mais proxima. A *comadre* Joanna tem as minhas instrucções, e sabe como hade applicar o remedio. Vamos, Antonio. — Adeus, *pequeno*, disse D.... voltando-se para mim; estimarei que sejas feliz no Rio de Janeiro; amanhã, continuou, fallando com meu pai, mandar-lhe-hei a carta promettida. Adeus. Quando me vi fóra d'essa casa respirei. Um presentimento me dizia que n'aquella noite mesmo se devia commetter ali um crime. Nada disse a meu pai com receio de que me tachasse de supersticioso e de creança. Os mesmos cavallos que nos tinham conduzido achavão-se promptos. Montamos, e partimos. Era mais de meia noite. Desejoso de chegar, meu pai tinha tomado um *atalho* que havia no fundo do val, dominado pela estrada que tinhamos seguido. Teriamos dado vinte passos, quando o gallop de um cavallo nos obrigou a olhar para a estrada direita. Um homem a cavallo corria por essa estrada com a velocidade do relampago. — O que é aquillo, meu pai? perguntei eu com certo tremor na voz. — E' o diabo que vai visitar D.... — Ah! se não me engano, Vm. tem de receber amanhã bem tristes novas. E' tão feio o cavalheiro D....! continuei, com uma ingenuidade de creança. Eu tinha então 16 annos completos. Chegamos á casa sem inconveniente algum. Deitamo-nos. A's sete horas da manhã acordarão meu pai para lhe entregarem a carta de D.... que um criado trouxera ás seis. Eu estava já a pé, e pretextando a benção do costume entrei no quarto de meu pai, que lia a carta. Os teus presentimentos não te enganarão, disse elle dando-me essa carta, Lê porque deves ver o desfecho do drama a cujo principio assististes. Em breve isto deixará de ser um mysterio. Eis a carta.

« Meu caro Sr. F....

« A mulher que por um milagre acabas de salvar de uma morte horrorosa, pereceu por outra ainda mais terrivel. O tumulto que se vai abrir

para mim, esconderá o rubor que n'este momento me tinge as faces, por isso dir-lhe-hei sem rubor que a mulher além d'esposa adultera foi filha criminosa! Este segredo religiosamente guardado até á dous dias, fôra-me revelado quando todo entregue ao prazer domestico, á minha vida, os meus pesares ião ser adoçados pelas caricias do filho que essa mulher trazia em si. Deos é justo, porque não permittio que o filho do crime sobrevivesse áquella a quem um dia chamaria em vão! Muitas cousas se dizem por ahi a meu respeito. Que importa? Essa mulher foi envenenada por mim uma hora depois que o senhor a salvava de outra morte menos ignominiosa; por que homens como eu não se apresentam na sociedade com o ferrete da deshonra estampado no rosto! A campa é o seu unico refugio, assim o veneno que a matou martar-me-ha tambem.

« Não hei remorsos do crime que commetti, nem do que vou commetter; obedeço á fatalidade que d'esde muito pesa sobre minha familia, e nada mais. Dous irmãos meus suicidarão-se por menos que isto; um dando um tiro de pistolla no ouvido, e outro apunhalando-se. Já vê que a cobardia tem sua compensação. Como desejo que o effeito seja rapido, e para não incommodar ninguem, uma pequena dose d'*acido prussico*, e tudo se acabará no mesmo instante! Não me importa que as imprecções sejam o pranto que me acompanhe á sepultura, se morro convencido de que obedeço á minha estrella fatal! Francisca, prestes a dar o seu ultimo suspiro, recommendou-me para lhe pedir que abraçasse por ella sua irmã, e sua afilhada, a interessante Maria. E' um pedido que lhe custará pouco a satisfazer, porque sei que o senhor amava essa mulher como filha. Remetto-lhe a carta que prometti para meu irmão residente no Rio. Seu filho é portador de bem más novas!...

« Authoriso-o, e peço-lhe que propale esta noticia; contas do meu proceder a Deos só as devo.

« Se algum dia porém o acaso o trouxer a estes lugares, suba ao cemiterio, e reze o talvez unico *Pater Noster* que terei após a minha morte! Em face d'ella creia que em lugar do odio mereço a compaixão que se costuma conceder aos infelizes....

« Seu Amigo.

« D. DE D.

« 16 de Agosto de 1859.

« A's duas horas da manhã. »

Dez dias depois, isto é a 25 de Agosto, fui com meu pai cumprir o pedido que lhe fizera o cavalheiro D.... O cemiterio da quinta nada tem na apparencia que indique a morada dos mortos.

E' um jardim modello n'aquelles contornos. Apenas dous ciprestes á entrada e uma cruz no centro. Dizem ao viajante que é ali que as vaidades do mundo se quebrão d'encontro á frialousa do sepulchro! Entremos no cemiterio. Facil nos foi distinguir a sepultura de D....

Rasa, sem adorno algum, o laconismo do epitaphio, tudo parecia dizer que na campa mesmo o infeliz D.... receava o contacto da esposa adultera! Eis o epitaphio:

Aqui jazem

D. de D.

e sua mulher

Francisca Carolina de D.

Orai por elles

Agosto, 18 de 1850.

Quando sahi d'essa triste morada vinha tão triste e commovido, que não pude impedir que algumas lagrimas me borbulhassem nas palpebras. Acabavamos de fechar a porta do cemiterio, e vimos encaminhar-se para nós um homem ainda joven, todo vestido de preto, e pallido até causar dó. A chave, Sr. F..., disse elle cumprimentando meu pai; quero resar tambem. E por entre as grades de ferro que rodeão o cemiterio vi esse homem ajoelhado sobre a campa de D.... a qual regava de lagrimas sentidas e verdadeiras. Era um tributo pago do coração. Oraria por elle ou por ella. Francisca de D.... seria culpada ou innocente? Deos o sabe.

Quatro mezes depois eu chegava a esta cidade. Procurei o irmão de D.... Ah! a fatalidade pesava sobre esta familia. Tinha-se suicidado em Minas, aonde fôra a negocios, no mesmo dia e quasi á mesma hora que seu irmão. Porque? ignoro, ou para melhor dizer não é tempo de revela-lo. Talvez que um dia eu escreva ainda a historia d'esta desgraçada familia....

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Ficção.

Por espaço de quinze dias negrejou densa nuvem, sobre o cume do alcantilado Pão-d'assucar.

Quando a aragem do nordeste soprava mais rijamente d'encontro aos agrestes rochedos que guarnecem a embocadura do Guanabara, essa nuvem se tornava mais diaphana, e então um vulto se divisou.

Deixava o vento de soprar, e a nuvem tenaz, condensando-se tornava a envolver o conico penhasco, e nada mais apparecia.

Sinistro era esse apparente phantasma que fazia andar todos os que o vião, com assustado presentimento no fundo do coração.

Um dia a nuvem impellida por desabrido suão, depois de fazer um medonho redomoinho, dissipou-se, e o vulto mais claramente se avistou. Era colossal sua estatura: seus longos cabellos hirtos e em desalinho assombrevão-lhe a medonha cabeça.

Com os olhos de côr escura, e cujo fulgor repulsava nossas vistas, flectava o centro da bahia, com tal olhar, que parecia haver nelles uma acção magnetica, abrangendo de uma só vez todos os objectos, ahí existentes, e que nelles se reflectião como n'um espelho microscopico e tenebroso! Descançando sobre a perna direita, via-se-lhe que tinha fortemente cerrada a sinistra, e com o indicador da dextra, apontava para um ponto luminoso, e cercado de nuvens que no fundo do horizonte se avistava.

Todo o seu aspecto parecia de escarneo, e atroz ironia, com as ventas dilatadas, olhos fixos, deixando apparecer os largos dentes atravez de expesso bigode, exprimia a par dessa ironia, uma raiva, um odio, um rancor, que fazia estremecer ao que se atrevia a encaral-o.

Nessa posição medonha e ameaçadora permaneceu por mais quinze dias.

Depois ennegreceu-se toda a atmospheria. O ar que se respirava parecia saturado de asquerosos miasmas, que entravão em nossos peitos, com uma sensação ardente e inexplicavel.

Mais carregada pareceu tornar-se a atmospheria ao fim de tres dias, e terrivel, e longiquo rugido se fez ouvir. Parecia o arfar medonho do oceano ao revolver-se no meio de tenebrosa tempestade. Parecia o combate dos elementos que chocando-se ameaçavão a terra de tremendo cataclysmo. Parecia o rugir da fervente lava no fundo de as-

sombroso volcão, ameaçando o vomito encandecido de uma torrente bituminosa.

Tudo isto parecia, e nada disso era, e ninguém pôde nunca explicar o que fosse.

Tudo desapareceu, e o vulto horrível, parece ter-se submergido no profundo abysmo desse mar revoltoso, que bramava a seus pés....

A folgasona, e activa cidade, ficou como alquebrada. O bulício costumado diminuiu. As conversações animadas desaparecerão. O lugubre toque dos sinos, dominão todas as vozes, a par de vagaroso e descompagado rodar das carruagens de lugubre apparencia. Vê-se no rosto de todos impresso, o temor e o receio. Principião a apparecer os homens, as mulheres e as crianças, cobertas de crepe; tudo denota a angustia que agita os habitantes destas paragens.

Cessão os sinos de tocar. Ouve-se contínuo canto compungido que sahe esmorecido das naves dos templos. O silencio dos tumulos substitue a algararra que reinava nas ruas.

Todos se questionão, todos exprimem o desejo ansioso de lhe ser explicada tal mudança. Todos discordão

O luto que nos rodêa denota que muitas almas cansadas de lutar, tem deixado a materia, e voado á manção eterna

Um grito unisono, repercutido por todos os echos, e como sahido dos antros da terra, fazem ouvir, uma palavra, que é repetida centenas de vezes; e essa palavra he: **O CHOLERA!** !...

Não me perguntaes quem era o homem medonho, que se avistou?... Era o precursor da **JUSTIÇA DIVINA!**

A. M. S. BANDEIRA.



A sumptuosa inauguração do reinado do Sr. D. Pedro V.

De todos é sabido as festas estrondosas que no Reino de Portugal os nossos compatriotas fizeram em commemoração do sempre faustoso dia 16 de Setembro. No emtanto, para mais lhes avivar as impressões desse dia e para a todo o momento se recordarem da maneira porque em algumas partes da nossa briosa nação se inaugurou o esperançoso reinado do Senhor D. Pedro V, lhes daremos á maneira de nossa apoucada intelligencia, uma resenha dos grandes estabelecimentos que se inangurarão, que attestarão á Europa co-

mo em Portugal se caminha a passos gigantesco na orbita da civilisação.

Em algumas partes do Reino se levantarão subscripções para bailes, fogos de artificio, e outros divertimentos, chegando essas snbscripções a quantias avultadas. O Senhor D. Pedro V, que já gosa do titulo de sabio, não podia ser indifferente ás patrioticas intenções de seus amados subditos, que timbrarão em que se festejasse a feliz ascenção com toda a magnificencia e com as maiores demonstrações de regosijo publico. Pensou que não havia festejo que mais recordasse a sua gratidão, do que empregar essas avultadas quantias em instituições de caridade e de instrução publica. Neste sentido fez saber ás respectivas commissões qual a sua vontade; que tão patriótica e caritativa só podia dimanar de tão excelso Principe.

A benemerita associação commercial de Lisboa a abraçou: e dahi gerninou esses tantos estabelecimentos, que em lugar dos folguedos d'um baile e de foguetes lançados aereamente, vimos essas sommas, adquiridas, dispensadas em misteres que perpetuarão o anno de 1855, e serão um padrão de gloria para o povo que tão bem comprehendeu as intenções do seu Monarcha.

Em Lisboa creou-se um instituto commercial. As vantagens que resultão para o commercio são obvias: nelle conforme o opinião do atilado Fradesso da Silveira, se devem estabelecer um museu ou collecção de amostras dos productos que figurão no commercio, e crear-se-hão as seguintes aulas:

1.º Historia dos productos naturaes que figurão no commercio.

2.º Historia dos principaes productos da industria.

3.º Economia politica e estatistica.

4.º Geographia commercial e industrial.

5.º Principios geraes de direito commercial.

6.º Historia geral do commercio e da industria dividida nos quatro periodos: antiguidade, idade media, renascença, e época moderna.

7.º Legislação comparada commercial e maritima — Principios de direito das gentes.

8.º Legislação comparada das alfandegas.

9.º Pratica de linguas, como applicação dos preparatorios exigidos.

Eis ahi como o commercio portuguez vai ser intelligente; e por consequencia livre dos apodos que com razão lhes dirigião as nações cultas.

D'ora ávante teremos mancebos empregados no commercio com somma sufficiente de conhecimentos para os maiores cargos d'esta classe commercial, que veremos surgir dessa inercia em que estava embebida, e ser representarte intelligente d'uma industria, que sem ella, torna-se impraticavel o equilibrio das nações.

No Porto, a cidade invicta, d'onde quasi sempre dimanão as grandes idéas e com a perseverança que distingue os portuenses se leva a effeito as grandes obras de civilisação, forão mais além do que os seus irmãos de Lisboa.

O benemerito portuense Eduardo Mozer, que foi o interprete do grande monarcha que preside aos destinos de Portugal, propôz que se fundassem em 16 de Setembro: Um instituto industrial e uma caixa de soccorros para os negociantes infelizes.

A associação commercial do Porto, cujos serviços prestados ao paiz são patentes, aceitou aquella proposta e com uma vontade que muito honra os sentimentos philantropicos daquella associação, fundarão no fausto dia, tres estabelecimentos, o primeiro de um alcance extraordinario porque desvia do olvido aos moços que desejão seguir a carreira commercial, facilitando-lhes a maneira de alcançar instrucção; e antepõe uma barreira poderosa aos que, sectarios do antigo regimen commercial desejão que seus filhos sigão aquella pratica que agora se sepulta no abyssino da ignorancia. Os dous ultimos são essencialmente caritativos: o primeiro proposto a arrecadar da mais minima á maior quantia, tem por fim, assistir com os meios necessarios á familia do negociante ou artista que, fadados para a desgraça, deixão neste mundo de provação os entes que tanto amavão na mais hedionda miseria: o segundo tende, quando o laborioso negociante, que no seu tirocinio commercial sempre tratou os seus negocios com exemplar honradez, cahe por uma fatalidade, a que ninguem é possivel prever na desgraça, a encontrar na philantropica caixa de soccorros onde mitigue a sua infelicidade e pôr a coberto muitas vezes do homem do *ouro* a sua desditosa familia.

Além destes tres estabelecimentos que symbolisão a instrucção e a caridade, teve lugar a inauguração da illuminação a gaz, condenando a antiga illuminação á obscuridade, de que ella era a fiel interprete e a representante de muitas infamias que á sua sombra se commettião.

E para mais perfeito complemento da philan-

tropia portuense, se derão grandes jantares aos pobres acompanhados com esmolos pecuniarias.

Coimbra, a mãe da litteratura portugueza, patria do illustre poeta Francisco de Sá e Miranda e do eximio polygrapho Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo e de outros homens celebres tanto nas letras como nas armas, não quiz desmerecer do alto conceito que gosa, e como terceira cidade do reino, estabelecendo um asilo d'infancia desvallida, recebendo no seu gremio os pobres orphãosinhos que, faltando-lhes o amparo paternal, ali se recolhem, e assim estão livres de mendigarem o pão de cada dia, tornando-se muitas vezes bons e uteis cidadãos á patria.

Na provincia de Traz-os-Montes (onde vi a luz do dia) em Villa-Real, fundada pelo sabio Rei D. Diniz, tambem quiz dar uma prova do amor e lealdade ao Rei que symbolisa a liberdade, com a fundação de um asilo de caridade: caminhando desta fórma aquella fertilissima provincia na vereda de civilisação; arredando as futeis arguições que lhe prodigalisão os seus irmãos de outros pontos do reino.

No Barreiro, povoação que fica em frente de Lisboa, fundou-se um asilo de infancia desvallida, sobre o patriotico distinctivo de D. Pedro V, como esta povoação seja habitada principalmente por pescadores, terão esta pobre gente quando se vejão na desgraça os olhos fitos nesse memoravel edificio, aonde se recolherão seus filhinhos e ainda que a terrivel parca os arrebate deste mundo, levarão ao menos a consolação de que os infelizes que com tantas saudades deixão na terra, ficão ao abrigo da definhadora miseria.

A cidade de Thomar, situada perto das ruínas da antiga Nabancia, tambem quiz concorrer com o seu obolo á civilisação instalando uma sociedade para melhorar a sorte dos operarios.

Nas mais cidades, villas e até a mais minima povoação do reino, senão fundarão asilos e outras instituições grandiosas derão com toda a espontaneidade jantares e esmolos aos pobres, obviando-lhes a desgraça, e bem-dizendo aquelles pobres a S. M. F. por ser o objecto de tantos favores.

As acclamações expontanaes ao contentamento de que derão exuberantes provas os portuguezes no memoravel dia dezeseis de Setembro, é uma evidente manifestação do amor que tributão ao joven Monarcha, não só pelo seu muito saber e fiel respeitador das leis patrias, como por ser o descendente de quem plantou a liberdade, sacu-

dindo assim para sempre do nosso abençoado
paiz o extulto e execrando despotismo.

Rio de Janeiro, 18 de Novembro de 1855.

CONSTANTINO J. DE A. LEMOS.

A Rôla.

Porque gemes avesinha
Nesse tronco triste assim?!
Abandona esses temores
Mitigando acerbos dores
Vinde, vinde junto a mim.

Tu vens sempre ahí sosinha
Tão tristonha te poisar,
Quando a brisa mui ligeira
Vem serena, vem fagueira,
Estes sitios refrescar.

Quando as limphas murmurando
Vão os prados percorrendo,
E fugindo pressurosas
Lá muito longe saudosas
No seu leito se escondendo.

Quando todos estes ramos
Se baloição brandamente,
E ao mostrar-se o arreból
Vem cantar o roxinól
Pelo bosque alegremente.

Depois ficas gemebunda
Nesse tronco a suspirar,
Sem que possa uma esperança
Envolvida na bonança
Teu martyrio mitigar!

Não sou fero caçador
Divagando na soidão
Mas soffrendo amargura
Tambem sinto a desventura
Oprimir-me o coração.

Eu não pude na cidade
Entre os homens máos viver,
Vim buscar a solidão
Aonde possa o coração
Abrandar este soffrer.

Vem rollinha junto a mim
Vem contar-me teu tormento
Sendo iguaes em condição
O poder da ingratidão
Ficará no esquecimento.

Outubro de 1855.

M. LEITE MACHADO.

Tenho saudades do passado tempo.

Tenho saudades do passado tempo
Em que eu ditoso só folgar sabia,
Em que minh'alma, de paixões vasia,
Só para os jogos resentia ardor;
Em que inexperto das traições do mundo,
Inda meu rosto não banhava em pranto;
Em que inda cria no fallaz encanto
D'aquella vida, que brotava em flôr.

Ai! nesse tempo os escavados serros,
O rio, os prados, as mimosas flôres,
D'extensos bosques os gentis cantores,
A meiga lua lá nos céos sem fim,
Erão meus unicos e faceis gosos;
E nessa quadra de feliz bonança
A confiante e venturosa esp'rança
Inda não tinha fenecido em mim.

Mas hoje, oh! hoje dos sentidos gosos,
D'essa ventura, que me resta agora?
Fatal lembrança, que meu mal peora,
Que no meu peito mais augmenta o dó.
Estou ausente do paiz ditoso,
Que o rio Douro fertiliza e banha,
E aqui bem longe, nesta terra estranha
Vivo saudoso, desgraçado e só.

Rio, 15 de Novembro de 1855.

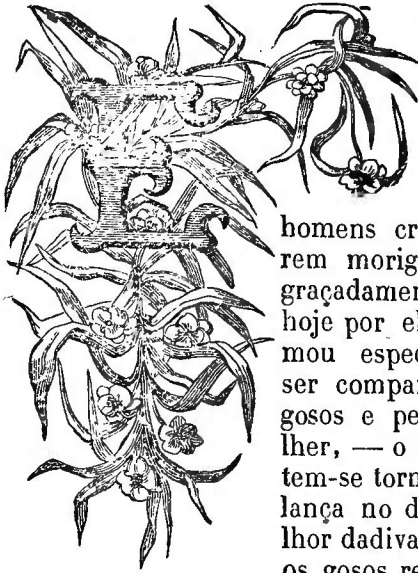
E. A. BARROS RIBEIRO.

Typ. de F. A. DE ALMEIDA, rua da Valla n.º 141.

A Religião.

(Continuação do n. antecedente.)

O CASAMENTO.



XCESSOS terribles se tem alimentado em a nossa sociedade; a moral esse dom primordial que os homens creáram para serem morigerados, é desgraçadamente desprezada hoje por elles. Deos formou especialmente para ser companheira de seus gosos e pesares — a mulher, — o homem, porém tem-se tornado egoista, e lança no desprezo a melhor dadia de Deos, troca os gosos reaes pelos apparentes e peccaminosos. A sociedade resente-se de um crime que infelizmente tem tomado um grão subido, um crime que é reprovado pelas leis divinas e humanas, e que vai de encontro a toda a natureza. A nossa idéa mesmo se revolta ao traçar estas linhas, por ver a que ponto tem chegado o — Sodomismo.

Centenares de rapazes a quem a natureza dotou de alguns dotes fisicos, são sustentados pelos amadores deste nefando vicio; perdem-se irremediavelmente porque a belleza é como as flores que murchão, e depois elles vagão pelas ruas mendigando. O Sodomista é o homem mais desprezível da sociedade, com seu halito empestado derrama a luxuria, o desamor ao trabalho, e outros prejuizos no coração do joven inexperiente. Não podemos comprehender como tem tomado tamanho impulso; em todas as classes tem entrado com passos largos. No seio d'esses collegios, no centro d'essa mocidade juvenil que devia ser alheia a estas cousas, porque a sua idade os devia fazer ignorar, lá mesmo elle tem um predominio grande, nem um d'entre elles ignora o que é o sodomismo; os mais idosos ensinão aos mais moços e os pervertem; por mais precauções que tenham os professores não podem evitar a continuação.

Os sacerdotes devião, com praticas exhortas.
N. 18 — Domingo 2 de Dezembro de 1855.

tar o povo a que deixasse semelhante vicio, a elles é que compete morigerar a sociedade; mas parece que um destino funesto se lança no caminho da nossa religião, e faz retroceder; alguns d'esses sacerdotes são pactuarios dos celibatarios sodomistas, e concorrem com o seu contingente para a nuvem desaguar com mais impetuosidade.... E' isto um des motores que afasta bastantes moços do casamento. Não achavamos máo que S. Ex. Reverendissima mandasse espalhar algumas pastoraes exhortando o povo a que deixasse esse vicio; póde ser que suas palavras sejam beneficas, e talvez que derramem algum consolo no coração de muitos pais.

De dia a dia mais se augmenta, parece-se com uma praga que tudo invade; e senão se pozer cobro a esta effusão veremos em breve a terra de Santa Cruz transformada em outra Sodoma. A falta de braços de que se resente o Brazil, precisa que seja entendida; para que a população cresça, para que os povos possam viver em paz é indispensavel que se facilite os casamentos, mas uma facilidade bem entendida. Não é absolvendo pretendentes de serem apregoados nas igerjas, não é impondo-lhes numerosos quantitativos, não é prohibindo a união de parentes, como primos, cunhados, &c., mas consentido logo que paguem aquillo que muito bem querem, não é fazendo dar passadas inuteis dias e dias, que poderemos ter uma organização emtermos, uma organização que facilite e que faça com que seja fiscalizado melhor, pois hoje a opposição que sofre todo aquelle que quer casar é porque não quer abrir a bolça; pois se ella for aberta! .. Muito nos ficou ainda por dizer sobre os abusos que se praticão com as licenças para casamentos, temos porém de limitar-nos ás forças deste jornal.

(Continúa.)

ECHO ELISIO.

Phisiologia do Casamento.

AMOR, CONVENIENCIA E DINHEIRO.

CONVENIENCIA.

(Continuação do n. antecedente.)

Emilia tornara-se tão pallida que pensei que desmaiava. Com quanto fizesse inauditos esforços para não chorar, eu vi-lhe algumas lagrimas! Erão lagrimas da mulher offendida em seu amor proprio, mas eu tinha visto tantas mulheres chorar assim!... Para alguns este meu proceder poderá ser taxado de injusto e cruel, porém eu tinha a certeza

de que apoz esta fantasia de Emilia virião outras, e o momento chegado de pôr-lhe cobro seria tarde e impossível. — Sr., me disse minha mulher, acaba de destruir com um só golpe os thesouros que juntára em meu coração para lhe offerter um dia.

A nossa união promettia tornar-se feliz, mais algum tempo de paz domestica, e talvez que a nossa felicidade seria digna de inveja. Não peço uma separação, por que seria dar que fallar ao mundo, além disso deixemos crer a meu pai que tal ventura existe.

Mas, creia-me, Sr., o resentimento que lhe guardo, e estes desgostos domesticos fechallhe em meu coração, por quem serão acolhidos sem fel nem odio. Por isso, Sr., deixe-me partir: talvez que a solidão, e socego do campo, seu ar puro e saudavel, possa tornar-me a esposa que deseja, e a mulher que ambiciona. Veja como as mulheres occupão sempre o primeiro lugar. A' dias pedi em voz alta, pouco depois com arrogancia, e hoje imploro. Somos tão fracas que cedemos a qualquer influencia, e quando a vaidade não ha penetrado em nosso coração, temos consciencia do que somos, e para o que nos destinou a Providencia. Em qualquer outra circumstancia eu teria cedido a esta linguagem tão franca e persuasiva, mas nesta occasião era-me impossivel dar expansão ao meu character, e fiquei mudo. Depois sabia por experiencia que não obstante os mil protestos de perdão com que a mulher abandona o homem que a offendeu, ella guarda como reliquia um vestigiozinho de odio que augmenta á medida que os dias vão decorrendo, e que a lembrança dessa offensa lhe atravessa o espirito. Contentei-me em responder á minha mulher que uma vez que ella dera lugar a esta scena tão arrebatada, e á vista da emergencia que devia seguir-se-lhe, que lhe não recusava o seu pedido, e que podia partir quando quizesse. Entretanto, para dar-lhe a conhecer que os meus direitos d'esposo erão sempre os mesmos, disse-lhe, que, alguns dias depois, deixaria a cidade, e que iria occupar com ella á casa de minha tia. Nenhuma objecção fez, e partio.... Oito dias depois, Paulo, que por uma notavel coincidencia, fôra visitar a amiga de minha mulher, escrevia-me a carta seguinte:

« Meu cáro Barão.

« Se eu fosse supersticioso começaria por dizer-te que o *diabo* me soprou ao ouvido aquelle prognostico que t e fiz na minha carta datada de....

Felizmente não o sou, e tive a desgraça de não ser acreditado.

« Com quanto eu tivesse convicção de que não serias feliz na escolha de uma mulher, não pensei que um anno depois do teu casamento uma tempestade conjugal viesse toldar o *brilhante* horisonte da tua vida de homem preso á *corrente dourada*. Sei tudo; a amiga de tua mulher, que não é das mais discretas (isto de segredos em labios de mulher....) relatou-me os motivos que derão causa a essa tempestade, empregando, é preciso notar, essa eloquencia feminina que tende a desculpar o seu sexo, e a accusar o nosso. Dei a devida importancia a essas informações, e prevenido como estava, suppuz logo qual das partes contendedoras tinha razão. Como quer que seja estabeleceu-se entre mim e tua mulher uma intimidade respeitosa, e esta que não ignorava a amizade que nos liga desde a infancia, absteve-se sempre de fallar-me em teu desabono. A diplomacia mulheril é difficil de combater, entretanto eu estudava tua mulher, e confesso-o, armava-lhe laços em que deveria cahir, se a sua experiencia do mundo não lhe aconselhasse em silencio que se affastasse delles. Este expediente deve ser censurado por alguns philosophos pretenciosos e ridiculos, desses philosophos de hoje que tomão a philosophia como o melhor meio de encobrir o despeito originario das suas burlescas pretensões. Eu embirei sempre com tal gente, se podesse mandal-os-hia colonisar a Africa, aonde a sua tocante moral, seus pensamentos sãos, e sobre tudo a sua eloquencia *Demostheniana*, poderia chamar á Igreja um sem numero de ovelhas desgarradas!... Como mulher Emilia nada tem que possa notar-se-lhe, mas as minhas observações me levão a crêr que a sua educação a forcára a tomar o casamento como uma consequencia immediata ás exigencias da sociedade em que fôra educada. Eu queria dizer-te alguma cousa a esse respeito; é um bello estudo o dos costumes! mas não obstante a indulgencia com que has acolhido as minhas enfadonhas cartas, receio incommodar-te, e depois os descontentes apparecerião aos pares, e por cousa alguma quero hostilisar os nossos amigos, que tem a franquesa de revelar-se oppostos a mim em idéas. Aconselho-te porém que deixes as delicias da capital, e que venhas reclamar o lugar que te pertence. Olha que os ares campestres são um tanto nocivos ás mulheres casadas que tem a vingar uma offensa do marido!

« Teu, &c., &c. — PAULO.»

Emilia o dissera, jamais poderia pretender um lugar em seu coração. A minha vida de casado durante seis annos não se tornou digno de inveja. Pensei que acharia em Emilia uma mulher que me fizesse esquecer o passado, acariciando a idéa de um porvir delicioso, e nada mais achei que uma mulher egoista que vendia seus sorrisos a peso de ouro ! Será isto um paradoxo mas todas as minhas illusões se fecharão no tumulto que encerra os restos mortaes de Emilia. Nem ao menos, como compensação, Deos me concedeu um filho que me forçasse a ir de vez em quando a esse tumulto recordar-me das illusões que alimentára, e depôr sobre elle um fraco tributo de amor e saudade áquella que fôra minha por espaço de seis annos !....

(*Continúa.*)

ANTONIO XIAVER RODRIGUES PINTO.



A queda de Cápua

(*Continuação do n.º 15.*)

XVII.

Reunio-se no dia seguinte o senado. Annibal empregou as expressões mais lisongeiras para agradecer aos Campanienses a preferencia que davão á amizade de Carthago, sobre a autoridade de Roma, e fez um quadro brilhante das vantagens que disse lhes resultaria.

« Cápua, exclama elle, será em pouco a Capital da Italia ; é della que todos os povos, e até os Romanos virão receber leis. Tudo quanto estes tem possuido se tornará seu patrimonio ; mas um só homem deve ser excluido da alliança, e da amizade dos Carthaginezes, é o unico indigno, e eu peço em nome de Carthago que Decius-Magius me seja eutregue »

O que se poderá recusar a um general revestido de um tão grande poder, e que faz promessas tão esplendidas ? Inda que todos os Senadores conhecessem muito bem qual a consequencia d'uma semelhante violação de seus direitos, nenhum ousou oppor-se a ella. Magius, em vão appellou para o tratado que tinha acabado de se concluir ; foi entregue aos Carthaginezes e transportado a seu acampamento. Quando passou atravez do povo em massa que se amontoava á sua passagem, ninguem pôde impedil-o de dar expansão a seu furor ! « Eis aqui, exclamou elle,

eis aqui a independencia que pretendeis ter adquirido, eis aqui como se observa o tratado que vol'assegurara. Povo insensato, não vêdes na morte de um de vossos senadores, a horrivel sorte que vos preparão ? Ide, correi ao encontro desse generoso carthaginez, abri-lhe vossas portas, e ornae vossas casas ; recebei como amigo, aquelle que entra como conquistador, e rendei-lhe graças por vossa liberdade. » Já a multidão se comprimia á roda delle ; já se notavão signaes d'enternecimento : Annibal o percebeu, fez envolver em um pano a cabeça de Magius, e para prevenir qualquer movimento em seu favor o enviou in continenti para Carthago. Teria encontrado a morte sem duvida se um acontecimento imprevisto o não tirasse do poder de seus inimigos. Apenas se achou em mar largo uma horrivel tempestade atirou seu navio sobre uma ilha visinha da costa. Magius achou meio d'escapar-se, e fugio para o Egypto. Ptolomeu que era o Rei, tendo sabido o que um homem de tal merito, tinha soffrido, o chamou para sua côrte, lhe assegurou sua liberdade, e lhe offereceu, envial-o á Cápua, ou á Roma. Magius recusou uma coisa e outra ; na primeira encontrava com certeza a morte, e na outra não passaria senão por um transfuga ; preferio renunciar a uma patria ingrata, e dedicar-se a seu libertador.

(*Continúa.*)

Traducção de A. M. S. BANDEIRA.



Preceito acerca do dormir.

(FRAGMENTO.)

Falta absoluta de dormir, ou um somno demasiadamente curto altera a saude, e muitas vezes tambem o caracter.

O homem que dorme pouco é ordinariamente irritavel, magro, e menos capaz de um trabalho aturado; digere mal e está mais disposto por isso mesmo á tristeza e á preocupação. Difficil cousa será conservar bôa disposição com menos de 6 horas de somno cada noite. Entretanto é necessario proporcionar esse tempo de repouso á fadiga do corpo ou do espirito, a idade, ao sexo, aos males physicos, e aos cuidados e afflições da alma. O menino precisa de mais somno que o homem adulto; o adulto mais que o homem idoso; a mu-

lher mais do que o homem; o convalescente mais que o sã; mais o homem habitualmente imaginativo do que o negligente; mais o homem estudioso e applicado do que o ocioso. De 9 a 10 horas de somno são necessarias ao convalescente, e aos meninos; 8 ás mulheres moças; 7 ao homem occupado; 6 ao que não trabalha; apenas 5 são precisas ao velho, e 3 ao enfermo. Quatro horas de somno em horas proprias da noite valem mais do que 6 de dia. Nos paizes quentes todavia a sesta é indispensavel para os operarios e para os homens de letras, e de gabinete. Nem todos nossos órgãos estão sujeitos ao somno: o coração, os pulmões, e o diafragma trabalham incessantemente de dia e de noite, quer durmamos, quer estejamos acordados, é por isso tambem que por elles ordinariamente se annuncia a chegada da velhice. Demasiado somno predispõe á apoplexia, e á inercia; o não dormir conduz á consumpção, ao delirio, e muitas vezes á demencia. Entre as paixões ha umas que conduzem ao somno, outras que o afastão. Uma grande alegria espanta o somno tanto como uma grande dôr. Pouco café produz muitas vezes insomnia; muito café produz o lethargo, e pôde produzir o delirio. Cousas ha que dispõe a dormir pela manhã e que excitão de tarde: por exemplo, o jejum convida a dormir e a cêa produz a insomnia. O somno tira o appetite pela mesma razão que restaura as forças. O motivo disto é que durante elle não sómente repousão os órgãos, mas tambem o alimento do dia lhe é igualmente distribuido pelo coração que tem cuidado de todos. Para bem dormir convem que a digestão esteja senão já completa ao menos começada; e que o corpo, e os membros estejam livres de oppressão, ligaduras, e de quaesquer constrangimento. E' bom prevenir-se contra as bulhas e ruidos, contra uma muito forte claridade, contra as correntes d'ar; mas evitar as alcovas e quartos naturalmente obscuros e privados de renovação do ar e da luz. Afastar cheiros e perfumes; nada de calor demasiado; a cama que não seja muito mole antes rija; por que aquella promove o suor, e enfraquece; cabeça alta e ligeiramente coberta, os pés quentes; coberturas leves; o corpo disposto e tranquillo. Não se deve dormir sempre do mesmo lado, por que isso destruiria o equilibrio em que devem estar todas as visceras do corpo. Convem pois dormir d'um e outro lado, e mudar já para um já para outro na mesma noite. Um somno socegado dispõe ao bom humor, e á esperteza e agudeza do espirito, e pro-

duz saude e prazer. Muitas pessoas não são magras, rabugentas, insoffridas, e mesmo injustas, senão por que dormindo mal, digerem difficilmente. Pelo contrario as boas digestões nascem d'um somno socegado, e desta causa provém a saude; a saude aviva o espirito e dispõe a alegria; a alegria á tolerancia e bondade. Os ruins e os ambiciosos dormem pouco. O somno da noite está perfeitamente d'accordo não só com as necessidades da vida, mas tambem com os nossos habitos sociaes. O somno de dia enfraquece-nos, ou por que não é tranquillo ordinariamente, ou por que substitue o da noite consagrado a serios trabalhos, ou dissipações e excessos. As vigílias nocturnas são tão contrarias aos deveres, como aos gózos do homem rasoavel. A energia se esgota pelas meditações da noite, o que produz distrações nos negocios, e uma certa indifferença no commercio e relações inteiras da vida. As longas vigílias podem levar os homens a uma alta reputação de saber, porem raras vezes o elevarão ao poder.

A escolha do local é menos importante do que a escolha do tempo: o essencial para o somno é o socego d'espirito, unido á fadiga dos membros. A lassidão junto com a segurança dorme mais profundamente sobre as palhas do que a ociosidade sobre colxão de plumas. A fadiga é o travesseiro do lavrador. O somno apasigua a fome, que em represalia impede, ou abrevia o somno. A renitencia e preguiça das funções animais não tem melhor remedio do que um somno longo e repousado. Se quereis saber o mal que pôde fazer-vos o cheiro d'uma rosa na vossa camara de dormir, mettei-a debaixo d'uma redoma de vidro; 6 ou 8 horas depois o arahi contido não pôde alimentar a luz d'uma vela. Tanto é o gaz acido carbonico que exhala!

A privação absoluta do somno é um dos mais crueis supplicios que se possa imaginar. Quando os romanos querião punir um grande criminoso, ou um inimigo temivel, impedião-no de dormir pelos tormentos. Foi assim que se vingarão de Terceu.

C. J. M.

As prisões.

Prisões ! oh ! triste nome que encerra em si terribes desgraças. Oh homens ! lançai a vista sobre essas grossas muralhas tristes, onde a humanidade

está carregada de ferros, onde muitas vezes a innocencia está confundida com o crime, e onde soffrem todos, os maiores tormentos esperando com anciedade o derradeiro, para dar fim á desgraçada existencia ! chegai-vos, e ouvi : e se o ruído terrível dos ferros, as trevas medonhas, os gemidos surdos e longiquos, o choro desesperado não vos fizerem recuar d'horror entrái nessa habitação da dôr ; descei aos immundos e estreitos calabouços, e ahí sob traços desfigurados contemplai os vossos semelhantes feridos com o peso continuo dos ferros e meio cobertos com alguns andrajos, infectados d'um ar que nunca se renova, e que parece estar embebendo-se no veneno do crime ; vêde-os roídos dos mesmos insectos que devorão aos cadaveres nas covas ; esses desgraçados tem apenas para alimento grosseiras e más comidas, distribuidas com mesquinhez, por um implacavel carcereiro que os atormenta a cada passo ! Esses homens ainda que culpados são dignos de compaixão ; e então todo aquelle que não lhe der attenção, o mesmo magistrado que não defender sua causa, é um algoz que quer sacrificar esses desgraçados nos calabouços, em quanto elle respira um ar livre e vive na opulencia e no luxo.

Ah quão mal pensais ! não vêdes que a justiça Divina talvez ainda vos faça experimentar dobrado castigo ! ? por que então não attendeis a suas mãos supplicantes : por que não estudais sua culpa, e ides defender sua causa muitas vezes sem mancha ?

Porque ? Porque elle é pobre ! por que tem sua esposa e seus filhinhos chorando desesperados e talvez pedindo uma esmola para saciar a fome, por que esses braços que trabalhavão para lhes dar alimento que erão tão necessarios ao Estado, estão indignamente encadeados ! e não tem quem por elle dê montões d'ouro para comprar vossa protecção ! Ah ! homens baixos, que tendes semelhantes, mas só delles vos lembrais, quando tambem a desgraça vos persegue e enfurecidos iis servir-lhes de companhia !.. oh ! então o arrependimento é vosso primeiro castigo !

Mas, se esses homens são innocentes, oh dôr ! oh piedade ! então a humanidade lança do fundo do coração, um grito de compaixão.

Será possivel que esses homens que tem direito ao ar livre e á luz do céo, estejam encerrados em um escuro calabouço ? ! tal é seu destino !

Porém a esses homens innocentes está reservada uma vida eterna mais feliz do que aos outros.

Muitas vezes os odios hereditarios, as vinganças injustas, de que se valem alguns homens, que muitas vezes tem sido seus amigos, e que, ou pela ambição, ou por que os vêm pobres, quebrem-os acabar para sempre ! E vós, oh juizes, que julgais a esses innocentes, e pelo luzir do ouro os condemnais, e fazeis encerrar nessas masmorras, não vos lembraes das desgraças que sobrecagem em sua triste habitação.

Ah ! homens sem consciencia ; ide, defendei-os e fazei abrir as grades a esses desgraçados que para ahí fizestes conduzir, e deixai-os em liberdade por què elles são innocentes. Senão, a justiça de Deos, talvez, querendo castigar vossa maldade, infunda no coração d'aquella esposa fiel, e de seus filhinhos um odio de morte, que com o correr dos annos se vá arraigando cada vez mais, e que venhão a descarregar em vós o golpe, que vingue a seu desgraçado pai !

Oh ! os juizes devião andar sempre retirados de toda a sociedade para não se confundirem com alguns mãos causadores destas desgraças, e que promovem a corrupção dos costumes ! oh ! imploremos o favor de Deos para esses desgraçados que gemem encadeados ! oh homem, qual é teu destino ? Soffrer e morrer são os dous grandes termos de tua existencia !

Novembro de 1855.

JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.



Vôo extravagante da imaginação.

O arroxeadado e melancolico crepusculo da tarde deixava cahir por sobre a cidade de S. Sebastião, incerta claridade ; os ultimos raios do brilhante phebo tinham acabado de esconder-se por detraz do Corcovado, e tudo já convidava ao repouso das fadigas do dia, áquelle que em insana lida, o passa amargurado entregue a laboriosos trabalhos. Achei a occasião asada para dar um moderado passeio, e vir depois entregar-me aos braços de Morpheo, e não tendo para onde dirigir-me subi o morro do Castello, para apreciar ao anoitecer, o rico panorama que ahí se desenrola a nossos olhos : escolhi um lugar onde a relva offerecia mais commodo repouso, e meio deitado, deixei a minha imaginação vagar, como a minha vista por tudo quanto me rodeava. Pouco a pouco, ou fosse de cançasso, ou por-

que a branda e tepida aragem que levemente soprava, me infiltrasse no corpo, esse quebrantamento de forças que precede o somno, de recostado que estava, fiquei de todo prostrado, e só então avistava o firmamento que a furto me deixava ir descobrindo mais e mais em seu manto azul, que se tornava ferrete, as buliçosas estrellinhas que o matizão, e apenas, me fervia na mente uma ideia, ideia que parecia sahir-me do fundo do coração, a oppôr-se áquellas, que produzidas pela sensação externa, me assaltavão a mente: essa ideia era a imagem do meu futuro desenhando-se em minha alma com as côres mais risonhas, era o porvir encantador de uma vida domestica, a par de uma belleza ideal, que me tornava feliz, sem eu saber porque; um presentimento me dizia que essa felicidade se realisaria, e eu acreditava nella, como uma creança acredita nos mysteriosos contos com que as entretem suas amas, para as fazer dormir. Embebido por estas emoções adormeci tambem, e o meu somno não era o somno ebrio dos que dormem para satisfazer essa necessidade corporal, era um somno repassado de animação, era um somno cheio de vida, em que meu pensamento funcionava um pouco extravagantemente, mas que não deixava de dar conexão a minhas ideias, um tanto phantasmagoricas.

Minha vontade inda lutou por alguns instantes mas o corpo cedeu, depois, senti-me lentamente ir subindo, como se fôra suspenso por um balão aerostatico, a principio nada me incomodava, mas depois era eu levado com tal rapidez que zunião-me os ouvidos com uma força espantosa, e sentia por baixo de mim o marulho das aguas, e um pouco ao longe um sussurro, que me parecia o bater impetuoso das vagas contra penhascos, e que pouco a pouco ia deixando de se ouvir até que desapareceu de todo: por algum tempo, tudo era silencio, e apenas me sentia impellido por essa força sobrenatural, que me arrebatava. Tornei a ouvir o mugir das vagas, e abri os olhos, (pareceu-me que o fazia) e vi uma ilha formosissima. Calculei que devia ter d'extensão umas 16 leguas sobre 12 de largura, ao Noroeste avistavão-se muito e muito longe outras ilhas que não podião ser conhecidas por mim; sua população pelo que vi parecia exceder a 70:000 habitantes. Havia uma cidade, que era toda cercada de lindos e symetricos jardins, mas no ei que a plantação era toda de funcho. Vi muitas adegas, e ridentes vinhas e notei mais que havia

particular esmero no fabrico vinicula. Quando fazia estas observações um rodomoinho, me levou de repente, parecia ter perdido os sentidos, mas no fim de tres voltas, immensas, inconcebiveis, eu pairava sobre uma casa de soffrivel apparencia. Uma dama, não direi uma belleza, pois que tendia mais para palida, que corada, tinha as costas algum tanto abáuladas, e o talhe um pouco alto, não podendo mais vêr nem analysar, por estar ella dentro d'uma janella com o rosto encostado á mão direita; parecia pensativa: de repente seus olhos brilharão, ergueu-se direita, tornou-se a debruçar como para se dirigir a alguém, e algumas palavras pronunciadas, em máo portuguez, e com voz rouquenha, forão dirigidas a uma pessoa. Nesse momento passava um official que parecia Alferes de caçadores. Respondeu, com certo olhar significativo, e desapareceu, assim como ella, que retirou-se enfadada ao que me parecia. Não vi nada mais por que nesse momento eu ia dirigir-me á dama, e o maldito rodomoinho deu-me tal empurrão em forma d'espiral, que pareceu-me andar fóra da nossa atmospha, inteiramente perturbado. Quando a mim tornei; oh! maravilha, estava na cidade de Lisboa, sentado na anca do cavallo da estatua equestre de D. José! Eu no Terreiro do Paço?! Eu aqui?! Em quanto me certificava, se era verdade, ou realidade o que via, eis que avisto o mesmo Alferes da Ilha, mas, á paisana, cabisbaixo, com a barba crescida, e assim com ares, de amante atraído, e de official descabido. Quiz chamal-o, pois julguei que o devia considerar meu conhecido, mas, oh! dor, quando fui a me mover para acenar-lhe, o maldito rodomoinho, arrancou-me do lugar em que eu estava, tão a meu gosto, e então sahi como uma frecha disparada por vigoroso bésteiro, e não vi mais nada. Este intervallo foi mais longo, segundo minha fraca lembrança. Parecia-me que atravessava o Oceano, e vi uma embarcação, que pelo garbo, e bonita marcha, com que sulcava as aguas do atlantico, era o vapor D. Maria 2.^a e reconheci nelle, a dama da Ilha, que vinha na pôpa sentada, *conversando alegremente, entre outras pessoas*. Pareceu-me que este encontro, ou era fatal, ou tinha alguma significação, tanto assim que já sentia algumas disposições a favor da dama, e parecia-me que se desenvolvia em meu peito um sentimento que não poderei explicar, mas que me fazia olhar com mais attenção para ella, e ao mesmo tempo que tive pezar de não poder estar-lhe ao pé, já não

me pareceu como a havia descripto, e sim um pouco mais bella. O rodomoinho que me servia de locomotiva, advinhava meus pensares, e aprazia-se contrariar-os, pois á vista da embarcação quando eu empregava minha attenção, e queria raciocinar, impellio-me a maneira de zig-zag com tal força que perdi os sentidos....

Tornei a mim. Já não viajava. Estava aposentado no Rio de Janeiro em uma casa, da mais comprida rua desta Capital, e vi que era calçada de paralelipedos: com quanto eu andasse, movesse-me, e fosse senhor de todas minhas acções, um peso convergia sobre o meu todo, e me fazia conhecer, que um dominio sobrenatural me rodeava; tudo eu attribuia ao meu rodomoinho maldito, que tanto me maltratava, e resignei-me. Cheguei-me para a porta da casa; sentei-me, mirei-me, e achei no meu dedo um bonito auel com um brilhante! Fiquei estupefacto, e puz-me a brincar com elle dando-lhe mil voltas, e reparava que era impossivel tiral-o, não por que fosse apertado, mas sim por que uma força occulta o segurava, e fazia gravitar sempre para a ultima falange do dedo! Estava nesta lida, e ouvi um suspiro: levantei a cabeça, e, oh! inconcebivel illusão de meus pobres sentidos, estava a uma janella quasi defronte, a dama da Ilha!....

Olhava para o anel, ou para mim com um modo tão terno que parecia estar com vontade de possuil-o, e quicá o dono! Quiz offerecer-lh'o, mas não o podia fazer pela impossibilidade de arrancar-o do dedo; porém pelo gesto da dama, entendi, que ella pensou que eu lh'o offerecia, e nisto estava, meio estatico, quando de novo me sinto impellido pelo rodomoinho infernal, que me transportou até ás nuvens.

De lá, eu via o lugar onde tinha adormecido; via os preparativos para as festas todas, que ora n'um, ora n'outro lugar. se preparavão; via as rédes que surrateiramente ião levando doentes e defuntos para os hospitaes e cemiterios; via o continuo entrar e sahir, das embarcações, quer commerciaes quer de guerra, querá vella, quer a vapor; via as apostas dos caixeiros, arriscando as vidas em frageis canôas; via as imprudencias de muitos, que por qualquer cousa ideião uma offensa, e já querião se matar, se esfolar, se degolar, para depois acudirem outros, e ficarem os contendores com caras d'asno; via a affluencia dos mascarados para o baile monstro, em quanto outros affluão para as igrejas a fazer preces; via as especulações dos pedestres, a prender rapazes que

farejavão ter com que pagar a soltura; via as reuniões de muitos contratando-se para applaudir,, ou patear algum, ou alguma cantora do Lyrico; via a concurrencia do Passeio Publico, cuja variedade mostrava que o faschionable, e o dandyismo, inda ali não foi bem comprehendido; via o abalroamento das carroças, dirigidas por debeis burros, e possantes ilhéos, contra as esquinas, contra as carruagens, e contra as pessoas; via finalmente tudo quanto se vê n'uma grande cidade, e nesta contemplação divertia-me quando cheguei aos telegraphos; era bello, era sublime, vêr a immensidade, e variedade de telegraphos electricos, *sem fio*, e que se communicavão perfeitamente, uns com flores, outros com lenços, outros, com creancinhas, outros com macaquinhos, outros com leques, outros com livros, outros com os dedos, outros finalmente com os olhos, com a boca, com o cabelo, e creio que até com o nariz!!!

(*Continúa.*)

A. M. S. BANDEIRA.

Ainda a amo...

Triste mancebo, no vigor dos annos,
Sob as palmeiras divagava á sorte,
Tinha no rosto a pallidez da morte,
Que á sua fronte para o chão vergou :
Ali, sosinho na amplidão do bosque,
P'ra alliviar a sua dor ingente,
Estas palavras c'uma voz pungente
Saudoso e triste á solidão soltou :

« Longe da patria, n'um paiz estranho,
« Supporto a custo a desgraçada vida,
« Mirrou meu peito uma paixão mentida,
« Ficou-me só o desespero e a dor :
« Meu coração já sem ventura pulsa,
« E no meu seio, que já foi outr'ora,
« Feliz, ditoso, só conservo agora
« Lembrança triste do trahido amor.

« Lembrança não! que no meu peito existe,
« Sempre vivaz, aquella chamma ardente ;
« Que ainda sinto essa paixão fervente,
« Que encheu minh'alma d'amargura e dó :

« Ante meus olhos, sem cessar, adeja
 « A bella imagem da mulher, que amava,
 « Que uma, a uma, as illusões tirava,
 « Que a fé, que eu tinha, reduzio a pó.

« Era eu bem joven, e sentia apenas
 « Dentro em meu peito despontar a vida,
 « Inda minh'alma não estava imbuida
 « Do fel amargo das paixões sem fim ;
 « Veio turbar-me o socegado seio
 « Com dor horrivel esse amor profundo,
 « Veio fazer-me aborrecer o mundo,
 « E a doce esp'rança suffocar em mim.

« E esse amor enregelou-me o peito ;
 « Minh'alma triste já não acha encantos
 « D'extensos prados nos floridos mantos,
 « Das avezinhas nas canções d'amor.
 « Longe de todos na soidão divago,
 « Guiando á sorte meus incertos passos,
 « Pensando sempre nos ethereos 'spaços
 « Onde a ventura não se mirra em flor.

« Claro pharol, que allumiava a estrada
 « De minha vida, que passou ditosa,
 « Findou sua luz, que me guiou bondosa,
 « E seu clarão não brilha já p'ra mi ;
 « Eu vivo só, abandonado e triste,
 « Minh' alma inerte já não tem esp'rança
 « De ter ainda uma feliz bonança
 « Senão na morte, que p'ra mim surri.

« Adeus, campinas, que eu amei outr'ora,
 « Claras fontinhas, e mimosas flores,
 « Não ouvireis minhas canções d'amores,
 « Por que a ventura para mim findou. »
 Não disse mais. Os mal seguros passos
 Guiando a custo sobre a verde relva,
 Em pouco tempo se 'scondeu na selva
 E nunca mais depois ali voltou.

Rio, 5 de Novembro de 1855.

EUGENIO ARNALDO DE BARROS RIBEIRO.

A violeta da serra.

Mimosa filha da terra,
 Que fazes sosinha aqui ?
 Tão deserta, solitaria,
 Viverás feliz assi ?

Aqui vives, peregrina,
 Não te juntando ás mais,
 Terião grandes ciumes
 Se te não fossem iguaes.

Aqui, vives satisfeita
 Soltando teu mago olor ;
 Aqui, a mão inimiga
 Não vem toldar-te o palor :

Aqui, da brisa fagueira
 Sorves o seu brando arfar,
 E o astro rei, primeiro
 Aqui te vem saudar.

Cômo eu tu procuraste
 A fagueira solidão ;
 Só n'ella acha prazer
 Um magoado coração.

Fica-te em paz nesta serra,
 Mimosa filha de amor,
 Que como nascestes morres
 Sem sentir a menor dor.

Emquanto que eu errante
 Ando cumprindo meu fado,
 Vivendo continuamente
 No mundo desesperado.

Todos fogem de me ver
 Como se eu fora malvado....
 E' que ninguem quer saber
 De um misero desgraçado.

Julho de 1855.

ECHO ELISIO.

A Religião.

(Continuação do n. antecedente.)

OS ESCANDALOS.

Ai do mundo por causa dos escandalos : porque necessario é que venhão escandalos : mas ai daquelle homem por quem o escandalo vem.

S. MATHEOS, Cap. XVIII.



ESCANDALO é o verme roedor da sociedade, é a desmoralisação em toda a sua plenitude.

Diversidade de escandalos se forjão todos os dias, cita-los seria um nunca acabar: mas Christo reprovando os escandalos disse : — ai daquelle homem por quem o escandalo vem.

Os homens porém são incorrigiveis e desprezão este conceito ; e todos os dias praticão escandalos.

O que será d'elles na hora extrema de seu passamento ! em vez de irem gosar uma vida puramente feliz, terão talvez de soffrerem um justo castigo. E esse castigo não é momentaneo, não se reduz sómente a um dia, a uma semana, ou a um mez ; é eterno !

A felicidade que se poderia gosar na companhia dos justos, despreza-se, para se ir passar uma vida de maldições e soffrimentos.

Como nos propozemos a escrever sobre religião só reprovaremos aquelles escandalos que forem tendentes a ella, e que tiverem por fim faze-la decahir.

A verdadeira fé rarisimas vezes apparece ; é como as aves de arribação que só se deixão ver de anno a anno.

Ide a esses templos e vereis o que se pratica.

Não é pela devoção de ouvir missa que a maior parte das moças vão ás casas do Senhor ; quereis saber para que pedem ao *papai* que as leve aos templos ? é para fazerem dessas casas uma *olaria*, previnem o apaixonado que se apresenta lá e em vez de prestarem a devida attenção ao sa-

N. 19 — Domingo 9 de Dezembro de 1855.

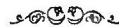
cerdote, são os risos amorosos desprendidos ao *papalvo* que boquiaberto lhe retribue da mesma forma, que substitue a missa. Poderá dar-se maior escandalo ! á face do altar e ante a imagem de um Deos sacrosanto ? !... Ainda mais ! aproveitão-se do barulho na sahida, e achão a occasião asada para darem e receberem cartinhas.

O luxo com que se apresentão, essa desenvolta indecencia mostrando um collo alvo e eburneo aonde os amores brincão alegremente, mas que deverião esconder para que os homens não vissem esses amores brincar, ficando assim zelozos delles, e sujeitos assim a profanarem o logar aonde estão, e a proferirem palavras sacrilegas excitando com todos aquelles artefactos a que se pratique o que geralmente se vê.

Tal indecencia não achamos propria. Os pais são sabedores disto, elles vêm todo este apparato mas não sei que atracção tem as filhas que lhe relevão tudo, e em tudo achão graça. Uma filha namorar no templo, mostrar o colo são bagatelas a que elles não dão importancia ; entendem que isso não é desmoralisação e indecencia mas sim moda. A maldita da moda é que faz com que tudo seja proprio, e obscurecido aos olhos dos pais e maridos.

(Continúa.)

ECHO ELISIO.



A queda de Cápua

(Continuação do n.º antecedente.)

XVIII.

As esperanças dos Capuanos parecião realisar-se, e Magius cujas predicções se julgavão vãs, não tardou a ser esquecido. Todas as apparencias justificavão a alliança com Annibal, e o exemplo de Cápua foi seguido pela maior parte dos povos d'Italia. O exercito Carthaginez que se achava enfraquecido por suas proprias victorias, se engrossou por um montão de voluntarios que vierão alistar-se sob suas bandeiras. Os Romanos já não tinham senão um pequeno numero de alliados, e esse Estado, antigamente tão altivo tão imperioso, vio-se obrigado para reunir o resto de suas forças, a lançar mão dos recursos que pouco antes lhes terião parecido vergonhosos.

Não só todos os mancebos de 17 annos para cima, como tambem de menos idade, forão

disputam as oblações e o respeito da sociedade em que vivem. Ha outra cousa que me faz crer na minha primeira idéa, a *guarda avançada* que acompanha os namorados são as cartas que dirigem mutuamente. Pois bem, a que parte em primeiro lugar da *linha* feminina, tem relação na linguagem com as outras que dirige mais tarde para a *linha* masculina; supponho que *ellas* se empregam exclusivamente em estudar a maneira porque poderão entreter cinco ou seis *praças* a um tempo, e d'ahi nasce a relação entre essas cartas.... Eis aqui o resultado do estudo que tenho feito sobre ellas. As *excellencias* d'uma carta de namoro estão no papel bordado. Não fallo nas *senhorias* porque cheiram a *dona agulha*, e como taes contentam-se com qualquer papel. A *alteza* está no mesmo papel bordado, mas é necessario que o acompanhe um raminho de varias côres no principio delle. Seguem-se depois os aromas e perfumes, condições necessarias para este subido tratamento,

Se algum dia namorar (do que Deos me livre) hei de escolher uma *alteza* de sobrado para me obrigar a trazer o pescoço sempre levantado, é uma posição bastante incommodativa, mas posso descobrir algum *planeta* ao qual reserve o nome da minha *ella*, e então a posteridade é nossa....

Tinha muito que dizer a este respeito, porém a hora está adiantada, e vejo com espanto que o leitor é perseguido por continuos abrimentos de boca; é forçoso concluir; que pena! agora que a leitora começava a achar interesse nestas *paginas*! Paciencia, sirva esta decepção de *corolario* ás muitas pragas que me tendes jurado.... ora, estou brincando; pragas de moça são pedidos de anjo! E então? não conclui com um paradoxo?.... Faça ponto, senhora penna.

Rio, 15 de Junho de 1856.

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

SUSPEITAS.

O doutor Rego costumava levantar-se ao primeiro arrebol matutino. Era um habito tão antigo e arreigado, que não havia nada que fizesse esquecel-o. Dado ao estudo, elle empregava a madrugada nesse passatempo, e haviam dias em que era mister arrancal-o ás suas lucubrações.

Luiza vinha reclamar a benção paternal, pas-

sava alguns minutos com o doutor, e retirava-se. Ella sabia por experiencia que seu pai não gostava de ser importunado quando estudava, por isso aguardava o resto do dia para prodigalisarem mutuamente essas ternas caricias íntimas e religiosas, que Deos reservou para o pai e filho.

Bem longe de suppôr que Luiza tivesse sido raptada, o doutor não prestou attenção á falta da visita matutina e demorou-se no seu quarto até ás oito horas da manhã.

O tio Cardoso viera para cumprimental-o; respeitador submisso dos habitos domesticos dos estranhos fôra passear pelo jardim, porque achara a porta do quarto fechada, o que dava lugar a crer que o doutor dormia, ou o mais provavel, que elle não desejava ser incommodado.

Após aquelle veio seu irmão; e pouco depois Henrique. Como o primeiro foram para o jardim.

— Esperava encontrar aqui a interessante Luiza, disse elle para seu tio; as moças teem uma predilecção particular pelo perfume das flôres que despertam ao chilrar dos passarinhos, que celebram o apparecimento d'aurora.

— E' verdade, respondeu aquelle, sorvendo magestosamente uma pitada; mas a par dessa predilecção vem de tempos a tempos a preguiça. Não pretendo dizer com isto que Luizinha seja preguiçosa; faço esta observação porque te vi franzir o sobr'olho.... aposto que estás namorando?....

— De Luiza?

— Não, d'um lugar de *Juiz de Paz*, é a ambição dos bachareis que deixam a Universidade.

O tio Cardoso olhava de revez para seu sobrinho, e entre si se regosijava da sua ironia.

Henrique encolheu os hombros, e não respondeu.

— Que bello lilaz! exclamou elle após um momento de silencio; hei de pedir ao dono da casa um enxerto desta arvore.

— Fazes bem, meu rapaz; dou-te de conselho que em lugar da magistratura empunhes o regador.

— Começa cedo, meu tio; consinta porém que lhe observe que depois d'almoço fará pessima digestão.

— Comprehando-te, queres que reserve para então aquillo a que chamas ironia pungente; descança, hei de satisfazer-te alem de teus desejos.... Que excellente voz tem o nosso amigo Carlos! a proposito queres visital-o?

— Fal-o-hia senão tivesse a certeza de o ver em poucos instantes.

— A elle não, mas o preto sim, olha.

O tio Cardoso indicava uma das ruas do jardim por onde se aproximava Domingos.

Este chegou depressa ao lugar em que estavam os dous interlocutores, e cumprimentando-os com respeito, disse, fallando com Henrique :

— Meu senhor moço mandou entregar-lhe esta carta ; não tem resposta. E cumprimentando-os de novo retirou-se.

O tio Cardoso deu uma gargalhada ; a gravidade do preto, a surpresa de seu sobrinho lhe desafiára o riso.

— De que se ri, meu tio ?

— Da engraçada figura que estás fazendo ; quem te vir nesse bello estado dirá que acabaste de receber um R.

Henrique abriu a carta e leu.

Aquelle espiava-lhe todos os movimentos.

— Heim ? exclamou o importuno tio ; parece-me que as novas não são das mais agradáveis !...

Assim era. Henrique dava signaes de agitação á maneira que lia ; seus olhos, até ali tão francos e expressivos, brilhavam d'indignação.

— O que temos, Henrique ?

— Lêa, meu tio. Este ia a tirar os olhos.

— Não, lerei eu mesmo.

E começou :

« Meu charo doutor.

Escrevo-lhe, agitado de mil diversos pensamentos. O coração advinha-me uma desgraça, e para a evitar necessito de toda a minha coragem. Diga a Luiza que me ausento destes lugares por algum tempo. Circunstancias imprevistas reclamam a minha assistencia em outra parte. Sei que não ignora o meu segredo, amo Luiza, e ella retribue-me esse amor. E' por isso que lhe peço que a console durante a minha ausencia ; e que a rodêe desses cuidados e carinhos que podem mitigar a saudade. A outro que não fosse o Sr. guardaria a confissão d'este segredo ; mas os poucos instantes que passei a seu lado convenceram-me de que me dirijo a um homem honrado, e de nobres sentimentos. Desculpe-me com seu pai e tio ; e creia que sou

« Seu sincero amigo

« CARLOS PINHEIRO. »

— E então, que conclues tu desta carta ?

— Que algum grande perigo ameaça Luiza.

— Ora, não será tão importante, que possa tirar-me o appetite.... Se chamassem.... para o almoço.... terminou o tio Cardoso sorvendo outra pitada.

Continúa.

Frederico

OU O MYSTERIO D'UM AMOR.

ROMANCE

(Continuação.)

CAPITULO V

Agora indagaremos a razão por que foi Frederico chamado á bordo do navio *Fernando I*, com tamanha urgencia.

Luiza, que havia ficado quasi toda a noite sem poder dormir só com o pensamento na carta do doutor Lima, mal que a luz do dia veio ledamente transpondo os vidros da janella do seu aposento, chamou Margarida que a ajudou a vestir, e depois apoiada no seu braço, se dirigio para a sala da frente, e ahi se assentou no sofá.

Não tardou muito que Alfredo a precedesse, mas em lugar de saber de sua saude, olhava-a de revez, o que Luiza não deixava de notar ; e a resposta que lhe deu, foi os bons dias, a que elle não quiz corresponder !

Luiza conservou-se então em profundo silencio, até que Alfredo abandonou a sala ; e como a joven não tivesse de quem se queixar, senão de si propria, levantou as mãos ao céu e disse :

— Bemdicto sejas, meu Deos !...

Ouviu-se neste tempo um rumor surdo no fundo do corredor, e Luiza mandou logo saber por Margarida o que seria, e ella trouxe-lhe em resposta, que o Sr. Alfredo tinha sido preso, e conduzido á cadeia.

E defeito, o doutor Lima conseguira por meio daquella carta entregar Alfredo á policia !

Vejamos, elle vai agora entrando na sala dos interrogatorios ; o juiz de paz está assentado, e ao lado esquerdo o seu escrivão ; mais além em um banco comprido está o doutor Lima, junto um moço dos seus dezoito annos, bem parecido, trajando calça de brim branco, e jaqueta de riscadinho azul, e um bonet na mão ; logo sabermos quem é, e a razão por que ahi se acha.

O juiz interrogou a Alfredo por este modo :

— O Sr. como se chama ?

— Alfredo Marques da Silva.

O escrivão foi tomando nota, e o juiz continuou :

— O Sr. em que se occupa !

— Agora, a responder a V. S.

— Não lhe pergunto por isso, retorquiu o juiz enchendo ambas as bochechas, eu pergunto de que vive o Sr.

da Ilha, *que á pópa, alegremente conversava, entre outras pessoas!!!* Mesmo mergulhando involuntariamente, e sopeando a respiração, com as mãos nos ouvidos, e os olhos fechados fui reflectindo mui seriamente nos constantes encontros que em lugares e occasiões tão diversas se me offerecião com aquella dama. Depois não vi mais nada, o rodar dos vapores sobre minha cabeça, esvaeceu-se, e esqueci-me de mim mesmo; creio que pela segunda vez perdi os sentidos....

Quando tornei a mim, estava em S. Domingos, n'uma casa soffrivelmente arranjada, e n'um lugarzinho muito pittoresco. Estava sentado com o rosto um pouco voltado para a janella, rodeavam-me alguns amigos, creação para mim inteiramente nova, e que eu confundido, e absorvido no meu continuo espanto olhava com indifferença: assim permanecemos; alguns instantes depois disserão-se algumas banalidades, fallava-se de bailes, da Phileuterpe, e de quadrilhas etc., quando menos esperava, no momento em que fitava o meu olhar pela janella fóra; de repente bradei, com voz d'stentor: é ella; e em côro e no mesmo tom, os meus desconhecidos amigos, exclamarão também: é ella.... Era a dama da Ilha! que a todos envolvia com o seu olhar, cheio de conjecturas, com esse olhar espirituoso que estuda nossos menores movimentos. Olhou, passou, e sumio-se! E nós, assim que passou a estupefacção, olhámos-nos, e perguntamos todos ao mesmo tempo: Ella, quem?!!! Ninguém respondeu, e eu puz-me a brincar com o meu brilhante. Depois exclamei; se eu fosse, oh! sim, se eu fosse como este brilhante, se eu pudesse brilhar como elle, se eu produzisse a attracção que elle tem, eu seria o mais feliz dos mortaes; porém, horrivel decepção, por mais que faça, poder-me-hão chamar brilhante, mas infelizmente, nunca o serei.... apenas me limitarei á miseria de possuil-o, elle será adorado, e eu?!! Estas reflexões erão extravagantes, mas certo presentimento me dizia que erão justas.... Não sei por que. Pouco a pouco foi anoutecendo, e apenas se ouvia o murmurinho mavioso das aguas que brandamente batião na praia; do outro lado o susurro brandissimo dos zephyros entre as folhagens, o canto amortecido e triste dos passarinhos, a longiqua cantiga do canoeiro, o tropear vagaroso dos que se recolhiao, tudo convidava ao repouso, tudo era socego; quando uma forte detonação, o estrondo do raio, cujo echo foi repercutido por todas as concavidades ao alcance delle, se fez ouvir, e então eu, que

pensava agora, que ia dormir, justamente acordava ao tiro de peça. Erão 6 horas da manhã. Passei uma fresquissima noute no Morro do Casiello, onde agora me encontro, de barriga para baixo, todo orvalhado, e suando suores frios como quem sahe de horrivel pesadello. Procuro o lapis, e para que me não escapem as variadas scenas por que passei, correndo as escrevo. Lá vem aquelle, que quando aqui cheguei, se recolhia por detraz do Corcovado, sahindo agora por detraz das montanhas que costeião a risonha Nictheroy, seus raios como espreitando vem se abrindo caminho por entre as nuvens, que no horisonte se refugiam acossadas pelo vento. A aurora lá vai dobrando seu caminho, annuenciando aos povos a vinda do vivificador do mundo, e eu cá vou me levantando, todo amarrotado por ter passado a noute fóra do ordinario, com a gravata ao pescoço, e os sapatos amarrados, e quasi de chapéo na cabeça.

Olhei para as mãos e reparei que tinha o meu anel; o mais, tudo foi sonho, e descendo o morro, dirigindo-me á casa fui pelo caminho admirando, a maneira porque passei esta noute, que jamais me sahirá da memoria, pelas impressões profundas que, embora sonhando, experimentei.

A. M. S. BANDEIRA.



Physiologia do Casamento.

AMOR, CONVENIENCIA E DINHEIRO.

(Continuação do n. antecedente.)

DINHEIRO.

Pensamentos ao vôo da pena.

As mulheres abusão bastante dellas mesmas, quando os homens deixão de abusar de si. (Nós.)

O casamento formado apenas com dinheiro do lado feminino, é o principio de uma *comedia*, que quasi sempre acaba por *farça*, e algumas vezes em *drama*. (Nós.)

Les femmes ont corrompu plus des femmes que les hommes n'eut ont'aimées. (BALZAC.)

PRINCIPIO D'UMA COMEDIA.

O principal personagem da pequena *comedia* que vou desenrolar-vos, leitores, é o Sr. Paulino Mendes, amanuense de secretaria. Modesto em-

prego para quem ambiciona a mão de uma viuva com *duzentos contos* ! duzentos contos ! palavras magicas que tem a virtude de transformar o pau em pedra, e a pedra em pau !

Duzentos contos ! oh ! quantas pulsações estes dous vocabulos não farão dar por minutos, e principalmente no coração do homem que tem a *febre* d'ambicionar o respeito de uns e o sorriso de outros ! Dinheiro, dinheiro, e sempre dinheiro ! eis a palavra do seculo. O dinheiro foi, e sempre será a poderosa alavanca com que *Archimedes* sonhou outr'ora ! Quantos viuvos, quantos orphãos não têm sido sacrificados ao desejo desse goso material—de ser-se immensamente rico ! Continuai, *devotos do poder, do mando e das riquezas* (*) ; a vida é curta, e alguns annos de uma existencia dourada compensão bem as maldições que vos acompanhão ao tumulto, e a má recordação que deixais apoz elle fechado !..

.

DIALOGOS E MONOLOGOS

Seria uma verdadeira *California* !... o meu *El dourado* está ali... mas quem sou eu ? Que pena não ter nascido deputado para poder alcançar uma pechincha destas ! E quem sabe ? A fortuna é tão caprichosa !

O pobre amanuense de secretaria, embebido na muda contemplação dos *duzentos contos* da viuva, que a sua escaldada imaginação lhe fazia ter presente ; foi interrompido por um importuno visinho, que ouvira *Paulizo Mendes* pronunciar as ultimas palavras do seu ambicioso monologo. O visinho aproximou-se d'elle e bateu-lhe no hombro.—Ai ! exclamou o pobre amanuense, julgando que era o diabo que vinha pedir-lhe contas dos seus ambiciosos pensamentos.—Como ? meu visinho ; ignorava que padecesse do nervoso ; má molestia, meu caro...

—E' que Vm. tem uma maneira tão celebre de comprimentar os amigos ! — Explique-me, pois, a que genero pertence a pechincha que procura na janella fronteira.

—Ah ! Sr. Raimundo... se soubesse !... — Acabe. — Estou namorado ! — Namorado, Vm. um homem tão grave e sisudo ! um official de secretaria ! — Alto lá, não me chrisme ; amanuense é que quer dizer. — E de quem está o meu visinho namorado ? — Que pergunta tão disparatada ! provavelmente ha de ser de uma mulher.

(*) Garret

—De uma mulher ? ! namorado de um *bicho tão feio* !... Bom eis-nos no terreno escorregadio. — Que diabo acha Vm. na mulher para lhe chamar bicho feio !

—Acho.. acho. — Acabe. — Acho que é um bicho feio. — E nada mais ? — Por enquanto não.

— Deixemos as reticencias e ambiguidades ; quando qualquer pessoa avança uma proposição dessas deve desenvolvê-la, e dar a razão por que o faz. Empregar com a mulher, a melhor e mais perfeita obra da criação, dous vocabulos tão mesquinhos — bicho feio ; é de mais !

— Vamos, não ha remedio senão satisfazê-lo ; chamo á mulher bicho feio, por que symbolisa a serpente, e a serpente além de feia morde.

—Bonita conclusão ! E' com um paradoxo desses que Vm. quer fundar a sua asserção ; pois engana-se, por que ha muitas excepções de regra, e regra de excepções.

— Vamos ao que importa ; diz-me que está namorado ; como é que se deu tal milagre ?

—Estou namorado, e seriamente namorado. — Então essa mulher é alguma belleza sem senão ?

—Não, nada tem de bonita nem de moça. — Ah ! meu pobre amigo, senão o visse com juizo diria que estava doudo ! — E' que eu namoro... — Já o repetio muitas vezes — Qual, ainda não disse tudo, estou namorado dos *duzentos contos* que tem a viuva visinha !..

—Bravos ! por menos que isso sacrificaria eu o meu celibato !

(*Continúa.*)

ANTONIO XIAVER RODRIGUES PINTO.



Paris.

A antiga Lutetia, chamada depois Parisii, e hoje Paris, é a primeira cidade do mundo. O viajante que tenha corrido todo orbe, e visto tudo quanto nelle ha de grandioso, chegando a Paris tudo esquece ; póde estar um anno, dous annos, nessa grande cidade, e todos os dias encontra novos motivos para admirar a grandeza, o engenho, e o progresso a que tem chegado os homens.

Ali encontra reunido tudo quanto possa ter visto desde o polo arctico até o antartico. Se passou nos sertões d'Africa, e lá tremeu ao rugir do leão, e ao uivar medonho do tigre, vai encontral-os ali subjugados e humildes. Se receioso atravessou entre as populações da Asia, entre os turbantes dos Turcos, ou nas regiões Americanas, encon-

trou uma horda de indigenas, que o amedrontarão, com seus modos ferozes, vai encontral-os ali de mescla com os Parisienses, completamente familiarizados com os Europeos, e seus costumes. Se admirou na Italia os progressos musicaes, a sublimidade das composições dos mais celebres maestros, em Paris vai encontrar as melhores cantoras, e cantores do mundo, e ouve repetidos pelos melhores professores as mais sublimes musicas da época, e da antiguidade. Se na Inglaterra, e Allemanha, e ou'ros paizes admirou a industria manufactureira, ali vai encontrar todas nas produções da arte, tudo quanto ha de mais esmerado; se analysou os diversos caracteres dos povos que cobrem o globo, ali encontrará em amavel reunião o conjuncto de todas as nações, de todos os habitos, e costumes; finalmente se admirou a architectura dos edificios gigantescos, de Portugal, Hespanha, Italia, e Grã-Bretanha, ali não encontra os mesmos, mas encontra outros, que o fazem tambem, se não esquecer, ao menos atenuar a admiração de que ficou possuido. Encontra o *chateau des Tuilleries*—o primeiro palacio da capital, assim como seus decantados jardins, esse monumento de grandeza que no tempo de Carlos 6.º já existia, como fabrica de télhas, d'onde tira o nome; essa residencia official, reconstruida por Catharina de Medicis, continuada por Henrique 4.º, engrandecida e modificada por Luiz 13.º e Luiz 14.º que está hoje quasi terminada por sua junção ao Louvre, e tem 336 metros de fachada, com 36 de largura.

Encontra o Palais Royal, construido pelo Cardeal de Richelieu, e que foi chamado Palais Cardinal, cujo merito consiste nas avenidas que o cercão por tres lados, com galerias cobertas, e que, como as de Orleans, formão um continuado passeio, no qual se encontrão as mais elegantes lojas que faz do mesmo um esplendido e vasto basar, cuja reputação é europea. E'ahi que se vem as mais sumptuosas casas de joias, e de ourives, e os restaurants, e cafés da voga. Em seu jardim todo plantado de Tílias, gosa-se o mais agradável passeio; e no meio, na grande aria circular está o muito conhecido canhão, que annuncia a passagem do sol naquelle meridiano, e que serve de soberano regulador ao publico, e aos relojoeiros. Depois verá o Luxembourg, um dos Palacios mais conhecidos na Europa pela sua regularidade e que a mesma Catharina de Medicis fez edificar sob o plano do Palacio Pitti, de Florença.

Ali verá, um rico Museu dos quadros mais no-

taveis de artistas ainda existentes. De uma das janelas vê-se a magnifica escada que ornada de estatuas e tropheos, conduz á assembléa do Senado.

Uma rica Bibliotheca, e a Capella de Maria de Medicis, merecem particular attenção, e o seu jardim é um dos mais encantadores passeios desta cidade. O Louvre, magnifico Palacio, cuja origem se perdeu na obscuridade do passado, já em 1353, ha 5 seculos, era o rendez-vous da caçada, chamada Louveterie, da qual tira a etymologia. O novo Louvre data de Luiz 14.º E' para admirar a soberba columnada que faz frente para S. Germano Auxerrois, seu pateo interior que forma um quadrado perfeito é guarnecido de riquissimas esculturas de João Goujon.

Tambem se distingue a sua fachada do lado do rio, novamente acabada, pela elegante simplicidade e o mais bello effeito. Munido de um passe, entrará no Hotel de Ville, situado na Praça do mesmo nome. Em 1836, este edificio foi acrescentado notavelmente, e que o faz não ter hoje comparação alguma com o que era no tempo de Henrique 4.º que teve a gloria de concluir essa obra principiada por Henrique 2.º E' situado a borda do Sena, e ali reside o Prefeito, occupando seus magnificos salões. Se procurar o lugar do antigo convento dos Agostinhos menores, encontrará o Palacio das Bellas Artes, na rua de Bonaparte. Ali se admira o precioso fragmento do Castello d'Amboise, o arco denominado Gaillon, ali se vê a portada do Castello d'Anet construida por Diana de Poitiers, e se entrar no hemicyclo do grande amphitheatro verá a rica pintura a fresco de Paulo Delaroche, seu principal ornamento. Lá está o Pantheon, esse celebre monumento do tempo de Clovis. Em forma de cruz grega é o seu grande plano, composto de quatro naves immensas coroadas por um soberbo zimbório. Sua fachada é corinthia, composta com vinte e duas columnas suportando uma cimalha de 33 metros de comprido, sobre a qual está o esplendido baixo relevo de David d'Angers. Seu interior é muito notavel pela disposição das naves, e a apothese de Santa Genoveva, pintada por Gros. Se quizer vêr os sepulchros de Voltaire, Rousseau, o Sufflot e Marechal Lannes, descera á 6 metros de profundidade pela terra, e achal-os-ha em uma Igreja subterranea. Verá aquella architectura ao mesmo tempo grave e elegante, e que abrange com suas quatro faces, parte das ruas, du Hartay, del'Horloge, de la Sainte Chapelle, e Barillerie; é o Palais de Justiça; que entre, e verá a galeria onde

estão expostos os retratos dos primeiros logistas Francezes, verá uma sala de 74 metros de comprimento, com 28 de largo, é a sala dos — Pas Perdus. Alem destes, verá os Palacios, d'Orsay, do Corps Legislatif, o Elisée, o des Termes, o Observatoire, a Escola Militar, o Hotel des Invalides, o das Monnaies, &c., verá os principaes Museos que são os do Louvre. O d'Escultura moderna, de Ninive, Grego, e o Egyptio em baixo; o de quadros no primeiro andar, assim como, o de desenhos, o dos soberanos, os hespanhoes, e italianos, o maritimo, &c. Tendo ainda os de Luxembourg, o de Cluny, o d'Artilharia, o de Historia natural no Jardim das Plantas, ou Botanico, em frente á ponte d'Austerlity que comprehende o de zoologia, de botanica, d'anatomia; Bibliothecas, Igrejas, Passeios, Jardins, Fabricas, 20 Theatros, todos diversos, finalmente mil outras curiosidades que seria muito prolixo especificar. Tudo, tudo se encontra ali, desde a mais alta aristocracia, e riqueza, até a mais infima plebe e pobreza. Se alguém quizer saber, até que ponto póde chegar o luxo e a sumptuosidade dos homens, vá frequentar os ricos salões de Paris, e se quizer conhecer até onde chega a penuria, a miseria, a sordidez, a desmoralisação, em fim tudo quanto de torpe acompanha a humanidade, vá a Paris, percorra certos bairros da Cité, suba as mansardas, entre nessa especie de covis onde se aninham milhões d'almas, e sahirá horrorisado. E' este contraste que fez Eugenio Sue escrever seus tão tocantes, e desgraçadamente tão veridicos romances, onde se veem descriptas algumas dessas scenas immundas, que compungem o mais empedernido coração. Hoje pois que de tudo ha resumos, podemos acrescentar mais um; o resumo do mundo inteiro, e esse é Paris.

A. M. BANDEIRA.

As tres victimas do amor.

ROMANCE.

Leonor, meiga e formosa,
Desfolhava linda rosa
Divagando em seu jardim;
Quando o Conde D. Raimundo
N'um sentimento profundo
Com amor lhe disse assim:

« Vêdes, donzella, essa flor,
« Que tendo tão rubra côr
« Dentro em pouco a vai perder?
« Muito joven sois ainda,
« Tambem vossa côr tão linda
« Com o tempo vai morrer.

« Eu amo-te loucamente
« Possuido de amor ardente
« Que jámais posso apagar!
« Diz-me, donzella, querida,
« Meu bom anjo e minha vida,
« Poderás-me tu amar?

E a joven com brandura
Lhe mostrando uma fé pura
Se julgava mui feliz;
Não desfolhou mais a rosa,
Mas corando tão formosa
Desta maneira lhe diz:

« Conde, Conde, meu senhor,
« Dar-te-hei o meu amor
« Se o tu souberes guardar;
« Eu tenho muitos ciumes,
« E quem sabe se os perfumes
« Te poderão desgostar?

« E' meu nascimento obscuro,
« E talvez para o futuro
« Te poderá magoar;
« E temo que estes amores
« Depois de murchar-se as flores
« Vão os affectos mudar.

Mas o Conde ajoelhado,
E mostrando-se humilhado,
Fez-lhe ahi mil juramentos;
Foi depois silencioso
Pensativo e saudoso
Caminhando a passos lentos:

Torna a joven tão formosa
A pensar na linda rosa
Que tanto o Conde fallou;
Porém a côr feiticeira

Que mostrava na roseira
Já de todo lhe mudou ;

Vai de novo divagando
Já no seu amor pensando,
Já na rosa ter murchado ;
Ora julga-se innocente
E outras vezes imprudente
Pelo Conde ter amado :

E depois por varias vezes
Passavão semanas, mezes,
Sem um dia só faltar ;
Que esse nobre ao seu jardim
Sua estatua de marfim
Não viesse visitar.

Por entre os verdes raminhos
Dos mais frondosos murtinhos
Muita cesta elle passou ;
E á sombra do monumento
Que era tão doce portento
Furtivamente gosou.

Ai mocidade inexp'riente !
Ai tão fero amor ardente
Assim matas sem piedade !
Tu ao trono vais subindo
E ella o rosto vai cobrindo
A chorar tua falsidade !

(Continua.)

M. LEITE MACHADO.

O cravo.

« Eu vi, oh cravo, cheirar-te,
« Eliza gentil, formosa,
« E sorrindo graciosa
« As frescas folhas beijar-te
« Com seus labios de carmim.

« Ai ! oh cravo, se eu gosasse,
« Como tu, essa ventura ;
« Se em seus labios com ternura
« Eu tambem depositasse
« Um ardente beijo assim !

« Eu vou, oh cravo, colher-te,
« E, gozando taes perfumes,
« Suffocarei meus queixumes :
« Heide no peito trazer-te,
« Bem junto do coração.

E para o cravo inclinando
Minha dextra, me preparo
Para o cortar ; porém paro,
E disse, baixo fallando :
« Colherei ?... não colho, não.

« Colherei o cravo, que ell a
« Com delicias ha cheirado,
« Este cravo bemfadado,
« Que tocou Eliza bella
« Com seus labios de coral ?

« Não colho, não, ha de Eliza
« Pôr-o no seio formoso,
« E seu perfume mimoso
« Subirá, qual doce briza
« P'ra seu rosto virginal.

Rio, 22 de Novembro de 1855.

E. A. BARROS RIBEIRO.

Reflexões moraes.

Os homens não só perdem a lembrança dos beneficios e das injurias que lhes hão feito, mas chegam até a odiar aquelles por quem forão obsequiados, e a deixar de malquerer aos que os insultarão ; pois a idéa fixa de recompensarem o bem, e de vingarem o mal lhes parece uma obrigação servil a que lhes peza sujeitarem-se.

—A clemencia dos Principes é, a maior parte das vezes, uma politica para ganhar a affeição dos povos.

D. DE LA ROCHEFOUCAULD.

Typ. de F. A. de Almeida, rua da Valla n. 141.

Um autor de 15 annos.



U não deixava no inverno a minha mobilia em *Picpus*.

« Era por consequencia uma instalação quando voltava ali, e *Poquelin*, meu tapesseiro tinha trabalho regular para quatro officiaes. Algumas vezes vinha acompanhado de seu filho, de 15 annos de idade, mas tão fraco e delicado, que parecia ter apenas 10. — Em compensação elle era dotado da phisionomia mais espirituosa

que possa ver-se. Quando João Baptista via *Corneille* experimentava uma sorte de estremecimento involuntario, e seus grandes olhos brilhavam de enthusiasmo. Eu o sorpreendi um dia quasi a bater á porta do poeta. Sómente elle hesitava como se receasse alguma cousa. — Que tens tu, meu pequeno João Baptista? lhe disse eu aproximando-me. Elle não me esperava. Corou, procurando encobrir um rolo de papel que trazia debaixo do braço. Tirei-lh'o, e li na primeira pagina estas palavras escriptas em magnifico cursivo:

O AMOR MEDICO

COMEDIA EM 1 ACTO, E EM PROSA.

— Como!? exclamei eu, tu fazes comedias, João Baptista? — Oh! eu vos conjuro, murmurou com voz tremula, não o digas a meu pai, elle me bateria! — Bater-te por um motivo semelhante! eu queria ver isso... Entremos. Abri a porta do quarto, e disse a *Corneille*: Meu amigo, apresento-vos um collega. *Corneille* não comprehendeu o verdadeiro sentido das palavras. João Baptista ficára em pé diante d'elle, contemplando-o com extasi. Viase o peito do pobre rapaz arquejar de emoção, seus olhos brilhavam sob um véo de lagrimas. *Corneille* estendeu-lhe a mão. João apossou-se della, e levou-a a seus labios com transporte. — Obrigado! obrigado! exclamou o mancebo; quanto sou feliz por beijar uma mão que ha escripto tão bellos versos. — Tu vais então ao theatro, meu rapaz? — Sim, meu avô me leva algumas vezes ás escondidas. Já

N. 20 — Domingo 16 de Dezembro de 1855.

vi representar *Mélite*, *Clitandre* e *Médée*. — Muito bem, lhe disse eu, agora lê-nos a tua comedia. Elle obedeceu, e nos declamou, com um tom de voz bastante natural, uma pequena peça assás agradável, que *Corneille* escutou de principio ao fim com um vivo interesse. (*) — Bastante inexperiencia, murmurou elle quando João Baptista findou a sua leitura, nenhum estilo ainda, mas comico, do verdadeiro comico. E' preciso fazer estudar este rapaz. — Meu pai não consentirá nisso, disse o nosso joven autor com voz triste. — Porque? perguntou *Corneille*. — Ha dous annos que lhe supplico para pôr-me no Collegio; recusa sempre. — Sob que pretexto? perguntei-lhe. — Sob pretexto que eu sei de mais para fazer tamborettes e cadeiras. Quando João acabou de fallar ouvimos a voz de *Poquelin*. Elle chamava seu filho com um tom furioso. Correndo á porta eu disse ao tapesseiro: — Entrai, meu caro, João Baptista está comnosco. — Eis-te aqui vadio! exclamou *Poquelin*, ameaçando-o com o punho. — Treguas á vossa cholera e injurias, se vos apraz, interrompi eu. Este mancebo tem maravilhosas disposições. — Para a vadiação, sim. — E para outra cousa ainda; é a idéa de Mr. *Corneille* e a minha. E' preciso pôr João Baptista nos estudos. — Heim! exclamou *Poquelin* dando um salto; para fazer o que! — Nós o veremos mais tarde; o essencial é que elle entre para o Collegio; eu o desejo vivamente. — Impossivel, mademoiselle, impossivel! — Não, *Poquelin*, por que não só desejo, mas eu o exigo. — Perdão; é meu filho. — Eu o creio; mas sois livre de dar ou não importancia á minha vontade cu aos meus desejos. Sómente, em ultimo caso, não tereis a minha frequencia, nem d'aquellas pessoas que me visitão. — Mas é a Côrte e a Cidade, mademoiselle! — E' como o dizeis, *Poquelin*. — Quereis arruinar-me? — Eu quero que João Baptista siga um curso. — Olvidaes que isso me vai custar um dinheiro louco?! — Eu me encarrego da pensão do collegio. — Vós, mademoiselle?! — Sim, meu caro, nada tendes de que vos occupar a este respeito. Esta ultima consideração pareceu resolver-o. — Seja então; não ponho mais obstaculos; porque João é um vadio, de que jámais poderei fazer alguma cousa; elle estraga todos os moveis em que toca.... Por minha fé! eu desejo mais que João Baptista estude. »

E' *Ninon de Lenclos*, essa celebre *Cortezã* do

(*) Mais tarde eu aconselhei a João Baptista para retocar esta peça. Elle a pôz em 3 actos, representando-a pela primeira vez no *Palais Royal* em 1665.

tempo de Luiz 13.º, da Regencia d'Anna d'Anstria e de Luiz 14.º mesmo; esse brilhante ornamento dos salões aristocraticos d'então, que tem fallado. Estes fragmentos traduzi-os das suas memorias, e pouco me resta a dizer de Poquelin, que, com outro nome, devia mais tarde occupar um lugar eminente entre os autores mais celebres d'aquelle seculo tão fecundo em genios, e producções sublimes! João Baptista Poquelin entrou no collegio de Clermont, de que era director o celebre professor Gassendi, com Arnaud de Bourbon, Principe de Conti, irmão mais moço da interessante Duqueza de Longueville. Poquelin voltou do collegio na idade de 20 annos. Sua natureza, até ali fraca e delicada, começava a desenvolver-se. Era um mancebo d'olhar franco, e brilhando de intelligencia. Todos os seus traços tinham uma expressão nobre e graciosa, seu nariz era um tanto grosso, mas bem modelado, e seus labios salientes annunciavam ao mesmo tempo o vigor do caracter e do genio. Grato a Ninon, a quem nunca cessou de chamar *sua bella protectora*, perguntou-lhe um dia como e quando lhe deveria provar o seu reconhecimento.—Toma sentido, João Baptista; respondeu-lhe ella, pensa primeiro em tuas promessas. Eu serei bastante exigente no dia em que me resolver experimentar o teu reconhecimento.—Eu quizera que fosse neste momento.—E se eu te pedir um serviço... perigoso?—Ordenai que me lance ás chamas por vós, e vereis se recuso. Ninon queria vingar-se de madame de Rambouillet, que invejosa da sua gloria a desacreditava. Para isso conduziu um dia João Baptista ao palacio dessa dama, o qual era a reunião classica de tudo que havia de mais elegante em Paris.—Observa, lhe disse Ninon. Elle observou também que oito dias depois levava-lhe a comedia—*Precieuses ridicules*.—Como se não ignora dava-se então o nome de *preciosas* aquellas mulheres que affectavam uma linguagem e uma delicadeza de sentimentos que bem longe estavam de possuir. Para que a vingança fosse completa e se tornasse publica, Ninon exigio do joven autor que a comedia fosse lida por elle no proprio palacio e á sua inimiga. Para quem não ignora a malicia e a originalidade dessa comedia, facil será advinhar o effeito de tal leitura. O palacio Rambouillet perdeu todo o seu brilho classico, e desde então foi esquecido. João Baptista era ameaçado de todos os lados. A Côrte que soube de tudo isto, ordenou que se fechasse *l'illustre Théâtre*. Era tolher o talento de João Baptista, e impedir que o seu espirito satirico e elegante dêsse composições como as *Preciosas*.

Ninon conheceu o alcance dessa medida, e disse a João Baptista: Vamos, coragem, affronta a tempestade, muda de nome, e vai, com teus companheiros, representar as tuas peças pelas Provincias. Bem depressa estarás connosco. Poquelin seguiu o conselho de Ninon, e partio animado por Corneille, que lhe disse:—*Marchemos sempre, e viremos a ser os primeiros autores comicos do seculo! O genio advinhava o genio....* Poquelin era mais tarde *Mollière*, e os vindouros escreverão como eu escrevo hoje — *Mollière*!...

Rio, 20 de Novembro de 1855.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

PORTUGAL.

O Mosteiro de Refojos de Basto.

Um certo sentimento se desperta em nós, ao visitarmos algum edificio, cuja tradição nos mostra a grandeza do seu passado. O mosteiro de que nos vamos occupar, não é um templo em ruinas, que nos diga o que foi, em algumas letras já apagadas dos tempos ou por delicadas esculturas, por exemplo: o Pandosio, ou o Parthenon em Athenas, onde o viajante curioso póde beber as mais puras inspirações, porém é um monumento de solida cantaria que a mão do tempo não pôde inda fazer seguir igual sorte. Tanto se tem escripto em Portugal ácerca de edificios, e sendo este um dos mais elegantes não podemos dizer sem muito pesar que não houve ainda uma alma de Deos que se lembrasse de traçar duas linhas a seu favor! Mas não me admiro, porque outras muitas cousas que igualmente o merecião, lhe tem acontecido o mesmo. Nós nascido e creado na mesma freguezia saberemos dizer alguma cousa em seu abono, já pelo termos muitas vezes examinado, já por ouvirmos de nossos pais e avós, algumas noticias a seu respeito.

Não diremos nada de mais porque achei tão lindas cousas, que nos obriga a dizer com Camões:

Além disso o que tudo em fim me obriga
E' não poder mentir no que disser,
Porque de cousas taes por mais que diga,
Mais me hade ficar inda por dizer.

A fundação deste mosteiro attribue-se a El-Rei D. Diniz. Dista de Lisboa sessenta e quatro leguas, e sete de Braga onde é o seu arcebispo; sua

freguezia tem quatrocentos e quatorze fogos. O edificio terá pouco mais ou menos duzentos pés de comprido e cem de largo. Sua fachada é magnifica. As suas tres torres de lisa cantaria, são avistadas de muito longe, seus pincares porém parecem esconder-se lá no céu !... S. Miguel seu orago está em pé com uma lança na mão em uma dellas ; fica-lhe em frente um grande largo onde se faz todos os dias santificados um grande mercado de todos os generos de comestiveis.

O interior do edificio é espaçoso e elegante ; de todos os lados não se vê mais do que ricas imagens, e lindos relevos esmaltados de ouro. Seus pulpitos semelham-se ás rosas curvadas da roseira para o chão ; um orgão magnifico se depara em frente do grande e bello côro ; tem elegantes altares, em fim tudo ahi mostra o melhor gosto e riqueza possivel.

No interior ha duas portas, uma dá para a sacristia, onde está collocado um lindo altar de N. S. da Boa Morte coberto de uma abobada ornada ; a outra dá para os claustros do convento, onde residio por longo tempo a famosa companhia de jesuitas. Tem um lindo portico em circulo formado por varias arcadas, e estas sustentadas por elegantes columnas. Ahi se encontrão muitas sepulturas, entre ellas algumas que merecem toda attenção. Suas lousas de fino marmore deixão ver descripções muito curiosas. Do lado opposto ao convento fica a poetica povoação de Chacim ; seus habitantes que inda conservão os religiosos costumes dos antigos portuguezes, são laboriosos e vivem alegres e harmoniosamente. Immensas campinas reverdecem aqui e ali, e os olivais são tão abundantes que parecem ser o symbolo de paz entre elles ; tudo ahi convida á alegria, e ao contentamento. Fica então ao lado esquerdo a pequena mas formosa villa das Pereiras. Um rio passá entre ella e Chacim murmurando alegre e docemente, e o primoroso mosteiro de Refojos de Basto, ostenta-se ahi com toda a sua magestade qual um magnifico pavilhão no meio de um bello jardim.

ANTONIO LEITE MACHADO.

Physiologia do Casamento. **AMOR, CONVENIENCIA E DINHEIRO.**

(Continuação do n. antecedente.)

DINHEIRO.

Mas, meu amigo, continuou o Sr. Raymundo dando um suspiro ; uma fortuna destas não se

alcança sem grandes e custosos sacrificios. A viuva deve ter muitos pretendentes, e talvez que d'entre elles Vm. seja o mais modesto e o menos adiantado. — Não tanto como o diz, Sr. visinho, apesar de ser um pobre empregado publico sem eira nem beira, tenho dotes phisicos que valem tanto como o dinheiro. Sou um rapaz elegante e bem parecido. E o Sr. Paulino fazendo a si este elogio, mirava-se d'alto a baixo como teria feito o pavão que se importa pouco com a fealdade dos seus pés. — Concordo com isso, mas actualmente as mulheres tem espirito de mais para se namorarem de improvisos dos bellos olhos de qualquer homem. O *romantismo* do seculo, e o progresso das luzes torna-as *miopes* para aquillo que as fascinava outr'ora nesses bellos tempos da cavallaria. Ellas aceitão esse progresso como uma consequencia devida ao seu sexo, e em sua louca vaidade exigem que sejamos para ellas o que ellas deverião ser para nós.... Mas consinta que lhe faça uma observação ; as suas visitas á viuva são frequentes ? — Duas vezes por semana ; seria mais assiduo se não tivesse de aturar as *reprimendas* de uma creada que tenho.... — Como ? ! — Uma creada diabolica ; metteu-se-lhe em cabeça que devo dar-lhe conta dos meus menores passos, e a todo o momento me persegue com seus ditos sarcasticos e zombeteiros. — Oh ! e consente Vm. que uma creada leve a tal ponto o atrevimento ? ! — Que quer, ha circumstancias.... — Comprehando, mas n'um caso destes eu ter-lhe-ia mostrado politicamente a porta da rua. — Veremos, talvez o faça ; quero primeiro tentar a conquista dos *duzentos contos* ; vou hoje á casa da viuva, e o resultado de uma explicação em forma me dirá a conducta que hei a observar. — Adeos, Sr. Paulino, conte commigo para o que possa prestar-lhe ; sei que a respeito de *l'argent*.... estamos em meados do mez, e o ordenado de empregado publico não chega até aqui ; por isso espero que a *ser bem succedido*, as minhas pequenas economias lhe sirvão de utilidade. — Obrigado, meu amigo, d'antemão lhe agradeço o interesse que toma por mim ; adeos, e oxalá que em breve eu possa trocar a modesta e *rusa* casaca de empregado publico, pela lustrosa e elegante do capitalista.

Moralisemos.

Assim vae o mundo ; o egoismo e a ambição, dous cancrs humanos, fazem-nos esquecer do

que somos, e do que poderemos ser na sociedade. Por mais modesta ou brilhante que seja a posição do homem, empregamos esforços sem fim para vencer a primeira e tocar a méta da segunda. Que importa, pois a maneira por que chegaremos a esse resultado? ! Que importão as lagrimas que fazemos derramar á nossa passagem pela estrada espinhosa ou florida que temos a percorrer? ! Que importa o stigma e o ferrete de ignominia que os *devotos* do poder, *do mando e das riquezas*, levão impressos na sua fronte? ! Dinheiro, honras e dignidades, nada satisfaz a ambição humana! Nenhuma das escalas que percorremos durante a nossa existencia tem o necessario brilho para forçar-nos a parar ! Um poder estranho e invisível nos impelle além ! Antevemos ás vezes seu horizonte brilhante, e nos arroubos da nossa esquentada imaginação tomamos os *cardos* por flores, e os espinhos por rosas ! E' forçoso ser assim ; a ordem natural das cousas authorisa estes e outros expedientes ; e para os espiritos fracos o mundo tem seducções sem fim !

(*Continúa*).

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO:



A queda de Cápua

(*Continuação do n.º antecedente.*)

XIX.

Depois da batalha de Cannas, não cessarão de censurar o vencedor por ter desprezado o conselho de Maharbal, e de não ter perseguido o inimigo, porém muitas razões lhe servião de escusa. Muitas vezes um general é o unico que conhece o verdadeiro estado de seu exercito, unico por consequencia que pôde bem sabel-o conduzir. O de Annibal fatigado pela mais difficil das campanhas, diminuido por numerosos combates, sem reforço algum de homens, de cavallos, e de armas, faltando-lhe completamente todos os apetrechos proprios para um sitio, não podia diante de Roma desesperada, perder-se ? O que seria d'um exercito então que não tinha meios de retirada ? Não era muito mais prudente preparal-a e assegurar-a, fazendo de todos os povos que lhe ficavão na retaguarda, outros tantos amigos ? Porém como não se pôde julgar das cousas senão pela maneira por que ellas se apresentam de momento, considere-se a posição d'Annibal, e a dos

Romanos depois da batalha de Cannas ; estes desprovidos de recursos por si mesmo, podião procural-os por seus alliados ; Annibal rodeado de inimigos podia durante o cerco de Roma ser atacado por todos os lados, e como se disse, a retirada lhe era impossivel ; pelo contrario, assim, a conquista de Roma só parecia retardada, mas muito mais segura. O resultado, primeiro juiz das acções dos homens, provou que Annibal se tinha enganado, mas as apparencias, unicas guias de um futuro que se não pode prever, fazem duvidar de que elle houvesse commettido uma falta. Teve contudo uma, que a historia jamais desculpará, imperdoavel para um homem de genio, e cujas consequencias offerecerão para sempre uma lição memoravel.

No pouco tempo que Annibal passou em Cápua pôde ver os vícios de que ella estava cheia ; deveria ter sentido a extensão do perigo que era para um exercito como o seu, um povo de Sybaritas, que só conhecia na ociosidade, a ventura, e nos prazeres, a existencia. Tinha á vista o exemplo dos primeiros Samnitas, e o dessa guarnição romana que não havia podido resistir á corrupção. Um general que tivesse tido um conhecimento profundo dos homens, não teria cahido em semelhante erro.

Seja por que Annibal não tinha bem estudado o caracter dos Campanienses, seja por que havia demasiada confiança no de seus soldados, ou seja emfim porque era arrastado por um destino irresistivel, elle entrou em Cápua com um exercito triumphante, e Cápua se tornou para elle um lugar mais fatal do que Cannas o havia sido para os Romanos.

Guerreiros que até então só tinham vivido nos combates, acostumados a affrontar todas as intempéries da natureza, para os quaes a fome, a sede, o calor e o frio nada tinhão de temivel, chegão a uma cidade, onde a voluptuosidade está no ar que respirão, onde tudo o que pode satisfazer os sentidos, tudo quanto os homens tem imaginado para augmentar seus gosos se acha preparado para os receber. Depois de fadigas sem numero, depois de tantas victorias, depois de tantos perigos, não era justo que elles se entregassem ao prazer ? E' o que lhes repetião sem cessar os habitantes de Cápua. O vinho, as meretrizes, a ociosidade, tudo se reunio para abysmal-os nessa embriaguez ; não tardarão seus costumes a corromper-se, sua vida anterior lhes parecia odiosa e esses heroes que inimigo algum podia vencer, forão vencidos pela voluptuosidade.

Desde esse momento se extinguiu nelles esse ardor guerreiro, primeira mola que faz mover os exercitos. Quando voltou a primavera, Annibal quiz reunir seus Carthaginezes, e só com extrema repugnancia é que elles se arrancarão d'um lugar de delicias e d'abundancia. Quando o exercito entrou em Cápua parecia um mancebo em todo o vigor da mocidade, e não era agora mais, que um velho decrepito.

A lembrança das antigas victorias e o genio do general, o unico que não foi sorprendido pela corrupção, era tudo o que restava para conter este exercito. Porém logo que o heroe quiz desenvolver o vasto plano que tinha concebido, apercebeu-se, mas já tarde, de que não tinha mais os mesmos homens para o executar.

(*Continúa.*)

Traducção de A. M. S. BANDEIRA.

A Religião.

(*Conclusão.*)

OS ESCANDALOS.

A religião fundada sobre principios solidos é a columna que sustenta esta abobada que se chama Sociedade; os sacerdotes são que levantão essa columna, e quem a mantêm; mas envolvem-na rutilante no manto da perdição. O verdadeiro sacerdote aquelle que preenche, que conhece as funcções que exerce, é uma prenda, é como o astro-rei que vivifica as flores; é como o ar que dá vida ao homem; mas um sacerdote desmoralisado é o mesmo que uma peste que tudo devasta.

Alguns sacerdotes são que dão incentivo a que os celibatarios pratiquem tantos abusos; elles sustentão em casa mulheres, ellas tem filhos, quem é seu pai ignora-se. Alguns passeião com essas mulheres á face de seus comparsas a toda hora do dia; ora, o povo vendo destes abusos praticados por aquelles que deverião ser os primeiros a dar os exemplos de moralização, poderá ter uma verdadeira fé? Elles proprios que nos respondão.

O clero tem perdido bastante de seu prestigio anterior, mas elles mesmos é quem tem sido os causadores, tem feito com que o povo os despreze e não acredite em suas palavras.

Um facto acontecido a um dos nossos amigos bastante concorre para corroborar estas idéas.

Em uma villa não distante da Córte morava este nosso amigo; pela Quaresma formou tenção de confessar-se, pediu ao parcho para isso, elle o mandou ir no outro dia pela manhã á sua casa. Foi o reverendo estava ainda na cama, e, ou para se não incommodar, ou por outro motivo mandou-o entrar para o quarto, e ali mesmo principiou a confessar o penitente. Já quasi no fim da confissão respondendo a uma pergunta ouviu uma risada, era a cara metade do reverendo, que estava a par delle e que tinha ouvido toda a confissão. O nosso amigo exprobroou ao padre tal procedimento, teve em resposta. — Continue se quizer, senão vá-se embora. — Quantos casos identicos a estes não se terão por ahí praticado?...

Necessita-se de uma reforma nas instituições organicas do clero.

Elles nada fazem que não seja com visos no interesse; ambiciosos, avaros, malignos, e seus costumes e vicios são semelhantes aos seculares. Apparecem nos bailes, no centro dessas reuniões infames, dando escandalos inconcebíveis.

Não queremos dizer que não hajão verdadeiros astros; os jardins tem flores feias e lindas, cheirosas e sem odor, malmequeres e gira-soes; são estes que ainda de alguma maneira conservão certa ordem, ou estabilidade.

Os escandalos sacerdotaes são sobre todos os que maiores castigos merecem.

Escandalos são praticados todos os dias pelos sacerdotes, escandalos que o povo vê mas que não chegam á presença das autoridades.

Muito mais teriamos a dizer, falta-nos porém o tempo. Ao findar estas nossas humildes observações não podemos furtar-nos ao dever de pedir a S. Ex. que se não deixe levar por todos aquelles que o cercão, e que lance suas vistas para os escandalos praticados por aquelles que não o deverião fazer.

ECHO ELISIO.

A Religião.

Religião!... Vocabulo grandioso, que conceber não póde a mente do estulto! poder que nos impelle aos mais sublimes pensamentos, doce declive do coração, que nos leva a admirar a magnificencia de um ser omnipotente, sublime bafejo soprado por esse grande ser, laurel resplandecente que illumina as idéas, preside o coração e arrebat a alma!

Qual será o ente que possuindo em si esse sopro da Providência, esse sorriso da Divindade, feche os ouvidos ás doces revelações da religião !

Qual será o homem que revestido de qualidades distinctas, quaes as da alma, se não preste commovido, ao aspecto de uma natureza que falla, ao ver por toda a parte impresso o cunho de uma obra sublime, não dirija logo uma fervorosa prece, em acção de graças a tão sabio Architecto ?

Oh ! não, que o homem máo, o impio, tambem tem uma alma, que pensa e discorre e não póde ser estrahido ao intimo pensamento que lhe devora a mente, que o fulmina, que lhe dobra a consciencia e que dobrando-lha, lhe faz ver um quadro terrivel, uma scenã memoranda, qual a do Juiz, que não acolhendo o depoimento da victima lhe prepara a horrenda sentença que para sempre o desliga do mundo.

E que pensamento, que Juiz é esse que a phantasia, lhe representa ? — E' Deos. — E' a religião no auge mais resplandecente de suas mais vivas côres, baixada ao coração do homem, salvando-o do abysmo inevitavel das paixões, dos vicios e das torpezas....

Efeito bem sobrenatural sente o justo, quando depois d'um dia de penosos tormentos, entrega seu espirito ás meditações e ao piedoso orar. Repara em seu semblante. — Dantes parecia divisar-se-lhe em cada traço, um desgosto, uma inquietação, um vago receio lhe pairava nos labios, agora representa a serenidade e uma alegria suave; encontrou na oração o refugio de que carecia seu espirito atribulado, ao pensar em Deos, sentio renascerem-lhe as forças, partilhar-se-lhe o coração pelas mais beneficas sensações e á perplexidade de suas faculdades, vio gotta a gotta ir-lhe reanimando o corpo o elixir mais dulcificado.

Vêde prostrada ante as sagradas Aras a esposa consternada que ardentemente pede a conservação do seu esposo : quem a dirige ao Templo ? quem lhe faz dobrar os joelhos sobre os degrãos do altar ? que razão a convence de que por essa fórma poderá ser garantida a vida do presado objecto de sua supplica ?

Quem diz ao afflicto que suas penas serão minoradas ?

Quem aconselha ao indigente para que recorra a Deos ?

Quem manda o criminoso em seus ultimos transees, interceder ao céo pela sua sorte ?

A RELIGIÃO, que nos males da vida é o unico allivio e o mais suave conforto.

AVELINO MOREIRA.

As tres victimas do amor.

ROMANCE.

(Continuação do n. antecedente.)

Tinhão já mezes passado
Que se haviam separado
Com lealdade segura ;
E jurado os dous amantes
Serem na ausencia constantes
Não lhes mudar a ventura.

Juramento fementido
Aonde estás ? estás perdido ?
Talvez ; o conde é chegado,
Mas por trazer outro amor
Que julgou mais fresca flôr
Já se occulta envergonhado.

Eis assim procede o conde,
Novos amores esconde
Sem pensar no juramento ;
Porém busca com cuidado
Olvidar-se do passado
De Leonor, o seu tormento.

Mas a constante donzella,
Fulgurando qual estrella,
Nunca delle se esquecia ;
E agora mui cuidadosa,
Ciumenta e cautelosa
Estas traições descobria.

Quer lembrar-lhe o juramento
Por entre a dôr e o tormento
Que sem pejo assim lhe fez ;
E chamar-lhe de tyranno
Que tem sangue castelhano
Pois que o seu é portuguez.

Veste-se como um remeiro,
Com seu olhar feiticeiro
Se dirige a beira mar ;

Porque sabe que o inconstante
Com essa rival sua amante
Ali se quer embarcar.

Lá na pôpa de um barquinho
Muito estreito e veleirinho
Eis que a infeliz se assentou ;
Porque ao dono tinha dado
Um certo preço ajustado
Pelo qual ella o fretou.

Mal avista os fugitivos
A divagar pensativos
Foi-se logo aproximar ;
E lhe diz com voz mudada:
« Tenho a barquinha fretada
« Vinde aqui vos embarcar.

Ninguém mais a conhecia
Porque bem a voz fingia
E tinha o rosto pintado ;
Tudo nella era tristeza,
Era tudo uma surpresa
Tudo estava já mudado.

E nesse mesmo momento
Vio crescer o seu tormento
Ao receber a rival ;
Agora tremendo olhava
E depois imaginava
Na vingança colossal.

« Para o largo — disse o conde
« Oh ! afastai-me para onde
« Me não possam encontrar ;
« Que eu quero daqui distante
« Bem junto de minha amante
« Na solidão habitar.

E o remeiro suspirando
Mal a dôr foi acalmando
Principiou a remar ;
E uma balada sentida
Por entre a dôr desprendida
Principiou a cantra.

(Continua.)

M. LEITE MACHADO.

A meu amigo o Sr. José Galvão Mexia.

Ai ! como é doce ter sincero amigo,
Que toma parte em nossas duras penas,
Que se no rosto nos divisa apenas
Leve tristeza nos consola já :
E que connosco, se choramos, chora,
E se nos rimos com ventura occulta,
Tambem se ri, e de contente exulta,
Sem conhecer o que prazer nos dá.

E se noss'alma atribulada punge
Acerba dôr, que nos retalha o peito,
E' doce ter um coração perfeito
Onde possamos a afflicção depôr :
Ai ! é bem doce confiar ao ente,
Que nos dedica uma afeição sentida,
O negro fel, que nos amarga a vida,
A magoa immensa, que nos causa amor...

Somos felizes se um mortal achamos,
Em que noss'alma confiar-se possa,
Que por innata sympathia nossa
Em laço estreito sua vida atou :
E eu achei-te, amigo meu querido,
Da patria longe, n'uma estranha terra,
E a dôr pungente, que meu peito encerra,
E' no teu seio que depol-a vou.

Por isso eu te amo, quanto amar-te posso,
E no céu clemente sem cessar bemdigo
Porque me deu um dedicado amigo,
A quem eu posso minha dôr contar...
E quando a sorte me roubar infausta
A doce esp'rança, que conservo n'alma,
Irei buscar consolações e calma
Nesse teu seio d'afeição sem par.

Rio, 7 de Dezembro de 1855.

E. A. DE B. RIBEIRO.

A Rosa

Desfolhei-te, pobre rosa,
Nem uma folha ficou ;
Eras fresca, eras formosa,
E meu sopro te murchou :
Teu destino foi bem triste...
Pobre flôr, diz-me o que existe
Da belleza sem igual,
Que era a inveja do rosal ?

Restão só folhas cahidas,
Que immundo pó manchará,
De suas côres despidas,
Sem nenhum aroma já :
E da tarde o frio vento
As levará n'um momento,
Em ligeiro turbilhão,
Sem ter de ti compaixão.

Para que fui eu cortar-te,
Oh linda rosa gentil,
Quando vinhão beijos dar-te
As auras a mil e mil ?...
P'ra que fui, desventurada,
Com a mão desapiedada
Arrojar-te á lama, ao pó,
Sem sentir o menor dó ?...

Perdôa, oh rosa innocente,
Se eu cruel te desfolhei,
Porque o meu peito já sente
Tanta pena, que nem sei...
Perdoa-me a sorte dura,
Tua morte prematura,
E todo o mal que eu te fiz ;
Ai ! também sou infeliz !...

Rio, 3 de Dezembro de 1855.

E. A. DE BARROS RIBEIRO.

Ausencia.

Leonor, alva, mimosa florinha,
Do jardim fluminense a mais bella,
E's um anjo de amor e ternura,
Q'os primores do céu me revela.

As saudades, Leonor, que me pungem
Talvez findem de meus dias o goso ;
Mas em mim não fenece a esperança
De inda ser a teu lado ditoso.

Quando vires doce aura agitar-se
Procurando-po seio beijar-te,
Nelle abriga meu triste suspiro,
Que do peito fugio-me a buscar-te.

Deos permita que o sol em seu curso
Te contemple em tuas juras constante,
Doces sonhos a noite te traga,
Traga o dia lembranças do amante.

Sede pois, oh Leonor, mui ditosa,
E em ti crente feliz viverei ;
Mas se acaso por ti fôr trahido
De pezar e de dôr morrerei.

SERPA P.

Reflexões moraes.

A clemencia dos Principes, de que se faz uma virtude é praticada, ora por vaidade, ora por preguiça, ora pelo temor, e quasi sempre pelas tres cousas juntas.

A moderação das pessoas felizes é causa da tranquillidade que a fortuna lhes dá.

A moderação é um receio de atrahir a inveja, e o desprezo que merecem aquelles que fazem ostentação de sua felicidade ; é uma van gloria da força de nosso espirito ; finalmente a moderação dos homens na sua maior elevação é um desejo de parecer maior que a sua fortuna.

DUQUE DE LA ROCHEFOUCAULD.

TYP. DE F. A. DE ALMEIDA rua da Valla n. 141.

A Religião e a Sociedade.



EM religião não póde haver sociedade, é uma verdade que reconhecemos ; é uma maxima que seguimos ; mas que alguns queirão dar uma falsa interpretação a essa verdade , é contra isso que solemnemente protestamos. Aquelles que nutrem e acaricião a esperança de que os povos hão de ainda obedecer ao imperio da superstição e do fanatismo, comprehendem essa verda-

de sob um ponto de vista mui diverso do que a razão e os precedentes autorisão. Querem que a sociedade moderna se curve submissa aos seus absurdos principios, e não entendem que jámais se poderá exigir della aquillo que alcançou á custa de tantos e tão custosos sacrificios. Vejamos como esses representantes das idéas d'outros seculos comprehendem a religião. A sublime doutrina que o Filho de Deos transmittio aos seus Apostolos, deveria ser mais tarde muito mal interpretada por esses fanaticos *proselytos* (insistimos nesta palavra) que havião desertado á pouca de uma bandeira opposta áquella que os verdadeiros martyres do christianismo tinham arvorado. De outro campo transfugas vergonhosos, elles queirão a seu turno converter os infieis pela mentira, quando os segundos, armados do dom da eloquencia dimanada de Deos, abrião a essés infieis o precioso thesouro da doutrina de que fallamos, e que levára Jesus Christo ao alto do Golgotha. Os *neophitos* convertidos pelos primeiros transmittião por sua vez a doutrina mentirosa que lhes tinham ensinado, e dos segundos revelava-se de per si, tornando-se desnecessarios os meios extremos de que aquelles lançavão mão, se algum mais contumaz não podia, ou não queiria acreditar nas ambiguidades que lhe pregavão. Insistimos e insistiremos sempre que a doutrina desses *proselytos* era mentirosa, e que bem longe estava de parecer-se com a verdadeira — a sublime, que Jesus Christo ensinára aos seus Apostolos ordenando-lhes que a semeassem pelo mundo.

N. 21 — Domingo 23 de Dezembro de 1855.

Não queremos remontar aos primeiros tempos do Catholicismo ; a nossa penna repugna devasar mais uma vez o interior desses lugubres asylos, aonde as victimas, sacrificadas aos desejos e ambição de um punhado de homens, carpião amargas e pungentes dores, pagando o mal que não havião feito ! Esses homens, armados e escudados da palavra—religião—pregavão uma doutrina que não professavão, lançando por toda a parte os fundamentos de uma vasta associação que em poucos annos escusaria o estandarte que tinham arvorado, e no qual escreverão com o sangue de tantas victimas tres palavras sonoras — tres verdades provadas — MANDO, PODER E RIQUEZAS ! Os representantes, pois, desses fanaticos d'out'ora entendem que não póde haver religião sem *sambenitos*, e que só os *autos da fé* converterão os transviados. Tem razão ; o *sambenito* impedia as victimas de fallar, o *auto da fé* acabava o seu longo martyrio, o segredo era religiosamente guardado, e cada uma dessas victimas augmentavão a grandeza e o poder dos sectarios d'elle. Respeitamos sempre todas as instituições que tendem a fazer-nos crêr com fé na religião christã ; respeitamos muito a memoria desses martyres que se sacrificarão por ella ; o que não queremos é que, preconisando-se os fautores do fanatismo, queirão lançar todo fel do seu despeito na sociedade actual, que *marcha para o precipicio*. Eis porque não adoptamos essas idéas, eis porque não sympathisamos com essas exagerações hypocritas —acatando muito os principios sãos e verdadeiros da doutrina do Filho de Deos. Dir-nos-hão que essa doutrina foi sempre a mesma, e que era por ella que taes homens forão impellidos a sacrificar tantas victimas. Negaremos qualquer destas duas asserções. As interpretações variadas que lhe derão, o alvo que procuravão attingir, fez dessa doutrina uma especulação — os melhores degrãos para se subir.

Esses homens obravão sempre persuadidos que tinham todo o direito ao respeito e admiração publica. Conseguirão-no por muito tempo. Os povos, os proprios Reis obedecião-lhe, tal era a sua grandeza e o seu poder ! Mas poderemos nós reconhecer hoje que essa supremacia religiosa moralisava a sociedade ? Não. Léa-se a historia dos paizes mais cultos da Europa ; vejamos em França, quando um grande Monarcha a tornára poderosa como nunca o foi, o que era essa sociedade ? Corrompida e viciosa, sem principio algum de moralidade ! Grandes homens da Igreja, revestidos

da *purpura*, *abbades*, *curas*, *padres*, &c., &c., em pleno dia, e perante milhares de testemunhas, erão os primeiros a dar o exemplo, zombando de tudo e pondo em pratica o cynismo mais revoltante que o espirito humano póde emprehender! O que era a sociedade franceza quando *Catharina de Medicis*, ou antes *Carlos 9.º*, autor sou o *Saint Barthelemy*? O que era a sociedade franceza quando Luiz 14.º revogou o *edicto de Nantes*? A mesma que sempre foi, immoral e pervertida; entretanto o fanatismo recrudescia. Desengane-mo-nos, os principios que moralisão e sustentão a sociedade n'ão estão todos nas attribuições do poder espiritual. A sociedade quer uma liberdade e uma expansão que não seja vista e censurada por poder algum directo ou indirecto. Não lhe prescrevão com imperio os limites em que deva girar, e vereis que o resultado é superior ás vossas previsões. Os elementos heterogeneos que a compõe contribuirão muito para esse resultado, e talvez que se extingão certos abusos que testemunhamos na sociedade de hoje. Comprehende-se que não pretendemos com isto eliminar a actual dos vícios que censuramos na d'outros seculos. Confessamos que de perfeita tem muito pouco, mas o que se não negará é que esses vícios e abusos não se tornão tão salientes, nem desafio a satyra e o desprezo d'alguns ornamentos brilhantes que contemplão indifferentes. Poderemos ser tachados de demasiado parcial, mas temos convicção de que a nossa sociedade é superior áquella em que imperava o fanatismo a que os hypocritas de nossos dias chamão religião.

Quereis saber o resultado do dominio supremo dos Jesuitas nos ultimos annos do reinado de Luiz 14.º? Eu vo-lo digo. Este Monarcha que se chamava o *Sol*, e que, como o dissemos já, reunia em torno de si uma multidão de pequenos *soes*, que tornavão mais brilhante esse grande astro; morreu quasi isolado, tendo apenas á direita o semblante cançado de *Maintenon*, e á esquerda a figura hypocrita do Padre *le Tellier*. O seu funeral, mais simples que o do mais simples *burguez*, foi feito ás escondidas, o que não obsteu a que o povo insultasse a Magestade em face da morte! E porque tudo isto? Porque esse povo, e os proprios nobres que, de *geração em geração se substituião nas antecamaras de Versailles*, *esperando o levantar do Rei*; estavam aborrecidos do dominio jesuitico de *le Tellier*, e da devoção exagerada de *Francisca de Aubigné*, *madame Scarron* e *marqueza de Main-*

tenon por ultimo. E' porque esse povo habituado a testemunhar a devassidão dessa mesma Córte nos mais bellos dias de Luiz 14.º, não cria e sorprehendia-se que uma vida tão austera verdadeira ou n'ão verdadeira podesse lavar-os de passadas culpas. E' em fim porque o povo francez jámais gostou d'*antitheses*, e os ultimos annos de reinado deste Monarcha forão uma perfeita *antithese* (desculpem-nos a figura.) O resultado desta devoção systematica e calculada foi o que ninguém ignora. A *Regencia* seguiu-se-lhe mais immoral e pervertida do que o fôra a sociedade dos outros reinados. Ella envolvia-se em um rodomoinho de loucuras que devia mais tarde conduzi-la ao precipicio; o Regente, os Cortezãos, as principaes damas da Córte e até aquellas em cujas veias corria o sangue real, calcavão aos pés todas as conveniências, e apresentavão-se sem pejo e sem pudor nos lugares mais publicos escolhidos de ante-não para theatro das suas scenas! Que farião aquelles a quem a moralidade e a estababilidade dos principios religiosos estava confiada? Vinhão por sua vez tomar parte nessas orgias, autorizavão-nas com a sua presença, e nem uma voz se levantou para pôr termo a esse paradeiro de devassidão! Um Cardeal Dubois para alcançar o baculo de Arcebispo, fazia jurar a sua mulher um segredo absoluto sobre o seu casamento; um Principe da Igreja, a pedido d'aquelle, embriagava o Cura do lugar em que fôra feito para poder subtrahir o registro. Esse mesmo Principe da Igreja apresentava-se ao notario, e com a ameaça de uma prisão perpetua, ou u na dadiwa de cincoenta mil escudos exigia a declaração desses expensas, e como era de esperar a declaração foi-lhe entregue. Dubois, filho de um boticario d'aldêa, era em pouco tempo Abbadé, Arcebispo, Cardeal, e Ministro do Regente! Que é da moralidade destes e outros factos? Temo-nos demorado aqui porque quizemos demonstrar a veracidade das nossas asserções. Refutem-nas se lhes approuver, mas cremos que poucos casos desta natureza se hão dado em nossos dias, *com uma sociedade sem principios moraes e religiosos*. Encaremos com calma as variadas scenas que a historia nos transmittio; comparemos-las com as de hoje; vamos mesmo procurar os factos nas nações em que o fanatismo chegou ao seu auge; analyse-se tudo o ver-se-ha de que lado e tá a razão. Quando os *autos da fé* não poderão extinguir certos abusos anti-religiosos, que se fará agora, neste seculo em que o pensamento é livre, e em que cada um pó-

de, ou não, crer na religião! Sejamos francos e isentos de loucos preconceitos, desculpem os algumas faltas em que incorrerão os fautores do fanatismo, mas não se attribua á sociedade de hoje o esquecimento quasi completo da doutrina do Filho de Deus. Perguntai aos fillos daquelles que adoravão a deusa *Razão*, levantando-lhe altares, interrogai-os sobre a sua consciencia e vereis o que vos respondem. E' a prova mais evidente de que o fanatismo, e a devoção exagerada, e como tal hypocrita é o principio de uma revolução geral na sociedade, cujas consequencias imprevisas só o genio de um Napoleão poderá atalhar. Temos sido até aqui imparciaes, e sel-o-hemos sempre quando nos forcarem a entrar nestas questões; fomos educados com os principios religiosos que a Igreja nos prescreve, o que não queremos é que se tome por devoção aquillo que nada mais é que a hypocrisia personalisada. Podemos adorar a Deus em silencio, podemos levantar-lhe altares em nossos corações sem que a pompa e o brilho se misture com o respeito que Lhe devemos. Esteja a consciencia do homem pura e sem mancha, tenha elle em si as idéas e o germen do bem, e não serão as seducções da sociedade brilhante de hoje que o farão aberrar dos seus principios e da sua fé... Continue a intelligente redacção da *Saudade* a acolher-nos como até aqui, e não nos esqueceremos que é a este seculo que devemos a liberdade do pensamento que os *homens eminentemente religiosos* dos já passados, negarão a nossos avós.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

A queda de Cápua

(Continuação do n.º antecedente.)

XX.

Poucas vezes se encontrão nos annaes do mundo acontecimentos de um tão poderoso interesse, como aquelle em que Cápua sacudindo o jugo romano, cuidou reconquistar sua liberdade. Nenhum das revoluções que tem transtornado os maiores imperios tem produzido um effeito tão notavel, e tão geral, como essa desse pequeno Estado. Direi mais: hoje mesmo depois de dous mil annos, os paizes mais longiquos, nações inteiras, e a Europa particularmente ainda se resentem de seus resultados.

A guerra entre Roma e Carthago é, sem contadição a mais memoravel da antiguidade. Quem é, que percorrendo a historia não toma partido por uma, ou pela outra destas duas rivaes? E os partidistas de Carthago são communmente mais numerosos. Vê-se de um lado Annibal adornado de todas as qualidades d'um heroe, triumphando de todos os obstaculos, vencendo á força de genio as mais espantosas difficuldades; e do outro, essa orgulhosa Roma, cuja ambição sem limites considera como suas divisas tudo quanto póde invadir, e que só se occupa em forjar cadeas para todos os povos, que successivamente tem a desgraça de se tornar seus vizinhos.

Entretanto, ou se considere em Roma o que ella era então, ou o que ella se tornou depois, um modelo de grandes virtudes n'uma reunião de todos os vícios; que odeiem nella um sanguinario conquistador e o tyrano do mundo inteiro, não é menos a seus triumphos que a Europa deveu sua preponderancia sobre a Asia, e sobre a Africa; foi ella quem propagou ali as artes e sciencias, que os Gregos deixarão decahir; foi nella que as selvagens nações do norte mesmo derrubado o seu imperio, viêrão perder sua rudeza, e beber principios de civilisação; foi lá que as sciencias encontrão uma segunda patria; é das ruinas deste vasto imperio que as nações successoras tirarão bases fundamentaes d'uma legislação que se estendeu por todo o Occidente; foi finalmente lá que se viu, depois de uma numerosa successão de seculos, elevar-se uma tyrania, mais terrivel, mais cruel, e mais vexatoria que todas as outras: — o imperio das consciencias, e esse fanatismo religioso que com seu sceptro de ferro ferio até ás extremidades do mundo, e durante longa serie de annos, encadeou e prendeu o espirito humano.

Supponha-se pelo contrario que Annibal houvesse vencido; desde então a Europa sujeita á Africa, recahiria no barbarismo. A Grecia moribunda teria arrastado em sua queda, até a recordação dos bellos dias de Athenas, e de Sparta, e tantas obras primas de todos os generos, que inda hoje se admirão como inimitaveis modelos, estarião perdidos para a posteridade.

(Continúa).

Traducção de A. M. S. BANDEIRA.

Considerações sobre o suicídio.

OFFERECIDAS AO MEU MANO E AMIGO JOSÉ LUIZ
DO AMARAL GUIMARÃES.

*Sed cum res hominum tanta caligine volvi
Aspicerem, lætos diu florere nocentes
Vexarique pios : rursus labefacta cadebat
Religio.....
Abstulit hunc tandem Rufini pœna tumultum,
Absolvitque Deos.*

CLAUD. IN RUFINUM LIV. 1.º v. 20.

*Plutôt souffrir que mourir
C'est la devise des hommes.*

LA FONTAINE LIVRO 1.º FAB. 16.

Ser complexo d'alma e corpo, o homem, deve evitar tudo quanto pôde prejudicar a integridade de seus órgãos, e contravir as leis necessárias da natureza, mantendo incessante harmonia nas relações das duas substancias. Elle tem um fim a attingir, um destino que perfazer, o qual não sendo a riqueza, nem a saúde, nem as honras, nem os prazeres, bens perciveis que tem por prestito a anciedade ou o reimpulso; al não pôde ser senão a Verdade Suprema, Deos emfim. Se é verdade (como o confirmão as tradições dos povos e a philosophia) que a alma se não extingue necessariamente com o corpo. Se a Justiça, a Bondade, e a Sabedoria Divina nos attestão, que os homens serão retribuidos segundo suas obras, quando não immediatamente nesta vida, se quer tarde, ou na vida futura (*pede pœna clauda*); necessariamente devemos concluir que a morte está longe de ser a anniquilação do *Eu*, e que este sobrevive ao corpo n'uma vida futura. « *Se a morte era a ruína de tudo*, diz Platão, *muito te-rião os máos a ganhar. Porém não, a alma leva consigo suas boas e más acções, que são a causa de sua felicidade ou de sua desgraça eterna.* » Isto posto arrancarmo-nos a vida que nos foi confiada em deposito, dizendo como o Stoico « *a dor não é um mal* » em vez de dizermos com o Christianismo, a dor é o crisol que nos purifica, cumpre vencel-a com a resignação; — é não só uma ingratidão atroz para com a Sociedade, cujo pacto implicito rompemos, podendo aliás edificál-a com o exemplo d'uma paciência sublime, como que também é uma rebelião contra os decretos da Divindade, que não quer nem mesmo a morte do impio, « *Nolo mortem impii; sed ut convertatur a via sua et vivat* » que nos prescreve a nossa conservação, e que em seus designios inexcrutaveis

nos assignou a todos um fim determinado: é finalmente uma impiedade porque apagando o fogo sagrado que deve arder no coração de todo o filho de Deos, o amor Divino, morremos descreidos da Fé, sem pagarmos o amor devido a esse Ente infinitamente Perfeito, nosso Pai e Creador. Se me objectais que nós somos impellidos por uma disposição organica da nossa natureza, a evitar a dor e a infelicidade, e que por consequencia nenhuma outra cousa somos, que os instrumentos *necessarios* dessa mesma natureza, roubando-nos uma vida afflictiva, e terminando dest'arte os males que padeciamos: responder-vos-hei que nada neste mundo nos pode impellir a procurar a morte, que nosso instincto repelle. O Redemptor enpunhando o calix d'agonia no monte Olivete, sentio tambem os horrores da morte; succumbio a *carne* e pediu ao Eterno que desviasse delle aquelle calix « *Si possibile est transeat a me calix iste* ». E' um paradoxo dizer que a natureza nos leva á morte, quando a vida se nos torna insuportavel, não; a natureza repelle a destruição, tem horror á morte, que como diz S. Agostinho, é um castigo « *Si anima a corpore separari naturaliter non vult, ipsa m rs pœna est* ». Se as cegas paixões nos asoberbão e transvião, soffrêmos-lhe o furor, e espanquemos-lhe as trevas com o facho da razão, que nos grita, que fomos creados para a perfectibilidade, e que só no complemento de nosso destino, se realisa a verdadeira felicidade. Não somos por ventura nós muitas vezes os culpados de nossos soffrimentos? E se quicá o não somos (*rara exceptio*) não nos ensina a Religião, que aquillo que está na ordem da Providencia, não pôde ser intrinsecamente um mal para o homem, e que nos devemos submeter á vontade de Deos, porque na resignação é que reside o remedio do mal?... Quereis um exemplo dessa sublime resignação tirado das eras primevas?... tereis o de Jacob contra o fementido Labão, o de José para com seus desnaturados irmãos, tereis o de Job e muitos outros. Quereis que os vá buscar entre as hordas dos barbaros que invadirão o occidente? repetir-vos-hei as palavras do Herulo, Pharas ao vandalo Gelimier, como se achão em Le Bas « *Tant que le ciel nous condamne á souffrir la patience est une vertu* ». A Baroneza de Stael chama com muito espirito á vontade e á resignação os dous polos de ser moral. Não succumbas pois sob o carro plangente da dor, homem covarde e tibio na fé; sabe, que a dor é um dos elementos necessarios da vida, não existiria a satisfação moral, senão

houvera a dôr, não se comprehenderia a felicidade, se a desgraça fosse um som vazio de sentido, uma entidade não existente. Quereis conhecer todas as peripecias e arguições de dôr, a par da mais sublime resignação? lede a historia do Jdu-meu Job! Estirado em misera enxerga, n'um muladar immundo, ajudando com um pedaço de telha, o escorrimento do pestifero humor que lhe mana das chagas, exasperado pelas invectivas furibundas e ironias blasfemas de sua mulher, que lhe dizia — « Ainda não *estás desenganado? Amaldiçoa a Deos, morre* » a tudo isto oppunha o martyr evangelica resignação, e ás blasfemias da mulher redarguia: « *Fallas como uma louca, se receberemos os bens da mão do Senhor, porque não receberemos tambem os males que elle nos envia.* » E depois concentrando-se em sua dôr, vendo em tudo o dedo da Providencia, acrescentava: « *Teve-me Deos manietado em poder do mão, e entregou-me ás mãos dos impios, fui delles ferido e maltratado em todo o meu corpo, e sem piedade me fizeram chagas sobre chagas. Entumeceu-se meu rosto e obscurecerão-se meus olhos de puro chorar. Tudo isto soffri sem que a minha mão fosse manchada d'iniquidade.* » Job é a guarda avançada postada por Deos na estrada do passado, para ensinar ás gerações por vir, que a dôr é um calix de prova que releva tragar-se as fezes, sem que a alma se revolte, confiando cegamente em Deos, que conhece nossos corações, e que peza nossas acções na balança de sua justiça. Temos até agora diligenciado demonstrar escudado pela authoridade d'autores ecclesiasticos e profanos, que o suicidio é em si um crime atroz aggravado pela ingratidão, rebeldia e impiedade, perscrutaremos agora perfunctoriamente as diversas causas que o engendram. Uma das mais proeminentes causas que sóem actuar sobre o suicida, é o amor.

Paixão nimamente imperativa, o amor subjuga as faculdades de nosso espirito, produz todas as especies d'enthusiasmo. Homens ha, que se suicidão porque a mulher que lhes ajardinava a existencia, se pojou impudica em braços d'outrem. Outros porque crêem que o objecto de seu culto, que lhes fôra em vida tão madrastra e indifferente ás suas adorações, não podera deixar d'interessar-se com tão romantico desfecho, e d'abençoar sua memoria. Outros finalmente despenhão-se neste extremo, porque a morte descaroavel lhe roubou o ente que amavão e de quem erão amados. Nos dous primeiros casos, é indubitavel que o coração

é directamente affectado, porém o papel principal cabe ao amor proprio. Se como no primeiro caso a mulher que idolatramos, perjura, nos deshonra dando pasto a seus Messalinicos furores, ou vendendo em leilão seus agrados, temos o repudio que as leis nos permitem, a consciencia de nossa superioridade, e de quanto ella era indigna dos sentimentos que inspirara, e de puro amor que lhe rendemos, e temos mais que tudo o remorso, que perseguirá a feinentida lá mesmo no seio da impudicia. Se porém tivemos a infelicidade de não ser comprehendidos pelo anjo de nossos sonhos, devemos viver para provarmos á mulher que nos desprezou, que eramos dignos do seu amor. O terceiro caso que figuramos é mais grave que os outros e deve ser uma das mais penosas provações, que o homem péde soffrer. Mme. Stael, referindo-se a esta dôr, isto é á dôr que succede a perda do objecto amado, observa com propriedade, que quando a lousa do tumulto se fecha sobre o coração do ente com quem se confundia a nossa existencia, intimo tremor obumbra a natureza. « *Un frissonnement interieur obscurcit la nature entière, quand le cœur avec lequel se confondait notre existence; repose glacé dans le tombeau* » E' força reconhecer que é este um dos soffrimentos mais dolorosos que podem aguar nossa existencia, todavia elle se modifica e suavisa com o balsemo da Religião, até que cicatriza com o auxilio da Providencia, que nos soccorre sempre nessas dôres sobre-humanas. Além das causas precitadas que incitão a monomania suicidica, outras existem, a mais frequente das quaes provém da erronea acceção, que se sóe dar á dignidade pessoal e á opinião publica. A cada hora vemos homens out'ora festejados Cresos, despenharem-se no crime do suicidio, para subtrahir-se a uma deshonra mal entendida, só porque não poderão no prazo prefixo reunir algumas letras. Se esses desgraçados memorassem que o tempo é o instrumento da Providencia, o actor da sua reabilitação, senão deslembrassera o conceito de Virgilio, *improbis vincit omnia labor*, verião, que era sem razão que corrião a privar-se da existencia, por o mero receio, ou da sua ruina, ou da alteração da sua reputação.

(*Continúa.*)

DELFIN AUGUSTO MACIEL DO AMARAL.

Physiologia do Casamento.**AMOR, CONVENIENCIA E DINHEIRO.**

(Continuação do n. antecedente.)

DINHEIRO.

Victoria ! meu amigo, victoria ! grita o Sr. Paulino Mendes entrando esbaforido e palpitante em casa de Raymundo, oito dias depois da conversação entre ambos: — Agua, depressa, agua ! gritou por sua vez o celibatario, levantando-se espantado. — Mas, meu amigo, p'ra que agua ? disse Paulino Mendes segurando no braço d'aquelle, movimento que o fez dar um salto *horisontal*. — E' que.... — Vamos, sente-se, e escute-me. — Porém.... Vin. não está doudo, não ? ! -- Como assim ? pois interpreta desse modo a minha alegria e o meu arrebatamento ; não se lembra dos meus projectos, das minhas mais caras esperanças ? !... Ah !... Realisar-se-á assim, meu amigo, caso-me em oito dias. — Ah ! meu celibato, meu celibato ! exclamou Raymundo com voz profundamente sentida. — E' tal a minha alegria, proseguio Paulino percorrendo a passos largos a modesta sala do seu amigo, custa-me tanto a identificar-me com esta idéa, que preciso de ar... ar em demasia ! -- E que tal ! o homem parece que está.... não ha duvida, a viuva pô-lo doudo.... ah ! mulheres, mulheres !... — *A mim a vida, a mim o porvir* ! exclamou Paulino, parando em frente de Raymundo; que se levantou de novo, não perdendo nenhum dos movimentos do ambicioso amanuense. Rico eu, continuou este cruzando os braços, rico um homem que ainda á pouco se reputava feliz quando tinha no bolso uma dessas miseraveis quantias que para nada servem ; oh ! é uma ventura, uma felicidade para transtornar o cerebro de algum homem menos philosopho que eu.... Meu amigo, exclamou elle agarrando com força no braço de Raymundo ; de hoje em diante seremos um só, aquillo que eu quizer será tambem seu, teremos carros, cavallo, camarotes no theatro, lacaios agalados para nos acompanharem, creados intelligentes para nos servirem, creadas moças e lindas.... enfim, um estado de principe ! Bailes, funções esplendidas, convites aristocraticos, tudo será nosso. Avante pois, minha estrella ! teu brilho offusca, e já não deixarás de raiar para mim ! — Com mil diabos ! balbuciou Raymundo, tremulo e espantado desta verbosidade momentanea; deixe-me por uma vez ; vá a Satanaz que o

ature.... ah ! mulheres, mulheres ! — Perdão, meu amigo, disse Paulino mudando de tom ; esta idéa faz-me esquecer do que devo ser diante de um homem como V n., mas que quer ? uma felicidade igual para um empregado publico, é de mais. Não lhe disse á pouco que me custava bastante identificar-me com esta ventura ? Conversemos, pois, com calma. As escripturas de meu casamento assigno-se hoje, e en vinha.... — Convidar-me para testemunha ? — E' verdade. — Sinto muito, mas... — Recusa ? — Sim. — Porque ? — Por uma razão mui simples ; receio que, testemunhando uma cerimonia dessas, a febre do *peccado* se me communique — Mas ao menos não deixará de comparecer no grande dia ? — Tambem não; que vou lá fazer ? aborrecer-me, e aborrecer aos outros ? Os annos tem produzido em mim um effeito bem diverso d'aquelle que, vós outros moços, ambicionaes. A minha conversação nada tem de espirituosa, e nos meus costumes e maneiras ha certo *perfume* desagradavel do seculo passado. Agradeço-lhe as attensões que teve a bondade de despender commigo, e estimarei bastante que seja feliz em seu novo estado. — Adeos, Sr. Raymundo ; em breve terá noticias minhas

Louco ! murmurou Raymundo, quando os passos do seu amigo senão ouvião mais ; dou-te um mez para te arrependeres, e dous para dares ao diabo o dia ou hora em que tomaste a resolução de casar com uma mulher que tem muitos defeitos — o maior de todos ser rica. Oxalá que ella te não lance em rosto aquelle sarcasmo de Celestina -- no *casamento por dinheiro* de Eugenio Sue; *vós não sois mais que um lacão a meu salario*! contentai-vos com a pensão mensal que a minha generosidade vos concedeu !...

Continua

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

As tres victimas do amor.**ROMANCE.**

(Conclusão.)

- « Eu amava com fé pura
- « De um ardente coração ;
- « Mas o ingrato desprezou-me
- « Sem de mim ter compaixão.

« Desfolhada a flôr mimosa
 « No jardim era tão bella ;
 « Mas agora emmurchecida,
 « Ninguém mais olha por ella.

« Pelo Conde foi tomada
 « Sem vacilar ao colhê-la ;
 « E agora no chão cahida
 « Ninguém mais olha por ella.

« Que valerão tantas juras
 « Feitas á pobre donzella ;
 « Vou morrer desventurada,
 « Ai de mim, perdida estrella.

Mal que a balada cantou
 Seu rosto em pranto banhou ;
 E o Conde roconhecendo
 Esta voz entre-cortada
 De soffrer amargurada,
 Disse, confuso, tremendo :

« Será verdade o que vejo
 « Ou acaso neste ensejo
 « Poderei estar sonhando ?
 « Dizei, dizei-me, senhora,
 « Se sois Leonor d'out'ora
 « Que me estaes atormentando !..

Immovel qual condemnado
 Na hora de ser accusado,
 Eis que ahi permaneceu;
 E a infeliz altivamente
 Com voz fraca e já dormente
 Ao seu nobre respondeu :

« Esqueceste, desgraçado,
 « Que quanto me havias jurado
 « Foi mentido infamemente ?
 « Mais não podendo soffrer,
 « Venho a teus olhos morrer,
 « Porém não impunemente.

E mal que isto terminou
 A' sua rival se abraçou
 Com coragem desmedida;

E em seus braços a levando,
 E um grito a custo dando
 Foi nas ondas confundida.

Vendo-se o Conde sósinho
 No pequeno barcosinho,
 Sem Leonor poder salvar,
 Vai o sitio rodeando,
 E nas aguas se mirando
 Pensa vê-las a chorar.

Entregando-se á loucura
 Contempla-lhe a sepultura,
 Chama seus nomes em vão ;
 E da dôr no desespero,
 Qual em Roma o Catão fero,
 Quer abrir o coração.

Mas depois mais moderado
 Eis se inclina debruçado
 Em mui profundo scismar ;
 Vacilante nada sente,
 Bem mostra que está demente,
 A onda escura a contemplar.

Depois diz : Dalia, Leonor !..
 « Estaes ahi, meu amor ?...
 « Sim, esperai.... eu lá vou....
 E apenas isto dizendo
 Foi o equilibrio perdendo
 E nas aguas se arrojou.

Dezembro de 1855.

M. LEITE MACHADO.

“ Mancebo, deixa esta terra,
 Porque nella és desgraçado.”

*Ilusões, chimeras loucas
 Por que vos hei de escutar ?*

(A. M. C. M.)

A natureza dormia
 Envolta n'um crepe denso,
 Junto a mim um Anjo eu via
 Fronteiro, no ar suspenso :
 A strige passou ligeira,
 Soltou a voz agoureira,

E não sei o que senti....
 Todo meu corpo tremeu !...
 O Anjo tristonho vi,
 Meu rosto empallideceu !

Foi um sonho ? Oh ! Não, se fosse
 Havia de me lembrar ;
 Ou sonho, ou visão passou-se,
 Quero de tal me olvidar....
 Mas seria predição ?...
 Ou sonho fosse, ou visão,
 A minha idéa antojada
 Agora vou ver se arranjo,
 Vou perscrutar como Fada
 No que me disse esse Anjo.

« — Mancebo, deixa esta terra. — »
 Deixal-a devo, porque ?
 Tal pensamento se aberra
 Do joven que bem prevê :
 Buscar eu a Patria estranha,
 Aonde o pão que se ganha
 E' todo no fel curtido,
 Todo coberto de pranto,
 E não é comprehendido
 Do estrangeiro qualquer canto.

Onde não ha os carinhos
 Da terna Mãe virtuosa,
 Si corre sempre entre espinhos
 Sem se colher uma rosa ;
 Onde não tem-se um amigo,
 Que aos nossos ais dê abrigo ;
 Onde não ha natureza
 Fóra do nosso universo ;
 Qual póde ser a belleza
 Distante do patrio berço ?

— Porque ? Ao Anjo pergunto :
 « — Porque nella és desgraçado. — »
 — Não é o fiel transumpto
 De meu tão fastoso fado : —
 Esqueçamos este sonho,
 Tão falso como medonho,
 Encaremos o vindouro,
 Onde a esperança lampeja,
 Presinto só neste agouro
 Um mortal que o céu inveja.

E tu, Donzella, a quem amo,
 Tu meu Anjo, minha Musa,
 Não busques futil escusa,
 Que a verdade só reclamo :
 Eu sou teu, dize se és minha ;
 E's de meu peito a rainha,
 Dize serei do teu rei,
 Descobres qual é meu fado,
 Pois quero os Anjos por grei,
 Sendo dos reis invejado !

JOSÉ DE MORAES SILVA.

* * *

Patrios lares, campinas, onde a vida
 Juvenil, eu passei sempre contente,
 A vós envio meu primeiro canto,
 Nascido neste peito que a fortuna
 Adversa, tornado tem ja fraco,
 E hoje as saudades, mais que tudo
 De meu pai que sincero me estimava,
 Aquebrantando vão o meu espirito.
 Errante passo a vida, e nestas plagas
 Quando á noute apparece a lua meiga,
 Vou então solitario ao pé das ondas,
 Por seus fagueiros raios prateadas,
 Visital-a, e ver se acaso posso
 D'ella, que ha pouco, veio da patria minha,
 Uma nova saber, que me console ;
 Em vão o intento ; pois já mais parando
 Vai seu giro fazendo nas alturas,
 Sem que eu nada lhe ouça, e só apenas
 Respondem a meus ais, e meus gemidos,
 Nocturnas aves piando nas palmeiras ;
 Assim eu passo as horas, nunca alegre
 Sinto meu coração, embora habite
 Hospitaleiro clima, que em seus braços
 Recebe com afago os infelizes,
 Que Suprema Vontade lhes ordena
 Do patrio berço, ir viver mui longe.

Rio, 17 de Dezembro de 1855.

CAZAL

Typ. DE F. A. DE ALMEIDA rua da Yalla n. 144.

Considerações sobre o suicidio.

OFFERECIDAS AO MEU MANO E AMIGO JOSÉ LUIZ
DO AMARAL GUIMARÃES.

(Conclusão.)



tentions meconnues. » A opinião publica é certamente um tribunal respeitavel e exerce uma acção poderosa sobre o homem, porém versatil como tudo o que é humano, os seus *firmans* de hoje, estão longe de ser as suas decisões d'manhã. — E' a imaginação, que recompondo os elementos constitutivos da felicidade, na accepção em que a tomão as paixões. E' emfim o amor proprio, que ferido nos seus gosos que vão cessar, eleva esses allucinados a fazerem a comparação dolorosa, entre um passado pomposo e um futuro sombrio, e a cercearem seus dias por lhes faltar a coragem de se alistarem nas bandeiras do trabalho, e por meio d'elle reconquistarem a reputação que se lhe alterara, ou a fortuna que se lhe demolira.

Deixai de embalar-vos com as absurdas theorias dos Stoiscos, que sustentavão como Marco Aurelio, que ha tanto mal em deixar a vida como em sahir de uma camara quando fumeja « nem tambem vos deixeis embahir dos absurdos dos philosophos anti-christãos » que ora nos dizem ; que tantos milhares de mortos que nos precederão, nos devem animar a reunirmo-nos a tão boa companhia. ora, que se deve considerar a morte uma ventura.

N. 22 — Domingo 30 de Dezembro de 1855.

porque nos poupa o trabalho necessario aos preparativos d'uma tal equipagem. Quando ouvirdes taes paradoxos e outros identicos como esse de Rousseau, que dizia, que assim como nos era permittido mutilarmo-nos uma perna, igualmente o era arrebatarnos a vida porque ambas nos fôrão dadas por Deos, respondi-lhe, que Deos facultou ao homem curar-se de seus males, mesmo com o sacrificio de um membro qualquer de seu corpo, mas que lhe prohibio o destruir sua existencia, cuja conservação recommenda para manifestação de sua gloria. Demais, vossa deshonra, ou a ruina de vossa fortuna póde ter sido merecida ; se o foi, recebei-a como expiação de vossas culpas, pois que nós devemos supportar as consequencias de nossos erros, para reparal-os ; senão foi, se vos tomou de surpresa, a vós que a não merecieis, a Providencia que não é injusta vos galardoadá, e o tempo que é uma das fórmãs da Divindade se atarefará com a vossa coonestação. « *Le temps est quelque chose de sacré*, diz a celebre embaixatriz da Suecia, *qui semble agir indépendamment même des evenements qu'il renferme. C'est un appui du faible et de l'infortuné, c'est enfin l'une des formes mystérieuses par lesquelles la Divinité se manifeste à nous.* Quando a deshonra é imerecida, o publico, que como alguém já disse, tem mais espirito que Voltaire, ainda que se compoinha de tantos estupidos, se collocará com o andar do tempo do lado da justiça. — Em quanto aos suicidios motivados pela dedicação, julgamos ocioso occupar-nos d'elle. Nos nossos tempos não apparecem como na antiguidade, homens que se suicidem para salvar a Patria, ou para se ostentarem livres, no meio da compressão e do despotismo. Os Curcios e Catões da nossa idade, ou não existem, ou morrem ignorados. — Resta ainda a discutir se o suicidio é um acto de coragem ou de covardia. Os que opinão pela affirmativa, adduzem como provas de que o suicidio é um acto corajoso e de grandeza d'alma, os exemplos de Catão, os dous Curcios, Annibal, Bruto, &c.... Não se póde contestar que o suicidio é até certo ponto um acto de coragem, porém ha sem contradição, mais nobre coragem em supportar com constancia os revezes como Cimon, Aristides, Agis, Terscu, S. Luiz e Napoleão, &c., do que em assassinar-se, para subtrahir-se á ignominia de decorar o carro triumphante de um consquistador, como Cleopatra ; ou para não dar a satisfação d'uma vingança certamente terrivel, a uma Nação inimiga, como Annibal ou ; finalmente para obviar com uma

morte, rápida, supplicios que o irado Augusto poderia infligir ao matador de Cezar, como Bruto. E' nos paizes idolatras, e nos que seguem a religião de Mahomet, que o suicidio dá mais expansão a sua voracidade, procede isto das crenças erroneas destes povos, sobre o destino do homem e a vida futura. Entre os povos sectarios do christianismo, é muito menor o tributo que se paga a esta hydra fatal; a razão, é porque o Evangelho fazendo-nos a promessa d'uma outra vida, ajuntalhe as ameaças do castigo para os peccadores; e por consequencia os Christãos tendo certeza de que não põe com o suicidio remate a suas penas, só o perpetrão quando allucinados pela violencia das paixões, ou quando se lhe adultera o juizo, pelo desarranjo das faculdades intellectuaes.

Em summa, nada pôde desculpar o suicidio, nem mesmo o que procede da dedicação. Qual de nós sabe o castigo ou recompensa, que o Eterno lhe destina, para antes do tempo pôr-se a caminho do infinito, para ser julgado ante o tribunal da justiça Divina?... Como anniquilar por um capricho da vontade, observa um Escriptor, a obra de Deos em nós mesmos. Quem pôde acreditar-se mais forte e mais sabio que o destino e dizer lhe já é bastante, pára?... Nós não exercemos acção alguma sobre o nosso nascimento, não nos foi dada a existencia como uma herança, recebemol-a de Deos em confiança, só elle nol-a pôde tirar; é nos permittido fazer o sacrificio da vida pelo principe, pelo publico e pelo Estado, mas de nenhum modo procurar a morte por nossas mãos. « *Mais, pour en disposer, ce sang est il à vous? Vous n'avez pas la vie ainsi q'un heritaje; Le jour qui vous la donne en même temps l'engage. Vous la devez au prince, au public, à l'E'tat.* » (1) — Uma vez por todas a resignação filha da fé religiosa, é a arma mais nobre que Deos nos outhorgou, para combater a adversidade. Dizer-se, que o suicidio é uma morte gloriosa e ousada, e que a morte deve ter orgulho de receber-nos á maneira dos antigos Romanos, como Shakspeare,

« ... And then, what's brave, what's noble,
Let's do it after the high Roman fashion,
And make death proud to take us. »

é ainda um absurdo filho do amor proprio e da vaidade. Quereis ver uma coragem digna e sublime, pois que não é ditada pelas iniquas paixões, entrai na masmorra sombria do Chancellor de

(1) Racine, Polyucte.

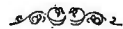
Henrique 8.º Os raios beneficos do sol não vivificão aquella luctuosa morada; Thomaz Morus acaba de descer d'uma grande fortuna nas trevas d'uma masmorra, eubora; não lhe fraqueia o espirito e morre no cadafalso amando a vida, entretanto morre intrepido e inabalavel, sacrificando sua vida á virtude, quando podia viver, se quizesse suffocar os escrúpulos da consciencia. Agis esse heroico rei de Sparta condemnado pelos Ephoros, só por ter querido fazer a felicidade de sua patria, restabelecendo a legislação dos Lycurgos, vendo chorar um de seus algozes, diz-lhe: « *Não te condoas de mim. Soffrendo uma morte injusta, sou mais feliz que os meus assassinos.* » Cleomenes, continuador d'Agis, vencido em Selasia por Antigono, e baldo de recursos, redarguiu áquelles que lhe aconselhavão o suicidio: « *Que era vergonhoso morrer com receio de mal entendida vergonha, ou pelo desejo d'uma falsa gloria, e que se considerava obrigado a viver para serviço da patria.* » Quanto não são mais grandemente sublimes, os sentimentos que regemão dos labios destes martyres, do que a falsa coragem dos que se castrão os dias da vida pelas suggestões do amor proprio, ou da impaciencia? Assistamos aos ultimos momentos dos suicidas celebres, e vejamos se o fim do suicidio é nobre e corajoso. Annibal antes de assassinar-se, diz-nos Cornelio Nepote, que mandára sondar as salidas do castello, e apenas trago o veneno quando se vio impossibilitado de sair e á discrição de seus inimigos. Catão antes de suicidar-se, fomentou a ruina de Cezar seu rival pela eloquencia e pela acção, e só depois que viu que o vencedor de Pompeu era o arbitro absoluto dos destinos da Roma, é que consuma o acto da destruição, para mostrar ao heroe das Gallias, que morreria livre sem lhe dar o prazer de rojar-se ao seu jugo. Antonio, o faustoso triumviro, também só se dá a morte depois da vergonha d'Accio, do desmoronamento do seu poder, e da falsa noticia da morte de Cleopatra. E' que elle não se sentia com força d'alma sufficiente, para identificar-se com a obscuridade da vida privada, e assistir impassivel ao espectáculo dos triumphos d'Augusto. Receava uma morte afrontosa e lenta, procurou uma mais branda, e que elle suppunha digna d'uma alma guerreira. Facil é inferir do que levamos dito, que o suicidio pôde ser um acto de coragem em si até um certo ponto, mas seu fim é covarde porque pretende sempre evitar mal maior, ou seja real ou ficticio. Em conclusão, o suicidio é

além d'impiedade uma fraqueza, e um roubo feito a natureza e a Deos. Jesus Christo foi o proprio á dar-nos o exemplo do temor da hera do passamento, e da resignação no monte das Oliveiras e no Calvario. Lembrai-vos, homens, a quem a fortuna ameaça ruína ou a autoridade alluir-se, lembrai-vos das palavras do Divino Mestre: « *Bemaventurados os que chorão que elles serão consolados.* » Quando a dor ou a desgraça nos assomar lembrei-nos de que é na desgraça que se experimenta a coragem, tenhamos finalmente presente este pensamento do poeta

« *Je l'attends cette mort sans crainte ni desir*
 « *Je ne puis l'avancer, je ne puis la choisir.*
 « *L'exemple des Catons est trop facile à suivre.*
 « *Lâche qui veut mourir, courageux qui peut vivre*
 « *Demeurons dans le poste où le ciel nous a mis*
 « *Et s'il nous en rapelle, à ses ordres soumis*
 « *Partons. Heureux alors qui tournant en arrière,*
 « *Sur tant de jours passés, qu'il se rend tout présents*
 « *Quelques nombreux qu'ils soient, les voit tous innocents!*

Rezende, 1.º de Dezembro de 1855.

DELPHIM AUGUSTO MACIEL DO AMARAL.



Physiologia do Casamento.

AMOR, CONVENIENCIA E DINHEIRO.

(Conclusão.)

DINHEIRO.

Paulino Mendes acha-se casado á seis mezes. Poucos dias depois da cerimonia foi, a pedido de sua mulher, habitar o campo. Raymundo achou nesta brusca partida alguma cousa como o principio do desfecho que prevera nesta *comedia*. O amanuense escrevera-lhe desculpando-se por não ter ido despedir-se d'elle. O velho celibatario pensou, e com razão, que a ex-viúva começava a exigir, e Paulino a cumprir prestos. Aquelle esperava de momento a momento, mas esta visita deveria ser revestida de um character mais importante e serio que aquelle das d'outro tempo. Não se enganou. N'uma bella manhã Paulino entrava em casa de Raymundo, mas de tal sorte mudado, que este custou a reconhecê-lo. E' que estes seis mezes de casamento havião feito no pobre amanuense o que não farião seis annos de completa abstinên-

cia. — Meu amigo, disse Paulino, eu venho corrido de vergonha pedir-lhe as consolações que não pude achar em outra parte. Hei soffrido tanto nestes seis mezes, que, após a minha morte, terci o melhor lugar no *Flos Sanctorum*. Aquella *furia* não contente em roubar-me a paz e o socogo do coração, queria reduzir-me ao bonito estado de louco furioso. Está decidido; vou pedir uma separação, e quero metade da fortuna... se m'a recusar... por minha fé!... as boticas devem ter uma certa composição chimica que expede passaportes para o outro mundo em menos de cinco minutos!

Raymundo ouvia com religiosa attenção o seu amigo; este proseguio depois de um momento de silencio: — Se fosse a relatar-lhe os tratos a que me sujeitou aquelle demonio, não acabaria em seis mezes. Oito dias depois do nosso casamento, o diabo até ali disfarçado em mulher, revelou-se de prompto e por tal forma, que eu lembrei-me com pesar d'aquelle tempo em que me via forçado a tratar a minha casaca de amanuense, como se trata o moderno Barão que jungio bois em creança. Com as ventas cheias de rapé, o lenço encarnado na mão esquerda e a direita apoiada na barriga, que tem seus privilegios de *zabumba*, ella chamava-me, e com voz rouca e fanhosa dizia: -- Amiguinho (advirto-lhe que ella tem uma tendencia pronunciada para os diminutivos), vamos passear pelo campo? Estou hoje muito incommodada, o meu *flato* não me larga (fallava verdade, o diabo da mulher dava em alguns dias seus ares de *fol de ferro*) e um passeio pelo campo far-me-ha bem. Que havia eu a responder-lhe? Obcedia-lhe e sahiamos. O peor lado do facto não está aqui. Com uma *san fagon* admiravel, entregava-me um *cachorrinho* malhado, seu predilecto, e eu tinha o trabalho de carregar o animal em todo o passeio. Os camponios, que algumas vezes tem muito espirito; dizião á nossa passagem: Lá vai a Sra. D. Maria, seu marido e o *cachorrinho*. Por mais d'uma vez tive tentações d'afogal-o, mas este delicto importaria tanto como receber mil dentadas de um animal desta especie. Para lhe dizer o quanto me tornava ridiculo nestas e outras occasiões, é bastante saber que fui um dia *abordado* por um camponio, com ares de simplorio: -- Com todo o respeito que devo a V. S., disse elle tirando o chapéo; é de uso lá na sua terra os homens servirem de ama aos *cachorrinhos* bonitos? -- E' o diabo que o carregue, respondi eu, voltando-lhe as costas. O camponio retirou-se, mumurando entre dentes: -- Tinha curiosidade de ver-se este

Sr. quer introduzir cá pelo campo aquelle costume. Não me admira se tal tentar; estes Srs. da Cidade são tão engenhosos!... Eu representava a minha mulher a inconveniência destes e outros espectáculos, e de quanto nos tornavamos ridiculos aos olhos dos camponeses nossos vizinhos. Ella abria a bocca, sorvia uma pitada, e com aquella voz de rabeca destemperada, respondia-me: — Eu tenho dinheiro bastante para fazer calar esses estúpidos, e pagar-lhes por bom preço uma obediência cega e passiva. Não me faça recordar de que era Vm. antes do nosso casamento. Se lhe convém por esta forma uma vida ociosa e em que acha todas as commodidades, muito bem; do contrario volte para a Cidade, vista a casaca do empregado publico, e vá para a repartição fingir que é um homem zeloso e restricto no cumprimento dos seus deveres. Eis aqui como ella acolhia uma simples observação do marido. Nada havia que aquella *megeira* me não fizesse soffrer. Obrigou-me a ir uma noite, ás onze horas, debaixo de violenta chuva, a duas leguas do lugar, para pedir a um *Esculapio* que me acompanhasse á nossa casa; por uma ninharia — uma dôr de barriga que cederia de prompto a uma certa applicação particular, mas bem conhecida, a qual me ensinára minha avó. Infelizmente o medico não quiz acompanhar-me, e tive d'atual-a durante o resto da noite. Em fim, meu querido Sr. Raymundo, se me demoro mais tempo lá voltava doudo, como lhe disse já. Resolvi-me a acabar com esta vida de cão; vingando-me de tudo que ella me tinha feito supportar. A' tres dias pedi-lhe não sei que quantia para minha despeza particular. Recusou-m'a, sob pretexto de que eu era um perdidario, e que desta forma nem uma fortuna colossal chegaria para satisfazer todos os meus caprichos. Insisti, respondeu-me com a arrogancia. Não houve injurias que deixasse de me lançar em rosto. Eu vi tudo com calma apparente, mas só Deos sabe a cratera volcanica que eu tinha cá por dentro. Ella rebentou de parte a parte no momento em que, com um sangue frio esmagador a mimosiei com aquelle epitheto que nas mulheres da idade da minha produz o effeito da dentada do reptil venenoso — Velha! O que se seguiu Vm. o advinha. Como a minha resolução estava de á muito tomada acabei de uma vez com a questão, e lá a deixei em tal estado que nem todos os *Esculapios* nascidos e por nascer lhe restituirão a saude d'out'ora. Eis-me pois aqui resolvido a voltar á vida placida e socegada d'outro tempo. Ao

diabo os meus sonhos ambiciosos. A obscuridade é agradável quando a consciencia de nada nos accusa, e quando podemos encarar de frente aquelles que nos são superiores....

— De tudo isto tiro uma conclusão, respondeu Raymundo com todo o socego — bem tollo é o homem que se fia nas apparencias. Sirva-lhe isto de lição. Deos, que preside a todos as cousas, faz-nos passar por estas e outras provas, como um castigo dos projectos ambiciosos que não nos é dado formar. O egoismo cega-nos, e neste bello estado marchamos sempre até que possamos alcançar no fim da viagem o que não tínhamos até ali. O peor é que, quasi sempre, paramos em meio, e arrependemo-nos de terprehendido essa viagem. Se podemos retroceder, acharemos de novo a estrada que desprezamos; as flôres tapizão-na como sempre, o seu perfume chama-nos ao presente, um doce bem estar, e como uma languidez, se apossa de nós, e não temos forças para abandonar segunda vez os amenos e apraziveis lugares em que os annos se deslizão rapidos, sem que seus encantos, seus atractivos possam ser substituidos por aquelles que antevemos durante esses sonhos ambiciosos!

Adeos, leitores! Dou por finda a minha tarefa sobre os tres lados porque se encara o casamento. Se me tornei importuno — desculpai-me, se o não fiz como devia.... a minha penna recusa escrever o resto.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES-PINTO.



A queda de Cápua

(Continuação do n.º antecedente.)

XXI.

Deve-se crer, que quando Annibal deixou os quartéis d'inverno de Cápua, inda ignorava até que gráo a corrupção se tinha introduzido no seu exercito. Elle esperava ao menos, que uma disciplina severa reprimisse a desordem, mas enganou-se.

Nas primeiras acções em que entrou com o inimigo, ficou mais que convencido da extensão do mal; em mais de uma occasião empregou toda a eloquencia d'um heroe, para despertar no coraço de seus soldados uma coragem que existia acabrunhada ou adormecida; quando o ouvirão, coravão de vergonha; porém, tinham saudades de Cápua.

Virão-se então guerreiros, que tinham encanecido sob os arnezes, recuar diante d'escravos que só combatião para serem libertos, e diante d'uma juventude romana apenas com idade de supportar o peso das armas. Annibal que nunca teve desertores, via cohortes inteiras de Numidas passarem-se para o inimigo, e provarem que a cobardia é a companheira da depravação. Duas campanhas se passarão, tanto vergonhosas, quanto inuteis. Muitas vezes se vio esse Annibal, pouco antes tão grande, e tão terrivel, obrigado a ceder o campo da batalha a Marcellus, que só tinha por si coragem e prudencia, e aquelle que esperava entrar victorioso em Roma, no fim de alguns mezes, não se achava mais com força de tomar a pequena cidade de Nola.

Uma tal mudança de fortuna devia fazer tremer Cápua; não havia duvida, que Roma vencedora se vingaria nessa nação desleal, de todos os perigos a que sua perfidia a expozera; mas os Campanienses experimentarão a primeira punição de sua leviandade muito mais depressa do que podião suspeitar.

Cumes, situada á borda do mar e pouco distante de Napoles, era uma das cidades mais consideraveis da Campania, e d'uma grande importancia, em razão de seu bellissimo porto. A maior alliança, havia sempre reinado entre ella e Cápua até ao momento em que esta tinha abandonado Roma para se lançar nos braços de Annibal. Cumes pelo contrario, tinha permanecido fiel, e o Senado de Cápua espreitava desde então uma occasião para se apoderar dessa cidade, á traição. Uma occasião se apresentou, em que os Capuanos acreditarão, estar bastante fortes para o fazer, sem necessidade mesmo do soccorro dos Carthaginezes.

Uma festa publica se annunciou com pompa em toda a Campania, ella devia ser celebrada principalmente em Hama, nos arredores de Cumes, cujo Senado foi convidado em corporação para assistir, e renovar os laços de amizade que sempre os havia unido a Cápua. Esta ultima annunciou que mandaria 4,000 homens, sob pretexto de sustentar a tranquillidade durante a festa; mas erão destinados a se apoderar de Cumes.

Os habitantes desta Cidade que tinham sobrejas razões para desconfiar dos Capuanos, sentirão a manha, e oppozerão a vingança á perfidia: acceitirão com uma alegria apparente, o offerecimento do Senado de Cápua, mas secretamente advertirão o Consul Romano que com-

mandava o exercito. Este se apressou em chegar; os Capuanos victimas de sua traição fôrão os surprehendidos; seu campo foi atacado d'improviso e tomado facilmente. Mais de 1,000 Capuanos ficaram mortos, entrando neste numero o proprio Chefe. Logo que Annibal soube deste acontecimento, avançou com todas suas forças esperando surprender os Romanos por sua vez, mas elles já se tinham retirado para Cumes. Foi em vão que os sitiou, elles fizeram uma sortida que lhe causou uma perda consideravel, e tendo noticia d'um outro exercito que se aproximava por outro lado, foi forçado a retirar-se.

A noticia desta derrota foi penosa para Cápua pois as consequencias lhe apresentavão um futuro sinistro. Annibal se retirou para a Polha, e já um exercito Romano devastava as planicies da Campania; o tempo em que os Samnitas acampavão sob os muros de Cápua parecia prestes a voltar, e se annunciava por symptomas inda mais terribes.

O desespero levou emfim os Capuanos a levantar um exercito consideravel, e estabelecer um campo fóra da Cidade; sua infantaria não estava exercitada, mas sua cavallaria sustentava sua antiga fama; ella mediu-se com os Romanos em muitas occasiões e sempre com successo; mas bem depressa a orgulhosa cobardia d'um só destruiu sua reputação.

Um certo Jubellius, apelidado Tauréa, de ha muito, passava pelo mais bravo dos cavalleiros Campanienses. Em todo o exercito Romano no qual em outro tempo tinha assistido a muitas Campanhas só se citava um chamado Claudius Asellus que o igualava em destreza e coragem; erão rivaes, por tanto devião ser inimigos; havia muito, que elles proeurávão occasião de encontrar-se e de medir-se. O acaso lh'a offereceu. Claudius Asellus se achava no exercito que avançava pela Campania sob as ordens de Fabius: desde que Tauréa o soube tratou de aproximar-se do exercito inimigo, e desafiou seu antigo rival.

O Romano não hesitou. Depois de ter obtido licença de seu general, montou a cavallo e lançou-se fora do acampamento apparecendo no campo da batalha, á vista dos dois exercitos que ião ser testemuhas do combate. Os dois guerreiros se atacarão com igual coragem e denodo, e redobrávao d'esforços, dando-se desapiados golpes, porém a victoria continuava incerta; cada um meneando seu cavallo com a mesma destreza evitava a lança de seu inimigo,

em fim seus esforços tendo sido longo tempo initeis : « São os cavallos que combatem, exclamou o Campaniense, e não os cavalleiros ; não é em campo raso, onde nos podemos revirar á vontade, é n'um caminho escabroso que eu quiereria vêr meu inimigo. » Um barranco não longe delles se avistava, o Romano sem responder, voltou seu cavallo, e precipitou-se para elle convidando seu adversario a fazer outro tanto ; o exercito então soltou immensos applausos. O Campaniense, pelo contrario, espantado e tomado d'um temor subito, hesitou, e fugio para o seu acampamento. Claudius depois de ter inutilmente esperado, voltou para os seus victoriosos, juntando seus gritos aos de todos aquelles que cobrião de ultrages o cobarde Campaniense ; então o exercito inteiro pede para bater-se ; o Cousul Fabius, sempre fiel ao seu systema de temporisação, em lugar de nisso consentir, ordenou a retirada ; deixou aos Campanienses o tempo de lavar seus campos ; porém assim que a colheita offereceu alguma esperança, de novo invadio o seu territorio, e levou ali o estrago, a fome, e a desolação.

(Continúa).

Traducção de A. M. S. BANDEIRA.

Os olhos.

Os olhos são dois fachos luminosos que ornão o rosto. E' nelles que se bebem sempre as primeiras impressões. Ha azues, pretos, pardos, castanhos e esverdinhados. Ha ollos grandes, pequenos, á flôr do rosto, encovados, tortos e direitos. Sobre sua côr e qualidades nada diremos. E' nos ollos que apparecem com mais promptidão os symptomas de nossas paixões. Se nos zangamos, o olhar se torna feroz, avermelhado e vislumbra nelle um fogo que amedronta, quasi sempre, o objecto ameaçado. Se nos enternecemos, o olhar é languido, triste, abatido e como que uma névoa offusca-lhe o brilho. Se experimentamos uma paixão, o olhar é terno, doce e uma indelevel côr aveludada o circunda. Se nos exaltamos, é então luminoso, altivo e disfera raios, onde mostra a bravura que o anima internamente. Se padecemos, torna-se indolente, vagueia incerto de um a outro objecto, fixando sem ver, e vendo sem sentir. Se uma dôr nos fere e obriga a chorar, sendo homem é horrendo, e sendo a mulher fica arrebatadôra. As lagrimas do homem são o doce or-

válho com que mitiga e refresca as dôres dalma, as lagrimas das mulheres são o visgo enganador que adormece o coração do homem e obrigando-o a adorar esse ente fraco, que as tendo sempre promptas, o levão d'engano a engano, sem que lhe dêem jamais a felicidade perfeita. E' nos olhos que se reverbera a alma. Todos os sentimentos que a animão ali se demonstrão. Ha comtudo olhos em que nada se pôde ler ; esses não são olhos, são vidros sem aço incapazes de sentir a menor commoção. A alma desses olhos deve ser fria, malvada e sem nenhum nobre sentimento, por que não os tendo não precisa de reverberar em que os mostre. Esses chamão-se *sonços*. E' pelo effeito dos olhos que conhecemos o amôr, por que antes de nos chegar ao coração entra pela porta dos luzeiros, e por isso é que se chama *fogo abrazador que consome e definha tantos peitos*. E' ainda pelos olhos que se conhece o criminoso, o bom, o mau, o falsario, e *petit-maitre namorado*, enfim, são os olhos o verdadeiro *Daguerreotypo* da nossa alma. Aquelles que bem os conhecerem, ou que nellos saibão ler, certamente estão ao abrigo das traições mundanas. Ha o adagio que diz *vemos caras e não corações*. E' por que olhaes para o rosto materialmente ; firmai sempre o olhar e nelle vereis não só o coração, mas até o sentimento que o anima na occasião em que vos falla, e escapareis sempre aos laços que vos queirão urdir.

J. AUGUSTO.

Nactus est Jesus.

E' noute : lá ao longe no plumbeo horizonte
Que luz se levante de fulvo clarão !
Recama-se o olympto n'um momento e os astros
Já fulgem, rutilão, com maga expressão !...

Diana se occulta por entre as montanhas ;
Levanta-se Apollo dos seios do mar ;
Seus raios brilhantes tem mais primasia
Qu'os de hontem formosos em seu fulgurar !

Qu'ignotos jubilos ostenta esta aurora
Que um dia risonho tão grato annuncia !...
Que gallas reveste mimosa a natura
Tão cheia de encantos, de doce poesia !...

De relva virente revestem-se os prados,
D'enfeites amenos as relvas frondentes ;
Os troncos annosos adornão com garbo
Seus ramos alados de folhas ridentes.

As vagas á praia batendo mui brandas,
Não rugem, não fremem, com tanta bravura !
E os ledos peixinhos percorrem fagueiros
Lá do pego á tona com meiga ternura !

Preguiçosa a limpha milhões diz d' affectos,
No brando e sereno de seu murmurar....
E a cascata ao longe não faz tanto estrondo
De seixinho em seixo no seu despenhar !...

As tenras boninas, mais bellas ainda,
As pet'las desbrochão com ledos primores !
Mil hymnos festivos lá erguem distante
Das selvas agrestes divinos cantores.

Olentes as brizas divagão nos ares
Com grato sussurro d'amores fallando !
Aereos perfumes roubados á terra
Folgasans mimosas aos céos elevando....

Que dizem, ah ! fallão tamanhas grandezas,
Assás bem patentes pela christandade ?!
Ah ! dizeni ah ! fallão nascido é Jesus....
O Deos Redemptor pai da humanidade ! !

Nascido é Jesus ! de todo o Universo
Já de lua um raio percorre a extensão !...
Rebramem as furias no fundo do Averno !
E os anjos lá cantão na etherea manção....

Entre as seccas palhas... que tanta humildade !
O rei do universo lá nasce em Bethlem !
E um écho suave de mil harmonias
Desperta, resôa no espaço d'alem....

Apenas a humilde pobreza do alvergue
E' o berço que a virgem lhe pode offertar !...
E o boi compassivo com quente bafejo
Mui frageis seus membros resguarda do ar....

Offrenda modesta a depôr junto ao berço
Os ledos pastores lá correm, lá voão...
E os mil camponezes eclogas divinas
Aos céos pudibundas festivas entoão.....

Afina-te, ó lyra, pois quero cantar....
Detem-te..... suspende ! não quebres assim,
Mas ah ! tuas cordas se estálão, se partem,
Oh ! deixa só uma, tem pena de mim !

Nem uma.... que sorte ! já quando exaltado
De tanta alegria quizer-a tanger !
Deixal-a.... qu'importa ! s'embalde um só canto
Sublime, tentára nella desprender....

Rio de Janeiro, 25 de Dezembro de 1855.

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

O Natal.

Surge, surge, linda aurora
Amenisar seductora
O peito do bom christão ;
Que hoje de Jerusalem
E da celebre Bethlem
Ha santa recordação.

E vós, martyres da fé,
Neste dia que todo é
Consagrado ao Salvador ;
Ide na vossa oração,
Nessa viva devoção
Tributar-lhe o vosso amor.

Quem por nossa dura sorte
Afrontou a mesma morte,
Cravejado em uma cruz ?
Foi o nosso Redemptor,
Foi o nosso Bemfeitor,
Foi o nosso Bom Jesus !...

Ide pois, que neste dia
A santa Virgem Maria
Foi Mãi ; e nossa esperança
Que perdida nos par'ceu,
Muito leda renasceu
Entre a fagueira bonança.

Eu quizeria com nobreza
Festejar alta grandeza
Da sagrada tradição ;
Porém um grato gemido
Só lhe póde agradecido
Enviar meu coração,

Dezembro 25 de 1855.

M. LEITE MACHADO.

Advinhação.

*Eu goso venturas, mirando teus olhos,
Eu sorvo delicias te vendo a me olhar.*

J. C.

Dize aonde estão, Donzella,
Dois amores presumpçosos,
A's vezes voluptuosos
Com ternura de enlevar;
Ora quaes duas estrellas
N'um firmamento nevado,
Lendo no livro do fado
Que pôdem sós consultar.

Na mudez do pensamento
Fallão linguagem de amor;
Exprimem tanto rigor
Que ninguém os pôde olhar:
Debaixo de véos rosados
Vezes dormem socegados,
Por este modo vendados
Nos deixando descansar.

A côr que um veste outro veste,
Quando um chora o outro chora,
Um se occulta outro namora,
Sem um para o outro olhar;
Si este para o céu volver-se
Aquelle o ha de seguir;
Nunca aprenderão a rir,
Mas sabem risos mostrar.

Todos os desejão vêr,
E si os veem ficão scismando;
Igual distancia os guardando
Jámais se pôdem ligar;
Si a ira os move, ninguém
Pôde deixar de soffrer,
Todos querem de prazer
Frair delles um olhar.

JOSÉ DE MORAES SILVA.

A' perda de um Anjo.

Dá-me um canto de mistica saudade,
Um hymno melancolico e funereo,

Alaúde singelo;

Modula um som, amargo, gemibundo,
Um som que represente lá ao longe

Ondulações bem tristes.

Bem curtos os instantes desta vida

A ventura, o prazer bem cedo apagão,

Qual pallida centelha;

Os annos correm, vôão, sem deixarem,

Após si, em carreira vasta, infinda,

Mais que vivo infórtunio!

Uma gôttá sómente em negro calix

Das magoas bem profundas da existencia

Cahio perdida apenas:

Amizade divina! eu te saudo,

Mensajeira de paz bonança eterna

Que nos sorris alegre,

Tu brilhas, como em mar encapellado

Abandonado tronco a que se arrima

Desventurado naufrago;

Qual fonte que em deserto secco, arido,

Cançado viajante encontra attonito

De ventura tamanha!

Mas ai! se ao triste sobre as ondas foge

Sub'mergido na vaga procellosa

O tronco a que se encosta;

Ai d'aquelle a que o simaúm terrivel

Seccou a pura gôttá cristallina

Com seu feroz bafejo!

Um anjo me roubou a sorte adversa

Dos mares desta vida amargurada

Negro tumulto de dôres;

Antes nunca essa flôr ao mundo viesse

Para eu ter de carpir com magua intonsa.

Tão pungente saudade!..

Desprende ó minha lyra melancolica,

Um som que repercute lá ao longe

Ondulações bem tristes:

Dá-me um canto de mistica saudade,

Um hymno gomibundo em tuas cordas,

Alaúde singelo!..

SERPA P.

Fragmento de viagens.



SETE de Novembro de 1846 embarquei em Montevideo no brigue sardo « Triumpho do Brazil, » com destino a esta capital. A' uma hora da tarde, pouco mais ou menos, levantava-se a ancora ao cantico entoado dos marinheiros.

As vellas principiavão a soltar-se, e uma brisa fresca as fazia inchar.

Depois de preencher as formalidades do costume largámos do porto; e com um olhar de despedida, dizia adens a tudo o que ia desaparecendo á minha vista; apenas o sol dourando o cume dos lugares mais elevados, parecia querer gravar na mente, a lembrança d'aquelle dia de partida.

O navio navegava bem e o vento continuava favoravel. No dia seguinte já iamos tomando a altura do cabo Santa Maria que segundo muitos maritimos, é tido por bastante tormentoso; ali o mar era forte; principiei a soffrer o enjão. A atmosphera estava carregada, e como as ondas erão mais fortes, denunciavão-nos chuva. O vento principiou a soprar com bastante força, mas navegamos até o dia seguinte sem novidade. Nesse dia enção a atmosphera muito carregada principalmente para o lado do sul, impedia os raios do sol, o que principiou a dar serios cuidados ao habil capitão que já prognosticava um forte pampeiro (*). O mar continuou a ficar mais cavado, e das quatro em diante, as ondas erão muito fortes, e vinhão quebrar-se contra o costado do navio, que parecia desafiar a ira do imperio de Neptuno. O capitão mandou ferrar vellas, e pôr o navio em segurança para quando cahisse a tempestade. Em menos de meia hora, as ondas parecião montanhas, as nuvens estavam negras, e o trovão roncando de espaço a espaço parecia servir de complemento a esta scena medonha. Uma rajada de

vento muito forte era o principio do pampeiro, que parecia querer arrancar de cima das ondas o navio que com duas pequenas vellas corria com uma rapidez incrível.

Cada minuto que se passava redobrava a tempestade; o navio que tinha corrido tanto e com tanta rapidez, principiou a atrazar-se, e gemia com o choque continuo das ondas que parecião montanhas de desconforme altura, que quando o navio era levantado de pôpa, outra lhe entrava pela prôa, e com furia rolava pelo convez levando tudo quanto podia carregar. O vento sibilava por entre as cordas e os mastros vergando parecião a cada instante estalar com as rajadas de vento, que formavão um zunido tal, que os marinheiros não ouvião na prôa os gritos do capitão. Todos andavamos agarrados aos cabos, ou á borda, com medo de resvalarmos com o balanço, e irmos d'encontro a algum dos lados do convez, e sermos levados pelas ondas.

Eu tinha gravado na mente estas palavras:

« Ah meu filho! não sei se te verei mais!.. » por isso não queria encerrar-me na camara, embora os esforços do capitão; parecia-me que nunca mais subiria ao convez.

Os relampagos, e os fortes trovões, que de quando em quando roncavão por cima de nós, parecião tiros d'artilharia disparados a bordo. As vergas muitas vezes com o forte balanço enterando-se n'agua parecião fazer virar de quilha o navio, e um grito de dôr partia de todos os corações.

O navio rolava de abysmo em abysmo; ora subia como uma palha á flôr da escuma, ora submergia-se e parecia ficar para sempre sossobrado, por que as ondas rolavão com força pelo convez, mas depois sahião pelas portinholas.

Erão necessarios dous homens de pulso para poderem suster o governo do navio; a chuva cahia a cantaros, e ao escurecer, quando menos esperavamos, é que foi acalmando um pouco a tempestade.

No dia seguinte já chovia menos, e a tempestade estava quasi acalmada. Principiou-se a examinar os estragos causados, e como mais essencial foi-se revistar o porão; os dous homens encarregados, que erão o capitão e o piloto, voltarão acima, sem dizer nada; mas em seus semblantes contrahidos lia-se alguma cousa de sinistro. Então capitão, não temos novidade? perguntei-lhe ancioso; não ha nada, está tudo bom, me respondeu; mas o ar triste não o deixava, e admi-

(*) Pampeiro, vento fortissimo que se forma nas grandes campinas a S. O. de Buenos-Ayres, chamadas Pampas, e que assola as costas do sul d'America causando fortes temporaes.

rava-me que se passasse assim uma tão terrível tempestade sem que o navio sendo antigo não tivesse soffrido na quilha. Interroguei ao piloto e não me negou; o navio tinha aberto agua; porém em pouca quantidade. Tinhão-se perdido tres vellas; uma verga, e um mastaréo rachados, muitos cabos arreventados, e tambem alguns animaes pequenos que vinhão no convez fôrão levados pelas ondas. Julgavamo-nos livres d'outra tempestade, mas nessa mesma noite toruárão os relâmpagos a incendiar o horisonte, e o trovão a roncicar com força. Malfadada viagem, dizia commigo, terei de vir sempre enjoado. O céu principiou a toldar-se no dia seguinte, e não tardou que tivessesmos de soffrer um vento muito forte, talvez resto da tempestade.

O navio corria desmedidamente, e mesmo o capitão queria afastar-se do sul, para ver-se livre d'algun outro pampeiro; mas era impossivel lutar contra o vento, por isso tinhamos tomado muito para E.-N.-E, o que pouco nos faltou para avistar a Ilha de Santa Helena. Ahi então foi que aplacou a tempestade e com o dia claro podia-se ver ao longe as columnas d'agua levantadas ao ar pelas balêas. Era bello de contemplar o mar, que havia poucas horas estava cavado, e nos preparava a morte a cada passo; e agora tão calmo, que quasi não se sentia o balanço do navio, que com todas as vellas procurava demandar o porto. Mas no meio desta pequena alegria, um novo inconveniente veio dar-nos serios cuidados.

O rombo que o navio tinha soffrido, era para recear, e sendo açoitado pelas ondas e com outro vento forte, tinha-se tornado em um verdadeiro perigo. A agua era muita e a bomba occupava constantemente dous homens. Antes tivessesmos arribado a Santa Helena, dizia commigo, e teria ido ver pela primeira vez o rochedo de Longwood e o valle visinho onde jaz os restos do grande homem!

Passamos alguns dias sem novidade, o piloto gritava: terra! terra! a alegria raiou em todos os semblantes, e avistamos os morros da costa e pouco a pouco o Pão-d'Assucar. Então a marinhagem em acção de graças de joelhos em roda da escotilha, e de mãos postas entoavão uma ladainha a Nossa Senhora, e eu tambem dava graças ao Altíssimo por ter-nos preservado as vidas. Passadas algumas horas já a ancora ia descansar no fundo; estavamos no Rio de Janeiro tendo trazido uma viagem de 13 dias.

JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

A queda de Cápua

(Continuação do n.º antecedente.)

XXII.

Muito longo seria, se quizessemos narrar todas as desgraças que desolárão a Campania durante dois annos; todos os horrores da guerra se fizerão sentir neste paiz que d'antes era tão afortunado. A cada momento favoravel, via-se um exercito Romano atravessar o rio Vulturnus, ou passar as montanhas de Tifate, e pôr a fogo e sangue essas fertis planicies que mais parecião jardins do que campos cultivados.

Os habitantes de Cápua vivião em continuadas angustias; e não ousavão aventurar-se em campo raso com um inimigo, que respirava uma justa vingança. Sua unica esperanza estava em Annibal. Quando este se achava por perto elles se julgavão seguros, e tomavão a insolencia da prosperidade; alongando-se, entregavão-se a um covarde desespero, imaginando que todos os esforços dos Romanos erão dirigidos contra elles, e sem cessar mandavão embaixadores aos Carthaginezes para pedir-lhes soccorro.

Annibal prestou-se a isso muitas vezes; presentindo que o plano dos Romanos era sitiár Cápua, conseguiu muitas vezes conserval-os afastados, por meio de marchas forçadas, ou de sabias manobras, mas isso só servia para differir a queda d'aquella cidade; não havia mais um homem de saber que não previsse a aproximação desse momento fatal.

Depois de longo espaço de tempo, depois de duas campanhas, em que Annibal longe de occupar-se de novas conquistas, apenas pôde conservar o paiz conquistado, a fortuna que ha tanto tempo o havia abandonado, parecia sorrir-lhe de novo. Meio por estrategia, e meio por traição tomou Tarento, uma das cidades mais consideraveis da Polha, e dobradamente celebre depois da guerra de Pyrrhus; mas este acontecimento importante para os Carthaginezes, era uma desgraça para os Capuanos.

Dois homens acabavão de ser revestidos em Roma da dignidade consular, Q. Fulvius Flaccus, e Appius Claudius; um e outro erão celebres por uma coragem a toda a prova, e por uma ambição sem limites, ambos ardião por fazer seu consulado memoravel por alguma acção brilhante; elles sabião que nada podia melhor satisfazer o povo Romano do que a conquista de Cápua, e pensá-

rão ser occasião favoravel, esta, em que Annibal occupado com outras emprezas tinha sido forçado a se afastar.

De repente juntarão um exercito numeroso, e entrarão pela Campania. Fingirão a principio que só tratavão de abastecer-se de viveres, mas Cápua não tardou a conhecer quaes erão seus designios. Ella quiz recorrer aos meios de defeza, e apercebeu-se que lhe faltava o mais importante, todos os arredores estavam devastados, e via-se presa da fome.

Novamente enviarão deputados ao General Carthaginez, que lhe representarão o estado de fraqueza, angustia, e miseria em que se achava esta desgraçada cidade; conjurando-o de vir soccorrel-a com seu exercito, ou constringer as cidades vizinhas a provisional-a.

Annibal concedeu-lhe este ultimo pedido. Hannon, um de seus generaes teve ordem de destacar com um troço de tropa, e de dirigir-se ás vizinhanças de Benevento, para ali juntar viveres. Isto foi executado com tanta sagacidade como promptidão. Provisões de toda a qualidade já se achavão reunidas, e sem trabalho se podião introduzir no lugar de seu destino, mas os Capuanos inda se conduzirão segundo o seu character, fatigando seus amigos com exigencias, e pedidos continuados nos momentos de afflicção, e lentos, preguiçosos, ou relaxados, ao primeiro raio de prosperidade. Hannon tinha vindo exprobrar-lhe vivamente sua culpavel negligencia, elles augmentarão o numero de carretas e occuparão-se em fim do transporte de seus viveres, quando repentinamente o Consul Fulvius appareceu com meta-de de seu exercito.

Alguns espiões o tinham de tudo instruido. Elle atacou logo o campo dos Carthaginezes que se defenderão com a maior bravura. A perda a principio foi consideravel do lado dos Romanos; já o Consul dava ordem de cessar o combate para esperar um reforço; mas os soldados, insubordinando-se continuarão a se bater; seu furor contra um inimigo que tinham jurado vencer lhe fazia esquecer ao mesmo tempo a obediencia, e o perigo. Muitos Centuriões atirando suas bandeiras as centro das fileiras inimigas, exclamávão: « Vergonha áquelle que as deixar entre as mãos dos Carthaginezes! » Nada pôde impedir a continuação do ataque e o campo foi levado de assalto, seis mil inimigos ficárão mortos, tres mil prisioneiros, e mais de duas mil carretas de vi-

veres dos Campanienses, com seus cavallos, e conductores cahirão em poder dos Romanos.

(*Continúa.*)

Traducção de A. M. S. BANDEIRA.



Meditação ácerca da vida humana.

O homem é o mais feliz e o mais infeliz de todos os seres: — o mais feliz porque dotado de uma intelligencia viva e perscrutadora, percorre com o pensamento o mais insignificante motor que possa dar-lhe incremento á imaginação de um futuro desejado, á desconfiança de um perigo que possa sobrevir-lhe e que elle procurava remediar, á mais simples idéa de melhoramento material ou moral, a tudo enfim quanto pôde accomodar-se nos limites que o Creador lhe indicou; — o mais infeliz porque sua propria intelligencia fornecendo-lhe os mais bellos conhecimentos tãobem lhe accarreta males que não outorga a entes irracionais, taes são: a avareza pelo receio da velhice e desejo d'accumular, o desperdicio da vida em orgias que lhe occasionão o enfraquecimento de todas as faculdades no viço de sua mocidade, o jogo esse fantasma da sociedade que faz o terror de tantos pais de familia, é as mais das vezes a séde dos grandes crimes a que tambem o homem está sujeito.

Aquelle que livre das inquietações da vida, vizitasse as cadeas e casas de correcção por certo acharia nellas a triste verdade do que dizemos — citaremos um facto — é um sentenciado quem falla....

Nasci em..... Provincia de V... de pais abastados, recebi uma educação soffrivelmente boa, cedo porém perdi aquelles que me derão o ser e me vi rodeado destes amigos (antes parasitas da sociedade) que unicamente sôem encaminhar a mocidade para o trilho do erro. Contava então vinte e dous annos de idade, navegando em um mar de delicias, graças á fortuna que herdara de meus pais, os prazeres de Venus, e o deboche em geral erão para mim tão cominhos, como os innocentes prazeres da familia são para os bons fillos. A minha carreira porém não parou ali, o jogo fez logo de mim um de seus mais humildes escravos, a minha fortuna tinha-se exvaido.... o vicio arrastou-me ao latrocinio.... fui saltador.... fui mais longe ainda!.... e uma masmorra por

termo aos meus crimes. Hoje já pendente á sepultura e esquecido do mundo só me resta a consolação do exemplo que neste estado posso dar aos homens.

E vós, jovens incautos, aprendei a conhecer nas câas deste velho, o prejuizo das más companhias.

O Proscripto.

(FRAGMENTO.)

Quando as folhas cahem no prado o vento da tarde se levanta e as arrebatá aos vales !
E eu sou semelhante ás folhas murchas, levai-me com ellas, oh ! ventos tempestuosos.

LAMARTINE—*Meditações*

Palavras estas
Extremas forão do proscripto. Longe,
Em praia extranha abandonando a barca
Qual o seu fado foi ninguem mais soube.

A. HERCULANO—*Harpa do Crente.*

E o proscripto, sentado na rocha á beira do mar, mergulhou suas vistas na amplidão do Oceano, e sob um veu de lagrimas deixou escapar por entre seus febricitantes labios estas amargas e sentidas palavras :

E eu sou como a arvore do deserto, cujos ramos frondosos e verdejantes murchão ao sopro continuo de um vento rebelde ! Meu coração é o deserto, as affeições da infancia e meu amor por *ella*, as plantas mimosas que n'elle creei !

E as minhas lagrimas, cadentes e demoradas ao principio, correrão copiosas e violentas, e as flores do meu coração morrerão todas.

Comtudo, um dia veio em que uma scintilla d'esperança me illuminou o espirito, e esse dia foi aquelle em que noticias d'*ella* chegarão até mim. Eu abri palpitante a sua carta, e tremulo chorei, não de tristeza como sempre, mas de prazer.... oh ! infeliz !... o destino fadara-me para chorar até ao meu derradeiro instante ; *ella* trahia-me e dava a outro o coração que jurára ser meu só !

Quiz precipitar-me no abysmo que via sob meus pés, porém Deos veio em meu soccorro e salvou-me. E' que a esperança não estava de todo extincta em meu coração !

O que é amar ! Eu tinha feito d'esse amor um culto e uma crença ; toda a minha fé a depositára

n'*ella*, e não cri na sua carta. Insensato que fui ! O pranto que hei vertido no desterro transformou-me o coração em um arido deserto, mas eu amava-a sempre, e por *ella* tinha esquecido Patria e familia—dous outros santos e puros amores ! Enganei-me, julgava que só o amor d'*ella* compensaria a perda d'aquelles, e nenhum me resta hoje !

Como suas palavras erão falsas e fementidas ! Tinha o sorriso nos labios e o desprezo no coração ; foi covarde, perjura e sacrilega ; covarde por que recebeu enganar-me no adeus supremo, perjura por que jurára muitas vezes consagrar-me a existencia que Deos lhe concedera, sacrilega por que roubára aos anjos o sorriso, e os anjos habitão no Céu !...

Correi, pois, oh ! minhas lagrimas ! Queimai-me as faces : que importa isso quando o coração está gelado ? !...

O proscripto nada póde pedir agora ; oh ! sim a morte, e uma modesta sepultura perto da planicie em que, *ella* e eu, juramos outr'ora um amor eterno !...

Rio de Janciro, 8 de Dezembro de 1855.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.



Melancolia.

I.

No oceano immenso, que refulge ao longe,
O astro-rei, em nuvens d'ouro envolto,

Já se esconden :

Por sobre a terra, silenciosa e calma,
Estende a noite — de luzeiros cheio,

O manto seu.

Das lindas aves os gorgeios doces
Já não s'escutão dos extensos bosques

Na solidão :

E a meiga lua seu fulgor esparze
Sobre os arroios, que atravez dos campos
Correndo vão.

O mago encanto d'uma noite bella,
D'infundos astros, que no céu rutilão,

A meiga luz,

Ai ! tudo, tudo o que este mundo abrange
Commove a alma, e o coração dos homens

A Deos conduz.

— « Eu adoro uma nobre donzella,
 « Que é mais bella que a rosa em botão,
 « Quando eu vi o seu talhe perfeito
 « Em meu peito senti a paixão.

« E' mais doce, é mais meiga que a lua,
 « Que fluctua nos céos a fulgir,
 « Quando os labios, tão lindos, de rosa
 « Amorosa desprende a sorrir.

« Ella é filha d'um conde mui nobre,
 « Eu sou pobre, e só rico d'amor;
 « Mas que importa se é nobre, ou plebéa,
 « Se está cheia sua alma d'ardor ?

« E se o conde não quer por esposa
 « A formosa donzella entregar,
 « P'ra gozar nosso amor fugiremos,
 « E iremos na selva habitar.

« Corre, meu bote formoso,
 « Corre, vôa, sempre avante,
 « Sinto o seio palpitante,
 « Porque muito venturoso
 « Vou a minha amada ver. » —

Ajudado pela brisa,
 Que soprava brandamente,
 Pelo fio da corrente
 O gentil batel desliza
 Muito rapido a correr.

Repousava a natureza,
 E a formosa, argentêa lua
 Ostentava a fronte sua,
 Em toda a sua belleza
 No vasto céu a brilhar.

Placido o rio desliza,
 E leves auras apenas,
 Soprando brandas, serenas,
 Vem do rio a agua liza
 Com seu halito enrugar.

Está na praia vagando,
 Pensativa e silenciosa,
 Uma donzella formosa
 A extensão do Douro olhando
 Que perto vai a correr.

Mas parou ; no rio ouvia
 Um mancebo namorado,
 Que em lindo bote assentado
 O seu bondolim tangia,
 Saudoso assim a dizer :

— « Vem, donzella, nos meus braços
 « Gozar a maior ventura,
 « Vem pagar-me com ternura
 « E com teus doces abraços
 « O amor que sinto por ti.

« Vem, oh donzella querida,
 « Tão gentil e tão donosa,
 « Commigo viver ditosa,
 « Vem consagrar tua vida
 « Toda inteira só a mi.

« Vem, oh virgem, neste mundo,
 « Em quanto não chega a morte,
 « Não ha mais ditosa sorte,
 « Não ha prazer mais profundo
 « Do que o amor póde dar.

« Deixa, donzella, a morada
 « De teu pai, do conde nobre,
 « Vem commigo, que sou pobre,
 « Vem amar, vem ser amada,
 « Mil deleites vem gozar.

Calou-se aqui ; offegante
 A donzella tão formosa,
 Correu p'ra o bote amorosa,
 E lançou-se palpitante
 Nos braços do trovador.

— « A vella está desfraldada,
 « Corre, meu bote formoso,
 « Corre mais, que vou ditoso
 « Com a minha bella amada
 « Gozar o mais terno amor. » —

Rio, 16 de Novembro de 1855.

EUGENIO ARNALDO DE BARROS RIBEIRO.

O castellão e a pastora.

N'uma relvosa collina,
Um castello s'elevava,
Com torres e altas grimpas
Todo de pedra lavrado ;
Sua fronteira de marmore
A todos admirava.

Era lá na minha terra,
Nesse fertil Portugal :
Nesses bosques, lindos valles
Como não existe igual,
Nesse céu de puro anil,
Lindas aguas de cristal.

Nas margens do Rio Minho,
Rico Senhor desembarcou
E seguindo seu caminho
Mui linda moça encontrou,
E com affectado amor
Desta sorte lhe fallou.

— Camponeza, donde sois
« Que nunca aqui te encontrei ?
« Formosura como a tua
« Por aqui nunca avistei ;
« Dizei-me agora eu vos peço
« Sois daqui perto ?... Dizei !

— « Meu Senhor, aquelle albergue
« Que lá distante avistais,
« E' a minha residencia
« E tambem de meus bons Pais,
« Ali eu goso carinhos
« Sou feliz não quero mais.

« Ali goso bons afagos
« De um Pai que sempre amei
« De uma Mãe extremosa,
« Do rebanho que criei,
« Goso dias de ventura,
« Que nunca mais gosarei.

— « Camponeza, o meu castello
« Tem a fama de belleza,
« Tem dentro ricos brilhantes,
« Ouro de rica pureza !
« Quereis viver dentro delle
« Minha gentil camponeza ? !

— « Meu Senhor, naquelle albergue
« Que lá distante avistais,
« Se passa muita miseria,
« Mas ali estão meus Pais :
« Só ali sinto prazer
« D'ali não sahirei mais.

— « Do meu brilhante castello
« A rainha haveis de ser ;
« Tereis ouro, joias, tudo,
« Terás alegre viver ;
« Vem, camponeza, commigo,
« Vem a miseria esquecer.

— « Guardai a vossa riqueza
« A mim não serve, Senhor !
« Não posso naquelle albergue
« Espalhar susto e dôr,
« Sou querida de meus Pais,
« Elles me dão seu amor.

« E se persistis na teima
« A querer-me seduzir,
« Basta aqui um grito meu
« Para vos fazer fugir ;
« Não quero as vossas alfaías
« Outro rumo hei de seguir.

« Essas brilhantes riquezas
« Ide a outras offerecer ,
« Ide na opulenta cidade
« Linda dama escolher ;
« Quanto a mim infeliz, pobre
« Assim mesmo heide morrer.

« Infame que todo sois
« Tudo quereis dominar,
« O socego de um albergue,
« Vós o ides perturbar,
« Julgais o ouro bastante
« Para a virtude manchar.

Despeitado foi-se embora
Esse infame seductor,
Desta vez não lhe valeu
Os brilhantes de valor,
Lá se foi ao seu castello
Occultar seu dissabor.

JOSÉ ANTONIO DE LYRA.

TYP. DE F. A. DE ALMEIDA rua da Valla n. 141.

O seductor.

EPISODIO DA VIDA D'UM SOLDADO DA GUERRA
PENINSULAR.

I.



AMOS, coragem !
Com mil bombas ! Quem me visse tão pusillanime diria que jámais o sibilar das balas passou por perto de mim ! Não obstante meu uniforme indicar que sou official, e official dos exercitos de Napoleão—o Grande.

O homem que fazia este monologo . envolvido pelas densas trevas de uma noute nebulosa do mez de Agosto de 1810 , começou a percorrer com passos rapidos o pequeno espaço comprehendido entre a pequena casa

que occupava, á margem esquerda do Douro, perto da Regoa, e uma especie de ladeira ingreme que dava subida para a grande quinta que domina essa casa. Era evidente que estas reflexões feitas ao acaso e segundo as circumstancias, o impedião de levar avante o seu projecto, pois que o capitão *Gerard* parava a cada momento — reflectindo sempre.

—Ao diabo os meus escrúpulos e receios ! continuou elle apoz um momento de pensar ; que arrisco eu com a partida?... *Emilia* ama-me sempre... é minha desde quatro mezes, para que pois estas incertezas ? O' lá, *Barillard*, gritou elle para dentro da casa.

Um soldado de estatura colossal, trazendo uma luz na mão, appareceu bem depressa no lumiar da porta.

—Deixo o *quartel* por algumas horas, disse o capitão ; se até á meia noute não tiver regressado podes deitar-te.

— Sim, meu capitão, respondeu o soldado fazendo uma continencia ; mas....

—O que temos ?

—Não poderei acompanhar-vos ?

—E' desnecessario, redarguiu *Gerard* aproximando-se do soldado ; são nove horas, continuou, guardando o relógio, que tirára ao aproximar-se

N. 24—Domingo 13 de Janeiro de 1856.

da luz ; e daqui a meia devo estar do outro lado. Adeus.

O capitão embrenhou-se nas arvores que guardam a pequena casa em que se alojava, e dez minutos depois achava-se na margem do rio.

— Mestre João ! bradou elle.

— Prompto, meu capitão, respondeu uma voz afastada.

Em breve o ruido cadente dos remos se ouvia, e um pequeno barco atracava perto de *Gerard*.

— Embarcai, Sr., já não contava com vosco ; tinheis-me marcado a oitava hora, e o relógio de Santa Rosa acaba de soar a nona.

— Não importa ; estaes prompto a passar-me segundo o que ajustamos ?

— E porque não, respondeu o barqueiro estendendo o braço para ajudar *Gerard* a entrar.

— Vamos, pois, disse este.

Quatro vigorosos braços, cortando com os remos a corrente do rio, impellião o barco para a margem opposta, aonde atracou um quarto de hora depois.

— Que determinaes agora ? perguntou o barqueiro quando *Gerard* punha o pé em terra.

— Que me esperes até á meia noute.

— E depois ?

— Como não sei se poderei voltar esta noute para minha casa, podes retirar-te se meia noute dada eu não tiver chegado.

— Comprehando, capitão ; boa viagem e feliz successo.

Gerard seguiu a estrada em linha recta, voltou pouco depois á esquerda, e começando com passos rapidos e precipitados a subir uma especie de collina. Na extremidade parou. As reflexões de ha pouco assaltarão-n'o talvez de novo, porque proseguio seu caminho de vagar, receando sem duvida revelar-se a algum passeante nocturno.

Uma pequena casinha pintada de branco, uma dessas casinhas que soem encontrar-se nas margens do Douro, se elevava graciosa acima das arvores fructiferas que a rodeavão. *Gerard* assobiou d'uma maneira particular, e em breve uma luz brilhou ante si. Os vidros da janellinha dessa casa reflectirão-n'a em cheio, e *Gerard* conheceu por este signal que nada tinha a recear. Não obstante as trevas que o envolvião, a sua vista, acostumada a penetrar-as na campanha, divisou uma escada de corda suspensa da janella, e alcançou-a de um pulo. O perfil d'uma mulher desenhou-se nos vidros, depois o rosto todo, e depressa uma voz

tremula como os suspiros da brisa perpassando por entre os ramos dos prados floridos, doce e maviosa como o canto do passarinho, se fez ouvir.

— E's tu, Eduardo ?

— Sim, minha querida Emilia, respondeu Gerard.

A mulher levantou a vidraça, inclinou-se para fóra, e como se receasse pelo homem que procurava tal hora para fallar-lhe, estendeu os braços procurando abraçá-lo. Eduardo imitou-a, e o ruído d'um beijo completou a subida aerea do capitão. Estava nos braços daquella que amava são e salvo ; que importava o resto ? A luz desapareceu da janella e tudo voltou ao seu habitual silencio.

Fosse a Providencia ou o acaso, o canto lugubre e longiquo da coruja veio misturar-se talvez a essas notas mysteriosas d'um amor correspondido, a esse canto intimo que o coração diz e a penna não sabe escrever....

(*Continua.*)

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

A queda de Cápuia

(*Continuação do n.º antecedente.*)

XXIII.

Julgue-se da sensação que um tal acontecimento devia produzir em uma cidade que entregue aos horrores da fome se achava em vespas de sustentar um sitio : o proprio Annibal ficou aterrado. Elle tinha alcançado algumas vantagens na Italia inferior ; Metaponto, e Thuria, duas praças consideraveis lhe tinham aberto suas portas. O proconsul Tiberius-Gracchus, o mesmo que perto de Cumes tinha surprehendido o campo dos Campanienses, acabava de morrer, e seu forte exercito de ser desbaratado ; mas tudo isso era pouco em comparação á perda d'uma cidade que occupava o primeiro lugar entre Roma e Carthago.

Annibal enviou logo em seu soccorro uma parte de sua cavallaria, e se preparou a segui-la pouco depois. O exercito Romano tinha-se aproveitado de sua victoria, e já se achava diante das portas de Cápuia. Entretanto, o perigo tinha reanimado a coragem dos Campanienses : ajudados pela guarnição Carthagineza em uma sortida que fizeram com um corpo de cavallaria, tinham alcançado muito mais do que esperavão, custando a vida a 1500 Romanos ; este primeiro successo

reacendeu suas esperanças, e diminuiu a confiança dos sitiantes.

Poucos dias depois vio-se um novo combate singular, semelhante ao de que já fizemos menção, mas cujo resultado foi differente. Um cavaleiro Romano, chamado Quintius-Crispinus, tinha sido amigo d'um Campaniense chamado Badius, no tempo em que suas patrias vivião em boa intelligencia : Badius achando-se em Roma perigosamente enfermo depois da deffecção de Cápuia, tinha devido a vida aos cuidados de seu amigo ; sabendo que este se achava no exercito Romano, aproximou-se do acampamento, nomeou-se e fez chamar o Romano. Crispinus chegou ; a lembrança de sua antiga amizade lhe fez acreditar que era chamado á sua voz ; mas qual foi o seu espanto quando ouviu o Campaniense lhe dizer : « Procura rei-te em vão durante a ultima batalha ; quando « duas patrias deixão de ser amigas, seus filhos « não podem continuar a sel-o, tu és inimigo da « minha, és por tanto o meu inimigo. Vai buscar « tuas armas, monta a cavallo, e eis aqui o lugar « de combatermos ; eu quero vingar o meu paiz, « trata tambem de sustentar a honra do teu » — « A honra está na justiça da causa que se defende, « de, respondeu o Romano ; mas, o que tem de « commum a amizade de dous individuos, com a « vingança das nações ! ? Se eu te tivesse encontrado no combate, teria tratado de salvar-te a « vida pela segunda vez. » A estas palavras retirou-se : o Campaniense furioso o chamava de covarde, declarando-lhe que não queria mais sua amizade e que lhe retirava a sua, e que não deveria sentir senão desprezo por um homem que se dizia armado em defeza de sua patria, e se recusava a um combate que lhe offerecião. Não contente com isto, inda dirigio mil insultos ao exercito Romano. Crispinus hesitava ainda, mas os gritos de seus camaradas, e a voz de sua honra compromettida, o determinarão á vingança. Correu a armar-se, montou a cavallo e apresentou-se a seu rival. Os dous guerreiros animados pelo mesmo ardor, se lançarão um contra outro, seu choque foi terrivel ; o Romano cambaleou, mas o Campaniense derrubado, cahio sem sentidos.

Segundo os usos desta sorte de combates, o vencedor salta do cavallo abaixo para dar ao seu inimigo o golpe de morte, e carrega comsigo os despojos ; mas Crispinus, reconheceu seu amigo, o sentimento desarmou sua cholera, e voltou aos seus, mais afflicto, que glorioso de sua victoria. Mil gritos de louvor, e de felicitação se fizeram

ouvir; o vencedor recebeu presentes militares das mãos dos consules, que esperavam dissipar por esta leve vantagem a lembrança do ultimo revez. A noticia deste combate se espalhou por todo o campo, e por toda a parte a queda do ingrato Badius foi olhada como o symbolo da completa deffecção de Cápua e o presagio de sua punição.

Muitas vezes na guerra uma leve circunstancia é mais importante por suas consequencias, do que os maiores acontecimentos. Esta havia operado tão fortemente no espirito dos Romanos, que já se julgavam victoriosos; a chegada de Annibal os desenganou. Elle estabeleceu seu acampamento bem perto do inimigo, e no dia seguinte se apresentou em linha de batalha.

Depois de algumas manobras de uma e outra parte, começou o combate por um forte recontro de cavallaria; a principio toda a vantagem se declarou do lado dos Carthaginezes; ambos os exercitos se abalarão; já muitos corpos se encontravam e se batião com encarniçamento; de repente uma nuvem de poeira que se apresenta ao longe annuncia que um exercito se avança. De ambos os lados fiarão duvidosos; cada um teme um reforço para seu inimigo; e os chefes fazem disposições para a retirada.

Annibal, entretanto, vendo o ardor dos seus, redobra de esforço; as fileiras Romanas são rompidas, e já ião ceder o campo da batalha quando a tropa que avançava se apresentou em seu soccorro. Era um corpo d'infantaria vindo da Polha, que tinha seguido de longe os movimentos dos Carthaginezes. Os Romanos sustentárão-se ainda até á tarde, mas durante a noite, levantarão o campo, e se retirarão, Fulvius para Cumes, e Appius para o lado da Lucania.

Como elles, com a ajuda do reforço que tinham recebido, poderião sustentar-se, não foi sem espanto que Annibal soube a noticia de sua retirada: depois de ficar muito tempo incerto sobre o partido que tomaria, resolveu-se finalmente a seguir Appius.

(Continúa.)

Traducção de A. M. S. BANDEIRA.



O amor d'um camponez.

(ESCRITO AO CAHIR DA PENNA.)

Carolina de Souza, interessante joven de 18 annos, casara-se á seis mezes com o Dr. Henrique da Gama. Este, aborrecido do labutar continuo das

grandes cidades, retirou-se para o campo — para uma quinta que possuia perto de Coimbra, á margem do Mondego. Carolina acompanhou seu marido com prazer, porque ella tambem não ignorava os encantos risonhos e socegados que o campo com seus fructos e flores offerece ás naturezas privilegiadas e dotadas dessa poesia de coração que sentimos sempre mas não podemos explicar.

A quinta que os dous conjuges forão habitar era situada n'uma eminencia donde se descobrião os vastos prados de relva, e todas essas sublimidades da natureza que Deos com sua mão providente formou para descanso do homem ainda não combatido e tocado d'esse ar impuro e maligno que se respira no grande recinto d'uma capital decantada. E que surpresa melhor que esta se offerecia aos olhares curiosos de Carolina? Comovido e palpitante seu coração expandio-se — aspirou com avidez o perfume das flores espalhadas aqui e ali — e um sentimento novo, immenso e inexplicavel se apossou desse coração até ali virgem de emoções semelhantes! A primeira pessoa que lhe fallou foi um bello rapaz de 20 annos, filho do *caseiro*. Quando digo bello não exagero, porque Pedro Pinheiro era um desses mancebos excepcionaes quanto ao phisico — um desses retratos vivos dos *trovadores* d'outr'ora, que as chronicas e romances nos transmittirão fielmente.

Dizer a sensação que a belleza de Carolina produziu no espirito do pobre rapaz seria impossivel.

— Oh! quanto é bella! exclamou elle, quando a joven entrou para uma sala da casa ao rez do chão.

A vida de Pedro entrava em uma nova phase. D'ali em diante o amor com todo o seu brilho e prestigio ia mudar a sua existencia tranquilla e venturosa em um continuo penar. Nem ao menos o relampejar d'uma esperanza longiqua e quasi imperceptivel lhe veio animar o atribulado espirito. Elle pensou. O seu bom senso lhe dizia que jamais um olhar, um sorriso lhe seria dado em compensação a esse amor ardente e apaixonado que morre como nasceu, candido e ignorado.

— Meu rapaz, lhe disse um dia seu pai com essa franqueza do camponez que exclue qualquer observação; que tens tu á tres dias? Vejo-te triste, as rosadas cores que tinhas desapparecerão, a alegria com que acompanhavas os jornaleiros tudo se escondeu não sei aonde. Toma sentido com isso; nesse andar caminhas para *etico*, e eu amote bastante para que consiuta em tal mudança. Responde-me.

— Que lhe hei de responder, meu pai, essa tristeza que m'attribue é o resultado de um serio pensar; as cores do meu rosto que tanto admirava desaparecerão porque tenho andado um pouco incommodado da cabeça; tudo isto porque pensei, já não estou em idade de me entregar a essas banalidades de creança estouvada; tenho vinte annos, é uma parte da vida do homem.

— Raciocinas como um sabio, respondeu-lhe o pai com ironia; fallas em vinte annos como eu fallaria nos meus cincoenta... A proposito, atalhou o camponez mudando de tom; que tal achas a senhora?

Pedro empalideceu, e respondeu com voz tremula, abaixando os olhos:

— Eu... não sei... eu creio que é muito bonita... Não acabou por que as lagrimas o impedirão.

O pobre mancebo causava dó.

— Oraahi está! exclamou o velho dando uma gargalhada; um *homem* de 20 annos a chorar como o não faria uma creança de 10. Com os diabolos! não chores assim!

— Vamos, meu pai, tornou Pedro com resolução e limpando os olhos; para que pensar nisto? E' uma asneira, e eu sou quem o sinto; vamos trabalhar.

— Ah! lá isso é outro cantar! redarguiu o velho; assim mesmo é que deves fallar, o mais são historias.

Pedro conservou-se alegre naquella dia e seu pai estimou-o bastante; contudo o pobre mancebo não podia expelir da sua mente escaldada a phisionomia bella e poetica de Carolina. As transições operarão-se com rapidez, e Pedro cahio em uma prostração medonha. Veio o medico; ignorando a causa principal da doença de Pedro receitou alguns paliativos, e esperou. O mancebo ia de mal em peor. Seu pai não o abandonava um momento, e empregou inaudidos esforços para arrancar-lhe o seu segredo. Pedro respondia com subterfugios — e a morte aproximava-se. Chegou por fim. O mancebo deu o seu ultimo suspiro com socego e resignação d'um martyr. Nem um queixume, nem uma sensura se desprende de seus labios na hora extrema. Morreu como devem morrer os innocentes anjinhos, que Deos quer para si....

Carolina ignorava tudo. Attribuiu a morte de Pedro a uma dessas molestias interiores e mysteriosas, que a sciencia jamais póde perscrutar. O velho camponez chorou seu filho como se chora

o ente que mais amamos, e em que vemos retratado aquelle que amemos outr'ora...

— Senhora, disse elle entrando um dia palido e commovido no quarto de Carolina; elle morreu por sua causa: não podereis ir a seu tumulo depor um fraco tributo de saudade que exprima o sentimento que a acompanha pela sua desgraçada morte?!

Carolina olhou o camponez espantada.

— Como, Sra. ? perguntou aquelle; ignora que foi por sua causa que o meu pobre Pedro morreu?

— Tanto o ignoro, tornou Carolina com altivez; que lhe peço uma explicação a este respeito.

O camponez contou tudo, não esquecendo as menores particularidades.

— Oh! rematou elle; Pedro amava-a como os anjos devem amar a Deos! A sua ultima palavra foi para si e morreu repetindo seu nome.

— Pobre mancebo! disse Carolina enchugando as lagrimas, que a narração de Pinheiro lhe fizera assomar ás palpebras; lastimo-te de todo o meu coração; morreste como morre a flor em botão; perdoa-me, e se tenho de levar a desgraça a toda a parte em que vá, mata-me, meu Deos!

E no dia seguinte uma mulher ajoelhada na sepultura de Pedro, elevava a Deos a oração dos mortos!

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Democrito e Hippocrates.

Democrito aquelle famoso philosopho que de tudo se ria, e fez chorar Alexandre Magno, por dizer que havia mais mundos, cansado de zombar dos despropositos deste, que tão mal conhecemos, deixou a patria e todo o mais povoado, e foi-se metter em um deserto. Correu logo fama, que Democrito endoudecera, e compadecidos os seus naturaes, que erão os Abderitas, mandarão rogar por uma embaixada a Hyppocrates, que pelo amor que tinha, e honra que fazia ás sciencias, se dignasse de ir curar pessoa tão notavel e tão benemerita dellas. E que havia de responder Hyppocrates? Respondeu como refere Laercio, que se a enfermidade fosse outra, elle iria logo curar Democrito; porém que retirar-se das gentes, e ir viver nos desertos, o que elles reputavão por doudice, mais era para invejar que para curar, por que nunca Democrito estivera mais sisudo, nem tivera o juizo mais são que quando fugia dos homens.

(VIEIRA, T. III.)

D. Ramiro.

Vem descendo aquelle outeiro
Um garboso cavalleiro,
Montado em forte alazão ;
Vem com pressa caminhando,
No bello rosto mostrando
De seu peito a agitação.

Pela aldéa vai passando,
Em seus pensares pensando
Sem na gente reparar ;
E nem viu que se benzião
As pessoas que o vião
Por junto de si passar.

Quem é esse cavalleiro
Que caminha tão ligeiro
Por esses campos alem ?
Todos virão, mas quem era
Ninguém de certo o dissera,
Que não o ousa ninguém.

Porque é que quem o via,
Logo, logo se benzia
Dando mostras de terror ?
Porque todos se afastavão
Diante d'elle, e deixavão
Passar tão nobre senhor ?

Partira ha muito p'ra guerra
O senhor d'aquella terra
D. Ramiro o lidador :
Fôra a Ceuta, e cá ficava
Beatriz que elle adorava
Com o mais ardente amor.

Beatriz, a mui formosa
Despedindo-se chorosa,
Abrio-lhe o seu coração ;
Jurou-lhe que o não daria
A outro, e que guardaria
Para elle a sua mão.

Largo tempo se passara,
D. Ramiro não voltára
Nem novas suas mandou....
Os cavalleiros que havião
Ido com elle, dizião
Que elle por lá se finou.

Beatriz, que muito o amava,
Vendo que elle não voltava
Por muito tempo o chorou ;
E em lugar da alegria
Só triste melancolia
Em seu coração ficou.

D. Ramiro não morrera,
De f'rido desfallecera,
E entre os mortos cahio...
Mãos piedosas o curarão ;
E mal seus golpes fecharão
Para a patria se partiu.

— « Pagem, pagem, diz depressa
« Se cumprio sua promessa
« A formosa Beatriz ;
« Se ainda tem conservado
« Seu amor, e tem guardado
« A sua mão, pagem, diz. » —

— « D. Ramiro, aqui contarão
« Os que de Ceuta voltarão
« Que vos virão lá morrer ;
« Beatriz, tão extremosa,
« Muito tempo andou chorosa
« A suspirar e a gemer.

« Porém, quando a sua pena
« Abrandou, e mais serena
« Beatriz appareceu :
« Quiz seu pai que se cazasse
« Inda que muito chorasse
« A infeliz obedeceu. » —

D. Ramiro ouviu calado,
Com semblante demudado
O que o pagem lhe contou :
E no alazão montando,
Foi pelos campos voando....
Nunca mais depois voltou.

Dobra, triste, o bronze santo ;
Ha só suspiros e pranto
No castello de Lorvão ;
Tinha morrido a condessa,
Que ha muito andava oppressa
Por uma occulta paixão.

A Beatriz alguém contara
Que D. Ramiro voltára
A terras de Portugal ;
Que em seu castello estivera,
E que a todos parecera
Ferido d'intenso mal.

Beatriz, isto sabendo,
A' ingente dor cedendo
Pouco a pouco definhou ;
De magoa sempre chorando,
A vida foi-a deixando...
Té que um dia se finou....

Na capella do Castello,
Jaz seu corpo, outr'ora bello,
Em um funebre caixão ;
Está cercado de tochas
Que enchem de luzes froxas,
Da capella a vastidão.

Junto á eça, está prostado
No chão, um frade embuçado
Em vasto e negro capuz ;
Ninguém sabe quem elle era,
Que ainda não appar'cera
Seu occulto rosto á luz.

Já todos se retirarão,
E na capella deixarão
O corpo de Beatriz ;
Só ficou ajoelhado
O negro frade embuçado,
Que retirar-se não quiz.

Quando de manhã voltarão
A' capella, encontrarão
O frade, morto no chão ...
Tinha nas mãos regeladas,
E co' a morte interigadas
Da Condessa a fria mão.

De sobre o rosto tirarão
Seu capuz, e recuarão
Como tomados d'horror....
Assustados se benzerão
No frade reconhecerão
— D. Ramiro, o lidador. —

Rio, 13 d'Outubro de 1855.

E. A. DE B. RIBEIRO.

Gemidos de amor.

Tu choras, donzella,
Tão linda, tão bella,
Sentada sosinha
No chão escabroso !...
Dizei, linda estrella,
Quereis vós ser minha
Tornar-me ditoso ?

Fallai por piedade
A pura verdade,
A quem vos adora ;
Terá liberdade
Vosso coração ?
Ou já o devora
Ardente paixão ?

« Mancebo, trahida
« De todo perdida
« Eu sou neste mundo !
« Porém sinto a vida
« Já quasi tocar
« Do abismo no fundo
« E o mundo deixar.

« Eu quero sentada
« No pranto banhada
« Os dias findar ;
« Por que desprezada
« Não posso viver,
« Não posso te amar,
« Deixai-me morrer.

O teu soffrimento
Me causa tormento,
Tormento que mata ;
Algum juramento
Quizeste fazer,
De ao amor que arrebatava
Já mais pertencer.

Mas ai, estrellinha,
Tua vida definha
E a minha tambem ;
Venturas que tinha
Trocarão-sé em dor,
Não ouça ningem
Gemidos de amor.

M. LEITE MACHADO.

A Ella.

Querida Julia, eu vou ainda
A nossa infancia tão linda
Longe de ti recordar ;
Inda quero nossas flôres
Que virão nossos amores

Primões

Na minha lyra cantar.

Eu amei-te quando a vida
Se nos torna tão querida,
Quando tudo nos sorri ;
Eu amei-te quando a rosa
Se balança graciosa

Vaidosa,

Muito contente de si.

Eu amei-te quando os prados
D'esmeralda tapisados
Espargem doces olôres ;
E o passarinho contente
Tão descuidado e imprudente

Consente

Escutar canção d'amores.

Amei-te quando gostoso
O rouxinol mavioso
Faz seus gorgeios ouvir ;
Quando alem a borboleta
Mui bulicosa e inquieta

Desperta

Em nossos labios sorrir.

Amei-te quando os pastores
Colhem os ramos de flôres
Pelas campinas sem fim ;
Quando da ovelha o balido
Tantas vezes repetido

Sentido

De longe vinha até mim.

Eu amei-te quando o Estio
As lindas gallas despio
As arvores da Primavera;
Quando o máo vento do norte
Secco, violento e forte

A morte

Enviou ao que vivo era.

Amei-te sempre contente
Já esquecido e imprudente,
Zombando do meu porvir ;
Amei-te sim, porque amar
E' minha sina, fallar

E olhar

Em teus labios o sorrir.

Mas venturas já passadas
Tão depressa deslisadas,
O que vale recordar ?

Amo-te sempre, donzella,
Tu serás a minha estrella

Com ella

Para mim has de brilhar.

Eu amo-te agora errante e proscripto
Bem longe da Patria que amo tambem,
Amo-te sempre, e no céu foi escripto
Que do nosso amor não saiba ninguém.

Calou-se a lyra e o pranto banhou-me
As pallidas faces de tanto soffrer,
E a vós oh ! meu Deos humilde imploro
Deixar-me na Patria com ella morrer.

Rio, Janeiro 6 de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

**A' minha bella Leonor.**

Leonor, mimosa estrellã
Que tens forma de mortal...
Tu és deusa, és fada, és anjo
Que m'encantas sem igual...

Deusa, anjo, nume, ou fada,
Quem te deu tão grand'encanto,
P'ra meu peito á ti sujeito
Arder hoje em fogo tanto ?!...

Ah !.. foi o céu... foi Deos... foi tudo
Que te fez tão bella assim...
Foi teu rosto... mais teus olhos
Quem me deu amor sem fim....

Vendo Leonor o teu rosto...
Vendo teus olhos brilhar...
Vejo o céu... vejo as estrelas...
Sou ditoso em te adorar ! !..

Amar-te só sei no mundo
Sempre leal e constante ;
Deixar de ti me lembrar ;
Eu não posso um só instante ! !..

Cada um triste momento
Que passo sem ver a ti...
Sinto a saudade, ou a dôr...
Que jámais nunca senti ! !..

Não ha para mim prazer...
P'ra mim não ha distracção...
Se soffre a dôr da saudade
O meu terno coração...

Se não fôra a esperança,
D'eu em breve te gosar !...
Ah ! Leonor !.. ah ! anjo meu !.
Minha vida era um penar !...

Ama-me pois... sê constante
A quem se presa em te amar...
A quem suspira por ti....
A quem vive a te adorar ! !...

6 de Janeiro de 1856.

SERPA P.

Um adeus.

Adeus, Eulina formosa,
Adeus, bella flôr mimosa,
Por quem tanto suspirei ;
Teus encantos seductores
Que fallavão só d'amores
Nunca mais os gosarei.

Não terei mais a ventura
De te ver formosa, e pura
Qual a rosa ao despontar ;
De ver-te a fronte adornada
De sacro louro enramada
Eu já mais posso olvidar.

Nem dos olhares fagueiros
Que mandavas feiticeiros
Ao meu pobre coração ;
Nem da divina ternura
Que mostravas com doçura
Não olvidarei, ai não !..

Se contigo m'encontrava
O meu peito palpitava,
Vinha ás faces o rubôr ;
Eulina, nesse momento
Levavas-me o pensamento
Entre os effeitos d'amor !

Mas o tempo foi passando
Nas brancas azas levando
Nossa tão pura intenção ;
Nossa fagueira esperança
Embalada entre a bonança
De teu, e meu coração.

Ai, adeus, não mais te vendo
Irão meus males crescendo
Pois é destino dos céos,
De se amar mui extremoso
E ser sempre desditoso
Ah ! Eulina ! adeus... adeus...

Janeiro de 1856.

M. LEITE MACHADO.

A uma rosa.

Desfolhei-te pobre rosa
Quando estavas em botão,
E tua pet'la graciosa
S'inclinava para o chão.

Invejei-te assim formosa,
Obrei mal eu bem o sei ;
Perdoa-me, oh ! linda rosa,
Que não mais t'invejarei.

Adorna pois mui vaidosa
A planta que deu-t'o ser,
Que jámais tão graciosa
Em botão t'hei-de colher.

A. XAVIER R. PINTO.

Typ. DE F. A. DE ALMEIDA rua da Valla n. 141.

O seductor.

EPISODIO DA VIDA D'UM SOLDADO DA GUERRA
PENISULAR.

(Continuação do n. antecedente.)

II.



— EJAMOS o que fazia neste meio tempo o barqueiro.

Logo que Gerard desembarcou, aquelle apressou-se em amarrar o barquinho, e saltou tambem para terra. Os pensamentos cruzavão-se em seu espirito, como os relampagos se cruzão no espaço em uma noite sombria e tempestuosa; era o que da phisionomia do *rabello* o observador attento poderia colher.

João era um rapaz de 24 a 26 annos, alto, um pouco magro, com uma dessas phisionomias características e altivas, se é permittido exprimir-me assim. A visita do capitão tinha alguma cousa de commum com elle, porque disse de entre dentes: se não me engano *este francez* tem de representar um papel importante na minha vida de barqueiro. Vejamos isso: eu sou curioso como a mulher, e alguns passos de mais ou de menos nada fazem ao caso. Estas passagens repetidas, continuou com intervallos, dão-me que pensar. Não quer outro barco além do meu, paga com generosidade, e não pede segredo, talvez para não despertar desconfiança; nada... aqui ha o quer que seja que cumpre averiguar.

Este monologo era acompanhado de certos movimentos particulares, que indicavão d'uma maneira positiva o combate que se dera em seu espirito.

João seguiu a direcção que Gerard tomara, e em breve alcançando-o, podia espiar-lhe todos os passos sem ser visto. Já sabemos como o capitão pôde chegar a penetrar na casinha, resta-me dizer que o barqueiro chegado a certa altura parou.

— Oh! o meu coração advinhava-o; a victima é minha irmã! exclamou elle com raiva concentrada; e com uma expressão de odio tirou do bolso uma pistola e escorvou-a. Era no momento em

N.º 5 — Domingo 20 de Janeiro de 1856.

que Gerard alcançava a corda. Ai! delle se o tiro parlisse!

— Vamos, disse o barqueiro guardando de novo a terrivel arma; para que um assassinato? que lucro tiraria eu delle? ficaria deshonrado, e talvez que uma morte mais ignominiosa fosse a consequencia do meu louco arrebatamento. Esperemos antes.

E sentando-se bem em frente da janellinha pensou. Só Deos e elle sabião e n. que. O som das horas repercutia pelas montanhas, e cada pancada era um punhal que lhe atravessava o coração. Dez horas, onze, meia noite; e o mesmo silencio. João esperava sempre.

Meia hora depois da undesima a janellinha abriu-se de novo, e a mesma escada pendia della. Gerard desceu como tinha subido. João levantou-se; seu coração batia com violencia; um anjo máo o impelia outra vez ao crime.—Não, e mil vezes não! disse elle como se respondesse a essa voz occulta e mysteriosa... Elle vai passar ao alcance das minhas mãos, continuou vendo Gerard aproximar-se; e eu poderia matar-o sem que elle soltasse um grito, um ai se quer! O capitão passou.

João sahio d'entre as arvores, e aproximou-se da casinha. Tirou uma chave do bolso e abriu com ella a pequena porta que lhe dava entrada. Subio alguns degrãos de madeira, e sempre ás escuras, aproximou-se do quarto da irmã, procurando fazel-o sem ser ouvido. A luz brilhava no interior: João bateu.

— Quem é? perguntou Emilia de dentro.

— Sou eu, Emilia.

A porta foi no mesmo instante aberta. Aquelle, com o sorriso nos labios, e como que ignorasse tudo, entrou, deu as boas noutes, e foi sentar-se perto de sua irmã.

— Deitaste tarde hoje, disse elle encarando-a fixamente.

— Contra o meu costume, é verdade, responden a joven com socego; mas li hoje tambem mais que o regular. Quando batestes ia deitar-me.

— Não me esperavas então?

— Sem duvida, porque me disseste que dormias esta noute na Regoa.

— Tens razão; mas reflecti melhor. Tenho de levantar-me cedo, não o poderia fazer se dormisse na villa.

— Queres ceiar?

— Não... a proposito, occorre-me uma cousa, e antes que me esqueça quero perguntar-t'a: conheces um certo capitão Gerard?

Emilia empalideceu, cambaleou e cahiria se seu irmão a não segurasse.

— Como ! pois o simples nome d'um *francês* produz em ti o effeito do raio ?

— E' que...

— Responde-me, Emilia.

— Conheço-o... apenas... do nome... balbuciou ella.

— E' bastante. Pois bem, minha irmã, esse homem escapou de ser agora assassinado.

— Assassinado ! por quem ? ! exclamou a joven levantando-se como impellida por uma mola.

— Por mim, respondeu o barqueiro com todo o socego.

— Ah !

Emilia, semelhante a uma massa pesada que se despenha do alto, cahio no chão, soltando esse ai sentido.

— Não teve animo de negar, disse aquelle aproximando-se d'um armario, e procurando nelle alguma cousa para applicar a sua irmã.

Achou vinagre, foi com elle que reanimou Emilia. Esta voltava a si gradualmente. Joao, em pé, e um pouco retirado vigiava-lhe todos os movimentos. A pobre menina levantou-se nos joelhos, e arrastando se até abraçar os de seu irmão, encanou-o com uma expressão tão triste e tocante que João, commovido já, voltou o rosto para esconder as lagrimas.

— Sei tudo e perdão-te, disse elle levantando a joven, como o faria a uma criança.

— Obrigado, meu irmão, obrigado.

— Que te disse Gerard á pouco ?

— Que em oito dias me daria a mão de esposo.

— Muito bem, foi essa circumstancia que me impedio de matal-o. A quanto tempo vem elle aqui ?

— A quatro mezes.

— Podias confessar-me tudo logo que eras dello ; poupar-me-hias este desgosto.

— Eu amava-o tanto, que receei perdê-lo.

— Olha, Emilia, a minha primeira idéa quando o vi entrar, foi assassinal-o e assassinar-te depois. Erão dous crimes, mas os homens como eu costumão vingar-se assim. Vai dormir, minha irmã ; agora que sei tudo descança no resultado. Hade casar contigo, ou morrerá ás minhas mãos !

— Ah ! mas eu amo-o tanto ! exclamou a joven.

— Cala-te ; não me importa que obedeças a um sentimento passageiro, e que nasceu sob a influencia das bellas expressões que essa orgulhosa

gente costuma empregar com as mulheres jovens e ingenuas, como tu eras, Emilia. Eu odiava-o, porque amo a terra em que nasci, e a minha patria ; agora destesto-o porque manchou um nome mais puro até aqui e mais respeitado do que talvez seja o seu ! Adeus, Emilia, vou dormir á Regoa.

(Continúa.)

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

A queda de Cápuia

(Continuação do n.º anterior.)

XXIII

Cápuia parecia livre por este acontecimento, já se vangloriava de ter escapado, ao menos durante esta campanha, a todo perigo. Mas esta apparente tranquillidade não era senão a calma momentanea da tempestade que bem depressa volta com nova furia. Apenas Fulvius soube que Annibal se tinha afastado de Cápuia, avançou novo para essa cidade, e Appius fez outro tanto de seu lado, depois de ter enganado os Carthaginezes com sua marcha.

Não ha duvida que Annibal notou esta estratagemia do inimigo, porém muitas circumstancias o impedirão de continuar a seguil-o ; sua presença era nescessaria em muitos lugares ao mesmo tempo. Essa mesma Roma que ha dous annos não tinha para lhe oppôr senão os poucos manobros que lhe restavão, combatia então com vinte e tres legiões. Muitos corpos consideraveis, commandados por Pretores e Pro-consules se dirigião para a Lucania, e Polha, a castigar os povos que havião seguido o exemplo dos Capuanos ; d'um lado os alliados de Annibal o chamavão em seu soccorro e por outro, era perigoso alongar-se de Cápuia. Entretanto, esperando que uma guarnição consideravel e o tempo que esta havia tido para fazer provisões, a terião posto em estado de não ser sorprendida, e de sustentar um sitio de longa duração, de mais a mais vindo, por alguns falsos movimentos da parte dos inimigos, uma victoria certa se elle s'internasse na Lucania ; determinou-se a isso.

Bem depressa teve que combater dous exercitos um commandado pelo centurião Pênula, que partindo de Roma tinha promettido ao senado uma victoria certa, e outro pelo Pretor Ch.-Fulvius, irmão do Consul, que vencedor tinha penetrado

na Polha. Annibal deu batalha a ambos, e soube tão bem impedil-os de mutuamente socorrer-se, e corta-lhe toda a retirada, que não sómente os desfez, mas destruiu inteiramente os dous exercitos; mais de 30,000 homens forão mortos, ou prisioneiros. Pécula ali perdeu a vida, e Fulvius fugio com 200 cavalleiros. A noticia d'uma tão brilhante victoria se espalhou em toda a Italia. A Polha que vacilava, se declarou mais abertamente que nunca, pe'o partido de Annibal; Roma tremeu: sómente para Cápuia é que esse successo foi sem effeito.

A tempestade que ameaçava esta Cidade, tornava-se todos os dias mais medonha. Os Consules sem perder um momento, tinhão começado o sitio. As medidas que tomárão forão taes que se postarão ao abrigo dos rigores da estação, e dos ataques do inimigo. Persuadidos que uma cidade tão bem defendida seria intomavel pela força; esperavão reduzi-la pela fome; interceptarão toda a communicação com o rio Vulturnus, e com o mar, estabelecerão ao redor da fortaleza uma dobrada fileira de fossos e de fortificações, e não obstante a força de seu exercito, fizeram-se reforçar ainda, por duas legiões sob as ordens do Pretor Claudius-Nero. Cápuia teve só a triste honra de ser atacada por tres exercitos ao mesmo tempo, e de ver reunidas contra si, quasi todas as forças dos Romanos.

(Continúa.)

Tradução de A. M. S. BANDEIRA.

A mulher.

« Jeune fille naïve et pure, quoi de plus ravissant que la femme? Mère entourée de ses enfants quoi de plus auguste et de plus sainte? Il y a dans son cœur des délicates ses si exquisés et tout ensemble si spontanées, que elles les ignore elle-même. La source en est voilée, mystérieuse... »

(AMISCHASPANDS, POR LAMENAI.)

Rei da criação, ó Homem?! Já algum dia, em teus devaneios, sonhaste por ventura, qual vejetaria a mimosa flôr por um capricho qualquer transplantada para os areais requeimados do Sahara ardente, e açoutada pelas igneas rajadas do Simoon?! Já uma vez, se quer, figuraste o que seria o cahos informe, antes que o primeiro raio do sol houvesse singrado o espaço, antes do

fiat lux baixar dos labios do Eterno? Tal seria a tua existencia sobre a terra; sem esse doce enlevo, esse hatxyz de delicias, essa rosa fragrante, esse iris de paz, esse balsamo vivificante, esse anjo carinhoso, tombado das alturas, e collocado ao lado do homem, para lhe dulcificar o agro da vida—a Mulher!!!—Emanação divina, Nume Celeste, parte essencial da existencia! Como poderia o primeiro homem olvidar as delicias do paraíso, senão forão as ledas meiguices, os meigos carinhos, o terno sorriso, e essa flamma nobre santa e sublime —o amor— com que a primeira mulher lhe ajardinou o viver, povoou-lhe o vacuo do mundo, e lhe amenizou o trabalho! Festiva e terna em seu sorrir, meiga em seu olhar, casta no sanctuario de seu coração, sublime em seu scismar, ingenua e devotada na amizade, nobre em seus almejos e ardente no amor, ella tem o balsamo salutar, que transmuda em prazer a tristeza, e da dôr suavisa o pungir. Ella só, só ella, por sua dedicação, pela effusão de seu amor, sempre ardido, por sua ternura sempre meiga e apaixonada, e por sua delicadeza, nos mitiga o acerbo ardor, nos acalenta o agonisar da desgraça, nos soffrea o bradar das paixões rudes, e nos faz amar o trabalho, com o filtro de seus encantos, com a magia de suas fallas, com os effluvios de suas graças, e com o grato perfume de seu amor. Mulher! O homem te ha erigido altares, és o seu culto mais querido; e o raio puro do sol, que lhe serena o céu sombrio da vida; és o seu anjo consolador, quando a procella lhe escurece o horisonte; a providencia do desgraçado, a enfermeira desvellada do doente, o santelmo da paz, o sonho mais cáro do homem, a mãe estremecida, a terna esposa, a amiga dedicada; sois tudo, por que sem ti a vida seria como já alguém disse com espirito: *uma luta desesperada, um sangrento combate do homem contra a natureza e do homem contra o homem.* Oh!..., Como é sublime e santa a tua missão, ó mulher; quer seja sentada no throno das nações, quer reclinada no pobre grabato do enfermo, quer no misero albergue do desvalido, tu te ostentas radiante e magestosa; e despartas nossas adorações. Houve um tempo, em que escravizada pelo homem, e por elle expoliada dos foros, que Deos t'outhorgara, tu caliste, Mulher, desse trono augusto de tuas graças, para serpeares impura no murreçal da torpeza e depravação. E assim devia de ser, porque o homem tyranno, prepotente e dissoluto, não conhecendo do amor, mais que a parte material, o immundo

goso; era nesta lodosa piscina, que affogava seus desejos annaes, do momento. Assim devia de ser, pois que elle era o primeiro a dar-lhe o exemplo fatal da degradação e do vicio, atrophando os mais doces affectos da humanidade, e accumulando indefinidamente em seus harems e gynceus, esses entes abastardados, esses anjos decahidos, para apascentar-lhe suas libidinosas paixões. Assim devia de ser finalmente, porque a polygamia, essa ulcera cancerosa, que para vergonha do genero humano, ainda corróe os povos do Oriente, animatisando a paixão mais nobre, mais pura e sublime — o amor — e deturpando o coração do homem, levava a desmoralisação ao seio da familia. Nem isto deve admirar, sabendo-se, que o homem d'então degradado desse typo, que o ennobrece — a dignidade e a virtude, — só abria seu coração á luxuria, e só anafava em seu peito anceios carnaes, espelhando sua infrene concupiscencia, no incenso putrido e infecto, com que thuriferava os altares impudicos de Astarthea, Beelfegor, Adonis e Sibitina. — Mulher! os homens haviam-te corrompido, mas o homem Deos regenerou-te com o Evangelho! — Salve, Religião de doçura, Mãe d'amor, Estrella de liberdade, foste tu, que rociada pelo sangue precioso do Redemptor, soergueste a mais bella porção da humanidade das garras da degradação e servilismo, foste tu, que desgarraste o homem das presas da corrupção e da impiedade, e que semeaste os dogmas do amor e da igualdade, nesse safaro terreno, onde só brotavão os espinhos do despotismo e concupiscencia... Foi mister que Deos humanasse para que a mulher assumisse o posto, que lhe fôra demarcada *ab Eterno*. A emancipação da mulher, data do momento, em que o Nazareno filho de Maria lançou as bases immorredouras deste templo augusto e venerando, chamado chistianismo. E' desde então, que ella começou a ser metade na associação humana; é só desde então, que o homem attingio a essa metade felicidade, possível neste mundo, porque associando-se a um ser livre por eleição reciproca, conheceu, que só nessa dualidade d'entes vinculados pelos laços da ternura, da dedicação e do amor, identificados nos mesmos sentimentos e abrasados nos mesmos affectos, é que residia a ventura domestica, o supersummo da felicidade humana ignota aos homens das vestustas épocas. Quando a mulher abismada no limo da ignorancia enxarcada no lodo da devassidão, arcava miseranda sob os grillhões do captivoiro, veio Jesus Christo e disse: « *O Espiri-*

to do Senhor veio sobre mim; elle m'enviou para annunciar o Evangelho aos pobres, para curar o coração dos afflictos e para pregar a liberdade aos captivos. » E a mulher quebrou desde logo as algemas que lhe roxeavão os pulsos, e sentou-se ao lado do homem já não sua escrava mas sim sua companheira. E ainda foi mais longe o filho de Deos; pregou a unidade e a indossulubidade do Matrimonio. « *Quicumque dimiserit uxorem suam et aliam duxerit, adulterium committit.* » E dest'arte pregando a igualdade, a unidade e perpetuidade do casamento, fez desta santa instituição, um sacramento augusto, um mananciaal inexaurível, donde o homem auffle as mais acrisoladas venturas e os mais doces gosos. Mulher! de vassalla que eras tornaste te rainha. O homem curva-se jubiloso, ao vosso dominio, rende-se a um vosso olhar, um vosso sorriso subjuga. Esses castellões e paladinos da idade media, quando sahião de seus castellos, para defenderem o tumulto de Jesus, contra os filhos d'Agar, na Palestina, levavão uma charpa de sua dama, e servia-lhe esta de bandeira e aculeo de gloria. Esses heroes, montados em seus gineteos com a espada em punho e sedentos de gloria, já mais arremetião contra um Mussulmano, já mais emprehdião façanha alguma arriscada, sem evocarem a memoria da dama de seus pensamentos, e sem lhe proferirem o doce noine; mais proferido elle; ai Ismaelita descrido, seus dias erão contados... Em quanto no coração humano houver sensibilidade, subsistirá o teu reinado. Mulher! « *Os homens hão de ser sempre o que as mulheres quizerem que elles sejam;* » disse Rousseau; e na verdade, a Mulher, é a inspiração do poeta; o incitamento do guerreiro; o conforto do afflicto; o anjo de caridade do pobre; o balsamo do trabalhador; a estrella polar da mocidade. A sua influencia terna e benigna a tudo se estende; sua força reside em sua mesma fraqueza. — Anathema, ao homem que rastrejando ao nivel do bruto; te arrasta aos prostibulos e alcôuces, e após cevados seus appetites immundos, te *côspe os beijos* que lhe vendeste, e te apodera com seus convicios. Anathema, tres vezes anathema, ao fementido seductor, que com palavras de mel, mas mentidas e tredas, te apêa do throno de tua innocencia, calca aos pés a corôa de tua vingindade, desfolha as petalas de teu pudor, e revel a seus compromissos e perjuro a seus protestos, te desdenha infame; — a ti, que sem suas collições serias ainda casta e pudibunda donzela

a, mas que ludibriada em teus mais santos affec-
tos, enganada pelos juramentos mais sagrados,
abandonada horivelmente pelo objecto amado,
marcada com o ferrete da ignominia, pela opinião
publica, desdenhada por parentes e amigos, se-
ques, coagida da necessidade, caminho do bordel,
única taboa carcomida promissora de salvação,
no naufragio de tua viridade.—O Deos, quando
mulher, por fraqueza, succubir ao veneno te-
lífico da seducção, piedade para a pobre victi-
na, mas exemplar castigo ao algoz !!!

Rezende, 6 de Janeiro de 1856.

(Continua.)

DELPHIM AUGUSTO MACIEL DO AMARAL

A Capella de Milhides.

(Lenda popular portugueza.)

I

Sobre os cumes de Cintra agigantados,
O Castello dos Mouros se divisa,
Sobem ao céu seus muros que engrinaldam
As soberbas ameias. Mil penedos
Rojados aos seus pés, dizem-lhe em muda,
Eloquente lingoagem—desafia
Os seculos por vir, trophes pereenne
Do valor Portuguez! Lembrem-te os annos
Quando a branca bandeira do milhides
Tremulou nas tuas torres hasteada,
E o arabe cruel vio ás tuas portas
Os heroes avançar da lusa terra :
Tremeu seu coração : vio entre o lodo
O crescente arrastar. Forão-se os annos :
Já o arabe não é ! Já a sua mesquita
A' sombra enxerga das musgosas torres ;
A cruz de pedra erguer sublime os braços
C'a lua posta a seus pés. Lusos e Mouros,
Que seu sangue em teus fossos derramaram,
Repousão n'um só tumulo, reunidos
Pela foice da morte. Ha de um Deos justo
Separal-os um dia. Salve ó sublime
Padrão da antiga gloria ! quando a lua
Prateando de longe o Tejo ameno,
Banha do seu clarão toda a tua encosta,
Ao vate admirador quaes não recordes
Prodigios de valor e de esperanza !

II

Pequena cohorte de fortes guerreiros
No valle risonho se estava a juntar
São vinte soldados, mas almas tamanhas
Que todos os dizem valentes sem par.

Não tremem na guerra, que são Portuguezes,
Varões deste nome não sabem tremer,
C'o céu ante os olhos sorrindo marcharão
Gritando—por Christo ! vencer ou morrer :

As quinas levayão nas brancas bandeiras,
As quinas sagradas de nossos avós,
As quinas sagradas de Affonso primeiro,
As chagas de christo immolado por nós.

No cume da serra, nos muros antigos
A escolta velava do Mouro cruel,
Sorria, zombando de nossos guerreiros
Jurando exterminio do povo fiel.

As portas cerradas, bandeira hasteada
Chamou seus soldados o chefe pagão :
Prostrado ás aras do falso propheta,
Pedirão victoria do nome Christão.

E em tunica branca, com barbas incultas
Ardia perfumes, iniquo Mufti,
Subião ás nuvens sacrilegas preces,
E incensos que o Eterno repelle de si.

III

Mas na encosta de Collares
Já estava o povo de Deos
Prostrado junto a um rochedo
Erguião a voz aos céos :
—Deos d'Henrique—Exclamarão,
Se até aqui nos dominarão
Os mouros, não seja já !
Em vosso nome marchamos,
Em vosso nome esperamos
Vir triumphantes, por cá.

Somos poucos na verdade,
Somos vinte, e nada mais ;
Os mouros, oh ! não tem conta,
Como as turbas infernaes.

Mas vamos por vossa gloria,
Teremos certo a victoria,
Havemos de triumphar :
E aqui para lembrança,
Se esta victoria se alcança,
Plantaremos um altar.

E aqui vereis, —Deos d'Henriquez
O vosso povo fiel,
Ao romper da madrugada
Vir com piedoso tropel :
Aqui estarão penduradas
As bandeiras conquistadas ;
De dia, e de noite uma luz,
E sobre o cume da serra,
Depois de feita esta guerra,
Plantaremos uma cruz.

Disse o mais velho entre o povo :
E logo todos que sim—
E os échos de toda serra,
Derão a voz de um clarim :
Tremeirão... mas não de medo :
E eis que todo o penedo
Se vio de nevoa cobrir,
E entre nuvens luminosas
Virão cousas prodigiosas,
De que hoje o mundo ha de rir.

Uma Senhora, vestida
De um manto da côr do sol
Trazia sobre a cabeça
O astro do arrebol ;
A seus pés a luz estava,
E uma serpente pizava
C'o branco engraçado pé ;
E logo todos disserão,
Quando a visão perceberão,
—Esta senhora quem é ?

E disse a bella rainha,
—Eu sou a Virgem, mãe de Deos ;
Ides fortes Portuguezes,
Por vós combatem os céos,
Do Mouro, posto que forte,
Decretada está já a sorte,
Vós haveis de triumphar :
Entraí em tão bellas lides,

Ide, embora, que *mil ides*
O Castello conquistar.

—Ide embora que *mil ides* !
Todo o povo então gritou :
E os Mouros forão vencidos
E o castello se tomou :
E no sitio do portento
Se plantou, por monumento,
Um altar como em tropheo !
E ainda ha gente, e não poucos,
Que dizem que são mui loucos
Os que confiam no céu !

Capellinha do *Mil-ides*
E's um bem nobre padrão !
Tens nome que nos recorda
Da antiga gloria um brazão !
Sobre os seus muros musgosos
Ha segredos mysteriosos
Que outro tempo nos legou,
Has de lembrar; não duvides,
O' milagroso—*Mil ides!*—
Ao povo que te fundou.

P • C. J. R.

A um anjo brasileiro.

A tua face garbosa;
Tão fagueira e primorosa,
Tem qual da bonita rosa
A linda côr de carmim,
Mas eu, só tenho no rosto
De côr palida composto,
Escripto o fatal desgosto,
Desgosto que não tem fim !

Tu és, nimpha, pura e bella,
Meiga e amavel donzella,
Florinha que mui singela
Nascestes para ser amada,
Mas amante apaixonado
Eu á terra fui lançado
P'ra amar e ser desgraçado
Em hora bem malfadada.

Tens thesouros e riqueza,
Qual adorada princeza,
Vives no afan da grandeza,
Grandeza que não tem par,
Porém eu triste, coitado,
Vivo em teu solo exilado
Suportando o triste fado
Só digno de lastimar !

De venturas radiante
Tu, anhelas mui constante
Esse futuro brilhante,
Nos braços de teu amor ;
Mas um coração imparo,
Eu amei, foi-me perjuro,
Por isso no meu futuro
Prevejo só odio e horror...

Tu, com esmero e primor,
Alentas e dás verdor
A' saudade roxa fiôr
De teu jardim n'um retirô;
Porém, eu Anjo, ou deidade,
Consagro pura amizade,
Mas não á triste saudade,
Sabes qual ? é o suspiro.

Junto desta fiôr que adoras
Tua saudade devoras,
Ancias, gemes é choras.
Mas porque choras me diz ?
Eu se choro, nimpha pura,
E' porque á minha amargura
Não tenho a esperar ventura,
Meu mal tem longa raiz.

Porque choras? sem ter pejo
Dize ; é por nenhum ensejo
Teres d'um mui terno beijo
Receber de teu amante ?
Não chores porisso, não,
Que teus males fim terão,
Fruindo teu coração
D'uma ventura constante.

Se, como tu radiante,
Eu fosse um ditoso amante,
Inda mesmo a todo instante
Qu' eu não visse o meu amor,

Feliz, então me julgava,
A sorte não lamentava
Por quanto um dia esperava
Ver findo o meu amargor.

Tu choras; mas n'um momento
Foge-te qual foge o vento
Esse triste pensamento
O qual te faz lastimar,
E' pois qual a deusa Venus
Nesses teus labios amenos
Só se vê sempre serenos
Um sorriso deslisar.

Porém, eu, deusa, lastimo
Sempre o meu acre destino,
Tredo, perjuro, e ferino :
Agraz, sedento, e fatal !
Fatal, por qu' abandonado,
Triste amante desdenhado,
Acharei fim a meu fado
Só na lousa sepulchral ?

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Saudade.

AO 18º ANNIVERSARIO NATALICIO DO MEU AMIGO

ANTONIO FERREIRA VAZ.

Em 15 de Janeiro de 1856.

Surge, surge, astro formoso,
Que eu quero harmonioso,
O som casar com a lyra;
Surge, surge, astro do dia,
Que nos bosques a harmonia
Das aves, meiga respira.

Saudão-te os vates da selva
Divagando pela relva
Que o prado, verde, matiza;
Sauda-te a natureza,
Repleta de gentileza,
Que, hoje, contente eternisa.

Surge de rosas coroados,
 Porque o natal desejado
 Vais de Aonio, hoje, herdar;
 Meus votos irão contigo,
 Porque não pôde de amigo
 Grata saudade murchar.

Surge, que os gosos que trazes,
 Já escuto em meigas phrases,
 Em meigas phrases de amor;
 Surge... de feliz natal
 Serás jucundo fanal
 D'excelsa alegria e primor.

Sim, que mais um anno a vida,
 Engrinalda revestida
 Nos viços da primavera;
 Sim, que o destino vem c'roar
 A fronte que houve fadar
 Ao ser que a alegria me gera.

Qual a nympha que s'esquiva
 Na corrente sensitiva,
 Com o seu docil murmurar;
 Assim vão teus dias, teus annos,
 Na paz de males, damnos,
 Que a existencia vem findar.

Praza, pois, eternamente,
 Da mansão do Omnipotente,
 Velem os anjos por ti;
 Sorri-te sempre a ventura,
 Nos transportes da ternura
 Que os labios, hoje, sorri.

B. SERZEDELLO.

A canção de Leonor.

— Amas tu, linda donzella,
 O ouro do grão senhor!
 Amas em salões dourados
 Ostentar-te com primor?

— Não, não, não,
 Meu trovador!

— Amas tu sempre vaidosa
 Com teu olhar seductor,
 Deslumbrar a mocidade,
 Quando lhe fallas d'amor!

— Não, não, não..
 Meu trovador!

— Amas tu silenciosa
 Adorar o Redemptor?
 Amas tu fugir ao luxo
 Deste mundo enganador?

— Oh! Escutai-me,
 Meu trovador!

Nem vaidades deslumbrantes,
 Nem ouro de grão senhor;
 Porém sómente a virtude
 Amo muito, trovador.
 Já sinto dentro do peito
 Sacro fogo abrasador;
 Amo-te agora, donzella,
 Serei teu adorador!

M. LEITE MACHU

Amor-perfeito.

ENTRE MIM E ELLA

— Aceita, Josino, esta flôr que te dou,
 — Quão cheio de gosto, Donzella a aceito.
 — Seu nome já sabes?—E' amor-perfeito.
 — Amor em meu peito seu nome gravou.

— Tu nada respondes?...
 — Que heide responder?
 — O amor que te voto
 Não me sabes ter?!

Ah! tu és fingido....
 Meu fado maldigo....
 Jámais me verás!....
 — Escuta o que digo:

O amor que consagro-te dentro do peito
 Não tem perfeição...—Sou fraca mulher..
 O amor que minh'alma já pôde abranger
 Si é louco não posso chamal-o perfeito.

JOSE' DE MORAES SILVA

Typ. DE F. A. DE ALMEIDA, rua da Valla n.

O seductor.

EPISODIO DA VIDA D'UM SOLDADO DA GUERRA PENINSULAR.

(Conclusão.)

III.



ELA scena precedente conhecem os leitores de quanto era capaz o barqueiro João, e como encarava as cousas em pontos de honra. Para elle a dor de Emilia, suas incertezas, suas dúvidas erão meras formalidades de um amor que vai expirar. Tinha resolvido exigir de Gerard uma completa reparação, ou pedil-a em campo como soem fazer os bravos.

João foi dormir na Regoa, e ás 6 horas da manhã estava a caminho da casa do seductor. Com a mesma idéa na mente, procurando sempre a realisação dos seus desejos bateu á porta da casinha daquelle. Veio o camarada.

—O Sr. capitão.

—Dorme ainda, respondeu o granadeiro na sua meia lingua.

—Esperarei.

—Pretendeis alguma cousa delle ? tornou Barillard.

—Que pergunta ! já vistes alguém procurar outra pessoa sem pretender alguma cousa delle ?

—Podeis dizer-me então a que vindes ?

—Os meus negocios, redarguiu João sentando-se em um banco de pedra que havia proximo á porta ; dizem respeito unicamente a mim ; entendeis ?

Barillard, que se não dera ao incommodo de sahir da praça, deu um passo á frente, e como o faria em campanha perfilou-se em frente ao barqueiro, e encarou-o bem em face.

—E então, este diabo não está resolvido a namorar-me, ou a *jogar o serio commigo*, disse João entre dentes.

—Hein ? exclamou o francez.

Aqu elle repetio o aparte.

—O h ! *sacrebleu* ! praguejou o soldado.

—Meu amigo, tornou João resolvido a zombar

da susceptibilidade de Barillard ; não venho aqui para ouvir os vossos *breus, an, ans, ós, ós* ; quero simplesmente fallar com o capitão Gerard ; fazei a vossa obrigação, ide participar-lh'o.

O soldado conhecendo que não tirava partido algum do *rabello* afastou-se praguejando. Meia hora depois voltava, e sempre carrancudo convidou o barqueiro a entrar. Este seguiu-o e bem depressa se achou perto do capitão.

—Temos novidade ? perguntou Gerard.

—Nada que interesse aos outros, tudo que interessa a mim, respondeu João com voz grave.

—Esse tom....

—E' o de um homem que vem decidido sacrificar a vida de outro, ou expor-se a que lhe sacrificuem a sua.

—Explica-te, redarguiu o capitão.

—Não me comprehendes talvez ?

—Estou esperando.

—Venho perguntar-vos quando terá lugar o casamento.

—Que casamento ?

—O vosso.

—Como ? o meu casamento ! dar-se-ha acaso que alguém arrogue a si o direito de dispor da minha vontade ?

—Certo que não ; mas creio que fostes vós que o tratastes.

—Convenço-me agora da observação de Barillard, estás doudo !

—Ah ! não quereis comprehender-me porque a vossa leviandade vos impellio a fazer uma promessa que não tendes tenção de satisfazer ; na verdade é um pouco divertido e bastante original.... Sabeis uma cousa ; admirei muito a maneira porque em vossa terra se fazem as visitas nocturnas, e mormente quando uma mulher bella.... joven.... ingenua.... e crente, espera por nós....

—Fui espiado, pensou o capitão ; é preciso afastar este homem. Mas a que vem tudo isso, disse elle franzindo o sobr'olho.

—A proposito da visita que fizestes hontem a certa casinha da margem opposta.

—E quem te deu o direito de espiar meus passos ?

—O direito que assiste ao irmão de velar pela honra e segurança da irmã !... Emilia é minha irmã, capitão.

Gerard empalideceu e por um movimento machinal levou a mão ao bolso da farda.

—Descançai, Sr., disse João com ironia ; não

sou assassino, se o fosse ter-vos-hia matado hon-tem, porque vi tudo. O que quero, o que exijo é uma reparação completa.

—Não posso dar-l'a.

—Porque?

—Sou casado.

—Casado tu?! bradou João nos paroxismos da raiva; casado! oh! és um infame! Não te esmago a cabeça com esta pistola, continuou tirando a arma do bolso, porque não sou covarde, e quero matar-te lealmente; vamos; testemunhas, Deos, e Elle decidirá qual de nós tem de succumbir.

—Um duelo?! Estás zombando, respondeu Gerard com imperturbavel fleugma.

—E porque não um duelo? receias que minha mão trema no momento solemne, ou reparas talvez na distancia que ha de mim a ti?

—Sim, porque sou Cavalleiro da Legião de Honra, e capitão do exercito francez.

—Miseravel! e ainda confessa que uma medalha de honra lhe adorna o peito!

—Cala-te, e não proffiras mais insultos, porque do contrario....

—Chamas o soldado para pôr-me fóra como se pões o lacaio insolente?! não o farás porque antes disso quero mostrar-te que nada tenho de covarde. E como se fizesse a cousa mais simples desta vida, alçou a dextra, e imprimio-a com força nas faces de Gerard!

—Vamos! vamos! bradou este roxo de raiva.

—Ah! comprehendes-te-me agora!...

—Vamos, vamos! exalmou aquelle de novo.

E os dous impellidos por um só pensamento, franqueárão com a velocidade do relampago a pequena distancia que os separava de um pequeno bosque.

Barillard que ouvira o final da disputa acompanhou-os.

—Retira-te, disse-lhe o capitão.

—Porém....

—Retira-te, por Deos!.... espera, disse elle reflectindo um pouco; se eu succumbir e voltares á França occultarás a minha mulher o verdadeiro motivo da minha morte; olha por ella, e por *Esther*.

—Sereis satisfeito, capitão, mas se succumbirdes fico eu para vingar-vos.

—Prohibo-te; o culpado sou eu.

Barillard inclinou a cabeça a esta confissão que revelava o remorso, e afastou-se do lugar a passos lentos.

—Agora nós, Sr.; aqui somos iguaes, e é necessario entrar nos pormenores dos motivos que nos trazem aqui, disse Gerard ao barqueiro, que se retirára um pouco por discrição.

—A distancia?

—Vinte passos.

—Qual deve atirar primeiro?

—Ambos a um tempo.

—O signal?

—Contareis, ou eu, até tres, e Deos que decida.

—Muito bem.

Dez minutos depois Barillard chegava ao lugar do duelo, Gerard estava morto; a balla entrara-lhe no lado esquerdo, perto do coração.

Deos fazia justiça na terra antes de fazel-a na Eternidade!....

João que se mostrou tão corajoso durante o desenlace do drama, não teve animo de contar a verdade a Emilia, e preferio não vel-a. Infelizmente a joven não o ignorou por muitas horas, e sem querer procurar em seu irmão essas ternas consolações d'uma dor partilhada, buscou no suicidio aquillo que a religião e a humildade lhe não negaria. As aguas do Douro receberão o segredo de Emilia, e seu corpo impellido pelas ondas lá procurar além uma modesta sepultura.

João reclamou-o, e não tendo nada de mais caro nesta vida—desappareceu. Voltou muito tarde, e quando já pessoa alguma poderia reconhecer nelle o barqueiro alegre e folgasão d'outro tempo. Jurára um odio mortal aos Francezes, provou-o com as campanhas que fez e com duas cicatrizes nas faces tismadas pela polvora. Vingou-se a si e ajudou a patria a vingar-se também.

Hide a *Armamar*, pequena villa a uma legoa dos lugares em que se passarão estes acontecimentos, perguntaí a qualquer habitante pelo velho *Saude*, procuraí-o, pedi-lhe a narração da sua vida, e entre os factos principaes della contar-vos-ha este, não sem que as lagrimas venhão por mais de uma vez attestar as penosas e pungentes recordações que conserva de sua desgraçada irmã, pois que o veterano *Saude* é o barqueiro João d'outr'ora....

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

A mulher..

(Conclusão.)

Nos intimos recantos do coração da Mulher, duas paixões s'albergão, que a absorvem toda inteira; a primeira, o amor ao homem de seus sonhos, ao ente que unico lhe decifrou os arcanos d'alma; paixão ardente, immensa e sublime, na primavera da vida; calma, sollicita e dedicada no outono da existencia; porque o prisma cambiante da imaginação, já lhe não refracta mais as paixões, escandidas pelo cadinho abrasado do entusiasmo. A segunda paixão, a unica da mulher, que jámais decresce, e em que o descambar dos annos não tem acção, sempre sollicita, sempre pura, sempre terna, sempre santa e sublime, e que jámais reveste o esterzido plastico do egoismo, é o Amor Materno.—A maternidade é a aureola refulgente da mulher, e a sua missão mais augusta sobre a terra. A mulher, quando é Mãe, é um anjo, que paira entre o homem e o Céu, preso a terra pela fraqueza, gravitando para o Céu, pela santidade do amor; é o reflexo mais fiel e mais puro da Divindade, o que de mais casto e sublime, encerra a natureza.... Apenas surge á luz o tenro innocentinho, logo, esse numen celeste, esse anjo de candura, escondendo suas dôres no intimo dos gozos intensos da maternidade, enfecha o doce fructo de suas entranhas, encara-o com fixidade, como para esculpir no amago de seu coração as feições do innocente, depõe em suas avelludadas faces um beijo dos que resumem centos: depois, um sorriso de jubilo indifinivel e de ternura, lhe esvoaça nos labios; conchega-o zellosa ao seio, em que arde um volcão d' affectos, parece querel-o devorar com seus beijos sempre renovados;—a feliz Mãe toda se desvella em seu filhinho. E esta ternura e contentamento, que parece não poder perdurar por sua intensidade e ardor, não se desmente na mocidade do filho; subsiste a mesma na idade viril; com a differença, de que então, o amor materno não se mostrando tanto na superficie, reflue todo inteiro ao coração. Sim; esse jubilo, que a Mãe exprime ao filhinho, a ouvir-lhe o primeiro vagido, mais se acrisola com o volver da idade; a razão é, que esse amor estreme d'egoismo, inundado do gozo material, puro e innocente, libra seu vôo nas regiões celestes, em contraposição ao amor do homem para com a mulher, que tem o gozo por pedestal.

Oh! como fanatiza e extasia, ver a mulher,

nesse instante solemne e sem par, em que os puros labios do innocentinho se desprendem, e desferem pela vez primeira, essa nota meliflua e celeste, a mais suave e mais doce da escala dos sons, esse harpejo da lyra da innocencia, esse suspiro terno e festivo, que Deos poz nos labios do infante, essa melodia dos céos, essa copla sublime, esse bocejo do despertar da vida—Minha Mãe!!!! — Como a louquinha s'enche de nobre orgulho! seu seio arfa agodado com as pulsações mais deliciosas; seu sorriso é o transumpto da alegria suprema; seu rosto o espelho do requinte da meiguice, do mais intimo prazer, e das sensações mais gratas; seu coração um mundo de delicias e dos mais ardentes affectos. A doudinha passcia de gozo em gozo, sua alma está milhões de leguas para longe de tudo, o que não é seu filhinho, e doudeja, doudeja; até que seus labios se lhe desfazem em uma torrente de carinhosos beijos, os olhos se lhe convertem em arroios de lagrimas, mas lagrimas enternecidas e de prazer sobre-humano, lagrimas puras e tepidas, que os anjos invejão, e que só as Mães sabem chorar.

Ella vive a vida dese u filho, se contente; ella s'embraga em folguedos, e seu coração s'annuvia, se o vê triste; mas contrafaz no rosto a alegria, inventa requebros e brinquedos, até lhe transparecer nos labios o sorriso. « Já viste, disse o illustre poeta João de Lemos no seu bello livro d'Elisa, essa mãe carinhosa, errar anhelante, desalinhada, com os pés e os braços nus, o cabello desatado, os olhos em lagrimas, o peito a ondular-lhe, os labios roxos e convulsos, a voz embaciada de suspiros, toda ella uma louca, ou antes um mysterio, toda ella resumida n'um sentimento indissolvel, sublime, divino, a calcar abrolhos, a transpor abyssos, a galgar tesos, a olhar, a escutar, a inquirir homens e pedras, a consultar pégadas, a ferir o rosto com uma das mãos, a esmagar os seios com a outra, e tudo em busca do filhinho, que se lhe perdера? — é o amor da mãe carinhosa.

O como é bello ser poeta, ter na alma e no coração esse sol luminoso, que chamão poesia, cuja restea a menos viva, é um agudo conceito e um pensamento sublime.

Vós, que haveis lido esse parto primoroso do poeta, relevai-me, o transcrevei-aqui, tratava-se de descrever o amor maternal, e lembrou-me este treixo sublime, que pinta com côres raphaelicas as aguições dessa santa paixão

Quem quer que sejais, vós, que ledes estas

phrases desalinhas, se tendes uma *Mãi*, erigilhe no lugar mais casto de vosso coração um altar, e se algum dia o carro estridolo da desventura rolar sobre vós, olhai com os olhos d'alma para essa Divindade de vosso coração, proferi baixinho e com uncção. — *Minha Mãe* — e vereis, que as plumbeas nuvens, que ensombravão ferrenhas o céu de vossa vida, se rarefazem e dissipão, abrindo lugar a uma restea de luz, que se vos não calar na alma o contentamento, trar-vos-ha a resignação.... O' *Minha Mãe*! a distancia immensa de 2,000 leguas s'interpõe entre os teus e os meus affectos, porém, a despeito da immensidade da distancia, tu bem sabes, que tua imagem nem um momento se quer se me desluz da memoria, assim como eu sei igualmente, que não decorre dia algum, que tu não envies fervorosas preces ao Altissimo por teu filho. O' *Minha Mãe*, como eu te amo!!! Tu és o meu mais doce pensamento, o meu almejo mais cáro, o mais meigo attractivo que me aviventa neste mundo de misérias e d'egoismo. — Oh! não poder eu depôr casto beijo em tuas faces! não poder eu derramar em teu seio a seiva represada de minha ternura, e dar-te a sentir meu amor de filho! O' *Minha Mãe*, amo-te estremecidamente, és para mim um culto venerando, porque és um compendio de virtudes; amo-te porque foste tu, que me desbravaste dos espinhos a senda da vida, amo-te, porque foste tu, que juntando-me as tenras mãos, m'ensinaste a balbuciar com a candura da minha innocencia, a primeira oração ao Eterno; amo-te, porque foste tu, ainda, que lançaste em meu espirito as primeiras sementes d'instrucção, que me aplanarão a vereda, que mais tarde devia trilhar. — Olha, nessas tardes amenas, como são quasi todas as deste céu intertropical, quando o sol vai já descambando para o Occaso, e que o brando favonio me vem docemente brincar com os cabellos, e quando os cantores das florestas gorgeião seus penultimos trinados, então, teu filho pensa em ti; no puro céu dos tropicos, vê elle tua candida imagem; nos almos raios do sol, tua ternura; no ciciar fagueiro da brisa, a tua meiguice; no ledo gorgoio das aves, os extremos do teu amor. *Minha Mãe*, agora, que o anjo d'exterminio adeja com suas asas d'azeviche, sobre nossas cabeças, agora, que esse minotauro insaciavel, com suas mil fauces sedentas, aguarda a um canto do labyrintho da vida, o tributo de suas victimas, nesta hora, em que o sinistro *cholera morbus* erra em torno de nós, em que o pobre e o rico, o misero

e o ditoso, o nobre e o peão, trajão luto por entes queridos, e não sabem se terão ante si uma hora d'existencia, quem me garantirá, de que não seja esta a ultima endeixa de teu filho? Oh! se fôr; guarda-a bem no sanctuario de teu coração, este hymno saudoso, esculpe-o bem fundo na memoria, elle é de teu filho, é quanto basta, para recomendar-o

Entes malfadados, desherdados pelo destino! eu vos lastimo profundamente a vós, que nunca fruístes os doces amplexos maternas, porque a vossa existencia-lhe custou a morte; que nunca sorríste quando ella sorria, que nunca choraste quando carpia, e que jámais advinhaste quanto ha de magia, d'encanto, de delicias e de ternura, no enunciar essas duas palavras cabalisticas — *Minha Mãe*!!! — palavras doces e mysteriosas, como um segredo de donzella, castas como a innocencia, grandiosas e sublimes como a Divindade. Eu vos lamento a vós, que perdeste, ao nascer, esse anjo da guarda, que vella sollicito em nossa existencia, essa amiga a mais terna do mundo, assim como a mais dedicada e ingenua, essa estrella polar, que fulge no céu da vida, apontando-nos para a angra sinuosa da felicidade e da virtude

Rezende, 8 de Janeiro de 1856.

DELPHIM AUGUSTO MACIEL DO AMARAL.

A nossa decadencia na India.

Os reinos e os imperios, segundo a sentença do Ecclesiastico, passam de umas gentes a outras gentes, pelas culpas dos que os perdem. E essas culpas são as injustiças, as injurias, as calumnias, e os enganoses. Chegados aqui, agora é o lugar em que eu dizia que nós tambem havíamos de entrar no jogo. O grande imperio, que os Portuguezes fundarão na India sem arrogancia, nem affronta das outras nações, se podia chamar Monarchia, com tantos reinos, e reis sujeitos, e tributarios. Em tempo d'El-Rei D. Manoel teve o seu augmento, em tempo d'El-Rei João 3.º, o seu estado; e de muitos tempos a esta parte padece a sua declinação. Não acabou de repente como a Monarchia dos Babylonios em uma noite, em que Cyro venceu a Balthazar. Nem como a dos Persas em

um dia, em que Alexandre venceu a Dario. Mas como a dos Gregos e Romanos, que pouco a pouco e por partes, forão perdendo o que tinham ganho. Tínhamos ganhado, e era nosso Ormuz; e de quem é Ormuz? Mascate; e de quem é Mascate? Cochim; e de quem é Cochim? Ceilão; e de quem é Ceilão? Malaca; e de quem é Malaca? Deixo outros membros de menos nome. Os titulos de senhores da conquista, navegação e commercio, mais dizem o que eramos do que o que somos. Cujas são tantas terras conquistadas no Oriente? Cujos portos, que se enriquecem com os commercios, e tributos, que o Indo, e Ganges só pagavão ao Tejo? Ninguém pôde duvidar que assim se vai cumprindo e tem cumprido em grande parte no imperio Portuguez do Oriente aquelle oraculo universal: « Passa o reino d'uma a outra gente »: *Regnum a gente ni gentem transfertur*. E mais lastimosa perda é ainda, que tendo a nossa nação não só illustrado o Oriente, mas assombrado gloriosamente o mundo com tão facheirosos exemplos de Religião, de valor, de generosidade, de verdade, de constancia, e desinteresse; vindo ás causas originaes, que o mesmo texto assignalava deste castigo, e destas perdas, as não possamos negar. A primeira, *propter injustitias*, por causa das injustiças. E como podião deixar de intervir grandes injustiças, quando tiravamos uns reis e punhamos outros, sendo naturaes senhores de suas proprias nações, acabando estes, ou presos, ou desterrados, ou violentamente mortos! A segunda *são as injurias*. E que maiores injurias da razão, da Lei, e da mesma Fé, que os gentios convertidos a ella, por nos ficarem mais sujeitos, serem mais desprezados, mais opprimidos, mais captivos, e talvez vendidos aos mesmos Mouros? A terceira são as *calumnias*; e nenhuma tão escandalosa em todo mundo, como as que padeceu o grande Affonso d'Albuquerque, conquistador, fundador, e pai do mesmo imperio, sendo tirado por ellas do Governo da India, e dado a seus proprios calumniadores, que foi o ultimo golpe, com que em poucas horas de dôr cortou a injusta Parca os fios d'aquella honrada vida, tão merecedora de ser immortal, como a sua fama. Finalmente a quarta forão os *enganos*, com tanta diversidade nelles, quantas erão as occasiões na paz, e na guerra, das promessas, das obrigações, das allianças, dos soccorros, em que se violava pelos interesses da conveniencia a palavra, a verdade, e a fidelidade que entre amigos, e inimigos deve ser sagrada. A estas injustiças, a estas calumnias, a

estas injurias, a estes enganos se deve a decadencia do nosso imperio na India, e dever-se-ha igualmente a decadencia de todo o Estado, se começando de lavar entre nós se não atalharem.

(P. A. VIEIRA.)

Maria Sanctissima.

Foi Maria Sanctissima Virgem, mas de que modo Virgem? Acaso como as outras Virgens, e só com excesso de maior pureza? não: senão Virgem por um modo tambem Virgem; isto é, unico e singularissimo, que é ser juntamente mãe, ficando sua virgindade não só impervia, senão via do verbo humano. Foi remida por Christo; mas de que modo? Por ventura como as outras remidas, e só com a differença de a sanctificar Deos mais cedo? não: senão por um modo mais alto, e digno, que foi a preservação, eximindo-a de entrar no pacto feito com Adão. Foi martyr, mas de que modo martyr? dando a vida por Christo como os outros martyres, e só com a vantagem de maiores penas? não: senão por outro modo mais realçado, que foi a morte mystica por compaixão, e crucificada, não só na cruz, senão no mesmo Christo. Pois assim tambem foi a Senhora humilde, mas humilde por outro modo mais fino, e quilatado, e superior a todas as comparações; isto é, por uma anniquillação essencial, e vacuidade plenissima, que não sabemos, nem ainda conceber. De sorte que a sanctidade de Maria, é um monte, que onde as montes das outras sanctidades teem as cabeças, ahí tem ella os fundamentos.

(P. M. BERNARDES.)

O Riso.

A alegria dos impios, e mundanos, não pôde ser verdadeira, e não é mais que uma apparencia, ou figura della.

Lycurgo, com ser tão serio, e severo legislador, mandou levantar em Sparta uma estatua de marmore ao Riso. O Riso ou alegria do peccador, não é animado com vida do espirito, é só riso em estatua, frio como marmore; riso, não tanto seu, como do mundo, que por elle se ri d'elle mesmo. Porque, como disse Santo Agostinho, este mundo ri-se de todos os que senão riem d'elle.

(P. M. BERNARDES.)

Consolação.

Querendo Solon, philosopho atheniense, consolar a um amigo seu, opprimido de vehemente tristeza, o levou a uma torre eminente donde se descortinava toda a cidade e lhe disse: considerai, amigo, quantos prantos, lutos, afflicções, desgraças e trabalhos estiverão já e actualmente estão debaixo destes telhados, e estarão successivamente pelos tempos vindouros, sem haver dia vago em que a morte, ou infortunio não andem visitando já esta, já aquella casa. Pelo que não sendo só vós quem padece, accommodai-vos á condição dos outros mortaes.

(P. M. BERNARDES.)

Alexandre e um pirata.

Nevegava Alexandre em uma poderosa armada pelo mar Eritréo a conquistar a India; e como fosse trazido á sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, reprehendeu-o muito Alexandre de andar em tão máo officio; porém elle que não era medroso, nem lerdo, respondeu assim: « Basta, senhor, que eu porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós porque roubais em uma armada, sois imperador! » Assim é, o roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito os Alexandres. Mas Seneca, que sabia bem distinguir as qualidades e interpretar as significações, a uns e outros definiu com o mesmo nome. « Se o rei de Macedonia, diz elle, ou qualquer outro fizer o que faz o ladrão, o pirata e o rei, todos tem o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome. »

(A. VIEIRA.)

**Numero de Christãos no Globo.**

Em um folheto estampado na America, e reimpresso em Londres no anno de 1812, dá o calculo seguinte:

Os habitantes do mundo conhecido são oitocentos milhões, as populações christãs são duzentos milhões, a saber: da igreja grega e oriental trinta milhões; da igreja romana cem milhões, protestantes setenta milhões. — Ha de idolatras quatrocentos e sessenta e um milhões, de musulmanos cento e trinta milhões, e de judeus nove milhões.

Se é verdade que o termo da duração de uma geração, é de trinta annos; nascem e morrem neste espaço de tempo oitocentos milhões de individuos!! e o que vem a dar por dia setenta e tres mil e cincoenta e nove; por hora tres mil e quarenta e quatro; e pouco mais, ou menos cincoenta e um por minuto. —

(EXTR.)

Offerecido ao meu amigo

O SR. JOSE' ANTONIO DE MIRANDA.

Eu te amo como a aurora
Ama a campina florida,
Como o sol ama o pudor
D'uma rosa orvalhecida.

E te amo como as flores
Amão lympida corrente,
Como o écho ama o queixume
Da rôlasinha innocente.

Eu te amo como a vaga
Ama a plaga em que gemeu,
Como o nauta ama cioso
Linda terra em que nasceu.

Eu te amo como o nauta
Ama os gemidos do mar,
Como um triste ama em silencio
Ouvir o triste cantar.

Eu te amo como a virgem
Ama a flor do manacá,
Como o bosque ama o gorgoeiro
Do sonoro sabiá.

E te amo como a nuvem
Ama um céu azul-setim,
Como a virgem melindrosa
Ama ao candido jasmim.

E te amo como a estrella
Ama a cor do lindo céu,
Como pudica donzella
Ama a seu candido véo.

Eu te amo como o triste
Ama a maga solidão,
Como do cysne ama o canto
Do poeta o coração.

E te amo como a lua
Ama o lympido cristal,
Como a brisa ama o perfume
Do mais florido rosal.

E te amo como a rosa
Ama os ardores do sol,
Como a virgem amorosa
Ama da tardê o arebol.

E te amo qual o filho
Ama sua mãe virtuosa,
Como um pai ama uma filha
Que é discreta e graciosa.

Ah ! E te amo tanto, tanto
Como da lyra amo os ais,
Como um filho ama a lembrança
De seus carinhosos pais.

E te amo qual o bardo
Ama os segredos de Deos,
Como não posso explicar-te
O' Anjo dos amores meus.

F. J. A.

A minha lyra.

Minha lyra
Que tangendo
Trovas tristes
Só de amor ;
Aonde foste
Tão tristonha
Me causando
Tanta dor ?

Eu amava
Docemente,
Com fé pura
Teu condão ;
Mas ingrata
Desprezaste
Minha pura
Afeição !...

Talvez fosse
Por ser triste,
Minha vida,
Meu pensar ;
Mas que vezes
Me alentavas
Me tornavas
A animar !

E eu vivia
Tão contente,
Na esperança
Que a bonança
Me trazia
Docemente.

Sem prever
Que podia
Algum dia
Te perder !

Mas agora
Aonde vives
Solitaria,
Do infeliz,
Esquecendo
O passado,
Que passamos,
Sê feliz.

Que eu mui triste
No deserto
Esquecido
Vou viver ;
Ocultando
Dura sorte
Ou morrer !...

Janeiro de 1856.

M. LEITE MACHADO.

Adeus

AO MEU AMIGO BERNARDINO PINHEIRO.

As auras fagueiras que soprão beni'nas
Das ondas no imperio, no pégo do mar,
Te sejam propicias, amenas, bondosas,
Bondosas, propicias te saibão embalar.

A' Lizia ditosa te levem, poeta,
A' Lizia ditosa que vai te gosar ;
Aos braços daquelles que são teus amigos,
Parentes, consocios da lyra sem par.

Tu vais, ó poeta, de novo viver
Bem junto daquella que sabes amar ;
Tu vais, ó ditoso, encantos infindos
Na taça da vida prazeres libar.

Do Tejo ameno as ribas formosas
De novo contente lá vais avistar,
E' novo incentivo p'ra ti, ó poeta,
E' novo incentivo p'ra meigo cantar.

Alegres os filhos das musas ditosas,
Alegres, contentes te hão de abraçar,
A corôa te espera, a corôa de louros
Que tecem occultos p'ra te dedicar.

Só eu, pobre bardo, de amarga saudade
Padeço o rigor que não posso occultar,
Faltou-me um amigo, um bom companheiro
A quem meus segredos podesse con'ar.

Faltou um poderio, um braço assas forte
A' filha querida que vieste plantar,
A' meiga *Saudade*, flor do deserto,
Que murcha, perdida, se hade finar.

Em nome daquelles que fidos te presão,
Recebe, poeta, meu debil trovar,
Recebe um adeus, pungido, saudoso,
Que destas plagas te ousou enviar.

As auras fagueiras que soprão beninas
Das ondas no imperio, no pégo do mar;
Te sejam propicias, amenas, bondosas,
Bondosas, propicias, te saibão embalar.

ECHO ELISIO.

Saudade

Offerecida ao meu amigo Bernardino Pinheiro
por ocasião de partir para a Europa no vapor
Pedro II.

Archanjo da poesia,
Nosso mestre e nosso guia
Entre mil trovas de amor !
Porque nos deixas assim,
Saudoso Bernardim,
Tão querido trovador !

Talvez que a patria amada
Tantas vezes suspirada
Veio em sonhos te chamar !
Oh ! vai, vai, que eu já vejo
As bellas nymphas do Tejo
Uma c'rôa te preparar.

M. LEITE MACHADO.

TYP. DE F. A. DE ALMEIDA rua da Valla n. 141.

A Bernardino Pinheiro.

Meu cáro poeta.



U vou depôr nas columnas da nossa amada e predilecta *Saudade*, o tributo que olvidei offerter-te em outro Jornal.

Eu sei que a tua modestia e o receio de contingencias te forçaria a recusar o na nossa folha, se ainda estivesse aqui; porque o publico e aquelles que me lessem dirião que esse tributo era *official*, e que bem longe estava de ser dictado pelo coração. —

Enganavão-se — espero que o acreditaras.

Simpathisei contigo muito antes de conhecer-te.

E's poeta, e os poetas são para mim uma classe privilegiada.

Depois que te conheci amei ambas as cousas — as qualidades pessoas que te adornavão, e a intelligencia superior com que Deos te dotára.

Acolheste-me como a mãe carinhosa recebe o primeiro beijo filial — o primeiro sorriso do innocente que idolatra — Dêste-me quasi que um nome, e fizeste com que amasse a Litteratura mais do que a amava até ali.

Hoje que a nobre tarefa, encetada por ti vai findar — hoje que a *Saudade* — reverdecida sempre, vai levar-te o ultimo adeus de teus companheiros — recebe o meu tambem — acolhe-o como m'acolheste.

E' o meu ramalhete de despedida — são as flores do coração, aquellas que a morte só poderá emmurchecer.

Adeus, pois; na Patria, bem perto do lindo e ameno Tejo, que sabias cantar tão bem, não esqueças já mais que deixaste em outras plagas affeições não menos sinceras do que aquellas que te esperavão lá.

27 de Janeiro de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

AO MEU AMIGO

O SNR. BERNARDINO PINHEIRO.

Quando ainda bem joven, na nossa querida Patria, vos preocupavão na mente os sonhos mais fagueiros; quando nas vossas lucubrações litterarias, compulsando os livros mais raros, vos deleitavas com sua leitura, alimentando o vosso espirito na cultivacão das letras; quando no regaço de vossa familia estreitavas os élos indissoluveis d'amizade com vossos amigos, recebendo aqui as caricias d'um Pai, e acolá as meiguices d'uma carinhosa Mãe; quando finalmente, talvez no melhor enlevo da vida, é que vos veio surprehender o chamamento d'uma viagem longiqua, em busca do Imperio de Santa Cruz . . .

A viagem vos foi propicia: o Brasil vos recebeu em seus braços, e dentro em pouco vos entregastes ás lides commerciaes.

Sempre que um homem como vós, dispensa alguns momentos, esmerilhando os arcanos litterarios, creio que a sua ambição, a sua maior gloria, é aprofundar-se nas sciencias, e fazer brotar de suas espinhosas vigílias fructos aproveitaveis. Foi nesta intuição e com um ardor patriótico, que honraste a sociedade Luso e Instructiva; e na primeira sessão em que vos apresentastes, submettestes logo á consideração d'assembléa, que para mais se conhecer a pequenina sociedade, se offuscasse o antigo distinctivo, e se acoroçoasse com o de — Gremio Litterario Portuguez — aconselhando e apresentando em seguimento, as bases para o jornal hebdomadario — *A Saudade* — que devia ser o representante do novo Gremio.

Foi, como deveis estar certo, recebida com enthusiasmo. E como a maior gloria que vos preoccupava, consistia em que o novo Gremio, espargissem amenos fructos, e os vossos collegas se achassem possuidos do mesmo sentimento, metterão hombros á empreza.

N 27 — Domingo 3 de Fevereiro de 1856.

Trabalho incessante, fadigas impensuráveis, posição humilde ; com tudo lutamos ; com os mais esforços ; e chegamos a vencer todas as difficuldades. O apparecimento do jornal — *A Saudade* — aqui e ali, foi a annunciação de sua existencia.

Muito embora já existisse a idéa de instituir-se um jornal, quem em tão pouco tempo senão vós, se animaria a realisar á mocidade, o jornal onde principiasses a depositar os seus pensamentos ? Estou convicto de que senão fosses vós, meu saudoso amigo, a idéa de fundar-se o jornal feneceria de pouco a pouco, existindo apenas a esperanza, que mais tarde se extinguiria.

Foi pois neste elenco de peripecias que me inspirastes uma viva sympathia ; as vossas maneiras affaveis, vossa delicadeza em qualquer emergencia, emfim livre da lisonja, tendes todos os predicados para attrair amigos sinceros.

Imbuído neste vai-vem, em que nutria a idéa, ainda que enganadora de fruir por longo tempo os inefaveis gosos de vossa intelligencia ; é quando vos apartais deste paiz, deixando saudosos amigos, inclinando vossa frente, ante o guia encaminhador d'um futuro brilhante, qual aquelle que eu agouro e que a formosa Lizia vos aguarda.

Ide, meu amigo, um mar cheio de bonança vos espere.

E depois de pizares o nosso querido Solo Lusitano ; desejo-vos que para linitivo das saudades que dilaceravão vosso coração encontres em paz, os entes que tanto adoras....

E eu que ainda cá fico, sem saber o dia em que hei de mitigar as saudades da Patria, de minha adorada familia e vossas, peço-vos que envolvido nesse labyrintho que provavelmente tem de vos rodear, nunca banais da lembrança, condemnando ao olvido o vosso sincero amigo.

Rio, 20 de Janeiro de 1856.

CONSTANTINO J. d'AZEVEDO LEMOS.

Solidão.

Solidão, solidão triste,
Vem, acompanha-me agora,
Vem viver com este triste
Que por ti constante chora !

Vem, solidão, vem ao menos
Commigo um momento estar !
Ah ! vem ou dize-me aonde
Eu posso te ir encontrar.

Não deixes qu'eu de ti longe,
Solidão, viva a soffrer ;
As frageis cordas da lyra
Em ti só posso tanger !

Solidão que tanto ama
O cantor desventurado,
De mim ah ! sê compassiva,
Quero viver ao teu lado....

Solidão, que adora tanto
O bardo que chora amor,
Deixa qu'eu, amante chore
Em ti meu agro amargor !...

Solidão, por quem suspira
O coração sem abrigo,
Mostra-me qual o retiro
Onde possa estar contigo....

Leva-me aos bosques aonde
Tem feras habitação,
Lá sentirei em minh'alma
Prazer e consolação !

Leva-me aos paramos longos
De frondentes arvoredos,
Onde a sós, de minha dor
Possa contar-te os segredos !

Leva-me á praia edomeia,
Junto d'um seixo escavado,
Onde, ao som das salsas ondas,
Lamentar possa meu fado !

Leva-me ao alto cuspide
D'um rude escabroso outeiro ;
Onde só sinto o bafejo
De favonio passageiro..

Leva-me junto do arroio.
Quando a lua retratar ;
Onde escute só das aguas
O brando romorejar.

Leva-me ás grutas arcanas,
Dos antros do proprio chão,
Que lá mesmo encontrarei
A meu martyrio expansão.

Sem ti, solidão, sou nada,
Sem ti não posso viver !
Sem ti odeio a existencia !
Sem ti oh ! quero morrer !...

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Aos nossos assignantes.

As pessoas e as cousas tem sua época de prosperidade, e a sua hora da declinação. E' lei poderosa da natureza, tudo obedece inmutavelmente a este mandato terrivel que pesa em tudo quanto é materia. A immortalidade é só do espirito, que faz parte da Divindade, e é eterno como ella.

Na hora amena da madrugada, o sol apparece no oriente por traz do cume da montanha, esparze seus raios cambiantes pelo firmamento, doura as cumiadas dos montes, depois aurifica as aguas dos lagos, ou dos rios, que a brisa da manhã levemente agita, illumina radiante as campinas, e no seu zenith aclarêa os mais fundos valles, e os mais densos bosques, começa depois a declinar, sua luz vai afrouxando pouco a pouco, a terra parece empalidecer de magua, e chegando ao occidente sepulta-se de todo no oceano.

O homem nasce debil, e fraco, passa os primeiros annos aninhado no seio maternal, depois fortalece-se correndo pelos campos como os outros animaes, começa a beber as primeiras doutrinas da moral, e augmentando em corpo e em razão, chega a ser o homem que Deos creou á sua imagem ; na mente engendra pensamentos sublimes: revela aos outros o mais incognito sentir da alma, sulca impavido a immensidade do oceano, faz desaparecer ante si a longitude, e não se contentando com a terra, intenta avassallar os ares ; depois começa tambem a declinar, e se qualquer acaso lhe não arrebatá a vida no seu decurso, vai-se-lhe extinguindo pouco a pouco, até á decrepitude onde lhe fenece como a luz da lampada a que faltou o oleo.

A flôr brota ao orvalho vivificador de uma donosa madrugada, vai crescendo e embellezando-se, enche de perfumes a alameda do jardim, depois começa a esmorecer na hastea, como já cançada da vida vai secando, o zephíro vem, e ainda que passou de leve, suas folhas impellidas por elle se

espalhão pelo chão até se confundirem com a terra.

Como a Saudade flôr, a *Saudade* jornal, brotou ao sopro da juventude, que agitando os corações de alguns mancebos lhes inspirou esse pensamento, lutou com dificuldades que a vida de todas as cousas em geral é tormentosa; não forão grandes alegres o dizemos, foi benevolo desde o seu principio o acolhimento que por toda a parte recebeu. Nunca nos faltou o material; mas como jovens que somos tínhamos com a alma entusiasta sonhado maiores cousas, convidando publicamente todas as capacidades do paiz apresentando-lhe as columnas do nosso jornal, que tinha mais leitores do que a maior parte dos jornaes litterarios do Brasil, davamos-lhes essa occasião de se tornarem proveitosas á sua patria e á humanidade em geral. Com tudo nenhum delles quiz baixar-se em vir por nossa folha tornar-se util, nenhum quiz vir benevolo sentar-se entre nós e instruir-nos com a sua sciencia e pratica das cousas. E nós inexperientes principiando apenas a sulcar o mar tormentoso da litteratura, sem piloto que nos mostrasse os baxios e escolhos, tendo por unico mestre a letra *morta* dos livros, sem força nem saber para suster o leme, andando á discrição das ondas, podemos apenas com muita perseverança chegarmos á ilha mais proxima, ao final do primeiro semestre.

Pensamos que em nada tendes que nos censurar: Logo vos dissemos em principio pelas palavras de um grande talento, que ao não sermos coadjuvados pelos litteratos já feitos, erão producções incultas da mocidade, que procuravão protecção, e não louvor, as que vos apresentariamos, e assim acreditamos que a nossa conducta foi franca e leal. E os homens de letras d'hoje ao ler os nossos artigos não tem direito de sorrir com ironia. O mestre que zombasse do discipulo por um erro que este commettesse por culpa

delle, merecia o vituperio de quem o visse zombar. O piloto que na praia censurasse o nauta estrangeiro do naufragado navio que elle por capricho não tinha querido dirigir n'aquellas paragens familiares a elle, e ignoradas do estranho, devia ser severamente punido.

Os litteratos pois não tem direito de zombar de nós, mandasse-nos os seus escriptos que elles occuparião o primeiro lugar na nossa folha. Em quanto tivéssemos o optimo não publicaríamos o bom, tendo o bom, não dariamos o soffrivel, havendo este não iria o máo, e o pessimo talvez.

Emfim tendo nós levado ao cabo o nosso prometido, e faltando-nos o tempo, porque as nossas obrigações, e occupações pessoais não permittião consagrar os cuidados e disvelos que esta empresa demanda, tínhamos determinado suspender a sua publicação. Porém graças á Providencia, que a sua hora inda não havia soado!... A filha querida de nossos sonhos da mocidade, essa recordação intima da patria e dos objectos sagrados, que lá nos ficarão, não secará nem se desfolhará por falta de cuidados; um nome illustre em si, e honroso para nós, um nome creado na terra da patria, e illustrado na terra estrangeira, vem acoçoar os nossos esforços, suster os nossos passos inexperientes, guiar-nos com mão amiga e de mestre, reverdecer em summa, a nossa querida *Saudade*. O Illm. Sr. Dr. F. M. Raposo de Almeida encarregou-se da sua direcção. Carecíamos de uma pessoa habilitada para este fim, e tivemos a fortuna de obtel-a no illustre litterato, do redactor em chefe da *Semana*, que se dignou annuir aos nossos votos. A redacção e collaboração da *Saudade* será a mesma que até aqui: a direcção e administração da empresa é que ficará exclusivamente entregue ao Illm. Sr. Dr. Raposo d'Ameida, cujas habilitações litterarias são uma garantia para o melhor desempenho de nossos esforços. Cumpre-nos agora agradecer cordialmente a sympathia com que vos dignastes acolher a nossa filha predilecta, e esperamos cheios de confiança que bondosamente vos prestareis na coadjuvação, na nova época em que ella vai entrar, e na certeza que vos seremos eternamente agradecidos.

(A REDACÇÃO.)

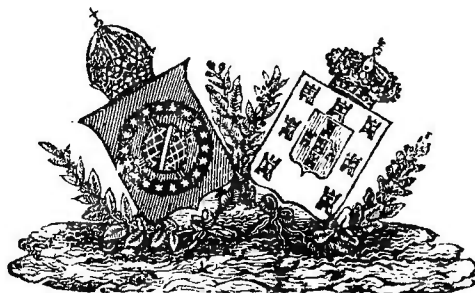
TYP. DE F. A. DE ALMEIDA rua da Valla n. 141.

A SAUDADE

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E INSTRUCTIVA

INSTITUIÇÃO DO

GRÊMIO LITTERARIO PORTUGUEZ



RIODE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE FORTUNATO ANTONIO DE ALMEIDA

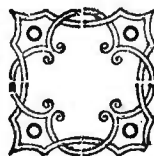
Rua da Valla n. 141

1856.

I N D I C E.

	PAG.		PAG.
Africano (poesia)	13	Meditações	3
A' minha irmã Anna J. Xavier (poesia)	85	Meditação	109
Amores (poesia)	98	Melancolia (poesia)	88
Anjo ou demonio (poesia)	34	Mendigo (poesia)	119
Ao dia Natalicio de S. M. a I. do Brasil (poesia).	51	Meu desejo (o)	85
Aos nossos assignantes.	81	Meus sonhos ou a herança de meu tio, 57, 65, 73, 91, 98 e 108.	
Aquella noute !.... (poesia)	61	Meus suspiros (poesia).	112
A' sentida morte de meu amigo Antonio Joaquim Soares da Motta (poesia)	136	Milciades (poesia)	37
A uns annos (poesia)	128	Minha aventura (poesia)	126
A uns olhos (poesia)	54	Minha estrella (poesia)	128
Borboleta (poesia)	110	Minha rosa (a) (poesia)	77
Camões, Maria II e Pedro V.	169	Minha sorte (poesia)	240
Canção Pastoril (poesia)	70	Minhas saudades (as) (poesia)	31
Cartas a Aldina	90, 100 e 117	Minha Mãe (ã)	195
Cemiterio (o)	9	Não chores (poesia)	143
Ciumenta (poesia)	127	Não sabes ? (poesia)	159
Ciumes de um Trovador (poesia)	158	Nosso amor (poesia)	35
Creação e o Philosophismo.	18	Noute desfolhada (a)	151
Desalento (o) (poesia).	78	Origem das misuras	8
Descrença	104	Orphão. (poesia)	175
Desengano	111	Padre Antonio Vieira	33, 41 e 49
Despedida (a)	6	Paginas intimas 2, 12, 20, 27, 43, 60, 68, 76, 81, 89, 97, 105, 113, 122, 130, 137, 145, 153, 161, 169, 177, 185 e 193	
"	23	Parodia (poesia)	95 e 150
Desprezo-te	96	Passado (poesia)	184
Dissertação	164	Passarinho (o) (poesia)	30
Ella (poesia)	86	Pensamentos	149
Epistola (poesia)	30	Pequei (poesia).	182
Escravo (poesia)	166	Poesia.	160
Esfaimados (os) (romance)	133, 140, 155, 163, 173 e 179	Poesia (a) e a mocidade	157
Exm. ^a Sra. D. M. L. de A. (ã) (poesia)	103	Poesias do Sr. Faustino Xavier de Novaes	153
Extremo	53	Portugal (poesia)	111
Fatalidade (poesia)	86	Presentimentos (poesia)	29
"	118	Providencia	134, 141, 148, 174 e 188
Fé, Esperança e Caridade	50, 69, 84 e 100	Proscripto (o)	196
Florinhas solitarias (poesia).	71	Que te resta ? (poesia)	45
Flôr sem culto (a) (poesia)	38	Rainha Cleopatra (a) (traducção).	125 e 181
Fragmentos de uma carta	11	Recolhida (a) (fragmento)	33
Frederico ou o mysterio de um amor, 115, 124, 131, 139, 147, 155, 172 e 181.		Recordações (poesia)	37 e 120
Hymno ao Porto (poesia)	175	Relatorio do Gremio Litterario Portuguez.	121 e 129
Igreja de S. Joaquim (a)	17 e 25	Relatorio da sociedade Dezaseis de Setembro.	93 e 102
Imagem (poesia)	15	Reverdece (poesia).	87
Incendio de Macau.	189	Riso e o beijo (o) (poesia)	7
Innocente (a) (poesia).	24	Rosa desfolhada (poesia).	62
Incertezas (poesia)	77	Sans changer (poesia).	76
Já te não amo (poesia)	14, 36 e 53	Santos com duas cabeças.	40
Jesus est mortus ! (poesia)	52	São João na minha terra	165
Junto do berço (poesia)	151	Saudade	1 e 150
Lucinda (poesia)	119	Saudade (a)	83
Mathilde (romance) 10, 21, 27, 34, 41, 58, 66, 73, 83, 91, 99, 107, 114, 123, 132, 138, 146, 162, 171, 173, 186.		Saudade ao anniversario da morte da Sra. D. Marianna (poesia)	87
		Saudades.	6
		Saudades (poesia)	54 e 61
		Seductor (poesia)	103
		Seductor (o).	23

	PAG.		PAG.
Seus olhos (poesia)	104	Calvino	96
Sítio e a Linade (poesia)	45	Character portuguez.	56
Soffrer (poesia)	168	Combate singular	80
Soffrimentos (poesia)	158	Como este ha muitos.	160
Sol e o amor	110	Deos os fez e o diabo os ajuntou	160
Solitario (o).	94	Frederico II e o soldado	80
Sonho (o) (poesia)	44	Glorias de além do tumulo	176
Tentativas poeticas (a lua e o Douro) (poesia)	142	Impressões de viagem (um passeio á rua do Ou-	
Tentativas Poeticas, Portugal (poesia)	183	vidor)	192
Teu collo (poesia)	54	Loteria	46
Teu destino (o) (poesia)	151	Luthero	88
Transviada (poesia)	125	Origem dos meirinhos	32
Um adeus (poesia)	5 e 135	Paciencia de um preso	62
Um anjo (poesia)	151	Pretendentes de Amelia (os) (comedia)	38, 55, 63, 72 e 87
Uma estrella (poesia)	36	Porto e cidade de Mascate	7
Vida do campo (a).	28	Resposta espirituosa	72
Vou partir	416	Trapaceiros (os)	47
VARIEDADES.		Um bis mal interpretado.	56
A emigração dos passaros	15	Um dilettanti americano.	56
Apologo	48	Variedades.	3, 40 e 48
As flôres vorazes	152	Vigilia	47
As mais bellas flôres da vida	7		
As ruinas	38		



A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 10 de Fevereiro de 1856.

N. 4

A SAUDADE.

(AO VOAR DA PENNA).

A's vezes uma só palavra exprime uma grande idéa ; mas ha idéas que nem todas as palavras poderiam cabalmente exprimir-as na sua mais lata significação.

Como a palavra Providencia, que exprime a immensidade, o presente, o passado e o futuro n'um só élo, a vastidão, o espaço, o infinito, o mar, o Céu, as estrellas, o sol, a lua, os planetas, a terra, o cahos, a ordem, o gorgear dos passaros, o cybilo e o rugir das feras, a solidão da floresta, a tempestade, e todas essas notas magicas e sublimes, que compõe o canto harmonioso da existencia de um ser supremo; assim a saudade exprime todos esses queridos affectos da alma que revoa para o passado, e n'elle contempla essas recordações da mocidade, da idade das illusões, das aspirações vagas, do scismar no futuro, dos sonhos dourados de ambições generosas, d'esse ver e crer d'outros tempos, que não poderemos mais tocar, por que em relação ao passado somos como o Tantalos da fábula: desejamos os pomos que vemos, mas não podemos alcançal-os.

A saudade é esse recordar das primeiras caricias de uma mãe, que nos trouxe em suas estranhas, que nos nutriu a seus peitos, que velou por nós, como o anjo da guarda, que Deos collocou no nosso berço e no primeiro estadio da peregrinação da vida.

A saudade é esse respeito cordeal, que consagravamos a nossó pai, que nos tomava ao collo, quando eramos creanças, que brincava connosco, quando meninos, que nos aconselhava quando moços, que nos abençoou quando nos despedimos.

A saudade são as recordações d'esses brincadelos e folgares descuidados, que tinhamos com nossos irmãos pela relva florida dos campos da herdade paterna.

A saudade é a igreja da parochia com os seus festivos campanarios, com os seus altares rescendentes de incenso, com o seu parochio venerando, e como nunca mais vimos outro, que se lhe parecesse, com os canticos religiosos que ascendiam ao throno de Deos nas azas dos cherubins, e toda essa mystica devoção, que será a nossa mortalha de homem religioso.

A saudade são os prados, e os campos, o sol e a lua, as arvores que se agitam, as agoas que se deslizoem, e as aves que fendem os ares, é toda essa atmosphera, toda essa paisagem, todo esse viver e crer da terra querida da patria; é todo esse magico e vaporoso quadro, que, cá de tão longe, temos estampado no coração e na lembrança com os seus traços salientes, com o seu colorido fiel, com todos esses toques de vivas tintas, que o tempo não póde desbotar.

A saudade é essa afeição a um ente, que ja não era *anjo* mas que tambem ainda não era *mulher*, que encontramos no amanhecer da vida e a quem queriamos, não com affecto de mãe ou de irmã, mas com uma adoração estatica, entre o amor a Deos, e a amizade aos homens.

Ora todas estas afeições augmentam de intensidade, se ellas são recordadas tão longe d'esses lugares queridos da infancia e do primeiro sentir: então a saudade absorve-nos, torna-se a nossa idéa fixa, é a lampeda que nos alumia a existencia resignada até ao aportar nas margens da sepultura.

Foi talvez d'uma d'estas situações, que brotou a *Saudade*: é ainda n'uma d'estas situações que ella vae entrar no seu segundo periodo.

A nossa folha continuará a simbolisar a flor rude, tristonha, mas expressiva, a que os botanicos ligaram a idéa da reminiscencia de um passado querido. Como os jardins campestres de nossas herdades ruraes, assim ella continuará a cultivar as flores locais, as flores genuinas da atmosphera em que nascêra; não pretendemos para o nosso rude jardim nem as magnolias, nem as tulipas, nem as camelias, nem essas flores de uma botanica aristocratica: os tomilhos, as alfazemas,

as madresilvas, o alecrim, as violetas e as rosas são as flores, que escolheremos para com ellas formar o ramalhete da *Saudade*.

Como as flores campesinas, que recamam os prados nos dias da primavera, sem odor exquisito, mas de cores expressivas, e que annunciam a estação das flores e dos fructos, o verão, assim as paginas da *Saudade* symbolisarão as premicias de alguns talentos, que um dia podem pertencer á estação viril das flores e dos fructos, o verão.

Aos que perguntassem para o que servem estas poesias, estas aspirações d'uma pleiade de talentos noveis, mas esperançosos, perguntariamos com Frankelin para que serve uma creança que engatinha? Se nos respondesse que para um dia ser homem, responderiamos tambem que os cultores da *Saudade*, se não tem aspirações litterarias, tem ao menos a louvavel e nobre conducta de applicar as suas horas de sexta a este util entretenimento.

A *Saudade* é, segundo nossa opinião, um importante motor de civilisação e moralisação de uma grande classe, que um dia terá uma importancia e alcance social. Cifrar na redacção e na leitura da *Saudade* os legitimos ocios de tão grande pessoal é esta por certo uma empreza louvavel.

Foi n'esta intenção, e sob este ponto de vista, que hypotecamos á empreza da *Saudade* nosso humilde contingente.

Como o jardineiro, a quem só cabe plantar, e regar as plantas, que lhe confiam, tal é o nosso mister, ageitando e dispendo os artigos dos redactores da *Saudade*.

As intenções e a vontade com que acceitámos este encargo são cordeaux: oxalá correspondamos á espectactiva dos generosos mancebos, que appellaram para o nosso reconhecido empenho de ser util á cultura das lettras.

R. D'A.

LITTERATURA.

Paginas intimas.

Escutae!

O solitario canta; sua voz é triste e gemebunda: paira-lhe nos labios o sorriso, mas nada-lhe em pranto o coração!...

Que de segredos não encerra esse sorriso!

Quantas exprobrações ao mundo!

Quantas maldições aos homens!...

Escutae seu canto; que póde elle inspirar-vos? Nada que não leve um sopro impuro d'esse mundo a que fugio!...

Escutae-o, pois.

Um consolo, entretanto, resta ainda*

Ao pobre velador:

Deos lhe deixou, nas trevas da existencia,

Doce amizade e amor.

Tudo o mais é sepulchro, branqueado

Por embusteira mão;

Tudo o mais vãos prazeres que só trazem

Remorso ao coração.

Passarei minha sorte á luz tão meiga

Até o amanhecer;

Até que suba á patria do repouso

Onde não ha morrer.

Parou de novo; as ultimas notas do seu canto, impedidas pela brisa, forão morrer além. A cabeça pende-lhe sobre o peito; é que o seu canto despertára-lhe amargas e pungentes recordações!...

Elle chora... O pranto serve d'alivio; as lagrimas candentes, mas calmas, dão conforto!...

Não o accordeis da sua dor; seria uma blasphemia!

Reflectia muito; as scenas da sua vida de infancia, desenhadas em caracteres scintillantes, vem subtrahil-o ao seu lethargo!

Elle levanta a cabeça, mergulha suas vistas n'amplidão do espaço, pensa um pouco, aparta os louros cabellos, que lhe tinham cahido sobre a testa, e com voz triste e afflictiva, como aquella com que os *Gaullezes* pranteavam uma victoria dos Romanos; começou assim:

«A vida é curta, do berço ao tumulo a distancia é nada!...

«Sorrimos hoje, choramos ámanhã, e entoamos hymnos de amor e d'afflições!... A existencia é real, sim, mas a cadêa, que nos prende a ella é occulta e mysteriosa... Vimos ao mundo envolvidos na mortalha que nos ha-de cobrir, reunimos em torno de nós doces e san'as affeições: se de-beis eramos tornamo-nos fortes. A planta, á força de cuidados, torna-se arbusto, o fructo nasce e amadurece. Assim somos nós. Como a planta tambem damos bons e máos fructos.

«Pois bem, n'estas phases repetidas da nossa existencia, quantas decepções vem destruir nossas mais claras esperanças?! De que serve, pois, a vida?!

O solitario parou: o sorriso voltêja-lhe nos labios. Esse sorriso agora é o da resignação: é um sorriso de martyr!...

* A. Herculano, *Harpa do Crente*.

Ouvi-o commigo :

« Amei outr'ora !... Esse amor, que me embriagava de continuo, fez-me esquecer o mundo real em que vivia, e outro mais bello e menos phantastico se me desenhou no porvir. Esqueci-o bem, sim, por que elle, máo como era, quiz subtrahir-me aos encantos infindos, que admirava n'ella ; e ao prazer immenso e inexplicavel, que sentia ao contemplal-a !..

« Essa felicidade ? oh ! — foi o despertar d'um d'esses sonhos fagueiros que nos embalam na infancia ! Foi um lampejo d'esperança que brilhou no espaço : desaparecendo tão rapido como se formára !..

« Aquella, que eu amava, arrastada no turbilhão dos prazeres, que lhe offerecia esse mundo enganador, esqueceu-me para sempre ; e engolphada n'elles acolheu com um sorriso de escarneo a confissão do meu amor !..

« Dahi em diante trevas medonhas envolveram-me o espirito ! Sem crença nem fé, amaldiçoando os homens, cruel para com elles, embrenhei-me nos bosques como lobo feroz que foge ao caçador. A minha raiva, contida até ali, rebentou como uma cratera volcanica ! Quiz sacial-a — não tive em quem !

« Os animaes vorazes respeitaram-me : parecia terem comprehendido a minha dor, e as consequências d'ella !

« Em breve se tornaram meus companheiros. Em breve, por uma transicção, que não sei explicar, o espectáculo calmo e magnifico da natureza me offereceu as consolações que pediria em vão a esse mundo de que fugira.

« Hoje nada quero d'elle. Se minhas cans me tornam velho, se as rugas profundas, que me sulcam as faces attestam um padecer occulto e profundo... já passou : o meu espedaçado coração batê sempre com socego, a mocidade identifica-se n'elle, que mais devo desejar ?....

« Aqui, longe de mil vistas carinhosas e zombeteiras, quanto é doce a oração !

« A natureza, virgem do contacto impuro dos homens, sorri sempre. As flores, desabrochando livremente, ostentam-se vaidosas em suas petalas, e só a mesma natureza as faz murchar.

« Os prados — verdejantes de continuo, convidam ao repouso.

O rio corre além brando, em seu murmurio. Tudo é risonho e socegado ! Os passarinhos cantam alegremente nas arvores, e entoam commigo

os hymnos de gratidão com que celebro o primeiro arrebol da manhã.

Quanto és sublime, oh ! natureza ! . . .

Rio, 3 de Fevereiro de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Meditações.

Vós, ó vaigas d'Ourique
Ormuz, Ceuta e Arzila,
Bem sabeis se vacilla
Na peleja o Luzitano:
Ahi está Aljubarrota,
Montejo e Val-de-Vez
Que digam o que elle fez
Ao fero Castelhano.

(Do AUTOR.)

I

Era a hora, em que as portas rosiclores do Oriente se começam d'obscurer e cerrar ; e em que o rei fulgente do dia adormece amoroso, envolto em seu aureo manto, no seio adamantino da saudosa Amphytrite. Era a primeira hora do remanso da natureza, remanso poetico e solemne, em que o espirito *lasso* do bulicio das turbas, e do conflicto do egoismo e da ambição, despe a tunica candente das paixões, e se desprende dos ferros que o alçapremavam ao poste da materia. — Já por sobre o cristal do magestoso Parahyba, se refrangia e espelhava a face enrubecida e sympathica da pudica Diana, que por entre a ramagem denteada das palmeiras, surgia meiga e indolente.... Que hora solemne e inspiradora, se eu fôra poeta !!! Com o coração arroubado em delicias, e com o espirito desassombrado, remontava nas azas do pensamento, aos horisontes sem fim da imaginação. —

Depois de haver transposto o argenteo estendal do Atlantico, repousou-me o caprichoso pensamento, n'um ponto quasi invisivel da esphera terrestre.

II

E eu vi ao occidente da Europa, entestando com o mar, a dormir o somno precursor da agonia, debruçado sobre o dorso alcatifado de suas montanhas, um povo, a quem outr'ora enramavam a fronte altiva, as palmas immarcessiveis do triumpho, e as virentes grinaldas da gloria. — Quem seria a Dalila tredda, que cortou os cabellos d'este Sansão ? Quem seriam os infames Philisteus, que, á traição, maniataram o Nazareno ?

Qual foi a mão impia, que se levantou nas trevas sobre o dilecto do Senhor ?....

Em quanto o pensamento se me embevecia na solução d'estas questões, tristes, como um céu sem estrellas, e terríveis como o leão captivo em sua jaulla: os joelhos se me curvavam d'inertes ou antes subjugados por um pensamento religioso: as faces se me afogueáram de vergonha, e o peito se me debatia em violentos anceios, ao passo que nos seios mais intimos d'alma me trescalava um sentimento de veneração, para com o gigante *prostrado mas nunca vencido*.

III

Aqui n'este recinto limitado, que abrangem meus olhos, dizia eu commigo mesmo, floreceu nas eras que já fôram, um povo aventureiro e guerreiro, *novo temor da Maura lança, a quem Neptuno e Marte obedeceram*. Suas frotas emulando com as dos antigos Carthaginezes e Phenícios, dominavam desde o Atlantico ao Pacifico, desde o mar das Indias até ao Glaciel.

O ouro d'Ophir e de Sabá, os coraes das Maldivas, as perolas d'Hevila e de Ceylão, os diamantes do Brasil e de Goleondá, o ambar do Baltico, as sedas de Damasco e da Serica, a purpura de Tyro, os ricos tecidos de Kachemira, as essencias d'Arabia, a myrrha e o marfim Africano, o almiscar de Thibet, o aloés de Cochim e o estanho de Cornualhes, e todas, quantas preciosidades encerra o globo — Erão as suas riquezas. —

Demolir a tyrannia, soccorrer o opprimido, proteger e acatar a innocencia, desmascarar a hypocrisia, amar a Deos e a virtude, e morrer jubilosos pela patria e pela rainha de seu coração — Era a sua divisa — A immensidade dos mares, as montanhas e planuras da terra, os povoados e desertos, as ilhas e promontorios, os golfos e os estreitos — Erão seu theatro de gloria — Deos e a virtude, o amor e a Patria, a liberdade e a gloria — Erão a sua religião. —

IV

Em quanto o espirito me revoava em semelhantes cogitações meus olhos se elevaram automaticamente ao céu, como que para inquirir-lhe as causas, que haviam despenhado este povo, do apogeu da opulencia e do poder, no barathro da miseria e da indolencia.... E eu vi uma aguia sinistra, com as azas distendidas, açoitando o reflexo luminoso do astro da noute; com as garras de ferro, e de voz desigual, ora simulando o chillo mono-

tono e estridente do açor, ora o gorgueio melodico do rouxinol. — Era o symbolo d'esse vampiro das trevas, que paira sobre o infeliz Portugal — Era a imagem de Albion !!! — As azas destendidas, espancando a luz — significava sua insaciavel ambição; ambição fatal, que nos roubou Bombaim, Tanger e o porto de Columbo, que nos trouxe o ignominioso tratado de Methuen, a tumba da nossa industria. — As garras de ferro, indicavam sua avidez e egoismo, foram ellas que nos produziram a invasão franceza; que em 1801, nos abandonou á protervia da Hespanha, e á avidez da França, e que nos fez perder o porto de Olivença e a Guiana. Foi ainda sua avidez e egoismo, que feclharam nossas fabricas, que floreceram sob um Conde de Ericeira e um Marquez de Pomal, e que apagam a mais tenra restoa de progresso, que scintile na Luzitania. Seu chillo desigual, designava a duplicidade de sua politica, soberba e rispida com o fraco, como a Grecia e Portugal, assucarada e humilde com o forte, sirva d'exemplo a recente questão dos Estados-Unidos. E' a esta sua soberba para-com o leão decrepito e agonizante, que devemos a linguagem violenta de Lord Howard, inspirado por Palmerston, reclamondónos perto de 750,000,000 (fortes), sendo certo que d'essas reclamações só eram attendiveis os fornecimentos á divisão Clinton e as pensões de Beresford, Wellington e Oglander, e ainda assim abstrahindo os jurros, porque todas as outras eram manejos vis d'aventureiros, como o jogador Mr. Andrews, e como o visionario Doyle.... O' vergonha! O' infamia! Quando nos emanciparemos nós dos ferros d'esses insulares ? ! ! !....

V

Erguei-vos do abismo, memorias d'Orique e d'Aljubarrota, de Valverde e de Trancoso, vinde pleitear vossos foros. Surgi da poeira do olvido, heróes de Diu, guerreiros de Ceuta, Tanger e Arzila, e surgi tambem vós, Egas Muniz e Magriço

« Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
Albuquerque terrivel, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte »

desembaraçai-vos do sudario dos seculos, e vinde vingar vossos netos d'esse marasmo e abatimento, em que os manejos do egoismo, e os enredos d'ambição, os sepultaram. Sombras venerandas de Perestrello, de Zargo, de Bartholomeu Dias, de Vasco da Gama, Alvares Cabral, e Magalhães,

surgiu do tumulto, vinde dizer a estes insulares, que vós os descobridores do Mundo, os argonautas do Mestre d'Aviz, de D. João 2.º e D. Manoel, o venturoso, protestais contra a tutela d'esses ilhéos, que nos tratam como colonos; dizei-lhe que no peito de vossos descendentes, dos batalhadores denodados de Montijo, Linhas d'Elvas e Montes claros, pulsa gratissimo o amor da Patria e da gloria, que não somos feudo de ninguém, que a nossa independencia conquistamol-a aos Mouros e Castelhanos, e recentemente aos Francezes em Albuera, Badajóz, Santarém e Bussaco, e tudo pelo terror de nossas armas, e pelo brio e bravura de nossos soldados. Gritai-lhe que os Portuguezes não são os seus miseros colonos da Jamaica, nem os seus tributarios do Indostão, mas sim um povo heroico e guerreiro, que préza suas immuniidades, e que se a indolencia fatal de seus governos, e a cobiça infrene d'alguns ministros e o egoismo e ambição d'Albion, lhe ha estancado os mananciaes de sua agricultura, e as fontes de sua industria e commercio, não tardará o arrebol da aurora de sua reconstituição, senão como nação poderosa, ao menos como povo industrioso e civilisado, porque a seiva de sua actividade, e os elementos de sua riqueza, tornarão a calar em seu seio, que só arfa para os sentimentos nobres e para os doces affectos, se lhe extirparem os cancrios que lhe minão a expansão....

VI

O' Luzitania! zombão de ti, porque te vem prostrada, e porque tuas quinas já não tremulam ovantes em todos os angulos do Mundo, és o leão decrepito da fabula, o asno protervo te coucêa, embora rujas

O' Deos de bondade, que subiste ao horto da agonia e ao Calvario, para redempção da humanidade, e que quizeste, que nas armas de Lysia se gravassem tuas chagas, amerceia-te d'um povo, que sempre timbrou em guardar puros teus santos dogmas; derriba esses collosos soberbos, que se nutrem com o sangue dos opprimidos, deixa, que arda puro, em ambula d'ouro, o facho resplendente da liberdade, e agora mais que nunca, Senhor, illuminaí o espirito do joven Monarcha, que cinge a corôa de D. Manoel: as nações já lhe pagaram o suffragio de sua admiração, por seus talentos, tocai-lhe vós o coração, para que ame seu povo, para que eleve a instrução publica, á altura que lhe compete como nação civilisada, para que fomenta a industria, a agricul-

tura e o commercio, essas trez fontes da riqueza publica, de modo que Portugal pareça haver recuado ao seculo, d'aquelle de nossos reis, unico, a quem a historia conferio o nome de venturoso.

Resende, 16 de Janeiro de 1856.

DELPHIM AUGUSTO MACIEL DO AMARAL.

POESIAS.

Um adeus.

Adeus, Eulina formosa,
Adeus bella flôr mimosa
Por quem tanto suspirei;
Teus encantos seductores
Que fallavam só d'amores
Nunca mais os gosarei.

Não terei mais a ventura
De te ver formosa e pura,
Qual a rosa ao despontar:
De ver-te a fronte adornada
De sacro louro enramada
Eu jámais posso olvidar.

Nem dos olhares fagueiros
Que mandavas feiticeiros
Ao meu pobre coração;
Nem da divina ternura
Que mostravas com doçura
Não olvidarei, ai... não !...

Se contigo m'encontrava
O meu peito palpitava,
Vinha ás faces o rubor;
Eulina, n'esse momento
Levavas-me o pensamento
Entre os encantos d'amor !

Mas o tempo foi passando,
Nas brancas azas levando
Nossa tão pura intenção;
Nossa fagueira esperança
Embalada entre a bonança
Do teu e meu coração.

Ai!... adeus, não mais te vendo
 Irão meus males crescendo,
 Pois é destino dos céos
 No amar ser extremoso,
 Mas ser sempre desditoso!...
 Oh! Eulina!... adeus... adeus...

M. LEITE MACHADO.

Saudades.

Sinto meu peito affligir-se
 Com uma angustia mortal,
 Acaso serão saudades
 Da minha terra natal?
 Do meu berço onde nasci
 Do meu lindo Portugal?!

D'esses bosques, lindos bosques,
 D'essas floridas campinas,
 D'esses prados tão relvosos,
 D'essas auras matutinas,
 D'essas rosas e açucenas,
 Jasmins e tenras boninas?

Ah! que são, e de que mais?
 De um pai, que lá deixei,
 De meus ternos irmãosinhos
 De uma bella a quem amei;
 Porém hoje desterrado
 Quando vel-los, eu não sei!

Se d'este lugar que habito
 O triste som de meus ais,
 Podesse repercutir
 N'esse lugar em que estais;
 Eu já não me entristecia
 Não lamentaria mais.

Vinde, oh ligeira brisa,
 Meus gemidos receber,
 Vinde, vinde, em vossas azas
 Quando ancioso eu estiver;
 Levar-me um terno suspiro
 A' terra do meu nascer.

Setembro de 1855.

A. J. DE CARVALHO LIMA.

A Despedida.

Voga, voga, baixel, fende as ondas
 Conduzido nas azas do vento,
 Em quanto eu n'esta lyra de dôr
 Faço ouvir um saudoso lamento:

Um lamento profundo de mágoa,
 Um gemido que o peito m'anceia,
 Um suspiro ao deixar tuas praias,
 Magestosa e soberba Ulissea...

Gratos sonhos de gloria e d'amor,
 Com que outr'ora tão crente sonhei,
 Já não devo pensar mais em vós,
 Que é mister esquecer-vos, bem sei.

Esperança, futuro e prazer,
 Tudo em mim n'este dia findou,
 Negra sorte meus sonhos desfez,
 Tristes lagrymas só me deixou:

N'esta lyra sagrada á saudade
 Magoadas canções pulsarei,
 Ao 'scutar da rolinha o carpir
 Eu com ella tambem carpirei.

Em meu longo e penoso desterro
 Minha vida que triste vae ser!
 Lá tão longe das margens do Tejo
 Que saudades eu hei de soffrer!...

Voga, voga, baixel, fende as ondas,
 Conduzido nas azas do vento,
 Em quanto eu, n'esta lyra de dôr,
 Faço ouvir um saudoso lamento:

Voga, voga, que a brisa da noite
 Brandamente nas vélas murmura;
 Voga, voga, que ao longe a cidade
 Já s'esconde n'um véu de negrura.

Minha vista procura anciosa
 Vêl-a ainda, ainda uma vez....
 Ai debalde! que o manto da noite
 S'estendeu com fatal rapidez.

Tudo trevas.... e luto.... e silencio....
 E minh'alma d'angustia a soffrer!
 Mas não posso.... meu extremo gemido,
 Vem dos labios á flôr fenecer....

Voga, voga, baixel, fende as ondas
Conduzido nas azas do vento,
Em quanto eu n'esta harpa de dôr
Não exhalo meu ultimo alento.

O Riso e o Bejo.

(IMITAÇÃO DE VICTOR HUGO).

Se eu fôra rei ceder-te-hia o sceptro,
O throno, as graças e o povo meu,
Da terra as pompas e do mar as frotas,
Tudo, tudo por um só riso teu.

Se eu fôra Deos, o mar e a terra,
O espaço, o cahos, a ternidade, o céu,
Os anjos todos ante ti curvados,
Tudo, tudo por um só bejo teu.

R. D' A.

VARIEDADE.

As mais bellas flôres da vida.

Quando a nossa existencia é adornada pelas
ossas virtudes e boas acções, temos concebido,
em duvida, as mais bellas flôres da vida. Mas
como as poderemos ostentar se as duas cousas
recedentes não possuímos? E' mister estarmos
educados pelos principios religiosos da sã edu-
cação, para que não possa vir o rigoroso fado
ol-as tolher inda occultas no tenro botãosinho.
E' mister emfim, que haja um braço cultivador e
affavel que se disvele incessantemente pelo seu
esabrochar; livrando esse mimoso arbusto do
contacto de algum animal immundo que o deseja
matar com o seu halito empestado. Mas qual deve
ser esse braço robusto e disvelado pela sua pros-
peridade, e pelo abrir futuro das bellas flôres? !
Pensamos que esse braço seja o de um pai.

Mas quantos não ha, que levados pela torren-
te da ignorancia, pouco ou nada cuidão no futu-
ro de seus filhos? !.... Entregam-nos a estranha
cultivação, imaginando que assim cumprem for-
malmente o seu dever! Sem pensarem que, o
que nosso em mão estranha, medrar não pôde.
Aibramos com franqueza o nosso preambulo;
ha muitos pais que tolhem as flôres que podiam
brotar de seus filhos, por falta de não saberem
desempenhar um lugar tão honroso e santo, que

os laços do matrimonio lhe impozirão; ah! que
na educação se cultivão as flôres, ou eu me en-
gano. Não basta que os mandem para uma famo-
sa academia, e que esta seja dirigida por um dis-
tincto e honrado homem, não, porque elle não
poderá por mais habil que seja, cuidar como se
deve da sua educação moral; e prouvera a Deos que
muitos não sahissessem d'ahi mais mal educados do
que quando para lá entrãrão!... E será isso cul-
pa do honrado director? não, mas das conse-
quencias do tempo, que elle jámais poderia evi-
tar. Ora, se um pai quer ver despontar essas
bellas flôres em seu filho, que seja mais conscien-
cioso nos principios da sua educação; desvelan-
do-se pelo risonho futuro que o aguarda, se vier
protegido pelo braço virtuoso de seu pai: que
não deixe passar desapercbidamente, qualquer
aragem pestilente, que muitas vezes o faz balan-
çar, e correr risco de se ferir ao embater contra
algum arbusto espinhoso; una-o com os laços da
santa religião, não poupe desvelos, vele cuidado-
samente, que verá então, como elle inabalavel,
zomba altivo e forte do furacão: d'esses desmo-
ralisados costumes que rodeando-o ameaçavam-
no destruir. E depois já sem mingua do seu au-
xilio, mostrará aos raios do sol as flôres mais
bellas, e puras, que só colhel-as compete ao
nosso Deos!.... Quanto a mim, se estas pobres
mas sagradas flôres que cheio de fé busquei des-
crever, forem acolhidas com a mesma fé, darei
este meu minucioso trabalho por bem empregado,
do contrario restar-me-ha o contentamento
de o ter feito com a mão na consciencia e o pen-
samento em Deos.

Fevereiro de 1856.

M. LEITE MACHADO.

Porto e cidade de Mascat.

Mascat, o principal porto da costa oriental da
Arabia, é governado por um chefe independente.

O porto que fica, 23°-38' latitude norte, e lon-
gitude 59°-15' lestes; é formado por uma pe-
quena enseada, ou bahia cemicircular, rodeada
por altos, ingremos e estereis rochedos, que se
estendem á meia milha de distancia até a cida-
de, desde a entrada da bahia; e estendendo-se
assim do outro lado até o exterior do anchora-
douro, que é formado á entrada da mesma. Ha
um quarto de milha de largura de forte a forte;

que guardão á entrada dos lados, de leste, e oeste.

A entrada da bahia, é pelo lado do norte, por ter bastante fundo ; a agua percorre ali de trinta a cincoenta braças por minuto, mas só a entrada do porto.

Os navios que entrarem com vento fresco não devem afastar-se mais de dez braças do anchoredouro, porque o fundo está semeado de bancos, e não ha espaço para manobrar. A cidade de Mascát está situada perto da praia, nos flancos dos rochedos.

E' de uma forma irregular e mediocrementemente edificada. E cercada de muralhas ao redor com algumas pequenas torres redondas nos angulos principaes ; segundo o costume arabico. Porem estas muralhas são só do lado de terra. A parte que faz face para o mar, está inteiramente aberta.

Sua população anda por cerca de dez mil almas (10,000). D'estes, perto de nove decimos são puramente Arabes, ou Mahometanos ; os restantes são principalmente do Hindostão. Ha somente quatro ou cinco Judêos ; e nenhum christão, residente na cidade. Os direitos sobre o commercio são 5 por cento ad valorem ; pagos pelos estrangeiros de qualquer nação, que são os que importão ; *sobre todos os generos*. Não ha direitos sobre qualquer genero de exportação. A alfandega que fica opposta ao caes de desembarque ; ambos para os passageiros, e para os generos ; é simplesmente uma praça aberta de vinte pés ; com bancos em roda ; de um lado é aberto para o mar ; e a coberta em forma de têlhas abriga-a das estações. Este cáes de desembarque é tambem a praça commercial, onde é costume durante o fresco da manhã, ver-se os principaes mercadores reunidos ; alguns assentados sobre velhas peças sem uso ; outros sobre marcasitas e outros sobre peças de cabos. Expostos assim no cáes puchando por suas barbas, e parecendo serem os maiores preguiçosos, em vez de homens entregues ao commercio ; não obstante isso, quando um estrangeiro se ajunta com elles encontra objectos e pensamentos para augmentar mais sua conversação. Na cidade os cavallos, usão-se raramente e todos aquelles que viajam ou passeiam usão das mulas, e dos camellos.

A tranquillidade que reina por todo o lugar, a tolerancia, e civilidade mostrada aos estrangeiros, de qualquer nação ; podem attribuir-se ao

estado indefeso do povo, do que á vigilancia d'uma boa policia ; não sendo regular ali um estabelecimento, dessa natureza.

Carregamentos inteiros de mercadorias, e mesmo qualquer outro genero de valor, deixão-se ficar expostos no cáes e muitas vezes mesmo nas ruas sem temor de roubo.

Todas as cousas são favoraveis á liberdade pessoal ; a segurança, o tratamento, e a accommodação dos estrangeiros ; e os Arabes de Mascát ; podem ser considerados segundo os costumes o pedem ; como os mais civilizados de todos os seus compatriotas.

Todos os generos de provisões, assim como aguada ; obtêm-se ali com facilidade.

Carne ; os vegetaes, as frutas, em sua propria estação, são muito abundantes e de excellente qualidade, e o peixe em lugar nenhum é mais abundante e mais delicioso do que ali. A agua é tambem muito pura e saudavel. A falta de tripulação, em qualquer navio, póde ser supprida com navegantes Arabes ; os quaes ha em abundancia, e são indubitavelmente bravos, valentes, e melhores marinheiros que os Lascars da India posto que seja muitas vezes difficil conservalos em ordem.

Vertido do inglez por

JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

Rio de Janeiro, 14 de Setembro de 1855.

Origem das Misuras.

Esta cortezia das senhoras procedeu do costume, que havia na cõrte de nossos reis, onde, e diante dos quaes, quando havia serão, ou sarão, dançavão os reis, rainhas, e damas com os fidalgos ; e para isso erão as damas e donzellas do paço ensinadas por mestres a dançar ; e porque a certos passos medidos fazião pausa, abaixando-se direitas e com o rosto direito com acatamento ás pessoas reaes, quando chegavão a ellas, chamavão a essas pausas medidas, mensuras, e depois mesuras ou misuras, porque com passos certos e medidas da dança se fazião : pouco a pouco se foram essas pausas, ou mensuras airozas, que se fazião aos reis por cortezia, estendendo a outras pessoas em mostra de reverencia e civilidade ; a qual se faz á pessoa superior abaixando um pouco a cabeça, e á igual com o corpo e rosto direitos.

Typ. de F. A. de Almeida rua da Yalla n. 141.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 17 de Fevereiro de 1856.

N. 2

LITTERATURA.

O cemiterio.

Viandante, paraí: não vedes essas alvas paredes que rodeiam aquelle sem numero de cruzes, e de catacumbas? Pois ahí estão gravados os nomes dos que deixaram n'este mundo, um coração que lhes fosse agradecido. Curvai-vos e entrai: vedes agora este silencio mortal, esta solidão immensa, esta immobillidade eterna, e este vapor empestado que exalam continuadamente quasi todas as sepulturas? Este lugar é a habitação da dôr; ao que os homens chamam cemiterio.... oh! é uma palavra que causa peiores frialdades que a das lousas que encerra!

Vês esta cruz preta, armada com uma grinalda de saudades, e molhada pelas lagrimas? pois bem; esta é a cruz do pobre, a mais santa, a mais humilde, a mais justa, e a que deve caber a todo o homem christão, não só porque devemos occultar o ultimo jazigo, como porque mais depressa volvemos ao do que fomos feitos; mas esta cruz é á que menos attenção se dá!...

Volta-te, e olha para esses mausoléos de marmore com epitaphios dourados; ahí se acham sepultados os ossos dos ricos e dos nobres; mas ahí não vês saudades nem lagrimas. Ainda depois de mortos os seus parentes ou herdeiros querem mostrar o que elles foram; como se com a riqueza da sepultura podessem comprar o repouso eterno! Mas o pobre, esse não! esse orna a cruz, unico signal da sepultura, estando um pai, uma mãe, ou aquellã que tinha de ser sua consorte; de joelhos com os cabellos cahidos passa horas em oração; depois levanta-se, volta, e seu andar é compassado e firme. De noite vai como em romaria, entra, atravessa os estreitos caminhos, nada o atemorisa, faz sua oração ao clarão da lua, e volta sosegado.

Mas é chegado o dia de finados.

Ahi se amontoam homens e mulheres de todas as classes. Essa multidão entrou, percorre, vê, sahe e muitos d'elles nem signal de tristeza trazem em seus rostos; mas seu andar é incerto; tremulos, e a cada passo voltam espavoridos a cabeça, julgando trazer atraz de si a caveira d'algum parente deitado ao esquecimento! Perguntai-lhes; qual o motivo d'esse terror que os acompanha até á sepultura? não vos saberão ou quererão dizer; mas pensai. Tens visto muitos d'esses homens, que durante quasi toda a sua vida procuraram ajuntar riquezas, e que estivessem nas vespersas da morte, o que n'estas occasiões se passa ao redor de seu leito, ou no interior de sua casa? Seus parentes, ou herdeiros em vez de procurar dar vida ao enfermo; estimam que mais depressa finde, em vez de chegar-se á imagem de Christo para rogar-lhe pela alma, estão engolfados em lautos manjares e em abominaveis orgias!... esses então, se por acaso entrão em um cemiterio; sahem espavoridos e o remorso de seus peccados lhe rala o coração, deve pois ser isto um d'esses motivos; mas pensai ainda: ide examinar a educação que se dá aos innocentes; vereis, que entre os pobres haveis d'encontrar as creanças creadas por suas proprias mãis; essas, quando o innocente chora, não o assustam com visões, etc., mas os que são ricos entregam seus filhos, o fructo de seus amores, á uma ama para alimental-os; se o innocente chora assustam-o com visões; fazendo barulho e dando-lhes a entender, que é uma cousa occulta que as póde devorar; apodéra-se um terror da creatura, que a torna fraca, e mesmo ainda depois de homem temem de qualquer cousa em lugar escuro; em uma mesma igreja; ou se acaso é necessario ir a um cemiterio, ou dormir em casa com algum defunto, seria mais que sufficiente para terem algum susto que os tornasse ou aleijados ou mesmo lhes sobreviesse a morte!... por isso póde ser isto uma das causas.

Oh! mas os homens devem pensar, nós não somos nada, assim que o sopro da vida se desli-

sa no corpo. O que fica na terra, é mesmo terra; a alma não volta; para que pois então temer o entrar deshoras em um cemiterio, ou dormir ao pé d'um defunto?...

Terror vão!... Armai-vos com a consciencia pura e o coração votado á oração, e entrai em qualquer cemiterio; ajoelhai-vos ao pé da cruz mais simples, regai-a com vossas lagrimas orando pela alma do defunto, e pela d'algum vosso parente, e vereis como sahis com o corpo alliviado, o pensamento menos preocupado e arrependido de vossos peccados, e terá desaparecido de vossa imaginação esse terror vão que não podieis explicar! porque um cemiterio é a habitação da dôr.

JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

(**Mathilde.**)

A SEU QUERIDO PAI

O Sr. Fautino José Rodrigues Pinto

Em testemunho d'amor, saudade e respeito

O. D. e C.

O AUTOR.

Meu Pai.

A duas mil leguas da saudosa terra da patria, longe de tudo que me podia tornar a vida clara; eis o que vos posso offerecêr, senhor. A offerta é mesquinha, mas o pranto que hei vertido sobre ella, torna-la-ha significativa; e tenho convicção de que a recebereis no vosso coração de pai com os affectos, que só sabe sentir o auctor de nossos dias.

Em troca d'esta pobre offerenda abençoai-me, ó meu querido e extremoso Pai!

Rio de Janeiro, 16 de Fevereiro de 1856.

I

UMA EXPLICAÇÃO A PROPOSITO.

Je regard le suicide comme la violation de la plus saint des lois qui régissent l'humanité.

MARQUEZ DE FOUDRAS.

A minha predilecção pelas margens do Douro, leva-me a preferir este a qualquer outro lugar para descrever um episodio da minha vida—uma scena que tenha relação com ella. Esta predilec-

ção, esta tendencia intima e pronunciada, tornar-se-lia desculpavel, se attendermos a que fôï n'essas margens que se deslisou a minha infancia. O murmurio das mansas ondas do rio, emballou-me por muitas vezes. A' sombra das arvores que o guardavam escutando o canto dos passarinhos, aspirando o perfume agradável das flôres selvagens, recebendo enfim nas rosadas faces d'então o leve sopro da briza — vivi por muito tempo feliz.... mas essas venturas, recordadas agora, fazem-me voltar ao que fui, e o presente—e a realidade a esquecel-as bem depressa.... Assim, pois, não será d'extranhar que eu vá mais uma vez transportar os leitores ás margens do meu poetico Douro, e fazel-os assistir commigo ás scenas que tenho, não como deveria, de esboçar n'esta historia.

Rio, 8 de Fevereiro de 1856.

A VISITA.

Por uma bella tarde do mez de Dezembro de 1846, tres humens a cavallo, e os quaes, pela poeira que cobria suas roupas, parecião vir de longa viagem; pararam no caes da Regua, apeando-se bem depressa. O que vinha na frente, e que montava um bello cavallo de raça Andaluza, era um homem de 38 a 40 annos, de estatura mediocre, mas um tanto obeso. Nada de notavel possuia em seu rosto, a não ser dous olhinhos pretos tão vivos, que parecião querer abranger de um golpe os objectos em que elle os fixava. O seu nariz pequeno e arrebitado dava-lhe uma semelhança de galgo, e para que nada faltasse a esta phisionomia, que apesar de pouco espirituosa, causava desconfiança, duas faces rechonchudas e coradas, indicavão que o nosso viajante trocava um throno por um abundante e bem servido jantar, ou por uma lauta e appetitosa ceia. O seu traje era simples mas decente; compunha-se de um *paletot* de panno preto, collete de fustão branco, e calça de casemira de côr. O laço de seu lenço preto de pescoço, tinha algum tanto de pretencioso, o que não estava em analogia com os collarinhos de sua alva camisa, ponteagudos, e que tocando-se nas extremidades parecia pôr em apertado cerco o seu queixo adornado de uma barba de um louro bastante pronunciado. O viajante que precedia aquelle de que acabamos a resenha, indicava ter a mesma idade; quanto ao resto offerencia notavel mudança. Quanto o primeiro tinha de baixo e gordo, este tinha d'alto e

magro. A sua phisionomia, á primeira vista, era um tanto severa para não dizer repugnante, mas observada com attenção, conhecer-se-hia que essa severidade era apparente; e que encobria um fundo natural de bonhomia e franqueza, sempre disposto a brilhar. Trajava exactamente como o primeiro, com a differença de que, pelo laço de sua gravata, conhecia-se que este homem não consultava muito o espelho.

O terceiro e ultimo dos viajantes, era um mancebo de 22 a 24 annos, vestido ao ultimo gosto, e o qual possuia um d'esses rostos sympathicos, alegres e vivos, promptos a zombar de tudo, mas a sensibilisar-se algumas vezes. Os tres viajantes forão n'um momento rodeados de uma chusma de barqueiros, que, porfiavão em passal-os á outra banda. D'entre elles um se tornava notavel por seus gritos e accionados; tinha-se *filado* ao viajante gordo, e parecia resolvido a não o largar em quanto não visse seus desejos satisfeitos. Impaciente por esta scena, meia seria e meia burlesca, o nosso viajante exclamou, com voz rude e forte: « Deixem-nos, canalha diabolica! d'esta maneira não embarcaremos hoje. » E como visse que o barqueiro teimava em não o deixar livre, fez um esforço violento, e pôde sahir das mãos do seu brutal perseguidor. Com seiscentos diabos! gritou elle, respirando com força, mais dez minutos de luta, e morreria asphixiado! Aquelle que tiver o atrevimento de tocar-me, tomará medida a este cacete, continuou elle, brandindo um pequeno e delgado páo de carvalho. O barqueiro não era homem que se declarasse vencido com duas razões, por isso, resolvido a empregar toda a sua logica, aproximára-se do mancebo, que, á alguns passos da scena, sorria-se todas as vezes que o viajante gordo se formalisava. Embarque commigo, Sr. doutor, dizia o barqueiro, V. S. conhece-me já, e sabe que a minha barca é sufficiente para passar tudo a um tempo. Meu tio, disse o mancebo aproximando-se da primeira victima, que olhava para o rio assoviando com todo o socego; façamos a vontade a este bregeiro; embarquemos, porque a noute aproxima-se. E com effeito, o sol ia escondendo-se pouco a pouco, e parecia que a noute, avisinhando-se, disputava um pequeno raio avermelhado que o sol projectava no rio, nas margens e nos montes pitorescos d'esta parte do Douro. Embarquemos pois, respondeu o viajante a quem o doutor se dirigira; porém, continuou elle, fallando com o barqueiro; agradece a meu sobrinho a maneira

amigavel porque terminou este negocio. A não ser elle a minha *bengala* trabalhava hoje.

Fraco meio de defeza, respondeu aquelle sorrindo-se maliciosamente. Queres experimental-a? Dispenso, Sr., atalhou o barqueiro, puxando a barca para a prancha, e convidando os viajantes a entrar.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Fragmento de uma carta.

MEU IRMÃO. Ha momentos na vida do homem, em que o pensamento, abrangendo d'um só relancear d'olhos esse espaço immenso, a que se chama terra, vae fixar-se nos objectos que lhe são charos, e que estão bem longe d'elle. Succede-me isto, quando as decepções da minha vida commercial me sepultão n'essa melancolia profunda, que nos obriga a esquecer, por um instante, do que somos, e do que existimos.

Foi n'um d'esses momentos, e quando pensava em ti, meu irmão, que me procuráram para entregar-me um maço de papeis que tinhas remettido ao Sr. A. N. de Castro. Não sei porque presentimento, disse eu, que era alguma coisa tua que ali se occultava. Abri, e achei alguns Jornaes. Confesso-o, não esperava por uma tal surpresa: julguei que seria outra coisa, porque sabes que os Jornaes, principalmente os *politicos*, não me occupam as horas vagas. Com tudo, obedecendo a uma voz secreta desenrolei ao acaso uma d'essas folhas, e li — *A Saudade*, publicação litteraria e instructiva. Bom, disse eu, o nome indica alguma coisa, vejamos o resto.

Percorri com os olhos algumas paginas, não esperando que a mais agradável das surpresas me estivesse preparada. Li o teu nome sob um artigo que tem por epigrapho — *Physiologia do Casamento*. Compreendes a avidez com que eu procuraria ligar áquelle os outros artigos. Li, toruei a ler, e reflecti por fim. Pobre rapaz, disse eu mentalmente, bem cedo principiaste a trilhar uma carreira espinhosa e difficil; se não ligares á tua occupação a importancia que merece morrerás de fome.

Camões, Tasso, Bocage, Francisco Manoel e muitos outros tiveram por mortalha um triste lençol; o tu, pigmeu a par d'elles, não esqueças que esta terra tão boa para dar filhos uteis, é parca para alimentar-os... Foi esta a primeira impressão, passou bem depressa, devido isto talvez á volubilidade de meu character.

Comquanto não tenha a honra de conhecer nenhum dos mancebos, que illustram a *Saudade* com seus estudos litterarios e instructivos; peço-te que lhes faças sciente de que a sua nobre empresa despertou aqui um sentimento bem doce e agradável. Todos queriam ler, todos desejavam identificar-se com os pensamentos d'amarga saudade que nutris longe da patria; e depois de um momento de reflexão disseram commigo:

«Somos todos Portuguezes!... aquellos que foram forçados a deixar a patria, dão-nos um nobre e edificante exemplo d'amor ao paiz, em que nascemos; unamo-nos todos e procuremos minorar-lhes d'aqui as saudades que alimentão por elle.

Porto, 10 de Janeiro de 1856

J. R. PINTO.

Paginas intimas.

II

O SOLDADO.

Houve um dia em que a Patria afflicta e perseguida pelo estrangeiro, gritou com voz plangente — ás armas, meus filhos! Eu habitava no campo. Os eccos longiquos, de valle em valle, de planicie em planicie forão aproximando-se, e chegaram até mim claros e distinctos. Escutei-os com o coração pulsando de prazer. Era chegado o momento em que eu podia provar á Patria o amor que lhe votava do intimo d'alma. Dito e feito. Vamos, disse eu, que importa que as plantas murchem á falta de cuidados e disvelos? Que importa que a terra brote cardos em lugar de flores, se lá ao longe ha uma mãe afflicta e desolada que precisa de todos os seus filhos?! Dizião-me os vizinhos: Para que te vaes expor a morrer d'uma bala, se podes viver entre nós esquecido d'aquillo que não diga respeito a Deos, á tua familia e ás tuas terras? Calem-se ahí! respondi eu; vocês são uns imbecis e uns egoistas; e bem longe estão de pensar o quanto o amor da Patria pôde fazer-nos olvidar de tudo, além do Creador! Elles sorriram-se com desdem, e redarguíram: Não sabes o que dizes; a guerra é boa para os grandes. Ambiciosos das honras e dignidades, fazem de nós escadas para subir mais alto; e esquecem bem depressa os serviços que lhes prestamos. Se voltares ferido e impossibilitado de trabalhar, não serão elles que virão dar-te o pão de cada dia. Todos fallavam, condemnando a minha resolução. Entreguei-os ao desprezo que

mereciam, peguei na arma, e fui encorporar-me nas fileiras dos bravos da Patria. Em breve souo o canhão! *Caramba!* disse eu ás primeiras descargas; o negocio é mais feio do que pensei. Historias! Vinha uma bala, passava-me zunindo perto dos ouvidos, e dizia eu: Deos te leve a salvamento para bem longe! Vinha outra... *trás...* lá cahia um. Lançava-lhe um olhar a furto; se conhecia que a *negra* estava com elle ás voltas, balbuciava um *Padre Nosso*, e marchava para a frente. Habituei-me em pouco tempo ao stridor do canhão, e ao sybillar das balas. O cheiro da polvora não me embriagava mais--- tornara-se-me agradável. E o meu capitão, valente homem, por minha fe! gritava: Fogo, fogo n'esses *perros!* Ah! Ah! exclamava eu; isto sim... isto é mais bonito e pittoresco do que a tal monotonia campestre. Aqui não se descansa um momento; come-se com o olho no inimigo, e dorme-se abraçado á *magra companheira!* E aquellos imbecis dos meus vizinhos aconselhando-me que ficasse em casa! A d'elles será invadida pelo estrangeiro, suas mulheres insultadas, e suas filhas pagarão um tributo infame. Entretanto que eu, cantando e rindo ao mesmo tempo, posso saciar a minha raiva no corpo d'estes malditos, e fazelhes pagar caro a ousadia! Para a frente sempre! Oh lá, camarada, gritava o meu capitão, não vás tão depressa — espera um pouco; olha que para morreres tens muito tempo! Qual! erão palavras que o vento levava. No fim da batalha elle aproximava-se de mim, apertava a sua mão delicada na minha calosa e pesada, contemplava por um momento o meu rosto tisonado com o fumo da polvora, e sorrindo-se com bondade perguntava-me: Quantos calculas que cahiram sob a tua pontaria infallivel? Não sei, meu capitão, mas parece-me que não menos de cinco fôrão ao diabo! Ah! o fogo em campo raso é o meu elemento! Gosto de ver manobrar a um tempo a cavallaria, e de ouvir o commandante: Carregar á esquerda! avançar pelo flanco! formar quadrado!... Depois os fogosos animais levantarem as patas, e offerecerem seus membrudos peitos ás bayonetas inimigas! E os caçadores, deitados e arrastando-se como a cobra! E os granadeiros na frente d'um batalhão obedecendo com calma á voz de fogo! E a artilharia, cobrindo a rectaguarda e cumprimentando o inimigo como o não fará nenhum d'esses *casacas adamados e esticadinhos*, rendendo finezas á senhora Dona *Fufia!*... Ah! por minha fé, isto é bello, nada ha que possa compa-

rar-se á guerra !... Depois lá veio um dia em que o meu batalhão fez proezas. O nosso General, montado no seu brioso corcel, passou na frente d'elle, e disse : Obrigado, rapazes ! fizestes o vosso dever ! E digão se isto não é mais eloquente e expressivo do que os taes cumprimentos de — minha senhora, eu tenho a honra de depôr a vossos pés os meus humildes e respeitosos cumprimentos — Ou este — Minha senhora, deu-vos os meus sinceros parabens ; cantastes divinamente ; os anjos não o farião melhor ! Ah ! *bonecos dos salões* ! se, como eu ouvisseis o cantar das balas, eu queria ver se vos occorria cumprimentar a senhora *dona espingarda*, e o Exm. Sr. *dom canhão*, &c., &c. O nosso General cumprimenta com mais graça e menos palavras. E com que distincção elle parou na minha frente, dizendo : Sargento, recommendo-te que trates melhor as tuas divisas ! Eu olhei espantado para as mangas da minha fardeta.... nada.... estavam lisas e.... De que divisas fallaes, meu General ? Das tuas divisas de primeiro sargento. Mas com mil bombas ! eu não sou ainda anspeçada como posso ser sargento ? ! Anda lá, bem me entendes, mas a tua modestia.... Então sou sargento, Sr. ? A'manhã quero ver-te nas fileiras como tal. Viva o meu General ! gritei eu enthiasmado. E logo quatrocentas grandes bocas me imitarão, e no dia seguinte eu apresentava-me na fórmula todo orgulhoso e empavesado !... Que pena ! Acabou-se a guerra, nada mais de batalhas ; e eu.... eu hei de voltar a casa, quando contava passar toda a minha vida na campanha, gritando :

Viva a Patria ! — sou Portuguez,
Pela Patria morrerei,
E nem a cem d'estes *perros*
As costas eu voltarei !

Mas que remedio ! Eis-me a fazer cruzeiros na boca, e marchando em procura da minha choupinha, da qual sahi alegre e cantando, e onde volto triste e chorando. E os meus visinhos ! Ficaram com inveja. A minha casa foi respeitada, achei tudo no mesmo estado ; era sargento de caçadores, tinha uma fita no peito, ganha no campo da honra.... e era Portuguez !... Está decidido, não ha tributo algum que se compare com aquelle que pagamos defendendo o paiz em que nascemos. E' por isso que eu gritarei sempre !

Viva a Patria !...

Fevereiro 16 de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

POESIAS.

O Africano.

Em minha terra contente
Eu vivia livremente
Em placida condição ;
Porém o fatal destino,
A sêde d'ouro maligno
Reduzio-me á escravidão !

Que bello tempo passava !...
Com os meus irmãos brincava
Pelo espaçoso areal ;
Que vezes minha mãe vinha
Nos chamar, pois medo tinha
Do cahir do temporal.

Ai tempo de mil folguedos,
Em que brincavamos ledos,
Sem no futuro pensar !
Em que cheio de flicidade
Eu tomava a liberdade
De minha mãe abraçar !...

Oh ! era tão minha amiga,
Pois me consolava a vida
Se me sentia penar !
Se me via pensativo
Procurava o lenitivo,
P'ra minha dôr mitigar.

Mas ah ! quem me dera agora
Se isso possivel me fora
Adivinhar teu viver ;
Se tu pudeste animosa,
O' minha mãe desditosa,
O fatal golpe soffrer.

Mas tambem a minha sorte
Inda é peor do que a morte ;
Tenho absoluto senhor ;
Que me opprime com castigo,
Em lugar de algum abrigo
Acho barbaro rigor.

Pensais, homem poderoso,
Que em ferir ao desditoso
Podereis ganhar os céos !...
Oh ! é completa illusão,
Que escravisar um irmão
Não mandou esse bom Deos.

Pois assim vós procedendo
Vai o bom senso dizendo
Que só o barbaro sois vós ;
Porém o crime occultando
E as liberdades roubando
Barbaros chamais a nós !...

Vôa o rouxinol contente
Pelos ares livremente,
E depois se vai pousar
No tronco de algum salgueiro
Onde alegre e prazenteiro
Logo começa a cantar.

E eu escravo !... oh !... ouro... ouro !...
O christão imita o mouro
Movido por teu poder !...
Quem deseja n'esta vida
A sua patria tão querida
E a liberdade perder ? !...

E dizeis que sois humanos,
Quando apenas sois tyranos
De vossos mesmos iguaes ! !...
Se no meio dos rigores
Zombando de suas dores
Cruelmente os castigaes !...

Vai, ó brisa encantadora,
Mui ligeira e seductora
No teu brando murmurar,
A' minha terra querida
Esta saudade perdida
No seio d'ella abrigar.

Vai, minha brisa fagueira,
Minha fiel mensageira,
Minha só consolação ;
Vai, porque já sinto a vida
Abrir-me nova ferida
No magoado coração.

Vai, ah !... vai, pois que voltando
Estes sitios bafejando ;
Te não poderei saudar
Por que sinto a desventura
Já me abrir a sepultura
Para n'ella me occultar.

A minha mãe tu não falles,
(Se fôr viva,) d'estes males
Nada d'isto lhe dizeis,
Guardai bem este segredo !...
Que ella o saiba tenho medo,
Minha brisa, adeus !... correi !...

Fevereiro de 1856.

M. LEITE MACHADO.

Já te não amo....

Já não tem graça as branquinhas
Lindas conchas pequeninhas
Que apanhámos n'esse mar !...
Pela arêa, ambos jogá-las,
Correr depois a apanha-las,
Foi d'outro tempo o brincar.

Já não tem graça-essas flores
Que colhemos nos redores
Que viram o teu nascer !...
Nem brinquedos innocentes
Que passavamos contentes
Pelos campos a correr.

São reliquias sem ter preço
D'uma estima : — e qué careço
Da minha mente apagar,
Juras, protestos, mentiras,
Affagos, arrufos e iras....
Precisão tenho em lembrar ? !

Amei-te, soffri... cobarde !
Que não vinguei-me ! pois tarde
O meu erro conheci....
Por de mais era julgar-te
Castigo quizera dar-te
Igual ao que soffri.

Fugir-te, sim, esquecer-te,
 Não amar-te, e vir dizer-te,
 Meu amor foi zombaria !
 A vingança eis que tomei,
 Inda que p'ra mim bem sei
 Que do peito te mentia.

Ahi razão, e vontade
 Senti-a em rivalidade
 P'ra te amar ou não amar ;
 Mas a final eu venci,
 Má vontade, e resolvi
 Pela razão te humilhar.

Não amo mais Idalina...
 Apagou-se essa divina
 Esp'rança do meu porvir !...
 Foi uma estrella surgida
 No céu d'anil, e cahida
 Para nunca mais luzir ! ! !

Setembro de 1855.

J. J. B. DE CASTRO.

A sua Imagem.

*Nihil majus, meliusve terris
 Fata donavere, bonique Dii :
 Nec dabunt ; quamvis redeant in aurum
 Tempora priscum.*

HORAT.

Tem decorrido já bastante tempo,
 Depois que vi seu rosto.
 Tornado a vê-la já cem vezes tenho
 D'esde esse fausto instante.
 E se o fado me véda o contemplal-a,
 Consulto-lhe a imagem n'alma
 Que nem dormindo d'ella se olvida.
 Fascina-me essa belleza !..
 Cada instante da existencia minha,
 Consagro-lh'o.... sou d'ella !..
 Bem quizera pintal-a, mas Amigo,
 Nem descrevel-a posso.
 Onde os pinceis, onde o cinzel, as côres
 Encontrarei condignas ?
 Junto da minha Bella empunho a pluma
 P'ra descrever-lhe as Graças !
 N'ellas absorto desfalleço, e cahe-me
 Da convulsiva dextra....
 Não sei senão amar.... em tanto extremo
 Reconhecer é facil
 O terno coração, ó terno Amigo,
 De Lidia a formosura.

SERPA PINTO.

VARIEDADE.

A emigração dos passaros.

(AO VOAR DA PENNA).

De todas as minhas queridas recordações da infancia, ha uma que ficou tão profundamente impressa na minha alma que já agora creio só a terra da sepultura a poderá apagar.

Era eu ainda muito creança, mas já estava entregue aos cuidados de um veneravel sacerdote, que accumulava em nossa casa as funcções de capellão e professor. Esse levita, cuja alma repousa ha muito tempo no seio de Deos, como o corpo de ha muito deve estar consummido pela terra, de certo era poeta, não como eu então suppunha que era o poeta, um fazedor de linhas curtas e cadenciadas, mas um poeta mistico, um poeta de imaginação e coração como eu hoje imagino que deve ser o poeta, o sacerdote social, o Licurgo da moral, o Cicero da tribuna, o Phocion do jornalismo, o Jupiter da imprensa.

A vida d'esse homem causava a minha admiração, quando creança, e depois de homem feito, ao recordar e combinar muitas scenas do seu viver, do seu scismar, do seu rir de victima resignada, considero sua vida como um poema, como um drama, como se um d'estes cataclysmas de coração, cujas peripecias, cathastrophe ultima se vem a cifrar na toga negra do sacerdote, ou na roupeta cinzenta do monge.

Uma das circumstancias que ainda hoje me impressiona é como eu, creança de dois lustros, sympathisava com esse homem triste, resignado, e meu professor, o que quer dizer inimigo nato de um pupilo. Em quanto elle rezava no seu breviario, que era quasi sempre na sacristia da ermida da nossa herdade, eu esperava-o no pequeno adro, espraçando os olhos pela extenção do mar, descortinando ao longe os navios que da Europa seguiam para a America:—estas scenas passavam-se n'uma das ilhas dos Açores, minha terra natal, n'uma d'essas ilhas, que Chateaubriand comparou a um açafate de flores, boiando na largueza do oceano.

Quando elle acabava de rezar o officio divino era quasi sempre ao declinar da tarde. Então tomava-me pela mão, como um terno pai, viuvo de poucos dias, pôde tomar a mão do seu filho primogenito ; e seguiamos para a encosta d'algun

morro, ou para o pincaro d'alguma rocha, mas sempre para logar, d'onde se desfructasse e gossasse o espectáculo do mar.

Ahi, assentados sobre a relva, sobre o musgo, ou sobre as urzes resequidas passavam-se largas horas, em que nem elle fallava, por que pensava muito, nem eu perguntava cousa alguma, por que presentia, mas não avaliava aquella magestosa serenidade d'alma, aquella eloquencia muda, que só comprehende a alma, que já foi baptizada no Jordão do infortunio.

N'um dos ultimos dias do verão, e aos primeiros sopros enregelados do outono, quando já as folhas amarelladas juncavam o chão, e as arvores iam a tomar esse aspecto tristonho, que familiarisa o europeu com a ideia da morte, e os torna meditativos, faziamos nós uma das nossas costumadas romarias ao promontorio da meditação, então da banda do mar descobrimos uma nuvem de passaros, que, corridos por uma tempestade proxima, vinham pousar e abrigar-se em paragem hospitaleira.

O pio tristonho d'essas aves, essa especie de gemido, que a canceira de tanto voar lhes fazia soltar, ainda hoje me contrista o coração: imagine-se a impressão que então me causou.

Com o coração a arfar de anciedade ousei dirigir a palavra ao meu director, perguntando-lhe o que tinham aquelles passaros, que em vez de cantar, como os outros que eu conhecia, pareciam gemer e chorar.

« E' porque são *passaros emigrados*, me respondeu o veneravel sacerdote. São passaros da America, que, corridos pela tempestade, vem para aqui com o instincto de melhorarem de sorte, e depois voltarem ao ninho, e ás florestas onde nasceram; e onde adejaram os seus primeiros vôos. »

Voltamos para casa, mas em toda a noite, que se seguiu, echoava-me no coração os pios tristonhos d'esses *emigrados* de envolta com o trinar mavioso e alegre dos canarios e das toutinegras da minha terra natal.

Dias depois voltamos ao lugar aonde tinha aportado a colonia dos emigrantes: o espectáculo que então presenciei sinto-o ainda, mas não posso descrevel-o. Os passaros estavam em grupos apartados, outros solitarios a gemer, outros mortos, e de pouco a pouco dos galhos das figueiras pretas esses corpos ageis cahiam pezados pelo regelo da morte. « Eis ali, disse com explosão e detonação de voz o meu veneravel director, eis

ali ao que nos conduz a ambição de buscar a felicidade longe do lugar aonde nascemos, e onde Deos nos collocou. Estes desgraçados, por causa da tempestade, abandonaram as suas florestas nataes, e aqui vieram encontrar a morte, e uma morte angustiada.

« Ahi estão elles a definhar-se e a morrer, por que este céu não tem écho para os seus cantos; aqui não lhe sorri essa natureza magestosa dos prados, das arvores, dos regatos, da athmosphera perfumada, onde nasceram, e onde ensaiaram os primeiros vôos.

« Feliz do que acredita que o sol nasce no principio da sua aldêa, e se esconde no fim d'ella: feliz do que acredita que a sua igreja rural é como a igreja aonde celebra o successor de São Pedro, e que o resto dos homens pensa e obra com a mesma simplicidade que elle e os seus vizinhos pensam, e obram. »

Ha mais de vinte annos, que teve lugar esta scena: senti-a, mas não comprehendi o alcance das palavras do bom sacerdote.

Com a idade fiz-me homem, e este homem foi como o passaro emigrado. A ambição litteraria, como a outros a ambição das riquezas, arrancou-me do acafate de flôres, levou-me para longes terras, fez-me conhecer varios homens de varios pensares e varios habitos, conheci que a igreja rural em que me baptisára era uma mediocridade: á vista das basilicas, conheço que o mundo é extenso, que o sol alumia milhões de mundos; mas a sciencia tem fructos amargos.

Não vos conheço bastante, meu leitor, para me animar a fazer-vos a confidencia de qual o meu sentir sobre a minha ignorancia de então ou a minha pobre sciencia de hoje, qual a felicidade e paz da minha aldêa natal em comparação o viver agitado, e mundo largo, em que ao depois me atirei e onde vivo.

Lede-me outra vez. N'este artigo, *ao voar da penna*, encontrareis alguma cousa de intimo e secreto, que talvez diga respeito á vossa situação.

Os passaros emigrados são uma realidade no mundo moral. Como o passaro, que abandonou a sua floresta, é o desventurado que largou a querida terra da patria.

R. D'A.

TYP. DE F. A. DE ALMEIDA rua da Valla n. 141.

A SAUVAGE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 24 de Fevereiro de 1856.

N. 3

LITTERATURA.

A Igreja de São Joaquim,

O COLLECIO DE PEDRO II.

I

A epopeia das nações, a chronica dos povos e a historia das grandes cidades deve ler-se nos seus monumentos ; porque o espirito das nações, porque a indole dos povos, porque a civilisação das cidades ha de revelar-se n'esses hyreoglyphicos de pedra, que ideou o poeta, que escreveu o chronista, e que symbolisa o artista.

Assim, no mosteiro da Batalha, lê-se a epocha cavalleiresca de D. João I, no de Belém a expedição da Índia, no de Mafra essa epocha sumptuosa, fradesca, e hypocrita de D. João V. na moderna Lisboa, e na sua estatua equestre o reinado severo e grave do severo e grave marquez de Pombal.

Tambem no Brazil cada igreja, cada mosteiro, cada monumento revelam as differentes epochas da historia de trezentos annos.

O convento e a igreja são o *alpha* e o *omega* da historia do Brazil; é no convento e na igreja que se deve estudar a chronica intima de um povo aventureiro, colono, cavalleiresco, de ambição com requinte de cobiça, livre em costumes, dissoluto até ; mas uniforme em relação ao convento e á igreja. Do confissionario e não do gabinete do capitão general, da igreja e não do tribunal da justiça, da estola e não da espada é que o povo recebia o impulso da sua civilisação, e a reforma de seus costumes : o sermão era a letra viva da lei, a provisão illudia-se, menoscabava-se até. O padre Vieira com a palavra, e amortalhado na sua roupeta negra de jesuita, exerceu mais poder que todos os vice-reis, com suas provisões fundamentadas, com suas fardas douradas, e deslumbrantes pelo brilhantismo do poder real.

E' pois nos monumentos, e não nos codices, que especialmente o historiador deve buscar decifrar a solução das differentes phases politicas de uma nação ; é nos monumentos, ainda, que elle deve dessecar, com o escalpelo da hermeneutica, os factos, a indole, o viver e crer das gerações defunctas. Quem por exemplo quizesse affêr e contrastar a influencia politica dos vice-reis, e a ascendencia theocratica das ordens religiosas deveria estudar os monumentos do Carmo, de São Bento e de Sancto Antonio, vastos, sumptuosos, artisticos, quanto era possivel sel-o n'esse tempo, com o paço civil, acanhado, de proporções em miniatura, mal ousando sahir dos alicerces : as náos dos quintos, que levavam milhões para o convento de Mafra e para as dissipações do Luiz XIV portuguez não deixavam uma duzia de mealhas nem para erguer mais um lanço de parede, quanto mais para decorar a residencia dos representantes do poder real : a devoção dos fieis, dos crentes até ao fanatismo, manifestava-se em largas esmolas e ricos donativos ao convento e á igreja, ao culto e ao poder theocratico, o scepticismo politico, que já então lavrava sob diversa forma do de hoje, negava os direitos ao fisco, negava-se ás contribuições : dava tudo a Deos e nada a Cezar : guiava-se pelo baculo e não pelo bastão, obedecia ao capuz, e pouco se importava com o chapeo implumado do general governador.

II

Entre os muitos monumentos, que no Brasil attestam e justificam esta phisionomia politica e moral da sociedade do seculo passado, e dos dois anteriores, avulta a igreja e seminario de São Joaquim, hoje — **IGREJA DE SÃO JOAQUIM E COLLEGIO DE PEDRO II.** Esse monumento, que por tantas transformações tem passado, essa igreja que já resou os canticos religiosos ; e repercutio as blasphemias de uma soldadesca grosseira terá em breve de desabar aos golpes do alvião

e da picareta do inconoclasta, que, em nome da industria e da civilização material, vai condemnar ao desapparecimento essa pagina importante da historia monumental do Brasil, a mais importante talvez, porque a esse edificio liga-se o primeiro verbo, o primeiro *fiat lux* da nossa educação e illustração.

III

Uma idéa generosa, um pensamento evangelico de civilização presidio á fundação do COLLEGIO DOS MENINOS ORPHAOS. Um dos mais queridos e saudosos prelados, que tem honrado a igreja fluminense, o virtuoso e illustrado D. Fr. Antonio de Guadalupe foi quem concebeu, quem lançou os primeiros alicerces, quem deu importancia e vida a esta philantropica e caridosa instituição.

Para melhor se avaliar o pensamento do illustre prelado transcrevemos as proprias palavras da sua provisão de 8 de Junho de 1739.

Provisão Episcopal de 8 de Junho de 1739 instituindo um Collegio de meninos orphãos n'esta Cidade do Rio de Janeiro.

Dom Frei Antonio de Guadalupe, por Mercê de Deos e da Sancta Sé Apostolica, Bispo do Rio de Janeiro, do Conselho de Sua Magestade que Deos Guarde, &c.

A experiencia que temos de que n'esta cidade e seus contornos, se perdem muitos moços, que, ficando orphãos de pai em tenra idade, não tem quem os instrua nos bons costumes, e nas artes, em que podem aproveitar-se e viver christã e religiosamente, n'aquelles empregos ecclesiasticos, ou seculares, para que tiverem genio e prestimo: nos tem movido a procurar remedio para este damno, não só por meio de um Seminario, a que temos dado principio na fórma do Sagrado Concilio Tridentino, mas tambem por meio da instituição de um Collegio, em que sejam recebidos e creados meninos orphãos de paes pobres e desamparados de criação, os quaes no dito Collegio sejam instruidos na doutrina christã, ler, escrever, e na lingua latina, musica e instrumentos, como tambem nas funcções ecclesiasticas, de que podem ser capazes. Por tanto, em nome d'aquelle Senhor que foi servido dar-nos esta vontade, instituímos n'esta cidade do Rio de Janeiro um Collegio para criação dos meninos orphãos nas costas da Igreja de São Pedro nos chãos que se compraram ao Padre

Manoel Marques Esteves, com porta para a mesma Igreja, por detraz da capella-mór, juntamente com as casas que ao lado da mesma Capella estão fabricadas, e em quanto possa ser necessario para complemento da morada do mesino Collegio os quaes assistirão no côro da mesma Igreja, rezando com os capellães d'ella. E terão um sacerdote que nós, ou nossos successores escolherem e deputarem de boa vida e costumes, o qual terá cuidado de crear os ditos meninos ensinando-lhes a doutrina christã, e o santo temor de Deos, e os que não souberem ler, escrever e contar; e depois d'isso mandará ensinar a lingua latina, a rezar o officio divino e ceremonias da Igreja, como tambem musica e tocar instrumentos pertencentes a ella, segundo vir a capacidade de cada um. E em tudo se conformarão, com o que se observa no Collegio de Meninos orphãos da Cidade do Porto, excepto na sujeição do dito Collegio que fica pertencendo ao ordinario, com cuja licença serão recebidos os meninos de pouca idade, e christãos velhos e que sejam brancos de geração, e de nenhuma sorte mulatos; porque como se hão de criar para o estado ecclesiastico, tendo para isso prestimo e vocação, devem ser de idade em que possam ser instruidos nos rudimentos da vida ecclesiastica, e juntamente de sangue, porque d'ella não sejam excluidos. E para constar d'esta nossa instituição mandamos passar a presente por nós assignada e sellada com o sello das nossas armas, n'esta Cidade do Rio de Janeiro aos oito de Junho de mil e setecentos e trinta e nove annos. Eu José da Fonseca Lopes, escrivão da Camara Ecclesiastica, subservei.

ANTONIO — Bispo do Rio de Janeiro.

(Continúa.)

A Creação e o Philosophismo.

No principio, antes que houvesse dia, nem noite, nem tempo, criou Deos o céu e terra; porém a terra estava informe e vasia, e o mundo todó sepultado em um abysmo de trevas. O espirito de Deos fecundava as aguas que envolviam a terra. Disse então Deos: «Faça-se a luz;» e a luz foi feita. E chamou Deos á luz dia, e ás trevas noite, e d'este modo se fez o primeiro dia que houve no mundo.

(Historia Sagrada. ROQUETTE.)

A criação do universo, a existencia do Ente Supremo, e do espirito humano, a necessidade

d'uma Religião, o peccado d'origem, etc., são verdades augustas herdadas com o ser, luzes que Deos accendeu na alma do homem, e que nem mesmo hão conseguido marear, nem amortecer, os erros de Leucippo, Demócrito e Empédocles, nem o scepticismo de Pyrrho, nem as aberrações de Voltaire, nem finalmente os paradoxos de quantos pseudo-philosophos intentaram impugnar estes dogmas cardeaes da humana essencia. Trataremos, por agora, sómente d'esse portentoso phenomeno — a Creação — e diligenciaremos confirmar com o auxilio d'eminentes philosophos e geologos, a veracidade do texto Moisaico, no Pentateuco, debellando assim os botes da impiedade, que faz depender do acaso esse primeiro acto do drama da natureza.

Champolion, Humboldt, Frereto, Paravey, e todos os geologos illustres, que tem profundado o estudo da natureza, para n'ella descortinar o expesso véo da historia dos passados seculos, asseveram unisonos, que as paginas do Genesis, são já phrases inspiradas, ora factos extrahidos de tradições puras remanescentes nas recordações da geração que o cercava, ora acontecimentos, que um historiador contemporaneo fiel e consciencioso registrava, ao passo e na ordem em que succediam. E' certo, to lavia, abstracção feita d'opiniões isoladas, que todas as nações possuíam suas cosmogonias privativas, que todavia s'aproximavam em mais de um ponto. A opinião dos Atonistas, que ensinavam ser o mundo o resultado fortuito da conjuncção d'atomos disseminados no espaço: a dos Pythagoricos, que julgavam o mundo sempiterno, o que equivale dizer, que não tivera principio, e que sempre existira; o systema d'Anaxuriandro, etc., não crearam adeptos entre os povos Orientaes. Ahi, no berço da raça humana, na terra classica dos Mystérios de nossa crença, todos combinam em assignar a criação do mundo, ao Ser Eterno, — *Bhagavan* — que encerra em si a universalidade dos mundos das formas e das vidas, e *Brahma* o architecto incumbido pelo Eterno, de crear e organizar o universo visivel. As Cosmogonias do Oriente, se bem que mais completas que as do Occidente, por isso que mais se conformam com a letra do Genesis, não deixam d'involver absurdos, provenientes da adulteração das tradições primevas. Em algumas cosmogonias orientaes, em vez de *Baghavan* é *Siva* ou *Vichnou*, principio do calor e da luz, que executa as funções de Grão-Crea-

dor. Ahi; Vichnou reclinado n'uma folha de figueira, ou sobre os aneis da grande serpente, nadando á tona d'agua e sahindo-lhe do ventre um ramo de loto, no calix de cuja flôr, apparece sentado *Brahma*, o obreiro completador da criação, — será poetico, será tudo, mas não é tão grandioso e sublime, como a cosmogonia da Biblia. Os naturalistas do seculo XIX, por meio d'um acurado exame, sobre as diversas stratificações do terreno, que se deparam nos intersticios da terra, convenceram-se, de que a narração Genesiana tem o caracter incontestavel da verdade. As locubrações d'esses philosophos illustres derrocaram, anniquillaram mesmo as theorias bastardas de *Demaillett*, *Leibnitz* e *Buffon* e os erros d'*Epicuro* e *Anaxuriandro*.

As subversões do globo, os cataclysmas, os detritos das plantas e os fosseis de diversos animaes, segundo se acham descriptos pelo historiador dos Hebreus, coincidem com o resultado de suas investigações geologicas. O illustre *Champolion* demonstrou até a evidencia, que essa antiguidade fabulosa, que os Egypcios em sua stolidia vaidade d'autochtonia, attribuiam ao Zodiaco de *Denderah*, era posterior ao reinado de *Tiberio*. *Callisthenes* e *Cuvier* refutaram exuberantemente esse periodo vastissimo d'observações astronomicas, que os Chaldeus s'arrogavam. Os proprios livros judeus lhes negam os 120 saes ou 432,000 annos, desde Aloro seu primeiro rei, até *Xysuthro*, isto é, desde sua origem até o diluvio. Segundo elles, o imperio de Babilonia data da 5.^a geração depois do diluvio, e deve sua fundação a *Nemrod*.

Identicamente, se ha vantajosamente impugnado a objecção d'aquelles, que opinam ser insufficiente o espaço de seis dias, para a consummação de phenomenos tão estupendos, nos astros e nos elementos, como os que acompanharam a obra grandiosa e sublime da criação do mundo.

Os que opinam dest'arte, abusam da accepção, que ahi encerra a palavra dia, que se não deve tomar pelo lapso de tempo, intermediario entre o nascimento do sol e o seu occaso, porém, sim, por um espaço indeterminado; accepção que abalissados polygraphos reconhecem caber a este vocabulo, assim no Hebraico, como em todas as linguas orientaes. *Berzellio* fez ver com lucidez, aos que negam a possibilidade da vegetação sem o sol, que para se manifestarem os phenomenos,

que constituem a vida vegetativa, requer-se (1) 1.º que a semente se ache em contacto com um corpo humido, 2.º achar-se n'uma temperatura superior a 0, e sem que exceda 30 grãos, 3.º estar igualmente em contacto com o ar. Tresnel, accrescenta, que a substancia da luz tem uma existencia independente do corpo luminoso. Roset em sua geognosia demonstra, que o diluvio estava longe de ser uma creação mythologica, como o figurava o philosophismo, e que as diversas parcelas de terra diluviana, se deparam sem discriminamento nos pincaros das montanhas, como nas veigas e planuras. Do que levamos exposto, conclue-se; que os sophismas da falsa philosophia que, assentados contra o primeiro livro do Pentateuco, epopea sublime da creação, se acham pulverizados pelo gral da geologia, d'essa sciencia infante, mas robusta, que vai pedir ao seio da terra o segredo da infancia da natureza, e a historia no nascimento do homem. Deprehende-se mais, que d'entre todas as cosmogonias existentes, a unica a prol da qual milita a consentaneidade com as investigações scientificas dos naturalistas modernos, e por consequencia, a unica que reune a veracidade, é aquella que o legislador d'Israel nos legou no Genesis. Os Judeus professavam para com a narração de Moisés, uma veneração igual á que tributavam ao Endecálogo, e aos dogmas essenciaes de sua crença. Finalmente; a lembrança da catastrophe universal e da regeneração da humanidade, não póde ser um mytho, adrede inventado, porque essa tradição além de confirmada pela sciencia, se acha como diz Poirson, na Chaldea, no Egypto, na Assyria, na Etruria, na Grecia e na China, onde Yao, seu mais antigo Imperador, é representado occupando-se em esgotar as águas

Lançai agora um pouco os olhos sobre o livro do mais sabio entre os legisladores. A primeira estancia d'esse poema sublime, é o Fiat do Eterno, é a vivificação da natureza, a incarnação e animação do homem; a ultima é a expiação dos descendentes de Caim, infligida por um Deos de justiça — o Diluvio. —

Contemplai por um pouco o primeiro homem, que o Eterno bafejára com sua respiração vivificante, n'esse Eden maravilhoso, onde se agrupavam as arvores mais frondosas, as flôres mais

(1) Jesus Christo perante o seculo.

agradaveis, as aves de plumagem mais bella, e de gorgeio mais doce, e os pomos mais gratos, elle, o primeiro homem, dominador exclusivo de tantas maravilhas, gosar-as sem fadigas, e para complemento das venturas já tão innumeras, apparece Deos, e diz: « Não é bem que o homem viva só; façamos-lhe uma companheira, semelhante a elle, que o ajude em suas occupaões. » Apoz o que, infunde um profundo somno a Adão, tira-lhe uma costella, transmuda-a em mulher e quando elle acorda, diz: *Eis aqui agora o osso de meus ossos e a carne de minha carne; por amor d'esta deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dous n'uma mesma carne.* » Depois, a traição da serpente, a queda do homem, a piedade d'Abel, a impiedade de Caim, — o primeiro assassino — a ruina da humanidade decretada pela sabia justiça de Deos, em castigo de seu endurecimento e impenitencia, alfim, essa inundação por sobre toda a superficie do globo, durante quarenta dias e quarenta noites, todas as creaturas engulidas em sua voragem, e Noé, o unico achado puro ante o Altissimo, salvo na Arca, para reparação do genero humano. Oh! meu Deos! como sois grande, vós o author de tantos prodigios, como sois sabio, vós o creador da immensidade de mundos, que se agitam no espaço, n'uma ordem admiravel e constante!!!

— E com tudo, ainda ha homens, que não vendo na natureza senão causas contingentes e phenomenais, não sabem ou não querem remontar a uma causa necessaria e primordial. Elles observam a ordem e belleza da natureza, e não vêem Deos, detraz d'essas obras magnificas. O' vergonha! quando deixarão os discipulos d'Epicuro e Spinoza, d'empestar o mundo com suas insidiosas doutrinas!!!

Resende, 1 de Janeiro de 1856.

DELPHIM AUGUSTO MACIEL DO AMARAL.

Paginas intimas.

III

O MENDIGO.

Dai-me uma esmola, Srs., e Deos vos recompensará!... Nada. Em vão estendo a minha debil e tremula mão — passam todos, nenhum pára, nenhum escuta a supplica do pobre mendigo!... Dai-me uma esmola, Sras., e Deos vos recompen-

sará! Também nada! Oh! meus filhos.... meus pobres filhos!... E o mendigo, coberto d'andrajos, e pallido como a morte, guia seus vacillantes passos para outro lugar, um pequeno raio d'esperança o vem reanimar. Vamos, disse elle, nem todos estes a quem hei implorado uma esmola ficarão surdos aos meus lamentos! Algum verá, pela magreza das minhas faces, e pelo encovado de meus olhos que a fome... a medonha fome imprime sobre mim suas terríveis garras. Algum d'elles verá as minhas carnes encobertas com os miseraveis andrajos da pobreza, e a compaixão e dôr se misturará com o meu pranto. E um sorriso d'esperança paira nos labios do mendigo. Passa muita gente, os carros cruzam-se, os cavallos encontram-se, mas as supplicas do pobre vão morrer no espaço. Uma esmola, Sr!... E o homem passa lançando ao mendigo um olhar de impaciencia.

Uma esmola, minha senhora! E a mulher — joven ainda, passa também, e com um gesto d'enfado se aparta d'ali — Uma, duas, quatro, vinte pessoas ouvem o mendigo, mas nenhuma pára. Tudo é assim, diz este amargamente; oh! eu também como elles fui rico já, mas nunca os imitei. Repartia com os pobres aquillo que Deos me concedera, nem um só bateu á minha porta que deixasse de ser soccorrido. Eu era moço então e podia trabalhar, mas não pensei no porvir, nem na pouca estabilidade das cousas d'este mundo. Viá por um prisma, e tudo se me figurava brilhante e adornado de lindas e attrahentes côres. Castigar-me-hia Deos? não o creio. Elle é justo e bom, lê em todos os corações, e o meu jámais alimentou a vaidade ou o orgulho. Fui imprudente, nada mais! Hoje deploro a levianidade com que tratei aquillo que merecia as minhas attensões, todos os meus cuidados.... Se elles adivinhassem e podessem ler em meu coração — oh! verião com magoa talvez que estendo a minha mão vergonhosa e a tremer. Não porque um pensamento de soberba m'atrasse o espirito, mas porque já fui oppulento — já gosei do que elles gosam agora. Uma natureza mais fraca que a minha cederia de prompto aos embates da sorte, procurando no suicidio as consolações e o fim a seu triste fado. Eu não, eu jámais cederei, a religião dá-me a paz de espirito, e minha mulher — meus filhos fazem com que eu ame a vida.... Passae pois, não me deis a esmola que vos peço, mas não me interrogueis.... Uma esmola, Sr.... Este encarou-me como todos os outros, mas surpreendi-lhe um gesto de espanto! Conheceu-me,

oh! eu também o reconheci. Foi pobre, mas a ambição matou-lhe todos os sentimentos de honra e virtude com que o conheci na mediocridade, quiz ser rico, porém porque preço? A sua fronte curva-se ao peso da marca infamante que a opinião publica lhe imprimio, e mais d'uma vez os remorsos virão perseguil-o.... Uma esmola.... Tomae, meu amigo, eu sou pobre também, mas o pouco que tenho devo repartil-o com aquelles que necessitam mais do que eu.

E o homem — o primeiro que se lembrára do mendigo n'aquelle dia, retira-se apressado, para fugir aos agradecimentos d'este....

Louvado seja Deos; tenho com que comprar o pão de hoje para meus filhos. Este ouviu-me. E' pobre também, mas o ar impuro das cidades não manchou seu bom e sensível coração. O rico, e são tantos, não se lembra do dia d'amanhã. Para que?... E o mendigo affasta-se d'ali com passos lentos e compassados, e vae ao miseravel casebre em que se abriga da intemperie das estações, erguer ao Creador votos de humildade e reconhecimento....

Rio, 21 de Fevereiro de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Mathilde.

II

CONVERSAÇÃO.

Fez-se o embarque, e em breve a barca impellida por quatro vigorosos braços cortava o rio em direcção á margem opposta. Dez minutos depois os viajantes estavam em terra, montavam a cavallo, e seguiam pela estrada que conduz pela margem á villa da Fulgosa. Bôa viagem, Sr. gritou o barqueiro do rio, com aquelle accento de voz semelhante ao dos naturaes das ilhas dos Açores. Agora que nos achamos na estrada, continuemos, se lhe aprás, a conversação que interrompemos ao entrar na Regua, disse o doutor para o viajante, gordo. Para quê? Fizeste juramento de contrariar-me em tudo, e discutes com sophismas um ponto que deveria ser tratado leal e francamente. Por certo, meu tio, jámais consentirei que Vm., por causa das malditas conveniencias, guerrêe a causa dos mancebos, defendendo a dos velhos. Custa a crer que Vm. approve de uma maneira tão positiva o projectado casamento da filha do doutor

Rego ! Que ha n'isso d'espantar ? O noivo é rico, Luiza tambem ; o pai d'esta está mortinho que elle se leve a effeito, porque entende que sua filha vae bem com o meu amigo Tristão ; não sei pois por que não devo approvar esse casamento. Sim, tudo isso é muito bom, e bem raciocinado, comtudo Luiza tem 20 annos, e o brasileiro 50. Parece ter apenas 35 ou 40. Usa de chinó : prova de que é careca. Tem dentes artificiaes: nada mais natural, os outros cahiram-lhe. E' feio: nem tanto como dizes. E' um simplorio ; mas tem dinheiro, pateta ! Seja o que lhe approuver, exclamou o doutor um tanto impaciente ; póde defender o brasileiro com sua costumada eloquencia, mas convencer-me, nunca ! Sou moço, e como tal advogarei a causa d'aquelles nas minhas circumstancias. A velhice, meu tio, é egoista, e Vm., que tem seu tanto d'este defeito, declára-se campeão de um tal pretendente á mão da encantadora Luizinha — a *Rosa branca*. Como ? chamas a Luiza encantadora, e n'unca a viste ! oh ! oh !... E' o mesmo, fizeram-me o seu retrato, e penso que este elogio é bem merecido. Vês, meu irmão, disse o rusguento tio fallando com o viajante que occupava o centro, e que até ali guardára absoluto silencio ; vês como os bancos da Universidade fazem os rapazes orgulhosos de seu saber. Eis aqui teu filho que pensa ter mais experiencia do mundo do que eu ; e porque ? porque as illusões da mocidade já passaram, e não conservo d'ellas mais que uma vaga recordação. Vivam pois as illusões, e aquelles que as alimentam ! Deixem-se d'essas questões, respondeu o pai do doutor ; que interesse temos nós que o doutor Rego case sua filha com Paulo, Sancho ou Martinho ? ! Deixal-os lá ; comtudo, meu irmão, permite que te observe ; pensas mal, Henrique tem razão em revoltar-se contra as tuas idéas, por que no meu entender esse casamento, a effectuar-se, fará a desgraça da filha do doutor Rego, o que muito sentirei, porque é uma menina digna de ser feliz e respeitada. Obrigado, meu pai, atalhou Henrique, com voz commovida ; eu tinha convicção de que Vm. era do meu parecer, por isso é que tenho-me abtido de perguntar-lh'o. Seria uma inconsequencia da minha parte dizer que tenho mais experiencia do mundo, que meu tio ; comtudo tenho a precisa para conhecer que esses casamentos produzem pessi nos resultados... E Vm., meu tio, não insista mais sobre este ponto, do contrario dar-me-ha lugar a crer que tem desejos de casar-se tambem, e com uma mulher

nas circumstancias de Luiza. Basta, Sr. doutor, tem muita razão ; eu é que sou um asno em envolver-me n'estes negocios. Ah ! Sr. Tristão, quanto custa a ganhar um papagaio ! Como é isso, meu tio ?... Sim, o brasileiro prometeu-me um papagaio com a clausula de que eu o auxiliaria em seus projectos amorosos. Ambicionando o animal, tenho-me cansado para destruir a impressão que a nova de suas amorosas tendencias tem produzido no espirito d'algumas pessoas sensatas d'estas visinhanças. Mas desgraçado de mim ! tenho irritado os animos d'esses individuos, serei um dia apedrejado, e não terei o papagaio ! Oh ! desgraça !... Henrique ; conheces o sobrinho do brasileiro ? Não, meu tio ; sei apenas que é dotado de um caracter como ha poucos. Alegre, extravagante e mordaz, outras vezes triste e sombrio ; este ganha de qualquer dos modos a estima publica ; e aquelles que o censurão elogiam-no ao mesmo tempo. Estou impaciente por conhecer um tal original ; por que sempre sympathizei com estas naturezas expansivas e voluveis. Dizes bem, Henrique ; esse rapaz tem seus defeitos ; porem é dotado de um coração generoso, e para o qual jamais se appellará em vão. As raparigas mesmo, que pódem dizer muito a seu respeito admiram-no, e mais de uma me dizem, tem ido visitar bem longe uma prima, uma tia ou uma amiga. Consta-me tambem que Carlos disputa a seu tio a mão da linda e interessante Luiza ; porem o doutor jámais consentirá em tal, apesar da pronunciada sympathia que mostra ter por Carlos. E Luiza ? Não sei, nunca lhe sorpreendi o menor signal de intelligencia ; mas a mulher, mais que ninguem, sabe moderar suas impressões, encobrir a verdade sob um véo expesso e impenetravel ; diz-me o coração que ella ama a Carlos não obstante fugir-lhe, e mostrar n'apparencia que lhe é indifferente. O que acaba de dizer meu tio, mais me desafia a curiosidade e impaciencia ; e uma vez que Vm. tem convicção de que Luiza ama Carlos não sei, mas creio que lhe servirei d'auxiliar. Estamos longe da quinta ?

Não, por que chegamos. E com effeito, o tio de Henrique, que conservava sempre a dianteira, apeava-se em frente ao portão de uma elegante casa de sobrado, a qual é situada na margem do rio, e a um tiro d'espingarda da Fulgosa. Os tres viajantes entraram por um grande portão que se achava aberto, e no mesmo instante um creado

tomava conta dos animaes. Boas tardes, meus Srs., disse elle com essa liberdade de servo querido da casa; chegam a proposito, por que o Sr. doutor acaba de dizer que não contava mais com a sua visita. E' uma bella surpresa que lhe preparáram. Affonso, quem está com o doutor? perguntou o viajante gordo, sacudindo com um lenço de seda a poeira de suas botas. O brasileiro, o Sr. Carlos, e no corredor encontrareis o preto d'este, que parece ter feito juramento de jamais o abandonar. E' a sociedade do costume, disse o primeiro interlocutor; subamos. Os tres personagens encaminharam-se para um extenso corredor com quartos d'ambos os lados.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

POESIAS.

Despedida.

AO MEU AMIGO O POETA BERNARDINO PINHEIRO
EM VIAGEM PARA LISBOA.

Poeta, da vida no fulvo horisonte,
Deixaste essa patria qu'o céu nos doou...
Deixaste esse berço, que grato em seu seio
A infancia risonha, te lida embalou!

Deixaste, saudoso, da Lisia essas praias,
Banhadas por ondas de fino christal;
Qu' a mil se revolvem de teu qu'rido Tejo
No leito espaçoso, fluente e caudal.

Deixaste esse clima puro, amenisante,
Que a musa inspirou-te tão cheia d'amor;
Teus entes mais caros, em fim, sobre a terra
Deixaste envolvidos em pranto de dor!

Sulcando o Amphitrite, vieste, poeta,
O pão bem amargo do exilio comer!
E sob os ardentes tropicos da America,
Sentidas endeixas na lyra tanger.

Distante das plagas que a vida te deram
Que viram teu ledô primeiro sorrir,
A c'roa de louros vieste, ó poeta,
Tão joven ainda na fronte cingir!...

São flores viçosas, essas que esparziste
No solo que grato te soube hospedar...
São roxas saudades, mas cheias d'encantos,
Que a patria amisade te soube inspirar.

Agora partiste... não foi longo o tempo
Qu' a Lisia adorada carpio tua ausencia,
Neptuno em seus braços te leva outra vez,
A n'ella fruires propicia existencia...

Partiste, mas ah! deixando no exilio
Irmãos, que te davam amor e amizade,
Irmãos que em distancia jamais deixarão
De carpir sentidos a tua saudade.

Rio de Janeiro, 7 de Fevereiro de 1856.

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

O Seducitor.

A' meiga donzella imprudente, inexperata,
Fallaz seductor os seus laços armou;
Jurou-lhe que a amava, em seus braços a aperta
Gozou-a, fugio-lhe, p'ra sempre a deixou.

Deixou-a por outra, que vio ser mais bella
Por outra a quem vai tambem enganar...
Deixou-a perdida, e da pobre donzella
O infame está rindo, outro amor a gozar.

Que importa que a triste, chorando e gemendo,
Seus dias amargos na dor vá findando?
Que importa que a misera, a esperança perdendo,
Se lance em viver, vergonhoso e nefando?

Que importa se lance em viver depravado,
Que a pobre se fine, mirrada de dor?
Que importa se perca... se já o malvado
Colheu a innocente, e angelica flor?

Que importa que morra?... o remorso cruento
Em orgias infames vai elle apagar:
Que importa, que a triste só viva em tormento
Se d'outra o amor está elle a gozar?

Rio de Janeiro, 25 de Setembro de 1855.

EUGENIO ARNALDO DE BARROS RIBEIRO.

Minha sorte.

Quem sou eu ? Qu'importa; quem?
 Sou um trovador proscripto.
 Que trago na fronte escripto.
 Esta palavra : — Ninguem!

A. E. ZALUAR.

Onde estou ? Onde é que habito ?
 Sobre a terra o que cogito ?
 Que fiz eu ? qual meu delicto
 P'ra tantas penas merecer ? !
 Quem sou eu ? Que nome tenho ?
 Carregando sempre o lenho
 Do martyrio mais ferrenho
 Sem meu destino saber !

Onde estou ? desdito amante,
 De minha patria distante ;
 Estranho a tudo incessante
 Que m'envolve e me rodeia....
 Carpindo, qual passarinho
 Qu'abandonou pais e ninho,
 E agora triste, louquinho
 A chilrar triste vagueia.

Onde é que habito ? descrido,
 N'um solo desconhecido ;
 Vagando n'elle perdido
 Qual no deserto o leão !
 Sem uma mão caridosa,
 Que me guie pressurosa
 N'esta senda tortuosa,
 Por ternura ou compaixão !...

Sobre a terra o que cogito ?
 Tão desgraçado proscripto,
 Eu, qu'o fado agro e desdito
 Sempre a meu lado encontrei,
 N'esta senda em que caminho,
 Entregue a meu mal sósinho,
 Se mais ando mais definho
 O que cogito nem sei !...

Que fiz eu ? mancebo errante,
 Triste cantor delirante,
 Que delicto degradante
 Pude acaso commetter ? !...
 Ah ! nenhum é minha sorte
 Sem esperança e sem norte
 Entre torturas de morte
 De continuo heide viver.

Quem sou eu ? ai ! vida minha !
 Sou uma tenra folhinha,
 Que succumbe pobresinha.
 Ao vendaval bravejante !
 Dura lage despenhada
 Por uma encosta quebrada
 D'escolho em escolho rojada
 Sem um remanço d'istante.

O meu nome ? malfadado,
 Eu, que nem siquer me é dado
 Trazer na fronte estampado
 Um sorriso pransenteiro,
 Em minha voz tão gemente.
 Um ecco que nem se sente...
 Só da turba-ao som ingente
 O meu nome é : — Estrangeiro !

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

A innocente.

Entre os afagos queridos
 De teus pais, ó creatura,
 Te correm e bem serenos
 Hoje os dias, de ventura.

Os males que n'esta vida
 Com a mortal existencia
 Nós soffremos, não te chegam
 N'esse teu ser d'innocencia.

Mal que a natura um desejo
 Exposto em ti, ó teus pais
 Te conhecem, e te dão
 Logo o que necessitais.

Um sorriso que desprendes
 Dos teus labios, lhes parece
 Uma faisca divina,
 Que reflecte e doce aquece...

O coração consolado
 D'elles para o céu s'inclina :
 Ao Senhor dando mil graças
 Dos teus encantos, menina.

Queira Deos que sempre sejas
 Feliz assim, innocente ;
 Que os annos te não desformem
 A condição do presente.

Fevereiro 17 de 1856.

BARBOSA DE CASTRO.

A SAUVAGE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 2 de Março de 1856.

N. 4

LITTERATURA.

A Igreja de São Joaquim,

O COLLEGIO DE PEDRO II.

IV

Esta instituição foi especialmente consagrada á educação e instrucção de meninos orphãos, mas foi este um facto, que actuou sobre o movimento civilizador da sociedade de então, porque os favorecidos da fortuna sentiram a necessidade de doar a seus filhos a herança sagrada da perfeição da alma e da cultura do espirito.

A 20 de Outubro de 1739 foram publicados os estatutos do Collegio: elles são um documento incontestavel da sabedoria do illustrado prelado; elles são um codigo de maximas salutaes, de disposições providenciaes sobre a educação, e instrucção feita á sombra do altar, escudada pelo evangelho, e guiada pelo espirito do catholicismo.

Vejamos as proprias palavras do seu primeiro artigo.

« Por quanto a natureza humana, que, na culpa de Adão, perdeu toda a boa ordem, e harmonia ficou sempre tão propensa aos deleites do corpo, como inclinada ao mal, quão proveitosa, quão util, e quão necessaria seja ao mundo a boa educação dos filhos, a mesma natureza no vinculo do matrimonio, em que unio inseparavelmente os pais, constantemente o ensina e manifesta. — O bom principio e grande parte da obra em qualquer arte, ou artefacto, e a boa instrucção da mocidade, é o melhor fundamento, e muito mais necessario na fabrica das virtudes. Toda a felicidade das republicas, toda a concordia dos povos, toda a reforma da Christandade, todo o lustre das Igrejas, e toda a observancia das religiões tudo depende da boa criação dos filhos. Com esta os tribunaes se animam, os canones se observam, as leis se vigoram e rectificam, os vicios se desterram e as virtudes se plantam, fal-

tando porém esta, por demais são as pragmaticas, inuteis são os decretos, e frustrados todos os rigores ou penas da justiça; porque se a natureza foi na infancia pervertida, se foi com o leite dos máos costumes relaxada, tão inepta, tão adversa e tão contraria ficou aos sequitos das virtudes, que ou nunca, ou raras vezes chega a perder os habitos viciosos na mocidade contrahidos. Este fim tão pio, tão heroico e tão santo, canonisado com universal authoridade do Sagrado Concilio Tridentino sec. 33 cap. 12 de refor. tem sido a causa, de muitos Seminarios e utilissimos Collegios que em beneficio da Religião Christã se erigiram e sustentam com esmolas dos fieis, e piedade dos Principes, e com o mesmo instituimos agora este Collegio dos meninos orphãos de S. Pedro, esperando da devota piedade dos fieis, que, com suas esmolas os soccorram, para que venham a conseguir todo o augmento, todo fructo e toda a felicidade que no serviço de Deos e utilidade do proximo que se póde esperar e desejar. Mas por que é preciso, que sejam não só instruidos nas artes liberaes como tambem, e muito principalmente, educados nos bons costumes e virtudes, supprindo a Igreja com o magisterio da doutrina a falta dos pais da natureza, ordenamos por lei e estatutos do sobredito Collegio os capitulos seguintes, os quaes o reitor fará observar christã e religiosamente, levando sempre o temor de Deos diante, com aquelle mesmo zello e fervor do seu principio e fundação, indo sempre pelo caminho da virtude para boa educação dos meninos e para maior honra e gloria de Deos Nosso Senhor.»

V

Os pormenores do regulamento resentiam-se da severa disciplina monacal. Quasi todos os exercicios espirituaes, as horas de instrucção e de recreio eram o fiel transumpto d'essa disciplina por excellencia, que reinou nos claustros, e onde posteriormente se desrancou, e se transformou na mais escandalosa e grosseira licença.

A recepção do habito, especialmente, era inteiramente segundo o rito monacal.

« A fôrma do habito, diz o 3.º art. do cap. 1.º dos estatutos, será de panno branco com uma cruz vermelha no peito, e quando o reitor lh'o lançar a primeira vez, o benzerá na capella, em communidade, mas com a porta fechada, e sem assistencia alguma de gente de fóra. Aqui lhe dará por sobrenome a vocação d'algun sancto que o menino escolher por sua devoção, porém de tal sorte que senão equivoque uns com os outros, e no fim do acto lhe cantará a communidade o hymno — *Veni Creator Spiritus* — com o seu verso e orações.»

Mais tarde, a requerimento dos seminaristas, e com informação do respectivo reitor, o trajo collegial passou a ser preto, côr mais propria e adequada aos destinos do estabelecimento e dos alumnos, que se denominavam **ORPHÃOS DE SÃO PEDRO**, e que sob a direcção reitoral do padre Sebastião da Motta Leite, estavam isentos da jurisdição parochial, o que, em direito canonico, era uma garantia, e uma immunição ao estabelecimento.

VI

Como dissemos era junto á igreja de São Pedro que se havia estabelecido o collegio. Mas n'uma aria acanhada, no centro do bulicio d'uma cidade já então de grande trafego commercial; a disciplina e o progresso do estabelecimento resentia-se d'esses inconvenientes; a mudança era a cada dia e a cada hora reclamada: e ella se verificou.

O piedoso Manoel de Campos Dias havia erigido com faculdade do Ordinario em provisão de 14 de Janeiro de 1758, e fundado a 8 de Agosto do mesmo anno uma capella da invocação de São Joaquim: esta capella foi doada ao collegio dos **ORPHÃOS DE SÃO PEDRO**: e como a localidade era a mais asada para o repouso e silencio que deve reinar em casas de educação, para ali se effectnou a mudança do primitivo collegio em principios de Dezembro de 1766; e d'ahi em diante os *Orphãos de São Pedro* passaram a se denominar **ORPHÃOS DE SÃO JOAQUIM**.

O estabelecimento, assim montado, continuou a melhorar no augmento das officinas, na aquisição de donativos, e dando ao estado cidadãos prestimosos, até que em 5 de Janeiro de 1818 passou por um d'estes cataclysmas, que infelizmente se tem reproduzido em estabelecimentos d'esta ordem, em todos os annos d'este meio se-

culo essencialmente revolucionario. Um decreto d'esta data extinguiu o Seminario de São Joaquim para o seu edificio servir de aquartelamento a um dos batalhões da divisão portugueza, e para o corpo de artifices engenheiros.

A historia d'este edificio, que podia ser longa em considerações cifra-se na nota 7.ª ao cap. XV das Memorias de Monsenhor Pizarro. Tom. VII pag. 220.

A igreja foi destinada para capella dos batalhões e corpos que compunham a referida divisão, servindo de cabeça para uma confraria que se deveria formar dos seus respectivos officiaes, e semelhante á que existe na capella da Cruz. Parte dos seminaristas passou para a casa de S. José, e os mais se admittiram, pelo decreto citado, ao corpo de artifices e engenheiros, como aprendizes dos differentes officios mechanicos n'elle estabelecidos. As rendas actuaes do extincto seminario passaram e ficaram incorporadas ás do seminario de S. José, para sustentação e manutenção de dez moços orphãos e pobres, que pelo menos deveriam ser ali admittidos, á escolha do reverendo Bispo-Capellão-Mór. Instado porém o Sr. D. Pedro, então principe regente, pelas supplicas de varios moradores d'esta cidade para que se restabelecesse o seminario, por não poderem cabalmente preencher os fins louvaveis que tiveram seus instituidores pios, e outros bemfeitores, em vista, dotando-o com legados e esmolas, e merecendo a real consideração de S. A. tão justas reclamações por decreto de 19 de Maio de 1821 foi vervido: 1.º restabelecer o seminario na fôrma em que elle estava, antes do mencionado decreto, desannexando-se dos proprios da corôa, em que foi incorporado o edificio, com suas dependencias, do seminario de S. José, as rendas que para ali passaram, e dos batalhões, e corpos das divisões das tropas de Portugal, a igreja, revertendo tudo para o mesmo seminario: 2.º que o edificio se entregasse aos bemfeitores Joaquim Antonio Insua, José Severino Gesteira, e outros, para formarem na qualidade de syndicos, e entre si uma junta, a cujo cargo ficasse a administração economica, e de quaesquer arranjos exteriores do seminario, devendo publicar no fim de cada anno as suas contas; 3.º que o conego da real capella Placido Mendes Carneiro, o qual havia sido reitor do mesmo seminario, voltasse a occupar o cargo, de que era mui digno por sua intelligencia, prudencia e virtudes, que exige este importante emprego, dispensando o

mesmo conego das obrigações do côro da real capella, e conservando seus vencimentos como se presente fôra.

Assim se conservou o estabelecimento até que o finado ministro de estado Bernardo Pereira de Vasconcellos o refundio na criação do COLLEGIO DE PEDRO II.

Esta transformação do collegio dos orphãos de S. Pedro constitúe uma nova phase, e uma epocha distincta na historia d'aquelle estabelecimento: tentaremos n'um ulterior artigo mostrar as vantagens da nova instituição, a infelicidade da sua pratica, e os inconvenientes do seu internato.

F. M. RAPOSO D'ALMEIDA.

Paginas intimas.

IV

O ORPHÃO.

Faz hoje um anno que fiquei orphão! Faz hoje um anno que perdi a mais terna e a mais carinhosa das mães! Fatal dia!... Triste recordação!... Oh! minha mãe, com que sentimento vou hoje ao cemiterio em que descansam teus restos mortaes elevar a Deos a oração fúnebre—o tributo annual que impõe o dever de filho!... Tudo está silencioso. A natureza dorme, só eu, pobre de mim! gemo e vélo. E' porque a minha dor é grande, é porque a perda de uma mãe já-mais pôde ser compensada.... Vamos; o cemiterio branqueja além! Quero embrenhar-me por entre as suas arvores, vacilante e pensativo, procurar a lousa que cobre o corpo d'aquella que foi toda a minha dita e orar só. Ajoelho-me... O pranto pôde aqui correr livremente sem que as vistas curiosas dos extranhos venham devassal-o. Aqui posso dar toda a expansão á minha dor, e com um grito sahido do intimo d'alma pedir a essa campa as consolações que em outra parte procurarei em vão. Aqui posso recordar sem receio os dias felizes da minha infancia; aqui poderei enfin identificar-me com tudo que disser respeito áquella que prantêo hoje....

Poucas horas antes de a perder para sempre, e quando já as ancias da morte a impediam de fallar, minha mãe chamou-me, e balbuciando disse-me: Meu filho, sinto que vou deixar-te em breve. A minha morte será um d'esses acontecimentos que formarão uma das paginas mais in-

timas da tua vida; porque, meu filho, eu sei que me amas muito, e sei tambem que o teu bom coração não admite esse egoismo inconsequente que expelle de nós qualquer idéa de commiseracão; porisso quando a minha recordação te for penosa, quando a dor seja tão violenta que não possas subtrahir-te a ella, vai ao cemiterio, procura a campa em que eu repousar, ajoelha-te sobre ella, e ora a Deos por mim. Em pouco tempo a dor desaparecerá, e o pranto misturado com a oração dar-te-ha alivio. E' sobre a sepultura de qualquer pessoa que amamos em vida que devemos pedir essas doces consolações que nos impellem a aceitar a morte como uma consequencia immediata e infalivel d'essa existencia que Deos nos concedeu. E' sobre a sepultura de tua mãe que te resignarás a suportar bem a dor pungente que apoz a minha morte deve substituir uma decepção qualquer, um contratempo pueril; assim não succumbas tão cedo porque é bastante tores de arrostar esses *vaes-vens* do mundo que vou deixar....

Eis aqui o que minha mãe me aconselhou que fizesse n'esses momentos em que o nosso atribulado espirito procura ligar uma recordação á outra, sem nada conseguir; é porisso tambem que procuro sempre o cemiterio para olvidar essas idéas mundanas despidas de tudo que seja agradável ao coração d'un homem que perdeu á pouco a mais terna e devotada das mães....

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Mathilde.

III

A APRESENTAÇÃO.

E na extremidade, sentado em um banco de castanheiro, acharam-se os viajantes face a face com um bello preto, o qual se levantou prestes.

Adeus, Domingos, disse o tio de Henrique, dando uma pancadinha amigavel na face do preto; que fazes por aqui? Espero meu senhor moço. Por minha fé! tens que esperar; dou-te de conselho que vás passear; o Sr. Carlos não deixará tão cedo a companhia da menina. Que importa? respondeu o preto encolhendo os hombros; não tenho que fazer, e depois d'isso não posso estar longe do Sr. Carlos. Tens-lhe muita amizade!.... Amo-o tanto quanto a onça ama o covil; amo-o mais que a minha terra, respondeu o preto com notável simplicidade. Eis aqui um

quadro que difficilmente poderá ser reproduzido, disse philosophicamente o tio de Henrique, continuando seu caminho.

Um extenso e lindo jardim se achava no fim do corredor ; os viajantes atravessaram uma rua de murta fronteira á porta da galeria, voltaram em uma outra á esquerda, subiram alguns degrãos de madeira, e acharam-se por fim em uma comprida varanda, que dominava a estrada, e por consequencia o rio. Era n'esta varanda que os amigos do doutor Rego se reuniam quasi todos os dias. Os tres recémchegados, não digo bem, os dous irmãos Cardozos, eram amigos intimos do doutor Rego. Habituaados desde muitos annos a visital-o de quinze em quinze dias, elles tinham acabado a instancias do primeiro, por fazel-o de oito em oito dias. Esta certeza de dias tinha-se estendido até a horas, por isso, e como dissera o criado, o doutor Rego não esperava mais seus amigos — a hora da chegada tinha passado á muito. Facil será pois adivinhar com que alegria seriam recebidos os nossos viajantes, que, segundo a liberdade que gosavam na casa, entraram sem se annunciar. Como ? ! os meus bons amigos por aqui ? ! exclamou o dono da casa abraçando os dous irmãos ; na verdade é uma surpresa bem agradável ; vamos, os antigos conhecimentos nunca esquecem o pobre mysantropo que lhe offerece distracções identicas ao seu estado. Obrigado, Srs., continuou o doutor, reparando em Henrique, que se retirára a um lado. Vamos, Henrique, disse o viajante gordo aproximando-se de seu sobrinho ; cumprimenta o dono da casa. Doutor, continuou elle fallando com o ultimo ; apresento-te o Sr. Henrique da Gama Cardozo, meu digno sobrinho, o qual chegou hontem de Coimbra, em cuja Universidade recebeu o grão de doutor em leis. E'mais um *rabula* na familia. Abrace-me pois, doutor, respondeu Rego ; seu tio pede-o, e além d'isso entra de hoje em diante no numero dos meus melhores amigos. Aceito reconhecido a sua amizade, e farei com que ella tome em pouco as proporções d'aquella que meu pai e tio lhe tributam.

O doutor Rego era um homem de 50 a 55 annos, de phisionomia palida e enrugada, o que de alguma sorte deixava antever que os desgostos tinham combatido aquella alma pura e ingenua. Exprimindo-me assim, não exagero, porque, n'este seculo, e em um obscuro canto de provincia, é uma singular anomalia achar-se um homem

retrato vivo d'esses patriarchas do tempo primitivo. Eu conheci de perto o doutor Rego, e passei alguns dias em sua companhia ; e se bem que n'aquelle tempo fosse mui joven para conhecer o quanto havia de distincto em seu caracter, estas recordações, e o testemunho de alguns outros mais habilitados que eu para conhecerem parte do coração humano, me dão o direito de dizer francamente que jámais acharei em minha vida um homem tão bom, affavel e generoso como era o doutor Rego. Este achava-se na varanda acompanhado apenas de sua filha, que retirada a uma das extremidades, parecia nada ver do que a rodeava. Occupava-se em bordar um *bonet* de veludo azul, o qual contava offerter a seu pai. Distrahio-se de seu trabalho para responder ás saudações que lhe fizeram os recémchegados, e no mesmo instante voltou a seu habitual estado de indifferença, e como de um total esquecimento de si propria.

Luiza era uma joven de 18 a 19 annos. Com bastante razão lhe davam o lisongeiro nome de *rosa branca*, porque difficil seria achar um melhor composto de graças e belleza, e um não sei que de tão tocante e poetico em sua phisionomia, que vel-a e amal-a era tudo a mesma cousa.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

A vida do campo.

Todos em geral temos uma affeição sem fim á vida livre, e essa é cheia de bellezas, e onde com mais socego se passam os annos de illusões, é no retiro da vida campestre. Ali não ha ente humano que não seja feliz, e Deos concede a todos uma saude robusta, e uma vida de encantos. Ama-se com mais ardor uma esposa, afagam-se os robustos filhinhos, ensinam-se com os exemplos da natureza a conhecer a Deos, e vive-se contente, por ser d'elles amado.

O silencio reina quasi sempre, e não se vê no interior d'uma d'essas habitações o luxo e os vicios, que as mais das vezes nas cidades acarretam os homens á ruina. Todas as cousas são simples, e até mesmo o trabalho. Desde o mais moço até o homem mais idoso, todos se occupam no serviço da plantação e da colheita. Ao nascer do sol os pastores conduzem ao som de suas flautas, ou gaitas, os rebanhos de ovelhinhas, ás margens dos arroios christalinos, que descem das encostas dos montes, e correndo formam zig-

zags, passando mansamente, ora aqui, ora acolá, por um leito de fina arêa, e perdem-se de vista ou na extensão do prado, ou ao entrarem no bosque. O arado sulca a terra puchado por bois, conduzidos ao som das canções do trabalhador, e a terra fica preparada para receber a semente, em quanto uns ceifam as douradas espigas, que amontoadas nos carros fazem chiar os eixos que as conduzem á eira onde se vão descascar para depois de moido o trigo produzir o alvo pão: outros empregam-se em domar os animaes de carga e de arado, em quanto suas mulheres preparam do saboroso leite os queijos e a manteiga. Oh! quanto é bello de contemplar tudo em estado de trabalho!... O sol doura com seus raios afogueados as campinas verdejantes, onde erram numerosos rebanhos d'animaes domesticos. O brando zephiro não deixa sentir os ardores do sol. Ali a vista perde-se nas planicies elevadas, onde o azulado de sua longitude parece unir-se ao céu na linha orisontal. Os bosques contêm em si os maiores encantos da natureza. Ali vai-se gosar as mais ternas recordações dos amorosos folgueiros da infancia, ou distrahir a mágoa do amor abrasador que se encerra no coração.

As arvores antigas estão cobertas d'uma ramagem alta e espessa que entrelaçadas formam uma aboboda, onde apenas póde penetrar o reflexo do sol. Por entre os troncos encontram-se os rastros dos cães ou atalhos feitos pelos animaes, ou pelos caçadores. As aves de todas as fórmas e côres habitam o interior do bosque, onde o viajante absorto assenta-se nas pedras da ribanceira de algum dos arroyos, cuja corrente christaliua desliza-se sobre as pequenas pedras e conchinhas que ornem seu leito, e onde a vista penetra; ou ouvindo o canto das avesinhas, cuja melodia tão suave lhe trazem o somno.

As arvores estão carregadas de fructos, entre os quaes encontram-se muitos cujo sabor é delicioso. O suave murmurio do arroyo e a melodia do canto das avesinhas, que tinham prolongado o somno do viajante, é interrompido pelo estrondo do tiro d'algum caçador, que o faz acordar, e depois segue vagaroso seu caminho admirando os animaes pequenos que sahem de suas tocas e saltam entre a herva; chega á extremidade do bosque, e vê entre a relva alguns pastores adormecidos ao som da flauta de seus companheiros. Ao pôr do sol todos os rebanhos voltam a pernoitar nos curraes. Os pastores voltam ás suas cabanas, e já sua mulher e seus filhinhos os esperam á porta. A noite

com seu manto recamado d'estrellas succede ao dia. A lua principia sua carreira, e os lavradores e suas mulheres sentados ao luar entoam algumas canções acompanhadas de suas flautas, ou dançam segundo seus costumes, para distrahir seus filhinhos.

Oh! Deos! oh creador do universo! dai-me uma vida socegada e livre para poder admirar as bellezas de vossa obra, porque a vida do campo é o paraíso dos homens!....

JOSE' MIGUEL DIAS FERREIRA.

POESIAS.

Presentimentos.

Minha Julia, diz-me a estrella
Que ali fulge tão bella
Que findou nosso amor;
Diz-m'o o pranto que hei vertido
No desterro, onde descrido
Dou largas á minha dor.

Enganei-me, quando um instante,
Receiando e vacilante,
Procurei a mim mentir;
Nem uma fraca esperanza
Entre a tormenta e bonança,
Surgio por entre o porvir.

Procurei no mundo vão
As maguas do coração
Por algum tempo olvidar;
Foi baldado o meu ensejo,
E sempre o mesmo desejo
De a mim mesmo enganar.

O mundo não póde tanto
Quando a tristeza e o pranto
O coração vem calar;
O mundo pois esqueci
E com o pensamento em ti
Fiz tenção de mais te amar.

Amei-te de intimo d'alma,
E fiz d'esse amor uma palma
Que guardei p'ra t'offertar;
Mas, ai de mim, não sabia
Que basta apenas um dia
Para fazel-a murchar.

E quando, n'esses momentos,
Eu ri dos presentimentos
Do meu pobre coração,
Veio apoz a realidade...
Muito embora !... ella não hade
Minha dor calar em vão.

Que importa pois que a estrella,
Brilhando no céo tão bella
Seja um agouro fatal ?
Meu amor não morrerá,
Nem tão cedo apagará
De minha existencia o real.

Este amor é minha vida,
E' a existencia querida
Com que na infancia sonhei ;
E' o amor puro e innocento,
Casto, sim, mas imprudente,
D'elle talvez morrerêi....

Rio, em 24 Fevereiro de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

O passarinho.

Oh ! tu plumoso cantor
Que vives a gorgear,
Das selvas habitador,
Não te punge atroz penar ?
Tu cantas nos arvoredos,
Ou em cima dos rochedos,
Os teus amores tão ledos
Sem mais nada te lembrar ! !

Passarinho, quanto invejo
O teu ditoso viver,
Recordas-me o lindo Tejo
A patria do meu nascer ;
Quem me dera a tua vida
Na minha terra querida
Nunca de mim esquecida
Para contente viver.

Tu de manhã e ao sol posto
Fazes trinar teu gorgeio,
Oh ! quem te escuta com gosto
Lá d'essas tardes em meio,
Sente viva commoção,
Melancolica paixão,
E seu terno coração
Palpita dentro do seio.

Porém eu já nada sinto
Só de tanto padecer,
Passarinho, eu não te minto;
Eu já não posso viver ;
Já esgotei com furor
O calix de acre licor,
Que tem tão grande amargor
Como é amargo o morrer.

Dirás tu que joven sou
Para tanto ter penado,
Porém en dizer-te vou
O que já tenho passado :
Eu amei e fui trahido
Por um peito fementido,
Fui a final esquecido
Do cruel, do deos vendado.

Mas hoje a ninguem adoro,
Já não sei o que é amor,
Se suspiro, gemo e choro
E' pranto que gera dor ;
As regras de amor que sei
D'ellas me esquecerei,
A ninguem mais amarei,
Só a ti, plumeo cantor.

12 de Outubro 1855.

A. J. DE CARVALHO LIMA.

Epistola.

Se, Marilia, ha muito tempo
Vivo de ti separado,
Não temas, não, qu'eu perjuro
Esse amor que te hei votado.

De ti longe eu vivo afflicto,
Não tenho consolação,
Alivio não ha que chegue
Ao meu triste coração !...

Se de ti longe, Marilia,
Eu pareço estar contente,
Minha alegria, querida,
E' d'um triste penitente !

Se, por acaso, em meus labios
Um riso tu vês pairado,
Esse riso, minha amada,
E' um riso amarguado.

Sabes tu porque ainda vivo
Assim mesmo a padecer ?
E' porque conservo a esp'rança
D'inda a teu lado viver.

Se não fosse essa esperança
Eu não mais existiria,
Por qu'então, desventurado,
De pesar acabaria !...

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

As minhas saudades.

Como aquelle anjo formoso
Que tão cedo me deixou,
Me não deixeis, ó saudades,
Caro bem que me ficou.

Elle foi, mas, ai saudades,
Vós commigo ficareis ;
E sua ternissima imagem
Sempre, sempre lembrareis.

Aquella graça que tinha
O seu olhar seductor,
Me fazia a sós pensar
E abraçar de puro amor !

Ai de mim, desventurado,
Ai deslumbrante pensar,
Só me ficaram as saudades,
As saudades de matar !

Saudades, minhas saudades,
Ficai sosinhas aqui,
Se ámanhã deixar o mundo
Contai o quanto eu soffri.

Fevereiro de 1856.

M. LEITE MACHADO.

VARIEDADE.

Theatro de S. João.

CONCERTO DO SR. NORONHA.

Teve lugar n'este theatro o concerto de despedida do eximio rabequista portuguez, Francis-

co de Sá Noronha ; estando como era d'esperar, o theatro completamente cheio.

Foi uma noite, bem o podemos dizer, de verdadeiro jubilo nacional.

Os portuenses nobremente orgulhosos d'um artista nacional, que pela força do genio e do talento soubera honrar no estrangeiro o nome portuguez, não lhe amesquinham provas d'elevada consideração, porque elle depois d'um Bianchi, d'um Sivori, e d'um Saint-Leon, ainda pôde excitar-lhes sensações novas, porque novas impressões lhes fez sentir, callando-lhes no coração harmonias, cujo segredo só conhece o artista inspirado, o genio creador ! E na presença d'essa realza de genio, d'esse artista que veio matar saudades da patria, trazendo-lhe um nome glorioso feito longe d'ella, mas para honra d'ella : com que ufania nos diz uma voz intima quando o vemos arrancar freneticos applausos — *é portuguez ?* —

A noite de sabbado ha de ser memoravel nos annaes do Porto ; e se marca uma pagina brilhante para a historia do artista que recebeu uma verdadeira ovação popular, justo tributo d'admiração ao seu grande talento ; marca tambem uma pagina honrosa para o povo, que sabe apreciar o grande merito d'um portuguez, que como artista tanta gloria dá á sua patria.

A ovação feita ao Sr. Noronha, não foi d'esses festejos quasi officiaes, em que pelo apparatus, e porque n'elles prepondéra a influencia de pessoas importantes, pela riqueza ou posição ; os applausos são por assim dizer uma parte do programma — Não — a ovação ao Sr. Noronha foi litteralmente popular e expontanea, porque a iniciativa d'ella partiu de pessoas que tem a sua posição social no nível da grande massa do povo — e não foi por isso menos honrosa e foi de certo mais gloriosa.

O theatro estava brilhantemente illuminado, e tinha por sobre o proscenio dous grandes lustres com lumes de cêra. O atrio estava adornado com grandes jarros com flôres, e igual adorno se vio em todas as ordens de camarotes. O Sr. Noronha mandou distribuir ás senhoras pelos camarotes lindos ramos de flôres distribuindo-se igualmente o retrato lythographado do eximio artista (desenho do distincto pintor Corrêa), e o hymno do Porto, por elle composto, e que uma banda marcial tocava a intervallos, no átrio.

O Sr. Noronha foi recebido na sua primeira entrada no palco com uma salva de palmas que

durou alguns minutos, e que se repetiu em todas as vezes que apparecia. No fim de todas as peças era applaudido com delirio por grandes espaços de tempos, em quanto sobre elle choviam os ramos e corôas, sendo algumas d'estas mimosas e ricas.

Seria difficil extremar das differentes peças tocadas pelo Sr. Noronha, a de mais surprehendente e brilhante effeito, que todas ellas eram tão lindas e tão magistralmente e com tanta pureza executadas, que o conhecedor mais atilado, perdido na escolha, não saberia decidir-se, vendo as maiores difficuldades vencidas sem esforço, e como por inspiração. A voz humana ainda a mais canora e sentida, não entenece, não infiltra no coração mais doces sensações, do que as produzidas pelos sons cheios de encantamento, que o Sr. Noronha extrahia da sua feiticeira rabeca.

Dos camarotes 2 e 18 da 2.^a ordem, recitaram-se differentes poesias dedicadas ao Sr. Noronha, e na presença d'elle, que foram com enthusiasmo applaudidas, e todas tiveram a honra do *bis*. Os vates que recitaram foram os Srs. Rodrigo Xavier, Faustino de Novaes, Silva Ferraz, Nogueira Lima, Moutinho, Braz Martins.

No fim a ovação foi delirante. O Sr. Noronha, debaixo de uma chuva de flôres, foi chamado ao proscenio por mais de dez vezes, no meio de freneticos bravos. Da plateia e camarotes agitavam-se os leucos, como mostra de uma saudosa despedida. A symphonia, composta pelo Sr. Noronha sobre motivos populares, foi tambem muito apreciada. Quasi toda a gente que estava na plateia esperou a sahida do exímio artista do theatro, e no meio de vivas o acolheu: e no meio d'elles foi acompanhado á casa por um grande numero de pessoas, que não cessavam de o victoriar. As poesias recitadas foram-lhes entregues em um lindo album.

O Sr. Noronha teve uma ovação completa, e bem a merece elle, que soube elevar-se á realeza do genio, como artista, sendo, como disse Voltaire d'um celebre pintor francez, o mestre de si mesmo.

Porto, 1845.

GUERRA LEAL.

Origem dos meirinhos.

A palavra meirinho é corrupção de maiorinus, derivada do latim, *maior*. Antigamente nas Hespanhas dava-se o titulo de maiorino ao homem, que tinha maioria e poder para administrar e fazer justiça em alguma villa ou terra. Dizem os investigadores das antiguidades, que Flavio Ervigio, rei godo, successor de Wamba, déra principio ao officio de maiorino ou meirinho; e que havia um em cada comarca: eram subordinados ao Adiantado do reino, justiça maior, que lhes tomava rezidencia, e ao qual succedeu o Meirinho mór, por quanto durou pouco neste reino a dignidade de Adiantado. Os ditos meirinhos, a cujo cargo estava o governo das comarcas em materias de justiça, continuaram mais tempo, e se acham até ao reinado de El-Rei D. Affonso 4.^o Succederam-lhes depois no cargo os corregedores; e o nome de meirinho ficou pertencendo aos officiaes menores de justiça, que davam execução ás sentenças daquelles, prendendo, citando, e penhorando, como os alcaides.

Variedades.

Os Arabes que habitam as visinhanças dos comiterios do Alto Egypto, tem um objecto particular, que lhes serve de combustivel, e com o qual cozinham seus alimentos.

Cada vez que estão precisados de lenha, desceram ás sepulturas visinhas, e desalojando uma mumia, lançam-a aos hombros e voltam á sua tenda.

Ahi pegando em uma machadinha, agarram em uma perna da mumia e cortam o corpo em duas metades, e depois de cortal-a em pedaços menores, fazem uso d'uma perna ou d'um braço, e mesmo do tronco, á proporção que precisam, para fazer ferver sua chaleira.

Como os antigos Egypcios, sempre circunvalavam seus mortos, em substancias resinosas, as mumias tornam-se muito combustíveis, e servem de excellente lenha.

TYP. DE F. A. DE ALMEIDA rua da Valla n. 141.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 9 de Março de 1856.

N. 5.

LITTERATURA.

o Padre Antonio Vieira.

I.

As tradições podem ser intimas e passageiras, podem esquecer de um momento ao outro, ou podem conservar-se perpetuas e invariaveis. A mão do tempo imprime n'ellas o caracter que as deve levar á posteridade, e formar d'ellas um livro aberto em que a multidão e os curiosos possam aspirar o aroma vital, permita-se-nos a expressão, que animou aquelle ou aquellas cousas que formam essas tradições. As vezes aspira-se esse perfume sem que a sua influencia, operada logo, nos conduza ao passado; outros, e por effeito contrario, sentimos que vivemos no tempo que essas tradições nos transmittio e pintou o que vemos com ellas os brilhantes ornamentos que formarão a pagina dourada d'esse livro de muitos seculos.

II.

A historia portugueza encerra muitas d'essas tradições grandiosas. Quasi sempre um sentimento qualquer nos anima quando a abrimos. E comtudo não é sempre o sentimento da admiração e respeito que obriga ao homem a procurar n'ella os factos; quasi sempre a curiosidade ou a distracção preside a essa leitura; e esquecemos que revolvemos as cinzas de um passado de gloria, e que o presente é mesquinho de mais para que possa ser comparado com elle. Mas entre essas tradições algumas ha que não podem nem devem ser recordadas sem que primeiro nos habituemos com a idéa de que ellas são eminentes de mais para que possam apresentar-se em publico despidas d'esse tributo respeitoso que lhe devemos e que se identifica com ellas.

É por isso que antes de começarmos a relatar factos quizemos precedel-os de algumas reflexões. Sejam desculpadas em attenção ao sentimento que as anima.

III.

A biographia do Padre Antonio Vieira é conhecida de todos. O seu nome encerra um seculo de gloria, e o prestigio d'elle sôa mais alto. Não a publicamos com tenção de occupar o lugar mais modesto entre aquelles que d'elle tem tratado. Fazemol'-o por um dever, e porque achamos n'ella esse passado grandioso — o Portugal de D. João I e de D. Manoel.

Relevem-se-nos as faltas, porque tambem nada mais queremos nem pedimos.

Porto, 20 de Janeiro de 1856.

J. RODRIGUES DE XAVIER PINTO.

A recolhida.

(FRAGMENTO.)

Céos! quanto me sois impropicios!... Quão adverso é o destino que pesa sobre mim!... Que fatal estrella presidio a hora do meu nascimento! Josino! meu querido amante... meu amigo... Onde estás?!... seis mezes são já passados... seis dilatados seculos para mim, que tua imagem tão cara me não apparece senão em sonhos ficticios... em pensamentos aéreos!... Ah! quanto sou infeliz! em quanto tu, quem sabe se bem ditoso tragando nos braços de outra que o meu lugar já tenha occupado em teu coração a mais deliciosa ambrosia de um existir bem grato!... E por que não?!... És livre, respiras essa aragem embalsamada pelo perfume de odoríferas e mimosas flores, divagas por esses prados, vergeis e bosques de mil verdores alcatifados; eu uma desgraçada captiva, entre os silenciosos muros d'este claustro no estreito e niveloso espaço de uma cella, atropellada pela cruel saudade, flagellada pelos mais agros martyrios, bebendo no calix do infortunio o fêl mais amorgoso da existencia, apenas tendo por unico conforto a dôce, mas futil recordação d'esses tempos em que a teu lado frui os mais inefaveis momentos de delicias, esses instantes mais risonhos de fugitiva felicidade; quando sentados na veridente relva do prado, á sombra d'esse poetico e frondente carramanchão, theatro de

nossos infantis folguedos, confidente de nossos mais innocentes amores e testemunha de nossos mais irrefragaveis protestos tu me apertando contra teu peito, depositavas mil ardentes beijos em minhas faces, que, em poeticas, mas sinceras phrases dizias de rosas, porém que hoje existem transformadas pelos soffrimentos e desgostos em côr pallida e macilenta de morte !... Ah ! não sejamos ao menos ambos desgraçados !... sejam pois tu venturoso sem mim, visto que sem ti eu jamais o poderei ser !...

Tenhas podido olvidar-me mais depressa do que eu já nunca o poderei alcançar !... Não pezem sobre ti, ao menos os males que por te amar tenho soffrido e para os quaes só espero a morte como unica libertadora !... Mas ah ! desgraçada ! que louco pensamento vem assaltar minha mente escandecida !... longe de mim poderás tu por ventura um momento ter de felicidade !... Um só instante poder-te-ias de mim olvidar !... acaso teu coração poderá inda por instantes pulsar por outrem que não seja eu ? !... Oh ! não ! não é possível... Qual eu te choro, tu não podes deixar de me chorar... qual sem ti, prisioneira sou desgraçada. O coração me diz que mesmo em liberdade tu tambem o és... teu peito não pôde ser menos sensível do que o meu... É impossivel tenhas podido olvidar essas juras de me pertencer até na propria sepultura... ellas não eram mentidas... quantas provas d'isso me deste !... Porém céos ! onde estás que não me soccorres ? !... Onde te achas que não me arrancas ás unhas feroses dos verdugos que aqui me detêm ? !... finar-se-ia acaso essa galhardia que sempre na guerra has mostrado ! teus pulsos não terão mais forças para empunhar essas armas, com que inda tão joven fizeste horrorisar o inimigo ! Ou faltar-te-á a coragem para despedaçar as pertinases rochas que me circundam ? !... Mas ah ! que digo ! perdão meu Deos ! ousei pedir guerra contra a morada de vossa religião !... Meu pai... minha mãe ! arrojéi-me a levantar brados contra vós... chaméi-vos verdugos ! perdoai !... foi em um momento de delirio... Mas para que sem dó aqui me lançastes !... para que me roubasteis ao mundo quando tudo n'elle me sorria, se o meu crime era só amar... ter dado meu coração a um peito que sincero correspondia ao meu, quando só o ouro, esse vil metal era a unica barreira que se oppunha ao complemento de nossa felicidade !...

Oh ! meu Josino ! porque não segui teus passos quando prostrado de joelhos a meus pés tanto o exortaste ! como que previas a fatalidade que estava reservada ao nosso amor !... Como era bella aquella noite ! mil estelinhas scintillantes matizavam o anil do céu escuro... e a lua nos estava felicitando... seu brusculante clarão se esparsia por toda a parte como que dizendo eu vos encaminho e tu cada vez mais renovavas esses protes-

tos de um amor sem fim !... Quanto agora seriamos ditos ! unidos por laços indissoluveis... longe de nossos oppressores, escondidos aos olhares da turba !... Uma cabana singela de pastor, no centro de um bosque, coberta apenas de ramos silvestres seria o nosso abrigo... ah ! não temeríamos os horrores da intemperie do frio libertar-nos-íamos estreitados voluptuosamente nos braços um do outro, unindo d'esta fórma o pulçar terno de nosso peito... n'essas horas de calma, deixaramos nosso humilde aposento, indo para junto de um tronco escutar o pathetico ciciar das brisas ao perpassar por entre a espessa folhagem do arvoredor, o melancolico murmurio da longiqua cascata, o rumorejar da christalina linpha e o cantico ledo e festivo dos mimosos passarinhos : a tão celeste harmonia tu unirias os sons melodiosos de tua lyra, a que eu casára minha voz em um canto de amor e de ternura !

Mais ai ! o pejo me obrigou a exitar a combater as tuas ardentes supplicas ! para nosso amor estava reservada a corôa de martyrios... a separação eterna !... sim, talvez eterna, porque a esperança já de todo se me finou !...

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

Mathilde.

IV.

TRISTÃO.

Ignorava-se a causa da sua continua tristeza, e sorprehendera sobre tudo a mudança que se operava de um instante para outro no bello e poetico semblante da joven, pois que ás suas rosadas côres tinha substituido essa pallidez tocante que revela um soffrimento intimo e duradouro.

Ingenua e simples, Luiza ignorava porque despertava em torno de si uma attenção que bem longe estava de possuir; e a si mesma perguntava se era differente de qualquer outra mulher para ser tão incensada e adorada despertando-a d'este modo das suas mais puras e doces illusões. Luiza amava seu pai com esse amor de filha instinctivo e sancto, causar-lhe o menor desgosto seria pedir-lhe um anno de lagrimas ! O doutor pagava-lhe com usura, e no meio d'alegria e dos prazeres que o rodeavam ella esquecia tudo por sua filha procurando dissipar-lhe a tristeza que trazia impressa sempre em seu angelico semblante. Interrogada a cada momento Luiza respondia que nada tinha: pelo contrario, que se reputava feliz por possuir um pai tão terno e carinhoso como era o doutor. Apesar de tudo, a joven aborrecia e fugia d'esses prazeres que seu pai, em sua terna sollicitude lhe procurava. Ex-

tranha a elles, e sorrindo-se sempre Luiza recebia com agrado as homenagens que de toda a parte lhe offertavam, e era n'estes momentos que o doutor Rego agradecia a Deos a felicidade de que gosava possuindo um tal thesouro. O doutor Gama Cardoso, como habil observador conhecêra que Luiza amava em silencio e que esse amor devia morrer com ella lentamente como na primavera morre a flôr agoutada pelo continuo bater de um vento rebelde. O mancebo advinhou tudo isto, e sabia que Luiza, pura e casta como era, jamais se animaria a confessal-o, e a dizer a seu pai, que só a posse do objecto amado lhe faria adquirir a sua alegria de outra'ora! Por isso o generoso doutor jurou descobrir o mortal feliz que tinha o amor de uma mulher como Luiza, e a si mesmo prometteu de cooperar para a felicidade d'aquella que faria do amor um culto e uma crença. Tristão (o brasileiro) não se achava na varanda, como dissera o criado do doutor Rego, porém pouco depois vio-se apparecer um homem baixo e gordo, á vista do qual o tio do doutor Gama se sorrijo, lembrando-se da conversação, havida entre elle e seu sobrinho. O amoroso Tristão subio a muito custo as escadas da varanda e ao chegar a ella lançou em torno de si um olhar de curiosidade e desconfiança: e colhendo d'este rapido exame que se achava em terra de amigos, resolveu a aproximar-se de todo, comprimentando á direita e á esquerda, sem se afastar das boas tardes, meus Srs! Tristão era um homem de 48 a 50 annos, baixo e gordo como dissemos já, e possuindo um d'esses rostos vulgares, que nada indicam, e nos quaes nem mesmo a lanterna de *Diogenes* poderia descobrir um traço notavel. Trajava decentemente, mas sem gosto algum, tudo era em relação com o resto d'este singular personagem da nossa viridica e contemporanea historia. O doutor Gama, á vista d'este original, não pode deixar de sorrir-se, e lançou um olhar a Luiza, que surpreendido por ella, far-lhe-ia acariciar um pensamento de esperanças e felicidade no porvir.

A conversação tornou-se geral, cada um brilhava pelos seus ditos mais ou menos chistosos; só o brasileiro, como um homem prudente, contentava-se em abanar a cabeça repetidas vezes, e rindo-se estrepitosamente quando algum dito espiírituoso se fazia ouvir. Aonde está seu sobrinho? perguntou o doutor Rego a Tristão. Não sei: desde o jantar que lhe não puz a vista em cima. Iria pescar? perguntou o tio do doutor Gama. É uma das distracções em que se emprega poucas vezes, tornou o dono da casa. Provavelmente, continuou elle, fallando baixo, ha de andar á pesca de duas rapariguinhas da Fulgosa que vem aqui regularmente. Como um desmentido a esta asserção, uma voz sabida do interior da casa se ouviu, voz que produziu na maior parte dos assistentes

uma profunda sensação. Ao mesmo tempo um homem estava na varanda, exclamando:

Cesse tudo quanto a antiga musa canta,
Que um tio como o meu... o mundo espanta!

A. X. RODRIGUES PINTO.

POESIAS

Nosso amor.

Esta chama tão ardente
Já devora lentamente
O meu triste coração;
Ah! Eulina, vem dizer-me
Que não buscas esquecer-me
Que inda me tens affeição!...

Sabes bem que me inspiraste
E que poeta me tornaste
Da juventude na flôr!
Sim, vem dizer-me, que me amas,
E a pagar as vivas chammas
Corre, corre, meu amor...

Surja embora a desventura
N'essa lei amarga e impura
A ventura nos roubar?!...
Que á face dos céos eu juro
E por nosso amor tão puro
Poder d'ella triumphar!

Depressa voa a meus braços
E verás em doces laços
Um futuro mui feliz;
Corre, corre, essa ventura
Gozar; pois é santa e pura
Nosso amor é quem o diz!...

Eu procurava esquecer-te
Sem julgar que era offender-te
Tão innocente!... perdão...
Não me percas da lembrança
Tem fé, e tem esperança
Anjo do meu coração!...

Todo esse tempo passado
Quero que seja lembrado
Quando fallarmos d'amor;
Vem, que esta lyra contentê
Já te chama alegremente
Para a teus pés se depôr!...

Tu serás senhora minha
Serás mais do que rainha
Mais feliz inda has de ser;
Pois terás um peito amante
Sempre amando-te constante
Inda depois de morrer!...

Depressa vôa a meus braços
Entre ternos e doces laços
Ver um futuro feliz ;
Corre, corre, essa ventura
Gozar ; pois é santa e pura
Nosso amor é quem o diz.

Fevereiro 24 de 1856.

M. LEITE MACHADO.

Uma Estrella.

Vê no vasto firmamento
Um portento ;
Uma estrella a scintilar,
Derramando viva luz
Que seduz ;
Que me fez extasiar.

Tinha raios, tão brilhantes
Fulminantes ;
Que os olhos lhe fez cegar,
Ella vivia serêna
Mui amêna ;
Na agua a se retratar.

Eu vi outras estrellas
Mui singellas ;
Mui singella aljofrar,
Nem-uma tinha a belleza
A purêza ;
Da que me fez encantar.

Eu te saúdo, ó estrella !
Como a roza, ao astro rei
Como o pai saúda a grei,
Ha tempos ausente d'ella ;
Derramaste em minh'alma,
Uma esperança, uma calma,
Que não posso explicar,
Assim recebe as provas
N'estas tão singellas trovas,
N'este singello trovar.

Setembro de 1855.

MANOEL JOSÉ D'OLIVEIRA SILVA.

Já te não amo.

Que fim tiveram as juras
Ardentes e tão seguras
Que me fizeste d'amar ?
Esqueceram ! É verdade
Não ser já mais novidade
Mulher manter, e jurar.

Foram vãs inspirações
D'um momento, sem tenções
De chegarem a ter fim,
Foram brinquedos da vida,
Distração e divertida,
Que passaste junto a mim.

Louca, ai não, louco fui eu
Que te amei, e que me deu
Para crêr em teu jurar !...
Mas se tu me parecias
Anjo assim, o que farias
Tu também em meu lugar ?

Havias de amar-me, diz ?
Pois foi o que louco eu fiz,
Que nos enganos não cria ;
Devias porêr piedade
Teres de mim, Anilade....
Não quizeste !... quem diria ? !

Esforcei-me precisava
Esquecer-te, trist'andava
A pensar como o faria ;
Mas desgraçado de mim
Avivava mais assim
O nosso amor d'algum dia...:

Tinha elle já se filtrado
No coração, e ficado
Como um nato sentimento
Oh ! não te condoe ingrata
Vêres como amor me trata
De continuo n'um tormento ? !

Não ! não imploro de ti
Nada ao que soffro e soffri,
Porque te cri e amei-te ;
Deixa-me, não prezumes
Que me matão os ciúmes
De vêr-te hoje d'outro aceite ?

Mata-me só o peccado
D'assim ter-te tanto amado....
Não lembrar como esquecer-te
Como pude fielmente
Eu amar-te sempre e sempre
E não chegar a intender-te !...

Ai que n'esta vida minha
A condição mais azinha
Foi o destino em te amar !
O que já mais me ha custado
Preterito que me ha ligado
Pena, remorso e cismar.

Não o remorso d'um mal
Que te fizesse, que tal
Nunca por mim se intentou :
É o remorso nascido
De haver eu gasto e perdido
Esse amor que já passou.

Ai que pena, que mau fado,
 Haver vehement'amado
 A linda sem ter belleza....
 Com teus rigores me matas,
 Illudes, finges, retratas,
 Impostôra a natureza !...

Março 2 de 1855.

J. J. BARBOZA DE CASTRO.

Milciades.

I.

Avante fieis companheiros
 Não podemos recuar,
 Avante que o inimigo
 Nossos lares quer tomar,
 E se chega a conseguir
 Nós não podemos fugir
 Vamo-nos escravisar ! !...

Assim dizia Milciades
 A sua tropa luzida
 Que á vista do inimigo
 Estava esmorecido,
 Mas o chefe com brandura,
 Com palavras de ternura
 Lembrava Athenas querido.

Vedes a Persia em peso
 Seus males aqui trazer ?
 Estão certos na victoria
 Tudo isso faz crer !!
 Avante amigos fieis,
 Tocai os vossos corceis,
 Vamos cumprir um dever.

A tropa atheniense
 De repente se alegrou ! !...
 E n'uma marcha picada
 Aos persas caminhou,
 A peleja era forte
 A muitos causou a morte;
 Muita lança se quebrou.

II.

Na cidade de Athenas
 Tudo estava em confusão,
 E com olhos no horisonte,
 Grande dôr e afflicção,
 De repente um murmurinho,
 Vinha dizer de mancinho
 Alegrai o coração.

Ao longe lá—na campina
 Ligeiro pó se avistou ! !...
 Todo o povo de Athenas
 Seus olhos ali voltou ! !...
 Uns diziam, que horror
 Outro com muito ardôr
 Athenas victoriou ! !...

Era um pobre cavalleiro
 De cicatrises coberto,
 E nos traços de seu rosto
 A morte tinha mais certo,
 Já não podia fallar
 Só se ouvia o arquejar,
 Da morte que estava perto.

Chegou á porta de Athenas
 O povo todo tremeo ! !...
 E por fim a muito custo
 Seu peito fortaleceo,
 Allegra-te atheniense,
 A victoria nos pertence
 E no momento morreu ! ! !

Estrella 1855.

JOSÉ ANTONIO DE LYRA.

Recordações

Lá das selvas e dos campos,
 Onde a infancia passei,
 Com tristesa e saudade.
 Sempre me recordarei

Sem cuidados no futuro
 Mui contente ali passava
 Em mil brincos innocentes
 Era só no que eu pensava.

Dispontava a linda aurora
 Eu pelos campos corria,
 As flores, as aves, as selvas,
 Tudo para mim sorria !

Mas tanto bem já perdi !
 Da mãe e do pai saudoso,
 Vivo longe a suspirar
 Como um filho extremoso.

Prasa ao Céu que possa um dia
 Eu gozar tanta ventura,
 Que de affectos maternas
 Torne a gozar a doçura.

M. T. C.

A flôr sem culto.

Todo o universo reflecte
na tua imagem.

LAMARTINE.

Minha roza gentil, minha flôr,
Como agora serás no jardim
Requeimada talvez do calor,
Que no peito aguardas por mim !

Não ? ! quem dera poder eu voar
E ir á terra onde estás plantada,
Escaval-a, e então te mudar,
E trazer-te no peito encerrada.

Que os ardentes calôres do estio,
Nem rajada de forte aquilão
S'achegasse imprudente, e sem brio
A trocar-te o mimoso botão.

Praza a Deos que algum verme não rôa
Teu pé tenro, viçoso, engraçado,
Que serás melhor flôr da que sôa
Terem hi n'esse chão vegetado.

Has de ter um cultor que sou eu,
Que d'aurora ao romper se ha ver-te,
Estar com tigo, não ser senão teu,
Sobre a noite velar, defender-te.

Se eu gozasse a fragrancia qu'exhalas,
Onde os males m'opprimem constantes,
Minha roza ! bem longe das galas
Desfrutára felices instantes.

Percebera da vida o viver,
E nas vóias o sangue girar;
Porém quasi me sinto morrer
Sem ao menos poder-te saudar.

Mas espero, confio na sorte,
Que ha de um dia raiar mais brilhante,
E que cheio d'amor n'um transporte
Possa ver-te, beijar-te incessante.

Adeos, casta, mysteriosa planta,
Minha roza gentil, por quem gemo;
Fade o céu o fulgor que m'encanta
Gloria sua e do Ente Supremo...

Rio de Janeiro 6 de outubro de 1833.

JOSÉ ERNESTO DA CRUZ FERREIRA.

VARIEDADES.**As ruínas.**

Remontemos nossa imaginação á esse cahos do
passado, e reflectindo um instante, vertamos al-

gumas lagrimas ; ou ao menos sintamo-nos, por
vêr os indícios dessas ruínas collossaes de que a
historia tanto falla.

Essa famosa Babylonia, que tinha-se tornado,
pelos máos exemplos de seus afeminados reis,
theatro de luxo, e de depravação, ali esquece-
ram os homens, os deveres sagrados do auctor
de seus dias, e o respeito e a adoração degene-
raram nos mais supersticiosos costumes.

A celebre torre de Babel, suas soberbas mura-
lhas, os jardins suspensos, a elegancia e a mag-
nificencia de todos os seus edificios, que lhes
custaram milhares de sacrificios, muito ouro e
muitos annos, desapareceram d'uma vez para
sempre, da face da terra quasi sem deixar vesti-
gio ; porque o dedo do Altissimo tinha decretado
sua ruina, para castigo de seus afeminados habi-
tantes.

Oh ! quanta vergonha não se occulta sob esses
montões inuteis de ruínas ; ruínas por toda a
parte é o que vemos como lembrança da ingrati-
dão dos homens !... E Thebas tambem jaz em
ruina ! Carthago, Ninive, Troia e de muitas ou-
tras cidades e edificios notaveis não restam mais
que montões de destroços, onde a curiosidade do
viajante estrangeiro, faz descobrir em seus mar-
mores, obras de architectura que dão uma idéa
mais elevada, do que foram essas grandes cida-
des, que hoje servem de abrigo aos reptis !....

JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

OS PRETENDENTES

DE

AMELIA**COMEDIA EM UM ACTO**

APPROVADA PELO CONSERVATORIO DRAMATICO
BRASILEIRO.

PERSONAGENS.

AMBROSIO.

JULIA.

AMELIA.

ALEXANDRE.

ANASTACIO.

JACINTHO.

FRANCISCO

Pai de Amelia.

Irmã de Amelia.

Filha de Ambrosio.

Amante de Amelia.

Pretendentes de Amelia

A acção passa-se em casa de Ambrosio ; em uma
sala espaçosa : portas lateraes : de momento a mo-
mento, ouve-se a musica na sala do festejo.

SCENA I.

AMBROSIO E AMELIA.

AMBROSIO. — O que dizes do festejo, minha querida Amelia?... não te parece estar brilhante?!..

AMELIA. — (*Disfarçando o desgosto*) Sim, meu pai, tudo respira praser e alegria (*à parte*). Emquanto uns se embriagam nos folguedos, outros pranteiam a sua sorte!...

AMBROSIO. — Esses trez moços, que se acham hoje em nossa casa, não são esbeltos, e desembaraçados; heim? não te agradaste ainda de nem um? ora, se te parece dize que não são do teu gosto!...

AMELIA. — Sim, meu pai; não me agrada nem um, podem ser muito boas pessoas; mas... (*à parte*) são uns hypocritas ambiciosos, e assassinos do amor de uma pobre mulher! (*alto*) Emfim, meu pai, não gosto, de taes senhores.

AMBROSIO. — Esta não é má!... Verdade é que elles não são já da tua idade; porém isso torna-se um pouco mais proveitoso: devem ter mas juizo e mais pratica do mundo; sabem calcular se ganham, ou se perdem; mettem-se só em negocios que façam vantagem; o que não acontece a esses criancêtas, cabeças loucas que se atam a tôa por ahi além!... É isto, que se está vendo todos os dias: o seu mais bello praser é requestar as bellas meninas, faltar-lhes de amores, como se amores enriquecessem alguem!... Pobres rapazes!... E é nestes que vos minhas tolinhas empregaes os vossos celebres amores!... isto é de mais! é de mais!... Pois escolher um pai, um bom marido para uma filha, emfim, um bom negociante, que para o futuro póde vir a ser um millionario!... E responderem: não sympathico.... não é do meu gosto! isto, minha filha já não serve para mim que me passou um bom par de janeiros pela cabeça! Quero e mando. É forçoso escolheres um desses senhores para teu esposo; eu não aceito mais replicas nem escusas já entendeu, senhora minha filha?

AMELIA. — Se me permittissem que eu fizesse a escolha, estou bem certa que não vos haviéis de arrepende.

AMBROSIO. — Pois não acabei agora de dizer-te que podias escolher aquelle que mais te agradasse?

AMELIA. — Já de ha muito que minha escolha está feita; e que a elle pertencem os meus pensamentos. Emfim meu pai, julgo que só elle me poderá fazer feliz.

AMBROSIO. — (*Contente pensando ser algum dos trez*) De certo, são negociantes — (*à parte*) Eu já sabia que a decisão seria infalivel!... (*alto*) Qual é pois o ditoso? diz e ... diz... e que já lhe quero ir dar os parabens! (*Amelia fica em silencio*). Que!... não respondes? acaso hesitas em dizer-m'o?!...

AMELIA. — (*com receio*) Não, meu pai, porém temo que não seja da sua approvação.

AMBROSIO. — Com a fortuna.... não te entendendo! esse fallar me é estranho; explicai-vos!... Pois se é minha escolha como a posso reprovar?!...

AMELIA. — Mas se esse que amo não é da vossa escolha?

AMBROSIO. — Como! pois não me disseste que...

AMELIA. — Sim, que ha muito o havia escolhido.

AMBROSIO. — Com a breca!... nada, nada de rodeios.... vamos, exijo que me expliques todas essas cousas?....

AMELIA. — Meu pai, é um joven que me soube comprehender; que captivou o meu coração pelas suas delicadas maneiras: sim meu pai, o nosso amor nutriu-se á sombra da innocencia; ah! foram dous corações que sympathisaram cá na terra, para serem unidos pelos laços sagrados.... fazei, meu pai, a vossa filha feliz; e não vos cegue a falsa apparencia; vêde que jámais eu poderei amar outra pessoa.

AMBROSIO. — (*Com enfado*) Não podes amar a outra pessoa! Pois bem.... quero conhecê-lo! É estabelecido? tem dinheiro?

AMELIA. — (*à parte*) Meu Deos! sempre a mesma idéa!... sermos escravas do dinheiro.... e nem ao menos podermos escolher um esposo!... (*alto*) Por ventura, meu pai, esses senhores são muito ricos?

AMBROSIO. — De certo, são estabelecidos e é quanto desejo. Porém não medizes quem é o sujeitoinho? (*à parte*) É provavel que seja algum dos que lhe acabo de retratar.

AMELIA. — Elle é muito bom moço, tem um excellente coração.

AMBROSIO. — (*impaciente*) Mas qual é o seu negocio? em que se occupa?

AMELIA. — (*com receio*) É compositor n'uma typographia.

AMBROSIO. — Compositor!... com Satanaz!... e achas tu que possam os compositores algum dia fazer fortuna, como cá nós os negociantes, que la vêm mais tarde, ou mais cedo, uma occasião de monopolios que com bem pouco capital se ganha um dinheirão!... E elles, pobres compositores, passam a vida na triste composição!... Basta, senhora minha filha, tenho dito; é mister escolher um dos que lhe destinei, não quero saber das suas lastimas. Volto daqui a um momento para saber a sua decisão.

SCENA II.

AMELIA E DEPOIS JULIA.

AMELIA. — (*Depois de um momento de silencio, vai-se assentar no sofá*) Como sou infeliz.... Um casamento forçado, é a maior injustiça que os

pais podem fazer a sua filha; melhor fôra que fosse muito pobre; porque então não andaria ninguém atrás de meu pai estorvando a minha infelicidade. (*Enxuga as lagrimas, en' este momento Julia que a tem por algum tempo contemplado em silencio, se aproxima*).

JULIA. — Que é isso minha mana, estais a chorar?!...

AMELIA. — (*Dando por Julia*) Ah! estavas, ahi Julia!...

JULIA. — Em um dia de tanta alegria, e de tanto prazer!... sim, de certo que é muito estranho chorar uma pessoa, quando a esperam mil felicidades!...

AMELIA. — E chamais vós a isto felicidades!...

JULIA. — Eu cá o entendo assim; e sempre o ouvi dizer.

AMELIA. — Julia, tu ignoras todos os tormentos que soffro dentro do meu coração... Sim, vós inda não podestes ver a tempestade de males que me persegue a todo o momento!... Só eu é que me sinto ir de rojo contra a desgraça.

JULIA. — (*confusa*) E temeis vós, minha mana, contar me todos esses soffrimentos?! Não tenho eu sido sempre tão vossa amiga? oh!izei-me,izei-me todos os vossos tormentos... vamos minha maninha (*abraçando-a*).

AMELIA. — Achas que seja bem feito casarem uma pessoa contra sua vontade?

JULIA. — Não de certo; nem nosso pai procurou esses marmanjos, porém elles é que se foram afreguesando... que dizeis mana, heim?... Sabem que papai tem dinheiro, e...

AMELIA. — Está bom, Julia, está bom, mas não falles assim, por que te pôdem ouvir.

JULIA. — Ora o que me importa a mim com isso; comigo não ha de acontecer outro tanto; por que antes quizera ser freira, vivendo encerrada em um convento, do que estar sujeita a casar-me com quantos marmanjos me quizerem dar por esposos!... Esta é que não é má... nada.. nada comigo hade acontecer assim.

AMELIA. — Está bom Julia, tu não vês que é necessario obdecer a nosso pai; accommoda-te, és ainda muito criança.

JULIA. — Nada de brincadeiras, minha mana, fallai-me serio: olhai que já não sou tão criança como dizeis. (*à parte*) E então!... nem que eu não fosse já uma senhora!... (*examinando-se alto*.) Se não é do vosso gosto casar com nem-um delles, porque os não desenganaes? Se vós tivesses escolhido um moço que fosse do vosso agrado, já não aconteceriam estas cousas.

AMELIA. — E não o havia eu escolhido? Não vos tenho eu fallado tantas vezes d'elle?

JULIA. — Sim!... agora me recordo; até por signal, muitas vezes me dizies; hoje heide passar pelo outro lado da calçada, e nem para lá heide

olhar; mas no dia seguinte logo fazeis as pazes não é verdade, mana?

AMELIA. — Como estás lembrada!...

(*Continúa*).

M. LEITE MACHADO.

Um Santo com duas cabeças.

Um periodico inglez refere a seguinte curiosa anecdota:—Viajando pela Irlanda um cavalleiro, visitou não ha muito um convento, em cuja igreja se lhe mostraram differentes reliquias: entre estas viam-se dous craneos, um dos quaes devia ter pertencido, a um homem já de idade, e outro a um menino. Tendo o viajante perguntado ao frade, que lhe mostrava as reliquias, « de quem eram aquellas caveiras, » lhe respondeu o frade: « Esta cabeça grande é de S. Patricio, quando já era homem; e a pequena é do mesmo Santo, quando era menino. »

(*Extrahido.*)

Aquelle, que procura fama em sua vida, e que tem recolhido uma ampla seara de honras mundanas, acha alfin de tudo que não existe amor, admiração, nem louvores tão agradaveis á alma, como os tributos, que se recebem em a terra natal. É lá que elle procura gozar em paz da sua gloria entre seus parentes, e seus primeiros amigos; e quando seu coração esfriado, sua cabeça, desfallecida o advertem, que o fim da vida se aproxima, elle volta com a mesma ternura, que um menino, aos braços de sua mãe a saborear o repouso entre as scenas da sua infancia.

J. Wasington.

DECLARAÇÃO.

A assignatura para esta folha é paga adiantada; no escriptorio da empresa rua do Senhor dos Passos n. 77 defronte da igreja. Por anno 6\$000, por semestre 3\$000; para seguir pelo correio por anno 8\$, por semestre 4\$.

O pagamento da assignatura está aberto. As pessoas que até aqui receberam os primeiros quatro numeros do segundo semestre são consideradas assignantes.

Os que receberam os primeiros numeros, e depois mandaram suspender, hajam de mandar entregar os numeros recebidos.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 210,

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 5 de Outubro de 1856.

N. 6.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

VI.

ESTUDOS HISTORICOS

I.

VIRIATO.

VII.

Segundo Aladio, Viriato nasceu na Lusitania interior (Beira.) Ha diversas opiniões sobre os principios da sua vida. Plinio diz que fôra jornalista, mas que achando este mister pouco lucrativo, se fizera *recoveiro*. Lucio Floro, assevera que Viriato era pastor de ovelhas, e que a sua vida errante, os frios e as calmas contribuíram bastante para despertar n'elle os instinctos guerreiros com que o conheceremos mais tarde. Laymundo apresenta Viriato d'estatura elevada, membrudo, o cabello e a barba um tanto crespo, os olhos grandes e carregados, nariz aquilino etc. etc. Lucio Floro relatando os feitos d'este heroe chama-lhe o Romulo de Hespanha, emfim todos os authores d'aquelle tempo consagraram paginas inteiras ao primeiro ornamento da Historia Portugueza.

Vimos que Viriato pôde escapar á traição de Galba. Elle partia com o odio no coração, e um desejo ardente de vingança. O seu grito de guerra fez-se ouvir por toda a parte, os Lusitanos acordavam do torpor que os consumia, e tudo annunciava que a luta hia recommençar, mas d'esta vez mais viva, mais encarniçada. Os montanhizes comprehendiam por fim que lhes era facil a victoria mandados por um homem como Viriato. Em pouco tempo todos lhe obedeciam, e sem que este pedisse tal, foi unanimemente proclamado capitão de toda a Lusitania.

Viriato quiz ainda uma vez conhecer o resultado da infamia de Galba. Acompanhado de al-

guns soldados partio para o vale onde se dera a traição, e ahi chegado um espectaculo doloroso e cruel se lhe preparava.

Os cadaveres dos homens, dos meninos e das donzellas estavam horripelantemente martyrisados. Parecia que os Romanos achavam prazer em rasgar com as pontas de suas lanças os corpos d'estes infelizes. Viriato ficou vivamente impressionado; obriçou aquelles que o acompanhavam a jurar com as mãos nas feridas de uma donzella, que vingariam aquelle sangue innocente até á morte.

Laymundo dá conta d'este juramento pela forma seguinte: Por este sangue nunca contaminado por este corpo privado de sepultura, pela alma d'esta donzella, juro offercer meu sangue em sua vingança, e de não cessar até perder a vida com semelhante golpe. Após este juramento, partio Viriato para a Lusitania, e de tal maneira excitou os animos de seus habitantes, que pôde reunir uma força consideravel. Penetrou pelas terras da Carpentania, e destruindo tudo que encontrava recolheu-se ao seu paiz carregado de ricos despojos que dividio pela sua gente. A cerimonia do juramento que fez de novo é tão curiosa que não podemos deixar de escrevel-a aqui. Diz Strabo: « Celebrou-se o juramento com um captivo dos muitos que trouxeram d'esta jornada, e com um cavallo em sacrificio do idolo de Marte, e abrindo-lhes as entranhas tomaram n'ellas os agouros da guerra que determinaram fazer contra Roma, e achando-os favoraveis passaram os soldados diante do idolo, mettendo a mão direita nas entranhas do captivo e depois nas do cavallo, protestaram não cessar até fazerem outro tanto em todo o exercito Romano. » Era assim que homens taes sabiam comprehender o amor da patria e da independencia. Era assim que Viriato começava essas lutas gigantescas que abalaram a soberba rainha do mundo, a altiva Roma!

(Continua.)

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação).

Carlos hia visitar Mme. Adelaide, resolvido a zombar dos encantos e attractivos d'esta nova *Aspasia*. Para elle esses olhares ternos e magneticos que as mulheres sóem empregar tão bem nada diziam, e mais de uma vez provára que a franceza poderia passar por perto d'elle, montada no seu carro do triumpho, sem que o mancebo se dignasse ao menos lançar-lhe um simples signal de attenção.

Luiza apenas fora destinada para tocar o coração deste *homem de marmore*, respeito ás mulheres; é porque elle longe de materialisar-se no meio da sociedade *dourada* em que passára os seus melhores annos, sahira della resolvido a castigal-a, corrigindo-lhe os defeitos.

Infelizmente a luta teria de ser desproporcionada. Elle tinha a combater muitos, e estes combatiam um só. Por quantas provas não tinha elle já passado?! E quantas lhe estariam ainda reservadas?!

Como quer que seja Carlos aceitava todas as consequências da sua louca temeridade, e talvez que outro, em identicas circumstancias, houvesse succumbido. Ha porém em todos os corações certo amor proprio que impede os bons como os máus movimentos. Carlos tinha seu tanto deste defeito, e é por isso que não recuava. A franceza habitava a casa mais linda e elegante da Fulgosa. O luxo e a commodidade, junto a elegancia dos ornatos, tornavam essa casa notavel por aquelles lugares.

Os precedentes desta mulher eram ignorados, sabia-se que possuia uma fortuna sufficiente para brilhar, como também não se ignorava que vendia caro alguns sorrisos. Com tudo ella era festejada por toda a parte em que apparecia, os homens rodeavam-na e as mulheres invejavam-na. Dadas estas explicações poderemos continuar a narração interrompida.

Eram dez horas da manhã. O dia estava lindissimo; Carlos admirava a belleza dessas poeticas margens em que se deslisara a sua infancia, e volvendo um rapido olhar para o passado sentio-se ferido das saudades. Elle tão alegre sempre, caminhava triste e sombrio, as recordações vinha em tumulto, e a realidade de sua posição augmentava a melancholia profunda em que hia mergulhado.

Os camponezes paravam, e cumprimentando-o com respeito, afastavam-se dizendo: Já não é o mesmo.

Carlos escutava estas palavras, despertava um pouco da sua lethargia para se engolhar nella

de novo. Foi nestas circumstancias, e debaixo destas impressões que elle entrou na Fulgosa. A casa da franceza era proxima da estrada; o mancebo encaminhou-se para lá, e bateu a um grande portão. Mme. ? Dorme ainda, respondeu o creado; se quer tenha a bondade de entrar e sentar-se. Carlos accedeu ao convite, entrou, e subindo algumas escadas de pedra achou-se em uma especie de gabinete adornado com simplicidade. O mancebo sentou-se, sem que tivesse contemplado por um instante os muitos objectos que o rodeavam. Dez minutos depois entrou uma creada, e disse: Mme. acordou, quem direi que a procura? Carlos Pinheiro, respondeu aquelle. Carlos, sobrinho do brasileiro da *Casa Branca*? tornou a creada com certo tremor na voz. E' verdade. Então corro a annunciar esta boa nova a Mme.... até que enfim.... E a creada desapareceu, depois de ter lançado a Carlos um olhar malicioso e como de provocação. Pouco depois voltou. Sr. Carlos disse ella, tenha a bondade de acompanhar-me, Mme. espera-o. A experta mensageira atravessou uma especie de galeria, voltou a esquerda, abriu uma porta. Entre. E fechando a porta de novo disse: E' de crer que esta virtude de bronze resista por algum tempo, mas Mme.... não sei estes senhores homens são tão caprichosos!...

Carlos entrou. Renunciamos a descrever o luxo extraordinario que compunha este quarto. Qualquer outro que não o mancebo contemplaria com admiração os mil objectos de phantasia espalhados symetrica e elegantemente. A mobilia, os quadros, os cortinados de damasco, tapetes, cama, tudo em fim era digno de attenção.

Carlos porém contentou-se em procurar com a vista a pessoa que precisava, vio-a em uma das extremidades do quarto, negligentemente reclinada n'um sophá, para ali se encaminhou. A franceza estava simplesmente vestida de um longo roupão de cassa branca. Os seus compridos e lindos cabellos, cahiam-lhe pelos hombros, não podendo occultar os bellos contornos de um seio magestoso. Qualquer observador menos attento notaria que a posição de Adelaide era estudada, Carlos aproximou-se della e cumprimentando-a com respeito, disse: A minha presença nesta casa, e a esta hora deve sorprendel-a, Mme., mas comprehende que só uma necessidade urgente me forçaria a vir aqui. E' um cumprimento bastante lisongeiro, Sr. Carlos—agradeço-lhe, respondeu ella sentando-se, e convidando o mancebo a tomar lugar a seu lado. Este recuzou com um signal de cabeça bastante expressivo, e respondeu: Perdão, as circumstancias impedem-me de fazer gala de alguns ditos espirituosos e lisongeiros, e eu não transporia aquella porta no intuito de observar o contrario. Conhece-me demasiado para esperar de mim incensos e adora-

ções; Adelaide, que já vimos tão ativa e impetiosa, nada respondeu; a tempo talvez encaregára-se de transformar os sentimentos que Carlos lhe tinha inspirado. A primeira vez que apresentamos a franceza aos nossos leitores, olvidamos fazer um rapido esboço de sua phisionomia. Vejamos se é possível fazel-o agora.

Adelaide Valmout tinha de 28 a 30 annos. Era uma dessas mulheres bellas na acepção da palavra. Tudo em si era digno do reparo. Pallida, mas dessa pallidez poetica e tocante, olhos pretos e grandes, labios finos e nacarados, dentes alvos como o jaspe, collo magestoso, eis o que chamava mais a attenção nesta mulher. A sua estatura um tanto elevada mas elegante, esse não sei que de distincto e gracioso que as francezas possuem em summo gráu, a expressão que costumava dar aos seus olhares, tudo emfim era nobre e bello no exterior de Adelaide. As suas qualidades pertencem aos leitores adivinhal-as; e talvez que a occasião se lhes preporcione em breve. Era com esta mulher que Carlos hia lutar. Succumbiria elle? E porque não? Não succumbio o primeiro homem?! Ah! infelizmente o mundo conta mais de um Adão e Eva, em cada dia que passa, em cada anno que corre.... Mme., proseguio Carlos, um pouco commovido, cheguei hoje de Castello de Paiva, onde fui visitar minha irmã. Durante a minha auzença um dos vossos amigos mais preciosos commetteu um crime que nem a mesma morte poderá fazer olvidar, porque se trata da honra de uma mulher, e da vida de um pai offendido. Pensei que ninguem mais que Mme. me podia dar os esclarecimentos de que necessito, são bem poucos; desejava saber o lugar em que se occultará Lourenço de Castro. E Carlos, acabando de pronunciar estas palavras lançou á franceza um olhar tão penetrante, que ella não pôde sustental-o. Falla-me em cousas que ignoro absolutamente, respondeu Adelaide com sangue frio. Perdão, o rapto da filha do doutor Rego é conhecido de todas as pessoas, se até hoje se ignora o raptor é porque eu não pude ainda fallar com os meus amigos.... Mme. é inutel esta diplomacia e jogo de palavras, tenho convicção de que foi desta casa que sahi-ram os preliminares deste crime.

Adelaide empalideceu extremamente esta accusação injuriosa revoltava o seu orgulho de mulher, mas Carlos exercia sobre ella um tal ascedente, que não teve resposta. Então?... Sr. Carlos, disse a franceza levantando-se, olhe bem para mim. Bom, obedece de prompto. Agora contemple por alguns momentos a pallidez do meu rosto, o amortecido de meus olhos, e sobretudo veja o tremor convulsivo de todo o meu corpo.... Que differença vai da Adelaide na matta do coronel Fonseca para a Adelaide presente! A que attribue isto Sr. Carlos? Um medico diria que ao

nervoso, eu attribuo isso tudo ao prazer, as noites repetidas de.... Acabe. Para que? que sou eu?... deve-me conta de seu proceder? Quanto se engana, Sr. Carlos!... E dizer-se que as mulheres não tem coração?!... Sejamos francos um para o outro, continuou ella enchugando algumas lagrimas; talvez que seja este o ultimo dia em que nos encontremos a sós; cumpre dizer tudo, e conhecer-me-ha então.

Ha momentos na vida da qualquer pessoa que podem decidir da existencia della.

Deus reserva á creatura horas inteiras de lenta agonia, durante as quaes a alma parece abandonar o corpo para se transportar a regiões desconhecidas até ali. E' entregue a essa dôr mortal que lançamos um rapido olhar para o passado. Se nesse passado temos uma vida desregrada, se nesse passado ha mais de uma cousa que nos pôde fazer corar, sentimos o coração comprimir-se a idéa de que talvez o arrependimento seja tardio, e que elle declarado não possamos lançar um véu impenetravel sobre essas cousas de que nos accusa a consciencia. Foi o que me succedeu ha pouco tempo.

E' uma confissão, Sr. Carlos, por quem é escute-me. (Continúa).

Philosophia.

SUA UTILIDADE, E SUAS RELAÇÕES COM AS OUTRAS SCIENCIAS.

(Continuação do n. 5.)

A philosophia, desde o seu começo, tem soffrido varias alterações, e hoje geralmente a philosophia moderna é fundada sobretudo, nas modificações de Bacon e Descartes, mas a sua base tem sempre permanecido inabalavel, e tem sempre por objecto ensinar ao homem a conhecer-se a si, as suas faculdades, os seus deveres para com os seus semelhantes; ensina-o a conhecer seu Creador, guia-o na investigação da verdade; mostra-lhe o bem e o mal a fim de que elle siga o primeiro e aborrea o segundo; em uma palavra: é a sciencia que trata das cousas que se podem conhecer pelas luzes da razão, ou *philosophia est scientia verum cognoscibilium rationis lumine.* »

Mas, diria alguém, que utilidade tem a philosophia? Não viviam e não vivem ainda bem muitos que não sabem philosophia?—Não, pensa mal quem assim pensa: os homens, ainda mesmo os que não estudaram philosophia, são dotados de uma certa dose de philosophia natural, e reconhecem a utilidade della, e ainda mesmo admitindo que existem homens que negam totalmente a utilidade della, e que a ignoram completamente, esses homens vivem machinalmente, sem conhecer a sua dignidade, e a sua superioridade sobre os brutos, vivem pois como os brutos, e formam uma excepção á regra geral, o que

nada prova contra a utilidade e importancia da philosophia. Dirá ainda um outro, não são as dissertações dos philosophos uma prova de que a philosophia não attinge o fim a que se propõe? E então, qual é a sua utilidade? A isso respondo:

As dissertações dos philosophos nada provam contra a sua utilidade, por quanto, ellas tambem não são mais que um caso particular da regra geral, a qual exige disputa onde ha exame; e, como não ha autoridade que possa determinar solução alguma, fica sempre um campo aberto a controversias que são uma consequencia necessaria da liberdade, que constitue a essencia do espirito da philosophia.

Um terceiro dirá: Não nos fornece a religião um grande numero de verdades que a philosophia busca, mas em vão, demonstrar? de que serve pois a philosophia? Em quanto a este caso respondo: Devemos notar que a philosophia e a religião tendem a dous fins differentes: esta á necessidade de crer, aquella á necessidade de comprehender.

A philosophia não ultrapassa os limites da razão, e guiada pela mesma razão, ella não penetra em mysterios, e limita-se a descobrir e a apresentar principios solidos e lucidos, e posto que seus erros sejam as consequencias da fallibilidade humana, sua ambição não é por isso menos nobre, e o homem jámais poderá, sem se rebaixar, negar a summa importancia e utilidade da philosophia.

Esta sciencia, tão sublime e tão vasta, está em relação com todas as outras sciencias, porquanto cada uma de suas partes tem um intimo nexa com as outras sciencias: a psychologia, ramo da philosophia, trata da alma, e de suas faculdades; ora a alma é o sujeito de nossos conhecimentos, e as suas faculdades são os instrumentos com que adquirimos esses conhecimentos; a logica tambem ramo da philosophia ensina-nos a raciocinar; e sem raciocinio não poderíamos avançar nas sciencias; além disso a logica dá-nos as regras do methodo, e sem methodo não obteríamos sciencias nem artes; a logica tambem nos conduz á verdade, e á certeza que nos guiam no estudo das outras sciencias; a moral, ramo da philosophia, nos guia ao conhecimento do bem e do mal, ensinando-nos a seguir aquelle e a evitar este, e succumbindo nós ao mal não avançamos nas sciencias, a theologia, ramo da philosophia, tem por objecto ensinar ao homem qual é seu Creador, qual a sua essencia, quaes os seus attributos, e sem o conhecimento da nossa origem não conheceríamos nosso fim e não poderíamos marchar com segurança nas outras sciencias: consequentemente de tudo isto concluo que a philosophia tem relação com as outras sciencias, logo:

De todas as sciencias ella é mãe!

J. A. S. RIBEIRO JUNIOR.

Os Esfaimados.

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

O Casamento.

VIII.

Haviam já decorrido algumas semanas desde o feliz encontro de Ricardo, sem que tivesse occorrido alguma cousa mais de notavel na « casa solitaria. »

Na manhã d'um bello dia, passavam continuamente em frente a « casa solitaria » muitos homens cada qual com seu alforge ás costas, e pela alegria que mostravam fizeram admirar muito aos habitantes da antiga casa dos contrabandistas.

José estava impaciente por saber o motivo de tanta alegria.

A curiosidade e admiração chegaram ao extremo ao verem outra porção d'homens, e mulheres que vinham cantando, acompanhando com a guitarra o tom da voz.

Estes igualmente traziam alforges, e como a distancia era pequena da « casa solitaria » ao caminhar, José que estava fóra da porta, encaminhou-se apressado para os camponeses. Então amigos que novidade temos? Esta pergunta causou uma hilaridade geral.

Os semblantes cadavericos dos habitantes mostravam-se alegres, e parecia que já tinham esquecido inteiramente a lembrança da terrivel fome que fazia perecer seus companheiros, e que elles mesmos já não a sentiam.

José mais admirado ficou.

Alguns minutos depois de rirem-se como perdidos, gritaram quasi todos ao mesmo tempo:

Estamos salvos! já não ha mais fome! os americanos tiveram pena de nós!

O coronel Martins, está encarregado de distribuir os mantimentos que trouxeram os navios de Philadelphia. Vivam os americanos gritou José com toda a sua força.... vivam!... repetiam todos á uma.

Oh! Bemdicto sejaes povo generoso. Todos estão salvos Deos condeio-se da nossa sorte!... disseram os outros e seguiram cantando.

José voltou alegre e ao chegar a porta gritou; Ricardo! o povo de Santo Antão está salvo, já chegaram mantimentos de Philadelphia!... E graças a Deos nós tambem estamos salvos!...

Respondeu Ricardo: Como? Porque somos senhores d'um thesouro que nos torna feliz. Mas qual é elle, se eu ignoro? Pois bem vinde amigo José, quero contar o occorrido ao pé de vossa filha; ambos seguiram para dentro. Maria con-

cervava-se sentada a um canto do quarto, seu pai e Ricardo sentaram-se ao pé, uma pequena admiração teve Maria. Ricardo foi o primeiro a fallar e disse desde que ficamos senhores d'esta casa o meu principal pensamento e cuidado foi descobrir o lugar onde os contrabandistas guardariam as suas riquezas, eu bem vo-lo dizia José que haviam de existir aqui. Ajudado por Deos e com o desejo de tornar feliz a vossa filha tratei de procurar em todos os lugares do subterraneo o que a minha imaginação meditava e depois de muitas vigílias descobri o quarto onde se reuniam e juntamente um cofre enterrado contendo uma fortuna sufficiente para tornar-nos felizes; como o nosso casamento está proximo, disse elle voltando-se para Maria queria que participasses da minha alegria, por isso amanhã devemos tratar de mandar apromptar esta casa para abreviar as nossas nupcias.

Poucos dias tinham decorrido depois desta scena entre estas personagens; a casa solitaria já não parecia a antiga habitação dos contrabandistas nem o lugar onde se occultavam as almas do outro mundo; como julgavam os camponeses rudezes; mas sim uma casinha descendentemente arranjada.

Muitos camponeses estavam reunidos nos arredores e divertiam-se em tocar flautas ou gaitas. Era o dia marcado para o consorcio, não havia uma só pessoa nos arredores que não tivesse vindo tributar seus reconhecimentos aos dous felizes noivos. Todos os seus parentes achavam-se reunidos e as horas já se iam aproximando; faltava unicamente o padre. Passadas algumas horas o povo que estava fóra principiou a gritar agitando os seus lenços e chapéos e dizendo é elle é o senhor padre; Deos o traga e venha tornar felizes aos nossos protectores. Então rapaziada! vivam os nossos protectores, vivam responderam todos e foram esperar o padre ao caminho.

José levantou-se e chegando á porta avistou o padre ao longe e voltando contente exclamou: acaba de chegar o ministro de Deos que vem unir dous corações que a desgraça tinha para sempre querido separar! bemdicto seja Deos por compadecer-se da nossa sorte. O padre acabava de entrar, e saudando os convidados foi apertar a mão de José.

Aqui estou, meu caro amigo, venho unir vossos filhos. No interior da casa tinha-se apromptado um pequeno oratorio; Ricardo e Maria para lá se dirigiram a fazer oração; passado um pouco de tempo o padre já revestido entrou para praticar a cerimonia. Os corações dos dous jovens estremeceram d'alegria de ver entrar o padre; Maria estava mais bella que nunca. O oratorio encheu-se de povo e todos procuravam devi-

sar nos semblantes dos dous noivos a alegria que participavam. Poucos minutos depois um sussurro fez-se ouvir d'entro do oratorio e muitas pessoas sahiram devisando-se em seu rosto a alegria. Logo grandes vivas retumbaram por toda a casa, Ricardo e Maria estavam casados. O povo gritava entusiasmado: vivam os nossos protectores!... vivam.... repetiam todos; e a alegria durou por muitos dias.

Depois a vida mais feliz que se póde imaginar Deos concedeu aos dous esposos.

FIM.

POESIAS.

As cordas de minha lyra.

Minha Julia, tu perguntas
Quantas cordas tem a lyra?
Quanto os sons que respira
A lyra de teu cantor?
Escuta pois, neste instante
Vou della os sons te dizer,
De prompto satisfazer
Teu desejo ó meu amor.

Sómente, Julia tres cordas
Tem a pobre lyra minha;
E' tão rude e tão mesquinha!
Porém que fazer querida?
Tres são as cordas apenas;
Porém essas são singelas;
Nunca a voz d'uma só dellas
Foi por momentos vendida.

Mui prestes tu me perguntas
Os sons da corda primeira?
Pois bem, essa, feiticeira
Virgem, pertence ao senhor,
Ao arbitro Omnipotente,
Magestoso, alto e divino,
Em cujas mãos o destino,
Julia, está de nosso amor.

Da segunda, a voz saudade
Exprime, Julia, profunda,
Meu coração que circunda
D'agros e duros espinhos!....

Saudades da patria amada,
E d'uma mãe carinhosa,
Que á minha infancia mimosa
Proporcionou mil carinhos.

A terceira, emfim, votada
E' ao amor puro e santo
Qu'ambos nós, ó meu encanto,
Votamos por sympathia...
Porém, n'essa mesma corda
Que tanjo de minha lyra,
Ha sempre um som que respira
De triste melancolia !....

Eis, minha Julia, as tres cordas
Em que a lyra é resumida;
Por mim não pode ferida
N'ella ser outra jamais !
São tres pois, os sons que conto
De meu mesquinho alaude,
Onde se encontra virtude,
Amor, saudade, e não mais...

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Já não amo.

Já não amo, e agora n'est'alma
Nutro só indifferença á mulher,
Já não amo, feliz doce calma
Sinto sinto no peito nascer.

Essa chama que a vida arrebatou
Expulsei-a de meu coração,
Hoje livre despreso a ingrata,
Quando cria morrer de paixão.

Que loucura ! meu Deus vi na morte
Esta vida por ella involver,
Do que amor a razão faz mais forte
Para a palma na lucta colher.

Succumbir, ficar ella no mundo,
De meus males ainda a zombar,
Até vir o remorso profundo
Sua vida por fim torturar,

Era pouco, é melhor o seu crime
Ver na terra algum dia expiar,
Quando for consagrar amor firme
A quem só a deseje enganar.

Então graças ao anjo bondoso
Que me fez recup'rar a razão
Eu darei, e vivendo dictoso
Heide nelle finar de paixão.

E se acaso seu peito covarde
Viér inda clemencia pedir
Dir-lhe-hei: vil tyranno é já tarde
P'ra que possa teus rogos ouvir.

Já não amo, e agora nesta alma
Nutro só indifferença á mulher;
Já não amo, feliz doce calma
Sinto, sinto no peito nascer.

Rio 25 de Setembro de 1856.

MANOEL ALVES V. P. CAZAL.

O meu viver.

De que me serve o viver,
Se minha sina é soffrer ?...

Deixei minha patria amada,
Terra estranha vim buscar,
Uma vida amargurada
De negro fel vim passar ;
De que me serve o viver,
Se minha sina é soffrer ?

De que me serve no mundo
Arrastar dias de dôr,
Se em meu peito mal profundo
Me causou baldado amor ?
Se não tem meu coração
Nem uma doce emoção ?

Dezoito annos apenas,
E estou no mundo só !
Soffro aqui acerleas penas

E ninguem de mim tem dó !
A ninguem commove a dor,
Que retalha o trovador.

Que importa ao homem, que goza,
Que a vida, que lhe sorri,
Seja as outras dolorosa,
Se elle diz: « Nunca soffri ? »
Senão, ha no peito seu,
Um pezar igual ao meu....

Quem poderá dar-me agora
A ventura que gozei ?
Essa paz encantadora,
Que em minha terra deixei ?
Ah ! que não póde ninguem
Restituir-me um tal bem !..

De meu pai doces afagos
Quem póde tornar-me já ?
De minha mãe beijos magos
Compensar quem poderá ?
Talvez não mais gozarei
Esses bens, que desfrutei....

Se ao menos o amor viesse
Abrandar minha afflicção,
Se comprehender podesse
Meu amante coração !...
Poderá ainda um sorrir
A meus labios doce vir.

Mas o meu amor profundo
Nunca ella entenderá....
Dezoito annos só no mundo
E' p'ra mim um ermo já !...
De que me serve o viver,
Se minha sina e soffrer ?...

Rio, 7 de Janeiro de 1856.

EUGENIO A. DE B. RIBEIRO.

Não Chores.

Donzella, pois choras, porque a desgraça
Já hoje me faça, desgostos soffrer ?!...
Não é para crer, que n os venha d'irmão,
Terrivel acção, infortunios trazer ?!...

Oh ! cessa teu pranto, Donzella querida,
Pois que n'esta vida, vorás ambição,
Apaga d'irmão sentimentos cuidados,
E vem desregrados mostrarem-se então !

Oh ! cessa, porque com teu pranto saudoso,
Tu vens copioso meu pranto excitar,
E dois a chorar desafiam tristeza;
Querida belleza, me deixa penar.

Assim de manhã, no jardim fresca rosa
Tremendo mimosa pela hastea delgada,
Se vê orvalhada luzindo tambem,
Querido meu bem, tu estás demudada !...

Porém quando o sol das collinas romper,
Té ha de trazer nos seus raios calor,
E tu meu amor aquecida, perfeita
Virás satisfeita calar minha dor...

Agora porém ancioso confesso
Que muito careço não chores por mim
Que podes assim, tantas penas me dar !
Não deves chorar, esperemos emfim.

Setembro 25 de 1856.

J. J. BARBOZA DE CASTRO.

Parodia.

Se eu fora na terra, destino immutavel
Houvera agradavel, nesta hora imperar;
Aos noivos baixar, infinita alegria,
A doce harmonia, p'ra sempre lhes dar.

Se eu fora das rosas, a rosa mais linda,
Houvera, pois inda, no peito brilhar;
Aos noivos deixar os perfumes das rosas,
Que fossem ditosas, ás vidas do par.

Se eu fôra dos Céos, um archanjo formoso,
Houvera bondoso, dos astros descer,
Aos noivos trazer do Senhor alliança,
Da eterna esperança, em que devem viver.

Porem um destino immutavel, a roza,
Que bella, formosa, pela hasta se vira,
Archanjo que gira, nos astros formosos,
Não sou, (virtuosos consorte) sou lyra!...

Setembro 27 de 1856.

J. J. BARBOSA DE CASTRO.

Minha finanças.

(NO ALBUM DO SR. ANTONIO XAVIER
RODRIGUES PINTO.)

Mui alta já vai a noute ;
Em continuo suspirar,
Velo triste sem ter somno
E dinheiro p'ra gastar ;
Neste cruel desespero
As noutes passo a scismar !

As passo todas soffrendo,
Oh! tão longas ellas são!
Tanto soffro que no bolso
Eu não ache um só tostão !
Minhas calças já cossadas,
Outras pedindo m'estão !...

E meus sapatos sem graxa,
Que tão russos vão ficando,
Tão cambaios e tão tortos,
Eu mui triste os vou calçando ;
Tão zangados elles se virão
Para mim se acaso eu ando.

Triste, triste é a vida minha !
Inda é mais triste o meu fado !...
Eu namoro uma menina,
E della sou namorado ;
Ai! de mim! se assim me vê,
Ficarei abandonado.

Mas espero inda uma vez,
De ganhar muito dinheiro....
Então sim eu posso encher

Meu varrido migalheiro,
Um homem quer enforcar-se
Enforca-lo vou ligeiro !

Mas que vejo! coitadinho
Que dependurado está ;
As pernas soltas ao vento
Dansão de cá para lá!
Cinco palmos tem a lingua
Pelos joelhos de lhe dá !

Pobre coitado, morreu !...
Vou ver seus bolsos que tem :
Só papeis cheios de versos....
Dinheiro.... nem um vintem !
Todo roto, esfarrapado,
Poeta como eu tambem !...

Se a mesma sorte me espera
Não quero mais trovejar ;
Por que grande susto tenho
D'algum dia me enforcar,
Eu quero morrer deitado,
Não quero morrer no ar.

Rio 23 de Setembro de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

Já não quero ser poeta!!

(NO MESMO ALBUM.)

Que descubro... Oh! meu Deos, Ah! que leio!!!
Que os cabellos me faz repiar!!!!...
Um poeta, tão joven! que brada....
— Adeus mundo !!... que eu vou-me enforcar !!!

Qual o arcano d'um tal desespero ?
— A pobreza — Destino fatal !
Que aos poetas, aos bravos persegue !
E seus peitos ! de nada lhes val !

Pois eu quero seguir os seus passos ;
Vai-te lyra.... não quero tanger-te
Jámais quero teus sons escutar !...
Foge.... foge.... não quero mais ver-te....

Que me chamem poeta não quero,
Só o nome me faz já tremer....
Antes quero seguir outra senda....
Enforcado não quero morrer !

Rio 29 de Setembro de 1856.

F. C. MARTINS DA COSTA.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 210.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 23 de Março de 1856.

N. 7.

LITTERATURA.

O Padre Antonio Vieira.

A rainha da Suecia, como todos os principes seculares que tinham ouvido Vieira n'este sermão, foram prodigos em elogial-o, mas estes applausos expontaneos longe de o tornarem orgulhoso mais lh'offendiam a modestia. É que elle representava a humildade em toda a sua plenitude, e as vaidades mundanas hiam quebrar-se de encontro á sua roupeta de jesuita !...

V.

A 12 de setembro de 1680 recebeu Vieira uma carta do seu geral, João Paulo Olivio, em que este lhe participava que a rainha da Suecia o elegera seu confessor.

Vieira recusou, pretextando que não se julgava digno de preencher tão honroso lugar ; e que todo o seu empenho era reduzir á lei de Christo os gentios do Brasil, para onde embarcára de novo a 22 de novembro de 1662. Foi no Maranhão que elle fundou essa missão—seu sonho dourado, que devia em pouco tempo arrebatrar das trevas um grande numero de indios. Para ampliar mais o seu pensamento, embarcou outra vez para Lisboa, a 16 de julho de 1653, onde após de muitos obstaculos, conseguiu d'el-rei D. João IV, a liberdade dos indios, que Vieira julgava necessaria e conducente á sua converção. Não admira pois que a missão que fundára o obrigasse a visitar onze vezes as residencias d'ella, navegar vinte e dous rios tão extensos como o mediterraneo, e discorrer a pé quatorze mil leguas por lugares incultos e solitarios, sob um calor excessivo, e outras vezes debaixo de horrosas tempestades. Attestam-no as deseseis igrejas que levantou, e com que dispendeu cincoenta mil crusados em ornamentos ; attestam-no a multidão de gentios *Inhegaras*, *Tupinamás* e *Poqui-guarás* que converteu nos sertões do Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas ; attestam-no emfim os *Nheengaybas* que agradecidos por tel-os reduzidos á fé catholica, o receberam em triumpho a

16 de agosto de 1659 !... O geral da companhia, Tyrso Gonsalves o elegeu, a 17 de janeiro de 1688 visitador da provincia do Brasil, e absoluto superior das missões, lugares que acceitou constangido, porque elle nascera para obedecer e não mandar.

Tantas virtudes especiaes, tantos serviços eminentes deviam ser recompensados. Assim succedeu ; Vieira foi estimado pelos pontifices Innocencio X e Clemente X, como o gigante do Evangelho, como o Salomão da Constancia e como o apostolo da verdade. Luiz XIV, de França. D. João IV, e D. Pedro II, de Portugal, o duque de Florença emfim, quizeram remunerar o seu talento e virtudes enchendo-o de dignidades, Vieira tudo recusou, e disse que a sua roupeta de jesuita importava tanto como o chapéo cardinalicio, ou o baculo de principe da igreja. Levou a tal ponto o seu amor por essa roupeta, que é facto provado ter usado de uma capa a longo espaço de 14 annos ; que deixou violentado. Era a pobreza religiosa em todo o seu brilho.

Não só regeitou as dignidades que lhe offereceram os principes mencionados, como tambem recusou a dadiva de 25 mil crusados que el-rei D. João IV lhe mandou dar em Pariz para comprar livros ; e a Ilha Terceira em premio de apatrocinar n'um grave negocio, lhe offereceu uma quantia avultada que recusou tambem.

Como era de suppor, as suas virtudes e o seu talento deveriam contribuir para que a inveja e odio fossem despertados. Affrontou este com calma e retribuiu aquellá com beneficios.

Accusado em varios tribunaes ; soube defender-se ; conservando sempre uma tranquillidade d'espírito nunca desmentida durante quarenta e tantos annos de continuas privações.

Foi a Bahia que elle escolheu para passar os poucos annos que lhe restavam d'existencia.

Retirado a uma quinta nos arrabaldes da mesma cidade, occupou-se em apromptar as suas obras para a impressão, por ordem do seu geral que lhe pedio tambem que completasse o livro intitulado—*Clavis prophetarum*... Pouco terei a acrescentar á biographia do padre Antonio Vieira ; com tudo não concluirei sem dizer alguma cousa mais sobre os seus ultimos instantes,

que foram do'orosos bastante. Mas a resignação jámais o abandonou, e quando as dôres eram mais violentas—dizia—*Dominus est: quod bonum est in oculis suis faciat*. Emfim o padre Antonio Vieira depois de receber os santos Sacramentos, expirou a uma hora da noite de 18 de julho de 1697; tendo de idade 89 annos 5 mezes e 9 dias e de religião 74—2 mezes e 13 dias!... Foram 74 annos no serviço de Deos e no augmento da sua doutrina. Tambem o nome do padre Antonio Vieira será sempre pronunciado com respeito e admiração; e as suas obras contribuíram para que jámais o esqueçamos...

J. RODRIGUES DE XAVIER PINTO.

O misterio d'uma noite.

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

CAPITULO II.

Gustavo, depois de ter passado alguns minutos preocupado com terríveis pensamentos, voltou-se, e seu rosto ainda ameaçador, e coberto d'um suor frio, tornou-se pallido, porque o camarote n. 10 já não lhe apresentava a mesma vista. Levantou-se, e sahio apressado para fóra; e depois de percorrer ao lado do edificio, pôde descobrir a sege que o trouxera.

Vistes partir d'aquí algum carro com uma família? perguntou elle ao cocheiro. Sahio agora, um. Para que lado? O cocheiro é meu conhecido, e como estava aqui perto, contou-me que era uma familia da rua do Principe, e elles tomaram essa direcção....

Pois vamos depressa; quero saber ao certo o lugar.

Gustavo entrou, e a sege partio; passados alguns minutos chegaram á rua indicada, estava deserta, reinava profundo silencio; apenas o clarão da lua, que já seguia sua carreira adiantada, alumiaava os objectos. Já nem se via o carro, nem o ruido de nenhuma porta se fazia ouvir.

Gustavo rangia os dentes desesperado; fez parar a sege e apeou-se. Espera aqui; disse elle, e seguiu, olhando com attenção para todas as casas. Depois de ter andado uns cem passos, ouviu-se ranger os ferrolhos d'uma porta, entreabrio-se, e sahio um homem, que ganhando o lado opposto, andou com velocidade; ao passar por perto de Gustavo, o desconhecido homem bem trajado, mas d'uma figura pouco agradável, parou e levando a mão ao chapéo perguntou-lhe.

«Poder-me-ha indicar Vmc, onde mora por aqui algum medico?» Gustavo ficou um instante calado contemplando-o, e respondeu-lhe. Nada

mais a proposito, Sr; não sei com quem tenho a honra de fallar; mas seja com quem fôr, aqui estou eu, que venho de estar junto ao leito d'um doente; e que me presto ao que estiver ao meu alcance Sr. O desconhecido pareceo alegrar-se, e commovido disse: Oh! Sr. foi a providencia quem vos enviou; vinde Sr! vinde! é para acudir a uma pessoa que está com um ataque. Pois vamos, e os dous seguiram com ligeireza. Como lhe principiou? não vos posso dizer Sr. D., apenas a vi sem sentidos, corri a buscar um medico; ambos chegaram a porta; o desconhecido abrio-a, e depois d'entrarem serrou-a, e seguiram por um corredor, que era alumiado por uma lamparina; subiram ao primeiro andar; atravessaram algumas salas bem mobiliadas, sem que apparecesse pessoa nenhuma. O desconhecido caminhava adiante, a final chegaram ao patamal d'uma pequena escada, subiram, e o desconhecido abrio a porta d'um quarto, e voltando-se para Gustavo fez-lhe com a mão signal que entrasse. Gustavo até ali tinha formado na mente muitos planos, para poder sair-se bem da aventura a que se arriscára.

Oh! se fosse ella, pensava elle; eu daria graças a Deos porque ha tanto tempo a procuro, e parecia um mysterio.... mas senão fôr farei as vezes de medico, e meu sangue frio não me trahirá; ora vamos, e confiança em Deos; seja o que fôr, o coração me adivinha alguma cousa, porque a cara deste cliente nada me agrada, emfim se fôr Amelia, e se ainda estiver desmaiada; oh! fortuna!... acompanhai-me. Gustavo entrou, o desconhecido o precedeu e a porta fechou-se.

(Continúa).

Fé, esperança e caridade.

I.

FÉ.

Estas tres virtudes theologaes que aos nossos antepassados ensinavam o caminho que deviam trilhar para obterem a salvação da alma, fazendo-os primeiro crêr por fé nos dogmas do christianismo, como na mais santa das doutrinas, ensinando-os a praticarem o bem, na esperança de perdão eterno do supremo juiz, e obrigando-os á caridade sem limites e sem fausto para com a humanidade, o que são ellas pois? Está de tal sorte mudado o sentido d'estas tres palavras, que só servem para ensinar o caminho do *bem estar* aos nossos contemporaneos; a salvação d'alma, o perdão de Deos, e o descanso eterno, significam hoje, louta meza, grandezas, luxo, titulos, brazões e pergaminhos!! as tres virtudes perderam toda a philosophica theologia, para tomar toda

o positivismo da época, perderam toda a santidade de expressão, para ganhar toda a baixeza do vandalismo, do interesse e do bem estar n'este mundo; esquecem-se os tormentos eternos, pelos prazeres d'uma vida desregrada, cheia de vícios e torpezas. Olvida-se Deos e suas doutrinas, para crêr no ouro como agente positivo e serio, ás satisfações de nossas paixões e caprichos, caprichos que muitas vezes vão opprimir e diffamar os nossos semelhantes.

A fé, pensamento sublime, e que olhado e observado como foi instituido a nada nos obriga, mas nos pede meditação, e crêça nos dogmas do christianismo; a fé que nos move a crêr em uma vida além da que vivemos no mundo, mas uma vida eterna, aonde o justo encontrará os premios de suas virtudes, e o máo, o castigo de seus erros e torpezas; a fé está adulterada, viciada a palavra, e pervertido o mandamento; no nosso seculo a fé, consiste nos interesses pessoais, a fé na religião acabou-se. Já se não vêem nos templos do Senhor essas almas contritas e piedozas que ahí hiam orar pela salvação dos seus semelhantes, não; hoje a igreja serve para se ostentar como se fôra um logar de passeio, o luxo, a riqueza, ouro e pratas, sêdas e todos esses objectos mundanos que servem para attestar a opulencia de quem os traja, ahí vão figurar no retiro da meditação e da oração. Não são só os seculares que fazem estas ostentações, são também esses homens que se apregoam ministros de Deos, e que revestidos um instante de hypocrisia, apparecem depois como qualquer secular, *de phibatinha, lenço almiscarado*, e dando exemplos de immoralidade que brada aos céos: a fé está hoje pervertida e despresada, — não indica essa sublimidade de acção que sem nos forçar, nos obriga a crêr. Tem por ventura fé o juiz que assigna a sentença de morte a um seu semelhante? não, mil vezes não.... Os factos podem muitas vezes comprometter uma acção, mas não dão o direito a um homem juiz, para mandar tirar a vida a um seu igual perante Deos; é por fé nos depoimentos que o juiz, muitas vezes se torna assassino, condemnando um innocente, ou absolvendo um criminoso. Está pois provado que a palavra está adulterada: a religião nos manda crêr por fé nos dogmas do christianismo, eomtudo como se plantou esta sêta no mundo? foi por pura fé? não, ahí estão os annaes da inquisição para mostrarem que nem sempre a fé prevaleceu como primeiro mandamento, mas sim a força. Os odios e as victimas que a fé custou, provam que a palavra ha muito que está adulterada, e que assim se conservará n'este seculo de immoralidade. Hoje em dia só ha uma fé, mas essa constante, valiosa e que serve de mola a todos os poderes mundanos: sabeis qual é? a fé no ouro!! n'esse metal poderoso que torna do máo, bom, do estu-

pido, espirituoso, do sujo limpo, do baixo, grande e do plebêo, nobre. Eis a fé do nosso seculo!! eis o prisma, que encarado por qualquer face é sempre vistoso, adorado, espirituoso e sublime. Que fé pôde ter, ou merecer um homem sem ouro? nenhuma, ao passo que o homem que o possui, pôde lucupletar-se á custa do proximo, porque tem fé, merece fé, e fé inspira á nossa sociedade enfactuada e encastuada em ouro.

O pussuidor da fé metalica, é incapaz de vilezas e roubando, adulterando, prostituindo e mentindo, chega a ganhar, não a salvação eterna de sua alma, mas esse bem estar, *credito e descanso*, que constituem a felicidade mundana em prejuizo da verdadeira observação do pensamento.

Não tendo fé, tem o metal com que pagará a quem o absolve de suas culpas, e lhe prometta o perdão de Deus na eternidade.

Continuar-se-ha

J. AUGUSTO.

POESIAS.

AO DIA

DO FELIZ NATALICIO

DE

S. M. A SR.^a D.

THEREZA CHRISTINA MARIA

Imperatriz do Brasil.

Vem ó musa neste dia
Tomar parte na alegria
Do teu joven trovador;
Faz que possa com alento
Idear no pensamento
Mui mimosa e bella flôr.

Que eu desejo harmonioso
Cantar muito saudoso
A virtuosa sem par;
E ir essa flôr com respeito
Sem lisonja ou preconceito
A seus pés depositar.

Eu bem sei que sou proscripto
Cá neste Imperio infinito
Aonde sóto o meu cantar:
Mas é livre o pensamento,
Vôemos pois n'um momento
Nosso tributo pagar.

Deos te salve, Ciciliana
Portentosa soberana
Deste bemdito paiz;
Que a pobreza agradecida
Tem da terra ao céu té erguida
Em throno de aurêo matiz!

Deos te salve, porque a vida
Desconsolada e opprimida
Acha em ti consolação;
Deos te salve, porque escondes
Essa mão com que respondes
Ao mais triste coração!

Desse-me Deos a ventura
De mil vezes com brandura
Os teus annos festejar;
Que minha musa constante
Viria mui radiante
Nesses dias m'inspirar.

E cantando alegremente
Buscaria em minha mente
Linda flôr desaprochar;
Pois se fosse mui singella
Eu correria a offerecê-la
A virtuosa sem par.

Mas agora a flôrsinha
Que traçou a mente minha
Desejo vel-a guardar;
Perdão, se ousou na virtude
Abrigar meu genio rude
E meu mesquinho trovar.

Março 14 de 1855.

M. L. MACHADO.

Jesus est mortus!...

Qu'angustia, que magoa immensa
Envolve a terra e os céos!...
Que nevoa sombria e densa
Occulta a obra de Deos!...
Tudo no mundo é sombrio,
Nem um chilrar, nem um pio
D'um alado trinador!
Apenas, como de leve,
Da brisa o lente, mui breve,
S'escuta o brando fragor...

D'Apollo coberto é o rosto
Hontem, inda prasenteiro...
Ai! do prazer ao desgosto
Como se passa ligeiro!...
Mas, qual é este misterio,

Do mundo qu'ô longo imperio
Envolve em crepe de luto?!
Qual é, sim?... Porém um pouco,
A meu lado surdo e rouco,
Que som... que rumor escuto?!...

Olho... céos! que vejo?!... morto
Oh! meus irmãos, o Jesus!?...
Nosso pai, nosso conforto,
Ai! oh dôr! sobre uma cruz!...
Onde, atroz ludibriado,
De mãos e de pés cravado,
Foi pelo povo infiel...
Por essa turba maldita,
Assás cruenta infinita
Do fementida Israel!...

Sobre o cume do Golgotha,
Eis o nosso redemptor!...
Onde esgotou gota a gota
O fêl amargo da dôr...
A sua fronte, qual lyrio,
Pelo furor do martyrio
Ah! vinde irmãos... reparaí
Como nô peito opprimido,
Por acres settas fendido,
Triste pendente lhe cai!...

Vêde como elle por nós
Seu sangue, irmãos, derramou!
Como o ferro atro do algoz
Seu coração traspassou!...
Ponderai quantos horrores,
Por nos remir, peccadores,
No Calvario padeceu
O ser immenso e bondoso...
O pai amante extremoso...
O Deos da terra e do céu!...

O seu tão divino rosto
Vêde, emfim desfigurado...
Seu cabello descomposto
Em sangue qu'está banhado!...
Olhai como no madeiro
O suspiro derradeiro.
Humilde quiz exalar,
O rei de todos os reis,
Entre torturas crueis,
Sómente p'ra nos salvar!...

Chegai pois... as mãos erguer
Vamos junto do Senhor...
Amargo pranto verter
Em signal de nosso amor!
Pedir-lhe vamos contritos,
Perdão de tantos delictos
Em que vivemos manchados...
Dizendo com contricção
Do fundo do coração:
Perdoai nossos peccados!...

« Perdoai-nos Bom-Jesus
 « Termos-vos tanto offendido,
 « Por essa elevada cruz
 « Em que fosteis perseguido !...
 « Perdoai, Deos de bondades,
 « Nossas vis iniquidades
 « Tão dignas de punição !
 « Dando, para todo o évo,
 « Paz á nossa alma e socego,
 « Em vossa etherea manção...

Rio de Janeiro 21 de março de 1856.

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

Já te não amo.

Agora vamos a contas
 Paga-me se póde ser,
 A moeda seja a mesma
 Do que constar o dever.

Que te devo? alguns acenos,
 Sorrisos, phrazes bonitas;
 Signaes d'abracos queridos,
 Esperanças infinitas.

As promessas mentirosas,
 Os juramentos fingidos,
 Os amores confessados,
 Confessados, não sentidos.

A virtude apregoada,
 O ciúme incompetente,
 As lagrimas, os suspiros,
 As cantilenas de sempre....

Que me deves? ai! que não
 Posso tudo enumerar:
 Que proveitosos conselhos,
 Que promessas e que amar!...

Que de tantos pensamentos,
 Para teu bem combinados,
 A buscar-te melhor sorte,
 Mais ventura e mais agrados.

Que planos também traçados
 D'esse contado porvir....
 Que de saudades soffridas!
 Que tenções...e que servir....

Lagrimas do coração
 Não d'agua, mas d'amargura;
 Alcançados tristes sonhos,
 A crença n'uma impostura....

Ambos devemos ingrata
 Mas que metal variado!
 Fiquemos porém correntes
 Perdoada... perdoado!...

Março 10 de 1856.

J. J. BARBOSA DE CASTRO.

Extremo.

Attende Deusa do amor,
 A teus pés olha opprimido
 Um amante entristecido,
 Que por ti delira e chora !
 Attende a que teu rigor
 O tem feito desgraçado,
 Pois vai-te dizer o fado
 Que de continuo o devora !

Vou, sim, Marcia, vou contar-te
 O quanto sinto em meu peito,
 Pois vivo d'amor dêsfeito
 Soffro torturas de morte !
 Tenho exhalado passivo
 Longos suspiros e ais ;
 Mas não posso aturar mais
 O rigor de minha sorte !...

Quero contar-te os tormentos
 Que por ti hei padecido,
 Dizer-te quero ao ouvido
 Segredos do coração...
 Com grande sinceridade
 Quero exprimir-te, querida
 Quanto triste é minha vida
 Cheia de dôr e afflicção !...

Quero que tu reconheças
 Quanto é minha dôr intensa,
 Quanto é turva a nevoa densa
 Que m'envolve o coração...
 Espero, compadecida,
 A meu penar tão sedento,
 Um perenne linimento
 Diz Marcia, por compaixão !...

Põe sobre este peito ardente
 Tua mão de pura neve,
 E depois que bem de leve
 Sentires quanto palpita,
 Decide de meu destino
 Ou vida para te amar,
 Ou morte p'ra terminar
 D'uma vez minha desdita !

Espero, tendo remorso
Do mal que me tens causado,
Recuperes o passado
Com amor e com ventura...
Se porêr, assim não fôr
Meus dias terminarei...
Pois um descanso acharei
Ao menos, na sepultura !

JOÃO DANTAS de SOUZA.

A uns olhos.

Que meigos, que ternos olhos
De relance um dia vi,
Fizeram-me sentir n'alma
O que nunca mais senti.

Eram raios que feriam
Derrocavam corações,
Attrahiam como iman
Prendiam como grilhões.

Mas ferindo brandamente,
Derrocando com doçura,
Attrahindo com encanto,
E prendendo com ternura.

Eram bellos por demais,
Tinham do céu a côr pura
Eram bellos!... conceberam
A magia da natura!

Quando d'elles me recordeo
Então suspiro d'amor,
Meu peito triste responde
Era azul a sua côr!.....

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

Teu collo,

Teu collo tão casto, tão alvo tão puro,
Teu collo donzella, com tanto pudor
Fagueiro pulsando sentirá callado
Bafejos ardentes, crestados d'amor ?

Teu collo e aljava de settas pungentes,
Que prezas ao peito me podem matar,
Teu collo é fonte de limphas brilhantes
Q'os meus dissabores me vêm orvalhar !

Teu collo é um cofre de joias d'amor
Eu fôra feliz se os podesse gozar...
Teu collo é urna onde tenho esperanças
Que jámais nesta vida se possa olvidar !

Teu collo é qual tronco de verde roseira
Que tem dous botões viçosos crescendo,
Teu collo é a taça onde sorvo anhelos
Confortos, enlevos para assim ir vivendo !

Teu collo é um dardo que fere minh'alma
Com magicas dôres, com doce sentir !
Teu collo é um vinculo que tem enlaçado
Um mundo d'encantos, risonho porvir !

Teu collo é um vaso de doces fragancias
Q'a vida embalsama de quem o gozar,
Teu collo é aljava de settas pungentes,
Que prezas ao peito me podem matar !

Agosto de 1855.

A. DA SILVA FERREIRA.

Saudades.

Se vai minha vida
Passando perdida
Em mago scismar ;
Puderas Eulina
A chamma divina
Me vir alentar.

Ao céu me arrebatas
Se o véo me desatas
De tanta illusão ;
Vem dar-me a ventura
Com paz e ternura
Ao meu coração.

Mande-me depressa
Em nuvem espressa
Hum raio de luz ;
Que a brisa fagueira
Correndo ligeira
Aqui m'o conduz.

Tornai-me esta vida
Que vaga perdida
Em doce viver ;
Pois quero pensando
De ti me lembrando
O mundo esquecer.

Março de 1856.

M. LEITE MACHADO.

Anjo ou demonio.

Tu és anjo, mulher; serás minha :
Se és demonio, tambem serás meu:

(J. D'ABOIM.)

Ao te ver um Archanjo te julguei,
Pois tens as perfeições angelicaes ;
Soffri dôres crueis, dôres mortaes,
Loucamente te ameí.

Eras furia surgida lá do inferno !
Fui trahido por ti, quiz te odeiar;
Mas facil me seria apostar,
Me tórnava mais terno.

Ao julgar-te celeste pequei,
Pois eu era mortal e te amei :
Ao julgar-te infernal mais pequei,
Pois eu era mortal e te amei.

E por ti heide sempre procurar,
Sejas Anjo, Demonio, ou mulher,
Com ternura heide sempre te amar ;
Eu te vi, peccarei, Deos o quer !

JOSÉ DE MORAES SILVA.

VARIEDADES.

OS PRETENDENTES

DE

AMELIA

COMEDIA EM UM ACTO

(Continuação).

JULIA. — Porém vai ha tanto tempo que essas cousas se passaram !

AMELIA. — Foi tal a minha sympathia que nunca mais me pude esquecer delle. De tempos a tempos passa por defronte da nossa janella, e lança-me um olhar tão cheio de ternura, que além do meu amor, vem um sentimento sagrado pairar sobre o meu coração ! Inda esta manhã seriam oito horas, estava eu a janella que deita para nosso jardim, quando me veio esta voz terna ferir os ouvidos : anjos do céu !...

Voltei-me de repente, e dei com elle debaixo da mangueira grande, com o chapéo em uma mão, e um ramo de flôres na outra. Ah ! eu n'esse momento fiquei perturbada, não me occorriam as idéas, nem sabia mesmo o que lhe havia de dizer.

Meu anjo, tornou-me elle escutai-me pela primeira, e quem sabe é a ultima vez !... Já sei que vosso pai pretende cazar-vos com muita brevidade, resta-me sómente saber se o fazeis por vossa vontade, porque os meus soffrimentos, o amor que vos hei dado, não me deixam acreditar em vossa ingratidão.

Oh !... Deos... que ao ouvir taes frases repassadas de tão puro sentimento, minhas lagrimas ardentes vieram crestar-me as faces, e bem a custo

lhe disse : É verdade que meu pai tenciona de me casar com muita brevidade, e ainda que não é da minha vontade, quero ser filha obediente, mas a injustiça de meu pai poderá sómente ser perdoada quando do seu erro se arrependa. Mas oh ! pobre mancebo; quando ouvio estas razões, abaixou o rosto sobre seu peito, e um suspiro ao erguel-o foi a sua unica resposta !... oh ! minha irmã, esta triste scena dilacerou o meu coração !.. Senti que alguem se dirigia para a sala, receiosa me retírei dizendo-lhe apenas adeos, e que não perdesse de todo a esperança, Depois ouvi pronunciar o meu nome, nosso pai tinha entrado na sala, foi preciso esperar que elle se retirasse para voltar de novo a janella, mas quando pôde fazel-o já o infeliz tinha abandonado o nosso jardim !..

JULIA. — Oh ! faz-me tanta pena estas cousas !... (*ouvindo a musica*). Eis, lá principia a festa !..

AMELIA. — Vós não ides ?

JULIA. — Inda não, ide vós, que eu fico.

AMELIA. — (Indo e voltando-lhe resposta). Não sei o que tenho, Julia, mas sinto-me tão triste ha uns dias a esta parte ; todavia se faz necessario que uma pessoa se finja alegre ainda que esteja morrendo de tristeza, (vai-se).

SCENA III.

JULIA só.

JULIA. — (depois de acompanhar Amelia até a porta, salta como ferida por uma boa idéa.) Ora para que serve esta cabeça !... (dando com a mão na testa) a não dar alguma cousa boa era muito melhor a não ter !... Vamos... (assentando-se) isto é muito zombar de minha pobre irmã !... (como recordando-se). Que feliz lembrança !.. apesar de ter só onze annos, conheço não ser dessas meninas simplorias, e sinto-me com juizo bastante, para fazer alguma astucia em abono da minha querida irmã... Quanto é bom a gente lêr os livros desses afamados escriptores !... É por certo uma especie de remedio, que pôde curar todas as molestias ; sem duvida que tenho já lido alguns exemplos, e muito interessantes !...

Porém se me descobrirem ! não faz mal, é uma victoria de menos... nada... nada de receios, astucia sempre, pois eu entendo que quando ella é empregada a favor das infelizes, Deos nos deve perdoar, de mais a que poderei me arriscar ? apañhar por ahi alguns bolos ! não importa, por Amelia quero a tudo me arriscar, (sentindo que alguem se approxima vai expiar e volta) Oh ! lá... são os tacs sugueitinhos...

SCENA IV.

JULIA, JACINTHO, FRANCISCO E ANASTACIO.

JACINTHO. — Isso é impossível !...

FRANCISCO. — Ora, se eu não visse, com estes dous olhos !...

ANASTACIO.—Estaes muito enganados, pois era a mim que a menina dava attenção !...

JACINTHO.—Sim !... pois eu hei de mostrar-vos logo.

FRANCISCO.—Está dito, nós veremos.

ANASTACIO.—(dando mais alguns passos e vendo Julia) oh ! diabo ! está alli a pequena (á parte).

Como está minha menina ? (alto e aproximando-se della.)

JULIA.—(Mostrando-se de máos humores) isso não é da conta do senhor.

ANASTACIO.—Bravo, está mal comigo !..

JULIA.—Deixe-me... e não se devirta comigo, pois do contrario vou deitar-me daquella janella na rua.

JACINTHO.—Na rua !..

FRANCISCO.—Heim !...

ANASTACIO.—A menina está levadinha da breca porque a não convidaram para dançar ; mas por essa causa não é capaz de commetter um tal desatino, para o que apostemos e veremos quem depois é que ganha.

JULIA.—Ah ! não sou ! pois eu lh'o mostrarei : ora vejam !... dançar !... nem que eu precisasse de dançar com uns figurões como os senhores !...

JACINTHO.—Deixa lá isso que são manias de crianças.

JULIA.—Manias de criança ? pois agora não lhes conto um segredo.

FRANCISCO.—Contai-nos, contai-nos que não diremos nada.

JULIA.—(Disfarçado) Pois bem, vou dizer-vos lindas cousas.

FRANCISCO.—Contai, contai !... (esfregando as mãos de contente.)

JULIA.—Não digaes nada heim ?

ANASTACIO.—Oh ! nada, nada !

FRANCISCO.—Um segredo !..

(Continúa.)

M. LEITE MACHADO.

Character portuguez,

Na lucta da nossa independencia em 1640, cahio em poder dos hespanhoes, já sem forças e mui ferido, um cavalleiro portuguez chamado Roque Antunes; e perguntando-lhe elles.—Quem vive ?—respondeu com nobre coragem : « Deos e D. João IV, rei de Portugal » prometteram-lhe a vida se um só vez dissesse—viva el-rei D. Filippe. porêm, respondeu com toda a presença de espirito :—matá-me, muito embora, que por um tal preço eu não quero a vida. »

Um bis mal interpretado.

Todos sabem que o *libretto* da opera de Guilherme Tell, é de MM. de Jouy e Hypolito Bis.

Depois da primeira representação desta obra prima de Rossini, que teve lugar a 3 de agosto de 1829, os professores da orchestra executaram a ouvertura da partitura e debaixo das janellas do maestro italiano, que então morava no Boulevard Montemartre defronle dos Panoramas.

O publico transportado com a execução da composição, gritava : bis ! bis ! em toda a extensão do Boulevard.

Apparece o veneravel M. Jouy, e dirigindo-se á multidão pronuncia o seguinte *speech* :

—Srs., o meu collaborador, M. Bis, está ausente, não póde pois satisfazer os vossos desejos. Mas eu recebo por elle a manifestação com que o honraes e prometto fazer-lhe saber quanto é ella lisongeira.

Um dillettante americano.

Em uma das reuniões musicaes de Mm. Or... um bravo *Ian kee* se tornava notavel pelos entusiasticos bravos com que acompanhava cada pedaço de canto, ou cada solo de instrumento.

A ventura infavel que parecia experimentar, seu gesto apaixonado, seu olhar em que se pintava o extasi, toda a sua pantomima enfim revelavam um profundo conhecedor.

—*You are a musician, sir* ? disse-lhe um joven inglez, que por acaso estava a seu lado. (Sois musico Sr. ?)

—*No sir*, (respondeu o Americano), *but my brotther has a musical box*. (Não, senhor, mas meu irmão tem uma caixinha de musica.)

DECLARAÇÃO.

A assignatura para esta folha é paga adiantada, no escriptorio da empreza, rua do Senhor dos Passos n. 77 defronte da igreja. Por anno 6\$000, por semestre 3\$000: para seguir pelo correio por anno 8\$, por semestre 4\$.

O pagamento da assignatura está aberto. As pessoas que até aqui receberam os primeiros seis numeros do segundo semestre são consideradas assignantes.

Os que receberam os primeiros numeros, e depois mandaram suspender, hajam de mandar entregar os numeros recebidos.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 210.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 30 de Março de 1856.

N. 8.

LITTERATURA.

Os meus sonhos

ou

A HERANÇA DE MEU TIO

NOVELLA.

Era eu então ainda moço, e, todo entregue ás ardentes preocupações do presente, desprezava completamente o passado. Altivo, como todas as pessoas da minha idade, dotado de forças ainda não gastas nem experimentadas pela vida, de nada duvidava, regosijava-me de ter nascido na nossa época, e admirava-me nos meus contemporaneos. Quando voltava os olhos para o passado, não via senão preconceitos, superstições ou servilismo; a minha geração parecia-me abrir na realidade a historia, e carregar com o mundo como Atlas.

D'aqui se originaram os meus soberbos desdencs por tudo quanto não era do nosso tempo. Escarnecia das modas antigas, as velhas usanças faziam-me alçar os hombros, e fugia das pessoas de cabelos brancos! Orphão quasi desde o berço, tinha crescido no meio de companheiros da minha idade, sem parentes e sem amigos, cujo affecto podesse reconciliar-me com a velhice: por isso ella me desagradava igualmente nas pessoas e nas cousas; quando não me fazia rir, causava-me medo. A minha existencia era alegre, ainda que longe da patria querida, trilhando a espinhosa carreira da vida. Arrebatado pela actividade febril da moderna sociedade, sentia prazer em fazer n'ella as minhas provas. Semelhava-me ao joven nauta, que se diverte em lutar com as ondas; mas por vezes o cansaço sobrevinha, e os meus desejos eram então de encontrar uma praia do meu Portugal, onde me assentasse, e um raio de sol para me aquecer. Encerrado nos limites de uma estreita mediocridade, desejaria possuir essas azas de ouro, que fazem vencer as distancias. Obrigado a cuidar sobretudo em mim para viver, queria ter vagar de pensar nos outros para os

servir. Um inesperado acontecimento veio arrancar-me aos meus trabalhos, foi um sonho que tive: soube a morte de um tio do qual nunca tinha ouvido fallar, e que me deixava uma herança. A carta do tabellião reclamava a minha presença, como indispensavel para apressar a tomada de posse.

Foi por tanto preciso decidir-me a tomar lugar em um paquete, que tinha de me conduzir a Lisboa, para ir depois á aldeia outr'ora habitada pelo defunto.

A viagem não foi muito boa por causa da tempestade, fui feliz porque cheguei a Lisboa a salvo.

Preparei-me pois para uma jornada, depois de admirar a minha capital.

A jornada fez-se felizmente: um bello sol de outono alumia o campo, e os bosques estavam ainda coroados pelas suas ultimas folhas. Fallando a verdade, não me desagradou a provincia até que cheguei a ***

Mas ali disseram-me que era preciso deixar a liteira, e ir até á povoação onde era esperado; eram duas leguas que tinha que andar por montanhas e caminhos transversaes, bastantemente estragados pelas chuvas precedentes! O dia começava a declinar, e uma fria neblina de outubro se estendia já pelo fundo do valle. Puz-me a caminho, com bastante máo humor, dando ao diabo os montes escabrosos por não estar acostumado a viajar por grutas, aonde de continuo uiva o lobo.

Infelizmente as indicações que me deram quando deixei a liteira foram insufficientes; todas as veredas existentes atravez das vinhas e dos montes tinham para mim o mesmo aspecto, perdi-me muitas vezes, e era já noite quando cheguei á povoação.

Um homem, que encontrei, me disse que a senhora Felicidade (era a governante) estava orando na igreja. Foi preciso pois esperar o seu regresso, passeando no pateo com as mãos mettidas nos bolsos, e o nariz enterrado na golla do meu paletó.

Esta sentinella, que fiz á porta da minha propria casa, seria divertida, senão fosse o cansaço e a nevoa que insensivelmente se transformava em chuva fina. Estava com a paciencia quasi es-

gotada, quando finalmente appareceu uma velha criada com um ar meio burguez, e que eu reconheci pelo livro das horas, acompanhada de um enorme rozaio que trazia na mão.

Vendo um desconhecido em pé junto ao limiar da porta, parou e perguntou-me o que pretendia.

—Senhora Felicidade, respondi todo a tremer de frio.

—Quereis dizer *menina*! replicou a velha com voz aspera; sou eu; o que deseja o senhor?

—Primeiro, que me abra esta porta, disse eu; segundo, que me forneça meios para me enchugar.

E, para prevenir qualquer outra objecção, disse o meu nome.

Logo que isto fiz, esperava que a velha criada se desfizesse em satisfações; mas qual, com grande espanto meu, vi que começou a olhar-me com uma especie de suspeitosa hostilidade.

—Ah! o senhor é o herdeiro! exclamou ella com voz pausada; então vou prevenir o tabelião.

—Com mil diabos! disse eu impaciente; tratemos primeiro que tudo de nos abrigar, entremos, senhora Felicidade.

—Desculpe-me; confiaram-me a guarda da casa, respondeu resolutamente a velha; quero salvar a minha responsabilidade. O senhor póde ahi ficar; porque o senhor Diogo decidirá o que devo fazer.

E, sem esperar resposta, virou costas e sumio-se por uma viella.

SERPA PINTO.

(*Continúa.*)

MATHILDE.

VI.

Quer que lhe repita, como meu sobrinho, que esta amizade se manterá sempre firme, e sempre a mesma?! É inutil meu caro amigo; eu lhe agradeço desde já, e conte tambem comigo.

Vamos lá disse o pai de Henrique, pertence-me a vez; dizem que eu sou um homem reservado, e que poucas vezes me revelo; porém uma vez que todos se pronunciam em seu favor, pela minha parte lhe desejo ha muito, uma amizade de pai. Obrigado, obrigado! exclamou Carlos comovido, oh! continuou elle sensibilizado em extremo, reputo-me agora tão forte e orgulhoso que serei capaz d'arrostar as fúrias de todos os assassinos nascidos e por nascer!... Já vêdes meu tio, que eu não sou tão máo como me pintaes. ... Ora deixemo-nos de cousas tristes, conti-

nuou Carlos, pegando na mascara que pouco antes deixára cahir, tenho muito tempo para achar o malvado, que assassinou meu infeliz pai; entretanto envidemos todos os esforços para tornar felizes aquelles que soffrem... E Carlos lançava a furto um olhar a Luiza, que lhe impoz silencio com outro. O Sr. Rego assistia silencioso a esta scena, mas como todos sabiam, a sua amizade por Carlos não precisava de ser insinuada, além disso elle esperava que o volúvel mancebo, rematasse a conversação por alguma das suas extravagancias.

Não se enganava. Carlos foi sentar-se em um banco de madeira, que ficava fronteiro ao lugar em que estava Luiza, e principiou a brincar com um bonito cão de raça mestiça. Vem cá tolo, vaes apanhar, por não me teres cumprimentado segundo o costume. Olá! vamos, a pé! Sr. doutor continuou elle fallando com Henrique, faz-me favor de sentar-se aqui?! Este obedeceu, e sentou-se ao lado de Carlos. Mondego, cumprimenta aqui o Sr. O complascente animal levantou as mãos, e inclinou duas vezes a cabeça. Não é isso que lhe ensinei, quero o cumprimento de etiqueta. Tres saudações, vamos, principie de novo.

O animal prestou-se a tudo. Agora Sr. Mondego, recomendo-lhe que preste muita attenção a este Sr.; quero que, todas as vezes que o encontrar, lhe faça as tres saudações costumadas, quando não... puche!... O docil cão virou de bordo, e foi deitar-se perto de Luiza. As pessoas presentes acompanhavam esta scena com uma attenção tão particular, como os admiradores de *Cagliostro* as suas experiencias magneticas; com a differença de que as *habilidades* d'este charlatão, deixavam uma viva impressão; Carlos ao contrario, tinha empregado n'este passatempo uma graça tão *cômica*, que todas as pessoas presentes, á excepção de seu tio e de Luiza, a celebraram com uma gargalhada geral, sem que esta hilariedade tivesse o cunho da zombaria. Luiza dirigio a Carlos alguns olhares de censura, e exprobração, mas esses olhares eram repassados d'uma tristeza tão tocante, que pareciam convidar o mancebo a repetir as suas experiencias. O brasileiro, como era d'esperar, conservou a sua habitual gravidade, pedindo sempre a Deos paciência, para assistir ao que elle chamava extravagancias de seu sobrinho. É um animal intelligente, o seu Mondego, disse Henrique sorrindo-se. Oh! promette grandes esperanças no futuro! Quem o tem ensinado assim? Eu Sr. doutor; dou-lhe tres lições por dia. E quanto recebe por essas lições; perguntou aquelle sorrindo-se de novo. Olhares furibundos de meu tio, reprehensões do dono da casa, e sobre tudo o que mais me penalisa, é que essas lições não merecem a approvação da menina; ainda hontem me chamou de criança, eu que posso vender juizo e seriedade ao homem

mais serio do mundo! Não acha que é uma paga bem mesquinha? Continuou Carlos em tom pathetico. Tem razão, porém todo esse trabalho reverte em seu favor. Póde em pouco tempo mostrar Mondego como uma raridade nos animaes da sua especie. Assim seria se Mondego fosse meu, mas Luiza reclamará o seu direito de propriedade, não é assim Luizinha? A joven interpellada de repente, e sem o esperar não respondeu, contentou-se em pedir por um olhar a Henrique que desculpasse as impertinencias de Carlos.

Este levantou-se, e começou a assobiar uma aria de *Rossini*.

O doutor aproximou-se do dono da casa, que conversava com seu pai, e tio. N'este meio tempo o brasileiro sentara-se ao pé de Luiza, e procurando dar ás suas palavras um tom de interesse, perguntou. Que tem, Sra. ? está hoje tão triste! Algum pezar occulto, heim? Não, senhor, respondeu ella, sem levantar os olhos do bordado; engana-se, nada tenho. Não, a senhora encobre o verdadeiro motivo que a obriga a chorar em quanto os outros riem. Esta indirecta tocava de perto a Carlos, que ouvia tudo, tambem conhecendo-a, crusou os braços assobiando sempre.

E não sabe, continuou Tristão animando-se gradualmente, não sabe que todos nós nos interessamos tanto por si, que partilhamos sempre da melancolia em que a todo o momento se acha sepultada? Como um desmentido a esta declaração, Carlos deu uma gargalhada. Que é isso? exclamou aquelle voltando-se formalizado para o mancebo. Nada, meu tio, lembrei-me n'este momento d'uma cousa, e não pude deixar de rir. Não, Sra. prosequio Tristão em tom mais baixo, este seu proceder não é dos mais lisongeiros; é uma declaração tacita, de que não tem pelos amigos de seu pai a mesma amisade e sympathia que elles lhe tributam. Oh! Sr. ! exclamou Luiza com vivacidade; permitta-me que lhe conteste isso; respeito e amô muito os amigos de meu pai, e mormente aquelles, que conviveram com elle, e que até hoje hão dado exuberantes provas da sua afeição por nós. Se não tenho um genio alegre e expansivo, acredite que não deixo de agradecer em silencio, todas as attentões que o senhor, e os amigos de meu pai se dignam prodigalisar-me. O brasileiro, que não esperava por uma refutação tão prompta ás suas exprobrações, balbuciou uma desculpa, e como não podia contar muito com os recursos do seu espirito, mudou de conversa, e continuou fallando com Luiza em cousas que não podem interessar os leitores. Carlos ouvia sempre, mas aborrecido talvez de ouvir essas expressões vulgares que seu tio hia empregando aproximou-se do doutor Rego, que entretido com seus amigos, não prestava attenção ao que se passava na extremidade da varanda. Carlos era um

mancebo de 20 a 22 annos, de estatura alta e elegante, rosto trigueiro e fortemente accentuado.

(*Continúa*).

A. X. RODRIGUES PINTO.

o misterio d'uma noite.

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

CAPITULO III.

Gustavo apenas entrou, principiou a examinar tudo com attenção; seu semblante tornou-se pallido, e sentindo uma forte commoção, aproximou-se para o leito que havia no fundo do quarto, com passo apressado. Um presentimento que o fazia estremecer, se tinha apoderado de seu espirito, e sem reparar para nenhuma das pessoas que no quarto se achavam, arredou as cortinas do leito. Ah meu Deus!... disse elle recuando; deixou cahir a cabeça sobre o peito, e ficou pensativo.

Jazia no leito sem movimento uma moça, cujo semblante pallido dava indicios de defunta.

Apezar de estar bastante desfigurada, pelos traços de seu rosto conhecia-se que era Amelia, que tinha estado no camarote do theatro.

Junto ao leito, Mathilde, e uma criada se occupavam em ministrar-lhe os remedios, que julgavam mais a proposito. Então Sr. disse Faustino ao improvisado medico; este pareceu cahir em si; chegou-se para a doente; tomou-lhe o pulso, examinou as pulsações do coração, e principiou a applicar-lhe alguns medicamentos, e dando-lhe ether a cheirar, ella pareceu depois d'alguns minutos recobrar a respiração, e foi com vagar tornando a si.

Todos se conservavam em silencio; Mathilde apezar de preocupada não deixava de olhar com admiração para Gustavo. Amelia tornou de todo a si, e voltando a cabeça, quiz fallar, mas a voz lhe ficou presa, tornou a voltar a cabeça e escondeu o rosto entre as mãos. Minha mãe!... disse ella com voz fraca; o que sentes Amelia? onde estamos? quem está aqui? oh! parece-me um sonho horrivel!... Gustavo voltou-se para Faustino. Vamos para qualquer outro aposento; torna-se necessario deixar descansar a doente e esperemos; então segui-me Sr. Dr. e ambos sahiram do quarto, e foram assentar-se em uma sala do primeiro andar.

Passados alguns instantes Mathilde appareceu.

Ainda está fallando Sra. ? perguntou Gustavo: pedio-me que a deixasse e julgo que deve estar dormitando. Bem, deixai-a em socego, e peço-

vos que me deis licença para fazer-vos algumas perguntas. Pois não. Ambos prestaram attenção ao que iria dizer. Gustavo principiou :

Habitou em outro tempo, isto é, ha cinco annos, esta cidade um homem, que tinha tido um amor extremoso por uma donzella, cuja belleza, educação, e alguma fortuna a tornavam seductora. Esse homem não era rico, mas tinha com que viver; e dava-se por feliz sendo amado por ella.

Mas uma terrivel enfermidade veio pol-o em deploravel estado. Faustino prestava grande attenção, e parecia estar assustado.

Para poder restabelecer a saude, era necessario ir viajar, segundo a intimação dos medicos; oh! quanto não sentiram essas duas creaturas na occasião dessa separação!... os juramentos se fizeram, e despediram-se com muitas lagrimas...

O destino parecia fatal a ambos. O navio que conduzia o doente naufragou, e elle apenas pôde salvar a vida!... O seu primeiro cuidado assim que agradeceu a Deos, foi escrever ao unico ente que mais amava sobre a terra, e por amor de quem só queria viver. Passaram-se muitos mezes em continuo escrever, e nunca teve uma só palavra por resposta!..

Oh! ella já o teria esquecido? então aquellas juras tantas vezes repetidas; aquellas lagrimas que a tornavam tão terna, e que eram o espelho da alma, seriam fingidas?... oh! anjo, mulher, ou o quer que fosses, terias sido destinada para atormentar e desgraçar a um homem que vivia em socego?... Maldição sobre ti, se tudo o que fizeste era fingido!

Oh! esse pobre homem tragou um verdadeiro calix de martyrios, e parecia que cada vez mais se tornavam maiores. Passados quatro annos, recebeu uma carta, em que ella dizia, que se tinha unido a um homem que a fizera feliz; que elle pobre, doente e em paiz distante, se contentasse com um adeos eterno, porque, seu marido, queria leval-a a viajar, e nunca mais se veriam!...

Faustino durante esta narração conservava uma phisionomia horrenda; boquiaberto, um olhar espantado, os cabellos irriçados, pallido, e correndo-lhe continuamente um suor frio. Gustavo continuava. Esse homem ainda padecia, e essa carta foi peor que um punhal que lhe cravassem no coração; sua saude empeiorou, seu socego desapareceu, e passava horas maldizendo a primeira vez em que tinha conhecido essa mulher ingrata.

Tudo lhe veio á imaginação, até a vingança mais cruel se lhe mostrou como unico alivio para seu coração tão sentido. Jurou, e seu juramento devia ser cumprido; deixou tudo; e não se importou com o tratamento de sua propria saude, que estava em tanto risco. Confiado em Deos, principiou a procurar, onde se occultariam esses dous entes que lhe eram abominaveis. Oh! Deos

sempre faz justiça e guia o homem justo. Não só descobrio todo o trama que lhe tinham armado, como os autores d'elle, e até por uma casualidade a morada dos dous entes abominaveis!... disse elle levantando-se enfurecido. Faustino estava cabisbaixo, sem poder fallar. Gustavo elevando mais a voz, disse: Sra. D. Mathilde, esse homem que tanto soffreu, sou eu, é Gustavo de Magalhães!... aqui está este anel, que recebi na hora da partida, d'essa mulher ingrata! ide Sra. entregai-o a vossa filha, porque ella não merece senão minha vingança!... Mathilde e Faustino deixaram escapar um grito d'espanto ao ouvir pronunciar o nome do desconhecido; Mathilde cabisbaixa e envergonhada, sahio da sala, e em pouco fechou-se no quarto com sua filha.

(Continúa.)

Paginas intimas.

FRAGMENTO.

A. M. J.

VI.

Se é licito ao coração que ama engolphar-se a todo o momento n'esses sonhos encantadores e venturosos, que nos transportam a um mundo novo e brilhante d'attractivos; eu vou hoje, minha querida M... pagar-te o tributo saudoso, que te é devido, e dizer-te quanto me é grato recordar as nossas confidencias d'outr'ora!

O sentimento que animará este escripto, fructo d'alguns instantes de profunda melancolia, tu o adinharás no pulsar do teu coração, e como eu cederás á sua influencia. Depois virão esses pensamentos ingenuos, mas cheios de poesia, em que te encontrei algumas vezes engolphada nas margens do nosso saudoso Douro; e se por acaso estas poucas linhas te forem ás mãos, se ao lê-las, ellas te despertarem d'esses sonhos dourados no porvir, accorda bem.

M... porque o presente e a realidade, por uma mutação repentina te dirão que estou longe de ti, e que esses pensamentos, sem a minha presença não terão essa poesia que admirei lá. É pretender muito, eu bem o sei, M... é querer arrogar a mim, um exclusivismo quasi egoista, mas não ignoras que és tu a causa principal d'este muito querer. Não temas porém que eu insista n'essa idéa a ponto d'enfastear-te... a minha ausencia d'esses lugares, eximio-me do direito que tinha de pedir, e hoje só me é concedido implorar.... Quero que estas *paginas intimas* sejam a expressão mais intima dos sentimentos do meu coração, quero que nem por um momento duvides que ao

escrevel-as tenho bem presente a tua doce imagem, e que os teus sorrisos me animam a proseguir, sem que uma idéa d'este mundo em que vivo, venha despertar-me do doce encanto que a tua recordação me inspira; esse encanto que se sabe sentir, mas não explicar. E por isso também, M.. que este escripto é innocente, como aquella que o inspirou; é por isso que as expressões tem aquelle cunho de convicção, que não permite a duvida nem a incerteza, e tu mais que ninguém deves conhecê-lo... Não sei como acolherás o tributo que julguei dever enviar-te a duas mil leguas da patria; não sei também a impressão que elle te poderá causar; o que sei, o que te juro, M., é que nenhuma outra mulher soube até hoje arrancar-me esses suspiros saudosos, que parecem querer levar o coração d'envolta com as lagrimas vertidas por mim, longe dos lugares em que passamos os mais bellos dias da nossa infancia!..

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

POESIAS.

Saudades.

Ai! que sempre as saudades
Serão tristes como a flôr,
Como ellas me trazem vivas
Lembranças do meu amor.

Recordo os dias tão bellos
Que em minha terra passei,
Vou lembrar essas venturas
Que bem joven lá gozei.

Lembra-me o ninho paterno
E as caricias d'uma mãe;
Caricias que só tem preço
Para mim e mais ninguém.

Lembro o socego dos campos
Suas bellezas sem fim,
Vejo tudo colorido
A sorrir-se para mim.

Ouçô o sino da matriz
A chamar para a oração,
E erguer-se a Deos piedoso
Tributos do coração.

Vejo o meu Douro poetico
Em seu leito a murmurar,
E nas arvores que o bordão
O rouxinol a trevirar.

Lembro sempre de continuo,
Lembro tudo quanto amei;
E tenho na noute escripto
O que vi, e lá gozei.

Porém o que hei de mais intimo
Contal-o bem não o sei;
Tenho segredos occultos
Segredos que não direi.

Amo muito e sou amado
Que mais devo desejar?
Estes segredos são intimos
Por que os não devo calar?!

Muito embora as saudades
S'identifiquem na dôr,
Hei de sempre em outras plagas
Fallar d'ella e nosso amor...

Rio, Março 25 de 1856

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Aquella noute...

Tinhamos ambos partido
Da cidade, onde illudido
Por muito tempo vivi;
Douro acima a navegar
Noute bella, e que luar
Que luar como não vi!...

Sorrias-me sempre quando
O lindo barco oscilando
S'hia quasi a submergir;
Vinhas também p'ra meu lado
Quando o teu e meu passado
Ao longe vias surgir.

Eu pensava, reflectia
Que o meu amor d'algun dia
Não era muito bastante;
Lias em meu pensamento
E adeyinhando o intento
Sorrias no mesmo instante.

Teu sorriso e singeleza
Dissipavam-me a tristeza,
Sentia-me outro, esperei;
A tua e minha esperança
Trouxe-me essa bonança
Porque tanto suspirei.

Que bello porvir sonhamos
E que ambiente aspiramos
Durante a nossa viagem;
Era tudo o que resume
Das lindas flôres perfume,
Era emfim a tua imagem.

O teu rosto que exprimia
E que no meu reflectia
De tu'alma a sensação ;
Esse rosto em que os encantos
Ai de mim, são tantos tantos.
Que prendeu-me o coração.

Essa noute tão fagueira
Em que tu mui prasenteira
Me disseste, amar e crer ;
Essa noute hei de cantal-a
Quanto possa, e recordal-a
Recordal-a até morrer....

Rio, 27 de Março de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

A roza desfolhada,

Linda roza, que nasce nos prados,
Linda filha, do lindo botão,
Desfolhou-se ao verdor da existencia,
Desfolhou-se cahida no chão !...

J. DE L.

Candida, formosa flôr,
Quem no ledô alvorecer,
Da vida sobre o pé tenro,
Faz teu viço emmurcheçar ?

Quem, brilhante c'os orvalhos
Suaves, doces, d'aurora,
Qual as per'las engastada,
Te roubou á bella Flora ?

Bambolejavas do zephiro
Ao soprar embalsamado !...
D'aquilões ora batida,
Como foi cruel teu fado !...

Que teu calix d'innocencia,
Quem tão puro o derramou,
Pela terra corrompida,
Que não tremeu, e pasmou !..

Por acaso enregelado
Ar ; soprou-te melindrosa !
Tão gentil pelo bolicio,
Já em tempo tão formosa !

Ou da sésta no estio,
Foi o vento queimador ?
Que depois d'arejar mortos,
Te crestou viço, e frescor ?!

Que é feito d'esses perfumes
Suaves, tão deleitosos ?
Que é do nacar, e alabastro,
Que se casavam formosos !...

Minha roza, minha roza...
Quem nunca s'embelecera,
Em teus mimos ; quem delicias
Seductoras não sorvera !...

As auras serenas, puras,
Como outr'ora não te beijam,
Só tufões vertiginosos,
Te fulminam, te dardejам ! !...

Malfadada... tão mesquinha !
Quem nunca te cultivara...
Quem antes á discripção,
Entre abrolhos te deixára ! !...

Mysterio occulto da vida...
Da vida que eu tanto amava...
Da vida que ora desprezo,
Na terra porque anhelava ! !...

Eras suave em botão
Como a brisa da manhã,
Tinhas encanto, doçuras,
Como tem virgem louça ! !...

Agora mirrada e sêca...
Jaz em terra essa folhagem,
Onde prenhe de delicias,
D'innocencia eras imagem.

O Éolo furibundo,
Prostitui-t'e a belleza...
Descrida, pobre flôr !...
Ludibrio da impureza ! ..

Só existes arido tronco,
Para desprezo do solo...
Que o vento a flôr da esp'rança,
Sacodio; torceu-lhe o culto ! !...

JOSÉ ERNESTO DA CRUZ FERREIRA.

VARIEDADES.

Paciencia de um prezo.

Braz Mascarenhas, portuguez, levado pelo gosto das viagens, deixou a casa paterna para ir buscar em remotos climas objectos de interesse, que li-songeassem a sua imaginação exaltada ; porém logo na primeira viagem teve a infelicidade de ser — captivo dos piratas, que então infestavam os mares da America. Passado algum tempo, conseguiu recuperar a sua liberdade, e se dirigio ao Brasil, aonde se distinguio durante a guerra,

que os intrepidos Brasileiros então faziam aos Holandeses. Voltando á patria, occupou ainda diversos empregos ; sendo por ultimo nomeiado governador do forte de Alfaiates, no tempo que durava a guerra da restauração contra os Hespanhóes. Porém como fosse accusado de traição, foi preso, a arrebatado do seu forte, para ser sepultado n'uma masmorra do castello do Sabugal. Pozeram-no incommunicavel, e sobretudo lhe era severamente prohibido o necessario para escrever. Não podia portanto fazer publico a sua innocencia ; porém a sua imaginação fértil lhe suggerio um meio assaz estranho para o conseguir. Obteve do seu guarda um livro de devoção, para dissipar com a sua leitura tristezas e pezares ; pouco depois alcançou uma thesoura dizendo que era para talhar e remendar o seu facto e d'ahi a alguns dias uma pouca de farinha, para fazer um remedio para molestia que padecia. Teve pois a paciencia de recortar grande quantidade das diferentes letras do livro e collocando-as uma a uma sobre as folhas brancas, que havia no principio e fim do mesmo livro, veio por fim deste modo a formar uma extensa epistola dirigida ao rei, narrando-lhe tudo. Teve meio de fazer que esta singular escriptura chegasse ás mãos d'el-rei ; o qual, mandando — proceder a informações, reconheceo sua innocencia, e lhe restituiu a liberdade, assim como o seu posto de governador. Como escriptor deixou um poema heroico em vinte contos, intitulado — O Viriato tragico. — A pessoa do nosso heroe anima geralmente as vastas scenas, que apresenta o seu poema, e leva muitas vezes o interesse do seu character ao mais subido gráo. Faleceo pelos annos de 1660.

OS PRETENDENTES

DE

AMELIA

COMEDIA EM UM ACTO

(Continuação).

JULIA. — Eu nunca pude ver enganar a ninguém.

FRANCISCO. — De certo.... de certo.

JULIA. — Era um logro que lhes pregavam, e os senhores na boa fé, cahiam facilmente (*Admiração dos tres*). Meu pai queria fazer um casamento bem singular!

FRANCISCO. — De casarmos com vossa irmã?

JULIA. — (*A'parte, rindo-se*). Ora já se vio tres maridos para uma mulher?! havia de ser muito galante!...

JACINTHO. — (*A Francisco*), de que Diabo se rirá ella? É esperta como todos os demonios!

JULIA. — Eu vos explico, Amelia, essa que tanto almejaes para vossa espoza, nunca foi minha irmã; porém é minha mãe.

FRANCISCO. — Heim?!!

ANASTACIO. — Que é?! como é isso então!!

JACINTHO. — (*a Anastacio*). E esta!...

ANASTACIO. — Falle-nos seria, menina!

FRANCISCO. — Ah! explicai-nos... Explicai-nos, que estou impaciente!

JULIA. — Pois se o Senhor está impaciente então deixe-se estar, porque eu estou bem socegada.

FRANCISCO. — (*com moderação*). Está bem, minha amiguinha; contai-nos....

JULIA. — Já lhes disse que Amelia é minha mãe.

JACINTHO. — E a menina está bem certa do que diz?

JULIA. — Esta é muito interessante!... pois não havia de saber o que digo?!... (*à parte*) Tolos. (*alto*) Estava morta por vos enganar, e terminar com este ridiculo papel que estou fazendo; façam os senhores idéa; sendo ella minha mãe, estou obrigada a chamal-a de irmã! nada.... nada, quero terminar com isso (*à parte*). De certo, quanto mais cedo melhor.

JACINTHO. — Pois não é assim; os senhores irão procurar outra que lhes faça mais conta, e eu ficarei com ella em paz.

FRANCISCO. — (*a Jacintho*). que dizeis a isto?

JACINTHO. — (*Encolhendo os hombros*). Tem dinheiro....

ANASTACIO. — E porque não?! é uma viuva rica.

FRANCISCO. — Cá por mim não a engeito.

JULIA. — (*à parte*). Tem dinheiro.... é uma viuva rica, cá por mim não a engeito! Que demonios!... não ha remedio se não buscar outros meios. (*alto*) Esperai, ainda vos eu não contei o melhor; mas eu já volto, e não ha de ficar nada para dizer. (*sahe*).

FRANCISCO. — Olha, minha camaradinha, vem cá....

JACINTHO. — É dos demonios esta pequena!

SCENA. V.

OS MESMOS MENOS JULIA.

FRANCISCO. — E que vos parece o velho?

ANASTACIO. — Faz elle muito bem, se eu estivesse no seu lugar faria o mesmo; com a bréca, para que demonio serve o dinheiro? se o não livesse, eu diria que nos queria pregar um logro; mas uma viuva rica!... se vós estaes com escrupulo.... eu não regeito.

FRANCISCO. — Oh! nada.... não é isso que eu digo, porém que para o futuro sempre se vem a saber, e elle não nos devia occultar uma cousa tão simples.

JACINTHO. — É que teve alguns receios que nós lhes torcessemos as ventas. Ah!... ah!... ah!...

FRANCISCO. — Cá por mim sempre tive mais inclinação ás viuvias do que ás solteiras.

ANASTACIO. — Não são tão ciumentas.

JACINTHO. — Sabem já cuidar melhor dos arranjos de uma casa, e dos interesses de seu marido.

FRANCISCO. — Isso lá é innegavel.

SCENA VI.

OS MESMOS E JULIA.

JULIA. — Finalmente, vou agora contar-vos tudo, tim-tim por tim-tim; não desejo vos occultar nada. O Sr. Ambrosio, porque agora ficou pobre....

TODOS. — Pobre? !...

JULIA. — Sim, porém não digais isso a ninguém, que elle não deseja que se saiba; e me deveis agradecer por vos livrar de semelhante tramoia. Pois querer fazer passar uma viuva por donzella, inda de mais a mais sem dote! E cahir em um tal logro uns negociantes como os senhores!... Ah! eu não pude soffrer um tal desatino, o meu pensamento foi logo o de fazer-vos sciente de tudo.

FRANCISCO. — Mas como sabeis isso camarádinha? !...

JULIA. — Eu vos explico tudo: estava esta manhã o Sr. Ambrosio lendo uma carta, em que um Mathias lhe pedia uma somma de dinheiro que lhe devia....

FRANCISCO. — Mas.... e como dizia essa carta?

JULIA. — Eu lembro-me cá! e esta! nem que a cabeça da gente fosse algum deposito de tudo que se ouve!

FRANCISCO. — Está bem.... mas vosso pai guardou essa carta sem dizer nada?

JULIA. — Sim, ficou elle muito zangado, dizendo: o que eu tenho já me não chega para os meus credores! vou acabar com tudo de uma vez: chamo-os, e entrego-lhes o que tenho, está tudo decidido.

FRANCISCO. — (*Aos companheiros, esfregando as mãos*). Com a bréca; agora podeis tomar conta da viuva.

ANASTACIO. — Tomai vós que sois mais inclinado ás viuvias.

JACINTHO. — E vós que não eram tão ciumentas.

ANASTACIO. — E vós que tinheis mais juizo para cuidar nos arranjos de uma casa.

JACINTHO. — Está decidido, não nos serve. (*à parte*) sem dinheiro!... (*Alto*) Mas o que diremos nós ao velho? !...

FRANCISCO. — Cá por mim sei bem o que lhe hei de dizer.

ANASTACIO. — E eu tambem.

JACINTHO. — Meus amigos, não era nada menos que um logro pregado a qualquer de nós! Graças a esta nossa amiguinha, que nos avisou a tempo havemos em paga lhe trazer uma linda boneca.

FRANCISCO. — Muito bem.... muito bem!...

(CANTAM OS TRES).

Nem viuvias, nem donzellas
Fazem conta sem dinheiro;
Não seremos mais logrados
Por esse velho matreiro.

(JULIA CANTA).

Moça linda e com dinheiro,
Já mais haveis de apanhar;
Que sceptro do puro amor
Ha de sempre triumphar.
(*Sahem os tres, e fica Julia só*).

(Continúa).

DECLARAÇÃO.

A assignatura para esta folha é paga adiantada, no escriptorio da empresa, rua do Senhor dos Passos n. 77 defronte da igreja. Por anno 6\$000, por semestre 3\$000: para seguir pelo correio por anno 8\$, por semestre 4\$.

O pagamento da assignatura está aberto. As pessoas que até aqui receberam os primeiros sete numeros do segundo semestre são consideradas assignantes.

Os que receberam os primeiros numeros, e depois mandaram suspender, hajam de mandar entregar os numeros recebidos.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO

Rua da Alfandega n. 210.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 6 de Abril de 1856.

N. 9.

LITTERATURA.

Os meus sonhos

OU

A HERANÇA DE MEU TIO

NOVELLA.

II.

Comecei então a andar por diferentes vezes os cem passos de terreno que ha em frente da minha herança ; ao cabo de meia hora, Felicidade tornou a apparecer, acompanhada por um homem gordo, corado, com óculos dourados, que se deu a conhecer como sendo o tabellião Diogo, e a quem entreguei a carta que me tinha escripto; assim como os documentos comprovativos da identidade da minha pessoa. Depois de ter tomado conhecimento d'elles á luz de uma candeia, quiz reconhecer bem a minha pessoa em questão, e ordenou que me deixassem entrar.

Durante estas formalidades, continuei a bater com as solas no chão afim de aquecer os pés, e a amaldiçoar, em voz baixa os tabelliães de aldêa.

Quando a porta finalmente se abriu, declarei seccamente ao senhor Diogo, que no dia seguinte iria á sua casa para pôr as cousas todas em regra, e entrei precipitadamente para um escuro corredor, sem o convidar a que me seguisse.

A velha criada brevemente appareceu com a sua candêia, e conduzio-me para um salão antigo, mobiliado com quatro cadeiras de couro, uma velha poltrona estufada, e não tendo por adorno senão duas figuras de gesso, representando uma o marquez de Pombal, e outra D. José I, collocadas sobre uma meza entre quatro jarros de jaspe.

A difficuldade que tinha tido em me fazer reconhecer, reunida ao incommodo produzido pela estrada e pela neblina, pôz-me de máo humor, e qual não procurei mesmo occultar.

Ordenei desabridamente á governante que me acendesse lume e me preparasse a ceia, em quanto eu ia tomar conhecimento do resto da casa.

Pegando então n'um velho e negro castiçal, em que havia um coto de vella, adornado por uma arandella de moscas mortas, comecei a percorrer a habitação do defunto tio.

Tudo correspondia ao salão em que tinha sido recebido. As tapeçarias desbotadas eram variegadas, em algumas partes, por peças mais novas, que lhes davam o aspecto de farrapos remendados ; os moveis, de formas antigas e toscamente trabalhados, apenas guarneciam imperfeitamente aposentos mal fechados; desvelo, elegancia, commodidade, tudo faltava nesta velha habitação : ali encontrei, segundo a minha opinião, um testemunho eloquente da rusticidade de nossos pais, e mais uma prova de que o bom senso e o bom gosto só tinham verdadeiramente começado na nossa geração.

O quarto de dormir, sobre tudo, causou-me abalo ; o leito em forma de ataúde, estava encerrado em quatro cortinas de sarja verde, picadas pela traça, sobre uma meza já sem gavetas ; achava-se um jarro rachado e uma bacia de mãos de differente côr, finalmente, ao longo da parede, pendiam velhos retratos de familia, capazes de metter medo a uma criança de vinte e quatro annos, ou para melhor dizer, fazer causar crises nervosas a um entendedor.

Pintados em diversas épocas, representavam personagens de differentes profissões, entre os quaes notei um ecclesiastico, um commerciante, um juiz, um official, e finalmente um homem muito pançudo *semi-burguez, semi-vilão*, que a senhora Felicidade me declarou com todos os pontos de admiração, ser o seu defunto amo.

A discreta governante tinha vindo participar que a ceia estava prompta, segui-a pois para o salão.

A mesa estava posta, e o seu aspecto causou-me impressão. A toalha que em meu obsequio, tinha sido tirada de um armario reservado, era matisada de riscas vermelhas; em quanto á finura de seu torçal, poderia com facilidade amarrar algum saltador da falperra ; os pratos de barro pareciam illustrados por immundos arabescos, que provavam o emprego do garfo e das facas ; os copos, sem base, não se assemelhavam aos copinhos das nossas antigas bodegas; finalmente,

dois saleiros cambaios offereciam ao commercial, para tempero, sal de cosinha e pimenta moída.

A senhora Felicidade servio-me com uma magra sopa, e os restos de uma gallinha choca, á qual apenas a sua maternal sollicitude tinha deixado a pelle e os ossos. A governante declarou-me que era este o sustento diario de seu defuncto amo; mas, por obsequio a mim, augmentou-o com tres maçãs quasi pôdres, e um pedaço de queijo em perfeito estado de putrefacção!

Quiz provar o vinho, era uma zurrapa turva; fabricada com a uva do refugio.

Mais descontente do que nunca com a minha viagem, decidi-me a ir para a cama.

A velha alumiou-me até ao quarto de dormir. O grande leito funebre, e os velhos e denegridos retratos ainda me desagradaram mais do que da primeira vez. Porém lançando as minhas vistas segunda vez pelo quarto, notei ver n'elle uma commoda monstro, com tamanhas gavetas que com facilidade poder-se-hia guardar n'ellas todo o uniforme da soldadesca e officialidade, que entraram na guerra peninsular.

(Continua.)

SERPA PINTO.

Mathilde.

Sem possuir essa belleza que impressiona, elle poderia passar por um bello rapaz. Dotara-o Deos com esse character voluvel que, desperta em nós sentimentos oppostos e tão variados, que era forçoso conceder-lhe uma excepcionalidade, que os outros não tinham. Carlos servia-se d'essa distincção segundo as circumstancias, mas é necessario confessal-o, nunca em prejuizo dos seus semelhantes. Elle era em casa do doutor Rego, uma providencia benigna.

Sem elle todos participavam da tristeza de Luiza, sem elle o pobre misantropo via-se obrigado a odiar a vida, e em fim até Luiza, impenetravel, como era, sentia-se outra ao lado de Carlos. Anoitecêra. O doutor convidou os seus amigos a entrarem para o interior da casa, e em breve, este, Tristão, e os dous Cardozos se sentaram a uma meza de jogo. O doutor Henrique fôra prevenindo-o primeiro de que não conhecia qualidade nenhuma de cartas; esta confissão surpreendeu-o bastante, porque se lembrava do seu tempo de estudante. Meu charo doutor, disse o dono da casa, advirto-lhe que, a unica distracção que achará aqui é o *voltarete* de noite, e passeios pela margem do rio de dia; assim pois conto já que deve passar aborrecido n'uma tal caza!

Não, atalhou o tio Cardoso, Henrique é facil de contentar, além d'isso tem o piano para se dis-

trahir quando quizer. O Sr. toca piano? perguntou Rego. E perfeitamente, tornou Cardozo; meu tio exagera bastante essa informação; toco piano como é possível fazel-o, quem toma esse instrumento no sentido imperfeito, sou curioso nada mais. Que modestia! atalhou Cardozo. Pois bem disse Rego, curioso ou artista convidou-o desde já a tomar posse do piano de Luiza, que o tem abandonado de todo; e a não ser Carlos creio que teria de dar-lhe outro destino.

O Sr. Carlos toca tambem? E muito, mas é preguiçoso... Não ha tal, interrompeu este espreguiçando-se na cadeira em que se achava sentado perto da mesa; sou atacado por vezes d'essa molestia, mormente quando os vejo ás voltas com as cartas, agora mesmo estava pensando na maneira porque poderia passar a noite mais entretido.

N'esse caso peço-lhe que não nos deixe sem tocar alguma cousa, disse o doutor Gama vendo que Carlos hia levantar-se. Obedeço para satisfazel-o, mas não espero que possa preencher o seu desejo. Vamos, Sr.; Carlos encaminhou-se para o piano. Os quatro parceiros largaram as cartas, Luiza o seu bordado, e o doutor Gama esperou. Que querem que toque? O que quizer disseram todos á uma. Uma aria da ópera *Torquato Tasso*. Não, balbuciou Luiza empallidecendo. Porque, minha filha? perguntou o doutor Rego sorpreso. Luiza inclinou a cabeça, e não respondeu.

Advinho a razão, disse Henrique ao ouvido de Carlos, toque a aria do 2.º acto de *Torquato*; eu lhe peço. Carlos começou. Em breve uma bella voz de tenor se misturava com a musica, o extravagante rapaz queria surpreender Henrique. Para quem conhece a tristeza, o amor e o infortunio que revela a ópera em questão, facil será advinhar o effeito que ella produziria nos assistentes; o brasileiro sobre todos exprimia com uma linguagem muda, mas bastante distincta, a impressão que a voz de Carlos lhe despertava. Luiza que inclinára, como disse já, a cabeça para esconder a pallidez de seu rosto, levantou-a pouco a pouco; um rubor vivo lhe tingio as faces, seu cóllo arfou com violencia, e quem lhe seguisse todos os movimentos diria que um anjo descera á terra para dar áquella musica a expressão divina que trouxera do céu! Era evidente que Carlos, animado pela presença de Luiza, queria destruir qualquer impressão menos favoravel, que o seu character vesse produzido no espirito do doutor Henrique, com quem sympathisara de prompto. Este expediente tornava-se desnecessario, por que o joven doutor não tinha esse egoismo tão conhecido, que torna imperdoavel qualquer pequeno defeito; é por isso tambem que foi elle o primeiro que felicitou Carlos; agradecendo-lhe a fineza de satisfazer por tal sorte a sua rogativa. O nosso heroe foi cumprimentado por todos, e o tio Cardoso prometteu consagrar-lhe um poema. Carlos acolheu

esses cumprimentos sem affectação, e em pouco tempo tudo voltou ao seu estado primitivo. O doutor Gama sentou-se ao pé de seu pai, advinhara que Carlos queria fallar com Luiza, e discreto como era, tomou uma posição que lhe não permittia surpreender nada. Não se enganava, Luiza fez signal áquelle, que se apressou em obedecer, indo sentar-se junto d'ella. Obrigado, Carlos, disse Luiza com extrema doçura. Porque não querias ouvir aquella aria? Porque me despertava a recordação do dia em que te confessei o meu amor, e recejava trahir-me; mas meu pai é tão bom e tão crédulo, que não pôde advinhar a causa do meu pedido... Fallaste hoje com Mathilde? proseguio Luiza lançando a Carlos um d'esses olhares meigos e carinhosos, que revelam uma paixão profunda. Não, respondeu o mancoço com tristeza, mas espero fazel-o d'aqui a pouco; são 7 horas, e breve irei esperal-a na mata. Pobre menina! tornou Luiza voltando o rosto para esconder as lagrimas, quanto receio por ella!

Nada temas, disse Carlos levantando-se, d'amanhã em diante Mathilde será minha irmã! obrigado, obrigado.... como poderei eu deixar de amal-o! atalhou Luiza como fallando a si mesma. Carlos apertou a mão que a joven lhe estendera, e veio reunir-se no resto das pessoas, que, entretidas com o jogo, nada tinham visto do que se passára com elle e Luiza. Em pouco tempo Carlos, que aborrecia o jogo, aborreceu-se tambem, e demonstrou-o com repetidos abrimientos de boca. Por fim levantou-se.

Aonde vais? perguntou-lhe Tristão.

Passar. Ora essa! E então, não querem ver que meu tio prefere que eu durma na cadeira e dê por ahi algum tombo em regra... nada... vou passear...

Boas noites, boas noites? Carlos desapareceu pelo corredor, recitando o verso com que fizera a sua entrada na varanda.

(Continúa.)

O misterio d'uma noite.

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAZ FERREIRA.

CAPITULO IV.

Mathilde deixou-se cahir na cadeira, ao pé do leito de sua filha, e ficou quasi desfallecida. Amelia já estava restabelecida, e ficou assustada, ao ver o rosto pallido de sua mãe. Minha mãe, o que sentis?

Mathilde reanimou-se, e voltando-se para ver

se não era ouvida de mais ninguem, respondeu-lhe: Amelia! quão terriveis scenas acabo de presenciarch! Oh, minha filha, parece-me um sonho; aquelle homem que tanto te amava, e que nós tínhamos por morto, está ahi, é esse intitulado medico! Será realidade!? minha mãe, não vos enganastes? oh! eu tambem o tinha visto!... disse a moça escondendo o rosto entre as mãos; tu minha filha? sim minha mãe; foi elle a causa de meu desmaio! oh! Amelia, e estavas calada?

Oh! ressuscitado!... Gustavo de Magalhães, é vivo!...

Oh! desgraçada que fui! agora comprehendo que aqui se encerrava um horrivel trama! sim meu Deos, e eu fui a victima. Eu que tanto amei, e que tanto fui amada; obrigada ainda na flôr da idade, a casar-me com um homem a quem nunca votei uma amizade do coração!... eu vivia amargurada, e esta vida ainda é um horrivel soffrimento.

E porque? só porque possuia fortuna!... de que serve o dinheiro que se chega a possuir, por um casamento forçado; se jámais se pôde conquistar o coração da infeliz que vai perder até o ultimo instante de sua existencia!? oh minha mãe, e quem será a culpada; eu, ou vós? Ah! vós não quizestes attender a meus rógos; fostes vós que quizestes o meu casamento com Faustino. O coração me advinha que Gustavo quer vingança! e eu sou innocente. Amelia, o mal está feito; já não ha remedio! eu quiz o vosso casamento concluido, Faustino tambem tem fortuna; e Gustavo, o que era, e o que é?...

Minha mãe, não offendais a honra de Gustavo; elle sempre foi um homem franco e de coração leal.

Amelia, muito embora tudo isso, hoje já é tarde! já não ha mais remedio, a culpada fui eu; e mais ninguem.

Hoje és espoza de Faustino; elle é homem resolutivo e deve defender tua honra. Oh! minha mãe, não vá encolerisar a Gustavo; elle ha de querer vingar-se, pôde derramar sangue... e que vergonha para nós. Não manchemos a sepultura de meu pai!...

Mathilde já se tinha encaminhado para a porta, depois voltou-se mais alegre para sua filha. Amelia; um pensamento me occorre, elle nos vai servir de muito; e abrindo uma secretaria tirou um papel; olha; esta é a carta que nos confirmava sua morte; tudo o mais se fez, depois que ella recebemos; elle deve conhecer a assignatura, e assim descobre o auctor do trama que nos enganou. Minha mãe; esperai, ouvi-me;.. falla, Amelia. Se elle por acaso aplacar a ira que deve ter contra mim á vista d'essa prova; como poderei viver mais ao pé d'um homem, que não me ama, e que a mim me causa horror?... O que ouço, Amelia!?... mas se Gustavo é vivo, elle não pôde

soffrer tanto; ver-me nos braços d'outro!... oh! meu Deos! para que me fazeis soffrer tanto?..

Amelia soluçava, com o rosto entre as mãos; Mathilde estava cabisbaixa, e procurava na mente um ardil para dar fim a uma scena tão penosa para sua filha. Minha mãe, em ultimo lugar, o divorcio será minha vingança! Amelia! tentarás praticar semelhante cousa? ainda persistes em amar a Gustavo, e elle acaba de dizer-me que te aborrece?! Elle só quer vingança; e tu ainda lhe poderás ter amor? Tem confiança em Deos, Amelia, Faustino é teu espozó; eu não quero que ames a mais ninguem, a isso te obrigam os deveres de espozó; eu vou provar tua innocencia, e despedir para sempre a Gustavo de Magalhães!... elle quer sangue! Sangue! dizeis vós? Sim Amelia, elle procurou-te só para vingar-se! Oh! estou perdida; nem mesmo Gustavo já me ama!.. Mathilde sahio, e a porta fechou-se.

(Continúa).

Paginas intimas.

O OPERARIO

VII.

Vita sibi sufficientes operarii condalcabatur et in ea invenias thesaurum.

ECCL. CAP. XL.

Como é agradável o trabalho, *essa emanção de Deos*, doce e suave para aquelle que acha n'ella uma consolação moral; pesada e material para o que toma a expressão como uma pena imposta ao primeiro homem!

Como é agradável a vida do jornaleiro, que conhece por instincto essas palavras da biblia em que nos fundamos.

Como é agradável lançar á terra o germen d'aquillo, que nos sustentara mais tarde!

Como é agradável vêr os campos floridos, as arvores côr d'esmeralda e pouco depois curvadas ao peso do fructo.

Como é agradável em fim, achar-se em tudo o vistigio indelevel de um sopro benefico de Deos, e depois o trabalho do homem, que plantou, regou e cuidou d'essas arvores, que, seccas no inverno apparecem na bella estação, adornadas das galas que encantam os olhos e o coração!

Como é doce poder-se agradecer ao Creador o fructo — a compensação d'esse trabalho de muitos mezes!...

É no campo—perante o expectaculo magnifico d'uma natureza tambem magnifica, que o homem

póde gozar a paz — esse socego do coração que o rico, o opulento difficilmente achará na cidade.

O operario, como o jornaleiro levanta-se ao primeiro arrebol da manhã.

O segundo destinado a transformar essa terra adornando-a das garridas galas que se identificam n'ella, recebe esses ambientes agradaveis da natureza que desperta!

Ouve o primeiro canto dos passarinhos, seu coração dilata-se, e um sentimento inexprimivel se apossa d'elle.

O campo — como saudozo d'elle, chama-o.

As plantas, pendentes e murchas, reanimam-se logo — porque o jornaleiro participa mais que ellas d'esse bafejo vivificante do omnipotente!

A terra — massa bruta e sem significação é em pouco tempo o receptaculo dos beneficios que Deos concedeu aos homens com o peccado de Adão.

Depois... o trabalho, e sempre o trabalho.

Para o jornaleiro a temperatura ardente d'um sol do estio, é o sopro que deve animar gradualmente aquillo que plantou.

O frio do mais rigoroso inverno nem sequer lhe vem á lembrança. Recebe tudo como emanado de Deos, e agradece-lhe com fervor.

Para o jornaleiro o trabalho é uma acção de graças, as ineffaveis bondades do Omnipotente! Canta e ri ao mesmo tempo.

Lgrimas? Oh! não as tem n'esses momentos. Se algum dia chora não é no campo, não é no trabalho.

A vida real morre ali.

O mundo não desperta d'esse bem estar intimo e consolador, que elle comprehende, mas não explica.

Perguntai-lhe a razão por que desconhece as cousas mais simples d'esse mundo em que não vive; interrogai-o sobre a maneira por que cogita as consequencias, sem profundar a causa, responder-vos-ha que não sabe; dir-vos-ha que Deos se revela em tudo, e que a nossa religião ensina a respeitar essas consequencias, sem que um pensamento anterior nos authorise a investigal-as.

Vós exprimis uma idéa egoista.

Elle uma crença arreigada.

Não o desperteis pois d'essa vida placida e socegada, e vereis uma pintura dos costumes patriarchaes dos primitivos tempos...

O mundo, isto é o mundo elegante, ainda não impellio para o centro d'essas povoações campestres o ar empestado das cidades, em que tomamos por civilisação aquillo que nada mais é que a immoralidade.

O mundo ainda não levou entre ellas a discórdia e o pranto.

A vida ali é doce, como o maná dos livros santos, os seus pensamentos são puros como a gota

d'orvalho no calix do lyrio campestre, os seus prazeres, são risonhos e innocentes, como o primeiro raio de sol em um dia de primavera.

Passai, pois, alegrias ephemerass das grandes cidades; o vosso ruido não accorderá os habitantes do campo, e a vossa passagem será unicamente um vestigio do pouco que podereis dar....

« A vida do operario, que se contenta com o que lhe basta, será cheia de doçura, e tu acharás n'ella um thesouro.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Fé, esperança e caridade.

II.

ESPERANÇA.

Esta segunda virtude theolocial, que nos deixa vêr ao longe o remate de nossos males, e o perdão de nossas culpas, é um pensamento lisonjeiro que nos embala e conforta, é uma virtude que nos força a praticar o bem, quando a consciencia nos aponta os erros que a todo o momento praticamos. O Evangelho nos aponta a esperança em Deos como juiz supremo, mas cheio de bondade e clemencia, mais propicio a perdoar, que a castigar.

Manda ter esperança na salvação da alma, ao homem justo, esmoler, que longe de mesquinhas tricas passa uma vida regrada e sem mancha, praticando sempre o bem, e aborrecendo ás más acções, furtando-se aos prazeres mundanos na esperança de viver em paz na vida eterna.

Manda ter esperança, ao malvado, a quem a justiça humana obriga a uma vida forçada e trabalhosa, aonde não pôde descansar o corpo das fadigas continuas, mas que por este meio chega a conhecer todo o pezo do presente, e o horror do passado, e que então alongando a vista para o futuro, se lembra que um dia ha de dar contas a Deos do mal que cometteu, e que Deos lhe levará em espição de suas culpas ou crimes, o martyrio a que forçadamente obriga o corpo, e nessa esperança fortifica o pensamento, prostra-se em oração, e chega muitas vezes a um verdadeiro arrependimento, e na hora extrema nessa, hora de terror para todos, quando a voz da religião lhe disser apontando-lhe para o céo, é lá... só lá que existe a esperança, elle se possuirá da virtude, e morrerá sem dôr. Está porém de tal sorte adulterado o sentido da palavra hoje, que esperança é banalidade; espera-se tanto pela sorte grande, e ella não sahe quasi nunca áquelles, que mais ávidos se atiram ao jogo, e perdendo a esperança no lucro, chegam também a perdê-la para a salva-

ção da alma. E a quem se deve isso? á nossa sociedade d'hoje!! á illustração do seculo!! á civilização moderna!! que no seu adiantamento ainda manda levantar uma força!! esse sarcasmo de nossos dias!! *na esperança de metter medo e respeito aos homens*: ainda manda levantar a força, mais vergouhosa á sociedade que a consente, do que a aquelle, a quem obrigam a subir-lhe os degraus que direito tem os homens para abuzarem de uma lei barbara, e levarem seu semelhante a uma morte immediata, sem arrependimento, e sem esperança? com que mais direito se mata o assassino, do que elle matou? com o direito que dá a lei?! mas quem fez essa lei? os homens.... estaremos por ventura ainda nesses tempos em que a maior parte dos homens eram analfabetos?! Supprimem-se hoje em dia os livros em que se bebe o talento? Não são os homens d'hoje mais illustrados? precisamos por ventura de matar, quando se pôde dar ao criminoso um castigo, que o faça arrepender e chorar o mal que fez á sociedade, ou a um seu semelhante, e que uma vez arrependido, chegue a ter esperança na salvação eterna? que esperança pôde ter o homem preso, julgado e condemnado, a quem não dão mais que algumas horas para meditar na sua vida passada? nenhuma; ao passo que se fosse banida a pena capital, se obrigassem esse homem a trabalhos arduos e continuos, aonde elle cançasse o corpo, o espirito se desenvolveria, o horror de seu crime mostrado nessa expiação diaria o faria meditar, arrepender e chegar a ter esperança, não na clemencia dos seus semelhantes, mas na bondade infinita de Deos. É pois a esperança d'hoje, o dinheiro; é a mola que encaminha a sociedade d'hoje. Que esperança pôde ter um peccador, que se ajoelha aos pés do sacerdote. e lhe confia seus erros ou peccados, de quem ouve poucos ou nenhuns conselhos, mas que em compensação vê esse mesmo confessor despidido das vestes sacerdotaes, occultando com a comprida e frisada cabelleira o unico simbolo do seu ministerio, que não pôde deixar em casa; mettido em uma orgia, e sahindo com mais libertinagens do que aquelles de que foi o confidente? que esperança pôde ter tal penitente? nenhuma!! Logo a palavra está adulterada, o pensamento pervertido e a virtude desleixada. Esperam hoje os nossos contemporaneos sómente pela felicidade terrestre, e só na hora extrema é que se lembram da esperança celeste; espera a benevolencia social o homem que se diz apatacado, em quanto que o pobre espera ouro para com elle se assenhorear e figurar no seio da sociedade do muito illustradissimo seculo.

(Continua).

JOAQUIM AUGUSTO.

POESIAS.

Canção pastoril.

Indo eu hontem levar o manso gado
A beber ao mais proximo ribeiro,
Vi de Eulina o seo doce nome escripto
No tronco de um salgueiro;
Li então e reli inda confuso,
O magico lettreiro.

Subi ao annozo tronco n'um momento,
E beijei-o mil vezes com transporte!
E apertando-o depois contra meu peito,
Com tão maga ternura
O beijava de novo que sentia,
Nascer minha ventura.

Suspirando e descendo mui saudozo
Me fui sentar na verdejante relva
Que a formosa campina matisava
Em poetica magia;
A cantar estas trovas mui sentidas
A' brisa que corria:

« Ai Eulina, o teu Elmano
« Só por ti geme de amôr;
« Vôa, vôa.... nos seos braços
« Abrandar a sua dôr.

« Tu não sabes o martyrio
« Que por ti anda a soffrer,
« Se não fosse o teu amôr
« Elle quizera antes morrer.

« Salve pois Eulina bella
« Bella virgem do senhor;
« Que dás vida nas saudades
« A teu firme adorador!

Em quanto que eu assim cantava triste,
Além uma donzella me escutava
A custo suffocando seus queixumes;
Mas soltando depois tambem seu canto
Repassado da mais agra saudade,
Os meus olhos moveu ao doce pranto.

Foi assim que cantou essa donzella
Graciosa pastora;
Que na voz, e no gesto era tão bella
Tão bella, e seductôra:

« Elmano, ó terno Elmano, porque fôges
« A desditoza Eulina que suspira
« Em quanto tu nos braços d'outra amante
« Talvez dando a ventura que era minha!...
« Ha que dias não vens por estes sitios
« Como sempre tu vinhas por costume?!

« Já esqueceste as séstas que passamos
« A sombra d'estas tão frondozas arvôres?
« Que amigas se mostrando, graciosas,
« Inclinam seus raminhos para o chão!...
« Esqueceste que aqui por tantas vezes
« Me juraste tamanha lealdade?
« Que eu no meio do transporte agradecia
« De mãos postas aos céos, tanta ventura!...
« Disseste que jámais outra mulher
« Faria o dôce objecto dos teus sonhos.
« Elmano, meu Elmano, tu de certo
« Olvidaste as promessas que fizeste
« A tua desditoza e triste Eulina,
« Que por ti desprezou tantos pastores,
« Sendo sempre fiel ao seu Elmano!...
« Se acaso habitares n'estes prados
« Escutando meu triste e vão lamento
« Querido Elmano... vem...vem a meus braços.

Logo me approximando fui do sitio,
Onde par'cia ouvir da minha amada
A meiga e dôce voz, que me erguia
No seu magoadado canto!...
Abro os braços e caio entre seus braços
Por um magico encanto!...

Que queixumes me fez n'esse momento,
Quantas vezes de ingrato me chamou,
Quando com força ao peito me apertava
Saudoza suspirando!...
E que juras, protestos lhe não fiz
A seus pés ajoelhando!...

Logo após divagando pelo prado
Vinha Eulina a meu hombro reclinada,
Das fadigas de amor já repousada;
Té que o nosso rebanho recolhemos
E entre mil explosões de puro amôr
Saudozos outra vez nos apartemos.

« Eulina, se dos altos medronheiros,
« Tu desejas que tire o dôce fructo,
« Ou que vá percorrer pelos outeiros
« A perseguir a fêra mais feroz;
« Levanta gentil nympha tua voz
« Tudo farei por ti, pois és divina
« Graciosa pastora, minha Eulina!

Era assim que eu cantava muitas vezes
Auzente da bellissima pastora;
Divagando saudozo pelos bosques
Da presada Pomôna, e bella Flôra.

A final seu rebanho despontava,
Corria para Eulina velozmente;
Que todas as fadigas me pagava
N'um beijo que me dava alegremente.

M. LEITE MACHADO.

As florinhas solitarias.

Triste florinha mimosa,
Desditosa,
Quem te trouxe para aqui?
Em profunda soledade,
Ai saudade!
Quem veio esconder-te assi? !..

Como foi que tu vieste
Aqui n'este
Solitario ermo parar;
Sem uma só companheira,
Feiticeira,
P'ra te poder deleitar?...

Porque das outras boninas
Pequeninas,
Vives assim separada?
Se aqui não gozas como ellas,
Mui singelas,
Caricias de minha amada!

Ai! Se acaso ella soubesse!
Se pudesse
Saber que aqui tu vivias!
Ha longo tempo, por certo,
No deserto,
Que tu não existirias!

Mas vem, florinha sentida,
Esquecida,
Tu mais não deves ficar...
De minha Julia, ao vergel,
Eu fiel,
Correndo vou te levar.

Da manhã quando n'aurora,
Seductora
Por elle for divagar,
Em desalinho, formosa
Descuidosa
Ha de contigo encontrar.

Co'os aureos, finos cabellos
Sem desvelos,
Á brisa soltos voando,
Apertar-te-ha junto ao seio,
Com enleio
Tristemente suspirando!

Impossivel « talvez diga,
« Flôr amiga,
« Quem te veio aqui depôr
« Não fosse meu Jonio qu'rido,
« Ai! sentido
« Não fosse o meu trovador!...

Vamos pois... porém, florinha,
Tu sósinha
Oh! não estás!... eu não via
Esta outra, que ao lado um pouco,
Triste louco,
Deixava sem companhia!

E' um suspiro donoço,
Melindroso,
Que habitava ao pé de ti!...
Ambas, pois, vinde... eu vos levo,
Jámais devo
Abandonar-vos aqui...

Porém que presentimento!
N'um momento
Achar saudade e suspiro!!...
Não vos levo, adivinhei,
Sim, já sei
Quem vos poz n'este retiro...

Foi Julia... dizei, foi ella,
Pura e bella,
Que vos veio aqui plantar?...
Não é aqui qu'ella, saudosa,
Vem chorosa,
Mestos suspiros soltar?...

Ficai, pois, bellas florinhas.
Tão sósinhas,
Aqui ficai em segredo;
Tendes quem venha de dia
Companhia
Fazer-vos neste degredo!

De vós, já levo a saudade.
Amizade
Já consagro a este lugar...
Ser mariposa eu quizeria
Se podera,
Para comvosco ficar.

Porém, não sou bolicosa
Mariposa,
Comvosco não ficarei,
Mas de Julia, em liberdade,
A saudade,
Carpir junto a vós virei...

Virei meus turbos suspiros,
Meus delirios,
A vosso lado soltar!
Como Julia, com meu pranto,
D'amôr santo,
Vossa planta hei de aljofrar...

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

VARIEDADES.

OS PRETENDENTES

DE

AMELIA

COMEDIA EM UM ACTO

(Continuação).

CAPITULO III.

JULIA E DEPOIS ALEXANDRE.

JULIA. — Com a fortuna, o enredo da comedia vai ás mil maravilhas!... Veremos o desfecho.... oh deve ser muito interessante.... sim, deve ser mesmo muito interessante!... (*Vendo Alexandre entrar*) oh! quem será este sujeitinho!...

ALEXANDRE. — (*à parte*) Deos! é sua irmã!...

JULIA. — Quem procura o Senhor?

ALEXANDRE. — Seu pai.

JULIA. — Está fazendo as honras do festejo. (*à parte*) já vi este mancebo, porém me não recordo aonde! (*Alto*). Se quer irei chamal-o.

ALEXANDRE. — Oh! não é preciso minha boa menina, eu espero aqui por elle.

JULIA. — Como quizer.

ALEXANDRE. — Porém disse-me, será verdade que vossa irmã Amelia vai hoje tratar seu casamento?!

JULIA. — Assim ouço dizer, mas pelo que vejo, o Senhor conhece minha irmã?

ALEXANDRE. — Ah! quanto me fôra melhor nunca a ter conhecido!... porém agora que lhe dei o meu coração, o meu amor, minha alma em fim!.. oh! é horroroso soffrer este martyrio.

JULIA. — Agora me recordo, o senhor é o antigo namorado de minha irmã!... Se soubesse quanta pena me tem causado o senhor não ser preferido...

ALEXANDRE. — (*à parte*) como tem bom coração esta menina!..

JULIA. — Andam ahí certos marmanjos pretendentes, que lhes tenho mesmo uma quigila do diabo; mas eu lhe protesto que os hei de deixar a todos confundidos.

ALEXANDRE. — E vosso pai está disposto a fazer esse casamento?

JULIA. — Ninguém lh'o tira da cabeça. Esta reunião que hoje dá, é com o fim de ella fazer a escolha... que qualquer d'elles para mim não servia nem a pezo de ouro.

ALEXANDRE. — Todavia desejava fallar a seu pai, pois estou resolvido a empregar todos os esforços para impedir tal casamento.

JULIA. — Pois espere o senhor n'aquelle gabinete, que eu vou dar parte da sua chegada; e quando for occasião fallará a meu pai.

JULIA. — (*depois que Alexandre entra, serra-lhe a porta, e vai a sahir, porém ouvindo a voz do pai volta assustada*). Oh! é meu pai!..

SCENA VIII.

JULIA, AMBROSIO E AMELIA.

AMBROSIO. — (*Austero*) Não posso... não posso soffrer taes mariolas!... parece-me que se reconciliarain contigo!.. sem mais nem menos recusar a tua mão!.. isto é insupportavel... é uma offensa á minha pessoa!!! Fallar-se com um tal desengano... com tão pouco respeito!.. mariolas... tratantes!..

AMELIA. — E porque vos impacientaes com isso meu pai? foi bom conhecê-los a tempo, pelo contrario deveis estar contente.

JULIA. — (*aproximando-se do pai*). Meu pai... meu bom pai...

AMBROSIO. — O que me queres? não me venhas mais importunar.

JULIA. — (*com meiguice*) Não, meu paisinho, não; mas porque não deixais casar a mana com aquelle moço que lhe quer tanto.

AMBROSIO. — Cala-te, minha tagarella, cala-te.

JULIA. — Valha-me Deus...

AMELIA. — Meu pai, estou bem certa que se'o conhecesseis o havias de estimar.

AMBROSIO. — Se assim é, eu desejo vel-o. (*à parte*). E visto que lhe tem amor, não deve recusar a sua mão.

JULIA. — (*contente*). Pois eu vou para a janella, porque são horas de elle passar, e quando o vir chamo-o, e está tudo acabado, depois meu pai se entenda lá com elle. (*corre para a janella*).

AMBROSIO. — (*sahindo*). Está bom, está bom. Amelia vai para seguit-o, porém Julia acena-lhe que volte a ter com ella).

(Continua).

Resposta espirituosa.

Luiz XIV, perguntou um dia ao duque d'Ajon, depois marechal de Noailles, se tinha mandado a sua baixella para a casa da moeda.

Não, Sire. Pois eu mandei a minha. Sire, quando Jesus Christo morreu em sexta feira, sabia que tinha de ressuscitar no sabbado.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO

Rua da Alfandega n. 210.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. I.

Domingo 13 de Abril de 1856.

N. 10.

LITTERATURA.

Os meus sonhos

OU

A HERANÇA DE MEU TIO

NOVELLA.

(Continuação).

A velha Felicidade vendome olhar muito admirado para o grande deposito de roupa feita, fez-me vêr que era ahí mesmo que meu tio guardava tudo quanto tinha de bom.

Pedi-lhe então as chaves, disse-me que estavam em seu poder, mas que fazia tenção de m'as dar no dia seguinte, mas como sou dotado de um genio mui frenetico mandei-as buscar sem perda de tempo. ao que ella Felicidade obedeceu. Quando me vieram as chaves, dei-me ao trabalho de vêr se era, ou não verdade estar junto de meu leito parte de minha felicidade, mas qual, a primeira gaveta que abri continha apenas nada; a segunda tinha a madeira de que tinha sido feita, a terceira, essa sim, tinha diversos insectos os quaes não me dei ao trabalho de vêr, com medo mêm mordessem; a quarta, quinta, essas sim haviam nellas diversas peças metalicas que vinham a ser castiças velhos, ferros de engonmar, pregos velhos de diversos tamanhos, ferramenta completa de carpinteiro e ferreiro. etc, etc, etc.

Porém olhando vi a minha creada, que se conservava olhando para mim estupefacta, com cada olho maior do que uma abóbora, voltei-me então para ella e perguntei-lhe se havia ou não algum corretor de leilões em *****

— Corretor de leilões! repetiu ella; não sabe-mos o que isso seja.

— Pois nunca ha aqui vendas publicas?

— Queira perdoar.

— Como se faz então isso?

— O porteiro da camara faz um pregão por todas as ruas da povoação.

— Pois bem! mande chamar amanhã o porteiro, e diga-lhe, que annuncie a venda de tudo quanto aqui se acha.

— De tudo! Então o senhor não guarda para si cousa alguma?

— Não ... Não.

— Nem mesmo as pinturas?

— Nem isso.

— Ah! o senhor de certo não fará tal cousa; olhe que são retratos de familia!

— Já disse, não me aborreça, vendo tudo.

Boa noite.

Dizendo isto, tirei o castiçal da mão de Felicidade; que sahio, qual a cobra quando se lhe poem o pé no rabo.

— E que quer ella que faça desses pannos esgaratujados? Ah! sim, hei de vender-vos grutescas imagens, ainda que não fosse senão por odio aos tempos que representaes! Este triste interior é vosso; estes costumes de parcimonia e falta de elegancia são os que haveis legado; esta vida despojada de todos os encantos da civilisação moderna, é a vossa vida perpetuada pela tradição! Fora daqui barbaros. Nós não somos da mesma raça, entre nós nada ha de commum.

Fallando assim comigo mesmo, deitei-me na cama; porém o cansaço e o máo humor afastaram o somno.

(Continua).

SERPA PINTO.

Mathilde.

NA MATA.

Deixemos porém quanto o lado burlesco d'esta viridica historia, e vamos transportar o leitor a outro lugar mais pittoresco, aonde os principaes personagens se encontrarão buscando ferir-se uns aos outros, ou morrer no campo da lide. A um tiro d'espingarda da casa do doutor Rego ha uma extensa e copada mata, em cuja talvez mais d'um acontecimento tragico veio interromper o morno silencio que de continuo reina n'ella. No centro, dous caminhos estreitos a cortam transversalmente. É aqui que um horrendo crime foi perpetrado ha alguns annos, e uma tosca cruz de madeira o attesta ao viajante.

Não é sem um sentimento de receio e sensação, que contemplamos o vestígio d'um crime, é por isso que quasi sempre uma força oculta nos faz prostrar ante essa cruz balbuciando-se a tremmer um *Pater Noster*, como o tributo pago a victima, e sobre tudo á religião. Quando em 1850 visitei a minha terra, vi-me obrigado a atravessar essa mata, e foi a inscripção da cruz de que fallei, que me impellio a obter qualquer esclarecimento sobre o crime que ella attestava. Essa inscripção, que ainda deve existir, era simples como todas as outras, dizia :

« Aqui foi assassinado— João Pinheiro,
na noite de 25 para 26 de dezembro de 1845.
Um Padre Nosso e uma Ave Maria por sua alma.
Proximo a essa cruz havia um banco de pedra.

Era sentado n'esse banco que um homem esperava alguém, na mesma noite da chegada dos tres viajantes á casa do doutor Rego, porque lançava de vez em quando olhares prescrutadores ao longo da mata. Era ainda moço, mas a sua phisionomia tinha esse cunho particular e repugnante, que nos obriga a affastar os olhos d'esse rosto que queríamos estudar. As paixões desenhavam-se-lhe todas nos olhos profundos, e rodeados d'um circulo roxo; algumas rugas na face e uns beiços finos e sensuaes, eis o que de mais notavel poderíamos achar na phisionomia d'esse homem.

Elle deixava escapar alguns signaes de impaciencia, todas as vezes que procurava distinguir a sombra ou os passos da pessoa que esperava.

Em fim um outro homem appareceu no caminho da direita, o primeiro levantou-se e foi ao encontro d'elle. Então? Está tudo prompto Sr : os homens esperam as suas ordens, e a velha aguarda a occasião para se mostrar. Comtudo consinta que lhe faça uma observação; vamos arriscar-nos bastante na realisação do seu projecto... Tens medo? Nenhum; sou prudente. Como será possível raptar-se uma mulher, que tem a seu lado seis ou oito pessoas, e qualquer d'ellas em estado de deffender-a á custa da propria vida? Reflucta, meu amo, cumpre tudo prever antes d'obrar. Luiza dorme só, é bem verdade, e seu quarto fica na extremidade da casa, mas qualquer grito accorderá seu pai, e as pessoas que chegaram hoje! Como? de que pessoas fallas? Os dous Cardosos, e o filho d'um d'elles; pensei que o soubesse já. Ignorava-o, mas não importa; quero que Luiza fique esta noite na casa da velha Martha. Será obedecido Sr. Lourenço. O homem affastou-se, e aquelle voltou para o banco de pedra. Um sorriso de odio lhe pairou nos labios, seus olhos despediram faiscas e com vós entrecortada pela raiva, disse:

Quem dirá que sou um d'esses homens predestinados para levar a desgraça e o pranto entre

aquelles que riem e que são felizes?! Quem dirá que o meu coração é um deserto árido, onde senão abrigam mais que sentimentos de odio e vingança?!... Luiza do Rego, eu amava-te com esse amor de poeta, instinctivo e santo; tinha feito d'elle uma crença arreigada, e eu podia ser bom... Repelliste-me, porque os meus inimigos te pintaram Lourenço de Castro, como um homem sem fé, sem religião, zombando de tudo, e attribuindo-o ao acaso. Tentei deffender-me, tentei dizer-te depois que a tua belleza tinha despertado em mim um sentimento novo e desconhecido, quiz provar-te, sim, que eu não era mais esse joven extravagante e odiado, e que um horisonte formoso surgia d'entre as trevas de que me achava envolvido. Repelliste-me de novo, e pagaste o meu ardente amor com desprezo.

Eu voltava ás trevas; jurei jámais procurar a luz, ou um anjo que me guiasse no meio d'ellas, e hoje sou o que fui sempre, um flagello...

Assim o quizesse, assim o terás; hei-de possuir-te, ainda que para isso seja mister passar por cima do cadaver de teu pai e d'aquelles que te amam!... São oito horas, proseguio elle mais socegado; Mathilde não deve tardar por ahi; esperemos mais um pouco, porque quero que ella me diga positivamente que recusa os meus offercimentos. Se assim fôr terei mais uma victima a sacrificar; e que importa isso? Lourenço sentou-se, resolvido como o dissera a esperar a passagem d'essa Mathilde em que fallára; comtudo mudou d'idéa, porque se levantou, e hia a retirar-se. Uma bella e argentina voz se ouviu ao longe. E Carlos disse Lourenço; vem orar por seu pai; é preciso que elle não dê pela minha presença n'estes lugares. E affastou-se tendo cuidado de fazel-o de modo que não fosse visto. Era Carlos com effeito que vinha á mata pagar o tributo que devia a seu pai; pois que João Pinheiro era o irmão em que o brasileiro fallára na casa do doutor Rego. O mancebo, sempre alegre e descuidado entrou na mata:

Perto da cruz tirou o chapéu e disse:

Nem por Santo Antonio perco este costume de cantar. Não sei porque, mas acho um prazer ineffavel em recordar os devaneios poeticos, que me perseguiram longe do meu Portugal! Era bom tempo esse! Tinha desoito annos; os prazeres de hoje renovavam-se amanhã, depois, e assim todo o anno. Cuidados? nenhuns! Barriga cheia, aljibeira, idem; e um tio rico e indulgente para os momentos criticos. Agora? que extraordinaria mudança, orphão, e em procura d'um homem que é tão difficil encontrar como a quadratura do circulo, a pedra philosophal ou o moto continuo dos meus amigos Inglezes. E para maior desgraça, namorado! eu que fui sempre indifferente aos seductores olhares das filhas da risonha e poetica Guanabara!... Vim pagar o

meu tributo na patria, e bem perto dos lugares em que se deslizou a minha infancia... Consequencias da vida... Ah! tenho a pagar outro tributo; esto é diario, e pago sempre do coração.

Carlos ajoelhou-se e orou por algum tempo; meu pai, disse elle, hoje, como sempre, venho orar a Deos por vossa alma, e recordar-me do juramento que fiz de vingar-vos. Eu sei que o lugar não é dos mais bem escolhidos, por que Jesus Christo, do alto do Calvario, perdoou aquelles que o tinham crucificado; mas eu apesar de bom christão não poderei jamais esquecer ou perdoar aquelle que ousou levantar mão traçoira contra um velho indefesso. Perdoai-me pois, meu Deos, mas é meu pai que tenho a vingar.

(Continua).

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

O misterio d'uma noite.

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAZ FERREIRA.

V.

Voltemos a vêr o que se passa entre os dous rivaes.

Logo que Mathilde sahio da sala, Gustavo ainda encolerisado com a recordação do seu infortunio, voltou-se para Faustino, e disse-lhe: agora é entre nós. Sabes o meu nome, e quem sou, não é verdade?... Faustino tinha ficado aterrado, e cada palavra de Gustavo, parecia que era-lhe um golpe mortal, apenas balbuciou um não; Como não?! se eu te conheço perfeitamente, e nunca te tinha visto. Tú és livre, e tens direito ao que fôr de tua vontade; porém devemos respeitar a honra de nossos semelhantes, observarmos a religião, para podermos viver na sociedade. Tu porque descendes de pessoas que estão classificadas acima dos outros, julgaste que havias de fazer tudo o que teu maldito pensamento te dictasse. Mas enganaste-te. Os homens são todos iguaes perante Deos; e cá na terra só as acções e as boas qualidades, é que podem distinguir uns dos outros.

De que te valerão as riquezas, e a nobreza que dizes ter, quando um homem decidido te lançar a luva do duello? Terás certeza da victoria? não por certo! Oh! mas já tremes? ainda tão cedo! pois então presta-me attenção.

Já ouviste a minha historia, e conheces-me, agora pergunto-te: conheces a Anastacio de Tarento? Faustino extremecceu e passando horrorisado a mão pela testa, disse: não.... Miseravel! não és marido de Amelia? Ah! sim, sou....

Tu foste que occultaste todas as noticias, que dirigia a esta familia; tu te relacionaste com um ladrão para poder saber de todos os planos e talvez mesmo tentar contra minha vida!... tu subtrahiste todas as cartas de Amelia; tu expalhaste a noticia de minha morte em um carcere!... e com uma carta falsa provaste o que querias; com teu artil soubeste ganhar a amizade de Mathilde; e tudo porque motivo, e com que direito?...

Faustino conhecendo que estava descoberto, procurava animar-se, mas a cobardia tornava-o sem movimento, e apenas podia olhar com desprezo a seu adversario.

A ambição! foi por ella que tudo praticaste!...

Roubaste-me o maior thesouro de minha vida, a mão de Amelia!... Mas ella tambem foi ingrata! o tempo me vingará.... Mas Deos não havia de deixar tantos crimes sem castigo. Doente e acabado como estou, ainda mesmo não contente com o que tinhas praticado; querias dilacerar-me o coração; julgavas que a ausencia poderia ter riscado de minha mente, todos os meios de descobrir o que era feito dessa mulher ingrata! Não! a ausencia gravava cada vez mais, tudo o que ella fazia em outro tempo! e esta carta, escripta pela mão do criminoso e já com o trimido visível do remorso; ainda que imitando a assignatura della, não conheceria que era feita por ti?...

Oh! Deos foi meu guia, e tudo descobri.... Anastacio de Tarento está pagando bem caro o que tem praticado em um calabouço para onde as leis o condemnaram.

Dos meus antigos amigos, que já me julgavam morto, por teu falso boato; vim saber tudo o que se tinha passado para a realisação de teu casamento, mas ninguem me sabia dizer onde estavas! foi o destino, foi o meu bemdito guia; foi Deos que apontou o covil do monstro!... e arremessou-lhe aos pés a luva do duello; disse, levanta essa luva, que não quero que digão que Gustavo de Magalhães foi covarde cravando-te um punhal no coração, braço a braço será a minha vingança!...

Faustino estava boquiaberto, e seu rosto contrahido causava horror. Mathilde appareceu, e ouviu ainda Gustavo pronunciar vingança! Como mulher artilosa poz-se ao pé de seu genro, e dirigio-se para Gustavo em voz alta.

Sr. Gustavo, ouvi-me; uma vingança nunca deveis tomar de ninguem desta casa! Vós amáveis minha filha, mas a grande ausencia, e sem uma só noticia vossa, havia tarde ou cedo de dicidil-a; vossa cura era duvidosa; e ainda mais, vossa volta.

O amor bem sabeis que é como o vento, e o coração de uma joven como o botão de roza que se move segundo o mesmo vente.

Não senhora! na vossa classe não ha amor, é essa a razão porque assim fallaes. Porém quando se chega a amar verdadeiramente, só a morte pôde apagar de ambos os corações essa idéa tão feliz!...

Depois de muito tempo correu a noticia de vossa morte, e d'ahi á algumas semanas recebemos uma carta, d'uma pessoa que nos dizia ter recebido as vossas ultimas palavras. Tudo o mais se fez depois d'isso; eu, minha filha e meu genro somos innocentes; a carta Senhora?

Ei!-a.... Gustavo leu a assignatura; Anastacio de Tarento!... Faustino escondeo o rosto entre as mãos e depois deixou cahir a cabeça sobre o peito, corria-lhe pelas faces palidas um suor frio. Não é preciso vêr mais, tudo sabia, esse Anastacio está pagando bem caro a sua ousadia e foram elle e vosso genro, os auctores deste trama!... para poderem-me arrancar a mão e a fortuna de Amelia!...

Agora miseravel levanta essa luva e marca o lugar; Faustino com a vista de Mathilde reanimou-se e levantando a luva, disse-lhe: no mórro de Santa Thereza junto a caixa d'agua, ás 5 horas da manhã. Senhora, um adeus eterno, e á vossa filha se morrer, o tempo me vingará; se viver, terei cumprido minha vingança!... Lá me encontrarei, disse elle a Faustino, e sahio com rapidez.

(*Continua.*)

Paginas intimas.

FRAGMENTO.

O PROSCRIPTO.

VIII.

Il a été vif mon songe de bonheur;
mais il fut aussi d'une courte durée.

CHATEAUBRIAND.

Era noite!

A lua, com todo o seu magestoso brilho, guiava meus passos, e um fraco vento do Este fazia balouçar lentamente as arvores da mata em que me embrenhára, para procurar um instante de repouso ao meu atribulado espirito....

E eu caminhava... só, com a cabeça pendente sobre o peito, e uma recordação longinqua e fugaz vinha de tempos a tempos despertar-me d'essa dôr estranha, que eu não sentira até ali!

Em breve a lua se escondeu sobre uma nuvem negra, e eu... parei.

O estranho da minha posição me forçou a lançar investigadoras vistas em torno de mim e não sei por que, tive medo....

As arvores pareciam-me phantasmas, que girando sem cessar, diziam-me... não vás.

Dei alguns passos.. e parei de novo.

A minha direita a mata, da qual a espessura me não pirmittia distinguir o que havia além.

À esquerda o rio....

Na frente.... e bem longe ainda a morada d'aquella que me forçara a deixar as caricias de meus irmãos.. e os contos factidicos de minha avó.

Vamos, disse eu! é preciso transpor esta distancia, muito embora eu tenha de mais que uma vez parar em meu caminho, para expellir da imaginação os pensamentos sombrios que tumultuam n'ella...

Cheguei...

Uma linda casa pintada de côr de rosa se elevava graciosa a poucos passos de mim.

O coração pulsou de prazer, aspirei com ancia o perfume embriagante das flores que me rodeavam, e cruzando os braços esperei.

Uma voz e os accordos d'um piano chegaram a meus ouvidos e n'um transporte louco e arrebatado disse:

É ella!...

Escutei....

Ah! a sua voz..... era a de um anjo...

Não sei o que se passou....

Eu sonhava; quando accordei achei-me ao lado d'ella, e escutando-a enlevado, sem cessar de contemplal-a.

Amas-me!

Como os anjos devem amar a Deos; como Camões amou Catharina, como Tasso amou Leonor, como Petrarca amou Laura!

Tambem eu te amo...e muito. Estás contente?

Ah!... é o que pude dizer, mais esta palavra exprimia a felicidade!

Quão rapida foi!

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

POESIAS.

Sans changer.

Eu amo cantar na lyra
Doce queixumes d'amor;
Eu amo colher pr'a Julia
Do jardim formosa flôr.

Eu amo cantar na lyra
Bellezas da minha terra;
Eu amo guardar saudoso
As tradições q'ella encerra.

Eu amo cantar na lyra
Lindas galas do verão;
Eu amo cantar ás turbas
Tristezas do coração.

Eu amo cantar na lyra
Linda noite de luar;
Eu amo ver as estrellas
No azul do céu brilhar.

Eu amo cantar na lyra
Bellezas ao pôr do sol;
Eu amo escutar ao longe
O trinar do rouxinol.

Eu amo cantar na lyra
Doce orvalho da manhã;
Eu amo guardar saudoso
Lembranças de minha irmã.

Eu amo cantar na lyra
A tempestade no mar;
Eu amo ver o meu Douro
Em seu leito a murmurar.

Eu amo cantar na lyra
Bellezas do mez d'abril;
Eu amo correr os campos
Debaixo d'um céu d'anil.

Eu amo cantar na lyra
Doces canções, que m'inspira
A amizade fraternal;
Eu amo tanger um canto,
Que diga junto c'o pranto
Deos, familia e Portugal...

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Incertezas.

Diz-me, Julia, o teu segredo,
Que me occultaste mui lêdo,
Diz respeito á minha dôr?
Ou talvez occultará
Um disignio, que fará
Despertar o meu amor?

Ai de mim! essa illusão
Esvaeceu-se, e a tenção
Com ella se dissipou;
Já não é esse innocente
Apaixonado, mas crente
Que no passado sonhou.

Hoje vem a realidade
E com ella a saudade
Esse prisma destruir;

O presente já não tem
Esse risonho desdém
Com que encarei o porvir.

Ai de mim! que n'esta idade
Essa má realidade
Vem calar o coração;
Inda agora principio
E é um caudante estio
Que tenho por estação.

A' risonha primavera
Léda infancia succedera,
Essa idade dos amores;
Foi o secco vendaval
Que lhe fez todo esse mal
Que lhe murchou essas flores.

Depois olhei tristemente
Para a flor innocente
Que mui risonho plantei!
Um lampejo d'esperança
Eu vi surgir, e a bonança
Após bem calmo esperei.

Louco fui, fui castigado
E paguei o meu peccado
Com bem duras provações;
Vi-me só, e vi-me errante
E não tive um só instante
As passadas illusões.

Diz-me, Julia, devo ainda
Essa ventura tão linda
Esperar em teu amor?...
Diz-me se sempre constante
Devo ter de ti distante
Por presente a minha dor?...

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

A minha rosa.

Não toqueis na minha rosa
Tão formosa,
Que para Julia eu plantei;
Nem se quer doce bafejo
D'um desejo
Que lhe deis consentirei.

Não toqueis na minha rosa
Que vaidosa
Se balança docemente;
Deixai-a livre ficar
Que pr'a amar
Ali foi posta innocente.

Não toqueis na minha rosa
Tão formosa
Que brilha no meu jardim;
Nem se quer doce bafejo
D'um desejo
Lhe dareis como por mim.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

❶ desalento.

Oh! minha esperança
Morrerei contigo.

Minha doce illusão, onde ora foste?
Que me não trazes mais f'izes lembranças
D'um contado porvir?!...
Não respondes ingrata, e meus clamores
Espargidos no espaço, pouco a pouco
Acabam de zumbir.

Agora és fenecida, o desengano
Te matou sem piedade, e eu partihei
Do teu cruel destino!
Ai! morrerei também, quero contigo
Acabar os meus dias, sem ventura,
Que vida... desatino!

Aquelles lindos sonhos, d'outras horas,
Que me vinham de ti, quando eu dormia,
Já hoje os não profiro.
Vida sem esperanças, desfallece!
Prazeres sem futuros, oh! deixai-me!
Adeos, ai! que eu espiro!...

J. J. BARBOSA DE CASTRO.

VARIEDADES.

OS PRETENDENTES

DE

AMELIA

COMEDIA EM UM ACTO

(Continuação).

SCENA IX.

JULIA E AMELIA.

JULIA.—Oh! agora já posso desabafar contigo!..

AMELIA.—O que me querias tu dizer?

JULIA.—Ah! tenho muito que te contar!

AMELIA.—Estou admirada da maneira porque recusaram a minha mão.

JULIA.—(rindo) Foi um logro que lhes preguei.

AMELIA.—Um logro!!

JULIA.—Sim, vou contar-vos tudo, mas peço que não digais nada, porque tudo o que fiz, foi para vosso bem; doeu-me a vossa sorte, e veio-me tão feliz ideia, que quasi tenho concluido o meu plano. *(Neste mesmo tempo os pretendentes ao passarem pela porta, dão uma gargalhada).*

AMELIA.—De que se riram elles?!

JULIA.—Deixai-os rir, que nós também nos riremos á sua custa. Vamos ao caso; disse eu a esses marmanjos que vós ereis minha mãe.

AMELIA.—Pois tu disseste isso?!

JULIA.—Disse. Tolos!.. eu com onze annos e vós com dezeseis!.. mas, dizer-lhe isso de nada serviu; quereis saber o que me disseram?—disse-me um,—é uma viuva rica—disse outro:—Tem dinheiro...—Sou inclinado ás viúvas, disse o terceiro! Que demonios!.. digo-vos que estive quasi a chorar com raiva; porém logo tomei coragem, e busquei nova tramoia, que julguei ser mais conveniente do que a primeira; comõ de facto me não enganei,—disse-lhes com todo o meu sangue frio: Meu pai está pobre, e o que tem não chega para pagar o que deve. A estas palavras ficaram olhando uns para os outros, dizendo que já não cahiriam em casar-se com vosco!.. olhai como eu os apanhei... heim!..

AMELIA.—E acreditaram?

JULIA.—De certo, mas vós ainda não sabeis tudo, olhai... *(leva-a á porta do gabinete, e mostra-lhe Alexandre pelo buraco da fechadura).* Não vêdes?..

AMELIA.—Ceos!.. que vejo!.. É Alexandre!?

JULIA.—Sim, ha um momento que entrou para fallar a nosso pai, e eu mandei esperal-o ahi. Sabeis vós agora qual era o meu desejo.

AMELIA.—Não.

JULIA.—Era experimentarmos se elle fazia o mesmo que fizeram os outros. Sim, dir-lhe-hemos que nosso pai estava reduzido á pobreza.

AMELIA.—Ah! eu sei o quanto elle me ama, não é necessario isso.

JULIA.—Mas se não custa nada experimentar, só se vós tendes receio. Pois para mim tem muita graça estas cousas, queria [só ver o que nos respondia.

AMELIA.—Pois bem, já que vos interessais tanto...

JULIA.—(Contente abrindo a porta) vinde senhor, vinde... já vos fiz esperar muito.

ALEXANDRE.—(Inda dentro) oh! não boa menina, não.

SCENA X.

AMELIA, JULIA, E ALEXANDRE.

AMELIA.—Alexandre !...

ALEXANDRE.—Amelia !

AMELIA.—Concebei novas esperanças.

ALEXANDRE.—Novas esperanças ?...

AMELIA.—Sim, meu pai não porá mais duvida em dar-vos minha mão.

ALEXANDRE.—Céus !... que ouço !... E poderei acreditar em tudo isso... Oh ! repete ? torna-me a dizer as mesmas palavras ! ! !

AMELIA.—É certo o que vos digo, meu pai ficou muito pobre, e seus credores vão tomar conta de tudo quanto elle possui ; e é por essa razão que não ha mais difficuldades ; o que não sei é se vós agora ainda me amais como dantes, pois estou pobre e...

ALEXANDRE.—Eu amar-vos como dantes ? !..

Eu minha querida Amelia ! !... deixar de amar-vos, só por que ficaste pobre ? ! Se agora é que vejo brilhar o meu futuro... se agora finalmente é que concebo a esperança de seres minha ! !... Eu nunca ameie a riqueza de vosso pai, antes pelo contrario a encarava como o principal obstaculo á nossa felicidade.

Oh ! Amelia, a paz do meu coração estava na dita de possuir-te, e nella via todo o meu futuro para o qual minha esperança. E este nobre orgulho não se confundia no esplendor de riquezas, porém nos nossos amores innocentes. Sim, agora, seremos felizes, muito felizes !..

Deos será o nosso unico protector ; em qualquer canto da terra passaremos uma vida, sem luxo mas venturosa. Em quanto o milionario scismar nos seus thesouros, nós iremos ao reflexo da lua contemplar o brilho das estrellas !..

Admirando ahi a grandeza de Deos, e os prodigios da natureza, conversaremos acerca dos nossos passados amores, gozando em fim da felicidade que o céo nos destinou.

JULIA.—(à parte) oh ! como estou agora mais contente !...

AMELIA.—Alexandre... sois vós que assim me fallais ! ! oh ! alma tão nobre como a tua é impossivel haver.

JULIA.—(Correndo á porta e voltando-se) Amelia, nosso pai...

AMELIA.—Meu Deos, que lhe direi !

SCENA ULTIMA.

OS MESMOS, AMBROSIO, DEPOIS OS PRETENDENTES.

AMBROSIO.—Está decidido, tomara eu agora fallar-lhe, (vendo Alexandre) Quem é o senhor ?...

JULIA.—É o Sr. Alexandre, agora mesmo ia passando, e eu o chamei para vim fallar com elle. (Alexandre corteja Ambrosio respeitosamente.)

ALEXANDRE.—Senhor, o amor é um misterio do céo que os homens não sabem explicar ; eu amo Amelia, e...

AMBROSIO.—Comprehendo, comprehendo ; e é correspondido. O senhor dá-me a sua palavra de não se arrepender ?

ALEXANDRE.—Arrepender-se quem tem soffrido tanto por seu respeito ! aquelle que a ama como mulher inda não foi amada. Nunca senhor eu me hei de arrepender. (à parte) oh !.. felicidade !..

AMBROSIO.—(à parte) com a fortuna, esta linguagem é muito differente da dos outros !.. (alto) Está bom, a minha filha lhe pertence, será sua esposa, estimo que sejam tão felizes como se julgam. Neste momento acabei de receber muito boas informações a seu respeito, e por isso desde logo julguei que esta união seria muito feliz. Dotarei minha filha com dez contos de réis, não é muito, porém com esse dinheiro já o senhor poderá montar uma typographia regular... Quer o seu por um negocio que faça mais conta ! !

ALEXANDRE.—Reflectirei sobre isso (à parte.) Pensa que eu nada sei... mas que me importa a mim a sua pobreza, quando toda a minha riqueza está no amor de Amelia !..

AMBROSIO.—Está dito, depois decidiremos, por em quanto vamos tratar do casamento; vou mandar chamar o meu tabelião, e quero que seja hoje mesmo celebrado (à parte.) Nada, nada de demoras, porque póde de um momento para o outro arrepender-se como os outros. Mãos á obra.

AMELIA.—Graças aos céus !..

JULIA.—(à parte.) Vejo em fim realisados os meus projectos !..

ALEXANDRE.—(pegando na mão de Amelia.)

Senhor, neste momento acabais de praticar comigo e com vossa filha uma acção que sempre nos será grata.

Sim bemdiremos a vossa memoria, serão dous filhos agradecidos que jamais onde esquecer os beneficios de um pai.

JULIA.—E eu nunca me hei de arrepender do que pratiquei.

AMELIA.—Ah ! meu pai, agora podeis contemplar de perto a felicidade que nos aguardava. (Neste tempo os pretendentes chegam na porta do fundo, e conversam em voz baixa de vez em quando olhando para a scena.)

JULIA.—(dando com os pretendentes.) Tenham a bondade de entrar meus senhores.

JACINTHO.—Oh ! essa é boa !.. (entrão, e Ambrosio mostra-se impaciente com sua presença.)

JULIA.—Os senhores pensavam de ser muito espertos e foram uns toleirões ; tudo o que lhes disse, não foi mais do que um meio para livrar minha irmã da infelicidade que a estava ameaçando. Meu pai não ficou pobre, nem Amelia foi casada, porém vai sel-o agora com este mancebo;

(indica Alexandre) que se tem mostrado digno de a receber á face do altar. (*Os pretendentes ficam admiradissimos olhando uns para os outros.*)

AMBROSIO.— Pois que era lá isso Julia!!

JULIA.— Nada meu pai, queria dizer que estes senhores fizeram uma acção muito generosa, em não acceitar a mão de Amelia.

JACINTHO.— (*a Francisco*) o que dizeis vós a isto!

FRANCISCO.— Nada menos do que um logro que nos pregou esta pequena.

ANASTACIO.— Diabo!!.. quem havia de dizer que seríamos logrados por uma criança!!.. (*passa um momento, esfregando ás mãos de desesperado, depois cantam todos tres:*)

A donzella tão formosa
Desprezemos com dinheiro;
Mas a culpa deste logro
Não foi do velho matreiro.

CORO.

AMBROSIO, AMELIA, ALEXANDRE, JULIA.

CANTAM.

A donzella com dinheiro
Não podestes apanhar;
Que o sceptro do puro amor
Póde sempre triumphar!...

FIM.

M. LEITE MACHADO.

Frederico 2.º e o soldado.

El-rei da Prussia fazendo uma ronda nocturna em campanha, encontrou um soldado bastante embriagado. Chegou-se a elle e perguntou-lhe como era que com tão pequeno soldo poderia ter dinheiro para vinho.

Eu que tenho o mesmo soldo, continuou o monarcha, com doçura, ainda nada pude poupar para gastar na taverna. Dizei-me pois por amizade, o expediente de que vos servis para beber com tal franqueza, porque a experiencia ha mostrado que os taberneiros não gostam de fiar a soldados. Como me pareceis um pobre diabo, respondeu o soldado, nada vos occultarei.

Hoje tenho um amigo a quem convidei para irmos beber juntos. Não vos parece que seria triste contar apenas com o soldo d'um dia? Nada, vou recorrer ao expediente de que me hei valido.

Qual é? Empenhar alguns objectos do serviço, até que se proporcione occasião de tornar a chamal-os para as minhas mãos.

Empenhei hoje a folha do meu terçado, e como não faço serviço em toda a semana, tenho muito tempo para desempenhal-a.

Frederico despediu-se do soldado, depois de ter feito bastante reparo n'elle—resolvido a castigal-o no dia seguinte. Deu ordem para que as tropas se pozessem em armas. O rei passou-lhe revista, e quando chegou ao soldado em questão, mandou-o sahir das fileiras, com o seu companheiro da direita. Agora disse o rei ao primeiro, corta a cabeça a este miseravel. O soldado quiz desculpar-se, dizendo que o remorso o acompanharia toda a sua vida, se matasse o seu camarada, com quem vivia ha 15 annos. O monarcha foi inflexivel. Pois como é impossivel mover V. M. á compaixão., disse o soldado levantando os olhos ao céu, eu peço a Deus que faça um milagre em meu favor, mudando a folha deste terçado em pau.

O soldado representou tão bem esta comedia, que o rei perdoou-lhe dando-lhe em cima uma gratificação. (*Trad. do Francez.*)

XAVIER PINTO.

Combate singular.

Dous gentis-homens, um Allemão e outro Hespanhol, recommendaveis por seu nascimento, e pelos serviços por elles prestados ao imperador Maximiliano II, lhe pediam em casamento a bella Helena Scharfequinn, sua filha natural. Embaraçado o monarcha com a preferencia, lhes disse um dia que por seus proprios ardiz e coragem se decidiria a questão; mas não querendo arriscar-se a perder um ou outro, permittindo-lhes que se batessem com armas offensivas, ordenou que lhe trouxessem um grande sacco. Aquelle que conseguir metter dentro o seu rival terá a mão de minha filha. Este combate, tão extranho entre dous fidalgos, teve lugar em presença de toda a côrte imperial, e durou meia hora.

O Hespanhol succumbio.

O Allemão, André Erard, barão de Dalbert, tendo envolvido aquelle dentro do sacco, pegou n'elle as costas e foi depôl-o aos pés do imperador. No dia seguinte esposava a bella Helena.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 210.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 20 de Abril de 1856

N. 44

Aos nossos assignantes.

A *Saudade*, essa filha predilecta que acariciamos por tanto tempo; a *Saudade*, *Capitolio* obscuro em que se hastearam as bandeiras d'uma mocidade inexperiente na carreira das letras — uma mocidade que sentia a inspiração arder-lhe na mente — conduzindo-a a formar sonhos fagueiros em um porvir mais brilhante; a *Saudade*, em fim, voltou aos braços d'aquelles que a formaram sem outro auxilio mais que os seus bons desejos, e a coadjuvação d'algumas pessoas com que contámos, e contaremos sempre.

O *Gremio Litterario Portuguez* sentio a necessidade de proseguir na empresa que encetou, porque tem convicção de que a *Saudade* virá a occupar um lugar distincto entre os jornaes litterarios do Brasil.

O nosso programma é e será sempre o mesmo — dar incremento ás letras, e acoroçar alguns talentos noveis que surgiram já, e que hão-de apparecer no futuro. Contamos com o apoio de todas as pessoas que amam a litteratura, contamos com todos, por que a empresa é vasta, o terreno difficil d'explorar, e sem o material preciso não poderemos construir o edificio que concebemos n'esses momentos em que o coração expandindo-se, sente as mais nobres e santas inspirações.

Ajudem-nos a levar a empresa ao fim, e quando apoz de muitos combates a sustentar, e difficuldades a vencer, poderemos hastear no *Capitolio* a bandeira dos vencedores, temos convicção de

que mais de um virá dar-nos os parabens pela victoria alcançada.

Rio, 25 de Abril de 1856.

O GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

LITTERATURA.

Paginas intimas.

FRAGMENTO.

A VIRGEM DO CEMITERIO.

IX

Helas ! naître pour vivre en désirant la mort !

(V. Hugo.)

Eu fui sentar-me á beira dos tumulos que encerravam os restos mortaes das pessoas que me eram charas, e a sós, triste como os cyprestes do cemiterio, interroguei essa geração que sobrevivera á dos meus amigos ! A minha debil voz foi morrer no espaço, e não colhi mais que os échos della ! De novo pensei !.... Errante como o peregrino do deserto, abandonado como a arvore que seccou sob a influencia do rijo tufão, e que assim despida nem um olhar se quer obtem do camilante; eu procurei uma mão amiga que me conduzisse por entre esse dédalo infinito a que se chama mundo, e ninguém achei.... As aves agoureiras pousavam nas arvores, e soltando seus tristes e funebres cantos, pareciam annunciar-me a sentença fatal, que a mão do destino me imprimio mais tarde na fronte. Quiz morrer ! Morrer tão moço !... Depois tentei chorar, mas ai de mim ! nem lagrimas tive com que pudesse orvalhar as parasytas ervas que rodeavam esses tumulos ! Orei. Com os olhos fictos no céu, esperei

delle a consolação que debalde procurei na terra.... não sei, mas senti a esperança renascer, e fiquei tranquillo !.... Ia a retirar-me. O sol acabava d'esconder-se no horisonte; a natureza adormecia, emballada pelo derradeiro canto dos passarinhos, e pela agradável fragrancia das flôres !.... Subito uma figura branca se destacou d'entre as arvores do cemiterio, e com passos vagarosos para mim se encaminhou. Tive medo ! Fosse a impressão do momento, eu tomei essa figura por um phantasma que vinha responder aos meus queixumes; senti que osuor me banhava a fronte, e mister foi encostar-me a um tumulo para não cahir ! Esperei palpitante. A figura branca passou, e o meu terror pueril desapareceu bem depressa. Era uma mulher, e joveninda. Perto de um lindo tumulo de marmore parou. Esse tumulo encerrava os restos mortaes de um homem que eu conhecera e apreciára em vida. Morreu bem moço ! tambem a sua morte deixou profundas recordações no espirito daquelles que o tinham conhecido, e a mão do tempo jámais poderá extinguir os traços da sua rapida passagem neste valle de lagrimas.

A mulher ajoelhou sobre o tumulo, calma e tranquilla orou por muito tempo. Eu seguia-lhe todos os movimentos, não a quiz despertar, por que tinha convicção de que ella ia orar pela ultima vez sobre a sepultura do ente que mais amára neste mundo. Levantou-se alfin, depois de ter depositado no tumulo uma corôa de perpetuas; e vagarosa como tinha vindo afastou-se do lugar. Adeus, Henrique, disse ella baixinho, adeus, até breve ! As suas palavras revelavam uma resolução terrivel, mas meditada. Laura ? ! exclamei eu. A mulher voltou-se sobresaltada, e deu pela minha presença. Tu aqui tambem, respondeu, com extrema doçura. Sim, e tudo vi.... Como amavas Henrique !.... Tanto que sinto poder em pouco reunir-me a elle. E teu pai.... tua irmã ? !.... Oh ! não penses que vou procurar a morte no suicidio.... não, seria loucura.... Que contas fazer então ? A ninguém o disse ainda, mas tu que foste seu amigo, tu que eras quasi seu irmão, tu que me ajudavas a colher as flôres campestres com que adornava a minha capellinha, vais sabel-o. Laura aproximou-se de mim, pegou-me na mão que apertou entre as suas, e disse : Não sentes esta febre lenta que me devora ha tres dias ? não vês como as rosadas côres das minhas faces desapareceram de todo, para dar lugar a uma pallidez medonha, que revela um soffrer in-

tenso e mortal ? pois bem tudo isto me presagia que em breve terei de reunir-me a elle lá no Céu. Quando nada faz pulsar o coração, é porque a vida está apenas por um fio. Assim, pois, não temas que meu corpo venha a ser encontrado em algum lugar solitario, pasto d'animaes vorazes, ou á superficie da agua do rio que corre além ; não ! Mas o que contas fazer ? quaes os teus designios. Promettes acompanhar-me e obedecer-me em tudo sem reflexão ? Prometto, Laura.... se eu podesse morrer contigo !.... Compreendendo-te nobre e pura alma ; confessas-me o teu amor de tantos annos, porque já nem uma fraca esperança vem reanimar teu pobre coração ; porém eu amava Henrique.... se te conhecesse primeiro !.... Vamos, disse eu, para que avivar as recordações do passado ? ! o que queres que eu faça ? Acompanha-me ao convento ; dá-me o teu braço, por que não terei forças para chegar só. Antes de me encerrar nelle, queria procurar-te para te agradecer o muito que fizeste por mim, e pagar-t'o com um beijo de despedida.... Beija-me, e que este beijo e o lugar te recorde sempre a infeliz Laura.... Um momento, meu amigo ; eu quero morrer em uma cella daquelle convento ; se me enganar, se a morte não vier de prompto, como espero, que ninguém vá despertar-me á minha dôr !.... Aqui tens uma carta ; é para meu pai, abraça-o e beija Emilia por mim. Promettes cumprir á risca a minha derradeira vontade ? Eu o juro ! Ainda não é tudo. Emilia tem o meu *album* em seu poder ; é o *album* d'uma mulher que vai morrer na primavera da existencia.... e que muito amou ; esse *album* é teu. Ania-o como amaste aquella que o escreveu, e algumas vezes o pranto que derramares sobre suas paginas animará esse escripto a ponto de julgares que estou presente á leitura dellas.... E' desnecessario repetir-te que quero ser sepultada ao lado de Henrique. Não nos unimos em vida, vamos unir-nos na campa ! Tristes nupcias !.... Partamos....

Cinco dias depois eu orava sobre o tumulo de Henrique, que era o de Laura tambem ! E eu achava-me só no mundo, e mais abandonado que até ali !

A minha ultima esperança.... oh ! encerrava-a essa campa !.... Correi, pois, oh ! minhas lagrimas ! !....

Rio, 13 de Abril de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

A Saudade.

Tempos de paz e de gosto
De vós que resta? — a saudade!....
Esta ao menos, Deos piedoso,
Me conserve em toda a idade.

(A. F. DE CASTILHO — *Excav. Poet.*)

Saudade!! acri-doce sentimento gerado no centro d'alma pela recordação dos gosos de outr'ora, e da existencia do charo objecto ausente!

Como me é grato o teu sentir quando expões a meus olhos o painel das sensações que em outra idade experimentei! Como me desenhás no pensamento com admirável fidelidade, as scenas graciosas, as imagens seductoras de meus brincos innocentes! Saudade!.... afiado punhal que suavemente te embebes no amago de meu coração e sabes conter-lhe as pulsações, quando embalado ao sopro fagueiro das emoções do presente, parece querer por momentos esquecer-se das verdadeiras impressões do passado! Vem, sentimentos amargo e doce! Eu te quero; eu te idolatro! Ao toque de tua magica varinha, gozo ainda amenos dias que tão rapidos passaram; volto á quadra feliz de minha infancia; colho na arvore da innocencia os fructos doces, saborosos e puros, não tocados pela mão da corrupção!

Correrei ainda como um doudinho atraz das multicores borboletas, para leval-as á minha pequenina irmã, que morre por ellas, e por cujo serviçozinho prometeu abraçar-me! Irei tirar um ninho de implumes passarinhos que descobri na oliveira do quintal, e saltando de contente irei leval-os á minha carinhosa mãe, que me ralha e força a restituil-os aos carinhos da avesinha, que adeja de ramo em ramo piando magoada em procura de seu thesouro que lhe roubaram em quanto cuidadosa procurava seu sustento! Verei ainda com profunda magoa esconder-se o sol atraz dos outeiros porque me priva com sua ausencia a continuação de innocentes folguedos, mas logo extasiar-me-hei com as scenas arrebatadoras que nos offerece seu occaso, atirando por despedida seus fios de ouro ás cumiadas das montanhas, e ás altas grimpas dos templos do Senhor; e mais depois com as imagens de verdadeira poesia, inimitaveis imagens da hora do crepusculo!!

Ouvirei ainda com religioso respeito os salutarres conselhos de meus pais e ainda uma vez sentirei derramar-se em minha alma innocente, o balsamo consolador que mana das orações religiosas repetidas no começo e no fim do dia! E de-

pois de ter dado graças ao *pai do céo*, ainda irei contente sentar-me com os meus, á roda de minha boa mãe para escutar alguma historieta de que tanto gostam as crianças; e fascinado, por assim dizer, da magia desses cantos populares, deixarei cahir a cabeça no regaço de minha irmã e adormecerei profundamente sonhando com os brinquedos que tenho de executar no dia seguinte!

Saudade!... minha companheira inseparavel, que vens mesmo com teus rigores tornar menos amarga nossa existencia, suavizando nossos pesares quando supportamos a ausencia de objectos que nos são tão charos! Como ainda é suave teu bafejo pensando na quadra não menos risonha, não menos rica de emoções agradaveis, de nossas primeiras affeições amorosas, nessa quadra de existir tão doce, em que por um terno volver de olhos, por um angelico sorriso pairando n'uns labios de carmim, dariamos sem hesitar vida e thesouros, se thesouros houvessem para fazer permuta com essas joias de tão subido valor! nessa quadra, dizemos, em que o nosso mundo, o nosso existir, a realidade emfim de nossos sonhos fagueiros, andava pendente dos anneis dourados de longa madeixa que a brisa matutina agitando brandamente, fazia brincar por sobre um collo de virgem, digno do cinzel de Phidias!

Bem feliz o ente que tem um coração capaz de nutrir sentimento tão sublime! Desgraçado, bem desgraçado, aquelle que nunca pôde gozar desse sôpro da Divindade!

J. A. SANTOS CORTIÇO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

Carlos levantou-se commovido, e ia a retirar-se. Um rumor de passos o fez voltar para a sua esquerda. Ah! és tu, minha querida Mathilde? disse elle indo ao encontro d'uma joven que entrára na *encruzilhada*. Eu mesmo, tornou a interrogada com voz extremamente doce; e bastante sorprendida por encontral-o aqui; se o não conhecesse diria que algum *rendez-vous*.... Não affianço, mas parece-me que a joven corou ao pronunciar estas palavras.

Senta-te aqui, Mathilde, tornou Carlos enlaçando-a pela cintura com uma liberdade respeitosa; senta-te, porque estou resolvido a pregar-te

um sermão muito extenso.... Ouvil-o-hei com summo prazer ; tudo que parte de si tem poder bastante para me subjugar.... não me tem dito que quer ser um irmão.... um pai para mim?....

E de novo o juro ; e hoje é representando o segundo que te vou fallar. Com quanto esta paternidade não seja muito rasoavel, a affeição que te tenho faz calar qualquer sentimento escrupuloso... Que estranha cousa ! atalhou Mathilde com um pequeno e engraçado gesto d'enfado ; um moço a fallar a linguagem dos velhos com uma menina de 17 annos ; porque não esquece essa rigidez *Spartiana* ?.... não zombe, Sr. Carlos, olhe que eu sei a historia ! O que admiro em ti é esse character expansivo e franco ; quando a tua desgraçada posição te força a seres reservada. Tambem não comprehendo como o Sr. Carlos me aconselha a ser severa e reservada, quando tenho por um dever mostrar-lhe que.... Acaba. Que o amo muito.... como irmã, apressou-se Mathilde em accrescentar. Era tarde ; a joven trahia um segredo á muito tempo sepultado no mais profundo de seu coração. Felizmente Carlos, bom como era, não advinhou o pensamento da menina, e disse-lhe com voz commovida : Prometti hoje a Luiza que d'amanhã em diante irias habitar em minha casa, onde todos os cuidados e disvellos saberei despendêr contigo. Conheces-me sufficientemente para julgares que jámais faltarei aos deveres de homem honrado ; e que serei para ti um irmão devotado. Aceitas ? Se aceito, e ainda o pergunta ?.... Sr. Carlos ; antes de ouvil-o, antes que comece a receber de si esses conselhos que um pai não saberia dar melhor ; eu lhe peço, escute-me, e depois.... ralhe comigo quanto quizer ! Ha neste mundo duas pessoas, proseguio Mathilde com exaltação, por quem sacrificaria a propria existencia se m'a pedissem ; uma é o Sr.... não me interrompa ; a outra Luiza do Rego. O Sr. é um desses homens predestinados por Deos para serem a Providencia benigna dos infelizes deste mundo ! Luiza é o anjo Gabriel das desgraçadas como eu ! Esse poder que Deos lhe confiou devia, como era de suppôr, produzir o effeito para a causa que foi destinado, e d'aqui nasce a obediencia cega e passiva que se identifica com esses predicados bem difficeis de patentear-se, e mórmente com esta sociedade positivista, e *dourada* ao acaso. Não deve sorprehendê-lo esta linguagem, por partir d'uma mulher ; não, porque eu, se bem que mui joven sei distinguir e escolher as flôres sem

aroma d'aquellas que encantam pelo perfume. Por isso, Sr. Carlos, tudo que dimanar do Sr. ou de Luiza, vem de Deos.

Será uma blasphemia, será fanatismo, porém a natureza formou-me assim, e a morte só poderá extinguir esses defeitos capitaes. Agora meu.... irmão ; eu o escuto.

(Continúa.)

Fé, Esperança e Caridade.

III

CARIDADE.

Quando os theologos demonstraram esta virtude ás maçãs, foi para lhes fazer conhecer a abnegação que os protegidos da fortuna devem ter ás suas riquezas em prol da humanidade, é a virtude singela e delicada que deve alliviar o afflicto de seus males, e soccorrel-o com tudo aquillo de que necessite, é a maior inimiga da vaidade, por que soccorrendo deve ser occulta, para poupar a humilhação áquelle que a soffre. Mas as maçãs ou os homens do nosso seculo perverteram a palavra, requer ella segredo e abnegação, elles fazem alarde da virtude para obterem em troca as grandezas e o fausto da época. Jesus deu o exemplo da caridade curando os pobres, e despido de vaidade lavou-lhes publicamente os pés, para mostrar que a caridade é despida de fausto. Uma Rainha já deu tambem o exemplo da humildade da virtude, descendo os degrãos de seu Throno para repartir aos pobres, o pão de que necessitavam.

Humilde na sua beneficencia, a caridade bem interpretada deve ser feita a occultas e sem vaidade, áquelle que a pratica deve involver-se no mysterio, para evitar o reconhecimento muitas vezes humilhante ; do contrario é então a vaidade que move o individuo, pois alardeando o pouco ou muito que fez, leva a mira em uma recompensa senão do beneficiado, ao menos desta sociedade, que tendo adulterada a palavra, lhe tece elogios pomposos com que lhe regosija o amor proprio.

A nossa sociedade está tão pervertida que por philanthropia nada faz, mas sim por interesse, abundam hoje essas casas que sob o titulo de emprestimo, sobre penhores, desgraçam immensas familias, que vergonhosas de irem hypothecar

seus valores a um Monte do Soccorro recorrem a essas casas, que em pouco tempo, lhes absorvem em juro exorbitantes o valor real de objecto.

(Continúa.)

J. A. DA SILVA GUIMARÃES.

O meu desejo.

Eu desejo com amor e pureza, adorar o meu Creador ; eu desejo que ninguém me interrompa ao agradecer-lhe com muito respeito a felicidade que góso nesta minha existencia.

Eu desejo ver minha patria, garrida, opulenta, qual foi já outr'ora ; eu desejo que ella se torne inda um dia, tão temida e respeitada, qual foi no reinado de D. Manoel.

Eu desejo ver sempre aquella que amo, contemplar-me com gesto de muita ternura ; eu desejo mostrar-lhe do intimo de meu peito, minha fé, minha gratidão, meus puros sentimentos.

Eu desejo ver minha mãe, e abraçal-a com muito carinho ; eu desejo mostrar-lhe que sei avaliar a ternura, com que na minha infancia, risonho a seu peito me unia.

Eu desejo que Deos me illumine, sempre, sempre, com a sua piedosa graça.

Eu desejo divagar sempre sosinho, pelos valles mais solitarios ; eu desejo entre o silencio ao ouvir o murmúrio da brisa, compor endêxas sentidas, que revelem meus mais puros sentimentos.

Eu desejo que depois de minha morte, ninguém verta por mim pranto algum ; mas ao passar por minha sepultura, apenas solte um suspiro de pura saudade.

Eu desejo para meus restos mortaes, um cantinho de terra somente ; não confundido nos grandes cemiterios, mas em ermo valle, ornado apenas por alguns ciprestes : e ahi por signal seja uma cruz erguida, com estas palavras gravadas em puro metal :

« Respeitai, caminhante, quem repousa

Nesta erva sepultura ;

Por que elle amou a Deos e a sua patria,

—E a seus pais com ternura.»

Eu desejo que ninguém me procure, quando me torne minha sorte desditoso ; e que todos me deixem sosinho, vagando no deserto a carpir minhas dores.

Abril de 1856.

M. LEITE MACHADO.

POESIAS.

Saudades

A' MINHA IRMÃ ANNA DE J. XAVIER.

I

Vem, ó lyra, mui contente
Pois q' eu quero docemente
As tuas cordas vibrar,
Quero um canto saudoso,
Triste, sim, mas mavioso,
A minha irmã offertar.

Quero um canto mui fagueiro,
Mui risonho e feiticeiro,
Um canto todo d'amor ;
Quero hymnos com ternura
De doce paz, de ventura,
Em ti cantar com primor.

II

Nasce a lua mui brilhante
E segredos d'um amante
Leda vem, ai ! devassar ;
Em seu leito indolente
Corre o rio mansamente,
Em seu doce murmurar.

Pousa e canta o rouxinol
De manhã e ao pôr do sol,
Sempre alegre em seu trinar ;
Além corre a borboleta
Buliçosa e desinquieta,
Em seu vario labutar.

A prados de mil verdores
Breve partem os pastores
Seu rebanho apascentar ;
Com a amante seus segredos
Fallam, fallam sempre ledos....
Ai que prazer ! ai que amar !

Por entre arvores a briza
Vem ligeira, e se desliza
Mui além pelas campinas ;
Corre amante prazenteira,
Com um riso, mui fagueira,
Acolher lindas boninas !

Lá ao longe hora da sesta
Tudo dança, festa, festa,
Tudo é rir, — tudo folgar ;
Correm moças mui ligeiras
Sempre lindas, — feiticeiras,
Essa festa aproveitar.

Mais além o jornaleiro
Sob o sol um dia inteiro
P'ra ganhar parco sustento ;
Pobre sempre, mas contente,
No porvir imprevidente,
Mas em Deos o pensamento.

III

Tenho tudo tão presente !
Bem o sente o coração,
Tudo isto eu hoje canto,
Mas meu pranto tem uncção ;

Porém mais que a tudo isto
Eu te vejo, oh ! minha irmã,
Eu te vejo mui gentil,
Graciosa, e mui louça.

Quando trova saudosa
Eu canto na rude lyra,
Fica certa, ó minha irmã,
Que és tu só quem m'a inspira.

IV

Minha lyra vai cantando
Doce canto fraternal ;
Minha lyra vai lembrando
O meu lindo Portugal ;
Minha lyra triste geme,
Triste geme só d'amor....
Mas qu'importa ? ella não teme
Avivar a minha dor.

V

O que temes, minha lyra,
Que não t'inspira a amizade ?
Porque paras ? Canta, canta,
Pois é mui santa a saudade.

Não mais a lyra cantou,
Que lindas trovas calou....

Aceita pois o tributo
Elle é santo — é todo teu,
Elle leva o pranto amargo
Que jámais ninguém verteu.

Rio, Abril 20 de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Fatalidade.

Quando eu cria piamente
Na santa affeição d'amor,
Esqueci-me ser prudente,
Eu me dei com todo o ardôr
D'um peito inexperiente,
Cheio de candura e pudor !

Dei á perfida, perjura,
Meu amor puro e sincero,
Consagrei-lhe em uma jura
Affeições que lhe reitro,
Dei-lhe minh'alma inda pura,
Deu-me em troca o desespero !

Dei-lhe todo o pensamento,
Todo o fogo de minh'alma,
Confiei-lhe n'um momento
Do porvir a doce calma ;
Ella deu-me no tormento
Do martyrio a triste palma !

Só nella e na minha lyra
Empreguei toda amizade,
Queimeei o peito na Pyra
Do amor sem ter piedade !
Mas ella que odio respira
Deu-me em paga a crueldade.

Veio plantar-me no peito
A descrente anciedade !
Disse-me com vil despeito
— Amor em mim é vaidade ! —
Dou em troca ao teu respeito
A negra — Fatalidade.

Abril 13 de 1856.

JOÃOQUIM AUGUSTO DA SILVA GUIMARÃES.

Ella.

Ella era tão bella, tão meiga e gentil,
Que apenas a vi meu amor lhe votei,
Ella era tão casta, tão pura qual anjo
Eu via...sorriu-se...perdido fiquei !..

Amei-lhe os cabellos, tão longos, tão finos,
Quaes finas madeixas da deusa d'amor,
Amei-lhe os seus olhos, tão castos, tão meigos,
Tão bellos, tão negros, qual noite de horror.

Amei suas faces de nacar mimoso
Aonde amorsinhos se vêem a brincar,
Amei-lhe o sorrizo dos labios carmineos,
Que só poder tinha p'ra me captivar.

Amei-lhe o seu collo d'amor palpitando,
Seu peito de virgem, seu virgem pensar,
Amei-lhe a cintura, tão fina, elegante,
Que quasi parece se ía quebrar.

Amei-lhe o pésinho, mui breve e mimoso,
A mão que em extasi por vezes beije,
Dos anjos, das fadas, mimoso composto,
Seu rosto, seu collo, seu todo eu amei.

Em tempos felizes, que eu era ditoso,
Meu plectro, meu canto fazia echoar,
Ao ver o seu rosto, mimoso, fagueiro,
Sentia meu peito alegre pulsar.

Porém esse tempo feliz d'outr'ora,
Foi pouco duravel depressa acabou,
Só ternas, lembranças, conservo na mente,
D'um tempo ditoso que já se passou.

Abril 10.

A. J. DE CARVALHO LIMA.

Saudade.

AO ANNIVERSARIO DA MORTE DA SR.^a
D. MARIANNA P., EM O 1.^o DE ABRIL DE 1855.

*Esta existencia no mundo
E' fementida, illusão....
Não choremos por quem vive
Lá na celeste mansão !*

J. DANTAS DE SOUZA.

Um anno passado, é longo,
Que na campa luctuosa
Dormes o somno profundo,
Oh ! esposa carinhosa !!!...

Amargo pranto sentido,
Sim !!! faz um anno que a lousa
Fatal, lugubre, humedece
Onde teu corpo repousa !

Anjo, tu, que eras na terra,
Foste sem dó nem clemencia,
Pela Parca arrebatada,
Ao sorrir da existencia !...

Affavel mãe, cara esposa,
Terna filha apeteçada,
Abandonaste aos que mais
Adoravam-te na vida....

Tenros seres pequeninos
Deixastes em orphandade,
Nos braços do pai, afflicto,
Carpindo a tua saudade !

Votado ás agras torturas
Da lugubre solidão !
Desfazendo em mil suspiros
O seu triste coração !

Mas teu peito, onde morava
A ternura, a singeleza,
Devêra seguir os fortes
Decretos da natureza !...

Foste feliz sobre a terra,
Mais feliz és lá nos ceos....
Fugiste do mundo d'enganos,
Mas foste habitar com Deos !

Rio, 1 de Abril de 1856

J. A. SOUZA MONTEIRO.

Reverdeee.

Linda rosa, que pendente
Me deixaste tristemente
A olhar pr'a tua cor ;
Oh ! diz-me porque murchaste,
Diz-me como t'inclinaste
Rosa de tanto primor.

Nasceste mui livremente,
E pendias docemente
Para o chão — como o sorrir ;
Lia em ti doces segredos
Sempre risonhos e ledos,
Risonhos no meu porvir.

Recordávas-me as venturas
Doces, ardentes e puras,
Ardentes do meu passado ;
Era em tua linda cor
Que avistava o meu amor,
Amor terno e compensado.

Recordavas mui fagueira'
Mui risonha e prasonteira
O juramento que fiz,
Advogavas com ardor
Da minha Julia esse amor....
Eras, enfim, meu juiz.

Reverdece, pois, oh rosa,
Mui gentil e graciosa,
Fallá-me sempre d'amor ;
Mas diz-me como a saudade
Cala o dever d'amizade
Avivando a minha dor.

Pois qu'eu quero docemente
Um beijo muito innocent
Em tuas folhas depôr ;
E quero mais que este beij
Exprima o doce desejo
De te ver em tal primor.

E quando assim tão formosa
Eu te vir, oh minha rosa,
Nada mais hei a pedir ;
Serei sempre teu amante,
E uma ventura constante
Esperarei no porvir....

Rio, 6 de Abril de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Melancolia.

Ai, Eulina, o teu pastor
Já não tem mais alegria,
Sua terna poesia
Se murchou qual bella flor.

Vive sómente a penar
A penar por teu respeito :
E já dentro de seu peito
Sente fogo de matar.

Elle recorda o passado,
Lindo tempo venturoso,
Que se julgava ditoso
Quando se via a teu lado.

Vaga agora suspirando
Sem poder achar ventura,
Alem da lembrança pura
Que na mente vai pairando.

Mas si o seu ardente amor
De ti não foi comprehendido ;
Terás á muito esquecido
O teu infeliz pastor.

M. LEITE MACHADO.

O Cuco.

Se á noute ao divagar n'um bosque ameno,
De verdes freixos e formosas tylias,
Ouvia ao longe em alcantil agreste,
O canto triste do nocturno cuco,

Scismando incerto, a escutar parava.
Os compassados, solitarios gritos
Com melodia estranha vinham meigos
No peito meu fenecer saudosos.

Não sei que melancolica doçura,
Que placida tristeza me inspirava,
Mas largo tempo seu piar tristonho
Pensando me detinha ali no bosque.
O deserto e ermo das devezas,

D'argentea lua o fulgurar nos ceos,
O brilho frouxo das estrellas languidas,
A calada poetica da noute
Sua melodia casavam ao fagueiro
Ao selvatico piar do rude cuco.

De espaço a espaço seu agudo brado,
Que os echos da montanha repetiam,
Soava ao longe na campina fertil.

Oh ! quanto desejava ouvir agora
Lá nas quebradas de meus patrios montes,
Da branda primavera em linda noute,
Aquelle melancolico descante !
Meu coração, que a dor vai regelando,
Que as saudades pungentes me retalham,
Remoçado seria aquelle echo
Da minha juventude : Talvez de novo
Sentir julgasse as paternaes caricias,
De que o Supremo ser me ha privado,
Entre nós pondo a lousa do sepulchro ;
E ao menos ao natalico bafejo
Da viração amena sentiria
O peito dilatar-se, e as nuvens negras,
Que o coração afflicto me povoam
De leda cor tingirem-se festivas.

Rio de Janeiro, 20 de Dezembro de 1855.

BERNARDINO PINHEIRO.

VARIEDADES.

Luthero.

Luthero nasceu em Eisleben no condado de Mansfeld, na Alta Saxonia, em 10 de Novembro de 1483 : a morte de um de seus companheiros morto d'um raio, decidiram sua vocação ao estudo monástico : admittido na ordem dos Gracianos, e distinguindo-se pela sua applicação, foi nomeado professor de Theologia na Universidade de Wittenberg : a leitura dos escriptos de Wicleff e de João Hus inspirou-lhe o gosto da controversia, e adoptando as mesmas opiniões foi um dos principaes autores da Reforma, e o mais acerrimo defensor da doutrina que separou depois da Igreja de Roma uma grande parte da Europa. Declarado hereje em 1520, e proscripto em 1521, Luthero separou-se da communhão Romana, abandonou o habito e vida monastica, esposou Catharina Bore, que abandonara tambem o mesmo estado, e morreu em Eisleben em 28 de Fevereiro de 1546 tendo de idade 62 annos 2 mezes e 18 dias.

Traducção de J. M. DIAS FERREIRA.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA.
Rua da Valla n. 141.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 27 de Abril de 1856

N. 42

LITTERATURA.

Paginas intimas.

FRAGMENTO.

BERNARDIM RIBEIRO

X

Alvos lyrios do poeta
Que de cousas não dirão!

(M. LEAL JUNIOR. — *Ode a Malhão.*)

Pobre cantor de Beatriz de Portugal!

Errante pelas montanhas pittorescas da formosa Cintra, soltas na lyra um canto d'amor, o qual atravessando o espaço, vai morrer na Italia bem perto daquella que deixou o ameno Tejo, para ser esposa do Duque da Saboia!

E a corôa de louro que te cercava a altiva fronte está a teus pés, e a mão da fatalidade cinge-t'a d'outra — a do martyrio!

De que valem esses suspiros, esses cantos saudosos e tristes, quando a lembrança de Beatriz que amavas te vem dizer: que já não és esse feliz jogral, que fazia as delicias da côrte do monarcha mais poderoso do mundo!

Nem as façanhas de Vasco da Gama, e Cabral, nem os prazeres que succedem á descoberta da India, veem arrancar-te desse vago scismar, e nada póde fazer-te esquecer esse nome adorado que desprendes dos labios após tantas horas de melancolia profunda!

Se adinhasses que um pouco mais tarde o cantor dos *Lusiadas* havia de morrer como tu — infeliz e desgraçado, talvez que a tua vida fosse menos rapida, e talvez que podessemos hoje ad mirar em maior escala a poesia com que Deos te dotára.

Camões deixava á Patria um poema que seria u ma das mais sublimes glorias de Portugal. Tu

deixavas apenas as *saudades* de Bernardim, que só servem para attestar a tua rapida passagem neste mundo!

Pobre e infeliz Bernardim!

Tasso amando a irmã do Duque de Ferrára, tu a filha de Dom Manoel o *venturoso*, ambos irmãos na desventura, descieis ao tumulto sem ao menos gosardes um instante da felicidade que imaginaveis achar nos dourados salões.

Oh! a Côrte é a sepultura dos poetas, como tu, Bernardim.

A Côrte quer unicamente um trovador com inspirações, mas sem aspirações — um poeta que cante a belleza d'alguma dama orgulhosa, e que a divirta nos serões com alguns contos factidicos que ella escuta indifferente.

Quizeste com tuas trovas partilhar do amor d'uma Princeza, e ignoravas que o amor do poeta — o seu thalamo nupcial é a natureza — a liberdade!

Embalado com as esperanças d'um amor correspondido, não sabias que as *razões do Estado* são mais fortes que todos os sentimentos do coração.

Aspiraste sem o queres, todo o veneno subtil que paira por sob as abobadas dos paços reaes — dos camarins das grandes senhoras, e devias em pouco reconhecer o quanto esses paços são nocivos ao poeta.

Depois, quando já as tuas faces pallidas e cadavericas tornavam desconhecido o bello trovador d'El-Rei Manoel, foste morrer perto daquella que levára contigo os melhores e mais bellos dias da tua existencia, e toda essa poesia que admiro hoje, e perante a qual me curvo submisso!....

Rio, 27 de Abril de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Cartas a Aldina.

I

ALDINA. Nunca viste ao alvorecer da madrugada por entre as verdejantes folhinhas das arvores, os alegres filhos da natureza, os viventes mais felizes, os habitantes constantes das selvas, — os plumosos cantores trinando e soltando maviosamente suas endêxas? sabes o que mutuamente se communicam? sabes? E' o seu amor! é a sua innocencia! é o seu contentamento! é dando graças ao formador do universo pelos tornar tão felizes!

Na tua infancia, na idade das illusões, afadigada não corrias atraz das matizadas borboletas, para depois de as apanhares soltar-as outra vez?

No teu jardim, com as tuas companheiras não colhias as rosas, os jasmims, as saudades, as violetas, e tantas outras flôres para com ellas formares capellas, e coroar-vos umas ás outras? Sabes o que denotavam esses brincos? Tu, que os desfructaste, que os gosaste e que crescestes com elles! E' a candura personificada! E' o futuro que se aproxima e que traz a realidade de toda essa lida inoffensiva! é a virtude que formou seu ninho no seio da innocencia... Pois assim como os passarinhos saudam o romper da madrugada com seus cantos, o seu amor, a sua innocencia, o seu contentamento e o formador da natureza, assim eu te saúdo! Assim como afadigada corrias atraz das borboletas assim eu te amo! Assim como tu e tuas companheiras teciam corôas com as flôres colhidas em teu jardim para vos coroa-des, assim o meu amor é firme!

Como o canto mavioso
Dos passarinhos contentes,
Ao romper dia formoso
Por entre folhas virentes,
Como a innocente donzella
Afadigada, mas bella
Corre atraz da mariposa,
E com numerosas flores
Tecem c'roas de verdores
P'ra c'roar a mais formosa,
Assim tambem eu te saúdo!
Assim te consagro amor!
Assim firme é meu candor!
Firme sempre! firme em tudo!

Aldina, a saudade, esse sentimento nobre, essa phrase que exprime um universo inteiro, que muitas vezes traz desgostos e apoz si risos,

que alimenta a vida daquelle que vive ausente do objecto amado, do escolhido do seu coração, do ente predestinado por Deos para formar em uma só pessoa, esse sentimento nobre, essa phrase que exprime um universo, tem uma força, um poder absoluto em mim! ella me domina como um rei tyranno domina os povos! ella me subjuga como o vendaval subjuga o fragil baixel! e no entanto me anima como um riso do infante anima a terna mãe que o vio ás portas do abysmo!

Saudade, gosto amargo d'infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho.

Estes dois versos, Aldina, de um sabio contemporaneo exprimem em si tudo quanto ha de mais nobre.

Dominado pois, pela saudade, alimento com ella a minha vida na ausencia de ti, e para mitigar essa saudade, para que pouco a pouco não se me vá deenhando a existencia, eu te irei descrevendo as minhas impressões, — os meus pesares e as minhas horas de alegria, se é que se póde ter uma alegria verdadeira, quando o coração se acha possuido de amor, e se vê separado do objecto idolatrado.

Distante, bem distante saberás tu as vicissitudes porque passo....

Na ausencia, as letras de um amante são um balsamo consolador; um balsamo que identifica e cura, senão radical, ao menos apparentemente a dôr que se soffre: são tão benéficas como o orvalho da noite o é para as flôres, como o ar para a existencia, como a agua para os peixes, e como o leite para o recém-nascido.

Ausencia amarga e cruel,
Ausencia triste e fatal,
Ausencia que por meu mal,
Me fazes só tragar fel;
E's tu que a dôr me alimentas,
E cada dia accrescentas
Um louro a teu diadema;
Se procuro um goso fido
Vejo sumir-se, e perdido
Não queres que do amor tema.

Deixa pois, Aldina, que eu dê expansão á minha saudade. Recebe as minhas letras, e ao aca-hares de lêr no fim de cada semana a minha carta dirás com as lagrimas nos olhos: — inda me ama!.... Sim, Aldina! ainda te amo!.... e é esse amor! esse fogo, esse ser incomprehensivel,

que me faz ver-te todas as noites em meus sonhos como um anjo consolador!

Aldina! confia na Providencia e em teu amapto. Adeus!

1856, Abril 30.

ECHO ELIZIO.

Os meus sonhos

ou

A HERANÇA DE MEU TIO

(Continuação.)

Peguei no volume de uma historia, que tinha trazido para me entreter no caminho, e depois no inventario da herança, que o tabellião me tinha entregue.

Tive então uma surpresa mais agradável do que as outras. A importancia total da herança montava a muito mais do que eu suppunha, e tornava-me quasi rico. Esta inesperada descoberta diminuiu consideravelmente o meu despeito, e começou a tornar mais facil a digestão da pessima cêa que tinha tido. Puz-me a examinar detalhadamente o inventario, até que as cifras começaram a ondear diante das minhas palpebras meias fechadas: por fim, Mortéo tristonho lembrando-se de mim, fez com que perdesse a consciencia do que me cercava, e adormeci.

D'ali a pouco pareceu-me sentir rumor de passos á minha cabeceira; abri os olhos, e vi uma duzia de personagens agrupadas, na proximidade do meu leito. Todos traziam trajos antigos e differentes, nos quaes reconheci, com surpresa, os dos velhos retratos que guarneciam o quarto de dormir.

Procuerei-os logo na parede para fazer a comparação. Os respectivos quadros ali se conservavam suspensos! O que via junto a mim eram os antigos retratos da familia, aos quaes um milagre acabava de dar a vida!

A sua frente apparecia um velho; nas rugas de sua phisionomia mostrava uma grande excrecencia maxillar da qual pendiam diversos cabellos, enfim era um verdadeiro typo de mais de cem annos. O seu trajo era mais que exquisito. O calço um tanto coçado (por ter servido muito a seu dono) mostrava na sua extremidade uma grande fivella que ligava a meia. Um curto colle-

te não tendo mais do que um palmo deixava ver entre a abertura uns grandes folhos, tendo seguramente um palmo, aonde se divisava uma cornucopia de perolas, e esmeraldas, que suspensas por um cordão de ouro obrigavam a inclinar a cabeça ao meu phantasma; em quanto á gravata era um completo lençol, os collarinhos serviam com facilidade para vella de *estay* de qualquer fragata, o chapéo podia-se assemelhar a uma grande sorveteira, e a casaca isso não fallemos, além de ser de abas de thesoura mostrava uma grande golla aonde havia sebo de sete estios; finalmente os sapatos, luvas, chinó e bengala tudo era do mesmo gosto.

SERPA PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

— Mathilde, respondeu Carlos, de mais em mais commovido; não exageres o que ha em mim de bom, porque eu conheço-me bastante, e sei pôr em relação os sentimentos que exprimem uma idéa que não parte do coração, porque está mudo; isto é, sei, como tu, escolher as flôres que espargem um aroma doce e agradável. O que hei feito por ti, o que fiz pelos outros, e o que fizer no futuro, é a fiel observancia das obras de Misericordia — dar de comer a quem tem fome — consolar os tristes, e todas essas cousas que a Religião nos prescreve, e que devemos observar. Já vês que nada mais faço do que aquillo que muitos não feito. Quando cheguei a estes lugares, após oito annos d'ausencia, disseram-me que havia muitos infelizes a consolar, e muitos pobres a beneficiar. Votei-me com todo o ardor ao bem geral — chorei com aquelles que choravam, ri com aquelles que riam, e zombei com os que zombavam... Vamos, Mathilde, tu serás em meu lugar o anjo bom dos que soffrem. Meu tio estima-te, porque é bom e generoso; Domingos adora-te porquesabe que tenho por ti uma affeição profunda. Faremos em commum um sanctuario, onde possamos render homenagem ao anjo que está a meu lado. Agora, exijo uma cousa antes de tudo; vem a ser que termines todas as relações que tens com essa Franceza que....

— Venho de sua casa; fui agradecer-lhe o

muito que fez por mim ; resolvida a não a procurar mais.

— Tomaste os meus conselhos; as relações dessa mulher servem unicamente para aquellas que tem aspirado o perfume envenenado dos salões aristocratas, onde só reina a orgia e a devassidão !.... Para ti, pobre flôr abandonada em jardim modelo, esse perfume seria a tua morte, e eu amo-te bastante para que consinta em tal. Por isso, Mathilde, em quanto que alguma triste realidade não venha accordar-te das tuas illusões de menina, dessa candida innocencia que atemorisa os mais infames ; eu te peço, não procures uma mulher como Mine. Adelaide ; o que te digo aqui, o que te aconselho agora affirmar-o-hei diante della se mister fôr. A unica cousa que poderão censurar-me é a minha demasiada franqueza em arguir aquellas pessoas que desrespeitam as conveniencias da sociedade em que vivem.

Mathilde prestava a Carlos essa attenção submissa de filho para pai. E' porque as palavras do mancebo eram inspiradas por uma convicção firme e profunda, e ante taes precedencias é difficil a duvida.

— Obrigado, Sr. Carlos, respondeu a joven, as suas palavras fazem-me um bem extraordinario ; sinto a vida renascer sob um aspecto brilhante e encantador, e tenho convicção de que não mais nutrirei desejos de morrer.

Eu achava-me só, para toda a parte que me voltasse via apenas densas trevas, e a confusão do cahos. Ninguém fez a esmola d'estender a mão da caridade para a misera orphã, que balbuciando um nome ouvia em resposta o desprezo e escarneo. Quantas vezes a sós, triste como estas arvores no inverno, eu chamei por minha mãe, por meu pai, ou um ente qualquer que dispendesse comigo as caricias e affagos que me faltaram na infancia ? ! Sempre em vão.... sempre o mesmo silencio. Depois, após de muitas horas de vago pensar eu concluia por dizer a mim mesma : Para que estas idéas ? para que esta vida de continuos e amargos dissabores ? Posso por acaso pedir alguma cousa ? não sou eu filha do acaso ? o meu nascimento não é devido a uma dessas mil intrigas amorosas, que com tanta frequencia se dão na alta e baixa sociedade ? !

Eis aqui, Sr. Carlos, as minhas idéas de muitos annos. A' força de combatel-as eu sentia a vida finir-se-me lentamente, quando um anjo de paz e de conforto, batendo suas brancas azas, chegou até

mim, e me disse : Animo, e tem esperanza no porvir !

Senti a paz e o socego d'espirito voltar presentes, e quando me encontrou já estava quasi curada. Hoje, graças a esse anjo e ao Sr., nada tenho ! Sou tão feliz, que tudo isto me parece um sonho !....

(Continúa.)

O mysterio d'uma Route.

ROMANCE

POR JOSE MIGUEL DIAS FERREIRA.

CAPITULO VI.

Gustavo dirigio-se para casa, tentou repousar o corpo e o espirito das terriveis fadigas d'aquella noite ; mas o somno não lhe veio fechar os olhos ; todo preocupado com a sua desgraça rogava a Deos em silencio. As horas foram-se passando, e assim que ouvio dar quatro, levantou-se, mas com o corpo tão abatido que parecia ter-se levantado d'uma grande enfermidade.

Vestio-se, e depois de ter escolhido duas espadas fortes deitou por cima de si uma capa e sahio de casa.

A madrugada não tardou, e já os primeiros raios da luz iam fazendo desaparecer as trevas.

Depois de meia hora de caminho chegaram ao lugar indicado para o combate.

O vento frio da madrugada fazia um ruido continuo nas arvores que rodeavam o lugar.

Os raios de luz já eram mais resplandecentes ; mas ainda não se podia ver nada no espesso arvoredo.

Não havia indicios de ninguem ter ainda chegado ; o lugar estava solitario e triste, todo rodeado de morros e arvoredo ; tinha sido bem escolhido para tal acto. Gustavo principiava a impacientar-se ; ora parava, ora passava encostado á caixa ouvindo o ruido da correnteza da agua. Ao dar uma volta, ouvio-se a detonação d'uma arma de fogo, e a balla sibilando veio enterrar-se no chão a quatro passos de distancia de Gustavo.

Elle abaixou-se e ficou occulto pelo altura do paredão ; como para esperar o traçoeiro.

Ouvio-se então o pisar em folhas seccas, e passos precipitados, que se encaminhavam para elle.

Assomou ao longo do paredão a sombra d'um homem e uma gargalhada estrepitosa fez-se ou-

vir ; o vulto deu um salto, e estava no plano onde Gustavo se achava agachado.

Assim que vio o vulto saltar tirou uma espada, e avançou com uma raiva de tigre, para o homem que tinha ficado parado, assim que o vio metter-se.

—Oh ! acreditava que fosse algum ladrão ; mas és tu, miseravel ? ! ... disse Gustavo reconhecendo Faustino. Traçoeiro ! julgavas que me tinhas morto ? não, aqui estou ! vamos ; em guarda ! ... toma esta espada, e defende-te : Faustino tinha ficado aterrado com o sangue frio e valor de seu adversario, examinou a espada, e vendo que era boa, pôz-se em guarda, e o combate começou. Os golpes assemelhavam-se aos dos de muitas pessoas ; tão rapidos e desesperados eram. Faustino conhecendo a necessidade de defender-se lutava com ligeireza.

Gustavo revestido de seu sangue frio imperturbavel, muitas vezes fazia roçar a ponta de sua arma no peito de seu inimigo.

A tatica parecia ser igual, ambos defendiam-se com habilidade, e Gustavo admirava seu inimigo tão covarde, como se tinha desembaraçado. Faustino recuou dous passos e fazendo girar a espada aparou com destreza quatro golpes seguidos de seu inimigo. Gustavo continuou a atacalo com golpes seguidos, e em um dos giros a espada de Faustino foi cahir a seis passos de distancia ; apanhou a arma, e tornou a entrar de novo, então os golpes conheciam-se que eram dados com uma raiva e um desespero sem igual ; em um dos golpes Gustavo falseando o manejo, fez Faustino livrar-se da cabeça, e a arma enterrou-se-lhe no peito, com força. Faustino deu um forte arranco, o sangue sahio em jorros da ferida, as pernas fraquearam-lhe e o corpo cahio sem movimento.

Gustavo ainda ardendo de raiva voltou-se para todos os lados e não vendo ninguém chegou-se para o ferido ; mas já estava morto.

Agarrou a custo no defunto e caminhou por uma estreita senda rodeada de arvoredos, e depois de ter andado alguns cem passos chegou quasi ao cume d'um rochedo rodeado inteiramente por espesso arvoredos baixos.

Os angulos da rocha formam muitas covas onde parece acoutarem-se os animaes de caça ; agarrou no defunto com força e atirou-o em um dos poços ; o corpo sumio-se e depois de ter deitado muita pedra para poder tapar a cova, voltou o rosto para o céu ; e estendendo a mão, disse :

—Graças vos dou, meu Deos ; aqui será a sua sepultura ; está cumprida a minha vingança ! ... e envolvendo-se na capa chegou ao lugar do duelo, deitou arêa nos signaes de sangue, pegou nas armas, deitou-as na corrente dos canos e seguiu apressado, por onde tinha vindo.

(*Continúa*)

Com quanto o nosso programma se não conforme muito com esta sorte de publicações, por comprazer á sociedade *Dezaseis de Setembro*, publicamos o seguinte relatorio, lido em assembléa geral pelo seu presidente o Sr. Antonio José Alves Coelho.

A REDACÇÃO.

Senhores :

Quando vos convoquei extraordinariamente em 30 do mez passado, foi para vos enunciar as idéas da Directoria, tendentes a fazer germinar em vossos peitos o amor á nossa instituição, e eleva-la ao auge que com tão bons auspícios a aguarda ; e apresentar-vos uma refôrma, dos nossos estatutos, que se conformasse com os fins que uma associação desta ordem anhele, e digna do faustoso dia do nosso distinctivo.

Estranhareis, que tendo-se deliberado na ultima sessão, eu vos convocasse, para vos ser presente o trabalho da commissão, encarregada de rever e publicar os novos estatutos, e tambem para se proceder á eleição d'uma nova Directoria, eu submetta á vossa ponderação, objecto que nem uma paridade tem com o deliberado. Mas circumstancias tão poderosas occorreram no periodo que medea esta, da ultima sessão, que me parece nos é tão vantajoso que estou bem certo me relevareis essa falta, só filha da vontade que alimento, de por novas medidas, nos mostrarmos dignos Portuguezes.

Haveis-me permittir que, relatando succintamente as principaes occurrencias desde a instalação da Sociedade, eu mais adiante trate do principal objecto da reunião.

Foi incitado pelo amor da Patria, e em recordação do sempiterno dia 16 de Setembro de 1855, por ser o 18.º anniversario natalicio, e o dia em que o nosso Rei o Sr. D. Pedro V subio ao throno de Portugal, que eu, em conjuncto, com os amigos Constantino Joaquim d'Azevedo Lemos, Manoel José da Silva Marques e Francisco José da Silva Basto, tinhamos de precedencia, acariado o pensamento d'installar uma sociedade ;

como não esfriássemos, e bem ao contrario, cada vez mais nos acalentasse o animo de tornar real o nosso intuito, dirigimo-nos no já citado dia ao Jardim Botânico, e ahi ao som de nossas entusiasticas acclamações ao Rei, á independencia e prosperidade de Portugal, installamos a sociedade de *Dezaseis de Setembro*. Desculpai-me que eu vos note, uma singela perpetuidade, que deixamos inscripta, n'um dos debeis arbustos, que circundam o *Lago dos Amores*....

Tratemos logo de fazer crescer nossa filha querida, e em quanto uns, pediam a seus amigos a animassem com seus afagos, eu e o meu collega Sr. Constantino Joaquim d'Azevedo Lemos, lhe iamso preparando a roupagem; e com effeito tal foi o cuidado que nos mereceu, que em 14 de Outubro, ella se apresentou vigorosa, e com uma lei, á qual demos o nome de Estatutos, que serviria de escudo á carreira, que se lhe proporcionava. Mas essa lei, necessitava do consento das pessoas que como entreposto se alistaram á nossa filha; foi então que em 14 de Outubro, reunidos em Assembléa geral, lhe deram seu voto, e elegeram uma Directoria, que serviria para aguardar dos revêzes, e dar impulso á nossa sociedade — **DEZASEIS DE SETEMBRO.** —

E' forçoso que confesse, que a Directoria lutou com immensas difficuldades em principio, excitadas por uma sociedade que, ou por casualidade, ou por lhe agradar o nosso distinctivo, pretendeu contestar nosso direito, amparando-se em principios tal ou qual pueris, sem que conclusivamente evidenciasse o seu direito; houve em primeiro lugar, de parte a parte, discussão particular, sem resultado; porém, tal era a vontade de escrever, e tal o philosophismo que imperava nos contendores que, não supportando os emissarios mais fadigas, se divagaram no vasto campo da imprensa, para os amantes das bellas-letras apreciarem o que é primor litterario !....

As sevicias e improprios, que se dirigiram mutuamente manejadas não sei por quem, encobrendo-se com a capa do anonymo, são tão improprias de occupar vossa attenção, que eu as olvido, sepultando-as, e correndo-lhe uma pesada lousa, de fórma que o seu bulicio, a não faça sentir.

E se dessa contenda, resultasse alguma coisa clara, e insinuante, ainda bem; mas o que vemos.... com pezar o digo, tudo no mesmo esta-

do, ladeando em um cahos, que só a inercia, o podia destruir.

Essa sociedade, em virtude de uma authorisação do Exm. Sr. Chefe de Policia, se ficou intitulado — primeira de *Dezaseis de Setembro* — soffrendo uma modificação no distinctivo, por exigencia daquella authoridade, que lhe não podia dar a sancção como exigia, porque primeiramente nos foi concedida; e a nossa se ficou denominando, como outr'ora — **DEZASEIS DE SETEMBRO.** —

Não obstante este estado de cousas, tão precario para as duas sociedades, a nossa, bem que lentamente ia progredindo, já na aquisição de socios, e já no credito, que alguns actos philanthropicos, lhe souberam grangear. Mas, senhores, a sociedade fundada em commemoração do jubiloso dia, consagrado á Pessoa de nosso mais alto respeito, e intimo affecto, a sociedade creada com tão auspicioso exito, e dedicada a afagar os nossos molestos compatriotas, offerecendo-lhes um caritativo arrimo, e inculcando-lhes n'alma, a esperanza de um feliz porvir, deveria continuar nessa inercia, sem que tocasse o alvo desejado? Não.

(Continúa.)

POESIAS.

O Solitario.

Que fazes ahi, mancebo,
Tão tristonho a suspirar?...
Perdão se a tanto m'atrevo
De teus males indagar.

Meus males?... são bem funestos!
São funestos de matar;
Os meus dias assás mestos
Passo constante a penar!

N'outro tempo poderoso,
Agora! não mais que um pobre...
O meu pranto caudaloso
Rega o fato que me cobre!

Oh! sim, já fui poderoso,
Imperei em peito amante,
Tive um solio magestoso
Sob'um coração constante.

A fada mais bella amava,
Feliz era a minha estrellla,
Porque um anjo me adorava,
Não tinha que dizer della.

Perdi esse imperio mago,
Que fascinava minh'alma,
Libo agora amargo trago
Da saudade, já sem calma.

Guerra atroz lhe declarou
A parca té que venceu,
Aos seus golpes expirou
E na terra a escondeu ! ! ! ...

Vês alli aquella vargem ?
Aos mortos é dedicada ;
E' onde repousa a virgem
Pela parca derrubada.

Seu tumulto heide guardar
Constante, de noite e dia,
E por ella heide rogar
Ao toque d'Ave-Maria.

Por mim sua lousa ornada
Foi de boninas agrestes,
E de saudades cercada,
Com numerosos cyprestes.

Quando á noite a suspirar
Em sua campa recostado,
Com tristeza a recordar
O meu aurifero passado ;

Até que o som revoar
Sinto com meiga brandura
Da meia noite a orar
Corro pela virgem pura.

Então mil larvas deviso-
De suas campas surgir,
Que com estrondoso riso
Vejo-as no ar se sumir ! ...

Ouçõ então tristes gemidos
Pelo recinto a vagar,
Vejo um anjo ! ... seus vestidos
Traz magamente alvejar ! ...

Sua fronte mui singela
E meiga, volve p'ra mim,
Reconheço ! !... é sombra della
Que vejo, áquella hora assim !

Seu rosto resplandecente
Cobre então com negro véo.
E com pranto concernente
As mãos ergue para o céo !

Abrem-se os astros brilhantes,
Aureas nuvens apparecem,
E cercando-a fulgurantes
Com ella desaparecem !

Apoz vem somno pesado,
Que as minhas palpebras certa,
Tremulo, caio prostrado
E sem forças sobre a terra !

Acordo, já doira o sol
Altos cumes elevados,
Entre o magico arrebol
Reinam arbustos dourados.

Jurei-lhe de ser constante,
Té suas cinzas guardar,
Sobr'a campa a cada instante
Ao Deos por ella rogar !

Té que me feneça a vida
Nesta lida levarei ;
Foi alli naquella Ermida
Qu'este juramento dei !

Adeus bom homem honrado,
O toque d'Ave-maria
Já la sôa, compassado,
E meu dever annuncia !

Março de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

Parodia.

Se eu fôra dos mares a onda bravia,
Na praia idomeia com força a rolar,
Quizera levando-te em meu turbilhão,
Com teu corpo aos peixes, ó furia cevar !...

Se eu fôra um abismo, que turvo e medonho
No solo onde habitas podesse-me abrir,
Em um só momento quizera em meus antros,
Profundos, p'ra sempre, cruel t'ingulir !...

Se eu fôra doende, que em noite medonha
Podesse da terra surgir, me elevar
Tiveras certeza, mulher fementida,
Commigo aos avernos te havia levar ! !...

Um raio se eu fôra, se fôra coristo,
Do Empyrio á terra já quasi a partir,
Os ares fendendo, quizera veloz
Em tua cabeça direito cahir !...

Se eu fôra uma fera, das feras bravias,
Por prados e bosques terror a espalhar,
Quizera entre as garras, vorazes, famintas,
Os membros com furia cruel te rasgar !...

Mas eu não sou onda, doende ou abismo,
Nem fera, nem raio, para te ferir ;
Sou triste mancebo, que apenas rancor
Nestas linhas tôscas te quer exprimir.

Rio de Janeiro, Abril de 1856

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Amores.

E' noite tão linda
Tão linda d'encantos,
Que inspira meus cantos
Com doce primor,
A brisa que passa
Fallando de amores.

Diz ella segredos,
Segredos fagueiros,
Que vem prasenteiros
Eulina lembrar,
Fazendo por ella
Suspiros soltar !

Quizera pensando.
Pensando só nella,
Tão linda tão bella,
Tão bella sem par,
Trabalhos da vida
No mundo olvidar.

Feliz eu seria
Nos ternos amores,
Qual bellas flores
Em seu despontar,
Mui castas e puras
Sem nunca murchar.

M. LEITE MACHADO.

Desprezo-te.

A. M. C.

Não intentes, mulher ardilosa,
Teu despeito no riso encobrir ;
Não intentes com falsa modestia
Os que te vêem talvez repellir.

Não intentes, mulher ardilosa,
Com teus risos em mim imperar,
Não intentes fazer-me esquecer
Que teus risos sei bem desprezar.

Não intentes, mulher ardilosa,
A virtude mostrar que não tens ;
Não intentes calçar teus preceitos
Com teus frios—soberbos desdens.

Não intentes mulher, tão vaidosa,
C'o a vaidade sómente reinar ;
Teus encantos são falsos—mentidos,
Teus encantos sei bem desprezar.

Rio, Abril 20 de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

VARIEDADES.

Calvino.

João Calvino, segundo chefe da Reforma, no 16.º seculo, nasceu em Noyon em 1509.

Destinando-se ao estado ecclesiastico estudou em Paris a Theologia: mas como professava o Protestantismo sem nenhuma reserva, foi obrigado a refugiar-se em Genebra, depois em Bale, aonde estudou o hebraico, e publicou a *Instituição Christã*, que dedicou a Francisco 1.º; voltou porém a Genebra, em 1541, onde apresentou um formulario de confissão de fé, que fez adoptar como lei do Estado, e que veio a ser depois a base da crença religiosa chamada Calvinismo, e morreu em Genebra em 1563, tendo de idade pouco mais ou menos de 55 annos.

Trad. de J. M. DIAS FERREIRA.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA
Rua da Valla n. 141.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 4 de Maio de 1856

N. 13

LITTERATURA.

Paginas intimas.

FRAGMENTO.

A M. J.

TRISTEZAS DO DESTERRO.

XI

Acabei de sonhar, M., pensava em ti, e n'aquillo que tem alguma relação com o nosso passado.

Via-te, ainda pequenina, acariciar com as tuas alvas e pequenas mãosinhas a nobre fronte de tua mãe; via-te pouco depois, qual borboleta, divagar pelos campos; via-te enfim entregue aos innocentes prazeres da infancia, que formam a mais brilhante pagina da nossa existencia!

Depois, como para te acompanhar até ao momento em que, por um estreito e apaixonado abraço, nos separamos, talvez para sempre, vi-te na adolescencia, nessa idade em que já os teus sorrisos se tornavam tão preciosos como devem ser os dos anjos.

Segui passo a passo essa longa serie d'acontecimentos em que tomaste a mais notavel e interessante parte; tantos foram, M..., produziram em mim tal impressão, que senti as lagrimas deslizarem-se-me pelas faces.... e acordei!

Quão rapido foi o meu sonhar!....

Veio a realidade, mas tão cruel, que o pranto augmentou, e no momento em que escrevo, limpo a ultima das muitas lagrimas que hei vertido por ti, por ti a quem dedico e dedicarei sempre os poucos pensamentos prenhes d'uncção, que soem brotar do espirito que soffre!....

Quantas vezes tenho esquecido a realidade de minha posição para me lembrar de que, como eu, talvez partilhes esses pensamentos, e que

não obstante a longa distancia ainda te sou charo! Infeliz de mim se esses instantes se não repetissem!....

Ignoro como poderei explicar-te a especie de magico encanto que me prende á recordação daquella noite em que me revelaste o mais intimo dos teus pensamentos; ignoro, M., as expressões que devem completar a minha idéa; o que sei, o que sinto advinhal-o-has sem duvida, porque o coração me bate apressado, e diz-me que acharei sempre em ti a querida companheira d'outr'ora...

Não reveles a ninguem essas impressões; guarda-as como eu sei guardar tudo que vem de ti, e pensa sempre naquella que te ama bastante para não aceitar todas as consequencias do seu amor!....

Compensarás assim o muito que hei soffrido após a nossa separação....

Rio, 4 de Maio de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

O mysterio d'uma noute.

ROMANCE

POR JOSE' MIGUEL DIAS FERREIRA.

CAPITULO VII.

Cinco annos depois destes acontecimentos, via-se continuamente na igreja da Ajuda, na occasião da missa, um homem que chamava a attenção de todos.

Era de estatura pouco alta, as carnes mostravam que tinham-lhe desaparecido. Os ossos mui salientes, os olhos encovados e com um circulo roxo, que mostravam os soffrimentos, que queriam arrasta-lo á sepultura.

Uma palidez mortal lhe cobria todo o corpo, a barba e os cabellos eram crescidos, e a voz quasi extincta lhe davam um aspecto de resuscitado.

Uma capa preta e mui comprida o envolvia

da cabeça aos pés; e um bordão lhe servia de arrimo. Todos os que por perto d'elle passavam ficavam admirados do seu traje e liam em suas faces cadavericas uma dôr infinita.

Seu coração sentia-se; e infundidos d'um certo respeito, contemplavam-o em silencio, e quando finalisava o acto sagrado sahiam, e procuravam descobrir na multidão, o *vulto negro*, como muitos lhe chamavam. Oh! que homem mysterioso é esse! ninguém lhe ouve uma palavra; mas a muitos commove com seu pranto. Quem será? como se chama? é o que todos perguntavam á uma; mas ninguém pôde saber se o *vulto negro* era verdadeiramente mudo; ou se alguma paixão o tinha arrastado ao pessimo estado em que o viam.

Muitos lhe perguntavam qual o seu soffrimento; mas elle cabisbaixo e em silencio, encolhendo os hombros, dava a entender que não sabia.

Era sempre o ultimo que sahia da igreja; e muitas vezes o sacristão o avisava, que a porta do templo se ia fechar. Encostado a um canto, elle derramava muitas lagrimas em silencio, e procurava occultar sua tristeza aos olhares investigadores da multidão curiosa.

Quando as freiras vinham fazer côro na celebração da missa, elle de joelhos, com o queixo encostado ao seu bordão, parecia querer devorar com a vista até os menores movimentos das religiosas, que cantavam em louvor do Senhor.

Seu rosto desfigurado, parecia alguns instantes mais alegre, e um leve sorriso se deslisava em seus labios; e a pós duas lagrimas lhe corriam pelas faces. A satisfação que sentia era notada, nos repetidos suspiros que dava. Depois que as trevas voltavam, e se a lua as vinha dissipar, ahi encostado ou assentado á porta do templo o haviam de ver. Então parecia muitas vezes, que fallava a si mesmo; e depois passava horas inteiras ao sereno da noite, em continua oração. Oh! exclamava elle em voz baixa; este soffrimento vai-me consumindo lentamente, mas o amor outr'ora abandonado, tornou a vencer meu coração! e a triste recordação, o não poder nunca mais fallar-lhe, são o castigo da minha imprudencia!... Oh! eu a detestei, sem saber que ella era innocente!....

Ella me amava ainda; e preferio antes lamentar seu infortunio á sombra destas paredes, do que amar a outro! Mas como poucas horas me restam talvez de vida, contento-me em ouvi-la cantar; ainda que occulta pelo véo, parece-me que sorri,

e me alivia a dôr. Muito tempo durou a peregrinação deste homem que niagueu conhecia, e que ás vezes o raiar do dia vinha achar em gemidos e soluços.

Um dia bastante cedo estavam algumas freiras á espera para receberem a communhão; havia muito pouco povo na igreja; porém o *vulto negro* já lá estava encostado a um lado, olhando com anxiedade para o lugar onde deviam mostrar o rosto as religiosas. O semblante parecia mais cavado do que nunca, em tudo era um visivel esqueleto da morte, e parecia estar bastante alterado.

A cerimonia não tardou, e as freiras foram vindo uma por uma, para receberem a communhão. Elle olhava attento, e ao mostrar o rosto uma, ainda de pouca idade, deu um passo para o lugar, ellevou a voz, e querendo gritar, apenas pronunciou baixo — Amelia!

(Continúa.)

Os meus sonhos

ou

A HERANÇA DE MEU TIO

(Continuação.)

Porém, que grande susto não me causou o ver que o meu figurino se mechia todo; julguei ser outra cousa, mas qual! vi-o claramente suspender o curto collete, e puxando por uns enormes sinetes, que ao menor movimento do seu proprietario começavam a traquinar, puxou por um relógio, aonde, atravez de um vidro aspero e sujo, se distinguiam uns ponteiros marcando doze horas, e tornando a guardar o sobredito relógio olhou para a comitiva que o acompanhava, e para mim, e disse: são horas....

— Debalde procurarias a minha imagem entre esses retratos, me disse elle, com voz capaz de metter medo a um defunto: no meu tempo nenhum pincel se daria ao trabalho de reproduzir as feições de um escravo como eu! mas comprehendí as misérias da minha condição, e, á força de trabalho consegui comprar a minha alforria. Foi então, graças a ella, que um dos meus descendentes, que vês, pôde instruir-se e fazer-se ecclesiastico.

Aquelle que tinha sido designado, avançou então.

— Os pobres e os opprimidos tinham necessidade de apoio, disse elle mansamente; sustenta-

do pelo nome de Christo, tratei de lh'o prestar ; ajudei a instruir o povo, e fazer-lhe amar o bem, a fortificá-lo com a probidade, a esperança, a paciência, em quanto a nossa familia se elevava lentamente á minha sombra, e tomava posto entre os honrados commerciantes da provincia.

Um terceiro interlocutor ergueu então a voz.

— Este posto transmittido por nossos pais, tratei de o engrandecer, disse elle com certo ar de importancia, nomeado syndico da minha corporação obtive para ella novas immunições; reunimo-nos para defender o fructo do trabalho contra a violencia, e fui um dos fundadores dessa corporação de cidadãos que associa os interesses geraes debaixo do nome de *Communs*.

— E eu, disse o que se achava mais proximo ao antecedente interlocutor, que pela toga e semblante austero podia reconhecer-se por magistrado, contribui para que a lei prevalecesse sobre o capricho, e a igualdade sobre o favor. Os mais poderosos tiveram que submeter-se á decisão de juizes desarmados : a força curvou-se perante o direito.

— Não fallando em que ella se declarou sua auxiliar digo eu ! accrescentou um official, cuja tez se achava crestada pelo sol ; os descendentes do escravo de outr'ora acabaram por cingir a espada, e tornaram-se os defensores da patria e da lei ! Desde que uma e outra pertenceram á nação inteira, esta derramou o seu sangue para as defender ; tornando-nos soldados, todos nós passamos á classe dos nobres !

(*Continúa.*)

SERPA PINTO.

Mathilde.

POR A. XÁVIER RODRIGUES PINTO.

(*Continuação.*)

Para que a idéa do passado não venha destruir a felicidade de que gozas no presente, respondeu Carlos levantando-se, é que te imploro que não voltes á casa de Mine. Adelaide ; porque, Mathilde, tenho convicção de que ella seria o teu anjo máo, como o tem sido de todas aquellas que lhe cahem nas garras !

— Mente ! bradou uma voz ao lado de Carlos.

Este voltou-se, como se uma serpente o tivesse mordido.

Mathilde soltára um grito tão doloroso e pun-

gente, que fez apparecer no lugar da scena o preto de Carlos.

— Sr. Carlos, por tudo quanto lhe é de mais charo, eu lhe peço, vamos para casa, disse a joven.

E a pobre menina abraçou-se com o mancebo, como para procurar um refugio á aggressão do recém vindo. Tudo isto se passára tão rapido, que Carlos não pôde responder á offensa que lhe fôra dirigida. O preto adivinhando pelo grito de Mathilde que alguma scena desagradavel se hia seguir, aproximou-se de Carlos, e com um olhar cuja expressão é impossivel descrever, disse, voltando-se para Lourenço, pois que era elle.

— Branco, eu estou aqui.

— Retira-te, Domingos, redarguiu Carlos com imperturbavel fleugma, aquelle Sr. sabe que costume dar pouca importancia ás torpes paixões do coração ; ora como tenho certeza de que o insulto que acabou de dirigir-me tem seu tanto desse defeito, não trato de repellil-o. Quanto a ti, Mathilde, senta-te e nada temas ; o Sr. Lourenço deve querer concluir o seu discurso, e eu estou resolvido a escutal-o. E para juntar a acção á palavra, Carlos obrigou a joven a sentar-se. Domingos cruzou os braços, e deixou se ficar no mesmo lugar.

— Prosiga, Sr. Castro, disse Carlos voltando-se para o agressor.

— Tem desejos de ouvir-me, não ? vou satisfazel-o ; e estimo bastante que tenha duas pessoas presentes que pôdem repetir amanhã o que lhe disser hoje.

— Mathilde, presta attenção aos debates ; estamos em plena sessão ; a lua brilha no firmamento, a brisa acaricia nossas faces, e as flôres espargem seu agradável perfume. Desculpe, Sr. Lourenço, a sua presença inspirou-me este preambulo poetico.

— Vinha passando perto da *enacruzilhada*, disse Lourenço, sem responder ao sarcasmo do primeiro, quando ouvi que se fallava em uma pessoa do meu conhecimento, e com a qual tenho intimas relações. Calumniava-se essa pessoa ; attribuia-se-lhe cousas infames, que só o despeito pôde authorisar ; não pude conter-me e soltei aquelle brado d'indignação, resolvido a esperar todas as consequencia d'elle ; eis, Sr., a explicação que posso dar-lhe.

— Nada adianta, respondeu Carlos, acendendo um charuto com todo o socego ; além d'isso não lhe pedi explicação alguma. Comtudo, se

bem me lembro, fallou em despeito ; o que vem a dizer isso ?

— Que Mme. Adelaide sabe tomar na devida conta as declarações amorosas que costumam fazer-lhe....

— Se o entendo eu me chamo Lourenço de Castro ; atalhou Carlos alçando os hombros.

(*Continúa.*)

Fé, Esperança e Caridade.

III

CARIDADE.

(*Conclusão.*)

O interesse e a agiotagem são hoje as virtudes que movem os corações; não ha philantropia, ha usura, não ha caridade sem limites, ha ostentações vaidosas que solapam o sentido da palavra caridade !! Não vá um pobre pai de familia munido de documentos que provem sua penuria implorar a beneficencia publica, não ! porque terá em resposta um, Deos o ajude !! Não vá um homem probo esmolar para uma indigencia, por que nada obterá, mas vão esses que espalham fitinhas e titulos, que têm na mão o poder de elevar esta sociedade que só adora o fausto, esses sim, porque Fuão cuja origem é incerta, mas que se quer enxertar em uma familia nobre, abre os cordões á bolça e concorre com grande quantia, porque em troca verá seu nome publicado e na primeira *fornada* terá a recompensa, igual ao donativo !!! Que *caridade illimitada* !! que *abnegação* !! Quereis ver a caridade do clero ? ide confessar-vos e senão pagardes ao confessor ficai certos que não obtereis o bilhete comprobativo da confissão !! sois absolvidos não pelo vosso arrependimento, mas pelo *in hoc signo vinces* !! emblema que hoje adorna o dinheiro !!.... *In hoc signo vinces*, que na primitiva adornava a Cruz da redempção, hoje tem nova traducção ! quer dizer, com o dinheiro vencerás !! Fé, Esperança e Caridade, hoje são virtudes sem valor, por outra estão tão adulteradas que querem dizer, logro, desespero, e vaidade !! Não é a caridade humilde e respeitosa que move hoje o individuo, é a vaidade sem limites que o move para obter, pelo donativo, o grão de interesse a que attinge, a quantia indica a recompensa, a este a fitinha, áquelle o poleiro, áquelle outro o titulo ou *Chrisma*, a Beltran o pariato, a Fuão a cadei-

ra de sabio em troca da tripessa !!! Que caridade !! que virtude !! ouro e mais ouro, eis em que consistem as virtudes de hoje, eis a pedra philosophal do seculo ! as virtudes bem interpretadas hoje deixam liso o homem que as pratica, e adulteradas conduzem os *benemeritos caridosos* aos lugares que ambicionam, e ao esquecimento de seu antigo passado !! as virtudes estão pois adulteradas, não se praticam debaixo do ponto de vista para que foram instituidas, antes pelo contrario hoje em dia significam fausto, grandeza, humilhação, dependencia, affectação e vergonha sem limites.

J. A. DA SILVA GUIMARÃES.

Cartas a Aldina.

II

Sobraçado pelos fastigios de uma semsaboria impressionado pelas delongas de uma ausencia mortificadora ; recordando as horas de salutaras delicias que passei a teu lado, recordando-me daquelles momentos deleitosos, de tuas fallas pronunciadas com tanto fogo, de tuas madeixas, que com minhas mãos acariciava, do volver de teus grandes olhos, d'onde emanavam sentelhas tão vivazes que trespassavam as fibras mais recouditas de meu peito ; Aldina, foi n'um desses momentos de primaz melancolia que pretendi reconciliar o somno ; em vão, porém, foi o meu pretender, uma por uma foram contadas as pancadas que o campanario fazia soar. Eram quatro horas quando exasperado nie ergui do leito : a minha idéa era uma só : o meu pensamento era só — Aldina !

Sahi de casa e encaminhei-me para Santa Thereza.

Quando lá cheguei ainda o espaço jazia envolvido na escuridão ; ainda a terra era presa desse véo negro, opaco e triste a que se chama — noite.

Tudo era silencio ! recostei-me na relva que matiza essa paragem deliciosa, que lumedecida pelo orvalho me deleitava com sua frescura.

A brisa mansa e fagueira se deslisava por entre as folhas dos arbustos, que soberbos se deleitavam com ella ; as estrellas scintilantes, unicas que davam alguma claridade, resplandeciam alegres como o pai que vê o filho do qual se achava separado ha alguns lustros ; como os passarinhos que inda innocentes no ninho vêem chegar a mãe trazendo-lhe o sustento e os afagos maternaes.

Meditei.... meditei neste quadro formoso da natureza, comprehendí o quanto a missão do philosopho é sublime, e sem mesmo saber como, sem ter uma vontade firme fui soltando estas endêxas.

O' tu, Deos Omnipotente,
O' rei de todo o universo,
Como teu genio potente
Vive aqui em tudo impresso !
Este sublime quadro,
Esta emanação celeste,
Ah ! só tu, só tu podeste
Formar com infundo agrado.

Este socego fagueiro,
Tão fagueiro e magestoso
E' um quadro verdadeiro
De teu saber potentoso ;
Estas estrellas luzentes,
Lá no céu a scintilar,
Parecem querer saltar
Aonde existem viventes.

Esta brisa que teimosa
Faz os arbustos curvar,
E' como a fresca rosa
No jardim a despontar :
Tudo revella o talento,
Tudo revella o saber,
Em tudo faz comprehender
Que ha um Deos Omnipotente.

Aldina, quando acabei já principiava a apparecer o crepusculo da manhã ; as estrellas principiavam a sumir-se — escondiam-se ás vistas profanas dos viventes.

Já se ouvia o despertar dos passarinhos, que sahindo da sua habitação chilravam saudando o dia, que principiava a raiar.

Quanto é bello, Aldina, ver despontar a auro-ra de cima de uma montanha, como esta ! Quão felizes são os habitantes do campo ! Quão felizes elles são ! Elles porém não sabem comprehender tal felicidade.

As nuvens ora rosadas, ora alvas, que se apresentavam nesse espaço do horisonte servindo de guarda avançada ao astro rei, formavam um quadro famoso.

O canto do sabiá, do coleiro e de outros alados cantores, que pulando de arvore em arvore apreciavam a sua liberdade ; era mais um composto para esse quadro.

Principiei a contemplar esta nova, mas já opulenta cidade ; aqui a Gloria no alto de uma montanhasinha querendo mostrar, pela sua posição elegante, pelo seu manto de alvura o quanto é real a gloria da vida eterna. Ali o morro do Castello attestando o quanto seu poder é grande, zombando do dominio dos homens, que desejam arrancar-o de seu lar, que pretendem demolil-o para se apoderarem dessas riquezas fabulosas, que dizem existir em seu amago.

Além o de Paula Mattos que vai adquirindo summa importancia.

Esses templos, essas casas do Senhor sobresa-hindo com seus pincaros a toda essa infinidade de casas, que ornem as estreitas, sempre humidas, mas compridas ruas da capital.

Essa bahia extensa que os antigos habitantes destas paragens denominaram — Guanabara — coberta de vasos, varios em fórmas, e tamanhos.

O Sol, que radiante apparecia por entre montanhas verdejautes ; e que se retratava nessas aguas limpidas e claras ; confesso-o, Aldina, que ao contemplar tanta grandeza, tanta belleza reunida por um momento me esqueci de ti.... perdoa !.... foi minha alma, que radiante exalou um solfejo de alegria ; foi o meu pensamento que se envolveu nas gallas da natureza ao contemplar o fecundo genio do homem.

Quando descí dessa paragem amena eram dez horas.

Como me pediste para te relatar as novidades desta parte da terra, onde viste a luz, eu principio, por uma festa religiosa. No domingo passado houve a festa annual na Capella de Nossa Senhora Mãi dos Homens com toda a pompa : girando-las desde a vespera subiam ao ar annunciando tão grande festividade : o corpo da Igreja armado deslumbrava as vistas dos visitantes, que eram immensos. A musica estrepitosa, tanto na missa como no *Te-Deum* dava um apparatus excessivo e fez com que concorressem mais fieis. E' o progresso do século !

Findo esta, Aldina, com um acontecimento triste. Falleceu Fernando Jacomo arrojando-se abaixo da janella de sua habitação em um momento de allucinação. Joven de muitas esperanças nem lhe faltava talento nem força de vontade. Tinha estabelecido um jornal — A Revista do Globo — da qual era principal redactor. Genio fecundo : viria um dia a ser a gloria de sua patria. A mão da sorte, porém, tinha decidido de sua vida. Ah ! as almas grandes não habitam por

muito tempo a terra : Deos reconhece-lhe a grandeza e chama-as a seu seio.

Ora por elle. Adeus.

1856, Maio 7.

ECHO ELISIO.

Sociedade Dezaseis de Setembro

(Conclusão do seu Relatorio.)

Foi pois, coadjuvado pelos meus companheiros da Directoria, e com a idéa fixa, de que acorçoado pelos Srs. socios daria magestoso impulso á nossa instituição, que vos convoquei extraordinariamente em 30 do mez passado.

A minha esperança foi além, com patriotismo o digo, do presuppuesto, pois de quarenta socios que tinhamos, se elevam hoje a noventa.

Não especialiso os Srs. socios que tão louvavelmente se esforçaram no augmento da sociedade, porque todos vós os conheceis; no entanto em nome do gremio que represento, lhes agradeço tanta dedicação, e a sua continua prestimosidade, será um incentivo áquelles que acariciam a esperança de imital-os.

Além do motivo exposto, porque vos convoquei em 30 do passado, tinha mais, como ao principio disse, a reforma dos Estatutos e a eleição de parte ou toda a Directoria.

Os nossos Estatutos foram approvados; e coincidia isto, uma mudança radical nas disposições organicas; por isso em conformidade á nova lei, ia a sociedade entrar em nova phase; phase no meu entender grandiosa, que cumprindo-se o seu disposto, seriamos invejados por todos aquelles que amam o solo lusitano.

Trabalhávamos nós todos, Srs. socios, em conseguir o fim a que nos propozemos e pela já citada cifra de socios angariados, em tão pouco tempo, o reconheceréis.

O illustre autor da reforma dos Estatutos, o nosso mui digno socio o Sr. Bento Serzedello, os ia depositar nas mãos da commissão, e esta, fazer as suas investigações, e passar a mandar imprimir os, para vos serem distribuidos, quando occurrencia imprevista (bem que á muito desejada) fez soste a commissão.

Um requerimento (que vos apresento) assignado pelos Srs. Bento Serzedello, Antonio Joaquim Coelho da Silveira e Joaquim Antonio Pedroso, socios da primeira sociedade *Dezaseis de Setembro*, sollicitando que chegassemos a um accordo,

mutuamente honroso, para a união, sob nova lei, daquella e da nossa sociedade, e que ficassem sanadas as antigas dissidencias, foi o que deu azo, a desviar-me do imcumbido na ultima assembléa.

Sendo aquelles Srs., socios tambem da nossa sociedade, dirigiram igual requerimento á primeira sociedade *Dezaseis de Setembro*.

Os despachos das duas Directorias foram adherindo á fusão; e para esse fim se reuniram, inclusive os requerentes, no salão do *Gabinete Portuguez de Leitura*, e accordaram na união, sobre as bases que estão á vista, dependendo esta deliberação, dos vossos votos.

Reunidos em Assembléa geral, em 20 do corrente, os socios da primeira sociedade *Dezaseis de Setembro*, decidiram a fusão; e aguardam a vossa decisão, para o fim desejado.

Eu não preciso fazer commentarios inherentes á vossa deliberação; de sobejo confio em vossa perspicacia; e estou bem certo que todos vós sentis patriotismo, e por consequencia não deixareis incolume o vosso suffragio, para a união das duas sociedades que, formando uma só, e robustecida por todos, comprehenderá então, concludentemente a sua missão — A Beneficencia e a Instrução — Assim, concorrereis para a communhão portugueza: a distancia de 2,000 leguas da terra de nossas saudades, e os vindouros, julgando com criterio vossa deliberação, vos tributarão grata homenagem, pelo que fizesteis em prol da civilisação.

Antes de findar consenti-me, que vos dê conta pessoal da sociedade, seu rendimento e despezas; e pelo balancete que estais vendo, tomareis todos os esclarecimentos.

Contamos hoje noventa socios contribuintes; alguns, que além da joia de 10\$000 rs., têm pago mensalidades, e outros, que ainda só offerteram a joia.

RECEITA.

Joa de noventa socios a 10\$000.	900\$000
Mensalidades de trinta e quatro ditos.	188\$000

Somma Rs. 1,088\$000

DESPEZA.

Despezas geraes	70\$680
-----------------	---------

Saldo a favor da Sociedade. Rs. 1,017\$320

Eis ahi, Senhores, o patrimonio da sociedade, que promptamente entregaremos a quem nos succeder.

Senhores :

Em breves dias termina a missão da Directoria, ella tem feito o possivel, compativel com a dignidade e integridade da sociedade, e se apesar dos seus esforços não tem conseguido o almejado engrandecimento, estai bem certos que não lhe falleceu a vontade.

Rio de Janeiro, 27 de Abril de 1856.

POESIAS.

A Exm.^a Snr.^a D. M. L. de A.

*—Serás tu virgem pura dos campos
Quem minh' harpa virás accordar.*

A. H.

Quem te deu, ó donzella, essa graça
Que teu riso, teus gestos matiza,
Quem te deu a ternura e meiguice,
Que aos mortaes arrebatou, electriza ?

Por ventura, quiz Deus em teu rosto
A belleza celeste pintar,
Em tua graça, teu riso, teu gesto,
Aos humanos a *Virgem* lembrar ?

E's acaso dos céos Seraphim
Cá na esphera terrestre baixado,
Para aos filhos de Adão memorar
A dulia do Deus Humanado ?

Ou de paz, és tu iris novissimo
Pelo Deos de Noé enyiado,
A sellar a alliança que fez
Com o povo das aguas salvado ?

Nem és iris, nem anjo celeste,
Tens missão de mais alto valor
Simbolisa o teu nome a candra
Ceos e terra, ventura e amor.

Não transmudes por outro brasão
Esse nome celeste — *Mulher* !
Foi mulher a Purissima Virgem
E Susanna, Judith e Esther.

Mas és joven, e frágil teu sexo
Podes ser nas paixões involvida,
E o homem tem artes tão varias,
Póde bem vos levar de vencida.

Não escutes as phrases, donzella,
De farfante doutor de salão
Seu amor não lhe passa dos labios
E' de marmore o seu coração

Se vos dizem com voz bemolada
Serdes vós o seu unico amor,
Não dêis fé todas são tredas vozes
Que no mel só escondem a dor.

O amor é paixão divinal
Que nem anjos poderam gozar,
Se um Eden por culpa perdemos,
Outro Eden nos fez Deos achar.

O amor é paixão divinal
Não se nutre de gosos carnaes,
A ternura, meiguice, innocencia,
Dão-lhe seiva, são seus pedestaes.

Guarda, guarda, ó donzella gentil,
Lá no cofre do teu coração
Votos d'alma a teus dotes rendidos
Emanados de pura affeição.

Cabo Frio 7 de Março de 1856.

D. A. M. DO AMARAL.

O Seducitor.

Avançada era a noite, ave agoureira
Elevando-se ao ar, soltava tristes
Canticos de quem pena ;
No arbusto além pousou, e sacudindo
As denegridas azas renovava,
A voz tão pouco amena.

A lua que formosa despontára
Por detraz da colina verdejante
No lago reflectia...
E a brisa percorrendo na expessura
Aos verdes tenros ramos dos arbustos
Os affastava e unia.

O mar que além batia mansamente
Nas arenosas praias estendido
 Como a lua raiava ;
Quando pelo declive do terreno
Velozmente descia para o meio
 Como a brisa soava.

Ao depois por encanto repentino
Essa lua formosa se occultando
 Todo o astro escureceu
Por entre feias trevas caminhando
Com medo de ser visto o seductor
 La vai... chegou...bateu ...

Alva mão delicada se lhe estende
De prompto, e terna voz mas vacillante ;
 Sobe, sobe, lhe diz.
Elle em fim meigamente corresponde,
Colhe a mão e s'inclina para dentro
 Sobe, e beija a infeliz !

Triumph a seducção, e mentirosas
Esperanças descobrem n'um momento
 Um destino da vida !...
Elle sai, mais não volta, a infeliz, um pranto
Fica d'então vertendo, louca, triste,
 E perdida, perdida !...

Márço 30 de 1856.

J. J. BARBOSA DE CASTRO.

Descrença.

Pende, pende, minha lyra,
E não mais cantos m'inspira
Que fallem apenas d'amor ;
Obedece ao sentimento
Que me mata a fogo lento,
Obedece á minha dor.

Já cantaste com ternura,
Um passado de ventura,
Um passado sem senão ;
Hoje só tristes enlêxas
Em tuas cordas me deixas
Vibrar sem doce illusão.

Como risonho era o dia
Em que contente podia
Na lyra cantar amor !
Eram felizes momentos
Pois que doces sentimentos
Eu cantava com primor.

Recordei em ti gostoso
O momento saudoso
Em que soube ser amado,
E em ti symbolisei
O que mais então amei
Sempre alegre—descuidado.

Eu bem sei que tristemente
Te verás hoje pendente
Esquecida—desprezada ;
Porém sinto que mais tarde
Ha-de vir a saudade
Dizer que sejas chamada.

Mas em quanto q'esse dia
Não venha doce alegria
Ao coração despertar ;
Pende, pende, minha lyra,
Mas não mais cantos me inspira
Que fallem sempre d'amar.

Rio, Maio 4 de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Seus olhos.

Seus olhos tão meigos, tão ternos quo amei
 P'ra mim scintilavam,
Seus olhos formosos quaes lindos rubins
 A amar convidavam ! ! !

Amei-os qual se ama em noite tremenda
 O astro brilhante,
Amei-os qual ama a mimosa florinha
 Favonio errante.

Amei-os fechados... dormindo...sonhando
 Em sonhos d'amor,
Amei-os abertos, sobre elles pairando,
 Suave pudôr !...

Amei-os na vida... na morte... inda os amo,
 Ate os adoro ;
Mas já os não vejo, remedio a meus males
 Só a Deos imploro !

E erão taes olhos que os meus attrahiam
 Com mago condão,
Se a mim os volvia contente pulsava
 O meu coração.

Porém a esquecer esses olhos que amei
 Sou hoje forçado,
Que faço sem elles vivendo a morrer
 No mundo isolado ? !...

12 de Abril de 1856.

A. J. de CARVALHO LIMA.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA

Rua da Valla n. 111.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 11 de Maio de 1856

N. 14

LITTERATURA.

Paginas intimas.

FRAGMENTO.

QUALQUER COUSA.

XII

*Cantate, diz que cantemos
Cantar novo, não usado....*

GIL VICENTE.

Vou escrever hoje umas *paginas intimas* em novo estilo.

A musa nada me dá de romantico — a vida real chama-me ao presente ; e a minha penna recusa escrever um periodo arrancado á força do pensamento.

Nunca gostei de forçal-o ; é por isso que todos os meus escriptos se resentiram demasiado da espontaneidade das idéas, desse colorido tão rapido que desaparece como se formou.

Sugeitar-me ás regras grammaticaes, como soem fazer aquelles que pretendem o nome de *litteratos profundos*, escrever um artigo — namorando o tecto da casa (dada a hypothese de que se escreva sob *coberta enxuta*) escolher a linguagem, variar de palavras, &c., &c., é tudo isto que pretendo sempre evitar ; é isto que eu chamarei affectação, mau gosto, e.... esqueceu-me o resto.

Andava ha muito tempo acariciando a idéa de que bem depressa poderia apresentar o meu programma — a minha profissão de fé, ou o que vos parecer chamar-lhe, leitores.

Tenho até aqui fallado dos outros ; — quero hoje fallar de mim. E' um direito que ninguém poderá contestar-me, a menos que aventurem uma observação que me occorreu agora. Não a escrevo, porque receio envolver-me em questões

d'alta importancia, as quaes me reduziriam ao mister de ridiculo.

Ridicularisado, eu ? !.... esta idéa me causa calafrios !....

Perdão, leitores ; sei que desta vez o pobre escriptor das *paginas intimas* será apupado ; sei que estou de *caso pensado e rixa velha* provocando o vosso *bilis*.... conheço a verdade, mas já vos disse que a musa teimava em ser-me ingrata e que a minha companheira dessas horas de doce e profunda melancolia estava resolvida a pregar-me um logro.

E' por isso que appello para a vossa generosidade ; desculpai a penna e o escriptor....

Se a *Saudade* quizesse por complascencia aceitar em suas columnas uma critica geral sobre tudo que desafia o sorrir ironico ; se ella acolhesse a minha opinião a respeito de tanta cousa má que vai por esse mundo ; então eu vos afianço, leitores, que o meu nome seria levado á posteridade — conquistando uma reputação universal ! Principiaria por censurar todas aquellas pessoas, que podendo assignar a *Saudade*, não o tem feito, devido talvez á idéa de que ella é escripta por mancebos que começaram hontem a trilhar a difficil e espinhosa carreira das letras.

Censuraria a frieza com que se costumam acolher os talentos novos, que morrem quando apenas tem começado.

Censuraria (aqui é que verdadeiramente vou começar) a moça solteira que faz da janella *telegrapho*, quando as *meias do papai* reclamam todos os seus cuidados

Censuraria as mesmas por gostarem tanto d'um baile, como eu anho possuir a fortuna de um — *Monte Christo*.

Censuraria ainda as meninas travessas, que podendo brincar com *bonecas* conquistam vaidosas o lugar que pertence ás que passaram dos 24.

Censuraria.... muita cousa, mas a *Saudade* é uma menina discreta e séria, que não lê pela car-

tilha das suas companheiras, e neste momento franzindo o sobrolho, me diz com polidez que devo fazer ponto final.

Não sem pedir desculpa aos leitores do logro que a minha penna.... maliciosa ! lhes pregou.

Com os pais da *menina* fiquem certos que me arranjarei. Ponto final.

Rio, 13 de Maio de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

O mysterio d'uma noite.

ROMANCE

POR JOSE' MIGUEL DIAS FERREIRA.

CAPITULO VIII

A religiosa, que appareceu, lançou um olhar furtivo para a igreja e dando com os olhos no *vulto negro*, deu um pequeno grito de surpresa. O *vulto negro* tinha ficado olhando estupefacto; um tremor convulsivo lhe agitava todo o corpo, e um suor frio lhe corria da testa: passados alguns instantes as forças lhe faltaram, um transporte d'alegria tão profunda lhe fez perder os sentidos e cahio no chão semi-morto.

Um padre que estava junto á elle, levantou-o e o fez carregar para a sacristia; e ahí lhe principiaram a administrar os remedios triviaes, para fazel-o tornar a si. O medico, que um criado tinha ido chamar chegou, só ao contemplar o estado do doente ficou aterrado e ainda perguntou se com effeito não estava morto! — Oh! está phthisico são as agonias da morte; é preciso confessal-o quanto antes, talvez não dure duas horas, já não ha esperanças, e é escusado tentar salvá-lo; o proprio semblante o indica. O medico a custo o fez voltar a si, e conhecendo que não havia salvação, retirou-se. O padre o fez carregar e o collocaram em uma cama, que prepararam em um pequeno aposento, e assentando-se á cabeceira do doente, ficou só com elle ouvindo a confissão.

— Oh! meu padre, a dôr me toma o coração, e custa-me a fallar.

— Ai!.... tende paciencia.... Oh, eu fui muito peccador; eu matei a um homem, que ousou apossar-se da mão d'uma mulher, que o céu tinha destinado, para ser minha esposa! oh! eu voltei de longe e achei-os casados; o amor louco, me levou ao extremo; jurei esquecer Amelia!.... oh! ella aqui se acha!.... — O que dizeis?...

E' verdade!.... este desmaio foi porque depois de tantos annos, eu vi seu rosto ainda tão bello como dantes!.... oh! e julgava que ella me amaria; mas a fuga, era indispensavel para occultar meu castigo; voltei, mas, oh Céos!.... ella tinha professado neste Convento!.... e eu! o que me restava neste mundo depois que conheci que ella tinha-me sido fiel? chorar nossa desgraça!.... e nunca mais abandonar este templo onde ouça essa voz de anjo; rogando a Deos pelos peccadores!.... minha doença me vai matar, e eu com este trajo que adoptei, tenho passado sem ser conhecido, porque ainda ninguem ouviu de meus labios pronunciar o meu nome.... oh! só vós meu padre; eu sou Gustavo de Magalhães!.... nunca disse a ninguem nem se quer um adeus!.... oh! e meu nome? esse tinha ficado esquecido para mim mesmo... Padre, estou arrependido dos peccados que commetti; mas em nome de Deos vos supplico, estou a expirar; quero ver Amelia! quero vê-la e morrerei satisfeito, quero ainda que ella me reconheça, e me perdoe!.... sim! meu padre, é o ultimo pedido d'um moribundo!.... ide, que Deos vos abra as portas do céu. O padre ficou commovido com as lagrimas do doente; e levantando-se sahio.

Passados alguns minutos appareceu elle á porta e precedido por duas feiras, com os vãos descidos. Uma era a madre abbadesa que vinha acompanhada de um freira.

O semblante cadaverico do doente exprimio uma alegria tocante; a voz ia-lhe faltando, as lagrimas corriam-lhe pelas faces. Assim que entraram o padre fechou a porta e a madre abbadesa descobrio o rosto da freira. O doente deu um grito abafado pela dôr, ao reconhecer o semblante de Amelia ainda ali tão bello. Amelia ficou aterrada ao contemplar o rosto descarnado do doente.

— Oh! Amelia, eu vou morrer!... eu te perdôo porque fostes innocente, eu bem tarde conheci!.... Ah! dize-me que me perdôas tambem para poder morrer descansado!.... Amelia então tocada no mais intimo do coração, agarrou a mão de Gustavo e banhando-a em lagrimas disse-lhe: Oh! Gustavo!.... eu tudo te perdôo, porque o amor faz tudo!.... sim! eu tambem te tenho visto muitas vezes contemplando-me, e tenho visto tuas lagrimas de arrependimento!.... Gustavo foi pouco a pouco perdendo o movimento, e dando

um gemido prolongado volveu os olhos para o padre, que lhe deu a absolvição; e expirou!

Amelia não sobreviveu muitos annos ao desgraçado Gustavo.

FIM.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

Sinto bastante que não queira comprehender-me, tornou Castro com ironia; mas, Mathilde pôde referir-lhe, o que ouviu á dias de Mme. Adelaide.

— Falla, Mathilde, replicou Carlos voltando-se para a joven, o que disse a Franceza a meu respeito?

— Que tudo quanto o Sr. tem dito della, a severidade com que se pronuncia sobre as suas menores acções, nasce de ter repellido com dignidade uma.....

— Acaba.

— Declaração amorosa que o Sr. lhe fez em casa do doutor Rego; completou a menina com voz tão sumida, que custou a entender.

— Porém, proseguio ella, para terminar a sua idéa, tenho convicção de que isso é uma calúnia.

— Pois bem, Sr. Castro, authoriso-o a declarar a essa mulher, que é uma infame!....

— Senhor.... Infame, sim, repetio Carlos com exaltação: porque senão peja de descer tão baixo! Infame, sim, porque esquece a sua dignidade de mulher, para se lembrar que não passa.... d'uma prostituta, accrescentou Carlos ao ouvido de Lourenço.

— Senhor!

Repita-lhe isto, diga-lhe que aquelle que pôde acabrunhal-a com linguagem nascida d'uma consciencia sem mancha, tem força bastante para domar qualquer sentimento em opposição aos deveres de homem honrado. Diga-lhe, em fim, que jámais sahirá de meus labios uma palavra lisongeira para a mulher que se vende — para a mulher que negocia com a sua belleza!.... a mulher que traz na fronte o sello fatal da perdição!....

— Ousará lançar-lhe em face o que acaba de dizer-me?! perguntou Castro, rangendo os dentes com raiva.

— Hoje, amanhã e sempre....

— E eu venho proporcionar-lhe a occasião, atalhou uma voz.

Por um movimento espontaneo todos se voltaram para o lado d'onde ella partia.

— Madame!....

— Adelaide!....

— Inda esta mulher!....

Eis o triduo que se seguio ao apparecimento dessa pessoa.

Mathilde levantára-se, e como o fizera á chogada de Lourenço, aproximou-se de Carlos.

Lourenço voltou-se unicamente pronunciando o nome da Franceza, com uma inflexão de voz que muito queria dizer.

Carlos contentou-se em levar o charuto á boca, expellindo pouco depois o fumo d'elle, que deslisando-se em graciosas espiraes foi bater no rosto da recém-vinda.

— Agradeço-lhe muito as boas ausencias que faz de mim, disse ella, fallando com Carlos; isso prova que tenho attributos.

— Attributos tão especiaes, Mme., que, como vio, despertaram-me a admiração.

A Franceza estremeceu a este sarcasmo, e continuou, com voz tremula pela raiva ou pela emoção.

— A experiencia me ha mostrado que não é possível destruir a impressão desfavoravel que produzi no Sr., a quem conheço apenas a um anno; com tudo quer essa impressão fosse ou deixasse de ser lisongeira, o Sr. não devia insultar uma mulher como o fez ha pouco; e admira-me bastante que, vangloriando-se de respeitar as conveniencias da sociedade, procedesse em contrario comigo, que lhe não hei feito o menor mal.

— Pôde ser, Mme., mas não é essa a opinião do Sr. Castro.

— Sei pouco mais ou menos d'onde nasceu esta questão; seu tambem que um simples gracejo é bastante para ferir a sua susceptibilidade, mas estou certo que elle não o authorisava a pôr o meu nome no lugar que pertence aquellas a quem o Sr. ha talvez endereçado poemas.

— Obrigado, Mme., aceito a correcção; vou abjurar dos meus passados erros, e na primeira occasião opportuna irei depôr a seus pés o fructo d'alguns mezes de penitencia e oração.

— Os seus sarcasmos nada podem sobre mim — desculpo-os por partirem d'uma creança.

— Muito bem, estimo sobre modo saber o lugar que lhe pertence; esse seu dito convenceu-me de

que os meus calculos não falharam.... Que pena não ter eu alguns filhos !....

— Para que, Sr. Carlos ? Servir-lhe-hia d'avó !....

Mathilde que escutava os dous a tremer, comprehendendo que este ultimo sarcasmo ia produzir a erupção volcanica da cratera que se formára com a junção de tantos sentimentos oppostos, lançou-se aos pés do mancebo, e com voz pungente e afflictiva implorou-lhe que se retirasse, pois que não só ella como mais alguém desejava vê-lo no meio dos seus amigos, e não entre pessoas que tarde ou cedo se vingariam das suas exprobrações.

Carlos não cedeu ao pedido da joven, pelo contrario, insinuou-a de tal fórma, que, Mathilde, resignou-se, e foi sentar-se perto de Domingos, que silencioso e retirado, prestava summa attenção aos debates, como Carlos lhe chamára.

Lourenço continuava a ser mero espectador. Aquella alma corrupta e perversa pensando, e com razão, que eram desnecessarios os seus apartes, pois que o seu auxilio nada faria ante a facilidade extrema com que a mulher responde aquillo que julga feril-a em seu amor proprio. Além d'isso elle se rigosijava em ver dous tão temiveis adversarios combater-se com armas iguaes.

A Franceza pareceu deixar escapar o ultimo sarcasmo de Carlos, mas pela resposta se comprehende que elle tinha produzido o desejado effeito.

— Queria ter filhos, disse ella ; é um desejo facil de satisfazer ; sei que Mathilde vai morar em sua casa, e....

— Se levantar a mão para uma mulher não fosse a covardia mais infame, eu forçal-a-hia a pedir-me perdão de joelhos do insulto que acaba de dirigir a uma innocente menina, que recusou consentir em suas indignas proposições ; é isto o unico mal que ella lhe tem feito, Mme.

— Mathilde, proseguio Carlos com menos exaltação, acompanha Domingos que vai conduzir-te a casa.

— Domingos, entrego-te Mathilde; é desnecessario dizer-te o resto.

— Agora, Mme., perante Deos que me ouve, eu juro esmagar a cabeça da pessoa que ousar tocar em um só cabello daquella menina !

— Sr. Lourenço, achar-me-ha sempre prompto para o que determinar, mas que diga respeito unicamente a mim ; o juramento que fiz á pouco

estende-se a meu tio e Luiza ; livre-se d'envolver qualquer d'elles nos nossos negocios, porque em caso contrario eu terei força de vontade sufficiente para apanhar o lobo em seu covil.

— Mme., ao seu dispôr, Sr. Lourenço, *au revoir* !

E Carlos desapareceu pelo lado esquerdo, como se tivesse assistido a qualquer divertimento agradável. D'ahi a pouco ouvia-se ao longe uma voz fresca entoar uma canção amorosa.

Lourenço ficára tão sorprendido com o desfecho do drama que prevera, que não achou palavras para responder a Carlos.

A Franceza seguiu com um olhar d'odio a direcção que tomára o mancebo, e dando um suspiro, disse baixinho :

— Apezar de tudo amo-o cada vez mais.

— Vamos, Sr. Castro.

(*Continúa*)

Os meus sonhos

ou

A HERANÇA DE MEU TIO.

(*Continuação.*)

Sim, proseguio um ultimo interlocutor, no qual reconheci o retrato do tio, os meus antecessores conquistaram para os nossos descendentes a justiça e a liberdade ; faltava diligenciar-lhes recursos ; aceitei esta tarefa de formiga. Graças aos meus esforços e á minha parcimonia, melho-rei pouco a pouco a pequena herança legada por nossos pais ; engrossei as economias, engrandeci o patrimonio ; deixarei aos meus successores seis vezes mais do que aquillo que recebi, e, graças á severa probidade da senhora Felicidade, tudo chegará intacto ás mãos do meu herdeiro.

Por este modo ter-lhe-hei proporcionado vagar para que cultive a sua intelligencia, e liberdade para fazer bem, finalmente a felicidade de poder dedicar a sua vida aos outros, e de não ter de se occupar unicamente de si. Se fôr digno deste favor, estou certo que o saberá aproveitar ; que ha de conservar no fundo do seu coração algum reconhecimento para com o homem que lhe proporcionou esta bella empreza ; que longe de o escarnecer, ha de abençoal-o, e saberá sanctificar o que o velho tio economisou sobre si mesmo para generosamente o prodigalisar com os outros.

Estas ultimas palavras foram pronunciadas com

um accento tão penetrante, e tão profundo sentimento, que estremei a meu pezar, e.... acordei!

A luz estava quasi a apagar-se, os velhos retratos nos seus lugares, o inventario e o livro de historia tinham cahido aos pés da cama; e reconheci que tudo isto não passára de um sonho!

Um sonho, ou antes a voz do bom senso, e da consciencia. Os velhos retratos eram bem realmente os symbolos do passado; cada um delles me recordava os serviços prestados por um seculo, por uma classe.

Eram elles que marcavam, por assim dizer, os passos do tempo sobre a estrada do progresso. Para quem sabia comprehendel-os, encontrava ali a glorificação da obra consummada pelos antepassados.

Assaltado por uma repentina idéa estendia a mão para as quasi escurecidas telas, como se ellas podessem vêr-me e ouvir-me.

— Ah! perdão! exclamei; perdão, velhos soldados, magistrados rectos, commerciantes probos, agricultores honrados, vós sois dos tempos que já foram; agora comprehendo o respeito que vos é devido. Tudo quando hoje possuo, e com que tanto me tornava vaidoso, foi grangeado por vossas mãos; o presente não é mais do que a consequencia do passado, e a tradição o instrumento do progresso. Perdão, ó vós que apenas conhecestes a arvore da sciencia ainda pequena, mas que a regastes com o vosso suor e vosso sangue; agora conheço que o meu orgulho era ingratidão; mas reservar-vos-hei d'ora em diante um santo lugar na minha lembrança.

E vós tambem, vestígios de um tempo que já não sabemos comprehender, rusticidade de vossos pais, velhos e esquecidos usos, de hoje em diante não excitarei, nem os meus risos, nem a minha colera, porque saberei que sois as ruínas de uma civilisação que prehenheu a sua tarefa por isso deveis bem dizer sempre a vossos antepassados.

FIM.

SERPA PINTO.

Meditação.

Acabavam de soar nove horas na torre de Santo Antonio, minha alma triste, como o vago scismar da donzella, a quem pungem saudades do amante ausente, abandonava-se á meditação, revolvendo pelo páramo infundo do fantasiar, mas d'um fantasiar annuviado por uma dôr indefinivel,

dessas que fazem definar e não doem. Um céu argentado e puro, como sóe ser o dos paizes intertropicaes em noites de luar, deixa refranger em sua cupula nevada, o doce e meigo reflexo da rainha das trevas. A pequena distancia o mar, vera imagem do conflicto das paixões e do estuar das iras humanas, arrojava suas vagas, que estrepitosas cevavam sua raiva nos rochedos, que lhes bordam as praias. D'outro lado, como para contrastar o effeito desta perspectiva de marulho e agitação, divisava-se uma limpida lagôa, cujas águas placidas, apenas de vez em quando abriam seu seio, para receber os beijos carinhosos do brando zephire. No pincaro d'uma colina, em que me havia ido assentar, como que para interpor um dique entre mim e os homens, entre o tumulto e o silencio, jazia debruçada no verde cochim de relva, que tapisa a montanha, a poetica e magestosa capella da Senhora da Guia: dirieis ao vê-la, ser uma fada benigna envolta em véo de branca garça, com olhos perscrutadores, a sondar os desatinos d'Amphitrite, e guiar com seu mago condão os nautas temerosos. No sopé do monte, offerecia-se ao indagador um cercado de rachões, simulando uma pocilga d'animaes suinos, e era entretanto a Necropolis — a morada da morte — d'uma cidade. Os pyrilampos apezar do claro reflexo da lua, deixavam por vezes entrever resteas de pallida luz; crerieis ao vel-os, que são as almas dos que ali jazem sepultos, que veem a horas mortas da noite, carpir o leito humido e immundo em que sepultaram seus corpos.

Que grandioso espectáculo não ministrava ao homem sensível, o conjuncto destas perspectivas, com suas harmonias e seus contrastes! O mar com seus escarcéos; a terra com o seu remanso; a lua com sua meiguice, o céu com sua serenidade, o lago com sua doce quietação; o zephire com sua alegria; e a Necropolis como sombra deste quadro lembrando-nos a idéa fatal da morte!!

O' meu Deos, dizia eu distendendo meus olhos por sobre este panorama, quanto é maravilhosa e admiravel a natureza! porém quanto mais poetica e sublime me pareceria ella, se eu a divisasse com os olhos do coração, e se nelle me germinasse um simples pensamento d'amor! Sim, as harmonias da natureza desafiam a admiração, e deleitam os sentidos, mas para que ellas sejam bem comprehendidas, releva, que no coração do homem veceje essa flôr pudibunda, mimosa e perfumada, que se chama amor. Oh! Quanto é

acerba e triste a peregrinação nesta vida, sem um ente que nos comprehenda! A vida sem amor, é como um horto sem plantas, como uma lyra sem cordas, ou como a estatua imperfeita, em que o buril do artista não imprimio ainda animação; é finalmente, como a bonina funerea, que vegeta entre tumulos sem os adejos festivos da mariposa, nem o terno oscular do beijaflôr.

Meu Deos, porque me não permittis vós, que depare em minha romagem mundana, um ser, complexo de bondade, meiguice e ternura, que me sorria, cujo coração se expanda no meu, que me diga emfim nessa linguagem doce e repassada de ternura: eu te amo, o universo para mim resume-se em ti?!....

Eumenide fatal, que surgiste do Averno, para trasvasar em meu coração, o veneno de tua perfida ternura e o engodo lethifero de teus cantos de serêa, foste tu, que espesinhaste meus mais charos affectos, e que alquebraste minha sensibilidade com a mais horrivel das decepções. Longe de mim tua sinistra recordação, essa nuvem ferrenha que tolda meu ser ao evocar tua memoria, ha de dissipar ante o condão salutar de um anjo, que vós, meu Deos, fatigado de meu agonisar, haveis de mandar ao meu encontro. Meu Deos, permitti que esta esperança não seja alguma utopia, pois que é a unica idéa que me amenisa esta vida tão açoutada pelas decepções!!....

Cabo Frio, Abril 14.

D. A. MACIEL DO AMARAL.

O sol e o amor.

Como é amavel e encantador, irmos mui cedo sentar-nos na encosta d'um monte, em uma dessas bellas manhãs, a contemplar os primeiros raios do sol, que vem despontando no formoso horisonte! Sim, como não diremos com o peito cheio de alegria, e a alma tocada por um divino sentimento, ao contemplarmos essa obra grandiosa de Deos!... Salve, ó manhã formosa, que vens trajando as mais lindas gallas que o Senhor te deu! Como deve nascer em nosso coração um amor puro, consagrado á obra grandiosa do Altissimo! São os primeiros raios do sol, que despontam na manhã mais bella, como os nossos primeiros amores, são ainda, como os sorrisos dessa donzella a quem dedicamos todos os nossos affectos. A brisa que brandamente nos sauda ao passar nesse momen-

to, o que dirá em seu doce murmurio!! Admirai a grandeza de Deos, diz ella! E quem não ha de admirar-a?! Temos que meditar nesse mysterio profundo do céu. E quem haverá inda nesta vida tão nescio, tão falto de comprehensão, para arrojarse a duvidar da existencia do Todo-Poderoso?! Não verá elle; em cada nuvem que passa, em cada arbusto que nasce o dedo gigante do Altissimo?!.... Pois o amor que nos manda essa donzella no seu sorrir de innocência, é qual os raios do sol que despontam além, com seu brilho dourando os cumes dos mais elevados montes. Em uma, e outra cousa existe mui bella poesia. Oh! eu vos saúdo com os mais puros sentimentos; bem vindos sejais receber o tributo de minha admiração, e do meu amor.

Abril de 1856.

M. LEITE MACHADO.

POESIAS.

A borboleta.

Borboleta feiticeira,
Por que vens a qui pousar,
Tens a caso algum segredo
Que me queiras vir contar?

Vem dizer-me se brincaste
Com Eulina em seu jardim;
Me fallai toda a verdade,
Dizei não, ou dizei sim.

Se de leve nos seus dêdos
Tão mimosos te apertou,
E depois mui meigamente
Livrementemente te soltou.

E a vaidosa borboleta
Escutou o rôgo meu,
E depois erguendo o vôo
Mal apenas respondeu:

« Illudido sois, mancebo,
Buscai Eulina esquecer,
Que tereis um desengano
E vos pódo enlouquecer.

« Ella é falsa, muito falsa,
Não vos póde pertencer;
Fugi, pois ao precipicio
Se não quereis lá morrer.

Foi este o fatal segredo
Que sem medo revelou;
E depois abrindo as azas
Velozmente se occultou.

Vai-te, vai-te, borboleta,
Para bem longe, vai sim;
Que teu segredo maldito
Não o quero para mim.

Fiquei triste, ai bem triste,
Na borboleta a pensar,
E em segredo tão nefando
Sem poder acreditar.

Desde então nunca segredos
De ninguem eu quiz ouvir;
Por temer que me quizessem
Qual borboleta mentir.

Maio de 1856.

M. LEITE MACHADO.

Desengano.

Pedes-me, mulher, um canto
Que t'exprima o amor santo
Que eu outr'ora alimentei;
Pedes um canto subido,
Um canto todo sentido;
Mas cantar não saberei.

Tu matas tes a poesia
Que na mente reflectia
Quando a sós pensei em ti;
Quando eu via a minha estrella
A brilhar no céo mui bella,
Essa estrella que segui.

Ah! Incauto!... horas inteiras
Doces esperanças, fagueiras
A formar então passei,
Quando entregue a doces sonhos
Se deslisavam risinhos
Os dias que então gostei!

Eu devia essa esp'rança fagueira
Para sempre no olvido lançar;
Eu devia, mulher traíçoeira,
Vis manejos, cruel, t'exprobrar.

Eu devia jámais doces cantos
Por tua causa na lyra tanger;
Eu devia só cantos pungentes
D'ironia, cantar, oh! mulher!

Mas a lyra obedecia
A' doce melancolia,
Melancolia sem dor;
Pois que esse sentimento
Me levava doce intento
Emballado em meu amor.

Inda vens com teus sorrisos
O passado me lembrar
Inda vens dizer-me como
Poderei, mulher, te amar?

Mas teus sorrisos são falsos,
Nada pôdem sobre mim,
E depois d'um desengano
Imperar não vens assim.

Vae-te pois, teus juramentos
Esquece-los saberei
As promessas que fizeste
Já de todo as olvidei.

Foi um triste desengano,
Mas em mim rigor insano
D'ora avante encontrarás;
Hei-de o ser teu juiz,
Pois que a sorte assim o quiz...
Ai! mulher... perdida estás!...

Rio, Maio 10 de 1856

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Portugal.

Minha terra é a imagem
Do celeste Paraíso;
E' de Deos Omnipotente
O mais brilhante sorriso.

E' um solo abençoado,
A Patria aonde nasci,
As bellezas que ella encerra
N'outra parte inda não vi.

Tem cidades mui formosas,
Tem campinas deleitosas,
As fructas são saborosas
Como mais não podem ser ;
Produce linho para tela,
Tem o vinho e a canella,
Lá se escuta a Philomela
Pelos bosques a gemer.

Tem um céu onde as estrellas
Fulguram sempre mui bellas,
Tem a lua que como ellas
Brilha mais qu'em outra parte ;
Tem seus campos plantados
De trigos bem semeiados
Por pastores amestrados
Nesse fertil ramo d'arte.

Tem Coimbra, que tem dado
Ao mundo povo illustrado,
Tem esse Porto abastado
Pelo commercio que faz ;
Tem Lisboa a graciosa,
Cidade rica e formosa,
Cuja barra deleitosa
Ao mundo franqueia em paz.

Tem os seus templos sagrados
Que já dos antepassados
A nossos avós legados
Attestam sua grandeza ;
Tem um nome engrandecido,
Respeitado e mui temido
Para aquelle que atrevido
A quer forçar á baixeza.

No commercio, nação forte,
Espalha do sul ao norte
Navios de grande porte
Com productos sem igual.
A minha Patria é sagrada,
Pelos céos abençoada
Em todo o mundo é cantada
Minha Patria—Portugal.

Quero muito á minha Patria,
Bella Patria ond'eu nasci,
Por que as bellezas que encerra
N'outra parte inda não vi.
Deos permitta que inda veja
Minha Patria um so momento,
E tranquillo no sen sólo
Tarde chegue o passamento.

Abril de 1856.

J. AUGUSTO DA SILVA GUTMARAKS.

Meus suspiros.

*Nem suspirar eu sabia
Antes de te conhecer,—
Depois que vi teus encantos
Sei suspirar, sei morrer.—*

(C. P.)

Quando te ouvia cantar
Doce emoção eu sentia,
Era então mais venturoso,
« Nem suspirar eu sabia.

Logo que vi teus encantos
Senti minh'alma soffrer,
Já não era como outr'ora
« Antes de te conhecer.

Desejando sempre ver-te
Eu vivia sempre em prantos,
Lamentei a minha sorte
« Depois que vi teus encantos.

Desde já, oh ! quanto sinto
Men coração padecer,
Agora sou infeliz,
« Sei suspirar, sei morrer.

A. C. DA C.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA

Rua da Valla n. 141.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 18 de Maio de 1856

N. 43

LITTERATURA.

Paginas intimas.

FRAGMENTO.

SEM NOME.

XIII

Piété pour moi !....

- O que é o nome ?
— E' uma voz com que se dão a conhecer as cousas.
— Exemplo ?
— Homem pateta.
— Diga o exemplo como se acha escripto.
— E' o que eu fiz.
— Vejamos a grammatica ?
— Eil-a, Sr. Mestre.
— Vm. é uma discipula muito insolente ; ou-son afiançar-me que está escripto *pateta* e eu acho *bom* ; o que importa tanto como dizer-se que os habitantes do Indostão fallam hebraico.
— Porém, Sr. mestre, fiz uma cousa muito innocente, juntei o nome á pessoa, certo de que poderia tirar-me deste embaraço ; estou ha duas horas em procura d'um nome para dar ás suas *paginas intimas*, e por mais que faça ainda nada encontrei.
— E' a minha penna que falla.
— Pois bem, tornei eu, por esta vez desculpo-a : vamos, volte um pouco atraz, e ponha de baixo das *paginas intimas* estas duas palavras, *sem nome*. A penna obedeceu, e o mestre continuou :
— Vou pois prevenindo os leitores de que por esta vez nada poderei dar — apenas um — sem nome mirrado e secco, como alguns discursos que tenho lido. E' de supôr que esses discursos sejam pronunciados no *Palramento*.

Depois que resolvi acabar com as *carpideiras*, depois que deixei o estilo romantico para m'envolver no *classico* (que modestia !) estou sempre desconfiado de mim mesmo. Procuro agradar aos leitores, quer d'uma quer d'outra fórma, mas devido talvez aos *projectos* que tenho entre mãos ; a musa teimou em ser-me adversa. Até a minha penna achou que devia augmentar as difficuldades da minha posição ! Paciencia, juro pagar-lhe na mesma moeda quando eu fôr o juiz e ella a ré.

Depois para completar tantos dissabores sou obrigado a dar-vos uma noticia bem desagradavel ; porém previno-vos d'antemão que nada de commum tendes com ella.

Tinha meus presentimentos de que havia de me succeder tal cousa ; ah ! que se eu tivesse a certeza, ter-me-hia feito frade, impondo a mim mesmo o castigo de dous mezes d'abstinencia.... d'escrever !....

Porém eu ignorava que houvessem *diabinhos* capazes de penetrar no balcão d'uma casa de negocio ; é por essa razão que me animei a escrever aquelles pensamentos sobre as moças e meias, que lestes no numero 14 da menina *Saudade*. Esses pensamentos eram tão innocentes, como são innocentes os pensamentos da joven que tem escripto.... cem cartas no estilo das de *Saint Preux*, infelizmente achei opinião contraria á minha, e cahi no ridiculo. Eis o caso :

Dous dias depois de publicada a *Saudade*, recebi um bilhete, elegante e perfumado, á vista do qual, eu o confesso, senti criar alma nova. Bravos ! exclamei eu com desvanecimento, fiz, sem o saber alguma conquista amatoria, e eis os preliminares da paz. Com ocoração trasbordando de prazer, offegante, impaciente, entusiasmado até, abro a venturosa missiva. A letra era fina e elegante, frases escolhidas, estilo classico, mas que decepção ! pessima orthographia.

Não admira.

Entendo que devo dar-vos conhecimento desse bilhete, alterando unicamente a orthographia.

« Senhor.

« Mamã me encarrega de participar-lhe que o papai tem as suas meias em bom estado, e por isso, pela parte que lhe toca, não pôde aceitar as observações que Vm. dirigio ás moças que gostam da janella, no n. 14 da *Saudade*. Quanto a mim agradeço-lhe o conselho, não me utiliso delle, porque sei que o despeito, unicamente o despeito, presidio á concepção do seu pouco espirituoso artigo. Como tenho porém certa predilecção pelos poetas (ora menina, gabo-lhe o gosto) dou-lhe de conselho que quando lhe occorra escrever no sentido das ultimas *paginas intimas*, se apresse em metter a cabeça em agua fria, para acalmar a irritação do espirito.

« Sua afleicoada

« M. C. DE M. »

Eis aqui, leitores, as consequencias inevitaveis que succedem áquelles que, como eu, sentem desejos de reformar a Sociedade.

Prometto não me envolver de novo na politica feminina, a politica mais intrincada do mundo todo. E para me fortalecer nesta idéa trarei a carta de minha leitora bem chegadinha ao coração.

Rio, 18 de Maio de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

O RAPTO.

Cumpro com as ordens do Sr. Lourenço; aquelle que recusar obedecer-me, ponha-se ao fresco.

— Mas, vem cá, rapaz, tu és demasiado exigente; todos nós estamos promptos a ajudar-te, porém precisamos antes de tudo concordar na maneira porque poderemos levar a effeito a nossa empresa.

— A tia Martha tem razão, falla como *uma sabia*; precisamos prevenir qualquer eventualidade, e da fórma que exiges o nosso adjutorio — não tem lugar.

— E's um *maricas*, desprezo-te, e estou arrependido por consentir associar-te á empresa. Por que a tia Martha entende que a casa do doutor Rego tem *papões*, havemos de responder á uma — tem razão a tia Martha: outro officio, mestre *Pepino*.

A precedente conversação tinha lugar em uma miseravel casa situada a meia legua da matta, em que deixei ha pouco o leitor.

Essa casa favorecia as vistas de Lourenço de Castro, porque além de ser isolada, a sua doula tinha no lugar a reputação de feiticeira, e por esta razão a velha Martha relacionava-se com mui poucas pessoas.

Era o creado de Lourenço, que fallava, — accusando de covarde a um dos homens escolhidos por aquelle, para o projectado rapto da interessante Luiza.

Vimos a opposição que elle fez ás insinuações do creado, que insistia sempre.

Havia uma boa hora que altercavam; as palavras de qualquer delles revelavam um desejo intenso de passar a vias de facto, porém a velha Martha com o seu tom d'autoridade punha termo á questão, para proseguir cada vez mais violenta.

A entrada d'um novo personagem congraçou as partes contendoras, e os preliminares da paz foram assignados a mutuo contente.

Não posso deixar em silencio a maneira porque entrou esse novo *iris*.

Com quanto fosse um homem da mais infima condição, o seu character excentrico e os seus costumes davam-lhe direito á admiração da *plebe*.

Alexandre da Silva, por antonomasia o *Cózo*, era um homem de 35 a 38 annos.

Possuía um rosto sympathico, *ademics* de cavalheiro.... e.... fallava muito bem.

Atrevido com o bello sexo, pretencioso até ao ridiculo, elle ufanava-se de ter conquistado as principaes raparigas do lugar, e fosse devido a esta circumstancia, ou á fama de que era valente, todos o temiam.

Havia outra cousa neste novo *D. João*, fazia versos — e as pessoas mais sensatas daquellas visinhanças chamavam-n'o *poeta da lama*.

Ignoro se referiam-se ás pessoas por de mais *burguezas* a quem elle dedicava a sua *musa*.

A sua canção predilecta era esta, ouvi-a cantar por muitas vezes, e ha pouco tempo, soube que ella dera lugar á scena mais burlesca que hei visto na minha vida.

Como prometti consagrar algumas linhas a este original, escrevo a canção.

Mariquinhas é um portento,
Tem encantos que não mais ;

Quando sahe em dias *duplex*

As raparigas

Suas amigas

Invejosas dizem della

O que eu jámais direi.

Mariquinhas tem encantos

Conhecidos ; é um portento....

Saias ao vento,

Branco lenço na cabeça,

Capotinho de remessa,

Lá vai ella,

Qual donzella,

Para a missa.... ai ! tentação !....

O mais duro coração

Em te vendo tão faceira

Faz asneira,

Vai peccar no mandamento

Que repelle o casamento....

Dão, dão, dão ;

Toca o sino.... á oração !....

Por aqui podem os leitores ajuizar do resto ; na certeza de que escrevo a canção predilecta de Alexandre, tal qual a concebeu.

(Continúa.)

Frederico

OU O MYSTERIO D'UM AMOR.

ROMANCE

CAPITULO I

No anno de 1820, em uma pequena encosta da celebre ilha de Santa Helena, existia uma casa terrea, aonde habitava Frederico, principal personagem deste romance. Em uma janella do seu aposento estava elle, em uma dessas noites tempestuosas, em que o silencio dos vivos é interrompido pelo estrondo dos trovões, contemplando com o maior socego de espirito, todo esse murmúrio tenebroso ; quando uma funesta recordação lhe veio arrancar um doloroso suspiro. — « Ai de mim, dizia elle, eu amava-a como se não póde explicar ; eu tinha nella toda essa esperança, que sustém o ente infeliz no meio deste enganoso mundo. Eu me julgava rodeado de venturas, mas ah ! malfadado Frederico !... a perfida destruiu toda

essa tua fagueira esperança ; toda essa felicidade que tu julgavas ser real !... Foi-se entregar nos braços daquelle que lhe prometeu ostentá-la com esplendor no meio da perigosa sociedade ! daquelle, que zomba do meu soffrimento, no fatal desterro, aonde com suas infames intrigas conseguiu lançar-me ! daquelle finalmente que jurou perseguir-me por toda a parte, e roubar-me o objecto dos meus sonhos !... Porém Deos, que foi testemunha do meu estremo amor, e do seu abominavel proceder, quiz cheio de piedade mitigar as minhas magoas, e mandar-me uma nova esperança. Oh ! mas essa esperança, não é a de me unir a uma mulher amada, não.... mas a de cumprir uma missão na terra, que elle me ordenou lá do céu ! Desejo ser util á humanidade, e ajudado pela sua divina graça, espero sel-o. A perjura já vai recebendo o premio que merecia ; o malvado que a não amava, mas que tinha feito della um instrumento para me atormentar, dá-lhe um desdém em cada momento que eu lhe podia dar um olhar de puro amor, um sorriso de gratidão !...

Mas que importam essas cousas do passado ? não sou eu agora muito feliz ? não sou rico de ouro ; sim porém não é elle no mundo a paz dos homens, mas ao contrario lhes faz a guerra !... Sou muito feliz, porque o remorso não toca nem de leve no meu coração ; e uma celestial esperança, vem suavemente fortificar-me o espirito a todos os momentos.

Se algum pesar inda me resta, é todo pela ingrata... sim, é compaixão que tenho de sua mesquinha sorte ; porque foi ella o meu primeiro amor, a primeira flôr que ao despontar da bella aurora, vi de abrochar, e sorrir graciosa para mim ! De mais, eu encaro todas estas contrariedades do mundo, com toda a tranquillidade de espirito. »

A qui tinha cessado quasi de toda a tormenta, só os relampagos inda vinham de momento a momento, alumiar o seu aposento, e dourar com muita rapidez o cortinado de seu leito. O rugir do trovão, já caminhava bem longe, e Frederico de joelhos com as mãos erguidas, e a fronte banhada por algumas furtivas lagrimas, cheio de uma consolação divina, agradecia ao céu toda essa felicidade que gosava, e que reconhecia ter sido enviada por elle. Alguns momentos depois, a sua janella estava fechada, e a tormenta tinha de todo passado, não trovejava mais, e Frederico jazia entre o cortinado de seu leito, descansando sua mão direita sobre o peito, e seu rosto estava se-

reno, e angelico; deixava conhecêr com muita facilidade que dormia um somno prolongado, e delicioso.

(Continúa)

M. LEITE MACHADO.

Vou partir.

Alina, vou partir, em breve saber-me-has cortando em frágil lenho a amplidão do oceano. Não podia ser mais azada a occasião de manifestar-te os meus sentimentos; visto que, se houvera antecipado uma tal declaração, me seria ella infructuosa, por ser de temer, que se por ventura minha, Deos permittisse, que por mim te interessasses, teria por certo que abalroar-me ante o insuperável cachopo da ambição de teu pai. Sabes tu, Alina, com que moeda os *Cresos* deste mundo, costumam retribuir aos *Iros* desassissados, que ousam amar suas filhas? — Retribuem-lhe com o sarcasmo, com esse riso de satanaz, mixto de indignação e desdem profundo. — Minha susceptibilidade quiz forrar-se a essa humilhação, é por isso que te escrevo *só agora*.

Talvez que nos não vejamos mais, daqui a poucos dias, terá o oceano posto entre nós uma barreira immensa, a distancia de 2,000 leguas, mas eu não quiz partir sem fazer-te patente o transumpto do meu amor, assim pois, escuta; deixa que rompa o dique que representa de ha muito a expansão dos meus affectos; é verdade que o vocabulario humano por mais que nos ostente suas galas, e seus thesouros, é sempre descorado e mesquinho, para reflectir fielmente os sentimentos d'alma, mas já que tu não podes lêl-os em meus olhos, nem traduzil-os em meu sorrir, nem sentil-os em meu coração, ainda assim, peço-te que os moldes por esta copia descorada, mas retocando-os em teu coração.

Alina! Divindade de meu coração! ouve o grito expontaneo de minha alma, escuta a traducção dos suspiros gemebundos, que em doridos anceios me estorcem o coração; ao passo que tu sempre bella e requestada, divides as horas de tua existencia, entre o marulho fascinador dos bailes, os atractivos dos theatros e passeios, e as gratas recordações desses agitados instantes.

Se tu comprehendes, Alina, quanto punge os seios d'alma amar em segredo, sem uma estrella que illumine o Céu toldado da vida, e nos guie

ao porto se quer da esperança, sem uma amurada se quer carcomida, a que ater-nos no naufragio de nossos sonhos, sem um oasis em que se nos refrigere essa sede febril, proveniente desse caminhar incessante, por regiões abraçadas, e desertas, sem uma voz que responder á nossa, sem um coração que nos comprehenda, sem um desejo que nos não seja morto ao nascer, sem um pensamento que não seja um espinho, sem uma esperança que se não afogue no mar das decepções; oh! se bem comprehenderas, o que ha d'acerbo e pungente neste agonisar perpetuo!!! Olha, muitas vezes no meio desses sarãos em que és rainha, e a que eu vou maquinalmente, e só porque sei lá te encontrar, hei ouvido a muitos desses jovens, a quem o merito fallece, mas a quem brocham as riquezas e insignias, dirigir-te com voz de mel, phrases mentidas de amor, que são incapazes de sentir; de amor, que elles crêem simbolisado no goso material. Então como que uma lava de fogo inflamado me rebenta do peito, meus olhos s'annuviam, quasi enlouqueço, por ver que sempre tens um sorriso com que pagar o incenso putrido desses dilectos da fortuna: em quanto que eu, tímido pela minha obscuridade, não ousa mendigar o mais insignificante signal da tua ternura, por isso que não vergo ao peso dos cofres de ouro e pergaminhos, que meus avós me legassem, e que tanto seduzem; só tenho para te dar, um coração perenne de amor casto e ardente; mas entretanto *só amor!* !....

O' Alina, como punge amar sem esperança!

Anjo de meus olhos! encontrei-te em meu caminho de pobre romeiro, em dia bem sinistro para o meu coração. Estavas então, como sempre formosa e arrebatadora, debuxava-se-te no rosto essa expressão angelica exclusivamente tua. Quando em extasis contemplava eu a obra mais excelsa da criação, quando meus olhos se arrobavam de delicias, de te ver, e meu peito arfava açodado por sentir-te tão bella e tão meiga, e véra encarnação de seu ideal, foi então que me lançaste a furto esses teus olhos castanhos-escuros, e que o philtro ardente que delles mana em torrentes, trescallando-me o amago do coração, me transplantou por momento á mansão dos anjos. Foi porém ephemera minha illusão, ó Alina, porque tu cercada de adoradores sem numero, não te dignaste attentar nem no fogo de meus olhos, nem no rubor das minhas faces, nem no arfar de meu coração.

Deprehendi com bem pezar para meu coração.

que havia sido um louco em ter por instantes afagado a esperança de ser amado por ti, tão bella, tão rica e tão festejada, tendo tanto a dar, e tão pouco a receber. Entretanto por mais esforços que empenhasse em esquecer-te, não o consegui: se velava não concebia um pensamento que teu não fôsse: se dormia ainda eras, tu, anjo celeste, quem alimentava meus sonhos. Apenas surgia a aurora procurava a solidão; internava-me em isolado recinto, tendo por unicos, mas sinceros confidentes de meu penar, um ar-roio cristallino que borbulhava por um suave declive; a brisa que baloiçava brandamente os ramais, os ledos gorgeios dos passarinhos, e os arbustos em que entalhava teu nome. Passaram-se mezes neste curtir de saudades, sem que um leve agitar de teus labios, um som unico e breve — *espera* — viesse suavisar o acre doer da incerteza, qual gotta de balsamo da vida em peito agonisante. Custou muito, mas a final resignei-me a um futuro doloroso e sombrio, de viver longe de tua imagem celeste, sem mais ver esvoaçar em teus labios de nacar, o teu sorriso de anjo, sem ti, sem o teu amor enfim....

Alina, daqui a 2 dias não mais me verás, estarei já longe, meus acrisolados affectos não te importunarão mais, dá pois, que faça uma supplica, a unica que jámais te fiz, tu m'os deves, porque eu te amo como é possível amar a coração sensível. — Quando eu já estiver muito longe, e tu leres estas desalinhasdas phrases, pautadas no sentimento, sahidas d'alma e humedecidas com minhas lagrimas, dize comigo; « aquelle ao menos sabia amar, praza a Deos que eu depare um ente que como elle me adore. Pobre forasteiro! oxalá que nessas remotas regiões onde vives possas esquecer-me e ser feliz. » E' bem pouco o que te peço; depois, eu não ousou aspirar a que esculpas em teu coração, estes tristes échos de meu infeliz amor, não; peço-te sómente que os graves na memoria, e que os não desluzas d'alma, e que quando te lembrares do pobre forasteiro, seja sempre com saudade. A mera presumpção de que deferira o meu pedido quasi me torna feliz, e demais, como seria possível não te lembrares com saudade de quem te amou, com o ardor com que Camões amou Catharina, Tasso a Leonor, Dante a Beatriz, e Petrarcha a sua terna Laura, com o estremecimento com que Rachel amava José, com a piedade com que Ruth amava Noémi, e com o fervor com que os justos amam o Eterno? — Vê pois se eu te amo, se para

exprimir-te meu amor, me foi mister servir-me de paradigmas tão nobres.

Mas, para que fatigar-te mais, quem me responde que te não serão ingratas e incommo-das estas palavras? — Ainda uma vez, Alina, adeus, tu és sensível e bôa, não me desdenharás de certo, antes de partir ver-te-hei ainda, lerei em teus olhos, se te pungem ou não saudades minhas.... Adeus!....

Viscu, 10 de Fevereiro de 1848.

D. A. MACIEL DO AMARAL.

Cartas a Aldina.

III

Aldina. Ha nesta vida recordações severamente peníveis; ha nesta vida concepções que arrastam o homem a beber na fonte do passado os prazeres, que desfructou na meninice! ha nesta vida scenas que arrebatam o coração do homem; e o tornam por assim dizer criança outra vez.

A recordação d'aquillo que desfructamos no seio de nossas familias, no centro de nossas habitações; esses prazeres da infancia, prazeres do céo, que elevam o homem a uma região desconhecida, e o fazem lembrar com saudades, desse tempo feliz.

Essa recordação, Aldina, uma outra vez se apresenta ante o espirito do exilado, e elle solta um ai do intimo do peito, que levado pela brisa vai parar á terra de seu nascimento.

Por espirito de curiosidade, para matar um pouco do tempo, que em tua ausencia se me torna enfadonho, eu me apresentei na terça-feira no Campo d'Acclamação.

A Irmandade de Sant'Anna festejava o Espirito Santo.

As barracas ornadas com centenaes de luzes; os grupos de povo que se juntavam nas suas entradas, que passeavam dispersos; a musica que fazia ouvir acordes festivos; o fogo que principiava a arder e a elevar ao ar as suas faiscas, algumas das quaes a mão da arte lhe fez imprimir cores diversas: tudo, tudo, Aldina, concorreu para eu concentrar meus pensamentos, os quaes sem querer me transportaram á terra, onde nasci, — á minha querida aldeia.

Lá também se festeja o Espirito Santo! Lá a arte, o luxo, e a grandeza não tinham um imperio tão vasto; a natureza e a simplicidade, porém,

juntavam-se, e formavam assim um composto mais agradável, mais sympathico, menos ostensivo, porém mais grandioso.

As barracas eram mais numerosas, umas continham alimentos, outras sortes, outras mostravam aos romeiros as variadas côres de diferentes tecidos e outras então em tablados abertos para todos verem, representavam comedias, dansas e outros divertimeutos decentes, entretinham assim algumas horas ao povo que frequentava esta romaria. O povo não vestia esses tecidos de subido preço com que se costumam enfeitar os concorrentes do Campo da Acclamação; mas a variedade, os diferentes trajes de cada um, tornavam mais agradável, mais apreciavel este quadro. Os aldeões em ranchos cantavam e dansavam, e em seus rostos resplandecia a alegria verdadeira. Ao som da viola e da guitarra improvisavam cantigas, e nessas cantigas que as mais das vezes causavam profunda hillaridade nos circuns tantes se revelava o quanto a natureza é prodiga em facultar aos cultivadores da mãe fecunda o meio de mostrarem-se sempre alegres.

Na segunda feira á noite ardia um fogo numeroso e diverso, collocado em um vasto areal. Ali juntava-se todo o povo. O panorama que então se apresentava aos olhos dos curiosos era sublime, principalmente se a lua com seus raios o clariava.

Ah! Aldina, estas recordações são penosas, só as sente quem como eu está auzente da patria, ha mais de doze janeiros.

Quando me retirei o povo desfilava cada um para seu lado procurando suas habitações; as luzes principiavam a apagar-se. No livro do passado era lançado mais um anno de festa ao Divino Espirito-Santo.

Aldina, até domingo.

Maio 17.

ECHO ELISBO.

POESIAS.

Fatalidade.

I

Vai a noute mui sombria
E o mocho ao longe pia
Como um agouro fatal;
Por entre prados o vento

Corre, corre, violento,
Corre, corre, por meu mal.

Nuvens negras vão pairando
E alem, de quando em quando,
Horriavel sôa o trovão;
Eu, a sós, caminho errante,
E paro no mesmo instante
Cedendo á superstição!

Oh! esta noute a verei
E por ella saberei
O que me resta esperar;
Quero ver se sou querido
E se a outro preferido,
Quero, em fim, isto acabar.

De seus labios hei-de ouvir
Se posso no meu porvir
Doce ventura aguardar;
Quero ler a minha sina
Na belleza peregrina
De seus olhos de matar.

Porém se esta incerteza
Se mudar em triste sorte;
E que tenha por desdita
Aguardar bem firme a morte...
Ai! por Deus!... não quorei
Esperar... matar-me-hei!...

II

Erguendo a fronto
Com ufania
O pobre moço
Assim dizia...
Elle inda crê
Com pura fé,
Que juramentos
Estão iscriptos
De se quebrar;
E que p'ra amar
E' mui bastante,
De terna amante,
A confissão;
Quandos elles são
Infelizmente
Capricho vão
De tanta gente.

Mas o *anjo* lhe diz—sim...
 E o joven diz—é a mim
 Que só ella sabe amar...
 E por noute tão medonha
 Vae libar essa peçonha
 Que tão moço o vae matar !

III

Mas do rio as aguas tão mansas
 N'essa noute medonha fallaram ;
 E o corpo do joven tão crente
 Para a margem despida mandaram ;

IV

E não houve um só vivente
 Que na campá fosse orar ;
 Pelo joven que na vida
 A mulher soubera amar !

Nem ella, que a sua morte
 Por capricho preparou,
 Pelo amante terna lagrima
 Sobre a campá derramou !

E inda ha quem amor
 Professe pela mulher ? ! !...
 Ai de nos ! é nossa sina
 Nosso fado—Deos o quer ! !...

Rio, Maio 8 de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Lucinda !

E's, Lucinda, mais formosa
 Do que a anémone viçosa
 Em fresca manhã d'Abril ;
 Nem ha mais bellas flores,
 Cores lindas, como as cores
 De teu semblante gentil !

Não tenhas inveja á rosa,
 Que se ostenta mui vaidosa
 Por mais linda no jardim...
 Se ella reina entre as mais flores
 Tu és, Lucinda, d'amores
 Uma rainha p'ra mim.

Não tenhas inveja á lua,
 Que meigamente fluctua,
 Nos espaços a luzir ;

E's do que ella mais formosa,
 Quando os teus labios de rosa
 Desprendem mago sorrir.

Um sorrir... oh ! quanto eu dera
 Se um sorrir eu recebera
 Divinal, embriagador ;
 Se essa doce recompensa
 Tu desses á chamma intensa
 De meu tão ardente amor !

Mas nem um olhar ao menos
 De teus olhos tão serenos
 Algum dia recebi ;
 Não... nem isso ainda tive,
 E meu amor sempre vive
 Desde o dia em que te vi.

Eu vi-te, nem eu te vira,
 Que meu peito não sentira
 Esta violenta paixão ;
 Amei-te, nem eu te amára
 Que inda ventura gosára
 O meu triste coração.

Rio de Janeiro, 2 de Novembro 1855.

E. A. DE BARROS RIBEIRO.

O Mendigo.

A' porta d'um templo
 Um velho chorava,
 Esmolla pedia
 Ao povo que entrava.

Matai minha fome,
 Oh vós que passais !
 Irmão soccorrei-me,
 Qu' a vida me dais !...

Palavras ao vento
 O pobre soltava...
 De dar-lhe uma esmolla
 Ninguém se lembrava !

Coitado ! coitado !...
 Algum lá dizia ;
 Mas outro passando
 Do triste se ria !..

Os grandes senhores
Entravam, saíam,
E tão distraídos
Qu'o pobre não viam.

O corpo tremia
Do pobre faminto ;
Cahio sobre a porta
Do vasto recinto.

Socorro !... socorro !...
Afflicto clamava,
Em todo o circuito
Sua voz troava.

Então muito povo
Chegou para ver,
O que succedeu
Queria saber.

Com voz moribunda,
Filha d'agonia,
No meio da turba
Elle assim dizia.

« Socorro vos peço
« P'ra mim não e não,
« Peço p'ra meus filhos
« Vossa protecção...

« Coitados !... valei-lhe !
« Ah ! por compaixão !...
« Que morrem á mingua
« Sem ter um só pão ! ! !.

« Que queres, ó morte ?
« Ah !... deixa-me, oh ! sai !...
« A mãe já levaste,
« Agora !... seu pai ! !...

O misero velho
Assim expirou,
Delirante a Deus
Su'alma enviou.

Não sabeis quem era ?...
Tambem eu não sei !...
Só posso dizervos
Já servio ao Rei !

—Onde estão seus filhos ?...
—Jamais procuraram !...
E do infeliz velho
Jamais se lembraram !...

Abril 16 de 1856,

DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

Recordações.

Depois que gentil nimpha me deixaste
Entre as crueis saudades suspirando,
Já não tenho alegria ;
Se uma esperança existe no meu peito
E' gosto que por ella inda conservo
De te ver algum dia.

Por entre mil cuidados vou passando
Esta vida tristonha em tua ausencia
Sem ter contentamento ;
Vivia ao pé de ti alegremente
E sinto agora ausente mil pesares
No triste pensamento.

Se me perguntam a causa de meus males,
Por que me queixo deste meu destino
Nem responder me atrevo ;
Por que este amor é querer e não querer,
E' um contentamento descontente
Que occulto trazer deyo.

Gentil formosa nimpha, se dos sitios
Onde alegre cantava inda te lembras,
Do meu saudoso canto ;
Ao menos me conserva alguns affectos,
Nessas lembranças do passado tempo
Em que te amava tanto.

M. LEITE MACHADO.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA
Rua da Valla n. 111.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 25 de Maio de 1856

N. 16

RELATORIO

DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Apresentado em assembléa geral pelo seu presidente o Sr. Jeronymo Joaquim de Oliveira.

Srs. socios do *Gremio Litterario Portuguez* :

Uma idéa grandiosa é muitas vezes em principio mal comprehendida ; com o tempo e a meditação ella se desenvolve , torna-se cada vez mais esclarecida, e mostra então as suas conveniências. O principio de per si encerra uma difficuldade, e essa difficuldade ás vezes traz o desalento, acarreta apoz si consequencias assás funestas. Quantas idéas proveitosas e sublimes não vimos nós definhar á nascença, derrubadas pela mão do indifferentismo ? ! Não é facil a comprehensão dellas a todos os homens : Deos não dotou de intelligencia alta a todos os seres da especie humana ; diyidio-a, e os afortunados foram poucos. Ainda hoje, Srs., oppõem-se innumeradas difficuldades á realisação da idéa d'um homem verdadeiramente sabio ; ainda hoje, Srs., o methodo Castilho é quasi desprezado !! Com dór o digo, não comprehenderam todas as vantagens, que delle podem resultar : esse genio appellou para o futuro.... O futuro ha de desenvolver essa idéa, e a posteridade lhe fará justiça. As cousas não nascem feitas, fazem-se : os talentos nascem com as pessoas, é verdade; mas o talento sem que seja cultivado, não dá o fructo desejado. E' o mesmo que o grão semeado a esmo, sem que seja beneficiada a terra, elle reverdece, mas seus fructos, são sobremaneira escassos. Que dirieis vós se contemplasseis Camões deitado no seu leito d'innocencia, chorando, pedindo naquelle choro, naquellas lagrimas, digo naquellas fallas, só comprehendidas pela mãe, o sustento, o leite, unico alimento do recém-nascido ? ! Dirieis certamente, que era uma creança como qualquer outra ; no entanto elle cresceu, cultivou o seu vasto talen-

to, e fundou um monumento tão grandioso , unico padrão de nossas passadas glorias, e que tão mal lhe pagaram esses a quem levou á posteridade ! Assim pois, Srs., a idéa d'uma associação aonde se reunissem alguns jovens desejosos de cultivar sua intelligencia , de aprender a exprimir em publico os seus pensamentos mutuamente , sem se escandalisarem por algum dito menos reflectido , encontrou escolhos poderosamente fortes : todavia levados por sentimentos poderosos, seis jovens instituiram a sociedade *Luso-Instructiva*, facultando o Sr. Leite Machado sua salla para as reuniões da referida sociedade ; foi elevado o numero a doze , numero que um regimento interno por ue se guiava , não permittia que se augmentasse. A sociedade caminhava vagarosamente , como caminham as aguas d'um manso ribeirinho, quando appareceu o Sr. Bernardino Pinheiro. Elle veio acoroçoar o pensamento que todos os socios nutriam, de se fundar uma folha litteraria, e então foi mudado o nome da sociedade, para *Gremio Litterario Portuguez*. A idéa d'esse honrado socio, que se acha ausente , encheu de jubilo todos os corações d'esses jovens, e causou um enthusiasmo sobremaneira grande. Foram discutidas as bases em que se devia fundar esse Jornal, e appareceu a discordia. A publicação da *Saudade*, foi apezar d'isso decidida pela maioria. Nada , porém , neste mundo é estavel. Quando se pretendeu pôr em pratica esse pensamento parte dos socios desertaram das bandeiras que haviam jurado, e a sociedade viu-se reduzida a seis socios ! A ingratiidão de seus companheiros não fez resfriar o animo desses devotados jovens elles poderam conseguir por si, e pelos seus amigos angariar quatrocentas e tantas assignaturas, e a *Saudade* seguiu seu caminho de prosperidade, tendo á frente, como principal redactor o Sr. Bernardino Pinheiro.

(*Continúa.*)

LITTERATURA.

Paginas intimas.

AMORES.

XIV

*Madre mia amores tengo
Lindos son á maravilla....*

UM POETA DA IBERIA.

Decididamente, desta vez o *deos vendado* divertio-se commigo.

Quer isto dizer, leitores, que estou apaixonado.

E tão seriamente apaixonado, que não posso escrever cousa alguma que geito tenha.

Ah ! felizes tempos d'outr'ora, por que não voltaes !....

E' uma aventura que tenho a relatar-vos.

Já vos declarei que estava resolveido a fallar tanto de mim, como hei fallado dos outros.

Não penseis porém que essa aventura é do genero daquellas que se davam no tempo de Margarida de Borgonha, Izabel de Baviera, rainha Margot, Luiz 14, Regencia, &c., &c.

Nada, a minha aventura é de genero mui differente ; é uma aventura *trés galant*, e de que sómente este vosso creado tem o privilegio exclusivo.

Ia por certa rua.... bastante preocupado ; quem me visse diria que eu tinha *viajado as estopinhas*, ou que ruminava algum projecto monstruoso.... do tamanho do *pão d'assucar*.

— Chamam-no, me disse uma pessoa que ia perto de mim.

Volto-me ; um menino se aproximava com uma carta na mão.

Corria atraz de mim á muito tempo, porque o seu rosto brotava fogõ.

Esquecia-me dizer que nesse dia fazia um calor diabolico.

— O que temos ? perguntei eu com voz de *Pachá*.

(Não é só na Turquia que ha *Pachás*.)

— E' o Sr. o autor das *paginas intimas* ?

— Eu mesmo, respondi com emphase.

— Encarregaram-me d'entregar-lhe esta carta, tornou o menino, olhando-me desde a extremidade dos pés até a cabeça.

Como é muito natural receber-se uma carta, peguei na que me entregavam, e olhei para o subscripto.

Estava calvo como a cabeça d'um *mandarim Chinez*.

Desconfiei da missiva.

O menino advinhou essa desconfiança porque disse :

— A carta não tem subscripto nem assignatura, por dous inconvenientes, o primeiro porque cartas dessa ordem não costumam ser subscriptas ; o segundo porque a pessoa que a remette não quer ser conhecida sem saber se o Sr. se conforma com o seu pedido.

E sem mais preambulos, desapareceu.

Fiquei boquiaberto !

Passava um amigo meu.

— Que fazes por aqui ? perguntou.

— E' o que acabava de propôr a mim mesmo.

— Como ?

— Ignoro o que faço ; sei que estou envolvido em uma aventura de novo genero.

— Conta-me isso.

Cedi ao pedido do meu amigo, e referi-lhe o occorrido.

— Que sinplorio ! exclamou aquelle, quando conclui ; eu já tinha aberto a carta, e respondido.

— Dado o caso de que tenha resposta.

— Está visto ; vamos abre a venturosa missiva.

Sou infeliz com cartas ; esta, além de mal escripta, tinha duzentase uma faltas d'orthographia.

Tive de traduzil-a para o vulgar ; comtudo essa traducção é bastante incorrecta ; dar-vol-a-hei em resumo.

Pediam-me para comparecer na rua do C. n. 23, ás tres horas da tarde do dia seguinte.

As *paginas intimas* eram ainda a origem deste reclamo.

Como da primeira vez suppuz que alguma romantica joven se apaixonara de mim, procurando conhecer-me pessoalmente.

Não é fatuidade ; com quanto os felizes tempos da cavallaria ha muito hajam passado, não é d'espantar que no seculo das luzes de.... *gaz*, se dêem casos semelhantes aos d'outras eras.

O meu amigo instou para não faltar, e vestido de ponto em branco, apresentei-me no dia seguinte na casa que me indicavam.

Devia terminar aqui a minha aventura, por que como bem diz o nosso insigne poeta Garret, os segredos de ventura são só para se guardar, com tudo não poderei concluir sem relatar o essencial, que é a visita.

A casa é uma habitação elegante e conforta-

ble ; moveis ao gosto da época, damascos por todos os lados, jardim, &c., &c.

A deusa é.... nem mais nem menos que uma mulher de 55 janeiros, tendo por appendices tudo aquillo que se identifica com esta idade.

Acompanha-a neste isolamento uma creada, *segunda edição* do original, e.... um gato muito impertinente.

Mas vede o poder do *deos vendado* ! essa mulher causou-me uma revolução terrível no coração, e de constante bate por ella. Estou apaixonado — não durmo senão quando tenho sonno, não como senão quando tenho vontade ; emfim desta vez *dou á costa*.

Quereis saber o melhor ?

Esta irmã mais moça das *tres parcas* desejava conhecer-me para poder passar algumas horas d'innocente distracção.

Soube que eu gostava infinito da leitura, e pede-me neste momento para passar a sua casa, e contar-lhe historias de ladrões, phantasmas, e *tuti quanti* ; pedido que não posso deixar de satisfazer, porque estou apaixonado.... seriamente apaixonado.

O amigo em que vos fallei ha pouco, e que estava presente na occasião em que recebi o recado, disse-me com muito sangue frio — manda-a pegar no rosario ; é tempo de reconciliar-se com Deos.

A minha penna que, como sabeis, é muito caprichosa, formalisada por tel-a obrigado a escrever umas *paginas intimas* tão *chochas*, recusa prestar-se a assignal-as, e apenas consente que eu ponha esta unica letra :

X....

Mathilde.

FOR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

O RAPTO.

(Continuação.)

Como dizia á pouco, foi o poeta que trouxe a paz á casa da tia Martha.

O criado de Lourenço apressou-se em comprimentar aquelle, informando-o do occorrido.

— Estou sciente do negocio ; o Sr. Lourenço dignou-se convidar-me para tomar parte no divertimento, não sem me pedir que esquecesse por algum tempo que sou um conquistador de

tudo quanto é mulher bonita. Vamos, a que horas temos a funcção ?

— A' meia noute em ponto, rsspondeu o criado ; mas estes amigos estão muito faltos de coragem ; querem tomar parte no rapto como espectadores.

— Não será assim, porque desde já me arvorei em chefe da empresa, respondeu o poeta com voz de stentor ; e aquelle que não me me obedecer cegamente, verá para quanto presta este punho !

E para juntar a acção á palavra deu um *murro* em cima d'uma mesa de jantar, ainda occupada com pratos, garrafas, &c., &c.

Tanto aquelles como estas foram cahir a alguns passos da mesa.

A tia Martha amarrou as mãos na cabeça, pedindo misericordia, os compaenheiros do criado de Lourenço lançaram uma vista significativa para a porta da rua, e aquelle ficou pálido como um defunto.

Eram taes homens que tinham de consummar um rapto naquella noute !

Tambem só com pessoas taes é que Lourenço podia contar ; homens de bons sentimentos já-mais se prestariam a ser cúmplices d'um crime.

O poeta resolveu-se a dar um golpe de mestre — forçando os seus sequazes a comparecerem meia hora antes da aprazada, proximo á mata que os leitores conhecem já.

Deu-lhes instrucções, reiterando os protestos de vingança, caso não as seguissem á risca.

Aquelles conformarão-se com tudo, e depois d'um aperto de mão retiraram-se.

Ficou unicamente o *Coxo*.

— Tia Martha, disse elle, vou fazer-vos uma confissão — estou subjugado aos encantos d'uma rapariguinha que conheceis.

— Quem é ?

— Mathilde.

A velha soltou uma gargalhada tão sarcastica, que forçou aquelle, por um movimento repentino, a precipitar-se sobre ella.

Martha não se moveu um passo ; affrontou com um sorriso ironico o olhar de raiva que o *Coxo* lhe lançou, e estendendo a mão, disse com voz pausada e solemne :

— Defende-te de lebares a effeito qualquer pensamento em prejuizo d'essa menina ; porque do contrario, é a *feliceira* quem o diz, pagarás bem caro o atrevimento !

— E se eu te disser, respondeu aquelle ran-

gendo os dentes, que hei-de amanhã mesmo levar a effeito uma idéa que me occorreu agora?...

— Desgraçado de ti!

— Nada de prophcias; jurei que Mathilde deve dormir amanhã em minha casa — e hade dormir.

Ha scenas difficeis de pintar; dizer a expressão de furor que brilhou dos olhos de Martha, logo que o *Coxo* concluiu o seu juramento, será impossivel; basta saber-se que o malvado hesitou um momento se devia continuar ou sahir, e por fim tomou o ultimo expediente.

— Foges, cobarde! exclamou a velha correndo em perseguição do primeiro, não; não sahirás sem me prometteres aqui, sob juramento, que protegerás Mathilde em quanto existires.

E, cousa espantosa! o *Coxo* voltou-se, inclinou a cabeça, como o condemnado ao ouvir ler uma sentença infamante; e esperou!

— Vamos; disse a velha forçando-o a ajoelhar-se, repete o que te vou dizer.

— Estou prompto, respondeu aquelle com voz imperceptivel.

— Juro, começou Martha com voz solemne, proteger Mathilde, empenhar-me para que ninguém ouse levantar mão sobre ella, e acompanhá-la como guarda fiel e vigilante, por toda a parte em que ella for.

O *Coxo* repetia com voz tremula as palavras da velha, e mister foi que esta o mandasse levantar; tal era o ascendente que Martha operára n'um momento sobre elle.

— Agora podes partir; mas lembra-te que seguirei teus passos!

O poeta ia, inteiramente succumbido, compor alguma ode funebre sobre a sua decepção.

(Continúa.)

Frederico

OU O MYSTERIO D'UM AMOR.

ROMANCE

CAPITULO I

(Continuação.)

Em quanto estas scenas se passavam em Santa Helena, tambem no Rio de Janeiro, em uma casa assobradada na rua do Rosario entre o largo da Sé, e rua dos Ourives, n'uma salla da frente, se passavam outras, não de menos interesse, ou curiosidade.

Luiza, essa mulher de que tanto Frederico se queixava, se dirigia para ahi, acompanhada por Margarida, antiga creada de sua confiança; caminhava ella tremula, e a cada passo parecia desfallecer. Tinha soffrido uma febre forte, e não haviam dous dias que se havia levantado do leito. Os desgostos continuados, tinham-na, de tão saudavel que era, obrigado a adoecer frequentes vezes. Apenas chegou ao meio da salla, deixou-se cahir em um sofá; e Margarida foi logo tomar assento ao seu lado, porque muito receava da molestia de sua ama, e de sobra sabia, o estado de seu coração. Luiza enxugando as lagrimas que lhe corriam fortemente pelo seu palido rosto, pronunciou estas palavras entrecortadas por dolorosos suspiros: — Margarida, minha boa amiga, disse ella apertando a mão da sua creada levemente, como se mudam as cousas deste mundo! como as illusões desaparecem, e fica sómente a realidade! Eu sou ainda tão moça, — disse ella com certo ar de tristeza, e com effeito Luiza, poderia ter então os seus desoito annos; apezar da sua palidez mostrava na phisionomia, que a deusa da belleza teve ahi o seu imperio; — mas oh! desventurada de mim, continuou ella, os remorsos me tem tornado completamente desfigurada! mulher fraca como todas as mais, porque temos um coração inteiramente sensivel, nos enganamos com facilidade, e as mais das vezes nos deixamos arrastar por um homem que nos mostra o amor nos labios, e no entento tem o veneno no coração! Alfredo me pintou tantas felicidades, tantas ostentações na sociedade, que eu inteiramente esquecida de Frederico, a quem havia promettido um amor eterno, quebrei todas essas promessas que lhe havia feito! Dei a mão de esposa a Alfredo; e onde estão todas essas venturas promettidas? O tratamento que me elle tem dado, inda é peor que o da mais infima de suas escravas!!!.... O' jovens inexperientes, vinde vos olhar neste claro espelho! Frederico, ó meu querido Frederico, quantas vezes me terás tu amaldiçoado em teu exilio!.... quantas vezes tu terás pedido ao Céu os premios da minha perfidia.... sim, elle de certo escutou a tua prece. Porém se podesse imaginar o que se passa neste momento dentro do meu coração, estou bem certa de que haviás ter de mim piedade; tu eras bom, tinhas uma alma nobre, que me não foi dado então comprehender! Pois o que mais carecia eu do que ser amada por ti? Ah! insensata que eu fui! —

Luiza ia continuar a lastimar-se, quando entrou Alfredo acompanhado de um sujeito alto e magro, de olhos grandes e pretos, cabellos castanhos, esse homem de porte altivo e olhar severo, era o doutor Lima, medico da casa que vinha visitar a sua enferma que era Luiza, apenas se aproximou della tomou-lhe o pulso, e depois de examinal-a com attenção, disse para Alfredo: — será bom mandar deitar esta senhora, pois está muito fraca, e o seu estado de fraqueza não permite esforçar o corpo.

Alfredo immediatamente n'um tom aspero, disse para Luiza: — A senhora queira recolher-se ao seu aposento, sem mais alguma demora.

E Luiza logo tomou a mão de Margarida e se apoiou nella sahindo vacillante e desgostosa, com a mesma lentidão que tinha entrado.

O doutor Lima assentou-se á mesa, e escreveu algumas linhas em meia folha de papel, depois entregou-a a Alfredo que logo chamou um de seus escravos e mandou-a para a botica.

O doutor Lima, depois de ter feito algumas observações, sobre o modo de ser applicado o medicamento, se retirou.

Alfredo, logo que elle sahio, principiou a passear, e depois de ter percorrido por alguns minutos a passos lentos as taboas do soalho de um lado ao outro, e dar ao diabo o doutor Lima e a sua sciencia que tanto fazia alongar a vida de sua mulher, sahio com as mãos nos bolsos, e a contar pausadamente quantos passos ia dando.

(Continúa.)

M. LEITE MACHADO.

A Rainha Cleopatra.

FRAGMENTO.

I

ANTES D'AURORA.

A rainha Cleopatra tinha dito:

« Egypto, sê feliz; porque eu te darei festas como jamais em Assyria deram os Reis de Ninive e da Babylonia ! »

E o Egypto todo estremeceu a estas palavras d'amor.

Muito tempo havia que os vales fecundos não tinham sido conturbados por algum ruido de guerra.

Os campos de trigo desenrolavam a perder de vista os esmaltados tapetes de centaurea.

Era nesse bello mez do anno em que o sol entra no signo de Touro.

A roseira e o lodão retomavam seus botões da Primavera: os myrthos selvagens, e as amendoeirás da Judéa estavam cobertas d'essa neve de flôres; os cyprestes desgrenhados e os cedros odoríferos davam asylo em seus ramos ás candidas pombas.

O sopro calmoso dos desertos da Lybia, não surgira ainda; o vento fresco do Oriente brincava nas madeixas da Flora Egypciana.

A torrente, este anno, treshordára pelas terras alteradas — retirando-se com calma após esse longo abraço dado em sua bem — amada.

O caudaloso Nilo é o esposo do Egypto.

Deitados entre dous desertos, elles sorriem ás estrellas, que os contemplam, e o mar está a seus pés como um banho d'agua pura ambarisada.

E estes reaes amores tem-nos adorado os povos, e os poetas os hão cantado.

Oh! quando a bella flumen sahe de sou leito, com a fronte coroada d'algas e de lyrios, quando ella se assenta sob porticos de palmeiras e salgueiros babilonicos, como o Egypto é feliz!

A filha dos Pharaons corre com o seio pejado de suspiros, e os labios abertos, como a flôr encarnada de Carthago, e seus longos cabellos, sus-tidos pelas fachtas sagradas, se lhe desenrolam sobre os hombros; e bem depressa seus olhos brilhantes se cobrem d'um vapor parecido ao de Phebo nebuloso; é então que o deos Nilo, conduzindo-a nos braços, a vae brandamente depor sobre a relva odorifera d'essas margens.

(Continúa.)

Traduzido por XAVIER PINTO.

POESIAS.

A transviada.

*Se algum ha d'entre vós isem-
pto do peccado, que lhe atire a
primeira pedra.*

Era linda, era innocente,
Descuidada, imprevidente,
Não lh'importava o porvir;
Tinha a belleza d'um anjo
O sorriso d'um archanjo,
A cor da rosa ao abrir.

Tinha a voz tão doce e pura,
 Como por entre a espessura
 Vem a brisa perpassando ;
 Tinha em si as seducções,
 Que prendendo corações,
 No mundo vão imperando.

A um sorrir, quasi divino,
 Convidava o peregrino
 A ter fé — a esperar ;
 Era o sonho do poeta
 Que tem por unica meta
 Um tal anjo deparar.

Mas a vida é illusão....
 Logo veio a seducção
 Feia, medonha, envolve-la ;
 Nuvens negras despontaram
 E de longe lhe mostraram
 Como se offusca uma estrella.

Ai ! como breve a existencia
 Lhe mudou a doce essencia
 Pela vida amargurada !...
 Como a rosa emmurcheceu,
 E como ella, ai ! feneceu...
 Foi por todos desprezada !

Tão errante qual proscripto
 Que na fronte traz escripto
 A fatal condemnação...
 Melancolica buscára
 Aquelle — que lhe matára
 O verdor do coração.

Com desprezo o seductor
 Lhe pagou o terno amor,
 E não mais d'ella cuidou ;
 Satisfeito seus desejos
 Q'importavam torpes beijos
 Da mulher que assim peccou ? !

Infeliz ! jamais a vida
 Lhe seria tão querida
 Como o fora inda innocente ;
 Um erro tarde se esquece,
 E nunca cedo fenece
 Da memoria de quem sente.

E depois... essa frieza...
 Em breve tanta baixeza !...
 Ai ! da joven que será !...
 Infeliz !... aguarda a morte
 Como a sua melhor sorte...
 Coitada !... perdida está !...

Se um erro sempre s'expia
 Não zombeis do que peccou ;
 Perdoae á transviada
 Porque Deus já perdoou !...

Rio, Maio 10 de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Minha aventura.

Escuta, Julia,
 Queres saber ?
 Uma aventura
 Vou-te dizer.

Eu já tres lustros,
 Meu bem, contava,
 Inda em folgedos
 Mil me occupava.

Dir-me-has : tres lustros
 Muito é folgar !
 Porém deixemos
 Isso passar.

Por entre a relva
 Do prado, um dia,
 Eu, inxperto,
 Ledo corria.

Assim andando,
 Julia, entretido,
 Eis que a meu lado
 Sinto um gemido.

Volto meus passos,
 Corro ao lugar
 Onde o gemido
 Ouvi soltar.

Não ando muito,
 Quando a um vallado
 Junto, um menino
 Vejo sentado.

Ai! se tu visses
Como era bello,
Em cachos, louro
Com o seu cabelo!

Que deslumbrante,
Que feiticeiro,
Não tinha o rosto
O tal bregeiro!

De seus olhinhos
Azues, o pranto
Descendo em per'las...
Que meigo encanto!

Nenhumas vestes
Ao coitadinho,
Do ar resguardam
O seu corpinho.

Eu condoido
De seu chorar,
Vou, p'ra nos braços
O acalantar.

Mas quando o tredo
Me vê chegado,
Pega n'um arco
Que tem ao lado!

Já c'um sorriso
No rosto seu,
A flecha aponta
Ao peito meu.

Eia... suspende!...
Que vais fazer?!
Tremendo, apenas
Posso dizer.

Disto fallar
Mal acabava,
Já no meu peito
A flecha entrava.

— Sempre és menino
Muito travêso!
Que mal te fiz,
Qu'isto mereço?!

— Vê como fallas!
(Diz-me) atrevido,
Não sabes tu
Qu'eu sou Cupido?

— Vai p'ra os infernos,
Respondo então,
Qu'importa sejas
Cupido ou não?!

Inda ao martyrio
Eu m'estorcendo,
A elle, irado
Me vou correndo.

Mas o magaço
Logo fugindo,
De seu triumpho
Se foi sorrindo.

Eu fiquei triste,
Gemendo a dor
Da f'rida-insana
Que fez-me amor:

Mas desde então
Jurei não qu'rer
Com taes crianças
Mais entender.

Rio de Janeiro, Abril de 1856.

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

A Ciumenta.

Que tens, formosa donzella,
Quem assim te faz scismar?
A tua brilhante estrella
Viste acaso se offuscar?!
Vejo-te a fronte chorosa,
Acho-te menos garbosa,
Exprimes-te pesarosa
De continuo a suspirar!

Eras, donzellã, um composto
Das bellezas do Senhor,
Teu sereno e meigo rosto
Tinha da roza o frescor,
Eram teus olhos dous lumes,
De tua voz os perfumes
Faziam inveja, ciumes
A' fragrante e pura flôr.

Eras linda e feiticeira
 Como a estrella em céo d'anil,
 Como a linda pagueira
 Levando o armento ao redil.
 Que é da tua louçania ?
 Onde existe essa alegria
 Que jámais desaparecia
 De teu rosto varonil ? !

Tens padecido... Coitada !
 Já não tens da rosa a côr !
 Teus olhos que eram de fada
 Perderam muito o fulgor :
 Fallas sempre distrahida,
 A fronte ás vezes pendida
 Como a planta emmurchecida
 Pelo sol abrasador.

Tu soffres... que tens, oh virgem ?
 Quem te occupa o pensamento ? !
 Ah !... basta ; penetro a origem
 D'esse teu padecimento ;
 Amas... Côras ? — não prosigo...
 Perdoa ; nada mais digo ;
 Mas dá-me o vêr se consigo
 Minorar teu soffrimento.

Sim ; se o lacrimar da aurora
 Revive a flôr resequida ;
 Se refulge como outr'ora
 Estrella empallidecida ;
 Tua face desbotada,
 Pelo ciume sulcada,
 Bem póde vêr-se adornada
 Vivendo de amor a vida.

J. A. DOS S. CORTIÇO.

Minha estrella.

Qual a fonte murmurando
 Pelo prado refrescando
 A mais delicada flor ;
 Eu tambem entre a procella
 Fui apoz a minha estrella
 A cantar trovas de amor.

Mas se aqui a contemplava,
 Lá mais longe se occultava
 E eu ficava a suspirar ;
 E então lhe disse mui triste :
 Estrella, por que fugiste
 Quando ouviste o meu cantar ?

Vieram logo os pastores
 Escutar de meus amores
 O poder da ingratidão ;
 E de mim compadecidos
 Mostraram-se enternecidos,
 De mim tendo compaixão.

Oh ! que prazer me assaltava
 Quando entre todos me achava
 Mitigando a minha dor ;
 Que gratidão era a minha,
 Dizei, dizei, estrellinha,
 Não era toda de amor ? !...

Vinde agora responder-me,
 Ai ! vinde... vinde dizer-me,
 Do intimo do coração ;
 Onde o amor é mais perfeito,
 Se na mulher contrafeito
 Se no rustico aldeão ? !...

Maio de 1856.

M. LEITE MACHADO.

A uns annos.

Quizera estar hoje mais ledo que nunca,
 Um dia sómente gosar alegria ;
 E d'alma expellindo pungentes lembranças,
 A dor esquecer no prazer deste dia.

Quizera que a lyra que só ha cantado
 Tristezas — saudades, e prantos e dôr,
 Soltasse hoje um canto que a ti revelasse
 Esperanças e crenças que eu tenho no amor.

Quisera dos campos colher branca rosa,
 Que pura e singela no candido alvôr
 Gentil retratasse o sentir de tua alma,
 Mais puro e suave que o aroma da flôr.

Debalde, meu anjo, buscara eu na terra
 De teu sentir puro a imagem fiel...
 Os anjos te tecem no céo d'onde és vinda,
 Corôa mais bella — mais nobre laurel.

A lyra mesquinha quizera offertar-te...
 Inutil desejo !... meu canto que val ?...
 No céo é costume, nas harpas sonoras
 Cantarem os anjos de outro anjo o natal.

Maio de 1856. —

JAVES.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA
 Rua da Valla n. 141.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 1 de Junho de 1836

N. 17

A redacção da *Saudade* agradece á do *Diario do Rio de Janeiro*, as benévolas expressões com que se dignou recomendar este jornal á protecção do publico.

RELATORIO

DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Apresentado em assembléa geral pelo seu presidente o Sr. Jeronymo Joaquim de Oliveira.

(Conclusão).

O *Gremio Litterario Portuguez* cessou com seus trabalhos de conversação familiar e recreativa, para se entregar ao desenvolvimento da sua filha tão querida, a *Saudade*. Retirando-se para sua terra natal, para o nosso bello Portugal, o Sr. Bernardino Pinheiro; a Comissão sobrecarregada de afazeres particulares, resolveu entregar ao Sr. Rapozo d'Almeida a mesma folha, e de facto a *Saudade* lhe foi entregue por um contracto, que todos vós ouvistes ler, ficando á Comissão o direito de rever os artigos, e enviar-os para serem publicados tal qual a Comissão os remettersse. O Sr. Rapozo d'Almeida publicou nove numeros; depois participou ao *Gremio*, que não podia continuar a publicação, porque o numero d'assignantes não dava para o custeio da folha; assim iria a *Saudade* morrer nos braços desse pai adoptivo, perder os louros que tinha angariado no seu viver d'ontr'ora. A vós, Srs. socios, se deve a continuação dessa vida preciosa, a vós, que acolhestes com indignação a noticia fatal de sua morte, a vós cabe toda a gloria de continuar a publicar-se a *Saudade*. Propagai vossas luzes por esse vasto territorio, aonde se falla a lingua de Camões, propagai-a, e vereis a vossa fronte ingratificada de lou-

ros immarceciveis! Angariai-lhe assignaturas, e direis ao mundo que o querer é poder. Desculpai-se me desviei um pouco de meu fim, devia seguir mais de perto a nossa instituição, fal-o-hei agora, se minhas forças assaz diminutas o permittem. Logo que se entregou a *Saudade* ao Sr. Rapozo d'Almeida, tratou-se de dar novo incremento á Sociedade. Convidara-n-se mais algumas pessoas que se prestaram a isso, e hoje o nosso *Gremio* contem em seu seio 23 Srs. socios. E' pois com a alma trasbordando de contentamento que vejo a nossa instituição ir seguindo passo a passo um caminho de prosperidade.

Em principio algumas desintelligencias tiveram lugar; mas destas desintelligencias ligeiras, proprias de todas as associações que principiam: hoje porém os socios do *Gremio Litterario Portuguez* formam uma só familia, todos são irmãos!

A Commissão encarregada de formular os estatutos desempenhou bem o seu encargo, e elles foram approvados pela assembléa, com algumas modificações. Alguns Srs. socios, pouco tempo depois julgando que elles nãoprehenchiam o fim desejado, pediram reforma, em consequencia do que, soffreram algumas alterações ligeiras.

Um regulamento interno, para que seja observada a boa ordem das discussões, tambem foi approvado. O estado das nossas finanças é li-songeiro, com quanto não tenhamos em nosso cofre avultada quantia, faz todavia face ás despesas. Pelo balanço que se acha presente vereis que as despesas deste trimestre foram de rs. 957600. Entraram com as suas joias 17 Srs. socios, a 5785000 rs., mensalidades recebidas 207000 rs. Fica por conseguinte um saldo a favor da sociedade de rs. 97400 a fóra 6 diplomas que faltam receber, e algumas mensalidades; por aqui vedes que o *Gremio* póde funcçãoar desimpedidamente.

Em quanto á *Saudade*, não se póde aventurar

uma idéa definitiva; depende das assignaturas que os Srs. socios agenciarem; nutro esperanças de que ellas chegarão para o costeo da folha. Os Srs. Ribeiro e Lentos (*) conforme prometteram tem adiantado dinheiro para a continuação da publicação da mesma folha. A Directoria lhes dedica um voto de agradecimento. O Sr. Bento Serzedello teve a bondade de offerter á Sociedade 12 exemplares do 1.º semestre da *Saudade*, e segundo o desejo d'alguns Srs. Socios, e da Directoria mandou-se-lhe agradecer a offerta. O nosso socio o Sr. Antonio José de Faria também fez offerta de 4 quadros, contendo a familia Real Portugueza, agradeceu-se-lhe também; e ultimamente o nosso socio o Sr. Pereira Santiago offerceu ao *Gremio* oitenta e tantos volumes, obras em francez, d'acreditados autores. Não posso finalizar este sem dar um testemunho de minha gratidão a meus companheiros da Directoria: uma harmonia constante reinou entre nós, nem por um momento a discordia teve poder de desunir-nos; com taes pessoas pode-se servir em qualquer associação. Agora peço-vos para que façaes conservar a fraternidade que tem existido até aqui; peço-vos, que continueis a considerar os socios do *Gremio*, como uma só familia, para que meus successores, mais felizes e mais instruidos do que eu, possam levar ao auge a que tem direito o *Gremio Litterario Portuguez*.

Rio de Janeiro, 15 de Maio de 1856.

O Presidente

JERONIMO JOAQUIM DE OLIVEIRA.

LITTERATURA.

Paginas intimas.

SEGREDOS.

XV

Ha dias em que a minha penna é para mim como São Thiago para os mouros!

Caprichosa como uma menina que ainda falla em *bonecas*, deixa-me em apertados transes, e como a menina que já falla em *bailes*, despede-se á franceza.... para voltar quando não estou em estado d'atural-a.

(*) Cumpre-nos declarar, que o Sr. Oliveira também tem concorrido com parte do quantitativo necessario para o costeo da folha.

(NOTA DA REDACÇÃO.)

Quiz escrever umas *paginas intimas* que destruissem a impressão desfavoravel que tem deixado as outras; a occasião era perfeitamente escolhida; eu *sentia o sacro fogo arder na mente*, porém a senhora minha penna *empacou* como o mais ruin *sendeiro*, e não houve forças humanas que a fizessem mover. E porque? perguntareis vós.

Por uma cousa tão simples como apoiados da minoria!

Segundo manda a regra, escreve-se antes de tudo a epigraphe; comecei, e puz — *nesgas*.

Eim? disse a penna, dando um salto, como o não faria qualquer gymnastico ou dançarino de corda.

Não comprehendí o que ella queria dizer com este aparte, e quiz proseguir.

Qual! a penna deu duas voltas em circulo, e com uma força de que a não julgava capaz, obrigou-me a pôr..... seis reticencias!

Comecei a comprehender, ella fazia ponto final, e que ponto final, meu Deos!

Que significa isto? perguntei-lhe.

Isto significa que estou resolvida a não ceder mais aos seus caprichos... *nesgas*! d'onde sahio tão bonito vocabulo? pelas respeitaveis cãs de minha avó! não escrevo nada que principie deste modo; *nesgas*.... é insupportavel; obrigar uma penna que ha escripto tantas phrases delicadas, obrigar-a a escrever uma que cheira a alfaiate ou costureira; não, prefiro servir a um escriptor de *odes* ou *sonetos* funebres!....

Era sublime a minha penna ao exprimir-se assim!

Que movimentos! que volver de olhos! que calor!

A' vista de tudo isto, ajuizai da minha posição, leitores!

Dei aos diabos quantas pennas ha neste mundo, e não sei por que artes de *berliques* e *berloques*, adormeci sobre o papel!

Pouco depois acordei.

O meu primeiro movimento foi olhar para a testemunha da decepção porque passára.

Julgai do meu espanto! estava todo escripto; e com rara perfeição; nenhuma entre-linhas, nenhuma suppressões; unicamente e.n vez de *nesgas* estava esta palavra — *segredos*!

Desafiaram-me a curiosidade, e li com avidez.

Como esta rapida transformação teve lugar, é o que ignoro. Sei que o milagre se deu, e forçoso me foi acreditar que ainda ha santos.

Admirai connigo, leitores:

« O sol começava a descambar para o occidente : Pequenos e fracos raios avermelhados, mergulhavam-se na límpida corrente d'um ribeirão, e a mansa brisa, brincando além, fazia ondular graciosamente, os ramos das poeticas palmeiras.

« O sabiá desferia seus maviosos cantos, e o perfume embriagante das flores selvagens, vinha acordar de seus dourados sonhos, a linda donzella que, admirava a tarde, proxima a esse ribeirão.

« Se me fosse dado advinhar os pensamentos que lhe tumultuam no espirito, talvez que elles, e o grandioso desse espectaculo m'inspirassem um desses cantos sentidos e apaixonados, que soem brotar da mente daquelle que ama.... »

Provavelmente a pena cedeu ao somno também, e findou aqui.

E' segredo ; comprometto-me a dar-vos conhecimento delle, caso possa conseguir que a tal senhora caprichosa dê explicações.

Por isso perei unicamente ;

Rio, 3 de Junho de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Frederico

OU O MYSTERIO D'UM AMOR.

ROMANCE

CAPITULO III

(Continuação.)

No dia seguinte o doutor Lima veio ás mesmas horas, e como Alfredo não estivesse em casa, Margarida o fez entrar no aposento de sua ama, que pouco satisfeita do leito, já se achava vestida, e assentada em uma cadeira.

O doutor entrou, e depois de a ter cumprimentado com muita urbanidade e respeito, se assentou em outra cadeira que Margarida collocou junto á de Luiza.

— A senhora sente-se melhor ? perguntou o doutor á sua enferma com certo ar de interesse.

— Melhor, senhor doutor, melhor, respondeu Luiza n'um tom proprio de agradecimento.

— Senhora, eu tenho a revelar-lhe cosas de muita importancia, mas para dizer-lha's, é mister que não hajam testemunhas.

Luiza olhou para o doutor Lima com certa admiração, e depois lho disse ; — Margarida é

pessoa de minha confiança, demais sabe todos os meus particulares segredos ; já vê, senhor doutor, que não necessito de a mandar retirar.

— Pois bem, lhe tornou o doutor Lima, já que a senhora assim o quer, não insistirei mais. E' forçoso que nos expliquemos, a sua molestia não pôde obedecer aos medicamentos ; porque ella é da alma, e não do corpo.

Luiza, quando o doutor fallou deste modo, estremeceu toda, e disse consigo mesma : — Este homem que assim penetra nos arcanos do meu coração, é por certo algum feiticeiro !.... Fingio então a maior serenidade que pôde, e continuou a dar-lhe mais attenção.

— Sei bem que os máos tratamentos que lhe tem dado o seu esposo, continuou o doutor arrastando a sua cadeira para mais perto da de Luiza, e os remorsos de ter desprezado a Frederico....

Luiza deu um pulo na cadeira, e exclamou perturbada : Frederico ! !.... pois o Sr. conhece Frederico ? !....

— Sim, lhe tornou o doutor em meiga phrase, Frederico é meu intimo amigo, é um mancebo que longe de a offender com grosseiras expressões, como faz até na minha presença esse malvado a quem deu a mão injustamente, havia de fazer a sua felicidade. Frederico, senhora, é por mim tão estimado como se fôra meu proprio filho ; e acredite que se tenho frequentado esta casa por tanto tempo, não é por causa de seu esposo, mas sómente para poder dar novas suas ao meu amigo Frederico.

— Pois elle ainda se lembrará de mim ? !.... disse Luiza com profundo sentimento.

— Frederico não é vingativo, respondeu o doutor, tirando alguns papeis do bolso, e para o provar-lhe vou mostrar uma carta que inda hontem recebi de le :

« Meu estimadissimo amigo, aqui tive a felicidade de receber sua carta, e muito folguei por saber noticias da minha ingrata e nunca esquecida Luiza: porém, meu amigo, se ella soffre como me diz, que tenha paciência, porque eu tenho soffrido mais. E' por demais sabido que os premios de nossa innocencia, e os castigos dos nossos erros, provém do céu pelo direito natural, e por isso, ninguem faça o mal esperando pelo bem, e quem fizer o bem deve esperar o premio, que se não fôr dos homens deve ser de Deos.

« Quando tiver a bondade de me tornar a es-

crever, lhe peço que indague mais algumas noticias a respeito della pois ahi a que ingrata, não posso desterrar de meu peito esse amor sagrado que lhe dediquei com fé e lealdade.

« Sou, como sempre, seu amigo sincero e obrigado

« FREDERICO THOMAZ DO AMARAL. »

Quando o doutor acabou de ler a carta Luiza chorava como uma criança, cobrindo com as mãos o rosto, encostou a cabeça ao leito sem dar a menor attenção ao doutor, que teve de ficar por algum tempo silencioso a esperar que ella acabasse de se lastimar, e por pouco que a não imitou, porque algumas lagrimas lhe assomaram aos olhos, á vista de uma tão triste scena. Depois Luiza como acordada de um sonho, e com uma resolução admiravel, voltou-se para o doutor, e disse-lhe :

— Senhor doutor, pela amizade que consagra a seu amigo Frederico, pelo interesse que tomou na minha sorte, peço-lhe, pela primeira e ultima vez, um serviço.

O doutor sem lhe passar pela idéa qual seria o seu pedido annuo promptamente.

Luiza sempre banhada em pranto, lhe revelou deste modo o fatal serviço.

— Senhor, eu lhe pedia que fizesse por meio da sua sciencia, que dentro de tres dias, pertença o meu corpo a terra e que minha alma siga o seu destino, participando depois a Frederico, que eu morri, mas que ao deixar o mundo me lembrei delle, e que tive muitos pezares do que injustamente lhe fiz ; e um perdão sómente foi quanto lhe pedi na hora extrema do meu passamento.

— Não possu cumprir a minha promessa, por que não reflecti nella, a senhora ha de viver, disse o doutor com certa altivez, e continuou : Amanhã mesmo será separada do seu esposo. e talvez que venha inda uma esperanza alentá-la, e Deos permita que se venha a realizar a sua felicidade ; creia com fé no que lhe digo, a prova que eu lhe poderia dar, tenho-a nesta carta, porém esta, senhora, desejo que seja lida diante de muitas testemunhas, não será jámais um segredo.... não !.... E mal acabou de dizer estas palavras se levantou, dizendo-lhe por ultimo : — senhora, até amanhã, confie na misericórdia de Deos, e na minha palavra, que neste momento solemne, é sagrada e sabio immediatamente, sem que Luiza podesse

colher delle algumas explicações, porque depois ficou pensando na carta profundamente. Pedio a Margarida que a ajudasse a despir, e logo se foi deitar, porque agora mais do que nunca se sentia muito fraca, não se levantou a resta do dia, e de noite pouco dormio ; pois o caso não era para menos, como veremos depois.

Continúa.

M. LEITE MACHADO.

Machilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

O RAPTO.

(Continuação.)

A scena que tivera lugar entre a velha Martha e o *Coxo* não foi bastante para que este esquecesse o motivo que o levára á casa da primeira ; por isso, pouco antes da meia noite, ella se achava no lugar aprasado.

Soubrio e taciturno o *Coxo* começava a impacientar-se, quando ouviu passos.

Era o creado de Lourenço.

— Os outros ? perguntou aquelle.

— Não podem tardar ; deixei-os proximos á casa do doutor Rego ; julguei conveniente mandal-os passar uma vista d'olhos pelos arredores della ; porque, apesar de ser um pouco tarde, o doutor costuma recolher-se quando os mais acordam.

— Muito bem, esperemos, mas antes de tudo preciso alguns esclarecimentos sobre a casa. Sabes em que lugar dorme Luiza ?

— Na extremidade d'um corredor que faz frente para a habitação dos creados.

— E o doutor ?

— N'um quarto da sala de visitas.

— Por consequente....

— Bastante retirado para poder acudir de prompto.

— E os hospedes ?

— Na mesma sala.

— Por este lado nada temos a temer ; resta que a janella do quarto de Luiza esteja aberta.

— Deve estar ; o Sr. Lourenço affiançou-me, e elle joga com dados certos.

— Compron talvez algum creado ?

— Uma creada *grave*, que deve á esta hora achar-se na margem opposta.

— Ten amo sabe prevenir tudo !...
 — N o o conhece ainda, aquelle demonio é capaz de enredar o mundo todo. Tem uma tendencia tão pronunciada para... como se diz ?...

— Diplomacia ?

— E' isso mesmo !

Neste momento chegaram os outros.

— Então ?

— Podemos partir ; respondem um dos recém-chegados. Expl ramos tudo, e nada encontramos que poss. obstar á realisação da empresa.

— Partamos, disse o *Poeta*.

A distancia a percorrer era pequena ; meia hora depois chegavam.

A noite parecia favorecer os designios destes malvados ; a lua começava a esconder-se sobre grossas nuvens, e alguns choviscos tinham amollecido o terreno.

Como dissera o creado de Lourenço, Luiza dormia em um quarto na extremidade da casa ; a dos creados estava occupada unicamente durante as colheitas ; nada havia pois que os estorvasse de dar principio ao rapto.

Elles poderam penetrar no jardim, e escalando um muro que dividia a estrada, para a qual se podia sair por uma porta praticada nelle.

Prevenidos d'antemão, logo que se acharam dentro do jardim, abriram essa porta com uma chave falsa ; e eis como é facil commetter um crime.

Prevenil-o ? era impossivel ; o doutor Rego não tinha inimigos, e jamais se dera com elle identicos factos.

Lourenço trabalhava em silencio á muito tempo ; calculou que penetrar no interior pela frente da casa, tornava-se arriscado, porque havia a estrada *real*, as portas e os creados.

A unica difficuldade a vencer era a seducção da creada de Luiza, que dormia em um quarto contiguo ao della.

Como o conseguiu, é o que ignoro ; sei que ella partira sem ser vista, depois de ter dado todos os esclarecimentos e meios para facilitar o rapto d'aquella que lhe depositara talvez plena confiança.

(*Coninúa.*)

Os esfalmados

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

I

A CASA SOLITARIA.

O anno de 1831 foi muito amaldiçoado pelos habitantes das ilhas de Cabo Verde.

Estas ilhas apesar de fertéis, não são bem estimadas pelos seus habitantes, que em muitas dellas se entregam a uma indolência deploravel, não se importando com o futuro, e vivendo quas exclusivamente das plantações que a necessidade os obriga a fazer.

Muitos delles nem a isso se sujeitam, e vivem na miseria, e tendendo a mão supplicante a todo o estrangeiro, que ahi aborda ; como para dar uma idéa tri te do estado de abandono, a que em parte tem chegado a sua administração, e a pouca attenção que o governo de Portugal tem prestado a essas possessões. O anno de 1831 foi inteiramente esteril ; não choveu por muitos mezes ; e um calor desconforme, fez em breve seccar todas as plantas e até as mesmas arvores.

Os habitantes da ilha de Santo Antão foram os primeiros a soffrer os horrores da fome.

A distancia de meia milha da principal povoação de Santo Antão ha uma pequena colina onde está, desde muitos annos uma habitação de simples apparencia, que é denominada a *casa solitaria*. Os homens rudes, e algumas mulheres supersticiosas, contavam muitas historias de visões, que tinham apparecido aos viajantes que por ali passavam ; alguns diziam que tinham havido ali muitas mortes, e que as almas dos defuntos andavam penando em torno do lugar : outros contavam, que ella tinha habitantes negros, que tinham pacto com o diabo ; tornaram-se com o tempo tão assustadoras e-tas historias, que era preciso ser homem resolutio, o que se attrevesse a passar por ali de noite.

A cabana era rodeada por montões de ruínas de uma habitação outr'ora maior.

Em uma noite muito tormentosa via-se apenas pela fresta feita na altura da parede o reflexo d'uma luz.

Dentro passeava um homem baixo, grosso e mal encarado fumando em um comprido cachimbo ; o vestuario era grosseiro e em um cinturão de couro que trazia á cintura viam-se reluzir os canos de duas pistolas.

Passados alguns minutos a tempestade tinha augmentado fortemente, o trovão roncava com força e algumas vezes os raios atravessando o espaço... cahiam, ora no mar, ora nas casas dos desgraçados habitantes da povoação. Um relampago, que alumiou o campo deixou ver um grande carro puxado por bois, e escoltado por onze homens armados e todos encapotados. Ao aproximar-se da cabana pararam, e um delles deu tres uivos; a luz que se via pela fresta da cabana ficou encoberta; e repetiram de dentro o mesmo signal.

O carro seguiu de novo, e assim que chegaram á porta, ella abriu-se, e o homem que estava dentro, sahio e pronunciou estas palavras em sotaque carregado: « ólá, sejam bem vindos, por que esta noite tem custado a passar! tem cahido por ahí muita granada, é preciso cuidado; ao serviço rapazes!... » e os onze homens principiaram a carregar os volumes, que vinham no carro, e que constavam de barricas de bacalhão diversos barris, e outros generos de comestiveis, que desceram por uma pequena escada que havia ao lado direito da cabana cuja porta era á imitação da parede e pregada com fortes varões de ferro. A escada conduzia a um comprido corredor que continha de cada lado uma grande sala subterranea, onde depositaram todos os volumes juntos a outros muitos. Depois de acabarem o serviço reuniram-se todos na sala de cima em roda de uma banca, onde estava assentado o homem que ao principio estava só. Então podia-se ver bem a figura que faziam os doze contrabandistas; eram quasi todos homens robustos, bem armados, e alguns de mediana idade.

O que estava assentado era o chefe, e chamava-se Julião.

Passados alguns instantes levantou-se e carregando as sobranceiras voltou-se para seus companheiros e disse-lhes com arrogancia.

— Ha perto de tres mezes que tenciono cumprir um desejo que o coração me manda; mas fui sempre contrariado pelos afazeres, ou por má occasião; porém a noite de hoje é a melhor que se podia offerecer para o que quero; por isso, sabeí que vamos entrar em uma empresa arriscada; mas nossas armas nos valerão, se nossa astucia e sagacidade não forem sufficientes. Trata-se de tirarmos uma mulher que me fez padecer por ella e que hoje me detesta mais que a morte; quero tal-a aqui, experimental-a; e se acaso ainda conservar o orgulho de que estava possuida vin-

gar-me-hei della, para assim saciar a raiva que me devora.

— Companheiros, vede que sou eu quem vos fallo; é vósso chefe; arriscaí-vos por elle que vos saberei recompensar e para que nada tenhais a temer examinaí vossas armas; eu vos acompanharei, e serei o primeiro a expôr-me.

Todos os contrabandistas examinaram as armas e responderam a uma: « Estamos promptos. »

— Theodoro, fica tu de guarda, olho vivo e mão forte!...

— Sim, meu chefe, saberei mostrar-vos para quanto presto. Os contrabandistas cobriram-se com os capotes, sahiram guiados por Julião e logo se perderam de vista com a escuridão da noite.

(Continúa.)

A Providencia.

Sin autem dii neque possunt nos juvare, neque volunt, nec omnino curant, nec quid agamus advertunt.... quid est quod ullos diis immortalibus cultus, honores, preces adhibeamus?....

CICERO.

A Providencia, segundo a definição dos philosophos, é essa acção universal de Deos, que o põe em relação com as creaturas, para sua conservação e perfectibilidade, e pela qual governa o mundo, assim na ordem physica como na moral.

O dogma da Providencia é uma consequencia necessaria do reconhecimento da existencia de Deos: porquanto, se á confecção do mundo presidio um ser intelligente, cumpria que lhe predispozesse meios e fins convenientes, e em relação com sua sabedoria. E com effeito, se dermos nossa contemplação á natureza, se ponderarmos na ordem interrupta, e admiravel que lhe é essencial, e que a caracteriza, veremos que ella revela um plano, um fim, e ao mesmo tempo a escolha e emprego de meios adaptados á sua consecução.

Lançai vossos olhos para esses globos luminosos, que como lentejonlas recamam e finbriam o manto do empíreo, ora alvo como a éphode do sacerdote dos Hebreos, puro e sem mancha como a victima destinada ao holocausto, ora docemente anilado reflectindo a bondade do Creador. Acaso servem elles unicamente para satisfação de vossos olhos? não; são a bussolla, que ao viajar terros-

tre dirige durante a obscuridade da noite, são o pharol, que ao nauta traça o esteiro que deve seguir, quando póle sem perigo commetter se ao mar, e são o oraculo, que ao agricul. ensina a conjunctura de confiar as sementes ao seio da terra.

Attentai no movimento alternado e constante das aguas do mar, a que se chama fluxo e refluxo: é esse movimento, que impede a infecção das aguas, que inevitavelmente seguiria um repouso dilatado, e é ainda elle que tornando mais profundos os leitos dos rios, os abre a navegação. Olhai para o sol, é elle que nos traz a luz, que com seu calor salutar faz germinar os vegetaes, e reanima tudo o que respira. E' á acção de seus raios sobre os diversos corpos da terra, que nós devemos a attracção desses vapores, que condensados e cahindo sobre a terra, a humedecem e fertilizam.

Achais irregularidade e imperfeição nos accidentes e excrecências da terra, a que se denomina montanhas; pois são por demais uteis; são ellas os alambiques donde derivam as fontes e os rios; é em suas entranhas que se formam os metaes e mineraes, e como já alguém disse « são elles os *boulevards* da natureza, que preservam os paizes do furor dos mares, das tempestades, e da ambição dos conquistadores.

Nunca reflectiste sobre a fórma espheroidal da terra, e das vantagens que dahi nos resultam? Sem essa fórma quasi espherica, a luz e o calor não seriam distribuidos igualmente pela face da terra, o dia e a noite não se succederiam com regularidade, as aguas e os ventos não fariam sentir sua influencia benigna em cada angulo do globo, em justas proporções.

Quem não se encherá de admiração, ante o aspecto desse laboratorio de milhares de artistas, dessa pequena republica, as abelhas, sempre assíduas e infatigaveis no trabalho, exemplo vivo de diligencia e actividade, umas preparando a cêra, outras aperfeiçoando-a, umas construindo os favos, outras emboçando as fendas dos cortiços para preservar-se dos ventos e insectos, estas em demandas do alimento para as recém-nascidas, aquellas transportando os corpos mortos, para remover a infecção? Quem ensinou a estes pequenos insectos a industria com que extrahem o succo das flôres, e com que o convertem apoz nesse bálsamo tão doce, que ellas não elaboram para si, mas para prazer e alimento do homem?... Quem ensinou ao castor o plano regular, a soli-

dez e arte admiravel, com que estes portentosos amphibios constroem suas casas de varios andares, com seus repartimentos praticados por meio de portas, com suas calçadas, e sempre á beira d'agua para se banharem? Quem deu aos habitantes aereos o plano de seus ninhos, e a melodia de seus concertos, que tanto nos encantam? Quem á formiga inspirou esse instincto de cavar a terra, e transporta-la fóra de sua habitação, de colligir na estação calmosa as victualhas necessarias a sua subsistencia durante o inverno, de edificar abobadas e galerias communicadas umas com as outras, e de modo que a agua tenha escoante? Quem ensinou esta industria, quem revelou este plano, quem deu esta melodia, quem inspirou este instincto, senão a Providencia, essa intervenção tutelar, esse concurso immediato da Divindade na conservação e destino de suas creaturas?...

(Continúa.)

D. A. M. DO AMARAL.

POESIAS.

Um adeus.

AO MEU AMIGO O SR. JOSÉ GALVÃO MEXIA.

Porque exulta minh'alma, ha pouco triste?

Porque bate com força desusada

No seio o coração?

Porque transborda no meu peito o jubilo?

Que ventura presinto em aureos sonhos

Abrandar-me a afflicção?

Vou deixar o Brasil!... vou ver a patria,
Que, ha dous annos, deixei com magua minha

Sem mais vel-a esperar!

Vou ver de minha terra o céu amado,

As ridentes campinas, e as arroios

Serenos deslizar.

Vou ver as avezinhas variegadas

Com seus doces gorgeios saudarem

O nascer da manhã:

Vou, de novo, abraçar a mãe querida,

Meu velho pae, que tanto me estimava,

E beijar minha irmã.

Vou deixar o Brasil ! a terra infausta, (1)
 Em que soffri dous annos, e não levo
 Saudades, oh ! que não !
 Uma nuvem, somente, vem toldar-me
 A alegria — que deixo aqui penando
 Um amigo, um irmão !...

Porque ha de sempre aos miseros humanos
 Vir conter os impulsos d'aventura
 Um desgosto cruel !
 Porque ha de sempre a taça dos prazeres
 No fundo ter do nectar saboroso
 A amargura do fel ?

Vou deixar o Brasil ! — e tu cá ficas,
 Amigo meu, soffrendo atroz saudades
 Do nosso Portugal...
 Perdoa, se senti muita alegria,
 Ao saber da ventura inesperada
 A nova festival..

Perdoa, meu amigo, tu bem sabes
 Que sempre te hei amado ternamente,
 Qual não amo ninguém :
 A Portugal me chama o meu destino ;
 P'ra lutar com a vida vou deixar-te...
 Amigo, sinto-o bem !...

Mas distante mil leguas desta terra
 Em que ficas, amigo, esse teu nome
 Terei no coração...
 Feliz se conservares no teu peito
 Do desditoso, que de ti se ausenta
 Vivaz recordação !...

Vou deixar o Brasil ! Adeus ! amigo,
 Recebe no teu seio carinhoso
 Sentidos prantos meus !...
 Vou ver a minha patria — e d'aqui longe
 Que nos junte ditoso brevemente,
 Eu vou rogar a Deos !...

Rio, 15 de Janeiro de 1856.

EUGENIO ARNALDO DE BARROS RIBEIRO.

(1) Foi de facto infausta para este joven, pois soffreu muito desde que chegou ; era um verdadeiro martyr de commercio do Rio de Janeiro.

A' muito sentida morte do meu amigo

ANTONIO JOAQUIM SOARES DA MOTTA

Mui digno socio do Gremio Litterario Portuguez.

ODE

Fugiste, ó caro amigo, deste mundo
 Onde a vida é illusão ;
 Foste buscar dos anjos companhia
 Na etherea manção.

Vai, oh ! vai, meu amigo, e mil venturas
 Tu possas lá gosar ;
 Porque aqui esta vida mais não pôde
 Que o martyrio nos dar !

Tu eras bom e Deos de ti contente
 Para si te chamou ;
 E a mim que te queria com extremo
 Saudades me deixou !...

Quem fora tão feliz como tu foste
 De ir habitar nos Céos ;
 Por que eu fico a soffrer inda no mundo
 E tu estás com Deos !...

Rio de Janeiro, 6 de Junho de 1856.

M. LEITE MACHADO.

VARIEDADE.

Inconveniente de mudar o nome.

E' um costume da alta aristocracia, e que mais d'uma vez tem dado lugar á surpresas divertidas. Lord Liverpool, que foi por muito tempo primeiro ministro d'Inglaterra, tinha tido durante o principio de sua carreira politica o titulo de Hawkesbury.

Esta circumstancia era ignorada por Mme. de Stael.

Um dia que chalaceando com elle, ella se queixava da prolixidade dos oradores inglezes, ao pé da qual, com effeito, a dos oradores francezes não é nada, ella exclamou : « Mas, á proposito, Mylord, dizei-me pois, o que é feito de um lord Hawkesbury. que por si só me enfadava mais que todos os outros juntos ?

(Traduzido)

POR JOSE' MIGUEL DIAS FERREIRA.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA

Rua da Valla n. 111.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 8 de Junho de 1856

N. 18

LITTERATURA.

Paginas intimas.

XVI

COMO ELIAS SÃO !....

Tenho creado numerosas relações amigaveis, depois que pensei que o choro é proprio ás crianças de peito.

Os convites succedem-se uns aos outros, sou procurado como um homem precioso, e o bello sexo faz a fineza d'acolher-me com aquella graça que tanto o distingue. Quem disser que não represento um lugar brilhante na sociedade, está no mundo da lua ! Já não era sem tempo ; vegetei durante os melhores e mais bellos dias da vida, considerava-me como um mosquito, que importuna com o seu interminavel zumbido, era de crêr que os *deuses*, compadecidos de mim, se declarassem em meu favor. Consegui-o ; por isso, Sr. mundo, fique certo que d'ora avante zombarei dos seus caprichos e fantasias — seguindo-o como uma sombra implacavel — Eim? ! e digam que eu não sei fazer um exordio sublime !....

— Foste hontem ao baile, Luiza ?

— Fui, e fiquei bastante sorprendida por não encontrar-te lá.

— Um contratempo imprevisto me forçou a deixar essa distracção ; meu pai é tão avaro delles para mim, que teimou em deixar-me clausurada ; nem rogos, nem pedidos, *amuos*, caricias e todas essas cousinhas que empregamos nos momentos criticos o demoveram do seu proposito. Sabes a distracção que me concedeu hontem ?

— As do costume.

— Peior mil vezes. Mandou-me explicar o A B C á minha irmã Julia, uma criança de cinco annos ! Eu perceptora de meninas com 17 ! Tambem me soube vingar, ás 8 horas tivemos visitas,

e levei toda a noute a criticar dellas. Não poupei velha nem moça, as primeiras, despeitadas, tomavam rapé, as segundas, furiosas desfecharam a sua ira no meu piano. Pois os homens ! ah ! hontem achavam-me espirituosa, e acabaram retirando-se confusos e envergonhados. Zombei de tudo e de todos. Agora era uma moça que estava mal penteada, logo uma que trazia um vestido do tempo d'El-Rei, mais tarde uma velha que cria levar a tal ponto a gravidade que cahia por fim no ridiculo. Meu pai lançava-me olhares furiosos, minha mãe puchava-me pelo vestido, minhas irmãs chamavam-me douda ! O caso não era para menos : não consentirem que eu fosse ao baile ! E eu que estava no firme proposito de fazer lá o que fiz em casa ! Para te provar, eis aqui os apontamentos que tomei.

Hoje, sim, hoje estou bella,
Este é o dia em que a donzella
Vai nos salões imperar ;
Hei de ás outras, invejosas,
Presumidas, tão vaidosas
Os meus encantos mostrar.

Que rumor ! á minha entrada
Virá a velha apressada
Fazer-me seus cumprimentos ;
Virá a *vovó*, e com ella
A donzella após donzella
Dar-me um beijo.... fingimentos !

São fingidos estes beijos,
São de *judas*, que desejos
D'imprimil-os com usura !
Oh ! que sim, hei de imital-as,
Hei de a todas retratal-as
Nessa noute de ventura.

Que prazer ! ao longe, e só
Farei inveja á *vovó*

E também ás suas netas ;
E' gatinha que aproveita
O ensejo, e que sujeita
As que são menos discretas.

Hei de zombar do *janota*
Que em pé, junto da porta
Olha tudo com desdem ;
A luneta em posição,
Com ligeira affectação
De continuo aqui alem.

Quando a musica bradar
Para dança, par e par
Por toda a sala se ouvir !
Hei de só por galanteio
Acceptar o que mais feio
Venha essa walsa pedir !

E durante o turbilhão
A pulsar-me o coração,
Que finezas ouvirei !
Hei de olhar o espantado
E fingir que estou tocada....
E ao *tolo* enganarei !

Disse ; não conclui, porque no momento em que escrevia o ultimo verso, soube que meu pai não me concedia a permissão desejada. E' o mesmo, aproveitarei a occasião mais opportuna, e não esquecerei que tenho a addicionar um bocadinho aos meus apontamentos....

Abremuntio ! exclamei eu baixinho, afastando-me do lugar em que houvera a precedente conversação ; este *diabinho* é capaz de tudo ; se me sorprehende a espial-a, canta-me em verso, no estilo daquelles que ouvi, o perco a minha reputação. — Perguntar-me-heis agora como pude conservar na memoria a poesia da menina Adelaide ; seria muito se tal fizesse ; por isso sabeis que foi ella a propria que m'a enviou para ler, ignorando que a tivesse espiado. Para me vingar da parte que toma nessa poesia o sexo a que pertenco, publico-a exactamente como está no original. Perderei a amizade da menina Adelaide ; embora, quero provar-lhe que não sabe criticar....

Rio, 9 de Junho de 1836.

XAVIER PINTO.

N. B. Participo aos leitores da *Saudade* que não esperem pelo cumprimento da promessa que lhes

fez o autor das *paginas*, porque estou resolvido a não revelar-lhe o segredo do outro dia.

Dona Fufá — a penna.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

O RAPTO.

(Continuação.)

Dadas estas explicações não poderão os leitores taxar-me de exagerado e inverosímil.

O rapto consummou-se ; a primeira idéa de Lourenço realisára-se, couvinha dar-lhe mais latitude.

Foi o *Poeta*, ajudado do creado de Lourenço, que penetrou no quarto de Luiza.

A janella achava-se aberta, e nem se quer tiveram o trabalho de cerrar os caixilhos.

A creada tivera o cuidado de deixar tudo de maneira que podesse facilitar o crime.

Luiza dormia como devem dormir os anjos.

Quem a visse com a cabeça negligentemente reclinada sobre o travesseiro, quem a visse com as mãos no peito, como para esconder aos olhares profanos os encantos de um seio magestoso e bello, quem a visse com os labios entre-abertos respirar placidamente, parecendo revelar que esses labios pagariam com usura os apaixonados beijos que lhe imprimissem, reclinaria ante uma idéa menos respeitosa e innocente, e talvez que ajoelhasse para depôr n'esses labios um beijo... mas um desses beijos que exprimem a admiração sem o desejo.

O *Coxo* entrou no quarto allumiado pelo fraco reflexo de uma lamparina ; parou e olhou muito tempo para Luiza.

Seus olhos brilharam com um fulgor sinistro. Custou-lhe a conter um grito d'entusiasmo, mas não podendo superar seus impudicos desejos, aproximou-se da cama, olhou a joven de novo, e insensivelmente encostou seus labios aos d'ella.

Luiza acordou de repente, e ia a dar um grito, que foi suffocado sob um lenço que o *Coxo* lhe introduziu na boca. — A joven debatia-se nos braços d'aquelle, seus esforços para gritar eram supremos, mas o malvado cortava-lh'os com uma incrível rapidez !

Era forçoso ceder ; Luiza exausta pelo combate deixou-se conduzir, e em breve os raptos se achavam fóra do jardim.

Tiveram a crueldade de a fazer caminhar a pé uma distancia bem longa para as suas enfraquecidas forças. A pobre menina caminhava automaticamente.

Um dos companheiros do *Poeta*, condoido do estado de Luiza, envolveu-a em um capote, e como o faria a uma creança carregou-a ao collo por algum tempo.

Chegaram por fim á casa da velha Martha, que esperava attenta. Não lhes foi muito custoso resolver-a a ceder a sua cama para Luiza; pelo contrario foi a primeira a prodigalizar-lhe todos os cuidados que se tornavam urgentes.

A infeliz menina desmaiára proximo á casa de Martha; a debil arvore curvava-se ao peso de um fraco vento rebelde; era forçoso fazel-a erguer de novo. A velha conseguiu-o; Luiza despertou de seu lethargo e lançando vistas espantadas em redor do quarto, perguntou com voz quasi imperceptivel: — Onde estou, o que succedeu?

— Em casa d'uma mulher que terá toda a sorte de cuidados para a menina; descance que eu sabel-a-hei defender.

Luiza deixou pender a cabeça sobre o peito, e após um momento de silencio, levantou-se como impellida por uma móla, e com uma energia que não era d'esperar disse: — Começo a comprehender tudo; fui roubada da casa de meu pai.... Um homem no meu quarto.... vamos, quero partir, quero dizer a meu pai que estou innocente.... que sou victima de uma infamia!

E reparando que estava quasi nua, por um tocante e rapido instincto de pudor sentou-se no chão, escondeu a cabeça entre as mãos, e começou a chorar.

Esquecia-me dizer que os raptos tinham-se retirado.

Martha seguia-lhe todos os movimentos, pronunciando frases entre-cortadas e sem nexo.

— Menina, disse ella, levante-se, eu sou uma pobre velha que quasi nada póde; comtudo em quanto estiver aqui tratel-a-hei como filha.

Luiza ergueu pouco a pouco a cabeça, e mais socegada pediu a Martha que lhe explicasse como e porque viera ali.

Ella respondeu que se tinha empenhado em não revelar o segredo em quanto não apparecesse a pessoa a cujas ordens obedecia.

— Oh! a senhora, respondeu Luiza n'um tom de censura, commetteu uma acção que nada depõe

em favor das suas cans. Com essa idade ser cúmplice d'um crime!...

— Crime não, é a necessidade que tenho de curvar-me á vontade poderosa de um homem a quem me não é dado affrontar. Se não fosse isto, eu seria a primeira em conspirar-me contra elle, mas.... é fatalidade!...

(Continúa.)

Frederico

OU O MYSTERIO D'UM AMOR.

ROMANCE

(Continuação.)

CAPITULO IV

Em quanto Luiza fica pensando na carta do doutor Lima sem poder dormir, vejamos em Santa Helena os destinos de Frederico.

O céu estava limpido, e a formosa aurora já vinha rompendo a custo no vasto horisonte, com todo o seu esplendor adornaudo os cumes da descampada Ilha.

Frederico estava de novo assentado á sua janella; tinha um livro na mão, no qual lia cuidadosamente: esse livro continha as poesias de Luiz de Camões; lia e relia, o seguinte soneto, que muito o encantava, e parecia achar nelle lenitivo as suas saudades.

« Alegres campos, verdes arvoredos,
Claros e frescos aguas de cristal,
Que em vós as debuxais ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos:

Silvestres montes, asperos penedões
Compostos de concertos, desigual,
Sabei que sem licença de meu mal
Já não podeis fazer meus olhos ledos.

E pois já me não vedes como vistes;
Não me alegrem verduras deleitosas,
Nem águas que correndo alegres vem.

Semeari em vós lembranças tristes,
Regar-vos-hei com lagrimas saudosas,
E nascerão saudades de meu bem. »

Depois de algum tempo de leitura pousou o livro no parapeito da janella e ficou por alguns momentos silencioso a meditar, até que rompeu o silencio nestes termos:

Infeliz Camões!.... quanto se parece a tua sorte com a minha! Tu abandonaste o lindo Tejo, e a formosa Lisboa, aonde havias passado

o mais bello tempo da tua mocidade, e aonde ficou tua idolatrada Natercia !.... oh ! mas ella ao menos, nunca te foi ingrata ; sómente depois de saber a noticia de tua morte, é que foi sepultar a formosura em um triste claustro !.... Sim, Natercia, tu é que foste o modello das mulheres constantes ! O teu terno coração nunca se deslumbrou com o ouro dos nobres que abusando de sua posição fazem d'elle o instrumento de seus caprichos ! Tu havias jurado amor a Luiz de Camões, poeta que tinha por maior fortuna, a velha espada de seu pai ; e por virtudes o genio com que cantava as glorias de Portugal !.... Mas de sobra sabias que essa espada que seu pai lhe havia deixado fôra resgatada pela sua palavra, quando entre profunda saudade de ti se apartou para a Africa ! E' que esse genio sublime que Deos lhe concedeu, valia mais do que todos os titulos dos fidalgos Portuguezes !.... Porém eu fui inda mais infeliz nesse ponto do que tu, Luiz de Camões ! porque vi Luiza ser-me perjura ! vi esquecer-lhe quantas promessas me tinha feito : e vi-a finalmente nos braços do meu rival !.... Tu partiste com a esperança no peito de inda tornares a ver a tua formosa Natercia, e eu com a lembrança de um esquecimento eterno ! Tu ias coroar-te de louros em Africa, para lhos vires depositar aos pés, e eu desventurado proscripto, para esta maldadada Ilha aonde nem morrer com gloria se consente !.... Todavia me contento com minha sorte, porque Deos manda muitas vezes os males para o nosso bem, e senão fôra isso nos esqueceriamos muitas vezes dos nossos deveres para com elle. Oh ! eu vos agradeço, meu bom Deos, por que sabeis bem o que mandais. Os homens buscam a felicidade por toda a parte, qual o demente que busca a camisa que tem no corpo !.... Não vêem que Deos sendo tão bom, tão piedoso, não lhes póde desejar o mal, senão o bem ! oh ! mas debalde lião de procurar, porque em quanto senão contentarem com a sorte que Deos lhes dá, não á acharão !.... Mais ia philosophando Frederico, quando entrou um marinheiro que lhe entregou um bilhete que dizia o seguinte : —

« Senhor Frederico, o brigue Fernando 1.º que acaba de fundear defronte da Ilha, reclama a vossa presença a seu bordo com muita brevidade

O Capitão

F. ANTUNES.

Frederico, confuso com tal aviso, nem sabia a

que o devia attribuir, porém, seja lá o que fôr, disse elle consigo mesmo.

— Como acertaste com esta casa ? perguntou Frederico ao marinheiro com muito socego.

— Ensinaram-m'a dous pescadores que encontrei no desembarque, lhe respondeu elle.

— E não sabes o fim p'ra que sou chamado ?

— Ignoro, lhe tornou o marinheiro.

— Pois vamos, disse Frederico com resolução, e logo partiram para bordo do Fernando 1.º

Deixemol-os ir, e boa estrella os acompanhe.

Continúa.

M. LEITE MACHADO.

Os esfaimados

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

II

A PERPETRAÇÃO DO CRIME.

Os contrabandistas, guiados pelo clarão dos relampagos e pela pratica de sua vida, seguiam a bom andar pelo caminho que ia dar á povoação.

Depois d'alguns minutos de marcha forçada, chegaram ás primeiras casas ; tomaram uma rua larga feita por estacadas, e depois de atravessarem algumas outras ruas pequenas, chegaram a uma especie de largo, onde havia a um lado uma casa de regular apparencia cujas portas e janellas estavam fechadas.

Os contrabandistas chegaram-se para a porta, e Julião depois de ter dado volta ao redor da casa, tirou do capote uma chave, e depois de muito custo a porta abriu-se, entraram alguns, e atravessando a primeira sala, que estava só, passaram ao interior da habitação, cujas outras portas se conservavam abertas, encontraram algumas pessoas dormindo ; passaram sem fazer barulho, e encontraram uma porta fechada ; pararam em quanto Julião espreitava com cuidado todos os que dormiam para ver se via quem procurava. Voltou a reunir-se aos outros e disse em voz baixa : — E' preciso abrir esta porta, póde ser que seja aqui.

Elles esforçaram-se, mas a porta não cedia.

— Não ha remedio, faça-se barulho.

E todos á uma, empurraram a porta, que saltando a chave abriu-se de par em par.

Dentro estava uma moça que pulou sobresaltada da cama que ficava no fundo do quarto.

Uma pequena lamparina apenas alumia o aposento.

— Oh ! é ella, exclamou Julião entrando precipitado.

A joven representava vinte annos ; estava com os cabellos soltos, o rosto contrahido, e aterrada de ver-se rodeada pelos contrabandistas.

Ella agarrou á pressa no vestido, e vestio-se ; reanimou-se, e gritou com força : Soccorro ! soccorro !

Os contrabandistas agarraram-a, amarraram-lhe na boca um lenço, e carregaram-a ao hombro apesar dos gritos abafados e dos esforços que fazia.

As outras pessoas que estavam na outra sala estavam quasi todas amarradas. As crianças agarravam-se ao pai chorando de medo, e o pai atado fazia baldados esforços e enraivecido gritava com todas as forças : Aqui d'El-rei !.... Soccorro !.... mas ninguem apparecia e os contrabandistas tinham-se sumido, carregando com a moça.

A tempestade continuava secca e o trovão ainda roncava com força.

— Meus filhinhos, desatai as cordas dos braços de vossa mamãi.

— Oh ! não podemos, papai.... e os pequenos innocentes derramavam lagrimas, que faziam dilacerar o coração do pobre pai.

A custo pôde com os dentes desatar os nós dos braços de sua mulher ; e depois ella o desatou.

— Oh ! meu Deos ; graças vos dou, Senhor!.... Esposa, orai por minha alma ; rogai a Deos para livrar nossa filha ; porque eu vou seguir esses malvados, hei de descobrir o lugar onde está nossa querida Maria ; e embora me façam em pedaços se chegar a tempo ainda lhe hei de acudir. Minhas armas ! dai-m'as depressa !....

— Oh ! não vós !.... Roguemos a Deos.

— Sim orai ; mas eu devo correr em sua procura. Oh ! nossa encantadora filha ; pobre Maria !.... Margarida, as minhas armas, depressa em quanto me aprompto.

Passados alguns instantes sahia José, o pai de Maria, coberto com um comprido capote, uma pequena lanterna, e de espada e pistola.

A noite não lhe era favoravel ; não se ouvia senão o ronco do trovão e o zunir do vento.

— Oh ! seguir.... mas para onde ? dizia o po-

bre homem com um olhar de tigre. Ah ! sim.... occorreu-me uma lembrança. Roberto ama minha filha, em breve se casariam, elle me ajudará ; corro a sua casa ! E tomando por uma rua estreita seguiu apressado, guiado pelo reflexo da lanterna. Passados alguns minutos chegou a uma encruzilhada, tomou á direita, e foi bater na porta d'uma pequena habitação, que estava á borda da rua.

Ninguem respondeu, e depois de muito bater appareceu em uma pequena janella a cabeça d'uma mulher velha.

— Oh ! Sra. Michaela ; vosso filho não está ahí ?

— A' estas horas, Sr. José !...

— Ah ! se soubesseis, Sra., o que me aconteceu, morrerieis de susto.

— Mas o que foi ?

— Vosso filho onde está,izei-me, que não me posso demorar mais. E' preciso que corra.

— Elle não está cá ; sahio hontem e ainda não veio.

— Maldição !.... pronunciou José desesperado, e encobrando a lanterna disse adeus á Sra. Michaela, benzeu-se, e seguiu quasi correndo pela rua fóra, ora parando, ora correndo á proporção que os relampagos lhe alumiaavam o caminho.

(Continúa.)

A Providencia.

(Continuação.)

Ouçamos as objecções dos discipulos de *Hobbes* e *Spinosa* e dos adeptos de *Hume* e *Helvecio*, e tratemos de responder-lhe.

Dizem estes *fatalistas*, que se no governo do universo existisse effectivamente a acção benigna e intelligente da *Proyidencia*, não haveriam acontecimentos puramente fortuitos, entretanto, que elles se deparam no mundo a cada passo.

A philosophia remove e nullifica esta objecção, mostrando que o *acaso* é uma palavra vasia de sentido, um mytho sem existencia real. Perante Deos, não ha *acaso*, os homens é que inventaram este som phisico, para por meio d'elle exprimirem todos aquelles acontecimentos, cuja causa ignoram : mas como não se dá effeito sem precedencia de causa, o *acaso* não existe, porque sendo um effeito, deve necessariamente provir d'uma causa, á qual se nós por nossa finita capacidade não podemos remontar, é certo, que ella não póde

ser estranha a Deos, ente infinitamente sábio e perfeito, e a quem nada é desconhecido.

Mas que ! ainda vos não dais por vencidos, insistis em contrariar esta verdade, continuais ainda a assestar vossas bombardas, e a dirigir vossos pelouros contra o dogma da Providencia ! Que objectaes ainda ? Ah ! dizeis que ella não existe, pois que se existira, não deveriamos importar-nos com os negocios da vida, mas antes abandonarmos-nos cegamente á direcção, que ella nos imprimisse. Mas, vós proferindo taes paradoxos, esqueceis, que a Providencia rége as creaturas, segundo as leis de sua natureza, esqueceis, que o homem, ente dotado de razão e liberdade, é dirigido segundo as leis das naturezas livres, de maneira que contrariamos os designios da Providencia na phrase de *Barbe*, de cujas lições aqui nos servimos por vezes, sempre que nos affastamos das regras ordinarias da prudencia.

Agora, prevejo que me ides demonstrar, que a existencia do mal phisico, e do mal moral ou o peccado, é inconciliavel com a doutrina da Providencia, lembrarmê-heis os diversos elementos de destruição que encerra a natureza : os volcões com suas terriveis erupções de materias inflamadas ; os tremores da terra abalando o sólo desde seus alicerces, e engulindo cidades ; as trombas arrancando casas e navios ; a peste despovoando reinos ; o raio deixando um esteiro de ruinas por onde serpeia ; as inundações causando mortes e estragos ; as béstas feras, o veneno, a dor que punge os mortaes, e mil outras cousas que vos parecem terriveis na natureza. Pois bem, este argumento aparentemente tão forte, de nenhum modo invalida o dogma da Providencia. Em quanto ao mal moral, ou o peccado, elle se concilia perfeitamente com a Providencia. Nasce do abuso da liberdade, e como Deos não é obrigado a obstar ao abuso da liberdade, pois que sendo-o, seria para dar ao homem maior beneficio, o que é absurdo, porque Deos nunca podia conceder ao homem tamanha somma de beneficios, que não lhe podesse ainda conceder mais, por consequencia apesar do mal moral subsiste a verdade da Providencia ; « O homem, como judiciosamente diz Damiron, em suas fraquezas, como em seus crimes, não é culpado senão porque é livre, e porque é capaz por si mesmo de possuir-se, de deliberar, de querer e executar.

A respeito do mal fisico, isto é, a dor e a desgraça, os sinistros, e os elementos de destruição, tanto como o mal moral se concilia elle igualmente

com a Providencia : primeiramente, devemos considerar o mal em geral como provação, como meios misteriosos de que Deos se serve, para nos fazer sentir nossa fraqueza, para que nos lembremos que somos homens e invoquemos a Divindade ; em segundo lugar, ponderaremos, que não temos direito algum d'invectivar os sabios designios da Providencia, pelo simples facto de nos serem incompreensiveis as propriedades e utilidade de certas partes constitutivas do Universo ; para o fazermos, relevava, que nos fosse dado julgar o mundo em complexo, para assim vermós se as diversas partes isoladas, que o formam, estão ou não em relação com o todo : devemos antes reconhecer os limites de nossa intelligencia, e a fraqueza de nossa vontade. « *Murmurer de ce que Dieu n'empêche pás l'espèce humaine de faire le mal*, diz Rosseau, *c'est murmurer de ce qu'il lui fit d'une nature excellente, de ce qu'il mit á ses actions la moralité qui les ennoblit, de ce qu'il lui donna droit á la vertu... La puissance divine pouvart-elle mettre de la condition dans notre nature et donner le prix d'avoir bien fait qui n'eut pas le pouvoir de mal faire ? Quoi ! pour empêcher l'homme d'être méchant, fallait-il le borner á l'instinct et le faire bête ? » Acresce a estas considerações, que as nossas idéas naturaes não podem ser a medida commun da bondade divina e da bondade humana, pois que, como bem observa Bayle, não ha proporção entre o finito e o infinito, e assim, o que seria incompativel com a bondade humana, pode ser compativel com a bondade de Deos, ainda mesmo que nossas fracas luzes não percebam essa compatibilidade.*

(Continúa.)

D. A. M. DO AMARAL.

POESIAS.

Tentativas poeticas

DE F. GONSALVES BRAGA.

(FRAGMENTOS)

A LUA E O DOURO.

I.

No cume sentado d'um monte escabroso,
Em noute de trevas, escura, e serrada,
Sentia no peito pesar affrontoso
Por não ver a lua gentil prateada :

Volvia p'ros astros os olhos chorosos,
Estrellas, nem lua se viam brilhar,
Soltava do peito suspiros saudosos,
A falta sentindo do patrio luar!

Olhava p'ro lado de meu rio Douro,
Sem vêr, eu ouvia suas ondas brigar :
Chorava, a lembrar-me que o bello thesouro
Eu n'elle não via, não via o luar.

Só echos medonhos, sinistros de c'rujas,
Ouvia constante mui perto a berrar,
Dos barcos ás vezes ouvia as marujas
As vozes do quarto « ALERTA » a bradar.

Depois que o silencio, as trevas, os gritos,
Terror produziram no meu coração,
Não mais os meus olhos 'stiveram afflictos
Ao vêr de repente da lua o clarão.

II.

La vem a lua surgindo,
Vem luzindo
Com seus raios prateados,
Espargindo luz nos ares,
Vê nos mares
Seus encantos retratados !

Eu a vejo magestosa,
Tão formosa
Por cima d'aquelle monte,
Pouco, e pouco descobrindo
Rosto lindo,
Que abrilhanta o horizonte !

Vejo a cidade formosa,
Magestosa,
Envolta em manto real,
Vejo o patrio rio Douro,
O thesouro

Do mimoso Portugal.

Lanço a vista longamente
Na corrente

D'este rio caudaloso :
Vejo os nautas se embalandando,
E cantando
A' luz do astro formoso.

Meiga lua, en vejo o brilho,
Que é teu filho,
Dominando á noute os céos,

Vejo immenso panorama
Que m'inflamma
Que me diz que existe Deos.

III.

Eu amo a lua, porque anima a noute
Com luz celeste, que abrilhanta o mundo,
Eu amo a Deos, porque formou a lua,
Que se retrata sobre o mar profundo.

Eu amo a lua, porque a luz que espalha
E' bella e fria, que não queima a fronte
Dos que a admiram. Ao meu Deos eu amo,
Que fez a lua, que abrilhanta o monte.

Eu amo a lua que nos seus desmaios
Saudade imprime no meu peito amante,
Eu amo a Deos, porque formou a lua,
Que é mais suave do que o sol queimante.

Eu amo a Deos porque lhe deve o mundo
Bellezas tantas de que foi dotado,
Eu amo a Deos, porque formou o monte,
O sol e a lua, sobre o mar salgado.

Adoro o ente divinal, augusto,
Que fez a terra, e sobre a terra os céos :
Eu vejo o mundo que formou o Eterno,
E só por vê-lo reconheço a Deos !

Não chores!...

*Un angulo me basta entre mi lares,
Un libro y un amigo, um sueno breve
Que no perturbem deudas ni pesares.*

RIOJA.

Tu choras, donzella ? não soltes teu pranto,
Que o mundo escarnece de ver-te chorar !
Porque te lamentas, se ainda o encanto
Se encerra na vida que tens a gosar ? !...

E's joven, donzella, és pura, innocente,
E's meiga, mimosa, tão linda, meu bem,
Que serve esse pranto, se o mundo indifferente,
As dores te acolhe com frio desdem ? !...

Eu soffri, e n'esse mundo,
Que via ledó e jocundo,
Busquei a dor esquecer ;
Riram muito, mais zombaram
E' nem se quer procuraram
Mitigar o meu soffrer.

Eram muitos egoistas,
Fracas hervas parasytas,
Seccas, murradas, sem cor;
Eram brilhantes fingidos
E corações pervertidos
Que riram de minha dor,

Vi um luxo desmedido
Para mim desconhecido,
Vi só galas—ouropeis;
Falso brilho que reluz,
E que a um tempo seduz
Ricos, pobres, também reis.

Via só positivismo,
E até o vandalismo
Com a feia ingratidão;
Vi o rico em toda a parte
Com torpe malícia e arte
Forte na sua isenção.

Vi em tudo fingimentos,
Os mais nobres sentimentos
Esquecidos—postergados;
Vi que d'alguns o desdouro
Desapparecia com o ouro
Sendo depois incensados.

Eu olhei para esse mundo,
Pelago grande — profundo,
Zombei também — e sorri;
Fugi-lhe porque temia
Inda viesse algum dia
Tomar parte no que vi!

P'ra que choras pois donzellã,
S'esse teu pranto revela
Que o mundo tem seducções? !
Não chores, não, vem comigo,
Serei teu unico amigo
E n'um só dous corações.

Esquecidos—descuidados
E um ao outro abraçados
Dir-me-has—eu sou feliz!
Aqui o mundo não vem,
Aqui imperio não tem
Esse que matar me quiz!...

Rio, Fevereiro 18 de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

VARIEDADE.

Nós e os relógios.

Acordei alta noute e por mais que fizesse não pude conciliar o somno. Sabem pelo que? Havia perto um relógio, que, com seu bater compassado, semelhante a muitos acompanhamentos de muitas operas primas ou parentas, me fez ter um pensa-

mento *sublime*. Comparei o relógio ao homem, e só achei uma differença: é que o homem recebe corda por uma só vez e o relógio por muitas. Assim como ha relógios com corda para 1, 8, 15, dias nós temos corda que dura desde um momento até cento e tantos annos. Neste ultimo caso o homem tão bem encordado é um chronometro Roskell patente.

Os relógios que trabalham sobre diamantes são os homens verdadeiros, porque a verdade é dura como osso, que ainda é mais duro do que o diamante; visto haver quem consuma mais depressa este do que aquelle.

Os relógios que trabalham sobre pedras falsas são os impostores, que tarde ou cedo ficam com a calva a mostra.

Os relógios que se adiantam e atrasam são os cavalheiros d'industria, que ora, condes polacos, nos enlameam com seus coches, ora, de chapéo na mão, são simples portadores de uma subscripção para um pobre pae de familia, ex-empregado publico, que, por sua independencia em zelar a fazenda nacional, foi posto á margem.

Os relógios que de todo não regulam são os doudos, porque destes vulgarmente se diz que teem pancada na mola.

Um escriptor critico é um relógio com despertador.

Os medicos são os relojoeiros do homem, mas que não sabem dar-lhe mais corda do que o destino lhe marcou, somente lhe podem limpar alguma peça do machinismo.

O relógio de sol é o interesseiro que só lusingo-lhe alguma *cousa* é que trabalha, ou o preguiçoso que só o faz chegando-lhe calor ao corpo.

Esqueceu-me dizer que os homens teem alma e os relógios não, porém pela alma de alguns não daria eu nem um relógio de estanho amassado.

Mais analogias existem entre o homem e o relógio, mas faço alto.

De proposito não fallei aqui das mulheres; entretanto como ellas são que regulam os maridos (pela maior parte) sempre lhes direi, de passagem, que se os quizerem conservar por longos annos não lhe devem mexer no ponteiro.

CALISTO.

RIODE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA

Rua da Valla n. 141.

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 15 de Junho de 1856

N. 19

LITTERATURA.

Paginas intimas.

XVII

COUSAS SERIAS.

(AO ESCORREGAR DA PENNA.)

Nos quoque gens sumus, et nos quoque cavalgare sabemus.

Que um homem namore com tenção de pronunciar o sacramental — *recebo a vós*, entendendo eu, mas que elle passe um tempo precioso em frente das janellas da sua *ella*, exclusivamente para explicar-lhe na linguagem dos namorados (é Hebraico para mim) que voltará d'ahi a pouco, no seguinte dia á mesma ou outra hora — não passando disto e d'alguns sorrisos de cumprimento, é o que nunca pude comprehender. *Demosthenes* ou *Cicero*, esses modelos da eloquencia antiga, que resuscitassem hoje, não me convenceriam de que ha nestas banalidades os encantos e as excellencias que os *pacientes* costumam dar-lhes.

O peor de tudo, não obstante estas idéas, é que já estive por um triz a entrar no numero dos simplorios; devo a minha salvação a um amigo que, sabendo dos meus desejos, disse-me com toda a franqueza: Pois crês ainda que haja mulher que olhe para ti?! Esta verdade amarga e pesada fez seu effeito, e hoje rio-me dos outros. — Quem acompanhar um namorado durante o tempo que tem as idéas preoccupadas com a sua *ella*, quem o seguir dia por dia, hora por hora, quem poder enfim ler as cartas de um e outro genero achará materia para encher centos de paginas; mas pobre do leitor que tenha de

lê-las!.... Acho ridiculo que um homem diga em estilo de *Saint Preux estragado* uma multidão de cousas e cousinhas a que *ella* responde *ipsis verbis*.

Ha mulheres, porém, que vão a mais. Mestras no segredo d'agradar, compõem uma carta tão romantica, tão exagerada, tão cheia de reticencias e exclamações, que provocam o riso aos mais indifferentes. Fallam com fidelidade um cento de vezes, repetem uma confissão d'amor outras tantas, e tudo isto recheado de pontos d'admiração, o que junto á letrinha miuda e elegante produz uma excellente vista.

Tenho tido occasião para admirar algumas neste sentido, e confesso-o, se as mulheres se dessem á politica, poderiam redigir notas diplomaticas sublimes! Ou se chamem *Adelaide*, *Angelicas*, *Thomasias*, *Marthas*, *Perpetuas*, &c., &c., lêem todas pela mesma cartilha, e por menos espirito que tenham estou certo que não precisam mendigar das estranhas a redacção das elegantes e perfumadas missivas. Uma cousa porém tenho notado, ainda não vi nenhuma dessas cartas com a orthographia que necessariamente lhes ensinam nos collegios, mas phrases escolhidas e bonitas, teem de sobra.

O estilo pomposo e dramatico é uma das condições especiaes dos namorados, por isso entendido, que aquelle ou aquella que o deixa d'empregar, não tem bom gosto. Quasi todas as cartas amatorias terminam por este periodo: *Recebei o coração terno e apdixonado da mais sensivel das mortaes*; e qual será o homem que lendo um bocadinho tão precioso não responda com outro inda mais.... mentiroso.... E porque não mentiroso, se ellas repetem-no ao segundo com o mesmo fogo, com a mesma verdade e franqueza?! Concluo d'aqui que o tal periodo é tão clas-tico como a consciencia de alguns senhores que

disputam as oblações e o respeito da sociedade em que vivem. Ha outra cousa que me faz crer na minha primeira idéa, a *guarda avançada* que acompanha os namorados são as cartas que dirigem mutuamente. Pois bem, a que parte em primeiro lugar da *linha* feminina, tem relação na linguagem com as outras que dirige mais tarde para a *linha* masculina; supponho que *ellas* se empregam exclusivamente em estudar a maneira porque poderão entreter cinco ou seis *praças* a um tempo, e d'ahi nasce a relação entre essas cartas.... Eis aqui o resultado do estudo que tenho feito sobre ellas. *As excellencias* d'uma carta de namoro estão no papel bordado. Não fallo nas *senhorias* porque cheiram a *dona agulha*, e como taes contentam-se com qualquer papel. A *alteza* está no mesmo papel bordado, mas é necessario que o acompanhe um raminho de varias côres no principio d'elle. Seguem-se depois os aromas e perfumes, condições necessarias para este subido tratamento,

Se algum dia namorar (do que Deos me livre) hei de escolher uma *alteza* de sobrado para me obrigar a trazer o pescoço sempre levantado, é uma posição bastante incommodativa, mas posso descobrir algum *planeta* ao qual reserve o nome da minha *ella*, e então a posteridade é nossa....

Tinha muito que dizer a este respeito, porém a hora está adiantada, e vejo com espanto que o leitor é perseguido por continuos abrimientos de boca; é forçoso concluir; que pena! agora que a leitora começava a achar interesse nestas *paginas*! Paciencia, sirva esta decepção de *corolario* ás muitas pragas que me tendes jurado.... ora, estou brincando; pragas de moça são pedidos de anjo! E então? não conclui com um paradoxo?.... Faça ponto, senhora penna.

Rio, 15 de Junho de 1856.

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

SUSPEITAS.

O doutor Rego costumava levantar-se ao primeiro arrebol matutino. Era um habito tão antigo e arreigado, que não havia nada que fizesse esquecel-o. Dado ao estudo, elle empregava a madrugada nesse passatempo, e haviam dias em que era mister arrancar o ás suas lucubrações.

Luiza vinha reclamar a benção paternal, pas-

sava alguns minutos com o doutor, e retirava-se. Ella sabia por experiencia que seu pai não gostava de ser importunado quando estudava, por isso aguardava o resto do dia para prodigalisarem mutuamente essas ternas caricias intimas e religiosas, que Deos reservou para o pai e filho.

Bem longe de suppôr que Luiza tivesse sido raptada, o doutor não prestou attenção á falta da visita matutina e demorou-se no seu quarto até ás oito horas da manhã.

O tio Cardoso viera para cumprimental-o; respeitador submisso dos habitos domesticos dos estranhos fôra passear pelo jardim, porque achara a porta do quarto fechada, o que dava lugar a crer que o doutor dormia, ou o mais provavel, que elle não desejava ser incommodado.

Após aquelle veio seu irmão; e pouco depois Henrique. Como o primeiro foram para o jardim.

— Esperava encontrar aqui a interessante Luiza, disse elle para seu tio; as moças tem uma predilecção particular pelo perfume das flores que despertam ao chilrar dos passarinhos, que celebram o apparecimento d'aurora.

— E' verdade, respondeu aquelle, sorvendo magestosamente uma pitada; mas a par dessa predilecção vem de tempos a tempos a preguiça. Não pretendo dizer com isto que Luizinha seja preguiçosa; faço esta observação porque te vi franzir o sobrolho.... aposto que estás namorando?....

— De Luiza?

— Não, d'um lugar de *Juiz de Paz*, é a ambição dos bachareis que deixam a Universidade.

O tio Cardoso olhava de revez para seu sobrinho, e entre si se regosijava da sua ironia.

Henrique encolheu os hombros, e não respondeu.

— Que bello lilaz! exclamou elle após um momento de silencio; hei de pedir ao dono da casa um enxerto desta arvore.

— Fazes bem, meu rapaz; dou-te de conselho que em lugar da magistratura empunhes o regador.

— Começa cedo, meu tio; consinta porém que lhe observe que depois d'almoço fará pessima digestão.

— Comprehando-te, queres que reserve para então aquillo a que chamas ironia pungente; descança, hei de satisfazer-te alem de teus desejos.... Que excellente voz tem o nosso amigo Carlos! a proposito queres visital-o?

— Fal-o-hia senão tivesse a certeza de o ver em poucos instantes.

— A elle não, mas o preto sim, olha.

O tio Cardoso indicava uma das ruas do jardim por onde se aproximava Domingos.

Este chegou depressa ao lugar em que estavam os dous interlocutores, e cumprimentando-os com respeito, disse, fallando com Henrique :

— Meu senhor moço mandou entregar-lhe esta carta ; não tem resposta. E cumprimentando-os de novo retirou-se.

O tio Cardoso deu uma gargalhada ; a gravidade do preto, a surpresa de seu sobrinho lhe desafiára o riso.

— De que se ri, meu tio ?

— Da engraçada figura que estás fazendo ; quem te vir nesse bello estado dirá que acabaste de receber um R.

Henrique abriu a carta e leu.

Aquelle espiava-lhe todos os movimentos.

— Heim ? exclamou o importuno tio ; parece-me que as novas não são das mais agradaveis !...

Assim era. Henrique dava signaes de agitação á maneira que lia ; seus olhos, até ali tão francos e expressivos, brilhavam d'indignação.

— O que temos, Henrique ?

— Lêa, meu tio. Este ia a tirar os oculos.

— Não, lerei eu mesmo.

E começou :

« Meu charo doutor.

Escrevo-lhe, agitado de mil diversos pensamentos. O coração advinha-me uma desgraça, e para a evitar necessito de toda a minha coragem. Diga a Luiza que me ausento destes lugares por algum tempo. Circunstancias imprevistas reclamam a minha assistencia em outra parte. Sei que não ignora o meu segredo, amo Luiza, e ella retribue-me esse amor. E' por isso que lhe peço que a console durante a minha ausencia ; e que a rodêe desses cuidados e carinhos que podem mitigar a saudade. A outro que não fosse o Sr. guardaria a confissão d'este segredo ; mas os poucos instantes que passei a seu lado convenceram-me de que me dirijo a um homem honrado, e de nobres sentimentos. Desculpe-me com seu pai e tio ; e creia que sou

« Seu sincero amigo

« CARLOS PINHEIRO. »

— E então, que conclues tu desta carta ?

— Que algum grande perigo ameça Luiza.

— Ora, não será tão importante, que possa tirar-me o appetite.... Se chamassem.... para o almoço.... terminou o tio Cardoso sorvendo outra pitada.

Continúa.

Frederico

OU O MYSTERIO D'UM AMOR.

ROMANCE

(Continuação.)

CAPITULO V

Agora indagaremos a razão por que foi Frederico chamado á bordo do navio *Fernando I*, com tamanha urgencia.

Luiza, que havia ficado quasi toda a noite sem poder dormir só com o pensamento na carta do doutor Lima, mal que a luz do dia veio ledamente transpondo os vidros da janella do seu aposento, chamou Margarida que a ajudou a vestir, e depois apoiada no seu braço, se dirigio para a sala da frente, e ahi se assentou no sofá.

Não tardou muito que Alfredo a precedesse, mas em lugar de saber de sua saúde, olhava-a de revez, o que Luiza não deixava de notar ; e a resposta que lhe deu, foi os bons dias, a que elle não quiz corresponder !

Luiza conservou-se então em profundo silencio, até que Alfredo abandonou a sala ; e como a joven não tivesse de quem se queixar, senão de si propria, levantou as mãos ao céu e disse :

— Bemdicto sejais, meu Deos !...

Ouviu-se neste tempo um rumor surdo no fundo do corredor, e Luiza mandou logo saber por Margarida o que seria, e ella trouxe-lhe em resposta, que o Sr. Alfredo tinha sido preso, e conduzido á cadeia.

E defeito, o doutor Lima conseguira por meio daquelle carta entregar Alfredo á policia !

Vejamos, elle vai agora entrando na sala dos interrogatorios ; o juiz de paz está assentado, e ao lado esquerdo o seu escrivão ; mais além em um banco comprido está o doutor Lima, junto um moço dos seus dezoito annos, bem parecido, trajando calça de brim branco, e jaqueta de riscadinho azul, e um bonet na mão ; logo sabermos quem é, e a razão por que ahi se acha.

O juiz interrogou a Alfredo por este modo :

— O Sr. como se chama ?

— Alfredo Marques da Silva.

O escrivão foi tomando nota, e o juiz continuou :

— O Sr. em que se occupa !

— Agora, a responder a V. S.

— Não lhe pergunto por isso, retorquiu o juiz enchendo ambas as bochechas, eu pergunto de que vive o Sr.

— Eu, Sr. juiz, negoceio com tudo que me póde dar algum ganho, como seja, dinheiro a premio, sobre penhores, &c., &c.

O juiz tirou uma carta da gaveta da mesa e abrindo-a, perguntou a Alfredo deste modo :

— O Sr. escreveu esta carta ao Sr. doutor Lima ?

— Ignoro o conteudo d'ella, disse Alfredo com toda a presença de espirito.

O juiz deu-a ao seu escrivão para ler, e dizia o seguinte :

« Meu amigo doutor. Tens percebido o quanto minha mulher me incommoda, está continuadamente doente, fazendo-me despezas immensas, e sempre é um empecilho que tenho para me não deixar realisar certo projecto que hei em vistas ; portanto a divina medicina tem muito poder, não sei se me entendes, doutor, mas fallando-te mais franco, tens dous contos de réis no mesmo dia em que lhe mandar abrir a cova. Bem sabes que estas cousas se costumam fazer politicamente, porém debaixo de muito segredo. Vê que dous contos de réis se não ganham hoje com facilidade, por isso pensa bem, e lucrarás.

« Sou teu venerador e criado

« ALFREDO MARQUES DA SILVA.

— E então o que diz a isto ? lhe disse o juiz em tom severo.

— Sr., isto é tudo uma calumnia... uma accusação sem principios, é uma vingança contra a minha pessoa !

— Mas o Sr. não conhece a letra d'esta carta ?

— E' para mim inteiramente desconhecida.

— E não attribue a alguma pessoa de sua inimizade ?

— Sim, Sr. juiz, ao Sr. doutor Lima, por quanto está indifferente commigo, por causa de ter tentado seduzir a minha mulher.

— Não tem mais nada a depor em seu abono ?

— Por emquanto nada tenho.

— Pois então pode ir assentar-se naquelle banco, indicando-lhe um banco que estava ao pé da porta, quasi defronte do doutor Lima.

Foi pedida a primeira testemunha, e apresentou-se Jorge, esse mancebo que se achava perto do doutor, o qual aguardou com socego a inter-rogação.

— O Sr. como se chama ?

— Jorge de Meirelles.

— Diga o que sabe respeito á carta que foi dirigida ao Sr. doutor Lima.

— Essa carta, Sr. juiz, fui eu o encarregado de a levar ao Sr. doutor Lima.

— E quem foi que o encarregou ?

— Foi o Sr. Alfredo Marques.

— E vio escreve-la ?

— Vi, sim Sr.

— E que recommendação lhe fez o Sr. Alfredo quando lh'a entregou ?

— Disse-me que a não entregasse se não ao Sr. doutor Lima.

— E nada mais sabe a esse respeito ?

— Não, Sr.

— Pois não sabe se já existia alguma inimizade entre o Sr. Alfredo, e o Sr. doutor Lima ?

— Não, Sr.

— Conhece a letra do Sr. Alfredo ?

— Sim, Sr.

— Esta será a letra d'elle ? mostra-lhe a carta.

Jorge depois de examinar a letra do sobrecripto : — Sim, senhor, é esta a carta que elle escreveu e é esta a sua letra.

— Póde sentar-se.

Chegou a vez do doutor Lima, que depois do juiz lhe fazer muitas perguntas, e receber muitas justificações para esclarecimento da verdade, tambem se retirou.

Alfredo, depois de terminar o depoimento das partes, foi conduzido immediatamente á prisão.

O crime estava provado ; e nada mais restava a Alfredo do que uma idéa vingativa, e mal que desceu os degraus da prisão, todos os seus cuidados foram enpregados nella.

(Continua)

M. L. MACHADO.

A Providencia.

(Continuação.)

Tudo no vasto imperio da natureza tem conexão, nenhum objecto da criação é inútil e sem destino, as destruições e desordens apparentes da natureza devem fazer-nos remontar a Deos, que nada creou nem conserva, sem motivo, o que se permite a destruição d'algumas creaturas, não é em vão. Quantas cousas nos parecem elementos de desordem e destruição, e que, entretanto, as locubrações dos sabios e dos naturalistas teem verificado serem elementos d'ordem e conservação ? O frio, por exemplo, que sendo intenso, tanto nos incommoda, é sobre modo necessario, favorece a transpiração insensivel, a qual purifica o sangue e augmenta o appetite.

Quando a natureza enlutada nos offerece esses

phenomenos assombrosos, essas peripecias, para assim dizer, *bello-horriveis* do drama solemne da tempestade, com seus trovões ribombando, com seus tufões violentos e horriveis açoutando a pousada do homem, com seus raios sinistros jorrando das nuvens, serpeando nos ares, mensageiros fataes do incendio e da morte, releva, que memoremos a sua utilidade, e que contrapeseamos os estragos que ella causa a uma pequena parte do universo, com as vantagens que nos procura. A natureza do ar e de toda a atmosphaera torna necessarios estes phenomenos. « *As partes salinas e sulphuricas*, diz um sabio Allemão, *que empregnham a atmosphaera, sendo arrastadas pela chuva, tornam-se em optimo alimento para as plantas, e a multidão innumeravel de vermes, sementes e insectos, que as aguas precipitam, e que se divisam com o auxilio do microscopio nas gottas d'agua, contribuem efficaçmente para a fecundidade da terra. Sem a tempestade*, observa o mesmo sabio naturalista n'outra parte *as exhalações deleterias e mortiferas se multiplicariam e corromperiam muito mais, e os homens e os animais morreriam aos milhares, uma peste universal teria convertido a terra em um hospital e cemiterio*: » A neve, que tão ingratamente nos impressiona, é de nimia utilidade, fertilisa o solo, e o que pareceria incrivel se os naturalistas o não asseverassem, preserva a terra da impressão do grande frio. Os volcões, cujas lavas inflammas rebentando da cratera subvertem e sepultam cidades, fazendo-as desaparecer dos mappas, assim como Stabia, Herculanium e Pompeia, victimas da voracidade do Vesuvio, se não lhe percebemos sua importancia e utilidade directa, sabemos entretanto que são necessarias á structura do globo, porisso que, estando as entranhas da terra cheias de fogo, tornam-se precisos estes orificios e respiradouros, por meio dos quaes despenhando-se suas lavaredas e jorrando suas lavas se enfraquece e attenua a acção de tão terrivel elemento. Os animais nocivos e as plantas venenosos, a despeito dos males que produzem, reconciliam-nos com a Providencia, se bem os examinarmos, os animais maleficos respeitam o homem e é rarissimo que elles o ataquem sem que os irritem ou os aggridam. Muitos animais dos mais perigosos e peçonhentos, tem em si o remedio de seu proprio veneno; sirva d'exemplo o oleo do scorpião, antidoto infalivel contra as suas mordeduras, a abelha esmagada posta sobre a parte ferida e a gordura da vibora, remedios evi-

dentos contra o mal que causaram. O veneno e os órgãos de que elles se servem para ferir são-lhe extremamente necessarios. Assim, a serpente, animal timido, de lentos movimentos, não existia, se não tivesse a propriedade de ferir mortalmente a sua preza.

As abelhas sem o ferrão, que para nós é muitas vezes instrumentos de dôr, não poderia extrahir o succo das flôres, nem consequentemente mellificar, &c. Emfim, tudo o que na natureza nos parece inutil ou nocivo, encerra uma utilidade indispensavel. Muitas creaturas animadas, perigosas para nós, servem d'alimento ou de remedio a outros animaes. E é assim que, certos passaros comem aranhas, que as cegonhas gostam excessivamente de certas especies de serpentes, que a cobra come o sapo, a doninha o rato, o chalro vermes e insectos venenosos. Os animaes e aves de preza restringem o numero dos animaes nocivos, alem de que, devemos-lhe a dilatação da vida, porque alimentando-se de cadaveres de animaes e de corpos nidorosos, livram-nos da infecção, que essas materias corruptas teriam de communicar á atmosphaera, envenenando o ambiente. Em quanto ao veneno de que acima fallamos, é assás conhecido esse verso de Racine filho, no seu poema, a *Religião*:

« *Notre art des poisons même emprunt du secours.* »

A cicuta, havida na antiguidade, meramente por um veneno lethifero, é hoje considerada como proficua a certas doenças; e assim muitas outras substancias venenosas, que tem sido reclamadas pela medicina. Do que levamos dito, se infere, que todas as cousas no globo consideradas em si mesmo são boas e salutaras, se algumas vezes são nocivas, ou é pela ignorancia em que laboramos a respeito de suas propriedades, ou porque dellas abusamos, dando-lhes um emprego inteiramente estranho ao seu destino.

Continúa.

D. A. MACIEL DO AMARAL.

Pensamentos.

Estou triste, se me perguntarem a razão por que, não saberei responder. Ha circumstancias na vida que obrigam o homem a esquecer-se da sua posição real, para se lembrar que pertence ao mundo, e esse mundo é egoista bastante para poder consolar uma dôr qualquer. Muito embora hajam d'esses felizes momentos em que a mente

nos desenha, n'um colorido brilhante, as mais bellas e risonha flôres, ha outros em que o nosso espirito é obrigado a percorrer uma distancia tal, cuja lembrança é capaz de nos forçar a retroceder. A vida é encadeada por um conjuncto de circumstancias mais ou menos favoraveis, mas a realidade é quasi sempre bem cruel. Depois, no meio de tantas e tão variadas phases, o egoismo vem matar os sentimentos uns apoz outros — tornando-os eviternos. O fim apparece pouco a pouco, mas tão adulterado, que se quizermos lançar uma vista d'olhos para o passado, não acharemos vestigios do pouco que reunimos n'um ponto fixo. As affeições que adquirimos na infancia, são esquecidas, vem outras disputal-as, e devido a esse egoismo cego, esquecemos em breve as primeiras. A ausencia d'ellas deixa um vacuo em nosso coração, preenchemos-lo d'affeições mercenarias, semelhantes á flôr que murcha ao mais pequeno sopro d'um vento nocivo. Ha um brilho falso que offusca, nossos olhares seguem-no como uma attracção magnetica; destruido o prisma olhamos para o passado com uma especie de amargo pezar.

E' por isso que a pouca estabilidade d'estas cousas não pôde constituir uma felicidade invejavel, um pequeno principio da excepcionalidade com que sonhamos. Estas consequencias imprevisitas produzem um mal cujo germen está no egoismo que tomamos por unico movel das nossas acções. Nada dessa pureza primitiva que Deos concedeu aos antigos Patriarchas, nada dessa invulnerabilidade que podia tornar o homem uma arvore gigante, enraizada por tal fórma, que pudesse arrostrar com todas as tempestades; concluo d'aqui que o unico meio de consolidar as causas com os effeitos, é dar ás cousas um caracter tal, que possa conduzir-nos ao complexo de tantas idéas que combatemos quasi sempre infructuosamente.

Porto, 15 de Abril de 1856.

JOÃO RODRIGUES DE XAVIER PINTO.

POESIAS.

Parodia.

Se eu fora, Ocarlina, mimosa avésinha,
Que leda nos bosques só vive a cantar,
Deixando ligeira, raminhos viçosos,
Quizera contigo sómente habitar !

Se eu fora um malvado que causa terrores,
Ao ver-te em brandura me havia tornar ;
Se eu fora uma brisa fagueira quizera,
Teus labios de rosa com gosto beijar !

Se eu fora floresta, que flores tivesse,
Nas flores, quizera, que fosses tocar ;
Se eu fora velludo, setim, ou cambraia
Teu corpo engraçado quizera enfeitar !

Se eu fora brilhantes ou mesmo amethystas,
Pendendo em teu rosto, quizera brincar ;
Se eu fora opulento daria meu ouro
P'ra tuas bellezas somente gosar !

Mas eu não sou ave, nem brisa fagueira,
Brilhante, opulento, malvado, nem flor ;
Sou homem que soffro crueis agonias,
Que todo me abraso por ti só de amor.
Macahé. ANTÉRO DIAS LOPES.

Saudade.

O. D. C.

A' ILLMA. SRA. D. L. M. F.

Saudade, tu és a flôr
Em meu peito consagrada,
Exprimes acerba dôr
Da minha alma consternada !

E's triste não tens odor,
Mas que mysterios revellas !...
Quantas lagrimas de amor
Derramadas por donzellas ? ! ...

Rôxa e pállida é tua côr,
São tuas folhas luctuosas,
Mostram peito gemedôr
Das esposas lacrimosas.

Não tens o lindo esplendôr
Da rosa, nem o seu brilho ;
Mas exprimes o amargôr
D'infliz mãi que jaz sem filho.

Revellas entre o primôr
Com que brilham flores bellas,
Quantas magoas do viajôr
Que se perde entre as procellas ?

Quando o orvalho do Senhor
Em tua c'rola se derrama,
São lagrimas do cantor
Longo de tudo quanto ama.

FRANCISCO D'ASSIS FERREIRA AMORIM.

Um anjo.

Vi um anjo qué tão bello
As suas graças mostrava!...
Não era anjo era fada,
Que com doçura encantava.

Sua têz alva e mimosa,
O seu collo de marfim,
Um sorriso fascinava
Em seus labios de carmim!...

Era bella como a rosa
Tão pura ao desabrochar!...
Era terna como a lua
No firmamento a brilhar!...

Oh! não pude resistir
Aos farpões que me lançava,
Ante o seu olhar tão meigo
Eu cativo me curvava!

Ah! recebe, oh! nimpha bella,
De tua victoria a palma,
Que a tua rara belleza,
Fica gravada em minh'alma!

Março de 1856.

DEOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

A noute d'esfolhada.

OFFERECIDO Á MINHA IRMÃ A. J. M.

Escutai. lindas donzellas,
Minhas trovas de folgar,
Escutai-as, pois tem graça
Entre vós a esfolhar.

E' mui bella e clara a noute
Adornada de luar;
Torna alegre o pensamento
Entre vós a esfolhar.

Como é doce estar da lua
O seu brilho a contemplar;
Como é bello estar aqui
Entre vós a esfolhar!

Ai, donzellas tão formosas,
Quem podéra sempre estar
Gosando tantos encantos
Entre vós a esfolhar.

M. LEITE MACHADO.

O teu destino.

AO MEU AMIGO O SR. JOSÉ ANTONIO DE LYRA.

Os dias felizes que outr'ora gosei
Não posso, poeta, jámais olvidar,
Mas pouco duraram os tempos ditosos
Em que eu te via a lyra vibrar.

Eu era feliz e tu eras ditoso,
Tu hoje és feliz e eu sou desgraçado;
Tu vives sorvendo d'amor as delicias,
Eu vivo no mundo carpindo meu fado.

Tu tens o sorriso da bella que adoras
A corresponder a teu meigo olhar,
Em seus lindos braços, cadêas d'amor
Teu corpo d'Adonis se vai enlaçar.

A' vante, poeta, na senda que trilhas,
Não deixes a lyra de ouro ou marfim;
Que Deos te mandou em um raio do sol
E o éstro nas asas de um cherubim.

As tuas canções de amor extasiam,
Teu estro sublime, respeito inspira;
Das bellas amado, dos homens querido,
Tal é—teu destino brilhante—meu Lyra!...

Rio, 13 de Maio de 1856.

A. J. DE CARVALHO LIMA.

Junto do berço.

Dorme, dorme, filha minha
Dorme, dorme, innocentinha,
De que serve o despertar?
Oh! dorme, sim, por que a vida
E' illusão fementida,
Encantos não póde dar.

Dorme o somno da innocencia,
E essa primaz essencia,

Filha, não queiras perder ;
Dorme bem, porque teu berço
E' mui lindo, e eu careço
Teu bafejo receber.

Dorme bem horas inteiras,
Que eu velarei;—mui fagueiras
Ellas serão, — innocente ;
Vélo sempre queridinha,
Vélo sempre, filha minha.
Vélo por ti mui contente.

Eu sou mãe — o meu amor
E' tão doce como o olor
Da rosa do meu jardim ;
Eu t'embalo satisfeita,
E' um prazer que deleita
Oh ! meu lindo cherubim !

Qu'importa qu'eu inda vele
Quando ali já se revele
Da manhã o primo alvor ?
Velarei por que sou mãe,
E não é dado a ninguém
Disputar o meu amor.

Dorme, dorme, queridinha,
Dorme, dorme filha minha
Que aqui estou para velar ;
Eu sou mãe — o meu condão
E' dizer do coração
Que verci teu despertar.

E sorrisos d'alegria
De teus labios sahirão,
Com sorrisos pelo dia
Doces horas passarão ;

Venha a noute com seu manto
Tuas palpebras cerrar,
P'ra que durmas — lindo canto
Junto ao berço hei de cantar.

Rio, Maio 15 de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

VARIEDADES.

As flores vorazes.

Dizem os naturalistas que ha flores lindissimas, tanto no cambiante das côres como na elegancia de formas que são nada menos do que feios bichos. Tornam-se flores para attrahir e engolir outros bichitos menos expertos que se fiam em apparencias. Vós, leitores, já vistes as flores

vorazes ? — Aposto que sim, ainda que aposteis que não.

As flores vorazes mais *corriqueiras* que tendes visto são certas damas, que tambem não são mais que feios bicharocos, mas que tanto se enfeitam, tanto se pintam, tanto se arribicam e taes meneios usam que attrahem os patinhos, os quaes se de todo não vão mastigados e engulidos, vão muito bem chuchadinhos e ficam chatos como pratos.

Ha outras flores vorazes, talvez tão numerosas e de igual seducção. São as commendas — Ora esta? Deixemos o nome que parece que está comendo.

Vamos aos factos. O pobre logista que trinta annos trabalhou, que lhe esmurraram o nariz cem vezes para lhe ensinar a dar lucro á casa, quando caixeiro, que, depois de amo, por sua vez, escangalhou os queixos a muitos de seus famulos (coitado !) e que por fim juntou uma centena de contos, este homem por seus peccados encontra um dia uma flôr voraz sob a forma de uma commenda... E elle a dar-lhe !

Onde colloca o homem a commenda ? — Na casaca, responderão. Onde colloca o homem a commenda ? Na casaca, por cima do collete, por cima da camisa, por cima do pello, por cima das costellas, por cima do coração. — Olhem que resposta !

Colloca-a mas é na casaca mesmo em cima do bolso, onde existê a carteira. A flôr é um cancro que lança raiz na carteira e não no corpo e devora... casas para a dignidade de commenda, carros idem, jantares idem, subscripções idem &c. &c. As dragonas de official da guarda nacional tambem são flôres vorazes e cancro que come jantares ao commandante superior, novas bandeiras, fardamento, musica &c. As dragonas de alguns generaes (salvas muitas, muito honrosas e muito independentes e patrioticas excepções) igualmente são flôres vorazes... dos cofres nacionaes. Estas *somente* pelo feitio e côr imitam o giracol, e tambem porque se voltam para o sol. O penacho dos ditos generaes imita um catavento... Isto não vem para o caso. Nunca gostei de artigos compridos, e este já é longo de mais para fazer dormir os leitores. Se tal secceder não se espantem porque sou

O NARCOTICO.

RIO DE JANEIRO— TYP. DE F. A. DE ALMEIDA,
Rua da Valla n. 111.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 22 de Junho de 1856

N. 20

Poesias do Sr. Faustino Xavier de Novaes.

Os jornaes d'esta cidade tem fallado muito do vate Portuense. Vamos dizer tambem alguma cousa sobre as suas poesias. Elogial-as ? não, por que ellas recommendam-se de per si.

Fazer uma resenha ou esboço critico ? tambem não, faltam-nos as necessarias habilitações.

Limitar-nos-hemos a indical-as ao publico como um chefe de obra no seu genero. Da apre-
ciação ligeira que fizemos do livro do Sr. Novaes, concluímos duas cousas ; a primeira é que o seu estylo gracioso, sempre natural, sempre cadente, é inimitavel ! a segunda que o Sr. Novaes adquirio uma reputação. As poesias — *A minha Ella, Soffrimentos, Dialogo entre o Sr. José e o Sr. Francisco, Um passeio á Foz, Os meus desejos, Quero viver p'ra me rir*, são sublimes ! A Redacção da *Saudade* faz publicar a poesia que notamos já — *Soffrimentos*. Lêde-a, leitores, admirae aquella graça toda particular com que o Sr. Novaes remata as suas quadras, lêde a obra toda, e vereis que o vate Portuense honra não só a terra que o viu nascer como tambem a Portugal todo. Saudemos com entusiasmo o apparecimento deste novo genio, e receba o Sr. Novaes o tributo d'admiração que lhe enviamos a duas mil e tantas leguas da Patria !

Rio, 25 de Junho de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

LITTERATURA.

Paginas intimas.

XVIII

E ESTA !....

Com a mira no vintem.

BORDA D'AGUA.

EXPEDIENTE DA REDACÇÃO.

(Junho 20.)

Ao autor das *Paginas intimas*, para que deixe o estylo *duvidoso* dos seus ultimos artigos, sob este titulo, e escreva no genero *jocosos* alguma cousa que possa distrahir os leitores, e chamar assignantes á folha. Do contrario largará o lugar a outro que o desempenhe melhor.

Por ordem

X. A.

E recommendaram-me para accrescentar que tem pessoa competentemente habilitada para escrever no genero *jocosos* as suas *paginas* ; disse a pessoa que me entregára a participação *official*.

— Com o mesmo titulo ?

— Está visto.

— Com um titulo de minha propriedade ? !

— Sim, sim e sim !

— Protesto !....

— Qual !

— Protesto contra este abuso de força maior !....

Protesto, protesto !

— Espere lá, meu Sr. ; falle com termos !

— E' um roubo que me querem fazer, e não hei de gritar ? ! Oh ! com toda a força dos meus pulmões !.... Um titulo tão bonito servir para outro ! Nada, vou já redigir um protesto ás *potencias litterarias* !.... Porque a Redacção da *Saudade* está com a mira no vintem dos assign-

nantes, para enfeitar a *menina* todos os domingos, hei de ceder um titulo e um lugar que me custou immensos sacrificios ! não, tenho um direito que ninguem poderá contestar-me. As *paginas intimas* pertencem-me, são propriedade minha, por isso fazei sciente aos *patrões* que não estou resolvido a cedel-as.... ao sultão que fosse. Mas para que exaltar-me ? é uma asneira, sangue frio no caso ; esperae que vou escrever a resposta, e ha de ser em verso.

A' illustre Redacção
Que com a penna na mão
Bellas leis sabe fazer ;
Saude, paz e ventura
E' o que sem muita usura
Lhe passo a appetecer.

Cá recebi o aviso,
Ao vel-o quasi que o riso
Após veio da leitura ;
E' antigo o expediente
E a Redacção — innocente !
Achou nelle *perfeitura*.

Pensam talvez os senhores
Que outras paginas melhores
Na *Saudade* devem ter ;
Meus amigos, enganados
Oh ! que estaes, e bem logrados
Os leitores terei de ver !

Melhores *paginas*.... que tal ?
Que *san facon* !.... uma igual
N'outra parte inda não vi !
Pelas cans de minha avó
Hei de reduzir a pó
A quem tanto já servi !

A matar-me horas inteiras
Para que feias asneiras
Na folha não inserisse ;
E o pago, eil-o ahi,
Esta guardou-se p'ra mi
P'ra mim por exquisitisse.

Ora bem, querem, senhores,
Que venha a ser dos leitores
Bobo, jogral ou truão ;
E mesmo que algumas vezes
Passe semanas e mezes
Divertindo a Redacção ? !

Porque segundo entendi
E da tal *nota* colhi
P'ra isso sou intimado,
Sem que (nem por cortezia)
Junto á alta senhoria
Me precedesse o chamado.

« Quero, mando, tudo posso,
(O preceito não é nosso)
Dizem os modernos senhores ;
E um homem cá desta esphera
Ai delle, se não quizera
Obedecer-lhes, leitores !

Mas desta feita não quero
A' Redacção (que venero)
Logo, logo obedecer ;
Quero que faça primeiro
Aquillo que o justiceiro
Reputa sempre um dever.

Venha a mesma Redacção
Toda ella em procissão
Com roupas de ver a Deos ;
Peça com modos — maneiras,
E então estas asneiras
Não darei aos leitores seus.

Finis.

Eis aqui a resposta ; se houver *replica* faça sciente á Redacção que lhe darei *treplica*.... Até lá, leitores, resae por mim.

Junho 24 de 1856.

XAVIER PINTO.

P. S. Vou largar a penna ; não quero que os meus obscuros artigos sejam a cabeça de *Medusa* para certa *entidade* encoberta, a quem o P.^e Macedo concede um lugar distincto no seu poema os — Burros !.... Vou largar a penna !.... qual ! estou brincando ! largar a penna, agora que uma lingua damnada me pede que a transforme em azorrague para *zurzillo*.... bem, e a todos aquelles que se occupam mais com a minha vida do que eu com a sua....

Domingo 22 vi representar na rua do Hospicio uma *comedia original*. Era um celibatario que vomitava as mais torpes injurias contra o casamento. Que coincidencia ! d'ahi a poucas horas via representar outra no theatro Lyrico....

Os esfaimados**ROMANCE**

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

*(Continuação do n. 18.)***III****A DESCOBERTA.**

José andava desmedidamente; seu rosto contrahido causava afflicção, o suor lhe corria em ricas, e o cansaço lhe embargava a voz.

Havia já uma hora que corria sem saber como, por onde, nem para onde; a povoação não parecia ter viva alma, aquellas horas mortas; nem se quer se via uma só luz.

A tempestade tinha acalmado bastante, e os relampagos tornaram-se escassos.

José seguia, pondo sempre o ouvido attento, e ao menor ruido que se assemelhasse á voz humana, parava e cobria a lanterna com o capote; depois de certificar-se continuava sua marcha, afflicto.

Depois de ter percorrido em torno de todo o arrebalde da povoação, chegou a um lado opposto ao que tinha sahido, cujo caminho era o unico, onde haviam ainda algumas arvores antigas.

Ao passar precipitado por junto dellas, sentiu um ruido ligeiro entre os troncos; tapou depressa a lanterna, levou a mão a uma pistola, e pronunciou baixo: Oh! um homem!... e suffocou a respiração.

As trevas não deixavam ver nada, e elle em pé immovel como uma estatua esperava tornar a ouvir o ruido, como o leão enraivecido espera pela primeira presa para saciar a raiva.

O ruido fez-se ouvir de repente, e pelo reflexo d'um relampago pôde ver entre os troncos de duas arvores um homem em pé.

Ao apparecer o relampago ambos olharam para o lugar onde tinha cada qual sua attenção. José tirou logo a pistola e descobrindo a lanterna foi com passo precipitado para junto do outro, e apontando-lhe a em direcção ao peito; perguntou-lhe com voz ameaçadora: — Quem és?...

O homem immediatamente atirou para um lado com o capote e o chapéo de abas largas que lhe cobria a metade do rosto e apontando tambem com outra para seu adversario, a quem não podia ver o rosto, que vinha quasi coberto com a gola do capote; disse com voz forte: — Um homem como vós...

José estremeceu, e deixando cahir o braço armado avançou apressado, e chegou a lanterna ao rosto de seu adversario; ouviu-se um grito agudo, e a arma lhe cahio da mão; cambaleou e quasi cahia se o homem que tinha em frente não o tivesse agarrado, exclamando: — Meu Deos, que fatal encontro!... sois vós, Sr. José.... Oh! eu corria em vossa procura.

José voltou-se para elle já mais reanimado e deitando-lhe as mãos ao pescoço disse-lhe com tristeza: — Ah! meu bom Ricardo, Deos salvou-nos a vida; oh! meu filho, tu por aqui a estas horas! donde vens? o que me contas; não viste uma quadrilha de ladrões carregando tua futura esposa?...

Ricardo levantou a pistola, agarrou-o pelo braço e puxando-o disse-lhe. Vinde, meu amigo; vinde: nós sós não podemos fazer nada; eu vi tudo, eu sei onde está; corramos depressa chamar o povo; vamos, que minha querida Maria ou me será entregue viva e pura; ou farei queimar vivos a todos esses infames contrabandistas, que nos roubam as ultimas gottas de nosso precioso sangue. E seguiram apressados para a povoação.

*Continúa.***Frederico**

OU O MYSTERIO D'UM AMOR.

ROMANCE*(Continuação.)***CAPITULO VI**

Em quanto Alfredo na prisão cuidava em mil projetos de vingança. Luiza via-se no meio de mil angustias, e das mais criticas circumstancias da sua vida. O doutor Lima que lhe poderia servir de amparo, de nada lhe podia valer, ou para melhor dizer, temia as más linguas.

Luiza estava só em casa com sua criada e alguns escravos, e a sua presença poderia fazer nascer aos olhos do mundo algumas suspeitas. Muitos dias se passaram sem que elle podesse obter noticias de Luiza, até que por fim tendo feito varias indagações, soube a vida triste que ella passava. Ficou muito pesaroso por não poder ir logo animal-a, com tudo não perdia a esperança de o fazer. Tres dias depois que soube noticias de Luiza, um negocio importante o obriga-

va a partir para Santos ! Partio elle emfim, e o maior pesar que levava era de apartar-se da desventurada Luiza, por que muito receiava da vingança do deshumano Alfredo.

Luiza nem mesmo agora retirada do seu barbaço marido lhe foi permittido o descanso !

Alfredo principiou sua vingança, por passar um papel de venda de todos os bens do casal, a um tal Julio Ferraz, que não desmentindo em suas acções, ser menos cruel do que Alfredo, passou logo a pôr tudo em praça, movido do documento que lhe havia passado Alfredo. E Luiza desamparada sem ter quem fizesse valler seus direitos, vio-se obrigada a abandonar a casa, e tudo quanto disseram pertencer ao seu marido !... Ella já desejava mais a morte do que a vida, mas era agora que a sua afflicção lhe dava forças para resistir a tudo... era agora que sentia sua alma forte impellida por um grande sentimento, dando-lhe coragem para resistir á sua desgraça. — Oh ! meu Deos, dizia ella, permitti que todos estes tormentos sejam em desconto de meus peccados... Vós sois grande, sabeis punir o crime, e ao mesmo tempo premiar a virtude ! infeliz daquelle que menosprezando o teu poder, dá largas a seu desejo !... Infeliz d'elle, por que mais tarde sentirá o peso da vossa justiça sobre sua cabeça !

Depois que proferio estas palavras com os olhos arrasados de lagrimas, tomou algumas joias que Margarida havia salvado das garras de Julio Ferraz, fazendo-os passar como suas; e disse para ella :

— Minha boa Margarida, eu sei que a minha existencia sobre a terra não póde ser longa, por que já sinto em meu coração a dor da morte, e por isso vou procurar meu querido Frederico, ainda que para o encontrar eu soffra os maiores tormentos desta vida ; eu desejo só vel-o e pedir-lhe perdão de todas as minhas faltas ; depois poderei morrer saudosa a seus pés !... Minha boa amiga, eu não possuo outros cabedacs com que te possa pagar os grandes serviços que me tens prestado ; tenho sómente estas joias, toma as que te aprouver, deixando-me com que eu me possa transportar á ilha de Santa Helena.

— Oh ! minha sensivel senhora, disse Margarida com os olhos em pranto, eu de nada careço, graças a Deos ! guarde todas essas joias para si ; sómente uma cousa ousava pedir-lhe.

— E por que a não declaras ? !

— Eu desejava acompanhá-la para qualquer parte que o destino tenha de impellir-a.

Luiza, não podendo conter a sua gratidão, abraçou-a com ternura e lhe concedeu o seu pedido !...

E' por certo a infelicidade o verdadeiro caminho para a gratidão, vemos a oppulencia apenas tocar a infelicidade logo descer de grão em grão, até se prostrar aos pés da gratidão no meio do arrependimento dos erros passados. Poderia algum dia Luiza abraçar a Margarida, e lhe chamar sua amiga no meio da sua grandeza passada ? Não, nem talvez se lembrasse da grande offensa que fez a Frederico ! Louvado seja Deos que nos manda os castigos para nos fazer entrar no verdadeiro caminho !

Luiza deu então as joias a Margarida, ordenando-lhe que as fosse vender. Margarida recebeu-as e sahio ; dahi a meia hora estava de volta com oitocentos mil reis, producto de todas. Bem sabido é já que todos os ourives compram qualquer qualidade de obras sómente a peso ! e por ahí se poderia calcular o prejuizo que poderia ter Luiza, mas a necessidade era a principal consequencia que lhe obrigava a vender.

Cuidaram logo dos preparativos da viagem, e em menos de quinze dias estavam pela barra do Rio de Janeiro fóra, era o brigadeiro portuguez *Fernando 1.º* que partindo para Lisboa, havia destinado tocar em Santa Helena.

O doutor Lima chegou ao Rio de Janeiro alguns dias depois de seu embarque, e muito pesaroso ficou quando soube a noticia de sua viagem, desejava ter vindo mais cedo para poder acompanhá-la, pois que a amizade que tinha a Frederico, lhe fazia tomar por Luiza muito interesse.

O malvado Alfredo não se esqueceu de se vingar do pobre doutor Lima ; por que dahi a alguns mezes foi encontrado assassinado, com duas punhaladas sobre o coração ! As suspeitas cahiram todas sobre Julio Ferraz, o infame agente de Alfredo !...

O brigadeiro *Fernando 1.º* rompendo as ondas com velocidade, fez uma feliz viagem, chegou em uma bella tarde defronte da ilha de Santa Helena, e Luiza ainda que abatida e desconsolada, passou sem maior novidade.

O capitão, depois que fundeu o navio, escreveu a Frederico o bilhete de que os leitores já estão orientados.

(Continua)

M. L. MACHADO.

Poesia e Mocidade.

Foi ao som atroador dos canhões dos soldados do povo, capitaneados por um desses ingenhos que Deos envia para reformar as instituições humanas, que se encerrou esse seculo de discussão e lucta intellectual que nascera ao declinar do reinado de Luiz 14 e vio passar no seu laborioso gyro os vultos grandiosos de Catharina 2.^a, Frederico-o-Grande, Washington, Voltaire e o Marquez de Pombal.

Durante esses cem annos que para o progresso do espirito humano equivaleram a muitos mil, todas as instituições religiosas, sociaes e politicas, haviam comparecido ante o congresso dos elevados espiritos que na Encyclopedia patentearam ao futuro o saber do seu tempo; todas foram analysadas, comparadas, refutadas ou racionalmente acceitas. Mas desse mesmo trabalho de que sahiram tão luminosas idéas, trabalho que expurgou o culto de sua mescla de paganismo; que fez assentar o proletario á mesa do festim social, que reconheceram o direito do povo a intervir na gestão de seus interesses e que lançou do seio das escholhas philosophicas o pedantismo improgressivo; desse mesmo trabalho exagerado e levado até o requinte da duvida analytica, resultou o scepticismo que foi o legado de um seculo racionador e creativo a outro seculo de acção, que devia executar o que elle havia imaginado.

Ao passò, pois, que esses sons atroadores das baterias democraticas, que ao romper deste seculo echeavam nos campos da Europa, annunciavam ao mundo que o povo adormecido pelo regimen sensual de Carlos 2.^o, pelo brilho artistico e guerreiro de Luiz 14, pelas supersticiosas praticas de D. João 5.^o e pelas diminutas concessões de José 2.^o, ia armar-se como no tempo dos tribunos romanos e vir pedir contas, requerer pela força a entrêga dos direitos que as classes superiores haviam usurpado, uma reacção tacita, espontanea, naturalmente successiva, se opperava nos espiritos. Cansados de olharem para o vacuo da ordem moral, de se verem despojados de todas as crenças que dão coragem no presente e fé para o porvir e de tocarem com as mãos os vultos phantásticos da philosophia que se esvaeciam ao toque indefinido do progresso, paráram á borda do abysmo e vieram ajoelhar, remocados por uma nova crença luminosa, junto ao signal de redempção erecto sobre o Calvario.

Um homem que passára longa vida de tribula-

ções e trabalhos, que percorrera os bosques do Novo Mundo e as ruínas dos estados feudaes da velha Europa, atravessou então o estreito de Calais e veio proclamar do centro da capital do mundo philosophico, a verdade, a intima necessidade que todos sentiam! O estylo de seu escripto estava repassado da doce poesia de Goethe, sem com tudo resentir-se da nudez moral deste grande (sceptico) tinha toda a energia de Schiller, sem como este soltar o brado de destruição contra a velha sociedade; tudo o que havia de nobre e verdadeiro nas novas crenças da humanidade elle o accetava e revestia de poesia, fazendo brilhar por sobre a grandiosa exposição de bellezas moraes que descrevia, a estrella sublime do Christianismo! Chateaubriand no seu — Genio do Christianismo, — deu a primeira batalha a favor da restauração christã; e a mocidade que então surgia cheia de rebustez e de intenso vigor, mesmo procurando subtrahir-se ao seu influxo, foi sua discipula, animou-se com as idéas que elle infiltrou, ornou-se com o estylo que elle creára, e opperou sem sentir a salutar refórma que elle tentára.

Meio seculo é passado depois dessa brilhante auróra de nossa época e o que vemos nós? A que attingiram os esforços que duas gerações empregaram para dar ás classes inferiores a instrução e o bem-estar, á litteratura novos incentivos, novas tendências, um Thabor que deixando o Pindo encobrir-se pelas nevoas que no inverno o cercam, acolhesse do seio de um disco luminoso as novas gerações que longos seculos sem esgotamento, por suas veredas caminhassem?

A mesma reacção que naquelle tempo tinha-se effectuado na ordem intellectual, sente-se, reconhece-se geralmente hoje no mundo pratico.

As successivas revoluções que sem madurez, sem oportunidade, ao sopro das facções irreflectidas, abalarám os mais fortes alicerces da sociedade e fizeram desrespeitar os representantes da authoridade, obrigaram os povos a pedir a uma acção militar, filha da força sobre o desanimo, a conservação mesino por meio do arbitrio dos fundamentos sociaes que podiam prometter alguma segurança ao homem civilisado. As innovações litterarias quebrando com as classicas tradições, pediram primeiro á verdadeira perfectibilidade moral, o typo de suas ideaes creações; o coração humano vibrado em todas as suas cordas pelo *lyrismo*, soffregosou de todas as impressões que nascem do puro affecto; mas a esta fórma espontanea com que a imaginação livre casou

os seus delicados labores, succedeu a evocação de todos os factos produzidos pela energia moral, nessa epocha da idade media que vio singularmente enlaçar-se a servidão das turbas com a independencia do individuo, os falsos direitos de conquista com o protesto natural do homem que se apoia em sua força.

A idade media, pois, idealisada, restaurada ao vivo pelos poetas, pelos romanceadores e pelos publicistas foi auscultada, dissecada e ora admirada, ora apedrejada pelo espirito de nosso tempo, conforme se apresentava, ou pelo lado energia individual, ou pelo da obscuridão o da sophistica doutrina dos principios dominantes que se amavam com o mais cruel flahicio. Durante esse tempo a litteratura teve seus momentos de brilho; tudo que era grande foi por ella ostentado; Byron anathematisou e escarneceu dos sophismas sociaes, aspirando incessante para uma esphera mais bella de existencia, de gosos, de sentimentos dominantes.

Continúa.

Vassouras, 8 de Junho de 1856.

REINALDO CARLOS

POESIAS.

Soffrimentos !

Soffro muito, meu Deos ! E' meu destino,
Sobre a terra, soffrer.... sempre soffrer !
Tenho umas botas de bezerro fino,
Que mil vezes me põem os pés a arder !

Não posso mais !... não posso.... que esta vida
Para mim, se torna inferno atroz !
Tenho a minha casaca descosida,
E o forro já se vê... vê-se o retroz !

Do passado só tenho agra saudade,
No presente só sinto amarga dor !
O inverno passo-o todo em frialdade,
O estio, sempre elleio de calor !

E' muito, grande Deos !... Penas tão duras
Não as póde um vivente supportar !
Se, á noute, apago a luz, fico ás escuras ;
Fecho os olhos, de dia, ando a apalpar !

Que crimes tenho eu feito sobre a terra ?
Porque tudo se volta contra mim ?
Tenho um gato maltez, que á noute berra,
E por mais que o enxote, é sempre assim !

Não escuta ninguém os meus lamentos,
E muitos quando eu choro põem-se a rir !
Aos que zombam por ali dos meus tormentos
Hei-de matal-os, todos, e fugir ? !...

Oh ! não.... que eu nunca fui um criminoso !
Mas, por ter um benigno coração,
Na loteria, até, sou desditoso,
Aos outros sahem premios, a mim... não !

A desventura é sorte dos poetas !
Muitos d'elles a tem soffrido já !
Ha no mundo uma sucia de patetas
Que escarnecem de quanto a Musa dá !

E julgando fingido este meu pranto,
Que desgraçado sou não podem crer !
E' muito, grande Deos, não posso tanto !
Esp'rança tenho-a só no teu poder !

E' por isso, talvez que os collarinhos
D'uma camisa nova que vesti,
Não me deixam aqui gosar carinhos
E me obrigam, da terra, a olhar p'ra ti !

Extrahido das Poesias do Sr. F. XAVIER DE NOVAES

Ciumes de um Trovador.

Medonha a noite está !... O céo é negro !...
Tudo annuncia proxima borrasca
Igual á tempestade de meu peito.

Já no espaço lampeja ardente flamma,
De fogo povoando o firmamento ;
E o sinistro piar de torvas aves
Mais triste vai tornando o horror nocturno !

O vendaval furente quo sibilla,
Os coriscos que rapidos dardejам,
O rouquenho trovão que ao longe c chõa,
O funebre rugir de iradas vagas,
São orchestra infernal a meus ouvidos
Aguçados punhaes que me laceram.

Como o tempo é mudavel ! Inda ha pouco
Brilhante se sorria a natureza !
Inda ha pouco, o jamim entre as mais flores,
Sem temer do aquilão lascivos beijos
Embalsamava o ar com seu perfume !

Que quadro para mim ! Feliz outr'ora
Nos vergeis da belleza, entre os prazeres,
Uma flor escolhi p'ra ornar meu seio ;
Mas... ai !... ella murchou !... Nova existencia
Rociada de falsas esperanças
Desbrochou em profano e negro vaso !

Qual flexivel ubá que humilde verga
Ao furor da celeuma que o embate,
E co'a flecha quebrada e já sem folhas,
Vai gemendo oscular da terra a face ;
Assim eu, por mil zelos açoutado,
Oscillando entre amor, entre vinganças
Bem sinto aproximar-se a hora extrema !

Se consigo fugir de quem me odeia,
Sua sombra me segue a toda a parte ;
E qual anjo de morte, de extermínio,
Com sorrisos de mofa e de ironia
Arrastando me vai á sepultura.

Tudo está transformado ! Essas grinadas
Esmaltadas de paz e de innocencia,
Urdidas pelos meus vicosos annos,
Não são mais que hirtas c'oas que me opprimem
Que de continuo pungem minha fronte !

Não poder em momento tão supremo,
Que as crateras do céu vomitam lavas
Espalhando o terror entre os humanos,
Tragada vêr a — ingrata—que me olvida...
E n'um montão de cinzas convertida
Ver essa, que com risos estudados,
Com carinhos fallazes, lisongeiros,
E protervos amplexos fementidos,
Illudido arrojou-me ao—desengano.—

Mulher que tanto amei, e que amo ainda....
Tu zombaste de mim, tu semeaste
Torturas infernaes, inextinguíveis
No viver que me aguarda ; inexp'riente
Deixei-me fascinar pelos teus olhos
Qual douda mariposa esvoaçando
Em derredor da luz que a cresta e mata !

Mulher ! Mulher ! Que tens tu de exprobar-me ?
Acaso eu quebrantei a fé jurada ?
Não consagrei a ti meus pensamentos,
O meu tão puro amor, minha existencia ?
Não eras o pendão de meus anhelos
O brilhante pharol de minha vida ?
Não eras, que a vereda da esperanza
Me fazias trilhar com pé seguro ?
Ah ! Tu córas.... Tu córas de despeito,
De vaidade e desdem com que me insultas !

Monstro, monstro cruel, ludibriaste
De minha pura fé, de minha crença ;
Julguei-te do meu Deos a linda imagem,
Santuário de recedentes flores
De fulgidas virtudes.... Insensato !
Que nem senti teu peito pervertido
Coração de demonio amamentando !

Maldição sobre ti, mulher perjura,
Que entender não soubeste meus suspiros,
E nem, sequer, em teus fictícios sonhos
Traduziste um gemido de minha alma !

Maldição sobre ti, que lacrimosa
Juraste consagrar-me — amor eterno ;
Sobre ti, que a meu terno e flebil peito
Induziste a ideiar porvir micante
Que transformado sinto em densas chammas.

Todas as furias do medonho inferno
Te convertam... Ah ! não, a mim compete
A sentença firmar de tantos crimes....
Quero ser teu Juiz... O teu verdugo...
Com minhas mãos cavar-te a sepultura;

Trincar-te o coração, cuspir-te o rosto....
E as satanicas viceras nefandas
De conspurcados vermes corrompidas
Arrojadas por mim serão aos corvos ;
Em quanto teu vil nome, maculado
Do ferrete infamante do — perjurio—
Nas mortíferas azas do — despreso—
E entre mil imprecações envolto...
Ao tempo voará do—esquecimento.—

Angra, 1850.

F. A. DA SILVA LIMA.

Não sabes ?

Não sabes que eu te voto amor, Lucinda,
Que teu retrato conservei no seio,
Que esse teu nome, tão suave, leio
Em toda a parte, a que desejo olhar ?
Que ou acordado, ou mesmo em sonhos bellos,
A toda hera em torno a mim diviso
Teu lindo rosto, o encantador sorriso,
Que aos roseos labios, doce vem pairar?

Não sabes, virgem, que no triste dia,
Em que teu rosto, tão gentil não vejo,
D'alma alegria, nem fugaz lampejo
Por entre as sombras para mim reluz ?
Não sabes tu que para mim estudo,
Que teu amor, é meu porvir no mundo,
E que da vida neste cahos profundo
E' de teus olhos que eu recebo a luz ?

Não sabes tu que no meu seio pulsa
Com força immensa o coração amante,
Se posso ás vezes encontrar diante

Dos olhos meus, de teu olhar o ardor ?
 Não sabes tu que por te ver um dia,
 Logo fiquei a teu poder sujeito,
 Que desde então não mais senti no peito,
 Senão por ti adoração e amor ?

Não sabes que eu, se fôra rei, te dera,
 Meu solio nobre, minha c'roa d'ouro,
 Que nesse lindo teu cabello louro
 Ricos brilhantes q'ria ver fulgir ?
 Que o reino dera por te ver nos olhos
 A meu amor uma promessa doce,
 Que se do mundo, soberano fosse,
 O mundo dera por um teu sorrir ?

Mas ai ! oh virgem, nada posso dar-te,
 Ai ! nada, nada, só amor ardente,
 Nem o meu fado ameaçador, consente
 Que espere um dia teu amor gozar !
 Mas se não posso minha vida á tua
 Ligar com laço mui feliz, perfeito,
 Posso no fundo de meu terno peito
 Render-te sempre aderação sem par.

Rio, 6 de Dezembro de 1855.

E. A. DE B. RIBEIRO.

Poesia.

Aquelle que sobre as ondas
 Soffre Neptuno inimigo,
 Vem gosar no patrio abrigo
 Fructos d'amargo suor.

Tudo, ó Céos, muda de face,
 Só não muda a minha dôr.

Dentro de funda masmorra
 O triste escuta a sentença ;
 Mas exulta na presença
 Do amigo libertador.

Tudo, ó Céos, muda de face,
 Só não muda a minha dôr.

A purpurea, fresca aurora
 Quando apparece risonha,
 Da noute escura, e medonha
 Foge o mal, fuge o pavor.

Tudo, ó Céos, muda de face,
 Só não muda a minha dôr.

Por entre a mimosa relva
 Jaz a planta amortecida,
 Porém vem tornar-lhe a vida
 Orvalho consolador.

Tudo, ó Céos, muda de face,
 Só não muda a minha dôr.

No feio inverno a campina,
 De lucto se vê coberta,
 Mas outra estação lhe offerta
 Novo esmalte, nova côr.

Tudo, ó Céos, muda de face,
 Só não muda a minha dôr.

O mortal mais desditoso
 Chega a vencer a desgraça,
 E a beber por aurea taça
 O doce nectar de amor.

Tudo, ó Céos, muda de face,
 Só não muda a minha dôr.

Se a meus rogos um momento
 Vejo o fado compassivo,
 Foge o breve leuitivô,
 Torna-se o fado peor.

Tudo, ó Céos, muda de face,
 Só não muda a minha dôr.

Oxalá que á morte horrivel
 Minha vida inveja faça !...
 Mas té por minha desgraça
 Tenho a morte em meu favor.

Tudo, ó Céos, muda de face,
 Só não muda a minha dôr.

Olho aos céos, e os céos se escondem ;
 Volto á terra, em vão lhe brado ;
 Leonor chamo.... e neste estado
 Ninguém ouve o meu clamor.

Tudo, ó Céos, muda de face,
 Só não muda a minha dôr.

Infernaes medonhas furias
 Acolhei-me por clemencia,
 Só em vós minha existência
 Um dia achará favor.

E já que tudo se muda,
 Vejo o meu fado inimigo,
 Que juntamente commigo
 Tambem muda a minha dôr.

SERPA PINTO.

VARIEDADES.

Como este ha muitos.

Um distincto litterato auctor de alguns dictionarios, sendo um dia interrogado sobre a significação de ostracismo, respondeu : — Ostracismo era um castigo barbaro usado na antiga e civilizada Grecia (olha só !) que consistia em fazer com que o condemnado comesse ostras até rebentar. O mesmo sábio adoeendo perguntou ao medico a que attribuua sua molestia — E', diz-lhe o doutor, proveniente de sua vida sedentaria. — Ai de mim ! disse o heroe, bem me dizia minha mulher que não comesse tanta pimenta. Outra occasião ainda o nosso homem, elogiando a resignação de sua consorte nas dores de seu ultimo parto (d'ella) disse : a respeito de parto nunca vi mulher mais varonil.

EU.

Deos os fez e o diabo os ajuntou.

Um padre de boa vida criticava em uma reunião de certo marido e mulher que elle havia casado, até que um sujeito, por innocencia, lhe disse : Isso é verdade, Sr. Padre, Deos os fez e o diabo os ajuntou.

EU.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA,
 Rua da Valla n. 111.

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 29 de Junho de 1836

N. 21

LITTERATURA.

Paginas intimas.

XIX

ISTO E' SPLEEN!....

(AO ESCORREGAR DA PENNA.)

Não sei como vol-o diga, leitores, mas tenho saudades daquelle tempo em que fallava ao coração, se é possível haver coração no meio desta sociedade imponente e faustosa, que aceita tudo sem reflexão.

A imaginação deslisando-se brandamente por cima de tudo quanto podia abranger, ia repousar á sombra d'aquillo que amei outr'ora, e que ainda amo hoje. Ella parecia alegrar-se com a recordação desses ledos e risonhos dias da infancia, com os affagos e carinhos que despenderam comigo, com tudo, enfim que fórma a melhor pagina do livro intimo de qualquer homem.

Ahi vinham as flôres, com seus agradaveis perfumes, juntar-se aos sorrisos innocentes de meus irmãos.

Ahi vinham os passarinhos entoar seus cânticos de festa, quando bem perto de mim a voz suave e pura de.... um anjo, acompanhava os mimosos filhos da natureza!

Tudo isto era tão bello e encantador, que a imaginação repousava.... tanto que eu sentia-me outro, e por effeito dessa rapida transicção depunha no papel os meus mais intimos e charos pensamentos. Eu só os podia avaliar, eu apenas comprehendia a expressão delles, e muitas vezes me serviram de balsamo consolador.... Hoje, não sei porque fatalidade, não posso voltar ao que fui! Também para que? O leitor, ao ler esses pensamentos intimos, soltaria uma gargalhada ironica, apoz do que me chamaria — tolo.... E esta? não

cabi na asneira de esquecer que tenho 22 annos, idade em que olhamos já para o passado com uma pesada indiferença? Felizmente que o *choro* foi de momentos!.... Não, leitores, enganei-vos quando disse que isto era *melancolia*. Melancolico, eu? quando tanta gente ri, uns por prazer, outros por imitação e o resto por tolice?! Nada, tomemos parte em tudo, Folgar, rir, pensar apenas no dia de hoje. procurar todos os modos para que a *negra* não venha apanhar-nos desprevenidos, e o resto.... o futuro, o futuro é um senhor carrancudo quasi sempre, ri apenas para mostrar os dentes. O passado, esse é um velha que usa de chinó, e toma rapé. Por consequencio Srs. *passado* e *futuro*, recolham-se aos bastidores....

Vou hoje fallar-vos d'uma certa especie d'animaes, a que chamarei — *por classificar*, e que encontrareis em qualquer parte gosando das delicias que lhe proporciona uma vida de rosas.

E' mister primeiro declarar-vos que esses animaes, racionais pelas leis da creação, deviam ser considerados na eschola que pertence aos *quadrupedes*, *amphibios* ou *reptis*, &c., &c., sendo preciso que um conselho de homens de senso os distribuisse conforme o seu merecimento. Se eu tivesse a honra de pertencer a esse conselho, poria a maior parte em primeiro lugar, porque quasi todos os quadrupedes são animaes de carga, e eu teria summo rigosijo em vel-os transitar pelas ruas, carregados, em lugar de os ver, como quasi sempre vejo, em cima de *seus irmãos*, ou o que é a mesma cousa, dentro d'um vehiculo puchado por quadrupedes. Não posso indicar-vos com precisão onde encontrareis esses *não classificados*, o que é certo é que os encontro a cada passo, e o acaso me força a estar em contacto com elles algumas vezes. Comtudo eu (ue os conheço ás leguas, fujo-lhes como o diabo foge da cruz, e venho para casa com a firme resolução de lhes conceder um lugar especial nos meus obscuros

artigos. Como vos prometti fallar nesses animaes, vou prevenir-vos do resultado que obtive após d'um maduro exame.

Começarei pelos *quadrupedes*.

Quadrupedes, são aquelles que com o honroso nome de homens teem entrada em toda a parte, patenteando nos seus menores actos o quanto a natureza foi avara para elles dos sentimentos que formam do homem um animal racional.

Quadrupedes, são aquelles que disputam a primazia em tudo, quando elles não comprehendem que com a dextra se faz o signal da cruz.

Amphibios são aquelles que arrastando-se pela lama onde foram lançados por ignominia, chegam a assentar-se a par dos brilhantes ornamentos da sociedade. Ah! collocados lançam uma vista d'olhos para o espaço que acabaram de pisar, e com um sorriso de satisfação vão dizendo — entre dentes — aqui estou melhor, mas aquelle lugar deixar-me-ha saudades.

Reptis, são todos aquelles que empregam os melhores dias da vida a morder no proximo, acabando por dizerem : é em beneficio da sociedade em geral, o veneno que me sahe dos labios acabará com todos os abusos que reinam nella.

E eu que os conheço, leitores, não posso dizer-vos qual destas tres especies é a mais nociva. Decidi vós, na certeza de que lhe concedeis um favor especial se ao encontrar-vos com elles sentis que pisem o terreno que vós pisaes... E a mim conceder-me-heis um grande obsequio se tiveres a complacencia de ler estas *Paginas intimas* até ao fim !....

Rio, 27 de Junho de 1856.

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação do n. 19.)

— E' singular, disse o doutor Gama depois que seu tio se retirou, esta carta veio produzir sobre mim uma impressão assaz desagradavel; sem profunda-a sinto, como Carlos, que alguma grande desgraça virá interromper o socego e o bem-estar desta familia. ... Vamos, continuou elle após um instante de reflexão, ha de evitar-se, senão no todo ao menos em parte.

O doutor deixou o jardim, e quando ia a su-

bir as escadas que communicavam com a varanda, encontrou o dono da casa.

— Luiza ? perguntou este.

— Não tive ainda o gosto de vel-a esta manhã, respondeu o mancebo com voz tremula.

— Não a deixou no jardim ?

— Tive a honra de dizer-lhe já que não fallei ainda com sua filha. Mas a que vem estas repetidas perguntas ?

— Por uma razão mui simples á primeira vista, mas d'alguna importancia para mim.

O doutor Rego explicou a Henrique os habitos da casa, disse-lhe que não recebendo a costumada visita de Luiza, fôra ao seu quarto, porém que a não achára lá. Informou-se dos creados, responderam-lhe como o fizera o doutor Gama.

— Não deixa de dar-me serios cuidados a falta de minha filha, concluiu o doutor, porque jámais esqueceu que o seu primeiro cuidado era reclamar a benção paternal ; não o fez hoje, ninguém a vio.... é celebre !

E o pobre pai combatia uma multidão de idéas oppostas, sem poder firmar-se n'uma.

Henrique advinhava as torturas que devia soffrer o coração deste bom pai. O mancebo comprehendia, apesar da sua pouca idade, que estes dous entes não podiam viver um sem o outro.

O doutor Rego via em Luiza aquella que amára com todas as forças de sua alma ; a joven via em seu pai o resto dessas ternas e doces afeições que nos rodeam na infancia. Perder Luiza era o mesmo que perder seu pai.

— Socegue, Sr., disse Henrique, talvez que Luiza fosse passear ao campo ; a manhã está lindissima, e as mulheres apreciam bastante ver raiar o sol.

— Não, Luiza é pouco inclinada aos passeios matinaes ; a fazel-ô não sahiria sem advertir-me com antecedencia.... masahi vem o Sr. Tristão, talvez que elle nos possa dar noticias della.

Era com effeito o brasileiro que entrava no jardim.

— Bom dia, doutor ; disse elle do fundo das escadas, venho procurar meu sobrinho ; não me apparece em casa desde hontem á noute ; é um estouvado, e que jámais poderei subjugar.

— E eu procuro minha filha, respondeu o doutor Rego, dá-me noticias della ?

— Eim ? exclamou o brasileiro alcançando a varanda, não comprehendi bem.

— Não vejo do mesmo modo Luiza desde hon-

têm de noute, tornou o doutor ; suppoz que a tivesse encontrado.

— E esta ! um procura a filha, e o outro o sobrinho ; é galante a aventura.

Uma idéa terrível assaltou o espirito do doutor Rego ; a falta de Carlos, o desaparecimento de Luiza, certos precedentes, tudo o induzio a crer que o primeiro a raptára.

— Mas é impossivel ! disse elle como se respondesse a si mesmo, Carlos é um mancebo de sentimentos nobres, e um tal crime praticado por elle....

— Não, disse Henrique comprehendendo o que queria dizer o doutor ; Carlos não é capaz de uma acção tão infame. E com que fim ?

— Não entendo, atalhou o brasileiro.

— Receia o Sr. doutor, respondeu Henrique, que seu sobrinho seja a origem do desaparecimento de Luiza.

— E' uma injustiça que lhe faz, meu amigo, Carlos é um leviano, um extravagante, mas já-mais faltarão aos deveres de homem honrado ! Nessa parte eu tomo a sua defeza.

— Perdão, eu não soube o que disse, tornou o doutor Rego em tom sentido, mas deve comprehendere que quando se trata d'aquillo que mais amo na terra, além de Deos, é desculpavel qualquer conjectura.

O doutor deixou cahir a cabeça sobre o peito, e soltou um suspiro

— Animo, Sr., disse-lhe Henrique, sua filha ha de apparecer ; eu vou procural-a, acompanhado de meu pai ; meu tio deve encarar o caso pelo lado ridiculo....

— Estás enganado, e a prova é que desde já me offereço para seguir-te, atalhou o tio Cardoso, entrando na varanda precedido de seu irmão.

— Vamos, pois, disse este ; toda a demora nos é prejudicial ; temos um pai que pede aquillo que tem demais charo no mundo — sua filha.

— Obrigado, meus bons amigos, obrigado, porque sabeis avaliar a dôr de um pai.

E os tres iam a retirar-se.

— Esperem, eu tambem os acompanharei, disse o brasileiro.

— E' inutil, respondeu o tio Cardoso ; fique porque nós costumamos andar despressa, e o Sr. transtornar-nos-hia o nosso projecto ; descanse, porém, que vamos resolvidos a trazer-lhe a boa peça de seu sobrinho. Adeus !

Continúa.

Os esfaimados

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

III

A DESCOBERTA.

(Continuação.)

— Oh ! meu Ricardo, mas Maria não gritava ; não ! porque não podia. E' de suppor que levasse alguma mordaca ; eu ouvi seus gritos abafados, mas era só, e assim mesmos ia-me perdendo ; cheguei a armar as pistolas e a correr atraz delles, porém pensei ; e só os segui para descobri-los ; e ambos andavam a bom andar.

— Oh, Sr. José ! uma quadrilha de contrabandistas habitam na *casa solitaria*, é por isso que todos julgam que são almas do outro mundo que por ali andam.

Final' chegaram ao centro da povoação e cada um tomando para seu lado, foram bater com força na portas de todas as casas que ficavam junto á rua.

Os moradores acordaram, e sahiram sobresaltados, e no rosto de quasi todos se viam os estragos da terrível fome, que continuamente ia diminuindo a povoação.

— Amigos !... habitantes de Santo Antão !... acordai !... um horroroso crime se acaba de commetter !...

E todos assustados perguntavam uns aos outros : o que foi ? o que aconteceu ?

— Uma porção de contrabandistas roubaram agora a filha do Sr. José dos Santos ; esses homens malvados estão na *casa solitaria*, são contrabandistas ; têm uma grande porção de comestiveis, vamos, amigos !... estamos morrendo de fome, a necessidade não tem lei, corramos a apossar-nos de tudo ; é preciso punir esses malvados !...

E em um instante uma grande porção de homens armados de páos, chuços e outras armas estavam esperando a voz da partida.

José e Ricardo appareceram logo com mais alguns, e gritando com força disseram :

— Amigos, é preciso não termos medo, o nosso numero é superior, havemos de vencer ; vamos.

E todos qual um pelotão de revoltosos, puzeram-se em marcha para á *casa solitaria*. Ricardo ia á frente, contando a José a maneira porque tinha descoberto os roubadores de Maria

— Sim, amigo José, apertado pela fome, de que padecem quasi todos em Santo Antão, tinha ido ao lado opposto da costa, porque tinha ouvido fallar que lá costumavam vender comestiveis ; para poder comprar alguns para minha pobre mãe. Encontrei no caminho uma mulher que me disse o contrario, porém não lhe dei credito e segui meu caminho. Cheguei a final á praia, mas nada vi ; esperei assentado em um rochedo, e appareceu um pequeno barco, que fundeou á algumas braças da praia ; gritei-lhe, mas não apparecia ninguem ; passados alguns minutos vi por entre os rochedos onze homens cobertos com capotes, e via-se que traziam armas. Assustado escondi-me na cavidade de um rochedo, donde podia ver o que elles faziam. Então o barco atracou a umas pedras e descarregou uma grande porção de barricas, que os homens carregaram, e se sumiram por entre os rochedos. Depois o barco largou, e vi destacar do grupo dous homens que tomaram o caminho onde eu estava ; julguei-me perdido ; escondi-me o melhor que pude, e elles andaram por cima dos rochedos, e por algumas palavras que ouvi conheci que me andavam procurando ; armei as minhas pistolas, e puz-me á espera dos meus inimigos. Mas passados alguns instantes vi-os descer e irem reunir-se aos outros. Depois seguiram todos por entre os rochedos e perdi-os de vista. Julgava que não os veria mais, sahi e fui seguindo pelo caminho que elles tinham ido. A noite principiava, e era-me favoravel, pude ao longe vêr um grande carro carregado, que elles escoltavam, fui-me occultando á proporção do caminho, e depois de fechar a noite seguiram, e eu tambem os segui de longe ; quando apparecia algum relampago, deitava-me para não ser descoberto. A final chegaram á *casa solitaria*, e descarregaram o carro e a porta fechou-se. Convenci-me de que vendiam depois os comestiveis por um preço fabuloso ; e voltava para casa por um caminho opposto ao que devia ; mas muito devagar pelo grande cansaço com que vinha. Chegado que fui áquella cerca assentei-me para descansar, e d'ahi a pouco ouvi grande tumulto de passos e gritos abafados ; pude reconhecer que era a voz de Maria, levantei-me, armei as pistolas e corro atraz delles, mas um relampago foi a minha salvação, porque reconheci que eram os mesmos malfatores ; eu só não podia fazer nada, segui-os de longe, e elles foram levar Maria para a *casa solitaria*.

Voltei correndo para ir avisar-vos ; quando passava pela mesma cerca, vi brilhar a candeia, e julguei que fosse algum dos malfatores que tivesse ficado atraz ; escondi-me atraz d'uma arvore e como vós ouvistes o barulho dos galhos seccos, foi a nossa salvação, senão iríeis ter á *casa solitaria* e vos assassinaríam ; porisso agradeçamos a Deos ; e redobemos de ardor ; dentro em breve chegaremos. — Vamos, rapazes, passo ligeiro!... é preciso chegarmos já!...

Continúa.

Dissertação.

Acabavam de dar 10 horas e meia no relógio da matriz de S. Julião na Villa de *** ; era no mez de Dezembro de.... o dia estava tão lindo como esses da formosa Primavera, em que o Sol com seus ardentes raios projecta por entre a verdura das campinas, emmurhecendo a mimosa flôrinha, aljofarada pelo rocio matutino....

Hora fatal ! que soastes a meus ouvidos como o som lugubre da campa, que annuncia ao pa-decente o ultimo momento da sua existencia!.... Era essa a hora da partida.... hora em que eu ia deixar o ente que mais charo me era no mundo.... poucos minutos restavam para lhe dizer, quem sabe se o derradeiro adeus !.... Oh ! Ceos ! que dôr terrivel soffria meu coração naquelle momento ! ia separar-me desse idolo que tão bem soube attrahir meu coração ; e deixal-o entregue á mais pungente dôr ; privado assim de quem fazia a sua felicidade.... forçoso, porém, me era partir, resignando-me com a sorte ; pois tinha de cumprir esse dever filho da necessidade.... um osculo imprimi em seus labios, como signal de eterna fidelidade, e um abraço foi o elo que unio mais uma vez nossos corações ! Desappareci.

Em poucos momentos o baixel aproado para a cidade de L.... sulcava as prateadas aguas do bello e pittoresco Mondego, bafejado pelo galero no sopro da brisa.

Não tenho forças, não, para descrever meu infeliz e desgraçado estado ; mas oh ! vós, que tendes pela vez primeira amado e sentido escaldar-vos no peito o ardente e puro amor votado a uma mulher que pela ternura de seu coração e magnificencia de sua alma, a todo o transe se deixa enleiar nas cadeias tão destramente tecidas

por Cupido, julgai de meu martyrio nesse momento !... Em meus ouvidos ainda repercutiam seus dolorosos gritos, que cortavam uma a uma as fibras de minha alma !...

Oh ! quanto é triste a separação de uma amante quando se sente girar em nossas veias o fogo abrasador de um violento amor ! quanto não é preferível uma morte instantanea aos penares de uma ausencia da mulher que se adora ! mil vezes antes a conclusão desses dias azinhos que Deos nos concede, muitas vezes, para supplicio de nossas almas ; do que longos annos de vida no goso de todos os prazeres, sem termos de nos ver ao lado daquella que tantas vezes nos deu momentos de verdadeira felicidade.... Mas ai de nós, tudo fenece neste mundo de provas, e as larmas do infortunio chamam pelos gemidos do desespero !

Já não vejo a visão acariciadora de meus sonhos.... não tenho junto a mim essa imagem que encantou alguns dias de minha existencia.... Meu Deos ! compadecei-vos deste infeliz ; dai-me um momento de resignação.... em vão imploro... meus rogos não chegam ao céo.... Nem uma esperança me é dada para sobrevir a tanto infortunio !.... Ah ! que a ventura que me deste, e o goso de teus beijos que tantas vezes devorei com o ardor de minha alma está tão imprimido em meus sentidos que a todos os momentos me recordo desse passado.... esse passado perdido para sempre !.... Sonho junto a ti ; e vejo-te como outr'ora entregue em meus braços, acariciando-me como a mais terna mãe o póde fazer a um filhinho.

Oh ! mulher sublime e adorada ! quanto fui ingrato abandonando-te na occasião que tanto precisavas dos carinhos e doçuras d teu amor ; porém tu bem sentias a necessidade que me obrigava a separar de ti, ó idolo charo de minha alma ! e muitas vezes concordamos, mutuamente, em que a demora nos seria nociva : os meios que se deviam oppôr a esta separação estavam esgotados.... um dia tinha de se ser o fatal ; e no livro do meu destino estava prognosticado que eu devia voltar ao meu antigo exilio ; soffrer muito e muito longe de ti e procurar todos os meios de vencer essa barreira sempre opposta á nossa ventura.

Oh ! meu Deos ! quantas dores e amarguras passei nessa viagem que tanto ambicionava concluir ! quantas recordações me vinham transtor-

nar minha mente escandecida ; mostrando-me teu infeliz estado.... mas, que fazer, quando se aproximava a realisação do que vaticinamos na tarde de 29 de Junho de 185... ? Muito terei que agradecer a Deos se me der um momento ao menos para o arrependimento, e lavar de minha alma essa nodoa execravel, de que, sem duvida, eu fui o unico culpado. Porém não ! oh ! não ! não sou ainda uma victima do amor venenoso... bem sabes que elle não tem lei e que fomos arrastados sem reparar no abismo em que nos iam precipitar....

Junho 29 de 1856.

SIMEÃO PINTO VICTORINO.

O S. João na minha terra.

São dez horas da noite. Apenas de quando em quando se ouve ao longe o estouro de uma das classicas bichas da China, como para me recordar que é hoje o dia de S. João ; que nasceu hoje aquelle que primeiro adorou o Messias ; que é hoje aquelle dia de folguedos e divertimentos populares tão festejado até pelos proprios Mouros. Repito aquella trova que na minha terra ninguem ignora :

Que festas farão os mouros
No dia de S. João ?
Correm todos a cavallo,
Com canas verdes na mão.

Mil pensamentos me assaltam a idéa, e o coração me foge para a pátria nas azas do pensamento.

Condemnado a esta insana monotonia, graças ás medidas policiaes, queria conciliar o somno, mas a lembrança da patria, desses innocentes brinquedos que se perdem na noite dos tempos, impelle-me a traçar algumas linhas sobre o papel, e dar conhecimento aos leitores da *Saudade* deste embate de idéas que me devoram o espirito.

Não tenho esse prurido de escrever, que diviso nessa falange de jovens estudiosos e intelligentes cujos artigos ornam as paginas da *Saudade*, pois conheço quanto é ardua a tarefa de escrever para o publico, sem duvida de todas a mais difficil de desempenhar ; e por isso peço aos leitores que relevem algum erros que possam haver na dicção rasteira deste artigo.

Sete annos são decorridos que vivo longe da

patria ; porém nunca como hoje senti tão pungentes saudades do meu torrão natal. A esta hora lá estão ranchos de aldeãos em volta d'uma fogueira, entoando canções só proprias deste dia, lá estão queimando a alcachofa que só amanhã dará á credula donzella a difficil resposta concernente ao amor do seu namorado ; lá se estão lavando as ditosas e engraçadas Marias n'uma das mais proximis fontes, na persuasão de que amanhã serão mais bonitas.

Ha em Portugal muitas funcções de Igreja, muitas romarias, muitas procissões, que não obstante concorrerem para o esplendor da religião, não obstante trazerem muitos interesses locais, ninguém se lembra dos fins principaes para que foram instituidas.

O povo corre ás funcções de igreja, como que para um espectáculo gratuito, ouve o sermão que quasi sempre diverte mas raras vezes converte e volta para casa satisfeito de ter cumprido um dever religioso. As romarias servem para os Manoeis namorarem a seu modo, e fazerem mil protestos de amor, de que no outro dia senão lembram. As procissões seduzem pelo apparato com que são feitas, pelo luxo que se ostenta, pelas janellas apinhadas de senhoras, pelas bandas de musica: porém acabadas ellas quasi ninguém se lembra dos tormentos do Redemptor que tem visto representar.

Não quero dizer com isto, que se devam acabar ; o que digo é que não ha outro dia que como este nos recorde nossos costumes patriarchaes, e que dê provas tão manifestas da boa indole daquelle povo, e crime será não lhe aproveitar todas as inspirações generosas.

Folgamos de ver conservados esses costumes pastoris que nos fazem lembrar o Eden terreal ; mas quem sabe, se essa lava destruidora a que por escarneo chamam progresso, está invadindo esse tegado de nossos avós !! Lembrar-se-ha alguem de fazel-os desaparecer ? Talvez.

Conceda-nos o Céu todos os progressos com que outras nações tanto se teem enriquecido : ouça-se o sibilar da locomotiva de uma a outra extremidade de Portugal : illumine-se a gaz todo o reino : conservem-se porém tão antigos usos.

Ao passo que estes innocentes divertimentos nos fazem conservar reminiscencias agradaveis, nenhum damno podem acarretar.

Que prejuizo póde resultar de que a innocente donzella acredite que um bochecho d'agua á meia noite, seja o oraculo que lhe revele a fide-

dade do seu adonis ? ! Será este o paradeiro do do Wagon ? ! Irá isto offuscar a luz do gaz ? ! !

Difficil seria enumerar todas as maneiras de festejar tão memoravel dia ; sendo certo, que lá não faltam fogueiras e em torno dellas numerosas donzellas em danças e cantares só proprios deste dia : porém ainda mais difficil seria descrever as saudades que neste momento me atormentam ; é por isso que não continuo a cançar os leitores com os lamentos d'un exilado.

M. X. V. DA SILVA AMARAL.

POESIAS.

Chamamos a attenção de nossos leitores para a seguinte poesia (principalmente para a parte lyrica) do nosso assignante e collaborador o Illm. Sr. João Dantas de Sousa.

O escravo.

Oh tu ! Nume celeste — Liberdade !
Effigie que, aos humanos sobre a terra
Em fôrma de mulher te representas,
De brancas finas telas revestida ;
Na dextra, de rainha altiva o sceptro
Empunhando orgulhosa ; ás plantas junto
Um plaustro tendo com o tirano jugo
Despedaçado ; quem, oh ! quem no mundo
Um só momento deixará de amar-te ?
Quem haverá, que á tua voz, não sinta
Pulsar seu coração ? Quem não suspira,
Liberdade, por ti ? Quem sobre a terra
Por junto a tua masgestosa fronte
Sem a fronte humilhar passára ousado,
Deosa querida do Universo inteiro ? ! !...

Ditosa Liberdade ! oh ! como grata
Na terra, e prasenteira aos olhos turvos
Do triste que suspira entre as algemas
Do cativoiro tredo, te apresentas ! !...
Liberdade, eu te vejo ! oh ! livre é tudo
Quanto abranger a minha vista alcança,
Os meu ouvidos quanto escutar podem,
Quanto me envolve, emfim, cêrca e rodeia...
De ramo em ramo, ledos passarinhos
Que aligeros pulando se balouçam
Entoando de amor hymanos festivos ;

Fragrantes, meigas, por entre a folhagem
 Da copada espessura, prepassando
 As auras ciciando lentamente ;
 O murmurio da lympha, que deslisa
 Preguiçosa, por entre a verde relva ;
 Esse rugir tão triste e melancholico
 Da cascata longiqua a despenhar-se
 Na correntesa, os seixos arrantando ;
 E o bramir fremitoso dessas vagas
 Que na praia, espumando, a vida perdem,
 Aos ouvidos repetem : Liberdade ! !
 Liberdade, inda vejo, ainda escuto,
 Na vastidão immensa das campinas,
 Que n'amplidão se perdem dos espassos ;
 Nesses annosos carcomidos troncos,
 Quaes destemidos reis entre a cohorte,
 Altiua a coma erguendo na espessura ;
 Nas lindas mariposas que adejando
 Ora aqui, ora ali vão finalmente
 No calix se occultar da flor mimosa,
 E mais, em fim, nos serros magestosos
 Que ao Empyreo se elevam, nesse infindo
 Horisonte fulgido. .. eu só. desdito
 Que livre vi do dia a luz primeira,
 Escravo hei-de viver entre cadeias
 Ludibriado pela turba insana
 De irmãos degenerados, sem ao menos
 Ter para me sorrir uma estrellinha
 Do venturosa, de fagueira esp'rança ? ! !

Livre nasci, livre ao mundo
 Meus tristes pais me lançaram,
 E o berço grato e jucundo
 De minha infancia embalaram ;
 Livre, entre as palmas virentes,
 Sob os tropicos ardentes
 D' Africa, ainda innocentes
 Os meus dias se passaram !

Livre já fui como a brisa
 Que de mim voa em redor ;
 Qual essa vaga indecisa,
 A' praia vindo em fragor,
 Livre, qual a flor no prado ;
 Qual fera no descampado ;
 Ou passarinho encantado
 Soltando hymnos d'amor !....

Hoje não tenho caricias
 De irmãos, parentes ou pais ;
 Já não goso hoje as delicias
 Desses sonhos ideaes
 D'outr'ora ; desventurado,
 Hoje, aos grilhões subjugado
 Nem mesmo achar só me é dado
 Um lenitivo a meus ais !...

Hoje nem sei o que é feito
 D'essas que deram-me o ser !
 Aos duros ferros sujeito
 Do captiveiro a soffrer ;
 Hoje sem patria, descrido,
 Pela turba perseguido,
 De irmãos ao ouro vendido
 Escravo devo morrer....

Morrer escravo !.... pois seja....
 Soffrerei como christão :
 O mundo, qu'importa, veja
 Só em mim a servidão ;
 Se dos céos escuto a voz !
 Sobre as cans de meu algoz
 Bradando turva e feroz
 A palavra : — Maldição

Maldição ! e os echos fallam !
 Alem já repercutindo !
 Maldição ! mil sons resvalam
 Lá das cavernas sahindo !
 Maldição ! diz sobre a areia
 Da praia ao longe — Idomeia,
 A vaga que geme e aneia
 Undisonante bramindo....

Mesmo os ferros que agrilhoam
 Meus pulsos, sem compaixão,
 Mesmo as brisas que resoam
 Me respondem : maldição !
 Maldição ! ouço, rugindo,
 Com furia repercutindo,
 Ramos e troncos partindo,
 Lá no deserto o aquilão !

Maldição !... é este o brado
 Do orbe inteiro em redor,
 Desde a alta serra té o prado,

Desde o prado á meiga flor,
 Desde o palacio do nobre
 Que de gallas mil se cobre,
 Ao triste albergue do pobre,
 Contra meu impio senhor !

Captivo, não tenho o dó
 Dos potentados do mundo ;
 Que para elles sou pó
 Boiando n'um charco immundo :
 Mas o qu'importa ! eu lhes pago
 Com este rancor que trago
 Bem concentrado no amago
 De meu peito setibundo !

Não quero !.... odeio a amisade
 Do potentado e senhor !
 Que não tem sinceridade
 Do misero sorrindo á dor
 Quero a sim, mas tão sómente
 Do desgraçado gemente,
 Que os males meus também sente,
 Quero-a a fim do trovador.

Do trovador, que orgulhoso
 Não verga a fronte a ninguém !
 Calcando aos pés sempre iroso
 Servil o incenso, em desdem !
 Porém que sente e da lyra,
 Constante, os sons que respira,
 Do triste á voz que suspira,
 Casou nos echos d'alem !...

Desse sim quero as ternuras,
 Quero seu meigo trovar ;
 Dulcificando as torturas
 De meu acerbo penar !
 Porém desse nobre e altivo
 Que insensa o rei ; mas esquivo
 Desdenha os ais do captivo,
 Só quero o sangue tragar !...

Rio de Janeiro, 1856.

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Soffrer.

O que vae dentro dest'alma ? !
 Tanta dor que só se acalma
 Sobrevindo maior dor !
 Tanta esperança nascida,
 Tão affagada.... e perdida,
 Tanto fel e tanto amor !

Tanto fel que envenena
 Esta vida, que serena
 Eu veria deslizar
 Se ao menos acreditasse
 Que *outro tempo* voltasse,
 Se me podesse enganar.

Não posso, não m'enganava...
 De mais impeto que a lava,
 Mais ardente que um volcão
 Tanto amor ou mal aceito.,
 Ou mal pago e satisfeito,
 Desfaria a illusão !

Fique pois dentro em mim mesmo,
 Nem eu darei a esmo,
 Nem rirão do meu amor,
 Embora sinta n'esta alma
 Tanta dor que só se acalma
 Sobrevindo maior dor !

S. Paulo, 21 Agosto 1853.

J. C. L.

RIO DE JANEIRO— TYP. DE F. A. DE ALMEIDA,

Rua da Valla n. 111.

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 6 de Julho de 1856

N. 22

LITTERATURA.

Camões, Maria II e Pedro V

O Sr. José de Moraes Silva acaba de publicar uma *Allegoria* com o titulo acima, e que dedicou ao insigne poeta portuguez o Exm. Sr. A. F. de Castilho. O elevado do assumpto e a boa disposição do Sr. Moraes inspiraram-lhe alguns bellos versos.

A descripção do *Parnaso da Lysia* tem o merito poetico que se revela á primeira vista — sem muito estudo. Os versos em que falla a *Inveja*, a allusão da pomba que pousou sobre o feretro da senhora D. Maria II de saudosa memoria, são, em nosso entender, os melhores trechos da *Allegoria*. Ha n'elles muita naturalidade — muita inspiração. Não permitem os estreitos limites d'este jornal que façamos da obra do Sr. Moraes uma succinta resenha, comtudo é nossa convicção que com mais algum estudo e perseverança virá a conquistar o lugar a que tem direito o seu bom gosto e talento.

Recommendamos pois, aos nossos leitores, a *Allegoria* do Sr. Moraes, se recommendação se pôde chamar ás poucas linhas que nos cabe consagrar-lhe.

A Redacção.

Paginas intimas.

XX

IMPRESSÕES D'UM BAILE.

FRAGMENTO DO ALBUM D'UMA VELHA DE
67 ANNOS.

Fui hoje ao baile. A noite deixou em meu espirito uma impressão bastante desagradavel. Sinto ainda o ruido estranho que faziam duas duzias de *bonecos* saltando de um ao outro lado da salla, sinto o aroma extravagante d'uma infinidade d'extractos vindos não sei de onde, sinto o rumorejar de certos cumprimentos a *la gauche*; sinto enfim o que nunca senti em minha vida! Eu o disse d'antemão: não vou a isso. que chameis baile, porque tenho convicção de que voltarei de lá extremamente zangada. E não me enganai. Por desgraça minha a idéa que formava desses bailes não era exagerada. Vi tanta cousa digna de censura, que se minha mãe inda existisse, e me acompanhasse a elles, fugiria horrorisada!

Chamam-me *velha feiticeira*, porque sou sem piedade para aquillo que no meu tempo se reputava immoralidade. Chamam-me *reliquia do seculo passado* porque não posso ver impassivel que uma mulher ande trajada á maneira de *boneca*, e um homem á de *manequim*, o que significa quasi a mesma cousa. Serei tudo o que quizerem, mas no meu tempo as meunhas de 16 annos brincavam com *bonitos*, e os rapazes da mesma idade fazião-lhe companhia. Hoje, as primeiras apresentam-se com ar de grandes senhoras, e os segundos com o de importantes. Felizmente que tenho o meu *album*. E' o *album* d'uma mulher de 67 annos que devia cuidar apenas do *rosario* e das *Horas Marianas*, porém eu quero imitar a moda. E' uma innovação do seculo estes *albums*. Ao presente qualquer criança não pôde prescindir

de um livrosinho elegantemente encadernado, a que se dá o nome de *album*, que duvido tenha significação propria na lingua que fallaram meus pais. Como não ha de ser assim !

Qualquer mancebo que aprendeu duas linhas de grammatica, julga-se com direito a fazer versos, e que seria dos *albums* sem elles ! (*) E' por esta razão que quero acompanhar alguma cousa da moda, para que se não diga que a aborreço no todo.

Afastei-me um pouco do meu proposito, é defeito das mulheres nas minhas circumstancias ; não importa, escrevo para mim unicamente, e a enfiada sou eu.

Nunca tinha frequentado essas reuniões elegantes que formam uma das qualidades da sociedade actual. A' excepção d'algumas pessoas que, como eu, aborrecem estes costumes, não recebo ninguém ; e é talvez devido a este isolamento que fiquei extatica ante as *maravilhas* d'um baile faustoso ! Resolvida a analysal-o, retirei-me a uma das extremidades do salão, donde podia á vontade prehencher os meus desejos.

A primeira cousa que me sorprehendeu foi a conversação havida entre uma *menina* de 20 annos, e um *rapaz* de 23 (perguntei a idade por uma razão que direi logo). Fallavam de tal modo um com o outro, que appliquei o ouvido, e eis o que desafiou a minha curiosidade :

— Oh ! a senhora ignora o quanto póde o amor que lhe voto desde muito tempo, dizia elle com ardor.

— E' mister que m'o prove, respondia ella n'um tom extremamente pretencioso.

— Mais do que o tenho feito, é impossivel !

— E' o que ouço a todos os homens ; protestos bem depressa esquecidos, juramentos em poucos minutos quebrados ! (Será moda esta linguagem affectada ?)

— Oh ! a senhora é uma *mulher de marmore* ! (Soube depois que era o titulo de um drama muito em voga.)

— Tanto o não sou que tenho tido a complacencia de o escutar por demais. Começa a *walsa* ; adeus, Sr.

E a tal menina levantou-se, e foi fazer parte dos *bonecos* que principiavam a saltar.

O *bobo* do rapaz não póde responder ; apenas

(*) A velha toca-me por casa.

Eu, sim senhor.

disse por entre dentes, e com uma entoação de voz de tyranno de comedia : — Presumida !

Não era asneira ; *Mollière* encarregára-se de o dizer dous seculos antes.

Se o resto fôr em relação, disse eu commigo, muito terei que analysar.

Não havia no salão uma mulher que estivesse assentada, todas *walsavam* ; apenas eu, a um cantinho, como que ignorada, via e admirava.

— Minha senhora, disse o dono da casa offerecendo-me o braço.

Advinhei o que pretendia, e não me movi. Olhou-me sorpreso.

— Não dança ?

— Não, senhor, respondi pegando na boceta para encobrir o máo humor que me causara a conversação de que fallei, e o estranho da pergunta.

— Melhor te fôra procurar tuas filhas, do que esqueceres que tens a minha idade, disse eu ao vê-lo retirar-se confuso. Suas filhas, essas procuravam ser as rainhas da festa, talvez que pelos conselhos da mamãe. Eu tomava pitadas sobre pitadas ; parecia-me que estava sobre espinhos. O calor suffocava-me, o aroma dos extractos subia-me ao cerebro originando-me vertigens ; daria de bom grado toda a minha fortuna para regressar á casa. Infelizmente estava destinado que eu testemunhasse até ao fim scenas cuja recordação não posso expellir do espirito. Para que deixei a simplicidade da minha habitação, e o socego de que goso nella !....

Não pude copiar o resto ; um contratempo me forçou a largar o precioso *album* da velha, mas tenciono dar-vos conta do resto das suas impressões.

Não vos explico como pude alcançar uma tal fortuna, porque não é da vossa competencia sabel-o. Ficaí certos porém, amigos leitores, que não tenho parte alguma nessas impressões.

Rio, Julho 3 de 1856.

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

CORAGEM.

Mathilde, como os leitores não ignoram, habitava a casa de Carlos. Os poucos dias da sua estada nella tinham se deslizado tranquillos para a infeliz que o destino senão cansára em a perseguir. O mancebo despendia com a joven essas doces e tocantes attensões que revelam o amor fraternal em toda a sua plenitude.

O brasileiro achava em Mathilde o complexo d'um sonho que tivera outr'ora, e ansiava-a como um pai póde amar sua filha.

Domingos, com a sua simplicidade africana, tinha por ella uma especie de culto, que augmentava á maneira que os dias iam decorrendo.

Mathilde retribuia com usura as afeições que conquistára. Era feliz, podia agradecer ao Omnipotente o bem-estar de que gosava, mas uma idéa pungente a perseguia de continuo. Ella esquecia o que tinha soffrido em companhia da Franceza, esquecia as perseguições de Lourenço, lembrava-se unicamente de que estava então isempta d'um sentimento que deveria ser a sua coroa de martyrio. A joven amava; amava com todas as forças de uma alma pura, e um presentimento lhe dizia que esse amor morreria com ella — casto como se originára. Nem uma esperança se quer surgia no horisonte da sua imaginação. Via no futuro — Carlos e Luiza, isto é, dous amantes como a joven sabia sel-o. Dotado d'essa perspicacia que a mulher possui em summo gráo, ella adivinhára que Carlos jámais a poderia amar como amante. Comprehendia que á excepção de uma amizade fraternal, nada mais d'elle podia exigir. Mathilde ignorava esses manejos empregados pelas mulheres nas suas circumstancias, ignorava que existisse uma palavra que resume o odio a intriga e a vingança; ignorava enfim que quando duas jovens amam um homem, uma dellas é a rival preferida. Teria Carlos adivinhado esse amor? Era o que ella perguntava a si mesmo. Uuma voz occulta, porém, lhe dizia que não. Quantas vezes esteve resolvida a confessar-o? Tantas quantas eram as que fallava com elle. Resignada como as antigas virgens que iam ao martyrio, fingia acolher tudo com essa satisfação intima que produz a alegria, e nem uma só vez se queixou.

Domingos, comtudo, traduzira certos olhares lançados por ella a Carlos, entendera donde provinha o rubor que lhe subia ás faces quando fallava com elle, e esperava. A occasião opportuna de a interrogar chegou.

Carlos tinha sahido (era na mesma noute do rapto de Luiza) o brasileiro estava na margem opposta.

Mathilde e Domingos achavam-se a sós. Aquella, assentada, pensava, este encostado á porta da sala, perscrutava.

— Menina! exclamou elle.

— Ah! respondeu a joven como se acordasse d'um sonho.

— Porque a vejo sempre triste?

— Triste, eu? redarguiu ella forçando por sorrir-se, estás enganado Domingos; ha muito tempo que não tenho dias tão risonhos e socegados.

— Olhe, menina, eu sou um preto da *Costa* que nada sabe — sou um bruto como todos me appellidam, mas haverão poucos brancos capazes de comprehender como eu quando rebentará a tempestade. E' uma das qualidades que tem os filhos das florestas d'Africa. Estudamos desde crianças a natureza, e sabemos dos phenomenos que se identificam com ella. A'quelles que podem melhor explical-os, chamam *feiticeiros*, mas enganam-se; nós temos menos civilisação, menos luzes, mas mais inspirações — mais character primitivo.

— O que comprehendes, pois, disso a que chamas minha tristeza?

— Comprehendo que a menina gosta de meu senhor moço.

— E' muito natural esse sentimento; devo-lhe a felicidade de que góso ao presente.

— Não é nesse sentido que quero fallar: a menina entende-me, mas não quer confessar-o.

— Explica-me melhor o teu pensamento, o responder-te-hei franca e sinceramente.

— Pois bem, a menina ama o Sr. Carlos, como elle ama a menina Luiza!

— Enganas-te, Domingos; é bastante saber que Luiza lhe retribue esse amor, para não ousar atravessar-me em seu caminho.

— Perdão, menina; eu não devia interrogar-a por este modo, porque sei o que sou, e cálculo a distancia que nos separa, mas tenho-lhe demasiada amizade para conseguir que feneça á falta de cuidados e disvelos. Era inutil provar a minha idéa com este papel, mas já que insiste, veja se o reconhece.

E Domingos tirava do bolso da jaqueta um papel cuidadosamente embrulhado.

— Como podeste encontrar esta carta ?! diz-me, onde a achaste ? perguntou Mathilde com exaltação.

— No jardim, perto do repucho.

— Ah ! exclamou ella deixando pender a cabeça.

— Socegue, menina, o Sr. Carlos ignora tudo, e não obstante ter por elle uma amisade como nós os pretos sabemos ter, não lhe direi cousa alguma.

— Pois sim, amo o Sr. Carlos, amo-o talvez mais que Luiza !....

— Pobre menina ! disse Domingos enchugando uma lagrima furtiva que se lhe deslisava pelo semblante luzidio.

(Continúa.)

Frederico

OU O MYSTERIO D'UM AMOR.

ROMANCE

CAPITULO VII

Frederico apenas chegou com o marinheiro á beira do mar, embarcou-se em um bote que ahi estava preso á raiz de um tronco annoso. O robusto marinheiro remou com toda a força para bordo do navio *Fernando 1.º* e mal que abordaram, Frederico subio para cima com muito desembaraço ; e o capitão que já o esperava no cimo da escada, depois de o saudar respeitosamente, ao que Frederico correspondeu, travou-lhe do braso, e encaminhou-o para a camara aonde estava Luiza e Margarida. Frederico mal deu com os olhos em Luiza, ficou como ferido de um raio, não podia proferir nem uma só palavra !... E ella que igualmente tinha sentido o mesmo abalo se levantou, e veio lentamente calir de joelhos, a seus pés !...

Alguns momentos decorreram em quanto se contemplavam um ao outro n'uma scena muda ! Mas a agitação de sua alma, o que elles diziam nesses seus olhares ninguém podia adivinhar. Era um encontro inesperado para Frederico, e que não podendo dar largas á sua agitação, rompeu o silencio deste modo :

— Que destino fatal a trouxe aqui, malfadada Luiza ?....

— Oh ! que destino me poderia trazer, Fre-

derico, se não a justiça de Deos, que não permittio que me finasse de remorsos sem primeiro te vir pedir perdão ? !.... Sim, Frederico, eu te venho supplicar pelo amor de tua mãe, e por tudo que tens de mais caro sobre a terra, que me perdões ; para que Deos me possa também perdoar.... ah ! sede generoso e bom como sempre foste ! O resto destes meus dias quero consagrar-os em te servir como uma escrava.... As lagrimas já lhe inundavam de tal modo os olhos, que a privavam de os levantar até Frederico ! E com a fronte inclinada aguardava a sua sentença, quando, Frederico abraçando-a e misturando com as della as suas lagrimas, lhe disse que o passado seria esquecido, e o presente a consolação do futuro ! Pedio-lhe então algumas explicações da maneira porque se achava ali sem mais companhia do que Margarida.

Luiza explicou-se da melhor fórma que pôde, e Frederico ainda que ella lhe havia sido ingrata, não podia deixar de lhe perdoar á vista do seu arrependimento, e sobretudo por que tinha um coração verdadeiramente generoso.

Como as despesas da viagem já estivessem pagas por Luiza, agradeceu muito ao capitão os disvellos que havia tomado por ella durante a viagem. Entrou depois com Luiza e Margarida no bote, e o marinheiro remou para terra.

Luiza encostou a cabeça ao hombro de Frederico, e as lagrimas continuavam a lhe inundar as faces, pois ella julgava não poder mais alcançar um perdão completo de Frederico, ou antes se não julgava mais digna delle ; e Frederico já esquecido dos amargos trances por que ella o havia feito passar, olhava-a com muita ternura, recordando nella essas suas primeiras caricias de amante, e os sonhos dourados do seu primeiro amor !... Ella, ao contrario, com o remorso estampado na fronte, era agora que as suas idéas mais a perturbavam ; pois imaginava não poder pertencer áquelle homem que lhe havia dedicado todo o seu amor, e que ella irreflectidamente tinha trahido !... Só essa idéa era bastante, para a fazer descer á sepultura ; já não tinha ella mais coragem, mas sobrevinha-lhe a fraqueza e era a fraqueza da morte !

Mal que o botesinho abicou em terra, Frederico tomou Luiza nos braços, e pol-a em terra, depois ajudou a passar também Margarida e despedio o marinheiro depois de o ter recompensado generosamente.

Luiza de tão fraca que se achava, já não podia

caminhar, foi preciso que Frederico a levasse apoiada ao seu braço, e assim foi caminhando vagarosamente, até que chegaram depois de algum tempo de ruim caminho, e fadiga de Luiza, a esse pobre albergue, aonde portanto tempo habitava o amante desprezado, e victima de uma atroz vingança.

Apenas entraram, Frederico assentou Luiza em uma velha cadeira, e assentou-se a par della em outra; Luiza tinha os olhos amortecidos, e o seu estado era melindroso.

Frederico entregue agora ao ente que mais amou sobre a terra, esforçava-se quanto podia para lhe mostrar que o futuro iuda os poderia cobrir de muita felicidade.

(Continua)

M. L. MACHADO.

Os esfaimados

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

A VINGANÇA.

IV

Voltemos aos contrabandistas.

Depois de chegarem com a moça á casa solitaria, desamarraram-lhe o lenço.

Os contrabandistas estavam todos contentes por terem sahido bem da empresa.

Julião fez-lhes um aceno, e elles desceram.

Maria ainda estava aterrada e sem poder fallar, o coração lhe batia com força, e todo o corpo lhe tremia; voltou a cabeça e vio o ultimo contrabandista fechar a porta do subterraneo. Um suor frio lhe corria da testa, e ficou immovel ao ver-se só em frente d'aquelle homem cujo rosto ameaçador lhe causava horror.

Julião poz o chapéo sobre a banca, assentou-se, e cruzando os braços poz-se a olha-la com attenção.

A moça era dotada d'um genio forte; apesar de cançada de gritar e pelos esforços que fizera, via-se em seu rosto claro um grande desespero, e os olhos brilhavam-lhe como os de um animal feroz.

Julião fez-lhe signal que se assentasse, e ella contrahindo as feições respondeu-lhe com voz ameaçadora:

— Assentar-me; em cima de teu coração!... malvado assassino!...

— Não te enraiveças tão cedo, ouve-me, eu te conto qual o motivo porque á força te tirei de casa de teu pai; tu já o sabes, mas quero repetir-t'o; e se ainda tiveres orgulho, veremos.... retorquiu Julião. Maria, lembras-te do nosso passado?... Dirás que nunca me conheceste. Lembras-te dos juramentos que fizeste e tantas vezes repetidos? Dirás que nunca me fallaste. Mas tudo isso se dá em teu coração ingrato; e nessa alma hoje corrompida!.... Mas eu aqui estou diante de ti; reconheço que foste muito fragil, e que o amor que outr'ora me tinhas, não era verdadeiro; pelo contrario, com essa separação que durou quasi tres annos, o amor verdadeiro que nutria, creou raizes taes em meu coração, que nunca mais as poderei arrancar!.... Sim, Maria!.... o amor que te tinha, vale hoje cem vezes mais!.... Eu fui fiel ao que jurei, eu te tinha dito: Maria, em quanto Julião fôr vivo, seu coração não adorarà a outra mulher, senão a ti!.... e tu o que me respondeste?... Ah! não fallas?... pois eu trago gravado na mente essas palavras, eil-as: Sim, meu amor, Julião, meu pai não quer que te ame, porque tu és pobre!.... mas tu conquistaste meu coração; acredita que Maria te pertence em corpo e alma; tu vais para longe; eu espero por tua volta; adquiere fortuna, para poderes possuir minha mão, com licença de meu pai, e eu nunca me hei de esquecer de ti; vai, e sê-me fiel. Então são estas, ou não as palavras que disseste-me?

Maria conservava-se cabisbaixa e pensativa.

— Pois bem, a todas estas palavras garantidas por um juramento, tu faltaste e ficaram tão esquecidas para ti, como das primeiras palavras que aprendeste; mas ouve-me ainda. Eu triste por separar-me de ti, vaguei, sem saber para onde me deveria dirigir, para poder ir assim tão breve adquirir fortuna que podesse chegar para vivermos ricos; muitas vezes reflecti, e quiz voltar; parecia-me uma baixeza semelhante condição!... era o mesmo que pôr á venda teu corpo!.... Mas guiado pelo destino fui aventurar-me a tudo que podesse acontecer. Não havia meio mais prompto e seguro para um bom lucro do que o que por acaso se me offereceu; mas oh!.... era tão revoltante!.... enfim não houve remedio, acceitei-o, e fui ser contrabandista de escravos, em quasi todo o litoral da Africa occidental, principalmente em Congo, Benguella, e Angola, onde fui soffrer os trabalhos mais arriscados e penosos que se podem imaginar. Muitas cicatrizes ainda me restam para prova dos soffrimentos!.... sem-

pre arriscado a perder a vida, para ganhar um punhado de ouro, em um contrabando de carne humana !.... vil condição, a que póde chegar a desgraça ou o capricho do homem !.... Oh ! Maria, eu o confesso, repugnava-me inteiramente, por que tenho coração. Depois de penosos soffrimentos, no fim de dous annos, eu já contava com bastante fortuna para podermos comprar uma boa habitação e vivermos felizes depois de casados. Resolvi por tanto a largar meus companheiros, e a voltar a Santo Antão; dirigi meus passos para a casa de mestre Paulo, onde se juntam muitas pessoas, e onde podia saber o que era feito de Maria.

Continúa.

A Providencia.

(Continuação do n. 19.)

Resta-nos ainda responder a um argumento, que os descrentes e os scepticos costumam produzir contra a Providencia. Dizem elles, se a acção providencial em que acreditais é effectiva e real, deve protrahir-se a todas as zonas e estender-se a todas as creaturas, disseminando com igualdade os thesouros de suas graças, porém permittir-me-heis que aberre dessa vossa superstição, visto que existem povos totalmente engeitados, disso que denominaes acção universal e benefica, ou Providencia. Assim, os Lapões não mereceram a munificencia de seus dons. Seu paiz é uma cordilheira de montanhas, eternamente coroadas de neve: seus dias são como o nosso crepusculo: durante seis mezes vivem em uma noite continua, que tornam ainda mais insupportavel e horrivel, uma orchestra infernal produzida pelo zumbido dos mosquitos venenosos, pelo sibilar tumultuoso dos ventos, e pelo uivar terrivel d'esfaimados lobos. Na Groelandia, região esteril e ingrata, é quasi nulla a vegetação. Na Islandia não ha agricultura, por causa do frio rigoroso que ahi reina constantemente. Os Dalecarlianos, habitantes do Septentrião da Suecia, não conhecem o que sejam cereaes; nas mesmas circumstancias vivem os filhos da arida Kamtschatka e os da Siberia, todos elles debaixo d'um clima rigoroso e inhospito, e sem as commodidades mais triviaes dos povos civilisados, a quem a natureza, mãe egoista, dotou mais amplamente, &c....

Compete-nos agora, visto que nos propozemos á defeza da verdade eterna e consoladora da Provi-

dencia, analysar e decompor os differentes factos adduzidos pela contrariedade, encaral-os por todas as faces afim de ver se elles attacam ou justificam a *Providencia*. E com effeito, depois de analysados e decompostos estes argumentos, que parecem concludentes, e que não peccam nas premissas nem nas conclusões, sómente porque consideram os factos pelo lado peor, em vez de os encarar em complexo, nós deduzimos a justificação da *Providencia*, tanto mais, quanto convertidos esses factos, se póde com elles firmar a verdade que demonstramos. Se aos Lapões fallecem muitas das commodidades da vida, nem por isso vivem tristes e inquietos, pois que, não havendo fruido jámais taes commodos, não lhes sentem a falta; suas necessidades circunscrevem-se nos limites daquelle circulo, a que podem facilmente satisfazer. Se no decurso de muitos mezes vivem privados da luz do sol, em uma noite permanente, a lua e as auroras boreaes tornam essas noites supportaveis, com uma especie de crepusculo. A educação e o habito ensinam-os a premunir-se contra os rigores e inclemencias do seu clima. A natureza ministra-lhes animaes, cujas pellos os preservam da intemperie das estações, a renna, com especialidade lhes é de summa utilidade, e é como que a encarnação da *Providencia*, pois lhes fornece a tenda, o vestuário e a cama, e ao mesmo tempo o alimento e a montaria. Os mosquitos venenosos, que incessantemente os perseguem, e encommadam, evitam-os untando o rosto com alcatrão, é entretendo a fumaça em seus tugurios; além de que, auferem delles muita utilidade, porque estes insectos depositando seus ovos nas aguas, attrahem por meio delles myriades de aves aquaticas, que os Lapões caçam fazendo dellas seu principal alimento. Os Groelandezes tem uma compensação da infecundidade de seu solo, e da falta de seus cereaes, n'um peixe providencial, que elles designam pelo nome *d'angmarsset*, (especie de caboz) e que seccam e preparam de modo tal, que lhes serve não só de pão, como que tambem de legume.

Os Islandezes á falta d'agricultura donde tirem sua subsistencia e de mattas que lhes forneçam a lenha, possuem no mar o refugio de suas necessidades e o dispensador de seu alimento, a sua *Providencia*, enfim, os faz fruir em suas praias uma quantidade prodigiosa de peixe de que extrahem as mesmas vantagens que os habitantes da Groelandia, e as marés enyiam-lhe igualmente innumerados madeiros para se aquecerem e cosinha-

rem suas substancias alimenticias. Os Dalecarlianos a quem fallecem quasi que as mesmas commodidades, são, como os povos supraditos, ictiophagos, e fazem o pão que os cercaes lhe recusam, da casca do pinheiro e do vidneiro, e de certa raiz, que cresce espontaneamente em suas lagôas. Os naturaes da peninsula esteril de Kamtschatka, na Asia, tiram os principaes recursos de sua subsistencia, do talo do acantho. Os Siberianos esses filhos das regiões hyperboreas, usam para identicos fins, dos bulbos d'uma especie de lirio, chamado martagão. — Assim pois, por mais desigual que seja a temperatura das differentes zonas da terra, por mais desfavorecidos que pareçam seus habitantes, a Providencia, qual mãe sollicita e vigilante, prodigalisa seus disvelos, por todos os seus filhos innumeros.

Por suas sabias combinações, *providencia* ao bem estar de todos, permittindo que cada região produza aquelles objectos, que estão em relação com a natureza do clima, e de que seus habitantes menos podem prescindir.

Continúa.

POESIAS.

Hymno ao Porto.

Salve ! nobre e antiga cidade,
Salve ! povo tão bravo e leal ;
Invencivel á voz—liberdade
Morrerás pelo teu Portugal !

E debalde se forjam cadêas
Que tyrannes te lançam á traição....
Inda assim, se um brado altêas
Fugirão do rugir do leão.

Quaes rochedos que estão a guardar-te
O teu povo constante assim é ;
Em seu peito, duro baluarte,
Se asyla a melhor boa fé.

Em ti vivem ainda as virtudes,
E as crenças dos fortes avós ;
Com chimeras jámais te illudes,
D'utopias não corres apoz.

Continua, povo valeroso,
No teu nobre e leal proceder,
No trabalho sempre cuidadoso,
Pela gloria tão prompto a morrer !

Salve ! nobre e antiga cidade,
D'onde o nome tomou Portugal ;
E tu pois que lhe dás liberdade
Salve ! povo tão bravo e leal !

Rio, Novembro de 1855.

J. C. L.

A orphã.

Entrava a noute serena
Succedia-lhe o luar ;
Quando a orphãzinha tão bella
Veio á proxima janella
Do aposento se assentar.

Era tudo no silencio
E ella sosinha gemia,
Pôz-se a lua contemplando
E no brilho se firmando
Desta maneira dizia :

« Orphã !... todos me repetem !...
Desventurada de mim !....
N'este mundo tão vaidoso
De meu fado rigoroso....
Eu que culpa tenho emfim ? !

Minhas lagrimas ardentes
Vinde as faces m'innundar,
Só em vós acho conforto,
Sois o meu seguro porto
Onde posso abrigo achar.

Alem de meu soffrimento
Me procuram repellir,
Vejo sempre desventura,
Sempre, sempre essa amargura
Para soffrer e carpir.

Oh ! se fosse tão ditosa
De minha mãe abraçar !
Mesmo lá na sepultura
Se tivera essa ventura
Mil beijos lhe fora dar !

Eu quizera agradecida
Mostrar minha gratidão ;
E que a filha desherdada
Pela mãe abandonada
Se lhe murcha o coração.

Oh ! meu Deos, tendo piedade
D'este pungente soffrer,
Quizera mudando a sorte
Com a minha breve morte
Tambem o mundo perder. »

Aqui calou-se a donzella
Occultando seu gemer,
Vae a lua reflectindo
Todo o seu brilho espargindo
Té mui longe se perder.

E ao romper da linda aurora
Pela manhã d'outro dia,
Todos a orphã procuravam
E com ardor a chamavam
Mas ella não respondia.

E por fim déram com ella
Já sem vida, já sem luz,
Apoiada ao pobre leito
Que mostrava pelo geito
Adorar a Deos na Cruz.

Chamáram-n'a por seu nome,
Debalde foi seu chamar ;
Que seu corpo innanimado
Todo frio e regelado
Se não pôdia levantar !

Deos ouviu a sua prece,
Teve d'ella compaixão ;
Quiz tirar-lhe o soffrimento,
Esse pesado tormento
De seu triste coração.

Foste justo, oh ! Deos piedoso,
Em ouvir os rogos seus ;
Tambem faço minha prece,
Da-me o perdão que carece
Os muitos peccados meus.

Março de 1856.

M. LEITE MACHADO.

VARIEDADES.

Glorias d'além tumulo.

Quantas vezes não penso em immortalisar-me ! Oh ! eu o fizera se chegasse a ser rei, o que é bem facil ; pois querer é poder. Demais podia ser rei de uma ilha... deserta. O diabo é que em meus estados não teria um chronista para celebrar meus feitos. E' verdade que podia ser chronista de mim mesmo, mas então não me sobria tempo para policiaer o meu povo. Orador religioso ou politico ? Não era má cousa, mas nestes tempos, em que o tempo não chega para escrever, que importa ler e ouvir pregar ? Poeta ? Eis ahí um titulo brilhante. Só quizera saber como so-

bresahiriam minhas poesias entre as de oitocentos milhões de poetas machos e femeas (fallo só dos vivos) que tantos são os habitantes deste mundo, no dizer delles, tão rotundo, tão fecundo, tão jocundo. — Boa lembrança. — Se os poetas continuam nesto andar brevemente se poderá fazer um caes em torno desta cidade com o atterro de suas producções.

Suicidar-me, por ser tolo ? Isso é antiquissimo, já no tempo de Catão se usava. Por ser infeliz ? Não é menos velho. Por ser feliz ? Já não é novidade e até é muito á ingleza. Só se me matasse, por ter juizo, mas cómo proval-o ? Queimar um monumento celebre ? O monumento mais monumental que eu conheço é o Pão d'Assucar. Esse é incombustivel.

Pensam que eu não achei a maneira d'immortalisar-me ? Achei e não trabalhei como Claudio Frolo. Achei, oh se achei, e mais não pulo do banho, nú em pello, como Archimedes, gritando Eureka ! Eureka ! Immortalisar-me-hei, mettendo-me nas encolhas durante a vida, e pedindo que depois de morto gravem na minha campa o seguinte

Epitaphio.

Aqui jaz, e não se move,
O homem mais singular
Do seculo seu ; (desanove)
Qu'elle fosse titular
Não ha ninguém que o prove !

O bom doutor Pósdemicos
(Era assim que se chamava)
Nunca bajulou os ricos ;
Nos clubs não entrava,
Nem jogou pau de dois bicos.

Nas longas horas do ocio
Não dançou uma só vez ;
D'empresa alguma foi socio ;
Não soube fallar francez,
Nem com *acções* fez negocio.

Ainda o *bicho* fez mais ;
E' fama (valha a verdade)
Não escreveu em jornaes,
Nem mesmo na *Saudade*
Gemeu, chorou e deu ais !!!

Pelo DR. PÓSDEMICOS

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA
Rua da Valla n. 111.

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 13 de Julho de 1856

N. 23

LITTERATURA.

Paginas intimas.

XXI

VOU CHORAR !.... VOU RIR !

Pleurer sourire.

J. DURAND.

Já alguma vez amaste, leitor ? Já sentiste o coração expandir-se todo á idéa de que vaes receber d'amada um olhar, um sorriso que exprime tudo ? Já percorreste, uma a uma, as escalas do ciúme, do odio e do despeito, porque tens sorprendido que aquella que amas sorri a outro.... a outro que pôde ser teu rival — mudando-te a existencia feliz e venturosa em uma vida d'acerbo penar ? Pois bem, aquillo já eu senti, isto sinto-o agora !....

Oh ! vou invocar todas as furias do *averno* para castigar essa perjura que teve a crueldade de lançar-me em face um — *não te amo* capaz de fazer chorar um bezerro !.... Este ciúme, a raiva que me domina ha de matar-me !.... Comtudo, eu podia ser feliz.... muito feliz ! Amava essa ingrata com todas as forças do meu coração ; tinha feito della a minha estrella, o meu guia — o meu tudo ! Esqueci por ella o que tenho de mais caro no mundo, por seu respeito iria á fogueira — far-me-hia *mahometano* ! Tenho derramado tantas lagrimas, que meus olhos parecem *dous charizes* ! Estou pallido, cadaverico — caminho a passos agigantados para a sepultura !.... E tudo isto por uma mulher ! Anjo que me fascinaste.... anjo não ; demonio que zombaste da mim — fuge.... a tua presença causa-me horror.... fuge.... a terra te engula de um só trago, e nas profundidades della te seja impresso o ferrete de.... *namoradeira* !....

Entremos na ordem do dia ; as *paginas intimas* começam aqui — o que deixo escripto é uma *pagina perdida*.... que alguém achará. O album da velha reclama a attenção dos leitores, por isso prosigamos :

— Consola-me porém a idéa de que tenho visto tudo que pôde satisfazer a ambição d'uma mulher que poucos dias terá d'existencia. Impressionada pelo que vira e escutára, e não podendo estar se quer um minuto mais nessa sala que testemunhava tanta cousa má, levantei-me, e fui passear pelos corredores. Comprehende-se que eu andava só. Quem se dignaria offerter o braço a uma velha da minha qualidade ?

Findara a *walsa*. As moças, ora assentadas ora passeando dispunham-se a dar *beija mão* aos seus vassallos, estes, apressurados corriam de um lado a outro *semeando perolas*. São os cumprimentos lisengeiros e espirituosos que fazem á sua passagem.

Para quem ia resolvida a analysar tudo — estas puerilidades davam-lhe aso aos seus anhelos, e nada escapou ás minhas observações. Com esta perspicacia mulheril, que ninguem ousa contestar-nos, eu advinhára que era nos corredores que podia fazer grande colheita. Não me enganei. O corredor principal da casa dava para o jardim. As janellas estavam todas occupadas, já se sabe por um homem e uma mulher. A noite estava bella. A fragancia das flôres convidava a fallar d'amor, a lua, as estrella inspiravam os poetas.

Parecia tudo conspirar-se contra esta pobre gente, em proveito meu. A primeira *menina* que notei foi aquella que pretendia receber do apaixonado uma prova palpitante do seu amor. Fingi admirar o céu — a lua e as estrellas, para a ouvir melhor. Ella conversava — não com o mesmo *martyr*, mas com outro que durante a *walsa* fora seu *vis-a-vis* (Quando me persuadi que havia es-

crever tanto nome estrangeiro, que adoptamos para acompanhar o progresso.)

— Tinha um presentimento de que viria soffrer mais d'uma decepção impertinente, dizia elle com voz meliflua.

— Porque, Sr. ? perguntou ella com uma admiração perfeitamente calculada.

— Porque? e ainda m'o pergunta?! não vi eu á pouco que tenho um rival?!

— Essa insinuação offende-me, Sr. !

— E' ou não verdade ?

— Como são os homens ! exclamou a *menina* em tom philosophico. Egoistas sempre, esquecem que a mulher tem necessidade de sustentar o caracter inherente ao sexo a que pertence....

— Perdão, senhora, atalhou elle, não pretendo saber a razão porque concedeu alguns sorrisos ao meu rival, o que eu quero unicamente é uma explicação rasoavel sobre as minhas arguições.

— Explicação de algumas palavras que as conveniências obrigam a despendar ?

— As conveniências não authorisam a mulher a despendar essas palavras com o primeiro vindo.

— Sorrisos de cumprimento.

O *rigorista* fez um gesto d'enfado, e ia a retirar-se.

— Deixa-me já, Sr. ?

— Não devo fazel-o ? á meia hora que procuro provar-lhe que a amo, e a Sra. finge não comprehender-me. E retirou-se.

A *menina* quiz retel-o, deu com a minha presença, e conteve-se. Aproximei-me da janella, resolvida a occupar o lugar do *rigorista*. Assim o fiz ; cumprimentei aquella, e principiamos a falar do baile, da noute, das flôres e das estrellas. A conversação da *menina* (*) era agradavel e espiituosa, admira-me como não achou phrases com que podesse acabrunhar o impertinente admirador. Eu queria trazel-a para outro terreno; tentei dar-lhe a entender que ouvira tudo, mas ella subtrahia-se aos laços que lhe armava. Não desesperei. Tenho por habito arreigado satisfazer os meus caprichos, tanto insisti que pude chegar ao alvo que procurava attingir....

(*) Subliho menina, porque entendo que a velha acha o tratamento de Sra. um pouco subido.

Até domingo, leitores, sinto bastante não poder dar-vos hoje o final das *impressões* da velha, mas passei além das columnas que a Redacção da *Saudade* tem a fineza de conceder-me, e é forçoso despedir-me de vós.

Rio, 10 de Julho de 1856.

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

CORAGEM.

— Domingos, disse a joven com resolução, succumbi ao peso d'apprehensões que se não realisam, fiz mal, ha um meio com que posso subtrahir-me ás desgraças que me estão eminentes — é o convento.

— O convento ?

— Sim, vou recolher-me ao das Chagas, em Lamego. Amo em demasia o Sr. Carlos para viver com elle como irmã.

— Uma idéa egoista, menina, e que o Sr. Carlos aceitará como tal.

— Não, obedeco ao que me dita a consciencia ; viver com aquelle que amo, ouvil-o todos os dias, escutar aquella voz doce e vibrante que penetra até ao coração, e não poder dizer-lhe—amo-o, faça de mim o que lhe aprouver, não, este supplicio matar-me-hia, e eu sou bem joven para descer ao tumulto.

— Póde uma esperança dissuadil-a do seu intento ?

— Talvez.

— Pois então espere, menina ; com quanto o futuro pertença a Deos.... tenho uma idéa, confie em mim, e não desespere do porvir.

— O meu futuro, redarguiu Mathilde tristemente, deve ser o futuro de toda a mulher que ama e não é correspondida. Para que conheci eu o Sr. Carlos ? !

— Para o amar, para ver nelle seu pai, seu irmão — o unico ente que tem por si neste mundo ! Elle é tão bom !

— Sim, nobre e generoso ; é um desses homens que attrahe, que fascina com um olhar ou com um gesto. E', continuou Mathilde animando-se gradualmente, é um desses homens que subjugaria todas as mulheres, se a par desta ex-

cepcionalidade não tivesse todos os instinctos do bem. E' emfim o unico homem que póde tornar-me a existencia fagueira !... Quando lho fallo, quando vejo aquelle olhar preenhe d'uma attracção irresistivel, esqueço-me de tudo, nada vejo em torno de mim, e é Deos que me preservava de cahir aos pés de Carlos e confessar-lhe o que sinto — o que serei sem elle. Ainda hontem combati os desejos do meu coração — foi uma luta poderosa que m'a tornou inerte. Fallava-me de Luiza, dizia-me que ella era a sua unica esperanza no porvir, dizia-me que mulher alguma seria capaz d'inspirar-lhe o sentimento que lh'inspirou a filha do doutor Rego, e disse-me por fim que ou ser esposo d'ella ou deixar para sempre estes lugares — Portugal até ! Já vês, Domingos, que eu não posso por mais tempo ficar nesta casa ; sou só no mundo, ninguem tenho que queira estender-me a mão, apenas o convento me dará agasalho, por isso hei de partir. Essa carta, como viste, era o meu derradeiro adeus a Carlos. Não podendo partir sem confessar-lhe que o amava, enchi a carta d'expressões amargas, dictadas por esse sentimento, e tinha tenção de deixar hoje estes lugares. Reconhecendo a falta do papel em que imprimira os meus mais intimos pensamentos, adiei a partida até achal-o de novo. Está em teu poder — entrega-o a Carlos, porque amanhã ao romper d'aurora devo estar longe d'aqui.

— Nem o Sr. Carlos verá esta carta, nem a menina entrará para um convento ; é o preto Domingos que o jura. Hoje nada posso fazer, por que é noute, e não devo deixal-a só ; amanhã porém dir-lhe-hei o que nos cumpre observar. Vamos, menina, é tarde, recolha-se ao seu quarto, e fique certa que ha bem perto de si um cão fiel que vela.

Domingos retirou-se, Mathilde vendo-o sahir disse :

Affeições como as de Carlos e deste homem produzem a felicidade, mas eu não posso ser feliz.

E encostando a cabeça a uma pequena mesa adormeceu, pronunciando repetidas vezes o nome do mancebo.

Eis aqui a carta que Mathilde escrevia a Carlos :

« Sr. Carlos.

« Conhece-me pouco, ignora que finjo á muito tempo, e tudo por não ter coragem de me confessar. Sinto dizer-lhe isto, porque não compenso se quer o primeiro sorriso de bondade que dependeu commigo. Sou muito joven, mas a des-

graça que desde o meu nascimento pesa sobre mim forçou-me a comprehender as cousas como ellas são. Admitto o complemento da origem das nossas relações, nunca poderei exigir de si mais que estas palavras — minha irmã ; é um titulo honroso e proprio a encher d'orgulho aquella que não póde exclamar — minha mãe ! Aspiro a mais, Sr. Carlos ; de frente a frente não teria animo para dizer-lhe isto, o meu coração fallaria mais alto impellindo-me a dizer-lhe — sou sua ! Agora mesmo, no momento em que isto escrevo, uma voz occulta me diz que não seria escutada.... restar-me-hia a morte ! Ser-me-hia doce se não me acompanhasse o sentimento de deixal-o — quero a vida ao menos para sentir o aroma da sua rapida passagem por perto de mim.... Esta linguagem deve sorprendel-o ; cuidará que nasce da exaltação do meu espirito, mas engana-se. Nunca fallei a ninguem com mais sangue frio. A resolução que tomei foi meditada de mais. Sentei-me á mesa com tenção d'escrever-lhe como o faria a um padre que não podesse ouvir-me de confissão. Arrisco talvez o meu futuro, mas cumprio um dever. Antes pois de deixar esta casa — estes lugares tão charos á minha existencia, estes lugares que testemunharam os meus desejos, as minhas aspirações — vou confessar-me. Será breve a confissão, duas palavras bastam — com ellas direi tudo. Amo-o Sr. Carlos, amo-o como jámais poderá ser amado — amo-o a ponto de fugir-lhe, porque sou mulher. Appello para os sentimentos de um homem honrado, elle dirá que cumpri com um dever. Adeus ; Luiza ama-o talvez como eu, o Sr. corresponde-lhe, um homem entre duas mulheres que o amam ha de dizel-o a uma, e eu não quero testemunhal-o. Adeus, Sr. Carlos ; vou encerrar-me em um lugar onde só possa penetrar a recordação do muito que o amei. Essa recordação será o meu repouso, o meu bem-estar.

« MATHILDE.

Continúa.

Os esfaimados

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

(Continuação.)

A VINGANÇA.

Oh ! qual deveria ser a noticia ? só o destino m'a contaria... Terrivel palavra que ouvi d'um velho aldeão, e que ainda agora me zune ao ouvido

Noiva!.... e de quem? perguntei eu; do Sr. Ricardo, filho da Sra. Michaela, viuva do antigo escrivão de Santo Antão!.... Oh! foi pior do que se tivesse sentido o ferro frio d'algum punhal entrar-me no peito!.... Maria, esse anjo que julgava o mais santo sobre a terra, me trahio!?... como é possível?... disse commigo mesmo; dirigi-me a tua casa, pôde convencer-me a força de tuas ingratas palavras, que Julião não era agora para ti se não um ente desprezível e que servia de obstáculo a teus desejos. Oh! mais furioso do que o leão ferido, fiquei; ter-te-hia despedaçado e a teu usurário pai, se não me lembrasse que ainda não sabiam que eu estava rico. Voltei, mostrei-te que possuía ouro, mas o ajuste para o casamento estava feito e não querias transtornal-o. Mas os juramentos que me fizeste? Ah! anjo, mulher, ou demonio, como te conheci com tres diversas figuras sê tres vezes maldita!....

O contrabandista deixou cahir a cabeça sobre o peito, e conservou-se alguns minutos em silencio, depois levantando-se disse-lhe:

— Mas ainda é tempo, Maria, de dizeres que cumpres os juramentos que me fizeste, e se acaso não quizeres ficar aqui; fujamos, não nos faltará riqueza; tu trajarás os mais ricos vestuários, e me darás vida; dize-me só que te arrependes de tudo quanto fizeste; e que só me amas!....

— Não! malvado? homem desprezível!.... vil contrabandista de carne humana!.... não receberás de mim uma unica palavra de amizade, odio eterno e mais odio será a minha resposta! tu és o maior assassino que pisa sobre a terra; e teme o castigo de Deos! elle me fará justiça; e assim ficarei vingada!....

— Ah! Ah! Ah! pronunciou o contrabandista com escarneo. Então só porque fui contrabandista tornei-me desprezível a teus olhos?!.... e tu, companheira de satanaz, praticando o que praticaste que castigo mereces?!.... Ah! és mulher, e basta!

— Sabe que assim que sahi de tua casa convencido que me tinhas trahido, jurei e esse juramento feito no auge de minha raiva ha de ser cumprido!.... Porque assim como te tive um amor verdadeiro, transformal-o-hei agora em dobrado odio, e lembra-te que estás em minhas mãos.

— Enganas-te malvado!.... pronunciou Maria desesperada.

— Oh! muito embora conheça que é um crime horrivel o que a raiva me dita, hei de cumprir-o. Ou Maria ha de ser minha, ou minha cabeça rolará os degrãos do cadafalso! Ainda mesmo que depois minha alma vá penar eternamente!.... terei cumprido o que jurei, e terei livrado o mundo d'uma vibora!

E agarrando-a desesperado pela cintura atirou-a com força para cima da banca.

Maria recobrou animo e desesperada levantando-se no mesmo instante, pôde arrancar com rapidez um punhal do cinto do malvado; vio-se o ferro brilhar á luz da lampada, e Julião recuou espavorido, mas por estas palavras ditas com afflicção: — Meu Deos, salvai minha alma!.... conheceu-se que Maria tinha enterrado no peito o punhal. As forças lhe faltaram, e fechando os olhos cahio soltando um gemido.

Julião puchando os cabellos e mais furioso do que se pôde imaginar, arrancou o punhal, e o sangue sahio. Poz-se em pé contemplando o corpo sem movimento e duas lagrimas lhe correram pelas faces!....

— Soube castigar-me!.... oh! em quem descarregarei o golpe que ella merecia?.... ficará guardado commigo?.... não!.... ainda assim mesmo morta lhe cravarei o punhal tantas vezes quantos juramentos me repetio; e dizendo, foi executar seu barbaro pensamento!....

A porta do subterraneo abriu-se de par em par e os contrabandistas sahiram espavoridos gritando — capitão!.... não ouvís?.... Um grande ajuntamento de povo esfaimado que corre para cá!... Voltaram-se e viram assassinado o corpo de Maria, uma exclamação se ouviu — barbaro!....

Julião olhou-os com raiva e respondeu-lhes:

— Foi ella que se suicidou!....

Um barulho confuso deixou-se ouvir, e depois os gritos: — E' aqui! E' aqui! e em seguida grandes pancadas fizeram abalar a porta, os contrabandistas prepararam as armas para o combate, e Julião dirigindo-se a um dos seus disse: carregae esse corpo para baixo.... O contrabandista carregou-o, e a metade da porta fez-se em pedaços.

(Continúa.)

Frederico

OU O MYSTERIO D'UM AMOR

ROMANCE

CAPITULO VIII*(Conclusão.)*

Luiza com a cabeça reclinada na cadeira parecia ter adormecido ; seus olhos semi-abertos, foram pouco a pouco fechando-se ; era chegada a hora do somno da eternidade !

Frederico observava toda esta scena triste, e comprehendeu-a n'um momento !... Ajoelhou-se a seus pés exclamando com voz suffocada :

— Luiza.... Luiza.... oh !... tu queres fugirme quando se nos abria um céu de felicidade ! Luiza... oh ! vida da minha vida, vive para que eu possa tambem viver ! ! Não sabes tu que já não posso existir sem ti !... Luiza... torna em ti, anjo adorado do meu coração.... luz dos meus olhos !...

Aqui, as lagrimas ardentes já lhe escaldavam as faces, e levado ao auge de uma dor pungente, e saudosa, abraçou Luiza com ternura, e unio as suas faces humedecidas do pranto ás della, porém aquelle coração que a pouco pulsava com tanta avidez, estava já frio !... Aquellas faces que inda agora tinham brillhado, estavam impalidecidas e regeladas ! Frederico, oh ! dor !... desde esse momento, perdeu toda a serenidade de espirito, e de tal maneira sentio a perda de Luiza, que lhe não sobreviveu duas horas ; e morreu com Luiza em seus braços !...

Margarida que tinha sido testemunha de tantos desastres, vio-se agora por seu turno desamparada sem o arrimo de sua boa ama e amiga. Tratou logo do enterro dos dous amantes, e ajudada por um pescador que se mostrara penalizado de uma tal fatalidade, abriu uma cova perto do albergue e foram enterrados juntos, tendo o cuidado de os deixar com os corações unidos e os braços enlaçados.

Era muito justo que dous amantes que se não puderam unir em vida se unissem depois de mortos !

Margarida dahi em diante poucos dias se passavam, que não viesse em romagem visitar a sepultura dos dous infelizes amantes ; e realmente era bem curioso ver a elegancia com que estava ornada, pois Margarida nunca se descuidava de lhe plantar á roda algumas saudades, goivos e ciprestes. Muitas tardos passava ella neste

trabalho que fazia por amor e veneração á sua saudosa ama e amiga.

Tudo estava consumado emfim.

Alfredo tinha sido condemnado a galés perpetuas onde morreu depois de alguns annos de remorsos ; e o malvado Julio Ferraz, foi enforcado no largo de Moura, por que se tinha justificado ter sido elle o assassino do doutor Lima.

Jorge esse mancebo que tinha sido portador da carta de Alfredo, tendo adquirido alguma fortuna no commercio, decidio-se a partir para Lisboa, donde era natural, e querendo em seu regresso saber noticias de Luiza e de Frederico, tratou um barco e fez a sua rota por Santa Helena. Apenas desembarcou, foi logo informado por Margarida do que havia occorrido e disso ficou summamente pesaroso. Mandou-lhe gravar em uma lousa de fino marmore, os seguintes versos á sua memoria, e os fez collocar sobre sua sepultura.

« Aqui jaz Frederico repousando,
« Extremoso mancebo perseguido
« Dos rigores da sorte mais cruel
« Que se tenha em amores convertido.

« E Luiza depois arrependida,
« Por lhe ter recusado os doces laços,
« Maguada e oprimida dos remorsos
« Veio por fim repousar entre seus braços.

Depois de assim mostrar a amizade que consagrava a esses dous entes que dormiam o somno eterno, seguiu para Lisboa levando em sua companhia Margarida, que mais tarde fez parte de sua familia, dando-lhe sempre um delicado tratamento.

E assim terminou o mysterio do amor de Frederico que bem mysterioso foi elle para um coração tão sensivel como era o seu. Receba elle tambem de mim uma lagrima de pura saudade, em tributo de gratidão á sua memoria.

M. LEITE MACHADO.

A Rainha Cleopatra.

FRAGMENTO.

I

ANTES D'AURORA,

(Continuação do n.º 16.)

Se durante estas horas mysteriosas o *pelicano* das solidões vem a passar, elle redobra de ligeireza, e ouve-se ao longe o rumor sonoro de suas

asas, e seus gritos espantados. Ou também se algum novo *aligator*, adormecido sob as figueiras, acorda de repente, suas escamas estremecem todas, e vendo o deus, e a sua amada, precipita-se nas aguas, e vai contar seu terror áquelles que vivem nas profundidades do rio.

Porém quando o Nilo tem entrado em seu palacio de rochas musgosas, quando elle ha visto o barathro do seu imperio, a formosa aurora do Estio, volta-se, sorrindo, sobre o monte *Sinai*, e passando acima do *Egypto*, elle o sauda, e o chama fecunda e feliz entre todas as rainhas Orientaes.

Uma noute os grandes *Esphinges*, reunidos no fundo das escadas de marmore que desciam até ao mar, foram batidos pelos continuos golpes do vento, e suas cabeças de granito envolveram-se sob uma poeira humida.

O palacio de *Ptolomeu Philadelpho*, recebia em seus porticos os apagados relampagos que se cruzavam no espaço.

O pharol de *Sostrate Gnidiano* lançava ás nuvens sua longa flamma, semelhante ao dardejar da lingua da serpente.

As ondas quebrávan-se nos rochedos de *Lochais*, e de momento a momento distinguia-se sobre as vagas o oscilar das galeras que regresavam de *Canope*, mau grado tantos signaes funestos.

Em uma galeria do palacio de *Ptolomeu*, uma mulher contempla a noute, a tempestade, o pharol e a cidade d'*Alexandria*.

Esta cidade era d'ella, e d'ella crão esses dous portos, esses grandes navios, d'ella as margens arenosas, as regiões fecundas, os desertos sem limites — todo o *Egypto* emfim.

Vendo a colera do mar ella quiz socegar a sua bem amada terra, e sorria-se. Divino sorriso, cujos encantos tocaram sem duvida os deuses marinhos que passavam, por que as ondas amotinadas começaram a aplacar-se.

Então uma voz mais melodiosa que a flauta *Lydiana*, soltou estas palavras aos ventos tempestuosos :

Egypto, tem confiança em mim.

O mar é um leão, mas um leão preso, e que morderá apenas as tuas asas.

Nossos deuses nos amam, *Egypto*, renasça a paz e sê feliz, por que eu te darei festas como jamais em *Assyria* deram os reis de *Ninive* e da *Babilonia*.

(*Continuação.*)

Traduzido por XAVIER PINTO.

POESIAS.

Pequei !

Pequei, *Julia*, o teu perdão
Eu o quero, e compaixão,
Compaixão que bem mereço ;
Esqueci-te por momentos,
E em outra os pensamentos
Empreguei, que hoje aborreço.

Enganei-me—os seus protestos,
Pago-os hoje com doestos
Nascidos do coração ;
Labios candentes não mentem,
E jamais também consentem
Receber o que não dão.

Foi um sonho transitorio,
Mas também o irrisorio
Alguma parte tomou ;
E se vem a realidade
Parece não ser verdade
Pois que o passado voltou...

Era linda a mais não ser,
De seus olhos a um volver
Fazia todos curvar ;
Era linda como é a rosa
Na manhã d'*Abril* formosa
Quando começa a raiar.

Era linda, e seus eucantos
Inspiravam doces cantos
Ao poeta — ao trovador ;
Era linda... mas vaidosa,
Era rica, era orgulhosa
A ninguém guardava amor.

Esqueci-a — com desprezo
Pagarei desprezo seu,
Fui captivo — estou illeso
E' vontade — quero-o eu ;
E alfim, subjugada
Pedirá o seu perdão,
Não terá, oh ! foi culpada...
Não a quero, por Deos, não !...

Pequei *Julia*, perdoado,
Virá em breve o passado

Mitigar a minha dor,
Chamarei a minha lyra
P'ra cantar o que lh'inspira
Meu amor com teu amor.

Julho 2 de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.



Tentativas Poeticas.

DE F. GONSALVES BRAGA. (*)

XXII.

PORTUGAL.

AOS MEUS COMPATRIOTAS.

I.

Levanta a fronte, magestosa, altiva,
Da terra ao ceo, occidental gigante :
Alarga os braços, e com força activa
Abala o mundo, por qu'inda és possante !

Bem sei que dormes, mas é tempo : — acorda !
Faz ver ao mundo que a dormir descanças ;
E' morte o somno ? — Diz que não : — recorda
Teu grande nome, que o teu brilho alcanças !

Recorda ao mundo os lusitanos feitos
Nas grandes eras das nações guerreiras :
Recorda os lusos a vencer affeitos,
Nas lutas sempre a conquistar bandeiras ! —

Recorda um povo, que recorda ufano
Do luso reino triumphaes victorias,
Qu'inda excediam ao poder humano,
Ganhando um nome d'immortaes memorias ! —

Se agora és fraca, Lusitania, outr'ora
Feudaes tributos das nações tiveste ;
Se um grande nome só te resta agora
Nas grandes lutas com valor venceste.

Se a Grecia altiva, se a soberba Roma
Potentes foram nas remotas eras ;
A'quella iguallas, que inimigos doma,
A esta excedes, que sobre ella imperas !

(*) Agradecemos ao Ilm. Sr. Francisco Gonsalves Braga, autor da excellente poesia — Portugal — a offerta que nos fez della para a *Saudade*, pedindo-lhe que queira continuar a honrar-nos com as suas produções.

A Redacção.

Descanças hoje n'um dormir profundo,
Mas não morreste qu'inda a força gosas ;
Não morre um Reino que deu leis ao mundo
Que é sempre vivo em tradições honrosas !

Levanta a fronte, magestosa, altiva.
Da terra ao ceo occidental gigante,
Alarga os braços, e com força activa
Abala o mundo por qu'inda és possante !

II.

Ouvi, ó povos do Universo inteiro
Da minha patria, grandiosos feitos : —
Vêde em seu throno cada um rei—guerreiro—
Nos seus guerreiros, — mavortinos peitos.

Da Roma altiva uma invasão armada
Pretende os lusos sugar a si :
VIRIATO empunha sna lança, e brada : —
« Romanos ! Vê-de qu'inda não morri ! »

Dizendo, arroja-se entre a imiga gente,
A cujos peitos sua lança aponta !
Volta do campo, vencedor, contente,
Vingando a patria da estrangeira affronta !

Não pode a gente que ficou vencida,
Do heroe vingar-se, lealmente, em guerra : —
Quando elle dorme, a repousar da lida,
Traidora espada no seu peito enterra !

D'outra maneira não podéra a morte
Dar fim ao homem que mil mortes dera !
E se não fôra tão traidora sorte
Somente um raio dar-lhe fim podéra !

Regendo o Reino o virtuoso HENRIQUE
Ensina o povo a respeitar a lei :
Seu filho AFFONSO, vencedor d'Ourique
Por seus guerreiros é chamado — REI. —

Depois na igreja que em Lamego existe
Fundou Affonso o portuguez reinado :
Nobresa ao povo reunida assiste
A'grande festa, na qual foi c'roadado.

Então seguro do seu nome augusto
Prsiste affeito na missão honrada :
Destroe descrentes, — o temor e o susto
Infunde aos mouros com famosa espada !

Dizel-o podem Santarem, Lisboa,
 Por elle salvas do poder dos mouros !
 Lembrança eterna de taes feitos sôa
 Não voz do povo, que equivale aos louros !

Ao lado sempre do monarcha invicto
 D. EGAS brilha, que um modelo encerra
 De — LEALDADE — sen farol, seu rito,
 Na paz seu aio, seu rival na guerra. —

Seu rei que estava d'infieis cercado,
 Palavra sua o desviou da morte ;
 Na foi cumprida — ao inimigo estado
 Couduz os filhos e a fiel consorte !

Lá marcham todos com as mãos atadas
 Com roupas alvas como Réos d'um crime !
 Assim amostram ás nações pasmadas
 Acção só propria de um heroe sublime !

Tambem a historia recommenda á fama
 Quem nas batalhas igualou ao — Rei : —
 — MENDES DA MAIA — a quem a patria chama
 — O LIDADOR, — que sustentou-lhe a lei.

Morre, matando Almoleimár, — e a morte
 Foi-lhe invejada por ter sido — honrosa, —
 Qual sempre fôra tão leal, tão forte,
 Termina a vida n'uma acção famosa !

Alboazem chega : de tomar vingança
 Na lusa gente, as intenções só traz,
 LOURENÇO VIEGAS — o Espadeiro — avança,
 Seu elmo e craneo em mil pedaços faz !

DOM PAIO PERES, vencedor famoso
 Da forte Silves, que a infieis ganhou,
 Sobre as muralhas do castello annoso
 Das lusas quinas o pendou firmou !

MARTIN-MUNIZ, que foi comprar co'a vida,
 Dos portuguezes triumphante entrada
 No grão castello de Lisboa querida,
 Que foi aos mouros com valor ganhada ;

Morre entalado, dos chistãos em frente,
 Na grande porta d'immortal memoria !
 Sentio ainda a lusitana gente
 Passar sobre elle a proclamar : — VICTORIA !

(Continúa.)

O passado.

*Era bello esse tempo da vida,
 Em que esta harpa fallava d'amores.*

A. HERCULANO.

Tenho pena do tempo passado
 Em que perdido andava de amor ;
 Illudido talvez por uns olhos
 Lindos, lindos no bello fulgor.

Eu cantava mui terno na lyra
 Meigas trovas do meu coração ;
 Eu jurava amor firme á donzella
 Dedicando-lhe a minha canção.

Muitas vezes errante sosinho
 Eu andava só nella a pensar ;
 Julgava-a divina na terra,
 Desejava-lhe erguer um altar.

Infeliz, infeliz, que não via,
 Essa sorte que Deos me mandou,
 De cantar as endechas sentidas
 A'donzella que mal me pagou.

Mas agora que importa o passado,
 Foi sonhado porvir a soffrer ;
 Sou feliz, mui feliz no presente
 Quero só p'ra meu Deos o viver.

M. LEITE MACHADO.

**Roga-se encarecidamente aos
 Srs. assignantes que não tem re-
 cebido todos os ns. deste jornal
 hajão de reclamar por escripto
 nesta typographia. A Redacção
 aproveita o ensejo para decla-
 rar que o programma da folha
 não permite a inserção de cha-
 radas, logogriphos, motes, so-
 tos e acrosticos.**

RIO DE JANEIRO— TYP. DE F. A. DE ALMEIDA

Rua da Valla n. 111.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 20 de Julho de 1836

N. 24

LITTERATURA.

Paginas intimas.

XXII

DE TUDO.

Disseram-me ha dias que á força de tornar-me jocoso daria em *palhaço* ! O cumprimento não é dos mais agradaveis, mas elle partio d'uma d'essas *cabeças phantasticas* que engendram pensamentos sublimes ! Não que o mister de *palhaço* seja uma bicha de sete cabeças, mas porque o vulgo vê unicamente n'elle um homem que faz rir os outros.

Os scepticos poderão convencer-se de que o *palhaço* é susceptivel de inspirar paixões ; indicolhes para isso uma folha diaria d'esta corte que narrou o facto do *risco para baixo*. E' uma celebridade musical apaixonada d'um *palhaço*, sem que a sua reputação europêa a possa impedir de penetrar nos bastidores do talvez *sale theatre*, e ahi entreter-se por algumas horas com o mortal feliz.

Como tenho muito de discreto não revelo o nome da celebridade ; o leitor curioso poderá advinhal-o lendo o folhetim do supradito jornal... Eis aqui por que não repelli o cumprimento ; os *palhaços* são feitos da mesma massa de que sahem os Barões, Condes e Ministros d'Estado.

Recebi a tua carta, M... Ha muito tempo que não tenho um momento d'expansão tão terna. Foi ella que o preparou.

Recordas tudo que póde arrancar-me á realidade do presente. Sou sempre o mesmo, M... amo-te como te amei na infancia, e não me cansarei em repetil-o. O teu nome é um talisman para mim. Paira-me de continuo nos labios, e a tua doce imagem reflecte n'elle. Vejo os teus

louros cabellos, a tua fronte de rainha e o teu olhar doce e irresistivel. Sorris-me sempre com aquella graça infinita que forma o melhor dos teus attractivos.

Fallas-me nas flores, nos campos, no canto dos passarinhos e no surgir d'aurora.

Fallas-me no nosso patrio rio, cujo murmurio doce e brande nos embalou por tanto tempo.

Recordas-me aquellas longas horas passadas em torno do lar, sem que uma idéa pungente nos viesse despertar dos nossos dourados sonhos.

Fallas em fim de tudo que póde minorar as saudades que conservo de ti, e de nossa infancia.

Perdoa-me por consagrar-te algumas linhas no meio d'uma *pagina* que te dá uma bem triste idéa de mim, mas é forçoso trazer o sorriso nos labios, para encobrir a dor que existe no coração. Adeus.

PENSAMENTOS AO VÔO DA PENNA.

A' excepção de minha mãe, todas as mulheres tem um capricho qualquer que degenera muitas vezes em vicio ou loucura, se me disserem que isto é absurdo e egoismo, responderei que *sou bom filho*.

— Se me casar pedirei a minha mulher que se lembre do seu tempo de solteira quando eu quizer. A razão ? Para que ella não deseje ficar viuva,

— Quando vejo uma mulher em pranto, corro a procurar o meu *guarda-chuva*. A razam ? Está no guarda e na chuva.

— Porque se dá frequentemente o nome de anjo á mulher ? Por que não ha anjos na terra, e ha cem poetas para uma mulher.

CURIOSIDADES.

— Adeus, amigo ; como vaes ?

— Bom, obrigado.

— A' que seculos te não vejo !

— E' verdade.

— Que tens feito ?

- Casei-me.
 — Quantos herdeiros tens já ?
 — Nenhum.
 — Porque suspiras ? estás desgostoso ?
 — Suspiro á idéa que poderia ter aturado
 minha mulher oito dias, e aturei-a seis longos
 mezes.
 — Então morreu ?
 — Fez-me esse obsequio.

- Menina, quer fazer a minha felicidade na
 terra ?
 — Como ?
 — Casando-se commigo.
 — E o que vem a ser isso ?
 — Que ingenuidade ! exclamou o pretendente
 despeitado.

- Foste hoje ao baile, Carolina ?
 — Fui
 — E então ?
 — Não me falles nisso !
 — Estás descontente ?
 — Como não heide estar, se não tive par...
 vos, completou um satyrico do lado.

- E' muito bella ! dizia um fatuo a uma
 menina.
 — Isso já o Sr. dizia hontem a minha irmã.
 — E então ?
 — Concluo d' aqui que o Sr. não achará ne-
 nhuma mulher feia.

A M. C.

Os meus cantos são singelos,
 Nada tem de melodia ;
 Tem a dor de ver-me ausente
 De tudo quanto queria.

São queixumes do proscripto
 Em terra estranha a penar ;
 São canções de saudade
 Pois que as faz sempre inspirar.

São anhelos sem ventura,
 São amarguras, são dor ;
 Nem são ternos quando a lyra
 Quer fallar em meu amor.

Felicidade passada
 Que não podes mais voltar ;
 Oh ! és tormento
 Do pensamento ;
 Que não possa em te perdendo
 Perder de te recordar.

BERTAUT, Traduzido.

Eis ahi uma *paginas intimas* que farão des-
 truir algumas apprehensões que por ventura os
 leitores tenham formado de mim. E' uma miscel-
 lanea. Aquelles que julgarem d'aqui deficiencia
 d'assumpto, estão enganados. Escrevo sempre
 que queira, affianço aos leitores que principio
 muitas vezes ao acaso, sem saber como deverei
 acabar. E' um segredo entre mim e a minha
 penna.

Rio, Julho 18 de 1856.

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

CORAGEM.

Domingos, munido desta carta, queria procu-
 rar Luiza. Julgava poder convence-la de que
 o seu amor por Carlos era impossivel, e que
 se tornava necessario renunciar a elle. O bom
 preto, ignorando todos os precedentes d'esse
 amor, cria piamente que a joven faria o sacrificio
 da sua unica esperanca em favor de Mathilde.

Domingos sabia que a repugnancia de Luiza
 pelo brasileiro provinha de Carlos a quem amava,
 ora soffucando esse amor, e desposando Tristão,
 o mancebo estava livre e.... o resto advinham-no
 os leitores. Era simples o projecto de Domingos,
 mas impossivel. Esta impossibilidade não existia
 no espirito do bom preto, por isso com uma
 confiança digna de um General que conta sahir
 vencedor antes d'entrar em lucta, encami-
 nhou-se para a casa do doutor Rego. Domingos
 entrou pelo jardim, e encontrou-se com Tristão.

— O que ha ? perguntou este.

— Quero fallar com a menina Luiza, respon-
 deu aquelle com um sangue frio maravilhoso.

— Da parte de meu sobrinho ?

— Não, o Sr. Carlos continua ausente.

— Que ha entre ti e Luiza ?

— Perdão... redarguiu Domingos um tanto impaciente, e ia proseguindo seu caminho.

— Onde vaes, tollo ? a menina foi roubada !

— Roubada ? ! a menina Luiza, e por quem ?

— Ignora-se... Carlos...

— Se houver algum branco capaz de dizer em minha presença que meu senhor moço praticou uma acção tão vil, talvez lhe falte ao respeito. Fica para outra vez o meu projecto, concluiu elle retirando-se.

Deu alguns passos, parou de novo, e disse para Tristão.

— Eu vou dar algumas voltas por ahi, a menina Mathilde esta só... ella tem inimigos, por isso peço-lhe que volte para casa ; a sua presença assegural-a-ha.

— Sim, eu vou, respondeu Tristão dando um suspiro.

Domingos sahio pensativo.

A nova do rapto de Luiza sorprendendera-o em extremo.

— Ah ! exclamou elle parando, assaltado d'uma idéa subita, é elle não tem que duvidar !... E com a rapidez da onça que foge ao caçador, encaminhou-se para casa.

Domingos era o homem das idéas por excellencia ; não contento com a primeira, e depois de ter percorrido uma distancia não mui pequena, disse ; — Porém as ameaças d'aquelle malvado eram com a menina Mathilde... e olhava para o rio esperando sem duvida que elle o esclarecesse. Não... a primeira idéa é a melhor. E correu de novo.

Breve chegou á casa, abriu a porta da cocheira, entrou, e em alguns minutos sahia conduzindo um cavallo apparelhado.

— O que é isso ? perguntou Mathilde que chegára á janella.

— Vou á Fulgosa, talvez que me demore mais tempo de que desejo ; o Sr. Tristão vem já ; nada receie porque estou por perto. E partio a galope.

A Fulgosa dista um quarto de legua da casa de Carlos ; Domingos percorreu-a em dez minutos.

— Onde mora o Sr. Lourenço de Castro ? perguntou elle á primeira pessoa que encontrou.

— No fim d'esta rua, á esquerda, uma casa de sobrado com grandes janellas na frente.

— Obrigado.

O preto tinha tal impaciencia em chegar que as pessoas que encontravam diziam espantadas :

— E' o diabo aquelle preto, vae visitar outro diabo.

Domingos parou á porta da casa que lhe tinham indicado, apeou-se e bateu.

— O Sr. Lourenço está em casa ?

— Não, respondeu uma criada dando um grito de susto. E ia a fechar a porta.

— Espere, Sra., disse Domingos mettendo-se entre a porta e aquella.

A creada quiz fugir ; alem de velha era feia ; o preto atreveu-se a profanar os vestidos da donzellona o que deu causa a novo grito.

— A senhora nunca vio gente da minha cor ? perguntou Domingos sorrindo-se.

— Vamos, diga o que quer e deixe-me.

— Procuro o Sr. Lourenço.

— Já lhe disse que não estava em casa.

— Onde posso encontral-o ?

— Na quinta do *Barrilar*.

— Obrigado.

— Cruzes ! exclamou a velha fechando a porta com estrondo.

Domingos montou, e como o fizera antes partio a galope.

Tinha de retroceder.

Felizmente que a distancia era diminuta ; porém a Providencia parecia favorecer-o, em meio do caminho encontrou Lourenço.

— Até que por fim ! exclamou o preto.

— A estrada era estreita, Domingos atravessou o cavallo, e impedio Lourenço de continuar.

— Que significa isto ? perguntou este.

— Isto significa que tenho de fallar-lhe ; apeemo-nos porque a cavallo...

— Passagem ! bradou Lourenço tremulo de raiva.

— Qual ! como hei-de dar-lhe passagem se quero n'este momento saber do que me interessa !

Aquelle não podendo mais conter-se metteu esporas no animal, e quiz passar.

Domingos deu uma volta ao cavallo, agarrou nas redeas do de Lourenço, e disse fulo de raiva tambem :

— Já lhe disse que não passa, se me obrigar a excessos a culpa é sua.

— E se eu te der um tiro, redarguiu aquelle com calma tirando uma pistola do bolso.

— Será igual o partido ; tornou o preto tirando outra.

— Pois bem, apeemo-nos e conversemos.

— Ora até que me fiz comprehender, disse

o Domingos, apeando-se sem comtudo perder de vista Lourenço.

Continúa.

A Providencia.

(Continuação do n.º 22.)

Aos habitantes da zona torrida, que estão sempre sob a influencia d'um sol abrasador, dá-lhes uma tela fina para seu vestuario, que um verme lhes fia, e que a vagem d'uma arvore lhes ministra. Aos habitantes do polo arctico, banhados pelo Glacial, e confrangidos constantemente pelo frio intenso e desabrido d'um gelo, que nunca se desfaz, porque sempre se renova, dá-lhes quadrupedes que fornecem pelissas a esses homens do norte.

Todos os paizes, todas as latitudes, todos os seres animados, quer das zonas temperada, quer da torrida ou da frigida, te elevam hymnos de louvor, e glorificam teu nome, ó divina Providencia! « *Il n'est aucune region sur notre globe, diz o sabio Sturm, qui ne se ressent de la grandeur et de la bonté du Très Haut. Il n'est point de contrée, si pauvre et si aride qu'on la suppose, ou la nature ne se montre assés genereuse pour fournir á ses habitants, de manière ou d'autre, le nécessaire et même les agréments de la vie. Partout, ó Père bienfaisant, ou peut reconnaître les traces de votre sage bonté.* »

Finalmente o frio e o calor, aquella, favorecendo a transpiração insensível, este, derramando sobre a superfície da terra seu influxo benéfico, fazendo que os grãos germinem, e que a terra produza a herba; as flôres e os legumes de toda a especie: a chuva; irrigando o solo e impregando-a de sucos fertilisadores: o fogo, elemento tão eminentemente util e necessario, *instrumento de todas as artes e de todas as necessidades*: o sol, dardejando seus raios luminosos sobre o globo, vivificando a natureza, trazendo-nos a luz, a qual actuando sobre a cornea e o nervo optico produz os phenomenos maravilhos da visão, excita pelas vibrações deste nervo diversas sensações na alma, e percepções e idéas correspondentes ás impressões actuadas no cerebro, pelo mundo externo; a aurora, repintando-nos o quadro sublime do céu e da terra, que as sombras da noite haviam apagado, e fazendo-nos reviver os gosos e as delicias, que offerece o apparatus magnifico da terra, com suas montanhas coroadas de

pittorescas florestas, com seus prados tapessados d'herba, com seus platós enramados de vinhas, com suas veigas e jardins matizados de flôres, com os arroios espreguiçando-se em zigs-zags, e beijando docemente com sua lymphia, a raiz dos arbustos, o talo das plantas e o pedunculo das flôres: os astros que scintilam na immensidade do impireu, e que se reflectem na terra, já, indicando o caminho ao nauta e ao viajor terrestre, já, convertendo-se em oraculo de lavrador: os tres reinos da natureza, com suas potentosas variedades, e innumeradas vantagens que delles aufferimos: o inverno, que a despeito de tornar a terra esteril e deserta, faz com que ella descance e a prepara para depois entregal-a ás caricias de sua leda irmã, a primavera que a decora com o verdor de suas folhas, com o matiz variegado de suas flôres, e com os gorgeios maviosos dos passarinhos: o estio e o outono continuando os trabalhos de suas duas irmãs, desenvolvendo e sasonando os fructos: as montanhas, fazendo rebrantar de suas entranhas graníticas os rios, os arroios e as fontes: o vento e as tempestades, anihilando a acção nefasta dos miasmas, e purificando o ambiente, o ar, esse elemento vital que respiramos: o mar e suas tão conhecidas vantagens: a forma do globo tão adaptada aos tres reinos naturaes, distribuindo com igualdade, em todas as latitudes o calor e o frio e o dia e a noite: os prados virentes, em que o innocente e feliz pegureiro apascenta os rebanhos: as florestas que nos prestam a materia de nossos edificios, a lenha com que nos aquecemos e cozinhamos, e o doce refrigerio d'uma fresca sombra, nos dias calmosos: os jardins encantando-nos a vista e embriagando-nos o olfato, com o grato perfume de suas flôres: os passaros, fazendo as delicias de nossos ouvidos com seus melodiosos concertos: tudo, finalmente que recahé sob o dominio de nossos sentidos ou de nossa razão, é unisono em demonstrar os disvelos da *Providencia* para com as creaturas, e tudo proclama a sabedoria do Ser Supremo.

Quando em dia de procella o mar se agita os escarcens s'elevam, o trovão ribomba, os relampagos fuzilam, e o raio rebenta das nuvens com seu sinistro clarão, quem é que depara ao naufrago miserando o fragmento d'amurada, em que se sustenha até que amaine a tempestade e lhe venha soccorro, quem é que lhe manda essa onda salvadora, que o rouba a uma morte horrivel, e atira na encosta? —

Quando Israel espinhado pelos Egyptios e escravizado pelos Pharaós erguia supplices mãos ao Eterno pedindo-lhe a liberdade que não fruiam e que tanto lhe sorria n'alma, quem foi que salvou das aguas esse menino predestinado, quem aos tristes Hebreos mandou esse braço poderoso, esse libertador denodado, que quebrou o jugo dos Pharaós e conduziu Israel á terra de promissão ?

Quando a casta Suzanna se viu nodoadada em sua honra, pela mais atroz das calumnias, que dous lubricos membros da sinagoga infamemente lhe imputaram; no zenith da dôr, anciada, e inquieta se carpia miseranda, elevando os olhos para o céo, como quem invocava o testemunho de Deos em prol de sua honestidade, e implorava o termo daquella terrível provação, quem suscitou á mesquinha a voz prophetica de Daniel, que lhe salvou a vida, que lhe ia ser ceifada, e que rehabilitou sua honra tão torpemente abocanhada pela infame maledicencia ?

Quando o pobre em seu tugurio tiritava de frio, não tendo para resistir-lhe senão miseros andrajos, sem lenha com que se aqueça, sem pão com que mate a fome, invocando a morte em seu auxilio, já que a vida lhe é tão madrastra, quem é que envia ao triste, esse anjo de caridade, que veste sua nudez, que acalenta seu corpo regelado, e sacia sua fome? — Quando Agar expulsa da casa de Abralião, se viu em um arido deserto, com suas provisões esgotadas, e seu filhinho a morrer por falta d'agua, convulsa, afflicta, arrancando-se os cabellos, chorando toda ella agonia, quem foi que lhe enviou esse anjo que fez calar a consolação em sua alma, e que fez rebentar do seio da terra a agua que chamou a vida o pequeno Ismael? — a Providencia!.... Sim, a Providencia, cujos vestigios, e influencia a razão humana vê daguerreotypados em todos os objectos e em todas as creaturas, ora, tomando a forma de Judith e salvando Bethulia, ora, a d'Helena e christianisando Constantino, ora a de Guilherme Tell, Gustavo Vasa, D. João IV e o principe d'Orange, quebrando as pesadas algemas, com que o ávido estrangeiro lhe roxeava os pulsos, e dando-lhe a mais preciosa das humanas prerogativas, a liberdade! !....

Se não podemos perceber a compatibilidade da Providencia como liberdade, se ellas parecem entrechocar-se e repellar-se, será isto uma razão para regeital-a? de certo que não; pois que a acção da Providencia sendo tão sensível, e sendo

além disto authorisada pelo consenso commum dos povos, e a origem de sua noção não podendo provir nem do medo, nem da ignorancia, não póde deixar de ser uma realidade; assim pois, se não percebemos certas relações, attribuímos esta ignorancia a imperfeição de nossa natureza e aos estreitos limites de nossa intelligencia, e creiamos com Dumas, que « Deos gosta de frustrar as combinações dos orgulhosos, com elementos que lhe são desconhecidos, e de que não podem prever a intervenção. » « *La nature nous offre à chaque pas, diz Mr. C., des merveilles qui nous confondent; et quelques recherches, quelques decouvertes, que nous ayons fait, il reste toujours mille choses que nous ne saurions comprendre. Il suffit que l'utilité que nous en revient pas le bon usage que nous en faisons, nous convainque, qu'elles sont l'ouvrage d'un Etre infiniment sage et bientaisant.* »

Cabo Frio, 20 de Maio de 1855.

D. A. MACIEL DO AMARAL.

Incendio de Macau.

Macau é sem duvida a cidade mais pacifica d'Asia Oriental. Ordinariamente occupada com o commercio que a sustenta, não offerece nos estreitos limites do seu pequeno territorio nenhum objecto de distracção. Apenas ahi chega uma vez por mez o correio da Europa, que leva mais de mil noticias diversas de todos os paizes: nesse dia chega a curiosidade geral ao seu paroxismo pela novidade; porém no dia seguinte cada um toma o seu estado habitual, e não pensam mais em cousa alguma que não seja no seu negocio.

Foram pois dias de movimento extraordinario e de emoções insolitas aquelles em que os habitantes de Macau proclamaram em grande pompa a elevação do Sr. D. Pedro 5.º ao Trono de Portugal. A festa começou em 26 de Dezembro de 1855 e durou tres dias consecutivos: logo na manhã do dia 26 as antigas fortalezas onde o celebre Camões servio como simples soldado, annunciaram o dia com numerosas salvas d'artilharia, ás quaes responderam os navios de guerra surtos no porto.

Pelo meio dia o governador acompanhado do corpo diplomatico e de todas as authoridades civis e militares, se dirigiram á casa da camara aonde o busto de D. Pedro estava collocado sobre um dozel, e aproximando-se da galeria principal que

dá para a grande praça do senado, elle proclamou por tres vezes o novo Soberano em presença de uma multidão immensa de povo, do qual a alegria se manifestou por diversas ovações entusiasticas.

Depois da proclamação official as autoridades se dirigiram para a cathedral onde o Bispo entoou um *Te-Deum* em honra do novo Monarchia. Notaram-se nesta cerimonia o conde de Courey e todos os representantes da legação Franceza, o contra Almirante Guerim, assim como os commandantes e officiaes das Fragatas Francezas *Virginia* e *Constantina* aos quaes o governador nha enviado cartas de convite.

A' noite, a illuminação mais brilhante que se tem visto em memoria de homem, dava á cidade um aspecto grandioso que fazia lembrar as festas da mãe patria.

Os proprios chinezes quizeram rivalisar com os portuguezes fazendo no seu estilo varios fogos d'artificio e armando diversas barracas illuminadas de differentes cores: é verdade que depois da suppressão do Mandarim de Macau os chinezes nascidos naquella cidade podem-se julgar como subditos de Sua Magestade Fidelissima.

Porém de todos os edificios publicos e particulares, o que se distinguio com mais luxo pela riqueza e bom gosto de suas decorações era a residencia do Barão de Cercal, consul geral do Brasil. Perto de 3,000 luzes estavam habilmente dispostas, segundo um elegante desenho que o filho do Barão tinha traçado, semelhante aos que tinha visto em Paris, d'onde tinha regressado de completar os seus estudos; só lhe faltavam vidros de cores para representar em menor escala as bellas illuminações dos Campos Elysios. Assim se continuaram até o dia 28 as salvas d'artilharia, concertos publicos, paradas, illuminações e bailes. Mas apenas o echo destas festas retinio uma calamidade inesperada veio subitamente espalhar por toda cidade o terror e afflicção.

Será bom lembrar aqui ao leitor, que sendo a cidade de Macau construida sobre uma lingua de terra, tendo menos de um killometro de largura; está quasi longitudinalmente dividida em duas partes, sendo uma habitada pelos portuguezes e outra pelos chinezes; a parte habitada pelos portuguezes, á qual dão o titulo de cidade Europêa, estende-se do lado do sul á margem de uma bella praia, do qual se vê o ancoradouro exterior, composta de casas edificadas de tijollos, dê um ou mais andares, tendo um aspecto de riqueza e elegancia que se admira em todas as colonias inter-

tropicaes; a cidade Chineza ao contrario fórma do lado do norte uma aglomeração de casebres desalinhadados, da qual os bicos estreitos e tortuosos vão rematar ao porto interior; as casas são pela maior parte construidas de madeira, baixas, escuras, encostadas umas as outras e por tanto mal arejadas. Ali, amontoam-se em alpendres escuros e humidos as provisões alimentares de toda a cidade como tambem os navios e juncos (1) surtos no porto, aonde tambem se acham as madeiras de construcção, maçames, breus, combustivel e em geral todos os materiaes maritimos, sem contar as mercadorias em deposito que chegam constantemente do interior da China para serem exportadas. Foi no dia 4 de Janeiro a uma hora da tarde que o fogo se descobrio nas casas cobertas de folhas de palmeira, perto da antiga alfandega, para a extremidade do norte da cidade chineza, porém como o vento soprava fortemente do nordeste, as chammes precipitaram-se com violencia sobre as casas vizinhas, e em poucos momentos o incendio se ateou ao mesmo tempo em diversos pontos, dirigindo-se por numerosas faiscas para o interior do basar (2). As fortalezas portuguezas deram logo o signal d'alarma, e os bombeiros mecanistas no mesmo instante se prepararam para livrar das garras do gigante destructor a cidade chineza que já se achava em lamentosas circumstancias, porém que poderiam elles fazer com duas ou tres bombas que datam de D. José 1.º tendo as rodas baixas como os antigos carros de bois, com mangas que não fazem vacuo, e com canos endurecidos que se não podem desenrolar; desta sorte ainda não era bem noite e já o incendio ateado pelas materias inflamaveis, encerradas em grande quantidade do bazar, se alongava a margem do mar até a praça central do Senado, ameaçando de distribuir não só a cidade chineza, da qual a sorte estava fatalmente decidida, como tambem a cidade Europêa toda inteira.

Por mercê de Deos que as fragatas francezas *Virginia* e *Constantina* que se achavam fundeadas no ancoradouro, ao primeiro tiro de soccorro o contra-Almirante Guerim apressou-se a mandar a terra 250 homens munidos de todos os utensilios necessarios para afastar o progresso da chamma. O plano de operação estava traçado, a cidade Chineza estava já considerada perdida, por isso

(1) Embarcações Chinezas.

(2) Mercado no Oriente.

era necessario tratar de salvar a Europèa, e foi para este fim que foram dirigidos todos os esforços. As casas chinezas da praça e rua do Senado que podiam communizar o incêndio para o sul, foram completamente demolidas antes que o fogo lhe tivesse chegado, e outras das quaes as chamas já lambiam o convento, e igreja de S. Domingos, foram cobertas d'agua pela acção das bombas sobre toda a linha central de separação entre as duas cidades, afastando desta sorte a invasão do elemento destructor. N'uma palavra o Macau Portuguez ficou em pé no entanto que o Chinez estava como um mar de fogo d'onde nada mais podia escapar.

(Continúa.)

POESIAS.

Tentativas Poeticas.

DE F. GONSALVES BRAGA.

XXII.

PORTUGAL.

AOS MEUS COMPATRIOTAS.

(Conclusão.)

Essê GERALDO, — SEM PAVOR — chamado,
Que Evora aos mouros com valor ganhou,
Ao Rei a entrega, e tem assim ganhado
A liberdade que a gosar ficou!

Entre estes todos lá se amostra ousado
FUAS ROUPINHA, d'immortal memoria;
Primeiro Luso que no mar irado
Dirigio lenhos, e ganhou — victoria!

Seu nome é grande p'ra que o mundo veja
Quem praticou sobre o profundo mar
Acção tão nobre, que o CAMÕES deseja
D'Homero a lyra p'ra o heroe cantar!

MARTIM DE FREITAS — O Alcaide — honrado
Do grão Castello que Coimbra exalta,
Vê-se dos mouros infieis cercado,
P'ra resistir-lhes seu valor não falta!

Ganha a victoria no castello annoso,
Vae a Toledo, e sobre a regia campá
Depõe as chaves: tal heroe famoso
Nos lutos fastos o seu nome estampa!

Esse ALBUQUERQUE de poder incrível
Que a fama diz: conquistador potente,
E' quem Camões denominou — TERRIVEL —
Cantando os feitos da famosa gente!

E o CASTRO-FORTE — de honradez modelo,
Victima illustre da fatal pobreza,
Das suas barbas empenhou cabelo
P'ra dar effeito á marcial empreza!

Esse que o mar desconhecido affronta
Passando affeito o tormentorio, é — GAMA,
Que sobre as ondas para a India aponta,
Promette á patria dar augmento e fama.

Por fim na terra desejada aprôa,
E o Oriente ao poder luso chama:
De DOM MANOEL enriquecendo a c'róa,
De — VENTUROSO — lhe dá nome, e fama!

Depois — PEDRO ALVARES CABRAL, navega
P'ras longas terras que conquista o GAMA,
Descobre quando na Guyanna chega
O vasto Imperio, que — Brasil — se chama!

Esse que as filhas d'Albion deffende
Com doze bravos que ajuntou p'ra isso,
Porque o Britano desleal offende
As fracas damas; quem será? — MAGRIÇO!

Trava-se a luta furiosa, horrivel,
Começam damas a nutrir esp'ranças;
Foram cumpridas: — o heroe temível
Deixa prostradas as imigas lanças!

Esse, que aos rogos da vaidosa Hespanha
Acode, e esmaga o sarraceno arnez,
AFFONSO QUARTO, no Sallado, banha
Em agoa, e sangue a mauritana tez!

Aos bellos elmos, e luzentes armas
Succede o sangue, a mortandade, a dôr!
Vaidosa Hespanha! Teu poder desarmas,
Que ao luso impleras protecção, favor!

Fogem os Mouros: — por finaes heranças
Deixam no campo, de uma vez rendido,
Bandeiras rôtas, e quebradas lanças,
Seus bravos mortos, seu valor perdido!

DOM PEDRO, o filho d'esse Rei austero,
Affonso quarto, que condemna IGNEZ;
Aos seus algozes castigou severo,
E, morta a esposa, inda Rainha a fez!

AFFONSO QUINTO — deixa a lusa terra,
Dos bravos mares affrontando as vagas,
E dá-lhe o nome de — Africano — a guerra
Que foi levar ás Africanas plagas!

Hespanha: — um facto de valor dos lutos
Inda ha na historia das desgraças tuas: —
ALJUBARROTA, que já vio, confusos
Fugir teus filhos, ante as armas suas!

Então a Lysia registou na historia,
Dos grandes nomes para um reino inteiro,
Aos quaes se deve tão real victoria: —
DOM NUNO ALVARES, — DOM JOÃO PRIMEIRO.

Esse Rei joven — SEBASTIÃO — que a gente
D'Africa adusta castigar pretende,
Deixa seu Reino, porque é mui valente,
E a lusa gente té ao longe estende !

Victima illustre do seu genio altivo,
Que só á gloria devotava a vida,
Era inda joven : — não quiz ser captivo,
E a liberdade lá ficou perdida !

Lá morre : e o sceptro que regem dous mundos
Partio-se, e a c'roa vacilou, cahio,
Pendeu-lhe a fronte nos areaes immundos :
Do Reino a gloria nunca mais surgio !

Que surja agora, magestosa, altiva,
Seja de novo — occidental gigante, —
Mostre, que o somno não é morte : — activa
Abale o-mundo, por qu'inda é possante.

D'Heroes que teve tão leaes, e tantos,
Hoje o que resta ? Funeraes padões : —
Somente um vate nos divinos cantos,
A vida a todos restitue : — CAMÕES. —

VARIEDADE.

Impressões de viagem.

UM PASSEIO A' RUA DO OUVIDOR.

Para fugir d'atroz melancolia,
Que a estragada cabeça m'atropella.

Peguei no chapéo e safei-me logo que acabei
de cumprir bem ou mal minhas obrigações. Fui
á rua do Ouvidor.

Bem differente desse Mr. Alexandre Dumas,
que diz cobras e lagartos de cousas que nunca
vio, vou contar-vos o que é a rua do Ouvidor,
certo de vos impressionar com o *extracto* de mi-
nhas impressões, e não com as bellezas d'estylo
do celebre romancista.

A rua do Ouvidor é a paragem, onde todos vão
tomar vento para seguirem seus destinos.

A rua do Ouvidor é um bello pretexto para a
ingenua donzella e a prudente matrona, que, a
titulo de passearem, só por esparecer, vão levan-
do o pobre chefe de familia de vidraça em vidra-
ça, *c'est á dire*, de Herodes para Pilatos, fazen-
do-lhe notar esta tetéa, aquella bugiganga, de-
pois dizendo que fulana tem um ninharia daquel-
las, depois acrescentando que não são menos que
a dita fulana, depois que o marido da fulana é a
flôr e nata dos maridos, depois atrevendo-se
a dizer que querem o tal *bonito*; finalmente, para
encurtar razões, ou o *velho* compra, paga e vai
bufando, ou não compra e ficam amuados.

E' a rua do Ouvidor o paraíso das recém-casa-
das e das proximas futuras noivas, o purgatorio

dos homens com dinheiro e o seu calvario, onde
não são *crucificados*, mas *sem cruces nem cunhos*
ficados, e o inferno dos homens sem dinheiro.

E' a rua do Ouvidor o palco, onde se repre-
sentam os melhores lances da comedia humana,
que termina ante os altares, nos colhões d'um
hospital, ou grades a dentro de uma casa de ora-
tes : haja vista aos cavalheiros que passeiam de
lenço na boca, dos que em certas esquinas estão
de alcatéa, e aos que, encostados em lugares
certos, dão tratos ao miolo, *destilando espirito*.

E' a rua do Ouvidor um museu em que não
faltam ursos, macacos, caranguejos, lagostas, &c.

E' um laboratorio d'alchimia, onde as bellezas
decahidas, entregues nas mãos dos Cagliostros
modernos, acham os dentes, cabellos perdidos,
côres e outras cousas mais que todos sabem.

E' a rua do Ouvidor uma praça de parada,
onde vemos desfilar os atrapalhado roceiros, acom-
panhados das embasbacadas consortes, das mal
geitosas filhas, e de seus pagens, verdadeiros oran-
go-tangos, trajando librés de variegadas côres, o
caxeiro que se pavoneia orgulhoso, ensacado no
seu paletot, caban, albornaz, ou o quer que seja,
elle que ha pouco pedira humildemente ao patrão
licença, que desdenhosamente lhe foi concedida,
e os que diante das *Sphinges* andam a decifrar
enigmas.

Ali é escola de politica, telegraphia, mimica,
pantomima.

Ali é phil'harmonica, phincipalmente de rea-
lejos.

Ali se mostram as maiores virtudes e os maio-
res vicios, desde a honesta costureira que susten-
ta a mãe enferma e os famintos irmãosinhos, até
a indolente posta de carne com um par de bigo-
des, que deixa a mulher, *soi disant*, o cuidado
de entreter ou aviar a freguezia.

A rua do Ouvidor seria um pedaço de Paris
(aqui estou eu no caso do citado atraz Mr. Du-
mas) se não fosse o Cacique lembrar-nos que pi-
samos a terra que já foi sua.

Ali é um mar, onde as bellas peccadoras —
boas pescadoras — arrastando suas rendas, — ar-
rastando suas redes, podem pescar os peixes
parvos.

Finalmente o que a rua do Ouvidor tem de
peior é fazer despertar tal alluvião de disparates
a um

VIAJANTE.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA.
Rua da Valla n. 141.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 27 de Julho de 856

N. 25

Acabando com este numero o segundo semestre suspendemos a Saudade a todos os Srs. assignantes, que não estiverem inscriptos nas listas distribuidas; por isso os que quizerem continuar, terão a bondade de participar por escripto a esta Typographia.

LITTERATURA.

Paginas intimas.

XXIII

AOS MEUS IRMÃOS NO TRABALHO.

Eis ahi um livro intimo que vai fechar-se.

A ultima pagina é vossa, offereço-a do coração — aceitai-a como partida delle. E' pouco para o muito que devia dar-vos, mas o muito com um caracter *official* nada diria, e eu prefiro o pouco que pôde exprimir um sentimento. O livro não me pertence — é de todos; fazer delle uma excepção seria egoismo, por isso em cada pagina achareis um desejo.

A melancolia inspirou algumas, as saudades da Patria muitas, o despeito o resto dellas.

Para mim que tenho apenas vinte e dous annos, essa melancolia, symbolisada nas expressões, importa um desmentido a esse despeito, e para os outros... o que não direi.

As saudades, como disse, inspiraram-me algumas dessas paginas, e talvez que esta tenha um tanto desse defeito.

As saudades podem produzir esses cantos intimos e apaixonados que revelam uma ventura gosada na Patria, ao lado das nossas mais charas affeições. E' quasi sempre uma volta ao passado, e esse passado é a nossa infancia — a idade das flôres. Mas no meio dessas expressões arrancadas

pelo sentimento, quantas revelarão uma idéa egoista? ! Por mim o confesso, tenho tido momentos na vida que dariam causa a uma multidão de sentidos cantos, existem outros que matam aquelles, porque são mais repetidos, e é devido talvez a isso que o maldito egoismo preside aos poucos que hei soltado. Ai! as flôres da minha vida murcharam tão cedo, que é impossivel plantar outras de novo! Sorrisos e lagrimas, aquelles compensados com outros, estas enchugadas por mim, eis o que poderei dar de um passado de que tenho saudades, porque sou joven.

Se, pois, ha no meu livro de seis mezes algumas paginas authorisadas pelo despeito, são tão poucas e simples, que devem esquecer-se.

Comprehendemos a vida pelo lado material, porque não temos ás vezes um sopro benefico que destrua os sentimentos egoistas que alimentamos no coração.

A intelligencia que damos ás causas produzem efeitos oppostos, mas o arrependimento formando outras e outros, dá origem a novos combates.

Aceitai estes pensamentos como vos aprouver. São naturaes — são intimos, e o pouco valor que tiverem deve compensar a ingenuidade dellas.

A *Saudade* vai terminar um anno de existencia; é um seculo para nós que não queremos conhecer o alcance della, e os beneficios que pôde produzir.

Representante d'uma classe olhada com ironia, a *Saudade* tem apresentado ao publico um desmentido solemne de que as intelligencias são exclusivas das classes distinctas da sociedade. Ella ahi está, corram pagina por pagina, leiam nome por nome, e ver-se-ha que nenhuma dessas paginas, nenhum desses nomes sabio das ultimas. O véo da obscuridade que envolve a ambas as cousas, isto é as paginas e os nomes, não é tão impenetravel que não deixe distinguir no fundo a ver-

dade de uma idéa, abraçada por muitos. Essa gloria pertence-nos, o futuro virá para a exaltar, e tenho convicção de que essa classe conquistará o lugar a que tem direito.

Trabalheemos em commun, tomemos primeiro o vôo do pequeno passarinho para alcançarmos o da aguiá; contentemo-nos por em quanto com a capa da obscuridade mas empregueemos esforços para a repellir dos hombros quando sentirmos que ella é leve de mais para as nossas forças. Hei de empenhar-me por uma causa que reputo justa e santa, os *Aristarchos* modernos que olhem para o passado, e que nos desculpem pelos desejos.

Se nestas poucas linhas traçadas *ao correr da penna* encontrardes uma verdade, abraçai-a, e acompanhai-me.

Esmorecer quando a victoria se declara por nós, é loucura!

Rio, 27 de Julho de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

CORAGEM.

—Sr. Lourenço, disse Domingos olhando fictamente para aquelle, ao mesmo tempo que parecia affagar o cano da pistola, tem tão má reputação nestes lugares, ha do Sr. um tal horror, que me parece ser temeridade fazel-o parar em seu caminho.... Inda não acabei. A minha primeira idéa foi esta, porém reflectindo melhor achei que era muito natural pedir-lhe que conversassemos, como bons amigos, e eis-nos em frente um do outro. Aprecio no mais alto gráo a complascencia com que cedeu ao meu pedido, por isso para que não nos impacientemos reciprocamente, vou ao positivo: A filha do doutor Rego desapareceu de casa; ignora-se como e por quem foi raptada; pesam algumas suspeitas sobre o Sr. Carlos; ora a calumnia é uma arma mortifera dirigida por mão de mestre, receio pois que meu senhor moço seja victima della, é por isso que lhe peço (e Domingos insistio nesta palavra) me diga a quem se deve imputar esse rapto.

Lourenço fez um gesto de desdem, e respondeu com calma:

— E' só isso que tens a perguntar me?

— E é pouco?

— Pois então pódes continuar teu caminho, eu não hei tempo bastante para me occupar dos negocios alheios.

O preto fez um gesto de enfado tão particular nelles, e continuando a affagar a pistola redarguiu:

— E' muito pouco para o que esperava do Sr.... veja o que é uma idéa! Desde hontem sou perseguido por ella; uma voz occulta me diz que o raptor chama-se Lourenço de Castro:

— Responderia a essa insinuação se tratasse com teu senhor ou outro qualquer homem nas minhas circumstancias, mas a um negro, é descer muito.

— Concordo, Sr. branco, nem eu pretendo negar que ha em mim pouco respeito para as pessoas da sua qualidade, mas que quer, mettu-se-me em cabeça descobrir o raptor da minha Luiza, e hei de conseguil-o.

— Ninguém te estorva, já respondi, por isso cada um para seu lado.

— Espere, não me satisfazem as suas explicações....

— Insolente! bradou Lourenço, queres que te faça saltar os miolos?!

— A' primeira palavra d'ameaça que o Sr. pronuncie, respondeu o preto engatilhando a arma, sou eu que tomarei esse expediente. Vamos, onde occulta a menina Luiza? diga, e depressa.

Lourenço comprehendeu que Domingos fallava serio.

Fanfarrão como todos os caracteres malvados, julgava atemorizar o preto, mas á vista do resultado da sua ameaça entendeu que o mais prudente era fingir que cedia, e aproveitar-se do momento para destruir o poderoso obstaculo que se lhe antepunha em seu caminho.

Domingos advinhou o projecto do malvado; o estremecimento nervoso dos labios de Lourenço, a sua pallidez, o seu olhar, tudo revelou ao preto que cumpria acautelarse.

— Vamos, tornou elle apontando a terrivel arma, espero que me explique onde poderei encontrar a filha do doutor Rego.

— Atira com a pistola para o lado, respondeu Lourenço.

E para socegar aquelle deixou calir a sua a alguns passos.

Domingos contemplou o seu inimigo por alguns minutos, sorriu-se com desdem, e disse:

— Ensinaaram-me a desconfiar do homem que,

como o Sr. é generoso em excesso ; assim permit-
ta-me que conserve a pistola commigo ; é uma
arma que trouxe do Brasil, e a qual se ligam al-
gumas scenas da minha vida de escravo, receio
perdel-a por tão pouco.

— Não importa, estou convencido que não
has de assassinar-me. Queres então saber quem
foi o raptor de Luiza ?

— Sim, e onde devo procural-a.

— O raptor da filha do doutor Rego é um ce-
lebre poeta a quem appellidam *Côxo*. E' elle que
poderá informar-te do lugar em que a escondeu.

— Um, um.... rumorejou o preto.

— Estás satisfeito ?

— Não, senhor ; o diabo desta idéa tornou-me
incredulo....

(*Continúa.*)

POESIAS.

A' minha Mãi.

Oh ! possam estes carmes, repassados
D' angustia e de saudade, orvalhecidos
Pelas lagrimas tristes do desterro,
Seguindo o rumo, por meu peito afflicto,
Delineado, chegar a seu destino !....

I

Ai que saudades, minha mãi querida,
N'um solo estranho, longe emfim de vós,
Sem rumo ou norte neste cahos da vida
Suporto a custo n'um delirio atroz !
Quantos suspiros rebentados d'alma,
Do triste peito, quantos ais partidos,
Quão longos dias de fugida calma
Soltando carmes pela dor curtidos !...
Ha quanto tempo, minha mãi, ha quanto,
De vós distante suspirando vivo ;
Qual, entre os ferros inundado em pranto
Exhausto em forças, o infeliz captivo !

E são lembranças de saudade em mente
Que accesas tenho, conservado á flux
Por vós e a patria, onde tão fulgente
A vez primeira vi do mundo a luz !

Saudades tenho desse tempo ameno
De minha infancia tão fragrante e para ;
Em que em meus labios um sorrir sereno
Inda pairava de feliz ternura ;
Em que risonha me embalava apenas,
A doce esp'rauca d'um futuro ledo,
De duas manas inda bem pequenas
Ao lado entregue a juvenil folgado.

Tenho saudades desses mil afagos
Que a vosso lado, minha mãi, fruíra,
Por que eram gratos os mimosos tragos
D'amena vida qu'en então bebia !...
Mas essa quadra, como tão depressa
Quanto ligeira para mim passou !
E na carreira, de tristeza oppressa
Como minh'alma tão cruel deixou !...

Na idade ainda de mimosas flores
Em que cercado d'illusões me achava ;
Apenas quando com visões d'amores
Inda inexperto, mui feliz sonhava ;
Abandonei-me, minha mãi, ao mundo
Julgando nelle eu encontrar carinhos ;
Mas ah ! que em breve conheci a fundo
Quão cheio estava de crueis espinhos.

Foi dura a sorte, minha mãi, só ella
Ai que tão cedo, me apartou de vós !
Qual botãosinho de uma flor singella,
Ao pé ceifada pelo—euro—atroz !
Roubado a vossos carinhosos braços
De minha infancia no sorrir fagueiro,
Eu vim, tão curtos, alongar os passos
Na plaga ignota d'um paiz 'strangeiro.

E' no desterro, minha mãi, somente
Aonde o homem sem Mentor, ou rumo,
Conhece a falta que faz esse ente
De sua infancia verdadeiro prumo !
Oh ! sim amargo, minha mai, desdito
E' pois o pranto que saudoso vorto,
No solo estranho, em que a sós, proscripto,
Errante calco, com meu passo incerto....

II

Por quem sois, oh minha mai !
Lá d'onde estacs, escutai
Com amor,
De vosso filho os deliros,
Os magoados suspiros
Pela dor !

Pela dor tão compungida,
De ver p'ra sempre perdida
A esperança,
Que outr'ora assaz me sorria,
E nos sonhos me luzia
De criança !

De criança, qu'inda insonte
No refulgir do horisonte
Tinha fé !
Hoje minh'alma opprimida,
Nas illusões desta vida
Já não crê !

Já não crê !... erguei os braços,
Mãi carinhosa, aos espaços
E chorai !
Por vosso filho querido
Soltai, ao menos sentido
Um só ai !

Um ai que fendendo os ares,
Venha aqui nestes palmares
Dar alento,
Do triste desventurado
Ao coração humilhado,
Ao tormento....

Ao tormento que a minh'alma
Toda a paz, ardor e calma
Me roubou
Dessa quadra deleitosa,
Que tão veloz, descuidosa
Se passou.

Sim passou ! .. entre saudades,
Curtindo mil anciedades,
Me deixando !
Sem ter aonde, na vida,
Encontrar uma guarida
Suspirando !

Suspirando, ai peregrino
Que soffrendo do destino
Crua lei,
Vago de vós separado ;
Qual meu rumo desgarrado
Nem eu sei !

Nem eu sei !.... erguei os braços
Oh ! minha mãe, aos espaços
E chorai !
Por vosso filho querido
Soltai, ao menos, sentido
Um so ai !...

III

Ai aos sorrisos, minha mãe querida,
Que me embalaram na idade tenra,
Risonha e pura,
Como tão prestes succedidos foram
De longos dias de penar azinho
E acre amargura !...

Como fogaces, minha mãe, saudosos,
Esses momentos de feliz ventura
P'ra mim passaram !...
Como esses sonhos d'illusoria esp'rança
De bonançosa d'infantil fragancia
Se deslizaram !...

Outr'ora em pranto se desfeito eu era
Em vosso peito meus sentidos carmes
Triste echoavam,
As minhas dores um sincero abrigo,
Em vosso amigo coração materno
Constante achavam !...

Mas ai ! sou hoje, minha mãe, sosinho !...
Entre amarguras definhando morro
Sem mesmo ter,
Quem por momentos a arrostar me ajude
Pesado o lenho tão acerbo e diro
De meu soffrer !...

Sim, hoje vivo, minha mãe, a sós
Sem compassivo ter um braço amigo
Que por virtude,
Por espontanea compaixão ao menos
Me guie os passos do existir, na senda
Agreste e rude !...

Escutia pois, ó minha mãe querida,
Estes suspiros rebentados d'alma
Pela acre dor ;
Achem abrigo dentro em vosso peito
Como as mais castas e sinceras provas
De meu amor !...

E após os braços estendo então
Para o vasio infinito espaço
Triste chorai !
Por vosso filho-que no exilio gema,
De longe ao menos, exhalai sentido
E amargo um ai ! !...

Julho de 1856.

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

O Proscripto.

Como é penosa do proscripto a vida !
Que triste pranto lhe não faz brotar !
Se um dia passa, leva em si perdida
A esp'rança toda de poder gozar.

Negada a esp'rança que lhe resta mais ?
Que serve o corpo sem a alma — só ?
Vegeta apenas, e sentidos ais
Do peito exhala que provocam dó.

Se acorda um dia com menor tristeza,
Saudade insana lhe desperta a dor :
Se dorme, sonha na cruel firmeza
Do seu destino, que é horror.... horror...

Meu Deos ! piedade para o peito afficto !
Prestes chamae-o ante vós no céu,
Pois que innocente padece o proscripto
Na terra tanto como o infame réo.

CASAL.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA.

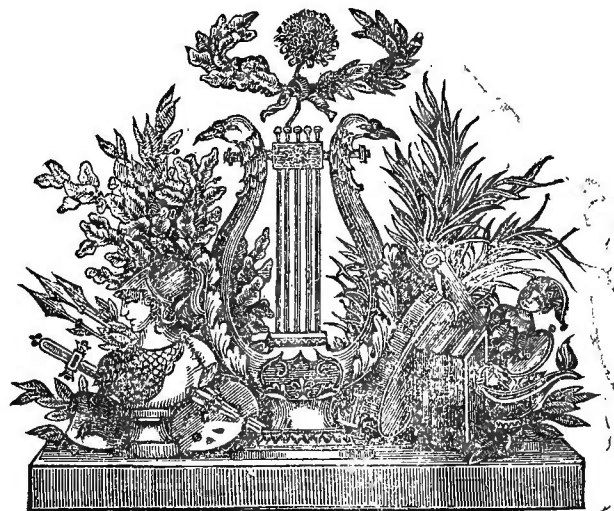
Rua da Vallá n. 111.

A SAUDADE

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E INSTRUCTIVA

INSTITUIÇÃO DO

CREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DE FORTUNATO ANTONIO DE ALMEIDA.

Rua da Valia n. 111.

1857.

INDICE.

	PAG.		PAG.
ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.		N'um album, (poesia) 88	
Paginas intimas. 3, 12, 18, 25, 33, 41, 49, 57, 63, 73, 84, 89, 97, 105, 113, 121, 129, 137, 153, e 177		O suicida, (poesia) 95	
Mathilde. 3, 19, 26, 34, 42, 50, 58, 66, 74, 82, 90, 97, 106, 114, 122, 130, 138, 145, 161, e 169		Ciumes, (poesia) 104	
Sempre ella, (poesia). 6		O meu Anjo da Guarda, (poesia) 109	
Estou varado ! (poesia) 39		Fatalidade, (poesia) 118	
Estamos pagos, (poesia) 54		Recordações, (poesia) 128	
Lgrimas, (poesia) 62		O proscripto, (poesia). 136	
A. Pinheiro Caldas 65		Meditação (poesia) 143	
Cahiste, (poesia) 94		Missiva 148	
Escuta... (poesia) 102		Amelia 157, 163, 171, e 180	
O que eu amo. 107		A' memoria da desditosa M.** (poesia) 160	
Fatalidade, (poesia) 110		O Pirata, (poesia). 167, 176, e 184	
O Outono, (tradueção) 118		EUGENIO A. DE BARROS RIBEIRO.	
N'um album, (poesia) 120		Tristes pensamentos, (poesia) 6	
A M., (poesia). 134		O meu viver, (poesia) 46	
A Filha d'Oconnor (tradueção) 140, 155, e 185		Egas Muniz, (poesia). 63, e 70	
A. JOSÉ DE CARVALHO LIMA.		D. EMILIA A. DE AZEVEDO e MELLO.	
Meditação 5		A violeta, (poesia) 152	
A um anniversario, (poesia). 23		O que eu não tenho, (poesia) 183	
Melancolia 29		FRANCISCO COELHO MARTINS DA COSTA.	
O suicida, (poesia) 111		Incendio de Macáu, (tradueção) 5	
A. JOAQUIM DANIEL DO PRADO.		Poesia 15	
Analia, (poesia) 96		A Julia, (poesia) 31	
ANTONIO PINHEIRO CALDAS.		Já não quero ser poeta! (poesia) 48	
Constantino, (poesia). 72		A'rosa do vergel, (poesia) 78	
ANASTACIO JOSÉ DOS SANTOS JUNIOR.		Desengano, (poesia) 102	
A' minha mãe, (poesia) 152		N'um album, (poesia) 108	
BELMIRO.		Saudades, (poesia). 119	
Ausencia e saudade, (poesia) 40		O balanço e a flor, (poesia). 144	
Suspiros, (poesia). 55		F. T. L.	
Como não amar-te? (poesia). 104		Soffrimento, (poesia). 96	
D. AUGUSTO MACIEL DO AMARAL.		FRANCISCO GONÇALVES BRAGA.	
O Dominó encarnado, (tradueção) 53, 60, 84, 92, 99, 178, 186.		Almeida Garrett, (poesia) 16	
A physiologia d'um baile 139		O canto do salteador, (poesia). 69	
A mulher e o espelho 154		F. A. F. AMORIM.	
DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.		A Caridade 146	
D. Sebastião, (poesia) 22		Christina 148, 156, 165, 173, e 181	
Saudades, (poesia). 31		Poesia 158	
A uns olhos, (poesia) 40		A Marilia, (poesia) 168	
Minhas finanças, (poesia) 48		G. L. J.	
Um gemido, (poesia). 63		Ypiranga, (poesia) 14	
Um adeus ás Laranjeiras, (poesia) 69		PADRE GAMA.	
		As contradições. 68	
		JOÃO DANTAS DE SOUZA.	
		Meu retiró e a Philomela, (poesia) 14	
		Eu quero ir enforcar-me !... (poesia). 40	

	PAG.
As cordas de minha lyra, (poesia).	45
Desalento, (poesia)	56
O salteador.	76
Parodia, (poesia)	78
Innocencia, (poesia)	79
Lágrimas, (poesia)	85
Avesinha mensageira, (poesia).	103
Recordações, (poesia).	110
Gemidos, (poesia).	117
Epistola.	124
A Villa dos Arcos de Val de Vez, (poesia).	126
Ilusão, (poesia)	141
Uma pagina de minha vida.	146, e 163
Amor perdido, (poesia)	150
Ultimo adeus! (poesia)	158
Escuta, (poesia)	160
No album de Elysa, (poesia)	166
Parodia, (poesia)	168
A extraviada, (fragmento)	172
Adeus a Julia, (poesia)	174
Vaga meditação	179
Aos assignantes da Saudade	187
J. J. BARBOZA DE CASTRO.	
Minha-mãe, (poesia)	8
O lyrio desfeito, (poesia).	14
Ella... Esperanças, (poesia).	24
Não chores, (poesia)	47
Parodia, (poesia)	47
Ao meu amigo J. A. dos Santos Cortico, (poesia).	55
Enlevos	59, e 67
Ilusão, (poesia)	71
Um conto	77
O jardineiro e a flor, (poesia)	80
J. C. LOUSADA.	
A desgraça, (poesia)	15
A felicidade, (poesia).	24
Pedro V, (poesia).	30
Gabriella, (poesia).	54
J. A. dos SANTOS CORTICO.	
Relatorio do Gremio Litterario Portuguez.	2, 9, e 17
J. A. S. RIBEIRO JUNIOR.	
Descobrimto da America	13, 20, 26, e 35
Philosophia	38, e 43
Um passeio de estudante.	52
J. MIGUEL DIAS FERREIRA.	
Os Esfaimados	21, 27, 36, e 44
JOSÉ DE MORAES SILVA.]	
E' crível? (poesia).	29
A Justiça, (poesia)	32
J. SANTOS SABINO.	
Recordações, (poesia).	79
JOSÉ PINTO dos SANTOS.	
Saudades de Portugal, (poesia).	101
J. FELIX TEIXEIRA E SOUZA.	
Meditação, (poesia)	135
O canto da escrava, (poesia).	159

	PAG.
J. AUGUSTO RODRIGUES DE MAGALHÃES.	
Saudades de minha mãe, (poesia)	175
L.	
O caixeiro	8
MANOEL ALVES V. P. CAZAL.	
O canto do zagal, (poesia).	38
Já não amo, (poesia).	46
Amisade, (poesia).	56
MIGUEL CORRÊA BRAGANÇA.	
A ti, (poesia)	93
Parodia, (poesia)	104
Saudade, (poesia)	108
Seu nome, (poesia)	128
Declaração, (poesia)	151
Não quero brincar, (poesia)	159
Meditação.	162
MANOEL LEITE MACHADO.	
O pescador, (poesia)	149
Echos da lyra gemedora. (poesia).	167
Hymno ao trabalho. (poesia)	176
Minha patria, (poesia)	183
M. J. F. L. BASTOS CORTE REAL.	
Minha amada, (poesia)	183
PEREIRA RIBEIRO.	
Melancolia. (poesia)	7
A suicida. (poesia).	87
Recordação, (poesia).	142
REINALDO CARLOS MONTORO.	
Amigo C.	10
A M...., (poesia).	32
A religião e o seculo.	83
A viagem do Bardo	115, e 123
A voz de um Anjo, (poesia)	120
A Malvina de C..., (poesia).	125
As orphãas de Icarahy	131
A REDACÇÃO.	
Aos nossos assignantes	1
SIMEÃO PINTO VICTORINO.	
O que resta?...	75
VISCONDE DE PINDELLA.	
A pobresinha, (poesia)	112
FIM.	

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 31 de Agosto de 1856.

N. 1.

INTRODUCCÃO.

Aos nossos assignantes.

A *Saudade*, contando já um anno de existencia, vai principiar o seu terceiro semestre.

N'um paiz, como o Brasil, onde os jornaes apparecem e desaparecem, como uma nuvem no horisonte, a continuação d'esta folha é a prova mais evidente de que ella tem sido bem acolhida do publico.

Costumam todos os jornaes, logo que teem, bem ou mal satisfeito aquillo a que se obrigaram para com seus assignantes, apparecer com mil promessas de melhoramentos, capazes de regenerar a republica litteraria, nós porém, nada promettemos.

Os escriptores, que teem já uma reputação formada, não teem querido vir tomar parte n'este nosso banquete moral de litteratura; e nós baldos de forças para escrevermos um jornal de primeira ordem, continuaremos como até aqui a fazer apparecer alguns talentos precoces, que a não sermos nós, talvez vivessem na obscuridade. Todos poderão enviar-nos seus artigos na certeza de serem publicados, depois de sujeitos á redacção.

Continuando a *Saudade* a ser a tribuna d'onde poderão ser ouvidas as vozes de uma classe de homens até aqui tidos como maquinas de trabalho, todos lá poderão apresentar o fructo de suas locubrações, e dest'arte a *Saudade* dará

um solemne desmentido áquelles que maldizem da classe caixeiral.

Só com o apoio de tão briosa classe, a *Saudade* poderia atravessar, como atravessou, por entre numerosos escolhos e chegar ovante onde tinha promettido; assim como o fragil batel, zombando das encapelladas vagas, segue seu rumo e aporta a salvamento onde seu piloto o desejara.

Asseguramos aos nossos assignantes, que as difficuldades, com que lutamos o semestre passado, todas estão vencidas. Estão dadas as necessarias providencias para que não continue a irregularidade na entrega da folha, sem duvida de todas a mais grave falta que temos commettido.

Continuará pois a *Saudade* a ser publicada regularmente, para o que envidaremos todos os possiveis esforços, afim de que os nossos assignantes não tenham de que arguir-nos, como bem a nosso pezar até aqui acontecera.

Faremos quanto nossos debeis conhecimentos o permittirem, para proporcionarmos aos nossos assignantes algumas horas de agradavel leitura, e para isto contamos com a collaboração de jovens esperançosos e intelligentes, alguns dos quaes já são conhecidos.

A religião catholica, que professamos, será escrupulosamente acatada.

Nenhuma palavra que possa offender o decoro e as leis da civilisação, manchará as paginas d'este jornal.

Eis o que promettemos.

A REDACÇÃO.

Relatorio

APRESENTADO EM ASSEMBLÉA GERAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ EM 21 DE AGOSTO DE 1886 POR SEU PRESIDENTE, JOSÉ ANTONIO DOS SANTOS CORTIÇO.

Senhores :—Dos estatutos que regem o Gremio Litterario Portuguez, é o 15º artigo concebido nestes termos : « O presidente fica obrigado a apresentar, no fim do tempo designado no art. 21, um relatorio circumstanciado do estado do Gremio, cujas contas serão sujeitas ao exame de uma commissão, eleita para esse fim. » E tendo expirado o praso designado no art. 21, venho cumprir o que me prescreve o supracitado artigo apresentando-vos os algarismos que demonstram seu estado ; e, ainda que em resumo, a historia do que de mais notavel occorreu durante a minha presidencia. Permitti-me, porém, que antes de entrar nessa materia, vos faça algumas breves considerações.

Se ha uma occasião em que a honra que resulta de uma eleição deve ser nobremente apreciada, é de certo quando os que nos conferem tal honra são de um povo que possui os mais elevados instinctos, são de uma idade que acalenta os mais generosos sentimentos, são emfim de um quilate de espirito que não encontra limites em seu desenvolvimento ; e então, exaltados a nossos proprios olhos pela honra que recebemos desses sublimes instinctos, sentimos bater-nos o coração com dobrada força cedendo ao impulso de um verdadeiro reconhecimento. Tal foi a reflexão que primeiro fiz ao receber a muito honrosa e immerita nomeação que de mim fizestes para vosso presidente ; grandes eram as obrigações que dahi me resultavam e fraças as forças que possuia para as cumprir. Outro talvez mais prudente, reflectido e conscio de sua fraqueza, se houvesse denegado a acceitar tão ardua missão ; porém, uma aspiração que em mim sempre permaneceu desde os mais verdes annos, me fez tomar uma resolução contraria ; quiz eu, humilde soldado da civilisação, lidador sem forças em batalha de gigantes vir tambem, presidindo por um momento a um centro de acção, dar um tenue impulso a esse carro estrepitoso, que fugindo por um trilho desconhecido, conduz a pós si os que o impellem para regiões successivamente esplendidas !

E', senhores, o progresso a nossa meta, assim como a de todas as associações que tem mais altos interesses do que os do homem materialista, mais altas vistas do que o egoista que tudo sacrifica ás circumstancias do momento ; e para nós sob dous aspectos se apresenta elle radioso, entre as nuvens douradas do porvir : progresso individual e progresso nacional.

Filhos do povo, alimentados com seu parco

sustento, educados com suas rudes maximas, destinadas ás profissões mechanicas de nossos pais, foi uma educação limitada que dirigio nossos primeiros annos ; mas ao pisarmos na terra Americana, neste solo que evapora todos os preconceitos, que serve de fecundador a todas as liberdades, quizemos casar as naturaes aspirações de nossas almas, com uma condigna applicação de suas faculdades. Que meio mais efficaç para obter o duplo resultado do desenvolvimento de espirito e da aquisição de habilitações, para as elevadas condições sociaes, do que as lutas da intelligencia que este florente estadio nos offerece ? !

Se já vimos quanto a nossa instituição pôde ser util ao progresso individual, menos difficil nos será penetrar as consequências que a tornão cooperadora do progresso nacional. Quantos de nós obscuros hoje, elevados por um lance da sorte, teremos á manhã abertas a nossos passos, com as chaves da illustração e da fortuna, as veredas que conduzem ás hierarchias elevadas e aos prazeres nobres da opulencia sensata ? E não voltaremos então a visitar nossa primeira patria ; primeira porque a Terra de Santa Cruz tambem é nossa segunda patria de adopção, como irmã primogenita que acolhe os tenros filhos daquela exausta matrona que lhe deu o ser ? E então, se a par de nossa fortuna, a podermos coadjuvar com os dotes da intelligencia, não nos tornaremos cidadãos prestimosos, factores de seu engrandecimento ? Calculai bem, senhores, a força que dá a illustração á fortuna pecuniaria ; é como o vapor que anima, faz gyrar, applica em mil sentidos diversos o machinismo de ferro, que a si só deixado é lento de mover, difficil de manobrar, limitado em suas applicações.

DISCUSSÕES DO GREMIO.

Se durante o tempo que tive a honra de presidir á nossas sessões, não se seguiu uma ordem perfeita e consequente em nossos trabalhos ; se todas as materias que se submeteram a discussão, não foram de acertadissima escolha, para nossas imaginações ardentes e talvez ainda immoderadas ; se as diversas tendencias naturaes dos membros que entre nós se distinguem, não foram perfeitamente aproveitadas ; comtudo—seria injustiça nega-lo—nas discussões que em nosso Gremio tem havido, bastantes largas se tem dado ao pensamento, bastante se tem herborisado no jardim da sciencia ; e aquelles que entre nós nasceram para brilhar á luz do dia social, tem percorrido rapidamente a passagem que vai do estado inculto, para as manifestações de uma vida estudiosa.

(Continúa.)

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

I.

AOS INCREDULOS.

A recordação dessas longas horas da doce melancolia, em que minha penna, girando rapida sobre o papel, imprimia os meus mais caros e infimos pensamentos, levou-me a conservar um titulo que estimo bastante, porque traduz os desejos que por ventura possa alimentar. Esta pagina e as que se lhe seguirem são o resultado de alguns momentos de ocio, e que prefiro consagrar á *Saudade*, por que como o disse já, a *Saudade*, representa uma mocidade avida de inspirações. Embora alguns espiritos *retrogrados* encherquem nos seus esforços loucos desejos que se não podem realisar, a experiencia tem mostrado que nem sempre esses esforços deixam de ser coroados de um exito mais ou menos feliz. E o que não temos nós conseguido ? !

Ha um anno que appareceu a *Saudade*. Os incredulos duvidaram da existencia que lhe prometiam, e, fiados em certos precedentes, contavam que ella tivesse a sorte de quasi todos os jornaes litterarios desta capital.

Enganaram-se.

Seis mezes depois de seu apparecimento, e sabendo-se que ella proseguia em sua publicação, os incredulos do passado, e os do presente, fizeram *choro*, decidiram em seu alto conceito que a *Saudade*, menina apenas com seis mezes de existencia, morreria a mingua de alimentos.

Ainda desta vez os incredulos passados e presentes tiveram de recuar e não obstante os sacrificios que a filha querida nos custou, ella foi crescendo, crescendo até poder andar por seu pé, balbuciando com graça infinita — *papai, quero doce!* . . —

Sucedeu que muitos reclamaram a paternidade, e, em conclusão, a *menina* teve immediatamente uma duzia de *pais*, que a um tempo lhe satisfizeram o seu capricho dando-lhe o *doce* preciso para se sustentar, sem auxilio de *ama*, seis longos mezes. Como porém alguns romanticos e poeticos achassem que o nome de menina importava o respeito devido ao bello sexo, entenderam que a *Saudade* não era mais que um modesto jardimzinho composto de flôres simples e sem aroma, as quaes podem encantar unicamente pela côr.

Deste numero sou eu.

Cultor acerrimo desse pequeno jardim, tenho plantado as mais modestas dessas flores, e conseqüi com bastante custo, adornal-o de algumas

pequenas plantas, que o tempo fará crescer e embellezar.

Seria imprudente se não declarasse desde já, que me reputo orgulhoso da minha obra, e daria de bom grado o que me possa pertencer da herança paterna, para fazer acreditar que trabalhei pela classe a que pertenco, pois que desejo velar na altura a que tem direito.

Se algum representante das idéas *retrogradas*, em que tive occasião de fallar já, puder alcançar o que temos alcançado em tão pouco tempo, dou licença que me chame tolo. E se tambem algum *Aristharco* encoberto entender que a nossa obra merece censura, peço um voto de agradecimento para todos aquelles que o appellidarem de *egoista*.....

O futuro é nosso ; trabalhemos todos em comum ; façamos do nosso modesto jardim uma obra gigantesca. Vinde, mancebos nobres e intelligentes, vinde ajudar-nos a plantar essas arvores immensas que a mão do tempo não póde derrubar. Repelli com desdem a capa de nullidades que as circumstancias vos forçaram a tomar, e fazei em torno de nós um circulo compacto, onde não possam penetrar essas aves agoureiras que nos ameaçam com o seu funebre *grunhido*. Queremos flôres para nos encantarem com seus embriagantes perfumes ; queremos passarinhos que nos suspendam com seu canto doce e mavioso ; queremos, em fim, esses cantos altivos e imponentes, que transportam, que arrebatam ! No meio de tudo isto olharemos para o passado, veremos a estrada que pisamos, coberta das mimosas filhas da terra ; a variedade das côres e dos perfumes compensará o muito que tivermos feito !

Fallo uma linguagem nascida do coração ; dirijo-me a vós com essa confiança filha da mocidade e que faz calar qualquer sentimento menos lisongeiro ; estou tão resolvido a acompanhavos, que de antemão esqueço os obstaculos que se nos antepozerem. Faço talvez o sacrificio de alguns sorrisos dos *crecos* modernos, mas Deos dotou-me de um natural pouco propenso á ambição, e desde já faço sacrificio nas aras do *Deos Vulcano*.

Rio 3 de agosto de 1856.

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

POBRE LUIZA.

No momento, em que Domingos acabava de fallar, ouviu-se um assobio afastado.

Lourenço estremeceu, e olhou para o preto.

Este, que não perdia nenhum dos seus movimentos, respondeu áquelle signal com outro assobio prolongado.

Os olhos de Lourenço brilharam de um fulgor sinistro.

— Que fizeste, desgraçado! exclamou elle.

— O que o senhor faria, se eu não estivesse presente.

— Sabes o que quer dizer aquelle assobio?

— Não.

— Aquelle signal quer dizer que antes de dous minutos...

Não acabou, Lourenço que esperava desfazer-se do preto, tirou com um movimento rapido uma pistola do bolso, e disparou.

Domingos não se moveu uma linha, contentou-se em inclinar o corpo para a esquerda, e a balla roçou pelas abas do chapéo. Precipitar-se sobre Lourenço, subjuga-lo, apontar-lhe a arma ao peito, foi obra de um momento.

— E agora, meu branco, quem é o cobarde?

— Não me mates, direi tudo, balbuciou Lourenço.

— Vamos.

— Luiza foi raptada por minha ordem, está em casa da velha Martha; mas... por tudo que tens de mais caro, não me deshonres. Occulta o meu crime.

Domingos largou o malvado, sem lhe responder, montou a cavallo, e partiu a galope.

— Mais um para o diabo, disse Lourenço vendo afastar o preto.

As scenas que vão seguir-se, talvez pareçam tão inverosímis aos olhos do leitor, que receio escrevê-las. A par dessa timidez accresce a repugnancia que tenho, em avivar as recordações de um passado em que tomei parte, graças a um dos meus mais notaveis defeitos, a curiosidade!

Propuz-me porém a dar um rapido esboço desses acontecimentos, envoltos ainda nas dobras do mysterio, e se o não fizesse, faltaria ao meu compromisso, commettendo um crime de *lesa litteratura*, pois que acabava por onde devia começar.

Para prevenir pois o leitor incredulo, dir-lhe-hei que devem existir nos archivos do então *Juiz de Direito* de L... os autos de uns certos crimes de rapto e estupro, os quaes deram thema para seis longos mezes de repetidas conjuncturas. Um pequeno resto de melindre me impede de dar circumstanciadamente a narração dessa historia, e da impressão que causou em dez leguas de circumferencia.

Serei extremamente agradecido ao acaso, que permitir a leitura do meu obscuro trabalho entre aquelles, que acompanharam esse processo, como partes interessadas, e por mera curiosidade.

Existirão elles?

Ha perto de onze annos que se passaram esses acontecimentos. Lembro-me de tudo, como se tivessem hontem succedido.

E' recordar a minha infancia, e as pessoas que me são caras.

A victima apparece-me, como a vi em uma festa de igreja, pallida, tremula, e melancholica, como se advinhasse que a morte viria reclamar; algum tempo depois, o pouco de vida que havia nesse corpo, o qual fôra animado e brilhante, como são animadas e brilhantes as flôres nos mais bellos dias da primavera. Foi um dos melhores ornamentos da sociedade aristocratica de então, mas a fatalidade viria pesar sobre a sua magestosa fronte imprimindo-lhe o sello da dôr e do soffrimento que punge!... Pobre menina! Morreste tão moça... porém o tumulto que encerra os teus restos mortaes, attesta o quanto foste e és chorada.

A corôa do martyrio foi pesada de mais para ti, mas Deos compensou lá no céu o muito que soffreste sobre a terra! Além do tributo solemne que te paguei na campa, deixa-me pagar-te outro não menos solemne, porque a saudade de ti, que eras tão boa, imprime-lhe um caracter que não teve o de outr'ora. A idade completou-o, e agora mesmo, agora que não posso recusar-l'ô, derramo uma lagrima tão sentida, como aquellas que derramei após algumas horas do teu passamento...

Lourenço não era homem que succumbisse de prompto. O resultado de seu encontro com Domingos deixára-o perplexo, mas os seus antigos odios revelaram-se no afan, com que procurou recuperar o tempo perdido.

Sabe o leitor, que o preto respondera a um signal dado ao longe, porém ignora que esse signal partira do criado de Lourenço.

No momento, em que este montava a cavallo, appareceu aquelle. Vamos, disse o primeiro, sem entrar em minuciosidades.

E partiram a gallope.

Lourenço pôz uma pistola ao alcance de sua mão direita.

Não recuára alguns minutos de precedencia ante um assassinato, havia de recuar agora?

Seria desmentir e desprezar seus naturaes instinctos. Elle ia á casa da velha Martha, satanaz parecia inspira-lo. Domingos não tinha chegado, e quando dissermos a razão porque, ver-se-ha que a fatalidade pesava desde muito sobre Luiza. Martha fiava á porta de sua miseravel habitação. Viu Lourenço apear-se proximo della, e estremeceu. Adivinhava que ia ser testemunha de uma dessas scenas, que parecem ser obra do demonio; mas a infeliz não podia desobedecer: Lourenço nascêra para o crime, e com elle ennobreçia alguns desgraçados!

Não ha mocidade, disse o malvado com um

sorriso odioso. Bom dia Martha... Onde está Luiza?...

— Dorme, como devem dormir os anjos.

— Está romantica hoje; felizmente que isso passa em poucos momentos... Vamos, quero falar com Luiza...

— Mas, senhor, a pobre menina não dormiu esta noite, e, ha pouco, acabrunhada pelas emoções porque passou, adormeceu sobre a cadeira!

— Mulher, respondeu Lourenço com revoltante cynismo... que surpresa lhe preparei!

Martha curvou a cabeça e entrou para o interior da casa. Voltou dizendo que Luiza estava acordada.

— João, disse o malvado, procura o poeta, pois elle deve estar por perto; necessito dos seus serviços.

— O criado partiu sem responder. Lourenço entrou com o sorriso nos labios.

A luta do Leão com o Cordeiro ia começar...

(Continúa.)

Incendio de Macáu.

(Continuado do n. 24.)

A uma voz todos asseveravam, que os marinheiros francezes pela coragem illimitada que costumam mostrar nestas occasiões, que era incontestavelmente a elles que a nossa colonia deve o não estar toda inteira um montão de ruínas fumegantes.

O incendio durou toda a noite do dia 4 até a do dia 5: noite assustadora em que, quando apenas se contemplava o luar sinistro das chammass e os gritos de toda a população reduzida a mais completa miseria, milhares de ladrões armados faziam gelar de medo os corações dos mais corajosos.

Emfim, na noite do dia 5 que a devastação parecia estar inteiramente acabada e que os salteadores, que tinham chegado de vespera destinados a pilhagem, lançaram fogo a um grande circo exclusivamente habitado pelos barqueiros chinezes do porto interior; centenaes de casas que ali se achavam grupadas, construidas unicamente, de madeira e colmo, tornaram-se em poucos momentos presa das chammass, porém aqui a perda material foi pequena em comparação das victimas que temos a lamentar, o circo não tinha em toda a sua circumferencia, senão uma porta e esta estava fechada a chave. Ao primeiro grito de alarma, que se ouviu, todos os moradores se precipitaram para a porta, afim de se salvarem, porém, antes que a porta se arrombasse, grande numero de individuos foram apanhados e devorados pelas chammass, e outros foram suffocados e esmagados aos pés da multidão: appareceram

quarenta e cinco cadaveres deste ultimo incidente. Os ladrões tinham, sem duvida, calculado, que favorecidos pela desordem que causasse este inexperado incendio, elles poderiam mais facilmente pôr em pratica a sua obra lançando assim o fogo em um quarteirão, que com numerosos esforços se tinha acabado de salvar. Felizmente, não aconteceu assim; porque as tropas portuguezas chegaram a proposito de os apanharem em flagrante delicto, malogrando assim esse plano de expolio.

Avaluam-se em 2,800:000\$ as perdas causadas pelo incendio, da cidade chineza e talvez fosse tres ou quatro vezes maior se a cidade Europêa tivesse tido a mesma sorte. Agora, que tempo e de que fadiga não é necessario para reparar um tão grande desastre? Entretanto como ha desastres de que resultam utilidades, este incendio foi causa de que se podem aproveitar as autoridades para fazerem observar na reconstrucção da cidade, as leis de salubridade que pede o calor do clima, a agglomeração dos habitantes e a malapropriação inherente aos costumes chinezes.

Rio de Janeiro Julho de 1856.

TRADUÇÃO DE FRANCISCO COELHO MARTINS DA COSTA.

Meditação.

DO MEU AMIGO J. S. DE OLIVEIRA.

Das antigas baterias da altiça santa Cruz, acabava de sahir ligeira fuzilação e após instantes ouvia-se uma estrondosa detonação, cujo echo repercutira pelos reconcavos das empinadas montanhas, e soberbos gigantes de granito, que cercam e embellezam a formosa Guanabara!....

Era um tiro de peça que annunciava aos habitantes do Rio de Janeiro, serem oito horas da noite!... Hora aprazível e delectavel para todo o vivente!....

Para o poeta, que, socegado em seu retiro, solta mimosas endechas de seu alaude peregrino.

Para o joven namorado, que valendo-se das sombras da noite, aproveita muita vezes o ensejo e aperta a nivía mão da bella de seus amores, e nesta ocasião avistando todos (sem que ninguem o veja) lhe deixa ficar na mão um pequeno escriptinho, muito bem dobrado, contendo (já se sabe) uma declaração, ou um protesto de amor e fidelidade.

Para o dilettanti, que sentado em uma cadeira do Theatro lyrico ou dramatico, espera ancioso que appareça em scena a dama da moda, para lhe enviar o seu lindo boquet, ou, ao menos, uma roda de palmas e bravos.

Para a jovem de deseseis annos, que sentada

em sua alcova, tendo a porta bem fechada, abre a gavetinha de seu tocador ou a caixinha da costura, e tirando d'alli uma linda carteira que abre, se lhe apresentam aos olhos immensas cartinhas de namoro, as quaes ella vai juntar á que naquella dia recebeu, e depois pegando na sua delicada penna traça algumas linhas em uma folhasinha de papel bordado, e depois de a ter fechado, e derramado sobre ella algumas gotas de patchoulyt, a deposita em seu virgínio seio até que a possa entregar a sua constante medianeira.

Para as velhas de cincoenta annos que recostadas em uma poltrona de balanço, contam ás jovens inexperatas os seus antigos amores, ao passo que lhes invejam do fundo d'alma o bri ho virginal de suas feições.

E' emfim a hora mais propicia para todos, pois não é involvida em constante barulho, nem em profundo silencio.

E' para todos agradável, menos para mim ! !...

Em quanto os outros se divertem no baile, no Theatro, no passeio, na orgia ou em qualquer lugar que seja, eu mergulhado em profunda melancolia solto doloridos ais, a que só o espaço me responde !.... Meus suspiros são devorados pela brisa, e não podem transpôr o espaço que me separa daquella a quem adoro ; daquella por quem vivo ; daquella emfim por quem quisera morrer !....

Mas tu, amigo, que sabes quanto soffro, vem mitigar minha dôr.... Vem dizer-me que ella me ama, que só para mim é que vive !!! Ah ! vem, vem, ainda mesmo que seja uma illusão, quero antes viver illudido do que saber que sou por ella despresado !!!

Rio, 8 de Junho de 1856

A. J. DE CARVALHO LIMA.

POESIAS.

Tristes pensamentos.

Oh ! como é triste vêr fugir o mundo,
Quando sentimos despontar a vida !
Quando noss'alma, da paixão ferida,
Se abre aos encantos d'um primeiro amor !
Quando contamos inda desoito annos,
E que a ventura para nós começa,
Ver ante os olhos levantar-se a éça...
Que duro fado ! que cruenta dôr !

E eu sinto a morte que p'ra si me chama
Com voz tremenda, que minh'alma aterra...
Mortal doença, que meu peito encerra,
Meu corpo á campa sem parar conduz
Já me fugio do coração a esp'rança,
E então, partido pela dôr, minh'alma,
Só vê na vida do soffrer a palma,
D'immensas penas a pesada cruz !

* Morrer tão joven... no verdor da idade...
Deixar no mundo as affeições queridas...
Não mais gozar as emoções sentidas,
Na campa fria sempre se habitar...
Nem eu nascera, p'ra não vêr a vida,
Brilhar, qual brilha na fatal procella,
No espaço immenso, uma formosa estrella,
Que em breve foge, p'ra jamais voltar !...

Meus pais, coitados ! esperando em balde,
O filho ausente, que deixou o mundo,
Cedendo a força do pezar profundo,
Em pouco tempo morreram de dôr...
Mas a mulher, que com ardor eu amo,
Talvez não sinta a prematura morte,
Que nos separa, e não accuse a sorte,
De ter desfeito nosso occulto amor !

Talvez não chore... e se é verdade que ella
Seu amor olvidou... meu Deos ! matai-me ;
Os dias, que hei viver prestes cortai-me...
Que o mundo, gozos já não tem p'ra mim !
Meu Deos ! levai-me desta vida infausta,
Porque os deleites, que eu sonhei outr'ora,
Só lá nos céos de perennal aurora,
Hei de mais puros encontrar por fim !...

Rio 8 de novembro de 1855.

E. A. B. RIBEIRO.

Sempre ella !

Já chorei, e secco o pranto
Quiz tanger alegre canto
Que recordasse o passado ;
Ai ! não pude, rouca a lyra
Nada canta, só m'inspira
Triste canto magoado.

Peregrino sem esperança
Por longo tempo a bonança
Resignado esperei ;
Só vi trevas, doce amor
Traduzido em acre dôr,
E triste que tempo orei !

Eu chamava essa donzella
Que outr'ora, qual estrella
Pela terra me guion ;
Com a fronte altiva e nobre
Estendendo a mão ao pobre...
Infeliz que tanto amou !

Eu a vi inda na infancia
Qual flôr com a fragancia
Pelos prados a espargir ;
Sorri-me, parecia um anjo
Do Senhor o meu archanjo
A cuidar no meu porvir.

Eu a via n'essa idade
Em que vem a saudade
O passado recordar ;
Essa idade consagrada
Aos brinquedos pranteada
Para n'unca mais voltar.

Eu a via sempre bella
Innocente tão singella
Escutando rogos meus ;
Via em pranto debulhada,
Comigo tempo abraçada
A dizer-me adeos—adeos !

Era joven, não pensava
Que minha vida ficava
Na terra do meu nascer...
Tive crueis desenganos,
Passaram mezes e annos
Mas n'unca a pude esquecer.

Esquecel-a ? ! mister fôra
Arrancal-a d'onde mora
Onde sempre hada existir ;
Esquecel-a ? ! ai ! não podia
Sua imagem reflectia
No presente, e no porvir.

Seu nome que trago escripto
No fundo do coração,
E que tem dado ao proscripto
Terna e doce inspiração ;
E ella q'inda uma esp'rança
Me faz acariciar.
Por ella, q'inda a bonança
Deve contente aguardar.

Rio, 2 de Junho de 1856.

A. XAVIER ROERIGUES PINTO.

Melancolia.

E' triste a vida que na terra passo
Longe da patria que me viu nascer !
Vinte e cinco annos se passaram prestes,
E a terça parte n'um mortal soffrer!

Nenhuma esp'rança me acalenta mais,
Já a descrença se apossou de mim !
Inda espero maiores soffrimentos
Sem vêr a patria morrerei emfim?

Inda tão joven já descrêr da sorte,
Morrer sem ver-te, cara patria, não ;
Não, qu'em teu seio dás abrigo áquelle
Que meu Pai chamo a só consolação,

Que hoje me resta para sustentaculo
Da triste senda que pisando vou?
Prazer, ventura, felicidade, tudo
Oh sim gozei mas cedo se acabou !

Oh minha patria ; quando me recordo
Dos bellos dias que passei contigo,
E do Mondego as aguas crystalinas...
Só no chorar alivio á dôr consigo.

Aquelles campos vecejantes sempre,
Que nem a vista lhe destingue o fim,
Vê-se a risonha patria das sciencias
Qual bella dama em noute de festim.

Que de folguedos és consentidora,
Amavel terra, terra do prazer ?
Teus habitantes nunca conheceram
O que é tristeza ou mesmo o que é soffrer !

Quanto gozei ó Deos, quanto hei soffrido !
E quem será culpado ? senão eu !
Menos cabeí os rogos d'uma Mã
Na hora extrema... privando um querer seu !

Quando esses rogos d'essa Mã querida
Erão tão moço a patria não deixar
Deixei meus Pais a patria, oh deixei tudo
Pela opressão que vim aqui buscar.

Fôra melhor que avida me fugisse,
Pois que infeliz tornou-se-me o existir !
Tudo são trevas, nem se quer diviso
No meu futuro o minimo sorrir.

Mas não, a vida, a vida ainda a quero
Prazêr a patria que me viu nascer...
Beijar meu Pai na fronte envelhecida...
Que inporta o resto? posso então morrer.

RIBEIRO.

Minha Mãi.

Na invicta cidade saudoso apertara
O peito arquejantes de meus ternos pais,
A benção me deram banhados em lagrimas
Me vendo também suffocados com ais.

Cuidava com fé que depressa viria
A patria adorada venturas gozar,
Que dôce existencia na vida se passa
Com fé no futuro contente a esperar !...

Mas que desventura devia chegar-me
Neste mundo extranho, proscripto a vagar...
Perdi minha Mãi carinhosa, na patria,
Sem que minha Mãi eu podesse abraçar.

Agora se eu fôr algum dia p'ra terra,
Que mil pensamentos por ella terei !
Na lousa cinzenta que guarda seus restos
A Deos piedoso por ella orarei.

No chão de joelhos com mãos encrusadas
Amente elevando submisso até Deos
Com prantos e rezas do peito nascidas
A Deos pedirei qu'ella esteja nos céos.
Agosto 1 de 1856

J. J. BARBOZA DE CASTRO.

VARIEDADE.

O CAIXEIRO.

O' vós, que celebraes em prosa e verso envenenadores, piratas, contrabandistas, politicos e pelutiqueiros, emmudecei, que eu vou fallar-vos do caixeiro.

O caixeiro é o ente mais importante que se conhece, deixando mesmo de parte essa utilidade, que, por tão conhecida, dispensa commentarios.

Se vos disserem que o medico e o confessor são os que melhor conhecem as baldas humanas, enganam-vos. E' o caixeiro.

Quereis saber, se um capitalista tem fundos, se um ministro ou alta funcionario desempenha bem suas funções, ou se qualquer honrado negociante empenha ao jogo as joias da mulher?

Perguntae-o ao caixeiro, que elle vol-o-dirá. quereis saber, se *fulaninha* já entregou seu coração? Não o pergunteis á mãe, á irmã, á amiga, a ella mesma, que talvez o não saibam. Perguntai-o ao caixeiro mais proximo, e sereis satisfeitos.

E' porque o caixeiro é como diabo, acha-se em toda a parte. Acha-se logo ao nascimento, com os morins e baetilhas debaixo do braço, no

baptisado, no casamento e emfim na morte, indagando já quem será o herdeiro.

Elle entra nos conventos de frades; introduz-se nos das freiras; vai aos quarteis e calabouços e penetra até a sala de custura da mais recatada familia.

O caixeiro sabe de todos, tanto quanto sabe cada qual de si mesmo, ou ainda mais, porque elle conversa com a mucama e com o moleque, testemunha de todos os nossos actos, dos quaes se alguns nos esquecem, a elles não.

O caixeiro é uma especie de alviçaireiro, elle nos felicita por nossas heranças, por nossas honras sociaes e triumphos amatorios. E' também um desmancha prazeres, que no meio dos banquetes vem com o seu: « Meu amo manda saber se paga ou não aquella continha ».

O caixeiro aperta a mão do senador, principalmente quando este se desculpa que não tem dinheiro, e colhe sorrisos das mais bellas damas nos dias de procissão, quando lhes offerece cadeira, ou traz o copo com agua.

O caixeiro é um novo Tantaló, recebe, dá, conta e mexe com dinheiro, mas anda sempre *onçado*.

O caixeiro é mais do que principe, é rei e imperador... nos bailes mascarados.

Os sonhos de ouro do caixeiro são, a sorte grande, o fechamento das portas, uma conversa *tête à tête* com a modista que tem de olho, e d' algum mais ambicioso o casamento e a *sociedade*.

O caixeiro descreve dos céos e do amor; mas entra no *Paraíso* e dobra o joelho diante de qualquer *dama das ilhas* que lá encontra.

O caixeiro é feliz quando tem a roupa do corpo e tem outra para mudar, dez tostões e dous charutos no bolço, e sabe que no domingo vae, passear. E' infeliz quando recebe uma nota falsa, ou sabe que o patrão lhe reserva massada para o domingo.

Alivraria do caixeiro é o almanak, o Jornal do Commercio, alguns livros de poesias e jornaes litterarios, porque estão cheios de letras, se for socio de algum gabinete também lê P. de Kock.

O caixeiro é maldisente, inimigo dos padres, mas caritativo, franco, jovial e patriota.

O caixeiro ou fica amo e torna-se pacato e barbigudo, ou é sempre caixeiro e morre tísico no corpo e na bolça.

Este meu caixeiro tirei-o do geral dos caixeiros.

Agora os mil e um escriptores que por ali formigam que pintem o caixeiro de botequim, de venda, etc. e terão que dizer.

L.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 210.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III.

Domingo 7 de Setembro de 1856.

N. 2.

Relatorio

APRESENTADO EM ASSEMBLÉA GERAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ, EM 21 DE AGOSTO DE 1856 POR SEU PRESIDENTE, JOSÉ ANTONIO DOS SANTOS CORTIÇO.

(Continuação do n. 1.)

A SAUDADE.

Essa criação do Gremio Litterario Portuguez, que lhe merece todos os carinhos, todas as attentões, em quem emprega com prazer todos os seus cuidados, a nossa filha, enfim, o periodico *A Saudade*, collaborado pelas pennas juvenis de nossa associação, não tem deshonrado os fóros que sempre couberam á mocidade portugueza, de talentosa; e a sua redacção tem tido o maior cuidado em que suas paginas senão aviltem com publicações, mais ou menos não adaptadas ao título com que se nomeia e que, inda imperceptivelmente, toquem em questões individuaes e vão offender a moral publica. Desejára porém, que esses talentos juvenis em vez de occuparem-se quasi exclusivamente em trabalhos de imaginação, em que se confundem aquelles mesmos que resaibos tem de intima erudição, tentassem entrar em materias, talvez mais arduas, menos saborosas, porém que assegurem mais longa vida a uma publicação periodica; pois aquelles que nella procuram instrucção, facilmente se cançam de muita amenidade, que como as campinas da ARCADIA nunca deixam encobrir os seus arbustos e flores com as ramas espessas e altas comas das florestas.

A historia, essa mestra da mocidade inexperta, e vivificadora das nacionalidades decahidas; a geographia, pantheon magnifico em que se perde a vista na immensidade do globo, e em que os nossos avós colheram as mais difficeis corôas, são estudos que vós, com optimo resultado, podeis tentar.

A cerca da *Saudade* tendes visto até aqui a parte luminosa da medalha; ella, porém, tem reverso e forçoso é declarar-vos que apesar dos reiterados esforços da directoria e dos socios em geral, não foi a affluencia para socios do Gremio e as-

signantes ao nosso jornal, tão satisfactorio, como haviamos previsto: esta falha de nossas esperanças foi em grande parte devida, (cumpre não dissimular) a alguma irregularidade que desde o começo do semestre appareceu na entrega da folha, e que continuou a manifestar-se a despeito das diligencias que se fizeram para chama-la á sua marcha regular. Sabeis os males que acarreta para qualquer instituição, a irregularidade em seus trabalhos; sabeis, que, uma vez manifestada essa irregularidade, muito perde a instituição no animo de seus membros; e se esses mesmos que a instituiram e que já alguma vez provaram os fructos de sua boa ordem, lhe negam parte da confiança que haviam depositado, com dobrada razão devem negar-lh'a os que não conhecendo seus trabalhos praticamente, só a noticia de uma exemplar regularidade os moveria a que se alistassem em suas fileiras; creio que esta doutrina é de uma verdade incontestavel.

Houve pois um momento em que o nosso periodico vacillou sobre a suspensão ou continuação de suas publicações; e esta perplexidade foi motivada pela insufficiencia de assignaturas, fazendo porisso que fossem mesquinhos os meios pecuniarios para fazer face ás despesas de impressão, e nunca por falta de materia para suas columnas que, seja dito de passagem, tem sido superabundante. Reuniu-se o Gremio em assemblea para deliberar a tal respeito, e ainda que bem pesasse a todos os membros a suspensão temporaria da folha; ia ser votada essa medida e necessariamente approvada; pois se alguns membros a ella contrarios procuravam estribar-se para seus argumentos no desdouro e de alguma forma quebra de reputação que dessa medida provinha ao Gremio, outros (e destes o maior numero,) combatiam esses argumentos com outros incontestavelmente mais logicos e de um alcance mais positivo: a falta de meios pecuniarios. Ainda porém d'esta vez não foi nossa filha condemnada ao olvido; a bondade, cavalherismo e mais que tudo isso, a delicadeza de acção de um dos nossos dignos consocios deu, com sabeis, a primeira batalha a favor de sua emancipação fazendo que se distribuisse mais um de seus numeros; e depois, a bem concebida idéa dos dignos membros, autores da proposta, para que se costeasse

a folha por meio de acções tomadas entre os socios do Gremio, que representasse cada uma o valor de cinco assignaturas; esta salutar medida, digo, que approvamos e á qual espontaneamente prestamos nosso auxilio, tomando grande parte das acções, veio, por assim dizer, consolidar-lhe a posição que alguns momentos antes fôra ameaçada de perder. Hoje pois orgulho-me em declarar-vos, que ella se acha sob tão bons auspícios, que lhe agouro longa existeneia, sem que mais se veja exposta a crises identicas ás que já experimentara, se por ventura a nova administração procurar impedir (como ousamos crêr) que não se afaste de sua marcha regular, tão necessaria á sua conservação.

CONTAS

Gremio Litterario Portuguez.

O activo do Gremio Litterario Portuguez é atéeste momento de rs. 147\$900; nada deve d'esta importancia, por que he ella o resultado, depois de pagas as verbas de sua despeza, que montou a rs. 96\$180; sendo, portanto, real esse activo de que vos fallo, como vou demonstrar-vos:

Entrou:

Saldo entregue pela Directoria que nos deu posso	14\$080
Importancia recebida por joias e mensalidades	196\$000
	<hr/> 210\$080

Sahio:

Para alugueis da sala das sessões, impressão de estatutos, luzes, annuncios e listas	96\$180
Para supprir ás despesas de impressões da « Saudade »	71\$500
	<hr/> 167\$680
Dinheiro existente.	<hr/> 42\$400

Dividas:

Areceber de diversas por mensalidades	34\$000
Jornal « Saudade »	71\$500
	<hr/> 105\$500
Em dividas e dinheiro	<hr/> 147\$900

Como vêdes, não é o estado actual do Gremio para esmorecer, porque se ponderar-des que o saldo em caixa será absorvido pela despeza de um mez, ponderar-vos-hei tambem que teremos para juntar-lhe as mensalidades de 39 socios existentes, cujo numero veremos em breve duplicar-se, ousou affiançar-vo-lo, se marcharmos methodica e regularmente.

Continúa.

AMIGO C.

Pede-me que lhe escreva, e eu vejo-me em embarços para fazel-o. Sobre que assumpto entretereí o seu espirito tão atilado? Que novidades lhe poderei escrever, que já não as tenha ouvido em terceira ou quarta edição? Entre as montanhas que cercam esta gentil povoação, como recortadas muralhas de castello em fronteira de infieis, reina sempre o silencio de uma existência rotineira, e a penas interrompida pelo momentaneo dandear d'um sarau, ou por algumas reuniões publicas em que methodicamente se executam preceitos do codigô fundamental.

Quer ouvir o que por aqui se falla e discute? Entre com migo em uma d'estas casas de elegante apparencia, ladeadas de arvores frondosas e destacadas de flôridas collinas. Tenha cuidado de apparentar o maior acatamento quando penetrar o nobilissimo portal, e de perguntar ainda que seja pela decima vez o estado de saude das pessoas que se achão deleitosamente recostadas no salão. Vê aquelle velho de fronte larga e elevada, coroada de cabellos brancos, de traços, pronunciados, tez queimada, olhos expressivos e alta estatura? Talvez o tome por algum herôe de Monte Caseros, retirado das luctas da fronteira do imperio. Pergunte-lhe se têm saudades de sua vida agitada de outr'ora, de sua lucta com os tropeços de uma escabrosa carreira. Responder-lhe-ha que levou vinte annos a plantar os seus cafesaes, e a derrubar o imbirrante mato, (victima inoffensiva de nossos lavradores,) porém que agora graças a Deos já colhe alguns milheiros de arrobas que lhe permittem ter um administrador. Quanto a novidades repetir-lhe-ha a pergunta que já fez a mil viajantes, sobre a possibilidade da vinda da estrada de ferro, salvaterio industrial que sorrindo todas as noites nos sonhos de nossos roceiros, lhes promete as delicias do Eden pecuniario. Mudará de lugar bocejando, e irá em demanda do sorriso benevolo, dos labios nacarados e entreabertos, do doce olhar d'aquella dama ainda joven, que acabou de levantar-se do piano, e recebe as felicitações de vinte gamenhos, encapotados em assetinados talmás, e armados de charutos collossaes. Diga-lhe que umas mãos tão delicada foram feitas para tocar com magnifica expressão as recentes sonatas do Rigolello e dos Martyres, ou para reproduzir com a voz argentina do teclado os tornos accents de Desdemona. Talvez se ria de seus rasgados elogios, o ache um excellente original, com fumaças de erudito, e lhe diga que estas musicas novas são muito aborrecidas, e que anda estudando umas bellas variações da Rainha de Chypre, do incomparavel Paccini, e uma melodia do suave Appolloni, a quem tem especial estima. Mude de conversa; falle-lhe de

modas, de toucados, de novos estofos da caprichosa industria Parisiense: tomal-o-ha por um mascate disfarçado, e lhe pedirá para enviar-lhe no dia seguinte as ultimas amostras de cassas, porém que sejam serias, pois não gosta das mudanças continuas da moda, proprias para as cabeças de colibri das pallidas fluminenses.

Porém, não tome este breve lance de olhos por uma critica de nossa sociedade provinciana. Ao contrario, no meio d'estas existencias que seguem placidamente o seu curso, junto a estas altas montanhas silenciosas gosa-se muitas vezes entre duas chavenas de café, de uma agradável conversação, em que não falta illustrada amenidade, e que é ornada por esses toques ora brilhantes, ora meigos, que constituem o caracter nacional. Não pense tambem que o bello, sexo é massista, pesado, pertencioso; seria uma injustiça. A' sombra de nossas palmeiras elegantes, e das longas filas de esmaltados cafésaes, passeiam rostos que têm o mavioso reflexo de Lindoya, labios que sabem dizer-lhe na linguagem espirituosa de Sevigné as mais encantadoras frivolidades, e pés delicados que sem hesitação entrariam com regio dominio nos salões de Baden ou de Saint Germain.

Para quem sabê gozar plenamente das variadas prespectivas d'esta vida provinciana, os dias correm rapidos e sentem-se escoar com saudade os ultimos annos da idade juvenil. O estudo tambem pôde amenisar os espaços aridos que no meio d'esta vereda se encontrarem. Copiar esta natureza tão eloquente que nos cerca, intercalando-a com as imagens graciosas que diariamente por nós passam: ler as ultimas strophes do lyrico expatriado, em um exilio em que reina o socego, e a confederação sobre o solo que vio partirem para o seu ultimo combate as grandes tribus Tupys, têm o duplo prazer da interperação do que nos cerca, e do contraste de estranhas scenas.

Foi repassado d'estas agradaveis emoções que tentei escrever uma narração local, em que figurassem os costumes que presenciei, sobre o theatro grandioso que as aguas de um rio caudaloso cortam e ladeam os restos ainda magníficos das selvas deyassadas. A transição do estado primitivo, a idade para assim dizer heroica do paiz, para o estado assimilativo da civilização geral, em que hoje entra, foi o que mais me agradou. Outr'ora quando os primeiros colonos luctavam diariamente com as feras que povoavam as selvas, com os indios indomitos que assentavam suas aldéas sobre as margens ingremes dos rios, e com os proprios troncos gigantescos, trançados pelas parasytas, que formavam uma malha impenetravel dos variados productos da vegetação, estes caracteres de homens robustos e plebeus, pronunciavam-se com mais

energia; o incendio das paixões era mais intenso. E para o indigena que via roubar-se-lhe os dominios que os seus guerreiros lhe haviam legado; que, expulso do littoral, se via cercado no abrigo das matas; a quem se negava a legitimidade da propria condicção livre, e o respeito devido a sua familia ludibriada; para este havia uma lucta heroica e triste a sustentar: largar palmo a palmo o solo em que nacêra, combatendo sem esperança, e dominado por um poder qua avassalava o raio e as ondas.

Mas sob este céu que desfralda em tardes de amorosa primavera um docel de tão puro azul; ao clarão repassado de saudades d'esta lua, que percorre com vigoroso denaire uma abobada abrilhantada em noites perfumadas pelos eueos; entre os aromas suaves que destillam tantas flôres sylvestres, tantos arbustos perdidos na immensidade dos bosques, não se pôde sustentar aturadamente sobre a scena do drama, ou nas paginas do romance um enredo tragico. E' preciso que aos gritos de raiva do luctador embrevicido, succedam as melodiosas canções do trovador campesino; que ao severo perfil, ao porte sobranceiro do chefe que ora ás turbas, sigam-se as alegres praticas de um desses velhos roceiros, que viram derribar a primeira arvore da flôresta, e collocar a ultima pedra do palacio citadiao. E para derramar um colorido poetico, um sombriado suave, sobre todas estas figuras de variados gostos que avultão no quadro, mister é que venha a joven americana, a deusa d'estes bosques, a inspiração d'estes trovadores, e que deixe em cada um de seus sorrisos uma recordação ineffavel, em cada uma de suas lagrimas um doloroso sentimento para cada esptador.

Escolhendo uma localidade contigua a esta, quiz fallar sem receio de ser exagerado da natureza que descrevia, e dei á minha narração um nome que para mim só têm a profunda significação de um passado que não me foi dado alcançar. As Virgens do Parahyba narração singella e desprovida de pertencções, será mais um ensaio de litteratura brasileira que um nome obscuro virá addicionar a tantos outros de esperancosos talentos. E' como uma lembrança dramaticamente desenvolvida d'este lugares que percorri nos ultimos annos da primeira mocidade, e a quem desejara exhibir com algum brilho, pelo interesse affectuoso que a elles me liga.

Mas não julgue que de uma só vez lhe irá ás mãos a promettida producção. Estes ares do campo convidam tanto ao repouso, que a madraçaria é aqui considerada como uma molestia endemica. O mesmo trabalho de escrever, tão agradável, sobretudo quando contenta a vaidade de todos os rabiscadores de papel, torna-se uma tarefa pesada que se addia sempre para os dias de chuva. Se o auctor dos Mohicanos moras-

se em um dos valles d'esta serra, tinham os famintos leitores de esperar longos annos pelo complemento do seu romance.

Reserve-me um cantinho sempre no seu gabinete. Eu velho de espirito, exausto de seiva juvenil, gosto de puxar a minha cadeira para o circulo dos jovens que compoem o seu *Gremio*, e ahi fallar com elles de tudo o que a mocidade ama. Se já não possuo a crença intima que circumda de aureolas idéaes todos os actos da vida, se tudo para mim parte de origens egoisticas e tende a fins prosaicos, apraz-me enganar-me algumas vezes reavivando ao contacto da mocidade os quadros que commigo a sós ja perderam os seus desenhos nas densas sombras do fundo. E' esta reaproximação como o encontro de uma rosa sobre o leito funebre do expirante que frue no seu aroma a recordação dos gozos que para elle findaram.

Adeos !

Vassouras, 15 de Agosto de 1856.

REINALDO CARLOS.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

II.

ESTUDOS HISTORICOS

I.

VIARIATO

I.

Conheço alguns litteratos de nome que ao lerem o pequeno trabalho que tenho a cusadia de encetar hoje, dirão com o emphase que lhes é propria:

Mais um plagiario, e então na historia ! Como se eu, que jamais tive pretensões a litterato, não possa escrever alguma cousa nas horas vagas que deleite aquelles que sabem menos do que o obscuro autor d'este artigo ! Infelizmente talvez que os algarismos, com que luto ha dez annos, deem aos meus escriptos um caracter pesado, destituido de graça e de fluidez ; mas os meus leitores contentam-se com o pouco que posso dar-lhes, e não sei se é devido a isso que insisto sempre em escrever artiguinhos que nada deixam após si. Gostei sempre das flores, porque nasci no campo, no meio d'ellas ; os meus *Aristarcos* entendem que não dou senão *florões*, e d'aqui a pouco serei um completo jardim.

É uma qualidade que se dignam conceder-me, porque as flores são e serão sempre, na phrase d'um elegante escriptor, os sorrisos dos anjos ; entre tanto que se eu dêsse cardos, não passaria de *matto bravo*. Tenho-o dito por muitas vezes e repetil-o-hei sempre: escrevo para um publico que não arroga a si o mister de censor ; fallar pois uma linguagem *aristocratica*, escolher os vocabulos menos conhecidos da lingua portugueza, seria affectação, seria rediculo, o que é mil vezes peor. Descancem os mestres, envidarei todos os esforços para satisfazel-os, e agradeço-lhes d'antemão o interesse que tomam por mim...

II.

Estudar a historia do paiz em que nascemos, analysal-a até, identificar-mo-nos n'aquelles factos que despertam a nossa admiração, é, senão um dever, um tributo que pagamos a tudo que se nos representa magnanimo e sublime. Os factos pois, que vou relatar, estão ao alcance de todos.

Analyse-os quem quizer, não o farei eu porque me faltam as precisas habilitações. Contento-me em reproduzir n'uma linguagem menos colorida, a melhor das paginas da historia portugueza. Sem temor de commetter um anachronismo, entendo-o assim, não obstante essa pagina pertencer a uma época em que a Luzitania nada mais era que uma provincia sob o dominio Romano. Depois a idéa de que hia escrever a origem d'esse Portugal, que amo tanto, faz calar em mim qualquer outro sentimento, e terminado que seja o meu tenue trabalho, tenho convicção de que mais de um virá encher as columnas que a redacção da *Saudade* consagra á historia.

III.

Por falta de uma autoridade insuspeita e incompetente, ha algumas razões para crer, que a Hespanha foi habitada primitivamente pelos Africanos.

Os Rhodianos, Tyrianos e Phinicios estabeleceram colonias n'ella. Os dous primeiros, incapazes de idéas mais vastas, tiveram de ceder o lugar aos ultimos, que não se contentaram em estabelecer colonias fracas e sem importancia; mais emprehendedores e ambiciosos, formaram Cadix e Malaga. Não seriam ainda os Phinicios os unicos capazes de assegurar-se em Hespanha com um dominio mais estavel. Os Carthaginezes viriam em pouco tempo senhores de idéas mais vastas, a que os Phinicios tinham por sua vez de curvar-se. Calculando as vantagens que poderiam auferir d'um paiz quasi virgem do contacto extranho, emprehenderam assenhorear-se d'elle com os outros principios, e cujos resultados os tornaram possuidores absolutos d'esse

thesouro. Com nma perseverança inaudita foram, pouco a pouco, adornando Cadix de boas casas, templos e armazens, mais tarde conseguiram fortificá-lo. Empregando ora a força ora a mentira, elles chegaram a assenhorear-se de toda a Betica, ou Andaluzia. Amílcar Barcas, pai de Annibal, tinha, 238 annos antes de Christo, estendido as suas conquistas pelos reinos de Murcia e de Valencia, penetrando até á Catalunha, onde fundou Barcelona. Amílcar foi morto em uma batalha contra os Sagontinos. Succedeu-lhe Asdrubal, seu genro, que sendo assassinado deixava a corôa ao famoso Annibal.

Este guerreiro depois de ter conquistado todo o paiz que forma hoje a provincia de Toledo; reunio todas as suas forças e marchou para Sagonte, resolvido a sitiá-la. Esta praça, esperando ser soccorrida pelos Romanos, fez uma resistencia heroica e desesperada. A fome reduziu seus denodados deffensores ao ultimo extremo, e forçoso era cahir mas como bravos. Assim obraram; as chamas envolveram a praça, e ellas foram o tumulo de seus heroicos habitantes.

A destruição de Sagonte foi o preludio da segunda guerra *Punica*, a qual teve lugar 218 annos antes de Christo. Annibal, acompanhado d'auxiliares hespanhoes, atravessou os Peryneos e os Alpes, ganhou as famosas batalhas de Thezino, de Thrazimena e de Cannas, e não podendoprehender Roma, vio a coragem de suas tropas fraquejar ante a propria fraqueza dos Capuanos.

(Continua.)

XAVIER PINTO.

Dando publicidade ao seguinte artigo historico, felicitamos seu joven autor pela vereda que escolheu para encetar seus trabalhos litterarios; e agradecendo-lhe, o convidamos a que prosiga.—Recommendamol-o aos nossos leitores e lhes pedimos a indulgencia que merecem trabalhos desta ordem, maxime, quando apresentados por quem apenas conta 15 annos de idade!

Descubrimiento da America.

Depois das cruzadas, dirigidas contra os infieis da Palestina, no começo da idade media, e nas quaes todos os povos occidentaes, cedendo á voz poderosa dos Papas, se levantaram de commum accordo, para livrar o tumulo de Christo das mãos dos infieis; depois das cruzadas, digo, operou-se uma total mudança no mundo occidental. Os povos que tinham tomado parte nas differentes cruzadas, adquiriam pouco a pouco algumas luzes, a principio pequenas, que de-

pois progrediam consideravelmente; cessou o estado de escravidão sob cujo jugo gemiam os pobres *servos da gleba*; as cidades e villas viam crescer em seus recintos, industriosos habitantes; a fundação de novas academias promovia rapidos progressos; os differentes governos achavam bases solidas no caracter dos povos, já mais civilizados; as descobertas da bussola e da polvora contribuiam poderosamente para a civilisação; appareciam de quando em quando audazes navegadores, que, os primeiros, ousavam arrostar os mares procellosos, nunca d'antes sulcados, fazendo assim grandes descobertas; tudo emfim cooperava fortemente para a total civilisação do mundo inteiro!

No meio desse movimento progressivo, desse espirito de descoberta, dessa actividade geral, elevou-se um portentoso genio, um homem que pela vez primeira, ousou sonhar em mundos desconhecidos, um homem, emfim, que mudou á face do universo! esse homem era Christovão Colombo!

Christovão Colombo nasceu em Genova, na Italia, de parentes pobres; dotado desde a sua mocidade de grande talento e vocação para as mathematicas, entregou-se ao estudo dessa sciencia com grande esmero, cultivando ao mesmo tempo a geographia, e por seus calculos, ou fundando-se em antigas tradições, concebeu a existencia problematica d'um novo mundo!

Apezar do estado de civilisação desse tempo, conservavam comtudo os povos um grande numero de idéas antiquarias, assim Colombo, não poudes a principio achar apoio em parte alguma.

Esse audaz Colombo pediu á sua patria algum subsidio para facilitar a sua empreza, prometendo-lhe a posse d'um mundo ainda desconhecido, que elle ia descobrir, mas essa patria ingrata foi surda ás suas sollicitações. Colombo despondado então na sua expectativa, foi apresentar o seu plano a D. João II, rei de Portugal, com a mesma promessa, mas de nem um effeito foi o seu pedido. O rei tão convencido estava da possibilidade da existencia desse mundo, sonhado por Colombo, que tentou, mas infructuosamente extorquir-lhe a gloria que o futuro lhe preparava, pois a expedição que elle formou, instigado pelos seus cortezãos, foi baldada pelo furor das ondas tormentosas.

Colombo incansavel no seu projecto foi implorar á côrte d'Hespanha, o auxilio que lhe haviam recusado tão injustamente. Reinavam então em Hespanha Fernando do Aragão e Izabel de Castella; Colombo, vio-se, como das duas primeiras vezes, repellido e despresado; algum tempo depois renovou o seu pedido junto de D. Izabel de Castella, mas nada conseguiu, em quanto que seu irmão, mandado á Inglaterra, fora tão infeliz como o era Colombo. Este ultimo penetrado de

tão viva dor, vendo a dureza e a ingratidão dos homens, dispunha-se a partir para França, com as mesmas vistas, e já se tinha posto a caminho quando Izabel arrependida do seu primeiro passo e abraçando os conselhos de seu ministro, o cardeal Ximenez, chamou a si Colombo, e desta vez concedeu-lhe alguns subsidios para a sua expedição. Colombo dirigiu-se então para Palos, porto de mar em Hespanha, e ali achou novo reforço em uma companhia mercantil, de navegação; de sorte que poudo armar uma pequena frota composta de 3 navios que eram *la Santa Maria, la Pinta e la Nina*; os dous irmãos Pinzons comandavam os dous ultimos navios e Colombo o primeiro. Estando tudo disposto, Colombo fez-se á vela de Palos a 3 de agosto de 1492.

(Continúa).

J. A. S. RIBEIRO JUNIOR.

POESIAS.

Ypiranga.

7 DE SETEMBRO.

Os brados se escutam da sã liberdade
Do nobre Ypiranga, nos campos sagrados !
E em todos os pontos, a terra brasileira
De jubilo cheia repeta seus brados !

No peito dos bravos leaes Brasileiros
Um fogo se atêa que os faz inspirar ;
Um fogo emanado do céo que os protege,
Altivos, sabendo-se a sós libertar !

Eis logo o Brasil, n'um imperio tornado
Que os gritos soltados principio lhe deu !
A gloria renasce, germina a ventura.
Propagam-se as luzes em tudo que é seu !

A ti, Ypiranga, meu canto dedico
Que ao povo brasileiro trouxeste igualdade !
A gloria é só tua, recebe meu canto
Que o grito soltastes da sã liberdade !

G. L. J.

O Lirio Desfeito.

Meu lirio mimoso, afohagem viçosa
O Sol do verão a queimára sem dó ;
As hasteas mirradas ficarão pendidas,
E tu por entre ellas brilhaste inda só !...

Porem coitadinho depressa sentiste,
Nas pet'las queimar-te um intenço calor :
Dobrade também, pelo chão espargida
Ficaste desfeita aromatica flor...

Eu quiz pelo chão reunir tuas pét'las,
Tornar a compor-te meu lirio desfeito,
Porem cada pet'la que erguia da terra
Em pó se fazia defronte a meu peito !..

Que idéa pungente sentia, lembrando
As cores mimosas que tinhas na vida !...
Por certo tu eras no mundo das flores
A flor, mais bonita, mais bella e querida !

Porem a natura não quiz que este mundo
Guardasse thesouro de tanto valor !
As pet'las cahirão no chão espargidas
O aroma subio ao supremo Senhor.

No Ceo onde estais radiante meu lirio
Olhai para quem, ainda hoje suspira
Pela alma que tinha com vosco guardada
Que a vossa p'ra o Ceo, saudosa seguira.

Rio 30 de Agosto de 1856.

B. C.

Meu Retiro e a Philomela.

Para que tu, philomela,
Vens singela,
Neste deserto sem fim,
Soltar teu canto ligeiro,
Feiticeiro,
Feiticeiro ao pé de mim ?

Julgas tu, louca, na lyra,
Quem suspira
Pode teu canto enlevar ? !
Não pode, não, vai-te embora,
Que nesta hora
Não te quero ouvir cantar....

Vai, philomela teimosa,
Maviosa
Soltar a vóz mais alem,
Que p'ra saudar com enleio
Teu gorgoeio
Aqui não achas ninguem !...

Aqui, apenas sómente,
Tristemente,
Com teu cantar puro e ledo,
Vens estorvar os gemidos,
Que perdidos,
Vim exalar em segredo.

Vai pois, risonha e fluente,
Mui contente,
O teu gorgeio soltar.
Junto do bardo saudoso,
Que ditoso,
Possas d'amor te fallar.

Mas, passarinho encantado,
Mal fadado,
Eu já não vivo d'amor!
Aqui, pois, de noitibos,
Eu á sós
Quero escutar o rumor!...

Setembro de 1856.

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

A desgraça.

A desgraça é como o tempo,
Que aos mortaes respeito imprime;
E nas acções que não morrem
O bello torna sublime.

A desgraça é como o tempo,
Mas é melhor conselheira,
Sabeis mais com ella um dia
Que sem ella a vida inteira.

A desgraça traz consigo
A doce meditação;
Torna livre o pensamento,
Socegado o coração.

Qu'importa o corpo, se a alma
Quer voar até aos céos?
Se nos consola na terra
Fazendo-nos crer que ha Deos.

A desgraça não traz odio,
Não traz soberba ou inveja,
Nem póde querer p'r' os outros
O que p'ra si não deseja.

O que é desgraça? É chimera
O justo não a conhece;
O mau é que dá tal nome
Ao castigo que merece.

S. Paulo, 24 Agosto 1853.

J. C. L.

Poesia:

OFFERECIDA AO MEU AMIGO O ILLM. SR. DEO-
CLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

Quando mui triste me sinto
Oh! charo amigo, a pensar,
Na minha terra natal
Por d'ella longe me achar;

Lembrão-me os dias d'infancia
Que lá passei tão ditozos,
Com meus irmãos a brincar
Naquelles prados mimosos,

Tão lindos, tão verdejantes,
Esmaltados de mil flores,
Que viçoas desabrocham
Espalhando seus odores,

Que eu innocente cortava,
Para um raminho fazer;
E contente ia correndo
A minha mãe offerecer.

Se visses com quanto amor,
No ramo e em mim pegava!...
De mil beijos me cobria
A seu collo me apertava!

Tu dirias meu amigo,
Sem receio de o dizer:
Por muito que se ame um filho
Amar mais não póde sêr.

São estas recordações
Que mais não póssó esquecer,
Que meu coração magoam
E me fazem padecer.

Mas já que tu me inspiraste
O caminho da poesia,
Quero ver se nelle encontro,
O que achar eu não podia.

Quero vêr se com a lyra
Mudulando-a saudoza
Dou lenitivo a minh'alma
Se a posso tornar ditoza.

Porém se ella p'ra comigo
Cruel se quizer mostrar,
Eu não peço a mais ninguém
Só Deos m'a poderá dar.

Rio de Janeiro, Julho de 1856.

FRANCISCO COELHO MARTINS DA COSTA.

Tentativas Poeticas.

DE

F. GONSALVES BRAGA

XXXII.

ALMEIDA-GARRETT.

(9 DE DEZEMBRO DE 1854.)

Portuguezes... morrent!... D'aquelles labios
D'onde manavam de Hypocrene os meles,
D'onde angelicos sons coavam n'alma
Sahiu o ultimo alento !

GARRETT.

Já não vive o cantor do luso bardo,
Que a patria celebrou !
Garrett já não vive ! A lysia chora
Quem seu Camões cantou.

Já não vive esse genio sublimado,
Semelhante a Camões !
Morreu depois de haver tirado á lyra
Angelicas canções !

Era immenso o seo genio,—qual de bronze
Estatua colossal !
Deu-lhe um sopro valente a fria morte,
Cahio do pedestal !

Cobriu seu corpo o manto do porvir,
Com as geladas dobras,
Mas nunca esquecerão aos lusus gratos
Seu nome, e suas obras.

Oh ! nunca,—que o cantor que deu á patria
Um — *Frei Luiz de Souza*, —
Apezar do seu corpo inanimado
Jazer sob uma lousa;

Na crença viverá de um povo inteiro
Passando as gerações : —
Lembrarão nossos netos com orgulho
O cantor de CAMÕES.—

Morreu Camões:— tres sec'los se passaram
Garrett ao mundo veio,
Cantou seus feitos,—e deixando o mundo,
Foi unir-se-lhe ao seio.

No mundo deu-lhes Deos missões augustas:
A cantar, e soffrer
Viveu Camões,—Garrett veio ao mundo
Monumento lhe erguer.

Monumento que deu Camões á patria,
Deo Garrett a Camões:—
Dous poemas divinos, são, que passam
Través das gerações !

São pois irmãos:— rivaes não quiz o mundo
Que fossem, consentir,
Não quiz o céu tambem, — que suas almas
N'uma só quiz unir.—

— Oh ! valente escriptor ! O que fizeste
Quem na Lysia já fez ?
Com teu fecundo engenho abrilhantaste
O palco portuguez !

— *Alfageme*,—*Catão*,—*Mérove*,—e outros
Esriptos theatraes;
De Gil-Vicente o aulo, em que revivem
As scenas nacionaes !

Tambem votaste á candida belleza
Da musa um vivo extracto
Arrancando da lyra, em um poema
De Venus o retracto !

Já não vives ! Qu'importa ?—Lá no empyreo
Tu'alma em paz descança;
Mas eu nome, no mundo, duradouro,
Porvir honroso alcança.

II.

Morreste !.... e do brado a lyra
Que fez teu nome immortal,
Contigo não mais suspira,
Não canta mais Portugal;
Não eleva mais aos céos
Doce voz dos cantos seus
De harmonia divinal ;
Nem os sons harmoniosos
Dos teus cantos magestosos
D'energia colossal !
Tu foste o tronco robusto
Da moderna poesia,
No teu peito nobre, augusto,
O seu fogo se acendia: —
Eis agora desprendidas
Ultimas— FOLHAS CAIDAS —
Dos ramos que Deos te deu,
Qual cysne que a morte inspira
Teu estro soltou da lyra
Ultimo canto.... e morreu !

III.

Já não vives ! Qu'importa ? Hade ir teu nome
Passando ás gerações ;
Lembrarão nossos netos com orgulho
O CANTOR DE CAMÕES.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 210.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 14 de Setembro de 1856.

N. 3.

Relatorio

APRESENTADO EM ASSEMBLÉA GERAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ, EM 21 DE AGOSTO DE 1856 POR SEU PRESIDENTE, JOSÉ ANTONIO DOS SANTOS CORTIÇO.

(Conclusão.)

JORNAL « SAUDADE. »

Ainda que não seja de minha competencia fallar do estado do jornal a—*Saudade*—desde o começo do segundo semestre, mas tão sómente de sua receita e despesa nos trez mezes de minha presidencia, vou todavia apresentar-vos em resumo todo o semestre; não só porque alguns numeros que deveriam imprimir-se no 1.º trimestre foram impressos no 2.º, como porque, se desejardes orientar-vos do estado das contas em todo o segundo semestre, não vos seja necessario recorrer ao relatorio do meu muito digno antecessor, porque nelle acharieis infallivelmente a demonstração de seu estado, até o momento de exonerar-se de seu cargo. Tambem não tratarei dessas contas com miudesa, pois os que desejarem conhece-las minuciosamente, acharão na exacta conta corrente, apresentada pelo nosso thezoureiro, o meio de satisfazer sua curiosidade; exponho:

DESPEZA.

—Desde o principio do 2.º semestre—

Pago a F. M. Raposo d'Almeida, para entrega de todo o material da—*Saudade*—cuja publicação estava a seu cargo até o n. 10, ficando desde esse n. em diante a cargo de nossa associação 64\$000.

Pago por impressão de 15 ns. - desde n. 11 inclusive ao n. 25 520\$000.

Por listas e circulares em todo o semestre 22\$000.

Aos intregadores * idem 41\$500.

Ao recebedor 11\$000.

Pago por composição de duas poesias inutilisadas 4\$000.

Total 662\$500.

RECEITA.

—Desde o principio do 2.º semest e.—

Recebido de 97 assignantes da côrte e provincias 297\$000.

Importancia adiantada por diversos socios do Gremio, e pelo cofre do mesmo. 365\$000.

662\$500.

Deve por tanto a —*Saudade*— a quatro socios do Gremio e ao cofre do mesmo a quantia de 365\$500 cuja divida foi obrigada a contrahir para pagar sua despesa, que, como vistes, importou em 662\$500, ao passo que a receita foi apenas de rs. 297\$000, porque contou mui limitado numero de assignantes. Ha, porém, a receber de devedores á folha, a quantia de Rs. 33\$000 e por consequencia é o seu deficit de Rs. 332\$500.

Pelo que fica demonstrado, é evidente que não andavam errados os que pediam a suspensão da folha, pois em verdade se acha ella alcançada n'essa quantia que venho de vos mostrar. Então, perguntar-me-heis vós agora, como ousou asseverar-vos os bons auspicios em que se acha, se ella está alcançada? e mais me perguntarieis como e por quem, será satisfeito esse alcance?

Quanto á primeira pergunta respondo, que se vos digo achar-se sob bons auspicios, creio não avançar uma temeridade, pois é incontroverso que a criação da *compunhia* para manter-lhe a publicação, foi uma medida acertadissima de que se esperam os melhores resultados; e nem eu, assim fallando, procurei alludir a seu estado actual mas ao que lhe prometto a medida em questão; e quanto á segunda pergunta, se m'a fizesseis, dir-vos-hia que não era a mim a quem compéttia resolver esse problema e apenas lembraria, que estando a—*Saudade*—debaixo da tutela do—*Gremio Litterario Portuguez*—a elle pertence sustenta-la; e razão parece, que achando-se elle em circumstancias taes, como em breve esperamos ve-lo, não só riscará de seu activo a importancia que lhe adiantára, como tambem a aliviará do alcance em que se acha para com os socios que lhe prestáram seu apoio; e quando

as esperanças do—*Gremio*—fossem mallogradas, ter-se-hia o recurso de uma medida financeira do genero daquella que ultimamente foi apresentada e que poderá ser habilmente formulada, pelos espiritos atilados de nossa associação, que sabem distinguir o rateio da medida financeira, propriamente dita.

Terminando esta humilde e imperfeita exposição do occorrido no trimestre de minha presidência, a gratidão me impoem o dever de declarar, que todos os membros da directoria indistinctamente, muito me auxiliaram com suas luzes n'esta ardua tarefa: se não cumpri os vossos desejos e não desempenhei o meu cargo, como devera, accusai a minha ignorancia e inhabilidade em taes mistéres; mas levai-me em conta a boa vontade que tive, de vos satisfazer, porque esta existiu sempre.

Espero me desculpeis se julgardes mal cabidas as fraternas exhortações que vos dirijo; cumprindo-me agradecer-vos a benevolencia que sempre usasteis comigo e o apoio que ao fraco merito concedesteis; possam os sentimentos que a vossa presença me desperta, confundirem-se aom os vossos e juntos realizar um dia, mais uma pequena estrella para a corôa brilhante que cingio a fronte de nossa PATRIA.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

III

ESTUDOS HISTORICOS.

I.

VIRIATO.

(Continuação.)

No meio destas lutas gigantescas em que o poder de Annibal, á semelhança de um meteoro se hia enfraquecendo pouco a pouco, os Romanos não descansavam. Elles tinham herdado a intrepidez de *Romulus*, como tambem procuravam realizar os sonhos ambiciosos do fundador de Roma.

Atravez de um véo sombrio distinguiam ao longe uma estrella brilhante, precursora infallivel do immenso poder que deveria tornal-os senhores do mundo. Em quanto que Annibal, atravessando os Peryneos, hia procurar a sua total ruina, os Romanos asseguravam-se de toda a Italia, e penetravam na Hespanha onde faziam excursões formidaveis. Os generaes orgulhosos dos seus recentes triumphos, soltaram gritos d'en-

thusiasmo á vista das immensas riquezas de ouro e prata que este paiz lhes offerencia.

Os dous Scipioes obraram prodigios de valor. Publius Scipião o Africano, que lhes succedeu no commando, tornou-se em pouco tempo senhor de toda a Hespanha, e os Cartagineses foram expulsos della para sempre. Os Romanos tinham para governal-a dous magistrados annuaes, com o titulo de Pretores. Um mandava a Hespanha ulterior, que comprehendia a Betica e a Lusitania, o outro commandava a Hespanha ulterior ou Tarragonesa, composta de todas as outras provincias. Com tudo os Romanos encontravam a cada passo essa resistencia heroica, que quasi dous mil annos depois tornaria a Peninsula tão notavel; ella não se submetteu completamente, as revoltas succediam-se umas após outras, e os grandes conquistadores viram por mais de uma vez suas aguias abaterem-se ante o denodo e coragem dos conquistados.

IV.

Corria o anno 3812 da criação do mundo, e 150 antes de Jesus Christo. Eram consules em Roma Marco Claudio Marcello, e Lucio Valerio Flaco. Nomearam para o governo de Hespanha a Marco Alitio. As novas que este recebeu, chegado que foi a Andalusia, tornaram-no confuso.

A Hespanha era um volcão prestes a fazer explosão ao primeiro signal. Os soccorros vinham de todas as partes, o espirito de nacionalidade e independencia germinava de um ao outro lado. Aconselharam Alitio para que se prevenisse, chamando a si toda a soldadesca de que podesse lançar mão. O Pretor aproveitou as boas disposições d'alguns individuos, e conseguiu reunir um exercito respeitavel.

Os Luzitanos enganados com uma apparencia de calma e socego, e receando que o novo governador esperasse o momento favoravel para os subjugar, sahiram a campo, e a victoria inclinou-se mais de uma vez para seu lado.

O Pretor a quem as informações do espirito de seus inimigos tornára sobremodo cauteloso e prevenido, deseñrolou algumas bandeiras, e animando os soldados conseguiu pôr os Luzitanos em desordem. Retirando-se como bravos que jamais voltaram costas aos seus adversarios, iam crear novos reforços com os quaes podessem vingar esta derrota.

Segundo Laymundo os Luzitanos deixaram no campo da batalha mil e duzentos mortos, e com quanto Apiano diga que não passou de setecentos, nem por isso os Romanos cantaram victoria, pois que o seu triumpho além de lhes custar a perda de outros tantos soldados, era quasi que ephemero. A traição foi sempre a arma favorita d'estes conquistadores. Alitio penetrou por toda a Luzitania, commetteu excessos sem conta asso-

lando algumas terras florescentes já, o que deu causa a que os Luzitanos pedissem a paz.

O Pretor satisfeito da submissão de tantos heróicos concedeu-a com algumas condições um tanto onerosas, a que os vencidos se curvaram á vista das circunstâncias que as precediam. Alitio recolheu-se á Andaluzia. Durante a sua ausencia os Vitones * que tinham a vingar a morte de tantos valentes fortificaram-se, obrigando os outros Luzitanos seus visinhos de Ostrace a quebrar os tratados. Estes fizeram alguma opposição, mas como a causa era commum entraram n'essa liga poderosa sombra fatal dos Romanos. O inverno impedira Alitio de fazer differentes excursões como costumava; elle sabia que os seus inimigos occupados com as colheitas esqueceriam seu antigo odio, e esta idéa o assegurava. O Pretor foi chamado a Roma. Estava nomeado para o substituir o celebre Servio Galba.

O vulcão hia rebentar, a vinda d'este homem para a Hespanha seria a origem d'uma guerra tão encarniçada, tão nacional, que os Romanos abalaram-se por fim. Quanto pôde o espirito do nacionalismo e independencia!

Galba que sabia o caracter do povo que lhe davam para governar, pensou que inspirando-lhe terror poderia com mais facilidade subjugal-o. Com este intuito penetrou por terras de Algarve e Ourique, e assolou mais em um dia que seus predecessores durante todo o seu governo. Um grito geral unisono se ergueu de montanha a montanha!

Morte aos Romanos, exterminio aos barbaros!

Os Luzitanos armaram-se e sahiram de novo a campo, introduziram-se nas terras dos Romanos destruindo e queimando tudo que encontravam.

Galba obteve grandes reforços d'Andaluzia, e apresentou-se para castigar a audacia dos revoltosos.

(Continúa.)

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação).

Luisa estava sentada em uma cadeira. Pallida e arquejante, lançava olhares desvairados em torno do quarto; uma noite só fôra bastante para a tornar quasi um espectro.

Bom dia menina, desse Lourenço apparecendo de improvisos.

A joven levantou-se como impellida por uma

* Povo que habia a péto d'Alcantara.

mola, deu um grito, e cahio desmaiada sobre a cadeira.

Martha correu em seu auxilio.

Nada é, um *faniquito* sem consequencias, atalhou o malvado.

Este homem não tem coração! exclamou a velha continuando a prestar soccorros a Luisa.

Perfeitamente dito, tornou Lourenço, não tenho coração, para que? E' um traste inutil e de luxo, no meio d'esta sociedade corrupta e immoral.

Luisa pôde erguer-se de novo. Fitou os olhos em Lourenço, e deu um suspiro; a infeliz começava a comprehender.

Menina, disse este, houve tempo em que um olhar seu seria bastante para acalmar as tempestades que se formavam de instante a instante em meu espirito. Amava então, e parecia-me que a vida se abria para mim com novo horisonte. Hoje, como vio, sou invulveravel, e um olhar seu em lugar de commover-me irrita-me.

Mate-me Sr., imploro-lhe de mãos erguidas.... tenho soffrido tanto n'estes ultimos dias, que a morte seria um bem para mim!

E Luisa arrastava-se aos pés do malvado, de mãos postas, e n'uma attitude supplicante.

Matal'a? seria a maior de todas as asneiras!... quero pelo contrario que viva, e por muito tempo. Levante-se pois que temos a fazer uma longa viagem.

Não, sahir d'aqui, e acompanhada por um infame como o senhor!... exclamou Luisa com uma exaltação de que se não julgaria capaz.

Sim, já.

Chamarei por soccorro.... alguém escutará as supplicas d'uma infeliz.

Olhe, disse Lourenço apontando para porta, chegou a pessoa que eu esperava, a caminho.

Era o poeta, precedido do creado.

Aquelle entrou meio desconfiado. Martha lançara-lhe um d'aquelles olhares terriveis a que elle não podia resistir.

João, disse Lourenço, em quanto esperamos pelos preparativos d'esta menina, procura um dostrabalhadores da quinta, e diz-lhe que vá dizer a meu pai que parto para uma viagem d'onde não regressarei em menos de um mez, e tu volta aqui.

O creado sahio, Lourenço sentou-se perto de Luisa, e chamou o poeta que se não queria aproximar sem authorisação de Martha. Esta a acompanhava todos os movimentos do primeiro com um olhar perscutador, era evidente que elle ruminava um projecto qualquer que dizia respeito a Luisa. Mas se a velha tinha um poder estranho sobre o coxo, Lourenço tinha-o sobre Martha, porque a um simples signal seu a feiticieira pegou na roca, e foi sentar-se tranquilamente perto da porta.

Eisnos por fim perto um do outro, e em circumstancias demasiado criticas para a menina, disse o malvado raptor aproximaudo-se mais de Luisa; sei que lhe custa bastante escutar as exprobrações do seu antigo apaixonado, mas felizmente o acaso veio em soccorro meu, e eu terei de aproveitar as vantagens de um *tête à tête* tão extraordinariamente combinado.

Atrever-se-ha a insultar uma pobre rapariga que não tem por si mais que a indignação do seu infame proceder?

Estou resolvido a tudo menina, tenho a vingar o odio que lhe inspirei e á ingenua Mathilde; quanto a Carlos são contas que ajustaremos depois....

Carlos.... Carlos.... oh! o terrivel da minha posição fez-me esquecer que tenho n'elle um defensor.

Carlos está talvez a esta hora longe d'aqui, procura-a, mas não sabe que a sua amante está em poder do seu maior inimigo.... Cumpre aceitar todas as consequencias do seu desprezo por mim.

O poeta, em pé, de braços crusados e olhar scintillante escutava Lourenço e Luisa com attenção. Advinhava pouco mais ou menos o resultado d'esse combate, e entre si se dispunha a aproveitar-se d'elle. Compreendera que Martha lhe dava liberdade ampla e completa para obrar a seu belo prazer, por isso receioso que as cousas tomassem um character mais serio tomou a palavra, e perguntou a Lourenço o que determinava a respeito d'elle.

Acompanhar-me-has, quero ter todos os cuidados e attensões por esta menina.

E quando partimos?

Em breve; espero João.

Eil-o, disse o coxo.

O creado voltava da commissão de que seu amo o encarregara.

Está tudo arranjado, disse elle.

Então o caminho. E Lourenço fazia signal a Luisa para levantar-se.

Sahir d'aqui? respondeu ella com socego, já lhe disse que o não acompanhava.

E' o que vamos ver, tornou aquelle seguindo-a pela cinta.

A joven deu um grito, e levantou-se pallida e ameaçadora.

Cobarde! que ousa levantar a mão para uma mulher indefesa!...

Lourenço sorrio-se com ironia, e deu um passo para a frente, encarou Luisa, sorrindo-se de novo disse:

E' cedo ainda... a resistencia aqui seria pouca valiosa, aprecio no mais alto grau uma luta entre o lobo e o cordeiro em lugar mais vasto... Vamos senhora, e elle carregou n'esta palavra, estou impaciente por offerecer-lhe uma habitação

elegante rodeada de tudo que possa dissipar a tristeza e o mau humor....

Luisa não respondeu, olhava para o malvado.

Custa a comprehender como posso conter este desejo ardente de possuil-a aqui mesmo.... mas estas testemunhas.... nada a sós.... com mais sangue frio.... Athanasio, continuou elle, pega n'esta mulher como o farias a uma creança....

Soccorro!... soccorro!... bradou Luisa.

Martha hia ao chamado da joven....

Nem mais um passo! bradou Lourenço com raiva.

O poeta, como o fiserá na noute do rapto, sufocou os gritos de Luisa, tapou-lhe o rosto com o lenço que ella trasia ao pescoço, e a um signal de Lourenço foi depol-a no seu cavallo. A gallope, disse elle montando. Athanasio acompanhava-me. E o malvado com um sangue frio espantoso abraçou-se com a joven desmaiada já, o partio com os dous acolytos. O poeta hia a pé, mas as suas formidaveis pernas acompanhavam o passo dos animaes.

Martha via tudo da porta. E' a fatalidade, disse ella voltando tristemente para a interior.

(Continua.)

Descobrimento da America.

(Continuação n. 2.)

Depois da sua partida de *Palos*, porto de mar na *Andaluzia*, Colombo tomou o rumo d'Oeste, até certa altura; *dobrando depois* para o Sul, abordou ás Canarias, porém, pouco depois, fez-se de vela na mesma direcção. Durante esse longo trajecto teve Colombo de soffrer a principio, as queixas e murmúrios, e por fim, até as ameaças da sua tripulação; todos queriam que Colombo voltasse para a Hespanha, julgando estarem no meio d'um Oceano illimitado! — Colombo, sempre perseverante affrontou essas ameaças com dignidade, sem ceder ás exigencias da equipagem. Por fim tal foi o alvoroço da sua gente, que, semelhantes a trigres furiosos, tentaram matal-o ou lançal-o ao mar!

Colombo tão bravo sempre no meio dos perigos do Oceano, não desmentio sua bravura n'esta crise; pediu á tripulação a demora de trez dias, fiados os quaes, elle lhes promittia, que avistariam terra, e por esse meio poudo applacar o furor excitado contra si. N'este mesmo dia, e sobretudo nos dous seguintes, Colombo percebia varios indicios que denotavam a proximidade

de terra; havia visto algumas folhas, e mesmo troncos de arvores, e n'um d'elles um ninho de passaro; avistou até um pau trabalhado por mão de homem, e tambem algumas aves que voavam em varias direcções. Temendo então algum baixo, Colombo fez sondar o mar, achou-o fundo, e tornando-se evidente que a terra estava proxima, prometeu uma recompensa ao primeiro que avistasse terra. *La Pinta*, de marcha superior aos outros dous navios, ia adiante sempre, e ao pôr do sol no segundo dia depois da promessa de Colombo, *la Pinta* annunciou « terra. »

Esse grito « terra » encheu de jubilo toda a equipagem, mas infelizmente era uma nuvem no horisonte, e com grande desesperação reconheceu-se o erro! No terceiro dia, ancioso pela sua sorte, Colombo contemplava attento o vasto oceano, e cada vez mais, vio novos signaes e indicios de proximidade da terra, mais frequentes que nos dias antecedentes. O Oceano tornava-se esverdeado, e a agulha de marear principiou a mover-se em oscillações incertas. Colombo não podia, na verdade, explicar á sua tripulação a irregularidade d'essas oscillações, que elle mesmo não comprehendia, mas conservou com-tudo o seu sangue-frio, assegurando-lhes que em pouco tempo chegariam á terra

Por acaso, ou por um mysterio inexplicavel, a predicção de Colombo devia-se cumprir n'esse dia! Apenas se encobria o sol no horisonte, avistou-se ao longe um clarão, que augmentava e diminuia alternadamente, e via-se sombra de terra; *la Pinta* annunciou « terra! »

« Terra! » sahio de todas as bocas! e d'esta vez não era illusão, pois approximavam-se á olhos vistos d'ella. Então, espectáculo singular, toda a tripulação vinha em chusma lançar-se aos pés de Colombo, implorando-lhe perdão e promettendo-lhe eterna obediencia!

Colombo chegando perto de terra fez fundear, e toda a equipagem entoou a bordo de seus navios um hymno em louvor do Senhor. Acabada a oração, Colombo saltou a terra, primeiro e cahindo de joelhos, elevou a Deos fervorosos louvores pela sua bondade, plantou depois o estandarte, com as armas d'Hispanha e fez desembarcar a sua gente.

A primeira terra em que haviam tocado era a ilha de *Guanahani*, que Colombo designou com o nome de *S. Salvador*, e onde desembarcaram, depois d'uma viagem de setenta dias, desde *Palos*, no dia 12 de Outubro do anno 1492.

(Continúa)

J. A. S. RIBEIRO JUNIOR.

Os Esfaimados.

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAZ FERREIRA.

A Carnificina.

V.

Um grito de raiva, soltaram os contrabandistas ao verem a porta fazer-se em pedaços!

Julião lançou mão d'um machado, e gritando para seus companheiros, principiaram a descarregar as armas sobre a multidão do povo, que os acommetia desesperada. Muitos cahiram mortos ou feridos.

Os contrabandistas armados de clavinas abriram fileiras em seus inimigos.

Julião por seu lado dava o exemplo de maior arrojo e sangue frio que delle não esperavam seus companheiros.

Todo aquelle que tentava avançar mais a frente era dirribado aos terriveis golpes do grande machado, que fazia girar para todos os lados.

Os ultimos pelotões de povo acabavam de chegar, e reunindo-se todos á entrada, arremessaram-se juntos sobre os contrabandistas. Desta vez o numero venceu aposição, e os contrabandistas com os chuços ao peito foram de encontro á parede do fundo, sem que tivessem tempo de carregar as clavinas.

Então a luta tornou-se desesperada e barbara; já não havia espaço sufficiente para poderem defender-se, e cada qual procurava vender caro a vida.

Julião colocado a um lado defendia-se com ardor desesperado, e não só fazia em pedaços a todas as armas que lhe apontavam ao peito, como cahiam mortalmente feridos todos os que o combatiam.

O chão causava horror, estava alagado de sangue, e os cadaveres embaraçavam a defesa. Muitos contrabandistas jaziam mortos ou feridos, e o povo tambem tinha perdido muito.

A luta continuava desesperada, e ia-se decidindo a favor dos esfaimados.

Ricardo e José estavam cobertos de sangue, e sempre á frente de seus companheiros gritavam, animando-os.

José tinha sido ferido no hombro e asim mesmo banhado em sangue, armado d'um cumprido chuço arremesava-se contra Julião, que ainda se conservava, batendo-se desesperado. José reconhecia que Julião lhe era superior, mas tal era a raiva, que expunha-se a cada passo a ser derrubado pelo mortifero instrumento que Julião ainda com tanta velocidade fazia girar. Ricardo avançou para o lado de seu amigo, e agarrando na

clavina d'um defunto voltou-a e fazendo-a girar com rapidez aparou uma machadada, que vinha despedaçar a cabeça de José.

Julião encarou-o com olhar de desprezo, e recuando um passo, volteou o machado e descarregou em seu inimigo trez golpes seguidos. José tinha se voltado e vendo Ricardo, gritou-lhe:

Ah! meu Ricardo, é este o malvado contrabandista chefe desta quadrilha; foi este o roubador de tua futura esposa, elle te deve dar conta de Maria, vinga o ultrage que nos fez.

Um leve sorriso se diviso no semblante de Ricardo ao ouvir José pronunciar aquellas palavras.

Bem, meu caro amigo, está, em minhas mãos, disse o mancebo recuando dous passos; então és tu esse infame Julião, que queria a mão de Maria? Sou eu mesmo, respondeu Julião, descansando sobre o machado; eu jurei que Maria havia de ser minha, foi e agora está morta!...

Malvado!.. pronunciou Ricardo, tu a mataste? Sim! respondeu elle com arrogancia, porque quebrou os juramentos que me tinha feito.

Onde está seu corpo? Queimei-o!...

Barbaro!.. tão atrevido foste?!... pois sabe que eu sou Ricardo, e pagarás por tudo o que fizeste..

Então na verdade queres conhecer-me?.. perguntou Julião com riso de esgarço. Sim! e verás para quanto presto. Ainda Ricardo não tinha acabado de dizer estas palavras e o machado de seu inimigo batia de encontro a coronha da clavina, e resvalando, quasi lhe cortava a mão.

Ricardo então principiou o combate. O mortifero instrumento voltava-se para todos lados aparando os golpes que Ricardo lhe descarregava.

Em uma das voltas a coronha da arma de Ricardo, dando com força no braço do contrabandista, fez-lhe saltar o machado a tres passos de distancia, Julião correu, apanhou a arma e fazendo-a girar de novo, continuou a bater-se; seu roto estava contrahido e o suor lhe corria em bicas.

Ricardo ataeava-o sem descanso, e livrando-se d'um golpe atirado á cabeça descarregou com tanta rapidez e força outro em seu adversario; que o contrabandista curvou-se e dando um grito de dôr, largou o machado da mão e cahiu no chão semi-morto.

Ricardo agarrou-o por um braço e arrastou-o para fora, parte da cabeça e da fonte estavam inteiramente abertas, e o sangue lavava todo o corpo.

José estava animando alguns feridos e tratando d'outros; assim que vio Ricardo arrastando o corpo de seu inimigo exclamou. Oh! estamos vingados!.... Ricardo voltou para dentro vio o resto dos contrabandistas todos mortos, ou feridos. O dovo tinha estado admirando o valor com que

ncombatera e exclamou ao vel-lo entrar: viva o osso chefe! viva! repetirão todos. Obrigado, amigos, agora é preciso tratarmos dos nossos feridos e quanto antes.

Todos obedeceram avoz de Ricardo, e cada qual principiou a servir de cirurgião aos seus companheiros.

Oh! mas agora o que faremos? dizia Ricardo a José. Procurar o corpo de Maria. Como? se foi queimado!.... pois queimemos a este infame tambem!.... Passados alguns minutos uma fogueira servia de sepultura aos cadaveres dos malvadados contrabandistas!

José e Ricardo estavam assentados a um canto, sem dizerem palavra.

Passados alguns instantes o povo fazia fóra uma grande algazarra, e pouco depois gritos de: temos fome!.. a promessa!.. Temos fome! se fizeram ouvir como echo agudo aos ouvidos de Ricardo.

Levantou-se e em seu rosto palido pela emoção que lhe causava ver o povo morrendo de fome, gritou-lhes: vinde, vamos examinar tudo aqui deve haver mais algum lugar porque elles guardaram todos os comestiveis. E principiaram a bater e apalpar todos os cantos até que deram com a porta do subterraneo.

Por aqui! vamos gritou Ricardo, e todos o seguiram. Ao dobrar os degrãos da escada havia uma lampada que alumiaava um comprido corredor.

Foram descendo; de cada lado havia uma porta o povo atirou-se a ellas e fizeram-as em pedaços:

Um grito de alegria partiu de todas as bocas.

Estamos salvos!... tinham descoberto o deposito dos comestiveis. Ricardo emcaminhou-se para o fundo do corredor, e vio um corpo estendido, e sentio-se um gemido surdo; chegou-se e cahindo de joelhos exclamou: oh! meu Deos, é ella, é Maria!...

POESIAS.

D. Sebastião.

FRAGMENTO.

BATALHA D'ALCANCER KIBIR.

(4 de de Agosto de 1578).

Marcial trombeteiro, o som de alarma
Arranca da trombeta luzidia!...
A formar-se em batalha, já lá voam
Numerosos ginetes mui velozes...
Em formoso corcel fulgindo de ouro
Entre os nobres, risonho, El-Rei se mostra!
Com vós animadora ás tropas falla;

« Vinde oh duque d'Aveiro e Mauritano
 « Rei Dom Duarte de Menezes ;
 « E vós, famosos Tavoras, segui-me
 « Ao combate mostrar o valor vosso !
 « Correi, trema de nós Moley Maluco,
 « Sabemos domar mouros tredores,
 « E destruir da terra tão vil gente !

(E n'isto vezes trez brandio a lança)
 « Juro por este ferro que a victoria
 « Terei por Sant' Iago n'este dia !...
 « Eis o imigo infiel que lá apparece....
 « Partio, bons cavalleiros, ás fileiras !!
 « Tremule o pendão vosso !...

Elles cavalgam
 « Tão guapos, brilhantes, gallopando !
 « Ora sus ! imitae-me, oh meu ginete....
 « Victoria ganha quem na terra vence,
 « Lá no céu a quem morre !...

Assim dizendo
 Segido de seus nobres cavalleiros
 Com sua forte espada scintilante
 Dá sobre os esquadrões irado e cego !
 Corta, fere, derruba como um rayo
 Quantos ousam de si avezinhar-se,
 E já por entre a multidão imiga
 O temerario rei desaparece !...

Contra o povo Africano a lusa gente,
 Peleja com valor, denodo extranho !
 Grossas columnas de poeira e fumo
 Envolve os renhidos combatentes !
 Fere os ouvidos dos canhões o estallo
 E de fuzil retumbam mil discargas !
 Tristes ais d'afflicção, ais d'agonia
 Já vagam pelo campo da batalha
 Só confusão, terror, só mortandade,
 Em todo o vasto campo se appresenta !
 Com suas azas negras, adejando
 Vae a morte os guerreiros destruindo !...
 As meias-luas do infiel—divisa
 Com impeto medonho se tocaram,
 E todos os christões por terra jazem
 Por ellas esmagados já sem vida !

(Sem vida todos sim, mas não vencidos !)
 Despedaçado e roto jaz entre elles
 Tambem o seu pendão ensanguentado....
 Seus peitos traspassados pelo ferro

Do vil sangui sedento Mahometano
 Em grossos borbotões o sangue corre
 Sobre o campo, de suas largas f'ridas !
 O real estandarte é já captivo !!
 E, El-Rei vaga demente entre cadavr'es ! !....
 E tú, oh Portugal, tú tambem sentes
 O jugo atroz do Castelhana infido ! ! !...

Junho de 1856.

DIOCLECIANO DAVIR CEZAR PINTO.

Ao 21.º ANIVERSARIO DO MEU AMIGO O SR. JOSÉ
 SERGIO D'OLIVEIRA.

Em 9 de Setembro de 1856.

Recebe, caro amigo, o que m'inspira
 A sincera affeição que te consagro.

(DO AUTOR.)

Eu quizera ser bardo sublime,
 Lindas trovas quizera cantar ;
 Eu quizera poder a teus annos
 Uma linda canção entoar.

Eu quizera ser Deosa ou fada,
 Linda c'rôa quizera compôr ;
 E natua fronte juvenil
 Com prazer a quizera depôr

Eu quizera ser anjo do céu
 E no espaço quizera voar,
 Crebros hymnos por teus bellos annos
 Eu em côro quizera cantar ! ! !

Quatro lustros e só mais um anno
 Tu completas hoje venturoso,
 E's tão joven por todos amado,
 E's feliz em amor... és ditoso !...

Quantas letras contêm estes linhas
 Tantos annos tu possas contar,
 Com a bella que adoras ao lado
 As delicias d'amor desfructar.

São os votos que nutro sincero
São nascidos de meu coração
São mesquinhos... que importa? só dizem
Amisade, pureza affeição !...

A. J. DE CARVALHO LIMA.

Ella... Esperanças.

Noite feliz !... que transportes
Ambos sentimos... mais fortes
Nesta existencia não vi ;
No rosto angelico, côres
Sempre diversas, amores
Ambos gosamos, soffri...

Pois era um sol debruçado
Nas collinas, debuchado
Nas aguas verdes do mar ;
Reflectia vacillante
Pela crescente e vasante
Da onda azul assurrar.

Noite adeus... depois sonhara
Nas venturas que gosara...
Loucos desejos de amores !
Uma volta, despertei..
Tantos sonhos recordei,
Saudades e dissabores...

Teu destino... que ! não creio
Pois hei-de crer que outro veio
Fero mortal captivar-te !...
Deveras não : foi costume
D'alma pura, o santo lume
A' força o usaram privarte..

Ha-de crer a natureza
Occulta a chamma que accesa
Torne ainda a apparecer
Ha-de arrojear qual volcão
Todo em lavas, a porção
De cadeias, livre ser

Ha-de vir, e já liberta
Ameus braços esta offerta
Lacrimosa me fazer :
Esta vida dos tormentos
Existe em teus pensamentos
Sem elles ha-de morrer.

Setembro 10 de 1856.

J. J. BARBOZA DE CASTRO.

A Felicidade.

A ventura não se encontra
Na grande pompa dos reis,
Impostura desta vida,
Mentirosos europeis.

Não digo que a tenha o pobre,
Que a custo ganha seu pão,
Para quem achar trabalho
E' grande consolação !

Mas ainda algumas veses
Tambem lhe virá sorrir,
Quando pode entre seus filhos
Amargo pão repartir.

Dizem alguns que s'encontra,
Mas é só por um momento,
Na cegueira de um transporte
D'amores juramento.

Mas só vem c'o a paz d'alma
E é preciso soffrer,
Desesperar muitas veses
Primeiro que a possas ter.

Assim foi que ella aqui dentro
Lançou profunda raiz !
Triste, isolado, esquecido,
Ainda assim, sou feliz.

S. Paulo, 23 de Agosto 1856.

J. C. L.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 21 de Setembro de 1856.

N. 4.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

IV.

DESESEIS DE SETEMBRO.

Portugal ficára orphão.

O dobre luctuoso dos sinos, o ribombar dos canhões, e as quinas envolvidas no crepe de dó, annunciavam que a mãe commum dos Portuguezes, D. Maria II. — a virtuosa, deixára de existir!

O sentimento que acompanhou tão lamentavel successo foi immenso!

As orações e preces de tantos filhos elevaram-se até Deos, e o pranto vertido patenteava o quanto havia de solemne e magestoso n'esse tributo intimo que as circumstancias forçavam a pagar!

Eu o mais modesto d'entre esses orphãos, eu que a duas mil e tantas legoas da patria, não podia associar-me a essas demonstrações peniveis, eu que desejava tomar parte no cortejo funebre, por que a Rainha hia ali, adornada de duplices corôas, paguei tambem o meu tributo respeitoso, guardando comigo o sentimento que o dominava.

E' porque a mão do tempo encarregára-se de imprimir em mim essa dedicação intima, esse amor devotado que os Portuguezes soem consagrar aos seus Monarchas. E' porque a Rainha symbolisava a liberdade.

Joven, admirei os heroicos esforços d'esses homens que se prestaram do coração a sacrificar-se por ella, derramando o melhor do seu sangue, e vendo por toda a parte vestigios indeleveis d'essa luta d'alguns annos, disse comigo:

Respeitemos estes traços, e chamemos ao coração os mesmos sentimentos com que foram impressos.

E com o coração trasbordando de prazer prometti consagrar-lhes os poucos e obscuros pensamentos que elles me inspirassem.

Cumpri a minha promessa, e hoje que um grande acontecimento me vem recordar a origem d'ella, eis-me de novo ao lado de meus irmãos prompto a saudar com enthusiasmo o primeiro dia da nação Portugueza — da minha saudosa e querida patria!

Salve pois!

Tu és a estrella brilhante que reflecte no coração de todos os Portuguezes!

A aureola que te rodêa illumina a fronte do joven Monarcha que cinge a corôa de Affonso Henriques!

Surgiste bella e radiante no meio das acclamações entusiasticas de seis milhões de pessoas!

Salve pois oh! grande dia! . . .

E' hoje o anniversario natalicio de S. M. o senhor D. Pedro V.

Ha um anno que o nosso Monarcha empunha o sceptro de D. João I. e D. Manoel, e em tão pouco espaço temos podido admirar as grandiosas qualidades que adornam o filho da senhora D. Maria II. de saudosa memoria.

O Reino gosa de uma paz que os *vai-vens* dos partidos não tem podido alterar.

Os melhoramentos materiaes progridem a olhos vistos, e a confiança reina entre todos os portuguezes; tudo nos induz a crer que se aproxima o momento em que Portugal se levante altivo, como outr'ora.

Nada de dissensões intestinas. O throno acolhe com benignidade todas as opiniões, e o amalgama das côres politicas da nação—transforma-se em uma só, em um unico pensamento—a prosperidade.

Longe e bem longe a reproducção d'essas guerras civis que tem flagellado aquelle torrão abençoado pela mão do Creador.

Longe e bem longe os dias tempestuosos que toldavam o bello horisonte da minha patria, longe emfim as scenas de desolação que tanto tem enfraquecido essa terra, que já foi sufficientemente grande para dominar em todos os angulos do universo!!

Dezeseis de Setembro, eu te saúdo, e saudando-te recebo os meus votos—Rei e Portugal!....
Rio de Janeiro, 16 de Setembro de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação).

Lourenço, como todos os malvados, contava d'antemão com o bom resultado do seu infame proceder. Era preciso que o diabo viesse em seu auxilio para affastar de sobre si o risco a que se expunha, atravessando em pleno dia os vastos campos que rodeavam a casa de Martha.

Havia porém n'elle essa coragem de salteador que não olha ao perigo quando o procura; ao mesmo tempo tivera a lembrança de tomar uma estrada apposta aquella que conduzia aos lugares em que Luisa seria reconhecida.

Esta não accordara ainda do seu lethargo, mas o movimento, um vento fresco que corria do Norte reanimou-a um tanto, e despertou-a por fim. Era-lhe impossivel bradar por soccorro, o que nada importaria, porque a entrada estrada longe das primeiras casas que rodeam a Fulgosa, e a hora não permittia a passagem de pessoa alguma por ella.

Lourenço penetrára em uma pequena matta que ha a meia legua da villa.

A noite aproximava-se, o sol escondia-se no horisonte, e os passarinhos começavam a entoar seus cantos de despedida ao rei dos astros.

O coração do infame batia com violencia.... seus labios estremeciam de desejos, e seus olhos fictaram-se com paixão no pallido semblante de Luisa e beijou-a com paixão.

Esta sentio o ferro em brasa que lhe imprimiam, e fazendo um violento esforço conseguiu dar um grito rouco e angustiado.

Parecerá incrível, mas eu fallo pela propria confissão da desgraçada, começou entre os dous uma luta desesperada.

Na mulher bradavam os sentimentos de pudor e repugnancia, no homem a luxuria mais revoltante que é possivel conceber-se.

Durante esta luta de meia hora, Luisa soffreu muito.

O carrasco enebriava-se em desfolhar aquella flor mimosa e brilhante, aspirando com avidez o perfume que recendia d'ella.

E a infeliz menina, livre já dos laços que lhe impediam a falla implorou, pedio com essa entoação de voz pungente que desperta o sentimento

nos corações mais empedernidos, mas nada conseguindo ergueu os olhos ao céu, e pedio... Deos sabe o que!

Era noite fechada, a lua espargia palidos e fracos rayos por sobre a matta, o silencio reinava n'ella, e a brisa impellia para longe os magoados suspiros que o interrompiam.

Lourenço apeara-se, depoz Luisa perto de um grande pinheiro, e ordenou aos seus acolytos que pesquizassem por todos os lados para que ninguém viesse sorprendel-o.

A expressão da sua phisionomia era feroz; a joven lançava olhares vagos em torno de si, parecia ter perdido as faculdades intellectuaes.

Causava dó.

A luta que sustentára, poucos minutos antes, fora tão violenta, que parte do seu vestido estava rasgado. Mas o que era uma fraca mulher para um homem como Lourenço, e de mais a mais dominado por ardentes desejos?! Teria de succumbir, mas como, meu Deos!

E' aqui que a minha penna receia proseguir.... a infamia do malvado inspira-me um tal horror, que se eu não tivesse assistido ao passamento da victima, se não tivesse acompanhado o processo, recusaria acreditar. Mas já o disse, escrevo factos, e não imagino; a incredulidade não tem lugar....

Lourenço sentou-se ao lado de Luisa, passou-lhe a mão direita em volta da cinta, e na esquerda segurava um punhal.

Luisa, disse elle com revoltante despejo: vaes pertencer-me, como se a Igreja tivesse santificado essa posse pelo matrimonio. Ao primeiro grito que soltares, esquecerei que és formosa, e que estás em meu poder para enterrar-te este punhal no coração. Escolhe, ou o prazer d'alguns minutos repetidos, ou a morte em um segundo!

E sem esperar que a joven lhe respondesse.... Uma hora depois Lourenço montava a cavallo, e conduzia, como o fizera á sahida da casa da Martha, a pobre Luisa desmaiada.... Ella não podia mais apresentar-se adornada da corôa de virgem com que sahira da casa de seu pai....

(Continúa.)

Descobrimento da America.

(Continuação n. do 3.)

Colombo, desembarcando em *Guanahani* ou *S. Salvador*, mandou reconhecer a terra e vio ser uma ilha á qual elles tinham chegado. As suas montanhas verdejantes, a sua soberba vegetação intertropical, emfim tudo n'essa ilha cauzou grande admiração a Colombo, e lhe fez ver a im-

mensa vantagem, nas incalculáveis consequências d'este descobrimento. Colombo fez então conhecimento com os Indígenas, e reparou que elles pela maior parte traziam uma especie de collar, feito com pedaços de ouro e prata.

Os Indígenas por meio de signaes, deram a entender a Colombo aonde havia com abundancia o metal que elles traziam como ornamento.

Colombo depois de se ter demorado algum tempo n'essa ilha, fez-se á vela de novo, e continuou a navegação seguindo o rumo do Sul.

Elle achou-se a principio envolvido n'um labiryntho de pequenas ilhas, depois costeou a ilha de Cuba, que, pela extensão da costa, elle julgou ser continente; fez fundo n'essa ilha e mandou explorá-la, e com effeito, como o haviam dito os Indígenas de *Guanahani*, elle ali achou consideravel quantidade de ouro, e outras preciosidades, teve boas relações com os Indígenas d'essa illa, os quaes fornecião-lhe os viveres necessarios. Depois Colombo, continuou a navegar no mesmo rumo, e foi arribar a Haiti ou S. Domingos, que Colombo designou com o nome de Hispaniola, e ali como em todas as outras ilhas que elle havia percorrido, a mesma vegetação soberba, a grande fertilidade e riqueza do solo, attrahiram a attenção de Colombo, que d'ella retirou muitas riquezas.—A equipagem se tinha indisposto então com os Indígenas, mas a harmonia foi de novo restabelecida entre elles pela tactica, ou antes pela astucia de Colombo. Um dos trez navios da frota, *la Nina*, havia naufragado, Colombo, então retirou d'ella o que podia salvar, e servio-se da sua madeira para construir um forte, aonde deixou ficar uma parte da sua tripulação. Os Indígenas ignorando qual era o fim d'essa construcção, ajudá-ão a tripulação no seu trabalho, mas, ali! os desgraçados estavam bem longe de suppor que era aquelle o primeiro signal da triste escravidão que os a guardava!

Depois de se preparar com viveres necessarios para a viagem, partio Colombo para a Europa, no *Santa Maria* e no caminho, encontrou *la Pinta* que se tinha afastado do porto, e cujo commandante, Pizon, quiz mas em vão ser o primeiro a levar a noticia do descobrimento á Europa. Depois de alguns dias de viagem, rebentou uma furiosa tormenta, e toda a tripulação se julgou perdida; Colombo então escreveu á pressa em um pergaminho, os principaes detalhes da sua descoberta, afim de que não se perdesse nas ondas furiosas, e no fundo do abysmo, o fructo de seus trabalhos, poz esse pergaminho em um barril feixado com grande segurança e lancou-o ao mar, deixando a Deus o cuidado de o levar a terra conhecida, afim de conservar ao mundo tão grande beneficio.

Felizmente cessou a tempestade; Colombo continuou a derrota para a Europa, mas ventos

contrarios o obrigaram a arribar a Portugal, desembarcou em Lisboa, aonde foi se apresentar a D. João II, e fez-lhe conhecer então as immensas vantagens, as grandes riquezas, que tinha despresado, recusando-lhe os subsidios, que Colombo lhe pedira. De Lisboa, partio Colombo para a Hespanha aonde desembarcou, depois de sete mezes de ausencia, em Março de 1493, levando consigo muitas riquezas, e preciosidades, e alguns Indígenas. Foi recebido com festejos e grandes demonstrações de alegria, sendo levado em triumpho até á côrte, para expor a seus soberanos Fernando e Isabel, o fructo da sua actividade, o resultado da sua feliz expedição!

(Continúa.)

J. A. S. Ribeiro Junior.

Os Esfaimados.

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAZ FERREIRA.

O Milagre.

VI.

Ricardo, ajudado por mais alguns, conduziram com cuidado o corpo para cima e o puseram sobre a banca.

Ricardo tinha-se tornado fraco e sensivel a ponto tal que não dava ouvidos a seus companheiros.

Beijando o corpo continuamente e vertendo lagrimas, conservou-se junto a elle. José que estava abatido pelo golpe que recebera, mais abatido ficou ao vêr sem movimento o corpo de sua filha.

Assentou-se junto d'ella, deixou cahir a cabeça entre as mãos, e devorando as lagrimas de dôr, escondia sua fraqueza aos olhos de seus companheiros.

O povo, esfomeado não se importava com nada, do que os outros soffriam.

A noite tinha findado, e a luz do sol já principiava a apparecer no cume dos altos montes.

A maior parte do que havia no subterraneo, tinha sido posta fóra da « Casa Solitaria, » e muitos já devoravam o bacalhau, ainda salgado e crú. A alegria os fazia fallar e davam vivas aos proprios companheiros que jaziam mortos.

Ricardo e José pareceram um instante sobre-saltados; oh! estremeceu... não é verdade? sim meu filho, disse José admirado; será possivel que ainda esteja com vida? oh! talvez!... meu Deus, dai-lhe vida, oh! se ella me ouvisse, oh! Maria oh! anjo adorado, acorda desse somno da morte

abre esses bellos olhos, vê teu amor, aqui ajoelhado; junto a teu pai, e ambos inconçolaveis, vertendo lagrimas amargas; oh! ao menos torna a ti, para podermos dar graças a Deos por te ter achado ainda com vida!... oh! mas, qual!.. o coração já não bate, não se sente o pulso; e o corpo está frio!... meu filho, meu amigo Ricardo, ide procurar um cirugião, ou um boticario, depressa; ainda me restam algumas esperanças. Sim amigo, tendes razão, eu corro a procurar um medico, se o houver em S. Antão; e sem mais demora sahe para fóra. José atou alguns lenços dos companheiros nas feridas de Maria.

O povo continuava a devorar os commestiveis que tinha encontrado nos volumes do subterraneo; assim que o viram, todos exclamaram alegres: viva o nosso salvador! Obrigado amigos vós vos entretendes saciando afome, e eu vou procurar um medico, porque Maria, ainda creio que está com vida.

Ora, qual!... isso é illusão vossa... não é, até estremeceu!... pois deixa-lo, não acreditamos!... um corpo cravado de punhaladas e ha tanto tempo sem mover-se, pode ter vida!?... Embora vou procurar... e vos, não me ensinai, onde poderei encontrar algum?.. Coutinho o boticario, é bem entendido. Mas é tão longe.. oh Senhor Ricardo tem ali uma mula, é melhor para viagem. Tendes razão, amigos, e correndo foi desatar a alguns passos da casa um animal, fez da corda um cabresto á pressa e partio troteando, apezar de castigar com todas as forças o animal, cuja figura era horrenda. Oh... animal de sataná, move essas pernas!.. dizia elle desesperado.

Passados alguns minutos, o animal rodou e ficou estendido no chão.

Ricardo levantou-se e castigando-o, tornou a montar e seguiu, soltando pragas e ardendo em raiva.

Ao fim de meia hora, chegou a uma pequena rua da povoação, onde havia uma pequena casa, em cuja parede estava, com letras maiusculas, o nome do boticario.

Ricardo saltou, e perguntou por elle, estava na loginhia uma mulher que preparava um remedio.

O Sr. Coutinho está cá?

Está dormindo ainda. Pois vai acordal-o. Deos me acuda!... eu ir acordal-o!

Pois então! vai dizer-lhe que está aqui um homem que quer fallar com elle já e já... Mas, Senhor, eu sou mulher, não posso entrar no quarto de um homem!... ora agora tens vergonha heim?... pois, vai que salvas a vida de uma mulher!.. Ah! então vou!.. e levantando-se sahio.

Safa! que praga! é castigo, que demora terrivel e o corpo sem curativo!... Passados alguns instantes voltou a criada, dizendo; agora mesmo acaba de levantar-se, já vem...

Mas então, Senhor, é uma mulher que está em vespas de parto? não sei!... quero que venha depressa!...

Um homem baixo, de semblante agradável appareceu; Oh! Senhor Coutinho, por quem sois, seguime, meu amigo: Então para onde vamos? oh! aqui está este animal para chegar-mos mais depressa!... mas onde é? Na Casa solitaria... Nada! não quero!... oh! é a filha do Sr. José dos Santos, que foi roubada e que está apunhalada.

Elle lá ficou rodeado de muito povo, que corréo a salva-la, e por isso não tendes nada a temer, vinde, eu vos defenderei de tudo!... pois bem, vamos, e, depois de ter-se monido do necessario pegou no sacco e montando ambos no animal partiram, fazendo-o trotear a custo.

Ao fim de tres quartos d'hora apeavam-se a porta da casa solitaria. Ricardo ia adiante e ao entrar soltou uma expressão de alegria. Maria estava com os olhos abertos!... Oh! viva! bemdito sejaes, meu Deus!....

O Boticario examinou-a com attenção, tirou do sacco todo o necesario para o curativo, desatou os lenços, e sondou as feridas, e apesar dos gritos de dôr que a pobre moça, já exhausta de forças, ainda dava. Deu-lhe a beber tres colheres d'um licor vermelho. Applicou com cuidado pontos falsos em todas as feridas, e, depois de arranjarem uma cama com alguma roupa que havia em uma especie de armario, deitaram-a nella com cuidado e ficaram ao pé devorando lagrimas de afflicção.

Maria feixou os olhos e não continuou a gemer. Bem, disse o boticario encostando o ouvido ao peito, o coração, já se sente.

Agora deixai-me curar-vos. Oh amigo José, vós estais bem ferido! com effeito! que horrivel carnificina não haveria aqui!... como estão esses defuntos em barbaro estado!... oh! foi terrivel e é pena que eu não chegasse a conhecer o chefe infame desta quadrilha, disse Coutinho oh! pois não conhecia a Julião o contrabandista? esse tal que diziam que queria casar com Maria?...

Morto, e bem morto!.. quem o matou?!...

Nós, disse José com simplicidade! então qual é o corpo? está lá fora embaixo d'uma fogueira.

Coutinho sahio, e dahi a pouco voltou pronunciando estas palavras:

Oh meu Deus, não ha crime que se cometta sobre a terra que aqui mesmo não se pague!... até que ponto pode chegar o desespero do homem! oh! que barbaridade! desgraçado! quiz destruir uma familia; e destruiu-se a si, e a seus companheiros!.. apunhalou uma innocente creatura, e Deos, para castiga-lo, fez com que o queimasse!... Ah meus amigos, orai a Deos e dai-lhe os agradecimentos; porque é um milagre!... em tão deploravel estado e ainda viva... oh! sim

é um milagre, repetiram os tres, Deos livrou a victima innocente e punio os culpados!...

(Continua.)

Melancolia.

A' BELLA C....

Quizera escrever algumas letras para ti, que essas letras fossem todas repassadas d'alegria, e que juntas produzissem um som mui sympathico e agradável; mas a minha penna é tão caprichosa que a não posso forçar a escrever, senão aquillo que sinto em minha alma!...

Melancolia, é o som desafinado que vibra nas cordas da minha lyra, cujos echos repercutem em todas as fibras do meu coração.

Se alta noute desperto, em ti pensando, o murmurio das vagas que pela praia se deslisam, o sibilar da brisa fresca e serena, o canto do gallo, annunciando a aproximação de um bello dia que principia a raiar no horizonte, tudo isto produz em mim um magico encanto que me extasia.

Então, eu conciliando as minhas idéas, um tanto alteradas, deixo vagar meu pensamento por essas regiões encantadoras o qual mais veloz que o raio, vai se unir bem junto a teu coração, vai sentir-lhe as pulsações compassadas, vai receber o halito embalsamado que respiras!!!

Emquanto meu coração se extasia com tão li-songeiros pensamentos, grossas lagrimas me borbulham ante as palpebras, ainda pesadas pelos embates de Morpheu.

Que nome poderei dar a taes sentimentos?—Será amor? !—Talvez.

E como o amor é sempre acompanhado de melancolia, é por isso que em quanto minha alma se deleita com tão puros sentimentos, meus olhos vertem pranto de amargura!...

A' vista do que te exponho, não terás mais razão de me arguires da tristeza que respiram os versos que para ti escrevo.

Sim, porque só a melancolia impera em meu coração!

Queres pois ouvir o som da minha lyra?—Pobre lyra, tão mesquinha e desafinada! que sons poderá exprimir?!...

Com tudo se é isso de teu gosto, eu a vou vibrar, e te farei ouvir os sons ainda que monotonos, das unicas trez cordas que ella tem; se acaso e forem desagradaveis, desde já te peço que m'o

não digas: não queiras augmentar minha agonia, deixa-me antes viver com a minha illusão!...

Ouve pois:

Da lyra o primeiro som
E' inspirado dos céus,
E' pomposo e mui sublime,
Pois esse som me diz—Deus!

O segundo encerra em si
Uma nação sem igual,
A minha patria querida,
Meu ditoso—Portugal.

O terceiro gera em mim
Um fogo devorador,
Exprime melancolia,
Gera em meu peito—Amor.

São estes os sons que exprimem
A lyra d'este mortal,
São tres sons a quem adoro:
Deus, amor e Portugal.

Aqui tens pois os sons que exprime a minha lyra desditosa.

O primeiro som é de meu dever consagral-o ao supremo autor da natureza; o segundo é de razão dedical-o á minha adorada patria, de quem na idade de dous lustros, me separei, e ha outros dous que estou auzente!.. E' o terceiro então consagrado ao amor, a esse ente sobre natural e incomprehensivel, a esse que fez ao teu, unir meu coração, desde o momento que pela vez primeira te avistei!....

Quizera ter mais um som para consagrar a tua linda patria, mas a minha lyra é tão mesquinha, que ao exprimir o som de amor, nas debeis cordas, e por mais que a dedilhasse não foi possivel tirar-lhe um só accorde!...

Rio, 22 de Julho de 1856.

A. J. DE CARVALHO LIMA.

POESIAS.

E' Crível?

Hoje não, meiga denzella,
Não troquemos um olhar;
Este dia do deicidio
Não devemos profanar.

Muito embora os nossos olhos
Expressem sempre candor,
Nesse dia da Paixão
E' profano o nosso amor.

Elle nos traz pensamentos
De prazeres e ventura,
Quando devemos sómente
Nos engolpar em tristura

Hoje não, linda donzella,
Não nos busquemos olhar,
Vejam os se o nosso amor
Não nos obriga a peccar.

Corramos ao santo templo,
Lá oremos ao Senhor,
Pensando nos seus martyrios,
Sem pensar em nosso amor.

Se porém premeditados
Nos guiarmos ao altar,
Isto, donzella, valera
Ao trocarmos um olhar.

Cabisbaixos, e sigamos,
Só a Deos devemos ver;
E' neste dia preciso
Nosso amor contra fazer.

Segui vós por entre as turmas
Sem pessoa presentir:
Que póde o acaso fazer
Estar eu a vos seguir.

Entre as hordas dos profanos
Nem vos ride de desdem,
Póde — ser que então vos — veja.
E me sorria também.

Mas como, terna donzella,
Hoje não hei de peccar?
Quando penso, penso em vós,
E não deixo de pensar!

José de Moraes Silva.

Pedro Quinto.

Pedro Quinto! — é este nome,
De novas eras signal,
Desse torpor que o consome,
Despertará Portugal,
Pois que já altivo espera
De novo rei a nova era,
A' do bom Diniz igual....
E terá um rei completo
Se corresponder ao affecto
D'um povo sempre leal!

Hoje ha uma só bandeira
Que devemos saudar,
A da patria, que, altaneira,
Inda verei tremular,
Essas lutas fratricidas
Em que o ferro tantas vidas
Sem gloria soube immolar
Acabaram, que o rei novo
Fará justiça a um povo
Que tanto ao rei sabe amar.

Elle que vio aos do Tibre,
Aos do Sena e de Turim,
Mais digno de ser bem livre
Nunca vio um povo assim,
Nem lendo n'outras historias
De lealdade memorias,
Quaes d'um Egas, d'um Martim,
Recompensando a virtude,
Com ardor da juventude
Aos abusos porá fim.

Novo *principe perfeito*, (1)
Esse amor do povo seu
Dar-lhe-ha força e respeito
Como ao *grande rei* já deu. (2)
Nem um mais seguro abono

(1) D. João II.

(2) o mesmo.

Para gloria de seu throno
 Algum monarcha escolheu,
 A não ser o que em Ourique
 Ao bravo filho d'Henrique (3)
 O proprio Deos concedeu !

Viva Pedro ! oh ! este brado,
 Tanto unisono echoou,
 No *moço rei desejado*,
 O joven rei saudou. (4)
 Em transportes d'alegria
 O povo bem presagia
 Que melhor tempo chegou,
 E nossas glorias d'outrora,
 Começam com essa aurora
 Que neste dia raiou.

Rio de Janeiro 16 de Setembro de 1855.

J. C. L.

A Julia.

Mal vi teus olhos
 Tão feiticeiros,
 Pretos tão lindos,
 E prazenteiros.

Olhar p'ra mim
 Mui docemente
 Quaes os d'um anjo
 Todo innocente.

Logo minh'alma
 Preza ficou;
 Teu olhar terno
 Logo adorou.

Candida virgem,
 D'hoje em diante,
 Sempre em meus versos
 Serás constante.

(3) Affonso I.

(4) D. Sebastião.

Em minha lyra
 Te contarei,
 Teu doce nome
 Invocarei.

Eu te consagro
 Meu puro amor,
 Serás meu nume
 E eu teu cantor.

Rio de Janeiro 31 de Agosto de 1856.

Francisco Coelho Martins da Costa.

Saudades

OFFERECIDAS, EM RESPOSTA A POESIA QUE ME

DEDICOU O ILLM. SR.

FRANCISCO COELHO MARTINS DACOSTA.

Tua lyra recorda-me, amigo,
 Os folguêdos da terra natal
 Os folguêdos, tão doces, tão ternos,
 Que passei lá no meu Portugal !...

Esses dias dourados da vida
 Eu tambem lá passei mui ditosos,
 Esses prados cobertos de flores
 Qanto são para mim saudosos !!!

D'uma mãe extremosa as doçuras
 Eu tambem, n'esse tempo gozava !
 E mil beijos tão doces !... tão puros !...
 Com amor e ternura me dava !

Mas agora.... as saudades só sinto
 D'essa minha passada ventura,
 D'essa vida tão cheia de flores
 Só me resta a mais negra amargura !...

Essas flores tão lindas murcharam
 Aos dous lustros da vida innocente,
 Sobre espinhos agora caminho
 Só saudades me vagam na mente !

Ellas embora ! olvidemos amigo,
As venturas que já lá passaram !...
Caminhemos proscriptos agora,
P'r onde os altos decrectos marcaram !...

Rio de Janeiro 10 de Setembro de 1856.

Diocleciano David Cesar Pinto.

A. M....

26 de fevereiro de 1856.

Ah !... se podesses ainda de teu peito,
Cansado de soffrer, de força exausto
Doce affecto invocar dos bellos dias
Da mocidade altiva ;

Rainha do festim, quebrado o sceptro,
Perdida a fé, as lagrimas cortaram
Do resto teu as palpebras divinas
Fontenal de amores ;

Curvaste a fronte a dominar fadada,
Gelido lucto circundou teu peito
Em que out'rora borbulhou ardente
Insoffrido affecto !

Ah ! não deserêas, não ; nas seccas folhas
S'oculta a lympha que reanima o tronco
Em q'outras flores na estação estiva
Candidas renascem.

Podesse eu.... mas não ; desta alma o lucto
Unir não devo a teu penar profundo ;
Alma que adoro, arrastar não quero
Por espinhoso trilho

Quando longe de ti, vir de longe quero
Olhar teu corpo, encantador complexo,
O teu regio pisar e as niveas vestes
Que senhoril te cingem !

Alma saudosa d'um existir mais bello
Luminosa visão, meu canto escuta
Como em noite placida do estio
Desconhecido canto.

REINALDO CARLOS.

A justiça.

Justiça—termo sagrado,
Legado da Providencia,
Arrimo do homem honrado,
Bussola da consciencia.

Sem justiça nunca ouvida
Podéra ser a razão;
Fôra a verdade movida
Pelo bafo da trahição.

Fôra o brio nodoado
Do crime pela peçonha;
Não fôra o vicio odeado,
Repellido da vergonha.

Justiça ! brada a mulher,
Volvendo os olhos ao Céu,
Si abusando do poder
O crime prevaleceo.

Quer justiça o veterano,
Que á patria doou a vida,
Soldado,— porém ufano
Mostrando honrosa ferida.

Pede justiça o ancião
Vendo seos bens usurpados,
Com trabalho, de antemão,
Para os filhos preparados.

Justiça, implora a donzella
Contra a insidia da rival:
E tambem pede-a o mancebo
Despresado em caso igual.

Requer justiça a mãe chara,
A quem o filho roubaram;
Sem pão a patria a deixara,
Risonho o sacrificaram.

Em quanto o crime,— covarde,
Espera a noite homicida,
A Justiça cedo ou tarde
Pune-o nesta ou n'outra vida.

Em quanto aqueça a trahição
A lamina do punhal,
Da justiça a herculea mão
Embota ó ferro mortal.

Si o suicida prepara
Do averno a chave malina,
A Justiça diz-lhe: Pára,
Olha á Justiça Divina !

A Justiça não se rende,
Nem premio ou louvor merece:
Não fallo da que se vende,
Mas da que Deos obedece.

JOSE' DE MORAES SILVA.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 28 de Setembro de 1856.

N. 5.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

V

ESTUDOS HISTORICOS

I.

VIRIATO.

VI.

O demasiado orgulho de Galba impellia-o ao precipicio. Fiado em certos precedentes pensava comprehender os Lusitanos, e extinguir para sempre a idéa de independencia que animava o coração d'estes bravos. Elle, como os seus predecessores, julgou a victoria ganha d'antemão, porque para os Romanos qualquer resistencia era impossível. Duvidando da existencia de uma liga poderosa, duvidava tambem do character com que ella se apresentava. Os rumores sùrdos de revolta suffocavam-se sob a pressão do seu orgulho de conquistador, e como quasi sempre succede o resultado tendia para a approximação de um golpe decisivo. Os perigos, e sobre tudo uma experiencia de annos, tornára os Lusitanos cautelosos. Com quanto as suas forças fossem diminutas elles fizeram uma denodada resistencia, e Galba vio-se forçado a empregar os meios extremos.

Reforçou com novos auxilios as forças que oppunha ao inimigo, animou os soldados e conseguiu romper as compactas fileiras dos Lusitanos. O sangue correu com abundancia de parte a parte, os conquistados venderam a vida por bom preço, e conhecendo que se sacrificavam sem proveito retiraram-se o menos desordenadamente possível. Galba contentou-se com este fraco triumpho, e mandou em perseguição d'aquelles. As tropas do Pretor estavam exaustas de fadiga, combatiam mais por dever do que enthusiasmo. Foi a sua perda. Os Lusitanos notaram este entranquecimento, resistiram de novo, e d'esta vez tornaram-se vencedores. Tito Livio, Eutropio e

Paulo Oronio affirmam que a muito custo puderam escapar o Pretor, e algumas pessoas do seu sequito, retirando-se com confusão para Cormone, perto de Seyilha. Galba ali se conservou por algum tempo, fortificando-se com receio que seus implacaveis inimigos fossem além. Os Lusitanos porém contentavam-se em guardar a defensiva, recolheram-se pois ás suas terras. As colheitas approximavam-se. D'esta vez elles a fizeram em paz. Galba não descansava. A sua derrota envergonhava-o, e as noticias de Roma não eram para animar. Desejoso de vingar-se, provando assim que a sua popularidade não havia de ser offuscada, chamou tudo ás armas e pode reunir um exercito de 20.000 combatentes. Foi com tão formidavel numero que elle penetrou no paiz dos Turdetanos (*). Dissemos acima que os Lusitanos reduziam-se quasi sempre a guardar a defensiva. Industriosos entregavam-se todos á lavoura, e era preciso que tentassem roubal'os ou escravisal'os para se erguerem altivos como sempre faziam.

Resentiam-se da falta de um character vigoroso e energico que os enthusiasmasse. Não tinham um chefe poderoso que em linguagem eloquente e patriótica lhes despertasse de todo o desejo ardente de independencia; era por isso que os Romanos os apanhavam quasi sempre de sorpresa. Ainda d'esta vez Galba triumphava. Os Lusitanos appellaram para a paz, por que a sua demasiada negligencia tornara-os inoffensivos. Cicero apresenta o Pretor como um homem dotado d'essa eloquencia pittoresca, mas persuasiva.

Debaixo de uma capa de bonhomia occultava os mais atrozes designios; acolheu pois os Lusitanos como amigos e auxiliares, descreveu-lhes os inconvenientes de uma guerra surda, disse-lhes que os Romanos tinham entrado na Hespanha resolvendo a tornal'a uma nação forte, e que elle mais que nenhum Pretor desejava assegurar-lhes uma paz duradoura, que podesse tornal-os felizes e oppulentos.

Retirae-vos pois para vossas casas, acrescentou elle, nomeai um chefe d'entre vós e d'aquelles que ficaram do lado opposto, procura-me reves-

(*) Algarve.

tidos de plenos poderes, e de commum accordo dar-vos-hei novos limites para residirdes. Os Lusitanos acreditaram em tudo, como as promessas eram muitas concordaram nas propostas.

Ha muito que elles tinham mostrado desejos de viverem em novas commarcas; a guerra impedira-os de realisal-os. Agora porém era o proprio Pretor que lh'os offerecia, por conseguinte deram-se pressa em satisfazer os pedidos daquelle.

Apresentaram-se divididos em tres turmas, deixando a meia legoa do lugar o resto dos muitos que quizeram acompanhal-os. Galba agradeceu-lhes a promptidão. Esquecia-nos declarar que essas turmas compunham-se tambem de mulheres e meninos, o que dava a este tratado um caracter solemne e imponente. O Pretor fez chamar os Luzitanos que esperavam retirados. Expoz-lhes com brandura que era uma falta de confiança nos Romanos apparecerem armados; taes meios empregou tantos esforços fez que pode resolver-os a deporem as armas.

Não contando com a traição dos seus inimigos cederam de prompto a esta exigencia. Os olhos de Galba brilharam de odio e vingança satisfeita.

A um signal seu, homens, mulheres e meninos foram passados a fio de espada.

O infame receando que podessem escapar alguns prevenira-se de tal modo que a carnificina foi immensa. Os gritos dos homens, as lagrimas das mulheres e os pedidos das crianças, nada pôde tocar o coração do barbaro! O sangue alastrava o chão, e os ais de dôr repercutiam de montanha a montanha, parecendo elevarem-se até ao céu—pedindo vingança!

Um homem assistia a este horroroso espectáculo contemplando com dôr e vergonha a infame acção do Romano. Seus olhos fixaram-se por um momento no corpo inanimado de uma criança, estendeu a dextra por sobre seu cadaver, e disse: Juro pelos deoses que vingarei tua morte e a de todos os Luzitanos que jazem n'este campo!

E temendo ser sacrificado escapou do meio dos seus inimigos, e atrevessando vales e montanhas chamou os Luzitanos á guerra. Guerra atroz e desapiedada!

Este homem era Viriato!

Deixemos Scipião Emiliano destruir Carthago, e vamos ao herce portuguez.

(Continua.)

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação).

Despreso.

Carlos tinha uma irmã casada em Castello de Paiva. Poucos dias antes do rapto de Luiza recebeu elle uma carta na qual reclamava a sua presença neste lugar, pois que tendo seu cunhado partido para uma viagem, sua irmã não podia pleitear o direito que tinha á um extenso campo contiguo á casa em que residia, e que lhe era contestado, agora que seu marido estava ausente..

Carlos deu-se pressa em partir.

Antes porém de o fazer soube que o malvado Lourenço tentava o que fosse sobre a sua bem amada Luiza. O dever chamava-o a outros lugares, não trepidou um momento, e para prevenir as pessoas interessadas escreveu ao Dr. Gama a carta que os leitores conhecem já.

Elle contava demorar-se apenas dous dias, mas as cousas estavam mais adiantadas do que supunha. As partes pleiteavam sem descanso; o mancebo informou-se da natureza da reclamação, e conhecendo que era injustissima, empregou todos os meios da persuasão para affastar o rentiente demandista do seu louco proposito.

Este não lhe deu ouvidos, e declarou-lhe que continuaria a advogar os seus interesses.

Carlos procurou a autoridade competente e expoz-lhe a sem razão do homem. O direito de sua irmã era incontroverso, o aggressor foi por fim condemnado, e aquella continuou na posse do campo em questão.

Carlos despedio-se della, e regressou a casa. Não quiz abraçar seu tio sem saber exteriormente o que succedera durante a sua ausencia.

As novas eram terriveis. Pessoa alguma ignorava o desaparecimento de Luiza, mas nenhuma dellas podia ir além.

O mancebo entrou em casa triste e sombrio. A luta entre elle e Lourenço ia recommear, mas desta vez um delles havia de pagar com a vida as suas mutuas exigencias.

Mathilde estava só. O seu isolamento augmentara o amor que consagrava a Carlos, e sem a sua presença a vida tornava-se-lhe pezada.

Elle voltava, ia viver de novo debaixo do mesmo tecto, ao lado della. A joven escutaria a sua voz, enebrear-se-hia em contempla-lo a furto, podia de um momento ao outro ouvir de seus labios essas expressões ternas e consoladoras que nascem de uma amizade profunda; Mathilde emfim seria mais feliz.

— Carlos... Carlos! exclamou ella, indo ao encontro do mancebo.

Reflectindo porém que não tinha o direito de

fallar-lhe assim, parou, deixando cahir a cabeça sobre o peito.

— Então não queres abraçar-me? perguntou o mancebo sorrindo-se.

— Ah! ...

E Mathilde precipitou-se nos braços que lhe offereciam.

* Esse grito partido do intimo d'alma revelava o amor profundo que sentia por Carlos, elle exprimia mais que todas as cousas.

— Oh! como tardava tanto! disse ella com inflexão dolorosa.

— E pensas que não estava ancioso por ver-te e abraçar-te?!

E eu?... Tu, minha pobre Mathilde, tu devias soffrer muito, porque não tinhas a teu lado quem te consolasse, quem te dissesse que és um anjo; mas agora aqui estou, e se Deos, como creio, permittir que eu vingue Luiza como desejo, não te deixarei mais; seremos em commum o que poderemos ser no meio desta sociedade pervertida.

— Vai partir outra vez?

— Vou, porque as occurrencias que tiveram lugar durante a minha ausencia devem necessariamente influir no futuro que te preparo. Oh! havemos de ser todos felizes, Luiza comigo, e tu... fallaremos nisso depois, por agora reflecte na minha posição, merece-te indulgencia, porque se trata daquella por quem daria a vida se preciso fosse.

— Se elle me amasse assim! pensou Mathilde.

— Adeus, Mathilde, até já; tenho tal pressa em convencer-me de uma idéa que me assaltou á noticia do rapto de Luiza, que nem vou em casa de seu pai. Mme. Adelaide pôde dizer alguma coisa a este respeito....

— E' verdade, onde está Domingos?

— Desde ante-hontem de manhã que me não apparece; seu tio disse-me que elle andava *de trêns*.

— Meu tio tem uma feliz organização, nada o commove, nada é capaz de alterar aquella physiognomia impassivel....

— Que agradável companhia livesle!

— Engana-se, Sr. Carlos; seu tio é tão bom para mim, que desejava poder estar sempre a seu lado... Hontem conversamos largas horas; se o seu modo de exprimir-se não encerra a poesia que admiro no senhor, ao menos não se torna enfadonho.

— A tua demasiada bondade tudo póde.... vamos, quantos não invejarão esse character ingenuo e primitivo com que te revestes sempre que se trata dos estranhos?!... E' pena que eu não possa apresentar-te a outra sociedade que aprecie melhor as qualidades que te adornam.

— Lisongeiro! disse Mathilde sorrindo-se; sei porque sou hoje o seu *enfant-gâté*, como vai dei-

xar-me de novo usa dessa linguagem para que eu lhe perdôe.

— Então? •

— Nada tema, o senhor conhece de antemão que não posso condemnar-lo....

Como sou desastrada! continuou ella levantando-se; esquecia-me dizer-lhe que vieram trazer aqui uns livros.

E para recuperar o tempo perdido correu para o seu quarto, e voltou pouco depois com um caixão pequeno.

— Ei-los; sei que são livros porque me disseram, o caixão está como veio.

Pertencem-te esses livros.... espera, vou abrir o caixão, quero ver o que me dizes da offerta.

Carlos rebentou a tampa do caixão, e tirou de dentro alguns volumes magnificamente encadernados.

— Lamartine, Hugo, Garret!... bravos! exclamou Mathilde com um alegria intima e infantil.

Mais? proseguio ella commovida.

— Todos os autores que amas, respondeu Carlos; tem Petrarcha também.

A unica coisa que podes agradecer a Mme. Adelaide é o ter-te ensinado as linguas em que ha sido escripta a melhor e a mais bella poesia do mundo. Falta uma coisa para completar o cathalogo das tuas mais queridas distrações — um piano; descansa, porém, que cedo o terás. Musica, poesia e amor, eis as tres cousas de que as mulheres fazem o seu pensar quotidiano.

— O que acontece com o senhor, disse Mathilde sorrindo-se; reclamo em nome do meu sexo offendido a excepção do seu principio.

— Concedido, respondeu Carlos dispondo-se a sair.

— Já?

— Ha mais tempo devera ter partido.... adeus.

— Não será permittido ao irmão beijar a irmã na fronte? disse a joven quando o mancebo ia descendo as escadas.

Será sempre assim, continuou ella, aproximando-se da janella, talvez para acompanhar com a vista e o coração áquelle que a não sabia comprehender!

(Continúa.)

Descobrimento da America.

(Continuação n. do 4.)

Colombo foi então conduzido perante Fernando e Izabel, aos quaes elle narrou a sua viagem e as differentes descobertas que elle havia feito; em recompensa do que, recebeu de seus soberanos muitos beneficios, e foi nomeado vice-rei de todas as terras, que tinha descoberto e que descobrisse.

Colombo partiu de novo para uma segunda expedição, nesse mesmo anno de 1493; mas como a sua felicidade e o seu feliz successo haviam despertado intrigas entre os que invejavam a sua gloria, elle foi desta vez acompanhado por juizes, que deviam velar sobre a sua conducta. Colombo, chegando ás Antilhas, percorreu quasi todas as ilhas, mas nem desta vez chegou ao continente.

Desembarcando em *Hispaniola*, foi grande a admiração de Colombo, quando viu sómente as ruínas do forte que elle havia construido, emquanto que a guarnição fora massacrada pelos indigenas, tilham sido injuriados e cobertos de opprobrio Colombo mesmo, com grande difficuldade poudé aplacal-os.

Ahi Colombo foi accusado de dolo e preso pelos seus juizes, por esses algozes, vis cortezãos, miseraveis adúladores que buscavam as graças da corôa, lançando mão de infames baixeiras.

Colombo foi então conduzido para a Europa, mas, quando elle desembarcou, excitou tal compaixão n'aquelles que elle tinha enchido outr'ora de prazer, que foi immediatamente solto, e todos os seus privilegios foram-lhe restituídos, e até recebeu novo contingente para uma terceira expedição.

Colombo depois de algum tempo, partiu de novo para a terceira expedição, no anno de 1498, sendo também acompanhado por pessoas encarregadas de o vigiarem.

Desta vez Colombo, tomando o rumo do Sul, e seguindo sempre esse rumo, foi chegar á embocadura do rio, chamado depois *Oren*, que navegou para as Antilhas, costeou o paiz que depois foi chamado *Columbia*, e voltou ás ilhas aonde promoveu muitos progressos, empregando todos os meios que estavam a seu alcance, e fez começar a agricultura. Mas desta vez também o pobre Christovão Colombo, como se os seus serviços devessem sempre ser pagos com ingratidão, desta vez, digo, foi elle preso, carregado de ferros, e mandado para a Hespanha.

O capitão do navio que levava Colombo, compadecido da sorte deste ultimo quiz-lhe tirar os ferros; mas elle respondeu-lhe altivamente que « sómente o rei que o tinha feito carregar de ferros, podia tirar-lhe esses mesmo ferros »! Chegado a Hespanha, no estado em que estava, foi tal a compaixão geral que até a propria Isabel de Castella cobrio-se de vergonha, e mandou que dessem a liberdade a Colombo.— Esse grande homem desgostoso, e penetrado de dor pela ingratidão com que era tratado, retirou-se do mundo, e foi morrer mais tarde na solidão, deixando ao cuidado da posteridade a vingança de que elle desejava gozar!

Nesta occasião um Florentino *Americo Vespucio*, ou segundo outros *Americo Vespucio*, seguindo a marcha de Colombo, chegou ao continente aon-

de desembarcou, e deu seu nome a esta parte do mundo que foi chamada *America*, e o nosso grande heroe deu apenas o seu nome a pequena republica de *Colombia*, que mais tarde se formou na America meridional! Assim foi descoberta a segunda parte do mundo, assim foi descoberta a America.

A Asia e Africa desde então desapareceram inteiramente do proscenio da historia geral; e a America e Europa entrelaçadas por doce união começaram então a pesar consideravelmente na balança da historia universal!!

J. A. S. RIBEIRO JUNIOR.

Os Esfaimados.

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

O Thesouro.

VII.

Haviam já algumas semanas que tinham decorrido desde os ultimos acontecimentos, e Ricardo, José Maria e mais dous rapazes que lhes iam buscar á povoação todo o necessario, tanto para seu alimento como para sua cura, habitavam ainda na casa Solitaria.

Maria já se levantava e passeava a custo.

Com a noticia que logo corrêo por toda a povoação, de que havia grande deposito de comestiveis na casa « Solitaria » aquelles que não tinham ido, affaiam, então a buscar a salvação, e tornavam-se incommodos aos novos habitantes; porque levavam continuamente a contar o occorrido muitas vezes ao dia, e alguns dos mais esfaimados culpavam-os por já não encontrarem com que saciar a terrivel fome que os devorava. Viu-se aquelles homens semelhantes a esqueletos, maldizerem sua vida, e nos accessos de raiva acossados pela fome, chegaram a devorar os que morriam.

Os animaes de toda a especie não escaparam aquella multidão esfaimada.

Muitas milhares de vidas foram consumidas pela fome; e seria a desgraça de todos os habitantes, se a mão da Providencia não destinasse uma sociedade philantropica d'um paiz estrangeiro a condoer-se da sorte d'aquelles infelizes christãos.

A sociedade philantropica de Philadelphia foi a primeira que tratou de soccorrer os infelizes habitantes das ilhas de Cabo Verde. O povo esperava ansioso recursos de Lisboa; porém

desgraçadamente a metropole esqueceu esse dever sagrado, e foi preciso que primeiro viesse dar o exemplo uma nação estrangeira.

Tratou a sociedade de embarcar comestiveis, mas primeiro que chegassem ainda poderiam perecer muitas vidas, porque a distancia não é pequena.

O povo de Santo Antão ignorava que essa sociedade lhe enviaria recursos.

Os habitantes da casa « Solitaria » tinham guardado em uma divisão do subterraneo bastantes comestives que chegassem não só para elles, como para suas familias; á quem os rapazes de noite iam levar.

Ricardo principiou a preocupar-se mais com examinar todos os cantos do subterraneo.

Oh! Sr. José, será possível que os contrabandistas não escondessem aqui o dinheiro?!

Que dinheiro?

Pois elles não haviam de ter dinheiro?! Ora deixai-vos disso, amigo Ricardo.

Pois eu hei de continuar a examinar todos os recantos até descobrir alguma cousa..... E' trabalho perdido, porque salteadores não guardam dinheiro.

Ricardo, sempre te tratei como amigo e te dei o nome de filho, e agora como a um filho te repito que me acredites que salteadores não guardam dinheiro.

Bem! ficamos entendidos, não vos fallo mais no dinheiro que possa existir escondido nesta casa, mas hei de ver se descubro alguma cousa, e em paga do meu achado, seja elle qual fôr, casarei mais breve com vossa filha Maria...

Tu sabes que eu já te prometti a sua mão; e ella tambem te ama, e agora mais do que nunca; não é assim, minha filha? Maria conservava-se assentada em um canto, e corando não respondeo.

Bom! é uma aposta que fazemos, veremos quem ganha.

N'esse dia Ricardo entrou e sahio muitas vezes, sem dizer palavra.

A noite chegou; e depois de todos estarem dormindo, levantou-se, accendeu uma lampada, e desceu vagaroso e pensativo os degrãos do subterraneo.

Principiou a caminhar encostado ao muro, e examinava qualquer falha ou abertura com muito cuidado.

Depois de ter andado por muito tempo percorrendo a salla subterranea, chegou a um canto, onde estavam guardadas as barricas com os comestiveis que poderam esconder á multidão esfaimada.

Poz a lampada no chão e arredou alguns volumes; depois alumiou o lugar, e viu uma argolla de ferro pregada n'uma pedra da parede, que ficava quasi no chão; puxou-a com força,

e a pedra moveu-se, tornou a puxa-la e arrastou parte; continuou, e tirou-a.

Era uma pedra quadrada de trez palmos, que servia de porta á passagem feita da mesma fórma.

Oh! como descerei? provavelmente é alguma passagem secreta que elles tinham; mas é preciso procurar; e pondo a lampada adiante, foise escorregando, e sumiu-se.

Assim que pisou no chão, levantou a lampada e principiou a examinar todos os cantos do quarto onde estava.

Era quasi quadrado, baixo, e estavam postas em roda doze pedras. Do tecto do subterraneo pendia uma pequena lampada. Aqui haviam de se reunir para tratarem dos roubos, dizia Ricardo consigo, e continuava a examinar com attenção todo o aposento, no meio do qual parou prestando mais attenção ao chão onde tinha pisado; abaixou-se e vio ladrilhão enterrado; escavou com as mãos e tirou-o.

Via-se uma argola de ferro, pequena, presa a uma taboa, puxou-a, mas a força fez partir a taboa, e appareceu a tampa d'um cofre de ferro.

Ei-lo, Ricardo! exclamou elle consigo mesmo. Este deve ser o thesouro dos contrabandistas! Oh! minha boa estrella, acompanhai-me: meu Deos, dai-me forças para desenterrar este thesouro! Agarrou desesperado no resto da taboa e quebrou-a. Appareceu um cofre de ferro pequeno.

Ricardo quiz levanta-lo mas foi inutil; pesava demasiadamente.

Será possível que seja tão grande o thesouro que Deos quiz dar-me? Não! parece-me isto um sonho; onde estou eu? Mas o que digo, ainda não sei o que contem! vaidade humana, maldito ouro que cegas a todos! ora vamos e agarrando-o com dobrada força poude move-lo. Como o poderei abrir, se não vejo onde está a tampa?

Calcou com força de todos os lados, e a tampa abriu-se: Ricardo deu um grito de admiração e agarrando na lampada chegou-a ao cofre. Estava cheio de moedas de prata e ouro. Oh! felicidade! bem tarde me vens fazer companhia! Bemdicto sejaes meu Deos! tanto tempo fui pobre e agora quereis que seja rico... Pobre Maria, tanto soffreu... mas agora ver-me-hei em breve casado, e com fortuna para sermes felizes.

Eu não sou avarento; mas era pobre e Maria tambem é pobre. Deos de misericordia, eu vos bendigo e vos agradeço. E ajoelhando-se conservou-se por algum tempo em oração. Depois principiou a contar o dinheiro, o que durou bastante tempo. Examinou se havia alguma outra passagem, depois de tampar o co-

fre, poz o ladrilho, pegou na lampada, e subiu a sala onde estava José.

O velho dormia socegado.

Ricardo poz-se a contempla-lo em silencio, e disse baixo: Ah! bom pai e bom amigo! des-cansa, mas amanhã já me acharás mais alegre; e sem te dizer nada venci a aposta!...

Fui feliz, veremos o fim, confio em Deos, e não me fascino com mais de cincoenta mil cruzados que encerra o meu thesouro; mas ainda assim parece-me que sonho; e apalpando rio-se: dizendo:

E' esta a ordem do mundo: uns trabalham para os outros, mas agora hei de guarda-las continuamente. E tirando duas pistolas que estavam no vão d'uma parede foi-se deitar no aposento onde estava o thesouro, que nunca mais desamparou de noite.

(Continúa).

Philosophia.

SUA UTILIDADE, E SUAS RELAÇÕES COM AS OUTRAS SCIENCIAS.

Encetando a ardua tarefa a que me dedico, não busco senão um ingresso na carreira litteraria, que summamente me deleita; todavia eu não deveria elevar a minha voz em publico, se não fôra a confiança que tenho, na complacencia dos leitores, aos quaes peço queiram desculpar as imperfeições de que sem duvida abunda o meu mesquinho trabalho, imperfeições filhas da minha inexperiencia.

Desde a criação do mundo, desde Adão e Eva, Deus deu ao homem, o animal mais perfeito da sua criação, o distinctivo pelo qual elle se eleva acima de todos os outros animaes; deu-lhe a intelligencia e a loquella. Verdade é que a loquella a principio era muitissima imperfeita, e irregular, a intelligencia tambem mui pouco desenvolvida; mas a par desta verdade, não podemos contestar a superioridade do homem sobre os brutos, mesmo desde o primeiro homem.

Durante as varias vicissitudes porque tem passado o genero humano, desde a sua propagação, a intelligencia ou intellectualidade, e com ella todas as faculdades innatas da alma humana, têm-se desenvolvido e aperfeiçoado consideravelmente. Deixando agora de parte esses povos antiquissimos, esses Egypcios, Assirios, Phenicios, entreguemo-nos á contemplação do berço da civilisação europêa, dos nossos conhecimentos, isto é, contemplemos a antiga Grecia!

Não fallaremos aqui das diversas phases de sua colonisação, nem das alterações politicas e civis, nem das guerras que a dilaceraram, não.

O nosso fim é mais nobre; vamos admirar na Grecia, e em suas colonias, Thales, patriarcha da philosophia, Pythagoras, Zenon, o grande Socrates, Platão e muitos outros antigos philosophos, que são os fundadores da philosophia! Pythagoras, chefe da escola italica em Crotonna, na grande Grecia, foi o primeiro que inventou o nome de philolosophia, que quer dizer *amor da sabedoria*, porque dizia elle, Deus só tinha a verdadeira sabedoria, e o homem apenas tinha o desejo, o amor della. Os esforços desse philosopho, assim como os dos que lhe succederam, tendiam a principio a substituir a cosmogonia religiosa por uma cosmogonia scientifica; mais tarde o desenvolvimento da razão humana deu a philosophia um fim mais nobre! e seguindo nós a maxima de Thales de Mileto «*homo nasce te ipsum, homo serva te ipsum*» baseamos a philosophia nestas trez proposições:

Quem sou eu? De onde venho? Para onde vou?

As quaes mostram ao homem o dever de conhecer-se a si, a sua origem e seu fim!...

Quem sou eu?

Homem, o que es tú? de que es formado? ... De onde venho? Homem, qual é a tua origem? quem te creou? de quem procedes?...

Para onde vou?

Homem, qual é o fim para que foste creado? Eis as molas rezes, eis a base da philosophia!...

Pasma a intelligencia, recua a razão, treme a sciencia!... não!... avança, avança sempre!... busca penetrar nesse mysterio.... reúne as tuas forças, não esmoreças!... é, na verdade, o homem ousado no caminho das trevas, busca a vereda da verdade, em fim triumpho das difficuldades, e apparece então essa brilhante e gloriosa acquisição para o genero humano!...

(Continúa).

POESIAS.

O canto do zagal.

Quem não ha de invejar esta vida
Tão alegre, feliz do zagal,
De nefandas paixões exhanrida,
Não existe no mundo outra igual.

Rompe o sol no horizonte formoso,
Leva ao bosque o rebanho a pastar,
Ai que dia, que dia ditoso,
Minha frauta fazendo soar.

Esse luxo que ostenta a cidade,
 Serve só p'ra miseria cobrir,
 Lá um peito não tem liberdade,
 Nem lá pôde innocencia existir.

Insensatos ! que alcunham desgraça
 O socego em que vive o pastor,
 Ignoram no tempo que passa,
 Uma hera não tem de amargor.

Vagando no bosque e no prado,
 Tudo, tudo lhe diz harmonia,
 E n'um toco abandona gravado
 Rudes cantos de alegre poesia.

Quem não ha de invejar esta vida
 Tão alegre, feliz do zagal,
 De nefandas paixões exaurida,
 Não existe no mundo outra igual.

Minha frauta inda é mais delicada
 Do que a lyra do grão Trovador,
 Canta a lyra o valor de uma espada
 Diz a frauta os arcanos da flôr.

Diz a frauta da rola os gemidos
 Solitaria no bosque a errar,
 Diz a frauta da ovelha os ballidos
 Quando quer os seus filhos chamar.

Mais feliz minha frauta que a lyra
 Quando á terra fugir vai o sol,
 Porque então mais um som se lhe ouvira
 Do mavioso cantor rouxinol.

Quem não ha de invejar esta vida
 Tão alegre, feliz do zagal,
 De nefandas paixões exaurida
 Não existe no mundo outra igual.

Rio, 21 de Setembro de 1856.

MANOEL ALVES V. P. CASAL.

Estou varado!

NO ALBUM DO SR. JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Estou varado ! na verdade
 Não me deixa saudade
 Esse pranto que ali vai ;

Esse choro de criança
 Que de *luzio* na *mamança*
 Faz perder toda a esperança
 Ao *bilioso* papai.

Esse pranto tão sentido
 Que do peito terno — fido
 Sahe em lavas — borbotões ;
 Esse arfar do pensamento
 Preso já no juramento,
 • Que nos traduz almo intento
 De alguns *chochos* corações.

Esses dias decantados
 Em que a sós, ambos pasmados
 Vejo o amante e sua ella ;
 Esses dias tão formosos
 Bem claros luminosos,
 Que traduzem tantos gozos
 Para elle e p'ra a donzella.

Mas que digo ? a *pasmaceira*
 Ha de ser sempre uma asneira
 Com os ternos namorados ;
 Gosto muito de intreter
 Relações que dão prazer,
 E que podem m'offrecer
 A verdade sem peccados.

Mas passar os bellos dias
 Em mentidas alegrias
 Que redundão em desgraça,
 Suspirar horas inteiras
 E crear com taes asneiras
 Pronunciadas *olheiras* !....
 Nada, nada, que é *xalaça* !

P'ra que pois ternos amantes
 Ao amor sois tão constantes
 Se o amor é uma illusão ? !.....
 A mulher é *bicho feio*
 Cujos protestos não creio
 Porque tenho meu receio
 De cahir em *logração* !....

Rio, 20 de Setembro de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

A uns olhos.

O. D. E C.

A

E. R. de S. G.

Lindos olhos tão negros! tão negros!
E tão bellos!... tão meigos eu vi!...
Com ternura disseram — Amor!... —
Logo amor em meu peito senti!

Louco, agora esses olhos eu amo,
Como nunca eu amei a ninguém!...
Era fliz se esses olhos tão lindos
Tão constantes me amassem também!...

Olhos negros se ouvires meu canto
Tão saudoso!... tão cheio d'amor!
Acolhei-o no seio benigno
Suspirai pelo vosso cantor!...

Larangeiras, 11 de Agosto de 1846.

DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

Eu quero ir enforcar-me!...

NO ALBUM DO SR. ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Eu quero ir enforcar-me! não te opponhas
A este meu recurso financeiro...
Que as minhas algibeiras soffrem muito
Por falta de dinheiro!

Eu quero ir enforcar-me! da existencia,
As illusões p'ra mim todas finaram...
Qu'umas botinas de dez mil réis novas,
Já se me acalanharam!

Eu quero ir enforcar-me! oh! é forçoso
Esta vida deixar de horriveis tratos!
Todos de mim oh! desventura riem,
Riem-se os meus sapatos....

Eu quero ir enforcar-me! deixar quero
Este mundo tão cheio de desgraça!
De amargoso café não mais pretendo
Pôr aos labios a taça....

Eu quero ir enforcar-me! e tu não julgues
De minha triste idéa isto arrancar;
Pois minha amada, só minha, hontem vi
Um outro a namorar!

Eu quero ir enforcar-me! ao abandono
Viver não quero sem morrer primeiro....
De minha enforcadura ao outro mundo
Ser quero o mensageiro!....

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Ausencia e saudade.

Se tu, Marilia, souberas
O quanto por ti padeço,
De mim compaixão terias
Compaixão que bem mereço.

Vejo-me ausente de ti,
E da saudade forçado,
Suspiro, choro e lamento
O rigor do triste fado

E tu ingrata não ouves
Nem meus ais, nem meus lamentos
Longe de mim olvidastes
De amor os doces momentos.

Oh! que dôr! que amargura!
Já te não vejo a meu lado,
Outr'ora fui venturoso
Agora sou desgraçado.

Mas se inda sentes no peito
O puro amor d'algum dia,
Vem pressurada a meus braços,
Vem fazer minha alegria.

Vem oh! vem não te demores,
Apressa o doce momento,
Vem fazer minha ventura
E acabar meu soffrimento.

Mas que digo, oh!... tu não podes
Ouvir o meu triste brado,
Ai de mim, fatal destino,
Serei sempre desgraçado.

Ai de mim, que perseguido
Por negra fatalidade,
Soffrerei cruenta dôr
D'amargã — ausencia e saudade.

BELMIRO.

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II,

Domingo 5 de Outubro de 1856.

N. 6,

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

VI.

ESTUDOS HISTORICOS

I.

VIRIATO.

VII.

Segundo Aladio, Viriato nasceu na Lusitania inferior (Beira.) Ha diversas opiniões sobre os principios da sua vida. Plinio diz que fôra jornaleiro, mas que achando este mister pouco lucrativo, se fizera *recoveiro*. Lucio Floro, assevera que Viriato era pastor de ovelhas, e que a sua vida errante, 'os frios e as calmas contribuíram bastante para despertar n'elle os instinctos guerreiros com que o conheceremos mais tarde. Laymundo apresenta Viriato d'estatura elevada, membrudo, o cabello e a barba um tanto crespo, os olhos grandes e carregados, nariz aquilino etc. etc. Lucio Floro relatando os feitos d'este heroe chama-lhe o Romulo de Hespanha, emfim todos os authores d'aquelle tempo consagraram paginas inteiras ao primeiro ornamento da Historia Portugueza.

Vimos que Viriato pôde escapar á traição de Galba. Elle partia com o odio no coração, e um desejo ardente de vingança. O seu grito de guerra fez-se ouvir por toda a parte, os Lusitanos accordavam do torpor que os consumia, e tudo annunciava que a luta hia recommençar, mas d'esta vez mais viva, mais encarniçada. Os montanhizes comprehendiam por fim que lhes era facil a victoria mandados por um homem como Viriato. Em pouco tempo todos lhe obedeciam, e sem que este pedisse tal, foi unanimemente proclamado capitão de toda a Lusitania.

Viriato quiz ainda uma vez conhecer o resultado da infamia de Galba. Acompanhado de al-

guns soldados partio para o vale onde se dera a traição, e ahi chegado um espectaculo doloroso e cruel se lhe preparava.

Os cadaveres dos homens, dos meninos e das donzellas estavam horivelmente martyrisados. Parecia que os Romanos achavam prazer em rasgar com as pontas de suas lanças os corpos d'estes infelizes. Viriato ficou vivamente impressionado; obrigou aquelles que o acompanhavam a jurar com as mãos nas feridas de uma donzella, que vingariam aquelle sangue innocente até á morte.

Laymundo dá conta d'este juramento pela forma seguinte: Por este sangue nunca contaminado por este corpo privado de sepultura, pela alma d'esta donzella, juro offerecer meu sangue em sua vingança, e de não cessar até perder a vida com semelhante golpe. Após este juramento, partio Viriato para a Lusitania, e do tal maneira excitou os animos de seus habitantes, que pôde reunir uma força consideravel. Penetrou pelas terras da Carpentania, e destruindo tudo que encontrava recolheu-se ao seu paiz carregado de ricos despojos que dividio pela sua gente. A cerimonia do juramento que fez de novo é tão curiosa que não podemos deixar de escrevel-a aqui. Diz Strabo: « Celebrou-se o juramento com um captivo dos muitos que trouxeram d'esta jornada, e com um cavallo em sacrificio do idolo de Marte, e abrindo-lhes as entranhas tomaram n'ellas os agouros da guerra que determinaram fazer contra Roma, e achando-os favoraveis passaram os soldados diante do idolo, mettendo a mão direita nas entranhas do captivo e depois nas do cavallo, protestaram não cessar até fazerem outro tanto em todo o exercito Romano. » Era assim que homens taes sabiam comprehender o amor da patria e da independencia. Era assim que Viriato começava essas lutas gigantescas que abalaram a soberba rainha do mundo, a activa Roma!

(Continua.)

XAVIER PINTO.

M athilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação).

Carlos hia visitar Mme. Adelaide, resolvido a zombar dos encantos e attractivos d'esta nova *Aspasia*. Para elle esses olhares ternos e magneticos que as mulheres sóem empregar tãobem nada diziam, e mais de uma vez provára que a franceza poderia passar por perto d'elle, montada no seu carro do triumpho, sem que o mancebo se dignasse ao menos lançar-lhe um simples signal de attenção.

Luiza apenas fora destinada para tocar o coração deste *homem de marmore*, respeito ás mulheres; é porque elle longe de materialisar-se no meio da sociedade *dourada* em que passára os seus melhores annos, sahira della resolvido a castigar-a, corrigindo-lhe os defeitos.

Infelizmente a luta teria de ser desproporcionada. Elle tinha a combater muitos, e estes combatiam um só. Por quantas provas não tinha elle já passado?! E quantas lhe estariam ainda reservadas?!

Como quer que seja Carlos accetava todas as consequências da sua louca temeridade, e talvez que outro, em idénticas circumstancias, houvesse succumbido. Ha porém em todos os corações certo amor proprio que impede os bons como os máus movimentos. Carlos tinha seu tanto deste defeito, e é por isso que não recuava. A franceza habitava a casa mais linda e elegante da Fulgosa. O luxo e a commodidade, junto a elegancia dos ornatos, tornavam essa casa notavel por aquelles lugares.

Os precedentes desta mulher eram ignorados, sabia-se que possuia uma fortuna sufficiente para brilhar, como também não se ignorava que vendia caro alguns sorrisos. Com tudo ella era festejada por toda a parte em que apparecia, os homens rodeavam-na e as mulheres invejavam-na. Dadas estas explicações poderemos continuar a narração interrompida.

Eram dez horas da manhã. O dia estava lindissimo; Carlos admirava a belleza dessas poeticas margens em que se deslisara a sua infancia, e volvendo um rapido olhar para o passado sentio-se ferido das saudades. Elle tão alegre sempre, caminhava triste e sombrio, as recordações vinha em tumulto, e a realidade de sua posição augmentava a melancholia profunda em que hia mergulhado.

Os camponezes paravam, e cumprimentando-o com respeito afastavam-se dizendo: Já não é o mesmo.

Carlos escutava estas palavras, despertava um pouco da sua lethargia para se engolpar nella

de novo. Foi nestas circumstancias, e debaixo destas impressões que elle entrou na Fulgosa. A casa da franceza era proxima da estrada; o mancebo encaminhou-se para lá, e bateu a um grande portão. Mme. ? Dorme ainda, respondeu o creado; se quer tenha a bondade de entrar e sentar-se. Carlos accedeu ao convite, entrou, e subindo algumas escadas de pedra achou-se em uma especie de gabinete adornado com simplicidade. O mancebo sentou-se, sem que tivesse contemplado por um instante os muitos objectos que o rodeavam. Dez minutos depois entrou uma creada, e disse: Mme. acordou, quem direi que a procura? Carlos Pinheiro, respondeu aquelle. Carlos, sobrinho do brasileiro da *Casa Branca*? tornou a creada com certo tremor na voz. E' verdade. Então corro a annunciar esta boa nova a Mme.... até que emfim.... E a creada desappareceu, depois de ter lançado a Carlos um olhar malicioso e como de provocação. Pouco depois voltou. Sr. Carlos disse ella, tenha a bondade de acompanhar-me, Mme. espera-o. A experta mensageira atravessou uma especie de galeria, voltou a esquerda, abriu uma porta. Entre. E fechando a porta de novo disse: E' de crer que esta virtude de bronze resista por algum tempo, mas Mme.... não sei estes senhores homens são tão caprichosos!...

Carlos entrou. Renunciamos a descrever o luxo extraordinario que compunha este quarto. Qualquer outro que não o mancebo contemplaria com admiração os mil objectos de phantasia espalhados symetrica e elegantemente. A mobilia, os quadros, os cortinados de damasco, tapetes, cama, tudo em fim era digno de attenção.

Carlos porém contentou-se em procurar com a vista a pessoa que precisava, vio-a em uma das extremidade do quarto, negligentemente reclinada n'um sophá, para ali se encaminhou. A franceza estava simplesmente vestida de um longo roupão de cassa branca. Os seus compridos e lindos cabellos, cahiam-lhe pelos hombros, não podendo occultar os bellos contornos de um seio magestoso. Qualquer observador menos attento notaria que a posição de Adelaide era estudada, Carlos aproximou-se della e cumprimentando-a com respeito, disse: A minha presença nesta casa, e a esta hora deve sorprendel-a, Mme., mas comprehende que só uma necessidade urgente me forçaria a vir aqui. E' um cumprimento bastante lisongeiro, Sr. Carlos—agradeço-lhe, respondeu ella sentando-se, e convidando o mancebo a tomar lugar a seu lado. Este recuzou com um signal de cabeça bastante expressivo, e respondeu: Perdão, as circumstancias impedem-me de fazer gala de alguns ditos espirituosos e lisongeiros, e eu não transporia aquella porta no intuito de observar o contrario. Conhece-me demasiado para esperar de mim incensos e adora-

ções; Adelaide, que já vimos tão altiva e impetiosa, nada respondeu; a tempo talvez encarregara-se de transformar os sentimentos que Carlos lhe tinha inspirado. A primeira vez que apresentamos a franceza aos nossos leitores, olvidamos fazer um rapido esboço de sua phisionomia. Vejamos se é possível fazel-o agora.

Adelaide Valmout tinha de 28 a 30 annos. Era uma dessas mulheres bellas na acepção da palavra. Tudo em si era digno do reparo. Pallida, mas dessa pallidez poetica e tocante, olhos pretos e grandes, labios finos e nacarados, dentes alvos como o jaspé, collo magestoso, eis o que chamava mais a attenção nesta mulher. A sua estatura um tanto eleváda mas elegante, esse não sei que de distincto e gracioso que as francezas possuem em summo gráu, a expressão que costumava dar aos seus olhares, tudo emfim era nobre e bello no exterior de Adelaide. As suas qualidades pertencem aos leitores adivinhal-as; e talvez que a occasião se lhes preporcione em breve. Era com esta mulher que Carlos hia lutar. Succumbiria elle? E porque não? Não succumbio o primeiro homem?! Ah! infelizmente o mundo conta mais de um Adão e Eva, em cada dia que passa, em cada anno que corre.... Mme., proseguio Carlos, um pouco commovido, cheguei hoje de Castello de Paiva, onde fui visitar minha irmã. Durante a minha auzença um dos vossos amigos mais preciosos commetteu um crime que nem a mesma morte poderá fazer olvidar, porque se trata da honra de uma mulher, e da vida de um pai offendido. Pensei que ninguém mais que Mme. me podia dar os esclarecimentos de que necessito, são bem poucos; desejava saber o lugar em que se occultará Lourenço de Castro. E Carlos, acabando de pronunciar estas palavras lançou á franceza um olhar tão penetrante, que ella não pôde sustentá-lo. Falla-me em cousas que ignoro absolutamente, respondeu Adelaide com sangue frio. Perdão, o rapto da filha do doutor Rego é conhecido de todas as pessoas, se até hoje se ignora o raptor é porque eu não pude ainda fallar com os meus amigos.... Mme. é inutil esta diplomacia e jogo de palavras, tenho convicção de que foi desta casa que sahi-ram os preliminares deste crime.

Adelaide empalideceu extremamente esta accusação injuriosa revoltava o seu orgulho de mulher; mas Carlos exercia sobre ella um tal ascedente, que não teve resposta. Então?... Sr. Carlos, disse a franceza levantando-se, olhe bem para mim. Bom, obedece de prompto. Agora contemple por alguns momentos a pallidez de meu rosto, o amortecido de meus olhos, e sobretudo veja o tremor convulsivo de todo o meu corpo.... Que differença vai da Adelaide na matta do coronel Fonseca para a Adelaide presente! A que attribue isto Sr. Carlos? Um medico diria que ao

nervoso, eu attribuo isso tudo ao prazer, as noutes repetidas de.... Acabe. Para que? que sou eu?... deve-me conta de seu proceder? Quanto se engana, Sr. Carlos!... E dizer-se que as mulheres não tem coração?!... Sejamos francos um para o outro, continuou ella enchugando algumas lagrimas; talvez que seja este o ultimo dia em que nos encontremos a sós; cumpre dizer tudo, e conhecer-me-ha então.

Ha momentos na vida da qualquer pessoa que podem decidir da existencia della.

Deus reserva á creatura horas inteiras de lenta agonia, durante as quaes a alma parece abandonar o corpo para se transportar a regiões desconhecidas até ali. E' entregue a essa dôr mortal que lançamos um rapido olhar para o passado. Se nesse passado temos uma vida desregrada, se nesse passado ha mais de uma cousa que nos pôde fazer corar, sentimos o coração comprimir-se a idéa de que talvez o arrependimento seja tardio, e que elle declarado não possamos lançar um véu impenetravel sobre essas cousas de que nos accusa a consciencia. Foi o que me succedeu ha pouco tempo.

E' uma confissão, Sr. Carlos, por quem é execute-me. (Continúa).

Philosophia.

SUA UTILIDADE, E SUAS RELAÇÕES COM AS OUTRAS SCIENCIAS.

(Continuação do n. 5.)

A philosophia, desde o seu começo, tem soffrido varias alterações, e hoje geralmente a philosophia moderna é fundada sobretudo, nas modificações de Bacon e Descartes, mas a sua base tem sempre permanecido inabalavel, e tem sempre por objecto ensinar ao homem a conhecer-se a si, as suas faculdades, os seus deveres para com os seus semelhantes; ensina-o a conhecer seu Creator, guia-o na investigação da verdade; mostra-lhe o bem e o mal a fim de que elle siga o primeiro e aborreça o segundo; em uma palavra: é a sciencia que trata das cousas que se podem conhecer pelas luzes da razão, ou *philosophia est scientia verum cognoscibilium rationis lumine.* »

Mas, diria alguem, que utilidade tem a philosophia? Não viviam e não vivem ainda bem muitos que não sabem philosophia?—Não, pensa mal quem assim pensa: os homens, ainda mesmo os que não estudaram philosophia, são dotados de uma certa dose de philosophia natural, e reconhecem a utilidade della, e ainda mesmo admittindo que existem homens que negam totalmente a utilidade della, e que a ignoram completamente, esses homens vivem machinalmente, sem conhecer a sua dignidade, e a sua superioridade sobre os brutos, vivem pois como os brutos, e formam uma excepção á regra geral, o que

nada prova contra a utilidade e importancia da philosophia. Dirá ainda um outro, não são as dissertações dos philosophos uma prova de que a philosophia não attinge o fim a que se propõe? E então, qual é a sua utilidade? A isso respondo:

As dissertações dos philosophos nada provam contra a sua utilidade, por quanto, ellas também não são mais que um caso particular da regra geral, a qual exige disputa onde ha exame; e, como não ha autoridade que possa determinar solução alguma, fica sempre um campo aberto a controversias que são uma consequencia necessaria da liberdade, que constitue a essencia do espirito da philosophia.

Um terceiro dirá: Não nos fornece a religião um grande numero de verdades que a philosophia busca, mas em vão, demonstrar? de que serve pois a philosophia? Em quanto a este caso respondo: Devemos notar que a philosophia e a religião tendem a dous fins differentes: esta á necessidade de crer, aquella á necessidade de comprehender.

A philosophia não ultrapassa os limites da razão, e guiada pela mesma razão, ella não penetra em mysterios, e limita-se a descobrir e a apresentar principios solidos e lucidos, e posto que seus erros sejam as consequencias da fallibilidade humana, sua ambição não é por isso menos nobre, e o homem jámais poderá, sem se rebaixar, negar a summa importancia e utilidade da philosophia.

Esta sciencia, tão sublime e tão vasta, está em relação com todas as outras sciencias, porquanto cada uma de suas partes tem um intimo nexos com as outras sciencias: a psychologia, ramo da philosophia, trata da alma, e de suas faculdades; ora a alma é o sujeito de nossos conhecimentos, e as suas faculdades são os instrumentos com que adquirimos esses conhecimentos; a logica também ramo da philosophia ensina-nos a raciocinar; e sem raciocinio não poderíamos avançar nas sciencias; além disso a logica dá-nos as regras do methodo, e sem methodo não obteríamos sciencias nem artes; a logica também nos conduz á verdade, e á certeza que nos guiam no estudo das outras sciencias; a *moral*, ramo da philosophia, nos guia ao conhecimento do bem e do mal, ensinando-nos a seguir aquelle e a evitar este, e succumbindo nós ao mal não avançamos nas sciencias, a theologia, ramo da philosophia, tem por objecto ensinar ao homem qual é seu Creador, qual a sua essencia, quaes os seus attributos, e sem o conhecimento da nossa origem não conheceríamos nosso fim e não poderíamos marchar com segurança nas outras sciencias: consequentemente de tudo isto concluo que a philosophia tem relação com as outras sciencias, logo:

De todas as sciencias ella é mãe!

J. A. S. RIBEIRO JUNIOR.

Os Esfaimados.

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

O Casamento.

VIII.

Haviam já decorrido algumas semanas desde o feliz encontro de Ricardo, sem que tivesse occorrido alguma cousa mais de notavel na « casa solitaria. »

Na manhã d'um bello dia, passavam continuamente em frente a « casa solitaria » muitos homens cada qual com seu alforge ás costas, e pela alegria que mostravam fizeram admirar muito aos habitantes da antiga casa dos contrabandistas.

José estava impaciente por saber o motivo de tanta alegria.

A curiosidade e admiração chegaram ao extremo ao verem outra porção d'homens, e mulheres que vinham cantando, acompanhando com a guitarra o tom da voz.

Estes igualmente traziam alforjes, e como a distancia era pequena da « casa solitaria » ao caminho, José que estava fóra da porta, encaminhou-se apressado para os camponeses. Então amigos que novidade temos? Esta pergunta causou uma hilaridade geral.

Os semblantes cadavericos dos habitantes mostravam-se alegres, e parecia que já tinham esquecido inteiramente a lembrança da terrivel fome que fazia perecer seus companheiros, e que elles mesmos já não a sentiam.

José mais admirado ficou.

Alguns minutos depois de rirem-se como perdidos, gritaram quasi todos ao mesmo tempo:

Estamos salvos! já não ha mais fome! os americanos tiveram pena de nós!

O coronel Martins, está encarregado de distribuir os mantimentos que trouxeram os navios de Philadelphia. Vivam os americanos gritou José com toda a sua força.... vivam!... repetiam todos á uma.

Oh! Bemdicto sejaes povo generoso. Todos estão salvos Deos condeoe-se da nossa sorte!... disseram os outros e seguiram cantando.

José voltou alegre e ao chegar a porta gritou; Ricardo! o povo de Santo Antão está salvo, já chegaram mantimentos de Philadelphia!... E graças a Deos nós também estamos salvos!...

Respondeu Ricardo: Como? Porque somos senhores d'um thesouro que nos torna feliz. Mas qual é elle, se eu ignoro? Pois bem vinde amigo José, quero contar o occorrido ao pé de vossa filha; ambos seguiram para dentro. Maria con-

cervava-se sentada a um canto do quarto, seu pai e Ricardo sentaram-se ao pé, uma pequena admiração teve Maria. Ricardo foi o primeiro a fallar e disse desde que ficamos senhores d'esta casa o meu principal pensamento e cuidado foi descobrir o lugar onde os contrabandistas guardariam as suas riquezas, eu bem vo-lo dizia José que haviam de existir aqui. Ajudado por Deos e com o desejo de tornar feliz a vossa filha tratei de procurar em todos os lugares do subterraneo o que a minha imaginação meditava e depois de muitas vigílias descobri o quarto onde se reuniam e juntamente um cofre enterrado contendo uma fortuna sufficiente para tornar-nos felizes; como o nosso casamento está proximo, disse elle voltando-se para Maria queria que participasses da minha alegria, por isso amanhã devemos tratar de mandar apromptar esta casa para abreviar as nossas nupcias.

Poucos dias tinham decorrido depois desta scena entre estas personagens; a casa solitaria já não parecia a antiga habitação dos contrabandistas nem o lugar onde se occultavam as almas do outro mundo; como julgavam os camponeses rudezes; mas sim uma casinha descendentemente arranjada.

Muitos camponeses estavam reunidos nos arredores e divertiam-se em tocar flautas ou gaitas. Era o dia marcado para o consorcio, não havia uma só pessoa nos arredores que não tivesse vindo tributar seus reconhecimentos aos dous felizes noivos. Todos os seus parentes achavam-se reunidos e as horas já se iam aproximando; faltava unicamente o padre. Passadas algumas horas o povo que estava fóra principiou a gritar agitando os seus lenços e chapéos e dizendo é elle é o senhor padre; Deos o traga e venha tornar felizes aos nossos protectores. Então rapaziada! vivam os nossos protectores, vivam responderam todos e foram esperar o padre ao caminho.

José levantou-se e chegando á porta avistou o padre ao longe e voltando contente exclamou: acaba de chegar o ministro de Deos que vem unir dous corações que a desgraça tinha para sempre querido separar! bemdicto seja Deos por compadecer-se da nossa sorte. O padre acabava de entrar, e saudando os convidados foi apertar a mão de José.

Aqui estou, meu caro amigo, venho unir vossos filhos. No interior da casa tinha-se apromptado um pequeno oratorio; Ricardo e Maria para lá se dirigiram a fazer oração; passado um pouco de tempo o padre já revestido entrou para praticar a cerimonia. Os corações dos dous jovens estremeceram d'alegria de ver entrar o padre; Maria estava mais bella que nunca. O oratorio encheu-se de povo e todos procuravam devi-

sar nos semblantes dos dous noivos a alegria que participavam. Poucos minutos depois um sussurro fez-se ouvir d'entro do oratorio e muitas pessoas sahiram devisando-se em seu rosto a alegria. Logo grandes vivas retumbáram por toda casa, Ricardo e Maria estavam casados. O povo gritava entusiasmado: vivam os nossos protectores!... vivam.... repetiam todos; e a alegria durou por muitos dias.

Depois a vida mais feliz que se pôde imaginar Deos concedeu aos dous esposos.

FIM.

POESIAS.

As cordas de minha lyra.

Minha Julia, tu perguntas
Quantas cordas tem a lyra?
Quanto os sons que respira
A lyra de teu cantor?
Escuta pois, neste instante
Vou della os sons te dizer,
De prompto satisfazer
Teu desejo ó meu amor.

Sómente, Julia tres cordas
Tem a pobre lyra minha;
E' tão rude e tão mesquinha!
Porém que fazer querida?
Tres são as cordas apenas;
Porém essas são singelas;
Nunca a voz d'uma só dellas
Foi por momentos vendida.

Mui prestes tu me perguntas
Os sons da corda primeira?
Pois bem, essa, feiticeira
Virgem, pertence ao senhor,
Ao arbitro Omnipotente,
Magestoso, alto e divino,
Em cujas mãos o destino,
Julia, está de nosso amor.

Da segunda, a voz saudade
Exprime, Julia, profunda,
Meu coração que circunda
D'agros e duros espinhos!....

Saudades da patria amada,
E d'uma mãe carinhosa,
Que á minha infancia mimosa
Proporcionou mil carinhos.

A terceira, emfim, votada
E' ao amor puro e santo
Qu'ambos nós, ó meu encanto,
Votamos por sympathia...
Porém, n'essa mesma corda
Que tanjo de minha lyra,
Ha sempre um som que respira
De triste melancolia !....

Eis, minha Julia, as tres cordas
Em que a lyra é resumida;
Por mim não pode ferida
N'ella ser outra jamais!
São tres pois, os sons que conto
De meu mesquinho alaude,
Onde se encontra virtude,
Amor, saudade, e não mais...

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Já não amo.

Já não amo, e agora n'est'alma
Nutro só indiff'rença á mulher,
Já não amo, feliz doce calma
Sinto sinto no peito nascer.

Essa chama que a vida arrebatava
Expulsei-a de meu coração,
Hoje livre desprezo a ingrata,
Quando cria morrer de paixão.

Que loucura! meu Deus vi na morte
Esta vida por ella involver,
Do que amor a razão faz mais forte
Para a palma na lucta colher.

Succumbir, ficar ella no mundo,
De meus males ainda a zombar,
Até vir o remorso profundo
Sua vida por fim torturar,

Era pouco, é melhor o seu crime
Ver na terra algum dia expiar,
Quando for consagrar amor firme
A quem só a desejo enganar.

Então graças ao anjo bondoso
Que me fez recup'rar a razão
Eu darei, e vivendo dictoso
Heide nelle finir de paixão.

E se acaso seu peito covarde
Vier inda clemencia pedir
Dir-lhe-hei: vil tyranno é já tarde
P'ra que possa teus rogos ouvir.

Já não amo, e agora nesta alma
Nutro só indiff'rença á mulher;
Já não amo, feliz doce calma
Sinto, sinto no peito nascer.

Rio 25 de Setembro de 1856.

MANOEL ALVES V. P. CAZAL.

O meu viver.

De que me serve o viver,
Se minha sina é soffrer ?...

Deixei minha patria amada,
Terra estranha vim buscar,
Uma vida amargurada
De negro fel vim passar;
De que me serve o viver,
Se minha sina é soffrer ?

De que me serve no mundo
Arrastar dias de dôr,
Se em meu peito mal profundo
Me causou baldado amor?
Se não tem meu coração
Nem uma doce emoção ?

Dezoito annos apenas,
E estou no mundo só!
Soffro aqui acerleas penas

E ninguém de mim tem dó !
A ninguém commove a dor,
Que retalha o trovador.

Que importa ao homem, que goza,
Que a vida, que lhe sorri,
Seja as outras dolorosa,
Se elle diz: « Nunca soffri ? »
Senão, ha no peito seu,
Um pezar igual ao meu....

Quem poderá dar-me agora
A ventura que gozei ?
Essa paz encantadora,
Que em minha terra deixei ?
Ah ! que não póde ninguém
Restituir-me um tal bem !..

De meu pai doces afagos
Quem póde tornar-me já ?
De minha mãe beijos magos
Compensar quem poderá ?
Talvez não mais gozarei
Esses bens, que desfrutei....

Se ao menos o amor viesse
Abrandar minha afflicção,
Se comprehender pudesse
Meu amante coração !...
Poderá ainda um sorrir
A meus labios doce vir.

Mas o meu amor profundo
Nunca ella entenderá....
Dezoito annos só no mundo
E' p'ra mim um ermo já !...
De que me serve o viver,
Se minha sina e soffrer ?...

Rio, 7 de Janeiro de 1856.

EUGENIO A. DE B. RIBEIRO.

Não Chores.

Donzella, pois choras, porque a desgraça
Já hoje me faça, desgostos soffrer ? !...
Não é para crer, que nos venha d'irmão,
Terrível acção, infortunios trazer ? !...

Oh ! cessa teu pranto, Donzella querida,
Pois que n'esta vida, vorás ambição,
Apaga d'irmão sentimentos cuidados,
E vem desregrados mostrarem-se então !

Oh ! cessa, porque com teu pranto saudoso,
Tu vens copiosa meu pranto excitar,
E dois a chorar desafiam tristeza;
Querida belleza, me deixa penar.

Assim de manhã, no jardim fresca rosa
Tremendo mimosa pela hastea delgada,
Se vê orvalhada luzindo tambem,
Querido meu bem, tu estás demudada !...

Porém quando o sol das collinas romper,
Té ha de trazer nos seus raios calor,
E tu meu amor aquecida, perfeita
Virás satisfeita calar minha dor...

Agora porém ancioso confesso
Que muito careço não chores por mim
Que podes assim, tantas penas me dar !
Não debes chorar, esperemos emfim.

Setembro 25 de 1856.

J. J. BARBOZA DE CASTRO.

Parodia.

Se eu fora na terra, destino immutavel
Houvera agradavel, nesta hora imperar;
Aos noivos baixar, infinita alegria,
A doce harmonia, p'ra sempre lhes dar.

Se eu fora das rosas, a rosa mais linda,
Houvera, pois inda, no peito brilhar;
Aos noivos deixar os perfumes das rosas,
Que fossem ditosas, ás vidas do par.

Se eu fôra dos Céos, um archanjo formoso,
Houvera bondoso, dos astros descer,
Aos noivos trazer do Senhor alliança,
Da eterna esperança, em que devem viver.

Porem um destino immurtavel, a roza,
Que bella, formosa, pela hasta se vira,
Archânjo que gira, nos astros formosos,
Não sou, (virtuosos consorte) sou lyra!...

Setembro 27 de 1856.

J. J. BARBOSA DE CASTRO.

Minha finanças.

(NO ALBUM DO SR. ANTONIO XAVIER
RODRIGUES PINTO.)

Mui alta já vai a noute ;
Em continuo suspirar,
Velo triste sem ter somno
E dinheiro p'ra gastar ;
Neste cruel desespero
As noutes passo a scismar !

As passo todas soffrendo,
Oh! tão longas ellas são!
Tanto soffro que no bolso
Eu não ache um só tostão !
Minhas calças já cossadas,
Outras pedindo m'estão !...

E meus sapatos sem graxa,
Que tão russos vão ficando,
Tão cambaios e tão tortos,
Eu mui triste os vou calçando ;
Tão zangados elles se virão
Para mim se acaso eu ando.

Triste, triste é a vida minha!
Inda é mais triste o meu fado !...
Eu namoro uma menina,
E della sou namorado ;
Ai! de mim! se assim me vê,
Ficarei abandonado.

Mas espero inda uma vez,
De ganhar muito dinheiro....
Então sim eu posso encher

Meu varrido migalheiro,
Um homem quer enforcar-se
Enforca-lo vou ligeiro !

Mas que vejo! coitadinho
Que dependurado está ;
As pernas soltas ao vento
Dansão de cá para lá !
Cinco palmos tem a lingua
Pelos joelhos de lhe dá !

Pobre coitado, morreu !...
Vou ver seus bolsos que tem :
Só papeis cheios de versos....
Dinheiro.... nem um vintem !
Todo roto, esfarrapado,
Poeta como eu tambem !...

Se a mesma sorte me espera
Não quero mais trovejar ;
Por que grande susto tenho
D'algum dia me enforcar,
Eu quero morrer deitado,
Não quero morrer no ar.

Rio 23 de Setembro de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

Já não quero ser poeta!!

(NO MESMO ALBUM.)

Que descobro... Oh! meu Deos, Ah! que leio!!!
Que os cabellos me faz repiar!!!...
Um poeta, tão joven! que brada....
— Adeus mundo !!! que eu vou-me enforcar !!!

Qual o arcano d'um tal desespero ?
— A pobreza — Destino fatal!
Que aos poetas, aos bravos persegue!
E seus peitos! de nada lhes val!

Pois eu quero seguir os seus passos ;
Vai-te lyra.... não quero tanger-te
Jámais quero teus sons escutar !...
Foge.... foge.... não quero mais ver-te....

Que me chamem poeta não quero,
Só o nome me faz já tremer....
Antes quero seguir outra senda....
Enforcado não quero morrer !

Rio 29 de Setembro de 1856.

F. C. MARTINS DA COSTA.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 210.

A SAUVAGE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III.

Domingo 12 de Outubro de 1856.

N. 7.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES.

Os Srs. assignantes, que tiverem algumas reclamações a fazer, terão a bondade de se dirigirem á rua do Rosario n. 129, sobrado, e bem assim aquelles, aquem faltar folhas do 2. semestre, podel-as-hão procurar no lugar supramencionado.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

VII.

ESTUDOS HISTORICOS

I.

VIRIATO.

VIII.

As noticias d'estas repetidas revoltas chegaram a Roma, cujo governo vacillou por algum tempo. Tinha empregado até ali esforços sem conta para subjugar os Lusitanos, a resistencia tornavam-se cada vez mais poderosa, era mister debelal-os apezar de tudo. Para isso se destinou o Pretor Marco Vetilio, homem de singular prudencia o qual chegou á Hespanha em principios do anno 148 antes de Christo.

Os Lusitanos preparavam-se para atacar, o Pretor foi informado de que elles tentavam entrar em Andaluzia logo que chegasse a primavera.

Assim aconteceu; nos primeiros dias de Março sahiram da Lusitania dez mil homens de guerra em companhia de Viriato, o qual senão animara ainda a tomar o titulo de capitão com que o tinham mimoseado. Atrevessaram o Guadiana, e penetrando nas terras dos Andaluzes começaram

a destruir tudo com um furor inaudito. Pesava muito a Viriato esta maneira de combater, mas modesto e simples como era o heroe Lusitano não queria chamar seus companheiros a melhores sentimentos. O Pretor soubedes a destruição. Conheceu que soldados que se apresentavam d'este modo podiam ser debellados com promptidão. Sahio pois ao seu encontro com dez mil Romanos, os quaes conseguiram sem muito custo a victoria. Viriato porém acudiu com a melhor gente, e pode recolher-se a uma cidade fortificada. Aqui o inimigo perdeu muita gente, o Pretor reconheceu que nada fazia, com este meio de ataque, e dispoz-se a sitiá a cidade de tal modo que os Lusitanos cedessem por fim á fome. Com effeito as medidas foram tão sabiamente tomadas, que elles consideraram-se perdidos! Não esperando auxilio algum resolveram mandar embaixadores ao Pretor, para que consentisse em deixal-os sahir com algumas condições, entre as quaes elles promettiam recolher-se á Lusitania pacificamente.

Este expediente exaltou por tal forma o animo de Viriato, achava tão vergonhosa a acção de seus companheiros que lhes fallou nestes termos: « Que ira dos deuses foi esta oh! Lusitanos! Quereis, cegos imprudentes, perder o nome de bravos, quereis perder tantos mezes de esforços e de trabalhos? E' por acaso remoto o tempo em que vistes os valles da Lusitania regados com o sangue de vossos paes e irmãos?! Não tendes presente a mais nefanda das traições que é possível commetter-se entre gente humana? Quereis ir entregar-vos aos Romanos, e não sabeis que podem reproduzir-se as scenas de desolação que testemunhei comvosco?! Tende sempre em vista a inconstancia de Galba, a falsidade de Lucullo, que ousou estender a dextra sobre os altares dos deuses, invocando seus sagrados nomes em testemunho da palavra que dera aos Hespanhoes na sua provincia, e que por fim não observou. Estes e outros males devem servir-vos de exemplo. Se acreditaes na brandura de Vetilio, temo um futuro desastroso para vós. Coragein pois; e fiaevos em mim. Obrigo-me, e a fé dos deuses o juro, a encaminhar-vos sem perigo para um lugar seguro, onde os Romanos não ousaram chegar ».

Os soldados cederam de prompto, e era tal a confiança que tinham em Viriato que o obrigaram a tomar o título de capitão geral da Lusitana. No seguinte dia preparou-se tudo para o fim a que Viriato se propunha. Mandou armar todos os Lusitanos, e fez sahir a cavallaria que tinha, a qual passava de mil cavallos. Viriato ordenou-os em batalha, e collocando-se á sua frente fingiu querer atacar os Romanos, que de sua parte esperavam prevenidos. Isto nada mais era que uma estratégia de guerra; e desta forma puderam sahir da praça por diferentes partes todos os soldados que a guarneciam. Viriato quiz sustar os Romanos, e quando conheceu que a praça estava evacuada e os Lusitanos a salvo, começou a mover-se contra os Romanos. O Pretor ardendo em cholera procurou fazer na gente de cavallo o que não tinha sido feito com os infantes. A estratégia do heróe tinha tão bem ordenada que Vetilio vacillou-se mandaria em perseguição d'aquelles. Mas as difficuldades eram extremas, porque só os Lusitanos sabiam marchar pelas asperezas e caminhos obstruidos que atravessavam esta parte da Hespanha. Viriato conservou-se dous dias em frente dos Romanos, contentando-se com uma deffensiva pouco hostil, mas nem por isso deixou de mostrar-lhes que em caso de ataque decisivo elle o accetaria, tendo apenas mil ginetes. O Pretor não descansava. Furioso com o máo exito d'aquelle dia mandou cercar Viriato. Este foi pouco a pouco melhorando de terrenos, e quando os Romanos pensavam te-lo seguro, já elle marchava em direcção a Fribola, para onde havia mandado o seu exercito.

Elle houve-se nesta jornada com tanta destreza que os seus inimigos não conseguiram apanhar-lhe um só soldado. Em pouco tempo a nova desta acção de Viriato se espalhou por toda a Lusitana. Seu nome era acolhido com enthusiasmas acclamações, e nova gente se vinha offerecer por partilhar com elle a morte ou a gloria!

(*Continúa.*)

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(*Continuação.*)

Carlos comprehendeu que era necessario uma explicação que servisse quando o menos para instruir-o da conducta que tinha a observar respeito a Adelaide. Sentou-se pois em frente d'esta, e fez signal de que escutava.

A franceza proseguio, depois de ter lançado ao

mancebo um olhar de ineffavel doçura: O meu passado é o passado de uma mulher que se apresentou no meio da sociedade da epocha adornada do fastigio de uma belleza pouco commum. A' minha passagem pelo meio das vastas alas formadas para me receberem, ouvi tantos complimentos lisongeiros quantas eram as pessoas que as compunham. Para uma joven que sahira do convento á oito dias esse rumor vago de saudações, esse enthusiasmo de impressões devia produzir seu effeito.

Assim aconteceu. Pensei que estas demonstrações lisongeiros me eram devidas. Em pouco tempo a vaidade penetrou em meu coração, e comecei a crer que podia exigir tudo d'essa sociedade, identificando-me n'esse ruido extranho, que desconheceria até ahi.

De tal maneira o fiz que dous mezes depois era a rainha dos salões aristocratas do *sau-bourg Saint Germain*. Meu pai tinha um rendimento de trinta mil francos pouco mais ou menos. Em Pariz esta fortuna é bastante mediocre, se attendermos a que viviamos rodeados d'esse fausto e grandeza propria das fortunas collossaes.

Filha unica o meu dote podia satisfazer a ambição dos muitos mancebos que me faziam a corte; meu pai porém que respeitava muito as *conveniências* obrigou-me a dar um não formal a todos aquelles que aspirassem á minha mão sem uma fortuna equivalente á sua. Felizmente o meu coração não batia ainda por esse doce sentimento que se chama amor, por isso de pouca valia era a observação de meu pai. Um dia, após algumas horas passadas a fazer uma suscinta resenha dos meus adoradores, recebi d'este uma noticia que me surpreendeu um tanto pela prestesa com que se terminára uma questão em que infallivelmente teria de tomar parte. Estava pedida em casamento, e meu pai, que não ignorava a minha isempção, dera o sim positivo.

Era isto que elle me participava com a sua volubildade costumada, acrescentando que em oito dias se effectuaria esse casamento. Quem é o noivo? perguntei. *Mr. de Walmont.*

Casamento de conveniencia, tornei eu com uma especie de desdem; não importa, *Mr. de Walmont* agrada-me. Entretanto era um homem de 45 annos, e dotado de uma d'essas physionomias que não podem já mais inspirar sympathias. Já vedes Sr. Carlos, que a minha educação completára-se demasiado no meio das saudações com que me acolheram á minha entrada n'esse mundo elegante. Fez-se o casamento; agora o resto é tão extraordinario, apresenta-se revestido de taes circumstancias, que parecerá inverosimil. Mas eu lhe peço, acredite-me porque isto é uma confissão.

Mr. de Walmont era Secretario de Embaixada em um dos pequenos Estados do Norte. Não mes-

modia do nosso casamento, e na occasião em que os convidados enchiam os salões de nossa casa, recebeu meu marido ordem de partir *inconscienti* para a Belgica, no character de *Enviado extraordinario*.

Era forçoso obedecer, a pessoa portadora da ordem esperava meu marido dentro de uma caruagem de posta, que os devia conduzir á *Bruxellas*. Elle aproximou-se de mim, disse-me que o desculpassemos com os convidados, e beijando-me na testa partio para a commissão de que o encarregavam. Para que o Sr. não pense que invento algum conto romantico, disse a franceza levantando-se, vou mostrar-lhe a prova do que vae ouvir. Adelaide abriu a gaveta de um tocador, e tirou d'ella algumas cartas. Oito dias depois, continuou, sentando-se de novo, recebia esta carta.

Madame.

Tenho o sentimento de annunciar-lhe que seu esposo foi hontem morto em um duello. A causa d'elle, e o mais que occorreu sabel'o-ha e pelo portador, por quem ouvio os meus respeitosos cumprimentos.

Seu Criado etc. etc.

Visconde Alfredo de Velliérs.

Bruxellas 23 d'Agosto de 184....

Ajuize do meu espanto Sr. Carlos! achava-me viuva sem ter sido casada, posso assim dizel-o. Soube que a causa deste duello foram discussões politicas, como tambem me participavam que meu marido me instituiria sua herdeira. Eu o confesso, Sr. o tragico fim de meu marido não me causou a menor impressão. Era livre, rica, a minha fortuna punha-me independente de meu pai, que mais podia desejar?

Os pedidos para casamento reproduziram-se todos os dias; despedi todos os pretendentes, e aborrecida da vivenda Pariziense fui viajar. Percorri a Italia, a Allemanha, passei á Inglaterra, e após de uma demora de dous annos regresssei a Pariz. Pouco tempo depois falleceu meu pai. O desejo de viagens tornou a perseguir-me. Deixei de novo a França resolvida a não voltar mais a ella. Os acontecimentos que tenho narrado predispunham muito para esta resolução.

Dirigi-me á Hespanha, essa terra de *screnatas* e corridas de touros. Admirei Sevilha, Cordova, Toledo, percorri as cidades principaes, e uma agradável impressão me forçava a preferir a Hespanha a outro qualquer paiz. A volubilidade, segundo o que os homens dizem, é o principal defeito das mulheres.

Pela minha parte confesso que é verdade; assim aborreci-me em pouco tempo da terra do

Cid, e *dom Quichote*, e parti para Lisboa. Demorei-me n'esta capital um anno, no fim do qual cahí gravemente enferma. Aos ternos cuidados de uma velha que habitava comigo, junto aos esforços de um joven medico, do qual ainda hoje me recordo saudosa, devi, quatro mezes depois, o meu completo restabelecimento.

O medico recommendou-me os ares das montanhas; sahi de Lisboa, e depois de habitar algum tempo em Coimbra, continuei nas minhas viagens pelas provincias mais proximas.

O meu silencio respeito aos sentimentos do coração deve sorprendel-o bastante; é forçoso porém que lhe diga: nunca me deixei dominar por homem algum. Acolhia-os com distincção, comprazia-me em dar esperanças aos mais ousados, porém amor nenhum me inspirou. A excepção do medico em que fallei não senti por um homem qualquer essa scentella intima que até em nós o fogo das paixões. Eu continuava a ser a joven do claustro, com a differença de que a sociedade em que vivera por tantos annos se encarregára de corromper-me o espirito, e direi mais, parte do coração. Comprehendia os gozos materiaes da vida sem ter desejos de os experimentar; achava até prazer em considerar-me donzella, eu que podia zombar a meu bel prazer das conveniencias, eu que tinha ampla liberdade para embrenhar-me n'esse immenso labyrintho a que se chama mundo!... Carlos escutava Adelaide com uma attenção mais que respeitosa, mas quando ella chegou aqui não pode impedir de sorrir-se ironicamente, olhando-a quasi que com desprezo. Ella, pensava o mancebo, ella conservar-se tanto tempo pura!... oh! esta mulher é uma hypocrita, que zomba de mim!... A franceza traduzio esse sorriso, e empallideceu. Duvidava-se da sua confissão; aos olhos de Carlos ella nada mais era que a corteza corrompida e insultada com o nome de *barregã* na matta do coronel Fonseca. Sr. Carlos, proseguio Adelaide com voz solemne, mate-me Deus n'este instante se hei faltado á verdade!

A calumnia é uma terrivel arma; disseram-lhe que eu não passava de uma corteza que vende seus sorrisos a peso do ouro, e o Sr. acreditou essas informações. Pela memoria sagrada de minha mãe, juro-lhe que estou pura, juro-lhe que não tenho em minha vida uma só falta que possa tornar-me a mulher que lhe descreveram! Peza-me, sim, ter tão joven perdido essa pureza de coração e de espirito, mais preciosa que aquella; peza-me de não poder apresentar-me adornada d'essa auréola brilhante que adorna a mulher n'essa idade em que seu coração é um manancial inexgotavel de ingenuidade e pudor! As faltas de que me accusei no principio da minha narração são estas, o meu passado nada mais

tem de notável, faço uma confissão e apresento-me como sahi do meio da sociedade faustosa do mundo elegante... Se houver um só homem que se vanglorie de ter recebido de mim mais que alguns sorrisos de cumprimento — esse homem é um infame — um calumniador!...

Lourenço?... Lourenço não pôde dizer nada em opposição a estas verdades, interrogue-o em minha presença, e convencer-se-ha de que lhe mereço mais algum conceito.

(Continua.)

Um passeio de estudante.

Fatigados os laboriosos, dos trabalhos do dia e dos estudos; os vadios, de papar moscas, entregamo-nos em corpo e alma a Morpheu na noite de sabbado 27 do proximo passado, concebendo anticipadamente a folga do domingo immediato, que, apesar de não ser dia de *sahida*, muito nos devia aprazer. — Depois de longas horas de conferencia com os nossos travesseiros, raiou para nós o feliz domingo, tão bello e tão fagueiro, que enchia de jubilo os nossos corações, nos fazia saltar, e nos tornava sobremaneira falladores; contra o nosso bom costume. — Uma vez vestidos e prompts, esperavamos com impaciência febril a ordem de (*marcha*), sem nos lembrarmos do nosso almoço, que do fundo do refeitório já nos accusava de injustiça; mas não foi duradoura essa impaciência, por quanto uma sineta, que bem depressa nos fez ouvir seus sons vibrantes, nos tirou do olvido em que elle estava.

Depois de mandar para a barriga. (com uma presteza que mui bem compensava o nosso primeiro esquecimento,) a comida que achamos diante de nós, partimos a dous do fundo, desfilando por essas ruas como um batalhão de fuzileiros; fomos dar com o costado na igreja da Ajuda da qual sahimos depois de terminada a missa. — Posemo-nos de novo em marcha; conjecturando para onde nos dirigiríamos; mas apenas tinha-mos chegado ao meio do caminho, quando volveu á esquerda o nosso batalhão, e em poucos minutos achamos-nos no meio do *do passeio Publico*, aonde estivemos por muito tempo vagando sem direcção por suas ruas, mas não havia lá grande concorrência, o que aliás não permittia a hora, pois ainda não era meio dia.

Acabadas as nossas excursões de norte ao sul, de leste a oeste, voltamos para casa, aonde nos esperava o jantar.

Tendo feito mui conscienciosamente a nossa soffrível entrada pelos pratos bem recheados de varias iguarias que nos apresentaram, tomamos sempre a dous do fundo, o caminho do

Sacco do Alferez. — A minha tenção não é relatar tudo o que nos aconteceu durante a marcha, não, tenho pressa de chegar lá. — Uma vez chegados á ponte do *Sacco*, fomos immediatamente cercados por um numerooso concurso de catraeiros, os quaes, em menos tempo do que levo a descrevel-o, fizeram coalhar o mar ao redor da ponte, de uma infinidade de catraias, botes, fáluas, etc., etc. não sei como não nos offereceram também jangadas!...

A bondade do nosso digno director, que nos acompanhava, facultou-nos o ingresso em cinco botes dos melhores que lá vimos.

Os meus collegas pressurosos saltaram aos botes, mas não tão depressa como queriam, pois descjavam azas para voarem com mais ligeireza. — Eu, como mais vagaroso, achei um bom lugar na prôa, aonde me sentei; mas não se persuadam os leitores que era eu a figura da prôa, não, porquanto, um meu collega ainda mais vagaroso, vinha sentado sobre o beque da prôa, que gosto!... Em fim bem ou mal sempre nós aranjamos, como podemos, e tudo disposto, fez-se á vela a nosso pequena frota, quero dizer, principiaram a remar os catraeiros. — Foi longo o nosso trajecto, durante o qual, cruzavam em varias direcções, diversos botes, baleeiras etc., uns vasos outros carregados, e todos faziam continencia e arreavam bandeira diante de nossa respeitavel frota!!

Depois de uma feliz derrota chegamos finalmente ao termo de nossa viagem, achando-nos, não sei como, na ponte das barcas em S. Christovam, aonde havia a festa de Nossa Senhora do Socorro. — Eis-nos a explorar todos os cantos e recantos de S. Christovão, apenas interrompidos pela demora que de nós exigiam os acordes melódicos dos clarins, rebecas e violões, que, de espaço a espaço, nos faziam ouvir seus encantadores sons. — Não cessamos as nossas correrias e explorações, senão quando fomos avisados que nos fossemos: immediatamente entrou tudo em linha e d'ahi a pouco a voz de (*marcha*) nos tirou a immobibilidade em que estávamos. — D'esta vez não fomos embarcar, mas devíamos vir por terra, resignamo-nos pois com a nossa sorte e principiámos a monobrar mui admiravelmente e a marchar com toda a precisão possível. — Depois de termos marchado, marchado e marchado, sentimo-nos mui fatigados e de tal sorte, que para podermos chegar a casa, entramos na marcha dos batalhões da guarda nacional da roça. — Atravessamos pontes, passamos por montes, valles, rios, pantanos, e toda essa enfiada de ruas, cada vez mais cansados, e ardentemente desejando chegar a casa; cumpriu-se por fim o nosso desejo e em breve comparecemos perante a cea que rapidamente desapareceu de cima da mesa.

Tendo nós descansado um tanto da massada

quetivemos fomos pela segunda vez da minha narração, visitar Morpheu, que prestes nos recebeu com todo agrado, mas ao raiar de segunda feira apressou-se em nos desamparar, abrindo outra vez o curso de nossos trabalhos e deixando-nos cheios de saudades do domingo e com a maior esperança de que não ha somente um domingo.

J. A. S. RIBEIRO JUNIOR.

O Dominó Encarnado.

POR

XAVIER DE MONTEPIN.

Traduzido

POR

D. A. MACIEL DO AMARAL.

Já por de sobre os acontecimentos que vamos narrar, hão decorrido dous seculos e meio, e todavia a sua recordação ainda é vivace em innumerables pessoas de Veneza, e os bardos do Lido acercados de myriadas d'ociosos e Lazzaroni encenam cada noute, como thema favorito de seus des-cantantes, o drama sinistro que passamos a esboçar.

Veneza em 1650, era uma republica florescente, se é que este termo, que se toma por synonymo de liberdade, ou antes de licença, pode ter applicação a um Estado, cujos habitantes eram escravos desde o berço até ao tumulo.

O temor era geral, porque geral era tambem a delação, e esta significava a morte ou o captivo em Plombs. O pai tinha apprehensões do filho, o marido tremia em presença da esposa, o irmão suspeitava do irmão! E nem eram hyperbolicos estes receios, pois que espiões desconhecidos, a soldo do conselho dos Dez, devassavam os penetraes de todas as familias.

Quem visse este pavor geral, supporia que cada individuo entregue ao egoísmo e abraçando em seu odio como em sua desconfiança, a comunidade, era extrinseco a odios perseverantes e individuaes.

Enganar-se-hia.

As maldições do povo pairavam sobre as cabeças de homens de fortuna e cathogoria dissimilhanes. Um destes dous era Camillo Cavalcanti, nobre Veneziano. O outro, Beppo Conti, a quem a aureola sanguinolenta de seu punhal havia grangeado o appellido de *Mammone* (demonio) era um famoso *bravo*. Camillo podia passar por um cavalleiro encantador; tinha vinte e cinco annos, alto, delgado e louro. Ninguem o sobrelevava na elegancia com que vestia seu gibão de veludo de mangas compridas e abertas, penden-

tes, por detraz do braço, nem alguém, como elle tinha ademans mais gallardos, nem mais de fidalgo. Tudo finalmente em seu exterior seduzia, tudo, até a expressão franca e expansiva de sua phisionomia.

Do mesmo modo, porém, que a manceuilheira esconde o veneno sob uma apparencia por de mais attrahente, assim o exterior agradável de Camillo mascarava um coração embotado, uma alma corrompida, chafurdada em todos os vicios, na devassidão, na perfidia, na baixeza, na perversidade, e até na cobardia; porque Camillo era cobarde, apézar da coragem ser tão trivial em Veneza, que mal se lhe concediam os foros de virtude.

Cavalcanti estava ligado pelos vinculos da familia ás casas mais poderosas da republica. Contava um d'oge no numero de seus antepassados e o actual era igualmente seu parente. Seu pai, morto havia annos, tinha-lhe legado uma immensa fortuna, a qual, apenas emancipado, derreteu rapidamente ao fogo de suas satanicas paixões. Com uma parte desse ouro cevou elle a avidez insaciavel da lubricidade, com a outra as profusões das orgias, os prejuizos do jogo, as punhaladas dos bravos e mil outras extravagancias d'um luxo insolente e real. Na epocha, em que começa esta historia, Camillo estava completamente arruinado, não obstante, elle esperava reconstruir o edificio desmoronado de sua fortuna, desposando alguma rica herdêira que se deixasse seduzir pela ebia de sua elegante figura e suas nobres maneiras. Por precaução, havia já cansado suas vistas sobre a bella joven Helena Formasari.

Agora, pois que temos esboçado ligeiramente os traços principaes do character detestavel de Camillo, occupemos-nos do homem que designamos como seu rival no odio publico. Todas as noutes por este tempo, na hora em que o sol acabava de descambar por detraz dos pinheiros dos Alpes Tyrolianos, um homem de estatura meia, sahia a passos lentos da praça de S. Marcos, penetrava por um dos caes, parava no vestibulo do pateo, que conduz ao interior do palacio pela escada dos Gigantes, sobre que rolou a cabeça de Faliero, e ali recostado a uma pilastra esculpida, passava horas esquecidas n'um estado de perfeita immobibilidade.

Parecia ter pouco mais ou menos 30 annos d'idade. Suas feições nobres e regulares, porém, bastante morenas expandiam a resolução e a energia. Seu exterior nada tinha de extraordinario, entretanto, apenas elle se approximava, o povo abria caminho e se afastava como ante um empestado, e o caes ficava deserto, logo que elle se postava perto da entrada do palacio. Os galho-feiros improvisados, os cidadãos, soldados delmatas, os marinheiros das galeras, os frades,

os judeus do Rialto, as damas da cidade, e as mulheres de costumes frívolos, afastaram-se igualmente n'um instante, estes lugares cheios de tumulto eram dominados por um silencio tumular.

De quando em vez, cavalheiros embuçados, e e trazendo por acrescimo de segurança uma meia máscara de veludo preto, approximavam-se silenciosamente deste desconhecido, segredavam-lhe, faziam passar ás suas mãos uma bolsa recheiada de ouro e retiravam-se olhando em torno se alguém os espiava e os reconhecia.

No dia immediato achavam-se cadáveres, fluctuando nas lagunas. Todos traziam o signal bem conhecido de um punhal triangular e os pescadores diziam uns aos outros. — *Il Mammone* ganhou dinheiro esta noute!

E' que effectivamente o incognito da ponte dos Suspiros, era Renzo Mammone o bravo!

(*Continúa*).

POESIAS.

Estamos pagos.

Não me falles, teus protestos
De que valem, se doestos
Tenho hoje por preceitos?
Os sorrisos são fingidos
De teus labios os pedidos
Bem os tornam contrafeitos

Não me falles, vãs escusas
Para que? tu me recusas
A verdade confessar;
A sentença esta lavrada
Vejo-t'a na fronte estampada...
A que vem o teu fallar?

Não me falles, a verdade
Eu a sei, e saudade
Não me resta, oh! que não!
Se no prisma enganador
Vi brilhar o teu amor
Sacrifico-o sem paixão.

O que resta é uma lembrança...
Nem se quer a doce esperança
Me acalenta o coração;

Tenho visto juramentos
Prejurados, sentimentos,
Esquecidos já estão

Não insistas, no passado
Ha um dia decantado
Que esquecel'o saberei;
Eis-nos pagos; perjurastes
Esse dia recordastes
Nada devo, perjurei

Não me falles, tua estrella
Já se esconde, foi mui bella;
Já brilhou no horizonte;
Vem os annos; porque esperas
Que essa estrella que veneras
Como foi, p'ra ti desponte?

Adeus pois, estamos pagos
Para mim esses affagos
O que dizem, que serão?
Não te importe o meu futuro,
A verdade é o teu perjuro
Tenho-a aqui... no coração...

Santa Thereza, Setembro 20 de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Gabriella.

A belleza decantada
D'aurora, estrellas é nada
A par d'ella;
Com graça maga ou divina
Todos encanta e domina
Gabriella.

O fim da tarde serena,
Que pranteia a brisa amena,
Não revela
Mysterio que tenha doçura
A quem vê rir com brandura
Gabriella.

Se em noutes d'Abril florido
Ergue o seu hymno sentido
Philomela

Não chega ao ai solto ao vento
Que arrancou d'um *pensamento*
Gabriella.

Perfumes da violeta
Que tão occulta vegeta,
Tão singela
Não val o aroma qu'exala
Dos rubros labios, se falla
Gabriella.

Symbolos d'antiguidade
Ou sejam flores ou deidade
Casta e bella,
Tudo que ha de bom na terra
Nobre, puro, bello encerra
Gabriella.

S. Paulo, Julho 1853.

J. C. L.

Suspiros.

Oh! quanto eu não-daria, Elisa bella,
Por um suspiro teu,
Se ao soltar o suspiro, teu amor
Fosse sómente meu.

Oh! quanto eu gostaria Elisa bella,
De te ver suspirar
Se tu entre suspiros me disseras,
Só a ti heide amar.

Quanto seria feliz,
Quanto seria ditoso,
Se fossem meus os suspiros
D'esse teu peito mimoso

Mas ah!... sou tão desgraçado,
E' tal' o meu soffrimento,
Que mesmo pensando em ti
Solto suspiros ao vento

São tristes os meus suspiros,
Por que me fazes soffrer?!..
Pois que amar sem ser amado
E' cruel — antes morrer!

BELMIRO

Ao MEU AMIGO

JOSÉ ANTONIO DOS SANTOS CORTIÇO.

Ha tempo lançaste em meu peito o primeiro
Sentir verdadeiro—de pura amizade!
Agora quem hade, conter-me a alegria
Que já não cabia no peito; -- quem hade?

Tu só meu amigo serás o sacrario
Sincero, não vario, de eterno querer!
Em quanto viver eu serei teu amigo
No gosto, perigo — desgraça e prazer!

Nessa alma bemdita que Deos caridoso
Fadára bondoso — de feitos só nobres...
Amparo dos pobres... altiva nobreza...
Divina pureza... com gloria te cobres!

Ao ver-te sereno de rosto, cuidando
Na virgem, luctando c'o a morte impiedosa,
Notára saudosa, tua alma, que estava
Que la suffocava martyrios da *rosa*!

Quem tanto, qual tu já fizera inspirado,
Por bem do — coitado que deve morrer?!
Quem tanto, qual tu d'alma nobre senhor
Por bem, sem amor, te imitára fazer?

Ensinas a todos que podem, sem teres,
Os santos deveres de Ceos, caridade
Com outros mais pobres usarem na vida,
De penas seguida, de dôr, orphandade!

Na terra — Cortiço — fiquei, para sempre
De prompto contente, teus feitos cantar
No Ceo aquelle anjo... subido, d'onde hade
De Ceos a bondade te desça, rogar!

A minha corôa é de lourós tecida
Gerada, nascida no peito de amigo,
Agora te dada, que foges de mim,
Os dias que emfim, nas saudades te sigo!

Setembro 30 de 1856.

J. J. BARBOZA DE CASTRO.

Amizade

NO ALBUM DO MEU AMIGO, ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Quizera ter uma lyra
Uma lyra sem rival,
Que se alguém um som ouvira,
Julgasse um som divinal;
Poeta ser, e na terra,
O fel amargo que encerra,
Meus labios nunca libar,
Ter sempre alegre vivo,
O peito jamais tranzido
De dôr cruel, de matar.

Viria então no teu livro
Depositar a canção,
Do sentimento mais vivo
Que possue meu coração,
Seria um canto d'amizade,
Dessa tão sancta deidade
A poucos dado entender,
Do pensamento á grandeza
Eu juntaria a belleza,
De meus versos ao fazer.

Do pobre e triste proscripto
Chorando a terra natal,
Nascida no peito afflicto
Essa amizade leal,
Sem estro, sem harmonia
Falto de toda a poesia,
Abranje acaso valor?...
Do que serve reseguida
Mirrada no chão cahida,
Uma innocente flôr. ? ! .

Inda assim tenho vontade
De nesta folha ofertar
Minha sincera amizade,
Porque mais não posso dar,
E como não sou poeta,
E tenho a mente deserta

De feliz inspiração,
Só posso vibrar na lyra
Rude canto que sentira
Nascer neste coração.

Rio, 22 de Setembro de 1856.

MANOEL ALVES V. P. CASAL.

Desalento.

Eu não quero tanger mais a lyra
Em que amores outr'ora cantei....
Eu não quero poisar mais a vista
N'esses cantos que della arranquei !...

Eu não quero em memoria esse tempo
Que d'amores vivi illudido....
Eu não quero que viva na mente
A cruel que o amor há trahido !...

Eu não quero d'amor em minh'alma
Essas chammass ardendo sentir....
Eu não quero já mais sobre a terra
De ninguem os carinhos fruir !...

Eu não quero que nestes meus labios
Um sorriso me venha pairar....
Eu não quero oh ! não quero do mundo
Gozos futeis já mais disfrutar !...

Eu não quero manter mais a esp'rança
Com que louco té qui hei vivido....
Eu só quero fugir aos enganoss
Deste mundo fallaz e mentido !...

Eu só quero viver em silencio,
Longe, ás vistas do mundo fugir!...
Eu só quero..... mas ai! nada posso!
E' forçoso meu fado cumprir ! ! !

Setembro de 1856,

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 210.

A SAVANNE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III.

Domingo 19 de Outubro de 1856.

N. 8.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

VIII.

ESTUDOS HISTORICOS

I.

VIRIATO.

IX.

A acção de Viriato, a sua estrategia, deixou Vetilio mergulhado em profundas reflexões. Desejoso de obscurecer a honra que resultava a Viriato do seu ardil, caminhou para Tribola com toda a gente de que podia dispôr, além dos Andaluzes que encontrava em seu caminho. Os Romanos tinham muita confiança n'estes habitantes de Hespanha, porque pelejavam com a mesma destreza e tenacidade que os Luzitanos, o que não acontecia aos primeiros por causa de suas pesadas armas, e porque eram forçadas a combater a pé firme. Vetilio porém enganava-se; longe hiam os tempos em que os Lusitanos batendo-se desordenadamente, confiavam muito em si; agora as scenas tinham-se mudado. Viriato commandavos-os, e á frente d'elles os Romanos achalo-hião sempre dispostos e previnidos para recebê-los. Neste presuposto Viriato aguardou o Pretor na passagem de umas serras asperas, que formando entre si um vale plaino e espaçoso, o cercavam com duas entradas extremamente estreitas por onde era difficil a passagem a mais que dous homens de cavallo. Foi nesta posição que o heróe Lusitano esperou Vetilio. Facilitou o vale e as entradas, emboscou a sua gente nas penedias, com tal ordem e silencio que as avançadas dos Romanos nada puderam perceber. Convinidos de que estes lugares lhes eram propicios para descansar, penetraram no valle, e começaram por tirar assellas e os freios dos cavallos, o que feito se deitaram os Romanos com todo o socego. Os Lusitanos ardiam em desejos de entrar em batalha. O astuto capitão, comprehendendo

estas boas disposições mandou arremetter, e em um momento os gritos, e o tenir das espadas e das lanças echoou pelo valle. A confusão entre os Romanos foi extrema.

Procuraram a fuga como unico meio de salvação, mas estava destinado que Viriato vingasse desta feita a traição de Galba. O proprio Pretor, que tinha dado o exemplo da desordem, pagou com a vida a sua louca temeridade. Feito preso por um Lusitano, contava ao menos com a vida, porém o seu *brutal* perseguidor achou-o velho e obeso de mais, e com um stoicismo digno dos Espartanos disse:

Para que me serve este traste? Vendel-o; não dará nada, obriga-o a acompanhar-me como escravo, servir-me-ha de embarço porque o terei de carregar algumas vezes; assim matemol-o. E Vetilio pagou o seu tributo de morte.

Paulo Orosio empresta aos Lusitanos um expediente de que não lançaram mão; diz que os Romanos foram passados a cutelo, quando Apiano e Raymundo desmentem esta asserção.

Segundo Apiano, quatro mil Romanos ficaram no campo da batalha, não contando com os Andaluzes para quem os Luzitanos foram sem piedade. Indignavam-se que esta provincia se armasse em favor d'aquelles que tinham vindo para a escravizar, quando as circumstancias e o seu dever era formar causa cummum com os primeiros. A causa era santa e nobre; todos combatiam pela independencia do seu paiz — pela liberdade.

Hajam embora historiadores que pretendam contestar o direito que lhes assistia, empregando para isso argumentos que a mesma ordem natural das cousas destroe, hajam muito embora espiritos mesquinhos que attribuem a Viriato as idéas sanguinarias que tornavam Galba tão notavel, os mesmos historiadores Romanos, aquelles que gozavam de toda a confiança dos *Consules*, são unanimes em declarar que Viriato jamais consentia que seus soldados rompessem em excessos que podessem servir de desdouro ao nome que traziam... O Questor com um numero insignificante de Romanos, pode escapar a salvo, recolhendo-se á cidade de Carpeso. Ali e em segurança tratou de chamar nova gente ás armas. Os

Celtiberos, alliados e amigos dos conquistadores enviaram-lhe cinco mil homens, os quaes com seis mil Romanos, tudo commandado por aquelle se pozeram em campo contra Viriato.

O Questor que attribuia o feliz successo do primeiro mais ao ardil que á coragem dos seus soldados, offereceu-lhe batalha convencido de que sahiria vencedor. Enganou-se; Viriato acolheu-o com tão boas disposições, que assevera-se não ter escapado um só dos doze mil inimigos! Os despojos foram immensos, Viriato pouco ambicioso e combatendo pelo muito amor que tinha á sua terra, guardou para si bem pequena parte. Os seus soldados participaram de tudo com uma igualdade pouco commum ao espirito da epocha, em que os generaes ou capitães procuravam enriquecer-se á custa de muitas victimas indefezas e innocentes. Havia outra cousa em Viriato. Do pouco que guardava para si, repartia-o quasi sempre por aquelles que tinham obrado acções de valor durante a batalha, e como este precedentes despertavam os brios dos mais ousados, segue-se que o heroe Luzitano era sempre o pobre pastor de outro tempo...

(*Continúa.*)

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(*Continuação.*)

Carlos estava indeciso; a franceza exprimia-se com tal convicção que não permittia a duvida, mas naturalmente desconfiado e prevenido elle vacillava.

Adelaide que adivinhou talvez o que se passava no espirito de Carlos, faz um gesto de afflicção tocante, sorrio-se com resignação, e deixou pender a cabeça sobre o peito. Dir-se-hia que era a ré escutando o seu juiz.

Madame, disse o mancebo por fim, agradeço-lhe a confiança que depositou em mim — acredito-a, e d'aqui em diante saberei respeitá-la procurando também fazer com que a respeitem. Cedi ás informações d'alguns despeitados, a culpa não é minha, porque foram elles que se encarregaram de prevenir-me.

Apenas isso? perguntou Adelaide levantando o bello rosto, nos olhos do qual Carlos vio brilhar duas lagrimas.

Que deve esperar de mim, a não ser isto?

O que devo esperar?... o que pretendo? tornou ella com energia; mas não sabe que o amo, e que a sua frieza me mata?...

Perdão, Madame, disse Carlos, as circumstancias são bem crueis, para que tratemos dessas puerilidades.... Eu lhe peço, responda se pôde ao meu pedido de ha pouco.

Amo-o... amo pela primeira vez, e este amor tem sanctificado o que havia em mim de mau. Amo-o até dar a vida por si, Sr. Carlos... Compreende que para uma mulher como eu, este amor deve ter consequências,...oh! é a minha vida, o meu tudo!...

Escute-me ainda: Antes do nosso encontro na matta eu já o amava, uma esperança fagueira me dizia que este amor seria partilhado. Procurei chamá-lo a minha casa para me conhecer, e convencer-se por seus proprios olhos que eu era calumniada... Soubes que o Sr. responderá a alguém que jámais transporia os hombraes de minha habitação, inspirava-lhe desprezo tudo que partia de mim, e chegou até a roubar-me a affeição de uma joven que amava como filha. Nada d'isto porém diminuiu o meu amor. O acaso levou-me á matta, ouvi tudo o que dizia a Lourenço, e durante esse tempo eu soffria angustias mortaes. Quando porém chegou o momento em que o Sr. insultava uma mulher no que tem demais precioso a honra, não pude sustêr, e appareci! Ah! eu inspirava-lhe um desprezo tal, que continuou a lançar-me doestos e injurias. Acredite-me Sr. Carlos, se o meu amor não fosse tão violento, se não fosse verdadeiro, eu procuraria vingar-me, porque quando a mulher é ferida em seu orgulho ella rompe todas as conveniências que a ligam á sociedade, e vinga-se. D'ahi em diante prometti a mim mesma acabar com tudo que pudesse lembrar a Adelaide d'outra ora. Fechei as portas da minha casa, despedi todos aquelles que me faziam a côrte, recolhi-me á vida intima e socegada, esperando sempre que o tempo destruísse apprehensões. Se o conseguí ignoro-o, consola-me porém a idéa de que lhe disse tudo, e que n'esta confissão tive unicamente em vista o meu amor e o meu futuro...

Não ignora que amo outra, respondeo Carlos, sabe que este sentimento é também a minha vida o meu tudo, já vê que não posso acceitar o seu.

Mas Luiza foi raptada, e Lourenço... Ah! confessa por fim que teve parte n'esse pauto? disse Carlos com indignação!... Perdão Sr. eu amava-o tanto!... tornou a franceza, arrastando-se aos pés de Carlos, que pretendia sahir.

Levante-se, madame, nada mais lhe posso dar que o meu desprezo.

Perdão, perdão, prosseguiu Adelaide abraçando-se com os joelhos de Carlos; mate-me, mas não me acabrunhe com essa frieza... vamos eis-me a seus pés, serei sua escrava, irei para onde o Sr. mandar, farei tudo quanto quizer, mas perdoe-me. Oh! Sr. Deos é testemunha de que não pretendia causar-lhe o menor mal!

pensei que Lourenço... mas sempre a mesma impassibilidade, nem uma palavra sequer de compaixão!... E com effeito Carlos cruzara os braços e deixára Adelaide abraçar-se-lhe nos joelhos. Um sorriso de desprezo e ironia pairava-lhe nos lábios, dir-se-lia que era a estatua viva da maldição!...

A franceza estava sublime de dôr e afflicção! As lagrimas, a sua pallidez, a sua attitude, a expressão que dava as suas palavras, tudo n'ella causava dô!... Oh! era preciso que esta mulher amasse muito para arrastar-se aos pés de um homem que lhe lançara em face os mais crueis sarcasmos!...

Carlos continuava na mesma posição, e a franceza arquejante, fazia esforços inauditos para obter d'elle uma só palavra que a absolvesse do seu erro.

Simple falta para uma mulher que ama até a loucura; e vê outra arrebatá-la a partilha d'esse amor!

Perdão, Carlos, perdão! tornava Adelaide com uma inflexão de voz dolorosa. Já não lhe peço que me ame, prosequio ella, mas ao menos conceda-me a dita de morrer ao seu lado... desprese-me... cubra-me de doestos e injurias, mas consinta que viva com o Sr. E' bem pouco o que lhe peço... Verá como estarei prompta para obedecer-lhe, verá quanta dedicação ha em mim... e depois. depois talvez que obtenha do Sr. um olhar que poderá compensar o muito que soffro e tenho soffrido!...

Adelaide levantou-se e lançou a Carlos um olhar respassado de tanta doçura e tristesa, que este ficou commovido.

Pesavam-lhe os soffrimentos d'esta mulher, comprehendia-os, mas o seu coração repellia qualquer palavra, que podesse revelar o sentimento. A ferida porém era profunda de mais para que tão depressa cicatrizasse, por isso esse signal de commiserção foi rapido.

Madame, disse elle, com vós pausada e solemne, de hoje em diante tudo acabou entre nós; nem uma palavra sequer que indique os poucos momentos que estivemos a sós. Inspirar-me-ha sempre o mesmo desprezo, porque contribuiu para uma acção infame, que será o desgosto mais cruento da minha vida.

Oh! eu amava tanto a Luiza, que perdoaria ao assassino de meu pai se m'a apresentasse pura como sahio da casa do seu!

O meu amor era nobre como era nobre a mulher que o inspirou; trocal-o por aquelle que me offereceu... ah! pode accaso o prazer compensar o outro!...

Adeos, madame, não lhe perdão nem lhe perdorei jámais, e deixando-a deixo-lhe o remorso de ter contribuido para a deshonor de uma menina, e para a desgraça d'aquelle que podia res-

peital-a como mulher, entretanto que não posso dar-lhe mais que o meu desprezo!...

E acabando de pronunciar estas palavras, sahio arrebatadamente.

Adelaide, desvairada, pretendeu acompanhá-lo mas as forças faltaram-lhe e cahio no chão, dando um grito agudo e penetrante.

(Continúa).

Enlevos.

Não é de hoje, não é d'esta época que existe e se emprega a ambição em grande escala, caminha a par do tempo desde muitos seculos, e o ser-se parente, ainda o mais chegado não é ser isento de soffre-la, ou emprega-la; não precisamos voltar a Caim, e a Abel, depois d'estes tem havido muitos! Mas com quanto tenhamos sciencia de que isto é verdade, sempre que temos a fallar d'esta verdade, se nos arrepiam as carnes, se confunde nosso espirito! Sempre nos pareceu que os parentes deviam ajudar a seus parentes, que n'isso estava um modo de proceder agradável a Deos, e aos homens. Desgraçadamente nós vemos n'esta época parentes ricos, ou com essa fama, perseguirem os parentes de poucos teres, com um cinismo inexplicavel! não os quererem ver, nem os terem perto de si, buscarem destruí-los por todos os meios!... São um circulo de ferro que se vai apertando, até esmagá-los, e a antecipada idéa de que o hão de conseguir os traz consolados! Fraqueza humana que busca só consolar-se, e consolação também existe no conseguimento d'uma perversidade! Mas quasi sempre succede que quando um parente persegue outro, não obra só pela sua inspiração; todo o homem tem um amigo com quem consulta e combina seus actos, se sempre sesae bem, liga-se de tal modo a esse amigo que se entrega todo a elle, fica sendo o seu tudo, o seu oraculo. Esse amigo pensa um dia na influencia que tem sobre o outro, reconhece que póde dispôr d'elle d'um modo favoravel a si, se o destino quizer, só não póde contar com o destino, mas acredita que lhe será favoravel, prepara o mais; dê-se o caso que se falla d'um irmão rico, que tem outros irmãos em quaesquer circumstancias, estes irmãos são-lhe um obstaculo, dando-se com elle, e presentes. Que fazer?: Promover a discordia, e esta bem manejada brotará a perseguição. Estes homens são perigosos na sociedade, no entanto que ha muitos! Esses tornados authormados, não se lembram das intenções dos seus oraculos, tal é a confiança que n'elles tem, confiança que a tantos tem sido fatal. Se em lugar d'esses oraculos nós consultassemos nossas consciencias, essas dimanações de Deos, (em seus

principios mas que os actos corrompem) que melhores não seriam nossos actos! Parentes ajudando-se reciprocamente, juntos recordando suas familias! que felicidade, mas ha quem prefira lagrimas, perseguições, a troco de remorsos, e vituperios colhidos nas recordações e na sociedade!!! (Continúa.)

Outubro 13 de 1856.

I. J. BARBOSA DE CASTRO

o Dominó Encarnado.

POR

XAVIER DE MONTEPIN.

Traduzido

POR

D. A. MACIEL DO AMARAL.

II.

AS DUAS MULHERES.

Aos raios abrazadores do sol Italiano, havia succedido a brisa do Adriatico com sua deliciosa frescura. Myriadas de gondolas cingravam os canaes na direcção do porto, procedentes de Fusina, ou das ilhas contiguas. Era porém, sobre tudo ao longo do grande canal bordado pela praça de S. Marcos, que se viam resvalar os barcos mais sumptuosos, cheias de trigueiras Venezianas.

As gentis *signores* sorriam-se ao passar, retribuindo com um olhar gracioso, ou com um secio movimento de leque ás saudações e comprimentos dos galantes senhores que faziam manobrar suas gondolas em cerca dellas.

Entre estes ultimos distinguia-se D. Camillo. Ia embarcado n'um batel preto, cujos labores maravilhosos realçavam ainda douradoras d'um gosto exquisito. Seis pretos maniavam os rémos. Trajavam jaquetas brasonadas com as suas côres. Anneis de prata marissa brilhavam em seus pescoços, em seus pulsos e nos tornozellos. Camillo não ia sentado. Em pé, n'uma attitude negligente e talvez um pouco pretenciosa, apoiava-se no pavilhão de sua gondola cujas cortinas estavam abertas. Com a mão esquerda segurava uma guitarra e com a direita brincava com uma pequena mascara de veludo, suspensa por uma fita de sêda a uma casa de seu gibão.

Perto do conde ia igualmente em pé um mancebo que por seu traje brasonado, como os dos negros, se reconhecia por subalterno, mas cuja

attitude ao mesmo tempo familiar, revellava um desses creados privilegiados e favoritos. Chamava-se Grizzo, era o guarda-roupa, o confidente e a alma precita de Cavalcanti. Havia quasi uma hora, que a gondola de que tratamos, percorria a Giudecca em todos os sentidos, quando Camillo, que parecia absorto por suas reflexões ergueo a cabeça — Grizzo.

— Signore! Respondeu o creado levando a mão á sua gorra.

— Ao porto...

Grizzo transmittiu esta ordem aos remadores, e a gondola deslisou rapida e silenciosa, com esse movimento d'oscillação fantastica produzido pelo continuo vai-vem das pequenas vagas que se quebram contra as calçadas. Ao sahir do canal o escaler de Camillo atravessou em frente de um desses bateis, em redor dos quaes só tem stacionar as gondolas de frete. A praça estava então deserta; só uma rapariga collocada no ultimo degráu, parecia esperar a volta de um dos barcos destinados ao serviço publico. Se bem que vestida com muita simplicidade, esta moça era encantadora. Trajava uma saia curta de côr carregada, uma mantilha preta lhe envolvia o corpo, terminando por um capuz que podia, quando assim aprouvesse esconder o rosto, porém, que descido para traz neste momento, deixava patentes um rico cabello castanho escuro, e um rosto delicioso. Camillo era entendedor, porisso deu logo ordem ao creado para fazer amainar o movimento dos remos, apenas beirou pelo batel, chamou Grizzo. — Reparas-te naquelle rapariga? lhe perguntou. — Sim Senhor. — não achas que é linda? — Encantadora; Senhor. — Conhecel-a.

Oh Signore, eu sei de côr todas as virgens estouvadas da nossa cidade, mas relativamente as que fazem profissão de sisudas e de severas o caso é outro! Além disso, se V. S. deseja conhecer esta rapariga basta proferir uma palavra, e conhecel-a-ha esta noute.

— Per Bacco! Isso pouco me importa, todavia, faz o que quizeres.

Grizzo disse algumas palavras aos negros que fizeram n'um instante virar de bordo a gondola, e attracaram proximo do batel em que a rapariga contiuvava a esperar. Grizzo saltou em terra, confundiu-se por entre os grupos dos passeadores, sem todavia perder de vista a coitada que permanecia tranquilla e calma, como a perdiz que não suspeita a chegada do sabujo. — Ao palacio Fornazari! disse Camillo, apoz admirar de novo as lindas feições da pequena Veneziana illuminada pelos raios da lua que faziam realçar sua alva e aurea cutis. A gondola partiu como uma frecha. — Cantai! Acrescentou Camillo. E os barqueiros, elevando a voz em côr, fizeram ouvir uma dessas barcarollas predilectas dos pes-

cadores das lagunas e de que cousa alguma poderia exprimir a magica e doce harmonia, de noute, em mar de bonança. Durante estes des-cantes a gondola tinha atravessado diversos canais, quasi desertos. De repente com um movimento retrogrado dos remos, parou ante um palacio de bella apparencia.

Tudo em roda era silencio ; tibia luz bailhava apenas no primeiro andar em uma das janellas vendadas por uma gelosia. Camillo travou de sua guitarra, afinou-a e pôz-se a cantar *amoroso* um romance de sua composição, a voz do Veneziano era agradável ; na sexta copla uma sombra interceptou a luz do interior, abriu-se a janella, uma mãosinha alva suspendeu a gelosia, que tornou a cahir, logo que o cantor foi reconhecido e a janella fechou-se com tal vivacidade que denotava senão cholera, sequer impaciencia. Camillo cantou ainda duas ou tres coplas e apoz receando que o fresco da noute o endefluxasse, ordenou a seus gondoleiros que remassem para a sua habitação. Havia já entrado depois de alguns instantes tinha mudado sua roupa de aparato, por um sumptuoso roupão, e se deitando sobre um divan saboreava um sorvete de marrasquino, quando batteram de leve a porta. — Entra ! disse elle. Ah ! és tu, Grizzo ? — Eu mesmo, signore. — Soubeste alguma cousa. — Muitas signhor. — O nome da rapariga ? — Pepita, sua idade ? Desesete annos. — Onde mora ? — Proximo á igreja da Madona das flôres. — Diz-me, é dessas virgens estouvadas, servindo-me de tua expressão pittoresca ? — Casta como abemaventurada Gizelda, virgem e martyr, minha padroeira. Mora em uma casinhola, sózinha com seu pai velho soldado invallido paralytico e cego. Trata delle constantemente, e sai tão poucas vezes que é um milagre ach-a encontrado esta noute. Demais a mais, tem um amante, que segundo dizem vai casar com ella. — Um pescador, ou gondoleiro. por certo ?

— Não se sabe, e é a unica singularidade da vida desta moça ; quando vem em casa della é sempre mascarado. — Ah ! — Veste-se, de resto, como um homem do povo, e não se comprehende esta prevenção de occultar o rosto ao menos para taes entrevistas. — Excitas minha curiosidade, Grizzo ? Quem poderá ser esse meu rival ? Vosso rival signore ? — Sim. Não comprehendes que é preciso que esta rapariga me pertença ? — Perdão, signore, mas isso me parece impossivel ! — Impossivel ! como assim ? ! estás louco, Grizzo ! Impossivel a comillo Cavalcanti... — Estou louco, indubitavelmente, se tal é a opinião de Vossa Senhoria ; porém creio que é precisamente por serdes o mais esplendido fidalgo de Veneza, que esta conquista offerece insuperaveis difficuldades. Vosso esplendor assustará a pequena ! Não tereis ingresso na casa !...

Ha um vislumbre de razão no que dizeis ; as-

sim, trata de arranjar-me um vestuario completo de pescador. — Sereis satisfeito signore.

No dia seguinte ao meio dia, uma gondola muito simples, ainda que ostentando na prôa um escudo excedido por uma corôa de barão, parou ante a escada do palacio Fornasari, e um joven, transpondo os degrãos, entrou rapidamente no interior do pateo. — A Senhora é visivel ? perguntou a um creado. Sim, signore, respondeu este ultimo. E depois de haver introduzido o mancebo n'um elegante salão, deixou-o para ir prevenir sua ama. Este visitador era um Francez idade de 28 annos, de media estatura, de figura e maneiras distinctas. Seus olhos eram pretos ; seus cabellos da mesma côr, feriam a vista com sua cutis toda alva como a de uma mulher. Trajava com elegancia as modas da côrte de França, era espiituoso, bom jogador, amava singularmente Paris, para onde teria regressado, se o amor o não retivera em Veneza, onde tinha vindo por curiosidade com uma embaixada. Tendo deparado em uma festa com Helena Fornasari, viuvinha de dezenove annos. Jorge, Barão de Chivri (tal era o nome do cavalheiro francez) tinha-se enamorado della, arriscara uma declaração que se escutou com a maior indulgencia, e a final, passado algum tempo, se viu retribuido em demazia, Helena era independente, e portanto não previa obice algum á sua união como barão : não tendo porém fechado a epocha nem publicado estes enlace, com apprehensões de que o resentimento de seus innumeros apaixonados, não produzisse a Jorge alguma estocada, ou que era peor uma punhalada. — A senhora aguarda a Vossa Senhoria disse o creado reaparecendo, e abrindo ao barão a porta do camarim mais delicioso, que é possivel imaginar. Figurai uma peça oval, com o tecto em forma de cupula pintado a fresco, com as paredes vestidas d'uma tapessaria de velludo carmesim com orlas de ouro. Longas cortinas da mesma côr interceptavam os raios do sol, não deixando filtrar senão uma luz meiga e diaphana. Imaginai em molduras magnificas, muitos desses espelhos gigantes-cos, que grangeavam a Veneza, tanta reputação e dispersos sobre uma mesa de marmore preto, uma myriada desses objectos mimosos, de que ainda hoje se acercam as mulheres elegantes. Pequenas estatuas de ouro e prata, marfins sinzelados, vasos de Benvenuto Cellini etc. etc e sobre tudo, ideai se vos é possivel a figura deliciosa da joven que reflectia um novo encanto sobre estes esplendidos ornatos. Helena era alva qual uma açussena e pallida, dessa pallidez dourada peculiar ás Italianas e Hespanholas. O nacarado de seus labios contrastava d'um modo encantador com a carnção delicada de seu rosto, Se quereis formar uma idéa exacta desta Italiana arrebatadora, ideia Veneza, e pedi que vos mostrem na

galeria do palacio de *Santa Croce*, o retrato d'uma joven trajando lucto. Sobre a moldura deste quadro deparareis duas lettras, H. C. A primeira destas lettras, logo se advinha, quer dizer Helena.

— Então; por aqui, meu caro senhor! disse ella, estendendo a mão ao mancebo. Sim, minha querida, respondeu Jorge, levando essa mão a seus labios; vinha perguntar-vos, quando fareis um rei de vosso escravo, um bemaventurado de quem tanto soffre de vossos rigores. — O que quer dizer, não é assim, em termos menos poeticos; quando Helena Fornasari se tornará baroneza de Chivri.

— Como vos aprouver, prefiro porém minha primeira idéa. Emfim, Helena respondei quer á minha questão, quer á vossa, e comtanto que digais: Quanto antes! Jámais palavra encantadora aditou minha alma. — Hesito, e muito! replicou joven com um sorriso malicioso. — Hesitaes! Exclamou Jorge, estremecendo. — Sim. — Duvidais então de mim? — Por modo algum. — Então? — E' que me será preciso deixar de ser Italiana. — Sereis Franceza, a França ganhará com isso e vós nada perdereis. — Renunciar á minha bella Veneza! — Para habitar o meu bello Paris! — Resignar as Gondolas! — Tereis cavallos. — A's serenatas! E, esperai, ainda hontem á noute justamente... — Hontem á noute? — Um galante musico veio debaixo de minha janella... — Acabai, Helena! Por amor de Deos, acabai! — Jurar-me. — O que? Que me amava até o delirio! — Insolente! — Murmurou Jorge affagando involuntariamente os copos de suas espadas. E quem foi o ousado...? — Oh! meu Deos! Não sejais ciumento por tão pouco. Não passa de Camillo Cavalcanti: — Elle este fatuo deshonorado, esse devasso crivado de dividas. — Dizem, *mio caro*, que a belleza é como sol, que brilha em todo o mundo. Depois, Camillo é mais galante do que vós, porque canta debaixo de minhas janelas, de noute, entretanto que desde que pretendeis amar-me... — Pretendeis... a palavra é dura! — Desde que me amais se assim o quereis, não me haveis dado uma sequer pobre serenata. — E' porque não é costume em França — Nós estamos em Veneza. — Pois bem, amanhã repararei minha falta. — Eu vos perdoarei, — Porém Helena, eu vos rogo, fixai o dia de nossa união. — Fallaremos, disso, mais tarde. — E porque não já? — Porque me não convem! Eis uma excellente razão. Assim pois, adeos e não esqueçais a serenata!

E Jorge de Chivri deixou sua despozada.

(*Continua*).

POESIAS.

Lagrimas.

A MEU IRMÃO

J. Rodrigues de Xavier Pinto.

Somos orphãos, sobre a lousa
Em que nossa mãe repousa
Não poderemos orar;
Ambos proscriptos, errantes
Da terra natal distantes
Só poderemos chorar!

Chorar, sim, e ao nosso pranto
Juntar luctuoso canto
Por nossa mãe que morreu;
Aos Céos erguer uma prece,
E resignados, que cesse
D'uma vez o pranto meu.

O pranto do filho querido,
Que verto e tenho vertido
Por ella, por nossa mãe...
E' uma dôr atroz, pungente
Que toda a vida se sente
E que outro igual não tem....

E pensar n'este momento
Que não pude o passamento
A seu lado acompanhar;
Dizer-lhe o ultimo adeus,
Receber dos labios seus
Expressões de consolar!...

Ver sua fronte curvar-se
Ante a morte, e resignar-se
Aos decretos do Senhor,
Rodeal'a de carinhos
E chorar com os filhinhos
No meio da nossa dôr!...

Nada d'isto nos foi dado,
E teremos no passado
Esta atroz decepção;
Este dia d'amargura
Que nos imprime a tristura
Com prantos do coração

Ai ! que o pranto vem agora !...
 Pois choremos, muito embora
 Por nossa mãe que morreu ;
 Té que a sorte mais propicia
 Nos favoreça a primicia
 Ir depor no tumulto seu.

Somos orphãos, sobre o lousa
 Em que nossa mãe repousa
 Não poderemos orar ;
 Ambos proscriptos, errantes
 Da nossa terra distantes
 Só nos resta ella chorar !....

Rio 10 de Outubro de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Um gemido.

Soltai-vos lyra queixosa
 Mui chorosa
 Que tanto, tanto padêço !...
 Não conheço
 Dentro do peito alegria,
 Mas um dia
 Me raiará de ventura,
 E tristura;
 Ai ! então não mais terei !..
 Gozarei
 D'uma sorte mais amena,
 E de Emmaena
 As saudades levarei,
 Morrerei
 N'esse dia mais contente,
 E ridente
 Finarei, lyra comtigo,
 E comigo
 Soltarás alegre canto,
 Até quanto
 A nossa alegria der !.....

Rio, 12 de Setembro 1856.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

Egas Muniz.

Vendo Egas que ficava fementido
 (O que d'elle Castella não julgava)
 Determina de dar a doce vida
 A troco da palavra não cumprida.

CAMÕES, LUS : CANTO III.

I.

Não ha no mundo uma terra
 Como o nobre Portugal,
 Que na paz, ou dura guerra,
 Tenha sido a elle igual;
 Espantou o mundo inteiro
 Com a espada de guerreiro,
 Com o zello de christão,
 E foi lá na India immensa
 Arvorar a fé e a crença,
 Ao ribombo do canhão.

Victorioso dos Mouros,
 E Castelhanos rivaes,
 Foi colher inda mais louros
 De Ceta nos areaes ;
 Vede esse intrepido Vasco,
 Que, embarcado em fragil casco.
 Das iras do mar zombou
 E dobrou da Boa-Esp'rança
 Esse cabo, que bonança
 Nunca junto a si gozou.

Vede Albuquerque, o luzeiro,
 Que o Oriente inunda de luz,
 A patria augmentar guerreiros,
 Domando Goa e Ormuz :
 Lêde essas nobres façanhas,
 Que o mundo encheram tamanhas,
 Em altisonas canções ;
 Lêde a immortal epopéa,
 De amor da patria tão cheia,
 Lêde Luiz de Camões.

Porém não é essa a gloria,
 Que eu quero cantar aqui,
 Mas uma acção, que na historia
 Outra igual não tem a si ;
 Não são os feitos valentes,

Que legam aos decedentes
O nome de quem os fez;
Tem outro fim o meu canto,
A lealdade descanto
De um fidalgo Português.

Haverá um gosto mais nobre
Para o luso trovador,
Do que esparzir flôres sobre
A lealdade e o valor?
Não ha, não... Uma capella
Trançarei muito singella
Para a patria ir offertar;
E simples... não tenho pejo,
Se fará como desejo
Então seria sem par.

II.

Desponta apenas na terra
O Reino de Portugal,
Já Leão lhe traz a guerra
Com força descommunal;
Em debil muro encerrado,
D. Affonso está cercado
Na villa de Guimarães;
Tem a sorte decidida,
Venderam bem cara a vida
Soldados e capitães.

Mas não pensa d'esta sorte
O valente Egas Muniz,
E quer livral-os da morte
Para bem do seu paiz:
Affrontando um grande p'rigo,
Vae ao campo do inimigo
Sem mostrar sua tenção;
E apenas lá foi chegado,
Pede ser apresentado
A Affonso Rei de Leão.

E' concedida a licença,
Na tenda real entrou,
Do Leonez na presença
Sem baixeza se inclinou;
E mostrando no semblante
Não vir como supplicante,
Antes vir a aconselhar,
Ao Rei, de nobres cercado,
Seren e desassombrado,
Assim começa a fallar:

—«Para que são estas guerras,
Rei de Castella e Leão,
Que vindes trazer ás terras
De outro principe christão?
Ambos fieis e parentes,

Qnereis aos Mouros descrentes
Estes exemplos mostrar?
Quereis odio fraticida,
A custo de sangue e vida,
De dous povos sustentar?

« Quando do accaso ao nascente,
O malometismo, de pé,
Ameaça riscar, valente.
D'este munto a Santa fé,
Vós que devieis unidos
Combater contra os descridos,
Que seguem o Alcorão,
Vós, de Jesus os soldados;
Quereis antes ser manchados
Com puro sangue christão?

Deixai depressa esta terra,
Que sem piedade assolaes,
Vosso poder não aterra
Os seus bravos naturaes;
Se desdenhais insolente
Esse muro inda nascente,
Que defende o Portuguez,
Vede ahí essas batalhas,
Que ganhamos sem muralhas,
S. Mamede e Val-de-Vez...»

Parai! Parai! (assomado
De Leão atalha o Rei)
Em quanto não for vingado
D'este reino não irei!
Só se trazeis a mensagem
De render-me vassalagem,
Em signal de sujeição;
Se jurais que vosso infante
Comparecerá perante
Minhas côrtes de Leão. «—

Isto ouvindo o cavalleiro,
A nobre cerviz dobrou,
De seu olhar o luzeiro
De tristeza se toldou;
Depois diz, de pejo cheio.
—«Senhor Rei, já que outro meio
De poupar sangue não ha,
Hade o infante obedecer-vos
Hade homenagem render-vos,
E a vossas côrtes irá.»—

(Continúa).

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 26 de Outubro de 1856.

N. 9.

A Pinheiro Caldas.

A cidade do Porto tem-nos mimoseado este anno com dous excellentes volumes de poesias.

O primeiro, e de que tivemos occasião de fallar já, é bem conhecido do publico, que ha prestado a devida homenagem a seu autor, saudando-o com bem merecidos elogios.

O segundo, menos conhecido, mas tão estimado, são as poesias de Antonio Pinheiro Caldas, que vieram mais de uma vez provar que no meio desta sociedade *eminente dourada*, ainda ha almas capazes de comprehender o bello, e sublime — almas que sentem e que se inspiram entre esse mesmo tumulto da epocha, destinado a matar todos os instinctos generosos do coração humano.

Abra-se o livro do Sr. Caldas, corra-se linha por linha, pagina por pagina e ver-se-ha o verdadeiro desta asserção. Tudo nelle é grande e magestoso, seria difficil a escolha no meio de tantos primores — no meio desse jardim brilhante que o poeta adornou de tão bellas e encantadoras flores.

Promptos sempre a saudar com enthusiasmo o apparecimento de livros taes, acceite o Sr. Caldas os sinceros tributos de admiração que as suas poesias nos inspiraram a duas mil leguas de terra natal.

Rio, 10 de Outubro de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

IX.

ESTUDOS HISTORICOS

I.

VIARIATO.

X.

Por este tempo foi Servio Galba accusado em Roma. O Tribuno do povo, Lucio Scribonio Libo, apresentou-se no senado e publicamente disse

que o ex Pretor fôra a origem de tantas mortes e desgraças na Lusitania, e que era a elle que se devia essa guerra cruenta que ha tantos annos sacrificava o ouro e a gente dos Romanos. A traição de Galba predispunha os animos dos outros estados por um levantamento geral, era por isso que o senado, cioso da sua honra e da república que representava, queria a todo custo dar um exemplo de moralidade que podesse destruir um tanto a desfavoravel impressão que assaltára esses animos ao saberem da conducta do ex Pretor. Em consequencia o mesmo Scribonio pedia que Galba fosse condemnado á morte. Este pedido foi reforçado pelo de Catão Censorino, a quem não faltavam os titulos precisos para reclamar do senado esta especie de satisfação ás gentes da Lusitania. Catão era um excellent orador, a sua voz altiva e inponente, não obstante os annos terem-lhe diminuido uma grande parte do vigor, causou profunda impressão no seus ouvintes, que se convenceram por unanimidade que a morte pedida era justa e exequível. N'estas difficeis circumstancias convinha a Galba apparecer, assim o fez. Já dissemos que era dotado de uma eloquencia pouco commum. Nunca pois as suas palavras foram mais adornadas d'essas figuras de rethorica, d'essas *similis* inimitaveis, como d'esta vez. Nunca ellas tinham sido pronunciadas com mais energia e convicção, em fim Galba hia triumphar. Os seus dous filhos, benemeritos de patria, contribuiam bastante para que elle fosse escutado com relegiosa attenção, além d'isso Galba pretendeu provar que essa traição nascera das numerosas revelações de que os Lusitanos queriam assassinal-o. Como quer que seja o ex Pretor foi absolvido. Apiano attribue ao dinheiro a isempção de Galba, diz que as immensas riquezas que levára da Hespanha fizeram calar os mais exigentes. Este resultado desagradou bastante a Scribonio. Pesava-lhe a demasiada clemencia do senado, e tornando-o responsavel das consequencias d'ella, exegio que aos Lusitanos presioneiros na batalha em que se dera a traição, e que foram vendidos para a Gallia, se desse a liberdade, autorisando-os a tomarem de novo as suas terras. Era bem pouco para o muito que se devia esperar, mas infeliz

mente a corrupção em todos os tempos teve lugar.

XI.

Viriato proseguia na inteira execução do seu juramento. Os embaraços que encontrava eram destruidos sob o peso da sua vontade de ferro, e com um só fito, com um unico pensamento elle procurava os Romanos. A victoria que alcançara ha pouco tempo affastara todos os inimigos das terras occupadas pela sua gente. A inacção não tinha lugar com elle, avançou sempre, e não encontrando em que saciar os seus desejos de vingança, subio pelo Tejo, invadiu a provincia de Toledo, e em cada lugar deixava vestigios indestructiveis da sua passagem. Esta provincia era extremamente afeiçoada aos Romanos, Viriato entendeu que ella devia ser considerada como inimigo, ei-lo assollando tudo!

As suas bandeiras tremularam livremente por toda a carpentania, os seus soldados entusiasmados com a presença do valente capitão, soltavam gritos de morte aos conquistadores, Viriato reconheceu o quanto imperavam n'elles esses sentimentos patrioticos que deviam formar de cada homem um gigante, e de cada companhia um exercito!....

Salve guerreiro illustrado em cem combates, salve denodado capitão, se o punhal cortou tuas azas, se a morte veio interromper o vôo que levavas em procura do *Capitolio*, na cupula do qual devia tremular o estandarte Lusitano, o teu nome chegou á posteridade, rodeado d'essa aureola brilhante de gloria, e a nação — Portugal todo repetil-o-ha com respeito profundo, e entusiasmica admiração!.... Durante as excursões de Viriato não appareceu se quer uma lança em defeza dos Hespanhões. Os Lusitanos continuavam na sua obra de devastação, forçosamente desculpavel se attender-mos aos precedentes d'ella. Um novo Pretor chegára á Hespanha. Cayo Plaucio vinha com as mesmas disposições hostis. Sciencie da conducta do heroe Lusitano, apressou-se em procural-o, e acompanhado de dez mil infantes, e mil e trezentos cavalloos se pôz em campo. Viriato tinha uma força bem diminuta para oppor á do inimigo. A maior parte d'ella proseguia nas suas excursões, e se não fosse a natural coragem e perserverança do capitão havia todas as probabilidades de uma completa derrota. Viriato tinha esse orgulho que acompanha sempre aquelles que tem convicção de que foram destinados a cumprir uma missão qualquer. Para um espirito mediocre as forças do Romano importariam a derrota, mas com o Lusitano era mui differente. Viriato chamou em seu auxilio os recursos do seu espirito tão fertil em expedientes decisivos. Plaucio ordenára o combate, aquelle que sabia d'ante-mão qual o resultado d'elle

fez uma retirada em boa ordem, mas empregou tanta presteza nos movimentos, que os Romanos não puderam perseguil-o. Plaucio destacou quatro mil dos seus soldados, e ordenou-lhes que seguissem os Lusitanos, até que elle se lhes podesse juntar. Assim o fizeram, as marchas foram tão forçadas que a horas de vespera acharam-se juntos á rectaguarda dos primeiros. Viriato fez alto, mandou desenrolar bandeiras, e em pouco tempo não existia um só dos quattros mil.

Senhores d'este resultado, diz Apiano, atravessaram o Tejo, introduzindo-se logo pelo interior da Lusitania.

Plaucio ficou attonito!

Testemunhava por seus proprios olhos que estes inimigos eram capazes de pôr cerco a Roma, e convenceu-se por fim de uma verdade amarga e pesada: que os Romanos tinham na Lusitania um rival poderoso e digno a todos os respeitos de figurar ao lado dos grandes heroes da soberba rainha do mundo!...

XAVIER PINTO.

(*Continua.*)

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

NOVAS.

(*Continuação*).

Carlos chegou a casa com a morte no coração. As suas mais charas esperanças destruidas, o seu futuro de um homem que julga ter commetido um crime, tudo isto mergulhara o mancebo n'essa melancholia profunda difficil de dissipar-se. Carlos accusava-se do rapto de Luiza. Dizia que com a sua presença Lourenço não ousaria tental-o, e ainda mesmo que o fizesse, que importava isso para um homem que ama e que vê roubarem-lhe o objecto amado? Fal'o-hia perseguir até o encontrar; proseguia Carlos, teria obstado a que sahisse d'estes lugares, entretanto que agora é tarde... vai longe já, e como advinha-o? Mathilde procurava consolal-o com essas expressões ternas e tocantes que sô em sahir dos labios da mulher, mas aquelle não a escutava, antes a repellia com modos bruscos. A joven que comprehendia a dôr de Carlos, apartava-se tristemente e hia para seu quarto derramando amargas lagrimas. Domingos continuava a estar ausente, ou por outra ignorava-se o fim que levará. A sua falta inspirava serios cuidados ao mancebo, porque o preto era inquestionavelmente o

único que podia consolal-o. Carlos resolveu-se a visitar o Dr. Rego. Sahiu pois de casa, e encaminhou-se para lá. Proximo a ella encontrou-se com seu tio. Bem vindo sejas! gritou Tristão com um contentamento difficil de descrever; graças a Deos o filho prodigo voltou á casa paterna. E na sua effusão de prazer abraçou o sobrinho. Este acolheu-o com frieza. Que tens? perguntou o brasileiro. Nada, ou antes o que Vmc. nunca comprehenderá. Como? explica-te. Meu tio, disse Carlos com tristeza, ha certas cousas que se não podem dizer. O que tenho é bem pouco para despertar-lhe o sentimento, por isso de que serve confessal-o?...

Não sei decifrar enigmas, Carlos, o que me estás dizendo é mais que enigma—explica-te. Como passa o nosso doutor? perguntou Carlos para se subtrahir ás confidencias. Muito mal; o desapparecimento de sua filha foi um terrivel golpe para elle. A casa parece deshabitada, ainda para rematar esta serie de tragicos acontecimentos os dous Cardosos e Henrique abandonaram-no. Abandonaram-no?! Sim, a pretexto de hirem procurar Luiza; eu quiz acompanhá-los mas não m'o permittiram. E Domingos? Não sei delle. Que mudanças em tão poucos dias!... Até logo, meu tio. Espera, volto tambem contigo. O Dr. Rego continuava inconsolavel. Para elle, pobre pai desherdado do seu unico amor, o rapto de Luiza era o martyrio cruento que o deveria levar ao tumulo; para elle, pobre martyr de tantos annos, reservava-lhe Deos uma ultima e temivel prova, como se não bastassem aquellas por que passara; e para elle em fim o mundo não existia. Triste como essas arvores seculares que o vento despojou das suas ultimas folhas, elle caminhava a passos rapidos para o derradadeiro periodo da sua existencia tempestuosa. Nenhuma affeição intima para acompanhá-lo, nenhum ente só que chorasse com elle! As lagrimas são o testemunho mais irrefragavel da dôr. Carlos chorou, e o longo abraço que deu no infeliz pai foi acompanhado de um desses suspiros intimos que exprimem mais que todas as palavras. Eu amo-a tanto!... disse Carlos ao ouvido do doutor. Este não pode responder, mas um olhar seu provou ao mancebo que elle advinhara esse amor. Houve entre estes dous homens um momento de silencio. Era para um o passado, para o outro o presente. No doutor havia uma recordação dolorosa, em Carlos a lembrança do que poderia ter no futuro.

O primeiro exprobrava a sua demasiada negligencia, o segundo tinha remorsos da sua. Em ambos os sentimentos, bem que diversos, tocavam-se e o resultado delles era em prejuizo de Tristão. Tudo se pôde remediar ainda, disse Carlos como resposta ao olhar do doutor. Oh! não respondeu este meneando tristemente a cabeça; é a deshonra... a deshonra!... Procurou-a sua filha? Não, mas a

opinião publica ha-de conspirar-se contra ella. A opinião publica ha-de condemnar o infame que a roubou!

Sabe quem é!... Diga... diga-me já. Lourenço de Castro! Oh! o filho do meu antigo condiscipulo!... Mas que mal tinha feito minha filha a esse homem? Porque Lourenço é um infame, porque Lourenço é um desses entes abjectos para os quaes não ha castigo bastante! Ah! que se o encontro!... Mas como?... isto é insuportavel, ninguém que me esclareça!... Carlos não pode concluir, a um signal do doutor voltou-se e vio perto de si uma mulher que o olhava attentamente. Era a velha Martha. Que me quer senhora? Fallar-lhe a sós; venho de sua casa e Mathilde disse-me que o procurasse aqui. O Sr. Dr. pode escutar o que tiver a dizer-me; com elle não tenho segredos. E' impossivel, o que aqui me traz diz respeito a uma pessoa de quem desejará ter noticias... De Luiza? Talvez!... Falle pois, eis ali seu pai que tem mais direitos do que eu. Não os desconheço, mas ha cousas que nem a um pai se devem dizer. Pois bem, eu a acompanho até ao jardim, disse Carlos. E os dous sahiram.

(Continúa).

Enlevos.

A conveniencia origina a amizade, não só entre parentes como entre desconhecidos; temos visto duas crianças, criadas juntas, quando crescidas querem-se extremosamente. Na idade do raciocinio esta estimação a identifica-se, ou desmerece, o raciocinio nem sempre é perfeito em todos, uns attendem á origem dos sujeitos, outros á fortuna, e outros as qualidades pessoas: os primeiros, e os segundos não divergem, colhem a sua opinião n'um valôr de dinheiro e familia, que tudo são para elles valores, e é só por estes lados que reconhecem o merecimento; o que mais tem mais vale, e seu reconhecimento anda sempre ligado a este principio; e porque não ha posição que não tenha outra mais abaixo.

O respeito que estes dão aos mais, o querem receber dos menos, desgraçadamente este é o geral do mundo; os que reconhecem como acima de tudo as qualidades possoaes, não querem nada, mas o que merecem lhes vem pela ordem immutavel da natureza, tambem aquilatam o merecimento pessoal, tambem encontram mais ou menos, mas é de tal modo conciliatoria esta differença, que nem os submete aos mais, nem os lança ao menos: são os representantes de Deos sobre a terra, são os mais felizes que dão as mãos aos seus, a chamal-os a si, e que lastimam a condição dos outros; mas estes são a excep-

ção! Quando o valor do ouro, e o valor meramente se encontram, chocam-se, se resentem, o primeiro quer abater o segundo, o segundo não quer abater ninguém, mas não quer ser abatido, ou se affastam, o primeiro desdenhando o segundo, e o segundo condoendo-se do primeiro, ou se batem. O primeiro faz do valor um círculo de ouro, que vai rapidamente apertando, o segundo (são estas as suas armas e bem fortes !) o segundo declara com arrojo e franqueza o mal que recebe, mas estas armas são fracas, vê-se vencido, indignado com os homens, vira-se para Deos, Deos o recebe... e em vez de pedir a maldição para este, pede a misericórdia. Que notavel differença de homens; mas estes são a excepção! Uma só origem não garante a igualdade de sentimentos, de bons pais temos visto maus filhos e bons, e porque as primeiras doutrinas influem na natureza dos sujeitos de maus pais, raros são os filhos bons; apartir deste principio não é extra-natural que hajam tantos irmãos bons e maus e que estes manifestem as suas bondades e maldades. Se a amizade tem a sua origem na convivência, irmãos que se apartarem d'irmãos meninos, não se estimam com aquella inclinação d'irmãos, quando crescidos se encontram. Esta verdade infelizmente não acolhi de fora, veio-me de casa mesmo!... O homem não deve viver só para si; deve viver de accordo com a sociedade, em opposição a ella, não ha felicidade possível e se alguns tendo vivido n'esta opposição, a tem tido, devem temer a cada hora, porque a justificação desta verdade não falha. A paz tirada dos factos injustos, é uma desventura, porque acostuma, excita e depois nos perde, todos os factos vem se precipitando para o ultimo como as aguas da cascata, que branquejando, bramando rolam dos rochedos aos abyssos.

(*Continúa.*)

Outubro 20 de 1856.

J. J. BARBOSA DE CASTRO

As contradicções.

NUMA PAGINA DO ALBUM DO SR. JOÃO DANTAS DE SOUSA.

Tudo vai bem: diz um rapaz estouvado sem experiencia, cujo coração está aberto a todas as impressões que em si trazem o sentimento do prazer; porque sua alma ainda não está alterada pelas traições, pelas injustiças, e pelos reveses ordinarios da fortuna.

Tudo vai mal: diz um velho azedo com o sentimento dos proprios males, e pela experiencia das desordens de toda a casta que reinam no mundo fisico, e no mundo moral, principalmente

porque, sendo elle um composto de contradicções heterogeneas e sempre encontradas, tambem é um theatro de desfeitas onde todos querem primar.

Entretanto o moço e o velho estão completamente enganados e ambos peccam; um por excesso de confiança, e o outro de misantropia. Inveja-se a sorte do primeiro, e chora-se a condição do segundo. E é desta contradicção que só a idade tem a culpa; ao passo que não devemos tambem acreditar nem no moço, nem no velho!...

Nunca o mundo esteve tão cheio de contradicções, como depois que o progresso lhe mostrou a luz para o ver-mos de todos os lados, como elle é; mas eu não gosto de generalidades que parecem declamações: é preciso descer a casos particulares e a retratos, cujos originaes se possam conhecer mui bem na sociedade.

A primeira cousa que nos toca, apenas lançamos a vista para o quadro do mundo, é a desigualdade das condições. O que vai, e o que vai digo eu ás vezes quando de perto contemplo as cousas! Uns rindo, que deviam chorar, outros chorando que deviam rir! E' uma condição precaria, é uma farça burlesca, é uma torre de Babel.

Todo este philosophico escandalo se dissipa, apenas seriamente contempla a desigualdade das forças phisicas e a desproporção das faculdades intellectuaes, que a cada um dos individuos humanos deu a natureza. Com esta simples reflexão fico philosopho tranquillo. *Nihil admirari*: nada me admira. Esta foi sempre a humana condição que a alguns respeitos é immutavel. Isto é, se as luzes e o progresso não mandarem o contrario. Que estes se agitem, se movam e revolvam nos turbilhões da ambição, que aquelles se entreguem ás delicias ou antes pagodes de uma absoluta ociosidade, que uns tomem por officio a seria e continua occupação de andarem sempre com uma exacta distribuição dos dias da semana por bailes estrepitosos, que dá o senhor tal e a senhora qual, por partidas aparatosas, compostas de alto e malo, com os seus competentes atavios, e a francezados trejeitos; verdadeiros domicilios do insomnia e perfeitissima zanga!... sim! onde nunca se entende o que se diz! Alli não se dizem senão palavras irreflectidas, ócas e sem sentido; sem ordem e sem fim! Ninguém se cala, ninguém tem a vez, todos palram á imitação das *rums* e a ninguém se percebe! Mas, que hade ser, se isto mesmo é do progresso?!

Que outros gostem das loucuras da amizade com homens sensatos, e absoluta exclusão das vaidosas mulheres, que nunca por nunca estão caladas, porque as moças são quasi todas tôlas, e as velhas sem excepção todas insupportaveis.

Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1856.

O Padre Gama.

POESIAS.**Tentativas Poeticas**

DE

F. Gonsalves Braga.

XXXVIII.

O CANTO DO SALTEADOR.

Tenho o sceptro, tenho a c'róa
Na ponta d'este punhal,
Não invejo aos Reis da terra
Seu diadema real.

PALMEIRIM.

I.

« N'estas montanhas, aridas, desertas,
Hei formado meu reino independente;
Eu tenho n'uma rocha, um grande throno,
E no agudo punhal—sceptro potente. »

« Tenho mais do que o Rei, fortes soldados
Cujos braços as armas sustentando
Se movem a qualquer dos meus desejos,
Por amor só de mim, morrem matando. »

« Tenho amantes formosas, que me tornam
Minha vida amorosa, e feiticeira.
Cujos beijos e afugos me confortam
Nas fadigas da vida aventureira. »

« Eu tenho n'um salão, na terra occulto,
Preciosos metaes, e pedrarias
De fazer, só de as vêr, aos Reis inveja,
E trocarem por ellas soberanias. »

« Não invejo dos Reis faustosas galas,
—Que brilhantes os cercam, a enganar-os;
Sorrisos de mulher não lhes invejo,
Que sorriem de mais p'ra atraçoal-os. »

« Os homens dizem que eu sou desprezado,
E os Reis estimados, e poderosos:—
Mas eu sou respeitado,—e o que são elles?
Ludibrio dos enganos amorosos ! »

« Sou mais forte que os Reis, sempre enganados,
Que vivem de chimericas grandezas:—
Pela força das armas tenho ouro,
Pela força do ouro, amor, bellezas. »

« Com amantes, riquezas, e bravura,
Estimo, a fogo a vida,—affronto a morte,
E résisto dos Reis á prepotencia:
Qual cedro altivo aos aquilões do norte ! »

« N'estas montanhas, aridas, desertas,
Hei formado meu reino independente;
Eu tenho n'uma rocha, um grande throno,
E no agudo punhal—sceptro potente. »

II.

Da vida que passa
Nas serras altivas
O salteador,
Cantava aventuras,
Fazia captivas,
Captivas d'amor,

Depois a trombeta
Que á cinta trazia,
Fazia soar;
Então, dos bandidos
Cercado se via
P'ra n'elles mandar,

De vêl-os tão promptos,
« Amigos, á lida ! »
Contente dizia:—
Lá iam por serras
Passando tal vida
De audaz valentia !

Assim anda alegre
Com taes aventuras
De guerra e amor,
Vivendo com homens
De más cataduras
—O SALTEADOR.—

Um adeus ás Laranjeiras.

Adeus!... adeus!... lindos prados
Esmaltados de verdura....
Um adeus eu vos consagro;
Triste e cheio de amargura!....

Adeus!... adeus!... lindos bosques,
E cordilheiras sem fim!
Adeus páramos singelos
Tão triste vos deixo assim!...

Alegres dias passei,
Com vosco campos formosos,...
Tão alegres tão felizes
Tão dourados tão ditosos...

Hoje é o decimo oitavo
Com elle vos] vou deixar...
Amargo pranto já sinto:
Pela face a deslizar!...

Meu coração vai tão triste,
Vai tão triste a palpitar,
E meu peito vai saudoso,
Por um anjo a suspirar...

Oh!.. que saudades que soffro
E as que tenho de soffrer!...
São tão negras, tão crueis,
Que me fazem enlouquecer!

Ai!.... suspende oh Lyra minha..
Dôres soffro mudo e quèdo!....
Não quero que esse anjo lindo,
Advinhe o meu segredo!.....

Laranjeiras, 21 de Agosto de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

Egas Muniz.

(Conclusão.)

III.

Ha ruido desusado
No campo do Leonez,
Chega aos muros, admirado,
O infante Portuguez,
Vêas tendas, que se enrolam,

As bandeiras, que tremolam,
Esvoaçando no ar;
Ouve o rufo dos tambores,
Dos guerreiros os clamores,
Que vão o campo deixar.

Não acredita o infante
No que elle acaba de ver,
Um inimigo possante
Deixal-o sem combater!...
Debalde em torno procura
Se alguém sabe por ventura,
A causa de tal acção;
Porque o Leonez fugia
Ninguém dizel-o podia,
Nem um só dos que ali são.

Aos pés do principe luzo
Então Egas se lançou,
C'os olhos baixos, confuso,
O que fez, ali contou;
Recua o infante, ouvindo
Causas taes, e repellido
Para longe Egas Muniz,
Dizirado : — » Não mantenho
Contractos, que vem ferrenho
Jugo impor-me na cerviz!...

« Já meu pai livre deixara
Este povo Portuguez,
E liberdade tão cara,
Heide ir pôr della outra vez ?
A minha patria, tão bella
Não se abaixa ante Castella,
Nem reconhece rival;
Se Leão quer p'ra vassallos
Meus guerreiros, p'ra buscal-os
Volte, embora a Portugal !... » —

— « D. Infante, o juramento,
Que por vós fiz a Leão,
Ainda cumpril-os intento,
Sem vós soffrerdes lesão;
Não ficará fementido

Um soldado, envelhecido
Pela patria a combater...»—
Egas disse, e altivo rosto
De gravidade composto
Lhe viram todos erguer.

IV.

Vem chegando o torvo dia,
Marcado na convenção,
Em que o infante renderia
Vassalagem a Leão;
Já de Castella os caminhos,
Com a esposa, c'os filhinhos,
Toma o leal Portuguez;
Vai resgatar com a vida,
A palavra não cumprida,
O juramento que fez.

Já pisa terra de Hespanha,
A Toledo já chegou,
Nunca admiração tamanha
Outra acção assim causou...
Corre a vel-o todo poço,
Que pasma de caso novo,
Que ante os olhos ali tem,
Vendo Egas com a esposa,
Que dos pés carne mimosa
Pelo chão rasgando vem.

As crianças innocentes,
Que descalças ali vão,
Laços de corda pendentes
Lhe chegam do colo ao chão;
Mas vem sós... se acompanhados
Estivessem por soldados,
O povo os fora livrar...
Que lhe causa acerba pena
O ver tão estranha scena
Ante os olhos seus passar...

Já nos paços vão entrando,
Muito povo os segue ali;
Ante El-rei a joelhando,
D. Egas fallou assim:
—« Senhor rei, o Luzo Infante

Não quer o pato aviltante,
Que por elle vos jurei;
Vim solver com minha vida,
Dos filhos, da esposa q'rida,
A palavra que vos dei...»—

De Leão El-rei, irado
Pelas causas, que escutou,
Sobre Muniz desarmado
Nua espada alevantou;
D. Egas está perdido...
Mas do rei enfurecido
A espada cahiu no chão:
E' que nunca supposera
Que um homem obrar pudéra
Uma tão sublime acção!

Perdoou... Toda a cidade
Solta alegre brados mil,
Vendo tanta lealdade
Livre já da morte vil.
Muniz volta á patria amada;
Com lustrosa cavalgada,
O Infante Portuguez
A fronteira vem buscar-o,
E não cessa de louval-o
Pela nobre acção que fez.

Coimbra, Agosto de 1856.

EUGENIO A. DE B. RIBEIRO.

Illusão.

Illusão, minha querida,
Illusão sempre na vida
E' o mais que posso ter;
N'estes cantos de ventura
Só existe uma impostura...
Por que mais não póde ser!!

Ai que nome promptamente
Desce n'alma, sempre e sempre
Um zunir divinizado!
Eu que fico delirante
Cuido em ti, ditosá amante,
Encontrar... desventurado

E'um nome, como vejo
Revelar qualquer desejo
Desejo só e não mais;
E' um dito sem sujeito
E' um alivio do peito
Mortificado com ais!...

Outubro 18 de 1856

J. J. BARBOSA DE CASTRO.

Constantino!

REI DOS FLORISTAS.

Ergue a fronte altiva e nobre,
Ergue a fronte, oh genio-rei!
A ti, sim, a ti me curvo,
A ti só me curvarei.
Que m'importam reis da terra,
Debatendo-se na guerra
Das mais turbidas paixões?
Podem outros dar-lhe cantos,
Eu, por mim, maldigo quantos
Rojam vis adulações.

O poeta nasceu livre
Como é livre e immenso mar;
Os cantos da minha lyra
Não os sei mercadejar,
A' sob'rana intelligencia
A' sã virtude na essencia,
Só meus cultos prestarei:
Constantino! a ti meu brado,
A ti meu canto enlevado,
A ti, sim, oh genio-rei!

Rival de Deus sobre a terra,
Quem te nega adoração,
Quando a França te saudá
—Novo rei da criação?!
Quando a Europa, d'espantada
Curva a fronte laureada
Ante o teu genio immortal?!
Quando colhes d'entre os louros
O mais rico dos thesouros:
—Um triumpho a Portugal?!

Constantino! como é grande
O teu genio creador,
Quando vertes o perfume
No calix da tua flôr?
Quando imitas a belleza

Da risonha natureza
Com teu magico pincel!...
Quem ao ver tão bellas flôres
Não as crê proprios verdores
Do mais nitido vergel?

No tapete de esmeralda
Que alcatifa o teu jardim,
Brinca meiga a branda aragem
Embalando alvo jasmim;
Fascinada a mariposa
Lá doudeja em torno á rosa,
N'elle poisa, mas em vão;
Na seiva o goso procura,
Não a encontra... e na tortura
Morre, ali d'uma illusão!

Constantino! a ti me curvo
A ti só me curvarei;
És um astro luminoso
És do mundo o genio rei!
Quando a Europa os seus primores
Variados de mil cores,
Na Bretanha apresentou,
Quiz a França disputar-nos
Alta gloria;-quiz roubar-nos,
O teu nome que assombrou....

Mas tú d'altivo bradaste:
« Sou filho de Portugal!
« Embora eu viva na França
« E' minha terra natal, »
Oh! bem haja o homem nobre
Que ama ainda a patria pobre,
Rica outr'ora tanta vez...
Bem haja o filho valente
Que da honra não desmente
N'esta acção de Portuguez!

Constantino! yinga a patria
Que foi grande entre as nações;
Ennobrece-a, ennobrecendo
Mais e mais os teus braços:
Genio raro! ergue-te ovante!
O teu futuro é brilhante;
Será teu nome immortal!
Viverás na lusa historia,
Qual lá vive inda a memoria
Do nome de Portugal!

ANTONIO PINHEIRO CALDAS. (Extrahido).

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 210.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 2 de Novembro de 1856.

N. 10.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

X.

ESTUDOS HISTORICOS

I.

VIRIATO.

Do espanto de Plaucio auferio Viriato grandes vantagens, pois que pode a seu bello prazer reunir mais gente, e chamar a que andava dispersa para poder offerecer-lhe batalha caso o Pretor o procurasse. Não obstante o silencio d'este, Viriato mandou guarnecer e fortificar os pontos que offereciam probabilidade de serem atacados, escolhendo para sua residencia um monte alto, que segundo Apiano ficava proximo a Evora. O lugar era ameno e aprasivel, abundante de fructos e vinhas; tornava-se tambem notavel por um templo erigido á deusa do amor, e como tal lhe chamavam monte de Venus. Aqui aguardara Viriato o seu inimigo. Em pouco tempo teve conhecimento de que Plaucio, rodeado de um respeitavel exercito, lhe vinha offerecer batalha. Viriato não mudou de terreno e com aquella bravura que tanto o distinguia, recebeu os Romanos.

A vantagem do combate era do primeiro, seus soldados batiam-se como leões, e os Romanos julgando-se perdidos abandonaram o campo. Plaucio desesperado poz-se á frente dos fugitivos, animou-os e accommetten de novo. A victoria foi vivamente disputada, de cada lado se obra-vam prodigios de valor, e nenhum excedeu aos dous capitães. Apoz duas horas de renhida luta ficou Viriato senhor do campo, de muitos prisioneiros e de algumas bandeiras. Plaucio procurou a fuga com poucos soldados de cavallo, e temendo ser perseguido recolheu-se á Andalu-zia, tendo o cuidado de procurar as cidades mais fortificadas. Seguiram-se as represalias. Viriato mandou passar á espada um bom numero de

Romanos, reservando alguns captivos que dividio pelos seus soldados. Nesta batalha os conquistadores perderam a sua melhor gente. Baldos de recursos, envergonhados, dispersos, os poucos que sobreviveram encarregavam-se de proclamar por toda a parte que o poder da orgulhosa Roma estava extincto na Lusitania.

Houve até quem dissesse que Viriato ia passar á França, e á semelhança de Annibal por cerco a Roma, assegurando-se da Italia. Eis aqui como a fama de Viriato se estendia a toda a parte.

Moralese o nosso André de Rezende, affirmam que apparecera no monte de Venus uma pedra com esta inscripção :

« Eu Lucio Silo Sabino, recebi uma grande copia de feridas na guerra que se fazia contra Viriato, no campo de Evora, da provincia da Lusitania, e assim ferido fui levado diante de Pretor Gayo Plaucio em hombros de soldados, e ali mandei fazer esta sepultura á custa do meu dinheiro, na qual é minha ultima vontade se não enterre comigo, homem, servo nem livre. E fazendo-se o contrario queria que os ossos de qualquer que ahi for enterrado se retirassem d'aqui, se minha patria escapar com liberdade. »

Reproduzimos textualmente a inscripção para que ella não perca a sua originalidade.

Das ultimas palavras della se deduz que não eram infundados os boatos de conquista por parte de Viriato, cujo valor attestam muitas pedras semelhantes a esta. O mesino Rezende, apoiado em Florião de Campo, chronista do Imperador Carlos VI, dá conta da seguinte :

« Quinto Longino foi morto em sua mocidade pelas armas do inimigo, nos campos da Lusitania, pelejando contra Viriato; e Marco Regulo, Tribuno dos soldados, lhe sepultou os ossos neste sepulchro de marmore. Ficaei-vos em paz soldados Romanos. »

Estas e outras memorias provavam que o poder de Viriato e a isempção da Lusitania estava no seu nome, cuja fama fez por mais de uma vez estremecer o zimbório do Capitolio.

(Continúa.)

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

NOVAS.

(Continuação).

Recebi ha meia hora esta carta, disse Martha a Carlos, logo que se acharam a sós; com quanto ignore as relações que existem entre o senhor e a filha do doutor Rego, advinho que a leitura d'ella hade interessal-o.

Aquelle pegou na carta com um movimento convulsivo, e leu:

Tia Martha.

« Lourenço de Castro é um malvado! Com menos crimes já vi condemnarem-se homens á *calçeta*! Não se admire por fallar-lhe d'este modo, porque se tenho consentido tacitamente nas circumstancias que precederam a minha sahida d'ahi, ignorava que Lourenço ousasse passar além das conveniencias, ou por outra fazia d'elle uma idéa mais favoravel. Entendo que devo participar-lhe o que hei visto, pois que o resultado tem infallivelmente de envolver a sua protegida Mathilde, e eu não quero tomar parte nas intrigas e manejos de Lourenço de Castro.

Escrevo esta impressionado ainda dos martyrios que este infame tem inflingido á pobre Luiza. Pretendi obstar-os, mas a minha coragem e indignação teve de ceder á influencia de alguns protectores occultos do meu homem, que continúa a zombar das consequências do seu crime. Paremos um momento n'esta villa, porém a demora será pouca, em razão de Lourenço ter escolhido um lugar occulto e ignorado, onde pretende esconder a victima da sua inqualificavel luxuria. Comprehende que não tenho revelado á authoridade competente o rapto de Luiza porque sou cúmplice d'elle, e necessariamente tomaria parte no processo.

Evito esta desagradavel occorrença dirigindo-me a Vm. sob segredo, e como confio na sua lealdade tenho convicção de que o não revelará senão aquellas pessoas de quem dependerem as providencias a este respeito. Declaro á face de Deos que nunca soppuz que Lourenço raptasse Luiza para fazer d'ella seu *joguete*, entendi que se tratava simplesmente de um casamento por este meio, e foi isto o que colligi d'algumas

palavras que Lourenço me disse ao convidar-me para auxilia-o.

Em todo o caso acceitarei as consequências da minha asneira, como castigo á minha demasiada condescendencia.... Dão-mos ordem de continuar em nossa viagem; agora que começava a escurtar commovido os canticos de festa aos *Reis Magos*!.. Creio que vamos em direcção de *Travanca*.

Saude e felicidades.

Seu etc. etc.

ALEXANDRE DA SILVA:

Armamar, 5 de Janeiro de 1847, ás 8 horas da noite.

Pela leitura d'esta carta conhecerão os leitores a impressão que ella devia produzir no espirito de Carlos.

A Providencia começava a revelar-se, o mancebo sabia a direcção que Lourenço tomara, era bastante; o seu amor por Luiza completaria o seu pensamento.

Obrigado, disse elle a Martha: prestou-me um serviço que jamais olvidarei; se não exigo muito posso ficar com esta carta?

E' um documento importante e que compromette Alexandre, respondeu a velha, mas estou certa que o Sr. não abusará muito d'elle; com esta condicção consinto no seu pedido.

Oh! não é de Alexandre que desejo vingar-me, é de Lourenço! tornou Carlos.

Para esse ha uma mulher que possui um segredo terrivel, um desses segredos que a campá esconde...

Segredo que a campá esconde!... não comprehendendo, redarguiu o mancebo confuso.

Os mortos fallam? perguntou Martha.

Não o creio.

Pois os vivos tambem não podem fallar. O segredo é de dous, um está na Eternidade, o outro não pode revelal-o... Não me interrogue Sr. Carlos, o meu nascimento consummou-se talvez sob terribes auspicios, a fatalidade acompanha-me sempre e tão implacavel, tão tyranna que nem posso chamar filha a uma menina que Deos se servio dar-me de uma ligação criminosa. Adeus.

E sem escutar o mancebo que a interrogou sobre estas mysteriosas palavras, Martha desapareceu por uma das ruas do jardim.

Feiticeira ou não feiticeira, disse Carlos regressando á varanda, veio talvez contribuir para que Luiza seja vingada... Vamos, prosegue elle, apóz um instante de reflexão, começo a crer que o diabo está cansado já de proteger seu irmão Lourenço. O nome que tem, nada faz ao caso.

O doutor Rego esperava Carlos com impaciência, as palavras pronunciadas por Martha na varanda eram mais que bastantes para lhe provar que a sorte de sua filha se ia decidir.

Nada? perguntou elle logo que avistou o manco.

Este apresentou-lhe a carta.

João... João!

Que pretende fazer Sr. doutor?

Que pretendo fazer? que faria o Sr. em meu lugar?...

Mas para que o creado?

Para sellar o meu cavallo e acompanhar-me a Armamar.

E acha-se com força de fazer uma viagem incerta e cujo resultado será talvez um triste regresso?

Por minha filha iria ao fim do mundo se mister fosse; agora que sei o destino que lhe deram, agora que tenho esperanças de encontrá-la, heide ficar, ficar aqui, isolado, entregue a minha dôr e ás pungentes recordações da desgraça que pesa sobre mim! oh! não sinto-me com coragem de emprehender tudo para abraçar a minha Luiza. Morresse eu nesse momento, mas quero minha filha!

Acompanhal-o-hei, mas será para a vingar

O creado, que viera ao chamado do doutor, appareceu pouco depois, dizendo que os cavallos estavam sellados.

Vou a casa, disse Carlos, demorar-me-hei o tempo necessario para tomar as minhas pistollas.

Tristão que havia sahido da varanda, entrou no momento em que seu sobrinho pronunciava as ultimas palavras. Aquella terminação não lhe agradou muito porque fez um gesto de espanto e receio, com o qual pensava talvez arredar de Carlos as suas idéas hostis, este porém não viu ou fingio não ver o movimento de seu tio, e retirou-se.

O doutor tinha tal impaciencia em partir que nem mudou de roupa. Calçou unicamente umas botas de montar, armou-se tambem e apertando a mão do seu amigo sahio para a margem do rio pelo interior da casa. Tristão esbaforido, pallido e tremulo acompanhou-o.

Está louco, doutor, dizia elle, correndo sempre; armar-se por uma cousa tão simples, expor-se aos azares de uma viagem d'estas. Aquelle porém não o escutava, em qualquer outra circumstancia as palavras de brasileiro seriam acolhidas pelo doutor com a bondade que o caracterisava, mas neste momento uma idéa impertuna emmudecia-o.

Carlos não se fez a esperar muito tempo, appareceu montado em um bello cavallo, que parecia animado dos mesmos desejos de seu senhor.

Partamos, disse elle despedindo-se de Tristão. Partamos, tornou o doutor.

E n'um instante os tres cavalleiros se confundiram sob espessas nuvens da poeira.

O brasileiro regressou tristemente para casa, aonde o esperava uma afeição como elle nunca tivera.

Mathilde era talvez a unica pessoa que podia comprehender este caracter caprichoso, mas ao mesmo tempo digno de respeito.

(Continúa).

O que resta ? . .

Portugal foi uma nação poderosa, não só pelas suas façanhas guerreiras e de conquistas como pela bravura de seus filhos. Sempre aguerida e coberta de gloria foi a sua marcha desde Valdevez até Aljubarrota, e d'ahi até as mais remotas regiões de Africa e Asia.

Seus filhos cheios do mais vivo enthusiasmo pela religião alistavam-se para irem longe da patria pelejar corajosamente; avassallando o Nilo e o Ganges, e desdobrar o estandarte das quinas sobre os mais famosos baluartes inimigos, triumphando de valentes exercitos que belluinos corriam em defeza da sua religião e da sua terra invadida.

A audacia dos guerreiros Luzitanos triumphou de tão fortes combatedores a niquitando impios monstros em lutas pavorosas, e hastiando os victoriosos Lusos estandartes em Ceuta, em Tanger. etc. etc.

Ainda os Portuguezes não tinham tocado a méta da sua gloria, elles não estavam satisfeitos seus projectos tanto quanto anhelavam: devia-se realisar o sonho do feliz Monarcha D. Manoel, satisfazendo assim seus desejos conquistadores.

Com effeito, a frota destinada para fazer as descobertas, deu a véla, e as quinas guerreiras sulcaram ufanas as aguas do aureo Téjo, abençoadas por um povo, que jubiloso entoava canticos ao Ente-Supremo, para que um evento feliz ainda uma vez corôasse os denodados armigeros.

Deos assim o quiz; e o grande Monarcha vio admirado a realisação de seu sonho com a volta da sua armada e dos esforçados Lusos seus vassalos, portadores de tão desejadas novas.

A noticia correu com a velocidade do raio espalhando-se por toda a parte, e o mundo inteiro deu um brado unisono de admiração por tão glorioso acontecimento

As nações estrangeiras quizeram imitar-nos fazendo seguir com destino ao Oriente innume-

raveis navios como o intento de participarem do fructo da descoberta. Então Portugal cheio de orgulho correu imperioso aos mares, novas frotas appareceram por toda a parte, obrigando a regressar aquelles que procuravam usurpar-nos. Todos os dias mais um feito brilhante vinha elevar nossas glorias enriquecendo a corôa dos Affonsos, e o bramido dos incansaveis e trovejantes bronzes saudar as quinas que vaidosas se desenrolavam com o sopro do zephyro.

Eis ali uma das épocas de grandezas de Portugal: extensão de dominios, riquezas, esquadras exercitos invenciveis que attestavam e garantiam esse poder que se estendia desde o Tejo até quasi todo o littoral da Africa, desde Ceuta até ao Mar Roza, e desde ali todo o Oriente até as Costas da China e de todo o Japão.

Mas ali! que após tanta immodica gloria sobreveio o infortunio!

A intentada conquista de Marocos accelerou a quêda de Portugal.

Mas que importa? se mais tarde succedendo elle o pezado jugo do captivo, altivo volve a occupar o lugar de primeira nação.

Quando isto succede, o Reino é escravo da Hespanha, seus cofres são propriedade do tyranno Felipe, quo sustentado por um formidavel exercito, julga tornar de Portugal sua escrava Colonia.

Ah! que lisongeiro, mas fatal engano! Seus fementidos projectos vão ser nada em vista do valor lusitano.

Eia! Portugal desperta de seu diffuso dormir; meia duzia de heroes Portuguezes, em cujas veias ainda gira aquelle sangue de tão briosa progenie, correm ás armas, uns brandindo a sempre ardente e fulminante espada, outros a ferrea lança, corajosos se arremessam sobre as filas das ferventes tropas inimigas reconcentradas na maior força em Lisboa, juncando de cadaveres as ruas da cidade, que pareciam sanguineos campos.

Victoria! Victoria!

Erão os vivos entusiastas dos vencedores, que reboando por um immenso espaço iam repercutir no coração daquelles que longe do combate e não sabendo de tão glorioso feito, não haviam n'elle tomado parte. Inflammado então o povo pelo ardente fogo da liberdade, corre ao lugar do combate lançando-se ferino sobre as perfidas phalanges que já fraqueja, desanimam, tremem e fogem sem esperar pelo premeio dividido a sua temeridade.

E' então que os fieis Lusitanos pelas vozes do santo patriotismo despedaçam os grilhões de Castella, devinizando o nome da nação e gloria sua!

Depois de alcançada a liberdade, esse symbolo adorado por um povo sempre livre, vereis a nova senda que Portugal trilha.

Com muitas difficuldades os Portuguezes ainda lutam; mas o que é isso a par dos bons desejos de legar ao mundo um nome bravo e heroico?

Já não são as conquistas nem os combates que elles querem, não por que sua bravura todas as nações conhecem. Agora é a agricultura, são as artes, as sciencias e a litteratura que apparecem para sermos mais felizes. Olhai para esses reinados que se seguiram ao ultimo episodio de nossa gloria guerreira, e vereis como em Portugal tudo se desenvolve.

O reinado do immortal D. José, coadjuvado pelo sabio Marquez do Pombal foi um dos da nossa riqueza invejada pelas nações estrangeiras, ainda mesmoppor aquellas que nos olharam com indifferença.

Pombal creou companhias com grandes fundos para augmentar a lavoura e o commercio; animou a navegação de uma forma, que fez de Lisboa o emporio das riquezas orientaes, elle affrontou o orgulho inglez, que já principiara a disputar a Portugal o que não pertencia a Inglaterra; mais que tudo elle castigou os grandes fidalgos inimigos da Corôa; e banio uma instituição, que a todas as nações ia sendo fatal.

Morre o Monarcha magnanimo; a quem Portugal erigio a famosa estatua, modelo de todas as que se tem levantado para gloria dos grandes, que isso se tornam merecedores: Pombal deixa de ser ministro, porém com a gloria de ver Portugal em progresso espantoso, e seus cofres abundantes em centenas de milhões de cruzados!

O que resta pois de todo esse esplendor?! ...

Raro vislumbre de nossa passada gloria!

Rio de Janeiro 24 de Outubro de 1856.

SEMEÃO PINTO VICTORINO.

o salteador.

E' meia noite!

Olhai .. não vedes lá distante, sobre aquelle outeiro, o brilho moribundo de uma luz, por entre as frestas de um pequeno casebre?....

Sabeis de quem é essa habitação? E' de um ente execravel sobre a terra. E' do salteador. E' do assassino emfim!

Aproximai-vos desse casebre e examinai o que se passa dentro.

Um homem nelle existe, o qual tem ante si, um pouco de ouro que passa havido de uma a outra mão.

Um sorriso de condemnado paira sobre seus labios.

Escutai-o.

— Cinco moedas!... que bella recompensa por um tão pequeno trabalho! ah! se todos fos-

sem como este ! apenas um só golpe e eil-o sem vida... Tudo corre emfim á medida dos meus desejos... Mais alguma presistencia de minha parte, mais algumas presas como esta, mais algumas vidas, e este casebre será transformado em palacio. Este ouro será tresdobrado.

Todos humilhar-se-hão a meus pés, e serei respeitado por esses mesmos que hoje me chamam vagabundo !...

Callou-se alfin.

O travesseiro de uma pequena enxêrga é o cofre, em que deposita o fructo de seus horrorosos crimes, onde logo apoz reclina sua enrugada fronte... Com um assopro apaga essa luz amortecida.

Um raio da lúá, porém, prepassa essas frestas por onde examinaes. Com essa luz ainda podeis ver que elle fecha as palpebras procurando conciliar o somno ; mas embalde, porque em sua recordção existem todos os horrores de suas atrocidades e com ella não pode obter descanso. Dá mil voltas em sua fragil enxêrga ; e por fim morpheu de si se apodera...

Em breve porém eil-o despertando horrorizado ; pois acaba de ver em sonho, ante si, a victima por suas mãos ainda ha pouco immolada, com um punhal erguido chamando assassino ! extremece e olha em rodor de si espavorido !

Tudo é repouso ; todavia elle julga estar vendo a realidade de seu sonho terrivel !

Se esse homem, se ~~homem~~ se pode chamar a essa fera indomita, com animo para sacrificar á sua ambição quantos se lhe aproximem, treme agora do rugir do mais pequeno insecto julgando ver d'elle surgir um fantasma idiondo para o arrastar as profundas dos abysmos, aonde ha muito tem botado corpo e alma...

Levanta-se blasfemando ! Passeia de um ao outro lado de seu estreito aposento... Para de repente como inquieto... Attenta o ouvido... Continúa o seu passeio... Para mais outra vez... Como que presente alguma cousa. Corre a uma pistola á cabeceira de seu leito ; depois de a ter examinado attenta mais o ouvido.

Continúa o silencio.

Torna a depôr essa pistola no lugar já sabido, e derije-se a uma pequena janella, que abre com precaução ; lança vagaroso a cabeça do lado de fora ; olha para todos os lados : nada o chama a attenção.

Ouvir o cantar melodioso dos passarinhos ? o manso mormurio da lymphá ? o ciciar das brizas ?

Olhai seu rosto.

Em vez de apresentar commoção a tanta poesia elle contrahido apenas apresenta indignação !

Retira-se para dentro, pega nessa pistola ainda há pouco deposta e mettendo-a em um de seus

compridos bolsos, cobre-se com um chapéo de longas abas e dirige-se para aporta ; dá uma volta na chave da mesma, e sai.

Sabeis aonde se encaminha ?

Vai em procura de novas victimas... fugi d'elle, temêi que vos divise ; pois nesse momento é peor do que o tygre furioso no deserto !

Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1856.

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

Um conto:

Meu bom pai, tinha um livro grande, de historias, que nos lia nos domingos, d' algumas que me lembro, uma merece-me muita attenção, e creio a ninguem poderá fazer mal, n'esta persuasão vou conta-la. Um pai tinha um filho, quando rapaz o mandou ganhar a vida, aconselhando-o que fosse bom, chorasse com quem chorasse, risse-se com quem se risse, e ouvisse missa sempre que passasse por igreja, onde se estivesse dizendo ; fôra este ser criado d'um rei ; e suas excellentes qualidades o fizeram logo muito querido da rainha.

Slario em palacio um criado, antigo, que vendo ser este mais bem tractado o tentou perder ; disse ao rei que entre este, e a rainha, haviam relações illicitas, e que se queria verificar a verdade do que lhe dizia, maguasse a rainha, e notaria o mocinho sentir-se igualmente, o rei o fêz e o mocinho sentio-se. Encolerisou-se o rei, e resolveu mata-lo.

Não longe do palacio haviam uns fôrnos de fazer cal, ao fabricante mandou dizer o rei, que quando lá fosse um mocinho dizer-lhe, faça o que el-rei mandou, o queimasse, sem lhe attender a nada que dissesse. Dada esta ordem mandou o rei o mocinho. Entre o palacio e os fornos havia uma capellinha, ao passar o mocinho, dizia-se n'ella missa, lembrou-se elle dos conselhos de seu pai, foi ouvi-la. O criado antigo tardando-lhe a noticia da morte do mocinho, pediu ao rei que o deixasse ir saber se sua ordem tinha sido cumprida, o rei o deixou, caminhando até apressado, chegado lá, perguntouse tinham cumprido a ordem do rei, o fabricante pegou nelle e o queimou, não obstante suas declarações. Acabada a missa o mocinho foi ao fabricante, [lhe disse, faça o que o rei mandou, o fabricante disse-lhe, já fiz. O mocinho voltou a palacio. O rei ao vel-o admirou-se, perguntou-lhe se tinha ido onde o mandara, sim real senhor, respondeu elle. Que disseram? senr. já tinha-se feito o que vossa magestade mandara. O rei mandou logo saber o que tinha havido? e verificou-se terem

queimado o criado antigo. Perguntou o rei ao mocinho o que fizera depois de ter sabido de palacio, respondeu o mocinho, que fora a missa, por que seu pai lhe tinha dicto que chorasse com quem chorasse, risse com quem se risse, fosse a missa sempre que passasse por igreja, onde se estivesse dizendo. O rei reconheceu a falsidade, bem disse o castigo do intrigante, e premiou generosamente o bom mocinho.

26 de Outubro de 1856.

J. J. BARBOSA DE CASTRO.

POESIAS.

Parodia.

O. D. C.

A UMA VELHA GAITEIRA

Se eu fôra um espelho, mas d'estes modernos,
Que em velhas faz moças de outr'ora voltar,
Provar-te quizera quanto és pretendida,
Em fé teres inda que alguém te hade amar!

Mas logo, mentindo
Tornar-te mui bella,
P'ra não me atirares
Por uma janella.

Se eu fôra uma sege, com forte parelha,
N'um dia de chuva por mim a puchar,
Teus finos vestidos de cassa bordada
Quizera com lama poder salpicar.

E logo, zangada
Ver n'um corredor
Metter-te, esperando
Por tempo melhor.

Se eu fôra janota de bons collarinhos,
Porém sem pataca no bolso contar,
Quizera, em extremo, dizendo adorar-te
À Igreja levar-te, contigo casar!

E após teu dinheiro
Mui prestes gastando
A sós te deixara
De ti me apartando.

Se eu fôra uma pipa, mas d'estas carroças
Nos cantos das ruas que é moda encontrar;

Com um solavanco, meu ventre já cheio,
Quizera entornar-me por ti ao passar!

E vêr-te fugindo
P'ra casa cheirosa.
C'um vidro nas ventas
D'essencia de rosa.

Se eu fôra uma casca de podre banana,
Na rua por onde tu fosses passar,
Quizera pozesses em mim teu pesinho
P'ra logo de costas poder-te pregar!

E logo os moleques
De ti em redor
Eu vêr, te chamando
De madre prior.

Se eu fôra poeta, Novaes, que inda mesmo
Nem lyra tivesse p'ra a minha igualar,
De quanta matrona gaiteira ha no mundo,
Eu n'ella, far-te-hia rainha sem par!

E após satisfeito
Por caros tropheus,
Em paga aceitara
Trez chochos dos teus.

Mas eu não sou casca, janota ou espelho
Nem sege, poeta, nem pipa a entornar....
Sou um pobresinho que, se ando na terra,
É por vêr os outros tambem n'ella andar!

Mas que ao vêr-te a esp'rança
Não perde, isso não!
De vêr inda o mundo
De costas no chão!

JOÃO DANTAS DE SOUZA

A Rosa do Vergel

Linda roza das-me um beijo,
Só desejo

Um beijo te poder dar.

Meu coração é sincero,

Mais não quero
Mas quero-te sempre amar.

Neste vergel afastada

Izolada

Diz-me roza és tu feliz?

Responde, mas. . . ficas triste
Te sentiste
Da pergunta que te fiz?

Mas que vejo? em tua côr
O pudor!...
Já comprehendo... ~~mas~~ então.
E no retiro sómente
Livramento
Encontras consolação.

Quanto és mais feliz do que eu!..
Que de meu
Ausente de Portugal.
Proscripto sempre a vagar
A chorar
Soffro, gemo, por meu mal

Rio, 21 de Outubro de 1856.

F. C. MARTINS DA COSTA.

Innocencia.

Minha Julia, tu não queres
Um beijinho todo amor
De teu amante querido
De teu pobre trovador?

Tu coras? triste louquinha,
Por que coras anjo meu?
Este beijo que te offereço
Amor t'o dá e não eu.

Recebe, meu bem, recebe
O beijo que amor quer dar-te;
Nunca foi crime um só beijo
Receber em toda a parte.

Recusas? p'ra que tu, Julia,
Recusas um beijo assim?
Se a amor não queres dar gosto
Da-me o gosto para mim...,

Meu beijo, affim, aceitas-te.
E delle gostaste bem!
A prova disso è qu'um beijo
Deste-me em troca tambem....

Rio de Janeiro, 1.º Outubro de 1856.

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

Recordações

Ventura, porque passte?
Passado, porque murch este?
Azevedo.

Foi em noite como esta,
Doce a brisa na floresta
Seus segredos murmurava,
A lua no céu fulgia,
Mansa a onda que gemia
Na praia a concha beijava.

E ella. pobre menina. .
Pallida a face divina.
Cabellos soltos ao ar.
Em meu collo reclinada
Era uma nympha deitada
Sobre um rochedo no mar.

E seu rosto sempre triste,
Qual a florzinha que existe
Entre espinhos esquecida.
Tinha do lyrio o alvôr,
D' asçucena o candor
Da saudade a dôr sentida

Dormia sobre meu peito,
Mas em seu rosto desfeito
A dor seus dias velava,
Velava que dentro d'ella
Da innocencia a voz singela
Com gemidos supplicava!

Quem sabe se em negro sonho
Algum fantasma medonho
Da pureza escarnecia?
Oh não que ella era pura,
Nunca um sonho de perjura
Sua alma manchar podia.

E' que a innocencia, a candura
Estremece á chamma pura
Que no peito atear sente,
E da paixão n'esse embate.
Vem o pudor, e combate,
Mas vence o amor ardente.

Acordou, e n'um suspiro
Ab que lembranças, deliro.
Os olhos erguendo ao céu,
Juro amar-te, diz-me, e logo
Dos olhos o lindo fogo
Em pranto se convertêo,

E outra vez em meu seio
Occultar seu pranto veio
Que bem mau prezagio era,
Um amor que se gerava
Da innocencia que chorava
Antes, antes não nascera

Virgem, virgem, que fizeste
Da corôa que teceste
Dos meus sonhos de esperança,
Enchafurdaste no lôdo
Minha crença, o porvir todo!
Só me deixaste a lembrança!

J. SANTOS SABINO.

O jardineiro e a flôr.

Tu cuidastes linda rosa.
Porque viste (pressurosa)
Eu te dar sombra feliz...
Que buscara no futuro
Vir a gozar doce e puro
Teu aroma e teu matiz!

D'esse sol abraçador
Carinhoso e sem amor
Se eu então te guardei,

Foi só porque nesta vida
Não quiereria ver perdida
A linda flôr que gozei ;

Que gozei bonita rosa,
Na roseira, mui viçosa
Pela brisa embalançada ;
A's vezes no chão cahida,
As vezes d'hastea pendida,
As vezes no ar orvalhada.

Era em ti que a natureza
Representava a lindeza,
Deste reino... nestas flôres...
Eu fui só o jardineiro
Qu'empreguei em ti primeiro,
Vigilancia e dissabores.

Mas agora que crescida,
Podes ir roza querida
Para algum peito murchar :
Uma roza deve emfim,
Abandonar o jardim
Antes do tempo a seccar.

Vai querida, sem pezares,
Que o lugar que tu deixares
Ainda póde dar flôres :
Será dessas d'hora avante
O meu desvelo constante,
Meu querer, e meus amores.

E depois que tu sahires
D'esse jardim... se me vires
Ai ! não creias te conheço ;
Essas flôres que criei,
Depois que a outras entreguei,
Ora sempre dellas m'esqueço.

Rio, 26 de outubro de 1856.

J. J. BARBOSA DE CASTRO

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 9 de Novembro de 1856.

N. 11.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

XI.

ESTUDOS HISTORICOS

I.

VIRIATO.

XII.

O temor dos Romanos não era infundado. Batidos por toda a parte, elles viam pouco a pouco fugir-lhes o poderio que tinham na Hespanha, pois que Viriato não contente em oppor uma resistencia heroica ás pertencções d'aquelles, perseguia os povos vesinhos, alliados dos Romanos. Esta guerra, verdadeiramente nacional, estendia-se de um a outro lado com a rapidez do raio; os Lusitanos pareciam brotar da terra á maneira que o grito de revolta se fazia ouvir, e cada dia a historia marcava um revez para os conquistadores. Tem-se pertendido attenuar a ambição dos Romanos, condemnando-se a resistencia que lhe punha cobro. Desculpam-os por terem apparecido em campo adornados desse immenso prestigio que os levou á posteridade, como induzindo a crer que essas conquistas eram apoiadas no direito primitivo; accusam os Lusitanos porque não podiam ver indifferentes os meios illegaes com que se apresentavam para os subjugar, como se elles, que não tinham por si mais que o seu valor e a sua coragem, não estivessem no caso de reclamar aquillo que lhes roubavam. E como reclamavam elles o que era seu? Expunham-se ao combate, defendiam-se em campo, e jámais os viram empregar os meios extremos de que seus inimigos lançavam mão. Viriato esperava. O territorio Lusitano estava livre dos Romanos, o valente capitão admirado desta inercia resolveu-se a despertar-os, e fez differentes excursões pelos paizes vesinhos.

Penetrando até á Hespanha, chamou seus habitantes ás armas, e conseguiu recolher-se com um exercito respeitavel. O governo de Roma ac-

cordou por fim. Um novo Pretor vinha á Lusitania no intento de vingar seus irmãos. Claudio Unimano, conhecido pela sua valentia e experiencia, trazia da Italia forças consideraveis, por quanto os precedentes lhe tinham provado que os soldados de Hespanha, se bem que corajosos, eram poucos para oppor a Viriato. Em Janeiro do anno 3816 chegou Unimano á Hespanha. O seu primeiro cuidado foi unir as suas forças, e reclamar da Provincia todos os reforços de que pudesse dispôr. O resultado foi bem mesquinho, pois que só em Abril é que pode por-se em campo.

Viriato poupou-lhe o trabalho das marchas. Sahio da Lusitania com o seu exercito, e veio ao encontro do primeiro, Claudio que não esperava isto, ficou um tanto desacorçoado, e não menos os seus soldados, a cujas fileiras o nome do Lusitano levava o desanimo e irresolução. O Pretor mandou desenrolar bandeiras, e com um apparato que lhe não permittia o seu cargo, acommetteu Viriato. Os Romanos combattiam unidos, para que as companhias não pudessem ser rompidas. Cuidavam d'este modo alcançar a victoria; Claudio formou as mais lisongeiras esperanças á vista da maneira porque o capitão Lusitano ordenava a sua gente.

Era costume muito antigo de Viriato: dividia os seus soldados em companhias tendo o cuidado de destacal-as da maneira que em caso de necessidade elles podessem cortar a retirada ao inimigo. Claudio, que bem longe estava de prever as vantagens que resultariam para Viriato d'esta ordem de combate, conheceo o seu erro. Acommettendo os Lusitanos, vio-se em um momento com as suas fileiras desordenadas, e seus soldados cahindo ao peso de um combinado ataque dos primeiros. Nunca batalha nenhuma entre os Romanos e Viriato foi tão disputada. Aquelles dispunham de forças muito superiores ás d'este, mas o que era isso para a coragem e valor dos Lusitanos?! E' em Apiano que nos fundamos. Claudio foi completamente desbaratado; do seu formidavel exercito restavam apenas fragmentos dispersos! Para seguir a sorte da maior parte dos seus predecessores, abandonou o campo, salvando-se, graças á ligeireza de seu cavallo Andaluz.

Os despojos foram imensos! Viriato temeu que as riquezas honrosamente ganhas por seus soldados fossem causa de algum contratempo; deu ordem de retirada e atravessou a Lusitania aos vivas entusiasticos de seus habitantes! Para fazer conservar a memoria desta batalha adornou de arcos triumphaes os montes mais altos, nos quaes se viram tremular por muito tempo as bandeiras que os Romanos perderam n'um tal dia !...

XIII.

Claudio Unimano apressou-se em participar a Cayo Negydio, Pretor da Provincia exterior, o resultado da sua *fanfarronada*. O primeiro, querendo vingar a derrota do seu patricio, penetrou pela Riba de Coa, e com um furor inaudito hia queimando e assolando tudo que encontrava. Os desgraçados habitantes, não tendo quem os defendesse, abandonaram suas casas e haveres a estes barbaros, e foram procurar refugio nas montanhas vesinhas. Tanto que Viriato teve conhecimento d'isto comprehendeu que Claudio o que desejava era arredal-o das proximidades em que este se occultava, para d'esta sorte previnir-se e ganhar forças de novo.

Quiz deixar de satisfazel-o, mas uma circumstancia terrivel o forçou a hir em pessoa castigar Negydio, não obstante poder mandar socorros aos infelizes perseguidos. Estes successos tinham lugar perto de Viseu, onde habitavam os parentes de Viriato; o receio de que elles soffressem da parte dos Romanos, e sobre tudo a impressão que lhes causavam as noticias que a cada momento recebia d'aquelle lugar, o forçaram, como dissemos, a procurar o Pretor.

Este nem animo teve para o esperar. Logo que soube da approximação do Lusitano esqueceu as suas barbaridades, e tratou de se pôr ao abrigo do poder de Viriato. Fortificou-se em um campo descoberto, rodeando a sua gente de grandes *valos* de terra, os quaes existiam muitos seculos depois.

Ha tradições curiosas respeito a estes *valos*. Diziam os habitantes do lugar que elles tinham sido abertos para contruirem a cidade, mas que o trabalho fôra tão excessivo que custou a vida a muitas pessoas. Acrescentam, para dar-lhe um colorido mais poetico, que os bois destinados a tirar a terra urinavam sangue. Estas e outras versões, transmittidas de seculo a seculo, provam que em todos os tempos os visionarios se deleitam a inventar historietas semelhantes... Viriato, á vistas das immensas fortificações de Negydio, achou que era impossivel qualquer ataque, mas ousado como era não quiz recuar-se.

Começou por interceptar todas as communicações aos sitiados, impedindo-os até de receberem viveres. Ordenou emboscadas, e em pouco

tempo os Romanos, reduzidos ao ultimo extremo, foram obrigados a dar batalha.. De parte a parte foi renhida, a fome, a sede, e o melindroso da situação dispunha os Romanos a uma defeza heroica. Viriato porém não queria de mentir a sua reputação de bravo, e as consequencias são fazeis de prever. Negydio salvou-se pela fuga, deixando o campo coberto de mortos e feridos.

Entre os captivos ficou um nobre e valente mancebo por nome Lucio Emilio, o qual amava a Lusitania como sua patria. Mais tarde diremos o fim que lhe deram os habitantes de Riba Coa, chamados Laucienses Transcudanos.

(*Continúa.*)

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

MARTYRIOS.

(Continuação).

Voltemos a Luiza.

Pela carta de Alexandre o *Coxo* sabem os leitores que Lourenço descansára em Arnamar algumas horas, para proseguir na sua viagem, durante a qual Luiza teria de soffrer novos golpes, novas angustias.

A dor excessiva faz perder a razão. O espirito envolve-se de um veu espesso e impenetravel, onde não penetra se quer um pequeno raio de luz para esclarecel-o.

Se a desgraçada menina não tinha enlouquecido, é porque Deos a dotára d'essa resignação tocante que é exclusiva dos martyres. Depois que fora sacrificada aos desejos brutaes de um infame, perdera toda a esperanza d'esta vida, e aguardava a morte como unico linitivo a seus males.

Que importava para ella a liberdade se aos olhos do mundo era a mulher perdida—a mulher manchada ? ! Haveria um ou outro ente generoso que lhe abrisse os braços, chorando com ella, mas o resto contemplal-hia com escarneo.

Dotada d'esse instincto particular ao seu sexo, Luiza sabia que a sociedade absolve quasi sempre o forte, condemnando o fraco. Depois julgava-se repellida por Carlos ; entre o seu amor collocára-se um obstaculo invencivel, e comprehendia que por mais violento que elle fosse, o mancebo recuaria ante a idéa pungente de que a joven não era mais essa menina pura e ingenua dos passados tempos.

Luiza não se defendia mais, entregava-se exhausta, e como que não existisse.

A infamia de Lourenço matára-lhe todos os

sentimentos, seu coração batia porque a vida se não extinguiu ainda.

Veio porém o momento em que a mulher se erguia de novo revestida de todo o seu poder e dignidade! Ella tornava a achar essa coragem que nasce de uma convicção firme, essa coragem que costumamos oppôr aos desejos irrefreaveis de qualquer pessoa que ha perdido todos os instinctos humanos! Em quanto que Lourenço occultou a sua negra traição, Luiza não se expunha a corar senão em sua presença, a deshonra, sendo pouco conhecida, impedia-a de reclamar o respeito que é devido ao infortunio, e se pudesse chorar restava-lhe ao menos a consolação de não ser vista. Mas para Lourenço era pouco o que lhe tinha feito soffrer; esta alma damnada comprasiase em tortural-a, e cada dia marcava um novo tormento.

Elles deixaram Armamar; Alexandre informando Martha de que seguiam a direcção de Travancá, enganava-se. Lourenço tomava uma estrada inteiramente opposta, era para Fontello que se dirigia. Vamos encontral-o em uma pequena quinta perto d'aquella villa.

São onze horas da noite do mesmo dia 5 de Janeiro.

Para esclarecer o leitor precisamos descrever-lhe o lugar em que se acha a quinta em questão. Sobre uma eminencia escabrosa e rodeada de algumas pequenas e insignificantes arvores, construiu o Sr. B. C. uma linda casa de dous andares, a qual parece servir de phantasma no meio do isolamento em que está. Se foi capricho de morgado ignoramos-lo, é certo que essa casa leva a palma a quantas se veem por aquelles contornos, e os mais exigentes a citam como modelo.

Nada ha que possa rivalisar com a sua elegante e estudada construcção; pertenderam adicionar-lhe um jardim, mas a lembrança não foi das mais felizes. Desmente o bom gosto que presidio á execução de sua companheira, e é provavel que a esta hora o Sr. B. C. seja da mesma opinião. O distincto morgado habitava n'ella uma pequena parte do anno, o seu caracter eminentemente agricola chamava-o a outros lugares, e a não serem alguns apaixonados da cassá, e do excellent panorama que se devisa d'essa eminencia, a casa estaria quasi sempre abandonada.

Lourenço tinha relações com o proprietario. Julgando encontral-o resolveu descansar ali, porque Luiza pedira com instancia para não continuarem na viagem. O Sr. B. C. estava em uma das suas quintas do Douro, Lourenço nem por isso deixou de utilizar-se do offerecimento de um dos creados que o conhecia, e installou-se no primeiro andar.

A desgraçada menina quiz recolher-se ao quarto que lhe destinaram, e sabendo para experiencia

que o seu perseguidor reclamaria um logar n'elle, pediu-lhe que a desculpasse por aquella noite. Va-se deitar, respondeu elle com brutalidade; é asneira fazer-me um pedido que bem longe estou de satisfazer.

Mas, Sr. estou morta de fadiga, ha duas noites que não durmo, tornou Luiza, com um gesto afflictivo.

Pouco importa isso, eu não durmo ha quatro, vamos, recolha-se.

Dez minutos depois a joven dormia profundamente.

(Continúa).

A Religião e o seculo.

O fim do mundo está proximo. Somos ameaçados de um cataclysma universal, pela impiedade do seculo! Assim dizem aquelles que desejavam ver-nos a braços com a superstição e fanatismo d'outr'ora; assim dizem aquelles que querem levar as crenças até ao ridiculo, como se apesar dos seus repetidos protestos não hajam actualmente crenças sinceras! Loucos que sois, condemnaes-nos ao mesmo tempo que nos absolveis. Sob a apparencia de palavras de persuasão occultaes idéas nocivas, e esses labios promptos sempre a diffundil-as amaldiçoam a mão que se vos estende generosa. Para que essa super-excitação de pensamentos se elles vem augmentar os ressentimentos d'aquelles que ameaçaes?... O philosophismo do fim do seculo passado fez nascer essa indifferença religiosa que predomina na sociedade actual. A palavra é vossa, entretanto que procuraes n'esses mesmos philosophos uma manifestação de crenças arreigadas, que em vão procuraríeis nos vossos escriptores predilectos. A que vem pois essa accusação pueril? Entendo-vos, comprehendéis a religião com tudo que fôr ostentação directa e exterior; embriagaes-vos n'esses infinitos *specimens* do culto a vosso modo, e lançaes á turba um olhar perscrutador destinado a heccher da impressão que n'ella causa a vossa maneira de observar os preceitos de Deos. Quantas vezes quereis que se vos repita que essa exaggeração de principios seria hoje um anachronismo? Quantas vezes quereis que vos digam que a civilisação fez mais em dez annos do que poderíes fazer em cem, por meio da execução dos vossos absurdos principios?

A impiedade está condemnada desde o principio do mundo: *Impius facit opus instabile*. Impiedade?! e como quereis lançar esse anathema ao presente, se o passado que é vosso foi um passado de impiedade! De que nasceram as guerras religiosas que assolaram por tantos annos a Europa inteira? De que nasceu essa multidão de

scismas que trouxeram a Christandade em continuo conflicto? De que nasceo a subdivisão de crenças? Consequistes por ventura a extirpação completa do erro, vós que dispunheis de tantos religiosos, de tantos apostolos? Consequistes atalhar um *Saint-Barthelemy*, as guerras religiosas da Allemanha e a revogação do *edicto de Nantes*? Consequistes reunir tantos homens dispersos, que se encontravam, se batiam, marchando sempre a um fim principal? Consequistes alistal-os na religião de Christo? Como apregoaes tantos serviços a bem de Deos, se hoje com menos ruido, com menos ostentação, poderemos levar ás sagradas aguas do Jordão aquelles que as desconhecem!? Como quereis alcançar pela força aquillo que só a persuasão autorisa? Condemnaes-vos absolvendo-nos. Como pertendeis esclarecel-os por meio de fogueiras que tinham unicamente a virtude de satisfazer mesquinhas vinganças?

Se a luz nasce aos rectos nas trevas, como empregaes os meios extremos? *Exortum est in tenebris lumen rectis*. Pesa-vos a liberdade de obrar deste tempo, pesa-vos muito o dominio directo de dous poderes que desconheciéis outr'ora, e que não reconheciéis hoje porque elles contribuem a desmacacar-vos. É pueril a maneira porque argumentaes; tendes crenças arreigadas, não vos quero mal por isso, mas para que condemnaes o exiguo presente absolvendo o vosso grande passado? Para que reclamaes do seculo actual aquillo que vem de vós? para que nos attribuis a indifferença religiosa, se trabalhastes para ella? Abusastes do tempo e das circumstancias, o poder que vos confiaram produziu resultados que bem longe estaveis de prever; encarastes o abysmo quando já não tinheis esperanças de salvação, e precipitando-vos nelle querieis que vos acompanhássemos na quêda. Deixae-nos, cedei á geração que nasceu ao ronco do canhão, ao sybillar das ballas, esse poder de que tanto abusastes, recolhei-vos ao Templo, regae seu pavimento de lagrimas de arrependimento sincero, e depois talvez que mil braços abertos vos recebam; choraremos convosco, e Deos levará em conta tanto o vosso arrependimento como a nossa fraternidade.

O Catholicismo caminha sempre ovante; essa indifferença religiosa, se é que existe, não está por tal fórma arreigada que possa fazel-o esquecer; no meio desse tumulto do seculo ainda haverão almas animadas do mesmo reflexo divino que inspirou os martyres d'outro tempo, que se votaram ao bem de Deos e da sua religião.

Os homens deste seculo que chamaes impio estão de tal modo corruptos que não traduzem nas maravilhas que os cercam o poder do Creador? Esta certeza contribuirá para que o temam, é pois: *Initium sapientiae timor Domini*. Disse Deos: amae a Deos sobre todas as cousas e ao

proximo como a vós mesmos. Podemos amar a Deos sem que os vesinhos saibam que lhe dirigimos ardentes preces. É naquelles dous mandamentos que está a essencia da religião. Cumpri-os e tereis cumprido tudo.

Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1856.

Dr. R. C.

● Dominó Encarnado.

POR

XAVIER DE MONTEPIN.

Traduzido

POR

D. A. MACIEL DO AMARAL.

III.

O AMANTE DE PEPITA.

Em quanto se passavam, no palacio Fornasari, os sucessos que acabamos de referir, uma scena quasi identica tinha lugar na casinhola proxima da Madona. Um homem em trajes de pescador e mascarado, abriu a porta que praticava com o cões, entrou na primeira sala que achou deserta, bateu docemente n'uma porta que communicava com um outro quarto, e uma voz de moça perguntou do interior: — Quem está ahi? — Eu, Beppo. — Entrai, amigo, estou só com meu pai. A moça que acabava de fallar estava em pé, perto de um ancião de longas cans, recostado em uma poltrona, beirando á janella e cuja cabeça bella e nobre recebia um character da cicatriz d'uma cutilada, que partia do alto da testa até abaixo da face. Este ancião estava envolto em capote de lã, e suas pernas repousavam sobre uma cadeira. O recém-chegado, desmascarando-se, deixou visiveis as feições do bravo Mam-mone. Um sorriso expandiu o rosto do velho soldado, envidou fazer um signal affectuoso, e seus labios murmuraram alguns sons inintelligiveis. A paralisia havia-o tornado surdo e mudo. Beppo chegou-se a elle, travou-lhe da descarnada mão e levou-a a seus labios com uma ternura respeitosa.

— Como vai elle hoje, Pepita? perguntou á moça. — Como sempre, Beppo. Sofre com coragem e nunca larga o seu rosario. Com effeito, via-se entre os dedos do velho um rosario de grossas contas de ebano terminado por uma pequena cruz de prata. — Ha muito tempo que não nos vimos Beppo! — Não me foi possível vir hontem. — Felizmente, porque me não terias

achado. — Sahiste? E o bravo não poudere refrear um assomo de surpresa e de inquietação, ao pronunciar estas palavras. — Não vos assomeis, Beppo, não fallei com viva alma, ninguém mesmo attentou em mim; sahi porque meu pai e arranjios domesticos o reclamavam. — Recolheste-te tarde? A' bocca da noite; porém, as praças e os cães regorgitavam por tal forma de povo, que eu não corria mais risco do que em dia claro. Tive entretanto um susto de morte. — E porque? — Porque a tresentos passos pouco mais ou menos daqui encontrei pescadores carregando um cadaver que acharam nas lagunas. Que bello moço elle era, Beppo! O misero fôra assassinado na vespéra, e dizia-se que trazia a marca desse infame ou antes dessa fera que se chama *Mammone*! Diziam isso? murmurou o bravo com voz alterada. Sim. Mas diz-me Beppo, será verdade que existam em Veneza homens capazes de matar por dinheiro? Custa-me a acreditar. — E' verdade e mais que verdade.

— E a justiça deixa-os viver? — Sim. A justiça! que vale a justiça humana?... — E a maldição do Céu não peza sobre elles? Talvez. — Oh! eu sou apenas uma fraca mulher, mas, se minhas supplicas tem guarida no Céu, meu Deos, amaldiçoai-os! — Cala-te, Pepita, cala-te criança; tua boca é pura e não deve dirigir a Deos senão invocações de perdão. Nunca amaldiçoas. Acaso não pode Deos perdoar? E sabeis além disso o que soffrem esses homens? Conheces por ventura seus remorsos? Quem sabe se uma terrivel fatalidade peza sobre elles e lhes brada: Sangue! Sangue!

Fallando estas palavras, *Mammone* tinha-se tornado branco como um lençol.

— Talvez tenhaes razão, Beppo, replicou a moça, apoz um momento de concentração, porém para crimes taes sou inexoravel. Compreendendo que se fira por odio: eu sou Italiana! Compreendendo igualmente que se fira por vingança, e creio que Deos pode perdoar. Mas, matar por dinheiro!.... comprehendéis acaso isso, Beppo? — E, se é um desejo de vingança, que arma o braço do bravo, se um odio profundo para toda a casta de nobres fatuos e orgulhosos, o impelle a vender seu punhal a fim de que se destruam reciprocamente, se sonha na liberdade, se fere os poderosos para ser livre! comprehendes isto, Pepita? — Não, porque esses projectos de liberdade, de odio e de vingança, não podem viver a par da avidez do ganho, no coração d'um bravo preceito. — Quem sabe!... Renzo pronunciou estas palavras com inflexão tão estranha, que Pepita não poudere deixar de encaral-o — Para que contristar-vos com palavras sinistras, Pepita! retorquiu bravo, para que quando nos achamos juntos, fallar de morte e de sangue? Não é melhor, me diz, pensar em nosso amor? — Sim,

Beppo, porém vós é que ha muito tempo não vos occupais do nosso casamento — Porque actualmente é impossivel.

Como assim? — Pepita, amo vosso pai, bem o sabes, como se fôra seu filho, e todavia em quanto Deos não houver terminado seus longos soffrimentos, chamando-o a si, não podemos unirnos — Não comprehendo essa necessidade de ensopear em lagrimas a nossa felicidade, e de não poder trazer a grinalda de noiva, sem um vestido de lucto; mas emfim esperaréi, Beppo! Esperaréi, velarei. N'este momento ouviu-se bulha na primeira saleta, e Renzo mascarou-se precipitadamente. Era uma vesinha que vinha inquirir da saude do pai de Pepita, e que pouco se demorou.

(Continúa).

Lagrimas.

O. D. C.

A MEU PADRINHO

O Revm. P.^o João Bento d'Abreu.

Oh! eu quero chorar!... deixai humanos
Por minhas roxas faces descarnadas,
N'esta hora pela dôr tão comprimido,
O meu pranto amargoso deslizar-se!...
Deixai humanos oh! deixai qu'eu verta,
N'este instante, uma lagrima sentida,
Gerada bem no fundo de minha alma!....
Não me estorveis oh! não.... fraco e humilde
De saudade pagar quero um tributo,
Melancolico e severo n'este dia
Que tanto á dôr e a magoa me convida,
Por um ente a quem sob as mãos do Altissimo
Eu a existencia devo cá na terra;
O qual já não pertence ao rol dos vivos!....

Meu pai! em doce paz lá onde habitas
Dos justos na mansão onde te occultas,
Lá onde aos olhos meus emfim, cansados
De amargo pranto derramar te escondes,
Ouve meus tristes ais, ouve meus carmes,
Os queixumes, emfim, que lá te envia
Sincero o coração d'este teu filho
Que infeliz peregrino sobre a terra
Ao desamparo soffre.... oh! soffre muito!...

Um anno! oh desventura!! um tão sómente...
O quanto é desditosa a sina minha)

Pobre infante, no berço ainda embalado
Da fragil meninice, um anno apenas,
Banhada em pranto minha mãe coitada
Cobrindo d'oscuros minha tenra fronte
De idade só em mim contar podia!
E já d'um pai amigo para sempre
Com o perdido, amparo oh! negra sorte
Mãe um orphão desdito era eu no mundo!...

Oh! se acaso, meu pai te fosse dado,
Se permitido fosse ainda voltares
A este val de pranto e de amargura
Onde deixaste a esposa carinhosa,
Em pranto debulhada, e mais ainda
A trez innocentinhos a quem d'este
O ser e vida, quanto lastimaras
A desventura vendo, que orphão triste
De vós na idade tenra, orphão ainda
D'uma mãe qu'inda vive mas distante
Da qual por um espaço dilatado
E' forçoso viver na triste ausencia,
Não deixa tão cruel de perseguir-me!...

II.

Céos! que lugubre som! que atra harmonia
Vêm ferir meus ouvidos!....
Que me dizem do mundo hoje os espaços
De crepe revestidos?

O que me diz o véo opaco e denso
Que envolve a redondesa?
D'estranha melodia o que me falla
A voz da natureza?

O que me diz do mocho, na espessura,
O piado agoureiro?
Por meio dos ciprestes ciciando
Favonio passageiro?....

O que me diz o suspirar saudoso
Da proxima cascata?
Por entre a relva o murmurar ligeiro
Da lymphe côr de prata?....

O que me diz gemendo, na floresta,
A rolinha innocente?

Da pomba, agasalhando seus filhinhos,
O arrolar tristemente?

O que me diz de par em par aberto
O recinto sagrado,
Do campanario augusto, crebro e rouco,
O dobre compassado?....

O que me diz a vaga entre queixumes
Na praia em escarceos?
De luto e magua envolta o que me falla
A morada de Deos?....

Que dizem-me esses lubricos cantares
Sob as naves que echoam?
Do orgão triste as vozes, que gemendo,
Pelo espaço resoam?....

O que diz-me esta scena pavorosa
Que ante mim se apresenta?
O pranto amargurado de mil olhos
Que tetrico rebenta?

O que me diz de incenso em rolo a nuvem
Que se eleva té os Céos?
O pallido brilhar da luz a furto
Por entre os mausoleos?!...

Céos! lá distante como escuto um echo
De mil sons compassados!....
Ouvidos presto.... Deos!.... elle responde:
E' dia de finados!

E' dia de finados! caminhemos,
Irmãos! vamos orar....
As lousas vamos dos funereos tumulos
Com o pranto orvalhar!....

Vamos depositar ante esses restos
De inanimado pó
De suadeade ainda ao menos repassada
Uma lagrima só!

III.

Hoje é dia de finados
Deixem-me eu quero chorar!

Quero de braços crusados
 Ir ante a cruz me prostrar... -
 Quero ante Deos humilhado,
 Pensar a sós contristado,
 No que heide ser, no que sou....
 Quero uma prece sentida
 Aos Céos mandar condoida
 Por quem o mundo deixou !

Quero por entre as moradas
 Dos mortos ir divagar....
 Quero essas longas ossadas
 Ir com meu pranto orvalhar...
 Quêro ir sentar-me perdido
 N'esse lugar mais horrído
 Onde ninguém parar vai....
 Quero sósinho e choroso
 No lugar mais silencioso
 Ir conversar com meu pai !...

Quero chamal-o a meu lado
 Quero dizer-lhe quem sou,
 Quero com elle abraçado,
 Meu pai, dizer-lhe, aqui stou;
 Quero contar-lhe as torturas
 N'este valle de amarguras
 Tão joven que hei padecido,
 Quero pedir-lhe em segredo
 Me leve d'este degredo
 Onde ao despréso hei vivido !

Quero que ao menos me falle
 Com paternal puro amor,
 Que por momentos me embale
 Esta existencia de dôr....
 Quero que diga : « meu filho
 Segue, não percas o trilho
 Da virtude que segui ;
 Vive essa vida do justo ,
 E tem fé que o braço augusto
 Do Ser Supremo é por ti »

Oh ! quero ouvir essas fallas
 D'um pai que não conheci !
 Quero no peito guardal-as,
 Guardal-as bem para mi....
 Pallido inda e descomposto
 Nos traços lêr de seu rosto

Quero a paterna expressão ;
 A poz o braço estendendo
 Quero me deite volvendo
 Ao outro mundo a benção !...

Rio de Janeiro, 3 de Novembro de 1856.

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

A suicida.

De que val sem honra a vida
 Ser do mundo escarnecida
 Desprezada ?!
 De meus pais a mesma sorte,
 Que escolher... a vida ou morte,
 Desgraçada !

Oh sim, sou bem desditosa.
 Tão joven inda... e sem honra !
 O culpado, oh quem sabe,
 Fui eu ou elle ?... só Deos,
 Que o mundo não criminosa
 Julga só a deshonorada !

Nas entranhas sinto um ente...
 Meu filho, pobre innocente
 Morrerás !...
 Matar-te pobre filhinho,
 Que fizeste ? !... innocentinho
 Viverás.

Se vires quem dar-te um nome,
 Teu Pai ? não, que desprezou-nos !
 Queres ser filho do erro,
 Trázeres marcada em fronte
 A vergonha ?... desgraçado!
 E tua mãe viver podia !...

Os meus pais constantemente
 Tem vivido honrosamente,
 Imitai-os ?
 Nessa vida tão honrada
 Do mundo tão respeitada...
 Ultragei-os !...

Eu já vejo as venerandas
 De meus pais cans nodoadas !
 Não longe também deviso

Os sorrisos d'ironia
Lançados em frente sua,
E devo viver ainda ?

Oh meu Deos... amei-o tanto,
Era tão puro e tão santo
Esse amor,
Que o meu ser todo offertei-lhe
A minha honra entreguei-lhe
Sem temor!...

N'esse dia, no delirio
Da ventura... fatal dia !
Jurou-me por sua vida,
De seus pais e até por Deos,
Que cubriria a deshonra
D'aquella que o amava tanto !

Oh! e eu cri, por que pensava,
Que aquelle que assim jurava
Compriria !...
Sem mesmo taes juramentos
Não tinha pressentimentos
Não temia !

E de que, se tantas veses
De seus olhos tinha visto
Correr tão sinceras lagrimas !
De seus labios, Deos, que fallas
Meus ouvidos escutaram !...
Não é isto tudo um sonho ?...

Um sonho, não desgraçada !
Tu és hoje a abandonada
Teu viver ? !...
Foi lançado n'amargura,
Té que o corpo a sepultura
T'esconder !...

Sim, oh ! sim, aquella corda
Meus dias findará breve !
Ouvirá só ella as ultimas
Palavras, de dôr transidas,
Que serão sincero adeos
A meus pais... e mesmo a elle !

E tu meu filho, coitado !
Tambem morres, desgraçado,
Sem um ai
Desprenderes !... duas vidas
No inferno submergidas
Por teu pai !...

Adeos mundo, adeos p'ra sempre !...
Morrer ainda tão joven ?...
Tão joven sim, mas sem honra !
Oh ! meu Deos, perdoa ao menos
A elle... quem foi culpado,
Vós sabeis, amava o tanto ! ?...

Seu rosto bello e sereno
Volveu-se com sangue frio,
Encarou a fatal corda
Não tremeo mas sim surrio ;
Os seus labios murmuraram
Seus pais, um nome... e ficaram
Inertes, mudos sem côr,
Era a pallidez da morte,
Que findava a triste sorte
D'esse desgraçado amor !

PEREIRA RIBEIRO.

No album do meu amigo

O SR. FRANCISCO COELHO MARTINS DA COSTA.

Que me trazes amigo ?.... teu album ?...
Em teu album não posso escrever !
Só se queres nas folhas singellas
Ver meu pranto ligeiro correr.

Um segredo só tenho no peito
Eu não posso nem devo conta-lo....,
E' segredo que ao seio da campa,
Eu sómente pertendo leva-lo !....

Rio de Janeiro, 3 de Novembro de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 210.

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III.

Domingo 16 de Novembro de 1856.

N. 12.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

XII.

ESTUDOS HISTORICOS

I.

VIRIATO.

XIII.

Dissemos que entre os captivos que ficaram em poder de Viriato, após a derrota de Negydio, havia um mancebo por nome Lucio Emilio. Promettemos dar conta do fim que lhe deram os Lusitanos; vamos cumprir. Era costume d'aquelle tempo queimarem-se os corpos dos finados, o que feito encerravam-lhe as cinzas em uma urna a qual era depositada no tumulo. Lucio participou d'esta cerimonia, e sobre a lousa de sua sepultura gravaram estas palavras: Os Laucienses puseram em lugar publico uma base com a estatua e as cinzas de Lucio Emilio, filho de Lucio, que morreu n'uma batalha de Negydio contra o *saltador* Viriato, ferido por um inimigo. Foi-lhe posta pelo honrar, e mostrar com elle magnificencia por ter sempre amparado e defendido sua Republica. Estas e outras lapides provam a bondade de alguns Lusitanos que não seguiam o partido de Viriato, e referem Moraes e Resende que perto de Lamego se acharam muitas iguaes.

XIV.

As duas batalhas que temos consignado contribuíram para o enfraquecimento completo do poder de Roma n'esta parte de Hespanha. Do seu valor tão laureado restavam apprehensões desfavoraveis, e a fama de Viriato corria de boca em boca, hindo até á capital, Romana onde produzia o effeito que era de esperar. Aos poucos infantes que escaparam da segunda derrota vieram juntar-se mil homens de cavallo, que resolveram procurar Castella, onde tinham muitas cidades que lhes eram afeiçãoadas. Viriato encaminha-

va-se para o Alemtejo; aquelles marchavam socoados pois que as montanhas se achavam desembaraçadas. Entretanto hiam assolando algumas aldeias para que se não dissesse que a sua marcha tinha um caracter de fuga. Proximos da fronteira encontraram-se com trezentos *Beirões* que se recolhiam ricos de gloria e de despojos. Os Romanos á vista de um numero tão insignificante acharam a occasião asada para tirarem desforra. Os Lusitanos conheceram das suas intenções, e vendo que eram cercados por todos os lados subiram a uma eminencia, despojaram-se das roupas que os incommodava e aguardaram a cavallaria que começava a mover-se contra elles, tendo-lhes já ferido alguns. O encontro foi terrivel, e os Romanos deixaram o campo em poucas horas com a perda de trezentos mortos. Os Lusitanos perderam setenta. Uns e outros proseguiram a sua viagem, mas d'ali em diante os nossos souberam-se haver por tal modo que não foram mais inquietados. Foi perto do lugar em que se passou esse successo que Raymundo refere a gentileza e bravura de um Lusitano, que recolhendo-se para sua casa carregado tambem de despojos, foi perseguido por alguns soldados Romanos de cavallo, que pretendiam rouba-lo. Aquelle em lugar de fugir como os inimigos esperavam que fizesse, parou em certa altura esperando a approximação de um cavalleiro que se adiantara dos outros. Tão depressa o vio ao alcance do seu *arremessão*, desfechou, e homem e cavallo rolaram no chão. O Lusitano não contente com isto puchou da espada, e de um só golpe cortou a cabeça d'aquelle. E sempre a sangue frio entrouxou o fato que pousara em cima de uma pedra, e fazendo uma cortezia ironica aos Romanos, retirou-se. Estes ficaram tão admirados d'acção do montanhez, que entenderam não dever perseguil-o. Além de Raymundo, Paulo Orozio relata este facto. Ha em Alladio a narração dos feitos de algumas mulheres Lusitanas; não podemos subtrahir-nos ao desejo de os consignar tambem, por isso vamos fazel-o, porque elles tem relação com o fim a que nos propozemos escrevendo estes apontamentos sobre o primeiro heroe Lusitano. Eis o caso. Entré as muitas sortidas que os Romanos fizeram pelos lugares em que a

presença de Viriato era impossível, houve uma tão bem combinada que as mortes e os roubos passaram além de tudo que se pôde imaginar. Depois d'estes e outros excessos roubavam as donzellas, que entregavam de novo, mas violadas. Em umas das suas excursões levaram trezentas mulheres, além de maior numero de homens. Para estes a vigilancia era extrema, com aquellas porém contentavam-se em atar-lhes as mãos, persuadidos de que seria sufficiente para as conservarem em quietação. Ellas achavam-se já fóra do territorio Lusitano, e tendo maiores danos concertaram entre si dar cabo dos seus inimigos. Esperaram a noite, e logo que os Romanos dormiam a sono solto, começaram a pôr em pratica a sua resolução. Algumas das mais corajosas, á custa de muitos esforços, conseguiram destruir com os dentes os nós que as ligavam. Isto feito continuaram a livrar o resto, e em pouco tempo não existia uma só amarrada. Os homens avisados por ellas previniram-se, mas faltavam-lhe armas. Aquellas remediarão de prompto este inconveniente, pois que poderam desarmar uma grande parte dos inimigos. Os Romanos surpreendidos procuravam arrostar o combate bem combinado d'aquelles que ainda ha algumas horas eram captivos. O resultado porém foi-lhes fatal, porque a noite estava escurissima, e elles feriam-se uns aos outros. Tal era o desejo de vingança da parte dos Lusitanos, que os primeiros, pensando que era Viriato que os combatia, fugiram desordenadamente, deixando as armas e os despojos em poder das corajosas mulheres, ás quaes pertencia a melhor parte d'esta victoria.

(*Continúa.*)

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(*Continuação.*)

Lourenço ficou a sós. Volveu em torno de si olhares prescrutadores, e depois de ter feito um rapido exame na sala em que se achava, sentou-se perto de uma mesa onde havia o necessario para escrever.

Os movimentos do malvado, as suas irresoluções e um não sei que de extranho em sua phisionomia, revelavam que um combate terrivel se dava em seu espirito.

Deu meia noite. Lourenço estremeceu, levantou-se, e começou a passear de um lado ou outro.

De momento a momento parava, reflectia, e tomava de novo o seu passeio precepitado.

Vamos, disse elle, por entre dentes; preciso d'este papel, a occasião não pôde ser mais bem escolhida, hei de possuil-o ainda que seja preciso arrancar-o á força!

E sentou-se de novo á mesa, pegou na penna e papel, e traçou rapidamente algumas linhas.

Assignará ella? d'esse, depois de ter lido o que havia escripto. Ha-de assignar, prosegueu com um sorriso odioso, tenho-a em meu poder, e costume ser inhabalavel em minhas resoluções.

A porta do quarto a que Luiza se recolhera estava aberta, Lourenço vio a joven que dormia placidamente, e o mesmo sorriso de odio lhe pairou nos labios. Approximou-se da cama, e contemplou a infeliz menina por algum tempo.

Luiza... Luiza, disse aquelle em vós alta. Não obteve resposta. Luiza... Luiza repetio, puchando-lhe por um braço. Ella accordou, e vendo Lourenço que segurava um papel na mão, encobriu-se entre a coberta de rico damasco encarnado. Que significa esta creancice? perguntou elle.

Pelo amor de Deos, deixe-me dormir descansada, respondeu Luiza, procurando retomar a sua primitiva posição.

Lourenço obistou-lhe, empregando quasi que a força.

— Que pertende de mim, senhor?

— Que assigne este papel.

— É que contem esse papel.

— Uma declaração com que se poderá provar que a não raptei, e que foi a senhora pelo contrario que me acompanhou espontaneamente.

— E pode pensar em tal?

— Tanto pensei que tenho aqui a declaração e a penna para escrever-lhe seu nome.

— Assignar um papel d'esses, eu?...

Na verdade, disse Luiza com ironia, sou obrigada a confessar que esse expediente faria honra ao diplomata mais consummado; é uma d'aquellas idéas que occorrem pouco.

— Deixemos-nos de observações, quero este papel assignado.

— Infelizmente tenho de perder esta noite, disse Luiza com um maravilhoso sangue frio. Conversemos, presequio ella sentando-se na cama vestida.

Lourenço ficou extremamente sorpreso do tom com que o joven pronunciou estas palavras. Já não era essa fraca mulher que implorava um gesto ou um sorriso de compaixão; agora disputava-se a lutar; por um estranho e secreto impulso ella achava palavras de ironia pungente destinadas a penetrarem como um ferro em brasa no coração de malvado, e este teria talvez de succumbir.

— Eis aqui a penna— assigne.

— Bom, começo a crer que tenho de por-me a pé; será conveniente; sabe que n'esta posição é

difficil escrever cousa com geito. Quer ter bondade de chegar-me esses sapatos?

Lourenço, resolvido a ver o desfecho d'esta comedia, pegou nos sapatos que lhe pediam, e quiz calçar-lhos. Ella porém embargou-lhe o movimento, e com um certo ar de galanteria escondida, deu-lhe uns pequeninos e elegantes pés.

Pegou no chale que tinha pendurado perto da cama, envolveu-se n'elle, e n'um momento estava na sala.

Lourenço acompanhou-a, a alguns minutos que elle mordia os beiços até deitarem sangue. A ironia de Luiza produzia seu effeito.

— Para assignar esse papel, disse ella sorrindo-se, é mister que leia; vejamos.

E estendia a mão para o tomar....

— E por que não lerei eu?

— Pouco importa, mas desejava fazel-o.

Aquelle deu-lhe o papel.

— Mas agora me occorre uma cousa, tornou a joven, antes de começar a leitura; não acha que seria mais conveniente que eu escrevesse a declaração?... isto de assignatura em um papel d'esta importancia dará lugar a suspeitas.... supponha que lhe dizem que foi conseguido por meios violentos.... o que ha-de responder?....

— Isso diz-me respeito, assigne e o resto não lhe dê cuidado.

— Uma vez que assim o quer!...

— E Luiza começou a ler.

Lourenço seguia-lhe todos os movimentos, porém não pode conhecer da impressão que a leitura produzia no espirito d'aquella.

— Com effeito, está perfeitamente escripto, um advogado não o faria melhor. E' pena que não possa conservar-se....

Não acabou. Como se fizesse a cousa mais natural d'esta vida rasgou o papel em duas partes e deixou-as cahir no chão.

Os olhos de Lourenço brilharam de furor! A surpresa fôra tão bem preparada que elle não pode sustel-a.

— Que fizestes, desgraçada?! exclamou elle com raiva.

— O que merecia uma semelhante proposição. Em lugar de recusar, entendi que era melhor destruir o instrumento d'ella. Compreendo que não quero, e Luiza carregou n'estas palavras, que não quero assignar semelhante declaração.

— E se eu te obrigar?!

— Como?... desejava vêr isso!

— Entretanto estás em meu poder.

— Assim é, porém a Luiza de hontem não existe mais; ao presente ha uma mulher promp-

ta a defender-se, e a pedir soccorro.... não estamos na mata.

— Na mata foi um caprixo que procurei satisfazer, aqui é uma vontade....

— Que por minha parte não satisfarei.... que se diria ao saber-se que desci a ponto de assignar a minha condemnação?....

Sabe uma cousa?... admiro-me de mim mesma ... sinto-me tão forte e corajosa, que o desafio a provocar-me!

— Luiza, disse Lourenço em tom quasi supplicante; tenho sido um infame, não o nego, tenho-te martyrisado, tambem é verdade, mas eu amava-te.... impelliste-me ao crime como teu desprezo; um homem como eu não póde ficar impassivel. O amor converteu-se em odio, e procurei vingarme. Agora que calculo o precepicio até onde me arrastei, agora que os remorsos começam a perseguir-me, quero dar-te a liberdade; assigna a declaração, e amanhã estarás em casa de teu pai?

— E a minha honra, quem ha de restituir-m'a?

— E' tão facil fazer acreditar n'ella!... algumas palavras de teus labios, e ninguem ousará contestal-a.

— Oh sim, tem razão Sr. Lourenço... rapta-se uma mulher, conhece-se o raptor, e a sociedade, por confissão da victima, acredita que ella volta pura como sahio da casa de seu pai! E' com effeito raciocinar logicamente.

— Entretanto....

— Aborreço-me isto já; perdi o somno—continuemos a viagem.

Lourenço fingia representar o papel de victima, elle pensava commover Luiza, porém as armas voltavam-se contra si. A joven lançava-lhe olhares de uma ameaça tal, que o malvado duvidava. A posição era por de mais critica, assim resolveu-se a sahir d'ella.

— Uma vez que o lembraste, disse Lourenço com vós tremula pela raiva, vaes escrever a declaração conforme eu te ditar....

— Luiza respondeu-lhe com um bocejo. Então? O mesmo silencio. Em fim não ha remedio...

Lourenço approximou-se da janella, levantou a vidraça e olhou para fóra; a noite estava escurissima.

— Não importa, disse elle por entre dentes, conheço perfeitamente o terreno.

Luiza olhava-o a furto.

(Continúa).

O Dominó Encarnado.

POR

XAVIER DE MONTEPIN.

Traduzido

POR

D. A. MACIEL DO AMARAL.

Expliquemos em algumas palavras as relações do bravo e de Pepita, e a ignorancia d'esta sobre a horriavel industria de seu desposado. O nome do terrivel Venesiano era Beppo Conti; seu nome de guerra era *Lourenço*, de que por uma abreviação habitual na Italia se tinha formado Renzo; Mammone, como já sabemos, era o seu appellido. A familia de que *il Mammone* era a ultima vergonteia era aparentada com a de Pietro, pai de Pepita. O joven Beppo crescera debaixo das vistas do soldado que lhe votava eterna affeição. Uma parálisia, consequencia de suas longas campanhas e numerosas feridas, veio pregar Pietro em sua poltrona, e deixar Beppo entregue a si mesmo, com uma alma ardente e cheia de energia capaz de boas ou más acções, com identica impetuosidade. Uma sabia direcção teria-o feito trilhar uma vereda honrosa e recta; a fatalidade arrojou-o ao crime. Dizemos a *fatalidade*, por ser um incidente vulgar que decido de toda a sua vida e votou ao mal seu porvir. Um rico senhor acabava de substitui-lo nas boas graças de uma bella pequena. Com uma cabeça menos fervida, Beppo teria agradecido em silencio a bargã de sua esmola amorosa, e safar-se-ia sem bulha. Quiz dar escandalo e foi vergonhosamente expulso pelo screados de sua ex-amante. Nesse dia, pela vez primeira, Beppo pensou na vingança, mas vingança leal e franca. Dirigio-se no dia immediato á casa de seu rival do acaso, e propoz-lhe um duello, o fidalgo julgou-o louco, e mandou atiral-o pela porta fora por seus lacaios. Desde este dia, seu odio para com um só resaltou sobre a casta inteira. Um horror profundo para tudo o que era riqueza e aristocracia se empossou de sua alma e subjugou seu pensamento.

Desde esse dia, alistou-se nas fileiras dos *bramas*, nem por isso se interromperam suas relações com Piétro e Pepita. Sua affeição fraternal para com a mocinha converteu-se, pouco a pouco, n'um amor de desposado, n'um amor que encheu sua alma e que frequentes vezes o perseguiu com um remorso, no meio de seus actos abominaveis. Teve medo da justiça divina! Suppoz que o céu não podia permittir a amalgama de tanta pureza e candura, com tanta perversidade e infamia! Quiz arrepiar carreira, mas embalde. O principio era ingreme, e como acabava de dizer a Pepita, o sangue reclamava sangue! Procrastinava pois

seu consorcio, e contava morto que fosse Piétro, atirar com seu punhal ao mar, e conduzir a joven para algum paiz remoto onde não houvesse penetrado seu sanguinolento renome. Nada era mais simples, alem disto, que a ignorancia de Pepita a seu respeito: quasi nunca sahia, não conhecia ninguem, Renzo vinha sempre mascarado. Para explicar-lhe esta circumstancia, tinha-lhe dito q^{ue} estando compprometido em um negocio de contrabando não podia apparecer de rosto descoberto.

A ingenua menina não concebeu sequer a sombra de uma duvida ou de uma suspeita. A conservação dos dois jovens, interrompida por um momento, continuou por algum tempo ainda, depois o bravo disse a Deos á sua querida, lançando em torno de si um olhar circumspecto antes de internar-se pelo caes. A pouca distancia avistou encostado ao muro um homem vestido como elle, que parecia prescrutar a porta da casa de Pepita. Renzo deu alguns passos. O homem mascarado o seguiu. Renzo parou. O mesmo fez o desconhecido. Continuou a andar. O desconhecido imitou-o. O bravo, vendo este manejo, retrocedeu, parou em frente do individuo e lhe disse: — Que me quereis? — Causa nenhuma. Vós me seguis todavia.

—Eu! —Sim. —Eu não vos sigo—Nesse caso segui vosso caminho!

—E com que direito me fallais desse modo?

—O caes pertence-vos tanto como a mim, creio eu!

—Sois um espião!

—E que vos importa?

—Nada, se vós não occupais de mim: mas lembrai-vos bem disto: não me sigais, não deligencieis saber quem sou, donde venho, nem para onde vou, porque vos aconteceria alguma desgraça. E o bravo, alongando-se com presteza, saltou em um pequeno batel que elle amarrara perto dalli, descreveu alguns circuitos por entre as gondolas, tirou sua máscara, mudou de gorra e voltou ao caes, sem ter notado que tinha sido acompanhado em todas as suas evoluções, por um batel exactamente similhante ao seu e montado por um só homem. O desconhecido tinha-se retirado, mas passados cinco minutos, Grizzo reunindo-se sobre a Piarzetta a seu amo, ainda disfarçado, lhe dizia: — Oh! ignore, ignore, acautelai-vos!

Porque? Sabeis quem é o amante de Pepita!

E o que tem isso?

O que tem? é que é *Renzo Mammone*!

IV.

O DUELLO.

Como era de esperar Jorge de Chivry não esqueceu, no dia seguinte á noite, a serenata pro-

mettida á bella Helena. Contractou pois para essa noite um certo numero de musicos que fez collocar em um barco grande, e elle embarcado em uma outra gondola, os dirijio para o lado do palacio Fornasari. Avalie-se a sua surpresa e descontentamento, quando ao abicar vio o lugar tomado por um fidalgo, vestido de preto e mascarado, garganteando a gosto. Jorge mandou manobrar de modo a abordar a gondola rival e disse ao primeiro, chegando: Sem duvida enganais-vos no balcão, cavalheiro? — Por certo que não, signore. — Nesse caso, como perdeis o vosso tempo, e vossas trovas, dai-me o prazer de mover os remos e levar a outra parte vossas languidas melodias. — Eu ia pedir-vos a mesma cousa. — Sabeis que isto é um insulto, senhor? Não sei, signore! — Emfim um de nós é demais aqui. — E' o que eu penso, — Então iremos juntos! Trazeis a vossa espada? Sim signore. — Estou ás vossas ordens. Entretanto, peço-vos um minuto? E o cavalheiro francez não querendo retirar-se sem effectuar seu galanteio, ordenou aos seus musicos de preludiar. Depois inspirando-se da circumstancia cantou a eopla seguinte, pessima, porém desculpavel:

Oh! não chora
Se a demora
Me fizer muito esperar
Meu barquinho
Voga asinho
Qual vóa a pomba no ar,
Teu amante
N'um instante
Tem esperança de voltar,
Pois dormir
Sem me ouvir
Não pode Helena lograr.

Os dous barcos partiram com rapidez, e depois d'alguns instantes arribaram ao cães deserto de que fallamos a proposito de Mammone. Os rivaes dirijiram-se para um recinto em que os raios da lua se retractavam. Um homem que a sombra projectada pelo frontespicio do palacio tinha occultado até então, marchou silencioso para elles; mas ao vel-os desembainhar suas espadas e atirar com suas capas no chão, ausentou-se murmurando: — Não precisam de mim! Era Renzo. Jorge poz-se de guarda. Seu adversario imitou-o. As espadas cruzaram-se, e a luz reflectindo sobre seu aço brunido pareceu fazer saltar faiscas com que se illuminou a penumbra. Já algumas estocadas haviam sido aparadas com igual destreza, eis que o Francez sentio de improviso a espada do Venesiano tremer ao tocar na sua e recuar um passo. — Que fazeis? lhe gritou elle. Sois fidalgo? A esta palavra o Venesiano pareceu reassumir um pouco de firmeza, porém não tardou que o medo prevalecesse, continuou a re-

cuar, e acabou por escafeder-se, deixando sua capa no chão. — Sois cobarde! infame cobarde! vociferou Jorge. O outro ouviu-o perfeitamente, mas nem por isso deixou de tomar as de Villa-Diogo, e saltando na sua gondola partio como uma frecha. Como terão presuppuesto, era Camillo. — Damnado Francez! dizia elle consigo; maldito espadachim! porque não havia de fallecer a coragem de enterrar no peito tres pollegadas de minha adaga! Mas paciencia! paciencia! ainda ha bravis em Veneza! Jorge foi terminar placidamente sua serenata sob as janellas do palacio Fornasari. Remettamos por um instante ao silencio o barão de Chivry, Helena e os amores patricios, para nos entreter-mos da linda e pobre Pepita. Camillo era indubitavelmente mais destro seductor, do que brioso duetista, assim nada omittio que pudesse facilitar-lhe a conquista da moça. A começo, e já certamente se tem penetrado seu designio quando se o ouviu pedir a Grizzo, n'um dos primeiros capitulos desta historia um vestuario completo de pescador; a começo, dizemos nós, trajando a libré da plebe, escogitou todos os meios de chegar-se da noiva do bravo. Era difficil, porém o que é que as artimanhas d'um D. João de profissão não conseguem? Cada vez que Pepita pisava o limiar da porta, divisava a figura do pescador desconhecido, e insensivelmente não pode isentar-se de admirar essa belleza delicada e patricia, mais prespicua talvez sob vestes grosseiras, que sob veludos e sedas. E depois esse lindo mancebo contemplativo, estava alli por sua causa. Não lhe era possivel a duvida, pois que elle se retirava jubiloso quando a entrevia. Em breve Pepita não pode mais pensar em seu noivo sem evocar o rosto pallido e encantador do mysterioso pescador, ao lado do semblante trigueiro de Beppo. Após as duas imagens afluíam juntas, e depois a de Beppo surgia sempre em segundo lugar. Amou Camillo e lho disse, mas declarou-lhe ao mesmo tempo que nunca pertenceria se não ao homem que a conduzis-se ao altar. O fidalgo nimiamente sceptico relativamente á honra das mulheres, tomou isto pelos esforços posthumos d'uma resistencia expirante. Decorreram assim muitas semanas.

(Continua.)

POESIAS.

A ti.

A ti, oh linda donzella,
A ti, oh visão celeste,
A ti que n'um teu sorriso
O coração me prendeste.

A ti que me tens roubado
O secego e paz d'outr'ora,
A ti que por teus encantos
De meu peito és a senhora.

A ti que dentro em minh'alma
Predeste paixão ardente,
A ti que nem por momento
Foges desta tristemente.

A ti, oh casta deidade,
Doce typo de candura,
A ti que me envolves n'alma
Mil idéas de ventura.

A ti que és deste meu peito
A terna imagem querida,
A ti que n'um meigo gesto
Dás vigor á minha vida.

A ti a quem nem me é dado,
Dizer-te minha paixão,
A ti por quem noite e dia
Trago afflicto o coração.

A ti que em mimosa prenda
Os meus annos celebraste,
A ti que de gratidão
A minh'alma inebriaste.

A ti, oh flôr de ventura,
A ti rosa sem espinhos,
A ti que em teu casto seio
Brincam ternos cupidinhos.

E' pois a ti que eu offerto
Meu amor e lealdade,
A ti, oh virgem celeste,
Pura imagem da bondade.

A ti emfim que és meu ser
Minha sincera ffeição,
O que te posso offerecer ?
Alma vida e coração.

Rio, 29 de Outubro de 1856.

M. C. BRAGANÇA.

Caliste.

A M***

Vamos, se podes vaidosa
Ergue essa fronte orgulhosa
Que já soube dominar !
Mas tu choras, despresada,
Que te resta ?.. nada, nada...
Sempre assim hasde chorar !

E pude amar a vaidosa
Que outr'ora tão formosa
Os incautos fascinou ?!..
Os incautos... foram tantos !..
Eram loucos... d'elles quantos
Um dia de gozo logrou?..

Como eu te consagravam
Terno amor, e desprezavam
Outras bellas, só por ti;
Elles julgavam colher
De teus encantos prazer,
E o porvir lhes sorri.

Sorri-lhes a vida, e flores
Matizavam os amores
Em que andavam embebidos;
Porém cedo o desengano
Sobreviveu bem insano,
Foram tambem illudidos.

Illudidos—tu vaidosa
Assomavas pressurosa
No meio do seu martyrio;
Era esse olhar de rainha
Que n'elles imperio tinha
Impellindo-os ao delirio.

Quem te visse então zombar
D'aquelle que por te amar
Commettera um negro crime;
Diria: terás um máo fim
Pois que se não zomba assim
D'esse que d'esquecer se exime.

Mas eximir o coração
De amar, se foi intenção
Que d'elle pura nasceu ?!..

Alimentou-o a esp'rança,
Mas em lugar da bonança
Veio a tormenta—morreu !

D'ahi vem o soffrimento
Que devora a fogo lento
Uma existencia querida ;
Foi de ti que a dor partio
E o desgraçado não vio
Que se lh'extinguia a vida !

Começa a vida a esgotar-se
Pela dôr que vae finir-se
Na campa que tu lhe abriste ;
Foi um martyr !.. caprixosa
Levantas a fronte orgulhosa,
E ao vel-o morto—sorriste !

Pois sorri-te—muito embora
Pois que n'esta fatal hora
Não ha pr'a ti compaixão !
Cortezã, abaixa a fronte
Antes que á turba te aponte,
E te diga—maldição !..

Cahiste, e na tua quéda
Aquellas que esta vereda
Seguem contigo, levaste ;
Tua corôa de rainha
Nada tem do que então tinha,
Tem espinhos no engaste.

Chora pois,—já stou isento
D'esse vario sentimento
Que apellidaes de amor ;
Busco, sim te perdoar
E nosso passado olvidar
Porque conhecestes a dôr...

Rio, Novembro 1 de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

No album do meu amigo

O SR. MIGUEL CORREA BRAGANÇA.

Queres, oh caro amigo, que eu deponha
Esta triste florsinha no teu album ?
Que vae ella fazer mirrada e triste

Onde tantas existem mais viçosas?!..
Mas embora viçosa ella não seja
Eu t'a dedico assim triste e mirrada
Tal qual a produzio meu peito,—aceita-a !
É de todas aquella que eu mais amo,
Como prova de estima eu t'a consagro.

☉ suicida.

RIMANSE.

Lá n'um monte alcantilado
Entre um outeiro fechado
Vio-se lá em noute escura
Junto d'uma sepultura
Um mancebo ajoelhado.

Amargo pranto vertia
Que deslizando corria
De seus olhos té ao chão ;
Entre a magua e afflicção
Suspirando assim dizia :

« Ouves Julia um triste som
« Lá ao longo d'amplidão
« Que tão brando e tão sentido
« Elle fere o meu ouvido
« Com tão terna mansidão ?

« Ouves as aves piar ?
« Ouves o mocho ulular ?
« E tambem a negra estije
« Que meu coração afflige
« Com seu sinistro gritar ?

« Vês o raio fulminar ?
« Ouves tambem estalar
« O fremitoso trovão,
« Que com ruidosa explosão
« Já lá rebenta no ar ?

« Não onves porque na terra
« Teu gelado corpo encerra
« Esta lousa tão pesada,
« Aqui na rocha gravada
« Desta alcantilada serra !

« Nem vês meu pranto sentido
 « Que tanto tenho vertido
 « Sobre a tua campã fria,
 « Toda a noute é todo o dia
 « Sempre á sua cruz unido !..

« Sem ti não posso viver
 « Oh! meu anjo vou morrer!..
 « Vou morrer junto a teu leito,
 « Este punhal em meu peito
 « Vou té ao cabo embeber! ..

« Julia minha pede ao ceu
 « Que devise o corpo meu
 « Alguma alma caridosa,
 « E que o lance piedosa
 « Lá onde descansa o teu!

O bardo infeliz se calou,
 Agudo ferro cravou
 Em seu coração constante,
 E seu corpo agonizante
 Sobre a terra alfin rolou!..

Triste gemido soltou
 Seu peito que tanto amou ;
 Suas desditas findaram
 Suas lagrimas seccaram
 O seu penar acabou !

Entre os mortos assomou
 Negro vulto, apoz orou
 Por alma do sem ventura,
 E na fria sepultura
 Seu cadaver arrojou...

Uma lagrima verteu
 Entre um bosque se escondeu
 Dizendo mui commovido
 « *Teu desejo está cumprido*
 « *São os decretos do ceu!..*

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

No album do meu amigo.

João Dantas de Souza.

ANALIA.

Nubivaga andorinha, qu'eu não possa...
 Balouçar-me em teu dorso o ar fender,

E na senda veloz de teu destino,
 Vencer meu pensamento :

Alipede zingrar serenas auras,
 E n'aquelle rozal qu'eu d'alma vejo,
 Scismando iria olhar de vagos sonhos,
 N'um anjo a minha Analia :

Meus suspiros prendera em seus suspiros,
 D'aquelles hymnos, que de séio arfante....
 Desprende terna, de languor sublimes...
 Que só anjos traduzem

No mago enlevo de seu doce olhar
 Unira a chamma que me acord'a vida,
 E nos seus labios tão de amor replectos,
 Meu oscl'o morreria !

Parar no seu perfil meus devaneios,
 Ardentes possuir mysticos gozos,
 Julgar seu coração como conheço
 Pervias folhas d'este album.

ANTONIO JOAQUIM DANIEL DO PRADO.

Soffrimento.

Que martyrio, oh meu Deus!
 Ai que dores, que soffrer!
 Eu não sei que culpas tenho.
 Para tanto padecer

Sinto em mim os soffrimentos
 Preludios de lenta morte,
 E no leito, entre martyrios
 Morrerei, que triste sorte !

E com tudo ás vezes tento
 Esquecer esses presagios,
 Penso então horas inteiras
 E um nome sahe dos labios
 Em Deos a fé, e a esperança
 Tão cedo não perderei,
 Sinto a vida renascer,
 Minhas preces acolhei

Acolhei-as Deos piedoso
 Sou bem joven pr'a morrer,
 Dai-me as forças que não tenho,
 Extingui o meu soffrer.

Setembro de 1856.

F. T. L.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
 Rua da Alfandega n. 210.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III.

Domingo 23 de Novembro de 1856.

N. 13.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

XIII.

Qui c'est la?...

Meus charos leitores.

Estimarei que estas poucas e mal traçadas linhas vos vão encontrar na posse *pacifica* de uma robusta saude, pois a minha ao fazer desta é boa, Deos louvado.

(Bis).

Amigos,

Tendes sem duvida sentido a falta de um certo X. que se occupou outr'ora com facecias de máo gosto, as quaes despertavam risos zombeteiros em alguns *caninos* de raça *caucasa*, que após muitos combates de... *dente* hiam em procura do antro cavernoso (pleonasma?) onde se occultavam das vistas dos mortaes?!

Se dizeis sim respondeis muito mal, pois que esse X. tendo consciencia do que era e do que valia, lembrou-se que não tinha nascido *pour faire l'esprit* (não de vinho) e buscando novos mares, novos climas. aпроou nas prais do reino da Historia (se fosse dos *contos*) e qual outro dom *Quichote*, eil-o armado de lança e escudo combatendo essa entidade sublime que abrange tantos homens quantos foram os que entraram no diluvio!

Mas ahi, como em tudo que elle ha tentado, encontrou em cada facto uma *cabeça de Medusa*, em cada seculo uma *hydra de Lerna*!...

Não lhe valeram os sorrisos animadores de alguns amigos, não lhe valeram as promessas de *alguem*... o pobre X. tremia, duvidava e deixando pender os braços soltou ao ar lamentosos gritos, que echoando ao longe foram despertar outros não menos sentidos, não menos estrondosos!...

Ah! que então elle deu ao diabo os poucos momentos de prazer que gozára ao lado de cer-

tos *passacios* que o lisonjeavam, esperando talvez que o fumo dessa lisonja o elevasse ao ar como qualquer balão aereostatico...

Convencidos porém de que as iugratidões de que o pobre X. fôra victima, lhe tornaram o coração arido, foram pregar a outra freguezia, e em pouco tempo não havia em torno d'elle mais que meia duzia desses *caninos*, que lhe ladravam, procurando morder-lhe as pernas.

O instante era solemne!

X. chama em seu auxilio os manes de todos os *rabiscadores de papel*, faz um gesto de afflicção, aponta para os seus perseguidores, e não querendo ver o que vae seguir-se fecha os olhos... e oh! mylagre estupendo!... pois bem, esses *caninos* que ha pouco lhe ladravam, affagavam-no agora lambendo-lhe as plantas!.. Eis aqui a razão porque não tereis hoje as *paginas intimas* do costume.

Commovido ainda por este acontecimento, impressionado pelo perigo de que escapára, elle pede aos seus leitores a indulgencia que merece, até que possa continuar a invadir os pequenos estados d'esse reino collossal que se chama Historia!....

Novembro 16 de 1856.

X.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação).

SALVA.

Expliquemos o desaparecimento de Domingos.

Recordam-se os leitores de que elle, por informações de Lourenço, correrá para casa da velha Marta, no intuito de arrancar Luiza do poder de seu infame perseguidor. Recordam-se também que dissemos ser a fatalidade que pesava sobre ella a causa do apparecimento de Lourenço, pois que Domingos não logrará salvar a joven.

Vimos como aquelle prehenheu as suas idéas de vingança. Luiza estava sempre sob suas mãos, nas quaes era um brinco pueril, e não obstante os esforços dos amigos de seu pai, d'este e de Carlos, a victima marchava de suplicio em suplicio, até que o calix ficasse de todo esgotado. O que os dous Cardosos não conseguiram, o que o doutor Gama não pode alcançar, alcançou-o Domingos. Estava destinado a este o papel mais importante d'este drama ignobil.

Foi elle que, qual *Ariadne*, pode atravessar incolume por entre o labyrintho de intrigas que Lourenço tecera com mão de mestre; foi elle emfim que arrancou a mascara de malvado, para o appresentar revestido de todos os seus crimes, para o appresentar tal qual nascêra. Se o que vae passar-se despertar o riso zombeteiro da algum *Aristarcho de capa*, se ao levantar-mos a ponta do veu que encobre o passado de algumas pessoas que ainda existem, o quadro que o encerra provoquo o escarneo de turba—passae—deixai-o como está, e não profaneis com o vosso olhar de sceptico esse quadro da vida real que encerra tantas verdades quantos são os pensamentos que se cruzam no espirito do homem. Para vós, egoistas sem crença, para vós materialistas sem causa, estas poucas linhas serão o pallido reflexo de uma imaginação exaltada, de uma imaginação creada no romantismo da epocha, porque costumaes repeller tudo que se aparte dos vossos habitos, do vosso pensar—da linha de conducta que promettesse seguir. Entretanto enganaes-vos — profundae os effeitos—investigae as causas, e achareis, não um pallido reflexo d'essa imaginação exaltada, mas sim ella inteira, acompanhada das crenças que não tendes, impregnada desse perfume dalma que costuma revelar-se n'esses momentos em que uma recordação do passado nos vem arrancar ao presente. Vê-de, por mais que blasphemeis, por mais que vos approuver dizer, ha sempre um poder que abatte o vosso—que o esmaga! Envolvei-vos nas dobras do mysterio—caminhae guiados pelo pallido clarão da lua—escutae os gemidos plangentes da alma que soffre, assisti impassiveis a essa transposição das trevas para a luz—sorprehendei, pesquisae, meditaes, se-de em fim testemunhas de tudo, após esse exame profundo haverá um que no silencio da noite, a sós, sentirá o que sentistes, verá tudo a que assististes! E' que elle tem por si a voz da consciencia que brada mais alto que nada; é que elle traduz em um simples olhar o que tendes occulto no amago de coração, e vós não podereis deffender aquillo que vos arrebatam!..... Domingos sabia o que desejava. A sua coragem e perseverança hia ser coroada do exito mais feliz, e elle podia restituir aos braços de um pai carinhoso a filha que lhe haviam arrancado. Com aquella presteza que o tornava tão notavel encaminhou-se para o lugar

em que era situada a casa de Martha, e como conhecia perfeitamente o terreno deixou a estrada direita, e envolveu-se em um pequeno atalho bordado á direita por uma extensa matta, e á esquerda por grandes vinhas. O atalho era demasiadamente estreito—o cavallo marchava a passo, e mais de uma vez Domingos receou rolar com elle para o lado esquerdo, pois que o muro que dividia o atalho da vinha era ao nivel do chão. O que elle temia aconteceu. Não obstante os esforços que empregou para domar a furia do cavallo, que impaciente talvez, começara um galope desenfreado, chegados a certa altura ambos cahiram, com a differença de que Domingos cahio para o lado esquerdo, e o cavallo ficou suspenso entre um e outro. Felizmente a queda não foi mortal, mas o pobre preto não podia erguer-se, quebrára uma perna, e os soccorros eram impossiveis

Arrastou-se, e como pode chegou até á beira de um regato que atravessava a vinha; ahi perdeu os sentidos. O cavallo levantou-se e poz-se a pastar tranquillamente. Uma hora depois é que Domingos foi encontrado. Perto do lugar da cathastrophe ha uma pequena casa rodeada de arvores fructiferas. Uma das filhas do domno d'ella colhia algumas fructas, e fosse a Providencia ou acaso ella veio ao regato em questão, e vendo um homem estendido, sem movimento, gritou e pouco depois apparecia o pai. A joven com a vós tremula de medo apontou para Domingos, e n'um momento aquelle se convenceu de que algum tragico successo trouxera ali o preto. O primeiro cuidado do camponez foi de fazer-lhe recuperar os sentidos, porque nada havia que indicasse ser um assassinato, Domingos voltou a si, e recordou-se de tudo.

Cahi do cavallo, disse elle, parece-me que quebrei a perna esquerda.

O camponez tentou erguel-o, mas a violencia da dor forçou aquelle a retomar a sua primitiva posição. Vai a casa chamar teu tio, disse o camponez para a joven — vai depresa. Ajudado por este conduziram Domingos para a pequena casinha, e trataram de chamar o cirurgião mais proximo. O preto era conhecido d'este, que se offereceu para o fazer levar á casa de Carlos, porém Domingos, não sabemos porque capricho, recusou.

Elle estava tão convencido de que Lourenço nada mais tentaria contra Luiza, que não procurou um meio de substituir a sua deligencia. Foi isto que o perdeu. Elle não conhecia ainda o malvado.

(*Continúa.*)

O Dominó Encarnado.

POR
XAVIER DE MONTEPIN.

Traduzido

POR

D. A. MACIEL DO AMARAL.

Mammone quasi que quotidianamente vinha passar alguns momentos na casinha do velho soldado. Pepita que outr'ora crera o amor o sentimento affectivo que a atrahia para Beppo, sentia evolatrisar-se esta illusão, e toda a vez que com elle se achava, sua frieza e embaraço cada vez mais a trahiam. Beppo observava essa turvação e indifferença que o pungia profundamente, mas não lhe decifrava a causa. Um rumor vago e que cada vez mais tomava consistencia se espalhou na aristocracia Veneziana. Fallou-se do consorcio d'Helena Fornasari, com o joven e bello Francez, a principio como de uma cousa verosimil, depois como d'um facto evidente. Este boato attingiu Camillo, que o julgou infundado, mas que entretanto deliberou offertar quanto antes suas homenagens e sua pessoa á rica patricia a fim de não deixar a algum rival tempo de o preceder. Em consequencia do que, uma bella noite, pedio a sua gondola mais elegante, entapessada com seus mais ricos estophos, mandou estacionar na Giudecca, proximo da praça de S. Marcos, a fim de dirijir-se ao palacio Fornasari, apenas tivesse feito alguns passeios por entre a turba, como o exigia a moda. Estas ordens foram satisfeitas, e Camillo acompanhado de seu creado dispunha-se a entrar na gondola, fastosa equipagem que os ociosos passeiadores admiravam, quando ouviu um grito perto de si, e uma mulher suspendendo-se ao seu braço se alluiu de repente. Voltou-se surpreso e vio a seu lado a pallida Pepita desmaiada. Ella acabava de reconhecer no brilhante senhor o lazzarone que quotidianamente promettia despozal-a. — Que contratempo! exclamou Camillo. Maldito seja o destino que postou neste momento em minha passagem esta estonteada rapariga! Que fazer? Grizzo!

— Signhore?

— Veste uma mascara a essa pequena e leva-a para a gondola, vamos regressar ao palacio. O povo já se accumula em torno de nós. Grizzo suspendeo a moça em seus braços, atravessou por entre a turba e entrando na gondola cerrou as cortinas. Camillo collocou se em pé perto do pavilhão, e os remadores fendendo a agua veloz e cadentemente, chegaram depressa a residencia do conde. — Onde estou eu? perguntou Pepita,

tornando a si. — Em minha casa, meu anjo! respondeo Camillo. — Em vossa casa! E quem sois vós? A moça, proferindo estas palavras, affastou os cabellos que lhe nublavam os olhos e fixando o conde com terror, exclamou: — Oh já vos conheço! já me recordeo! Enganastes-me, senhor! Quero sahir daqui! — Para que, minha bella? Para que partir tão breve? — Meu pai está agoniado, signore! — Esperai sequer um momento, respondeo Camillo retendo-a. — Não me toqueis! Mas que vos fiz eu? — Oque me fizestes! Santa Maria, ainda perguntais! Enganastes-me indignamente, disfarçando-vos em pescador, dizendo que me amaveis, que casarieis comigo! no entanto que agora... Oh quanto sou infeliz! — Pepita, socega! — Não! não! quero ir-me embora. — Podel-o-heis fazer depois de me ouvirdes. Todo o meu crime, Pepita, consiste em amar-vos. Recordai-vos d'uma noite em que perto do porto, aguardaveis uma gondola? Foi então que vos divisei pela primeira vez, data d'então meu amor. Mandeí seguir vos. Soube quanto ereis pura e sisuda, soube que vós me repelliis impreterivelmente, se me apresentasse como nobre Venesiano e para comprazer-vos, para sensibilisar vosso coração, enverguei as humildes vestes do homem do povo... Que importa minha jerarquia, depois disto? O grande senhor vos ama, Pepita, como vos amava o Lazzarone! — Oh! meu Deos! repetia a moça lacrimosa e mal tendo escutado o discurso de Camillo, oh! meu Deos! e foi por este homem que eu desdenhei a affeição de meu desposado o pobre Beppo! Vosso desposado! retorquiu Camillo com ironia, ousais fallar de vosso desposado? — E porque não fallaria eu delle? — Sabeis quicá seu nome, simplesmente? sabeis que profissão é a sua? — Estais zombando, signhore? meu noivo é um gondoleiro e chama-se Beppo Conti. — Vosso noivo é um bravo e chama-se Renzo o Demonio! — Mentis! — Não Pepita; e se quereis a prova do que avanço tel-a-heis n'um instante. — Aprova? — Sim. — Dai-ma.

Sabeis, não é assim que Mammone aguarda todas as noites, postado perto do arco da ponte dos Suspiros, aquelle que vem comprar seu punhal? — Sais pois o meu máo genio? — Sou vosso adorador, Pepita. — Partamos.

Camillo envolveu-se em um capote escuro, mascarou-se e sabiu com a filha de Piétro. Durante o trajecto do palacio Cavalcanti á ponte dos Suspiros, Pepita profundamente absorta, não enunciou uma só palavra, a despeito dos esforços que Camillo despendia para a distrahir, e roubal-a a sua preocupação.

Apenas porém saltaram da gondola e pisaram sobre o caes, ella arrastou seu guia com uma velocidade febril. Renzo estava no seu posto. Camillo sentia o braço de Pepita tremer com vio-

lencia sob o seu, ao passar em frente delle. — Então? perguntou elle, quando andaram mais alguns passos. Pepita não respondeo, porém largando o brago do nobre estupefacto, desapareceu por entre a turba. — Ha-de ser minha, rosnou Camillo reentrando em sua gondola. — Para onde se dirige, vossa senhoria? Perguntou Grizzo. — Para o palácio Fornasari!

V

O INSULTO.

Camillo saltou ligeiramente da gondola sobre os degraus de marmore, passou por debaixo do portico, subiu a escada e disse com uma soberba inflexão ao laçao que encontrou na antecâmara: — A signora Helena me espera; faizei o favor de annunciar D. Camillo Cavalcanti. Passado um momento, entrava no camarim da joven, que sua chegada imprevista surpreendeu desagradavelmente, mas que entretanto soube denominar-se assaz para dirigir-lhe um semi-sorriso, e dizer, fazendo ao importuno visitador uma saudação polida mas fria: — A que devo attribuir o prazer inopinado de receber hoje vossa senhoria? Esta pergunta revelava claramente que ella achava demasiada e extraordinaria a presença de Camillo em sua casa, entretanto este ultimo julgou conveniente precipitar sua declaração; e respondeu com uma voz que a apprehensão de mau exito, faria tremer d'uma maneira por demais adaptada á conjunctura. — Deveis minha visita, *signora*; ao desejo de por enfim um paradeiro ao meu supplicio. Sabeis quem eu sou. Meu nome passa por um dos bellos de Veneza. Minha familia occupa um lugar prespicio na historia de nossa republica. Minha fortuna poderia ser mais consideravel, é verdade; porém é bom ter semeado na juventude todas as fruções da vida, e meus preteritos desmandos vos continuem um seguro penhor de minha prudencia para o futuro.

— Onde quereis attingir com isso? perguntou Helena com um timbre de voz raptada d'uma ironia mal contida. — A offerecervos meu coração, *signora*, implorando-vos vosso amor e vossa mão. Ao passo que dizia estas palavras, Camillo curvou o joelho ante a joven. Hei vos deixado fallar sem vos interpellar, respondeo esta, porque convinha-me conhecer d'um só jacto todas as vossas pretensões, para d'um só jacto tambem as desfazer. Fallais-me d'amor e me pedis minha mão. Porém dizei-me, a voz publica nunca pronunciou diante de vós ao meu nome o do barão de Chivry? — Não comprehendo, *signora*, que relação... Nunca ouvistes acrescentar que dentro de um mez elle me devia desposar? — De maneira que é um aventureiro francez que vós antepondes, *signora*, ao descendente e herdeiro dos

doges? Assim esta ventura que eu almejava, será partilha d'um desconhecido apenas fidalgo?... — *Signor*, Camillo interrompeu Helena com severidade, treguas a expressões identicas. O que acabais de enunciar a respeito de Jorge de Chivry ausente, não ousarieis repetil-o se elle aqui se achara para defender-se. — Não ousaria, *signora*! — Não, *signore*, não ousarieis. — Pois eu o repetiria ao barão de Chivry se presente estivera. — Repetil-o então porque eil-o que chega!

Helena e o Venesiano voltaram ao mesmo tempo a cabeça para a porta d'onde partiam estas palavras, e ambos viram o resposteiro affastar-se para deixar passar Jorge de Chivry risonho e calmo.

— Saude a Helena; saude a minha bella soberana, disse tomando com graça extrema a mão da Venesiana e levando-a a seus labios. Saude tambem ao *signore* Camillo, e permitti ao aventureiro francez ao desconhecido apenas fidalgo, complimentar o herdeiro dos doges, sobre o feliz e incruento desfecho de seu duello da ponte dos Suspiros. — Que quereis dizer? perguntou Camillo com voz agitada em quanto que uma turvação extraordinario se desenhava em seu rosto. — Quero dizer, senhor, respondeu Jorge de Chivry, collocando-se na frente delle, com a cabeça erguida e os braços cruzados sobre o peito; quero dizer que outro dia encontrei sobre os canaes defronte deste palacio, um homem que eu suppunha valente e que não passava de um cobarde. Fiz a honra a este infame de cruzar minha espada com a sua, e o cobarde fugiu.

— Quem era esse homem? murmurou Camillo.

Esse homem estava mascarado e todavia eu o reconheci, e ao passo que o reconheci hesitava em publicar seu nome, porque esse nome é illustre, porque tem um brasão, até ali sem mancha, n'um feito em que não batte um coração. Este homem, este nobre, este cobarde, sois vós. Camillo tornou-se horivelmente pallido, levou a mão aos copos de sua espada. Jorge percebeu este movimento e sorriu. — Deixemo-nos de comédias, Senhor, continuou elle, para que travar dessa arma? Não ousareis puxar por ella O Sr. dedilha indubitavelmente com mais successo a guitarra do que a espada. Restrinji-vos a fazer conquistas e não garganteis vossas bellas canções ás desposadas dos fidalgos francezes. Helena fez um signal de aprovação. Jorge correu o resposteiro e saudando com graça fez passar diante delle Camillo, que sahio sem pronunciar uma só palavra. — Estou com medo, Jorge, estou com muito medo! disse Helena, quando o senhor de Chivry voltou — Medo de que, minha bella noiva? — Deste homem. Feriste-o e cruelmente em seu amor e em seu orgulho. E' cobarde, verdade é, porém é d'estro, astucioso e via-

gativo. Não é sua espada, é seu punhal que eu temo. Ouvi, Jorge, antecipemos o dia de nosso casamento e immediatamente depois, eu vos rogo, froquemos Veneza pela vossa França. Quereis azer-me a vontade, Jorge? — Se quero, Helena, quando prevenis meus mais ardentes desejos quando apressais a hora de possuir-vos e regressar a meu paiz!

— Nesse caso, senhor meu marido, dentro em oito dias verificar-se-hão as nossas nupcias! e que sejam esplendidas, ouvis? porque eu quero que se falle dellas muito tempo em Veneza. — Serão esplendidas e fallar-se-ha dellas. Camillo havia sabido do palacio Fornasari sem proferir uma só palavra, mas em sua alma, ribombava o trovão da vingança. Saltou em sua gondola, subiu a escada da ponte dos suspiros e correu para o lugar em que o bravo Mammone estava postado habitualmente. Achou o lugar deserto. Eis o que se tinha passado. Em quanto Camillo soffria um *xoque* humilhante no palacio Fornasari, Beppo, deixando seu posto funebre, entrava na pequena casa do cáes da Madona. Assim como de costume o trinco da primeira porta cedeu facilmente a pressão de sua mão; assim como de costume penetrou no segundo quarto, porém não foi acolhido como era d'uso, por um doce olhar nem por um meigo sorriso. O pai de Pepita dormia em sua poltrona, porém a livida pallidez de sua fronte, seus braços estiracados e cahindo de cada lado sem descansar sobre os encostos do annoso movei, seu roزاری cahido da mão, tudo diria que dormia o somno da morte.

Pepita, ajoelhada perto delle com a cabeça inclinada e occulta em suas duas mãos, soluçava convulsivamente. No momento em que Beppo entrou, passou as mãos pela fronte como para affastar os cabellos que a vendavam. Ergueu-se açodada; n'um segundo, a colera substituiu a dôr em seus olhos e sem dizer uma unica palavra, indicou a porta a Beppo com um gesto cheio de desprezo. — Que tens, Pepita? perguntou o mancebo. Que aconteceu a vosso pai? Porque me expellis? — Porque vos expillo? Em face do cadaver de meu pai, usais perguntar-me por que é que vos expillo, *Mammone*! Quem foi que me attraçoou? — Um homem que me ama, ouvis, *Mammone*? Um homem a quem eu diria: « *Eu não posso pertencer-vos porque sou a noiva de Beppo Conti, um nobre coração!* » Um nobre coração vós! Como não deveis rir-vos de mim, *Mammone*! Pepita! Pepita! — Esse fidalgo, por que elle o é, me respondeu « *Beppo Conti, vosso noivo*, esse nobre coração não tem o mesmo nome para todos: o povo domina *Renzo o Dominó*; olhai eil-o alli. » — Esse homem .. Pepita? Diz-me o nome desse homem? — Ireis assassinal-o, não é? Tomais-me acaso pela prisioneira de um bravo? — Seu Nome? Repetiu Beppo com

voz surda e arquejante. E agarrando na sua mão direita no ante-braço da moça, apertou-o com tanta violencia, que ella não pode enfrear uma exclamação de dôr. — Não ha-de sabel-o, e se queres matar-me, matta-me depressa, assassino! A esta ultima palavra, Beppo largou a mão de Pepita e fugiu como um gamo ferido pela chuço do caçador.

(*Continúa.*)

POESIAS.

Saudades de Portugal.

UM SIGNAL D'AMIZADE AO MEU AMIGO ANTONIO JO-

AQUIM DANIEL DO PRADO.

Patria minha tão querida,
Saudades tenho de ti,
De meus paes, de meus irmãos
E do lar em que nasci;

D'esses bosques tão formozos
Onde trina o rouxinol
Seus gorgeios maviosos
A saudar o arrebol;

D'esses prados tão amenos,
Por onde tanto brinquei,
D'esses regatos serenos
Que tanta vez contemplei;

D'esse céo azul e bello,
D'essas noites de luar,
D'esse meu rio Mindello,
D'esse tanto meu folgar;

D'esses campos tão amenos,
D'esses jardins tão formosos,
D'esses pomares tão plenos
De fructos tão saborosos;

D'esse todo magestoso
Que tens oh Patrira querida!
A ti consagra saudozo
Pensamentos, alma e vida.

JOSÉ PINTO DOS SANTOS

No album do meu amigo

O SR. JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Tu queres, poeta, que escreva em teu album
As trovas sentidas do meu coração?
São rudes, mesquinhas, que podem valer
Ao pé das mimosas que n'elle já stão

Amei... fui trahido!... curtindo saudades
Agora só vivo... não posso cantar;
A lyra que eu tinha, calou-se chorosa
Sómente gemidos te posso offertar.

Desengano.

Outro tempo julguei ser amado
D'uma joven que muito adorei,
Mas o tempo provou-m'o contrario
Pois que amor nunca n'ella encontrei.

Muitas vezes vivi illudido
De esperanças que a bella me dava;
Mil venturas gozava em só vê-la,
Só por ella meu peito pulsava.

Tinha os olhos tão pretos, tão lindos,
E seu rosto moreno, engraçado;
Os cabellos da côr d'azeviche
E seu corpo gentil, delicado.

Tinha a falla tão meiga, tão terna,
E seus labios a mais rubra côr;
Tinha os dentes mais brancos que per'las.
E seu collo mais mimos que a flôr.

Meu amor p'ra com ella era tanto
Eu amava-a com idolatria,
Que de dia pensava só n'ella,
E de noite em meus sonhos a via.

Mas um dia!... que dia cruel!
Que em seu rosto diviso um receio...
Lhe pergunto: o que tens meu amor?
Não é nada, me diz—não o creio

Tu me occultas horriavel mysterio
Em teu seio, ah! diz-m'o te peço
Me revelles, que tens em teu peito,
Meu amor em penhor t'offereço

Diz-me se inda me adoras ou não
Como outr'ora me tinhas jurado;
Que me havias amar até a morte,
Só assim ficarei descançado.

Se inda te amo? pois não me acreditas?
Mas que disse. oh! fatal confissão!
De seus labios ouvi fallar—sim—
Em seus olhos eu vi dizer—não—

Amas outro... foi logo o que eu disse,
A verdade em seus olhos eu vi
Fiquei cego, que ardendo de raiva
A perjura deixei, e fugi.

Agosto de 1856.

FRANCISCO COELHO MARTINS DA COSTA.

Escuta....

Vem comigo linda joven,
Quero ouvir segredos teus;
Ambos sentados, sorrindo
Ouvirás tambem os meus.

É tão pura, que receio
Confessar-te o meu amor;
Só assim porem eu posso
Esquecer a minha dor.

Só assim lembranças d'outra
Perderei da mente minha;
E não mais voltando a ella
Pedirei o que então tinha.

Vamos pois, os meus segredos
São pr'a ti a confissão,
Ella é toda a minha dita,
Faz bater-me o coração.

Não me peza revelal'a
 Porque sei que acolherás,
 Teus sorrisos m' o disseram,
 Depois d'ella fallarás ?

Fallas sim, o teu rubor
 Deu-m'a só á esperança.
 É por ella que não temo
 Esses gestos d'esquivança,

Não me digas linda joven
 Que sou facil em esquecer,
 Não m'o digas, ignoras
 Que despertas meu soffrer.

Esqueci, pr'a que negal-o?
 Mas a culpa não foi minha,
 A vaidade deslumbrou-a,
 Perdeu tudo quanto tinha.

Foi outr'ora doce sonho,
 Quanto tempo m'embalou ? !
 Foi a esperança do porvir,
 Mas depressa se escoou.

Tenho inda bem presente
 A palavra que me deu,
 Mas o tempo tudo póde
 A vaidosa me esqueceu.

Não importa, tu és hoje
 O meu caro pensamento,
 Oh! não fujas linda virgem,
 Não despreses meu intento

Escutastes o proscripto,
 Quanto sou feliz agora !
 De amarte sempre e sempre
 Oh Eu te juro n'esta hora !....

Rio, Novembro 4 de 1856

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Avezinha mensageira.

Vai avezinha, vai terna e mimosa
 D'espaco em spaco corre, voa prestes
 Junto a Marcia querida,
 Vai, e dizer-lhe deves que a esperança
 D'ardentemente ser por ella amado
 Eu conservo na vida.

Que emquanto, para mim, não for cumprida
 Tão prasenteira e grata essa esperança
 Que no meu peito existe,
 Será constante a minha dôr acerba,
 Acerbos e crueis esses momentos
 De minha vida triste !

Vai e dize-lhe mais, se por ventura
 Essa esperança tão fagueira e leda
 Frustrada visse um dia,
 Para sempre ao olvido me lançasse,
 Que arrostar mais a vida um só momento
 Em vão pretenderia

Pois sem uma illusão ter inda ao menos
 Mentida mesmo, para alguns instantes
 Da vida me sorrir,
 Mas que cruel inferno se tornara,
 Para mim a existencia e pois forçado,
 Fora á dôr succumbir

Vai avezinha, pois, terna e mimosa
 D'espaco em spaco corre, voa prestes
 Junto a Marcia querida,
 Vai e lhe certefica ser a esp'rança
 D'inda por ella vir a ser amado
 Que me conserva a vida.

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Ciumes.

Queres tu, linda donzella
 Qu'esta florinha singella
 O teu seio vá ornar?
 E' tão linda e tão viçosa,
 E' tão pura e é tão formosa,
 Como tu h'leza sem par.

Em teu peito guarda-a bem
 Vêr não quero mais alguém
 N'essa bonina tocar;
 Quero sempre vê-la assim
 No teu collo de marfim,
 Sempre, sempre até murchar.

Toma nympha, toma a rosa
 E' gentil, fresca, mimosa
 Assim como tu oh bella.
 No momento em qu'eu a vi
 Recordei-me então de ti,
 Fiquei morrendo por ella !....

Que fizeste ? !... ao chão raivosa
 A lançaste, furiosa !!
 E desfolhada a teus pés !....
 És tão cheia de maldade,
 Tu, mulher sem piedade
 Mais linda qu'ella não és !.

Rio, de Outubro de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

Como não amar-te?

Como não amarte, Elisa, se és tão linda
 Se tuas perfeições são seductoras,
 Se os encantos
 E atractivos em ti, são tantos, tantos !

Como não amar-te Elisa, acaso póde
 Alguem contemplar-te a formosura
 Sem que á lei de amor fique rendido,
 Sem que sinta por ti paixão, ternuara ?

Como não amarte, Elisa, se teus olhos,
 Negros, lindos, meigos, feiticeiros
 Dizem amor
 Quando os volves brilhantes e fagueiros

Como não amar-te. Elisa, se és tão bella,
 Se um teu sorriso
 Divino, engraçado matador,
 Recorda o dos anjos no paraíso !

Sómente corações de rocha dura,
 Rezistir a tantas graças poderão,
 Mas eu, Elisa amada, ah ! eu não posso
 Dominar o meu amor, minha paixão.

BELMIRO.

Parodia.

A. L.**

Se eu fora, meu anjo, gentil mariposa,
 Quizera a teu lado contente adejar,
 Louvara teus dotes de virgem celeste,
 Se bardo, na lyra, podesse cantar.

Se eu fora da noite mimosa estrellinha
 Eu só p'ra teus olhos quizera luzir;
 Cravara em teu seio mil settas agudas
 Se eu fora cupido fagueiro a sorrir.

Se eu fora do prado florinha engraçada
 Teus longos cabellos quizera adornar;
 Por ti suspirara se eu fora rolinha
 Na densa espessura d'um bosque ao luar.

Porém mariposa, nem bardo, ou estrellinha
 Cupido, florinha, nem rola a carpir,
 Eu sou; tão sómente sou homem, que humilde
 Amor, n'estes versos, te quer exprimir.

Rio, 16 Novembro de 1856.

M. CORRÊA BRAGANÇA.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
 Rua da Alfandega n. 210.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 30 de Novembro de 1856.

N. 14.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

XIV.

ESTUDOS HISTORICOS

I

VIRIATO

XIV.

O Senado Romano convencido de que a authoridade dos Pretores continuava a servir de incentivo aos brios da gente Lusitana, e ainda mais porque nenhum d'elles conseguira destruir a principal causa d'essa guerra encarnçada, resolveu mandar á Hespanha um dos Consules eleitos no anno 143, antes de Christo.

Fabio Emiliano, filho de Paulo Emilio, celebre pela conquista da Macedonia, e irmão de Scipião, não menos pela total ruina de Carthago, partio de Roma em direcção á Hespanha, com ordem de tomar toda a gente que julgasse necessaria. Conseguiu pois reunir um exercito de quinze mil infantas, e dous mil cavallos. Foi com este immenso poder que elle entrou na cidade de Orsona, depois Ossuna segundo Morales, tratando logo de obter todos os esclarecimentos sobre Viriato, o qual continuava com as suas excursões pelas terras de Andaluzia.

Os naturaes attribuiam a Viriato um poder sobrenatural, a quem devia os seus repetidos triumphos. Este boato chegou até as tropas de Fabio, e como era de suppor, produziu n'ellas bastante impressão.

Aquelle procurou destruil-as com a promessa de uma proxima victoria, accrescentando que o seu fito era bater-se até apresionar Viriato ou matal-o. Este logo que soube da vinda do Consul, e do grande exercito que o acompanhava, quiz provar mais uma vez que a coragem era n'elle uma das principaes qualidades. Como não podia offerecer-lhe batalha, devido á grande destancia em que se achavam um do outro, repetio

as scenas de desolação com que celebrava a chegada de um novo Pretor, e cuidou em guarnecer de gente sua as cidades que hia tomando. Estas e outras cousas despertaram o ardor bellico de Emilio, porém naturalmente devoto dos deuses quiz primeiro visitar o templo de Hercules que era proximo de Cadiz, esperando sem duvida que os sacrificios que hia fazer em sua honra, aplicassem o resentimento do seu predilacto, o qual se inclinara até ali mais para os Lusitanos do que para os seus compatriotas. Partio com effeito, e recommendou expressamente aos capitães Romanos que não tentassem nada contra Viriato, em quanto Fabio estivesse ausente. O nosso heroe tinha-se aproximado do acampamento inimigo. Como preludio de uma melhor derrota, atacou uma partida de Romanos, que procuravam pelas immediações do campo lenha e viveres para o exercito, mas estes poderam avisar algumas companhias, e o resultado hia sendo fatal para Viriato. As fileiras de seus batalhões começavam a voltar costas ao inimigo, aquelle sobranceiro sempre a todos os perigos, fez ouvir sua imperiosa voz, e em pouco tempo ficava senhor do campo. Por este tempo chegou Fabio. As suas ordens não tinham sido executadas, e com quanto a culpa não fosse dos Tribunos e capitães, elle fez sentir o quanto lhe desagradavam as novas que o esperavam. No dia seguinte começou o descontentamento a lavrar entre os seus batalhões.

Compostos na maior parte de gente moça e pouco habituada aos combates que testemunhavam, a coragem dos Lusitanos, a galhardia com que combatiam, e sobre tudo os precedentes, authorisavam a estas e outras apprehensões, e bem custou a Fabio chamal-os a melhores sentimentos. O Consul era um perfeito e experimentado capitão. Nenhum até ali lograra fazer o que hia acontecendo, pois que Viriato não podia empregar com elle os ardiz do costume, limitando-se a uma defeza parcial que contribuia para enfracuecer o animo dos Lusitanos. Fabio acompanhava em pessoa as companhias encarregadas de colher a lenha e os viveres para o seu exercito, e sabia subtrahir-se de tal modo aos stratagemas de Viriato, que este arrancava cabellos possuido de raiva. O Consul conheceu que era

ocasião opportuna para atacar. Os Lusitanos estavam acampados a meia legua dos Romanos. Convém advertir que Viriato dispunha de pouca gente, e esta inexperiente na maior parte.

Os inimigos avançavam com essa coragem que nasce da certeza de victoria, e poderam surpreender os nossos. O momento era solemne! Cumpria a Viriato não desmentir a popularidade de que gozava, e era urgente lançar mão de todos os recursos de seu espirito para impedir uma derrota completa. Dividiu como costumava os seis mil homens de que dispunha, e aguardou os Romanos. Sentimos não descrever com as brilhantes côres de uma rara intelligencia as gentilezas praticadas pelos Lusitanos! E' n'um caso d'estes que se torna precisa uma descripção fiel, mas colorida de tal forma, que desperte nos leitores o interesse e a curiosidade, porém, se tentasse-mos imitar os grandes modelos, temos convicção de que ficaria-mos muito a quem de uma narrativa pittoresca, e é por isso que nos contentamos em reproduzir com mais simplicidade o que a este respeito escreveram Tito Livio, Laymundo e Apiano.

(Continúa).

XAVIER PINTO,

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação).

A convalescença de Domingos foi demorada. Elle ardia de impaciencia por saber se Luiza tinha ido para casa de seu pai, ou se estaria ainda com a velha Martha. Não podendo, apesar dos seus esforços, informar-se a respeito, pediu ao camponez que o salvára para se dirijir á casa d'aquella, e obter algumas informações. O camponez aquiesceu a este pedido, e voltou com as novas de que os nossos leitores tem já conhecimento. Domingos soltou um rugido de raiva, e quiz sair. Foi em vão que lhe representaram que o seu estado não permitia ainda o maior excesso, o preto a nada attendeu, pediu o cavallo agradeceu ao camponez e partio. Encaminhou-se para a casa da Martha, e interrogou-a. Esta disse-lhe resumidamente o que acontecera, encobriundo-lhe as particularidades da luta entre Luiza e Lourenço. Não sabia direcção que tomaram? Não..... mas escute. Martha reflectio empouco, e proseguio. Lourenço tem relações d'amizade em Armamar. Travanca São Thiago, e sobre tudo em Fontello. E' em qualquer d'estas partes que o encontrará, a conselhe-lhe porem que se quizer tentar alguma coisa contra elle o faça com o auxilio da authoridade.

Isso fica por minha conta, respondeu Domingos. E despedindo-se de Martha, tomou a direcção de Armamar. Aqui obteve elle alguns esclarecimentos, mas a dubiedade d'elles o forçaram a procurar Travanca. Lourenço seguira uma estrada inteiramente opposta, assim Domingos teve de retroceder. Já desesperava dasua boa estrella quando por um feiz acaso lhe disseram que aquelle sahira de Armamar em direcção de Fontello. Comestas pesquisas passaram-se trez dias. No quarto estava o preto n'esta pequena villa. Erão quatro horas quando elle entrou n'ella, e o seu primeiro cuidado foi tomar conhecimento com algumas velhas beatas que tem a habilidade de trazer na ponta da lingua a vida privada da gente do campo. Como uma d'essas feiticeiras o conseqüio é o que ignoramos: sabemos porém que Domingos hia ficar em contacto com Lourenço, e apesar d'este ter abandonado a casa em que o deixamos ameaçando Luiza, havia as mais bem fundadas esperanças para um combate entre os dous.

Agora que Domingos está sob nossas vistas, voltemos á quinta do morgado....

Luiza como dissemos já, olhava Lourenço a furto. Ella previa que a tempestade hia rebentar, porém mais violenta que nenhuma dos precedentes. Animada agora d'essa coragem intima que nos precepita—a joven esperava com impaciencia o final d'este embate de paixões violentas e variadas. Lourenço aproximou-se d'ella, encarou-a por algum tempo, e disse: Dou-te cinco minutos para *escreveres* a declaração da minha innocencia.

Luiza não respondeu. O malvado tirou o relógio, e redarguiu.

Tens apenas quatro minutos, O mesmo silencio. Trez, continuou elle... Dous e o que falta é o tempo necessario para dirigires uma prece a Deos, porque vaes morrer. Luiza levantou-se magestosa e altiva como uma rainha, aproximou-se bem de Lourenço, encarou-o como elle lhe fizera, e com um socego provocador, respondeu: Duas palavras bastam para o desarmar, Sr. Lourenço, e até acrescento que posso com ellas forçal'o a ajoelhar-se a meus pés, e implorar o perdão.... que não estou resolvida a conceder-lhe. Aquelle sorriu-se ironicamente, segurou no braço de Luiza e puchou d'um punhal: A declaração ou a morte, bradou elle. Nem uma nem outra cousa, disse Luiza... Lourenço hia a ferir... Assassino de João Pinheiro — completa a tua obra! Lourenço recuou alguns passos. Lembra-te da matia do coronel Fonseca, a cruz da encrusilhada!

Luiza teve medo... A phisionomia do malvado tomou um caracter tal de ferocidade, que ella recuou alguns passos. A revelação inesperada de uma cousa, que elle julgava sepultada nas trevas

do mysterio, produzio n'elle tal impressão, que o sangue gelou-se-lhe nas veias, e não pode pronunciar a mais minima palavra.

Esta revolução porém durou poucos minutos, foi então que Luiza recebeu, e conhecendo que estava perdida sem remedio foi pouco a pouco encostando-se para a porta, e aproveitando-se do espanto Lourenço deu volta á chave, pedindo ao mesmo tempo soccorro. O infame raptor deu um pulo de panthera, o corredor estava escuro; era tal a sua raiva que descarregou repetidos golpes em redor de si, pensando ferir Luiza. Esta, louca de desespero, balbuciava uma ultima oração, quando os creados da casa appareceram no lugar da scena, que ficou allumiado. Lourenço correu sobre Luiza de punhal alçado. Não logrou o seu intento pois que dois dos creados desarmaram-no em um momento. Assassino, bradava Luiza na mais alta escala da indignação, assassino! Elle debatia-se no meio dos creados, soltando gritos entrecortados de raiva feroz. Em nome de Deos senhores, ponde esse homem em estado de nada tentar contra mim, elle assassinar-me-hia como assassinou a João Pinheiro! Oh! bradou Lourenço rangendo os dentes!. Um dos creados tinha uma força bruta, era elle que o conservava n'uma distancia respeitosa de Luiza, e esta pallida e arquejante procurava subtrair-se aos olhares de raiva que lhe lançava aquelle, que cedeu por fim ao cansaço. João, disse o corajoso creado, vae a Fontello chamar o *Regedor*, eu guardarei este homem. Não, não, morrerei, mas antes disso quero beber o sangue daquella mulher, dizia Lourenço debatendo-se no chão. Vae, tornou elle para o creado, mas conduz essa menina á casa de minha mãe.

(*Continúa*).

● que eu amo.

Eu amo ir sentar-me n'um rochedo á beira do mar, e ali, espalhando minhas vistas pela amplidão do espaço, enviar á patria um suspiro sahido do intimo d'alma, o qual possa traduzir as amargas e pungentes recordações que alimento bem longe della.

Eu amo, por uma bella tårde da primavera, e a sós sentado, escutar as notas mysteriosas da natureza que vai adormecer, impellidas pela doce brisa que brinca além.

—Eu amo aspirar as agradaveis emanções das flores sylvestres, e por um movimento expontaneo de reconhecimento, agradecer a Deos o perfume com que dotou essas mimosas filhas da terra.

—Eu amo ouvir bem perto de mim o trinar do terno e mavioso rouxinol, e com elle o canto dos passarinhos festejando alegremente o primeiro arrebol da manhã.

—Eu amo ver o astro brilhante surgir no horizon-te, e pouco depois a natureza despertar de todo, celebrando com canticos divinos todas essas bellezas que se identificam nella.

Eu amo ver o sol esconder-se no occaso, e projectar seus fracos, mas avermelhados raios, pelas ribeiras mansamente deslisando-se ao longo das campinas.

—Eu amo ver o pastor ao lado da terna amante, entoando ambos os lindos e apaixonados idyllios, que lhes inspira essa natureza brilhante, que elles contemplam extasiados.

—Eu amo ver a borboleta adejar de flor em flor, libando as doces gottas de orvalho que a noite depositou no calix dellas.

● que eu mais amo.

—Eu amo ver a mãe carinhosa rodear com seus braços o pescoço infantil do menino que brinca em seu collo, e com um apaixonado beijo retribuir-lhe as caricias sem fim que o innocente despende com ella.

—Eu amo ver a donzella ajoelhada ante o altar da Virgem—implorando-lhe com fervor que a preserve das seduções do mundo em que vive.

—Eu amo ouvir os canticos religiosos que as freiras sabem entoar tão bem em um dia de festa solemne.

—Eu amo sobretudo admirar o firmamento marchetado de brilhantes estrellas, em uma noute serena e pura, e poder então recordar saudoso os momentos de doce enlevo que passei na patria, ao lado de meus pais, e das pessoas que constituíam as minhas mais caras e ardentes affeições.

Abril de 1856.

XAVIER PINTO.

POESIAS.**Saudade.**

*Por te ver foi semeada,
Por te não ver a criei.....*

(J. de Lemos.)

Dos ermos na soledade,
Por meus ais interrompida,
Desce de novo, oh lyra
Uma canção bem sentida.

A tua corda mais branda
Vibra com suavidade ;
Desprende magico som
De ternura e de saudade.

Vem nos meus labios poizar
Triste canção dolorosa,
Vem, ajuda-me a sentir
Ausencia tão amargosa.

Possa teu echo gemente,
Em rouca voz maguada,
Levar nas azas da briza
Tristes ais de minha amada.

Mas ah! que triste loucura
Lá não chegam meus lamentos !...
Quanto se compadecêra
Se soubesse os meus tormentos !

Soltara brando suspiro
Seu coração amoroso,
Se soubesse o quanto soffro
Neste mundo, desditoso.

E quem sabe, inda na mente,
Se lhe adeja o pensamento,
De ser o amor que lhe voto
Origem do meu tormento ?

Mas de que serve no peito
Irigir-lhe amor sem fim,

Se ella talvez nem dirija
O seu pensar para mim.....

Das meigas horas de sésta
Nas suas meditações
Onde irá seu pensamento
Enlevar-se d'afeições ?

Pensará ainda ao menos
Qu'eu a adoro cegamente?
Que por ella me devora
O fogo de amor ardente ?

Talvez que de mim bem longe
O seu fiel pensamento
Em mil prazeres envolto
Só me legue esquecimento!...

Mas se de mim se não lembra
Se no seu pensar m'olvida,
Viverá sempre em meu peito
A sua imagam querida !...

Rio, 24 de novembro de 1856.

M. CORREA BRAGANÇA.

No album do meu amigo

O SR. DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

Nas minhas mãos
Este album lindo
Prazer infindo
Me faz sorver:
Sim quero ver
O que contem,
Se versos tem
Oh ! que prazer!...

Ah ! vou abri-lo ...
Que vejo !.. intacto !
Só co'o retrato
Do seu author ?...

Então senhor !
Vem visitar-me?
Se quer fallar-me,
Ao seu dispôr.

—Quero uns versinhos—
Vem m'os pedir?
Ah! Ah! faz rir
Seu proceder;
Não póde haver
Caso mais duro
Versos, procuro
Não sei fazer!

Pedir-me versos a mim
Que não sei poetisar,
Se fosse poeta sim
Poderia alguns lhe dar;
Eu mesmo quizeria ter
O gostinho d'escrever
Neste seu album dourado,
Logo na primeira folha
Sem d'outra fazer escolha
Um poema sublimado!

Mas que fazer, se não tenho
P'ra cantar um alaúde,
Com Apollo em vão m'empenho
Para que ao menos me ajude;
E' inutil não consigo,
O que lhe peço; mas digo
E' espinhosa a tarefa!
Um verso muito bem feito
As vezes perde o preceito
Por causa da sinaléfa.

Se cae nas mãos d'um poeta
Temos a Paschoa ao Domingo
Começa a tocar rabeça
A ler o verso e se rindo;
Pelos dedos a cantar
—Não sabe metrificar—
Brada logo entusiasmado!
Foi apanhado a gancho,
Seja de Pedro ou de Sancho
E' verso de pé quebrado

Nem mais procura saber
Se deve ser desculpado,
Seu author por escrever
Versos, por ser obrigado
Por isso, caro freguez,
Desculpe por esta vez,
Seu album aqui o tem,
Se julgar meu canto rude
Cá por mim fiz o que pude,
Adeos, passe muito bem,

Rio de Janeiro, 14 de Novembro de 1856.

FRANCISCO COELHO MARTINS DA COSTA.

O meu Anjo da Guarda.

Ai ! que noite tão negra ! tão negra !
Tão medonha e horrenda, oh meu Deos !...
Em meu peito só espalha terror
Que mudança na face dos ceos !...

O fusil entre as nuvens lampeja !
O trovão com estampido troa,
Fulminando o corisco lá corre !...
E pelos ares có'o vento lá voa !...

Entre as sombras espessas da noite
So'a imagem d'Allice deviso !
P'ra mim lança um olhar tão divino
Tráz nas faces um mago sorriso !

Vinde, vinde, oh meu anjo da guarda
Vinde, vinde, meu peito alegrar
Em minh'alma só tenho amargura,
Só por ti ella vive a penar !

Os teus olhos tão meigos revelam
Que do ceu tú só és anjo dino...
Oh ! dizei-me se um triste mortal,
Póde amar a um anjo divino ?!...

Não respondes Alice tão bella !
Não respondes, oh anjo innocente
Ah !... tú ficas tão triste a scismar
Que pezares te vagam na mente ?!...

Qu'rida Alice responde, responde !
 Ah! responde, divino composto
 Mas que vejo! teus olhos não brilham,
 Cruel pranto desliza em teu rosto ! !

Oh ! tu curvas a fronte tão linda,
 E tão triste teu peito a soltar
 De dor fica, suspiros profundos;
 Que me fazem de dor sontristar ! !

E tu, candida virgem, fugiste !
 D'este mundo fugiste p'ros ceos !
 Tu fugiste, meu anjo da guarda
 Morar foste n'Empyreo com Deos !..

21 de Agosto de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

Fatalidade.

Mulher que as turbas orgulhosa encaras
 E que submissa veem de rainha um olhar,
 Não coras quando do festim após
 Te restam só recordações sem par ?

Recordações, que em tua mente pairam,
 Qual d'ellas viva, mais pungente atroz !...
 Recordações que transformam sempre
 Da vida occulta os apertados nós !

Mas tu não podes esquecer que és bella,
 E que essas turbas teus escravos são,
 Mas tu não podes esquecer que deves
 Ferir de entre elles mais um coração.

E o sorrir nos labios lá despenhas um
 Que de teus encantos até ali zombou,
 E esse, louco, como tantos outros,
 D'aí em diante a vaidosa amou.

Amou bastante, e talvez que a morte
 O encontre ainda a vaidosa a olhar,
 Amou bastante, e na mente a esperança
 A' campa desce, porque soube amar !

E tu sorriste, nem sequer na lousa
 Humilde e triste vaes por elle orar ;
 Que importa esse que te dá ainda
 Ensejo caro para teu zombar !..

Outubro, 16 de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Recordações

A' MINHA PREZADA TIA

D. Anna de Magalhães e Menezes.

Minha tia, nestas plagas;
 Aonde vivo exilado
 Não julgueis, não, da memoria
 Qu'eu vos hei abandonado.

Em todas quantas lembranças
 Tenho da infancia adorada
 Vós dellas, ó minha tia,
 Jámais não sereis riscada !

Com saudade eu lembro tudo
 Que na infancia me cercava,
 Lembro uma mãe e com ella
 Vós tia, a quem tanto amava.

Lembro a avósinha tão cara
 Que tanto bem me queria;
 A quem com minhas folganças
 Eu muita vez entretia.

Lembro os 'stirados abraços
 Que tanta vez eu lhe dei,
 Assim como esses afagos
 Que della em paga aceitei.

Lembro essas manas que foram
 Collegas de meus folguedos...
 De vós, emfim, minha tia,
 Lembro os sorrisos tão ledos !

Lembro ainda esses conselhos,
Tão santos, que vós me destes,
Lembro tudo agradecido
O quanto por mim fizestes.

Tudo.p'ra mim são lembranças
Que trago na triste mente
Onde gravada bem fundo
Jazerão eternamente !

E dellas toda a saudade
Que guardo no coração
Apagal'as só podéra
O crime da ingratidão:

Mas um consolo me resta
Na esperança, ó minha tia,
De feliz viver ainda
Junto a quem amo, algum dia !..

E' nella em quem eu confio,
E' só ella o meu conforto,
E' ella que amo qual nauta
De salvação ama o porto !

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

O suicida.

I.

E' noite !.. onze horas já soaram
Tudo dorme tranquilo, nada s'ouve !..
A brisa murmurando brandamente,
As vagas deslizando-se na arêa,
O sinistro piar do moxo triste
Que d'espaco a espaco se levanta,
A lua que no ambito docemente
Se mostra tão gentil e deslumbrante,
E mil outras bellezas qu' um poeta
Ennumerar somente poderia;
Tudo isto produz um mago encanto
E inspira poesia tão sublime !..
Se um ente por acaso inda velasse
Sabendo compr'ender tantas bellezas
Ficaria estatico apenas

Por algumas bem poucas encantado !
Mas que vulto é esse que deviso
Encerrado no ambito mesquinho
D'uma cella tão pobre e resumida ?
Não seria melhor que elle fosse
Da noite admirar sacros mysterios ? !
Esse vulto é um homem pr'occupado
D'uma idéa sinistra e pavorosa,
Idéa que lh'absorve o pensamento ;
As bellezas nocturnas nada podem
Contra a sua razão attribulada,
A vontade de ferro qu' o domina
Póde mais.

Olhai, reparai nelle....
Não vedes o seu rosto tão sombrio ?
Seu olhar taciturno e desvairado ?
Sua mão descarnada.... convulsiva
Apertando o mortifero instrumento
Com que quer arrancar a triste vida ?
Reparai-lh' as feições.... não é tão joven ?
Que razão terá pois este mancebo
Para assim detestar tão cedo a vida ? !

II.

Lá vejo esse homem que só quatro lustros
Apenas contando já quer acabar,
A vida risonha que ora lhe abre
Do bello futuro as portas em par.

Que vejo ?... sentou-se.... pegou no intrumento
Puchou do gatilho... e o tiro partio,
O craneo voou-lhe e o corpo convulso
Sem vida.... sangrento no chão já cahio !

Tão bello, tão joven cessou d'existir,
De tal attentado qual foi a razão ?
Seria caprixo... seria ciume ?..
Seria loucura... seria paixão ?

Loucura não foi, porém foi ciume.
Não foi a caprixo mas sim a paixão;
Por ver uma ingrata calcar juramentos
De amor os protestos pagar com traição.

Mulheres traidoras ! oh! eu vos detesto,
Mas não !.. não é ella e sim um cruel;

Que seu pai chamado fazendo-a mentir
Aos olhos do amante mostrou-se infiel.

Mas ella o amava !... talvez inda chore !...
Porém sem remedio... pois elle morreu !!!
Foi n'ella pensando que a vida arrancou
Foi nella pensando que á campa desceu !...

Rio, 12 de Novembro de 1856.

A. J. de CARVALHO LIMA,

A pobrezinha.

Fui nacida na desgraça
Fui enbalada na dôr,
Quer na rua quer na praça
Por toda a parte me abraça
Um porvir aterrador.

A's portas bato pedindo
Um bocadinho de pão,
Sempre meu rogo é mal vindo
Sempre a voz me vem ferindo:
Deos te soccorra, hoje não.

Se na praça ao caminhante
Vou tal pedido fazer,
Nem me encara, passa avante
Sem que meu ai penetrante
Lhe vá no seio doer.

Ai !.. pobre, pobre não vias
Que o rico não se detem,
Meus dias bem poucos dias
Já contam mais agonias
De que muitas vidas tem.

Vi minha mãe quasi morta
Quasi na campa a cahir,
Porque a fome a ralla e corta
Porque viu fechada a porta
Onde a vida ia pedir.

Ai pobre de mim, eu que venho
A mãe que morre bradar:
Mãe, pão que não me sustenho!
O' filha, filha não tenho
Não tenho pão p'ra te dar;

Mas o soffrer que nos cobre
Oh já o sinto fugir
Porque uma mão bondosa e nobre
Bradou: pão, esmola ao pobre
Não o deixeis succumbir.

Oh quanto Deos amar ha-de
Quem este brado soltou,
Quanto esta nobre cidade
Que os pregão da caridade
Sempre bradou: aqui estou.

Sim, de amparar desgraçados.
Guimarães seu timbre fêz,
Ali seus filhos callados
Dizem mais de que mil brados
Oh diz mais sua mudêz.

Quando amanhã nosso pranto
Em seu riso converter
Ha-de aos céos voar um canto
De tanto estremo de tanto...
Nem eu sei que ia dizer.

Amparai, senhor, os dias
De quem o pobre amparou,
Dai-lhe tantas alegrias
Quantas fomes e agonias
Ao desvalido atalhou.

VISCONDE DE PINDELLA.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO

Rua da Alfandega n. 210.

A SAUVAGE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 7 de Dezembro de 1856.

N. 15.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

XV.

ESTUDOS HISTORICOS

I

VIRIATO

O exercito de Fabio tinha melhorado muito de terreno. Viriato procurou formar de seus batalhões esse muro infranqueavel que causara tantos danos aos inimigos; as suas estratégias porém tornaram-se infructiferas ante o denodo e coragem dos primeiros. A batalha durou vinte e quatro horas, e com quanto os Romanos não tivessem alcançado superioridade aos segundos, era de crer que o valente Lusitano perdesse em um dia o que lhe custara a perseverança de muitos mezes. Não foi ainda Fabio que pode levar á Roma a noticia de uma victoria completa, e da extincção total desse immenso poder que zombará até ali dos grandes capitães da afamada rainha do mundo!

Viriato dispoz-se para uma retirada honrosa. A idéa de curvar-se ás exigencias de vencido despertou nelle essa bravura heroica e desesperada propria dos momentos supremos; Fabio reconheceu que era impossivel executar a promessa que fizera a seus soldados, e retirou-se. De parte a parte a perda foi immensa, qualquer dos valentes capitães ia criar novas forças com a esperanza de uma melhor victoria.

XV.

No seguinte anno sahiram eleitos Consules em Roma, Lucio Aurelio Cota e o famigerado assassino Servio Sulpicio Galba. Carlos Sigonio diz que o primeiro era pobrissimo e o segundo, como os leitores conhecem já, rico de fazenda e de dinheiro. Em ambos haviam dous desejos, em Lucio de tornar-se opulento, em Servio de augmentar o que possuia. A Hespanha offerecia-lhes grandes minas de ouro e prata para explorar; ambos pois queriam vir aquelle estado e forne-

cer-se ahi do que não tinham em Roma: Scipião Emiliano, que fôra consultado, recusou dar o assentimento á vinda de qualquer dos Consules, dando por principal motivo que um nada possuia, e o outro que era insaciavel. Morales diz que foi ao Pretor Popilio que se deu o governo da Hespanha. Neste meio tempo procurava Viriato novos reforços. Elle despresára os seus fieis Lusitanos e pensou achar nos Andaluzes a realisação de um sonho ha muito tempo concebido, mas a experiencia lhe mostrou em breve o contrario; o abandono em que deixára a provincia que o acclamára unanimemente seu capitão, deu lugar a que Popilio emprehendesse fazer-lhe acceitar uma paz necessariamente vantajosa aos Romanos. A fortuna parecia ter abandonado Viriato, a sua inercia e descuido consolidou as immensas vantagens que resultavam de um passo inesperado e filho unicamente d'algum momento de desanimo. Estas e outras circumstancias induziram a proclamar-se Popilio como o vencedor do Lusitano. Já se contava com a perda completa do heroico defensor da liberdade de um povo. Os espiritos deixavam-se dominar por estes e outros mesquinhos resultados, como se elles tivessem podido destruir os sentimentos patrioticos que animavam os Lusitanos. Chegou o momento em que Viriato acordava por fim do seu longo somno, ia adquirir de novo essa força de vontade que o tornára tão temido. Pesava-lhe o testemunho da habilidade com que os Romanos se tinham aproveitado de sua fraqueza, via de um lado seus fieis companheiros, que lançando para o passado um olhar doloroso, pareciam exprobrar-lhe a sua demasiada negligencia, via do outro os fertes campos da Luzitania adornados das immensas galas com que Deus os dotára, via em fim as donzellas procurando subtrair-se á vingança dos conquistadores, caso elles levassem avante os seus projectos de dominio absoluto.

Viriato amava seus companheiros, queria muito a esses campos, e tributava um santo respeito a essas donzellas, ver pois destruir em poucos dias talvez aquillo que formava a melhor parte das suas afeições, era certamente um espectáculo de dôr pungente. Para começar avisou aos povos Arevaços, Bellos e Ticiós, vizinhos de Nomancia

para que atessem o facho da guerra ao mesmo tempo que elle o fizesse na Luzitania. Aquelles povos porém já tinham começado a mover-se contra os Romanos, Viriato introduzio-se pelas proximidades de Riba de Coa, por onde satisfiz a seu bello prazer os desejos de revelar-se ao Pretor como costumava. Os habitantes destes lugares protestaram-lhe uma submissão completa, abriram-lhe as portas de todas as fortalezas, prestaram-lhe toda a qualidade de auxilio, mas o Luzitano não se deixou enganar por estes e outros signaes de respeito, e commetteu os maiores excessos. A Hespanha, semelhante a uma cratera volcanica, expellio as lavas da sua coragem até ali amortecida, e de um ponto ao outro se ouviram os brados de guerra. Os Pretores deram-se pressa em acudir a um pequeno numero de afeiçoados que tinham nas tres provincias, Popilio dirigio-se a marchas forçadas para Riba de Coa, e aqui chegado procurou castigar Viriato. O Pretor pensava que dando-lhe batalha campal reduziria ao silencio tantos exaltados animos; era cedo ainda, os Romanos não podiam cantar victoria, pelo contrario ainda desta vez as bandeiras Luzitanas tremulavam vencedoras! A melhor e mais luzida gente dos primeiros deixou a vida no campo da batalha, e Popilio fugio vergonhosamente. Este triumpho contribuiu para que os Romanos fossem d'ali em diante mais odiados que nunca; mas o nome de Viriato corria de boca em boca, sendo proclamado por toda a parte como primeiro capitão das Hespanhas.

(Continúa).

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação).

Quando Lourenço vio que lhe arrebatavam a sua victima, tentou quebrar o circulo de ferro que o rodeava, o creado porém era dotado de uma força herculea, e ainda d'esta vez os seus esforços foram baldados. Luiza apressou-se em acceitar o generoso auxilio d'aquelle, mas antes de sahir lançou a Lourenço um olhar de raiva e de odio tão profundo, que o observador attento colheria d'elle o annuncio de uma luta futura, uma guerra occulta e tenaz contra o infame que indignamente atraçoára os deveres do homem e da religião. E comtudo a joven regressava a casa de seu pai exausta de forças; a coragem n'ella era ficticia, dir-se-hia que apenas um pequeno soporo animava ainda essa existencia querida. Além dos muitos pensamentos que lhe atravessavam o espirito,

havia nella um pressentimento de que a vida se lhe extinguiria ao mesmo tempo que perdera a honra. Pouco importa que seu coração pulsasse; a flor póde ostentar as mais brilhantes côres, mas perdendo o aroma primitivo, fica isenta d'esse apreço excepcional que formava d'ella um composto de graças e excellencias.

Havia em Luiza a personificação de um passado de ventura, nunca sombreado pela mais ligeira nuvem, via por um prisma encantador as doces e tocantes afeições que a rodeavam na infancia, vio os sorrisos d'alegria com que era acolhido pelas ingenuas camponesas via uma primavera adornada de mil vistosas galas, adornada de tudo que encanta a vista e o coração, via tudo emfim que consolida a felicidade. Era porém esta volta ao passado, estas recordações, agora pungentes, que despertavam n'ella as idas sombrias com que abandonava a casa que testemunhara os combates variados que acabavam de dar-se entre ella e Lourenço. Avalie quem puder a influencia que exerce nos espiritos melindrosos qualquer acontecimento da vida, poder-se-ha então comprehender quanto deviam ser penosas essas lembranças d'outr'ora. Susceptivel de impressões repetidas, Luiza era uma dessas mulheres que não póde acceitar uma absolvição de comprimento, provinha isto dos principios severos com que fora educada. Apresentar-se pois no meio da sociedade adornada de uma corôa de martyrio para que não estava preparada, era impossível. Com esse bom senso que repelle a vaidade, ella ajuizava das cousas pelos precedentes, e nunca podia habituar-se á idéa de que essa sociedade, abrindo-lhe as portas de par em par, obra va por inspiração, por expontaneidade. Depois accusava-se entre si uma falta que julgava imperdoavel; n'esses momentos em que reflectia nas ultimas scenas da sua vida, dizia: Oh porque não lutei eu até succumbir? porque não lutei sempre, e tanto até que Deos, compadecendo-se de mim, se dignasse cortar os fios da minha existencia attribulada?... Sim, fui fraca, cedi de prompto á força daquelle infame... sou culpada... muito culpada!... E Luiza derramava abundantes lagrimas... E aquelle segredo terrivel, proseguia ella, estremecendo, era a fatalidade que pesava sobre mim, lembrei-me d'elle quando não era tempo, eu podia apresentar Lourenço como assassino, sacrilego e fratricida! No momento em que transpunha a porta da casa do morgado, Luiza foi assallada d'estas idéas. Um colorido fugitivo lhe assomou ás faces, seus olhos animaram-se de um folgor pouco commum, e disse sorrindo-se ironicamente: Vamos, tenho immensos desejos de fazer o meu depoimento perante a authoridade competente, as scenas mudaram-se, vou a accusar! Carlos o meu amado Carlos, hade assistir com prazer e acompanhará as minhas revelações!

Estamos muito longe da povoação proxima? perguntou ella ao creado. Não senhora, passada que seja aquella eminencia, estamos na estrada que conduz a Fontello. Apressemos-nos pois, estes lugares são pouco agradaveis para mim, o meu calvariô começou aqui. Recommendo prestesa pensava illudir seu verdadeiro estado, reconheceu em breve que era impossivel caminhar alem, as pernas começaram-lhe a tremer, e ella vio-se forçada a sentar-se em uma pedra para não cahir. O creado seguia lhe todos os movimentos, tinha a visto a sua pallidez, e este symptoma de fraqueza foi precedido de outros mais terriveis. Desmaiou, era urgente porem qualquer pequeno soccorro; aquelle aproximou-se da joven e levou a mão a fronte d'ella. A febre declarava-se com incrível rapidez, era evidente que uma crise espantosa hia ter lugar. Afflicto, e não sabendo o que fazer, o pobre camponéz passeava de um lado ao outro, procurando sahir-se d'este embaraço. Resolveu por fim regressar a casa.

Receando porém que o mais pequeno movimento fosse fatal a Luiza, pegou n'ella, e deitou-a em cima das hervas que bordavam a estrada. A distancia a percorrer era insignificante, mas o creado não queria ser visto pela gente da quinta, e muito menos d'aquelle que o encarregara de acompanhar a joven. O unico expediente que tinha era tomar um cavallo, e conduzir Luiza até á villa, onde promptos soccorros a chamariam á vida. Assim fez; por acaso o cavallo em que Lourenço achava montado, pastava ao lado da casa, os arreios achavam-se na que servia para habitação dos trabalhadores, por isso facilmente voltou sem ser encontrado. A infeliz continuava desmaiada, a febre porém recrudescia, e o creado sentio vacillar a coragem que mostrara até ali: A responsabilidade não era pequena, no seu pensar elle tornava-se depositario de uma joia preciosa. A irresolução porém não era para agora, cumpria satisfazer a commissão de que fôra incumbido, e sobretudo livrar o seu companheiro de um hospede tão incommodo como era Lourenço. Esta idéa despertou-lhe de novo o ardor. Pegou em Luiza, depôl-a em cima do cavallo, e a seu turno montou. Descrever o cuidado e as atenções que o rustico despendeu com Luiza, seria impossivel! Ao vel-o abraçado a uma mulher desmaiada, sobre cujo semblante se liam os visticos de um soffrimento antigo e pungente, dirieis que era um pai subtrahindo sua filha ás perseguições de algum infame *senhor*, ao qual a sua posição permitia a exigencia de um tributo de honra e de sangue como aquelles que as antigas chronicas nos transmittiram.

Proximo de Fontello o camponéz teve de parar repetidas vezes, pois que as perguntas succediam-se umas ás outras, e elle não queria dar lugar a impertinentes conjecturas. A casa do re-

gedor ficava á entrada da villa; a cavallo mesmo reclamou a presença d'elle na quinta de seu amo, e insistindo no pedido, proseguio em demanda da habitação que destinavam a Luiza.

E inutil declarar que esta foi acolhida com todo o carinho; a hospitalidade no campo é sagrada, o habitante mais pobre da-se pressa em soccorrer o extranho que lhe bate á porta, e a mãe do salvador de Luiza era uma d'essas boas almas que jámais trêpidaram em estender a mão ao desvalido. Chamou-se o facultativo mais proximo, estava ausente; não havia remedio senão recorrer a Armamar. O creado, a quem chamemos João, montou de novo a cavallo, e partio. A aurora despontava ao longe, e não obstante isso a casa da boavelha foi bem depressa invadida pelos curiosos. A todas as perguntas ella respondia com um *não sei* tão positivo, que os curiosos tomaram o partido de retirar-se. Alguns entre elles, justiça se lhes faça, offereceram-se para ajudal'a no que se tornasse urgente, porem aquella escusou-se. O seu primeiro cuidado foi chamar Luiza a si, apesar de todos os esforços conseguiu apenas reanimal'a um tanto; a excellente mulher esgotou toda a sciencia de que dispunha, e conhecendo por fim que o caso era serio resolveu esperar o medico. As intimas relações que nos prendem a elle inhiem-nos de escrever algumas linhas em seu abono, contentar-nos-hemos em dizer que nunca um reclamo deixou de ser promptamente attendido, n'unca o medico deixou de desempenhar com prazer a missão de que se encarregara — rico ou pobre — de noite ou de dia, achal'o-heis sempre incansavel, sempre o homem da sciencia, e jámais o interesseiro especulador.

(Continúa).

A viagem do Bardo.

I.

Erro é pensar que não ha mais de uma época de gloria na vida das nações. Se a França deu o nome de Luiz 14.º ao século em que este viveu, porque elle despertára Vauban e Racine, Lebrun e Colbert, e todos o ingenhos sublimes, que lançaram um tão grande esplendor sobre a sua patria, que pareciam resumir em si toda a grandesa de que ella era susceptivel, não deixou porisso de vir um século depois o inesperado estudante de Brienne, que collocou sobre sua fronte a corôa de ferro, e que deu em Austerlitz a primeira batalha historica; legou no seu Código Civil a expressão do progresso social das nações modernas, e vio erguerem-se á sua voz guerreiros como Ney e Murat, antagonistas como Chateaubriand e Staël, artistas como David e Talma. E porque não

teremos nós também, nação acanhada em numero, porem ousada em pensamento, um outro seculo de D. Manoel? Os guerreiros como Albuquerque e Castro, os navegadores como Magalhães e Alemquer, os poetas como Camões e Quevedo, os historiadores como Barnes e Osorio, não poderão surgir outra vez da nação que lhes deu existencia, e que se não tem mais a fé de S. Francisco Xavier, nem o pensamento de união dos deffensores de Dio, conserva ainda a mesma aspiração illimitada de gloria? Lancemos os olhos sobre um ponto luminoso de nossa historia contemporanea, que por certo não desmentirá as nossas previsões.

Mais poderosa do que o tempo, mais forte do que a politica tortuosa de nossa eterna alliada, é a indole portugueza que atravez dos cataclysmos sociaes, das publicas miserias, e da decadencia moral se reproduz de seculo em seculo com todos os traços fortes e elevados de um raça heroica. Nos primeiros tempos da independencia personificou-se nos exploradores dos Agarenos valles, que iam de alcaçar em alcaçar, algando no tope das muralhas mouriscas o signo da redempção. Conquistado o solo da patria, o natural impeto dos animos levou-os a demandar novos campos de gloria, e as vagas do oceano ignorado foram violadas pelas caravellas de Sagres, que dobraram as Hesperides, e foram nos Açores deparar a estatua symbolica, que lhes indicava o trilho de suas futuras grandezas. Attingio nessa época a indole nacional toda a sua robustez, medraram os espiritos na pratica das letras, e esse seculo dos Scipões portuguezes, revelou as raças regeneradas da Europa, que a tempera dos vencedores de Arminia, não se extinguiu aos golpes fatidicos de Attila.

Com o exito das primeiras empresas alargaram-se as vistas desses animos cavalleirosos, e á corôa de folhas de palmeira africana quizeram addicionar o sceptro de ebano e ouro dos senhores do Indo. Pelo alvorecer de uma manhã d'estio acordaram os nayres de Calicut inquietados com a nova que pela costa se deffendia: homens desconhecidos, de feições que semelhavam ás dos aborígenes indios refugiados nas asperesas da serra de Guites, abordavam em desusados navios o seu solo tantas vezes conquistado. Eram os primeiros desses heroes, que haviam de fazer esquecer os feitos d'armas dos filhos dos plainos de Samar kanda, e dos propagadores do Islam. Então surgiram os dous homens que representam talvez com mais perfeição o apogeu da raça portugueza: Camões e Albuquerque; o bardo generoso que insculpio sobre um monumento eterno os nomes d'aquelles de que em vão solicitára o pão negro do mendigo; e o mais intrepido conquistador que os seculos tem saudado; que dominou

em Ormuz com um punhado de homens as forças reunidas dos mouros de Osman, e que o seu palacio de Goa vio curvarem-se-lhe aos pés as velhas hostes dynasticas que do isthmo de Suez se estendem até o golpho de Siam.

Mas de tão opolento imperio veio o resfriamento das antigas virtudes e o abandono das armas; breve descahiu quem a tão alto se erguera; e os ultimos cavalleiros de D. Manoel foram nas campos de Guadalete e Alcacerquibir verter lagrimas sobre o cadaver da antiga monarchia. O estadio da gloria militar tinha-se encerrado.

Correram annos, e os espiritos que das ambições politicas se desviaram, hiam na solidão dos claustros, ou entre as estantes dos gabinetes de estudo, diligenciar em outras carreiras e que já nem mesmo D. Luiz de Gusmão, e João Pinto Ribeiro, lhes podiam proporcionar. Começaram então a erguer a voz poderosa os illustres oradores do reinado de D. João 4.º; serie de caracteres a quem a historia começa hoje a reconhecer os fóros de grandeza. O barel do habito escondia o espirito cavalleiroso, que não podendo medir-se mais com os alfanges Agarenos, hia procurar em todos os recantos das possessões nacionaes novas almas para converter ao gremio civilizador. O P.º Antonio Vieira, é o vulto saliente desta época; sua voz combateu ao par da espada de Fernandes Vieira para a remissão da patria; seu atilado ingenho guiou na redução das tribus indias, e na direcção dos publicos negocios em tão difficil emergencia os ministros do primeiro monarcha da casa de Bragança.

Estas praticas das disciplinas litterarias, despertou também os instinctos artisticos; e espirito mercantil que do trato de estrangeiros, e do movimento productivo do Brazil nós viera durante Pedro 2.º, recamou a nação de riquezas que coadjuvaram em seus adejos esta tendencia. A Basilica de Mafra e a Estatua Equestre, productos de duas gerações consanguinaes de artistas, attestam ainda que o reinado de D. João não foi, como os encyclopedistas nos pintaram, um embrutecimento ascetico. A civilisação apurada da corte de Luiz 14.º, o gosto pelas artes e pelas letras, que então era dominante na Europa, revestia-se sob o sol ardente da Peninsula, com o colorido mystico que tão natural é nas raças de origem meridional.

O marquez de Pombal veio após este periodo de descanso e enervação; reformador severo e methodico, enganou-se, como Pedro o grande quando quiz germanisar a terra dos Yvans. A sua mão poderosa que erguera do seio das ruinas uma corte opulenta, que fertilisára os campos auríferos do Douro, que dera vida á definhada industria nacional, e fizera respeitar a bandeira das quinas sobre as ondas do oceano e nos portos

da Europa, não pôde dar uma organização duradoura á nação reformada, que se cingio apenas a seus planos durante a sua administração, e que já voltára a seus hábitos quando para elle a louza do sepulchro veio completar a obra do exilio. Era que aos elementos religiosos, e poeticos, ás tradições nacionaes de liberdade e dedicação, quizera substituir os methodos racionalistas da eschola voltairianna. O despotismo frio, severo, nivelador e industrioso pôdia produzir poetas como Garção, mathematicos como o P^e. Theodoro de Almeida, e inventores como Bento de Moura Portugal, porém não tinha forças para restituir a mocidade a uma nação que envelhecera sob a protecção de seus fóros communaes, ouvindo as predicas de seus ingenuos pastores, e considerando como modelo de grandeza os temerarios Cavalheiros de Africa.

Houve então uma crise moral que abalou até os alicerces esse velho Alcaçar, que a tantos dezares tinha resistido. A febre racionalista que os previdentes discipulos de Ferney haviam propagado com profundas vistas de interesse para a França, fazia tender todos os espiritos cultivados para uma fuzão de nacionalidades em proveito do que destruiu os preconceitos sociaes. Napoleão, com seus olhos de aguiá abarcou de um lance o estado geral da Europa, e seus exercitos tentáram realizar o pensamento dos niveladores; porém enganou-se, — o que elle julgára uma reorganização, não foi mais do que um estrepitoso abalo.

REINALDO CARLOS MONTORO.

(Continúa.)

POESIAS.

Gemidos.

Seccai-vos, minhas lagrimas, seccai-vos,
Que prantos de homem, não os vale nunca
No mundo uma mulher... que os paga em risos!

(JOÃO DE LEMOS.)

Mulher! para que vens ante meus olhos,
D'alvos setins. qual fada, revestida
Risonha apparecer, singela e casta,
Qual outr'ora feliz me apparecias?...
P'ra que vens, oh mulher, inda em mil sonhos
Ante mim retratar-te, qual no tempo.

Ai! n'esse tempo oh! dor! em que podeste,
Com falsos ademans, com falsos risos
Mentidas expressões, juras ficticias,
Por esses doces mimos ajudada
Com que Venus e Hebe te brindavam
Trazer-me tantas horas illudido?!

Oh! como n'esse tempo em que tres lustros
E pouco mais contando, me enlevava,
N'essas horas que amor nos concedia,
Comtigo ir divagar á sós do bosque
Pela densa espessura, ou mesmo ainda
Por essas avenidas florescentes,
D'amor fallando as fallas que em minh'alma
De tua voz o echo repetia!
Que mago enleio não achava, eu mesmo,
No só frouxo roçar de teus vestidos
Pelo matiz da relva ao me seguires!
Quanto me inebriei n'essa ternura.
Com que nos meigos braços um do outro
Tanta vez enliados magamente
Teu doce trovador tu me chamavas!
Só para hoje desfeito o véu mentido
De tão grata illusão, co'as fibras todas
De minh'alma cortadas uma a uma
Assim perdida ver-te para sempre...
Perdida para mim amando a outrem!....
Ai! quanto te eu amei, mulher ingrata!
Como era puro, casto e sem limites,
Esse amor qu'eu em horas de sol posto,
Sentados sobre as ribas pittorescas.
D'um manso arroio, ouvindo a voz maviosa
Do pintasilgo, e lá no espaço immenso
Surgir vindo da lua o brilho a furto
Eu te jurei mulher eternamente!
Para agora gemer na soledade
As turturas crueis de teu despreso!....

Amei-te, mulher, qual pode
Amar-se um anjo do céu!
Amei-te mais do qu'eu amo
A vida que Deos me deu.

Amei-te, qual amo ainda,
Essa plaga onde nasci;
Amei-te, qual os carinhos
Que em minha infancia colhi!

Amei-te, qual amei sempre
Os folguedos de criança ;
Amei-te, qual d'outro tempo
Minha estrella d'esperança !

Amei-te, qual amo agora
O desabrochar d'uma rosa ;
Amei-te, qual aos sorrisos
De minha mãe carinhosa.

Amei-te, qual amo aos raios
Da lua no firmamento ;
Amei-te, qual amo aos entes
Que viram meu nascimento !

Amei-te, qual pode amar-se
No mundo a doce existencia ;
Amei-te, enfim, qual eu amo
Quanto de Deos tem a essencia !...

Eras tu só minha esp'rança,
Eras tu só meu condão,
Eras minha luz nas trevas,
Eras tu meu coração !...

Mas antes não te amara, oh ! antes nunca
Eu vira teus encantos seductores
Com que fada cruel me fascinas-te !
Antes nunca, esse fogo de teus olhos
Incendido tivera a chamma ardente
Com que tu me roubaste a paz d'esta alma!
Oh ! antes a provar-me nunca deras
A taça da ventura, e te mostraras
Qual eras insensível aos extremos
De meu sincero amor, que assim não foram
Tão acres as torturas que hei soffrido !
Pois se choro e lamento, hoje os meus carmes
Nem n'um echo dos echos voz encontram !....

JOÃO DANTAS DE SOUZA,

❶ Outomno.

Do bosque, e do jardim o sopro esteril
Do outomno, lhe roubou a verde pompa,
E a arrasta sem vigor, impetuoso
Por de sobre o arido solo.

As arvores, os arbustos erigidos,
Sem cor, estendem os semi-seccos ramos,
E tomam o aspecto pavoroso
De gelidos esqueletos.--

Fogem d'elles as aves espantadas
Que em torno lhe giravam buliçosas,
E entre as frescas folhas escondidas
Cantavam seus amores

E depois.... as mesmas plantas que ha pouco
Do sol resguardavam o ardor intenso,
E entre aprasiveis auras balouçavam
Formosas e louças....

Passou a juventude fugaz, breve
Passou sua juventude... envelhecidas
Não podem ostentar as ricas galas
Que lhes deu a primavera

E após em seu lugar o frio inverno
Lhes dá rigida neve como ornato,
E o jugo, que é o sangue de suas veias
Geladas serão da morte.

(Traduzido do Hespanhol)

XAVIER PINTO.

Fatalidade!

Vinde, vinde, oh feiticeira,
Que d'amor me fascinaste
Corre lança-te em meus braços
Que d'amor tu me mataste!

Ai!.. não tardes linda fada!
Vem dar-me um abraço teu
E depois um doce beijo
Vinde, vinde anjinho meu!...

E' sómente o que te peço
Um abraço... um casto beijo!...
Mas tu coras, fugir queres....
Tu não fallas! é de pejo?!

Vai-te ingrata que fugiste.
E disseste « não dou não »
Vai-te ingrata, que comtigo.
Tão bem vai meu coração!.

Rio, 30 de Novembro de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

Saudades.

O. D. C.

A MINHA MÃI.

Atra saudade o coração me opprime
 C'o a dor intensa de meus tristes carmes.
 Sentidos ais
 Ha já dois lustros que proscripto, errantes,
 Incerto os passos nesta senda trilho
 Sem ver meus Pais
 Se alyra tomo, mais o pranto excita
 Que de meus olhos incessante corre
 Por minhas faces;
 Já não encontra bonançozas brizas
 Que n'outros tempos abeijar-me vinham
 Ledas fugaces

O quanto é doce minha mãe querida,
 Apoz da lida que supporto atroz.
 Nas curtas horas em que o céu m'inspira
 Pegar na lyra, me lembrar de vós.

Então me sinto transportado a um mundo
 Novo, fecundo de feliz magia,
 E nelle vejo radiante e pura,
 Maga ventura, que gozar queria.

D'entre mil flores d'um odor fragante
 Vejo brilhante, deslizar-se um veu,
 A pouco a pouco remontar-se ás nuvens
 Das mãos de Rubens, o retrato teu.

Nesse momento de illusão tão casta
 Elle se afasta, que mais vejo!—Deus—
 Que lá do Empyreo, rodeado d'anjos;
 A par d'archanjos o conduz aos céus!

O quanto é doce minha mãe querida
 Apóz da lida que supporto atroz,
 Nas curtas horas em que o céu m'inspira,
 Pegar na lyra me lembrar de vóz.

Aos dois lustros e dois annos
 Minha mãe, que te deixei,
 Não sabia,
 Prezar teus doces carinhos
 Que tão cruel desprezei
 N'um só dia.

Nem as lagrimas piedosas,
 Que de teus olhos brotavam
 Só d'amor.
 Nem os suspiros magoados
 Que de teu peito manavam
 Pela dor.

Nem os queridos abraços
 Que a teu collo me cingiam
 Com ternura
 Nem as frases maternaes
 Que teus labios desprendiam
 De candura.

Nem teus amorosos beijos
 Que com transporte me davas
 De mãe triste
 Nem o teu ultimo—Adeos—
 Quando de mim te apartavas
 E fugiste.

Aos dois lustros e dois annos
 Minha mãe, que te deixei,
 Não sabia.
 Prezar teus doces carinhos
 Que tão cruel desprezei
 N'um só dia.

Parti: e deixei-te soffrendo mil dores,
 Deixei os frescores das brizas sem par:
 O seu ceciar: E porque? por tremendos
 Bramidos horrendos das ondas do mar.

O tempo mudou-se da minha ventura,
 A voz da natura, em meu peito echoou,
 Mas tarde chegou,... e mui longe senti
 O bem que perdi, o meu pranto o mostrou.

Cresceu a saudade no meu coração
 A luz da razão me animou a soffrer,
 P'ra um dia te ver, uma vez abraçar-te.
 Mais nunca deixar-te, contigo viver.

E então a teu lado
 Libando as delicias
 De tuas caricias
 Minha mãe, sem par:
 Eu quero cantar
 No meu alaúde
 Um hymno que mude
 Teu agro penar.

Quero ver teus olhos
De chorar pizados
Pela dor magoados
De tanto soffrer;
Ah! sim, quero-os ver
De novo brilhar
Seu jub'lo mostrar
Fulgir de prazer.

Depois que m'importa!
Que a Parca sedenta
De meu sangue, intenta
Meus dias torcer,
Me vinha dizer
—Teu fim já chegou
Agora aqui stou...—
—Já posso morrer—

Novembro, de 1856.

FRANCISCO COELHO MARTINS DA COSTA.

A Voz de um Anjo.

CANTO DA TARDE.

Sobre o teu peito reclinada a fronte,
Suave fogo pelo meu se infiltra,
Como no espelho placido do lago
Crescente agitação os euros erguem.

Sentir teu halito, e sem amor olhar-te!
Jámais o nectar ennebriar não póde,
Como osteus olhos, que languidos se fectam
Por entre o veu de assetinados cilios.

Ah! vêm Malvina, que o teu leve braço;
Cingido apenas de vaporosa gaze,
Sobre os meus hombros carinhoso penda;
E a mão mimosa o coração me opprima;

E que os teus labios de carmim tingidos
Doces accentos para mim murmurem;
Falla-me do ceu, que habitaste outr'ora,
Anjo nos carmes de Sião cantado.

Do crepusculo nos ultimos momentos,
Quando me sento do regato á margem,
Assim escuto o gorgear sonoro
De ave saudosa pranteando amores.

E a noite desce; luctuosas sombras
Pelo val seestendem, occultando os bosques,
Em que do canto a derradeira nota
Ainda nos ramos sonora echôa.

Vassouras, 24 de Outubro de 1856

REINALDO CARLOS.

O album.

DO MEU AMIGO D. DAVID CEZAR PINTO.

Se n'esta folha perdida
Alguem meu nome encontrar,
Se esta flôr tão resequida
Alguem quizer apanhar,
Temo muito que depressa
D'esta folha se despeça.

Pediram-me um canto subido
A mim, que não sei cantar,
A mim, que vago descrido
Entre as turbas a chorar,
A chorar, porque perdi
Ha muito quanto queri.

Entre estas vigosas plantas
Que vae a minha fazer?
Entre as flôres... ai são tantas
Que vae a minha dizer?!
A minha, que participa
D'essa dôr que mortifica

Pobre, e triste, mas nascida
Do coração, ei-la ahi;
Se é p'ra mim tão querida
Sel'o-ha tambem p'ra ti,
E a sós dirás comigo
Ella me vem d'um amigo.

Rio, 3 de Dezembro de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua de Alfandega n. 210.

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III.

Domingo 14 de Dezembro de 1856.

N. 16.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

XVI.

ESTUDOS HISTORICOS

VIRIATO

XVI.

No anno seguinte, havendo nova eleição de Consules, foi mandado para Hespanha, na qualidade de Pretor, Quinto Pompeyo. E' de crer que este, como os que o tinham precedido, fosse acompanhado de um numeroso exercito, porque a experiencia mostrára que a Republica, sacrificando tantos milhares de pessoas, acariçava sempre a idéa de destruir o principal motor d'essa guerra de tantos annos. As derrotas successivas, a reproducção do sem numero de factos que as acompanhavam, a vergonha, por assim dizer, que resultava dellas, e sobre tudo o terrivel obstaculo que se antepunha a um dominio absoluto de parte dos Romanos, predispunha o Senado a emprehender tudo para assegurar á soberba Roma mais esta grandiosa conquista. Entretanto, Viriato não descansava. Internava-se pela Andaluzia onde procurava novos reforços. Nesta provincia tinha poucas sympathias, mas qualquer povoação que recusava prestar-se a pagar o tributo pedido, era em breve tempo arrasada, pois que estes inimigos eram mais para temer do que os proprios conquistadores. Foi em uma destas excursões que o grande Lusitano tomou particular conhecimento com os povos Naseos, os quaes deveriam ser mais tarde uma das causas da sua ruina: E' notavel a maneira por que fallam destes povos quasi todos os autores daquelle tempo, e mesmo alguns posteriores.

Conhece-se, sem muito estudo, que os primeiros tinham interesse em occultar o verdadeiro caracter delles, para que jamais se deixasse de ignorar o seu infame proceder para com aquelle que desejavã arrancal-os da escravidão.

Infelizmente o espirito de nacionalidade não estava por tal forma arreigado, que podesse obstar a estes e outros embaraços na principal execução do projecto de Viriato, que combatia pelo muito amor que tinha á sua patria, e á Hespanha em geral. Ah! que se germinassem nella os mesmos sentimentos que animavam os Lusitanos, não teríamos a deplorar a tragica morte do nosso heroe e do generoso Sertorio! O que importava um ou outro exemplo de coragem da parte daquelle, se a transicção para o desanimo operava-se tão rapida como se formára! Esses povos cediam á influencia mais ou menos directa do famoso capitão, a sua presença exaltava os animos ao mais alto ponto, mas dir-se-hia que elles não podiam mover-se sem esse impulso magestoso que nascia das palavras de Viriato. Pompeyo fizera a sua entrada na Hespanha ao som das aclamações entusiasticas do pequeno exercito Romano que se achava nella, porém mais de uma vez elle celebrou essa entrada com a destruição de terras inteiras, com a morte de muitos infelizes. Viriato appressou-se em ir cumprimental-o; o seu primeiro cuidado era de cumprir com todos os Pretores esse dever que estava em relação com seu projecto. Comprehende-se que não era possivel que um homem da tempera do Lusitano se contentasse em curvar a lança ao enviado da Republica; não, Viriato sabia unicamente cumprimentar em campo aberto, com armas iguaes; era um selvagem, era um *salteador*, por isso os Romanos tentavam sempre retribuir com usura esses cumprimentos.

(Continúa.)

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação).

O Regedor de Fontello, que sabia cumprir os seus deveres d'autoridade, apressou-se em tomar conhecimento do facto. Elle ignorava porém que Lourenço não era um réo commum, um d'esses homens sobre os quaes a espada da justiça cahe com todo o seu peso. Alem disto as circumstancias de delicto, os precedentes, eram, por assim dizer, tão extraordinarios, que cumpria desempenhar com toda a calma e perseverança o fim para que fôra chamado. Para prevenir qualquer eventualidade, chamou *quatro cabos de policia*, e em poucos minutos estavam em presença de Lourenço. Este convenceu-se de que o unico partido a tomar era valer-se da sua influencia e da que seu pai tinha na Fulgosa, para sahir são e salvo do precipicio que preparára. Com qualquer outra pessoa estes manejos produziriam seu effeito, mas com o Regedor em questão eram nada mais que subterfugios destinados a impedirem a acção da lei. Lourenço acolheu aquelle com todas as demonstrações de respeito e cortezia, aguardando que fosse interrogado. O Regedor ouviu o depoimento do creado; os preliminares do interrogatorio seguiram seu curso, e durante elle Lourenço não pestanejou. O salvador de Luiza expôz n'essa linguagem simples e franca o que sabia, advinhara que se tratava de uma d'essas reparações estrondosas que podem absolver a victima da sua demasiada fraqueza. O infame assassino pensava que o interrogatorio não passaria d'isto, contava só com alguns dias de prisão, mas com essa confiança que nasce do espirito d'aquelles que julgam possuir em si oselementos precisos para fazerem calar exigencias da authoridade, sorria-se entre si zombando não só do depoimento do creado como da regidez do Regedor. Enganou-se no todo. Era perante Luiza que Lourenço devia responder; esta certeza produzio n'elle bastante impressão, pois que tentou sobornar o digno funcionario. Senhor, disse este com um maravilhoso sangue frio, propostas d'essas devem ser feitas a algum que dependa de todos e de tudo; desculpo-o

porque me não conhece. Vamos, continuou fazendo signal aos *cabos*. Um momento, respondeu Lourenço empallidecendo, meu pai foi um dos representantes da provincia, e é cavalleiro professo na ordem de Christo; seu nome é o meu, não consiuta pois que eu vá no meio d'estes homens como algum criminoso de baixa esphera. A lei não permite essas distincções senão com aquelles que dependem de julgamento superior. Seu pai não pôde transmittir-lhe essa excepcionalidade que tem; queira conformar-se com a praxe seguida n'estes casos. Após os pedidos vieram as ameaças, Lourenço quiz resistir até. Não me obrigue empregar a força, disse o Regedor em tom que não admittia replica. Aquelle perdeu todas as esperanças, acreditou por fim que ali, perante a authoridade, era simplesmente um réo de triplices crimes. Estes espectáculos, que são tão frequentes no campo, despertam comtudo uma curiosidade sem limites; quando Lourenço entrava em Fontello, acompanhavam-no uma multidão de pessoas as quaes formavam entre si os mais absurdos comentarios. Elle vio-se forçado a ser o joguete e divertimento dos curiosos e isto que em qualquer outro seria motivo para os remorsos ou arrependimento, augmentava-lhe essa raiva interior, essa excitação de idéas que impelle o homem a commetter novos crimes. O Regedor sabia que Luiza fora recolhida em casa da velha mãe de João, encaminhou-se pois para ella, e quando subia as escadas aquelle parava na rua seguido do medico. A' vista d'elle Lourenço enpallideceu de novo. Um amigo de seu pai hia ser testemunha de um processo infamante. Bom dia, Lourenço, disse aquelle. Adeos Sr. R... respondeu o primeiro sorrindo-se ironicamente. Que significa isto? continuou o medico fallando com o Regedor. Isto significa que vamos começar um processo importante, e que dará lugar a muitos e repetidos combates; conhece Lourenço? proseguiu fallando-lhe baixo. Conheço, e seu pai é um dos meus melhores amigos. Conhece tambem a victima? A pessoa que me foi chamar não pode explicar-se muito bem, parece-me comtudo que tenho de socorrer uma infeliz menina que foi raptada ha quinze ou vinte dias. Este dialogo tinha lugar em uma especie de varanda de pedra que dava entrada para a casa de Maria (a mãe de

João) Lourenço ardia de impaciencia para subtrahir-se aos olhares curiosos da gente que estava em baixo; começava-se a murmurar e elle comprehendeu que tinha feito nascer no espirito d'estes rusticos, essa indignação sobre maneira hostil contra aquelles que abusam da força. O medico foi o primeiro a entrar; João conduziu-o ao quarto em que deixara Luiza.

(Continua.)

A viagem do Bardo.

II.

Com a guerra da independencia peninsular despertaram-se os instinctos da nação. Quebrando suas cadeias, lembrou-se ella de que outra ora havia reunido cortes e enviado procuradores a seus reis; que Phebo Muniz havia pugnado mais do que os fidalgos degenerados pela conservação de seus fóros; e estas lembranças tão risinhas, estes influxos tão energicos, trouxeram a luta entre o povo e os cortezaes, que entraram em decisivo combate ao desembarcarem os soldados da joven rainha nas praças do Mindello. Havia não sei que semelhança poetica com os companheiros do Gama, n'esse punhado de bravos que capitaneados por um monarcha, que resignara a purpura de um imperio que havia libertado, para tornar-se simples cabo de guerra, vinham restituir á patria a liberdade, e o throno a uma innocente menina.

E effectivamente dos luctuosos e heroicos combates da serra do Pilar e da Asseiceira, sahio um reinado, em que favorecidos por mais natural influxo, despertaram com crescente vigor os instinctos grandiosos da nação. As glorias militares que se tinham distinguido em Badajós e no Uruguay, nas campanhas peninsular e cisplatina, vieram unir-se outras novas, repletas de vigor e mocidade, que talvez houvessem levado longo a fortuna da patria, se o seu cabo não tivesse adormecido o ultimo somno dos bravos, depois de collocar sobre o throno a sua saudosa filha.

Um mancebo houve então, hoje homem abattido pelos annos, a quem já acompanham os primeiros applausos da posteridade, que ouvindo o ribombar do canhão funebre, o tanger arquejante dos sinos e os prantos vertidos na soidão domestica pelos companheiros do libertador, escreveu algumas paginas singulares, sobre tão grande assumpto. N'ellas revelava-se uma nova época litteraria, vigorosa, abundante de emoções e entusiasmo, que hia succeder á didactica escola de Macedo, Santos e Silva, e ás exagerações exi-

guas de pensamento dos discipulos de Bocage. Como em uma colonia que o espirito industrioso de nossa época elevasse sobre as ruinas de Tyro ou de Carthago, estes mancebos que abordavam á patria com a experiencia de sua excursão por alheias terras, aproveitavam todas as pedras seculares, todas as tradições elementares que podiam servir á reconstituição do seu gremio social. Os feitos de armas haviam-se tornado para elles um vicio; careciam do fumo dos combates como o navegante das tempestades do oceano, saudavam o sibillo das ballas, como aquelles saudavam o estampido dos raios. Entre estes trabalhos, de reconstrucção e ligeiras refregas civis foi-se destennendo essa geração que produziu Garret, o cantor de Camões, o conde das Antas, Silvestre Pinheiro, um dos maiores publicistas modernos e Mousinho de Albuquerque o auctor das Georgicas Portuguezas. Luctavam na arena politica, chamando o povo á vida governativa, a costumando-o aos comicios electivos, orando-lhe com vehemencia do alto da tribuna parlamentar. Romanoseavam o idioma nacional, aproveitando os trabalhos fundamentaes do bom Philyntho, e do veneravel S. Luiz; expurgado este de alheios vicios, hia risonho readquirindo a sonoridade dos Luziadas, a doçura de Laura d'Amphryso, a onomatopéa dos sermões de Vieira. Sob os auspícios da illustrada folha de D. Pedro, reunio-se uma sociedade de amigos da patria e das lettras, que quiz chamar á vida as glorias litterarias do nosso passado, e que para justificar a geração do seu tempo perante os vindouros, teceu durante sete annos uma encyclopedia dos conhecimentos nacionaes. Ahi está o Panorama para impor silencio aos estrangeiros ignorantes, e mover saudade em nossos filhos da época em que as novas liberdades patrias começaram a aproveitar.

De todos estes mancebos que então se alimentavam de esperanças, que entravam com nobre ambição em todas as carreiras e que pareciam reconduzir á patria o espirito de seus avós, poucos são os que hoje já não passam velhos e des-illudidos por ante a mocidade, que com sua experiencia dolorosa nunca os poderá igualar. Alguns como Garret, e Mousinho de Albuquerque, já desceram ao tumulo; é bom que a geração nova vá rodear os que restam collados ás suas lições, receber os seus conselhos, e aprenda com elles a ser exforçada em seus intentos.

De todos os que melhor comprehendeu talvez o mais illustre de seus contemporaneos nacionaes, e que mais digno era de ter eternisado D. Pedro, em uma épopea, é o autor dos Quadros Historicos.

Espirito tenaz e herculeo, que venceu a natureza, que ao seu natural estro antepuzera a fraqueza dos órgãos physicos. Alma de paixões elevadas e ardentes, que viveu sempre dilacerado

pela infructuosidade de suas aspirações para os gosos da vida exterior; e cujo canto immortal—os Ciumes do Bardo—é um grito de dôr, d'aquelles que nunca pôde ser entendido e amado como sua alma desejava. Reflexivo e calculador desde a juventude, apreciou com o tino de um velho conselheiro os negocios da patria; queria-a grande, como em seus sonhos de poeta a tinha visto; e os homens do dia diminuidos pelas intrigas politicas, pareciam-lhe todos expurios da terra que regiam. Este contraste entre a realidade e as theorias arredou-o por vezes da arena politica; voltou-se para os penates que idolatrara desde menino; embalou suas paixões com a traducção dos livros do exilado do Ponto; excavou os primeiros versos da juventude, para autobiographiar as suas idéas poeticas, em cujo repassar todos os escriptores acham novos prazeres.

Como o auctor da *Henriade* quiz ser tambem historiador; não para dissecar as ignominias dos seculos que foram, mas como homem de imaginação clara e de excelso gosto, ver só no drama eterno das nações as phrases brilhantes. Engolphou-se no estudo dos velhos pergaminhos; revolveu as pesadas chronicas de Fernão Lopes, e de Azurara, e compenetrando-se dos costumes, das crenças, do viver de nossos avós; escreveu como A. de Vigny, uma composição que participando da ficção pelos seus adornos e da realidade pelo historico dos factos, leva com mais appetitosas côres os livros da historia as mãos do povo. As artes do desenho aperfeiçoadas pelo incremento geral, acompanharam em seu pensamento elevado o auctor dos—Quadros Historicos.—O vulto heroico de Geraldo Sem Pavor, e a fronte veneravel de Egas Muniz, tornaram-se vivas quando o lapiz dos artistas portuguezes desenhou o pensamento occulto do historiador. Alguns acharam aquella prosa, que era rica, fluente e musical, acima do que requeria a historia embora adornada. Queriam mais concisão, estylo mais narrativo, periodos menos arredondados. Lançava-osa a elevação continua d'aquella torrente cujos jorros hiam de grimpá em grimpá de montanha, sem nunca deslissarem murmurantes pelas doçuras da planicie. Comparavam o estylo lyrico dos Quadros com aquelle singello e admiravel episodio do Tributo á Memoria do Libertador, em que o velho soldado de Austerlitz, pratica das glorias reciprocas a bordo do vapor com o companheiro de D. Pedro. Mas a estes tambem os *Luziadas* deveriam causar; porque grandes feitos só com alto estylo condizem, e querel-os narrar como fidalgo velho em palestra de anedotas da antiga côrte, é amesquinhar o que é grande, emparelhando-o com o que é commum.

Com esta obra deu o seu autor remate á nomeada litteraria que havia adquirido; seu nome tornou-se popular, e pelas mãos da Europa illus-

trada correram os seus escriptos. D'este lado do oceano houve tambem quem com avidez os lesse, e os portuguezes da America não renegaram a gloria da terra de seus paiz. Um houve que acima dos outros collocado, quiz conhecer o velho cantor de seu pai; quiz apertar em seus braços um genio illustre, que hia desaparecer no volver de um seculo a cuja primeira metade pertencia. Quem sabe se não advinhou que havia muito a colher de sua realleza de genio, e que para a organização do novo imperio todas as vistas elevadas eram poucas, todos os acertados conselhos eram admissiveis. Ha um grande prazer em ter praticado ao menos uma vez, com uma pessoa que sobresahe ás de seu seculo; quando as neves da idade revertem nossos olhares para o passado, ufanamo-nos de haver-mos conhecido os genios que illustraram o nosso tempo.

A mocidade pois rodeou ainda uma vez o Sr. conselheiro Castilho, ao desembarcar na terra americana. Saudou nella o representante de uma grande geração de engenhos; o velho bardo que veio tanger os seus ultimos hymnos á sombra dos bosques de Nictheroy:

Vassouras, 1855.

REINALDO CARLOS MONTORO.

Epistola.

Julia, é só a ti, imagem querida de meus pensamentos; visão ethereal e encantadora de meus sonhos; estrella unica de consolação e enlevo, que para mim existe sobre a terra, que eu quizera enviar uma epistola, mas uma epistola cheia de amor e poesia; mas uma epistola notada com expressões ainda aos homens desconhecidas, as quaes te podessem bem a fundo revelar os puros sentimentos que predominam em minha alma, uma epistola em fim, Julia, escripta com a linguagem com que a Deos fallam os anjos lá no Empyreo, a qual ultrapassando a longa e escabrosa barreira que nos separa podesse voar a tuas mãos pãra nella, como anjo que és, traduzindo essa linguagem, poderes comprehender como eu desejara o quanto é puro e sem limites o amor que te consagro.

Mas não posso, Julia. é-me impossivel; pois além de não ter essa linguagem com que eu quizera adornar-a, além de não possuir essas phrases expressivas que tanto dejara, o longo obstaculo que ante nós existe cada vez se torna mais invencivel, até fazer-me perder toda a esperanza. E no entanto, Julia, que triste sorte! sinto crescer o meu amor para comtigo á medida que os obstaculos se augmentam!

Oh! eu amo-te muito, Julia, amo-te como a minha mãe, esse ente carinhoso que me embalou na meninice, amo-te como a Deos podem amar os seraphins, amo-te mais do que amo a propria existência, e tu com igual extremo a elle me correspondeste, mas ah! Julia como é iuftausto este nosso amor! quanto é fusca a estrella que a elle nos preside! seus raios são despidos de fulgor e de brilho quaes os que presidiram aos amores de Camões e Petrarcha de quem a todo o instante, com o coração comprimido, lembro o fim amargo de suas desventuras.

Olha, Julia, sem duvida tens lido ou ouvido fallar dos amores de Abeillard com Heloisa ou de Tasso com Leonor, aos quaes os poetas se acostumaram a chamar amantes desditosos? pois não é verdade o que os poetas dizem, Julia, deixa-os fallar porque estes amantes de que te fallo foram ditosos, a estrella da ventura não se lhes mostrou de todo apagada, se della não poderam fruir os raios no auge de seu maior esplendor, alcançaram ao menos um fulgor vivificante que em demasia lhes compenso seus extremos amorosos. E que importa que esse mesmo fulgor se extinguisse depois de tantos momentos de seu desfrute deixando-os no meio de trevas e amarguras?..:

Escuta ainda, Julia, eu por depositar um só osculo em tua fronte, por ter-te um só momento no enleio de meus braços, por um instante emfim só de felicidade junto de ti dera toda a minha existencia e inda achára dar pouco...: sugar-me-hia ás mais acres torturas, e todas julgara pequenas; não lastimo pois, que tenha o grande Tasso terminado seus dias como louco em uma prisão, assim como Abeillard findasse os seus com não menor infortunio: taxo embora quem quizer de absurdo este meu pensar.

Julia! eu amo-te tanto quanto o mesmo Abeillard poderia amar sua Heloisa, Petrarcha a sua Laura, Tasso a mesma Leonor, e Camões a Natércia, para ti e Deos é a quem dirigo meus únicos pensamentos; sim, para Deos também pois nunca nelle pude crer tanto como desde que vi pela primeira vez teus encantos, e cada vez ainda mais acredito que amor como o que te consagro não póde ser senão, do mesmo Deos dimanado: no entanto apesar de tanta dedicação, a esperança que conservava de te gozar já se me finou; della já nada mais resta do que saudade... mas inda assim eu só por ti é que existo; pois é este fogo que me arde em chamas no peito que me dá vida.

Sabes tu Julia quaes são ainda os mais ledos instantes que na vida posso alcançar? são esses em que nas horas de repouso tu vens divinizar meus sonhos com tua imagem querida. Ora te vejo umas vezes radiante, com azas de cherubim abandonando riquezas e orgulhos, voares a meu lado, pegar-me na dextra vagarosamente convi-

dando-me a seguir-te por veredas só por ti conhecidas porém que eu julgo as do paraíso, ora presinto teus braços me cingirem a teu collo, qual uma mãe carinhosa o póde fazer ao mais caro fructo de suas entranhas; ora como que sinto roçarem por meus os teus labios ardendo n'um fogo devorador; ora outras vezes em fim, Julia, te julgo minha... já minha, só e para não mais perder-te: mas ah! quão pouco são duraveis essas illusões! em breve eis-me despertado desses sonhos vaporosos para ver-me ante a realidade como sempre, sósinho com minhas lagrimas e a pobre lyra que tu me afinaste, a doce com panheira de minhas magoas e infortunios, o meu unico arrimo nas horas de maior tristeza e melancolia.

Julia! se estas linhas poderem chegar ás tuas mãos, lê-as, mas lê-as com attenção; traduzes-as pelo teu coração e solta um suspiro, mas um suspiro, que fendendo os ares possa echoar a meus ouvidos, vindo minorar os soffrimentos de minha alma.

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

POESIAS.

A Malvina de C.....

CHANT DU SOIR.

Deusa já foste teu pisar o indica,
E o teu sorriso que ironico desliza
Por sobre os labios que o carmim perderam,
Outr'ora meigo os corações prendia.

Os negros olhos, que as paixões cansaram,
Já ardentes foram,—de um volver venciam
As ferreas almas, que timidas depunham
Junto ao teu solio os quebrados peitos;

De loucos servos que a madurez dispersa
Era essa turba; e accordaste um dia
Entre as corôas que a teus pés jaziam,
Ao teu passado para sempre entregue.

Mas tu perdoas á mocidade injusta
Prezar do bello as apparentes fôrmas,
As vivas côres das incompletas rozas,
Que sem perfume os seus olhos prendem!

Qual é mais bello : no horisonte a tarde,
Quando cingida de douradas nuvens
Fallaaos sentidos e o coração enleva,
De magico esplendor seu adeos partindo?

Ou alva incerta, que ao surgir das ondas
Por sob um veu de indistinctas côres,
Da selva ás folhas, momentaneo brilho
Com a neve presta, que o calor devora?

E as aves cantam ao nascer da aurora,
Do bosque as sendas tortuosas correm,
Ridentes euros que ao prazer incitam
As roseas faces das campestres virgens!

E tu solemne esplendor da tarde
Por almos hymnos da natureza ingrata
Apenas tens o do sabiá saudoso
Que a ti modula dolorido canto!

Tudo para mim a saudade encerra:
Gloria e amor, aspirações e gozos;
Sombras celestes que evocou a mente
Nos breves annos da juvenil aurora!

As seccas folhas das triumphaes corôas
Que juncam a senda de teus leves passos,
Aos rotos planos da juvenil descrença,
Irmãos no engano, o destino as mescla!

Ah! não descanses o teu collo ardente,
As negras tranças entregando á briza,
Sobre a saccada que o teu val domina;
E' fria a pedra e a solidão te serca.

Correm as lagrimas de teus olhos ternos
Sem que meus labios devoral-os possam!
Deixa que ao menos em meu canto humilde
Malvina um dia as gerações futuras,
Se do pobre cantor as trovas lerem,
A idéa de amor ao teu nome enlacem!

Rio de Janeiro, 1 de Junho de 1836.

REGINALDO CARLOS MONTORO.

Poesia

A VILLA DOS ARCOS DE VAL DE VEZ.

Oh Arcos, villa saudosa!
Pura, fagueira e mimosa,
De minha patria ditosa
Gentil, risonho florão!
Onde em fragil tenra idade
Gosei pura fílecidade;
A ti pois com lealdade
Consagro meu coração.

Tu és, villa, onde a ventura
Eu gosei com bem ternura,
N'essa epocha inda tão pura
De sorrisos infantis;
És terra de meus amores,
Onde na idade de flores
Não conheci os rigores
De minha sorte infeliz!

E's, emfim villa querida
P'ra mim jamais esquecida,
Onde a luz pura da vida
Vi pela primeira vez;
E que em memoria, exilado,
Inda conservo gravado
O nome que tens sagrado
Dos Arcos de Val de Vez.

Conservo sim, desditoso
Ao recordar mui saudoso
A quadra d'intimo goso
Que em ti oh villa passei,
Esses sorrisos d'esp'rança,
Esses sonhos de criança,
De venturas e bonança
Qu'eu em ti abandonei.

Se tem cidades aos centos,
Ruas, praças e ornamentos,
Palacios e monumentos,
Cousas sem fim que admirar;
Nessa tua singeleza
Mais do que Roma ou Veneza
Tens para mim tu lindeza
Qu'eu bem não posso explicar.

Descrever eu bem quizera
O todo que tanto impera
Em ti oh mimosa terra
De meu lindo Portugal !
Descrever essa poesia
Que tens, e tanto extasia,
Da lyra em sons de harmonia
Fazer teu nome immortal !

Nos fastos da lusa historia,
Villa tambem por memoria
Tu tens um padrão de gloria
Nessa Veiga da matança,
Onde ha setecentos annos
Lusos pavilhões ufanos
Calcaram dos Castelhanos
A honra, orgulho e pujança !

Ai ! doce villa, emfim, quantos
Suspiros tristes, e prantos
De minha lyra, e que cantos
Tem-me a saudade arrancado
Por ti ! e quantas perdidas
Lagrimas d'alma nascidas,
Pelas venturas queridas
D'amor que em ti hei deixado !

Eu amo as tardes, sem custo
Em que de S. Bento Augusto,
Junto ao mosteiro vetusto
Fui tanta vez me sentar !
Só pelo estudo opprimido,
Amo esse tempo fugido
A meus collegas unido
Que jámais posso olvidar !

Amo essa hora em que na ponta
Reparava no horisonte
Do sol no grato desponte
Seu fulvo raio a luzir,
Ao mesmo tempo escutando
O murmurar doce e brando
Dessas aguas perpassando
Sob meus pés-a fugir.

Amo esse tão pittoresco
Panorama gigantesco
Quando das tardes ao fresco
Nessa praça do Terreiro,

D'um lado a ver mil campinas
Com esmaltes de boninas
E d'outro as verdes collinas
D'um alpestre ingreme outeiro.

Amo o tempo em que menino
Fragil inda e pequenino
Eu esse outeiro sem tino
Pulava sem me cançar ;
E após olhando na frente
Corria ainda contente
Indo doce e castamente
Minha familia saudar.

Amo triste e desditoso
Esse instante deleitoso
Em que fruia ditoso
Os afagos maternas !
Esses risos e caricias
Essas venturas, primicias,
Os encantos, as delicias
Que não podem ter rivaes !

Amo a singella harmonia
Que quer de noite ou de dia
Na primavera eu sentia
Dos melros cantando amores...
Esses melifluos trinares
De pintasilgos milhares
Brincando em ledos pomares
Entre madeixas de flôres.

Amo emfim do coração
A modesta habitação,
Em que nos tempos de então
Tudo sorria-me, oh ! sim !
Do pastor mesmo a cabana,
De lavrador a choupana,
Humilde, porém mui lhana,
São saudades para mim !

E choro.... choro exilado
Pelo saudoso passado
Que meu agro e duro fado
Sem compaixão me roubou !
N'um solo estranho, perdido
Eu verto pranto sentido
Por esse berço querido
Que eterno amor me infiltrou !

Choro triste desgarrado
 Pelo oceano apartado
 De tudo quanto hei amado
 Em ti, oh berço feliz;
 Joven ainda inexperto,
 Qual o tufão no deserto
 Errante vagando e, incerto
 Em um estranho paiz!

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Recordações.

Era noute, noute bella
 De luar, noute serena
 Na qual vi o rosto lindo
 Da gentil formosa Emmena!

Eu a vi sorrir alegre
 Nessa noute de luar,
 Eu a vi contente e leda
 Entre boninas passar.....

De meu peito saudoso
 Triste suspiro soltei,
 Sua imagem e seu nome
 Em meu coração gravei!

Emmena querida Emmena
 Tu venceste, toma a palma!
 Triumphaste de meu peito
 Penetrastes em minh'alma!.....

Foi o fogo de teus olhos
 Que meu peito incendiou..
 Foi o teu olhar tão meigo
 Que minh'alma fascinou!..,

Adoro-te anjo celeste
 Oh! meu anjo de bondade.
 Ah! fujaamos deste mundo
 Que é tão cheio de maldade

Pelo immenso e largo espaço
 Vamos unidos pairar,
 Té achar um aureo polo
 Para nosso amor gosar!

Rio, 8 de Dezembro de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

Seu nome.

O seu nome é qual voz harmoniosa
 Dos anjos n'uma eterna prece a Deus;
 Tão suave qual echo d'uma frauta
 Solta da solidão nos imos seus.

E' tão lindo, gentil e prazenteiro
 Como da philomella o doce canto;
 Celeste qual das virgens na clausura
 O chôro ameno, magestoso e santo.

Fagueiro e grato qual do cysne o canto
 Junto as margens d'azul, sereno lago,
 Tão meigo como d'uma mãe ao filho
 A voz num meigo e carinhoso afago.

O seu nome é tão grato p'ra meu peito,
 E n'elle echô-a tão suavemente,
 Que sem jámais poder eu olvidal-o
 No sentido me está constantemente.

Oh! quem seu nome possuir podera!
 Oh! quem podera ser o afortunado,
 Para lograr tão doce e f'eliz ventura
 Possuindo seu nome idolatrado!

O seu nome é p'ra mim cá neste mundo
 O maior bem, a mais summa ventura;
 Por elle serão só meus cuidados,
 Por elle baxarei á sepultura!!

Rio, 9 de dezembro de 1856.

M. CORREA BRAGANÇA.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III.

Domingo 21 de Dezembro de 1856.

N. 17.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

XVII.

MORTE AO ROMANCE

SUSPENDAM AS REFLEXÕES EM QUANTO—*fallo.*

(*Variante da Fabia.*)

Truz, trüz, truz.

— Quem está ahí?

— Creado da casa.

— O que pretende?

— Receber o importe de trez mil réis d'assignatura por seis mezes para o jornal a *Saudade*.

— Não conheço d'esta fazenda por cá; naturalmente enganaram-no.

— Perdão, sei o que faço; ha tres mezes que entrego a folha n'esta casa, e nunca se lembraram de dizer-me que não eram assignantes.

— Essa é boa! Em nome de quem está o recibo?

— Em nome de Agapytho Burromeu da Encarnação.

— Sinto muito dizer-me que não existe n'esta casa ninguem d'esse nome.... dê-me licença, tenho que fazer.

E hia a fechar a porta.

O cobrador impacientava-se.

— Faça-me o obsequio de chamar uma senhora *velha* que tem tomado conta das folhas; quero entender-me com ella.

— Porém....

— *Oh! non de Dieu!* exclamou aquelle com um movimento de enfado bastante expressivo.

O primeiro comprehendeu que o negocio era serio, fez meia volta á direita e desapareceu.

Cinco minutos depois apparecia a *velha* em questão.

— Meu Deos! disse o cobrador á parte, não podiam infligir-me castigo maior do que o de olhar para esta *carantonha*.

— Bom dia, minha senhora, disse elle.

— Bom dia.

Ella correspondêra ao cumprimento de uma maneira a provocar o riso.

O infeliz cobrador não sabia como começar, todas as vezes que olhava para a *velha* sentia um calafrio percorrer-lhe pelas veias. Como porém era forçoso dizer alguma cousa, principiou:

— Venho cobrar a importancia d'este recibo....

— Hein? atalhou a *velha* sorvendo uma enorme pitada de rapé.

— Um recibo da *Saudade*....

— Não conheço....

— Está visto, esta gente protestou fazer-me perder a paciencia, estaes enganados; hei-de levar a conversa até ao infinito.

— Tanto conhece que é a senhora a quem entrego o jornal. Um jornal litterario, com uma capa *encarnadinha* quasi sempre.... traz versos, romances, historia, etc., etc.

— Aquelle papel que o senhor me entrega todas as semanas.

— Advinhou.

— Romances, versos... mas isto é uma indignidade!... o senhor quer perverter minha filha...

— Romances!...

— E esta!... inda agora sabe que o jornal publica romances; zombemos da *velha*.

— Minha senhora, os romances instruem, delectam e formam o nosso espirito. A sua leitura pôde impressionar-nos, tomamos interesse por este ou aquelle personagem, e o resultado é que o nesso coração torna-se sensivel e bom. Por isso a menina mais innocente pôde ler esta qualidade de escriptos; quanto aos versos, ah! minha senhora, os versos é a linguagem dos anjos!

A *velha* parecia não escutar o paciente cobrador; a noticia de que o jornal que entregavam, trazia romances, produzia n'ella uma revolução geral.

Sem responder a menor palavra, voltou-se para dentro dando ruidosos suspiros.

Era de crer que hia seguir-se uma scena original.

Aquelle sorriu-se entre si, dispondo-se para tudo.

Pouco depois regressou a *velha*.

Segurava na mão o quer que fosse.

— Aqui tem, disse ella, atirando com um rolo de papeis ao cobrador, leve essa peste, e não me torne a apparecer aqui.

— Que significa isto ?

— Isto significa que não quero mais em minha casa uma folha que ha transtornado a cabeça de minha filha... minha filha que era a innocencia personalisada !.. Se meu marido fosse vivo affianço-lhe que se não contentaria com isto. Ah ! tempo, tempo !

O cobrador sentia immensos desejos de desbaratar com esta representante do outro seculo, conteve-se, e apenas disse, fazendo uma grande cortezia :

— Dou-lhe de conselho que guarde sua filha n'uma *rodoma*, olhe que os romances são uma das pragas do seculo !

O cobrador enterrou o chapéu na cabeça, e apressou-se em deixar uma casa habitada pela mulher mais original que ha visto em sua vida.

Rio, dezembro 17 de 1856.

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação).

Em uma humilde, mas decente cama, continuava Luiza no mesmo estado de immobibilidade. O seu rosto exprimia o combate terrivel que se dera em seu espirito uma ou duas horas antes, e facil era reconhecer-se que a sua pallidez, o amortecido dos olhos, e o esbranquiçado dos labios, eram symptomas assustadores de uma morte lenta e dolorosa. De um rapido volver de olhos advinhou o medico que ante essa dor moral a sciencia é inefficaz, ella pôde aliviar um tanto o soffrimento pungente, mas a existencia está desde muito tempo condemnada, e Deos só tem em suas mãos o poder de transformal-a.

Lourenço entrou no quarto da joven, de cabeça erguida e olhar ameaçador ; o triste espectaculo não lhe arrancou um simples assomo de commoção ! Parecia pelo contrario que elle se enebriava em contemplar esse corpo morto e quasi frio. João chorava, o regedor escondia algumas lagrimas tentando assenhorear-se de si, pois que d'esde que entrára no quarto não tinha podido dar a menor palavra. Entretanto o medico procurava chamar Luiza á vida. Escreveu apressadamente algumas linhas, e ordenou que as levassem a seu destino. D'ahi a cinco minutos João voltava com um pequeno vidro. Aquelle despejou nos labios da joven algumas gotas de um liquido amarelado. O effeito foi repentino.

Luiza fez um movimento como para levantar-se. Maria deu um grito.

— Eil-a que volta a si, disse o regedor.

Assim era ; Luiza despertou de todo. Ah !

A causa desta exclamação nascêra de Lourenço, a primeira pessoa em que Luiza posára os olhos.

— Nada tema, tornou o regedor approximando-se da cama ; está em presença de pessoas que se interessam por si, e que hão de protegê-la.

O tom de bondade com que aquelle fallava á joven, o interesse que exprimiam todas as phisionomias, á excepção da de Lourenço, asseguraram Luiza. Foi então que reconheceu o medico.

— Meu pai ! Carlos ! os meus amigos ! exclamou ella por um expontaneo movimento de intimo regosijo.

— Antes de abraçal-os, respondeu elle, é preciso que a menina torne a adquirir as forças de outr'ora ; por enquanto está muito fraca para se expôr a uma viagem.

— Não importa : o desejo que tenho de voltar de novo á casa em que nasci, dar-me-ha coragem... Por quem é, Sr. R., consinta que deixe estes lugares !...

— Porém...

— Oh ! ignora que este ar que respiro é mortal, ignora que tenho soffrido muito depois que fui arrancada aos braços daquelles que amo ?... Vamos, verá que só nas margens do meu bello rio é que poderei achar o socego de espirito que perdi ha muito tempo... O senhor acompanhar-me-ha, não é assim ? Estou habituada a vê-lo d'esde a infancia, devo-lhe a existencia, pois que me salvou de uma morte certa ; minha mãe dedicava-lhe uma amisade de irmã, meu pai tributava-lhe outra não menos sincera... é pouco ver de novo, com o rubor nas faces, todas essas santas e doces affeições, esses lugares que em outro tempo formavam um dos maiores encantos da minha vida !... Quero partir, ainda que tenha de dar o ultimo suspiro no momento em que transpuzer o limiar da casa onde pela primeira vez vi a luz do dia.

— Vou satisfazê-la, respondeu o medico dando alguns passos em direcção á porta do quarto.

— Um momento, Sr. R..., atalhou o regedor embargando-lhe a passagem, preciso da sua presença nesta casa ; quero interrogar essa menina.

Lourenço tinha-se sentado na extremidade do quarto ; não lhe dizia respeito nada do que se passára até ali, por isso escutava impassivel ; quando porém vio que hia começar-se as declarações, levantou-se, e disse com arrogancia :

— Com que fim exige o senhor a presença do medico nesta casa ? Elle foi chamado para prestar o auxilio da sciencia áquella... joven ; cumpro com o seu dever, nada mais temos com elle... Trata-se de algum corpo de delicto ?...

— Sr. R..., disse Luiza com resolução, fique, eu lhe peço. Esqueci-me que antes de abraçar meu pai tinha uma divida a pagar; vou fazê-lo. Escutem-me todos, o que vou dizer é a verdade, e prova-la-hei se a tanto me forcarem.

Havia perto da Fulgosa, proseguiu Luiza com voz triste e solemne, um velho lavrador estimado e bem quisto por toda a parte; ninguém ousaria levantar mão traiçoeira para elle, pois que não tinha um só inimigo. Esse velho habitava uma pequena casa á margem do rio, em companhia de sua filha, joven de dezoito annos. Margarida era linda, os pretendentes affluíam aos pares, nenhum porém pudera agradar-lhe até ali. A idéa de que casando-se deixava seu pai e a casa em que nascêra, contribuía para que fossem despedidos todos aquelles que desejavam a sua mão. Comtudo um dia veio em que não foi possível recusar o esposo que seu pai lhe escolhêra. Margarida obedeceu, e oito dias depois assisti ao seu casamento. Os noivos foram habitar na Fulgosa; o velho pai insistira sobre isto, e como não queria acompanhá-los prometeu-lhes que hiria vê-los todas as noites. Passava-se isto a 20 de Dezembro de 1845. As visitas daquelle continuavam sem interrupção, e sempre de noite; o trabalho impedia-o de fazê-lo por outro modo. Os creados, receando que lhe succedesse algum contratempo, porque elle regressava á casa depois das 10 horas, quizeram seguí-lo alternadamente; o velho prohibio-lhes, dizendo que um homem que não tinha feito o menor mal, não devia ter inimigos. As previsões dos creados realisaram-se. Uma noite... mas é horrivel pensar em tal, disse Luiza extremamente agitada...

— Coragem! disse o Regedor, que escutava impaciente e palpitante.

(Continua.)

As Orphãs de Icarahy.

I.

O ULTIMO DIA D'EXPLENDOR.

« Que queres minha irmáa? não posso amal-o! Nasci para soffrer, e não para gozar. Se um sentimento affectuoso me prendesse a alguém, eu deixaria com saudade esta relva matisada de flôres, esta alameda de copados troncos, este ceu que com a sua côr tão linda nos está sorrindo; — e eu quero morrer, Julia querida, entre os teus braços, beijando a mão de nossa triste mãe, e dando o ultimo de meus sorrisos de innocência a estas campinas em que vi-me adormecer sobre a louza do sepulchro! »

Era uma joven quem assim respondia a sua irmã em uma bella tarde do outomno deste anno, passeando ambas a sós em uma rua dos campos de Icarahy, ladeada de arvoredos e jardins. Ambas de pequena estatura, de formas delicadas e de elegante aspecto, differiam comtudo nos typos da belleza. A que respondia tinha apenas quinze annos, uma tez nimiamente alva, olhos grandes e expressivos; magnificos cabellos castanhos lhe pendiam em cachos sobre os hombros bem torneados, e seu nariz um pouco curvo dava uma expressão intelligente ao seu rosto, a que apezar, de fortes indícios de padecimento, acudiam no correr da conversação rosadas côres que transmittiam a seus olhos brilhantes uma expressão ardente e seductora. Sua cintura fina, apertada por um vestido de cassa azul celeste, realçava as fórmas salientes de seu collo; seu andar docemente compassado, mas airoso, deixava perceber um pé delicado e inquieto. Quando fallava, sua voz tão doce, de um timbre argentino, e que parecia soltar pungentes gemidos, tomava na forte organização de seu peito sons profundos e de electrica acção, que causavam sensações dolorosas.

Sua irmã nem possuía a extrema mocidade de Dulce, nem sua seductora e roçagante belleza. Era uma moça de formas delgadas, de rosto comprido e pallido, com magnificos olhos, que exprimiam todos os affectos com a rapidez do pensamento. Baixa, porém bastante franzina; o talhe fino, o pescoço de graciosa curva, as mãos afiladas e artisticamente torneadas, disfarçavam-lhe a pequenez. Tinha sempre nos labios um movimento expressivo, que o mais das vezes indicava a desillusão dolorosa dos sonhos ideaes.

« Tu não sabes quanto elle é digno de tua amizade: — disse Julia, — os teus sorrisos de indifferente jovialidade fazem padecer horivelmente o pobre moço, que attribue a tua frieza, que não é mais do que a resignação de uma alma desprendida do mundo, a um affecto dedicado a outra pessoa mais rica e feliz »

« E tu acreditas, minha Julia, nessas confidencias que parecem nascer de um interesse puro, de um affecto extremoso? Julguei que estavas mais pratica das paixões dos homens, que se revestem das caras mais hypocritas, para illudir melhor a nossa sensibilidade; se veem uma moça triste, amiga da leitura, que foge das sociedades animadas, e que suspira sob as folhagens a que se acolhe, dizem logo que ella é romantica, des-norteada pela litteratura moderna, e portanto facil de illudir pelo sentimentalismo. Não acredites nas confidencias do teu ingenuo Affonso. E quanto a preferencias por causa de fortuna, pôde elle ficar certo que em nada me influem; tanto estimo a elle simples capitão de cavallaria, como ao mais rico e parvo barão feito á custa de bellas notas. »

Julia pareceu soffrer enormemente com a ineredulidade de sua irmã. Aquella alma dedicada parecia interessar-se por um motivo occulto para fazer reverter em proveito de Dulce o affecto do joven official, que ella reconhecera ser ardente e puro. Com as mãos pallidas e tremulas por intima commoção, apartou levemente os cabellos que encobriam a fronte elevada e virginal de sua irmã, e tornou-lhe com um tom de voz que fazia acudir o pranto aos olhos da bella impiedosa:

« Pois bem, minha Dulce, tu não queres acreditar em simples palavras; julgas que eu, moça de vinte annos, que tenho visto a aurora e o occaso de tantas inclinações em minhas companheiras de idade, me deixo illudir pelas maneiras polidas e pelos bigodes de um heroe do Cassino; von-te pois demonstrar o contrario, narrando-te factos que te hão-de convencer, e que hão-de abrandar a casa de gelo que envolve a tua sensibilidade. »

Dulce deu uma risadinha, semelhante ao ligeiro murmúrio das cadeiras, quando um cantor estimado vai esforçar-se por executar uma cávatina fóra de seus recursos. Porém por natural bondade acalmou-se, e por não causar desgosto a sua irmã, deixou-a fallar.

« Has-de lembrar-te por certo que depois da estada do Sr. Affonso de Sá, em M..., quando lá foi com a força que hia manter a ordem no sertão, sempre elle procurou manifestar-te uma inclinação affectuosa, e com nobres aspirações. Eu durante muito tempo tambem julguei que o nosso joven capitão, não era mais do que um desses conquistadores facéis da corte, que julgam-se com direito de enganar todas as provincianas que elles honram com seus indulgentes olhares. Então me ria todas as vezes, que elle diante de mim fazia o teu elogio, e julgava eu, vaidosa como então era, que o seu fim unico não passava de uma provocação á minha inveja, que por natural successão de sentimentos procuraria captar-lhe as boas graças, que só a ti crão dedicadas. Por este tempo retirou-se elle para a corte por ordem do governo, e tu sabes a pallidez, e o tremor de voz não affectado, com que elle veio despedir-se de nós em casa de mamãe. »

« Depois de nossa vinda para o Rio, quando moravamos na rua do L..., pareceu-me vel-o algumas vezes passar rapidamente por diante de nossa casa; mas com hia com a cabeça baixa, e parecia querer impedir que seus olhos para esse lado se voltassem, não tive occasião de certificarme sobre o estado em que seus sentimentos se achavam. »

« Pois tu esperavas que elle ainda se lembrasse de nós ? »

Disse Dulce como que sorrindo-se da ingenuidade de sua irmã.

« Quanto és injusta ! — continuou esta. — Po-

bre moço que sempre viveu preocupado pelas lembranças de seus dias felizes de M..., como elle os chama, e a quem tu nem ao menos concedes as honras da sinceridade ! Pois ouve Dulce, e aprende a ser menos desapiedada ; o amor não é um crime; uma alma candida como a tua póde deixar eneobrir-se com o seu véu de gazes transparente, que nada lhe tirará de suas formas virginaes.

« Lembras-te que ha tres mezes, quando ainda estavamos fortes, e mamãe vivia deseansada, e quasi esquecida de seu passado de lagrimas, o primo Eduardo veio-nos buscar uma noite para levar-nos ao baile da Baronesa de G? »

« Pois não me havia de lembrar ! Eu que dansei oito quadrilhas, e que ouvi igual numero de inspidas declarações de admiração de jovens fatuos, com presumpções de gamenhos ! »

« Lóuea ! Em quanto tu passeavas na sala, rindo te das expressões exageradas desses mancebos para quem os affectos são uma comedia, e que decoram as Harmonias de Lamartine; para as repetirem trinta vezes em sedicã prosa, havia em um canto, junto a um jarro de jasmims e rozas de enebriante odor, um joven sentado em muda contemplação, que te seguia com os olhos ardentes, com o coração palpitante, e para quem o menor de teus sorrisos — concedido a outros, causava lhe uma dor profunda e dilaceradora. Este joven era Affonso de Sá, que se levantou no fim de uma quadrilha, e veio, elle que n'essa noite não dançara, pedir-te para que lhe concedesses a honra de ser teu par uma vez. E tu foste tão barbara, que sem olhar para o seu rosto pallido, sem attender ao som supplicante de sua voz, lhe negaste tão pequeno favor, sob pretexto de que tinhas pares para toda a noite ! »

« Pois bem, Julia, serei sincera contigo; eu podia-lhe dar ainda uma quadrilha, porem so a lembrança de ter que passar sob o fogo de seus olhares furibundos, de ter que ouvir cem vezes as expressões do genero de Werther, com que elle me mimoseia, causou-me tal terror que me neguei a seu pedido. »

« Entretanto o pobre moço, fulminado por tua negativa, tornou para o seu canto, ainda mais pensativo, porem resignado a soffrer as attensões que tu aos outros concedias; deixou de olhar-te, mas virando-se para a sacada, que dava sobre uma praia da bahia, pareceu dirigir a vista para as ondas agitadas, e aspirar com força a brisa que penetrava no salão; a agitação que no coração lhe borbilhava casava-se com aquelle aspecto da natureza. »

« Pouco depois, perdendo-o de vista, fui-me sentar entre um circulo de moças ricamente adreçadas; que exalavam um odor insuportavel de almiscar, e affectavam uma linguagem requinta, da e desdenhosa. Eram algumas herdeiras rica

que faziam sociedade de parte, para defendereem-se dos ataques dos adoradores da belleza pecuniaria, que as seguiam com pertinacia. Apenas me sentara entre ellas, dei fé da indiscrição que cometera, eu pobre paria da civilisação burguesa, de vir sugerir-me aos olhares desdenhosos de tão incompativeis companheiras. Hia-me levantar, quando D. Virginia de Mendonça, aquella moça loura e pallida, que apesar de seus milhões, sempre nos tratou com amizade, talvez filha de iguaes propensões de espirito, sentou-se junto a mim, e disse-me.

« D. Julia, affirmaram-me que a senhora conhecia uma pessoa sobre quem eu desejaria obter algumas informações.

« Respondi-lhe que muito gosto teria em poder esclarecel-a sobre o que desejava.

« Apontou-me, então para Affonso, e perguntou-me se o conhecia.

« Morou algum tempo em M....—respondi-lhe; —é moço dotado de boas qualidades, parece-me bravo e intelligente, e segundo penso deve fazer uma brilhante carreira no exercito se os nossos Napoleões de gabinete lhe permittem.

« Virginia, corando um pouco, replicou-me:

« Bem sabe D. Julia, que entre nós moças, não são esses os pontos essenciaes da informação que pedimos sobre um mancebo, por quem nos interessamos, embora por mera curiosidade... ligamos mais importancia a suas relações de... amizade. »

Não pude deixar de me sorrir, apesar de ficar um pouco confusa com a pergunta de D. Virginia, e disse-lhe que nunca soubera de inclinação alguma da parte do joven capitão.

« Mas entretanto, —tornou ella, —não vê o seu ar triste, e como elle se isola no meio da mais agradável sociedade? Eu quero ser franca, com uma moça como a senhora, que ha de ser-me sempre leal. Meu pai é tio paterno do Sr. Affonso e de ha muito deseja que a sua fortuna avultada, que por sua morte deve-me pertencer exclusivamente, seja repartida com o filho querido de seu fallecido irmão, por meio de nossa união. Ao contrario do que quasi sempre acontece, não posso deixar de confessar-lhe, que o brilhante procedimento, e a agradável presença de meu primo impressionaram-me a seu favor, e que a vontade de meu pai também é a minha. Mas apesar de elle me tratar com toda a delicadeza, não sei o que ha de glacial nos cumprimentos que me dirige, e de reservado nos adiamentos que antepõe aos desejos de meu pai, que bastante me tem contristado!

« E a joven herdeira, infeliz apesar de sua belleza e de sua oppulencia, deixou escapar duas lagrimas, que eu procurei occultar com meu lenço. Não sei como nessa occasião Affonso ap-

pareceu ao pé de nós, e fictou-nos de uma maneira vaga que parecia exprimir a falta de percepção das pessoas que encarava. D. Virginia, sorriu-se para elle, e cumprimentando-o com infinita graça disse-lhe:

« Meu primo, acho-o bastante distraído hoje; nem ao menos concede um cumprimento, não a mim, que não lhe mereço essa graça, mas ao menos a uma antiga conhecida que tenbo a honra de apresentar-lhe na Sra. D. Julia de Campos.

« Indicou-me com sua mão palida como o marfim, e meia encoberta pela fina blonde da manga.

« Ao meu nome, Affonso estremecem, e a expressão de intelligencia perfeita do que o cercava manifestou-se em seu rosto; inclinou-se profundamente, e apertando-nos as mãos com delicada cortezia, disse-nos:

« Minha prima e D. Julia devem desculpar-me, attendendo a que eu estava preocupado com uma noticia que ha pouco me communicaram. Se não se dignassem fallar-me, commetteria a grave falta de não vir tributar-lhes os meus respeitos.

« O Sr. Affonso, —tornou-lhe D. Virginia, —deve hoje provar que ainda não abdicou os seus direitos a ser um dos reis da moda, mostrando sua brilhante farda entrê os pares dansantes? »

Esta pergunta maliciosa da joven herdeira, como que indicava o desejo de ser seguida de um convite immediato do cavalheiro; porém este deu mostras de não comprehender, e offerecendo-me o braço, disse-nos:

« Minha prima, eu não posso dansar, quando o espirito está triste, a dansa não é um prazer, mas sim um movimento desagradavel e monótono; queira aceitar as desculpas que eu dirijo a todas as bellas damas que abrilhantam o salão. A Sra. D. Julia se dignará aceitar por alguns momentos o meu braço para passearmos.

« Levantei-me e acompanhei-o, não sem prometter com um olhar compassivo a minha intervenção a D. Virginia; mas esta ficára anniquilada em sua cadeira; livida côr lhe cobrira as faces, e eu não pude deixar de sensibilisar-me ao ver a fatalidade que tornava infelizes dous jovens tão dignos de amarem-se. Affonso levou-me até uma pequena sala em que jogavam algumas velhas titulares com varios capitalistas de reforçada estatura, que procuravam occultar a aspereza das mãos com os maços de notas que punham sobre a meza. Tão entretidos estavam em render finezas ás damas octogenarias, que não deram fé de nossa entrada.

« Affonso aproveitou-se do isolamento em que nos achávamos, e pedindo-me que me sentasse, disse-me com um accento de voz rapido em que a paixão por longo tempo comprimida se revelava com toda a anciedade do desespero... »

E Julia pareceu impressionada de tal maneira pela confissão que ia transmittir, que empallideceu, e ficou um pouco pendida sobre sua irmã. Esta olhou para ella com interesse, e beijando-a sobre a fronte, disse-lhe com expressão :

« Mas Julia, acredita-me, eu não o amo! »

A joven pareceu sobresaltar-se com esta observação, e a pallidez se lhe mudou em vivo rubor, abaixou os olhos, e reanimando-se continuou :

« Não entendo o que queres dizer com essas palavras, que parecem de consolação; ouve porém o que me disse Afonso.

« Não posso mais D. Julia, suffocar o vulcão que se debanda em meu peito, e que ameaça com suas chammas queimar-me os ultimos annos da mocidade, deixando-me prostrado para sempre. Perdoe-me esta confidencia; eu amo sua irmã com o fervor de um primeiro affecto; não é amor, é adoração; beijar-lhe-ia os pés se ella o consentisse. Tudo por ella tenho despresado; tudo por ella esquecerei; fortuna e familia, ambição e orgulho; quero ser seu escravo, quero rojarme a seus pés. Mas ao menos D. Julia peço-lhe que não me repulse; talvez a loucura, talvez a morte fossem o paradeiro desta paixão insensata que me céga e me conduz arrebatado!

« Pobre moço! Procurei consolal-o; disse-lhe que viesse nos visitar; que o seu trato ameno, e a propria expressão de seu affecto acabariam por vencer a tua glacial asperesa. Mas eu não contava com tua tenacidade e de nada tem servido a continuação de suas visitas á nossa casa. Em vez de amal-o, tu delle escarneces; em vez de conceder-lhe alguma attenção, procuras evital-o. Diz-me Dulce, não te julgas a ti propria bastante cruel? »

A joven não respondeu. Ambas ficaram com as mãos enlaçadas por largo espaço, mas seus olhos não se encontravam; diversos pensamentos as preocupavam. Quem visse aquellas duas existencias tão fragantes; quem visse aquelles interesses todos mundanos que as agitavam, e lhes faziam esquecer os intimos padecimentos, nem de leve julgára, que a morte dellas se aproximava a passos duplicados, e que este fulgor de mocidade e emoção seria o ultimo que deviam sentir.

Estavam assim havia alguns minutos quando o sino da proxima capella soltou um toque argentino e triste; ambas se ergueram como movidas por occulta molla. A tarde ia findar; o céu perdia a sua côr de anil com as primeiras sombras do crepusculo, e apenas afogueados listões indicavam no oriente o occaso do sol. Leve aragem de balsamico perfume, lhes agitava os cabellos. Dulce tomando uma das mãos de sua irmã, apontou-lhe para o horisonte.

« Minha irmã,—disse-lhe,—queres que ame alguém sobre a terra; pois bem, amarei a ti e a

pobre mamã; amarei o Ente Divino que nos envia naquelles magnificos adornos do céu uma promessa de regiões mais calmas, de um existir menos agitado.

« Eis as affeições que eu posso sentir; e já que os meus dias de existencia estão contados, quero ao menos levar para o céu sem uma nodoa da terra a minha corôa de virgem! »

Continua.

Vassouras, 4 de outubro de 1856.

REINALDO CARLOS MONTORO.

POESIAS.

A. M*.

ULTIMO CANTO.

Ainda quero um triste canto
Entre suspiros e pranto
N'este dia te offertar,
Inda quero esse passado
Tão depressa deslizado
Mais uma vez recordar.

Seja a ultima, esqueçamos
O que outr'ora ambos juramos,
E que algum de nós cumprio;
Não por mim, fostes amada
Se é possível—idolatrada,
Té que a illusão se esvaio.

Mas não é com a lembrança
D'este dia, que a espr'ança
Póde de novo voltar;
Não te illudas, d'elle após
Não ha mais os santos nós
Que impediam perjurar.

Nada mais ha que um vistígio
D'esse soberbo pristigio
Que a teu nome anda ligado;
Em memoria d'este dia
Cedo-te o resto, Maria,
Perdoe-me Deos o peccado.

Rio, 8 de Dezembro de 1855.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Um beijo.

Um beijo... nada mas.
ESPRONCEDA.

A vez primeira que avistei-te, oh virgem,
Tu foste a origem de um amor sem fim:
Teu lindo rosto, para o céu voltaste,
Depois me olhaste p'ra sorrir p'ra mim.

Fallei-te, e as horas que passamos juntos
Deram assumptos p'ra amorosas fallas:
Era de noute,— reflectia a lua
Na face tua, as refulgentes gallas!

Então me olhavas com teos olhos bellos,
Por teos cabellos raramente occultos:
Ergui meus olhos, fascinei-me ao ver-te,
Jurei render-te meus amantes cultos.

Tu me apertas-te nos teus nivos braços,
Seguros laços de um amor sem fim;
Eu disse-te: « Amas-me meu anjo lindo ?
Inda sorrindo me disseste « sim » ?...

Senti no'peito tal prazer, ouvindo,
Meu anjo lindo, a confissão de amor,
Que arrebatou, tentei dár-te um beijo,
Mas logo o pejo produzio temor.

Tu que sentiste o meu desejo ardente,
Que de repente a timidez matou,
Deste-me a face, despresando o pejo,
E o meu desejo, se cumprio... soou !...

Soou com elle o campanario ao longe,
Pormão de um monge, mau signal nos deu:—
« Adeos » disseste, « Meia noite é dada. »
Fugiste oh fada, e meu amor, — soffreu !.

Inda a seguir-te me atrevi:—meu peito
A amar affeito estremeceu,—cahi—
Para lembrar-me o coração batia,
Pois me esquecia que p'ra amar nasci !

F. GONSALVES BRAGA.

Meditação.

Tudo perdi no mundo... e agora triste
Só libo amarguras
São sonhos mentidos d'outr'ora
Que diziam venturas.

Quanto é grato oh meu Deos, pelo silencio,
De uma noite sombria o meditar,
Fugir aos vãos prazeres que nos cercam
A's turbas das cidades aonde fervem
As orgias, o orgulho, a pompa e tudo
Que ha devasso na vida entre fulgores.
Accompanha-me assim, querida musa
Deixemos a cidade, e ao bosque umbroso
Hiremos meditar; oh! quanto é doce
Recordar dos amores as saudades
Qu'inda outr'ora anhelava quando forte
As vigorava em tua ausencia cheio
D'esperanças ternas; quanto é bello
Da lua contemplar o argenteo globo
Por instantes occulto em outros limpo
Mil christallinos raios reflectindo
Aqui, ali além, no manso lago.

Amo ver surgindo a aurora
Risonha bella e louçã,
Amo ver a estrella d'alva
Annunciando a manhã.

Amo a lua sobre o leito
D'ondas de prata a fulgir,
Cercada de mil estrellas
Placidamente a luzir.

Amo esses sonhos que anheia
Pudica virgem qual flôr,
Amo os doces pensamentos
Que me vem fallar d'amor.

Amo os astros tão luzentes
A sorrir-me com afan;
Amo as flores que se dobram
Aos encantos da manhã.

Eu vibrarei a lyra, e ao som dos echos
Nas auras soltarei co'as vozes d'alma.
Das saudades que tenho ternas queixas,
Os ternos cantos que a saudade inspira,

Baixa oh, anjo dos ceos, por ti anelo,
 Confidente ouvirás as minhas mágoas
 D'estes gratos suspiros, e os lamentos
 Ao pé d'esta palmeira muda e triste
 Despida dos verdores naturaes,
 Assentados leremos negras paginas
 D'essa vida passada em amarguras
 Do fel da submergida existencia.

Amo as agoas que contentes se desprendem
 Na cascata ao cahir,
 Amo as vagas gementes que se arojam
 Com profundo sentir.

Amo a virgem dos bosques tão airosa
 Destoucada e louçã,
 Amo as roupas nevadas que lhe ondeam
 A' aragem da manhã.

Amo-lheas faces tão niveas qual cisne,
 E seus longos cabellos
 Se para mim s'inclina um só reflexo
 D'esses olhos tão bellos.

Amo-lhe a lyra d'ouro em que tangia
 Sua canção divinal,
 Amo-lhe os lindos seios tremulantes
 Alvos lyrios do val.

Amo longe e bem longe das cidades
 Dar paz ao coração,
 Eu amo respirar livre e sozinho
 Na vasta solidão.

Amo o ceo, as estrellas e mais quanto
 Está no firmamento,
 Amo á tarde commigo meditando
 Um doce pensamento.

Eu desprezo o egoismo d'esses homens
 Que habitam cá na terra,
 Amo Deos, universo e tudo quanto
 A minha crença encerra

Dezembro, 1856.

JOAQUIM FELIX F. E SOUZA.

❶ Proscripto.

Quem és tu proscripto que triste vagueas
 Em plagas estranhas sem ter um jazigo?
 Com feras só vives no seio dos montes
 Só amtros escuros te servem de abrigo?!

Por serras e valles echoam teus gritos
 São cheios de raiva, tão cheios de dôr!
 Sorrir-se não sabem teus labios mirrados
 No peito só sentes cruel amargor !....

Maldito !... maldito !.... bradando lá grita
 O povo na aldêa de ti a fugir!
 Os velhos tremendo se benzem ligeiros
 Até que te vejam nos bosques sum ir !....

« Quem sou? que te importa?! dize-lo não posso,
 « Não posso do peito os segredos contar!
 « Segredos amargos constante elle guarda
 « Que ao tum'lo somente pertende levar !...

« Que importa da turba ufanosa o desprezo?!
 « Que importa do mundo a falláz illusão?....
 « Aqui n'estas plagas, sou livre, sou rei,
 « O mundo só paga com dura traição ! »

Rio de Janeiro, 11 de Dezembro de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
 Rua da Alfandega n. 210.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 28 de Dezembro de 1856.

N. 18,

AOS NOSSOS ASSIGNANTES.

Obstaculos imprevistos, e que se não podem remediar de prompto, teem retardado a publicação d'este numero. Enviaremos todos os esforços para os remover; entretanto é possível que a SAUDADE não se publique n'esta e na seguinte semana. Para evitar pois algumas supposições menos lisongeiras, fazemos esta declaração, convencidos de que os senhores assignantes a acolherão com indulgencia.

A REDACÇÃO.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

XVIII.

ESTUDOS HISTORICOS.

I.

VIRIATO.

XVII.

A maior parte do exercito de Viriato compunha-se da gente pouco amestrada em combates.

Obrigado a procurar novos reforços não tivera tempo de exercitar os soldados; assim não admira que o primeiro choque causasse impressão nas

fileiras do valente Lusitano. Conhecendo a pouca probabilidade de victoria, e achando inutil sacrificar seus companheiros de armas, retirou-se para o monte de Venus (perto de Evora) sem comtudo perder essa boa ordem que torna uma retirada fatal ao inimigo. Ahi, depois de repetidos ataques parciaes, conseguiu tomar uma soberba posição, onde aguardou ao Pretor.

Convinha despertar os animos dos Lusitanos. Viriato fallou-lhes em termos bastante energicos dispondo-os para a batalha que hia seguir-se. Com effeito, as previsões do valente capitão realisaram-se bem depressa. Quinto Pompeyo acommetteu o exercito d'aquelle, e depois de um renhido e longo combate foi o Pretor completamente desbaratado.

Os Romanos deixaram no campo quatro mil mortos e 27 bandeiras. Não tendo mais nada a fazer n'esta parte da Lusitania, seguiu Viriato para a cidade de Utica, onde se conhecia já a derrota de Pompeyo. Acolheram aquelle com os afrontosos epithetos de *salteador*, exaltando a justiça que assistia a todos os Pretores tratando-o como tal. Viriato nem por isso deu grande importancia a este desafogo, mas para que ficassem sendo de todo conhecidos os seus sentimentos, respondeu que os Romanos eram os primeiros e maiores ladrões do mundo, pois que queriam assegurar-se pela conquista de tudo que não estivesse em circumstancias de resestir-lhes.

A guarnição da praça não quiz entregar-se. Viriato empregára até ali todos os meios de persuasão, mas nada conseguindo tratou de mostrar o quanto valiam esses soldados sob o commando de um *salteador*. Na impossibilidade de offerecer-lhes batalha campal, lançou mão dos ardiz mais bem combados, e em que era Viriato extraordinariamente notavel. Utica era rodeada de grandes atoleiros, o Lusitano, com o grosso

do seu exercito, embrenhou-se por elles. Os Romanos pensaram que os inimigos, em pequena quantidade, desejavam apenas ganhar tempo. Sahiram pois da cidade. Era isto o que Viriato pertendia.

Sorpreheu-os de improviso, e impellindo-os para os atoleiros começou a castigal-os em represalia á maneira insolente por que o tinham acolhido. Quando souberam que era Viriato em pessoa que commandava os Lusitanos, foram tomados de um tal panico terror que largaram as armas procurando a fuga. Com pequeno custo puderam aquelles cercal-os, e, sem esperança alguma de melhor exito, prestaram-se a quanto Viriato se aprouve propor-lhes. Os Romanos foram expulsos da cidade e os seus habitantes juraram obediencia e fidelidade ao heroe. D'aqui partio Viriato para o estreito de Gibraltar. A costa estava guarnecida por um fraco numero de Hespanhoes e Romanos; as violencias do primeiro tornaram-se tão repetidas e excessivas que se reclamou do Pretor qualquer medida que lhes pozesse cobro. Pompeyo recolhera-se a Cadiz. De todos os lados partiam noticias assustadoras respeito aos Lusitanos, pediam-se soldados e armas, o Pretor porem a nada attendeu, porque tinha bem presente a recepção que lhe fizera Viriato. Esta inercia exasperou os Cordoveses. Tomaram por fim o partido de expulsar a Pompeyo.

(Continúa.)

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

É demasiado para as nossas forças pintar o sentimento de curiosidade que se desenhava no semblante das pessoas presentes. Cada uma d'ellas tinha mais ou menos parte no ensanguentado drama de que Luiza relatára as primeiras scenas. O assassinato de João Pinheiro era ainda o thema de todas as conversações. Elle fora consummado por uma maneira tão inesperada e extraordinaria, que despertara na idéa de todos um interesse tanto mais notavel, que poz as authoridades em conflicto. Desde o simples cabo de policia até ao administrador do Conselho, d'este até ao Delegado do Procurador Regio, era uma continua troca de participações! Algumas pessoas tinham sido encommoçadas, mas reconhecia-se bem depressa que o verdadeiro culpado continuava a zombar

da justiça e da sociedade offendida, senão em um dos seus mais nobres ornamentos, em um dos mais dignos e respeitaveis. Havia com tudo uma singular origem n'este repetido encontro dos diversos poderes civis e judiciarios; oito ou dez dias depois do assassinato do pai de Carlos, fora dirigida ao Regedor da Fulgosa uma carta anonyma que dizia em substancia o seguinte:

«O assassino de João Pinheiro está e continuará sempre ao abrigo de qualquer medida da parte das authoridades. A sua posição, o conceito de que gosa n'este concelho, é bastante para o rodear de um véo espesso e impenetravel, cuja ponta a ninguém será dado levantar.» Facil será conhecer o quanto esta declaração devia contribuir para que houvesse um empenho pouco natural da parte d'aquelles a quem fora confiada a execução immediata da lei. Era isto, simplesmente isto, a causa d'este interesse, não por que Pinheiro deixasse de inspirar sympathia entre as pessoas que haviam tido conhecimento de seu desgraçado fim, mas porque o autor do delicto se encarregara de lançar a mecha no meio d'esse cahos imenso de materia inflammavel. Ouçamos pois Luiza, e verão os leitores que só ella podia dar o signal da explosão.

«João Pinheiro não regressou a casa uma noite. Os creados não deram grande importancia a esta falta, porque essa noite fora acompanhada de uma violenta tempestade que tornou as estradas intransitaveis. Atribuiram a isto a excepção do costume d'aquelle, e no dia seguinte esperavam-no sem inquietação. As duas horas depois do meio dia ainda João não tinha voltado. Os fleis servidores começaram a recear por elle. O mais velho resolveu hir á Fulgosa. Assim fez. Julgae o quanto eram fundados os seus receios. Disseram-lhe que Pinheiro, não obstante os pedidos de Margarida, teimára em deixal-a; de sorpresa em sorpresa convenceram-se de que elle tinha sido victima d'alguma cilada. As pesquisas durante o dia succederam-se umas após outras, mas o fim do desgraçado velho continuava a ser um mysterio. Um trabalhador do coronel Fonseca, recolhendo-se para sua casa pouco depois das 7 horas, atravessava a mata da quinta, e proximo á encrusilhada achou um homem estendido na relva. Reconhecel-o, ver que estava morto, foi obra de um instante. Em poucos minutos compareciam no lugar muitas pessoas chamadas pelos gritos do camponez; entre ellas estava a infeliz Margarida, louca de desespero, e indignação.

Seu pai, a bondade personalisada, seu pai inoffensivo e gasto pelos annos, fora victima do mais nefando dos crimes, elle que nunca praticára a menor offensa a um seu semelhante!

Foram baldadas todas as diligencias para descobrir o assassino! A Fulgosa em peso reclamava das authoridades a punição do culpado porém

como descobril-o ? ! Ha quatorze mezes que dous infelizes vão orar sobre a sepultura de seu pai assassinado, e ainda não lhes foi possível escrever sobre ella o nome do assassino ! »

Luiza, commovida já, pronunciou as ultimas palavras entre um véu de lagrimas, e como que esta triste narração lhe esgotasse as forças que adquirira com a *poção* do medico, inclinou-se sobre o travesseiro, seus olhos fecharam-se insensivelmente, parecendo que a alma se desprendia pouco a pouco de involucro que a rodeava para remontar aos Céos. Um novo incidente chamou os circumstantes para outro lugar. No meio de silencio profundo que succedera ao diliquio de Luiza, ouviram-se passos precepidados na sala proxima, e algumas palavras destacadas que indicavam o quer que fosse de attercação entre os curiosos que esperavam á entrada da casa.

Uma voz porém se elevava acima de todas ; o accento d'ella tinha um tanto de extranho e desconhecido ; o Regedor sahio do quarto resolvido a despedir os importunos, e Lourenço, em quem essa voz produzia um effeito bastante desagradavel, levantou-se como para seguir aquelle. João fechou a porta, pensando que o movimento do primeiro era para evadir-se. O tumulto continuava. Que diabo de gente curiosa, nunca viram um negro?... deixem-me entrar ! Advinham os leitores que a questão fora suscitada por Domingos, descobrira por fim a *pedra philosophal* representada na pessoa do seu *amigo* Lourenço. A presença do Regedor conteve a multidão. Domingos continuava a empregar todos os esforços para sahir do meio d'esse circulo de ferro que o impedia de penetrar no quarto. Mais respeito, exclamou um, estás na presença do Sr. Regedor. O preto olhou para este, e disse, com um movimento d'alegria: Senhor, conduza-me á presença da menina Luiza ; ha aqui outra pessoa que não ficará muito satisfeita com a minha entrada, mas eu tenho de perguntar-lhe o fim que deu a uma pistola....

—Como? atalhou o regedor sorprendido. Nada, é uma pequena cousa a averiguar entre Domingos—o escravo de Carlos Pinheiro, e Lourenço de Castro filho do morgado de Villa-Secca. E sem esperar resposta abriu passagem por entre os curiosos e bateu á porta do quarto. Foi aberta ; Domingos não contava achar-se na presença de tantas pessoas. Procurou entre ellas o que o trazia ali, e vendo Lourenço, que continuava inquieto, cumprimentou-o ironicamente, e sem pronunciar a menor palavra aproximou-se da cama, crusou os braços, inclinou-se bem sobre o leito, parecendo interrogar o pallido semblante de Luiza, e como ninguem até ali lhe respondera, voltou-se de novo para o raptor, e disse: E esta a menina que tiveste a crueldade de roubar a seu pai? O re-

gedor entrava neste momento no quarto. Senhores, proseguiu Domingos, em tom supplicante: Em nome de Deus, dizei-me o que succedea aqui? Todos os labios ficaram mudos. Menina, menina, tornou elle como um louco, apossando-se de um dos braços da infeliz. O medico intervio. Que fazes? o que pertendes d'aqui? Sr. Lourenço, responde, esta pergunta diz-lhe respeito. Como da primeira vez, Castro guardou silencio. Quem poderia dizer o que havia de commum entre Luiza e Domingos senão o proprio Lourenço? Explica-se esta frieza ou antes indifferença da parte de todos porque o preto entrára no quarto como cahido das nuvens, isto é, ignorava-se que elle tivesse conhecimento dos precedentes das duas principaes personagens ali presentes. Domingos esperava sempre uma resposta qualquer, vendo porém que nada obtinha, disse com voz tonante: Sou escravo de Carlos Pinheiro, amigo do pai desta menina, chamo-me Domingos; quem se presta a escrever a longa narração dos crimes d'aquelle homem? Eu, o doutor Henrique da Gama Cardoso, respondeu uma voz. Todos se voltaram por um espontaneo movimento. Henrique encostado á porta do quarto, esperava havia algum tempo a occasião opportuna para apresentar-se. Ninguem tinha dado por elle; como entrou, quem o encaminhou até ali, ignoravam-no todos; era tão extraordinaria a presença d'este e de Domingos que nem um só pedira explicações. Dispunham-se para o desfecho deste cumprido e ensanguentado drama. Henrique fez uma ligeira inclinação de cabeça, retribuindo cumprimentos que lhe faziam, e aproximou-se de Domingos. Continúa disse elle... mas não vejo aqui um padre, dar-se-ha caso que neguem áquella infeliz as orações dos mortos? Perdão Sr., Luiza não está n'esse caso, disse o medico. Como? Respondo por ella, é apenas um desmaio, consequencia dos muitos combates de espirito que a tem assaltado. Lourenço julgou-se perdido sem remedio, não conhecia o doutor Gama, mas comprehendera que era a elle que devia temer sobre tudo.

Ah! Luiza vive... muito bem; esperemos que volte a si.

E Henrique sentou-se tranquillamente perto da cama.

Continúa.

A fisiologia d'um baile.

Para as moças gentis é o baile o palacio do crystal que offerece á exposição sua belleza e encantos; para os jovens é o mais doce cordial e o seu suspirar de cada hora; para os pais e maridos é um sorvedouro de dinheiro e um foco de desmoralisação; para os medicos é a causal das

thysicas e coqueluches; para o negociante é um manancial constante que lhes faz trasbordar os cofres.

.... Mas que importa, se é n'um baile que mais de proximo aspiramos o doce respirar do ente adorado, e se então por entre as evoluções cadentes da *valsa*, comprimimos de leve em nossas mãos um seio donoso que palpita por nós! Que importa se um olhar de languida ternura, se um sorriso de mago encanto nos affaga o coração!!!...

Um baile passa-se sempre em um salão quer seja mediocre ou elegantemente decorado. Assim como em um jardim pensado por agricultor deleixado, surgiu d'involta com as mais bellas e odoríferas flôres parasitas, safaras e inodoras, assim no baile affluem á par de moças formosas e gentis, outras esguias e allenadas.

Meia duzia de mancebos infatuados encetam a suas beldades eroticos protestos, por demais banaes e sedícios. Vel-os-heis a cada passo endireitando a calça, conchegando a casaca e desenrugando suas luvas de *Jouvin*. D'um lado deparaes uma das *preciosas rediculas* de Molière, decidindo cathedrativamente do merito do folhetim mais recente; d'outro encaraes um mancebo arrebitado discutindo com sua nympha sobre a questão do Oriente, ora redigindo (*in mente*) seus protocollos e *ultimatum*, qual outro *Metternich*, ora fazendo entrar a guerra em nova phase, ou qual *Napier* enchotando (aquecido em nobre ardor) a pontapés os soldados do *Czar*, e hasteando nas ameias de *Cronstad* a bandeira da victoria. Contiguo a esse divisaes um outro igualmente pretencioso, jámais o ouvireis dizer luvas de pellica, nada é *gants à Jouvin*, ao seu relógio chamar-lhe-ha sempre *montre*, ás calças *pantalons* e assim por diante. Não muito longe está um moço atacado d'uma molestia horriavel é o camondongo litterario, se fallais com elle e se vossas palavras merecem seu assenso, atira-vos sem a menor cerimonia pelas ventas com um *bien trovate* ou um *good say*, ou um *c'est comme ça*, se lhe fallardes em A. Herculano e Garreto dir-vos-ha: « São uns escriptores superficiaes, tem talento mas não estudam. A historia de Portugal e da Inquisição, a Harpa d'um crente e Eurico, resentem-se de pouco fundo d'idéas. As viagens á minha terra, o poema Camões, a D. Branca, etc., offendem as regras da poetica, e depois provar-vos-ha isso tudo com a carta de *Hercacio aos Pisões* e com a arte poetica de *Boileau*. No lado opposto enchergeareis uma victima da natureza, uma das que se denominam *thias*, porque nunca acham casamento, censurando com acrimonia o traje depurado e gestos expansivos das bellas. Nos seus olhos refervê a inveja, dirieis, e com effeito não vos enganaeis, que chove mil improperios sobre os orens impoliticos que desertam de seus arraiaes,

e que lhe enausea a espontaneidade da travessa vizinha que retribue no centuplo os alfenins do namorado. Mais além, em um dos angulos da sala, vereis propectas matronas, a chorar pelo maná do deserto e a percorrer tristes os annaes tão cheios de seus passados triumphos; a imprecar o tempo que s'escoa tão asinho e qual rio caudaloso quando rompe seus tabiques, imprime profundos vestigios de devastação por onde passa. Oh! se algum condão houvera, se um encantamento existira que lhes restituisse o carmin das faces e alvura assetinada da cutis, e esse affan estugado e delicioso dos annos de sua juventude, e essa elasticidade emfim do corpo tão victoriada no *mon roi* e *gavota*!.. Mas ah! que dessas faces acarminadas e de jaspe nada mais resta que um rosto macilento e poroso, e um mandibula com alguns veteranos cansados das guerras gastronomicas, seus membros tardos e ronceiros já se não prestam aos requebros desenvoltos da *polka* e da *schotisch*. Infelizes! já de ha muito pisam em terra *Chanaan*, cessou o maná; esvaiu-se a esperança. Do ceu aerio e extasiante da poesia tombaram nos braços cadavericos da prosa mais insulsa (*oh tempora oh! mores*).

Agora a orchestra começa a desferir as primeiras notas, afinam-se os instrumentos, emprazam-se as contradanças, collocam-se os pares, e os jovens dos dous sexos pedem inspirações a *Terpsichore* e exhibem todos os recursos da estatica em seus passos e piroetas. O resto, leitor, como tudo o mais, vós bem o sabeis.

Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1856.

D. Augusto Maciel do Amaral,

A Filha de Oconnor

OU

A FLOR DE SANGUE.

POR T. CAMPBELL.

I.

Outr'ora, ai de mim, as harpas de *Innisfail* (*) reproduziam ao longe seus cantos d'alegria; algumas vezes tambem ellas repetiam uma historia repassada de melancolia tocante; a musica era triste, sua harmonia selvagem semelhava-se ao echo plangente do vento durante uma noite solitaria. Lastimava-se a filha d'Oconnor. O bardo contava como esta joven tinha renunciado a

(*) An igo nome da Irlanda.

socego risonho do lar domestico, para viver afastada dos lugares frequentados pelos homens, não escutando mais que os gritos dos animaes ferozes. Diz-nos ainda oh, bardo, porque escolheu a morada do deserto, ella, a amavel e pallida filha d'Oconnor?

H.

Os filhos de *Erin* não sentem mais o poder de seus encantos, como no tempo em que ella habitava no palacio de seus pais onde a sua brilhante alvura dava ás perolas de seu collar a apparencia de gotas de orvalho sobre um liz da primavera. Suas mãos, seu pescoço, não trazem mais os ricos adornos dignos da sua belleza. Porque esta mudança? Os exercitos de seus irmãos teem sido, é verdade, sacrificados aos de Burgo, mas retirados no *Leinster*, ainda respeitado pela guerra, seus amigos escaparam ao grande numero d'aquelle. Porque pois, tão longe dos campos da sua patria, nas costas de *Galloway*, fertil em naufragios, se vê errar, caçadora selvagem, a amavel e pallida filha de Oconnor?

III.

Fixados no espaço, seus olhos brilham animados de um fogo sobrenatural; suas negras tranças cahem em desordem, seus labios repetem de incessante o nome do *Connacht Moran*, e algumas vezes, por entre os aridos rochedos, ella faz ouvir um canto triste e tocante. Vedes nomeio do musgo e das flôres uma cruz que indica o tumulo de um guerreiro? Do lumiar da pobre cabana póde contemplal'o, gosando do unico bem que lhe resta. Consola-a, n'este abandono, a idéa de que o heroe caro ao seu coração repousa perto d'ella.

IV.

Brilhante como arco iris no meio de nuvens sombrias, e coberta da vestimenta dourada de *Innisfail* (**), linda como os anjos, ella sobe ao cimo da collina, e parece-lhe ver ao longe a *Moran* com a trombeta da caça a seu lado. Outras vezes acompanha-o por entre a floresta, em perseguição de um gamo ferido, e estas visões tornam-a feliz. Sombras vãs que passam atravez do

(**) Os antigos Irlandeses tinham um gosto particular pelas vestimentas de um amarello pronunciado

crepusculo de seu espirito, mas ella voz diz que acha mais prazer vendo surgir esses phantasmas fugitivos, e em possuir o tumulo de seu amante, que gozar das riquezas encerradas sob as abobodas sumptuosas de *Agrim* (***) onde os bardos catauvam outr'ora seus encantos, onde os pagens lhe apresentavam de joelhos o *morat* (****) em uma taça de ouro.

V

Esposa de um heroe, este obscuro retiro não convém a teus altos destinos. Mas porque fitas ternamente esta flôr (****) cujo nome recorda a perda de um guerreiro querido?

Estrangeiro, escuta: Escolhi este asylo deserto, e abençoo a minha estrella por mais fatal que seja, pois que me ha conduzido a logares ignorados, onde ao menos tenho achado um abrigo para mim e para *Moran*; aqui onde cada pedra, cada planta, attesta que elle foi meu.

(Continua.)

Trad. do Francez

XAVIER PINTO.

POESIAS.

Ilusão.

NO ALBUM DO MEU AMIGO O SR. F. COELHO MARTINS DA COSTA.

Foi um sonho, que sonho ditoso,
Oh! que instantes felizes passei!
Foi um sonho, que sonho ditoso
Eu com ella, com Julia sonhei.....

Eu a vi, oh, ventura, era ella,
Minha Julia, tão terna e querida!
Eu a vi, oh, ventura era ella,
A minh'alma, meu ser, minha vida!

(***) *Agrim* — Palacio dos reis de Inglaterra.

(****) *Morat* — Bebida composta de amoras selvagens e de mel.

(*****) Flor de sangue, no Inglez, *mylone liés bleeding* (meu amante jaz ensanguentado) é uma especie de saxifraga (planta.)

Eu a vi oh, meu Deos, e tão casta
 Como a rosa no seu desbroxar!
 Eu a vi, oh, meu, Deos e tão casta
 Os seus braços abrindo ao luar!

Eu a vi, e tão leda e risonha
 Como a lua nos mares folgando!
 Eu a vi, e tão leda e risonha
 Em seus braços, feliz, me estreitando!

Eu a vi, e tão terna e tão grata
 Qual o cravo mimoso em botão,
 Eu a vi, e tão terna e tão grata
 Conchegando-me a seu coração.

Eu a vi, e tão meiga e tão doce
 Qual a estrella que brilha no ceo!
 Eu a vi, e tão meiga e tão doce
 Me occultando nevado em seu veio!

Eu a vi, e tão pura e ditosa
 Qual gentil e mimosa uma flor!
 Eu a vi, e tão pura e ditosa,
 De seus labios a voz disse amor!...

Ai amor, ai amor oh ventura!
 Foi amor de seus labios que ouvi....
 Foi amor que a sua alma tão pura
 Junto a minha fallar eu senti!

Mas foi sonho....que negra desdita!
 Ilusão que mui breve finou,
 Da saudade, e entre a magoa infinita
 Só gemendo, cruel me deixou!....

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Recordação.

NO ALBUM DO SR. A. XAVIER RODRIGUES PINTO,

Meu passado, tão risonho,
 Meu presente, tão feroz,
 Meu futuro alem deviso-o
 Rir d'escarne, rir d'algoz.

Sou culpado, não fiz caso
 D'um pedido moribundo,
 Pobre mãe, advinháras
 Minha sorte n'este mundo.

Não m'esqueço a cada instante
 Tuas fallas derradeiras,
 Só na dor vim conhecê-las
 Serem justas, verdadeiras

— « Meu filhinho tu promettes
 Patria e pai nunca deixar ?
 — « Boa mãe, prometto nunca
 Patria e pai desamparar !

— « Sim, meu filho, nunca deixes
 Os dois entes mais queridos,
 Que te restam n'este mundo
 De desgraça, dor, gemidos! »

Um sorriso deslisou-se
 Mortuario para mim,
 Os seus labios murmuraram,
 — « Não t'esqueças, filho, sim ?!...

A poucos momentos do fatal colloquio
 De mãe era orphão, deixou d'existir,
 Talvez convencida, que jámais o seu filho
 Faria o contrario; morreu a sorrir !

Mas não, quando a sorte nos chama á desgraça
 Que forças humanas nos podem reter ?
 Qu'importam os rogos da mãe moribunda,
 Do pai ver o pranto, na Patria o viver !

Um véo deslumbrante nos venda, nos turba,
 Nos mostra a vereda risonha a seguir,
 Ornada de rosas, delicias sem conta.
 Qu'importa a vontade dos pais a cumprir?

Assim me succedeu, deixei-te Patria
 Alegre e prazenteiro !

Embebido n'um sonho deslumbrante,
Julgando-o verdadeiro !

Deixei-te caro pai... tam bem julgava
Achar compensação
N'um ente que me amasse, qual me amaras
De todo-o coração !

Passado, feliz tempo jamais voltas,
A ventura acabou-se !
O porvir que faustoso prometeste
Em martirios tornou-se !

Agora é só soffrer, até que chegue
O momento final,
D'este mundo deixar, a vida amarga
Passada em vendaval !

Qu'importa, ao proscripto, nas terras brasilias
Achar a fortuna constante a sorrir ?
Qu'importa, lhes mostre veredas risonhas,
Que o levem ao termo d'um bello porvir ?

A crença, os costumes, as leis idioma,
A terra chamal-o de filhos tão bem ?...
Meu Deos, o proscripto com nada s'importa,
Saudades da Patria no peito só tem !

A cada momento lhe assalta á lembrança
A vida passada, passada a sorrir.
Apoz o presente, feroz, oppressivo,
Na mente o proscripto devisa o porvir ?...

N'outro tempo tive a esperança
Inda patria um dia ver,
Ver fagueiro o meu Mondego
Pelas campinas descer;

De sentar-me em tarde estia,
Ver correl-o de mansinho.
Ouvir junto ao seu murmurio
O trinar do passarinho.

Escutar ao longe ainda
Meigo cantar do barqueiro;
Vel-o apoz passar sentado
No seu barco mui veleiro.

Ver os campos verdejantes,
Ver o gado apascentar,
Ver emfim Coimbra a bella
Patria minha, sem ter par !

Ir depois beijar a campã
D'aquella que deu-me o ser !
Orvalhal-a com meu pranto...
Qu'importára então morrer?

Essa esp'rança que eu nutria
Docemente me deixou
Desde o dia em que o destino
Meu futuro me mostrou !...

Novembro, 30 de 1856.

PEREIRA RIBEIRO.

Meditação.

Ao sem ventura que entender meu canto
Meu canto e minhas lagrimas envio !..
(CASTILHO, CIUMES DO BARDO.)

E' noite !... brilha a lua mui serena
Entre saphyras sobre o espaço immenso
Silenciosa a terra, tudo dorme,
Só não dorme quem ama quem suspira!
Diz-me, coração porque te opprimem
As dôres, afflições que em ti encerras ? !
Sim !.... diz-me oh ! diz-me bem depressa
Em crebros ais, gemidos só respondes...
Desgraçado !... conforto dar não posso
Contra as maguas crueis que te espezinham !....

Mas agora que tudo jaz tranquillo
 E o silencio da noite me protege
 Quero ás auras que voam brandamente
 Entregar meus suspiros, meus queixumes;
 Possão ellas bondozas e fagueiras
 Leval-os onde tenho o pensamento,
 E a vaga que estender-se vem na areia,
 Melancolica e triste susurrando,
 Dentro em si minhas lagrimas receba!...
 Rio, 20 de Dezembro de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

O balanço e a flor.

Sentada n'uma cadeira
 Balançando-se altaneira
 Qual a rosa na roseira
 Eu vi uma bella estar:
 Com um jovem conversava
 Suas magoas lhe contava,
 Eu apenas lhe lançava
 De quando em quando um olhar.

Reparei em seus cabellos
 Que tão pretos e tão bellos
 Ondulantes e singellos
 Ornavão seu lindo rosto:
 Apenas a divisei
 Suas graças adorei
 Seus pretos olhos amei,
 Que são olhos de meu gosto.

Eu vi seus labios mimosos
 Abrir-se mui graciosos
 Seus alvos dentes, lustrosos,
 Tão brilhantes deixar ver:
 Vi seu collo de marfim
 Par'cia d'um cherubim,
 Eu só queria p'ra mim
 Gozalo, depois morrer...

De repente uma flor vem,
 Não sabendo d'onde ou quem
 Uma tal lembrança tem,
 Em seu regaço cahir,
 Mui ligeira pega nella
 Era tão linda tão bella
 Mais brilhante qu'uma estrella
 Em seu luzente fulgir.

Vae collocal'a n'um ramo
 Que estava n'um vaso ufano
 Sem lhe fazer algum dafno,
 Fica-te ahi linda rosa—
 Lhe disse, porem voltando
 E no joven reparando
 Que a rosa quer, se tornando
 No seio a mette orgulhosa

—Só será minha e tambem,
 Nunca a darei a ninguém
 Não quero vel'a ao desdem,
 Já que a brisa assim m'a deu
 Embora fosse mandada
 Será por mim estimada
 Foi pela sorte enviada
 Quem a gozará sou eu.

Após isto se assentando
 E um terno olhar lançando
 O seu peito vi arfando
 Par'cia dizer—amor—
 Quizera então não ter pejo
 Imprimir-lhe um doce beijo
 Satisfazer meu desejo
 Abraçal'a com ardor...

Agosto, 23 de 1856

F. C. MARTINS DA COSTA.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. III

Domingo 4 de Janeiro de 1837

N. 19

LITTERATURA.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

— Como te achas aqui? perguntou o doutor a Domingos, apoz um momento de silencio.

— Ha quinze dias que sigo Lourenço como uma sombra; depois de repetidos esforços consegui desmascaral-o. E o Sr., como se explica a sua presença nestes lugares?

— Menos feliz que tu, tenho corrido *séca e méca* para alcançar este resultado; já desesperava d'elle quando um acaso me fez conhecer o raptor de Luiza e a direcção que tomára.... porém isto não é para agora.... Sr. doutor, proseguiu elle, fallando com o medico, disse ha pouco que respondia pela vida desta menina....

— Sim, Sr., e eis a minha promessa cumprida; Luiza volta a si.

Com effeito a joven fez alguns movimentos, pronunciando phrases entrecortadas; levantou-se um pouco e lançou um olhar espantado em torno do quarto. A presença de tanta gente, a attitude do medico, tudo lhe despertou a lembrança do que succedera meia hora antes.

Domingos seguia-lhe todos os movimentos com uma curiosidade pouco natural, aproximára-se de novo da cama, e esperou que fosse conhecido. Luiza, cujo olhar vago se fitára por um momento no doutor Gama, deu pelo fiel escravo de Carlos, e não pôde reter um grito.

— E' chegado o momento, disse o primeiro levantando-se, e tomando lugar perto do preto.

— Senhora.... continuou Henrique.

Luiza á vista do mancebo fez um movimento para precipitar-se nos braços d'elle, o pudor contevo-a, e pôde apenas estender-lhe a mão.

— Também o Sr., disse ella com voz commo-vida, entretanto que Carlos....

— Meu senhor, apressou-se Domingos em responder, estará talvez a esta hora procurando o maldado.... não preciso defendel-o, a menina conhece-o tão bem como eu.

O Regedor intervio.

— Senhora, disse elle, acabe o seu depoimento, é preciso afastar d'aqui os importunos curiosos e continuar a viagem; o seu estado reclama os cuidados e disvelos de um pai ou de uma mãe.

Lourenço, o cobarde Lourenço, tinha perdido essa presença de espirito com que o temos visto em momentos criticos: assistia a tudo como se nada lhe dissesse respeito.

— Pouco terei a acrescentar sobre o infeliz pai de Carlos; o assassino.... está ali!....

— Mente! bradou Lourenço, como se uma vibora o tivesse mordido.

— Vi, tornou Luiza, vi, e infelizmente não me foi dado revelar primeiro este acontecimento.

— Sou victima d'uma calumnia, senhor, disse Lourenço ao Regedor, homens como eu não são assassinos.

— Mais que assassino; o Sr. é tudo quanto ha de máo na especie humana, disse o doutor Gama lançando a Castro um olhar temivel.

— Não tenho a honra de conhecê-lo.... e esse insulto....

— Conheço-o demasiado; o homem que rouba a seu pai o que de mais claro tem sobre a terra, o homem que ousa tocar na extremidade dos dedos de uma donzella indefeza, isto por não querer satisfazer talvez uma paixão desenfreada; merece o stigma e a reprovação da sociedade inteira. Quem hade restituir áquella infeliz a honra.... a honra objecto tão precioso como a propria vida? Vaines, os bancos dos réos têm sido occupados por homens menos criminosos que o Sr., entretanto que as galés....

— Galés ? !

Sim, é o futuro que o espera ; sou o doutor Henrique da Gama Cardozo, por ella, por seu pai, por Carlos affrontarei todos os obstaculos para chegar a este resultado.

— Defender-me-hei, tenho documentos que me lavarão da nódoa de assassino....

— Não será verdade que pretendeu assassinar-me quando o interroguei ácerca do rapto desta menina ? perguntou Domingos com ironia.

— Responderei em tempo ; tudo se conspira contra mim, as apparencias enganão.

Luiza escutava o malvado a tremer, tanta ousadia, a segurança com que Lourenço buscava arredar de si toda a culpabilidade, punha-a em confusão. O Regedor sabia mais do que era preciso.

— Senhor, disse elle aproximando-se d'aquelle, e tocando-lhe de leve no hombro ; em nome da lei está preso. Acompanhe-me.

— Perdão, este homem não pôde ficar em Foutello, disse Henrique, o depoimento d'aquella menina não é completo ; trata-se por em quanto de averiguar o rapto ; e a presença do doutor Rego é por demais necessaria e reclamo pois este homem, é em Armamar que deve ter lugar o interrogatorio.

— Nem uma esperança, disse Lourenço impalidecendo.

— Como estou contente, disse Domingos dispondo-se a sahir.

O Regedor cedeu ao pedido de Henrique.

(*Continúa.*)

A Caridade.

De todas as crengas que existem no Universo, é sem duvida a nossa religião a que é mais pura.

Os seus dogmas são tão simples, e tão philosophicos, que faz espanto, que os homens, que a profissão, não se tenham compenetrado como devião a seu respeito.

O author della foi tão sabio, e tão profundo na sua fundação ; e ainda tão minucioso, que elle proprio veio mostrar-nos, e ensinar-nos a sua observancia.

Foi elle quem nos ensinou essa virtude, que de todas é a mais sublime, e que só pôde ser emanada do céu.

A caridade é a joia mais preciosa que adorna a creatura humana ; mas é a verdadeir a caridade, e não se confunda com a philantropia ; por que essa é muito diversa.

Aquella foi ensinada por Jesus Christo, não só pregando-a, como tambem exercendo-a ; e esta é dos sabios modernos.

A caridade tem uma companheira inseparavel, essa companheira é tambem outra virtude nova.

Foi lavando os pés aos seus proprios discipulos, que o nosso Divino Mestre nos ensinou a humildade.

A caridade bem comprehendida, é mui difficil de executar. Ella pede mil sacrificios, e uma abnegação extraordinária. E' preciso que a creatura esteja inflammada no santo fogo da religião, e no amor do seu próximo como obra do Supremo Creador.

Não é nos sumptuosos palacios que ella pôde ser exercida, não... é preciso baixar aos hospitaes, aos carcerees, aos miseros casebres, e até mesmo á valla dos mortos.

E' esta virtude celestial, porque se pôde bem dizer que não existe sobre a terra ; porque nessas casas onde ella devia ser observado, é talvez onde menos esteja em pratica.

F. A. F. AMORIM.

Uma pagina de minha vida.

Quanto é bello ver o crepusculo da aurora em uma dessas lindas manhãs de primavera, no meu querido e sempre chorado Portugal ! Quanta poesia não falla ao homem que tem um coração para amar e um peito para sentir (principalmente sendo em uma dessas aldéas pitorescas que bordão o meu paiz), ver o pallido mas brilhante clarão da lua esconder-se por detraz do mais proximo outeiro, escutar o ciciar da brisa suave e ameno agitando a ramagem do mais chegado e taciturno arvoredado ; o cantar ledo e melifluo dos alados passarinhos balouçando-se por sobre os frageis raminhos de um frondente salgueiro ; o balar dos mansos cordeirinhos em seus pequenos redís ; o murmurar do fugitivo arroio despenhando-se tristemente de cascata em cascata ; o rumorejar da christalina lympa deslisando-se subitamente por meio da relva ; o toque ainda compassado do campanario na pequena ermida, revoando de espaço em espaço até echoar nos penhascos da serra ; tudo enfim que de magico e sensitivo se pôde apresentar ao ente que embalde tenta penetrar nos mysterios da natureza.

Foi nos fins de Maio de 1849 que, na idade de treze annos, em uma dessas manhãs de que tentei fazer um esboço, que dormindo a somno solto fui despertado por um ligeiro tropel de cavallos, pouco depois interrompido, mas seguido por diversas pancadas na porta de minha habitação paterna.

Ainda socegradamente repousava em meu leito quando uma voz de homem do lado de fóra se fez ouvir dizendo: — « Partamos ! não haja demora. » (*) — Reconheci o que estas duas palavras querião dizer: crão ellas do pai de um infeliz mancebo que, collega meu desde a mais tenra idade ia-o ser ainda agora em deixar a patria e viver commigo no exilio.

As duas palavras acima formárão uma revolução em tudo que mudo e silencioso até ahi me cercava; e eu dei um pulo em meu leito, pois reconheci de momento a situação em que me achava ! Mil torvos pensamentos esvoaçárão nesse instante por minha mente. Meu peito anciava, e tristes lagrimas assomárão ás minhas palpebras; pois ia deixar nessa mesma hora, quem sabe se para sempre, tudo o que do mais cáro possuia na vida, tudo o que para mim existia de bom sobre a terra; esses folgaes innocentes, esses carinhos maternos, esses sorrisos emfim de uma familia inteira !

Havia ficado por um instante como perplexo, envolvido nestes pensamentos, quando minha mãe, banhada em pranto, me veio tirar desse estado convidando-me com essas palavras affaveis e tocantes que só uma mãe carinhosa tem para seu filho, a levantar-me: suas lagrimas juntárão-se com as minhas; mas em breve achava-me prompto; e sem duvida, leitor, era para essa occasião que a scena mais tocante de minha vida estava reservada !

A porta da sala por onde eu tinha de sair achava-se aberta, e junto della estava eu entre os braços de uma mãe querida que, debulhada em pranto, via partir, bem contra sua vontade, um filho que muito amava e para o qual ideado tinha outro destino mais lisongeiro que não fosse o da separação; outro destino que não o do desterro, tão cheio de escolhos e espinhos; outro destino emfim, que não fosse o de me ver longe de seulado gemendo no exilio !... junto a minha mãe era uma tia, e mais ao lado uma irmã que,

ambas tambem soltando lamentos de dôr, pretendião a todo o transe roubar-me ao peito dessa que agora me possuia, para estreitarem-me contra o seu, dando-me ao mesmo tempo o osculo de despedida. Um pouco mais distante jazia um ente tambem para mim bastante cáro que, mais exhausto de forças, e vergado pelos estragos que a idade traz apoz si, esperava exhalando profundos suspiros que chegasse a sua vez permitida, para lançar a benção áquelle que tantos momentos lhe tinha dado de ventura, esquecendo todas essas travessuras de que a idade juvenil é bastante fertil, era minha avó ! Para completar emfim este quadro, uma mana mais nova a quem tinha havido a precaução de não acordar, despertava agora em sobresalto a toda essa confusão de vozes inextinguíveis, chamando em gritos por esse companheiro de seus folguedos que ia perder.

Vós, leitor, se acaso como eu já deixastes a patria e com ella esses entes que vos derão o ser, se já déstes esse adeus de separação aos que virão e acalentarão a vossa infancia, se já passastes emfim por transes iguaes ao que vos tentei descrever, ajuizai o que a minha penna jámais vos poderia explicar.

Alcancei emfim como louco sair desse labyrintho de mágua; achando-me em breve no pátio fóra dessa habitação, berço de minha risonha meninice. O pranto resvalava com força por minhas afogueadas faces, e eu tive de suspender meus passos para, limpando-o, poder lançar ainda um olhar de despedida a esses lugares por onde tantas vezes feliz e descuidoso me entreli ! Era nesse momento, leitor, que meus ouvidos escutavão, meu coração sentia e a meus olhos se apresentava toda essa poesia que, no principio destas linhas vos tentei descrever; era sim nesse momento que o sino de minha aldeia fazia ouvir seu toque matinal, os ligeiros passarinhos seus cantos doces e melodiosos, a brisa matutina seu cicio ameno e suave, a cascata seu despenhar rouco e gemente, os cordeirinhos emfim, seu balar despertando seus pastores; e todas estas vozes a que eu sempre fóra indifferente, nessa hora em que tudo ia deixar, soavão a meus ouvidos qual uma estranha melodia, que fez nascer em meu peito sentimentos, os quaes eu então não sabia appellidar, mas a que hoje dou o nome de poesia.

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

(Continúa.)

(*) Empregamos aqui estas palavras, mas pelo espaço de tempo que já tem percorrido não podemos certificar se fóra as proprias proferidas.

Christina.

(ROMANCE ORIGINAL.)

Ainda o mez de Novembro de 182... estava em principio e já o frio atormentava rigorosamente. As chuvas erão tão consecutivas que prohibião aos habitantes de Lisboa o poder alongar suas excursões.

Antes das 5 horas da tarde já a noite começava a estender seu tenebroso manto, e a cidade logo ficava êrma e lugubre como um tumulo.

Passára o quinto dia desse mez, e a noite desse dia apresentava-se com aspecto medonho. As chuvas nessa noite engrossarão de um modo espantoso, que se julgaria que novo diluvio viria inundar a terra!

Os raios e coriscos succediam se uns após outros, e com tanta rapidez que causava assombro e terror no centro das familias.

Mas não obstante esse grande cataclisma estavam tres vultos parados nas esquinas de uma rua; o primeiro estava embuçado em um capote, e os outros dous estavam vestidos com japonsas, e como que aguardando as ordens do primeiro.

— Quantas horas são? perguntou Nicoláo que assim se chamava o primeiro vulto.

— Dez, responderão em choro João e Diogo.

— Oh! então daqui a pouco estará em meu poder aquella que vai dar principio á minha vingança.

— Mas, senhor, ha esta noite mais um estorvo, disse João.

— Mais um estorvo! exclamou Nicoláo. Quem é que ousará tolher-me o passo, quando até mesmo os elementos vierão hoje em meu auxilio! Desgraçado será aquelle que servir de obstaculo aos meus designios! E puxando por um punhal que trazia occulto disse: Queria ver a lamina desta arma... mas a profunda escuridão não me deixa satisfazer o meu desejo.

Ainda não tinha proferido a ultima syllaba quando um raio cahindo a vinte passos de distancia brillou com seu terrivel clarão.

— Santa Barbara!... exclamou João.

— Quem é que chama por santos quando não se precisa se não de demonios? !... Desejei ver o meu punhal, e o inferno mandou-me uma luz; então o que ha de extraordinario? nada; até aqui julgava que tinha só homens para me ajudar, mas agora vejo que tambem o inferno vem ajudar-me.

Pouco depois os tres vultos dirigirão seus passos para uma casa, que pela apparencia mostrava

não ser das mais pobres; mas ainda não se tinham aproximado da casa quando a porta se abriu para dar entrada aos tres individuos.

Nicoláo foi o primeiro que entrou, e dirigindo-se para Leocadio, perguntou:

— Está tudo prevenido?...

— Sim, senhor. Tudo foi, preparado de antemão... A' criada, que é rapariga intelligente, e da feição cá do rapaz, incumbi que na hora da cêa misturasse o opio com o chocolate, o que ella fez maravilhosamente; porque todos dormem, e a bom dormir; principalmente Christina, que tomou dôse maior. O velho usurario, esse já está encaixotado no seu quarto ao pé da sua querida burra de dinheiro, elle diz que não gosta de comer de noite, com receio das indigestões; mas eu creio que é para economisar mais alguns vintens, porém sempre tomou chocolate. O filho delle partio hontem para Salvaterra, foi cobrar as rendas por mandado do pai....

— Agora me recorde, disse Nicoláo, que João fallou que havia mais um estorvo!

— Ah! disse Leocadio, é um estudante pobre que é amigo do filho do patrão. Esse não nos incomoda, porque nunca sabe do sótão menos das oito horas da manhã. Agora, se precisaes dinheiro, temos aqui uma chave do escriptorio do velho, que a bôa rapariga me deu....

— Não.... não quero dinheiro, quero só uma mulher!.... Onde está Christina?....

— Está aqui neste quarto com uma velha que lhe serve de mãe.

F. A. F. AMORIM.

(Continúa.)

Missiva.

A E. ***

Emmena, tu que és a alma de minh'alma, a vida de minha vida, tu, anjo de meus sonhos, lá onde existes, recebe em teu seio este ai de pungente saudade, fraco lenitivo da angustia acerba que me devora o peito! Aceita-o que só a ti elle é enviado, e nascido entre a dôr e paixão que me definha!

Eu te amo, Emmena querida,
Mais que a vida,

Mais que a vida eu hei de amar-te !
Quero a ti só meus gemidos,
Mui sentidos,
Mui sentidos, consagrar-te.

Nas horas do maior silencio da noite, meu espirito agitado me arrasta para junto d'um bosque, e ahi escudado pela mudez que reina sobre a terra contemplo o bello quadro da natureza : minh'alma extasia-se de magas emoções ao fixar com melancolica tristeza a vista sobre os empinados cumes dos montes, que, como uma sombra escura se mostram além, apenas tocados de leve pela baça luz do astro da noite, que errante vaga com doçura pelo céu cravejado de saphyras !....

E' nessa hora, Emmena, que dou expansão ás largas dôres que meu peito opprime !....

E' nessa hora que meus labios escapar deixão um suspiro de amor e saudade, que mais veloz que uma setta, rasgando a densa folhagem que murmura ante o fagueiro impulso da brisa, com ella atravessa o espaço, penetra onde tu existes, e morre junto de teu leito, porque só a ti elle é consagrado !....

Tu a braços com o somno dos anjos
E co' os anjos sómente a sonhar,
Nem talvez o presintas queixoso
Em teus labios gemendo espirar !....

Emmena, eu te amo muito ! oh muito !.... duvidas acaso ?.... Ah ! consulta estes bosques, estas flores, os annosos troncos que me rodêão, as aves nocturnas que esvoaçando pairão incessantemente sobre seus galhos, soltando ruidosos pios ao verem fugir ante si a innocente avesinha que escapa de suas garras !.... Consulta esta lympa, que murmurando pressurosa corre a meus pés, e saberás quanto te amo e quanto pezo o meu soffrer ! Então não deixarás de trocar commigo um suspiro d'amor ? !....

Mas que valem todas estas illusões e loucas esperanças ? !....

Talvez distrahida entre dourados festins, engolfada em novos amores, te mostres indifferente aos meus gemidos e lagrimas de dôr !....

Que importa que assim seja ? nasci acaso para ser feliz ?.... não !.... que meu destino é carpir e soffrer ; mas soffrendo hei de amar-te, e só deixarei de amar-te quando meu peito gelar, e meu coração cessar de bater !....

Adeus, Emmena !.... adeus !.... o talvez para

sempre ! Se algum dia estas linhas regadas de pranto chegarem a ti, acollie-as em teu seio.... aperta-as de encontro ao teu coração, pois só a ti ellas pertencem !....

Rio, 1 de Fevereiro de 1857.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO

POESIAS.

O pescador.

Minha rêde, ao mar, ao mar,
Vamos contentes pescar
O badejo nadador ;
Quero que alegre te escondas
Lá no fundo dessas ondas
Onde impera o pescador.

Sinto aqui venturas mil
Debaixo d'um céu de anil
Sem aos Reis inveja ter ;
Sinto amor na singeleza
Desta vasta natureza
Quando vejo o sol nascer.

Aqui não ha corrupção,
Nem dos homens a ambição
Que sempre os faz humilhar ;
Aqui não ha inimigos,
E tenho por meus amigos
Os gemidos desse mar.

De que vale esse passar
Desses nobres a folgar
Na cidade entre o rumor ?
Se de noite desgostosos
Elles quizerão vaidosos
Ser humilde pescador ?

Em seu throno o mesmo Rei,
Assentado dando a lei,
Não o julgo mais feliz ;
Quantas vezes civil guerra,
Quantas vezes o desterra
Do seu beindito paiz ? !

Quantas vezes a pensar
Vai-se ao leito reclinar

Sem o somno poder vir,
Porque tamanhos cuidados
Pelo seu povo espalhados
Fazem-n'o de si fugir.

Quando aqui o meu cuidar
E' na rêde ver pular
O ligeiro nadador !...
Eu me julgo mais ditoso,
Mais feliz e venturoso
Qu'outro qualquer pescador.

Oh ! minha rêde fagueira,
Corre, corre, mui ligeira,
Se obedecer-me te apraz,
Volve das ondas no fundo,
Nesse mysterio profundo
Onde o meu imperio jaz.

Que sósinho ficarei,
Aqui mesmo dormirei,
Sem ninguem me perturbar,
E amanhã inda mui cedo
Hei de correr sempre ledo
Mui tranquiillo te buscar.

Minha rêde, ao mar, ao mar,
Vai-me depressa pescar
O badejo nadador ;
Quero quo alegre te escondas
Lá no fundo dessas ondas
Onde impera o pescador.

Fevereiro de 1856.

M. LEITE MACHADO.

Amor perdido.

E' sol posto, chega a noite,
Chega, Lilia, a escuridão,
E com ella mil angustias
A meu triste coração !

Chegão com ella os momentos
De tristes e acres lembranças
Para mim, que já na terra
Não tenho mais esperanças !

Chegão com ella os horrores
D'uma paixão desgraçada
Exacerbar minha mente
Ao desespero botada !

Botada ao cahos tenebroso
D'uma proterva agonia,
Que minh'alma toda angustia
Dilacera noite e dia !

Lilia ! a noite que outro tempo
S' me fallava d'amor,
Hoje me falla vingança
Para teu peito traidor ! !

Vingança ! sim, e terrivel,
Para ti, mulher mentida,
Que entornaste do infortunio
O calix em minha vida !....

O calix que só continha
As fezes do soffrimento,
O lethal fel amargoso
D'um longo padecimento !

Amei-te ! que horror eu sinto
Ao recordar que te amei !
Que já meu ser, minha vida,
A teus pés depositei !

Infeliz ! e amei-te tanto
O quanto amar-te podia
Um coração todo ardendo
No fogo da poesia....

Mas dize: p'ra que mentiste,
Mulher ingrata, dizendo
D'amor o fogo em teu peito
Estar em chammás ardendo ? !

P'ra que, fálcaria, aceitaste
Os protestos que te fiz
D'um amor que só podia
Dar-te meu peito infeliz ? !

Para que tu protestaste
Que jámais outro amarias,
Ser minha p'ra toda a vida,
Se nessas juras mentias ? !

Para que, furia, me deste
Um abraço de penhor,
Um beijo como a mais santa
Prova d'um sincero amor ? !....

Quizeste fingir, fingiste
Amar-me e eu acreditei-te...
Amor de bardo, foi esse
Amor santo que botei-te.

Delle que provas pediste
Todas as quaes não te desse ?
Que de mim tu exigiste
Qu' eu te não satisfizesse ?...,

Quizeste pranto, verti-o,
Juras quizeste, e jurei,
Quizeste ver-me prostrado....
E a teus pés eu mo prostrei !

Quizeste sangue, e esse mesmo
Derramei, hydra, por ti ;
Minha crença pura e santa
Por te amar desconheci !

Ludibriaste-me ! e um raio
Não houve que te partisso,
Na terra nem um abysmo
Abrio-se que te engolissem !

Oh ! custa a crer olydasses
Os protestos mais sagrados
Sem temer lançar tu'alma
Ao fogo dos condemnados !

Nesse momento, os demonios
Não viste acaso a teu lado
Fazendo mil algazaras
A teu voto perjurado ?

Ou mesmo ainda o remorso
Aproximar-se de ti,
Vergar-te a fronte orgulhosa
Desde esse tempo até aqui !

Não descobriste, de noite,
Desde esse instante, sonhando,
Mil fantasmas a teu lado
Labaredas vomitando ?

Arrancarem-te do peito
O coração despiedoso,
Arrastando-te com força
A um cahos fuliginoso ?

Inda não ! e tu zombando,
Respondes, furia damnada !
Espera pois, qu'inda a hora
Não foi para ti soada.

Ha de soar, oh ! então
Para mim quanta ventura !
Hei de humilhar-te a meus pés,
Cuspir-te na face impura.

Oh ! que então serei ditoso
Vivendo de ti vingado....
Por mim será Deos velando,
Por ti, mulher, o peccado !

JOÃO DANTAS DE SOUZA

Declaração.

A L.***

Desde aquelle f'eliz momento
Em que pela vez primeira
A meus olhos te mostraste
Tão casta e tão prazenteira,
Desde logo me sorrio
Uma esp'rança lisongeira.

Desde então por um momento
Nunca mais pude esquecer-te ;
Amava-te occultamente,
Mas nunca o pude dizer-te !
E jámais tive um instante
P'ra meu amor off'recer-te.

Vivi assim longo tempo
Na desejada esperança
De te amar e ser amado ;
Mas nunca a doce bonança
Veio dar-me essa ventura
Que me dourava a lembrança.

Soffri por um largo espaço
A mais cruel incerteza ;
Soffri, mas soffri constante
Sem mudar minha firmeza,
Porque no peito sentia
A chamma d'amor acceza.

Porém hoje reconheço
Ter o que tanto anhelava,
Reconheço que de ha muito
Teu peito a mim se inclinava
Nesse volver de teus olhos
Que só nos meus se fitava....

Nesse riso que, teus labios
Me dirigem de ternura,
Que puro amor revelando
Todo cheio de brandura,
O meu triste peito embala
Com esp'ranças de ventura.

Porém que digo ! ventura ?....
Quem vive de ti ausente
Póde acaso possuil-a,
Quando a saudade pungente
Só me dá acres momentos
De soffrir constantemente ?

E p'ra maior desventura
Ver-te sem poder fallar-te,
Conhecer o teu desejo
E não poder escutar-te....
Se eu não hei de possuir-te
Melhor fôra não amar-te.

Mas como deixar-te agora
Depois de te haver amado !
Se eu jámais posso esquecer-te,
Nem ver de ti separado
O meu triste pensamento
Só por teu amor ligado !

Seja pois... não possa embora
O teu puro amor gozar,
Embora a mesquinha sorte
De ti me queira privar,
Sempre a ti hei de eu sómente
O meu amor tributar.

Rio, 16 de Janeiro de 1857.

M. CORRÊA BRAGANÇA.

A violeta.

NO ALBUM DO SR.

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

No meu jardim mil florinhas
Eu tenho em toda a estação ;
Mas, d'entre todas, a uma
Eu dou só meu coração.

Tenho a rosa mui singella,
Em botão inda fechada ;
Porém a rosa não é
A minha flôr adorada.

Tenho cecens variadas,
E cravos de multi-côres ;
Mas ainda estas boninas
Não são as dos meus amores.

Tulipas, tambem camelias
Eu tenho como ninguem !
Mas não são inda estas flôres
As que os meus amores tem.

Tenho o lyrio branco e roxo,
Tristes saudades e amores...
Gosto dellas, mas eu amo
Outra que não estas flôres !

Entre, pois, tantas florinhas
Que existem no meu jardim,
Só tem a roxa violeta
Mil encantos para mim !

E nem sei mesmo a razão
Porqu' eu adoro esta flôr,
Se pelo grato perfume
Ou inda por sua côr.

Seja qual fôr o motivo
Só esta flôr posso amar :
Será ella pois neste album
Qu' eu venha depositar.

D. EMILIA AUGUSTA DE AZEVEDO E MELLO.

A' minha mãe.

Suspiros e prantos, gemidos, lamentos,
Dos negros tormentos d'ausencia penosa
Oh ! mãe carinhosa, desfubão-me a vida
Em uma illudida esperanza, enganosa !

Um canto sentido,
De magoa nascido
Eu, mãe, anhelava
Aqui te offertar ;
Mas, neste momento
Debalde eu intento,
Apollo m'o nega,
Não quer m'inspirar.

Debalde eu intento, é em vão meu almejo,
E já antevejo que em vão tentarei,
Que nunca serei bem ou mal inspirado....
Meu plectro forçado jámais tangeri.

Findou-se a alegria
Que d'antes havia,
Oh ! mãe adorada,
Que sempre senti,
Quando essas delicias
De tuas caricias,
Qu'eu hoje recordo,
Mui lido frui.

E oh ! mãe carinhosa, meus labios gelados
Do peito, coitados, não sabem contar
O duro penar, a saudade amargosa !...
Ai ! mãe bondadosa !... Não posso acabar ! ! !...

Rio, 12 de Fevereiro de 1857.

ANASTACIO JOSÉ DOS SANTOS JUNIOR.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA.
Rua da Valla n. 141.

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. III

Domingo 11 de Janeiro de 1857

N. 20

LITTERATURA.

Paginas intimas

XIX

ESTUDOS HISTORICOS

I

VIRIATO.

XVIII

No seguinte anno houve nova eleição de Consules. Quinto Fabio Maximo Serviliano, em quem recahio um destes cargos, veio á Hespanha acompanhado d'um formidavel exercito, no intuito de debellar essa *hydra de Lerna* representada na pessoa do famoso Lusitano. Contando pouco com a gente que trazia, pois que de tantos exercitos mandados para assegurar a inteira e pacifica posse da Lusitania, nenhum ainda conseguira destruir esse espirito guerreiro que tornava tão notaveis a seus habitantes, pediu o auxilio de Micipsa, rei de Africa, o qual lhe mandou muitos soldados de cavallaria de seus Numidas, e alguns elephantes. Os Romanos acamparão perto de Utica. Viriato não os deixava um momento em descanso. Perseguidos todas as noites por violentos e bem combinados ataques daquelle, virão-se forçados a juntarem-se ao grosso do exercito que estava a pouca distancia, e a cuja frente se achava o Consul. Estas escaramuças porém não davão um resultado real.

Viriato, falto de mantimentos e de armas, ia pouco a pouco ganhando terreno além de campo, e pode subtrahir-se aos inconvenientes de um ataque geral em que necessariamente teria de ficar vencido, porque como dissemos já os seus recursos erão por de mais exiguos. Entretanto algumas

companhias de Lusitanos introduzião-se em Andaluzia onde causávão enormissimos males. Serviliano correu em auxilio dos seus alliados, e dias depois foi industriosamente roubado por alguns aventureiros daquelles. Concebe-se facilmente o quanto este *expediente* influio no espirito de Serviliano. Prometteu tirar uma vingança espantosa, e com effeito teve a crueldade de mandar decepar a cabeça de 500 Lusitanos dos presidios de Viriato. Este procurava os elementos de uma defeza heroica. Sciente do barbaro acto praticado pelo Consul apressou-se a vir em soccorro de seus companheiros de armas, promettendo pela sua parte castigar a infamia do inimigo. Serviliano, que esperava ha muitos dias pela presença do capitão Lusitano, sahio-lhe ao encontro, e ambos se dispozerão para o combate. Os elephantes enviados por Micipsa fazião parte do exercito do primeiro.

Os Lusitanos sorpresos pelos novos combatentes que lhe oppunhão, deixarão dominar-se de um desanimo pouco natural nelles, e é certo que a sua cavallaria, desordenada ia abandonar o campo. Os Romanos contavão já, como era de costume, com uma brilhante victoria, mas ignoravão que em quanto Viriato existisse jámais os Lusitanos darião uma prova se quer de cobardia. Era nestes momentos criticos que o famoso capitão patenteava uma energia e sangue frio admiravel. Com aquella entoação de voz que exige prompta obediencia, chama de novo seus soldados ás fileiras; falla-lhes da Patria e da liberdade, e ordena um combate geral.

Os inimigos conhecem em pouco tempo a sorte que os esperava, se continuassem a resistir, e ainda desta vez elles procurarão a fuga atravez das montanhas visinhas. Apiano relatando os pormenores desta batalha avalia os mortos da parte dos Romanos em 3,000, mas Laymundo leva-a ao numero de 5,600. Serveliano, que procurara a vida em uma vergonhosa fugida, andou

por muitos dias errante, pois que ninguém se prestava a acolhel-o.

XAVIER PINTO.

(*Concluir-se-ha.*)

A mulher e o espelho.

*Chora a mulher ri-se a mulher,
A mulher enferma quando ella quer.*

(PROVERBIO.)

A aspiração mais vehemente da mulher foi sempre reinar caprichosa e absoluta. Seu systema muscular menos desenvolvido que o do homem, o doce timbre de sua voz, sua exquisita sensibilidade e a delicadeza de seu organismo, lhe demarcavão na sociedade, um papel muito distincto daquelle, que a natureza assignou ao homem: porém, sentindo em sua alma um desejo invencível de dominio, ao passo que se sentia fraca por natureza, um dia, chegou-se a uma fonte, a scismar como poderia com sua fraqueza, sujeitar a rudez e vigor de seu companheiro. Apoz cogitações intimas, mas por seu mal inuteis, reclinou-se de cançada sobre as guardas da ponte, e baixou sobre seu limpido cristal amortecidos olhos, em que o desalento se pintava. Aquillo que apenas era o puro reflexo de sua imagem, creu ser alguma belleza sobrenatural, um anjo do céo, e a formosura daquelle rosto, a graça daquelles gestos e a elegancia daquellas formas, como que a magnetisavão. A precursora de Narciso enamorava-se sem o saber de sua propria gentileza. Mas veio depois a reflexão rasgar o véo de seu engano, já não havia a menor duvida, todos os arroios, todas as fontes, todas as substancias susceptíveis de ser polidas, vierão revelar-lhe que aquella elegancia, formosura e graça crão suas, que aquella era a sua imagem. Desde então, cessarão seus olhos de exprimir o desalento; o espelho foi o thermometro da sua força. Quando queria realçar os attractivos de belleza, e imprimir graça e nobreza a seus gestos, ia pedir-lhe as suas inspirações, e graças a seu valioso concurso, attingia sua aspiração de reinar absoluta no coração do homem.

O espelho é a sombra, o *alter ego* da mulher, tal qual o são as pandectas do legista, os classicos do pedagogo, a espada do militar e o covado

do negociante de fazenda. Intimo e discreto confidente, jámais assoalha os defeitos que a mulher a elle só confia e que ao mundo occulta: amigo casto, ainda que testemunhe scenas capazes de resuscitar Anacreonte e galvanisar um solitario da Thebaide, nem se quer lhe pede um beijo: mestre disvelado e paciente, ensina-lhe a imprimir no sorriso a meiguice, nos olhos a languidez e ternura, corrige-lhe sem palmatoria as faltas da natureza iniciando-a nos segredos de enrubecer as faces, nacarar os labios, embranquecer e amaciar a cutis e ebanisar os cabellos.

O espelho é pois o arsenal cheio de aprestos bellicos, com que a mulher leva de vencida a força *impotente* do homem; tirai-lhe o espelho e apeal-a-heis do throno. — Já surprehendestes essa porção da humanidade, que nós estamos acostumados a chamar a melhor e mais bella, em vestes não cuidadas e sem alindes, corar, não de pudor, porque a negligencia de seu vestir não offende a decencia, mas emfim corar e corar de vergonha? é porque a surprehenderão sem ter feito romagem ao seu idolo, é que sem elle não tem confiança em sua belleza, a inquietação a domina, quer impressionar a todo o custo, o lembra-se que não estará bem penteada e que não fará bom effeito, pelo modo por que está vestida.

Ides aos bailes! — reparaí bem e vereis que nunca se interpõe uma quadrilha, uma walsa, uma schottisch, sem que o *toilette* seja visitado pelas *evas* do salão, que ahi concorrem a aprimorar seus adornos, a ensaiar sorrisos, a estudar expressões physionomicas afim de vencer indifferenças, conquistar corações, e produzir effeito, tudo para reinar com imperio, tudo para avassallar o coração e o espirito do homem, aquelle por meio dos sentidos, este por meio da admiração! Muitas vezes ao percorrerdes as ruas de qualquer cidade ou povoado, haveis de ter visto a mulher, especialmente a solteira ou viuva, a distender os olhos em todos os sentidos, e apenas vê que na penumbra d'uma esquina assoma um bipede, que envergue calças, desaparece por momentos mas volve ao seu posto, sabeis o que foi fazer? foi consultar o seu calças, foi fazer oração ao espelho.... O' espelho! que condão maravilhoso é o teu, como influes poderosamente nos destinos da humanidade!

Foste tu, que realçando as graças naturaes da mulher de Menelau a gentil Helena, incendias-te o coração de Páris e causaste a guerra de Troia: foste ainda tu, que reduziste Hercules o destrui-

dor do leão de Neméa e da hydra de Lerna, a fiar massarocas junto da rainha Omphales, como qual quer mulherengo. Sob tuas inspirações, a bôa Esther, successora de Vasthi farpou o coração de Assuero; Aspasia seduzio Péricles e fez as delicias de Athenas. Por tua causa, a formosa Cleopatra fez esquecer a Antonio a bondosa Octavia e arrastou a fatal batalha de Accio. Finalmente foste ainda tu que fizeste baquear o throno do rei godo D. Rodrigo, que transformaste a pobre escrava de Mariemburgo, a interessante Catharina em poderosa imperatriz da Russia, que elevaste as d'Estrées, as la Vallière, as Maintenon, as Montespan e Dubarry ás cathogorias mais altas, ás honras mais subidas.... O' espelho! o que seria sem ti a mulher? — uma flôr murcha e sem aroma; uma belleza mutilada. Imaginai uma mulher favorecida dos dotes da natureza, mas que se não soccorra aos recursos da arte, isto é, que muito embora tenha lindos cabellos, mas que os não traga bem penteados, á falta de espelho, que lhe indique as fibras arripiadas; que tenha optimos dentes mas não areados; a tez mui delicada, mas manchada, porque quando se lavou não teve quem lhe espelhasse essas manchas; olhos mui ternos e bonitos mas algum tanto remelosos nas extremidades; dissei-me depois de tudo isto, poderia uma tal mulher impressionar-vos? —

O' espelho! que condão maravilhoso é o teu, como inflnes poderosamente nos destinos da humanidade!!!

Rio de Janeiro, 13 de Fevereiro de 1857.

MACIEL DO AMARAL.

A Filha d'Oconnor

OU A FLOR DO SANGUE.

POR T. CAMPBELL.

(Continuação.)

VI

Filha de Oconnor, eu era um dos mais nobres ramos do glorioso tronco d'Eriu. Desgraça áquelles que tingirão de sangue o tecido da minha vida! Agora mesmo quando aperto a cabeça que me arde em febre, uma scena de morte se apresenta a meus olhos. Parece-me ver de continuo o combate terrivel que decidio da minha sorte; crecio estar ainda nessa horrosa noute em que

meus irmãos, acabrunhando Moran com seu despreso, ousarão exprobar-lhe um nascimento obscuro, ordenando-lhe que procurasse uma esposa em alguma casa menos nobre e orgulhosa que a delles. Os cantos nacionaes, dizião, celebravão os feitos de seus avós; as honras, o poder se tinha accumulado sobre sua raça, e elle, o meu amante, trazia um escudo menos celebre.

VII

Ah! meus irmãos, que importa ao amor que vossas armas atteste os gloriosos triumphos que haveis alcançado sobre os Ingleses, que tantos barões sigão vossa bandeira, e que os fogos de Maio sejam ateados por vossos vassallos em tantas colinas? Sim, sois senhores de altas torres, de fortes castellos desde Shannou até ao mar do norte, mas não penseis com tudo isto despedaçar sob vossas mãos de ferro o nó que amor ha formado. A aguia perderá a plumagem, o prado a verdura porém que eu destrua, ou tente destruir a cadêa que tão estreitamente prende o seu ao meu coração, jámais!

VIII

A essa hora solemne da noute em que a ovelha, voltando do pasto, interrompe com seus balidos o silencio dos campos, a essa hora assim canta o meu Moran: Vem, querida, uma barca nos espera, na margem opposta acharemos cavallos. Vem, acompanha teu obscuro estrangeiro para longe dos castellos de Oconnor; vem que á beira dos lagos em que brincão os cisnes selvagens construiremos uma cabana. Procurarei para ti o mel, os fructos e as aves da floresta. A teu lado entoarei na harpa estes cantos que recordão o nosso amor; seremos felizes: vem pois ah! minha amada! Poderia eu ficar? Os pastores nos encaminharão, e sob um céu nebuloso segui a estrella de meu amor.

IX

O astro que precede o dia sorprehendeu-nos longe do castello d'Oconnor; aos raios incertos d'auroa viamos suas ancias desaparecerem pouco a pouco. Quanto é bello o retiro que acolhemos sobre as margem incultas e solitarias! Semelhante ao passarinho que póde escapar da prisão que mão humana lhe preparára, e livre já procura sob

o ramo das arvores o ninho querido, assim contentes embellezamos nosso asylo, tanto mais querido que é ignorado. O meu Moran sabe esperar á lança ou á flexa a caça dos bosques, e eu lhe preparo a refeição da noute. Depois a fadiga começa a revelar-se, e elle adormece em meu collo emballado pelos cantos que nosso amor me inspirou. Ai ! depressa veio essa noute em que eu devia ferir meu peito e arrancar meus cabellos, essa noute funesta que não teve para mim dia seguinte !....

X

Tudo está calmo em torno de nós, é a hora do crepusculo. Eu ouvia ao longe um ruido estranho. Tranquillisa-te, me dizia Moran, é o grito da aguia sobre a montanha. Ai de mim ! esses sons confusos não partião da grande ave do deserto ! Os satellites d'Oconnor descobrião nossos traços. O galgo fiel estremeceu, entesando as orelhas ao segundo gritô, e em um momento vozes de maldição — assassinos apparecêrão ante nós ! Pou-pai, pou-pai meu esposo ! Foi em vão ! O que pôde conter o furor da serpente ao lançar-se sobre sua presa ? ! Em vão pretendi proteger o meu amante com um longo e apertado abraço, os punhaes dos assassinos nada respeitirão, e a espada de um lançou por terra o guerreiro desarmado ! Outra ferida, outra ainda, e todas por mãos fraternas ! Moran, o meu Moran, dava em meus braços o seu ultimo suspiro, e oh dôr ! o sangue que brotou de suas feridas ali ficava para attestar a sua perda !

Traduzido do Francez.

XAVIER PINTO.

Christina.

(ROMANCE ORIGINAL.)

(Continuação.)

O RAPTO.

Nicoláo foi o primeiro que entrou no quarto. Elle tinha recuado logo ao entrar, como se o tivesse impellido alguma força estranha. Tal é o poder da virtude e da innocencia, que ainda aos mais perversos, faz constranger logo ao primeiro relance.

Christina era tão linda, que mais parecia um anjo do céo, do que creatura terrestre.

Ella estava deitada sobre o seu leito.

Sua cabeça estava reclinada sobre uma almofadinha. Seus longos cabellos, que erão negros, e lustrosos como o azeviche, ondulavão-lhe sobre o collo alabastrino.

O seu perfil era tão delicado que causaria inveja ás formosas virgens dos gregos. As fórmãs de seu corpo esbelto vião-se contornadas, pelas roupas, que não erão muito grossas, não obstante o frio, porque em todas as capitães da Europa ha nas casas, lareiras que fazem um calor centigrado conforme se deseja.

Christina estava immovel como a bella estatua de Venus. O seu dormir era tão profundo que parecia estar morta.

Aos pés do seu leito havia outra cama onde dormia uma mulher. Sua phisionomia pallida infundia tristeza, e conhecia se que por grandes desgostos, ella arrostava uma velhice prematura.

Ella é quem tinha educado Christina, que lhe fôra entregue aos cinco annos, é quem lhe servira de amiga e mãe, pelo espaço de nove annos.

Os companheiros de Nicoláo, que entrirão no quarto, tambem ficárão sorprendidos ao ver essa virgem ; cujo rosto exprimia tanta belleza, e tanta innocencia, que causava sensação.

Nicoláo, vendo que seus comparças olhavão com bastante interesse para a sua presa, rugio como um leão ; e apertando com força o cabo do punhal parecia dizer-lhe : Só tu és o meu verdadeiro amigo, e fiel companheiro ; e voltando-se, perguntou desabridamente :

— Então, o que se faz aqui ?....

— Estamos ás vosas ordens.... responderão todos em choro.

— Pois então, quero a sege para levar daqui quanto antes esta moça....

— Sim, senhor, respondeu Diogo sahindo immediatamente.

Nicoláo era um desses homens que não conhecem pêas aos seus caprichos, engolfado em todos os vícios, desde a sua tenra idade, e nunca tendo quem lhos reprimisse ; antes pelo contrario seus pais erão os primeiros a desculpar-lhos, ficou com uma vontade absoluta.

Elle pertencia a uma familia muito abastada. Seus pais erão naturaes da provincia do Alentejo ; mas havia muito tempo que já estavão em Lisboa.

Ao principio tiverão relações de amizade com

os parentes de Christina ; mas depois por causa de uns terrenos demandarão muito tempo, resultando d'ahi um odio mortal, que Nicoláo Borges, pai do nosso heroe, declarou contra Juliano, pai de Christina; porque acconteceu que os tribunaes derão sentença em favor deste, foi tal a colera de Borges que desafiou Juliano para um duello de morte, este recusou ao principio, como homem prudente que era, fazendo conhecer ao adversario, que a justiça é quem dá a decisão ; mas não sendo attendido ; e antes ao contrario incitado por insultos aceitou o combate, do qual resultou ficar morto Nicoláo Borges.

Seu filho que herdára o character violento, e ainda o excedia em perversidade, jurou exterminar toda a familia de Christina.

Pouco tempo depois Juliano desapareceu, e não se soube o que foi feito delle, os seus bens tinham sido devorados pelas chammas, sendo victima dellas sua infeliz consorte !

Os seus filhos, Paulo, um delles, foi achado morto nas aguas do Tejo, sem vestigio de ter sido afogado. Jorge, que era o mais velho, tambem nunca se soube mais delle. Christina, essa foi salva do incendio, e entregue ao velho usurario, que a recebeu mediante uma pensão mensal, que era paga restrictamente. O bemfeitor ninguem conhecia.

Terião decorrido cinco minutos, quando o rodar de uma sege foi ouvido. Nicoláo que já estava impaciente, ordenou que a moça fosse conduzida para ella, e elle entrando ao mesmo tempo, disse para Diogo : Siga ao campo d Ourique, e de lá ao seu destino.

Passada uma hora a sege parou á porta de uma casa que só ao primeiro olhar infundia tristeza.

Nicoláo soltou um grito semelhante ao piar das corujas, e no mesmo instante a porta foi aberta, e duas fantasmas vierão tirar a moça da sege, e a levarão em braços para dentro da casa.

Nicoláo, vendo segura a sua victima, deixa ver essa alegria feróz, que characterisa todo o malvado.

F. A. F. AMORIM.

(Continúa.)

Amelia

OU

AS VICTIMAS DE UM PERJURIO

(ROMANCE ORIGINAL.)

O. D. e C.

AO MEU AMIGO

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

I

A CHEGADA.

E' elle, é Ernesto !... brada a senhora D. Emilia, vendo entrar no corredor de sua casa um joven que acaba de apeiar-se, todo coberto de poeira, e com traje de viajante, seguido de um criado trazendo suas malas ; e voltando-se para dentro corre a esperal-o.

No momento porém, que ella chega ao patamar da escada, para receber o recém-chegado, já elle se lhe lança nos braços ; fazendo-se ouvir ao mesmo tempo estes dous gritos :

— Meu filho !....

— Minha mãe !....

E D. Emilia, entre exclamações de alegria, convida seu filho a entrar para a sala.

Havendo quinze mezes que não via esse filho, como que procura descobrir algumas mudanças operadas em seu rosto.

A physionomia mais triste e melancolica, a tez um pouco mais trigueira, seus bigodes negros e retorcidos, são as differenças que nelle encontra e que mais chamão a sua attenção.

— Ha quanto tempo que te não vejo, meu filho ! e como estás mudado !.... exclama ella, um tanto admirada, e assentando-se n'uma cadeira que lhe fica proxima.

— E vós, minha mãe, tambem tendes mudado alguma cousa : oh ! que uma ausencia de quinze mezes não é a do curto espaço de quinze dias, torna elle reparando nos cabellos de sua mãe que se lhe encanecerão um pouco, e nas faces que se lhe hão enrugado visivelmente.

— Minha prima ?.... pergunta elle.

A esta pergunta D. Emilia treme, respondendo porém :

— Tua prima ha quatro semanas que foi para a casa de seu pai, creio que para sua enfermeira ; pois segundo me consta tem elle passado muito mal.

— Nesse caso vou tratar de visitá-lo.
 — Não vás !
 — Então porque, minha mãe ?....
 — Talvez que a tua inesperada visita faça aggravar mais os seus incommodos.
 — Estará elle por ventura agastado commigo ?
 — Não ; pelo contrario a affeição e amizade que te consagra, o gosto e prazer que lhe provocaria tua visita temo que forme em si alguma mudança ; e por isso julgo conveniente deixar passar alguns dias mais, a ver se fica melhor ; e logo depois eu lhe mandarei participar da tua chegada.
 — Perdão, minha mãe, mas já sabeis que conclui meus estudos, e que estou por isso habilitado a acudir não só a qualquer accidente que lhe possa resultar de minha inesperada appareição, como também a velar á sua cabeceira até o fim de seus incommodos.

— Espero que me obedeças !....

Ernesto solta um profundo suspiro, as faces se lhe contraem e uma pallidez mortal assoma em todo o seu rosto.

— Que tens, meu filho ?

— Nada ! minha mãe !.... estou muito fatigado da viagem, necessito repousar por algum tempo.

— Sim !.... meu filho, vai descansar a teu commodo, e mais tarde conversaremos á vontade....

D. Emilia, dizendo isto, acompanha Ernesto até á porta de seu quarto ; voltando depois a dar as necessarias providencias aos seus criados para que nada falte a seu filho quando desperte.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO

(Continúa.)

POESIAS.

Poesia.

Marilia, bella imagem dos meus sonhos !....
 Anjo do céo, na terra idolatrado,
 Candida virgem !.... O' brilhante aurora
 Dos meus dias !.... fulgir ah ! vem no espaço

Da minha alma,
 A meu peito
 Vem dar calma

Nesta vida
 Denegrida
 D'amargor !
 Não desprezes
 O cantor,
 Q'um instante
 Sem te ver,
 Delirante
 Vai morrer !

F. A. F. AMORIM.

Ultimo adeus !

I

Eu vou morrer !.... Julia amiga,
 Vou te deixar só no mundo,
 Pois p'ra meu peito injucundo
 Não ha mais consolação....
 Eu vou morrer ! adeus, Julia,
 Deixo da vida a illusão !

II

Tudo é mudez e repouso,
 Tudo é silencio e tristura,
 Oh ! quanto a propria natura
 Se casa ao meu coração !
 Adeus, ó Julia, é forçoso,
 Deixo da vida a illusão !. ..

III

E' noute ! Julia querida,
 Repara neste momento
 Da lua no firmamento
 Como se offusca o clarão !
 Chamão-me as trevas, ó Julia,
 Deixo da vida a illusão !....

IV

Não chores, Julia, meu anjo,
 Roga a Deos por mim na terra,
 Vaidades que o mundo encerrra
 Não chores qu'eu deixo, não !
 Se a sós te deixo na vida,
 Deixo da vida a illusão !....

V

Suspende o pranto, querida,
Mas não risques da memoria
Quem na vida transitoria
Votou-te amor puro e são!
Se, Julia amada, eu te deixo,
Deixo da vida a illusão !....

VI

Deixo as torpezas que a terra
Encobre no seio immundo,
Deixo os enganos do mundo,
Deixo do mundo a traição !
Vive tu, Julia, qu'eu deixo,
Deixo da vida a illusão !,...

VII

Suspende ! Julia, suspende !
Não queiras seguir commigo ;
Vou habitar um jazigo
Onde não entra a ambição !
Deixo do mundo as insídias,
Deixo da vida a illusão !....

VIII

Fica, tu, pois, cá na terra,
Não teimes, louca, em seguir-me,
Vive ; mas ah ! possas firme
Sorrir do mundo á traição !
Conhece o mundo, qu'eu, Julia,
Deixo da vida a illusão !....

IX

Tudo é mudez e repouso,
Tudo é silencio e tristura ;
Vê, Julia, como a natura
Se casa a meu coração !
Adeus, ó Julia, que é tempo,
Deixo da vida a illusão !

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

o canto da escrava.

Ai de mim que sou pobre africana,
Triste escrava, meu Deos, sem ventura !
Ai de mim que são negros os dias
No desterro que a vida amargura !

Oh ! adeus, doces terras de Congo,
Onde fui entre tantas ditosa ;
Nesta terra em que vivo captiva
Por vós sempre suspiro saudosa.

Ai, foi lá, minha terra, que a infancia
Eu só via correr docemente !
Pelas terras suspiro da patria
Onde tudo gosei livremente.

Quantas vezes medito e me lembro
Da cabana éu que a luz conheci....
De meus pais, dos parentes e amigos,
Sabe Deos e só Deos.... se os perdi !

Quantas vezes eu triste recorde,
Sobre a tarde, o meu grato folguedo,
Quando ao som do tabaque dançava
Junto ao tronco d'altivo arvoredado !

Porém onde.... onde vai esse tempo
Q'rido tempo de meu coração,
Que só hoje, tão lentos, se volvem
Negros dias d'eterna paixão !

Não sei quantos verões hei contado,
Que os invernos nem eu os contei,
Logo apoz que assim fui captivada
E essas terras da patria deixei !

J. F. TEIXEIRA E SOUZA.

Não quero brincar.

A L. ***

Tenho dentro de meu peito
Mil affectos p'ra te dar ;
Porém se tu m'os recusas
Adeus não quero brincar.

Eu jurei por toda a vida
Sempre firme te adorar ;
Mas se com isto te enfado
Eu deixo já de brincar.

Protestei em duro laço
O meu peito ao teu ligar ;
Porém se tu não quizeres
Jámais eu quero brincar.

Não penso, porém, que possa
Os teus rigores me dar ;
Mas se assim o permittires
Então não quero brincar.

Deixa pois qu'estes meus labios
Possão teus labios roçar ;
Mas se inda assim recusares
Eu deixarei de brincar.

Julgo, porém, que um só beijo,
Feiticeira, has de a ceitar ;
Do contrario então, Eulina,
Nunca mais quero brincar.

Rio, 24 de Dezembro de 1856.

M. CORRÊA BRAGANÇA.

A' memoria da desditosa

M. ***

(N'UM ALEUM.)

Eras bella, linda rosa,
Tão viçosa
Sobre a haste a balouçar,
Eras bella, linda flor,
Meu amor,
Com as auras a folgar !...
Inda não desabrochada,
Embalada
Eras tu pela candura ;
Mas agora que te resta
D'uma festa ? !...
Contricção, que tanto dura !...
Os teus dias vão passando,
Vão murchando
Tuas pét'las descoradas,
No lago da desventura,
D'amargura,
São de rôjo mergulhadas !...
Amor incauta nutrias,
Não previas
D'elle os enganos fataes !...
Dormiste ?... pobre innoeente !
Tristemente,
Despertaste em crebros ais !

Pela desdita orvalhada,
Profanada,
Apoz foste pelo amor ;
Agora na haste pendida,
Abatida,
Triste jazes, pobre flor !...

A brisa que te embalava,
E beijava,
Fagueira, de quando em quando,
Passa agora pressurosa,
Mui queixosa,
Tua sorte lamentando !

E o mesquinho trovador
Só na dor,
Te consagra o rude canto ;
Desejára elle olvidar-te,
Desprezar-te,
Infeliz ! não pode tanto !...

DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

Rio de Janeiro, 1 de Janeiro de 1857.

Escuta.

Vem cá feiticeira.... vem junto a meu lado,
Pois quero ao ouvido dizer-te um segredo....
Esquiva tu foges ?.... não fujas, louquinha ;
Não vejo que possa causar-te assim medo.

Tu dizes que eu falle ?.... jámais se dizerem
Tão alto, meu anjo, segredos ouvi ;
Ha cousas que o mundo não deve saber-as ;
Vem pois, queridinha, não fujas de mi.

Sorris-te ! não brinques.... se assim continuas
Então meu segredo não quero contar-te....
Escuta se queres ; são poucas palavras,
Com ellas eu julgo não hei de enfadar-te.

Alfim te chegaste.... bem hajas ! Agora
Escuta o segredo de teu trovador ;
« Eu te amo » Que vejo ?.... tu foges corando !
Pois vai-te, que ao menos ouviste o melhor.

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA.
Rua da Valla n. 141.

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. III

Domingo 18 de Janeiro de 1837

N. 21

LITTERATURA.

Mathilde

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

QUEM DIRIA ?

Oito dias depois dos ultimos acontecimentos a casa da Camara de Armamar offerecia um espectáculo curioso e pouco visto.

A noticia de que se ia começar o interrogatorio de Lourenço, conduzido debaixo de prisão á cadeia da villa, chamára uma concurrencia extraordinaria ao lugar em que esse interrogatorio devia ter principio.

A sala era pequena para conter tanta multidão, alguns menos exigentes contentarão-se em subir ao muro de um quintal fronteiro á casa, e outros esperavão no largo qualquer noticia sobre o criminoso. Este processo excitára um vivo interesse, pois que a victima ia apparecer adornada já da corôa de martyrio com que em poucos dias desceria á campa.

Erão dez horas da manhã, Luiza ainda não tinha chegado ; advinha-se a impaciencia com que era esperada. A's onze menos um quarto apparecerão a cavallo o doutor Gama, seu pai e tio, Tristão e o preto Domingos. A multidão aglomerada á entrada do vestibulo da Camara acolheu-os com vivos signaes de satisfação, porque não ignoravão que a elle se devia em grande parte este espectáculo.

Domingos vinha triste e sombrio, dir-se-hia ao ver-se que elle participava dessa estranha influencia propria das almas que soffrem. Carlos, seu senhor, Carlos que era para elle quasi que um Deus, soffria, e muito ; Carlos que via pouco a pouco inclinar-se a bella planta objecto de todos os seus cuidados e disvelos, tornara-se quasi que um espectro. O testemunho dos martyrios porque

passára na Fulgosa a sua bem amada tirara-lhe dous annos de existencia. Era este triste cortejo que acompanhava esta infeliz menina ! Seu pai, Carlos, Mathilde e a velha Martha fazião parte delle. A dôr do primeiro era concentrada, calmo e resignado na apparencia advinhava-se que a morte tambem exigia o pouco que lhe restava de vida. Mathilde chorava, e Carlos.... esse orava !

Quando este cortejo atravessava por entre a multidão percebia-se nella esse rumor estranho e surdo particular ao Oceano, que é precursor quasi sempre da tempestade. Se Lourenço apparecesse n'aquelle momento talvez que o furor popular se encarregasse de preceder á justiça em seu castigo.

O que se passou no interrogatorio não é para as nossas forças descrevel-o. Assistimos a elle, temos presente as suas menores particularidades, mas serão precisas longas paginas para o relatar.

A justiça informada de tudo ia desempenhar a sua missão. Tratava-se, não de desaffrontar unicamente Luiza e seu pai, mas a opinião publica — todos !

O pai de Lourenço, que gosava da estima geral, deixava as autoridades obrar livremente, e não dera se quer um passo para impedir a acção dellas. O processo dos tres crimes, isto é de assassinato, rapto e estupro devia ser remettido para Lamego, cujo Juiz de Direito daria a sentença.

Provados com o testemunho de vinte pessoas, Lourenço quiz negar o do assassinato do infeliz pai de Carlos, mas Luiza relatou todas as circumstancias que o precederão e forçoso foi acreditar-o.

A irmã de Carlos chamada tambem declarou que Lourenço tentára seduzil-a, o que sabido por seu pai dera lugar a uma violenta altercação entre elle e Lourenço do que resultou o primeiro imprimir a dextra na face do segundo e pouco depois o assassinato.

O doutor Gama desenvolveu por tal sorte a accusação, que fez derramar lagrimas no auditorio, e levado em triumpho até fóra da Villa, ga-

nhou com razão a fama de que gosa ainda. A's tres horas da tarde tinha-se terminado tudo, e Luiza mais doente que nunca regressava á casa de seu pai; aonde tres dias depois devia dar a alma ao Creador.

Lourenço continuou preso até que a sentença fosse enviada de Lamego. Não se fez esperar, d'ahi a quatro dias o Juiz de Direito condemnava-o a oito annos de degredo para a Africa, sentença que não tinha de cumprir-se pois que elle procurou subtrahir-se com o suicidio á deslhonra que lhe estava reservada. Foi achado morto na prisão, quando ião removel-o para a relação do Porto.

(*Continúa.*)

Meditação

Meia noite !!!

Que silencio tão profundo! que mudez reina em toda a immensidade! A natureza, envolta em um véo opaco e sombrio parece repousar no mais completo socego; apenas de tempo em tempo se ouve ao longe o murmurio da vaga, que deslizando vai queixosa suspirar na praia solitaria prompta a recebê-la, bramindo ao som da tempestade, ou lentamente soltando brandos queixumes.

A brisa, ciciando suavemente, vai fagueira brincar com as flores e embalsamar-se em seus perfumes; e depois, com a pureza e affabilidade da candida donzella, vem docemente afagar-me o rosto e embalar a folhagem.

Ao longe, lá nos confins do espaço, apparece de vez em quando o relampago levemente fuzilando.

Oh! e eu sou aqui sosinho no meio desta solidão, nutrido esperanças que não posso realizar; admirando todas estas maravilhas da natureza; contemplando o firmamento, vendo no meio dessa extensão azulada as formosas estrellas e a lua dardejando seus raios de prata por todo esse immenso espaço. Toda esta magestade me infunde n'alma sensações que sinto, mas não sei nem posso descrever. Oh! que toda esta grandeza me traz á memoria as prefeições e pudor, a gentileza e candura dessa a quem ousou amar!.. dessa virgem de meus sonhos, desse anjo de candura, desse complexo de virtudes, dessa feitura emfim de Deos a mais completa!

Como poderia ser eu indifferente a tantos

primores?! como poder fugir aos laços que seus encantos tão habilmente me lançarão?! Oh! que não seja possível uma hora, um momento... ainda mesmo um só instante, sem que todos estes atractivos estejam presentes á minha imaginação, presos e envoltos em minh'alma, baralhados emfim nas meditações e nos meus sonhos!

Ah! quem podéra vel-a aqui junto a mim neste retiro, occulta a todas as vistas que se poderiam fitar em sua formosura, fazendo-me arder em zelos! aqui é que eu quizera estar a seu lado, contemplar avido de prazer sua belleza, admirar sua candura, sentir o leve roçar de seus vestidos pela macia relva, ouvir de seus labios coralinos a doce voz pronunciar-me os seus affectos; e depois com ternura e meiguice, repetir-lhe o meu amor; jurar-lhe pela fé mais pura de existir só para ella; dizer-lhe com carinho e affeição: « Eulina, amo-te com todo o amor e ternura com que se pode amar neste mundo, com o maior extremo e desvelo que pode caber n'um peito humano; amo-te mais do que o nauta ama o porto de seu destino, como a Deos amão os anjos, como o naufrago ama a taboa de salvação; amo-te emfim, como a mãe carinhosa ama seu filho, e ainda mais que a propria vida. »

Para qualquer parte que lanço a vista parece-me vel-a sempre, qual diva risonha e affavel, prompta a despendar commigo mil affectos.

Quando repouso das fadigas diurnas, vem sempre sua candida imagem dourar-me os sonhos de esperança e de ventura. Ah! quem vivera assim sempre sonhando! pois são bem doces esses momentos que então desfructo! Porém o quanto é triste o despertar ante a realidade!...

Eulina, se o destino permittir que estas incultas linhas cheguem a teus olhos, acolhe-as com brandura, pois forão escriptas só para ti; se ellas te merecerem alguma attenção, eis completos os meus desejos, por que pensando em ti ellas forão escriptas.

Andarahy, Fevereiro de 1857.

MIGUEL CORRÊA BRAGANÇA.

Amelia
OU
AS VICTIMAS DE UM PERJURIO.

(ROMANCE ORIGINAL.)

O. D. e C.

AO MEU AMIGO

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

II

A PROVA.

Já o sol se escondeu através das collinas que cercão o horironte.

A noite estende seu véo de trevas, e a lua mostra-se brilhante no meio do firmamento.

Embuçado em uma capa e montado em um soberbo cavallo, correndo a meio gallope, segue um homem pela estrada que vai dar á villa de *** sem reparar no mago painel que lhe apresenta a natureza.

A claridade da lua, passando por entre a folhagem do arvoredado que se estende ao longo da estrada, deixa ver de quando em quando pelo semblante melancolico e severo do cavalleiro, deslizar uma lagrima de crystal, a qual inda ha pouco seus olhos humedecia.

Pára de repente, parecendo querer escutar os cadentes sons de uma franta que se erguem ao longe; e um gemido entregando a brisa que fagueira lhe beija as faces, prosegue seu caminho.

« Pobre Ernesto ! outr'ora tão ditoso mas agora tão infeliz!... » Um sorriso de tristeza e angustia lhe assoma as pallidas e tremulas faces, ao pronunciar estas palavras, no momento em que fustiga seu cavallo. Em poucos instantes entra-nha-se n'um bosque que lhe fica em frente, do qual jaz a dez braças uma casa de pequena apparencia : a mui curta distancia da mesma apêo-se, amarra seu cavallo a um tronco e segue vagaroso por uma estreita vereda ; chegando ao fim pára em frente de um caramanchão, cercado de bancos de pedra. Depois de certificar-se de que ninguém ali se acha, entra e senta-se n'uma cadeira que está junto de uma meza redonda ; e recostando a fronte sobre o braço o qual apoia na mesina, exclama com voz rouca e quasi sumida :

— Oh ! já fui bem feliz !.... mas agora, ai de mim ! sou o mais desgraçado de todos os homens !.... Sim, já fui muito feliz !... este bosque

que o diga onde tantas vezes occultei minha ventura, onde tantas lagrimas derramei confuso de alegria sobre a verdejante e macia relva que o matiza, e que hoje só com lagrimas de sangue eu a quero orvalhar !....

Cala-se, e voltando o rosto para essa casa que lhe fica ao lado vê todas as janellas fechadas, por onde pouco antes divisava a claridade da luz que se achava na salla.

Ouve-se o tropel de um cavallo que pára á porta dessa casa, e um homem, apêando-se, bate de leve : ao seu bater abre-se de mansinho essa porta para lhe dar entrada, e cerra-se immediatamente.

Ernesto faz um esforço para erguer-se ; mas torna a cahir de novo sobre a cadeira pronunciando estas palavras cheias de cólera :

— Inferno !.... eil-o que chega !.... vai-te, vai-te engolfar nesses gosos de ventura ; aproveita esses poucos momentos que te restão de vida, que minha missão vai cumprir-se, e a tua ultima hora bem prestes soar !.... Cala-se rangendo os dentes, um tremor convulsivo agita-lhe todo o corpo ; e passando a mão pela testa fica pensativo.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO

(Continúa.)

Uma pagina de minha vida.

(Conclusão.)

Tudo para mim na natureza erão enleios desconhecidos, os quaes fazião augmentar as lagrimas que eu embalde fazia por enxugar.

A meus ouvidos ainda soavão os ais de minha familia, para mais torturar minha alma já tão cheia de angustias.

Descei emfim as escadas que se seguião a esse pateo em que, por curtos instantes, me havia detido.

No fim destas escadas seguia-se um espaçoso terreiro, aonde um criado ainda moço, mas a quem eu consagrava particular estima, segurava nas redeas da cavalgadura em que eu tinha de seguir. Por elle ajudado subi para a sella ; e a voz faltou-me para poder corresponder ao adeus de despedida que esse amigo me dirigio.

Dentro em poucos instantes achava-me fóra do

portal que fechava esse terreiro, a alguns passos de distancia do lugar em que tinha montado. Era ali que me esperava esse amigo e collega da infancia.... pretendi fallar-lhe mas a voz prendeu-se-me nos labios; a sua commoção julguei não ser menor á minha; pois um triste sorriso, em que bem se pintava a amargura de sua alma, foi o que atravez de um olhar me pôde dirigir.

A nossa posição, agora, era a de dous padecentes que se encontrão ao voltar de uma rua para irem subir ao mesmo patibulo.

Como, porém, qu'isi sempre, os males que soffremos tornão-se menos sensiveis quando encontramos uma pessoa que soffre e tem de partilhar comnosco dos mesmos; ao reconhecer eu as magoas de meu pobre amigo, e á lembrança de que tinha um companheiro para gemer e suspirar comnigo, senti um lenitivo aos longos pezares que atriulavão meu coração.

As nossas cavalgadas seguião a passo regular uma quasi a par da outra; e a em que montava o pai do meu companheiro a poucos passos de distancia, assim como dous homens que a pé nos acompanhavão. Por algum espaço de tempo nenhum de nós se atreveu a interromper o silencio do outro: mudos olhavamo-nos apenas, como a furto de vez em quando, sem duvida para lermos no semblante um do outro as commoções que nos agitavão; nossos olhares, porém, encontravão-se, e, muitas vezes, era o suspiro de um que respondia ás investigações do outro.

Talvez em pouco mais de um quarto de hora o dia estava claro: achavamo-nos então em um lugar elevado do qual ainda poderíamos lançar uma ultima vista ás habitações paternas, o que fizemos; e então o silencio que até ali havíamos guardado foi pelo meu companheiro interrompido nestas palavras: — J... aonde achar-nos-hemos de hoje a um anno? — « Deos o sabe! respondi-lhe, apontando para o céu. Continuamos a jornada.

Ainda não havia um anno que eu e meu amigo havíamos deixado o berço patrio, e por isso que tínhamos chegado a esta cidade. A epidemia que nos principios de 1850 assolou o Rio de Janeiro estava no seu auge; e em um quarto da casa pertencente á benemerita pessoa, (*) a quem

(*) Esta pessoa é o Sr. Manoel José Pereira nessa época com casa de negocio á rua do Sabão.

de Portugal tínhamos sido recommendados achavão-se dous leitos, um em frente do outro; em um delles jazia o meu amigo exhalando o seu derradeiro suspiro; e eu no outro já desenganoado a que breve o seguiria.... Amigos da infancia, collegas e irmãos de desventura, a quem os proprios obstaculos do exilio não tinham tido o poder de separar, era bem que ainda a propria morte não terminasse o elo que prendia nossos corações levando-nos juntos para essa região desconhecida a que chamamos eternidade!.... Oh! mas não aconteceu assim; pois a minha hora ainda não era chegada.... Pessoas que velavão á minha cabeceira arrancarão-me a esse lugar aonde já existia um cadaver.... e esse cadaver pertencia áquelle que fôra unico confidente de minhas magoas... áquelle para quem no meu coração jámais existirão segredos, assim como no seu para mim haviam existido!....

No entanto eu havia sobrevivido; e uma vida nova principiava agora para mim.... Ainda me restavão amigos; mas um amigo como o que acabava de perder aonde jámais o encontraria?.... Foi então que entrando no conhecimento do que é esta peregrinação do homem sobre a terra, contemplei o meu passado tão cheio de flores, meu presente todo fel e amargura, e o futuro tão negro e desconhecido!....

A poesia é um consolo para o coração triste e deslitoso.... abracei-me com ella como á unica e fiel companheira que d'ahi em diante me poderia restar; e não foi em balde o meu apêgo para com ella; pois é com quem me tenho encontrado nos maiores transes de amargura; é quem me ha consolado nas horas de mais tristeza e melancolia; é com quem me encontro nas horas de mais repouso e solidão; é em fim, quem acorda em mim o animo para seguir no escabroso trilho da vida.

Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1857.

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Christina.

(ROMANCE ORIGINAL.)

(Continuação.)

A BRUXA.*Lo svegliarsi la prima notte in carcere
E' cosa horrenda !*

SIL. PEL.

O narcotico havia sido ministrado com tanta segurança, que parece ter sido preparado por mão experiente, ou theorica.

Erão sete horas da manhã quando Christina mostrou que tinha vida.

Ella da primeira vez não acordou, apenas fez alguns movimentos como quem buscava roupas para se cobrir.

Estendeu seus lindos braços a todo o alcance, depois percorreu todo o espaço que havia ao redor do seu corpo, e não achando mais do que a dura taboa onde estava deitada, soltou um gemido e encolheu-se toda; juntou seus lindos braços d'encontro aos cotovêlos, e cruzou-os sobre o formoso collo, apoiou sua angelica fronte sobre as delicadas mãos, como, querendo com a reunião dos membros do seu gelado corpo affrontar o temível frio.

Já erão sete horas e meia quando ella despertou, o seu primeiro olhar foi indeciso; mas depois como se acordára de um terrível pesadelo, sentou-se sobre o catre, e vendo a mudança que se havia feito do seu aposento para aquella masmorra, julgou ser um sonho.

Apartou as negras tranças dos seus cabellos, e passou duas, ou três vezes as mãos pelo rosto, como se quizesse expellir alguma nuvem de seus olhos, ou convencer-se que não dormia.

Estava nesse estado interrogativo, com que a infeliz creatura busca em seu olhar a decifração desse enigma em que a sorte nos lança; quando avistou uma mulher, que mais parecia uma furia do inferno, do que creatura humana.

— Bruxa !.... gritou Christina, cahindo sobre as taboas do seu catre.

— Bruxa.... disse a hedionda velha chegando-se para o catre da infeliz moça. Desta vez, hei de chupar-te o sangue!.... sim.... desta vez não me escaparás, como na noute do incendio... Oh !... ainda me lembra que até fui para a gaiola por tua causa.... mas deixa estar que breve pagarás com usura.... Oh !.... se has de pagar.... isso

é o que não tem duvida. O' lá !.... tão certo como dous, e tres fazem cinco.

Deixaremos Christina, e voltaremos para a casa do usurario.

Erão seis horas da manhã quando a bôa Henriqueta, acordou, e a primeira cousa que buscou foi o leito da sua pupila, como era o seu costume, mas desta vez estava deserto; movida como por algum presentimento funesto, ella desceu rapidamente para o chão; correu á cama de Christina, não obstante, não encontrar nada, ain'ta apalpou, como receiando que seus proprios olhos a illudissem, depois de ter procurado em todo o quarto; chamou pela criada, perguntou-lhe se tinha visto Christina, esta respondeu-lhe, que ella talvez tivesse fugido com algum estudante de marinha, porque a encontrára na vespera conversando com um, e que assim que sentio passos, fingio estar colhendo flôres.

Henriqueta acenou com a cabeça fazendo signal de não acreditar.

Depois mandou chamar o criado, e fez-lhe a mesma.

— Onde está Christina ?....

— Não sei.... respondeu-lhe Leocadio, hontem á noute encontrei-a no jardim tirando flôres para dar a certos estudantes, que ella namora....

— Um.... respondeu Henriqueta, fazendo um movimento prolongado com os beiços, ainda incredula....

— E a que horas foi que a encontrastes ?....

— Havião de ser talvez sete....

— Hontem.... com tanta chuva !... parece-me impossivel.

— Não se admire, porque as moças quando tem seus pretendentes não teme a chuva; e depois tenho a dizer-lhe que vi o tal meninorio da marinha, passar por cá dando voltas em uma sege, talvez viesse fazer suas combinações com a menina....

A boa mulher estava tão convencida da pureza e da innocencia de Christina, que não deu crédito á vil calumnia de Leocadio, e Margarida.

Correu afflicta, e debulhada em lagrimas, para o gabinete do velho usurario, que já estava revolvendo e contando suas lindas moedas de ouro, e achava-se tão embriagado com a vista do seu thesouro, que ao ver Henriqueta lavada em prantos ficou bem abysmado; mas passados alguns instantes, ainda um pouco confuso perguntou :

— Que.... Que.... é que tem acontecido? !....
 — Ah ! senhor Ricardo, não sabe !....
 — Falla, mulher !.... Falla com todos os diabos, não me queiras torturar !.... Diga, foi alguma desgraça ?....
 — Foi a desgraça maior que podia acontecer-nos !... Foi Christina que desapareceu !....
 — E' só essa novidade ?.... E' por tão pouco que você faz tão grande lamuria ?.... E' verdade que eu também perco, porque a mensalidade não é má; e o tal desconhecido é prompto em pagar....
 — Convem que elle não saiba do que se tem passado.
 — O' mulher, você quer saber uma cousa, não continue a grasinar porque isto póde ficar em segredo, e nós podemos chuchar o dinheiro que o desconhecido nos vinha entregar, e em quanto á rapariga, Deos a leve a bom caminho.

F. A. F AMORIM.

(Continúa.)

POESIAS.

No album de Elysa.

Elysa, não acredites
 De teu peito nos palpites,
 Os quaes podem te enganar....
 Dos homens, olha que as phrasês
 A's vezes são tão sagazes,
 E fallazes
 Quão faceis de acreditar !

Não julgues todas as fallas
 Que d'amor exprimem galas
 Nascidas do peito são....
 Attende, Elysa, quem ama
 Não sabe exprimir a chamma
 Que se inflamma,
 Ardendo no coração.

Não creias, Elysa, em juras,
 Por que sempre ellas impuras

São quasi também, ó flor;
 Olha que o fingido amante
 Também póde n'um instante,
 Delirante,
 Formar mil votos d'amor !

Crê, Elysa, amor sincero
 Ha mui pouco, eu t'ó assevero,
 Qu'ó saiba bem consagrar ;
 Por isso não creias, não,
 No que diz-te o coração,
 Puro e são,
 Por só d'amor te fallar.

Olha bem que estás em tempo,
 Repara que um só momento
 P'ra tua perda é bastante....
 E que já tarde perdida
 Só terás por ti, querida,
 Nesta vida,
 Remorso e magoa incessante !

Com isto, Elysa, não quero
 Dizer-te que amor sincero
 Não haja, oh ! isso não !
 Ha sim, mas toma cuidado,
 Qu'um peito p'ra amor só nado
 Enganado
 E' facil pela illusão !

Reflecte no que te digo,
 Conselhos são d'um amigo
 Que te deseja a ventura,
 E que também já desdito
 Traga o veneno maldito,
 Infinito,
 Da dor, pezar e amargura !

Sim.... pois também já ingrato
 Fingindo amar, insensato
 Abusei d'um coração ;
 Apoz conhecendo o horror
 De meu crime usurpador.
 Com amor,
 Sanal-o quiz... mas em vão !

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

O Pirata.**RIMANCE.**

NO ALBUM DE UM AMIGO.

I

Lá o sol n'horisonte que declina,
 Vai seus cetrinos raios espalhando
 Por todo o vasto imperio de Neptuno.
 Tranquillas são as ondas, além voga
 Mauritano baixel que sobre a pôpa
 Sua bandeira traz ao vento larga.
 D'um joven recostado sobre o mastro
 A fraca voz o vento ouvir nios deixa!

II

« Baixel fugitivo,
 « Correndo ligeiro,
 « A' patria me leva,
 Feliz, prazenteiro.
 « Tu guardas thesouro
 « De grande valia;
 « Se tu m'o perdeses
 « De certo morria!...
 « A linda donzella,
 « Esse anjo encantado,
 « D'amor por quem vivo
 « No fogo abrazado
 « A' Lysia a roubei,
 « Com ella fugi;
 « Meu aureo porvir
 « Agora sorri.
 « Em noute mui bella
 « A lua brilhava,
 « Seus raios de prata
 « Na terra espalhava....
 « Em seu jardim, Lília,
 « Mui triste yagava;
 « Não sei se em amores
 « A virgem pensava.
 « Por tempo notando,
 « De Lília, o scismar,
 « Seus raros encantos
 « Eu pude admirar!

« Então occultei-me
 « Num prado de flôres,
 « E louco cantei
 « Mil trovas d'amores.
 « Sensíveis e ternas
 « Meu peito as dictou;
 « Ouvio-as a bella,
 « Depois suspirou.
 « N'um banco de pedra
 « Após assentada
 « Co'a fronte na dextra
 « Ficou reclinada.
 « Qual raio veloz
 « Sobre ella voei;
 « Contente em meus braços
 « Então a estreitei:
 « A' patria saudosa
 « Desejo chegar;
 « Venturas, com Lília,
 « Eu corro a gosar!... »

III

O vento já lá mudou,
 E do mouro a voz cessou,
 Uma nuvem lá surgio,
 Tão negra como subio,
 Todo o ar além toldou.

Ao longe um canhão troava,
 E uma bala resvalava
 Pela popa do baixel;
 E seu letreiro — *Babel* —
 Lá com sigo carregava.

DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

(Continúa.)

Echos da lyra gemedora.**I**

Tristes echos a lyra gemedora
 Desprende a custo, quasi moribunda;
 E nas azas do tempo a vida sua,
 Já se vai pouco a pouco evaporando!...

II

Discipulos de Apollo quando lerdos,
Os echos tristes desta minha lyra,
Não cuideis na arte e bella melodia
Que possuir só podem grandes genios ;
Mas se apreço lhe deres, esse seja,
A belleza de puros sentimentos
Que de um peito na flor da juventude
Ternos se desprenderão livremente !

III

Já houve tempo em que dourados sonhos,
Mil felizes lembranças me trazião ;
Ora de amor no templo me encontrava
A tanger minha lyra alegremente
Verdes louros a fronte me cercavão ;
Mas a nuvem opaca que encobria
O despertar de meus dourados sonhos
Afastando-se foi, tão lentamente
Que tempo tive de estudar-lhe o curso.
Logo apoz divisei um vasto quadro
Aonde havia esculpido a natureza
Toda a realidade do universo.
Vi chorar a pobreza, e de seu pranto
O rico estar folgando em lauta mesa !...
Vi o amante gemer aos pés da ingrata
Mostrando-se ella surda a seus gemidos.
Vi o falso talento engrandecer-se
E á mingua morrerem grandes genios !
Vi curvada a virtude pela terra
E arrastada depois pelo usurario
Que humilha-a por ouro pretendia !...
Mas quando a vista mais no quadro punha
Em tudo me firmando, e tudo vendo
Eis correu sobre o quadro a opaca nuvem
Logo o quadro me foi desappar'cendo
E eu surpreso me vi n'outro-hemisferio
Esquecido dos sonhos já passados,
De minha doce lyra, e verdes louros ! —

Setembro de 1856.

M. LEITE MACHADO.

Parodia

Se eu fôra da terra sob'rano potente,
A escravo descera p'ra amor te offertar ;
Roubara-te ao mundo, do Empyreo se eu fora
Um anjo queá terra podesse baixar.

Se eu fôra dos astros o mais rutilante,
P'ra ti só fizera meus raios brilhar ;
Insecto invisivel se eu fosse, em teu collo
De fino alabastro me fôra occultar.

Se eu fôra dos echos um echo argentino,
Iria aos ouvidos d'amor te fallar ;
Se triste rolinha, bem junto a teu leito
Eu fôra de noute gemer, suspirar.

Se eu fôra das auras a mais fugitiva,
Fugindo teus labios eu fôra beijar ;
Aos evos do eterno levaria teu nome,
Se o genio de Tasso podera imitar.

Mas eu não sou echo, nem anjo ou sob'rano,
Insecto ou rolinha, nem astro a brilhar
Nem aura, nem genio, sou joven que apenas
Amor no teu peito deseja inspirar.

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

A Marilia.

Marilia, teu olhar deu vida ao bardo !
Teu sorriso foi bálsamo divino
Lançado ao coração amortecido !
Teus carinhos vieram enfiar-lhe

Terna esperança,
Doce alegria,
Grande bonança
A' sua procella !
Linda donzella,
Mimosa flôr,
Sente no peito
Teu trovadôr
Muitos martyrios ;
Sente um ardôr,
E' um volcão,
Fogo de amôr
Tenue paixão.

F. A. F. AMORIM.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA,
Rua da Valla n. 141.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. III

Domingo 25 de Janeiro de 1857

N. 22

LITTERATURA.

Mathilde

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Conclusão.)

EPILOGO.

Era por uma bella tarde do mez de Abril de 1847.

Perto da casa do doutor Rego, tres pessoas sentadas em uma pequena eminenciasinha, occupião-se em formar corôas de lindas flôres colhidas nos campos proximos.

— Vamos, Maria, acaba a tua *tarafa*; ainda te faltão tres corôas, e nesse andar não sahiremos hoje d'aqui.

— Como queres que faça depressa uma cousa que me recorda aquella que fôï para mim mais que uma irmã? !.... Pobre Luiza !...

E a joven que chamarão Maria deixou pender a cabeça sobre o peito, e principiou a chorar.

— Para que a sua recordação não se affaste de nossa lembrança, tornou a que primeiro fallára, é preciso que vamos depor todos os dias sobre seu tumulto estas corôas que a gratidão e a saudade hão formado. Vês tu, também eu choro, eu que a conheci apenas em seus ultimos instantes. Mas quem ao vel-a como eu vi não a pranteará? Era por estas horas; os ultimos raios do sol, penetrando pelas janellas do quarto de Luiza, vinhão dizer-lhe que cumpria despedir-se deste mundo; nessa saudação muda, nesse derradeiro reflexo, havia a personificação de tudo que ella ia deixar. De um lado seu pai, pobre velho, acabrunhado pelos repetidos golpes da sorte, interrogava silencioso sua physionomia pallida e cadaverica, que dous mezes antes se apresentava adornada de todas as galas da juventude; de outro, Carlos, mudo também, e resignado apertava nas suas

as mãos d'aquella que tanto amára; á cabeceira do leito, Mathilde, chorando, com seus labios collados aos de Luiza, esperava receber della o ultimo suspiro; na extremidade do quarto, Tristão, o doutor Gama, seu pai e tio, Domingos, Martha e todos os criados, e eu, ajudada por ti, introduziamos de vez em quando pela boca semi-fechada de Luiza um remedio destinado a minorar-lhe essa dôr estranha e occulta, essa dôr que a levou á campa.

E não devo chorar?.... é que eu resigno-me... tu.... vamos, Maria.... que a recordação de Luiza jámais se apague de nosso espirito, e ella pedirá a Deos por nós.

— E' que a sua falta levou o pranto e o luto a muitos corações, respondeu Maria; Luiza era o anjo bom des'es lugares; de hoje em diante não teremos mais quem nos anime neste valle de lágrimas.

Neste momento aproximou-se do grupo formado pelas tres jovens um nosso antigo conhecimento. Era o *Coxo*, porém não aquelle fatuo *conquistador* d'outr'ora, mas sim um homem que parece curvar-se pouco a pouco ao peso de um remorso vergonhoso.

— Boas tardes, meninas, disse elle tirando o chapéo.

— Boas tardes, responderão ellas em choro. E continuarão com o seu trabalho.

— Corôas de flôres, prosequiu o poeta, como que fallando comsigo, corôas... e a mim o remorso.

— E' o castigo que Deos reserva na terra áquelles que commetterão uma acção má, respondeu Maria.

— Mas Luiza perdoou-me, e o perdão que sabe d'uns labios como os della, dimana do Omnipotente. E com tudo, continuou deixando pender a cabeça, por mais esforços que faça não posso esquecer o dia em que a vi dar o seu derradeiro suspiro.... Oh! a minha falta ha sido bem espiada. Foi castigo; todos aquelles que

contribuirão para o fim da desgraçada menina têm hido dar contas a Deos.... a Franceza acaba de fallecer.

— Como ? perguntarão as jovens.

— Sim, Mme. Adelaide morreu.... Lourenço, Martha, João, e esta hoje....

— Martha também ? E' a fatalidade !....

— Escutai-me, meninas, e vereis se tenho razão para fallar assim, serião pouco mais de duas horas ia eu atravessando o atalho que conduz á estrada *real* quando me encontrei com o Sr. Carlos. Depois da morte de Luiza não o tinha visto, porque a sua dôr foi immensa, e não sahia de casa. Apressei-me em cumprimental-o. Olhou-me sorprendido, parecendo não reconhecer-me.

— Sr. Carlos, disse eu de novo. — Ah ! és tu, me respondeu com bondade; queres acompanhar-me?

— Aonde quizer, estou prompto. — Vou á casa de Martha, sei que está muito doente, e quero saber se precisa d'alguma cousa. Chegamos. Ah ! meninas, é impossivel explicar-lhes o estado em que achamos a pobre velha. Mathilde estava lá, e chorava. Martha abraçada a ella soluçava até causar dô, queria fallar mas não podia. O Sr. Carlos interrogava-a, porém não teve resposta. Martha fez um esforço, apontou para Mathilde, e disse, apertando-a d'encontro ao coração: E'... minha.... filha.... proteg.... E não pôde dizer mais. Tinha ido dar contas a Deos. O que se seguiu entre esse corpo frio já inerte, e Mathilde excede a tudo quanto possa dizer-se ! Se não retirassem a desgraçada menina d'ali não sei o que seria. Não tive animo de testemunhar essa dôr pungente, sabi como um louco. Tinha dado poucos passos quando me encontrei com um homem que corria a bom correr. — O Sr. Carlos está acolá ? me perguntou elle. — Está, que lhe quer? Faça o obsequio d'entregar-lhe esta carta, não posso demorar-me, adeus. E partio de novo. Regressei á casa de Martha, e entreguei a carta ao Sr. Carlos. Elle abriu-a, leu, e disse unicamente: Deos se compadeça de sua alma. E dava-me a carta em questão. — Leva-a.... não quero ter nada que venha dessa mulher. Advinhei que se tratava da Franceza. Desejando saber o que continha essa carta sahi outra vez, e hides ver se não devia ficar sorpreso. O *Coxo* tirou do bolso um pequeno papel cuidadosamente embrulhado, e leu:

« Sr. Carlos.

« No momento em que vou deixar para sem-

pre este mundo de que não levo saudades, perdoar-me-ha o Sr.? Em quanto uma esperança, uma só, me alimentou por muito tempo, podia viver quasi feliz; essa esperança desvaneceu-se, para que a vida? Amei-o muito, amo-o ainda. O Sr. odeia-me, para que lutar? Adeus pois, Sr. Carlos, se a minha recordação lhe não fôr pesada de mais, venha algumas vezes orar sobre o túmulo daquelle cujo unico crime é não ter tido a coragem necessaria para fugir-lhe.

« Sua, &c., &c.

« ADELAIDE.

Eis aqui porque digo que ha em tudo isto a fatalidade.

As tres jovens escutarão o *Coxo* com attenção sem com tudo interromper o seu trabalho.

— Seja a fatalidade ou não seja, disse Maria levantando-se, roguemos a Deos por aquelles que não são mais deste mundo....

— Olha, disse a mais moça das tres raparigas, e que não tinha ainda pronunciado uma só palavra; olha. Maria seguiu a direcção que aquella lhe indicava, e vio um velho curvado, todo vestido de preto, caminhando pela estrada com passos vacillantes. Era o infeliz doutor Rego que ia orar sobre o tumulo de sua filha.

— Vamos também, disse Maria.

E as jovens, acompanhadas do *Coxo*, encaminharão-se para o pequeno cemiterio do lugar, onde se via um simples mausoléo construido de pouco. No centro da pyramide lião-se as seguintes palavras:

A memoria da desventurada

Luiza Constança do Rego,

Fallecida na idade de

vinte annos

tres mezes

e cinco dias.

SEU INCONSOLAVEL PAI.

E mais abaixo:

Dorme em paz, minha irmã; tu eras bella de mais para este mundo; Deos, a quem faltava um anjo, chamou-te a si; e neste momento adas por cima de nós com tuas brancas azas, e tua auréola de ouro: goza da gloria eterea, e uma vez que nos amavas sobre a terra protege-nos no céu. (*)

MATHILDE E CARLOS.

(*) Dumas.

As tres jovens, o doutor Rego, o *Coxo*, ajoelhados sobre o tumulo, elevarão a Deos fervorosas preces. E no dia seguinte, no outro e sempre, verieis a esta hora essa campã coberta de flores, e saudades. E' que Luiza fora um anjo sobre a terra . . .

A 20 de Agosto de 1850 passava por acaso perto do cemiterio em questão. O sol se escondia pouco a pouco no horisonte reflectindo seus ultimos raios nas mansas aguas de meu saudoso Douro. Era uma dessas tardes formosissimas em que a natureza parece sorrir-se, acariciada de momento a momento pelo fraco sopro da brisa. A alguns passos havia uma pequena casinha branca como a neve, adornada dos lados por algumas arvores fructiferas. Achei o lugar tão aprasivel, essa casa recordava-me uma circumstancia de minha vida inteira, por isso parei para contemplal-a. D'ahi a cinco minutos assomou a uma das janellas uma joven toda vestida de preto, extremamente pallida, mas d'essa pallidez tocante e attractiva. Deu pela minha presença e cumprimentou-me. Correspondi, e hia a retirar-me, ouvi porém que me chamavão e voltei-me um tanto sorprendido, porque não tinha conhecimento algum n'aquelle lugar. Era a joven da janella, então já na porta que dava entrada para a casinha.

— Não é de Armamar? perguntou ella.

— Sim.

— Filho do Faustino?

— E' verdade, tornei de mais em mais sorprendido.

— Pois tenho em meu poder uma carta para seu pai.

— De quem, se não sou indiscreto?

— De meu marido.

— D'aqui a meia hora devo estar a caminho, tenha a bondade pois de dar-me essa carta.

— A joven, com um gracioso sorriso, convidou-me a entrar, o que recusei.

— Venha, quero que diga a seu pai o quanto a minha Luizinha está bonita e crescida.

Não insisti e entrei.

Subi alguns degraus de madeira, e achei-me em uma sala elegantemente adornada. Em uma das extremidades havia um berço. A joven indicou-me, e aproximando-me vi deitada n'elle uma linda criancinha a qual começou a sorrir-se e a dar com os bracinhos logo que vio sua mãe.

— Eis-a aqui minha filha, a minha Luizinha, disse aquella pegando na creança e cobrindo-a de beijos.

Tenho uma sympathia particular pelas crianças, esta era tão galante, havia n'ella um não sei que de attracção que me forçou a tiral-a dos braços de sua mãe, e como ella beijal-a muitas vezes. A joven sorria-se, talvez de orgulho, orgulho bastante natural se attendermos ao amor de uma mãe, o unico para mim sagrado e sublime. Demorei-me mais de dez minutos a contemplar esta scena intima, difficil de esboçar, e como a minha presença se podia tornar importuna despedi-me da joven levando commigo a carta. Era uma carta cheia de exprobrações; accusava-se meu pai de ter por tanto tempo esquecido a joven e seu marido, mas ambos elles promptos a perdoar pedião áquelle que os fosse visitar o mais cedo possivel. Meu pai sorriu-se ao acabar de ler a carta, e prometeu satisfazer o pedido dos dous jovens esposos, porque o marido da moça de preto era joven tambem. Quatro ou cinco dias depois entravamos inesperadamente na sala em que eu estivera.

A joven era Mathilde, seu marido era Carlos.

Eis porque, não obstante conhecer já a este, tivestes, meus leitores, a paciencia de aturar por tanto tempo o vosso creado:

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

FIM.

Amelia

OU

AS VICTIMAS DE UM PERJURIO.

(ROMANCE ORIGINAL.)

O. D. e C.

AO MEU AMIGO

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

III

O DUELLO.

Meia noite já soou pausada e triste; seu echo voando de montanha em montanha foi-se perder nos confins d'amplidão.

Profundo silencio reina sobre a terra o qual é apenas interrompido de quando em quando pelo murmurio da folhagem, pelo piar do mocho, ou pelo esvoaçar d'outras aves nocturnas que proseguem velozes na sua carreira aerea.

Esse homem que ainda ha pouco Ernesto vira introduzir-se na casa de que fallamos no capitulo antecedente, sabindo agora acompanhado de uma mulher, com ella conversando dirige-se para o lado do caramanchão onde elle se acha: escutemos por um pouco sua conversa.

— Vê, Amelia, como a noute está bella, a natureza toda calma e tranquillã! não sentes tu acaso, minha amada, nesta noute de rosas e encantos teu coração palpar de amor e alegria?...

— Muito, Alfredo! se eu pudesse todas as noites, a esta mesma hora, vir gosar de tua doce companhia junto a este caramanchão, ah! como haveria eu então de ser feliz!....

— Obrigado, tempo virá que sem obstaculos nós o poderemos fazer livremente e sem receio...

— Prouvera a Deos, Alfredo, que fosse já amanhã; mas meu pai nunca me deixa, como se costuma dizer, *pôr o pé em ramo verde!*...

— Amelia, tem confiança em mim, que em breve deixarás a casa de teu pai....

— Um leve presentimento me diz que de tal ventura nunca chegarei a gosar!

— Então porque?!....

— Porque talvez haja quem se opponha á nossa união.

— Oh! não creio que seja isso bastante!.... Amelia, tu me amas?!....

— Se te amo! inda o duvidas?... não tens acaso em tuas mãos a minha honra, como prova evidente do meu amor para contigo?....

— Se teu pai, unico que nos poderá pôr obstaculos, recusar em nossa união recusarás tambem em me seguir?

— Para onde?....

— Para onde me aprouver!

— Não!....

— Basta! não preciso de mais provas!.... Acredito que me amas excessivamente, meu anjo!.... deixa-me abraçar-te e em teus labios imprimir um beijo de gratidão!....

— Alfredo! modera os teus transportes; temo que alguém nos vigie, e talvez então seja forçoso separarmo-nos para sempre!....

— Insensata!.... qual será o ousado que se atreverá a vigiar-nos ou arrancar-me de teus braços e separar-nos para sempre?....

— Eu!.... grita uma voz do centro do caramanchão, e um vulto negro, semelhante a um espectro, arremessa-se entre os dous; Alfredo bem que seja dotado de uma coragem sem limi-

tes recua um passo e treme de horror, articulando estas palavras:

— Quem sois vós?!....

— Ernesto de Vasconcellos, que te vem disputar aquella.... que só por direito lhe pertence...

— Em quanto o sangue de Alfredo de Mendonça girar em suas veas nunca te pertencerá!...

Dizendo isto, arranca do cinto um punhal e arroja-se sobre seu adversario, o qual aguardando-o com uma arma igual trava com elle uma luta de morte.

Durante ella não se ouve mais de que o forçado respirar dos dous contendores, entre os quaes um lago de sangue jorra a seus pés!....

Ao cabo de cinco minutos Alfredo baquêa por terra: a lamina do seu rival lhe tinha traspassado o coração.

Ernesto atira para o lado esse instrumento de morte; e contemplando o cadaver de sua victima exclama: « Minha missão inda não está cumprida!.... »

Um sino ao longe com voz ainda mais triste acaba de soar uma hora....

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

(Continúa.)

A extraviada.

(FRAGMENTO.)

E a pobre extraviada, coberta de andrajos, e acabrunhada pela fadiga do longo transito que ha percorrido, lá se assenta n'um cachopo junto a um marco da estrada, e, elevando suas vistas para o céo, prorompe nestes queixumes como que precedidos por bem tristes recordações que neste momento assaltão sua vaga imaginação.

« Eu já fui ditosa!.... »

« Houve tempo em que fruindo os sorrisos de uma mãe que orgulhosa se ufanava de me haver criado e alimentado em seu ventre, desfrutando as ternuras e afagos de um pai idolatrado que se ensoberbecia de me ter dado a existencia, acariciada por irmãos que lhana e sincera me tributavam a sua estima, meus dias se passavam qual o vôo fugitivo da brisa que ciciando lentamente por meio da espessa folhagem do arvoredo apenas deixa após si, por unico rastigio, o perfume com que se embalsamára nas flôres do proximo vergel.... »

« Mas hoje o que me resta dessa felicidade de

outr'ora ? ! meus pais, que se orgulhavam de me possuir, descerão ao tumulto vergados pela des-honra com que eu envenenei seus ultimos dias, amaldiçoando o meu nome e a hora em que me haviam dado a existencia !.... E meus irmãos ?... fugirão cobertos de vergonha para onde jámais podessem ser guiados meus passos.... para onde jámais podesse chegar o conhecimento do laheo que eu lancei no seio de sua familia, deixando-me abandonada á espição do crime que, todos como que vêem estampado em minha fronte !....

« E eu já fui ditosa !.... mas hoje sou filha amaldiçoada por seus pais na ultima hora de seu passamento.... sou irmã deprezada e odiada por esses amigos e companheiros de meninice... sou a mulher coberta de remorso e repudiada pelo mundo.... sou a prostituta emfim para os olhos de todos !.... Oh ! e quem o causador de minha perdição ? !....

« Joven e bella outro tempo, querida e adorada por quantos me rodeavam, dous mancebos havia que disputavam a minha preferencia : um affavel e sincero, cheio de crença e virtudes, alheio a toda a casta de seducções e enganos ; era o seu primeiro amor que me tributava : o outro mancebo dissoluto e libertino, de coração alheio a todo o sentimento nobre e de respeito, pervertido a todas as vicissitudes mundanas, tendo por unica divisa o complemento de seus lascivos desejos ; era mais um infame tropheo de victoria que, fingindo por mim um amor sagrado e extremo, pretendia, na minha perdição, juntar aos que já lhe adornavam a fronte que a propria torpeza como que tornava mais bella !

« Desprezei esse amor leal e sincero do primeiro para compensar o falço e mentido do segundo com todas as véras de minha alma....

« E o que me resta hoje desse amor louco e insensato ? O remorso que pouco a pouco me vai dilacerando as entranhas, a maldição de Deos porque olvidando as suas leis desprezei o thalamo de virgem pelo da deshonra, e o desprezo do mundo inteiro !....

« E hoje, para maior desventura, o proprio monstro aos pés de quem desprezei deveres, honra e virtudes se passa junto a mim, com um sorriso de escarneo e mofa, é o primeiro a apontar-me com o dedo como a prostituta. No entanto, esse por mim tão cruelmente desprezado, em vez de me lançar odio e execração, é o unico que, se o acaso de mim o aproxima, ás torvas lagrimas

de meu arrependimento responde com um triste olhar de compaixão e misericordia !...

« Deos ! oh ! eu sou muito culpada ! a minha espição porém já tem sido grande.... Bem até as fezes já tenho libado a taça de minha desventura.... Fazei que os ineus ultimos momentos se aproximem ; ou senão dai-me ao menos forças para soffrer com paciencia todos os transees de amarguras porque ainda tenho a passar. »

E a pobre, suspendendo seus queixumes, levantou-se continuando a caminhar.

Quão longa será ainda a distancia que tem a percorrer ?

Oh ! que só Deos o sabe !

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Christina.

(ROMANCE ORIGINAL.)

(Continuação.)

AS TRES VICTIMAS.

Na fatal noite em que os bens de Juliano foram devorados pelas chammass, achava-se logo á distancia de vinte passos, um grupo onde se via um cavalheiro de boa estatura que se debatia fortemente com uma mulher, cuja physionomia extraordinaria chamava a curiosidade.

Ella era de côr verde-negra, os cabellos e sobranceiras eram tão grossos e rijos que mais pareciam espinhos do que cabellos. Seus olhos eram injectados de sangue e havia nelles tanta ferocidade como os de uma pantera, alem disso tinha um espesso bigode que lhe guarnecia a immunda e rasgada bocca, da qual exalava um fétido insupportavel, proveniente do abuso dos liquidos espirituosos, do fumar, e dos putridos dentes.

Ella tinha o corpo agigantado, e trajava roupas muito grosseiras semelhantes ás que usavam os serranos do Alemtejo, e o seu todo inculcava que devia ser muito avesada ao crime.

Mil esforços fazia esta mulher para arrancar uma menina, que teria pouco mais ou menos cinco annos de idade, a quem o cavalheiro defendia com seu braço direito, segurando-a com o esquerdo.

A menina, quando vio o aspecto dessa mulher, gritou — Bruxa ! — e escondendo o rosto, cruzou os bracinhos no pescoço de seu defensor.

Não obstante a grande escuridão da noite, que ainda se tornava mais densa com as immensas nuvens de fumo, causadas pelas paredes que desabavam sobre as chaminas do incendio :

Não obstante esses grandes alaridos, que só servem para augmentar o terror e confusão que reina sempre nesses sinistros :

Já o povo começava a juntar-se á roda dos dous contendores.

O cavalheiro, que mostrava tanto empenho em fugir a essa mulher, como aos olhares desse povo, empregou todos os seus esforços para escapar-lhes.

A Bruxa, vendo que a sua presa ia já fugir-lhe, lançou as mãos ao cordão de ouro que estava no pescoço da menina e puxou com tanta força que parecia querer suffocar a pobre criança !

Felizmente o cordão estava quebrado, e emendado com um fio de linha, e pela emenda foi que se partio, e ficou preso nas mãos da Bruxa.

O cavalheiro aproveitando a occasião que se lhe tornava propicia, gritou : — Prendão ! Prendão essa mulher que me roubou !... e rompendo pelo centro do povo desapareceu nas trevas da noite, levando a menina que salvara não só do fogo, como também das garras de uma fera.

Havião decorrido nove annos depois que isto se havia passado, sem que Christina tornasse a ver a maldita Bruxa, mas tão impressa tinha na memoria essa visão, que pela segunda vez que a viu, logo a reconheceu.

A prisão onde se achava Christina não era mais que uma casa subterranea formada de aboboda, porém tão humida e insalubre, que a saúde mais robusta em pouco tempo se definhava.

O sol nunca tinha podido fazer penetrar seus raios nessa catacumba infernal, onde as miserandas victimas sentião passar seus dias no pranto, e no desespero. Ahi, quantos infelizes não serião immolados aos caprichos de perversos sanguinarios que julgão a vida de qualquer creatura como uma cousa futil para as suas vinganças ? !

Christina acordou do lethargo em que se achava, desta vez ella pode distinguir tudo o que se encerrava nessa espelunca, pois a luz que até ali fôra amortecida, tinha sido substituida por varias outras que illuminavão todo o espaço.

Christina entre-abrindo os olhos, não vio a Bruxa ; porém outra scena mais medonha se lhe mostrava.

Ella sentou-se nas grades do seu equuleo e fi-

cou como petrificada pelo espaço de cinco minutos, quando vio os objectos que a cercavão.

Achava-se um homem carregado com algemas, e preso a um cepo, sua fronte, já encanecida com uma velhice prematura, ainda deixava conhecer um character nobre e honrado. Suas faces estavam pallidas e encovadas, e a pelle estava queimada por muitas lagrimas que devião ter corrido sobre ellas.

Pouco distante jazia um mancebo que teria dezasete annos, também agrilhado. Seu rosto era formoso mas estava tão macilento, a côr era já tão confusa que não se podia distinguir, se verde, ou amarella. Os seus olhos já tinham perdido o brilho, e ainda se desfazião em lagrimas !

Estes dous infelizes olhavão para a moça estupidamente ; e depois como se quizessem desvendar algum mysterio concentravão-se em reflexões.

Sentado em uma cadeira estava Nicoláo.

Em pé, e aguardando ordens, estavam : Diogo, João e Leocadio.

— Rapariga.... disse Nicoláo puxando Christina pelo braço, e chegando-a para o lugar das victimas. — Conheces aquelle homem que está ali...

— Não, senhor, respondeu a moça em tom supplicante.

— Pois então, não conheces teu pai ?...

— Meu pai !... gritou Christina, desprendendo-se das mãos do perverso, e abraçando o algemado que se achava preso no cepo.

— Minha irmã.... clamou o mancebo entrelaçando-se conjunctamente aos dous.

F. A. F. AMORIM.

(Continúa.)

POESIAS.

Adeus a Julia.

Adeus, Julia..... adeus querida,
P'ra mui longe eu vou partir;
Oh ! bem sei quanto este adeus
Vai o teu peito ferir !
Mas que queres, se meu fado
Cruel sempre, e desgraçado
Quer de ti me separar !
Vou, mas por Deos te conjuro,
Esse amor até qui puro
Não cesses de me sagrar.

Já que meu negro destino
De ti me faz apartar,
Não deixes, não, Julia amada,
De sempre me lastimar....
Não deixes nem por momento
De ter em teu pensamento
Quem te votou amor puro ;
Qu'eu jámais olvidarei
Esse amor que te jurei
Seja qual for meu futuro !

Tu choras ?... nesse teu pranto
Mais provas me dás de amor !
Mas ah ! suspende !.... teu choro
Faz augmentar minha dor....
Suspende, ó anjo adorado,
Esse pranto amargurado,
Tem fé inda no porvir ;
Depõe nelle a confiança,
Pode ser breve a bonança
Vejamos a nós sorrir !

Esse obice altivo e forte
Que de ti faz-me apartar
Vou procurar assás longe
Com que podel-o esmagar !
Vou ver se alcanço distante
Força e riqueza bastante
P'ra desfazer a barreira,
Qu'entre nós superva existe,
E em separar-nos persiste
Toda a nossa vida inteira !

Vou, porém tu me acompanhas
Nas asas do pensamento ;
Em sonhos sempre a meu lado
Ver-te-hei no meu seguimento ;
Serás tu só, nympha pura,
Que na senda d'amargura
Qual archanjo tutelar,
A meu duro soffrimento
Um mui doce lenimento
Ali veloz virás dar.

E's rainha entre thesouros
Mas eu pobre não sou nada ;
E' essa a barreira opposta
Qu'eu ver só quero esmagada !
Jurei inda além do averno,
Alcançar teu peito terno
Seja elle o meio qual fôr....
Seguirei, qual peregrino,
Até que a mão do destino
Compense meu terço amor !

Mas se acaso inda o mau fado
De me seguir não deixar,
Sendo vão quantos esforços
Fizer para te alcançar,
Não me risques da memoria,
Mer'cerás palma de gloria

Cumprindo o voto constante ;
Pois que mesmo desgraçado
Não deixarás de a teu lado
Ver o desditoso amante !...

JOÃO DANTAS DE SOUZA

Saudades de minha mãe.

Minha mãe, eu te consagro
Este pobre e rude canto,
O qual saudoso te envio
Orvalhado com meu pranto.

Mãe, esse adeus que me deste
Jámais eu posso olvidar....
Os teus ais de minha mente
Só a morte ha de riscar.

« Adeus, meu filho, disseste,
Eu nunca mais te verei ! »
Nos meus braços te lançaste,
E eu as faces te beijei.

Ao beijar te deslisarão
Lágrimas por meu semblante ;
Tristes lágrimas nascidas
No peito d'um filho amante.

« Nunca me esqueças, disseste,
E tua patria também ;
Pois, eu filho amo-te muito,
Amo-te como ninguém. »

« Não 'squecerei, respondeite,
A minha terra natal,
Os teus beijos, teus carinhos,
O meu bello Portugal. »

Qu'ria partir tu choravas,
Choravas muito.... meu Deos !...
Arranquei-me de teus braços,
Dando-te o ultimo adeus.

Terrível e muito amarga
Foi esta separação !...
Que, tu, amavas-me muito
Do fundo do coração.

Sobre a tolda do navio
Tristes momentos passei ;
Minha patria me lembrava,
E a mãe que nella deixei.

Por mil saudades mirrado
No exilio, agora, definho ;
Gemendo na soledade,
Sem ter de mãe um carinho.

Lê, minha mãe, este canto
Lê-o com toda a attenção ;
Estima o que é de teu filho
Nascido no coração.

Rio de Janeiro, 1857.

JOÃO AUGUSTO RODRIGUES DE MACALHAES.

O Pirata.**RIMANCE.**

NO ALBUM DE UM AMIGO.

IV

E o pirata qual fera damnada
Sobre a popa do barco assomou,
Lá no espaço mais negro que a noute
Grande vulto além mais divisou.

Furioso já alarma gritando
Os soldados á guerra chamava;
Com presteza voltando seu barco
Tudo em ponto de guerra ficava.

— « Eia, amigos ! feri o combate !... »
Com denodo e coragem bradando,
A terrível descarga soltava
Sobre o ponto mais negro voando !...

Era um grande baixel que trazia
Solto ao vento da Lysia o pendão,
E a seu bordo um valente mancebo,
Destemido e leal capitão.

Entre os seus mais luzidos guerreiros
Lá com voz estridente fallou ;
— « Fazei fogo !... » apressado clamando,
Um terrível combate encetou !

V

Então as mortíferas balas cruzavão,
As peças troando mettião horror,
Mil gritos de raiva subião ao ar ;
Nem lusos nem mouros mostravão temor !...

As balas zunindo partião as vergas,
Ao som das descargas os cascos tremião ;
Aos centos morrendo os valentes guerreiros
Mui tristes gemidos das aguas sahião !...

Afflitos c'o as ondas luctando jazião
Immensos feridos pedindo soccorro ;
Na p'leja embebidos ninguém acudia
Aos gritos que davão: « salvai-me que eu morro ! »

A lucta infernal pouco a pouco findou,
E os lenhos restavão em chammas ardendo ;
Entre elles no pego dous jovens se vião
Batendo-se irados, co'os dentes rangendo.

Ouvirão-se ao longe dous gritos de dor,
Do centro das aguas que tristes sahião ;
Os dous contendores nadando ligeiros
O seio das vagas mui déstros abrião.

Cançados ficarão, faltarão-lh'as forças,
E ao fundo do pego lá forão cahir....
Ao longe n'um bote remava uma joven
Que vêl-os bem pode tornar a surgir.

Vogando ligeira a donzella em seu barco
Os salva ; e seus corpos de gelo apalpando,
Attenta seus rostos a pobre desdita ;
E já para o lado lá cõe desmaiando !

A si do desmaio tornando mui prestes
Por sobre os dous vultos a vista lançou,
Aonde n'um delles seu mano encontrava,
E n'outro o mancebo que tanto adorou.

A joven mui triste com dor então clama
« Oh! ceus ! que me resta?! morrer? eu bem sei !
« A tua vingança, Deos jst o, em mim cai-a,
« Só eu sou culpada, manchei vossa lei !...

Então os dous jovens os olhos abrindo
Olhares terríveis entre elles trocarão ;
« Infame !... » « covarde ! com furia bradando
Dos cintos seus ferros com ira arrancarão !...

A moça apressada bradou « suspendei »
E os dous contendores suspensos ficando,
« E' ella!!!... » disserão a um tempo assombrados
Os ferros das dextas cahir já deixando.

VI

E os irmãos jubilosos se estreitarão
Com seus peitos peçados d'alegria,
Por dilatado tempo assim ficarão
A' frouxa luz d'auroa que nascia !

Largo espaço em segredo conversarão,
Segredos que ninguém ouvir podia ;
E da joven os labios se rosarão
Ornados d'um sorriso d'alegria.

Sobre a prôa do barco recostado
Estava o joven mouro pensativo,
Duas lagrimas tinhão deslizado
Ao longo de seu rosto tão altivo !...

(Continúa)

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

Hymno ao trabalho.

Ao trabalho, meus irmãos,
Que o trabalho é muito bom,
O trabalho alenta a vida
E nos dá consolação.

Quem não amar o trabalho
Muito infeliz tem de ser,
Pois o viver sem trabalho
E' peor do que morrer.

O trabalho é muito nobre
E dá paz ao coração ;
E' o trabalho dos homens
De mais regio coração.

Ao trabalho, meus irmãos,
Que o trabalho é muito bom
O trabalho alenta a vida
E nos dá consolação.

Setembro de 1856.

M. LEITE MACHADO.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA.
Rua da Valla n. 141.

A SAUNDY

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. III

Domingo 4 de Fevereiro de 1857

N. 25

LITTERATURA.

Paginas intimas

XIX

ESTUDOS HISTORICOS

I

VIRIATO

XVIII

(Conclusão.)

Satisfeito com este resultado, recolheu-se Viriato á Lusitania. Pouco tempo depois houve nova eleição de Consules. Serviliano conservou-se nas Hespanhas com o titulo de Pretor, e já um tanto socogado pois recuperára parte da força moral que perdera com a sua derrota, entrou na Lusitania no intuito de castigar um natural d'ali por nome Canoba que fazia desde muito immensos estragos á gente Romana. O Pretor, dispondo de maior quantidade de soldados, conseguiu depressa o fim a que se propunha, e Canoba vio-se forçado a accitar a paz com a condição que approuve a Serviliano impor-lhe. Porém os Romanos jámais poderiam desmentir o seu character ambicioso, traçoeiro e bárbaro; o Pretor abusou da fraqueza dos Lusitanos, e cousa inaudita! mandou cortar a mão direita de muitos delles! Viriato lá estava para vingal-os. O seu despertar era sempre fatal aos conquistadores, e desta vez elle tinha a pagar-lhes infamia com infamia. O Pretor sitiára Erisina, cidade bem fortificada, e onde o heroe Lusitano tinha a melhor e mais aguerrida parte de seu exercito. Viriato voou em seu soccorro, e pôde entrar nella favorecido por um dos seus costumados ardis. Os soldados em presença do seu capitão, derão gritos de um louco enthusiasmo, e pedirão para sahirem da praça. Era tempo, pois que os Romanos prevenião-se para atacar. Viriato accommetten-os, e como era de esperar ficou vencedor. Serviliano pensou morrer de desesperação, não só elle deixava no campo uma grande quantidade dos seus molhores soldados, como teve de reconhecer mais uma vez a grandeza

d'alma do famoso Lusitano, pois que podendo aprisional-o preferio deixal-o procurar a fuga como quasi sempre fazião os Pretores. Esta batalha deu aos Lusitanos alguns mezes de paz, por que Serviliano fôra obrigado a assugural-a pouco depois da sua derrota.

XIX

No anno 3824, ou 138 antes de Jesus Christo fôrão eleitos Consules em Roma Cayo Lelio Calvo, e Quinto Servilio Scipião, irmão de Serviliano. Scipião, a quem pesava o tratado de paz que aquelle assignára com Viriato, propoz ao Senado a quebra delle, e nova guerra com a Lusitania. O Senado cedeu ao pedido de Scipião, e foi este enviado ás Hespanhas com um numeroso exercito. O seu maior desejo era lançar entre os Lusitanos o facho da guerra, para deste modo realisar um intento que ha longo tempo engendrava em seu cerebro maldito. Facil lhe foi, pois que as violencias que praticou com aquelles despertarão um clamor unisono de guerra, que estendendo se de uma a outra extremidade abalou as montanhas, e fez cessar o movimento pausado e cadente do arado. Viriato porém, cansado dessa luta gigantesca, e durante a qual os louros lhe cingirão a fronte repetidamente, queria a todo o custo conservar a paz, unico meio de se dedicar aos interesses particulares daquelles que o tinham acclamado por chefe. Para esse fim escolheu tres capitães do seu exercito, que forão os celeberrimos Dictalion, Minuro e Aulaces, e enviou-os a Scipião como embaixadores, dando-lhes as necessarias intrucções para o bom desempenho do fim a que se propunha. O Consul acolheu-os com as mais vivas demonstrações d'amisade, deu festas em sua honra, e demorando sempre a resposta das proposições offerecidas por Viriato, ia captando as boas graças dos tres infames. Prometteu-lhes honras e dignidades, fallou-lhes em amor proprio, exprobrou-lhes a demasiada confiança que depositavão em um homem que a

seus olhos nada mais era que um salteador ; o resultado estava previsto ; aquelles cederão, e retirarão-se ao acampamento de Viriato resolvidos a praticarem o mais nefando dos crimes. Chegados ali forão pouco a pouco dando conta da sua embaixada, disserão-lhe que Scipião aceitava a paz, e esperando favoravel ensejo conseguirão ganhar uma importancia que não merecião. Viriato estava bem longe de advinhar o projecto destes infames; uma noite em que dormia profundamente foi degollado, sem que podesse defender-se ou dar um ai se quer. Os traidores fugirão para o campo dos Romanos, onde ião buscar a paga da sua insigne cobardia. Quanto se enganarão ! Scipião acolheu-os como traidores, cobrio-os de injúrias e improperios, e mandou-os para Roma, informando o Senado do crime que haviam praticado. Pretendem alguns authores que Scipião queria apenas que os tres assassinos aprisionassem o grande Lusitano, e que sendo impossivel tratarão de commetter o crime. Como quer que fosse o Senado accusou os tres de traidores e infames — e condemnou-os ao supplicio.

XX

A Lusitania ia de novo ser carregada de ferros. Morto o heroe quem o substituiria ?

E' impossivel relatar a impressão que produziu em toda a parte o assassinato de Viriato ! Os Lusitanos comprehendião a falta deste grande poderoso auxiliar, e d'ali em diante os Romanos poderiam fazer delles os que lhes approvesse. A independencia de tantos valentes, a liberdade de suas mulheres e filhos ia de novo ficar á mercê dos barbaros conquistadores, desses ambiciosos que avassallando o mundo pouco a pouco, tinham por fim de cahir do alto do pedestal que haviam attingido á custa de muito sangue derramado e de traições sem conta. Depois da morte de Viriato, Tantalos seu capitão, procurou sustentar o nome Lusitano, mas reconhecendo que só aquelle poderia abater o orgulho da soberba Roma, largou as armas, procurando com muitos outros a morte nas fileiras inimigas. A Lusitania era uma Provincia Romana ; cautella porém, o leão dorme para accordar mais tarde soberbo e ameaçador !...

Rio de Janeiro, Março de 1857.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

FIM.

O Dominó Encarnado

POR

XAVIER DE MONTEPIN.

Traduzido

POR

D. A. MACIEL DO AMARAL.

VI

OS TRES DOMINO'S.

Durante muito tempo correu elle, sem destino, acotovelando os viandantes sem os ver. A final chegou á praça de S. Marcos brilhantemente illuminada por innumerous lampeões, por que já havia anoitecido. Ahi sua cabeça se acalmou, e lembrou-se do que acabava de passar. Um sombrio desespero succedeu á alucinação de seu espirito. A fatal descoberta de Pepita alastra para sempre seus sonhos de porvir. Restava-lhe decidir-se entre seu mister sanguinolento e a morte ; escolheu a morte e atravessou por entre o povo, que se afastava ao reconhecê-lo, com um passo mais lento porém mais firme.

Em breve chegou ao cáes; passou pela praça em que todas as noites seu punhal estava á mercê de quem mais desse, e tomou para a *Ponte dos Suspiros*. Sua resolução estava tomada : ia procurar a morte na agua quieta e sombria do canal Orfano ; no momento, porém, de despenhar-se nas ondas, deteve-se para ver ainda uma vez o céu dessa bella Veneza que amava maldizendo. Era o mesmo céu da Italia, isto é, uma abobada de anil recamada de scintilantes lentejoulas. Ao suave reflexo da lua entrevia-se ao longe os corocheus das Igrejas e as sacadas dos palacios. Sobre os canaes resvalávão rapidas e elegantes gondolas com seu fanal na proa simullando uma estrella : de vez em quando os festivos accordes das serenatas affagavão os ouvidos do bravo de envolta com a fresca brisa da noite. Beppo dardejava sobre este panorama o triste e derradeiro olhar do moribundo, eis que lhe tocão no hombro e uma voz lhe diz :

— Renzo Mamone tem pelo que vejo muito tempo a perder, pois que quem o procura já o não encontra mais em seu posto habitual, e se por acaso se depara é abismado em cogitações amorosas, a ponto de esquecer-se na *Ponte dos Suspiros* ? !

— Que me quer Vossa Senhoria ? perguntou Mamone ao reconhecer Camillo.

— Propor-te com sequins em troca d'uma punhalada.

— Não vendo mais o meu punhal, e o braço que o manjava daqui a dez minutos estará gelado.

— Condemnar-te-hia por ventura o tribunal dos Dez.

— Um tribunal mais terrível pronunciou a minha morte, o juiz e o executor sou eu.

— E o que é que te impelle a esse acto de desespero? a miséria não é, porque o ouro nunca te faltou, e de mais recusas o que acabo de offerecer-te, és moço, esbelto, teus amores devem ser felizes....

— Basta, signor Camillo, não intenteis saber o meu segredo: segui vosso caminho, e dissei aos Venezianos, que Renzo Mamone deixou de existir, porque sois o derradeiro homem que o vreis vivo.

— Quem sabe!

— Que quereis dizer?

— Ouve esta historia e veremos depois se ainda queres morrer.

— Uma historia... a mim... neste momento!... zombais de certo...

— Escuta! « Havia em Veneza um bravo terrível; este bravo amava uma donzella que ignorando seu nome verdadeiro e condição, parecia também amal-o. Um elegante fidalgo encasqueitou-se-lhe de namorar a desposada do bravo, de modo que a rapariga, nos ultimos paroxismos d'uma branda resistencia lhe disse:

— Não posso ser vossa, um juramento inviolavel me prende a meu desposado.

— Segue-me, disse o fidalgo á ingenua rapariga e conhecerás o que é teu prometido esposo e saberás igualmente se podes ou não violar o juramento que te liga ao bravo precita.

— A principio não queria acreditar mas afinal entrevio a verdade e não se oppoz mais. » Durante esta narração um suor frio banhava o rosto contrahido de Beppo, e quando Camillo se calhou mal pôde perguntar com uma voz afogada pela colera e emoção.

— Como sabeis isto?

— Sei isto, porque ha cinco minutos que o homem que te roubou Pepita, assim como me roubou aquella que eu amo, alardeava perante quem o queria ouvir no Lido, ter seduzido a amante do bravo Mamone. Este homem é nosso inimigo commum, contra elle é que queria armar-te.

— Disponde de mim em corpo e alma. Porém seu nome! disse-me seu nome!

— O barão Jorge de Chivri, um francez.

— Dentro d'uma hora terá deixado de existir!

— Não, Renzo, um pouco de paciencia, deixa-me hoje guiar-te. O que nós precisamos, é uma vingança, mas uma vingança terrível!

Uma semana depois de manhã celebrou-se o consorcio de Jorge e Helena e á noite tinha de haver grande festa no palacio Fornasari.

Os preparativos ordenados para o baile excedia tudo que de mellior se tinha visto em Veneza.

Os cavalheiros e damas empregarão os oito dias precursores da festa em procurar os mais brilhantes adornos, porque Helena deliberara que o baile de suas nupcias seria um baile mascarado. As gondolas apinhavão no caes do palacio e os lindos pés das formosas Venezianas roçavão incessantemente sobre os degraus de mármore branco. Não se via se não velludo e damascos; o ouro e diamantes scintillavão por toda a parte.

(Continúa.)

Vaga meditação.

UMA NOUTE JUNTO AO CAES DA GLORIA.

Duas horas da madrugada acabão de soar com echo sombrio e monotono em algumas das cathedraes da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Por entre as mil estrellinhas que bordão o azulado firmamento, a lua se retrata fulgurante nas aguas do espaçoso Guanabara, que enipolado com força pelas brizas do sul, vem em ondas espumantes rugir e despedaçar-se a meus pés.

Tudo o mais é silencio!....

Apenas uma sombra que de instante a instante vejo prepassar em frente a uma luz frouxa que apparece por entre as janellas de uma dessas casas do morro da Gloria, me dá conhecimento de que algum ente humano vela não longe de mim...

E eu sou aqui sósinho com minhas mágoas... apenas essas brizas que ainda agora acabão de empolar o oceano paixão vaporosas brincando com meus soltos cabellos....

Oh! como se casa na solidão este bramir das vagas ao peito opprimido de angustias e afflicções!.... Quantas saudades me aviva n'alma toda esta melancolica tristeza que me rodeia!... Quantas recordações, por entre as lagrimas de dôr que derramo, me vem á memoria neste momento em que descança em paz o mundo inteiro....

Nesta hora de tristura e repouso vem-me á memoria todo esse passado.... todo o passado de minha infancia tão feliz e risonha, que fugio para jámais voltar.... vem-me á memoria todos esses folgaes innocentes com minhas irmãs nas horas de sêsta, todos esses carinhos e afagos de uma familia inteira que muito me amava, esses instantes que entretido passei com meus collegas de estudo, essa pequena capella onde tanta vez fui com minha mãe á oração, essas florinhas que colhi e plantei no meu jardim, a voz do sino de minha aldêa que tanta vez me despertou de meus folgaes, as veredas, os prados, todos esses lugares emfim por onde tanto divaguei sózinho...

Recordo tudo saudoso,
Que ditoso,
Que ditoso me sorrio,
Lá nesse tempo risonho,
Qual um sonho,
Qual um sonho que fugio,

E choro.... pois tristemente,
Tão sómente,
Tão sómente eu vivo aqui,
Só me restando a lembrança
Da esperança,
Da esperança com que vivi.

Sim.... hoje só vivo recordando as esperanças que outr'ora me sorrirão e das quaes já nada me resta !.... Oh ! e eu embalde quero reprimir os suspiros que me vem aos labios.... embalde tento enxugar as lagrimas que me assomêo ás palpebras, pois ellas se augmentão á triste meditação de que já fui ditoso, de que já tive uma quadra bem feliz em minha vida, e que hoje sou um infeliz proscripto, vagando n'um paiz estranho, aonde não tenho uma mão compassiva que affavel me guie na senda assaz escabrosa da existencia... aonde não encontro um ente compadecido de minhas lagrimas, de ejos labios dimanem algumas palavras de conforto para meu coração atribulado....

Deos !.... Deos seja ao menos por mim !....

JOÃO DANTAS DE SOUZA

Amelia

ou

AS VICTIMAS DE UM PERJURIO

(ROMANCE ORIGINAL.)

O. D. e C.

AO MEU AMIGO

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

(Conclusão.)

IV

A VINGANÇA.

Amelia, no momento de ouvir por Alfredo proferir o nome de Ernesto de Vasconcellos, cahê por terra desmaiada ; não dando por isso fé da seena que se representou em seguida.

Ernesto depois de ter contemplado o eadaver de seu rival, chega-se para junto della, e faz-lhe respirar um lieor que traz dentro de um vidro ; esta voltando a si como despertada de um sonho pergunta :

— Sois vós, Alfredo ? !....

— Não !... não sou Alfredo, que esse já não existe !.... responde elle suspendendo-a e fazendo-a assentar n'um baneo que lhe fica proximo. E' contigo agora, mulher ingrata, que desejo ajustar contas !.... Lembras te do juramento que me prestastes de um amor eterno ?....

— Perdão, Ernesto! tende piedade de mim!!....

— Não, que para a fementida não deve haver piedade ! tiveste-a aeaso tu de mim calcando aos pés os mais sagrados deveres, fazendo-me assim tragar até as fezes o amargurado ealix da desventura !.... Lembras-te do juramento que me dêste de me amares até a morte ?.... Lembras-te que logo depois da morte de meu pai deixei minha mãe para me entregar á lida dos estudos aguardando sempre o compromisso de tua palavra para algum dia me tornar digno de ti ? !.... Não te lembras !.... sim, não te lembras porque tudo esqueceste para te lançares nos braços d'aquelle que em recompensa te estampou na fronte o vil ferrete da deshonor e da vergonha !.... Louca ! não previas que perjurando até aos proprios infernos lá iria arrancar-te para me saciar em teu sangue ? !....

— Perdão, Ernesto, que ainda te amo !

— Miseravel ! que ousas dizer ? !....

— Ernesto, sou culpada mas eu me confesso arrependida.... perdoa-me !....

— Nunca !....

— Por tua mãe a quem mais presas, por Deos que é nossa testemunha, pela Santa Virgem perdoa-me, e depois... ah ! depois mata-me que então morrerei contente !.... Perdoa-me que já me arrependi e Deos também perdoa a todo aquelle que se arrepende na hora extrema; e eu assaz couheço que não devo existir mais sobre a terra ! a mesma morte será um fim para os remosos de ter ultrajado aquelle a quem tanto deveria ser grata !....

— Já que assim o exiges eu te perdoo !... Reconcilia-te com Deos e prepara-te para morrer...

Amelia ajoelha-se e depois de orar pelo espaço de alguns minutos, Ernesto apanha o ferro homicida que ainda á pouco arrojara para o lado, volta para junto della, suspende-a por um braço, levanta a dextra mas vacila tremendo, seu braço lhe descai inanimado... como que reanimado porém por um vago sentimento ergue-a de novo e descarrega o fatal golpe no peito da infeliz, dizendo ao mesmo tempo: « Deos, unico arbitro supremo, julgar-me-ha na eternidade !.... » Ao ver rojar a seus pés o cadaver de Amelia uma lagrima se desliza por suas faces e ajoelhando-se ora por algum tempo depondo enfim um osculo na gelada fronte de sua victima... Levanta-se em seguida e tirando do seio uma pistola aponta-a ao ouvido clamando: « Minha missão jaz cumprida !.... » dispara o tiro e cahê por terra espirando banhado em seu proprio sangue.

A detonação do tiro disparado por Ernesto fez-se ouvir na casa proxima ; um criado corre a ver o que é, e divisando morta sua ama entre dous cadaves volta horrorisado a dar parte a seu amo, o qual ao ouvir de seus labios a fatal noticia exalta pouco depois o seu ultimo suspiro !

.

Um dia é passado depois destes acontecimentos.... mais o cadaver de uma mulher apparece junto á lousa de Ernesto!... Esse cadaver é o de D. Emilia que também fôra espirar sobre a campa de seu filho !....

Rio de Janeiro, 1857.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

FIM.

Christina.

(ROMANCE ORIGINAL.)

(Conclusão.)

AS TRES VICTIMAS.

Unidas as tres victimas derramavão lagrimas de alegria, e até se esquecerão do lugar em que estavam.

— Minha filha !... exclamou Juliano beijando a fronte de Christina ; será possivel que ao fim de nove annos ainda eu te chegasse a ver ? !.... O' meu Deos ! tinha-vos pedido mil vezes a morte... mas hoje peço-vos a vida !...

— Queres vida ?... perguntou Nicoláo ; isso já eu sabia. Até aqui pedias-me que te acabasse com a existencia, o que eu nunca fiz, porque pretendo gosar do praser de uma viugança longa e premeditada, e é agora que eu vou começar ; e chegando-se ao lugar onde estava Christina puxou-a com tanta força que por pouco lhe deslocou os braços, depois arrastando-a em distancia de oito passos gritou-lhe : Conheces aquelle homem ?...

— E' meu pai !... balbuciou a infeliz moça, toda tremula, lançando-se aos pés de Nicoláo.

— E aquelle ontro ?...

— E' meu irmão !...

— Sabes o que faz aqui estares presa ?

— Não, senhor !

— Irás saber já... Olha, vê ali um caixão ?

— Sim.... respondeu Christina.

— Dentro existe meu pai, que foi assassinado ; e quem o matou ?.... foi esse homem que dizes ser teu pai ! ...

— Perdão !.... bradou a desditosa.

— Perdão !.... Quero sangue ; e bastante sangue !....

E como a moça fizesse alguns esforços para desprender-se das mãos desse barbaro, que a segurava agarrando-lhe nos cabellos, o monstro suspende-a, e dando-lhe um grande murro entre as espadas, atirou com ella sobre o ataúde, onde a victima foi cahir debruçada, lançando golfadas de sangue sobre o cadaver myrrhado de Nicoláo Borges !

— Malvado !.... bradou Juliano, revolvendo-se nos duros e pesados grilhões, como se os quizesse partir. Satisfaz tua vingança no meu sangue, se acaso não chegão nove annos de torturas, com que me tens feito morrer mil vezes ! Deixa esses pobres innocentes, que elles não tem culpa do que os pais fazem !... Que mal te fez este man-

cebo, aqui preso á nove annos, o meu desgraçado Jorge, que não é mais do que um idiota, porque já tuas crueldades lhe roubarão o uso da razão ?!... Meu Deos, se o sangue innocente pede justiça, ei-lo ali já derramado !

Nicoláo ordenou que Jorge fosse levado aonde existia sua irmã, e que ali debruçado como ella estava, ficasse, e que lhe dessem punhaladas, para que o sangue das duas victimas banhassem ao mesmo tempo o cadaver myrrhado de Borges.

Juliano vendo que seus filhos ião ser sacrificados tão barbaramente, ainda quiz ver se commovia o monstro ; levantou as mãos em supplica e exclamou :

— Nicoláo ! pela vida de tua mãe ! pelo descanço da alma de teu pai ! não mates meus filhos !....

— Não mate os teus filhos !.... repetio o perverso com um sorriso infernal. — Irão morrer a teus olhos, e depois mandar-te-hei cegar e atormentar até que um dia vás deste mundo para o inferno.

— Para o inferno irás tu, maldito !....

— Tapem a boca daquelle cão !.... Ponhão-lhe uma mordaga !.... gritou Nicoláo, e voltando-se para Diogo disse, vamos á execução.

Já os algozes estavam prestes a descarregar os golpes, quando João lembrou que faltava ali uma pessoa.

— E' verdade que nos falta aqui a senhora Lucrecia, que foi ver se desencantava o tal desconhecido....

— Aqui estou, malvado !.... bradou um cavalheiro invadindo a prisão e assenhoreando-se de Nicoláo, em quanto seus companheiros, que entrarão ao mesmo tempo, tratavão de prender os outros criminosos.

Era o cavalheiro desconhecido que tinha salvado Christina do incendio, e que sabendo do roubo da sua protegida, logo no dia seguinte tratára de a salvar.

Tendo conhecimento com João, um dos comparsas de Nicoláo ; e não sendo este tão perverso como Diogo, não hesitou muito para dar entrada na casa subterranea.

O cavalheiro mandou levar para sua casa Juliano, Jorge e Christina : e mandou Diogo, e Leocadio, presos para bordo de um navio, que partia no dia seguinte para a costa d'Africa ; recommendando muito ao seu commandante, que os conservasse por lá, até que fossem dignos de serem perdoados !

Nicoláo, como era o mais perigoso, mandou-o tambem para a Africa ; porém foi debaixo de muita vigilancia entregue ao governador de uma fortaleza, e com ordem de o não soltar senão depois que estivesse manso ; e assim mesmo não deixal-o sahir daquelle territorio.

Depois de ter dado um destino conveniente a esses individuos, o desconhecido cuidou só da sua pupila.

Christina ao fim de alguns dias tinha-se restabelecido de seus males. Nessa casa em que se achava encontrou a sua querida Henriqueta. Recebia os carinhos de seu pai. Seu irmão recolava pouco a pouco o uso da razão, pellos disvellos do doutor ; esse era o estudante que habitava na casa do usurario, e havia pouco tempo que se tinha formado.

Passados os primeiros momentos de alegria que Juliano teve, em abraçar seus filhos ; e julgar-se livre das garras de um tigre, sedento de sangue, vierão horas de tristeza. Elle desejava ver o seu libertador para agradecer-lhe. Sua ausencia atemorizava-o ; e já principiava a recear que o não tivessem assassinado ; quando o cavalheiro desconhecido entrou na sala.

Os seus protegidos rojarão-se logo a seus pés em demonstração de reconhecimento.

— Vós conheceis-me ? perguntou o cavalheiro.

— Sim... responderão os tres em choro : sois o nosso libertador, a quem devemos a nossa vida.

— Não é isso o que vos pergunto. Sabois o meu nome ?

— Não, senhor.

— Chamo-me Antonio Christiano.

— Meu padrinho !.... Meu amigo !.... Meu bemfeitor ! exclamarão Christina, Juliano e Jorge abraçando o nobre cavalheiro.

Christiano tinha chegado de uma viagem que fizera a varios paizes estrangeiros, onde se demorou quatro annos.

Elle vinha visitar sua afilhada, quando soube que as chammas devoravão a casa onde ella morava, e sabendo que havia gente dentro correu intrepido ; porém vendo que não podia salvar a mãe de Christina, que já encontrara morta, livrou ao menos a filha ; e desta vez foi o libertador de toda a familia.

F. A. F. AMORIM.

FIM.

POESIAS.

O que eu não tenho.

Todos tem cá nesta vida
Mil instantes de ventura,
Todos tem quem lhes adoce
Os momentos de amargura.

Todos tem quem lhes off'reça
De seu jardim uma fiôr,
Quem lhes dedique do peito
Triste suspiro de amor.

Todos, emfim, tem no mundo
Uma esp'rança a lhes sorrir ;
Só eu não tenho uma esp'rança
E vivo a sós a carpir.

Só eu não tenho quem gema,
Quem por mim chore de amor,
Quem me console nas maguas,
Ou quem me embale na dor !

Porém disto a ninguém culpo,
Eu só me queixo de mim ;
Pois não creio nos poetas...
Na poesia isso sim.

D. E. AUGUSTA DE AZEVEDO E MELLO.

Minha patria.

I

Eu desejo, ó patria querida,
Ao teu seio voltar livremente ;
Consagrar-te desejo esta vida
Que se aparta de mim descontente,
É a saudade que vaga perdida
O ten nome lembrando innocente,
Eu desejo o sepulchro lhe dar,
Aonde me anda tão meiga a chamar.

II

Que me importa depois o seguir
O destino fatal de Camões ;
Em albergue tristonho dormir
Apertando meus duros grilhões,
Que me importa o viver a carpir
Entre mesmo crueis corações,
Se vivendo, ó patria, em teu seio,
Posso a vida deixar sem receio ! !

III

Ando errante próscripto sosinho.
E as saudades me causão tormento ;
Soffro muito distante do *Minho*
Dessa terra do meu nascimento ;

D'ella tão longe eu triste definho
Entre a dor deste meu soffrimento,
E só posso feliz me julgar,
Se de novo poder lá voltar.

III

Mas, ó patria, que importa meu mal,
Ai que importa por ti eu soffrer ;
Não és tu minha terra natal
Que podeste esse Caio vencer ? !
Não t'ó nega ninguém, Portugal,
Nem preciso elogios tecer,
Tua gloria passada, e presente
E' inutil lembrar minha mente.

IV

Deos permitta que a ti eu voltando
O meu peito de novo se alente ;
Quando for pelos sitios passando
Onde os brincos passei innocente,
Entre meus irmãosinhos folgando
E gosando delicias na mente ;
Minha patria contigo viver,
Eu desejo, e em teu seio morrer.

Junho de 1856.

M. LEITE MACHADO

Minha amada.

Os teu olhos, minha amada,
São azues, são de encantar ;
O fogo que nelles arde
Fez o meu peito abraçar.

De teus labios um sorriso
Amavel é.... mas quem hade
Dizer-me se zombaria
Elle me falla ou bondade ? !

Ninguém m'ó diz.... teu retrato
Incompleto ficará ;
Pois que nesta indecisão
Todo o ser, toda a alma está.

Está sim.... e eu aqui louco
Teu retrato exarar quiz ;
Quanto porém, nelle falta
Já minha penna o não diz.

M. J. F. L. BASTOS CORTE REAL.

O Pirata.**RIMANCE.**

NO ALBUM DE UM AMIGO.

(Conclusão.)

VII

Apressado se voltando
Radiante d'alegria,
Ouvindo fallar' amante
Que estas palavras dizia :

— « Vinde oh mouro de minh'alma,
« D'Oriente grão sultão !
« Vinde á Lysia desmourar-te,
« De premio tens minha mão.

Ligeiro correu p'r'os jovens,
A seus pés se ajoelhou ;
Alegre curvando a fronte
Estas palavras soltou :

— « Oh ! por ti deixarei tudo,
« Meu imperio, minha fé !
« Por ti deixarei a patria,
« Negarei a Mahomet....

« Sim, por ti, gentil donzella,
« Por ti deixarei meus pais,
« Por ti eu deixo os harens,
« Nunca lá voltarei mais !....

« Só por ti serei de Christo,
« Só por ti christão serei,
« Só por ti darei a vida,
« Só por ti eu morrerei !

— « A ti oh nobre mancebo,
« A ti generoso irmão,
« A ti amisade eterna,
« A ti alta gratidão ! »

Sobre o mar uma galé
Córta as ondas com a prôa,
A' Lysia vai apressada....
Deos a leve em hora boa.

VIII

As candidas vellas
Nos mastros içadas,
Empurrão o casco
De vento peçadas.

Aos ventos as auras
Mil canticos soltão ;
São lutos alegres
Que aos lares seus voltão.

Jazia na prôa
Um mouro assentado,
C' um anjo tão lindo,
Tão lindo a seu lado.

No seu bandolim
O mouro tocava ;
E com voz meiga
Elle assim cantava :

IX

« Patria d'amores,
« Patria querida,
« Nunca do peito
« Meu, esquecida.

« Oh ! Lysia ! oh ! Lysia !
« Escripto tinha
« Deos, que tu fosses
« A patria minha !....

« Ati eu volto
« Meigo e fluente,
« P'ra amor gosar
« Terno e ridente.

X

Já o mouro
Se calou,
De tocar
Já deixou.

N'horizonte
Se sumio
A galé
Que partio.

XI

Dous jovens
N'ella ião,
D'amores
Morrião.
Um mouro
Pagão,
Foi ser
Christão,
Com linda
Donzella
Tão meiga,
Tão bella,
Foi elle
Contente,
Alegre
Ridente,
Ligeiro
Se unir
Venturas
Fruir.
A' Lysia
Chegarão
Unidos
Ficarão.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

FIM.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA.

Rua da Valla n. 141.

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. III

Domingo 8 de Fevereiro de 1837

N. 24

LITTERATURA.

A Filha d'Oconnor OU A FLOR DO SANGUE.

POR T. CAMPBELL.

(Conclusão.)

XI

A magnanima alma do meu heroe aquecia ainda suas feridas mortaes, e já o tinham sepultado em um obscuro tumulo, sem uma distincção sequer, sem uma oração! Impellida para essa morada que se tornara para mim insupportavel, não posso dizer quanto tempo os barbaros me retiverão em uma humida e estreita prisão. Meu espirito, rodeado de densas trevas, não distinguia o dia da noute. A' excepção dos rapidos instantes em que a neecessidade me forçava a ver o rosto odioso de meus irmãos, eu nada via, nada procurava ver! Quantas lagrimas derramadas, quantos suspiros exhalados do intimo do peito!

XII

Uma visão deslumbrante dissipou por fim a noute de meu espirito. Despertando, senti em meus labios o fogo prophetico. Tres vezes pareceu-me ouvir o tambor para o lado do oriente, e a trombeta saxonica retinir ao longe. Pareceu-me ver meus criminosos irmãos tremerem ante mim como em presença de um juiz. Bem depressa elles se offerecerão a meus olhares, vagos e incertos com o pranto que derramara, armados dos pés até á cabeça. O chefe Ougba tinha levado o facho da guerra até ás nossas fronteiras, e o seu clarão expellia as sombras da noute. A bandeira de Oconnor, depositada na estreita torre em que me achava, semelhava-se-me então a um lençol mortuario, ella ia ser conduzida por aquelles a quem chamavão outr'ora meus irmãos. No mo-

mento em que eu pronunciei algumas palavras de ameaça, que levarão o terror e o espanto ao seio desses altivos guerreiros, a lua espalhava sobre nós fracos e pallidos reflexos. Seria um augurio? l....

XIII

Ide, exclamei eu; ide a *Athunrée*, corações de pedra que as agonias de uma irmã jámais poderão tocar! Ide, que não voltareis! Sim, o criminoso apertará impunemente o gladio da prova (*) antes que vejais triumphar vosso estandarte desenrolado sob a maldição fraterna! Eu o juro pela perda da minha Patria — por esta cruz santa! E' impossivel que eu podesse pronunciar estas palavras a não ser animada por um fogo sobrenatural! A intensidade da minha dôr me impellia a pedir a vingança celeste.

XIV

Elles ficarão mudos, mas procuravão esquecer este anathema com repetidas orações. Porém meu pé imprimio-se com raiva sobre a terra, e suas mãos, prestes a dar o signal de independencia, penderão sem força. Ide a *Athunrée*; lhes disse ainda, elevai bem alto vossa orgulhosa bandeira, mas por toda a parte o peso da morte a fará abater. Ide onde o sangue de vossos soldados subirá mais alto que o feto da montanha. Os homens ignorarão a existencia de vossa casa, e as ortigas augmentarão sobre os lares destes castellos. A gloria de Oconnor, manchada então, semelhante ha a agua enlodada que rodêa vossas muralhas. Correi, ide a *Athunrée*; lá, antes que os ultimos raios do sol desapareçam atraz de nossas montanhas, a aza do corvo será vossa coberta mortuaria, e nem um vassallo desprendendo-vos a viseira poderá descobrir vossos traços agonisantes.

(*) Allude ao antigo costume de fazer-se apertar pela mão do condemnado um gladio em brasa, crendo-se que se estivesse innocente o largaria sem se queimar.

XV

Um espantoso trovão retinio ao longe quando acabei de pronunciar este anathema tão terrivel. Nossas torres estremecerão, e o céu esclareceu-se com o repetido encôntro do relampago. Que horriveis olhares meus irmãos me lançarão retirando-se irritados ! Vi então descer das montanhas, adornados de plumas, os partidarios da tribo de Oconnor. Trinta dellas ião assim ao encontro da morte ! De repente uma forte rajada de vento lhes arrebatou seus pennachos fluctuantes, um relampago medonho passou por cima de suas cabeças, e tudo ficou silencioso. (*)

XVI

Fugindo desta casa, para mim de dolorosas recordações, encaminhei-me para o tumulto do meu Moran. Deparei com o seu capacete e o arco suspensos á parede da nossa cabana, e prometti habitar o deserto sob o juramento destes penhores sagrados. Eu não trocaria os restos mortaes do meu amigo pelo mais nobre dos corações que o sopro da vida anima ainda. Filha de um heroe, eu só procurarei sustentar esta existencia atribulada. Esta cabana será a minha derradeira morada, aqui viverei olvidada e ovidando a todos. Resta-me, por amor daquelle que deixou d'existir, a *flôr do sangue amado*.

Traduzido do Francez.

XAVIER PINTO.

FIM.

O Dominó Encarnado

POR

XAVIER DE MONTEPIN.

Traduzido

POR

D. A. MACIEL DO AMARAL.

VI

OS TRES DOMINO'S.

(Conclusão.)

Os collos soberbos das nobres filhas do Adriatico fazião estalar os justilhos de setim. As perolas

(*) A batalha d'Athunrée decidio da sorte da Irlanda, em 1315 ; di rou desde madrugada até ao pôr do sol. Os Irlandezes perderão 10,000 homens entre os quaes 29 chefes do condado de Connanght, e dos Oconnores apenas escapou um.

realçavão com seu brilho nacarado os cabellos de azeviche e espadoas morenas, que Piciano tanto gostava de pintar. Helena e Jorge de Chivri erão os unicos que não estavam mascarados. Helena estava vestida de branco com laços encarnados em seus magnificos cabellos. Jorge trajava á moda da côrte de França. Estava para soar meia noute : uma gondola uegra conduzida por quatro remeiros atracou em frente do palacio. Dous homens d'ahi saltarão vestidos de dominós pretos, sustendo pelo braço um terceiro personagem envolto nas amplas voltas de um immenso dominó encarnado. Estavão todos tres mascarados.

Chegados á porta do primeiro salão, onde um porteiro fazia desmascarar todas as pessoas que chegavão, a fim de impedir a introdução d'alguem intruso, um dos dominós pretos escorregou na mão do porteiro uma bolça recheada de ouro, e em virtude desta maxima : *Quem paga bem não é suspeito*, soube subtrahir-se, tanto elle, como seus companheiros, á formalidade de rigor.

A entrada dos tres mascarados causou sensação. Agrupavão-se em torno delles, e dirigirão-lhe mil perguntas e mil *lazzi* ordinarios. Um só dentre elles respondeu com uma voz visivelmente contrafeita, repellindo todos os ataques por sarcasmos, as mais das vezes, pesados. Percorrerão depois os salões, passarão diante de Helena, a quem fizerão uma saudação profunda, e procurarão Jorge de Chivri, eutorno do qual se accumulava a multidão dos convidados.

Aquelle dos dominós que habitualmente tomava a palavra, lhe disse então : « quereis ter a bondade de permittir-nos um momento de audiencia ? Trata-se de fazer passar uma hora divertida aos nobres cavalheiros, reunidos neste nobre palacio.

— Estou ás vossas ordens, respondeu Jorge de Chivri, se bem que a fallar a verdade, a alegria me não pareça morar em vossos lugubres disfarces.

O francez e os tres mascarados sahirão dos salões, e entrarão em um pequeno camarim, cuja porta se cerrou apoz elles.

. . .
. . .
. . .

Passados cinco minutos abrio-se a porta do camarim e o trio surgio de novo.

Os dous dominós pretos assentarão o vulto encarnado em uma poltrona brasonada, que carre-

girão depois para o meio de um dos salões ; depois confundirão-se por entre os convidados. Logo se fez um circulo em volta do dominó encarnado, todos previão alguma improvisação chocarreira, algum entre-acto grotesco. Iludindo porém, a especção e curiosidade geral, a figura encarnada permanecia immovel e muda. Helena aproximou-se então do grupo que abriu caminho respeitosa, e chegou-se á poltrona :

— Bello dominó, disse ella, não serieis vós, por ventura, algum magico sabio vindo ao nosso palacio, para nos revelar hoje nosso destino futuro ?

O dominó não respondeu.

— Talvez, proseguio a joven, talvez, como a sibylla de Cumas, seja preciso fazer-vos violencia para vos arrancar os oraculos ?

O mesmo silencio.

— Aqui está minha mão, lêde-me o futuro ; assim o quero e ordeno !

E rindo-se a mais não poder, Helena só ergueu a manga encarnada e comprida que descia até os joelhos do mascarado, mas recuou de subito lançando um grito de terror. A mão que acabava de tocar estava inerte e gelada como a de um morto.

Arrancarão o capuz do dominó sinistro e vio-se o pallido rosto de Jorge assassinado. Mão destra havia desfechado o golpe. O punhal penetrara até o cabo sem que uma gotta de sangue houvesse sahido no exterior. Reconhecia com facilidade na ferida o vestigio triangular do punhal de Renzo Mamone.

Helena enlouqueceu de desespero, o que foi uma ventura para ella por lhe trazer o esquecimento. Ide ver seu retrato coroadado de cypreste na galeria do palacio *Santa Croce*.

Renzo queria morrer, e morreu com effeito, carregando sua consciencia já tão criminosa de mais um crime. Pepita procurou na religião um asylo contra as seducções dos bellos Venezianos, e cerrou sobre si as portas de um convento. D. Camilo não foi punido pela justiça humana, a justiça de Deos reservava-o para si.

FIM.

D. A. MACIEL DO AMARAL.

Aos assignantes da — Saudade —

Qual o viajero peregrino que, após de ter a custo arrostrado a morte ante os escolhos que se

lhe apresentarão durante o seu caminhar de não poucos dias por um arido deserto, alcançou chegar a um pouso, e nelle preferio terminar a jornada ao arriscar sua sorte continuando-a, sem a certeza de achar mais commodo transito do que o precedente ; assim a *Saudade* tendo atravez de não poucas difficuldades alcançado chegar ao fim de seu terceiro semestre, com elle termina a sua carreira, visto não ter certeza de na sua continuação achar-se livre dessas mesmas difficuldades com que até aqui teve de lutar.

Qual o nauta que, em busca de plagas ignotas, chegou a ver-se em mares sobranceiros quasi submergido pelo furor das procellas, o qual em vez de diminuir via augmentar á medida que se adiantava a sua derrota, desistio de sua gloriosa empreza, e se julga emfim satisfeito por ter alcançado levar seu batel ao porto que no auge do perigo seu mappa lhe mostrou mais proximo ; assim o *Gremio Litterario Portuguez* se julga satisfeito, por ter alcançado levar sua folha a *Saudade* ao fim do terceiro semestre, ficando assim não só quite para com o publico em geral, como livre do compromisso com que se achava para com os assignantes da mesma ; do que só lhe resta pedir-lhe desculpa por alguma falta de regularidade nella havido, cujos motivos em seguida exporemos :

O *Gremio Litterario Portuguez*, tendo já encontrado alguns escolhos no andamento do segundo semestre de seu *Jornal a Saudade*, tinha resolvido, ao terminal-o, pôr fim á sua publicação.

Tendo-o terminado porém o *Gremio*, alguns de seus socios se oppuzerão ao designio acima, propondo para a continuação da *Saudade* ; e compromettendo-se para esse fim a obter as assignaturas necessarias para o seu regular custeio.

O *Gremio* pois, por esta circumstancia confiado no compromisso que parte dos seus socios acabavão de fazer, tratou de dar principio ao terceiro semestre da folha ; tendo elegido uma commissão de cinco membros para a redacção da mesma.

Em breve, porém, principiárão de novo a apparecer as teimosas difficuldades ; pois alguns desses socios compromettidos para com o *Gremio* pela apresentação das assignaturas porque se haviam obrigado, tornarão-se remissos em satisfazer tal compromisso ; e a *Saudade* mal se ia regulando com a realisação dessas apresentadas por alguns dos socios mais promptos.

Dos cinco redactores que contava a *Saudade*,

tres, movidos por esta ou outra qualquer fútil circunstancia, tratarão de abandonar o seu posto : dos dous restantes, um, motivos assaz forçosos também ao mesmo o obrigarão ; e ficou pois o Sr. Antonio Xavier Rodrigues Pinto, unico encarregado de sua redacção, o qual, apesar de tudo, esperançado em que os proprios até ahi remissos satisfizessem mais tarde o seu compromisso, continuou a folha regularmente. Baldado esperar porém foi o seu, pois tendo alcançado levar a folha até o numero dezesete, cuja importancia a custo tinha podido realisar, e não vendo meio de poder levar adiante a sua continuação desanimou, tratando logo de obter a demissão do cargo que occupava como redactor ; deixando assim a folha entregue aos supplentes caso estes aceitassem, e do contrario ao abandono.

O *Gremio* achava-se compromettido para com os assignantes de sua folha, pelo fim do semestre: era-lhe preciso a todo o custo satisfazer esse compromisso ; mas como, tão falta de recursos como se achava ?

Dos supplentes existes á redacção, só nós, apesar de reconhecermos a nossa insufficiencia, e termos em vista o pouco tempo de que podiamos dispôr, nos achavamos promptos a receber nos braços essa filha abandonada ; mas desanimavão-nos os mesmos motivos que tinham levado o Sr. Rodrigues Pinto a pedir a sua demissão.

Deste desanimo, porém, tirou-nos um prestavel socio do *Gremio*, o Sr. Francisco Coelho Martins da Costa, que, por amor á instituição, e tendo em vista resguardal-a da nodoa que sem duvida a teria de manchar, apresentou aos seus collegas uma proposta para, por meio de um pouco oneroso dispendio de cada um, levar ao fim o semestre da *Saudade* ; encarregando-se elle, apesar de não sacrificar pouco os seus interesses, da cobrança e thesouraria das quantias obtidas, e nós de sua redacção.

A *Saudade* pois, desta fórma, acaba de chegar ao fim ; e o *Gremio* se acha livre deste peso que o sobrecarregava ; ficando ao mesmo tempo irresponsavel por qualquer folha que possa vir a apparecer com o mesmo titulo.

.

E' lei da natureza, dizem varios escriptores que tudo o que tem principio, ainda as cousas mais instaveis, tem mais tarde ou mais cedo seu fim. Quem tiver visto, porém, morrer de um para outro dia folhas litterarias, dispondo de grandes recursos, e debaixo de bons auspicios, não poderá dizer que foi curta a existencia da *Saudade*, que apenas contou por si os esforços e boa vontade de alguns jovens ainda inespertos para uma tarefa tão espinhosa.

A *Saudade*, durante o seu periodo de anno e meio, nunca se apartou (julgamos) de seu programma ; isto é, como folha litteraria, nunca fugiu de seus principios, tendo sempre em vista o acatamento não só para com as leis e decoro do paiz, como para com a religião que professamos.

Apezar do appello feito por esta folha, desde o seu principio, para aquellas capacidades litterarias já conhecidas, que quizessem com suas luzes honrar e abrilhantar as suas paginas, nenhum se dignou attendel-o. Se não tem por isso a *Saudade* offerecido aos leitores, nas suas columnas bellôs ramalhetes de bouinias, colhidas n'um verga aonde forão creadas aos esforços de jardineiro experiente ; tem lhes dado ao menos, florinhas apinhadas em um prado aonde jámais passou a mão de um cultivador, e, por essa razão, toscas mas singelas quaes as formou a mão da natureza.

A *Saudade* tendo em vista mesmo, ao principiar a sua carreira, os poucos recursos com que poderia contar, não tratou de fazer largos promettimentos ; por essa razão, se deu pouco, ao menos nada ficou a dever.

Ao terminar a *Saudade*, não poderemos deixar de, na sua ultima pagina, pagar um tributo de gratidão em nome do *Gremio*, a todos aquelles socios que concorrerão para que ella chegasse ao seu fim ; e em particular ao Sr. FRANCISCO COELHO MARTINS DA COSTA pelos impagaveis e desinteressados serviços que ao mesmo *Gremio* acaba de prestar nesta occasião em que delles tanto precisava.

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA.

Rua da Valla n. 141.

FIM.

DO TERCEIRO E ULTIMO SEMESTRE.



